

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social
no ABC paulista:
aspectos de sua tradição e transmissão religiosa - a instituição e os sujeitos**

Norbert Hans Christoph Foerster

São Bernardo do Campo, dezembro 2009

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social
no ABC paulista:
aspectos de sua tradição e transmissão religiosa - a instituição e os sujeitos**

Norbert Hans Christoph Foerster

Tese apresentada em cumprimento
parcial às exigências do Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Religião,
para obtenção do grau de Doutor.

Orientador:

Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera

São Bernardo do Campo, dezembro 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

F761c	Foerster, Nobert Hans Christoph A Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social no ABC paulista : aspectos de sua tradição e transmissão religiosa – a instituição e os sujeitos / Nobert Hans Christoph Foerster- - São Bernardo do Campo, 2009. 298fl. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo Bibliografia Orientação de: Dario Paulo Barrera Rivera 1. Congregação Cristã no Brasil – História 2. Região do Grande ABC (SP) 3. Redes de relações sociais I. Título CDD 289.90981612

A tese de doutorado sob o título “**A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL NUMA ÁREA DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO ABC PAULISTA: ASPECTOS DE SUA TRADIÇÃO E TRANSMISSÃO RELIGIOSA - A INSTITUIÇÃO E OS SUJEITOS**”, elaborada por **NORBERT HANS CHRISTOPH FOERSTER** foi defendida e aprovada em 18 de março de 2010, perante banca examinadora composta por **Dario Paulo Barrera Rivera** (Presidente/UMESP), **Magali Cunha do Nascimento** (Titular/UMESP), **Wania Belchior Mesquita** (Titular/UENF), **Lauri Emilio Wirth** (Titular/UMESP), **Edin Sued Abumanssur** (Titular/PUC-SP).

Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Jung Mo Sung
Coordenador/Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Programa: **Pós-Graduação em Ciências da Religião**

Área de Concentração: **Ciências Sociais e Religião**

Linha de Pesquisa: **Instituições e Movimentos Religiosos**

RESUMO

Esta tese estuda a tradição e transmissão religiosa da Congregação Cristã no Brasil, numa área de maior vulnerabilidade social, a partir da instituição e dos sujeitos. A reprodução religiosa, na modernidade contemporânea, é dificultada pela capacidade diminuída das instituições religiosas de regular as crenças dos seus fiéis, e esta capacidade é analisada no caso da Congregação Cristã no Brasil, num bairro de alta vulnerabilidade social, na fronteira entre São Bernardo do Campo e Diadema. São estudadas as dimensões sociais da Congregação Cristã no Brasil, a partir de um olhar estatístico do campo pentecostal brasileiro. É analisada a realidade social local e elaborada a situação periférica específica do bairro estudado. Uma etnografia do culto da Congregação Cristã fornece os dados para análise dos atores no culto, do processo ritual, e da função do culto para a articulação da identidade religiosa. Finalmente é elaborada, a partir de entrevistas em profundidade e detida observação de campo, uma etnografia dos sujeitos membros da Congregação Cristã, homens e mulheres, em situações diferenciadas de vulnerabilidade. Analisa-se quais redes sociais, internas na Congregação Cristã no Brasil e externas, estes membros criam e até onde as doutrinas e práticas da Congregação, transmitidas no rito, dispositivo de reprodução institucional por excelência, conseguem formar a subjetividade dos seus fiéis, entendida como complexo conjunto de percepção, afeto, pensamento, desejo e medo.

Palavras chave: Congregação Cristã no Brasil; memória religiosa; tradição religiosa; transmissão religiosa; identidade religiosa; subjetividade; vulnerabilidade; redes sociais; estrutura de oportunidades.

ABSTRACT

The present thesis is a study of the religious tradition and transmission of the Christian Congregation in Brazil in an area of deep social vulnerability. The study is carried out in the light of the institution and its members. Religious reproduction in the contemporary scene of modernity is difficult due to the diminishing capacity of religious institutions to regular the beliefs of its faithful. It is exactly this capacity of the Christian Congregation in Brazil that is analyzed in a situation of social vulnerability in the front region of São Bernardo do Campo and Diadema. The social dimensions of the Christian Congregation in Brazil are studied in the light of a statistical overview of Brazilian pentecostalism. The social reality of the location is carefully analyzed as well as the specific peripheric situation of the area under study. An ethnography of the worship of the Christian Congregation offers the data to analyze the cultic performers, the ritual process and the function of cultic worship that help to articulate religious identity. Finally, in the light of detailed interviews and field observation the thesis presents an ethnography of its members both men and women, in situations of differentiated vulnerability. The thesis studies both the internal and external social network the members create. The thesis takes a close look to see how doctrines and the practice of the Congregation as transmitted in ritual (ritual as a privileged source of institutional reproduction) succeed in forming the subjectivity of its faithful, understood as the complex set of perception, affect, thought, desire and fear.

Keywords: Christian Congregation in Brazil; religious memory; religious tradition; religious transmission; religious identity; subjectivity; vulnerability; social networks; structure of opportunity.

RESUMEN

Esta tesis estudia la tradición y transmisión religiosa de la Congregación Cristiana en Brasil en una área de mayor vulnerabilidad social, a partir de la institución y de los sujetos. La reproducción religiosa en la modernidad contemporánea es dificultada por la capacidad disminuida de las instituciones religiosas de regular las creencias de sus fieles, y esta capacidad es analizada, para el caso de la Congregación Cristiana en Brasil, en un barrio de alta vulnerabilidad social en la frontera entre São Bernardo do Campo y Diadema. Son estudiadas las dimensiones sociales de la congregación cristiana en Brasil, a partir de una mirada estadística en el campo pentecostal brasileño. Es analizada la realidad local y elaborada la situación periférica específica del barrio estudiado. Una etnografía del culto de la congregación cristiana entrega los datos para un análisis de los actores en el culto, del proceso ritual y de la función del culto para la articulación de la identidad religiosa. Finalmente es elaborada, a partir de entrevistas en profundidad y detenida observación de campo, una etnografía de los sujetos miembros de la congregación cristiana, hombres y mujeres, en situaciones de vulnerabilidad diferenciada. Se analizan qué redes sociales, internas en la congregación cristiana en Brasil y externas, estos miembros crean y hasta dónde las doctrinas y prácticas de la congregación, transmitidas en el rito, dispositivo de reproducción institucional por excelencia, consigan formar la subjetividad de sus fieles, entendida como un complejo conjunto de percepción, afecto, pensamiento, deseo y miedo.

Palabras clave: Congregación Cristiana en Brasil; memoria religiosa; tradición religiosa; transmisión religiosa; identidad religiosa; subjetividad; vulnerabilidad; redes sociales; estructura de oportunidades.

Agradecimentos

Quero agradecer a todas as pessoas que me apoiaram no decorrer desta pesquisa, muitas das quais não vou citar expressamente.

À Casa de Oração da Congregação Cristã no Brasil do Pq. Jandaia, que me acolheu e permitiu minha pesquisa.

Às pessoas membros desta irmandade e aos outros, inclusive anciãos, que se dispuseram a conversar ou fazer a entrevista, e dos quais algumas se tornaram pessoas amigas.

Às e aos estudantes das Ciências da Religião, especialmente àqueles e àquelas com que formamos um grupo livre de estudos – coisa rara mas tão instigadora.

Às e aos professores da pós-graduação em Ciências da Religião, que muito contribuíram para minha formação; destes, também alguns se tornaram amigos. Mais ainda ao Prof. Leonildo Silveira Campos e à Prof. Sandra Duarte de Souza, da área das Ciências Sociais, com os quais tive mais convivência e que me apoiaram.

Ao meu orientador Prof. Dario Paulo Barrera Rivera, pela paciência que teve comigo, e por seu jeito de me orientar: deixando muito espaço para a liberdade acadêmica, mas mostrando firmeza e competência na hora que necessitava. Além da orientação, pelas partilhas de pesquisa, e pelo grupo de pesquisa REPAL.

Aos professores Décio Passos e Ronaldo Almeida, que nas bancas de qualificação deram importantes sugestões e contribuições.

A tantos outros professores e estudantes, com os quais tive somente momentos de encontros, mas que me deram intuições e luzes.

À Universidade Metodista que me acolheu e deu oportunidade de me formar.

Ao Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pelo apoio financeiro ecumênico na hora que precisava.

À CAPES cujo apoio financeiro possibilitou este estudo, reconhecendo a importância do estudo da religião para a sociedade brasileira, e dando-lhe condições de se tornar acadêmico.

À minha Congregação religiosa do Verbo Divino, especialmente ao irmão Nelson que não se cansou de corrigir o meu português, e aos paroquianos da Paróquia Nossa Senhora Aparecida. Eles tinham de conviver com ausências e uma disposição limitada durante os longos seis anos que este estudo, do início do mestrado ao final do doutorado, demorou.

A Deus, que nos dá os dons, entre os quais também, espero, dons acadêmicos, para conseguir fazer uma leitura inteligente e apaixonada da realidade, e colocá-los a serviço do Reino de Deus no esforço de lutar por um mundo.

SUMÁRIO

Créditos dos gráficos, tabelas, mapas e fotos	12
Lista das tabelas.....	15
Lista dos mapas.....	15
Lista dos gráficos	16
Lista dos quadros	17
Lista das fotos.....	18
Lista das abreviaturas e siglas.....	19
Introdução.....	20
<i>Problematização e delimitação do tema</i>	<i>25</i>
<i>Hipóteses e questões que guiam o estudo.....</i>	<i>28</i>
<i>Objetivos gerais e específicos.....</i>	<i>32</i>
<i>Metodologia e percurso da pesquisa.....</i>	<i>33</i>
<i>Apresentação dos capítulos</i>	<i>36</i>
1 Capítulo I: Reprodução religiosa na modernidade contemporânea: aspectos conceituais.....	38
1.1 <i>A religião como instituição: Aspectos da sua reprodução</i>	<i>39</i>
1.1.1 A tradição diante do desafio da modernidade.....	43
1.1.1.1 A periferia da modernidade urbana do Brasil	43
1.1.1.2 Os efeitos da modernidade na tradição religiosa.....	47
1.1.2 O rito como dispositivo de reprodução institucional por excelência.....	55
1.2 <i>A religião como associativismo voluntário: aspectos da escolha dos sujeitos</i>	<i>57</i>
1.2.1 As comunidades religiosas da periferia versus o reinado do individualismo	61
1.3 <i>Conceitos de uma antropologia e sociologia relacionais.....</i>	<i>64</i>
1.3.1 Vulnerabilidade social.....	66
1.3.2 Redes sociais.....	69

1.3.3	Capital social	71
1.3.4	Associativismo religioso	75
2	Capítulo II: Dimensões Sociais da Congregação Cristã.	
	Um olhar estatístico do campo pentecostal brasileiro.....	78
2.1	<i>Análise dos dados do Censo 2000: Brasil e Estado de São Paulo.....</i>	79
2.2	<i>A Congregação Cristã no Brasil em São Bernardo do Campo:</i> <i>Indicadores sociais</i>	82
2.2.1	A distribuição de cor	83
2.2.2	Os anos de estudo.....	84
2.2.3	Os rendimentos pelo trabalho	85
2.2.4	A questão da migração	86
2.2.5	Breve Conclusão	89
2.3	<i>A localização das casas de oração da Congregação Cristã em São</i> <i>Bernardo do Campo (bairros urbanos), conforme a classificação das</i> <i>áreas de vulnerabilidade social do SEADE.....</i>	89
2.3.1	Breve Comentário	91
2.4	<i>Padrões de migração entre os pentecostalismos mais antigos no Brasil.....</i>	92
2.4.1	A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no fim dos anos 70: semelhanças e diferenças.....	93
2.4.2	A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no fim dos anos 70: padrões de migração.....	96
2.4.3	A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no fim dos anos 90: padrões de migração.....	98
2.4.4	Os não migrantes: Quem sempre morou no município.....	98
2.4.5	Quem dos migrantes nasceu no município e no Estado de SP	99
2.4.6	A origem dos que não nasceram em SP	100
2.4.7	A última residência	101
2.4.8	Moradia dos migrantes já nascidos em 1995.....	102
2.4.9	Comparação dos dados dos fins dos anos 70 e 90	102
2.4.10	Discussão da presença da Assembleia de Deus e Congregação Cristã nos municípios, estratificados por tamanho	103
2.4.10.1	Migrantes e seus laços sociais.....	108

2.4.10.2	A eficácia da tradição na vida social dos membros da Congregação Cristã.....	109
2.4.11	Conclusão	110
3	Capítulo III: A Congregação Cristã em São Bernardo do Campo e na Vila Moraes:	112
3.1	<i>Dados do município de São Bernardo do Campo.....</i>	<i>113</i>
3.2	<i>Ambiguidades na literatura a respeito da atribuição municipal da região</i>	<i>116</i>
3.2.1	Comentário a respeito da ambiguidade dos mapas	118
3.3	<i>O mapa de vulnerabilidade social nos arredores da Casa de Oração</i>	<i>119</i>
3.4	<i>A situação social da população local e dos membros da Congregação moradores da região, conforme dados do Censo 2000</i>	<i>123</i>
3.4.1	A situação social dos membros da Congregação Cristã no Brasil nos municípios de Diadema e São Bernardo do Campo	123
3.4.2	Indicadores da vulnerabilidade social das Áreas de Ponderação vizinhas da Casa de Oração no município de São Bernardo do Campo	124
3.4.2.1	A cor dos membros da Congregação Cristã.....	125
3.4.2.2	Anos de estudo	126
3.4.2.3	Total de rendimentos em salários mínimos	127
3.4.2.4	Pouca desigualdade na renda: cor (membros da CCB nas APs).....	128
3.4.2.5	Pouca desigualdade na renda: cor (população nas APs).....	129
3.4.2.6	Muita desigualdade na renda: gênero	130
3.4.2.7	A questão da migração.....	131
3.4.2.7.1	A origem dos migrantes	132
3.5	<i>Mulheres responsáveis pelo domicílio da CCB: indicadores sociais</i>	<i>135</i>
3.5.1	O estado civil das mulheres responsáveis pelo domicílio	135
3.5.2	Anos de estudo e rendimentos das mulheres responsáveis pelo domicílio.....	137
3.6	<i>A realidade social do local: observação do dia a dia do bairro e conversas informais no barracão da Sociedade de amigos da Vila Moraes</i>	<i>141</i>
3.7	<i>A situação periférica específica da Vila Moraes</i>	<i>150</i>
3.8	<i>A realidade social da Vila Moraes na ótica de moradores participantes da Congregação Cristã.....</i>	<i>152</i>

3.9	<i>Observações a respeito da população local no culto na casa de oração....</i>	157
3.10	<i>Discussão dos dados e conclusão.....</i>	158
4	Capítulo IV: O culto da Congregação Cristã: etnografia e análise.....	161
4.1	<i>O espaço do culto e seus usos</i>	162
4.2	<i>O tempo do culto</i>	167
4.3	<i>Análise do culto</i>	176
4.3.1	Os atores no culto.....	176
4.3.2	O processo ritual	182
4.3.3	O culto e a articulação da identidade religiosa	200
4.3.3.1	As duas correntes da memória na Congregação Cristã	200
4.3.3.2	O culto e os quatro lados da identidade religiosa na Congregação Cristã.....	204
4.4	<i>Conclusão.....</i>	205
5	Capítulo V: Os sujeitos membros da Congregação Cristã, homens e mulheres, em situações diferenciadas de vulnerabilidade	207
5.1	<i>Moradores de áreas de vulnerabilidade baixa e muito baixa.....</i>	211
5.2	<i>Moradores de áreas de vulnerabilidade média.....</i>	233
5.3	<i>Moradores de áreas de vulnerabilidade muito alta</i>	240
5.4	<i>Discussão dos dados e Conclusão.....</i>	258
	Conclusão	269
	Referências bibliográficas.....	279
	<i>Documentos e Escritos da CCB.....</i>	279
	<i>Publicações, papers, monografias, dissertações e teses a respeito da CCB.....</i>	279
	<i>Bibliografia geral.....</i>	280
	Anexos	291
	<i>Roteiro da observação do culto da Congregação Cristã.....</i>	291
	<i>Roteiro da observação da Reunião de Jovens e Menores da Congregação Cristã...</i>	291
	<i>Roteiro da Entrevista.....</i>	292
	<i>Os códigos para a observação do culto</i>	296

<i>Estatísticas das observações de culto</i>	297
Temas dos testemunhos, por gênero	297
Temas das pregações	297
Tempo dos testemunhos, por gênero	298
Tempo das orações, por gênero	298
Frequência de chamar hinos, por gênero	298
Cor das testemunhas	298
Idade das testemunhas.....	298
Média de participantes do culto: total e por gênero.....	298
Porcentagem dos músicos no total dos homens	298
<i>Observação de culto (em CD)</i>	300
<i>Entrevistas (em CD)</i>	405
Entrevista com Ricardo	405
Entrevista com Jaqueline.....	428
Entrevista com Dorivaldo	445
Entrevista com Nádia, Beto, Deda e Toni.....	471
Entrevista com Odair	520
Entrevista com Eduarda	551
Entrevista com Lúcio	568
Entrevista com Laércio	583
Entrevista com Neide.....	620
Entrevista com Noemi.....	635
Entrevista com Francisca	648

Créditos dos gráficos, tabelas, mapas e fotos

Todos os GRÁFICOS dos dados do Censo 2000 são da minha autoria e foram elaborados com o programa da StatSoft, Inc. (2007). STATISTICA (data analysis software system), version 8.0. www.statsoft.com a partir dos Microdados do Censo 2000, publicados pelo IBGE.

Todas as TABELAS dos dados do Censo 2000 são da minha autoria e foram calculados com os programas da StatSoft, Inc. (2007). STATISTICA (data analysis software system), version 8.0. www.statsoft.com e o Microsoft Excel a partir dos Microdados do Censo 2000, publicados pelo IBGE.

MAPAS

Mapa 2.1: Copiado de PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. *Compêndio Estatístico 2005*. São Bernardo do Campo: 2006 (= detalhe do mapa da página 6) e modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

Mapa 3.1: Elaborado com o programa *Estatcart*, da autoria do IBGE, a partir das Informações por Setor Censitário. Diadema. Modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

Mapa 3.2: Elaborado com o programa *Estatcart*, da autoria do IBGE, a partir das Informações por Setor Censitário. São Bernardo do Campo.

Mapa 3.3: Elaborado com o programa *Estatcart*, da autoria do IBGE, a partir das Informações por Setor Censitário. Diadema e São Bernardo do Campo. Modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

Mapa 3.4: Baixado da Internet pelo site http://fic.saobernardo.sp.gov.br/geo_ca/framesetup.asp e modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

Mapa 3.5: Copiado de MARQUES, Eduardo (coord.) *et al. Assentamentos precários no Brasil urbano*. São Paulo: CEM/CEBRAP, 2008, p.220 (=Mapa 75) e modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

Mapa 3.6: Baixado da Internet pelo site www.seade.gov.br/produtos/ipvs/mapas/municipio/sao_bernardo_do_campo.pdf e modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

Mapa 3.7: Elaborado com o programa *Estatcart*, da autoria do IBGE, a partir das Informações por Setor Censitário. São Bernardo do Campo.

Mapa 3.8: Elaborado com o programa *Estatcart*, da autoria do IBGE, a partir das Informações por Setor Censitário. Diadema e São Bernardo do Campo. Modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

Mapa 3.9: Baixado da Internet pelo site http://fic.saobernardo.sp.gov.br/geo_ca/framesetup.asp e modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

Mapa 3.10: Baixado da Internet pelo site http://fic.saobernardo.sp.gov.br/geo_ca/framesetup.asp e modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

FOTOS

Foto 3.1: Baixado da internet pelo programa *Google Maps* e modificado por mim com o programa Paint Shop Pro X2.

Fotos 3.2, 3.3, 3.7-3.15: minha autoria.

Fotos 3.4., 3.5 e 3.6: Cortesia e publicação autorizada pela Sociedade de Amigos da Vila Moraes.

Lista das tabelas

Tabela 1: Taxas de crescimento da CCB	22
Tabela 2.1: A CCB nos municípios mais evangélicos de SP	82
Tabela 2.2: Os níveis do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social	91
Tabela 2.3: Volume e taxa média anual de imigração	106
Tabela 3.1: Índice de estudo por gênero e grupo religioso	137
Tabela 3.2: Índices: Total de rendimentos por gênero e grupo religioso.....	139

Lista dos mapas

Mapa 2.1: A localização das Casas de Oração no município de SBC.....	90
Mapa 3.1: Mapa dos setores censitários Diadema (IBGE)	117
Mapa 3.2: Mapa dos setores censitários SBC (IBGE).....	117
Mapa 3.3: Mapa dos setores censitários SBC (IBGE) corrigido.....	118
Mapa 3.4: Mapa município SBC – detalhe. A linha preta marca o limite do município.....	119
Mapa 3.5: Mapa do CEM/CEBRAP	120
Mapa 3.6: Mapa do IPVS Diadema e SBC (SEADE)	122
Mapa 3.7: Áreas de Ponderação estudadas	124
Mapa 3.8: Áreas de Ponderação estudadas (seta vermelha).....	124
Mapa 3.9: Detalhe do mapa do município de SBC, com casa de oração do Jandaia e Vila Moraes.....	142
Mapa 3.10: Mapa da Vila Moraes, com seus espaços de sociabilidade	149

Lista dos gráficos

Gráfico 1.1: As quatro dimensões da identificação religiosa.....	54
Gráfico 1.2: Os seis eixos de identificação religiosa	55
Gráfico 2.1: A CCB e a população geral nos Estados do Brasil.	79
Gráfico 2.2: A CCB e a população geral nos municípios até 100 mil habitantes (porcentagem)	80
Gráfico 2.3: Grupos religiosos e população geral nos municípios de até 100 mil habitantes (porcentagem).....	81
Gráfico 2.4: Presença da CCB e da AD nos municípios agrupados por tamanho	81
Gráfico 2.5: Distribuição de cor nos grupos religiosos pesquisados	83
Gráfico 2.6: Anos de Estudo em SBC	84
Gráfico 2.7: Total de rendimentos do trabalho em SBC (em R\$)	85
Gráfico 2.8: A questão da migração – Lugar de nascimento ou última residência em outro Estado.....	87
Gráfico 2.9: A questão da migração: Região de nascimento ou última residência em outro Estado – Nordestinos e Sulistas/Sudestinos.....	88
Gráfico 2.10: Distribuição de cor dos membros da CCB em várias escalas.....	92
Gráfico 2.11: Padrões de migração na 1ª e 2ª geração – AD e CCB.....	97
Gráfico 2.12: Tempo de moradia no município – AD e CCB.....	99
Gráfico 2.13: Quem nasceu no Estado de SP – AD e CCB	100
Gráfico 2.14: Região de nascimento – AD e CCB	101
Gráfico 2.15: Última residência – AD e CCB.....	101
Gráfico 2.16: Moradia dos migrantes em 1995 – AD e CCB	102
Gráfico 2.17: Origem dos migrantes diferenciado por sua origem, por tamanho de município	104
Gráfico 2.18: Origem dos migrantes (nascimento), por tamanho de município .	104
Gráfico 2.19: Migrantes da AD, CCB e população geral por origem nasc., por tamanho de município	105
Gráfico 3.1: Cor.....	125
Gráfico 3.2: Anos de Estudo	126
Gráfico 3.3: Total de rendimentos em salários mínimos	127
Gráfico 3.4: (Não-)Desigualdade na renda: cor	128

Gráfico 3.5: Total de todos os rendimentos por cor nas APs estudadas	129
Gráfico 3.6: Total de todos os rendimentos por gênero nas APs estudadas – membros CCB.....	130
Gráfico 3.7: Migrantes que nasceram fora do Estado: CCB em SP, em SBC e grupos pesquisados nas APs.....	131
Gráfico 3.8: Migrantes que tiveram sua última residência fora do Estado: CCB em SP, em SBC e grupos pesquisados nas APs	132
Gráfico 3.9: Migrantes por lugar de origem (nascimento): CCB em SP, em SBC e grupos pesquisados nas APs	133
Gráfico 3.10: Migrantes por lugar de origem (última residência): CCB em SP, em SBC e grupos pesquisados nas APs.....	134
Gráfico 3.11: Estado civil das mulheres – AP Alvarenga e arredores.....	135
Gráfico 3.12: Estado civil das mulheres responsáveis pelo domicílio – AP Alvarenga e arredores.....	136
Gráfico 3.13: Anos de Estudo de membros da CCB responsáveis pelo domicílio por gênero em áreas nobres de SBC.	140
Gráfico 3.14: Total de rendimentos de membros da CCB responsáveis pelo domicílio por gênero em áreas nobres de SBC.	141
Gráfico 4.1: A casa de oração do Parque Jandaia.....	165

Lista dos quadros

Quadro 1.1: Dois modelos opostos de sociabilidade	59
Quadro 1.2: Dois conjuntos diferenciados de narrativas de conversão	61
Quadro 1.3: Quatro modelos de validação do crer	63
Quadro 5.1: Moradores de áreas de vulnerabilidade baixa e muito baixa. Os personagens	211
Quadro 5.2: Moradores de áreas de média vulnerabilidade. Os personagens.....	233
Quadro 5.3: Moradores de áreas de vulnerabilidade muito alta. Os personagens	240

Lista das fotos

Foto 3.1: A igreja da Congregação Cristã (círculo vermelho menor) e a Vila Moraes (círculo vermelho maior).	141
Foto 3.2 Rua na Vila Moraes e barraco de madeira e madeirite. Não existe asfalto, o esgoto está ao céu aberto.....	142
Foto 3.3: Rua na Vila Moraes e barraco de madeira e madeirite. A maioria das casas é de madeira ou madeirite.....	142
Foto 3.4: Na falta de água encanada, os moradores captam água da chuva como água potável	143
Foto 3.5 Não há eletricidade instalada na rede elétrica; moradores fizeram “gatos”	143
Foto 3.6: Não há eletricidade instalada na rede elétrica; moradores fizeram “gatos”	143
Foto 3.7: Mãe com filhos no quintal da sua casa. Na maioria das casas, moram cinco ou mais pessoas	144
Foto 3.8: O condomínio do Parque Jandaia em frente da Vila Moraes: com ruas asfaltadas, eletricidade, água encanada e amplas áreas de lazer.	145
Foto 3.9 A Assembleia de Deus “Ponto Certo” ao lado da Estrada: frente	145
Foto 3.10: A Assembleia de Deus “Ponto Certo” ao lado da Estrada: fundo	145
Foto 3.11: Assembleia de Deus “Missão Internacional”.	146
Foto 3.12 Igreja Católica.....	146
Foto 3.13: Igreja Católica. Somente a pedra na sua frente com o nome “S. Juan Diego” indica que é uma igreja católica.....	146
Foto 3.14 População da Vila Moraes se mobiliza para participar da plenária sobre a Lei dos mananciais.....	148
Foto 3.15: Parcela da população volta para casa decepcionado com a falta do transporte prometido (à dir.).....	148
Foto 4.1: Frente da casa de oração “Parque Jandaia” da Congregação Cristã	161
Foto 4.2 Do lado esquerdo da casa de oração, uma ampla área arborizada, formando um parque	161
Foto 4.3: Do lado direito, estacionamento para até 40 carros.	161

Lista das abreviaturas e siglas

AD	Assembleia de Deus
APs	Áreas de Ponderação
AREAP	Área de Ponderação
CCB	Congregação Cristã no Brasil
CEBRAP	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
CEM	Centro de Estudos da Metrópole
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPDA	Igreja Pentecostal Deus é Amor
IPVS	Índice Paulista de Vulnerabilidade Social
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
NE	Nordeste
Pop	População
Popul.	População
REPAL	Religião e Periferia na América Latina
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SBC	São Bernardo do Campo
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SemRel	sem religião
SM	Salário Mínimo
SP	São Paulo, no sentido do Estado de São Paulo
SSE	Sul/Sudeste
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
UF	Unidade Federal

Introdução

Este estudo tem como objeto a Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social, especificamente aspectos de sua tradição e transmissão religiosa, que se pretende analisar a partir da instituição e dos sujeitos.

A tradição e transmissão religiosa da Congregação Cristã acontecem, de maneira quase exclusiva, oralmente, uma vez que seus textos são extremamente esparsos e poucos. Sua tradição não se petrifica em textos, com exceção do hinário cujos hinos são os mesmos desde a quarta edição em 1965, mas apenas se fixa no rito, motivo pelo qual a observação densa do culto ocupa um lugar central no presente estudo. A Congregação Cristã, que nasceu como “Igreja dos italianos” e se abriu à língua portuguesa e a membros brasileiros somente nos anos 30 do século passado, se opõe às dinâmicas da modernização, tanto no uso dos meios de comunicação social que está em voga entre quase todos os outros grupos pentecostais no Brasil, como na subordinação da mulher ao homem. Ela tem claros traços e elementos que costumam estar presentes numa sociedade tradicional - sua hierarquia é construída como gerontocracia, a legitimação da autoridade é mais tradicional que carismática, sua propagação acontece pelas redes de parentesco, vizinhança e amizade, e sua estrutura é segmentária, sem governo central e preservando certa independência entre as várias unidades -, mas seu contexto é de uma sociedade moderna, mesmo se os benefícios da modernidade muitas vezes não chegam às áreas de alta vulnerabilidade. O estudo pretende pesquisar, a partir de entrevistas em profundidade com membros da CCB, se nestas áreas, a corrente de memória da Congregação Cristã está enfraquecendo ou se transmutando, o que não impediria necessariamente que seus fiéis possuam uma identidade religiosa mais forte que quase todos os outros grupos pentecostais.

Ofereço, em seguida, informação básica do surgimento da Congregação Cristã no Brasil, a partir de textos publicados pela mesma e informações de Yuasa (2001). O início da Congregação Cristã no Brasil remonta a 1910, ano no qual chega ao Brasil o emigrante italiano, Louis Francescon. Nascido em 29 de março de 1866, em Cavasso Nuovo, região de Friuli, província de Údine, no norte da Itália, ele aprende na Itália a profissão de mosaicista e é católico nominal. Com 24 anos, ele deixa sua região, empobrecida e devastada por sucessiva ocupação de vários exércitos e pelas guerras constantes, e emigra para os Estados Unidos (Chicago), onde os italianos formam um dos grupos menos letrados de imigrantes.

Nos EUA, os últimos trinta anos do século XIX, até a Primeira Guerra Mundial, são anos de profundas mudanças e choques. Neste período, este país se transforma de uma nação isolada e rural numa potência mundial urbana, industrial e multicultural. São os anos da invenção do telefone, carro, avião, rádio e cinema, mas também de desastres como o “Fogo de Chicago” de 1871, que destrói boa parte da cidade, do “dilúvio de Johnstown”, no dia 31 de maio de 1889, e do terremoto de São Francisco, no dia 18 de abril de 1906. O último é visto como o berço do pentecostalismo (cf. CAMPOS 1996 e BURGESS e McGEE 1993). Em todo caso, também o protestantismo dos EUA está passando, naquele período, por profundas transformações, como o surgimento do movimento *Holiness*, de reavivamento wesleyano, que ganha força e espalha inúmeras igrejas independentes e missões a partir de 1880. A ele o movimento pentecostal deve sua inspiração e formação.

No mesmo ano de sua chegada aos EUA, Francescon conhece a pregação de um missionário livre, Miguel Nardi. Ele se converte e participa durante vários anos da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana, chegando a ser ancião. Nestes anos, ele vive dois momentos decisivos de sua vida: Ele afirma ter recebido uma revelação divina durante um ato de devoção (leitura bíblica individual), e ele casa com sua esposa Rosina. Francescon percebe que a Igreja Presbiteriana Italiana faz pouco caso do Batismo e de sua identidade confessional, mas suas ideias reformadoras são rejeitadas pela Igreja local; ele mesmo já tem receio de alguns procedimentos nela e se decepcionou com o pastor. Assim ele, junto com um grupo de insatisfeitos, rompe, nove anos mais tarde, com a Igreja presbiteriana.

O grupo dos dissidentes começa a se encontrar nas casas, em vários lugares, “pela necessidade dos que não sabiam ler”, lembra Francescon destes anos nos EUA. (CCB 2002:37) Na primeira reunião, ele é eleito ancião. Em 1907, Francescon conhece em Los Angeles o pastor pentecostal W. H. Durham, cujos cultos o grupo começa a frequentar. Mulheres são seladas no Espírito Santo e falam em línguas; somente um mês depois, afirma Francescon, também ele foi selado. Já antes, porém, o pastor Durham lhe afirmou “que Ele me havia chamado e preparado para levar Sua mensagem à colônia italiana; após, fui eu mesmo também confirmado por Deus” (*ibidem*).

Forma-se a Igreja Pentecostal Italiana. O grupo aumenta. Começam as viagens missionárias. Rosina, em outubro de 1907, viaja sozinha (!) para Los Angeles. O próprio Francescon inicia sua missão na América Latina, junto com G. Lombardi, em Buenos Aires. Uma segunda viagem missionária os traz ao Brasil, em 1910. Na Estação da Luz, eles evangelizam um italiano que os convida para sua casa, em Santo Antônio da Platina, no Paraná. Enquanto Lombardi segue para Buenos Aires, Francescon, numa difícil viagem, vai

para o Paraná. Em Santo Antônio da Platina, ele é perseguido pelos católicos, mas mesmo assim batiza onze pessoas “confirmados com sinais do Altíssimo. Estas foram as primícias da grande Obra de Deus naquele país.”¹ (CCB 2002:46)

De volta a São Paulo, ele visita uma Igreja Presbiteriana, na Rua Alfândega, no Brás, bairro de maior concentração de operários italianos e então periferia da cidade. Ele é expulso da Igreja após sua pregação, mas um grupo de vinte, consistindo de presbiterianos, metodistas e alguns católicos, sai com ele: é o início da Congregação Cristã do Brasil, em São Paulo.- Conforme Read (1967), a Congregação cresce rapidamente, como movimento de italianos. Meio ano mais tarde, Luis Francescon volta aos Estados Unidos, mas vai regularmente visitar o Brasil e a CCB por ele fundada: no total, são dez visitas; oito delas demoram mais que dez meses. Dos primeiros anos “italianos” da CCB, até 1935, ano em que ela inicia a produção do primeiro material estatístico, sabe-se muito pouco. Somente nas duas últimas passagens de Francescon pelo Brasil, o perfil da CCB é fixado por escrito (*Resumo da convenção*, de 1936, e *Reuniões e ensinamentos*, de 1948), sucessivamente impressos até hoje.-

A partir dos anos 30, a CCB começa a introduzir a língua portuguesa no hinário e nos cultos. A “explosão” numérica² da CCB (considero a expressão “explosão” exagerada, como mostra a tabela de números a seguir) ocorre nos anos 50, com a chegada dos nordestinos a São Paulo. A seguinte tabela mostra isso, calculando a partir de dados de Léonard, que se apoia em dados da CCB, e do relatório anual da CCB:

Anos	Adesões (média)
1936-1940	3.175
1941-1948	6.114
1952-1960	15.301
1961-1970	30.704
1971-1980	49.463
1981-1990	71.036
1991-2000	107.693
2001-2007	108.624

Tabela 1: Taxas de crescimento da CCB (Fontes: LÉONARD 1988:79 e CCB 2009:12)

¹ Após o início do protestantismo de imigração (luteranos alemães em 1824) e de missão (presbiterianos em 1859), com dificuldades de penetração, seria Santo Antônio da Platina o lugar do início do pentecostalismo no Brasil. Léonard (1988) cita como seus antecessores o ex-padre católico e primeiro pastor ordenado na América Latina (1865), José Manuel da Conceição, Miguel Vieira Ferreira e a “Igreja Evangélica Brasileira” por ele fundada, e o movimento messiânico e milenarista dos *mucker* (1873 e 1874). As raízes afro do pentecostalismo, destacadas por Hollenweger (1999), encontrariam no Brasil um campo fértil por causa da herança indígena, afro e portuguesa popular do catolicismo popular brasileiro. Elas não deveriam, porém, ter muita influência no pentecostalismo *italiano* da CCB.

² Assim Mendonça (1985:49): “Inicialmente Igreja de imigrantes italianos e crescendo pouco nas primeiras décadas, ‘explodiu’ na década de 1950, quando os nordestinos passaram a ocupar o lugar dos italianos no Brás.” Logo depois, adverte com cautela que “não é possível saber exatamente quantos são os membros da Congregação.”

A transição do movimento italiano para comunidade brasileira parece ter ocorrido sem traumas, mas a ausência de registros e documentos históricos dificulta um aprofundamento desta época e não é objetivo desta pesquisa. Não encontrei indícios de que esta transição tenha causado mudanças bruscas na estrutura, nas tradições e costumes, e na transmissão religiosa da Congregação Cristã. Pode-se dizer, portanto, que não haveria nenhuma “explosão” numérica da Congregação Cristã sem exatamente o abandono do carisma do fundador (levar a mensagem até a colônia italiana).

Estudando os primeiros relatórios sobre o culto da Congregação Cristã (LÉONARD 1988, original: 1952) e observando o culto da CCB hoje, não se percebem maiores mudanças. Após a saudação inicial, cantam-se três hinos, escolhidos por integrantes da assembleia e cuja escolha é confirmada pelo ancião ou dirigente do culto. Segue o momento da oração, em que o êxtase, a emoção e a palavra são liberados; há pessoas que oram em línguas (glossolalia), e no fim deste momento, uma voz se levanta e se impõe sobre as outras. Encerra-se este momento com um hino, e o dirigente anuncia que as pessoas têm a liberdade de dar o seu testemunho, louvando e dando glórias a Deus pelas maravilhas que Deus operou em suas vidas. O dirigente dá os avisos, e chama-se mais um hino: é o momento do recebimento da palavra, destacado pelo dirigente e talvez o mais festivo de todo o culto. O dirigente ou uma pessoa convidada faz a leitura da Bíblia e em seguida o discurso. Canta-se mais um hino e segue o agradecimento final, outro momento de liberação da emoção, do êxtase e da palavra. O culto termina com a saudação final, uma espécie de bênção, após a qual os fiéis são convidados de saudar com o Ósculo Santo os fiéis, seguindo a regra de que homem só beija homem e mulher só beija mulher.

Canta-se do hinário, que é o mesmo em todas as congregações. Nele, foram acrescentados hinos ao longo do tempo, mas o estilo musical, sereno e clássico, é o mesmo como há 50 anos atrás. Também as letras são as antigas ainda; não se percebe nenhuma influência de música religiosa contemporânea tocada por banda ou outras inovações de moda.³ O hinário e a Bíblia são os únicos utensílios indispensáveis para os fiéis (acrescentando, para as mulheres, o véu e, para os homens, o terno).

Não se percebem mudanças também na estratégia de conversão. Como nos primeiros dias até hoje, fazem-se novos conversos no círculo dos amigos e dos familiares. Uma

³ Parece haver um certo descontentamento com este imobilismo hinodal, porém. Em frente da Igreja do Brás vendedores ambulantes oferecem CDs com todos os hinos da CCB, acompanhados por teclado e instrumentos de música religiosa contemporânea tocada por banda em vez de orquestra tradicional. Na internet, conheço dois sítios recentes nos quais jovens que se dizem membros da CCB colocam hinos que eles mesmos compuseram – todos eles em melhor estilo *gospel*.

entrevistada nos afirmou que só se conversa sobre a fé e se convida pessoas a participar da Congregação Cristã quando estas dão a impressão de uma predisposição religiosa e espiritual. A CCB não faz uso de panfletos ou qualquer outro material de propaganda escrito, e muito menos dos meios de comunicação social. Nem tenta reunir multidões nas praças para convertê-las.

Igualmente, em termos de arquitetura, parece haver poucas mudanças desde os dias primordiais até hoje. Com exceção da matriz, no Brás, que pode ser chamada de arquitetonicamente ousada, todas as Igrejas da Congregação Cristã seguem o mesmo padrão arquitetônico e têm a mesma cor cinza. Nos últimos anos, porém, algumas construções deixam de ser as modestas Casas de Oração e assumem uma certa suntuosidade.

Tendo nascido como um movimento pentecostal de migrantes italianos, a Congregação Cristã começa como pentecostalismo de *brancos*, e apesar de hoje brasileiros serem a ampla maioria e, na periferia de São Paulo, não se sentir qualquer herança italiana à primeira vista, ela continua sendo até hoje a denominação pentecostal menos negra, como mostram os dados do Censo 2000.

Resumindo, podemos dizer que a CCB nasce e continua como um pentecostalismo *sui generis*, por causa da legitimação da autoridade (gerontocracia), da combinação de elementos extremamente racionais (predestinação calvinista) com elementos emocionais-iluministas⁴ (presença sensível do Espírito Santo), de uma forte herança do protestantismo, da música orquestrada de estilo clássico, da obliteração das diferenças entre clero e laicato, e da sua independência financeira do exterior. Sob esse último aspecto, a CCB é até considerada a mais indígena das Igrejas brasileiras. A Congregação Cristã no Brasil pode ser chamada de uma instituição religiosa tradicional e de longa duração, por existir há quase cem anos: ela é a Igreja protestante pentecostal mais antiga no Brasil. Sua transmissão religiosa acontece praticamente só via oral. Sua estrutura é gerontocrática, porque são os anciãos e os que eles convidam que lideram a transmissão religiosa. A Congregação Cristã, durante décadas, rejeitou a modernidade, especialmente no que diz respeito aos meios de comunicação (rádio, TV, internet; há pouquíssima escrita), e fiéis idosos seguem este costume até hoje. Ela também parece se posicionar contra a emancipação da mulher (GOUVEIA:1986). Hollenweger avalia a prática das mulheres usarem o véu na CCB como “um protesto inconsciente contra a independência crescente das mulheres, apesar das mulheres serem compensadas indiretamente nas Igrejas pentecostais pelo exercício de uma influência muito

⁴ Entendo a palavra “iluminista” aqui no sentido que Léonard (1988) lhe dá: de iluminismo religioso, misticismo, captação direta das revelações divinas.

considerável” (1971:404); as próprias mulheres da Congregação Cristã, porém, nas minhas entrevistas se orgulham de poder vestir o véu como sinal de respeito na presença de Deus (e não tanto de “empoderamento” como afirma literatura norte-americana (p. ex. CUCCHIARI 1990 e MARTIN 1998). Religião protestante pentecostal que cresceu na cidade de São Paulo, “cidade que não pode parar” e assim expressão máxima da modernidade, ela dá a impressão de uma tradição imutável. Estes fatores tornam necessário um estudo aprofundado da tradição religiosa da Congregação Cristã. Pergunta-se da possibilidade e da chance de uma religião que se pretende imutável cadeia de memória oral numa sociedade que já não é mais uma sociedade de memória.

Problematização e delimitação do tema

Esta tese pretende estudar como se constitui a tradição e como se realiza a transmissão religiosa na Congregação Cristã no Brasil, sob o aspecto tanto da instituição como dos sujeitos, numa área de alta vulnerabilidade social.

É a instituição religiosa que *regula* o crer e a tradição e (re)estabelece o equilíbrio sempre precário entre os polos comunitário, ético, cultural e emocional (RIVERA 2001:214; cf. HERVIEU-LÉGER 2000). Tarefa da instituição é articular a identidade religiosa, e para isso, ela impõe normas e regula práticas. Para ser reconhecida, ela tem de legitimar sua autoridade e dominação. Seguindo a classificação de Weber (1991), que distingue três tipos puros de legitimação da autoridade: a tradicional, a carismática, e a burocrática, considero a autoridade da CCB tradicional com traços também carismáticos.- Com esta legitimidade, a instituição articula sua identidade religiosa, utilizando-se de estratégias de *propagação* da sua mensagem. Magnani (2000:38-46) distingue as estratégias de *trajeto*, *mancha* e *pedaço*. No caso da estratégia do *pedaço*, penetra-se sempre mais num bairro, por redes de parentesco, vizinhos ou amigos. Acredito que esta seja a estratégia que a CCB está usando.

Os dispositivos de regulamentar o crer que as instituições religiosas têm, foram enfraquecidos na modernidade. À desregulação institucional corresponde o enfraquecimento da tradição regulada. Os sujeitos reconstroem identidades religiosas temporais e parciais a partir de sua experiência religiosa. São os sujeitos crentes que constroem seu regime de verdade. (RIVERA 2001:215s) Nesta dinâmica, os testemunhos – ocasiões nas quais os fiéis contam episódios em que sentiram a presença de Deus na sua vida, muitas vezes de forma milagrosa - parecem ter mais autoridade que as tradições. Por isso, este estudo analisa até onde a Congregação Cristã consegue formar a subjetividade dos seus fiéis, examinando o caso

específico de participantes de uma Casa de Oração situada numa área de vulnerabilidade social muito alta.

A Congregação Cristã no Brasil constrói a sua hierarquia, de maneira bem específica, como gerontocracia. Na gerontocracia, o sistema político está nas mãos dos membros mais velhos da comunidade. A sua liderança se apóia no fato de serem os mais velhos, seja de idade, seja de tradição. Isso quer dizer que o ancião não será necessariamente o mais velho, mas pode ser aquele que iniciou a tradição e evangelização no local. Ele é eleito pela assembleia dos anciãos e somente por ela, após muita oração. Afirma-se que a assembleia dos anciãos não elege de livre vontade, mas ora para descobrir quem é que Deus *predestinou* para ser ancião.- Por isso, reduzem-se muito conflitos ou brigas pelo poder. A liderança carismática sempre é ameaçada, porque se apoia no carisma pessoal, e sempre pode surgir um líder mais poderoso com um carisma mais forte ainda que ameaça “destronar” o líder carismático existente. Diferente disso, na CCB, o ancião é líder porque é o mais velho, e por isso, o mais apto como guardião da tradição, e sobre isso não há discussão. Em segundo lugar, sim, ele deve ter também um certo carisma e uma condução de vida condizente com as normas da Congregação.- Assim como a autoridade na Congregação Cristã não é carismática, ela também não é burocrática. Não é o diploma que determina quem será o líder, porque não há diplomas. Não há estudo e diploma de teologia na Congregação Cristã. Também não há clero. Todos são leigos; e jovens entrevistadas falam com muito carinho dos anciãos que “são igual à gente, são simples e humildes”, com a diferença que conhecem melhor a tradição. Igualmente, não existem funcionários na Congregação Cristã, porque ninguém é pago pelo serviço que faz ou pelo cargo que ocupa. Os anciãos são excluídos do controle do dinheiro.- De maneira semelhante, não há dízimo. Neste sentido, a Congregação Cristã parece opor-se à mentalidade e estrutura do sistema capitalista; ela forma seu ambiente, mantendo um clima de gratuidade e doação.

A Congregação Cristã no Brasil possui uma tradição quase exclusivamente oral; suas escritas e seus textos são extremamente esparsos. Na tradição da Congregação Cristã, esta praticamente não se petrifica em textos, portanto; apenas se fixa, de certa maneira, no rito. É o esquecimento que possibilita a recriação fecunda: a tradição, especialmente a oral no ato da performance da recitação, é aberta e permite mudança e transformação, “entre o que mantém a tradição e o que ela preferiu esquecer”. (ZUMTHOR 1997:21) A tradição é um *continuum* de transmissão de experiências e conhecimentos de uma cultura, numa dada sociedade. Zumthor lembra que a memória vai em ondulações, “como uma peregrinação iniciática: um exílio no múltiplo e no descontínuo, rumo a um centro unificador”, (1997:24) “totalmente

orientada para a emoção e a alegria coletivas” (1997:29). Assim, a fala do ancião transmite a tradição oral da Congregação Cristã, entendida como um *continuum* de transmissão de experiências e conhecimentos desta religião. Mas também os testemunhos se colocam dentro desta tradição, a reelaboram e enriquecem; é visível, à primeira vista, como a memória narrada nos testemunhos é “totalmente orientada para a emoção e a alegria coletivas” - já Léonard observava e registrava isso. Halbwachs elabora esta diferença, distinguindo a corrente “dogmática” da corrente “mística” da memória religiosa, como será discutido adiante. Articular estas duas correntes de memória e criar um equilíbrio entre elas é o ofício da instituição religiosa. Por isso, minha análise de culto examina dissonâncias e ênfases diferenciadas entre a fala “dogmática” do ministro na hora da palavra e a fala “mística” dos fiéis na hora dos testemunhos, e a questão até onde o culto consegue formar a subjetividade dos fiéis será retomada na análise das entrevistas.

Não irei me deter longamente na problematização da questão do rito e do culto aqui, porque um capítulo é dedicado a ele. Quero, no entanto, destacar aqui que a Congregação Cristã resolve dois problemas crônicos do protestantismo brasileiro de maneira diferenciada de outros grupos protestantes: a *precariedade do pastor protestante* e a *crise do culto protestante no Brasil*. Na Congregação Cristã, a ausência de clero contorna a questão da precariedade do pastor protestante, elaborada por Willaime (1992), precariedade esta que se faz sentir também no culto protestante e é um dos motivos de sua crise; outro motivo da crise do culto protestante já foi apontada por Léonard (1963) e é retomado por Mendonça (1985): enquanto, “na Europa, a suprema finalidade da Igreja é a de 'culto' (ou seus equivalentes); no Brasil é 'trabalho’” (MENDONÇA 1985:43 citando LÉONARD 1963:241): é a diferença entre 'adorar e orar' e 'aprender e trabalhar'. Finalidade declarada do culto da Congregação Cristã é o 'adorar e orar', tanto que no tempo em que Léonard fazia suas pesquisas a CCB era chamada de “os glórias”. Da mesma maneira, para Corrêa (1989), o culto da Congregação Cristã não é pedagogia, que visa o conhecimento, mas ele procura o mistério. Outra questão a ser levada em conta e ser pesquisada é a dos hinos. “Passou décadas sem nenhuma revisão, e as letras de seus hinos se cristalizaram nas mentes dos protestantes brasileiros como verdadeiro sistema teológico de base”, diz Mendonça sobre o *Salmos e hinos* de Robert e Sarah Kelly, e acrescenta ainda: “Na sua essência, continua sendo um hinário dos 'revivals'.” (1985:46) Acredito que o mesmo possa se dizer do hinário da Congregação Cristã.

Considero difícil, porém, falar *do* culto da Congregação Cristã no singular, como se ele, monolítico, fosse sempre o mesmo. Será que suas feições são as mesmas na periferia, nas áreas de alta vulnerabilidade social? A presente pesquisa se propõe justamente estudar o culto

da Congregação Cristã numa área de vulnerabilidade social muito alta de São Bernardo do Campo na fronteira com Diadema, inserindo breves comparações com cultos a que assisti, numa área nobre próxima ao bairro Rudge Ramos, no mesmo município.

Este estudo nasceu no e se entende como contribuição para o grupo de pesquisa “Religião e periferia na América Latina -REPAL”, que indica o seu horizonte: limito o estudo da tradição e transmissão religiosa da Congregação Cristã no Brasil a uma área de vulnerabilidade social muito alta, na periferia em São Bernardo do Campo. Este município é localizado numa região que é o maior polo de riqueza nacional e era durante décadas a locomotiva da industrialização do país, mas está passando por um processo de desconcentração industrial que implica agravamento de desigualdades sociais que se expressam na piora do município em vários índices sociais nos últimos anos. A população que vive na periferia do município, nas áreas de vulnerabilidade social alta e muito alta, convive com a ausência de equipamentos públicos de saúde, transporte, educação e cultura, uma falta quase completa de infraestrutura, precariedade de trabalho, e é frequentemente exposta à *vulnerabilidade civil*, que se refere “à integridade física das pessoas, ou seja, ao fato de vastos segmentos da população estarem desprotegidos da violência praticada por bandidos e pela polícia.” (KOWARICK 2009:19). Sujeita a estas condições de vida, a população destas áreas cria relações sociais e redes sociais particulares, associa-se, inventa modos de sobrevivência, constrói sua casa em autoconstrução, e dá significado aos processo que está vivendo: é o lado *subjetivo* dos atores sociais. Neste emaranhado de redes sociais e significados, grupos religiosos e também a Congregação Cristã se fazem presentes. O presente estudo pesquisa como a Congregação Cristã faz a tradição e transmissão religiosa nestas áreas, e qual impacto ela tem na subjetividade dos seus fiéis moradores destas áreas.

Hipóteses e questões que guiam o estudo

Em vez de colocar somente hipóteses, prefiro colocar aqui tanto hipóteses como questões que guiam este estudo. Penso que a falta de dados e pesquisas a respeito da tradição e transmissão religiosa da Congregação Cristã em áreas de alta vulnerabilidade social não permite colocar hipóteses para todas as questões estudadas de antemão; considero minha pesquisa um estudo explorativo cujos resultados obtidos podem ser colocados como hipóteses de trabalho cuja validade mais geral deve ser testada por futuros estudos. Isso colocado, vamos às hipóteses:

A Congregação Cristã parece-se com rocha firme num mar em agitação. Ela parece não participar de muitas dinâmicas e transformações culturais, sociais e religiosas da sociedade atual e se manter firme aos princípios dos seus primórdios. Por isso, a primeira hipótese deste estudo é: *Mutações na tradição da Congregação Cristã são bem camufladas, mas existem.*

Enquanto muitos outros grupos religiosos pressupõem o desencantamento do mundo como fato consumado e se especializam em promover um reencantamento do culto, no caso da Congregação Cristã não é só o culto que é reencantado. Os sujeitos religiosos utilizam as representações que a Congregação Cristã transmite, para fazer a leitura de acontecimentos do cotidiano, especialmente dos acontecimentos hostis e caóticos. Mesmo jovens vão à casa de oração antes de tomar decisões importantes, esperando “a confirmação pela palavra”. Por isso, a segunda hipótese é: *Os membros da CCB têm uma identidade religiosa forte diante de uma identidade religiosa muitas vezes precária de outros grupos pentecostais brasileiros. A Congregação Cristã consegue, ao contrário de outros grupos religiosos, especialmente pentecostais, moldar a subjetividade dos seus fiéis, criando neles habitus, tradição sedimentada e internalizada, mas admite-se que esta tendência possa ser bastante enfraquecida em regiões de alta vulnerabilidade social, onde as redes de contatos e amizades constituem um capital social considerável, e onde a insistência numa identidade diferenciada pode levar ao isolamento, tornando mais difícil a sobrevivência e o sucesso na vida profissional e social.*

Hervieu-Léger (1999) considera, a partir de dados de pesquisa da França, que o indivíduo religioso moderno é marcado por duas características principais: a valorização do mundo e a autonomia do sujeito crente. Estas considerações têm, ao meu ver, um valor limitado para o caso da América Latina e especificamente quando se trata da Congregação Cristã no Brasil. Considero que os sujeitos não se associam à Congregação Cristã como indivíduos solitários, mas por *constrangimento social* e por *relações carregadas de afeto* com as pessoas que os convidam ao culto. Por isso, a terceira hipótese é: *A densidade da rede de relações pessoais (de parentesco e amizade) dentro da Congregação Cristã é decisiva para a pertença e intensidade de participação do sujeito religioso neste grupo religioso, e a tradição e transmissão religiosa nela passam em boa parte pelos meandros das relações pessoais, e não só pelo culto. Quer-se dizer com isso que a escolha de fazer parte da CCB não é somente racional, mas tem uma forte conotação afetiva.*

Ligada a estas hipóteses se pretende estudar a seguinte questão-guia: Qual é o alcance e quais são os limites das dinâmicas societárias religiosas como via de inclusão social numa

área de alta vulnerabilidade social para o caso do associativismo religioso da Congregação Cristã no Brasil?

A Congregação Cristã tem como estratégia criar laços fortes internos, entre seus membros, e restringir laços com o ambiente, fortalecendo assim a própria rede religiosa. Já há trinta e cinco anos Granovetter (1973) alertou que esta não é uma estratégia boa para pessoas em situação de vulnerabilidade, porque os laços fortes acabam restringindo a circulação de informações e benefícios (p. ex. a respeito de oportunidades de trabalho) e impedindo a participação em circuitos mais amplos. A “força dos laços fracos”, porém, é justamente sua abertura a novos contatos e redes sociais que aumentam a possibilidade de acesso a benefícios. Os evangélicos, alertam Almeida e D'Andrea (2004:104), retomando o estudo de Granovetter para o caso das redes sociais em favelas, se mantêm, via de regra, ao mesmo tempo relativamente fechados em sua solidariedade interna e abertos à busca de benefícios. Enquanto a Congregação Cristã não favorece institucionalmente estes contatos dos laços fracos com pessoas que não pertencem a ela, acredita-se que seus membros moradores de áreas de maior vulnerabilidade social – quanto mais os jovens! - os procuram; neste sentido, as estratégias de sobrevivência e a lida com as dificuldades do dia a dia teriam, para eles, mais importância do que a orientação religiosa.

Passo agora a destacar aspectos que demonstram a importância do tema pesquisado.

Enquanto publicações sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) enchem prateleiras, pode-se contar com os dedos os estudos sobre a Congregação Cristã no Brasil. São do meu conhecimento como produções nos últimos 20 anos uma tese de doutorado em teologia e cinco dissertações de mestrado, das quais três em Ciências da Religião: uma de Célia Godeguez da Silva, defendida em 1995 na UMESp, (com uma pesquisa de campo reduzida), outra de Gloecir Bianco com o título *Um véu sobre a imigração italiana no Brasil*, defendida em 2005 na Universidade Presbiteriana Mackenzie, e a terceira de Sérgio Araújo Leite, com o título: *Entre o culto e o cotidiano: A mulheres da Igreja Congregação Cristã no Brasil da cidade de Carapicuíba*, defendida em 2008 na PUC. Em 1996, Nilceu Jacob Deitos defendeu, no curso “História do Brasil” na Universidade Federal de Santa Catarina, a dissertação *Representações Pentecostais do Oeste Paranaense (A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel - 1970-1995)*. Valéria Esteves Nascimento Barros apresentou, no ano 2003, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, a dissertação *Da casa de rezas à Congregação Cristã no Brasil: o*

pentecostalismo guarani na terra indígena Laranjinha/PR, na qual ela descreve a conversão de uma tribo indígena ao pentecostalismo da Congregação Cristã no local, com uma pesquisa de campo muito interessante. A única tese de doutorado sobre a Congregação Cristã foi defendida por Key Yuasa (com o título *Louis Francescon. Uma biografia teológica*), no ano de 2001 na Universidade de Genebra; ela trata de aspectos teológicos e históricos da CCB e do seu fundador, Louis Francescon.- Todas as outras pesquisas em nível de pós-graduação sobre a Congregação Cristã foram realizadas há 20 anos ou mais atrás. Entre elas, se encontra a contribuição de R. E. Nelson que estudou a Congregação Cristã a partir da perspectiva da teoria organizacional; parte da sua produção será utilizada no capítulo 2. Estas pesquisas não refletem ainda um possível impacto dos neopentecostais, que deslancharam após o tempo destes estudos. Não há nenhuma pesquisa atualizada, porém, sobre a presença da ainda segunda maior Igreja pentecostal no Brasil, conforme o último censo de 2000, na *periferia*, em áreas de maior vulnerabilidade social. É este o ângulo de vista que determinará minha pesquisa.

Levando em conta, além deste dado quantitativo, sua qualidade como pentecostalismo *sui generis* (visto assim desde Léonard (1988) e Willems (1967)), urge uma retomada do estudo desta comunidade religiosa.

A Congregação Cristã no Brasil é a Igreja Pentecostal mais antiga do Brasil. Ela surge pouco após o início do pentecostalismo moderno nos Estados Unidos e nasce, portanto, nos seus primórdios. Hoje, ela possui uma história centenária e continua com força. A pesquisa contribuirá para o conhecimento deste grupo do pentecostalismo primordial, anterior ao *boom* pentecostal das últimas décadas. Esse pentecostalismo é ainda insuficientemente pesquisado. Limito-me a estudar sua presença na atualidade, numa área de alta vulnerabilidade social de São Bernardo do Campo, na fronteira com Diadema, mencionando aspectos históricos apenas tangencialmente.

Sobre a presença deste pentecostalismo protestante da Congregação Cristã, que pode ser chamado já de histórico, na periferia, com suas dinâmicas populacionais, sociais e culturais e também problemas próprios, não conheço qualquer literatura. É um campo que deve ser explorado. Se o pentecostalismo brasileiro primordial já é pouco pesquisado, menos o é ainda na periferia. Por isso, este trabalho estuda a Congregação Cristã na periferia da metrópole, onde, como já demonstrei, as condições de vida são diferentes das do centro. Proponho-me estudar uma Casa de Oração e seu contexto social no bairro do Alvarenga, bairro de periferia do município de São Bernardo do Campo, com destaque para o bairro de Vila Moraes.

Acredito que o estudo da tradição e transmissão religiosa na Congregação Cristã possa ser uma valiosa contribuição à temática, pouco estudada, dos evangélicos na periferia, e também à sociologia e antropologia do protestantismo brasileiro, por suas rupturas e continuidades com outros protestantismos brasileiros, e por resolver alguns problemas do protestantismo (p. ex. a precariedade do pastor protestante e a crise do culto protestante) de maneira diferente.

Objetivos gerais e específicos

Objetivo geral:

Analisar aspectos da presença, tradição e transmissão religiosa da Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social, a partir da instituição e dos sujeitos.

Objetivos específicos:

Desenvolver conceitos para analisar a reprodução religiosa na modernidade contemporânea, discutindo as questões da modernidade, secularização e tradição diante do desafio da modernidade, levando em conta a periferia da modernidade urbana no Brasil e os efeitos da modernidade na tradição religiosa, e apresentando o rito como dispositivo de reprodução institucional por excelência. Além disso, a religião é conceituada como associativismo voluntário, e são elaborados quatro conceitos de uma antropologia relacional: a vulnerabilidade social, as redes sociais, o capital social e o associativismo religioso.

Desenvolver um olhar estatístico sobre o campo pentecostal brasileiro e a Congregação Cristã na atualidade em nível de Brasil, Estado de São Paulo, ABCD e São Bernardo do Campo, para situar minha pesquisa de campo local num quadro mais amplo, analisando as dimensões sociais por indicadores sociais relevantes para a questão da vulnerabilidade social e indicadores de migração, item no qual a Congregação Cristã apresenta um perfil particular, como será demonstrado a partir de uma leitura comparativa do perfil dos pentecostaisismos mais antigos no Brasil, Congregação Cristã e Assembleia de Deus.

Analisar as dimensões sociais da Congregação Cristã no local, quer dizer, no município de São Bernardo do Campo e no bairro da Vila Moraes, por um estudo da situação social dos membros da Congregação Cristã e da vulnerabilidade social das Áreas de Ponderação vizinhas da Casa de Oração estudada, utilizando para isso indicadores sociais, a observação do dia a dia do bairro, e conversas informais com moradores do local e membros da Congregação Cristã do local.

Elaborar uma etnografia e análise do culto da Congregação Cristã, analisando o espaço do culto e o seu tempo. Entendo que na Congregação Cristã, que quase não petrifica sua tradição em textos escritos, o culto é o meio institucional primordial de tradição e transmissão religiosa, e sua descrição densa merece um lugar de destaque no trabalho.

Elaborar uma etnografia dos sujeitos, membros da Congregação Cristã, homens e mulheres, em situações diferenciadas de vulnerabilidade, utilizando para isso a técnica da entrevista em profundidade e sua análise. As questões de fundo são quais redes sociais, internas na Congregação Cristã no Brasil e externas, estes membros criam, e até onde as doutrinas e práticas da Congregação, transmitidas primordialmente no culto, conseguem formar e constituir a subjetividade, entendida como complexo conjunto de percepção, afeto, pensamento, desejo e medo. Na análise das entrevistas, será situado o associativismo religioso próprio da CCB no contexto de outros associativismos (também não religiosos) que moradores de periferia usam como estratégia para se defender contra a alta vulnerabilidade social à qual são submetidos. Será analisado também a transmissão religiosa de uma geração à outra, que se torna importante na periferia e no contexto da migração, porque mudanças de costumes e tradições não se manifestam tanto na geração dos adultos, mas acontecem na passagem de uma geração a outra.

Metodologia e percurso da pesquisa

Considero esta pesquisa *explorativa*, articulando dados estatísticos do Censo 2000 disponibilizados pelo IBGE com dados etnográficos da própria pesquisa de campo. Ela traz dados estatísticos (quantitativos) por mim elaborados a respeito de dimensões sociais do campo pentecostal brasileiro para as escalas: Brasil, Estado de São Paulo, ABCD e São Bernardo do Campo, para situar a pesquisa de campo local num quadro mais amplo. Os indicadores sociais escolhidos são a distribuição de cor, os anos de estudo, os rendimentos pelo trabalho, e a questão da migração.

A respeito do perfil social do local, o bairro na periferia pesquisado e seus arredores, também são compilados por mim dados estatísticos a partir dos Microdados do Censo 2000 referentes às Áreas de Ponderação pesquisadas, repetindo o estudo para os mesmos indicadores já citados. Neste estudo, descobriu-se inconsistência nos mapas a respeito da vulnerabilidade social da região, além de uma acentuada desigualdade social entre os gêneros. Estes resultados exigiram que me debruçasse sobre as duas questões. Estes dados quantitativos são completados pelas minhas observações de campo no local e por dados

qualitativos colhidos em conversas informais numa caminhada pelo bairro e no barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes.

A etnografia do culto se baseia em observação densa de aproximadamente 40 cultos da Congregação Cristã, 29 deles na Casa de Oração pesquisada no Parque Jandaia. Pediu-se licença ao cooperador da Casa de Oração estudada para fazer a pesquisa, informando sua finalidade acadêmica. Esta licença foi obtida com benevolência, após eu informar que o ancião da Casa de Oração do Pq. São Rafael, bairro na zona Leste de São Paulo, amigo de um amigo meu da Congregação Cristã, combinou um encontro comigo numa noite de culto, em São Mateus. Depois deste culto, quatro anciãos da Zona Leste sentaram comigo numa sala, onde expliquei os objetivos da minha pesquisa. Após uma conversa amigável de aproximadamente uma hora, todos nós nos ajoelhamos, fizemos uma oração, e nos despedimos cordialmente. Semanas depois, voltei a conversar com o cooperador a respeito da minha pesquisa, e ele assegurou que eu não estava atrapalhando em nada; apenas exigiu que não gravasse a palavra.

De fato, contatos com este amigo meu, membro da Congregação Cristã, uma entrevista com ele no seu apartamento, em Santo André, onde mora hoje, e com uma funcionária do prédio, assim como conversas telefônicas com o ancião, amigo do meu amigo, deram início a minha pesquisa de campo mais sistemática; antes, tinha feito visitas ao culto em Santo Amaro (São Paulo), Jd. Inamar (Diadema) e Vila Mussolini (São Bernardo do Campo).

Para a etnografia de culto no Pq. Jandaia, elaborei um roteiro do culto e anotei a hora exata em que cada unidade do culto começava e terminava. Além disso, anotei gênero e cor de quem estava orando, testemunhando ou chamando hino. Das orações, anotei os temas; igualmente dos testemunhos e pregações; dos hinos, anotei os números e em qual momento do culto foram chamados. A lista dos temas foi constantemente reelaborada. Se nos primeiros cultos criei, por exemplo, a categoria temática “infortúnios”, acrescentei num culto posterior “diabo”, quando percebi que vários fiéis atribuíram seus infortúnios ao diabo.

Cada noite ao voltar para casa, ou no dia seguinte até meio-dia, anotei no diário de campo o que lembrei do culto. Se não era possível fazer as anotações até esta hora, o culto foi descartado para o registro das observações sistemáticas, contando com possíveis falhas de memória que poderiam distorcer o ocorrido. Após 29 cultos, eu tive um quadro consistente dos hinos mais cantados, dos temas mais elaborados nas orações e testemunhos como produções da irmandade, e nas pregações como produção do ministério espiritual, possibilitando uma leitura comparativa entre as duas produções, detectando convergências e dissonâncias. Igualmente, era possível comparar as produções de homens e mulheres, tanto

em relação aos temas elaborados como ao tempo ocupado. Eu dispunha de material para elaborar comparações entre gênero, cor, idade etc. dos testemunhos. Os elementos do culto virtual construído no capítulo 4 e sua análise levam estes dados em conta.

Após mais de 10 observações de culto completadas, entre elas também Reuniões de Jovens e Menores, e já de certa maneira conhecido por saudações com a mão e com sorrisos e pequenas conversas antes e depois o culto, comecei a sondar possíveis entrevistados. Perguntei aos dois cooperadores, mas eles, como esperava, declinaram do pedido. Laércio, jovem que mora na Vila Moraes e auxiliar de Jovens e Menores, foi o primeiro entrevistado. Segui o método “bola de neve” para encontrar outros entrevistados, perguntando: “Quem você pode me indicar para entrevistar ainda?” Cuidei de entrevistar irmãos e irmãs representativos, distribuir os entrevistados igualmente por gênero, conversar com irmãos e irmãs de várias gerações e em situações diferenciadas de vulnerabilidade. Fiz uma entrevista coletiva com uma família na casa desta, da qual saí 1hs30 de manhã, após tomar um lanche ainda depois da meia-noite.

Considerando que já era suficientemente conhecido na irmandade, comecei a procurar pelo presidente da Sociedade de Amigos da Vila Moraes e simpatizante da Congregação Cristã (testemunhado, mas não batizado). Eu sabia que a Vila Moraes era um bairro próximo à Casa de Oração do Pq. Jandaia, em situação de vulnerabilidade muito alta, ao qual membros da Congregação se referiam como “favela”. Tive dificuldade para encontrá-lo, porque ele costumava sair do culto antes do fim deste, e eu não quis perturbar o culto. Consegui conversar brevemente com ele, e assim comecei a ter acesso à Vila Moraes. Durante várias semanas, eu visitava o barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes, nas manhãs que a população vinha para pegar leite, ouvindo as conversas, fazendo perguntas, identificando os membros da Congregação Cristã e combinando mais entrevistas, que foram realizadas no próprio barracão. Numa manhã, o presidente da Sociedade fez uma caminhada comigo pela Vila Moraes. Fiz fotos e consegui falar com vários moradores na rua ou no portão da casa. Segui os procedimentos que Kowarick (2009:21) formula assim:

Vale a pena dizer que pesquisa em profundidade em áreas pobres comporta riscos de segurança: à diferença do que ocorreria até os anos 1980, não se entra mais em ... loteamentos ou favelas sem a apresentação de uma liderança que conviva com os habitantes locais. Isto porque há receio de responder a certas perguntas ... nunca insistir sobre pontos problemáticos ... em situações de sofrimento, como o desemprego, o assassinato de parentes ou mesmo o fato, para alguns humilhante, de ... perceber a precariedade de suas próprias moradias: é preciso uma ética especial para estudar a *miséria do mundo*.

Assim, além do registro das falas, consegui observar pelo menos algumas das pessoas entrevistadas nas suas atividades comuns e no cotidiano. Optei pela metodologia de entrevistas não estruturadas ou semiestruturadas, porque percebi, que perguntas mais formais resultam num retraimento da pessoa entrevistada. As oportunidades de fazer entrevistas seguem os caminhos da propagação da Congregação Cristã: via redes familiares e de amigos. Considero que o local da entrevista (perto da casa de oração; após uma reunião de oração numa casa; sozinho com a pessoa entrevistada na sua casa) é importante e pode influir nos dados colhidos.

Como método de análise das entrevistas, cujo roteiro consta nos anexos, não foi utilizado nenhuma técnica específica, como análise de discurso ou análise de conteúdo. Como procedimento, escolhi a técnica clássica antropológica e etnográfica de elaborar a partir do planejamento da entrevista e do material colhido, unidades temáticas, atribuí-las às partes das entrevistas e reagrupar estas conforme a perspectiva em foco para fins comparativos.

Conseguí observar uma reunião de oração em casa; precisa-se de relações bem familiares com membros, para conseguir a participação nestas reuniões.

Apresentação dos capítulos

O primeiro capítulo elabora os conceitos necessários para discutir a reprodução religiosa na modernidade contemporânea. São conceituados a modernidade, a secularização, a tradição, o rito como dispositivo de reprodução institucional por excelência e quatro conceitos de uma antropologia relacional, respectivamente: a vulnerabilidade social, as redes sociais, o capital social e o associativismo religioso.

O segundo capítulo fornece, via indicadores sociais escolhidos, ao leitor um olhar estatístico sobre o campo pentecostal brasileiro e a Congregação Cristã na atualidade em várias escalas: Brasil, Estado de São Paulo, ABCD e São Bernardo do Campo. O objetivo é situar a pesquisa de campo local num quadro mais amplo.

O terceiro capítulo dirige o olhar do leitor para a realidade social local, no município de São Bernardo do Campo e no bairro da Vila Moraes, estudando a situação social dos membros da Congregação Cristã e a vulnerabilidade social das Áreas de Ponderação vizinhas da Casa de Oração estudada, elaborando a situação periférica específica da Vila Moraes. Além de indicadores sociais, utiliza-se a observação do dia a dia do bairro, e conversas informais com moradores do local e membros da Congregação Cristã do local.

O quarto capítulo elabora uma etnografia e análise do culto da Congregação Cristã. São analisados os atores no culto, o processo ritual, e a função do culto para a articulação da identidade religiosa.

Finalmente, o quinto capítulo elabora, a partir de entrevistas em profundidade e sua análise, uma etnografia dos sujeitos membros da Congregação Cristã, homens e mulheres, em situações diferenciadas de vulnerabilidade. As duas questões de fundo, que perpassam o capítulo todo, são quais redes sociais, internas na Congregação Cristã no Brasil e externas, estes membros criam, e até onde as doutrinas e práticas da Congregação, transmitidas primordialmente no culto, conseguem formar e constituir a subjetividade dos seus membros, entendida como complexo conjunto de percepção, afeto, pensamento, desejo e medo.

1 Capítulo I:

Reprodução religiosa na modernidade contemporânea: aspectos conceituais

Instituições religiosas têm como razão de ser a preservação e a transmissão de uma memória coletiva, ou tradição. Somente mobilizando sua memória coletiva específica, as religiões conseguem se reproduzir. Este capítulo indaga como é que instituições religiosas poderão rearticular seu próprio dispositivo de autoridade, essencial à perenidade da descendência da fé, visto que essa tradição é considerada, inclusive pelos fiéis, não como depósito sagrado, mas como patrimônio ético-cultural, como um capital de memória e como uma reserva de sinais à disposição do indivíduo.

Já nas sociedades tradicionais houve uma pluralidade de memórias coletivas. Estas, porém, muitas vezes se sobrepuseram e se encaixavam uma na outra. O advento da modernidade coloca em crise os mecanismos sociais da continuidade da tradição e acelera as mudanças. A religião é forçada a sair da sua posição axial na sociedade, num processo que na modernidade ocidental chamou-se de secularização. No Brasil, a modernidade, e com ela, a urbanização acelerada chegam tarde, criando um padrão de crescimento urbano periférico próprio baseado na segregação, pobreza e desigualdades sociais. A modernidade afeta as tradições religiosas de maneira específica: Argumenta-se que a modernidade religiosa é caracterizada pela capacidade diminuída das instituições religiosas de regular e controlar as crenças dos seus fiéis. Pressupõe-se que os processos de identificação religiosa dos sujeitos religiosos passam pela combinação de quatro dimensões típicas da identificação; são estas as dimensões: comunitária, ética, cultural e emocional (HERVIEU-LÉGER 1999). Na perspectiva de estudos da religião, tanto weberianos quanto durkheimianos, o rito é apresentado como dispositivo de reprodução institucional por excelência. Do outro lado, em perspectivas teóricas mais recentes, analisa-se a religião sob o aspecto da escolha dos sujeitos, como caso de associativismo voluntário. A memória individual é entendida como referida e orientada pela memória coletiva, constituindo um ponto de vista desta. Este procedimento permite relacionar os aspectos institucionais e individuais da transmissão e tradição religiosa.

Em seguida, são apresentados aspectos conceituais e metodológicos que guiaram este estudo. A realidade social é analisada a partir de conceitos de uma antropologia e sociologia relacionais, concebendo o mundo social como processos e relações dinâmicas que se desdobram. Finalmente, os conceitos interrelacionados de vulnerabilidade social, redes sociais, capital social e associativismo religioso são elaborados.

1.1 A religião como instituição: Aspectos da sua reprodução

A razão de ser de uma instituição religiosa é a sua própria reprodução, e ela a efetua pela preservação e a transmissão de uma memória coletiva, ou tradição. Como iremos ver, esta tradição nunca garantia uma perfeita reprodução, mas sempre trouxe em seu bojo mudanças. No entanto, pela razão que sua autoridade ou legitimidade depende de um acontecimento fundante e uma tradição fundadora, a religião sempre escondia a mudança. Estas mudanças da tradição religiosa costumavam ser lentas, e as rupturas e introduções de novidades passaram quase despercebidas nas sociedades tradicionais, nas quais as religiões ocupavam uma posição axial⁵.

Portanto, já nas sociedades tradicionais houve uma pluralidade de memórias coletivas. Estas, porém, muitas vezes se sobrepuseram e se encaixavam uma na outra.⁶ Nas sociedades modernas, ao contrário, as várias esferas da vida se diferenciam e ganham autonomia, levando a uma fragmentação acentuada das memórias. Conforme Halbwachs, nas sociedades tradicionais a nobreza garantia a unidade da memória; nas sociedades modernas, as memórias técnicas e profissionais especializadas não conseguem fornecer uma memória capaz de oferecer um sentido global, referências e valores comuns. Halbwachs procura os portadores desta memória nos “grupos do tipo familiar, societário ou qualquer outro, que não sejam submissos a outros grupos, e cuja atividade se dirige a si mesmos, aos próprios interesses de todo tipo e a tudo aquilo que pode enriquecer e incentivar sua vida espiritual.”⁷ (1994:242)

A modernidade do século XX coloca em crise os mecanismos sociais da continuidade da tradição. Halbwachs sublinha a aceleração da mudança e a ideologia do efêmero:

Numa sociedade que se ocupasse principalmente com a multiplicação e renovação dos objetos de seus interesses, estes homens que se adaptam rapidamente e, por seu exemplo, também ajudariam a outros a se adaptar, teriam mais prestígio do que os outros. Não se esperaria deles nenhuma superioridade em qualquer domínio, não se exigiria deles nenhum interesse especial ou duradouro por qualquer atividade artística ou literária. (1994:262)

⁵ Posição axial na estrutura da sociedade e como legitimadora desta; não necessariamente na vida e no cotidiano das pessoas.

⁶ Tanto que Halbwachs tem que insistir na especificidade da memória da família, distinguindo-a das memórias religiosas e locais: “Agora, se o grupo familiar às vezes coincidir com o grupo local, se às vezes a vida e o pensamento da família são demasiadamente exigidos por atividades econômicas, religiosas ou outras, mesmo assim há uma diferença essencial entre a relação de parentesco e a religião, a profissão, a propriedade etc. E por isso a família tem uma memória própria, assim como os outros tipos de comunidade.” (1994:155s)

⁷ Halbwachs pergunta: “Uma vez que a nobreza era a coluna da tradição e a memória coletiva vivia nela, será que agora a sociedade não conserva suas lembranças na vida social extra-profissional, como ela é organizada hoje, e a elabora nela?” (1994:242)

Esta sociedade liga a riqueza à rapidez da mudança, excluindo toda dimensão de longa duração da cultura tradicional – um mundo sem valores, porque sem memória:

O grande cientista e o artista genial, assim como o boxeador famoso e a “estrela do cinema” irão impressionar a atenção do público, por um momento, com uma teoria, uma forma de talento, uma performance, um motivo de um filme. Mas o que a sociedade mais valoriza neles é que um sucede ao outro, que cada um alimenta um pouco a curiosidade superficial, que justamente sua diversidade lhes permite alargar infinitamente o campo de sua atenção, e que sua multiplicidade obriga seus membros a uma espécie de ginástica cada vez mais difícil, determinando um ritmo de vida social sempre mais acelerado. (HALBWACHS 1994:262)

Contrariamente ao passado, o indivíduo não é mais estimado por um valor moral, mas por sua capacidade de adaptação:

Conforme isso, não se respeitariam qualidades morais como superioridade social atrás da riqueza, como se atestavam ao rico de outrora, mas a mobilidade e adaptabilidade do espírito que definiria o novo-rico. (*ibidem*)

Com o advento da modernidade, portanto, as mudanças aconteceram sempre mais rápidas, e a religião saiu da posição axial e central. Este processo de saída da religião das posições de controle da sociedade como um todo, a partir do advento da modernidade, é chamado de secularização. As ciências sociais refletiram desde os seus primórdios sobre este processo, mas é a partir dos anos 60 e 70 do século passado, que estas reflexões ganharam um corpo que pode ser chamado de “teoria da secularização” e se gerou um consenso que pode ser chamado de paradigma. Este paradigma reúne os seguintes elementos: a racionalização (a partir da tradição weberiana); a mundanização no sentido de preocupar-se mais com questões materiais do que espirituais; a diferenciação (de origem funcionalista); a pluralização de ofertas religiosas, levando a uma livre concorrência desregulada (Berger); a privatização da religião que sai do espaço público (Luckmann); a generalização como movimento oposto à privatização, movimento que leva a religião para fora de sua própria esfera, resultando numa *religião civil* (teorias durkheimianas: Parsons, Bellah e, moderadamente, Luckmann); e o declínio da prática e da crença e a indiferença religiosa (Wilson). Mas, cabe indicar que, durante décadas, o processo da secularização foi considerado irrelevante nos estudos de religião latino-americanos, como se este continente não fosse afetado por ele.

Na última década, o conceito de “secularização” tem sido objeto de importantes revisões. Marramao (1997; também 1995) esclarece que a secularização pode ser

interpretada ora em termos de descristianização (ou seja, de ruptura e profanação modernas dos princípios da *Christianitas*), ora em termos de *dessacralização* (cujo núcleo essencial, ao invés, estaria já presente desde as origens na mensagem cristã de salvação).⁸ (1997:16)

A origem do termo se encontra no próprio Direito Canônico, depois se estende ao campo político-jurídico, e finalmente dessacraliza as categorias do tempo: a doutrina agostiniana dos dois reinos é abandonada, os dualismos de eternidade e século, Além e Mundo, terreno e divino, profano e sacro, são suprimidos, e impõe-se a categoria unitária de história universal, de história-mundo. (cf. MARRAMAO 1997:24) Neste processo, a utopia sacra é secularizada e mundanizada e finalmente abolida; entra no seu lugar a *u-cronia*, a expectativa de um aperfeiçoamento técnico indefinido e ilimitado (cf. MARRAMAO 1997:113)⁹

Um dos poucos estudiosos da religião na América Latina que levou esse conceito a sério, é Pierucci, que retoma Marramao. Para ele, secularização é um rosário de perdas infundáveis da religião:

Trata-se mesmo é de declínio da religião ... pela perda estrutural da posição axial que ela ocupava nas sociedades tradicionais. Ou seja, a religião literalmente perdeu o lugar já na Europa do século XVIII - época da "Grande Transformação" (ou "Grande Profanação", como a chama Daniel Bell) - e desde então sua situação não parou de piorar, ainda que de forma não-linear, vendo-se ela a ter que desfiar um rosário infundável de perdas, resultado da confluência no tempo e no espaço de uma série de processos de longa duração historicamente identificáveis: após a perda de espaço e poder no aparelho de Estado laicizado, que implicou a perda material de uma série de bens e domínios eclesiásticos (cf. Marramao, 1983), vieram a galope a perda de chão ou de raízes na sociedade societalizada e a perda de alcance sobre a pluralização das esferas culturais autonomizadas; e daí, perda de influência no espaço público, perda de força e de autoridade sobre a vida cotidiana, perda de prestígio cultural na vida urbanizada e até mesmo, eu diria, perda de charme. (1997:104)

Mesmo se o processo de secularização como declínio da religião pode ter, visto a curto prazo, lá suas oscilações, isso não o impede de “realizar-se de modo linear e irreversível no

⁸ O segundo conceito de secularização como dessacralização está próximo do conceito de *desencantamento do mundo* de Weber, retomado por Gauchet (1985); também para este, o próprio cristianismo operou boa parte deste desencantamento, na marcha contínua das religiões primitivas, sempre mais complexas, em direção à *saída da religião*.

⁹ Para Hervieu-Léger, as utopias são secularizadas na modernidade, mas mantêm seu vigor (por exemplo, nos acontecimentos do fim dos anos 60). A expectativa de um aperfeiçoamento técnico indefinido e ilimitado, que para Marramao já não é mais utopia, é validada por Hervieu-Léger como tal e está no centro da crise permanente da modernidade – crise esta que está no seu coração, não só consequência da modernidade, mas fator desta.

trecho histórico longo.” (PIERUCCI 1997:111) Igualmente para Bryan Wilson (1976), o processo de secularização como declínio sem volta do significado sociocultural das instituições religiosas tradicionais ou convencionais é uma realidade histórica. Afirmo o autor que a religião “não tem consequências reais para as outras instituições, para a estrutura do poder político, para as *constraints* e os controles tecnológicos”. Para ele, as novas formações religiosas “não acrescentam nada a qualquer reintegração prospectiva da sociedade e não contribuem com nada para a cultura pela qual a sociedade poderia viver.” (1976:96, citado em PIERUCCI 1997:113)

Ao contrário destes autores - e pode se acrescentar a eles, entre outros, Inglehart¹⁰ nos Estados Unidos (1997 e 2004; INGLEHART; BAKER 2000; INGLEHART; NORRIS 2004), Bruce¹¹ (1996 e 2002) na Inglaterra e Pollack¹² (2003 e 2006) na Alemanha -, que entendem a secularização como processo progressivo e a longo prazo linear, “entendida de modo inseparável como processo de redução racional do espaço social da religião e como processo de redução individualista das escolhas religiosas”, e afirmam que a modernidade, vista como racionalmente desencantada, implica em perda religiosa ou expulsão da religião para fora das sociedades modernas. Hervieu-Léger apreende este relacionamento “sob o duplo aspecto da dispersão das crenças e das condutas, por um lado, e da desregulação institucional do religioso, por outro”, por “processos de decomposição e recomposição das crenças que ... encontram sua razão de ser no fato de darem um sentido à experiência subjetiva dos indivíduos.” (1999:17s). Estas crenças, por seu caráter singular, maleável, fluido e disperso, não se resumem nas religiões, entendendo estas como manifestação compacta e concentrada do religioso. Nas sociedades modernas, portanto, o estreitamento da religião a uma esfera diferenciada é acompanhada de uma disseminação do religioso por toda parte.

Este fenômeno religioso é observado por muitos cientistas sociais e da religião. A conferência da Sociedade Internacional de Cientistas da Religião, que reúne os cientistas sociais da Europa, teve em 2007 como título: “Secularidade e revitalização religiosa”. O termo “revitalização religiosa” é mais amplo, mais ambíguo e atualmente bem mais em uso do

¹⁰ A hipótese de Inglehart diz que a religião e a tradição estão em alta onde a vulnerabilidade é alta; onde o progresso econômico é associado a uma maior segurança social, religião e a tradição começam a entrar em declínio. Acontecimentos como o 11 de setembro podem gerar um aumento religioso temporário, porque gera um sentimento de vulnerabilidade generalizado.- Recentemente, Inglehart acrescentou mais uma variável explicativa: além de fatores econômicos e sociais, também a longa tradição cultural influi sobre o refluxo ou a permanência da tradição e da religião (INGLEHART; BAKER 2000; INGLEHART; WELZEL 2005).

¹¹ O título de um dos últimos livros (2002) já diz tudo: *Deus está morto. Secularização no Ocidente*.

¹² Como Inglehart e Pierucci, Pollack argumenta com o declínio progressivo da religião a longo prazo em países ocidentais com um nível elevado de segurança social. O recente desmonte do Estado do bem-estar não é, porém, acompanhado de um aumento da prática religiosa.

que dessecularização, porque não precisa estar em conflito com a secularização, como já Weber (1922 [2001]) sabia. Igualmente em moda são recentemente comparações da “Europa secularizada” com a “América religiosa” (DAVIE 2002; MOERSCHEL 2006; BERGER et. al 2008). Peter Berger, teórico da secularização (1967), tornou-se defensor da dessecularização (1999) e hoje defende a teoria da “Europa secularizada” com a “América religiosa” (2008)!

A abordagem da religião que Hervieu-Léger propõe, avança a hipótese de que “qualquer crença pode ser objeto de uma formulação religiosa, desde que encontre a sua legitimidade na invocação da autoridade de uma tradição; ... é esta formulação do crer que, como tal, constitui com propriedade a religião.” (1999:23) Esta invocação formal da continuidade da tradição, controlada por um poder que define a memória verdadeira do grupo, permite representar e organizar a filiação reivindicada pelo crente. A linhagem crente, de um lado, legitima a crença e, de outro, identifica o grupo socialmente entre os que pertencem à comunidade e aqueles que não pertencem. Esta definição permite centralizar o estudo do fato religioso “na análise das modalidades específicas segundo as quais se institui, organiza, preserva e reproduz uma ‘cadeia da memória crente’.” (1999:24)

1.1.1 A tradição diante do desafio da modernidade

Já foi visto que o advento da modernidade acelera o tempo social e a velocidade das mudanças, desafiando as tradições que se transmitem em tempo lento. A modernidade chegou ao Brasil com atraso em relação aos países nórdicos. Propõe-se aqui estudar numa primeira parte os efeitos sociais do advento da modernidade, com enfoque na passagem do rural para o urbano e na modernidade urbana, e numa segunda parte suas implicações para a cultura e a religião.

1.1.1.1 A periferia da modernidade urbana do Brasil

A modernidade, e com ela, a urbanização moderna chegam tarde ao Brasil, atrasadas em relação à Europa e à América do Norte. Além disso, se Max Weber celebrava a cidade como comunidade autônoma com direitos políticos especiais próprios¹³, as cidades nascem no Brasil como cidades coloniais, dependendo da coroa, dentro da estrutura do capitalismo agrário, e somente em seguida se tornam cidades comerciais e industriais. As cidades coloniais são cidades litorais (só mais tarde surgem em Minas Gerais as cidades de garimpo) que existem para escoar produtos que vêm do campo, além de reproduzir o poder da coroa:

¹³ Assim no primeiro volume dos *Artigos reunidos a respeito da Sociologia da Religião* (1920 [1986]:291).

Não se havia estabelecido uma verdadeira divisão do trabalho entre campo e cidade ... Nem por isso deixava a cidade colonial de desempenhar um papel essencial na constituição e, depois, na preservação do sistema colonial. Seu papel consistia essencialmente em concentrar e, assim, potenciar a força de persuasão e a força de coerção da metrópole no corpo da sociedade colonial. O instrumento básico da força de persuasão era a Igreja, o da força de coerção os corpos de tropa e a burocracia civil. (SINGER 1979:98)

A segunda época, a emergência do comércio, é marcada pela circulação de riquezas: por uma elite rural que produz excedentes no campo e quer consumir produtos de luxo providos da Coroa. Se o Rio de Janeiro passa de cem mil habitantes já em 1872, São Paulo alcança a metade somente em 1890; na virada do século, São Paulo tem 239.820 habitantes e o Rio de Janeiro praticamente o triplo (691.565 habitantes) (SANTOS 2005:23).

O advento da industrialização marca a terceira época. A partir de então, o Brasil começa mesmo a se urbanizar (na virada do século XIX para o XX, pouco mais de um milhão de pessoa moram na cidade; em 1920, são pouco menos do que 5 milhões; e em 1940, dez milhões). A partir dos anos 50, porém, a velocidade da urbanização torna-se vertiginosa: em 1950, 19 milhões moram nas cidades; em 1960, 32 milhões; em 1970, 53 milhões, e 10 anos depois, 82 milhões para chegar, na década de noventa, aos 120 milhões (SANTOS 2005:32). “Passamos, então, de uma urbanização lenta a uma metropolização acelerada,” diz Passos. (2001:47) Para Singer, (1979:71), a ação conjunta de dois fatores marca a migração do excedente de população para as cidades: “*fatores de estagnação* das forças produtivas no campo” e “*fatores de mudança* das relações de produção.”

Já desde os anos 40, consolida-se em São Paulo o padrão periférico de crescimento urbano. O sistema de transporte baseado no bonde é substituído pelo ônibus, condição *sine qua non* para a periferização dos trabalhadores:

A consolidação do padrão periférico do crescimento urbano foi de grande importância, pois gerou uma solução habitacional – baseada no trinômio loteamento periférico / casa própria / auto-construção – que em São Paulo representou a principal opção de moradia encontrada pelos setores populares até os anos 70. (KOWARICK; BONDUKI 1994:150)

O intenso e incessante fluxo migratório para São Paulo era a base para a urbanização de uma enorme massa de trabalhadores que se submetia a qualquer sacrifício para ter a tão sonhada casa própria.

De outro lado, os loteadores vendiam lotes tipicamente rurais para desempenhar funções estritamente urbanas, especulando com as zonas livres entre a mancha urbana já ocupada e a

área pioneira comercializada, sabendo que essas, com o tempo, iriam se valorizar de forma quase ilimitada.¹⁴

A prefeitura sabia muito bem o que significava a abertura destes loteamentos. Eles não eram “bairros esquecidos”, como se dizia, e nem houve “ausência de planejamento”. O que acontecia era, com as palavras de Kowarick, um “*laissez-faire urbano*.” (1994:147s.155) O poder público investia para viabilizar o processo de acumulação capitalista, mas cedendo ao populismo então vigente, não desprezava totalmente as necessidades dos setores populares, uma das contradições da política urbana daquele período. Adotando medidas populistas, Getúlio Vargas, Ademar Barros (“*podem construir suas casas sem planta que a prefeitura fecha os olhos*”) ¹⁵ e Jânio Quadros concederam alguns benefícios clientelistas, mas faziam, por baixo, o jogo dos loteamentos clandestinos, no chamado “*pacto de classes*” (KOWARICK; BONDUKI 1994:156).

Houve resistência popular, tanto contra os despejos como contra o abandono da periferia: “A ocupação desta periferia foi marcada por uma luta constante a que nenhum loteamento escapou – a luta pelo direito à cidade, pela urbanização destes ‘bairros distantes e esquecidos.’” (BONDUKI 1994:140)

A cidade passa por um processo de segregação sócioespacial. O sistema viário é ampliado, mas favorece o transporte individual. O salário baixa, e o transporte coletivo encarece: o número de pessoas que vão a pé ao trabalho dobra entre 1967 e 1977 e compreende a metade da população pobre (KOWARICK; BONDUKI 1994:160s).

O processo da periferização dos trabalhadores se acelera. Mais da metade dos trabalhadores não usa mão de obra remunerada: são *famílias autoconstrutoras*. Renuncia-se às férias, fazem-se horas extras, trabalha-se no fim de semana para poder construir, com técnicas rudimentares, a casa própria. Esta construção nunca termina, sempre se a está rebocando, ou reparando, ou ampliando algo.

Quem construiu sua casa, se liberou do aluguel e é menos vulnerável em tempos de carestia. Mesmo assim, existe uma espoliação inerente à autoconstrução. Só a consegue quem tem o dinheiro necessário para comprar o lote, saúde e energia necessárias para dobrar a jornada de trabalho, e braços na família para ajudar.

Os moradores de favelas e cortiços, somados com aqueles que habitam em loteamentos clandestinos ou construíram suas casas de maneira ilegal do ponto

¹⁴ Hoje parece ser possível este padrão de ocupação no caso da Cidade Tiradentes.

¹⁵ Citado em Kowarick e Bonduki (1994:151). Conforme os autores, é o “depoimento de um morador que construiu sua casa no fim dos anos 40” (1994:175, nota 6).

de vista da legislação urbana, constituem a imensa maioria da população de São Paulo. (KOWARICK; BONDUKI 1994:167)

Nestas décadas, as cidades são marcadas, portanto, de um lado por grupos e classes sociais que se mobilizam para conquistar seus direitos, e do outro por amplos processos de vulnerabilidade socioeconômica e civil em curso “que conduzem ao que pode ser designado como *processo de descidadanização*”, processo este que continuará na década seguinte. (KOWARICK 2002:30)

A década dos anos 90¹⁶ apresenta um saldo econômico negativo, a expansão da precarização e do desemprego e o enfraquecimento da fronteira entre emprego e desemprego. No ano 1999, 39% da população metropolitana (ou 6,4 milhões de indivíduos) são pobres, e as famílias com renda *per capita* inferior a meio salário mínimo pula, de 1995 a 2003, de 8,8 para 14%. Apesar disso, vários indicadores sociais, como escolaridade e saúde e condições habitacionais em geral melhoram, persistindo localidades com condições extremamente precárias e piorando apenas os índices de violência. A violência crescente é responsável pelo fato de que, apesar das melhorias materiais, a percepção dominante em dadas regiões da metrópole seja de degradação. Dois atores responsáveis pelo fato de que, na década dos anos 80, que também já apresentou o paradoxo de piora de indicadores econômicos simultaneamente a melhora de indicadores sociais, entram em pleno recesso: os movimentos sociais recuam, e o Estado corta recursos orçamentários. Em geral, os salários se elevam, mas no interior deste quadro, as desigualdades de renda aumentam. (cf. MARQUES et. al 2005). Percebe-se como dinâmica social que as áreas nas quais os índices pioram, são aquelas com elevado crescimento demográfico, associado à migração nordestina que traz negros e pardos, áreas descritas por Torres como "fronteira urbana" (TORRES 2005).

"A existência de intensa segregação exerce particular influência sobre a situação social dos grupos mais pobres que habitam a cidade, ao isolá-los dos circuitos sociais e econômicos mais amplos, reduzindo significativamente as possibilidades de interação e mobilidade

¹⁶ Ao entrar em outra década, deve-se registrar que a própria perspectiva dos estudos do espaço metropolitano muda: se as análises dos anos 70 tinham como categoria analítica central o trabalho, em especial o trabalho informal, e pressupunha-se que os mecanismos que produziam o espaço metropolitano geravam áreas homogêneas de pobreza: a grande e precária periferia.- De fato, porém, constata-se uma crescente heterogeneização da pobreza e maior complexidade do espaço urbano. Já em 2002, Marques e Bitar encontram “um tecido social no espaço metropolitano muito mais complexo e fragmentado do que se considera comumente a literatura” (2002:131), Torres e Gomes (2002) descobrem padrões especiais na desigualdade educacional e Schattan e Pedroso (2002) constam um “acesso privilegiado dos estratos socioeconômicos mais favorecidos aos serviços públicos de saúde” por causa da distribuição espacial destes no município de São Paulo. As análises atuais consideram o território como uma dimensão decisiva e procuram entender os processos que (re-)produzem as condições de pobreza no espaço. (cf. MARQUES; TORRES 2005)- Não encontrei uma releitura das décadas passadas a partir desta perspectiva.

social." (MARQUES; TORRES 2005:11) Nas diferentes localidades se configuram diferentes "estruturas de oportunidades". A maior ou menor possibilidade de produzir trajetórias de mobilidade social é produzida pela combinação das características sociais locais, das dinâmicas da segregação e das redes sociais entre lugares, o que exige uma análise detalhada dos conteúdos sociais dos vários espaços da cidade, cruzando indicadores sociais, formas de ocupação do espaço urbano, indicadores de acesso a políticas públicas, e resultados em termos de condições de vida.

A segregação residencial cresceu na última década, e é preciso levantar a sua distribuição e entender como opera sua dinâmica, refletindo sobre as causas e os significados deste processo, além de levantar os diversos atores que constroem e reconstroem o espaço urbano. Um dos principais agentes no processo de combate à segregação deveria ser o Estado. No enfraquecimento de sua ação, ou na sua ausência, grupos sociais podem exercer o seu papel? Há nos estudiosos da periferia certo entusiasmo sobre a eficácia de diversos associativismos, entre estes o religioso, que podem cumprir esta função.¹⁷ Há indícios de que, diante da corrosão das formas de incorporação social via mercado de trabalho e políticas sociais do Estado, dinâmicas societárias possam ser fontes de inclusão social, constituindo as religiosas um canal particularmente eficaz para atenuar riscos de exclusão total. (cf. LAVALLE; CASTELLO 2004). O presente estudo se propõe investigar o alcance e os limites das dinâmicas societárias religiosas como via de inclusão social numa área de alta vulnerabilidade social para o caso do associativismo religioso da Congregação Cristã no Brasil.

1.1.1.2 Os efeitos da modernidade na tradição religiosa

Nesta parte, apresento a teoria de Hervieu-Léger a respeito dos efeitos da modernidade sobre a tradição religiosa. A socióloga tece as suas reflexões a partir da realidade europeia, especificamente do contexto contemporâneo da França. Por isso, tenciono sua teoria com a modernidade urbana na periferia do Brasil acima elaborada, com a situação religiosa no Brasil, e com dados da pesquisa de campo.

Hervieu-Léger identifica três características da modernidade associadas ao apagamento social e cultural da religião: em primeiro lugar, o avanço da racionalidade que obriga a

¹⁷ Lavallo (2003) elucida como análises sociológicas dos anos 90 celebravam inicialmente a emergência de novos atores civis autônomos, para depois abandonar concepções tão idealizadas da sociedade civil, dando lugar a leituras mais nuançadas que salientam o potencial de sinergia nas relações Estado-sociedade e discutindo espaços em vez de atores.

adaptar os meios aos fins. Como consequência, no plano das relações sociais, o *status* social é mantido pela competência e não por herança. Apesar do processo da racionalização estar longe de se complementar, ele constitui a referência mobilizadora das sociedades modernas.- A segunda característica da modernidade é a autonomia do sujeito que constrói as significações que dão sentido à sua existência.¹⁸ Libertado da tradição cujo código global de sentido se impõe do exterior a todos, o sujeito moderno funda ele mesmo a história, a verdade, a lei e o sentido dos seus atos.- O terceiro traço da modernidade é a diferenciação das instituições na organização social. Cada uma das distintas esferas funciona conforme uma lógica própria, sem precisar de um fundamento em comum, como era a tutela da tradição religiosa.

Por laicização das sociedades modernas se entende justamente este processo de emancipação da tradição religiosa: a pretensão da religião de reger a sociedade inteira e governar a vida dos indivíduos até nos últimos detalhes se tornou ilegítima. Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa não se impõem, mas o indivíduo opta por (ou contra) elas.

Olhando a história, pode-se dizer que o Estado moderno laico nasce como ponto final das longas e sangrentas guerras civis de religião na Europa: Na Paz de Westphalia, as propriedades religiosas são passadas para mãos seculares laicas que agora irão governar o Estado moderno com soberania “intramundana”, emprestando esta palavra de Weber (cf. Marramao 1994:17). A separação do Estado moderno da igreja faz que aquele saia da tutela desta. O Estado moderno não se preocupa com a salvação dos que a ele pertencem, mas se ocupa dos seus interesses comuns terrenos ou, de novo, “intramundanos”, e não se considera competente para impor qualquer doutrina religiosa.

Bauberot interpreta o processo da laicização francesa baseado em três limiares de laicização. O primeiro limiar é caracterizado pela fragmentação institucional (a religião deixa

¹⁸ A questão da autonomia ou liberdade do sujeito religioso diante da instituição religiosa foi amplamente pesquisada por autores brasileiros e é apontada por eles como tendência da religiosidade moderna brasileira contemporânea. Assim afirma Negrão (2006:53s) para o caso de adeptos do Candomblé: “Estes clientes, contudo, embora apelem para os serviços mágicos e divinatórios, resistem a permanecer sob a autoridade de orixás e pais-de-santo. Preservam sua liberdade frente a eles, a quem buscam somente quando querem ou necessitam. A prática de rituais afrobrasileiros e a crença em seu universo simbólico não conduzem necessariamente à adesão a um de seus grupos.” A vinculação às instituições religiosas e o exclusivismo religioso estão diminuindo. Os sujeitos vivem sua religiosidade “de forma mais transitiva e menos fiel a sistemas únicos.” (ALMEIDA 2004:3; cf. ALMEIDA; MONTEIRO 2001) Para Pierucci, é a própria “forma elementar da modernidade religiosa” que “fábrica, do membro do grupo, um indivíduo” (2006:126) e age como solvente e não como cola, fator de coesão social, como Durkheim pensava.- Não se pode esquecer, porém, que as instituições religiosas, mesmo aquelas que têm fama de não criar comunidades estáveis e duráveis, como a Igreja Universal, criam mecanismos (como correntes de oração, semelhantes às novenas católicas) para criar vínculos mais fortes entre os sujeitos e a instituição.

de ser uma instituição englobante; Estado e sociedade possuem uma consistência além de qualquer referência religiosa), pelo reconhecimento da legitimidade (instituições religiosas se ocupam das necessidades religiosas, e os cultos são reconhecidos), e pela pluralidade de cultos reconhecidos (todos os cultos são juridicamente iguais). O segundo umbral, datado entre 1880 e 1905, é marcado pela dissociação institucional (a religião tende a se converter de instituição pública em associação privada), uma ausência de legitimidade social (tornando-se a religião privada, outras instâncias preenchem o vácuo deixado como instância de socialização), e a liberdade de consciência e de culto é reconhecida como liberdade pública. O terceiro limiar traz como marca um processo de desinstitucionalização (as próprias instituições laicas, portadoras de utopias seculares, e que limitaram e desestabilizaram as instituições religiosas, são afetadas pelo declínio das instituições), a crise da moral (perda de referências), e uma nova situação pluralista frente aos problemas de mundialização e globalização (o simbólico se desterritorializa e as próprias fronteiras entre o religioso e o não religioso que a modernidade construiu, se desestruturam. (2005:11s)

Influenciado pelo pensamento francês, o Decreto n. 119^a, de 7 de janeiro de 1890, de autoria de Rui Barbosa, separou a Igreja Católica do Estado, extinguiu o padroado, proibiu os órgãos e autoridades públicos de expedir leis, regulamentos ou atos administrativos que estabelecessem religião ou a vedassem e instituiu plena liberdade de culto e religião para os indivíduos e todas as confissões, igrejas e agremiações religiosas.

Inscritas na Constituição de 1891, a separação da Igreja Católica do Estado e a instituição da plena liberdade religiosa e de culto para todos os indivíduos e credos religiosos propiciaram, no decorrer do século XX, a ascensão de um mercado aberto no campo religioso brasileiro. Isto é, a laicização do Estado brasileiro possibilitou a dilatação do pluralismo religioso, ou o ingresso, a criação e a expansão de novas religiões, e, com isso, deu ensejo à efetivação da livre concorrência entre os diferentes agentes e instituições religiosas. Ao resultar em liberdade, diversificação e competição religiosas, a separação entre Igreja Católica e Estado permitiu o ingresso e a formação de novos grupos religiosos, concedeu plena liberdade à maioria das associações religiosas e, com isso, não só permitiu a constituição de um verdadeiro mercado religioso em solo nacional como abriu passagem para que, no limite, a hegemonia do catolicismo viesse futuramente a ser posta em xeque pela eficiência do proselitismo dos concorrentes. Influenciada pelo liberalismo da Constituição norte-americana, a Constituição brasileira de 1891 manteve as resoluções do decreto 119A, que tornou laico o recém-criado Estado republicano, desvinculando-o legalmente da Igreja Católica. (MARIANO 2002)

Na realidade, as coisas não eram bem assim. “Em nosso regime de 'separação' pululavam os vínculos, compromissos, contatos, cumplicidades entre autoridades e aparatos

estatais e representantes e instituições católicas”, afirma Giumbelli (2000:155; cf. também MICELI 1988 e PIERUCCI 1990), e Della Cava (1975:10) escreve:

Com exceção do período da República Velha (1889/1930), o Estado brasileiro - a despeito de sua ideologia - aceitou esse arranjo [a manutenção do catolicismo como religião oficial] e garantiu à Igreja Católica Romana um conjunto de privilégios (especialmente em assuntos educacionais e sociais) de que nenhuma instituição brasileira particular, religiosa ou de qualquer outro tipo, gozou.

Este poder da Igreja Católica está desmoronando, porém, em função do seu declínio. O Brasil está se tornando definitiva e religiosamente plural, mesmo se este pluralismo se restrinja a 90% ao interior do cristianismo. No contexto do pluralismo religioso das sociedades modernas, como já vimos, a religião não consegue mais se impor, a religião não se impõe, mas é assunto da escolha individual.

Nos tempos de crise da modernidade, caracterizados pela inadequação duradoura entre a utopia moderna e o espaço esvaziado pelo processo de mudança e sentidos como ameaça e perturbação pelos indivíduos, “os sistemas religiosos tradicionais, formidáveis reservatórios da contestação simbólica contra o *“non-sens”*, reencontram, sob formas novas, um grande poder de atração sobre os indivíduos e sobre a sociedade.” (HERVIEU-LÉGER 1999:41) Mesmo assim, o desenvolvimento dos novos movimentos espirituais, o crescimento das correntes carismáticas e as outras formas de revigoração do religioso não reatam estas às antigas tradições. A modernidade continua minando a credibilidade dos sistemas religiosos e ao mesmo tempo faz surgir novas formas de crença.

Não é, portanto, a indiferença religiosa que caracteriza a modernidade, mas a capacidade diminuída das instituições religiosas de controlar as crenças dos seus fiéis. A tendência à individualização e subjetivação das crenças religiosas continua em pleno vigor. As instituições religiosas, enfraquecidas pela desarticulação entre a crença e a prática dos seus fiéis, não conseguem impedir que estes recomponham seu próprio sistema crente, escolhendo as crenças e práticas que lhes convêm. Como consequência, as crenças não desaparecem, mas multiplicam-se e diversificam-se.

O modo como os sujeitos produzem estas recomposições ou bricolagens depende do seu lugar social, econômico e cultural na sociedade. Enquanto membros das camadas mais favorecidas parecem tender a uma metaforização das crenças tradicionais, indivíduos de camadas desfavorecidas preferem a “dessimbolização” das crenças (HERVIEU-LÉGER 1999:49). Assim, a crença no diabo é disseminada mais entre “pessoas em situação de vulnerabilidade psicológica, mas igualmente de precariedade social extrema, desprovidas

quase sempre de meios econômicos e culturais para enfrentar uma condição que as esmaga”. Condição esta que remete a “um mundo onde não encontram as suas referências, onde experimentam o sentimento de serem dominados por forças que os ultrapassam e sobre as quais não têm qualquer influência”, sentida mais ainda pelo contraste com a promessa, transmitida pela mídia, de um mundo que garante consumo, saúde, bem-estar e a realização de si a todos. (HERVIEU-LÉGER 1999:51)

Esta individualização das crenças pode esvaziar¹⁹ as instituições religiosas que já não mais as controlam, mas não anula a necessidade de expressar esta crença num grupo no qual o indivíduo faz experiência da confirmação das suas crenças pessoais. Assim, o esvaziamento das grandes instituições religiosas pode ser acompanhado por uma “multiplicação das pequenas comunidades fundadas nas afinidades sociais, culturais e espirituais dos seus membros”, comunidades às quais os indivíduos aderem por empenho voluntário e pessoal (HERVIEU-LÉGER 1999:54) A força dos laços entre estas pequenas comunidades e as grandes instituições religiosas, entre as identidades crentes e identidades confessionais, pode variar. As grandes instituições religiosas, na modernidade, estão perdendo plausibilidade e credibilidade não por causa de uma suposta irracionalidade de sua mensagem, mas porque a diferenciação das instituições fragmenta a experiência humana de uma maneira que os códigos globais de sentido que estas instituições propagam perdeu seu pressuposto, a experiência humana como totalidade. Assim Hervieu-Léger pensando o caso da França. Isto não quer dizer, porém, que pequenas comunidades não sejam capazes de fornecer códigos globais de sentido para o grupo dos seus membros, e exatamente isso me parece ser o caso da Congregação Cristã como veremos alhures.²⁰ No nível destes grupos, não há esvaziamento nem perda de plausibilidade da religião. Lembro o que já Weber dizia, na tradução de Pierucci (1997:113s):

O destino do nosso tempo é caracterizado pela racionalização e pela intelectualização e, acima de tudo, pelo "desencantamento do mundo". Precisamente os valores últimos e mais sublimes se retiraram da vida pública e se refugiaram ou no reino transcendente da vida mística ou na fraternidade das relações humanas diretas e pessoais. [...] Nada há de accidental no fato de que, hoje em dia, só nos círculos mais pequenos e íntimos, nas situações humanas

¹⁹ Entendo esta palavra aqui no sentido de um esvaziamento da capacidade controladora da instituição religiosa. Há um esvaziamento no sentido literal na Europa, mas não na América Latina. Os templos enchem na hora do culto, graças a muita propaganda e mídia, carências etc., mas as instituições de fato não controlam as pessoas que estão lá.

²⁰ A Congregação Cristã, com seus hoje provavelmente mais do que três milhões de membros, não é um grupo religioso pequeno. Mas a transmissão da tradição e dos códigos globais de sentido nela embutidos se dirige especificamente à comunidade do culto reunida, e é ela que é mantida coesa (e separada do “mundo” ao qual os códigos de sentido transmitidos não se dirigem).

personais, em pianissimo, é que pulsa algo que corresponde ao pneuma profético que nos tempos passados abrasava grandes comunidades e as mantinha coesas (Weber 1922 [2001]:612).

Neste contexto do enfraquecimento das instituições religiosas e da simultânea disseminação das crenças, a questão da transmissão religiosa condensa todos os aspectos do devir das religiões históricas na modernidade, por ser a condição da sua sobrevivência no tempo.

Como já foi visto, mesmo em sociedades tradicionais, a transmissão de geração em geração garante continuidade, mas não significa imutabilidade: “em todas as sociedades, a continuidade assegura-se sempre na e pela mudança.” (HERVIEU-LÉGER 1999:62)²¹ Nas sociedades modernas, há verdadeiras fraturas culturais entre uma geração e outra, levando a novos arranjos globais das referências coletivas, rupturas de memória e reorganização dos valores, de maneira que “a organização e a representação da continuidade das gerações encontram-se radicalmente transformadas.” (HERVIEU-LÉGER 1999:63) A religião à escolha gira em torno da experiência pessoal, e não mais em torno da conformidade com as verdades religiosas guardadas e garantidas por uma instituição, comprometendo a continuidade da memória que a funda. Para mobilizar a memória religiosa coletiva, esta precisa ser permanentemente reelaborada, de tal modo que o passado inaugurado pelo evento histórico da fundação possa ser apreendido, a todo momento, como uma totalidade de sentido. Na medida em que toda significação da experiência do presente está supostamente contida (pelo menos potencialmente) no evento fundador, o passado é constituído simbolicamente como uma referência imutável. Em relação constante com este passado, os crentes se constituem num grupo “religioso”, por sustentar e manter a crença na continuidade de uma linhagem de crentes, ao preço de um trabalho de rememoração que é assim uma reinterpretação permanente da tradição em função das questões do presente. Esta elaboração contínua da identidade religiosa se efetua, por excelência, no ritual. (HERVIEU-LÉGER 1999:66)

A modernidade quebrou justamente a obrigatoriedade desta memória da tradição, e sua transmissão ocorre não simplesmente numa continuidade que opera mudanças, mas numa sociedade que vive sob o imperativo da mudança e que se torna cada vez mais incapaz de pensar a sua própria continuidade e inventar seu futuro, seja sob a forma da repetição tradicional, seja sob a da utopia. A instituição religiosa faz seu trabalho de memória no

²¹ Sem citá-lo, a autora se apóia no pensamento de Halbwachs. Para este, a igreja consegue esconder a mudança por se apresentar como uma instituição permanente e se colocar fora do tempo, apresentando as verdades cristãs como históricas e eternas simultaneamente, como veremos mais abaixo.

contexto de uma sociedade incapaz “de fazer viver uma memória coletiva portadora de sentido para o presente e de orientações para o futuro”. (HERVIEU-LÉGER 1999:68)

Para analisar as informações levantadas pela observação e pelas entrevistas, aproveito elementos da hipótese de Hervieu-Léger sobre o lugar da religião na modernidade contemporânea. Para ela os processos de identificação religiosa passam pela combinação de quatro dimensões típicas da identificação: são estas as dimensões comunitária, ética, cultural e emocional. A dimensão comunitária concerne ao conjunto das marcas sociais e simbólicas do grupo religioso, que permitem distinguir os que pertencem ao grupo dos que não pertencem a ele: as obrigações e práticas formais.- A dimensão ética diz respeito à aceitação pelo indivíduo dos valores implicados na mensagem da tradição particular. Estes valores costumam ter caráter universal, e frequentemente acabam se dissociando da própria tradição particular como lugar de sua origem.- A dimensão cultural se refere “ao conjunto dos elementos cognitivos, simbólicos e práticos que constituem o patrimônio de uma tradição particular: a doutrina, os livros, os saberes e suas interpretações, as práticas e códigos rituais.” (HERVIEU-LÉGER 1999:73) Apesar de constituir o enraizamento da tradição religiosa particular numa tradição de longa duração, a dimensão cultural, como a ética, pode se dissociar daquela como lugar de origem e ser apropriada pelo indivíduo sem qualquer referência a ela.- A dimensão emocional, finalmente, concerne à experiência afetiva associada à identificação, e compreende aquele sentimento de fusão das consciências que Durkheim considerou o impulso primeiro e fundador da experiência religiosa. A novidade, nas sociedades modernas, é a dissociação desta experiência emocional da pertença comunitária que a reativa ciclicamente nas festas religiosas.

Graficamente, estas quatro dimensões da identificação religiosa podem ser representadas da seguinte maneira (HERVIEU-LÉGER 1999:78):

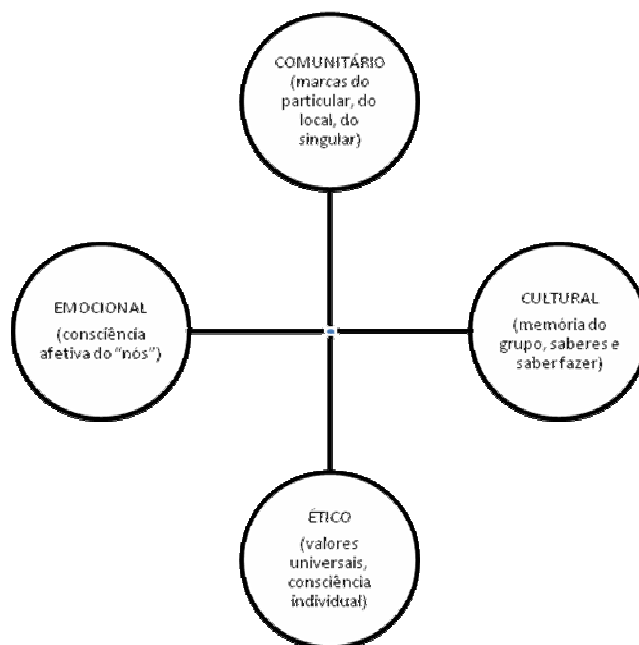


Gráfico 1.1: As quatro dimensões da identificação religiosa

Nas diversas modalidades pentecostais de crer, o equilíbrio entre estes quatro polos pode estar em pontos diferentes. Pressuponho que, enquanto a maioria das modalidades pentecostais de crer se agrega próxima dos polos emocional e comunitário (e algumas quase exclusivamente), o ponto de equilíbrio da Congregação se desloca em direção dos polos ético e cultural sem, evidentemente, negligenciar os outros dois polos.

Só se pode falar de uma identificação com uma tradição religiosa particular, quando o ou a fiel aceita, na construção de sua identidade sócio-religiosa, as condições de identidade comunitária, cultural, ética e emocional fixadas pela instituição religiosa que se apresenta como seu garante.²² É tarefa e razão de ser da instituição religiosa articular e manter o equilíbrio entre estas dimensões que têm uma certa tensão entre si: tensão entre a singularidade identitária da comunidade e a universalidade ética da mensagem, e tensão entre a experiência imediata emocional e a continuidade legitimadora de uma tradição cultural. A instituição religiosa opera isto em primeiro lugar pelo rito, cuja função é “ligar a emoção coletiva que o ajuntamento comunitário suscita à evocação controlada da cadeia de memória que justifica justamente a existência da comunidade” (HERVIEU-LÉGER 1999:77), associando a experiência “quente” do sentimento afetivo do nós à anamnésia do tempo fundador da linhagem. O esforço de regulamento e equilíbrio da instituição religiosa vai

²² Em decorrência da perda da força reguladora da instituição religiosa, esta aceitação não será mais um ato de pura obediência, mas resultado da habilidade da instituição para conseguir esta obediência.

justamente contra a dissociação centrífuga dos polos que, se autonomizando, constituem pontos de “saída da religião”.

Na trajetória de identificação religiosa dos sujeitos, ao contrário, cada um destes polos pode significar a porta de entrada a partir da qual se integra num grupo religioso, muitas vezes preservando elementos da identidade que abandonou ou da qual nunca tomou realmente posse. Estas trajetórias individuais não se diversificam até o infinito, mas “inscrevem-se em lógicas que correspondem às diferentes combinações possíveis das dimensões da identidade religiosa, combinações que desenham, no próprio seio de cada tradição, uma constelação de identidades religiosas possíveis.” (HERVIEU-LÉGER 1999:81) Assim, o quadro das quatro dimensões da identificação religiosa permite seis eixos de identificação possíveis, sempre articulados a partir de duas dimensões: comunitário – cultural; cultural – ético; ético – emocional; emocional – comunitário; comunitário – ético e emocional – cultural.

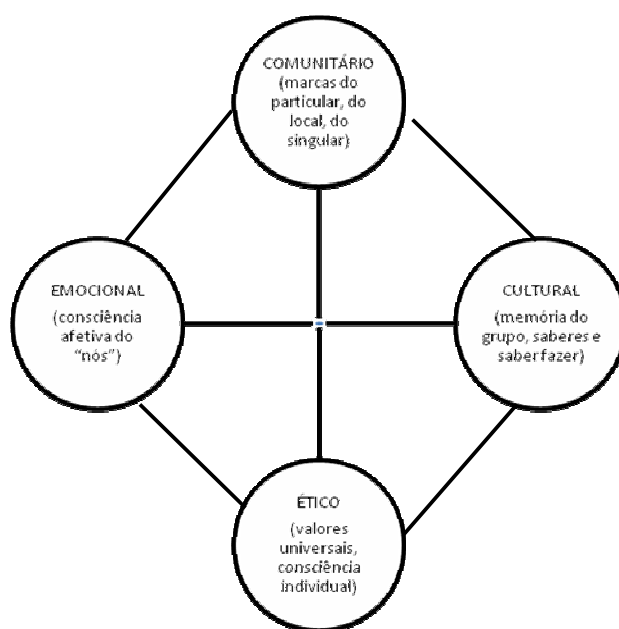


Gráfico 1.2: Os seis eixos de identificação religiosa

1.1.2 O rito como dispositivo de reprodução institucional por excelência

Foi visto acima que a elaboração contínua da identidade religiosa se efetua, por excelência, no ritual. O ritual religioso é lugar da reprodução institucional da religião, lugar no qual se processa a elaboração de sua cadeia de memória e acontece a transmissão institucional religiosa – processos pelos quais a própria religião se constitui. Para satisfazer os quatro polos da identificação religiosa, a instituição deve balancear, no rito, o espaço livre e o

enquadramento simultâneo, a personalização e a universalização. O rito constitui sempre o vetor privilegiado da regulação religiosa da experiência peregrina. Formas específicas do rito devem permitir simultaneamente transcender emocionalmente a extrema diversidade dos participantes e enraizar essa diversidade numa tradição crente comum, juntar a formação do “nós” à identificação eventual à linhagem crente cristã, ancorar os efeitos emocionais imediatos produzidos pelo ajuntamento na continuidade de uma longa duração religiosa.

O rito é o dispositivo de reprodução institucional por excelência porque é nele que se transmite a especificidade da memória religiosa. A especificidade da memória religiosa é, sem dúvida, sua dupla perspectiva histórica e transistórica. Halbwachs pergunta:

Todas as gerações cristãs participaram desde então da tradição destes acontecimentos. Assim, toda substância do cristianismo consiste, desde que o Cristo não se mostrou mais na terra, na memória da sua vida e do seu ensinamento. Mas como se explica que a religião cristã, voltada inteiramente para o passado (e isso vale, por sinal, para toda religião) se apresenta como uma instituição permanente, e que ela pretende se colocar fora do tempo, e que as verdades cristãs podem ser ao mesmo tempo históricas e eternas? (1994:188)

Esta dupla condição histórica e eterna da memória da igreja se revela nos seus ritos que asseguram simultaneamente a continuidade da cena original e a verdade eterna pelo perpétuo retorno ao passado a partir do presente. Ao mesmo tempo, a proposição de ser fixada de uma vez por todas é o distintivo da memória religiosa diante das memórias emergentes de outros grupos que precisam se arranjar: ou estas se adaptam, ou são desqualificadas como inferiores por sua instabilidade.

A memória da igreja é assegurada por duas correntes: uma corrente dogmática e uma corrente mística, a primeira ocupando o polo racional e a segunda o polo afetivo. Para Halbwachs, o clero assegura a memória pelo dogma do qual é o garante, afirmando que se pode entender o ensinamento do passado ainda hoje, e apoiando-se na tradição teológica. Sua memória religiosa é uma reconstrução do passado em função do presente do grupo, mesmo que ele não a perceba como uma reconstrução e, pelo contrário, aposte na sua total e invariável continuidade. Os místicos ocupam o polo afetivo da memória e pretendem, utilizando os quadros oficiais da igreja, reviver diretamente seu objeto, reconstruindo o passado em função das suas exigências afetivas.

Enquanto o polo dogmático da igreja, representado pelo clero que se debruça sobre a rememoração e comemoração de um passado longínquo, porém tornado presente pelo rito, absolutiza e monopoliza o passado, a custo de perder o elo com as significações de um presente sempre mais móvel e assim “saindo” da sociedade, o polo místico traz justamente o

desafio das carências de sentido da atualidade para dentro das correntes eclesiais de memória, forçando o polo dogmático à negociação e uma certa abertura da memória religiosa.

Na Congregação Cristã não há clero, como se sabe, mas nas minhas observações de culto percebi muitas vezes o esforço do ancião ou cooperador que estava ministrando o culto, de transmitir as verdades da Congregação, reconstruindo o passado em função do presente do grupo, enquanto membros da Congregação, de olhos fechados e às vezes chorando (mulheres) tentaram reviver diretamente seu objeto, reconstruindo o passado em função das suas exigências afetivas. Isso se confirmou em entrevistas, e voltaremos à questão adiante.

A memória no rito não se faz somente por palavras, mas se inscreve em gestos corporais. Halbwachs não elaborou este aspecto da memória e do rito. Para abordar a memória inscrita em movimentos corporais prescritos, me apoio na noção de técnicas do corpo desenvolvida por Mauss²³ (2003:401-422). O autor entende por essa expressão “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. ... Chamo técnica um ato *tradicional eficaz*. ... Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição.” (2003:401.407) Na Congregação Cristã, conhece-se o novato ou o membro antigo pelo domínio dos movimentos corporais corretos ou técnicas do corpo apropriados para cada momento dado.

1.2 A religião como associativismo voluntário: aspectos da escolha dos sujeitos

Como visto acima, nas sociedades modernas contemporâneas a capacidade das instituições religiosas de regular as crenças dos seus fiéis está enfraquecida. Estes, numa autonomia relativa, constroem a sua identidade religiosa não só a partir da linhagem do sistema de crença à qual pertencem, mas em função dos próprios interesses, disposições e aspirações, construindo sua própria identidade sócio-religiosa a partir de uma *trajetória de identificação*. É hipótese do presente estudo que essa autoconstrução de identidades religiosas recebe influência do contexto social e econômico concreto do lugar onde as pessoas vivem e desenvolvem suas relações. Por isso, dedico um capítulo deste estudo à descrição e análise do local onde se encontram a casa de oração²⁴ da Congregação Cristã e a comunidade em

²³ O texto original em francês, *Técnicas do corpo*, foi editado no ano 1935.

²⁴ A expressão “Casa de Oração” é o termo técnico que a Congregação Cristã usa para designar suas igrejas. Assim, no relatório anual, ela lista o número total das casas de oração, seu aumento em relação ao ano anterior, etc. Com este termo “Casa de Oração”, a Congregação Cristã mantém uma das mais antigas expressões do espaço litúrgico protestante, que remete mesmo aos inícios do protestantismo no país. Hahn (1985:20) lembra

situação de alta vulnerabilidade social pesquisadas. Pela mesma razão, a identidade social da pessoa será construída a partir de uma antropologia e sociologia relacional, como veremos adiante. Nem Hervieu-Léger nem os teóricos clássicos da identidade elaboram o processo de construção da identidade a partir das condições de alta vulnerabilidade social. Espero que o presente estudo consiga fornecer elementos para avançar a teoria para populações que vivem nestas condições.- Cada indivíduo, vivendo “no ponto de encontro de várias correntes de pensamento coletivo que se cruzam em nós” (Halbwachs 1997:90),²⁵ pertence a diversos grupos e participa assim de diversas memórias coletivas. Por isso, este estudo se propõe levantar as condições objetivas (institucionais, sociais, econômicas, políticas e culturais) de membros de uma igreja da religião estudada que está situada em região de alta vulnerabilidade social, e levantar os percursos de identificação destes membros através de observação participante e entrevistas em profundidade.

Nas entrevistas, tentei levantar as diversas trajetórias de identificação religiosa de fiéis da religião estudada. Deve ser lembrado que a trajetória construída na entrevista não representa necessariamente o caminho historicamente percorrido de fato, mas a memória que a pessoa entrevistada dele faz a partir do momento presente. As condições sociais e culturais da atualidade, do momento presente, (im)possibilitam a mobilização da memória, tanto individual como coletiva. Memória é trabalho, “todo este trabalho do espírito, que é preciso para a memória” (Halbwachs 1994:35)²⁶, e no qual “é preciso que nossas lembranças sejam compatíveis com estes dados que possuem uma importância social” (Halbwachs 1994:34).

O esforço da memória pressupõe, de fato, um agir ao mesmo tempo construtivo e racional do espírito; ... ela é exercida somente num ambiente natural e socialmente ordenado, coerente, cujo plano de conjunto e grandes linhas conhecemos a cada instante. ... Cada lembrança, por mais pessoal que seja, mesmo de acontecimentos que somente nós testemunhamos, e mesmo de pensamentos e sentimentos que nunca expressamos, está relacionado a um conjunto de noções que, além de nós, muitos outros possuem, com pessoas, grupos, locais, datas, palavras, formas de linguagem, também com reflexões e idéias, ou seja, com toda a vida material e espiritual dos grupos aos quais pertencemos ou já pertencíamos. (Halbwachs 1994:38).

que “o dr. Kalley só obteve inicialmente permissão para a celebração de cultos domésticos aos domingos em casas particulares e casas de oração.” Igualmente, Mendonça (1985:52) deduz que “as salas de culto nas casas de família evoluíram para Casas de oração e templos sem adorno algum interno ou externo” porque, no início, a lei proibiu aos protestantes construir igrejas (fator externo), e posteriormente “os hábitos cristalizaram a aversão do protestante brasileiro por tudo o que é simbólico no culto” (fator interno).

²⁵ *Le mémoire collective* foi editado postumamente em francês no ano de 1950 e reeditado, com um comentário crítico, por Gérard Namer, em 1997. Cito a partir desta reedição de Namer.

²⁶ *Les cadres sociaux de la mémoire* foi editado em francês no ano 1925 e reeditado, por Gérard Namer, em 1994. Cito a partir desta reedição de Namer.

“Uma vez que a lembrança precisa ser reconstruída desta maneira”, enquadramos “o que era no início apenas o esquema vazio de um acontecimento de outrora” (Halbwachs 1994:93) no quadro social: é ele com seu poder normativo que dá legitimidade à memória individual. Não é, porém, a sociedade que determina este trabalho da memória; é o indivíduo que faz o trabalho desta reconstrução, na qual memória individual e memória coletiva interagem.

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (1997:94)

Assim como as relações no grupo são dinâmicas e os seus membros mudam nele de lugar, também as memórias são remanejadas, se desestruturam e reestruturam; e assim como as referências do grupo e seu universo de significações mudam, ajustam-se as memórias e são continuamente recriadas ou tornam-se obsoletas, levando ao esquecimento.

Em algumas entrevistas, os entrevistados descrevem um percurso de procura espiritual que passa por várias religiões ou denominações, até se encontrar na Congregação Cristã e aí se converter. Hervieu-Léger capta estes dois momentos pelas figuras do peregrino e do convertido. A figura do peregrino remete à maneira metafórica da fluidez dos percursos espirituais individuais, percursos que podem organizar-se como trajetórias de identificação religiosa (se houver identificação com uma determinada linhagem religiosa): “Há formação de uma identidade religiosa quando a construção biográfica subjetiva se encontra com a objetividade de uma linhagem crente, que toma corpo numa comunidade na qual o indivíduo se reconhece.” (HERVIEU-LÉGER 1999:99). A religiosidade peregrina se realiza num tipo particular de comportamento, que corresponderia ele próprio a uma forma específica de sociabilidade religiosa, e da seguinte maneira (HERVIEU-LÉGER 1999:100):

Dois modelos opostos de sociabilidade	
Figura do praticante	Figura do peregrino
Prática obrigatória	Prática voluntária
Prática normalizada pela instituição	Prática autônoma
Prática fixa	Prática moldável
Prática comunitária	Prática individual
Prática territorialmente delimitada (estável)	Prática móvel
Prática repetida (ordinária)	Prática excepcional (extraordinária)

Quadro 1.1: Dois modelos opostos de sociabilidade

A distinção fundamental entre os dois tipos, que constituem tipos ideais, é o grau de controle institucional. Conforme a autora, as próprias instituições religiosas inventam as formas de uma “sociabilidade religiosa peregrina”, nas quais a lógica do voluntariado individual²⁷ triunfa sobre a mobilização institucional.

“Se o peregrino pode servir de emblema a uma modernidade religiosa caracterizada pela mobilidade das crenças e das suas pertenças, a figura do convertido é sem dúvida a que oferece a melhor perspectiva para identificar os processos de formação das identidades religiosas nesse contexto de mobilidade.” (HERVIEU-LÉGER 1999:119) Para Hervieu-Léger, o anonimato urbano, a deslocação das comunidades naturais de pertença, geram a necessidade de adesão a grupos religiosos intensivos que oferecem aos seus adeptos a segurança de códigos de sentido “formatados”: “A conversão, apresentada pelos indivíduos como a experiência mais íntima e mais privada, é um ato social e socialmente determinado, cuja lógica depende tanto das disposições sociais e culturais dos convertidos quanto dos seus interesses e aspirações.” (HERVIEU-LÉGER 1999:120)

Pode se pressupor que o anonimato urbano não é tanto na periferia do Brasil como na França, e pode-se questionar se existe de fato, nas periferias de São Paulo, a atomização individualista das relações sociais, ou se ela não é atenuada por vivas redes informais de associativismo, como redes de vizinhança, redes de parentesco, redes de migrantes, redes de autoconstrução, formas comunitárias de lazer na rua, etc. Além disso, veremos no segundo capítulo, sobre padrões de migração, que poucos migrantes chegam sozinhos a São Paulo, caindo no anonimato urbano: quando chegam, uma rede de parentes, amigos ou conterrâneos já está à sua espera.

Há três figuras do convertido: aquele que abraça voluntariamente uma religião nova, ou 1) porque abandonou a religião anterior, ou 2) porque nunca pertenceu a qualquer tradição religiosa, e 3) aquele que (re)descobre a sua religião de origem.

²⁷ Tenho a impressão de que a autora usa a palavra “voluntariado individual” não no sentido como ela é discutida atualmente com frequência no contexto europeu: como doação altruísta de tempo livre e de recursos. Parece-me que Hervieu-Léger pressupõe que muitos indivíduos procuram a experiência religiosa por motivos de autorrealização, felicidade, etc. Em todo caso, eu uso a expressão no sentido com que Weber a empregava nas *Seitas protestantes e o espírito do capitalismo*: num sentido nada altruísta, mas procurando frequentemente credibilidade (literalmente: linhas de crédito financeiro) pelo capital social do prestígio e da fama de honestidade do grupo religioso ao qual se aderiu. O grupo religioso como acesso a uma estrutura de oportunidade, portanto. Com isso não afirmo que as motivações religiosas de moradores da periferia sejam menos religiosas do que de moradores de bairros mais nobres. Afinal, altruísmo dá prestígio, e prestígio pode legitimar a superioridade do capital econômico e cultural. Para moradores de periferia, as estratégias e táticas sejam talvez mais voltadas à pura sobrevivência.

A conversão testemunha a autonomia do sujeito crente, e ao mesmo tempo implica uma reorganização global da vida segundo normas novas e a sua incorporação numa comunidade, constituindo assim “uma modalidade notavelmente eficaz de construção de si num universo onde se impõe a fluidez das identidades plurais e onde já nenhum princípio central organiza a experiência individual e social.” (HERVIEU-LÉGER 1999:130)

Assim, o ingresso numa tradição religiosa para sujeitos que vivem colocados numa situação objetiva de exclusão econômica e social, percebida subjetivamente como desprezo e falta de lugar, levanta a autoestima e dota-os de uma identidade socialmente reconhecida.

A partir de dados de campo colhidos na Europa, a autora distingue dois conjuntos claramente diferenciados de narrativas de conversão:

Dois conjuntos diferenciados de narrativas de conversão	
Última etapa de uma longa vagabundagem	Descoberta da “verdadeira vida”
Ordenação de vida caótica	Acesso ao cumprimento autêntico de si
Articulando dimensões comunitária e emocional	Associando dimensão ética à cultural
Entrada numa família	Conversão é processo individual
Qualificação religiosa mede-se pela intensidade afetiva dos laços entre os seus membros	Relação com escritura mais importante do que laços comunitários
Origem popular; socialmente marginalizados; economicamente excluídos	Origem burguesa de capital cultural e social elevado
Guia de fé ou apoio da comunidade	Autonomia solitária; talvez procura de família

Quadro 1.2: Dois conjuntos diferenciados de narrativas de conversão

A conversão evoca, sob todas as formas, um duplo processo de individualização e de reordenamento da vida pessoal, sendo que o último pode ser um protesto utópico contra a desordem do mundo. “Esta dimensão contestatória da conversão nutre a aspiração utópica à entrada, simbólica e efetiva, numa comunidade ideal que se opõe à sociedade envolvente.” (HERVIEU-LÉGER 1999:140) Esta tese pode ser problematizada para o caso das periferias urbanas brasileiras, uma vez que aparentemente para o morador da favela essa diferença entre o caos da vida e a comunidade ideal não é tão forte assim: Com exceção da Congregação Cristã, os cultos pentecostais são tão “caóticos” na sua forma quanto a realidade da favela. Ao que parece, ambas as coisas combinam bem.²⁸

1.2.1 As comunidades religiosas da periferia versus o reinado do individualismo

Dentro das modalidades pentecostais de crer, o rito da Congregação Cristã é um dos mais elaborados que encontramos no campo pentecostal. Com raízes calvinistas e ao mesmo tempo pentecostais, encontramos no culto da Congregação Cristã, de maneira simultânea e

²⁸ Agradeço esta observação ao meu orientador, prof. Paulo Barrera Rivera.

paradoxal, indícios de uma vida racional e metódica que almeja a salvação da alma (nos hinos e na pregação) como expressões emocionais (nos momentos de oração e dos testemunhos). Por isso, a oposição que Hervieu-Léger constrói entre a religião do ritual e a religião da interioridade, nas duas modalidades mística e ética, não me parece condizente com o culto da Congregação Cristã. A autora lembra que o individualismo religioso precede em muitos séculos o individualismo moderno: há místicos desde o século III, como Plotino, se bem que eram casos excepcionais: assim, não há como falar em individualismo, como prática comum. Da mesma maneira, se opõe o carisma místico (do pequeno número de virtuosos) à conformação racional e metódica da vida do indivíduo que via ética se constitui como sujeito crente; especialmente no calvinismo, de maneira radicalmente individual, o crente encontra-se confrontado com a questão da sua própria salvação.

Qual a relação entre individualismo religioso e individualismo moderno: há de fato uma “afinidade eletiva” na qual o primeiro precede o segundo, como disse Weber? Ou é o primeiro uma conquista do segundo?

De fato, o individualismo religioso separa-se do individualismo moderno pelo menos em dois pontos: a autonomia total do indivíduo moderno está em oposição à entrega de si a Deus que o sujeito religioso opera, assim como a autonomia moderna das realidades mundanas está em oposição à desvalorização do mundano, visto pela religião como obstáculo à união com o Divino. Isso vale mesmo para a ética intramundana da Reforma:

O individualismo calvinista nega a autonomia do indivíduo. ... A espiritualidade luterana e calvinista permanece inscrita, o essencial, numa lógica de afirmação negativa do indivíduo, característica do individualismo religioso pré-moderno. ... O que caracteriza o cenário religioso contemporâneo não é o individualismo religioso enquanto tal; é a absorção deste último no individualismo moderno. (HERVIEU-LÉGER 1999:161s).

Esta mutação moderna do individualismo religioso é melhor identificável no conjunto de grupos e redes espirituais que compõem a “nebulosa místico-esotérica”. A pesquisa de campo indica que a Congregação Cristã traz como marca ainda uma forte presença de elementos calvinistas. Muitos fiéis desejam aderir a uma verdade existente fora de si, e ao mesmo tempo experimentá-la como sua própria verdade. As duas características principais que, conforme a autora, marcam o individualismo religioso moderno: a valorização do mundo e a autonomia do sujeito crente, têm, ao meu ver, uma presença limitada na Congregação Cristã.

Levada ao extremo, a expansão da espiritualidade moderna do indivíduo leva a uma atomização total das procuras espirituais individuais, a uma “decomposição sem

recomposição”, mas somente no caso-limite de um regime de autovalidação do crer. Na maioria dos casos, os crentes, porém, efetuam uma recomposição do crer que querem validar mutuamente (em grupos e redes), uma vez que os “dispositivos da validação institucional funcionam hoje em dia de maneira caótica.” (HERVIEU-LÉGER 1999:180) Neste sentido, a espiritualidade da Congregação Cristã é mais tradicional do que moderna.

A autora distingue quatro modelos de validação do crer: autovalidação, validação mútua (grupos e redes), validação comunitária (modelo dos “militantes” e monástico) e regime institucional da validação do crer (liderado por autoridades religiosas reconhecidas), resumidos na tabela seguinte (HERVIEU-LÉGER 1999:187):

Quatro modelos de validação do crer		
<i>Regime de validação</i>	<i>Instância de validação</i>	<i>Critério de validação</i>
Institucional	A autoridade institucional qualificada	A conformidade
Comunitário	O grupo como tal	A coerência
Mútuo	O outro	A autenticidade
Autovalidação	O próprio indivíduo	A certeza subjetiva

Quadro 1.3: Quatro modelos de validação do crer

Há ainda um outro dispositivo de validação: o profeta que encontra na comunidade emocional dos discípulos a confirmação de sua eleição carismática. A validação carismática atravessa os regimes acima citados.

Acredito que não é possível reduzir, na Congregação Cristã, as modalidades de validar o crer a apenas um dos quatro modelos. A pesquisa de campo indica que, na Congregação Cristã, os quatro modelos de validação do crer engrenam um no outro, sem formar oposições. Para falar em termos halbwichsianos: A memória religiosa individual é um ponto de vista da memória coletiva; aquela se refere a esta e não se opõe a ela. A certeza subjetiva, ou a validação mútua nas conversas entre fiéis da Congregação, se inserem na memória coletiva do grupo e da instituição e ganham sua legitimidade justamente por fazer parte dela e por se orientar nela.

A autora prefere os critérios de validação à distinção entre igreja e seita, porque esta reúne “duas séries de traços distintivos: por um lado, características relativas à organização dos grupos (dimensão, condições de pertença, estrutura do poder, grau de permeabilidade ao meio social, político e cultural, etc.); por outro, elementos que comprometem o próprio conteúdo da crença (concepções do papel da Igreja na economia da salvação, teologia dos sacramentos, relação com o mundo, etc.).” (HERVIEU-LÉGER 1999:194)

Conforme a autora, a crise da tradição religiosa, provocada pelo advento da modernidade, vai muito mais longe do que a perda da influência das igrejas na sociedade. Ela compromete a relação dos indivíduos crentes com a própria igreja. É a legitimidade da

autoridade religiosa que se encontra atingida no seu próprio fundamento. Por isso, as instituições religiosas devem conciliar-se, no seu interior, com a invasão de um regime da validação mútua do crer que dissolve os dispositivos tradicionais da validação institucional, e ao mesmo tempo enfrentar a pluralização de pequenos regimes da validação comunitária que levantam muros de ortodoxia que eles mesmos definem (pequenos universos de certezas). Estes regimes estão em tensão e tendem a ativar-se um ao outro; é tarefa da instituição regulá-los. Ambos os regimes desafiam a validação institucional como conjunto dos crentes passados, presentes e futuros que constitui a “comunidade autêntica.”

Como já dito, estas dinâmicas se fazem presente na Congregação Cristã apenas de maneira limitada. Nela, o regime de validação mútua não dissolve os dispositivos tradicionais da validação institucional, mas, frequentemente (porém, com exceções que serão vistas e discutidas) se acomoda a elas e as confirma.

Assim, a instituição religiosa está diante de dois imperativos contraditórios: de um lado, alimentar um consenso teológico e ético mínimo, e de outro, manter um modelo suficientemente forte de verdade partilhada.

1.3 Conceitos de uma antropologia e sociologia relacionais

Este estudo se propõe analisar a realidade social a partir de conceitos de uma antropologia e sociologia relacionais, elaboradas por Emirbayer (1997). A sociologia relacional não concebe o mundo social em termos de substância ou coisas estáticas, mas como processos e relações dinâmicas que se desdobram. Enquanto as teorias em torno do ator racional²⁹ e as análises estatísticas de variáveis pressupõem que a entidade (seja ela um

²⁹ Um dos pensadores clássicos da ação racional é Weber. Ele fala de “ações específicas de pessoas *individuais*, pois só estas são portadoras compreensíveis para nós de ações orientadas por um sentido.” Weber afirma que não existe personalidade coletiva para a sociologia: Quando fala de Estado, nação, família, “refere-se *meramente* a determinado curso da ação social de indivíduos, efetivo ou construído como possível.” (1991:9; destaques no original) Crítica Elias (1978:116s): “Max Weber ... nos seus esforços de clarear as categorias básicas da sociologia, nunca conseguiu resolver o problema da relação entre os dois objetos basicamente isolados e estáticos, aparentemente indicados pelos conceitos do indivíduo e da sociedade. Weber acreditou axiomáticamente no ‘indivíduo absoluto’ ... como realidade social verdadeira. ... Dado este uso prescritivo, estático e isolador destes dois conceitos, o problema não tinha solução.”- Acredito que esta leitura de Weber não é a única possível. É verdade que Weber associa repetidas vezes a ação racional ao indivíduo e afirma que ela, enquanto ação intramundana, é sempre atrelada a condições mundanas hostis à fraternidade. Do outro lado, ele distingue a “relação comunitária” ou o comunitarismo em que a atitude na ação social “repousa no *sentimento* subjetivo”, da “relação associativa” ou do associativismo em que a atitude na ação social “repousa num *ajuste* ou numa *união* de interesses racionalmente motivados (com referência a valores ou fins)”. (1991:25) Os conceitos me parecem ambíguos e pouco claros em Weber, e justamente por isso considero difícil afirmar que “Weber acreditou axiomáticamente no ‘indivíduo absoluto’”, como Elias insiste com tanta firmeza. Assim, Bourdieu (a quem Elias evidentemente não conhecia) elabora, a partir de categorias weberianas, uma sociologia que pode ser

indivíduo, um grupo ou uma nação) vem em primeiro lugar, relegando as relações entre elas a um segundo plano, a sociologia relacional retrata a realidade social em termos dinâmicos e processuais. A diferença é entre uma visão substancialista ou relacional do mundo social. Elias (1978) mostra como o pensamento substancialista está profundamente enraizado na gramática das línguas ocidentais:

Nossas línguas são construídas de uma maneira que nós podemos frequentemente expressar um movimento constante ou uma mudança constante somente em maneiras que implicam que é o caráter de um objeto isolado em descanso e então, quase como pensamento em acréscimo, adicionar um verbo que expressa o fato que agora a coisa com este caráter está mudando. Por exemplo, olhando um rio, vemos o fluxo perpétuo da água. Para captá-lo conceitualmente e comunicá-lo aos outros, nós não pensamos e dizemos: “Veja o fluxo perpétuo da água”; dizemos: “Veja como o rio está correndo rapidamente.” Dizemos: “O vento está soprando”, como se o vento fosse uma coisa que está em descanso e, num dado momento, começa a mover-se e soprar. Falamos como se pudesse existir vento que não sopra. Esta redução de processos a condições estáticas, que nós chamamos simplificando “redução de processo”, parece autoexplicativa para pessoas que cresceram em tais línguas. (Elias 1978: 111s)

Da mesma maneira, a teoria da escolha racional (*Rational-choice theory*) pressupõe que a unidade elementar da vida social é a ação humana individual.³⁰ Nesta visão, são entidades duráveis e coerentes que constituem os pontos de partida legítimos de toda pesquisa sociológica. Estas entidades passam por interações, mas estas não as transformam ou mudam. Na sociologia relacional, ao contrário,

os próprios termos, ou as unidades, envolvidos numa transação, derivam seu sentido, seu significado e sua identidade dos papéis funcionais – sempre em mudança – que exercem na transação. Esta, vista como processo dinâmico que se desdobra, torna-se a primeira unidade de análise, mais do que os próprios elementos constitutivos.³¹ (EMIRBAYER 1997:287)

chamada de *relacional*.- Considero que os teóricos da escolha racional, sim, radicalizaram em direção a um “indivíduo absoluto”.

³⁰ As teorias da escolha racional pressupõem atores racionais que, presumindo um conjunto de valores e crenças, calculam custos e benefícios relativos de ações alternativas e, a partir destes cálculos, fazem uma escolha que maximiza a utilidade esperada. Estas teorias consideram que a gama de alternativas abertas aos atores é limitada pelo ambiente ou pelas instituições nas quais os atores tomam suas decisões.

³¹ Semelhantemente Bourdieu, ao caracterizar sua noção de campo (BOURDIEU; WAQUANT 2006:138; cito a partir da tradução alemã do texto publicado originalmente em francês em 1992): “Uma característica geral de campos é o fato de que elas são sistemas relacionais, independentes das populações características destas relações. Se eu falo de um campo intelectual, então sei muito bem que neste campo irei encontrar ‘partículas’ (imaginando por um momento que se trate de um campo físico), que estão sob influência de forças atraentes e repulsoras, como num campo magnético. Ao falar de campo, se prioriza este sistema das relações objetivas diante das próprias partículas. Apoiando-se na formulação de um físico alemão, pode-se dizer que o indivíduo,

O método relacional conceitua, portanto, relações entre termos ou unidades como dinâmicas e processos contínuos que se desdobram e que resultam em novos atores, novas entidades e novas relações entre antigas partes. Dentro do método relacional, conceitos centrais da análise sociológica são reformulados. Assim, o conceito de poder deixa de ser conceito de uma substância e torna-se conceito de uma relação. De maneira semelhante, argumenta Bourdieu (2006:262s):

O conceito de campo nos faz lembrar a primeira regra do método, no sentido de que aquela primeira inclinação, de pensar o mundo social de maneira realista, ou *substancialista*, ... tem que ser combatida com todos os meios: é preciso pensar em termos *relacionais*. ... Por “campo de poder” eu entendo as relações de poder entre posições sociais que asseguram aos seus detentores uma quantia suficiente de poder – ou capital – social, para torná-los aptos a entrar nas lutas pelo monopólio do poder.

De maneira semelhante, *igualdade*, conceituada numa visão substancialista como variação individual na posse de capital humano ou outros bens, como atributos pré-constituídos, é explicada por transações processuais que se desdobram. *Agência* deixa de ser explicada a partir da vontade (individual) humana e é vista, na abordagem relacional, como inseparável de dinâmicas situacionais que se desdobram, compreendendo o engajamento de atores em ambientes estruturais diferentes, engajamento que tanto reproduz como transforma estas estruturas, numa resposta interativa a problemas postos por situações históricas em mutação.

É, portanto, a partir desta abordagem relacional que serão elaborados conceitos importantes da análise da realidade social: vulnerabilidade social, redes sociais, capital social e associativismo religioso.

1.3.1 Vulnerabilidade social

A ideia de vulnerabilidade está associada à existência de um risco potencial, como pobreza, insuficiência de renda e trabalho, precariedade de moradia, ausência do Estado, moradores sujeitos à violência e direitos de cidadania não garantidos, mas também à capacidade de resposta das famílias a estas situações. Esta capacidade depende do tipo de ativos existente e como este é mobilizado para se aproveitarem as oportunidades oferecidas pelo mercado, pelo Estado e pela sociedade em geral. Portanto, o conceito da vulnerabilidade leva em conta os recursos e ativos de que as pessoas mais carentes dispõem para enfrentar os

assim como o elétron, é uma *Ausgeburtsfeldes*. Um determinado intelectual ou um determinado artista existe *como tal* somente porque existe um campo intelectual ou um campo artístico.”

riscos impostos pelas privações vivenciadas, enquanto o enfoque da pobreza trabalha somente com suas necessidades. É evidente que as desvantagens, originadas de estruturas sociais maiores, tem relações diretas com a pobreza e a vulnerabilidade. Parte-se da hipótese que as desigualdades estão aumentando e as estruturas sociais urbanas endurecendo, devido a três processos interligados: segregação urbana, transformação familiar e destruição de vínculos dos setores populares urbanos com o mercado de trabalho. A vulnerabilidade ante a pobreza e a exclusão social é diferenciada devido às diferenciadas oportunidades de acesso a bens, serviços ou atividades que incidem sobre o bem-estar dos domicílios, sendo que “o acesso a determinados bens, serviços e oportunidades provê recursos que facilitam o acesso a outras oportunidades” (KAZTMAN; FILGUEIRA 2006:72), o conjunto formando a “estrutura de oportunidades”. As estruturas de oportunidades mais importantes para o acesso aos ativos têm três fontes: o funcionamento do Estado, o mercado e a comunidade. Referente à comunidade como provedor de estruturas de oportunidade dizem os autores (2006:78):

Quando as comunidades funcionam efetivamente como estruturas de oportunidades informais de acesso ao bem-estar, o capital social é seu recurso mais importante. Este capital localiza-se principalmente nas redes de relações interpessoais de apoio mútuo que, em geral, constroem-se com base em princípios de reciprocidade, como ocorre, por exemplo, nas redes de amizade, nas que se estabelecem com os vizinhos na comunidade local, comunidades étnicas ou religiosas etc.

Fala-se de “cidadania vulnerabilizada” quando o cidadão tem dificuldade em conciliar sua vontade individual com um projeto coletivo. Sobre as várias dimensões da vulnerabilidade afirmam Hogan e Marandola (2006:29):

As vulnerabilidades socioeconômica, étnica e cultural mostram-se tragicamente associadas, estando as minorias étnicas afligidas por vulnerabilidades cruzadas, entre os grupos mais vulneráveis em termos de necessidades insatisfeitas, exclusão política, marginalidade social e discriminação cultural.

Moradores de alta vulnerabilidade sofrem, portanto, discriminação múltipla.

Outro fenômeno demográfico a ser levado em conta é a mobilidade populacional. Estes deslocamentos, em particular a migração intrametropolitana - fenômeno que os Censos do IBGE não medem - têm forte impacto sobre o processo de redistribuição espacial da população. Estratégia para resolver um problema (como habitação ou trabalho), ela pode contribuir para desfazer vínculos sociais preexistentes, aumentar o isolamento social ou até mesmo contribuir para estigmatizar certas regiões. De maneira semelhante, a mobilidade pendular (p. ex. caminho percorrido entre os locais de moradia e de trabalho) pode acirrar a

condição de pobreza, por novas formas de carência e riscos para os indivíduos, pelo aumento da duração das viagens e correspondente diminuição das horas de descanso e lazer, riscos intrínsecos aos meios de transportes etc.

Dinâmica demográfica e vulnerabilidade social têm nexos com outro fenômeno comum nas metrópoles: a segregação residencial. Faz-se necessário distinguir entre a segregação voluntária e a involuntária: alguns escolhem livremente viver em áreas segregadas, como mostra Caldeira (2003). A segregação involuntária, ao contrário, resulta, em termos sociais, num contingente de trabalhadores subempregados, extremamente mal remunerados, e, em termos espaciais, numa deterioração das condições habitacionais e no processo de “periferização”, entendendo esta como a localização das famílias em áreas mais acessíveis do ponto de vista econômico, mas, ao mesmo tempo, cada vez mais distantes, ou em áreas centrais deterioradas como favelas e cortiços.³² Percebe-se que a simples dicotomia centro versus periferia não dá conta das complexas dinâmicas urbanas. A questão da escala nos estudos sobre segregação e problemas urbanos passa a ser um dos elementos-chave para a análise. Isso na medida em que já não é mais fácil observar a homogeneidade ou heterogeneidade no complexo tecido urbano das grandes metrópoles. O presente estudo tenta articular as escalas (a global generaliza, enquanto a local particulariza), relacionando dados da pesquisa de campo local com escalas maiores (dados geográficos e sociológicos da prefeitura de São Bernardo do Campo, SEADE e do IBGE).

O “espaço importa”, portanto: os locais de moradia são muito mais do que um simples palco onde ocorrem as relações sociais. No caso da Vila Moraes por mim analisada, localizada na extrema periferia dos municípios São Bernardo do Campo e Diadema, área de proteção aos mananciais nas margens da represa Billings, isso leva a considerar que a condição de segregadas implica desvantagens para as famílias. Nas palavras de Pais (2003): “o espaço é o lugar onde inscrevemos a história”. De fato, o lugar da moradia afeta a possibilidade das famílias em ter acesso às estruturas de oportunidades existentes, como, por exemplo, disponibilidade de serviços públicos, ou melhores condições de aprendizado: afinal, a “geografia de oportunidades” ou os “efeitos de vizinhanças”³³ são muito diferenciados,

³² Em artigo recente (2008), Almeida, D’Andrea e De Lucca comparam três situações periféricas: a da Cidade Tiradentes, “depósito de gente” em condições de habitação precárias, mantido em longa distância da cidade; povo de rua vivendo em área central (centro de São Paulo), mas socialmente estigmatizado; e Paraisópolis, favela encravada em região altamente valorizada do Morumbi e desfrutando de uma ampla estrutura de oportunidades oferecida por esta proximidade.

³³ Por causa de “efeitos de vizinhanças”, um jovem pobre morador de periferia tem chances menores de concluir o ensino médio do que um jovem do mesmo nível social morador de uma área de elite, como mostram Torres, Ferreira e Gomes. A homogeneidade do perfil dos moradores das franjas pobres de periferia, causada pela

conforme a região na qual se mora; é minha hipótese que, no caso da Vila Moraes, a segregação residencial incrementa as condições de vulnerabilidade.

Em regiões de alta vulnerabilidade social, as redes sociais e o associativismo se tornam fatores importantes do capital social dos moradores. À elaboração destes conceitos se dedicam os próximos parágrafos do presente estudo.

1.3.2 Redes sociais

Entendo uma rede social como um “padrão articulado de conexões nas relações sociais de indivíduos, grupos e outras coletividades. As respectivas relações podem ser relações interpessoais, econômicas, políticas ou outras relações sociais.” (SCOTT 1999:794), ou ainda, com Emirbayer e Goodwin (1994:1449), como “conjunto de relações ou ligações sociais entre um conjunto de atores (e também os atores ligados entre si).” O conceito de redes é tributário de um conflito permanente nas ciências sociais entre diferentes correntes, que criam os pares dicotômicos como indivíduo e sociedade, ou ator e estrutura. Já Mauss tenta superar o esquema dicotômico durkheimiano entre indivíduo e sociedade, entre o sagrado e o profano pelo conceito da sociedade como *fato social total*. No *Ensaio sobre a dádiva* (2003), publicado pela primeira vez em 1924, Mauss sistematiza a teoria das reciprocidades não simétricas. Nesse texto, Mauss admite a existência de uma obrigação social coletiva que se impõe sobre as diferenças individuais nas interações concretas (trocas diretas) entre pessoas, mas a considera relativa e passível de ser modificada no curso da troca de bens entre os indivíduos. Escreve o autor sobre as formas de trocas e de contratos na antiga Escandinávia:

De todos esses temas muito complexos e dessa multiplicidade de coisas sociais em movimento, queremos considerar aqui apenas um dos traços, profundo mas isolado: o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações. ... Constataremos que essa moral e essa economia funcionam ainda em nossas sociedades de forma

segregação urbana, tem como resultado que “morar em áreas segregadas implica acesso a escolas que têm alta concentração de negros e pobres, o que, por sua vez, implica pior desempenho escolar.” (2005:138) O dado não é novo: já o famoso *Coleman-Report* (1966, citado em DIEKMAN 1998:36ss) comprovou que a causa principal da diferença de sucesso escolar entre brancos e negros, nos EUA, não era nem o equipamento das escolas nem fatores familiares, mas a segregação racial. O isolamento estatístico indicou como principal fator o fato de que as exigências ao alunado branco e sua motivação eram maiores, criando um clima de aprendizagem mais estimulante. Forçou-se a dessegregação e integração social escolar por escolas racialmente mistas; o projeto, porém, teve como efeito colateral a saída de famílias brancas das áreas com estas escolas.- Do outro lado, não se pode esquecer que um grupo social sem maiores vantagens econômicas, mas que se considera de elite (por exemplo, por serem moradores mais antigos), pode via coesão social, estigmatização e discriminação dos vizinhos, excluídos da comunidade imaginada supostamente mais nobre, produzir “efeitos de vizinhanças” negativos, como mostraram Elias e Scotson (2000). A pertença a um grupo religioso que põe em destaque sua segregação de outros grupos sociais vizinhos, característica de muitos grupos religiosos e também estratégia da Congregação Cristã, pode produzir “efeitos de vizinhanças” negativos.

constante e, por assim dizer, subjacente ... Acreditamos ter aqui encontrado uma das rochas humanas sobre as quais são construídas nossas sociedades. (2003:187s).

“Rochas humanas” sobre as quais são construídas não somente sociedades tradicionais arcaicas, mas também “nossas sociedades modernas”. As trocas são efetuadas não com fins econômicos, mas com fins sociais; pelas trocas se constrói sociedade:

É a hierarquia que se estabelece por essas dívidas. Dar é manifestar superioridade, é ser mais, mais elevado, *magister*; aceitar sem retribuir, ou sem retribuir mais, é subordinar-se, tornar-se cliente e servidor, ser pequeno, ficar mais abaixo (*minister*). ... Símbolos ... demonstram que o futuro contratante busca antes de tudo esse proveito: a superioridade social. (2003:305)

Mesmo os fatos mais ínfimos (como simples trocas de coisas que têm economicamente pouco valor), são, portanto, complexos e, por isso, o social é um sistema no qual o mais simples símbolo aparece como uma totalidade complexa.

Assim, já se revelam em Mauss aspectos característicos de redes sociais e da sua análise. Comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, e para estudá-los, a unidade básica de análise não são os atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros. A estrutura é apreendida concretamente como uma rede de relações e de limitações que pesa sobre as escolhas, as orientações, os comportamentos, as opiniões dos indivíduos.

Numa rede social, alguns elos podem manter relações mais estreitas ou mais íntimas. É o que se denomina *cliques*, que Emirbayer e Goodwin definem como “grupo de atores no qual cada um está direta e fortemente ligado a todos os outros” (1994:1449). Num conjunto maior de pessoas, grupos religiosos podem assumir a forma de *cliques*.

Outra questão a ser analisada em redes sociais é a da centralidade de seus atores. A centralidade indica a posição em que o ator se encontra em relação às trocas e à comunicação na rede. Não é uma posição fixa, hierarquicamente determinada, mas móvel, passível de mudar; mesmo assim, ela traz consigo a ideia de poder. Quanto mais central é um ator, mais bem posicionado ele está em relação às trocas e à comunicação, o que aumenta seu poder na rede. Decisivo para a centralidade de um ator na rede não é a quantidade dos seus elos, mas a qualidade destes. Um ator que mantém muitas relações com pessoas de pouco prestígio na rede possui pouca centralidade; um ator com poucos contatos, mas numa posição em que a rede social possui uma *abertura estrutural* pode estar muito bem posicionado na rede.

Abertura estrutural se chama a posição que faz ponte para um outro grupo que possui informações ou outro capital social importante; se a *abertura estrutural* não fosse ocupada por este ator, existiria um “buraco estrutural” (“structural hole”, BURT 1992).

As relações numa dada rede social podem ser ainda formais ou informais. Regiões de alta vulnerabilidade social podem ser caracterizadas por uma densa rede de relações informais, com uma rede de laços formais pouco desenvolvida; neste caso, estudar somente a rede de relações formais pode levar a resultados errôneos. O presente estudo trabalha com a hipótese que na Congregação Cristã, as redes de relações informais sejam particularmente densas e tenham uma importância elevada, e por isso a observação e análise das redes de relações informais é considerada sumamente importante.³⁴ Ele não recorre, porém, a medições e cálculos matemáticos para analisar o mundo social e quantificar a centralidade da pessoa, a fraqueza ou força dos laços que possui etc., mas procede por análise qualitativa, mesmo correndo o risco da compreensão subjetiva de fenômenos sociais.

O alcance da rede social, e a sua capacidade de mobilizar recursos, são indicadores do seu valor como capital social, conceito analisado a seguir.

1.3.3 Capital social

Intimamente ligado ao conceito de redes sociais é o conceito de capital social, indicando tanto a força de um grupo social em relação a outro como a força de um indivíduo dentro da própria rede social.

Coleman definiu capital social partindo da sua função, como uma “variedade de entidades com dois elementos em comum: todas elas consistem num certo aspecto das estruturas sociais e facilitam determinadas ações dos atores - pessoas ou atores coletivos - no interior da estrutura” (1988:98; 1990:302).

Esta definição obscurece a distinção dos recursos em si mesmos da capacidade de os obter em virtude da pertença a diferentes estruturas sociais. “Um tratamento sistemático do conceito tem de distinguir: (a) os possuidores de capital social (os que fazem as solicitações); (b) as fontes do capital social (os que acedem às solicitações); (c) os recursos propriamente ditos.” (PORTES 2000:137)

³⁴ Deve ser lembrado aqui que Hervieu-Léger, cuja teoria constitui interlocutor importante do meu quadro teórico para ordenar e analisar os dados da pesquisa de campo a respeito dos aspectos religiosos, trabalha a partir da situação do individualismo europeu na França e desconhece as situações periféricas do Brasil. Considero um dos maiores desafios deste estudo fazer os dados de campo dialogarem com este quadro teórico e possivelmente reformulá-lo. A realidade concreta da periferia na América Latina com suas formas próprias de sociabilidade (associativismos informais, redes de vizinhança, poder local) podem atenuar o anonimato e o individualismo tão destacado pela autora, exigindo balizar seus conceitos.

O capital social reside na estrutura das suas relações. Para possuir capital social, um indivíduo precisa de se relacionar com outros. Os outros são a verdadeira fonte do benefício, não a própria pessoa. Eles podem disponibilizar recursos por motivos diferentes, entre os quais se pode distinguir motivações altruístas e motivações instrumentais.

São quatro as fontes do capital social:

1) normas internalizadas que inibem o crime ou tornam possíveis comportamentos altruístas dos quais terceiros podem se beneficiar;

2) A reciprocidade ou a acumulação de obrigações para com terceiros, de acordo com a norma de reciprocidade, na espera de futuras recompensações (motivações instrumentais) pelos beneficiados.

3) Solidariedade que não é o resultado da introjeção de normas durante a infância, mas um produto emergente de um destino comum. Neste caso, as disposições altruístas dos atores nestas situações não são universais, mas confinadas aos limites da sua comunidade. Outros membros do grupo podem apropriar-se destas disposições como sua fonte de capital social.

4) Disposição de dar ofertas com expectativa de recompensa não pelo beneficiado, mas pela coletividade no seu conjunto, na forma de *status*, honra ou aprovação. Comenta Portes:

Solidariedade confinada é o termo utilizado na bibliografia recente para designar este mecanismo. É esta a fonte de capital social que leva membros abastados de uma confissão religiosa a doar anonimamente fundos para escolas religiosas e hospitais; ... A identificação com o seu grupo de pertença, seita ou comunidade pode ser uma força motivacional poderosa. ... Existe confiança nesta situação precisamente porque as obrigações são impostas, não através do recurso à lei ou à violência, mas através do poder da comunidade. (2000:139)

Como as fontes, também os efeitos do capital social são diversos. Podem-se distinguir “três funções básicas do capital social, aplicáveis a uma variedade de contextos: (a) como fonte de controle social; (b) como fonte de apoio familiar; (c) como fonte de benefícios através de redes extrafamiliares.” (PORTES 2000:141)

O capital social que tem como função o controle social é criado por redes comunitárias densas e encontra frequentemente as suas fontes na solidariedade confinada e na confiança exigível, e tem como principal resultado tornar inúteis os controles formais ou explícitos. São estruturas familiares e comunitárias informais que produzem este tipo de capital social.

Este capital social tende a ser inferior para as crianças de famílias monoparentais. Também deslocações seguidas e múltiplas da família diminuem este capital social.

A função que se atribui de forma mais comum ao capital social é, sem dúvida, a que este desempenha enquanto fonte de benefícios mediados por redes

exteriores à família mais próxima. Esta definição é a que mais se aproxima da de Bourdieu (1979; 1980), para quem o apoio familiar ao desenvolvimento da criança é uma fonte de capital cultural, ao passo que o capital social se refere aos recursos a que se acede mediante a pertença a redes. ... A utilização mais comum desta terceira forma de capital social encontra-se, porém, no campo da estratificação social, onde é frequentemente invocado como explicação do acesso a empregos, da mobilidade através de oportunidades profissionais de ascensão social e do sucesso empresarial. (PORTES 2000:143)

A ideia é que os laços pessoais são instrumentais na promoção da mobilidade individual (cf. GRANOVETTER 1973). Quase duas décadas depois, Burt (1992) desenvolveu a abordagem de Granovetter através do conceito de “buracos estruturais”. Lin, Ensel e Vaughn (1981), demonstram, ao contrário, as redes densas como recurso. Esta visão alternativa pode ser categorizada, em oposição a Granovetter e a Burt, como “a força dos laços fortes”. Grupos étnicos ou religiosos que formam de certa maneira enclaves podem, como Weber já mostrou (1920 [2001]), funcionar como redes comunitárias que fornecem uma fonte de recursos vitais a oportunidades de emprego, garantindo uma força de trabalho dócil e disciplinada. A sobrevivência quotidiana em comunidades urbanas pobres, ao contrário, depende frequentemente da estreita interação com familiares e amigos em situações semelhantes. O problema é que estes laços raramente possuem um alcance exterior, privando desta forma os seus habitantes de fontes de informação acerca de oportunidades de emprego noutros locais e dos modos de as alcançar.

Deve-se lembrar ainda que estas várias funções do capital social podem entrar em choque, quando, por exemplo, o capital social na forma de benefícios mediados por redes consiste precisamente na capacidade de evitar as normas existentes.

Sociabilidade, porém, não traz necessariamente resultados positivos, e as redes comunitárias, o controle social e as sanções coletivas não são pura bênção. Pode-se identificar "pelo menos quatro consequências negativas do capital social: exclusão dos não membros, exigências excessivas a membros do grupo, restrições à liberdade individual e normas de nivelção descendente" (PORTES 2000:146; cf. ELIAS; SCOTSON 2001, como já mencionado acima).

Densas redes *multiplex* que ligam os membros de um grupo produzem o terreno propício a uma intensa vida comunitária e à imposição das normas locais. A privacidade e a autonomia dos indivíduos, neste contexto, veem-se reduzidas na mesma medida. É inevitável uma tensão entre a solidariedade comunitária e a liberdade individual. Portanto, se a solidariedade confinada e a confiança fornecem as fontes para a ascensão socioeconômica e para o desenvolvimento empresarial entre certos grupos, entre outros (como gangues juvenis e

redes de traficantes) produzem o efeito exatamente oposto de resultados sociais não desejáveis.

Vozes críticas como a de Portes são raras com referência ao uso do conceito de capital social. A partir de Coleman e especialmente Putnam (2000), trabalhos recentes sobre o capital social alargaram o âmbito do conceito e o tratam com franco entusiasmo como panaceia contra a desigualdade social. Este entusiasmo deve ser balizado pela compreensão de Bourdieu: para ele, o capital é justamente um veículo da reprodução da desigualdade.

No breve texto “O capital – notas provisórias”, datado de 1980 e posteriormente reelaborado (1985), Bourdieu define o capital social como

o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento, ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (...) mas também, são unidos por *ligações* permanentes e úteis. (NOGUEIRA; CATANI 2008:67)

O capital social, portanto, não reside nas próprias pessoas, mas no vínculo entre as pessoas, ou nas ligações “permanentes e úteis” entre os agentes de um campo (assim como em ligações entre agentes de campos diferentes) – são recursos que têm como base a *pertença a um grupo*: “Essas ligações (...) são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas.”³⁵ (*ibidem*) A respeito do volume do capital social, Bourdieu indica:

O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (cultural, econômico ou simbólico) que é posse exclusiva de um daqueles a quem está ligado." (*ibidem*)

O capital social é, portanto, composto de dois elementos: da própria relação social que dá aos indivíduos acesso a recursos na posse dos membros do grupo, e a quantidade e a qualidade desses recursos.

O capital social não é direta e imediatamente conversível em outra forma de capital, mas possui um efeito multiplicador sobre as propriedades de cada um desses tipos de capital, possuído com exclusividade pelo agente detentor de capital social, porque age como catalisador no processo de estabelecimento de redes de relações necessárias à multiplicação do capital (econômico ou cultural) investido.

³⁵ Vê-se como Bourdieu retoma aqui a reflexão de Mauss sobre as trocas que nunca são somente materiais, mas sempre também simbólicas no sentido de construir superioridade social ou distinções sociais (hierárquicas).

Bourdieu não analisa o capital social como chance de grupos marginalizados para se mobilizar e romper com sua situação de inferioridade, mas como mecanismo do qual a elite se serve para reproduzir e multiplicar o capital econômico e cultural que possui. Capital social é, além dos outros capitais, a moeda de troca com que a elite gera coesão interna pela distinção, e ao mesmo tempo estabelece fronteiras com outros grupos. A elite usa o capital social, portanto, como mecanismo de exclusão de novos membros (como, por exemplo, os novos ricos, que possuem capital econômico elevado, mas capital cultural inferior, razão pela qual o capital social lhes é negado) que poderiam modificar as características do grupo, impedindo sua reprodução.

Bourdieu, portanto, analisa o capital social como mecanismo de exclusão (*bonding social capital*) acionado pela elite. Esta visão crítica deve ser lembrada diante do franco entusiasmo quase onipresente na literatura contemporânea, que celebra o capital social como chance de grupos marginalizados para se mobilizar via conexões externas (*bridging social capital*) e romper com sua situação de inferioridade.

O presente estudo não conjectura que a pertença à Congregação Cristã como rede social religiosa, por si só, aumente o capital social ou seja uma chance de mobilizar maiores recursos, pressupondo uma virtuosidade dos circuitos, mas quer justamente problematizar uma possível proteção ou limitação da mobilidade social. A pesquisa de campo, tanto pelas entrevistas como pelas observações, fornece rico material para discutir a questão do capital social no local estudado.- A partir dos anos 90, o conceito de capital social sofre uma virada, ao fazer equivaler o capital social ao nível de “civismo” em comunidades como vilas, cidades, ou mesmo países inteiros (p. ex. Putnam 2000). Um dos indicadores do volume de capital social presente nestes níveis é a participação em associações voluntárias. É por isso que o nosso olhar se dirige, neste momento, ao associativismo religioso.

1.3.4 Associativismo religioso

O Brasil, escreve Avritzer (2004), é considerado um país com baixa propensão associativa, razão pela qual a literatura sobre a sociedade brasileira se debruçou mais sobre fenômenos como o clientelismo e mandonismo. Medindo não a pertença formal, mas a participação efetiva em associações civis, o autor chega ao resultado que, de longe, a participação em grupos religiosos supera qualquer outro associativismo. Esta predominância do associativismo religioso se explica em boa parte por sua capacidade de mobilização de recursos. O autor afirma:

A associação a grupos vinculados às organizações religiosas corresponde à metade (51%) dos participantes ativos paulistanos. ... O restante da população associada (49% dos participantes ativos ...) está inserida (*sic!*) em grupos civis. (2004:19ss)

Esta citação revela dois problemas na conceituação do associativismo religioso de Avritzer, que encontrei também em outros autores: às vezes, o associativismo religioso é visto como uma forma do associativismo civil, sendo parte deste, e outras vezes como associativismo fora do associativismo civil: somente na segunda classificação podem se opor as porcentagens (51% e 49%). Outro deslize no conceito é a indefinição se o associativismo religioso diz respeito ao próprio grupo religioso, ou apenas a grupos religiosos vinculados às organizações religiosas. Apesar destes deslizes, Avritzer parece se inclinar mais para a segunda definição (associativismo religioso como associação a grupos vinculados às organizações religiosas), da mesma maneira como Doimo que estuda “o associativismo na cidade de São Paulo e suas interações com as instituições religiosas” (2004:123): as instituições religiosas, ou grupos religiosos, não são associativismo religioso, portanto. Avritzer e Doimo parecem entender por associativismo grupos formalizados em associações; especialmente Doimo analisa longamente associações formais da Igreja Católica.

Lavalle e Castello (2004) assim como Almeida e D’Andrea (2004) não definem com clareza o que entendem por práticas associativas religiosas. Esta ambiguidade nos conceitos dificulta a possibilidade de comparação de dados e o diálogo científico com outras pesquisas. Em todo caso, os autores parecem incluir nas práticas associativas religiosas o próprio culto religioso, compreendendo este como oportunidade de criar vínculos societários. Lavalle e Castello (2004) distinguem entre “prática associativa religiosa”, incluindo nela evidentemente a participação no culto religioso, e “atividades sociais da igreja”, das quais este não faz parte. Os autores, porém, não definem claramente as duas expressões utilizadas.

Almeida e D’Andrea distinguem práticas associativas religiosas de práticas associativas civis (2004:96) e afirmam para o caso da favela Paraisópolis:

As redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando aumento de auto-estima e impulso empreendedor no indivíduo, mas também fomentam a ajuda mútua por meio de laços de confiança e fidelidade. Nos templos há circuitos de trocas que envolvem dinheiro, alimentos, utensílios, informações, recomendações de trabalho etc. ... Trata-se de uma reciprocidade entre os próprios fiéis moradores da favela (pastores inclusive) que se pauta pelo princípio bíblico de ajudar primeiro os “irmãos na fé” (os frequentadores do mesmo templo). Estes se casam majoritariamente entre si; muitos parentes se evangelizam e se tornam assim “irmãos de fé”. (2004:103)

Em outro artigo, os mesmos autores escrevem (2008:114):

Articulada às relações primárias, existe ainda uma forte rede associativa formada por laços religiosos, sobretudo evangélicos, que se destacam como o principal vínculo associativo na favela junto com a Igreja Católica. Estas relações se constituem como circuitos de reciprocidade pelos quais circulam benefícios materiais, afetivos e cívicos como ajuda mútua, empréstimos de dinheiro, cuidado dos filhos de mães que trabalham fora de casa, informações sobre emprego, solidariedade em situações de doença etc. Em resumo, diferentes favores que são prestados e variam conforme a qualidade dos laços entre as pessoas.

As minhas observações de campo indicam que a definição de associativismo religioso utilizada por Avritzer e Doimo, deve ser tencionada com os dados encontrados no estudo da Congregação Cristã, porque esta praticamente não criou no seu interior associações formalizadas. O associativismo e a sociabilidade nela praticados são informais e caracterizados pelos “circuitos de trocas que envolvem dinheiro, alimentos, utensílios, informações, recomendações de trabalho,” citados acima por Almeida e D’Andrea. Mesmo a “obra da piedade”, atividade assistencial que dirige recursos para os irmãos e irmãs mais necessitadas da Congregação, não é uma associação formalizada. As observações e entrevistas realizadas na pesquisa de campo indicam que as conversas informais, antes e depois do culto, no pátio da Casa de Oração, ou nos fundos, com o porteiro, assim como em ocasiões como ensaios de música, mutirões, encontros de jovens e menores e visitas, são as oportunidades nas quais se efetuam os circuitos de troca. Somente um conceito de associativismo religioso que não restringe este a associações formalizadas, é capaz de levantar estes circuitos de troca.

Com a finalidade de possibilitar relacionar a situação social dos membros da Congregação Cristã num bairro de alta vulnerabilidade social com aspectos da religião, apresento e discuto primeiro no próximo capítulo o perfil social da Congregação Cristã a partir de dados do Censo 2000, para em seguida (no capítulo 3) mostrar e analisar a realidade social de um bairro localizado nas proximidades da casa de oração na qual observei o culto da Congregação e onde membros desta congregação moram.

2 Capítulo II:

Dimensões Sociais da Congregação Cristã. Um olhar estatístico do campo pentecostal brasileiro

A Congregação Cristã no Brasil se entende como “Comunidade Civil-Religiosa” (2008:3) e constitui, como toda comunidade religiosa, uma rede social. Por isso, uma visão panorâmica global ajuda muito para entender aspectos da realidade das pequenas comunidades da periferia. Visando este objetivo, elaboro neste capítulo o perfil social da Congregação Cristã a partir de dados do Censo 2000. Comparo o perfil da Congregação Cristã com outros grupos pentecostais, como a Assembleia de Deus, Deus é Amor e Igreja Universal³⁶, e também com os sem-religião, uma vez que estes são, como Jacob et al. mostraram (2006), vizinhos dos pentecostais nas capitais brasileiras. Desta maneira, situo o estudo local na periferia de São Bernardo do Campo dentro do campo pentecostal brasileiro. Este procedimento possibilita, pelo menos em larga escala – não me era possível observar as igrejas pentecostais comparadas em nível local – uma visão comparativa destas igrejas. Um estudo comparativo da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus dos anos 70 (Nelson 1979) permite pelo menos esboçar uma análise longitudinal destas duas igrejas que constituem o pentecostalismo mais antigo no Brasil.

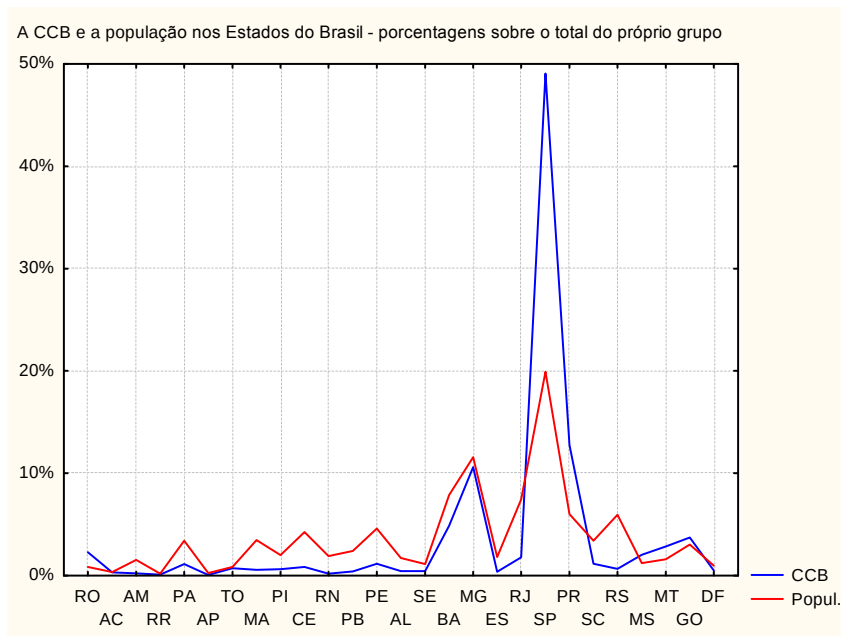
Após uma breve apresentação da sua presença relativa nos Estados do Brasil, comparo os indicadores sociais dos grupos citados acima. Escolhi indicadores frequentemente utilizados na construção de índices de vulnerabilidade social. São eles: a cor, os anos de estudo, os rendimentos pelo trabalho, e a questão da migração (UF de nascimento e UF da última residência). Em seguida, apresento a localização das casas de oração da Congregação

³⁶ Escolhi estas igrejas porque a Assembleia de Deus chegou pouco tempo depois da Congregação Cristã no Brasil; as duas igrejas eram durante décadas as únicas pentecostais no país. Por isso, acredito que uma leitura comparativa de pelo menos alguns aspectos possa ser útil. A Igreja Pentecostal Deus é Amor é tida como possuindo um rigor semelhante à CCB, enquanto a Igreja Universal serve como contraponto. O conjunto das três igrejas corresponde à classificação dos grupos pentecostais em três ondas: a *Assembleia de Deus*, junto com a *Congregação Cristã*, forma o pentecostalismo da primeira onda; a *Igreja Pentecostal Deus é Amor* faz parte do pentecostalismo da segunda onda; e a *Igreja Universal do Reino de Deus*, representa um exemplo do pentecostalismo da terceira onda. Esta classificação de Freston tem sua utilidade do ponto de vista histórico, uma vez que liga as ondas a profundas mudanças na sociedade brasileira, especialmente de sua dinâmica de urbanização: A primeira onda chega na fase da emergência das cidades industriais, a segunda onda durante o acelerado processo de urbanização, e a terceira onda na fase da metrópole atual na qual se observa uma certa desconcentração industrial e pode se falar até de desurbanização. De outro lado, sob o ângulo das Ciências Sociais, pode-se argumentar p. ex. que a Assembleia de Deus foi muito afetada pelo estilo das outras ondas; várias de suas igrejas assumiram no bairro onde moro um estilo que se diferencia pouco da Universal.

Cristã em São Bernardo do Campo (bairros urbanos), conforme a classificação das áreas de vulnerabilidade social do SEADE. Finalmente, comparo padrões de migração entre as duas Igrejas Pentecostais mais antigas do Brasil, Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus. Elas são também as duas igrejas pentecostais que marcam presença na Vila Moraes, bairro de alta vulnerabilidade social, no qual fiz entrevistas, observei parte do dia a dia das pessoas e que será apresentado no capítulo seguinte, bairro este que fica nas proximidades da Casa de Oração na qual fiz a observação de culto.

2.1 Análise dos dados do Censo 2000: Brasil e Estado de São Paulo

A Congregação Cristã no Brasil tem uma porcentagem relativa ao total do próprio grupo acima da população apenas nos Estados de Rondônia (fator 2,7), São Paulo (fator 2,5), Paraná (fator 2,1), Mato Grosso (fator 1,8), Mato Grosso do Sul (fator 1,6) e Goiânia (fator 1,2).³⁷ Em todos os outros Estados, esta porcentagem é inferior àquela da população, chegando a ser quase dez vezes inferior nos Estados de Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte.- Quase três quartos dos membros da Congregação Cristã moram em três Estados do Brasil: 49% de São Paulo, 12,8% do Paraná e 11,6% de Minas Gerais. Estes dados podem ser visualizados no gráfico a seguir³⁸:



³⁷ Os fatores medem, portanto a relação membros da CCB no Estado : Total dos membros da CCB no Brasil contra a População geral no Estado : População geral no Brasil, indicando a força relativa da presença da Congregação Cristã no Estado.

³⁸ Todos os gráficos dos dados do Censo 2000 da minha autoria foram elaborados com o programa StatSoft, Inc. (2007). STATISTICA (data analysis software system), version 8.0. www.statsoft.com.

Gráfico 2.1: A CCB e a população geral nos Estados do Brasil.

A grande maioria dos membros da Congregação Cristã mora em municípios com menos de cem mil habitantes. Em todos os Estados do Brasil, com exceção de apenas três (Rio de Janeiro com 24,2%, Distrito Federal com 33,6%, e São Paulo com 40%), mais do que a metade dos membros da Congregação Cristã mora nestes municípios com menos de cem mil habitantes – uma porcentagem acima da curva do total da população, como mostra o gráfico seguinte:

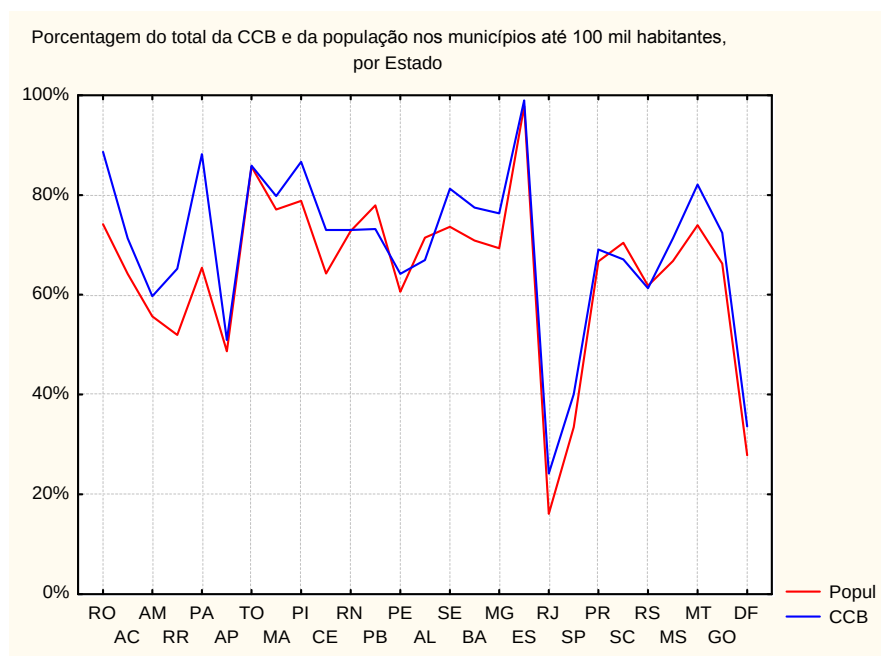


Gráfico 2.2: A CCB e a população geral nos municípios até 100 mil habitantes (porcentagem)

É uma porcentagem bem acima de outros grupos pentecostais, como a Assembleia de Deus, Igreja Universal e Deus é Amor, e dos sem-religião, grupos cuja presença nos municípios até 100 mil habitantes, com a exceção de poucos Estados, fica bem abaixo da curva da população (a Igreja Universal sempre):

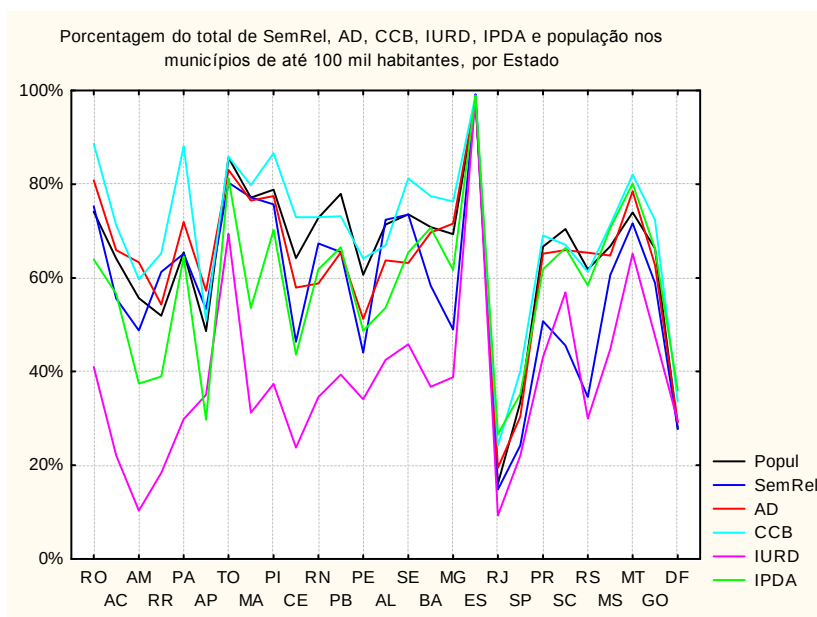


Gráfico 2.3: Grupos religiosos e população geral nos municípios de até 100 mil habitantes (porcentagem)

Este quadro se repete no Estado de São Paulo. Nos municípios de até 100 mil habitantes, a Congregação Cristã tem mais membros do que a Assembleia de Deus, como mostra o gráfico seguinte:

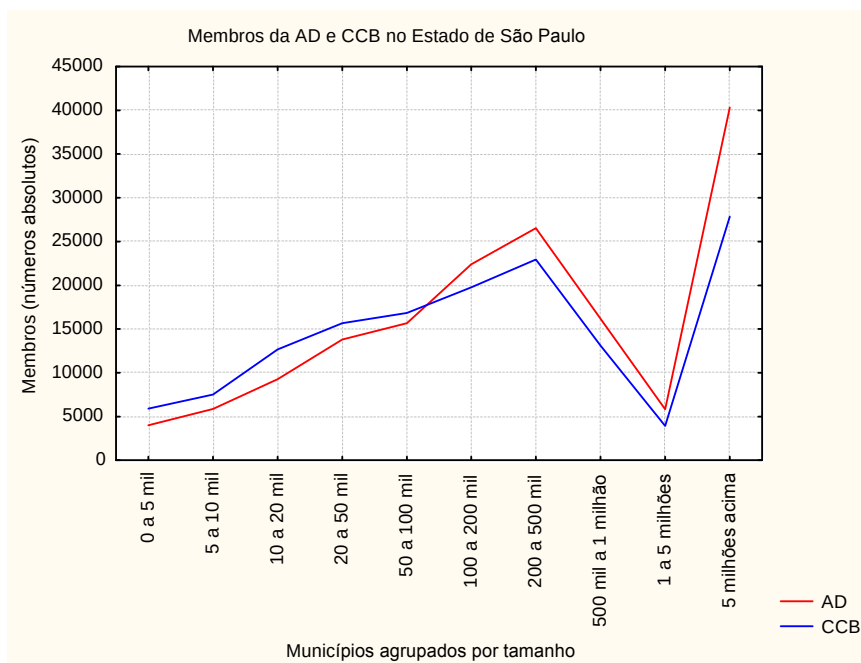


Gráfico 2.4: Presença da CCB e da AD nos municípios agrupados por tamanho

Apesar dos limites deste trabalho não me permitirem estender a minha pesquisa de campo para uma cidade do interior, considero importante, por causa desta forte presença nos municípios de até cem mil habitantes, dar um breve olhar estatístico na Congregação Cristã

nestes municípios. Levantei em quais municípios do Estado de São Paulo, com uma presença de evangélicos acima de 20%, a Congregação Cristã tem a presença mais significativa, e cheguei aos seguintes resultados:

Municípios	% Congregação Cristã dos Evangélicos	% Congregação Cristã da população	% Evangélicos	População
Marapoama	95,03	25,05	26,36%	2 238
Barra do Chapéu	71,49	18,35	25,67%	4 846
Salto de Pirapora	63,96	17,17	26,85%	35 072
Uru	63,79	13,36	20,94%	1 404
Lucianópolis	61,52	14,91	24,23%	2 154
Iperó	60,04	13,63	22,70%	18 384
Ribeirão Branco	55,19	11,91	21,58%	21 231
Bofete	53,93	11,21	20,79%	7 384

Tabela 2.1: A CCB nos municípios mais evangélicos de SP

Percebe-se uma presença excepcional da Congregação Cristã no pequeno município de Marapoama, onde a Congregação Cristã soma nada menos que 95% dos evangélicos e 25% da população. Marapoama está na posição 782 no ranking a partir da melhor situação social, com um índice de exclusão de 0,542, e se caracteriza pela ausência de violência (índice 1,00) e um índice de emprego formal muito baixo (0,157) (POCHMANN; AMORIM 2004:149). Infelizmente, os limites deste trabalho não me permitem pesquisar a Congregação Cristã neste município. Considero que essa rápida incursão nos dados sobre a CCB no interior se justifica, porque ela é uma igreja com pouca hierarquia, mas com eficaz administração econômica centralizada. Os templos da Congregação Cristã são levantados pelos fiéis – que muitas vezes vêm de longe - em autoconstrução, e normalmente também o material é dado por membros da igreja. Por isso a CCB consegue construir seus templos sem maior ônus financeiro para os fiéis mais pobres.³⁹

2.2 A Congregação Cristã no Brasil em São Bernardo do Campo: Indicadores sociais

Dentro dos quatro municípios que formam, na Região Metropolitana de São Paulo, o chamado “ABCD”, São Bernardo do Campo, com 703.177 habitantes, conforme o Censo 2000, é o maior, ocupando o 51º lugar no ranking a partir de melhor situação social dos municípios no Brasil. (POCHMANN; AMORIM 2004:189)

³⁹ Rivera me deu a seguinte informação: “Conheço Marapoama e vi lá um enorme templo. A economia do lugar é nitidamente agrícola, de grandes plantações de cítricos. Não duvido que entre eles há membros da CCB.”

Analiso, em seguida, os indicadores sociais escolhidos dos membros da Congregação Cristã em São Bernardo do Campo: a distribuição de cor, os anos de estudo, os rendimentos pelo trabalho, e a questão da migração (UF de nascimento e UF da última residência).

2.2.1 A distribuição de cor⁴⁰

Comparando a Congregação Cristã no Brasil nas escalas do Brasil, do Estado de São Paulo e de São Bernardo do Campo, e a população geral em São Bernardo do Campo), a Congregação Cristã em São Bernardo do Campo é o grupo mais branco, ligeiramente mais branco que a Congregação Cristã no Estado de São Paulo e que a população de SBC (cf. gráfico 3.1).

Uma comparação de cor entre os sem-religião, os grupos pentecostais Assembleia de Deus, Congregação Cristã, Igreja Universal e Deus é Amor, e a população em São Bernardo do Campo dá o seguinte quadro:

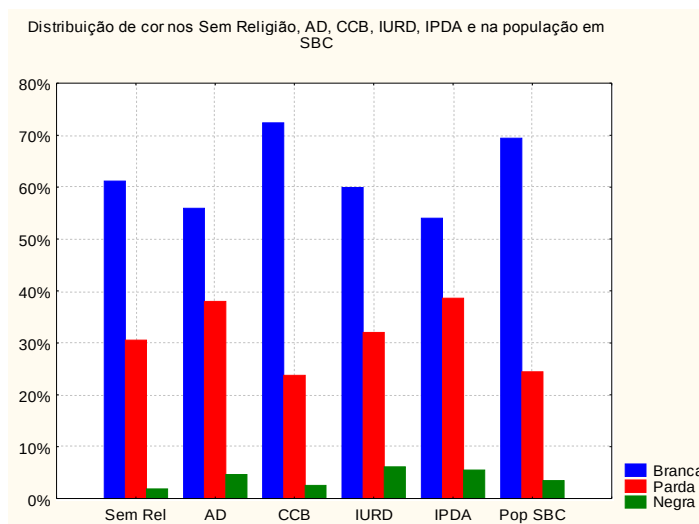


Gráfico 2.5: Distribuição de cor nos grupos religiosos pesquisados, desconsiderando as categorias “amarela”, “indígena” e “ignorado”

A Congregação Cristã é o grupo mais branco entre todos; 72,4% dos membros da Congregação Cristã de São Bernardo do Campo se declaram brancos – uma porcentagem acima da população (69,5%). Todos os outros grupos, tanto pentecostais como sem-religião, são mais negros⁴¹ do que a população, sendo os sem-religião o grupo menos negro entre eles. A Deus é Amor é o grupo menos branco, com apenas 54% de brancos, em razão da alta

⁴⁰ Pelo meu conhecimento, foi Rivera (2005b) o primeiro a analisar os diversos grupos pentecostais sob o aspecto de cor e raça, a partir do Censo 2000. Meus resultados apenas confirmam para o caso de São Bernardo do Campo o resultado do seu estudo.

⁴¹ Entendo a categoria de “negros” aqui somando “pretos” e “pardos”, como fez Rivera (2005b).

porcentagem de pardos, porque a Igreja Universal possui mais pretos.⁴² Deve-se lembrar ainda que a categoria da cor parda não se localiza, sociologicamente, no meio entre brancos e pretos, mas seus indicadores sociais tendem claramente ao polo dos pretos, indicando maior vulnerabilidade social.⁴³ - Como era de se esperar, a Congregação Cristã é, portanto, em São Bernardo do Campo dos grupos analisados o mais branco.

2.2.2 Os anos de estudo

Quanto à escolaridade, os membros da Congregação Cristã estão nas faixas de até 3 anos de estudo um pouco abaixo do nível dos habitantes do município e dos sem-religião; nas faixas mais altas a diferença se acentua. Em relação com os outros grupos pentecostais analisados, pode-se dizer que a Congregação Cristã se destaca por um nível mais alto de escolaridade, enquanto os membros da Deus é Amor estudaram menos anos, seguidos, à distância, pela Igreja Universal e Assembleia de Deus que têm valores semelhantes. 30% dos membros da Congregação Cristã estudaram dez anos ou mais. Os microdados do Censo 2000 por mim analisados formam o seguinte quadro:

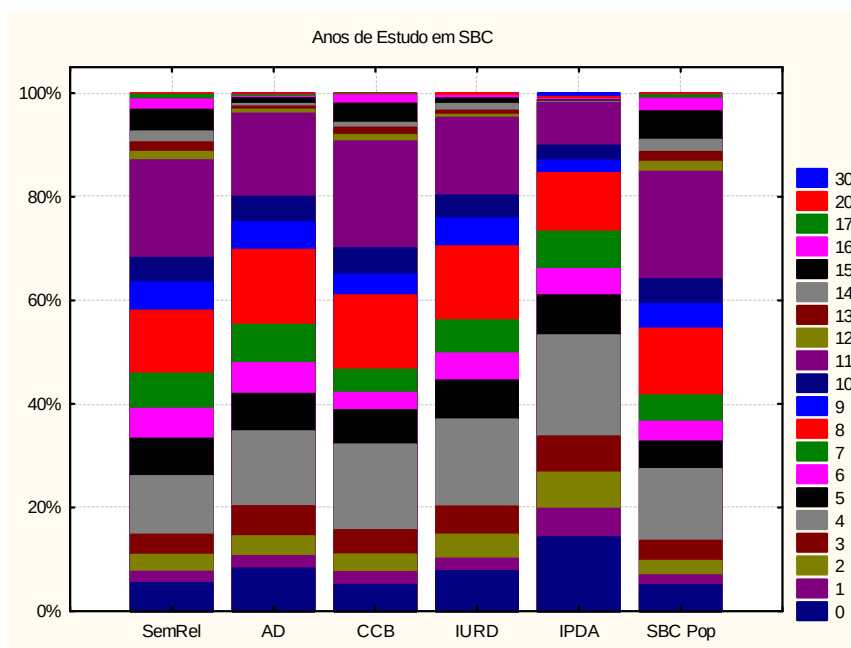


Gráfico 2.6: Anos de Estudo em SBC

Obs.: O número 20 indica “Não determinado”, e o número 30 “Alfabetização de adultos”.
Foram contempladas pessoas de 15 anos ou mais de idade.

⁴² A Casa da Bênção, em nível nacional mais negra que a IPDA, soma em São Bernardo dos Campos nos microdados 18 membros, dos quais 9 são brancos, 8 pardos e um preto, correspondendo a 50% de brancos, 6% de pretos e 44% de pardos. Também no município de SBC, ela é mais negra do que a IPDA, portanto.

⁴³ Brandão (2004:16) escreve: “Os pardos não se localizam a ‘meio caminho’ entre estes dois grupos. Em geral, os pardos se encontram pouco acima dos pretos e muito distantes dos brancos nos indicadores socioeconômicos.”

2.2.3 Os rendimentos pelo trabalho

Antes de mostrar a curva dos rendimentos pelo trabalho, é importante ressaltar as altas taxas de pessoas com nenhum rendimento pelo trabalho no município. Elas são, por grupo: população geral 59,7%; sem-religião 60,7; Congregação Cristã 62,4%; Igreja Universal 64,9%, Assembleia de Deus 68,2% e Deus é Amor 74,15%.

Como era de se esperar, os rendimentos pelo trabalho dão um quadro que acompanha, em boa parte, a escolaridade medida pelos anos de estudo. A Congregação Cristã tem a curva mais baixa nos baixos rendimentos (até R\$ 400,00), e é o destaque dos pentecostais na faixa dos rendimentos superiores a R\$ 600. De novo, os membros da Deus é Amor apresentam os mais baixos índices de todos os pentecostais, seguidos, a certa distância, pela Igreja Universal e Assembleia de Deus. Se nos anos de estudo a Congregação Cristã acompanhava por perto a curva da população, ficando um pouco por baixo, nos rendimentos pelo trabalho ela, os sem-religião e a população formam curvas bastante parecidas. Os outros grupos pentecostais ficam bem por baixo.- Os microdados do Censo 2000 formam o seguinte quadro:

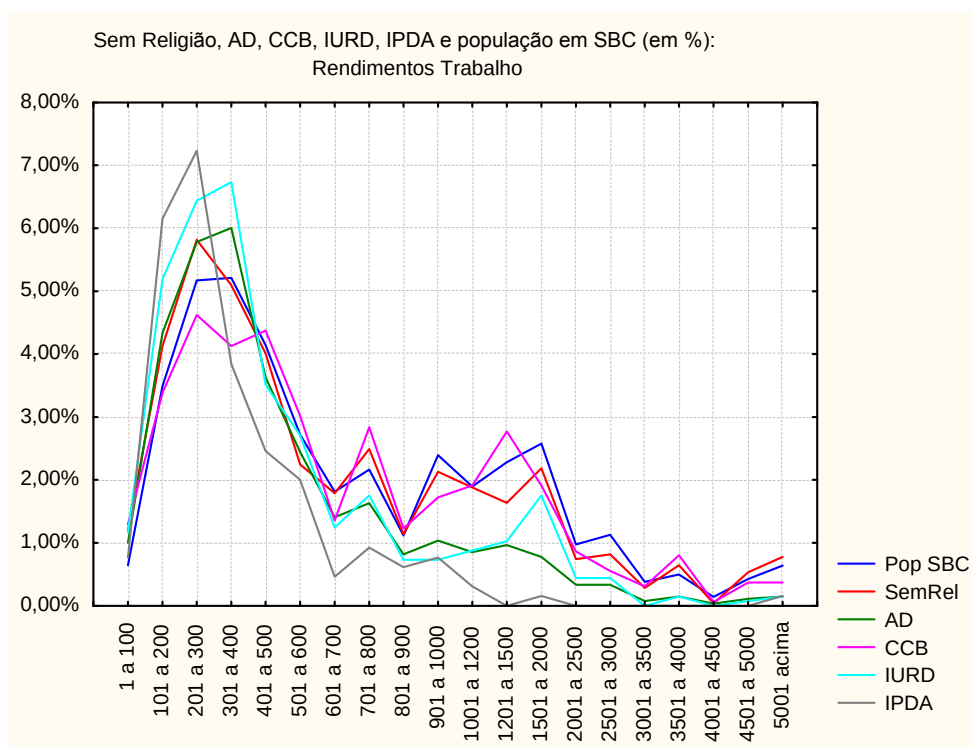


Gráfico 2.7: Total de rendimentos do trabalho em SBC (em R\$)

2.2.4 A questão da migração

A questão da migração foi medida a partir de duas variáveis: pelo número de pessoas que não nasceram no Estado de São Paulo (v4219), e pelas pessoas cuja última moradia estava fora da Unidade da Federação (v4239)⁴⁴. Pode haver pessoas, portanto, que fazem parte dos dois grupos – pessoas que tanto nasceram como tiveram sua última residência fora do Estado: os dois grupos não são exclusivos.

Do total da população, aproximadamente um terço (32,7%) nasceu fora da UF; no caso da Congregação Cristã e dos sem-religião, esta porcentagem é mais baixa (29,7% e 29,6%, respectivamente), enquanto na Assembleia de Deus, Igreja Universal e Deus é Amor ela supera os 40% (no caso da Assembleia de Deus, 45,5%).

Aproximadamente 10% da população tiveram a última residência fora do Estado; esta porcentagem é significativamente menor só no caso da Congregação Cristã (8%) e bem mais alta na Assembleia de Deus (17,6%).

Com respeito aos migrantes, os dados mostram que, em São Bernardo do Campo, o número dos que nasceram fora da UF é três vezes maior do que o número daqueles cuja última residência estava fora do Estado; quer dizer, o número dos *antigos* migrantes supera o número dos *migrantes recentes* em três vezes. No caso dos membros da Deus é Amor e da Congregação Cristã (fatores 4,3 e 3,7), esta relação tende mais para antigos migrantes; na Assembleia de Deus, a diferença é menor (fator 2,6).

Em ambos os itens, a Congregação Cristã mostra as menores taxas de todos os grupos, incluindo a população geral. Ela tem a menor porcentagem tanto entre os migrantes que nasceram fora da UF, como entre os migrantes que tiveram sua última residência fora da UF. Os sem-religião têm valores semelhantes, ficando em baixo dos níveis da população, porém, com mais migrantes que tiveram sua última residência fora da UF que a Congregação Cristã. A Assembleia de Deus possui tanto o maior número dos que nasceram fora da UF como dos que residiram ultimamente fora dela, somando 63% de migrantes, contra 37,2% da Congregação Cristã. A Deus é Amor possui a maior porcentagem de gente que nasceu fora do Estado em proporção com os que tiveram última residência fora dele (fator 4,3).

⁴⁴ A variável v4239 indica, nos dados do Censo 2000, a Unidade de Federação dos migrantes cuja última moradia estava fora da Unidade da Federação atual e que moram há menos de 10 anos na UF atual. Em todo este trabalho, a formulação “migrantes cuja última moradia estava fora da Unidade da Federação” se refere, portanto, a migrantes cuja última moradia estava fora da Unidade da Federação atual e que habitam nela menos de 10 anos.

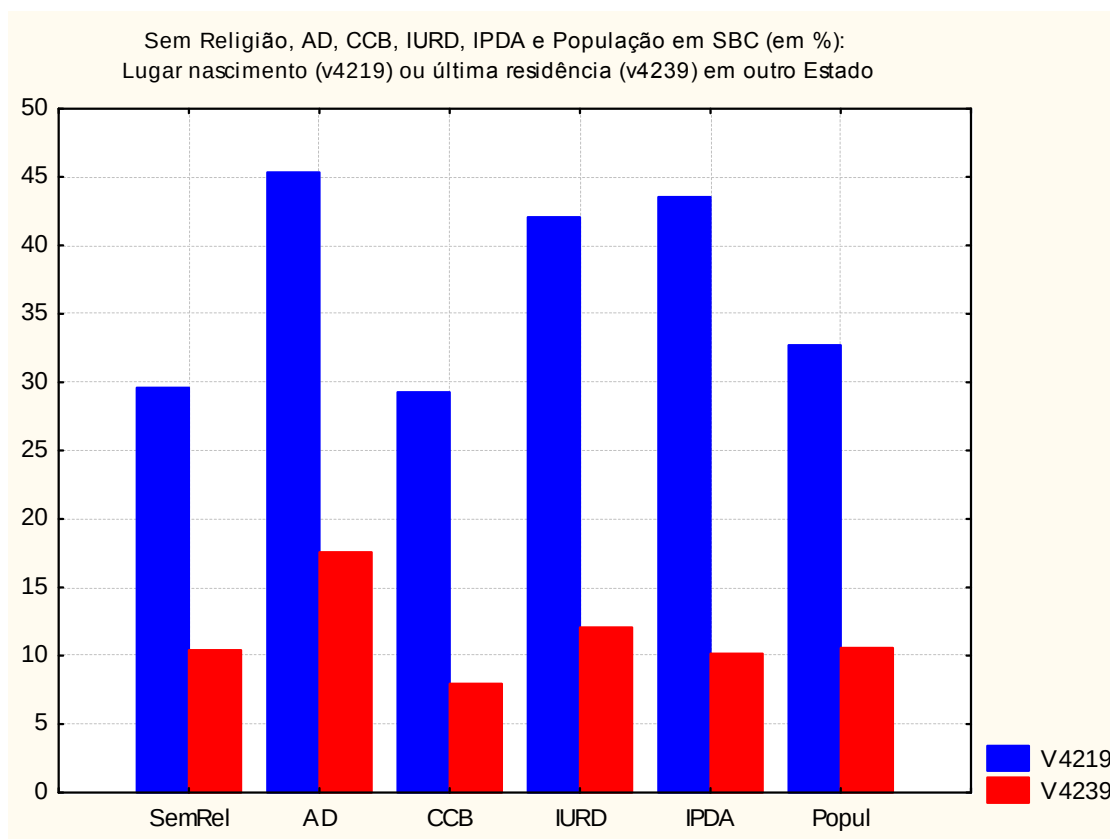


Gráfico 2.8: A questão da migração – Lugar de nascimento ou última residência em outro Estado

É interessante averiguar de onde vêm estes migrantes, porque a proximidade ou maior distância pode influenciar na manutenção de laços tradicionais e na necessidade de criar novos laços e novas redes sociais. O próximo quadro responde esta pergunta, mostrando qual porcentagem, do total dos migrantes de cada grupo religioso, são Nordestinos e Sulistas/Sudestinos (os Nordestinos, Sudestinos e Sulistas são os três maiores grupos de migrantes, formando em torno de 90% de todos os migrantes).

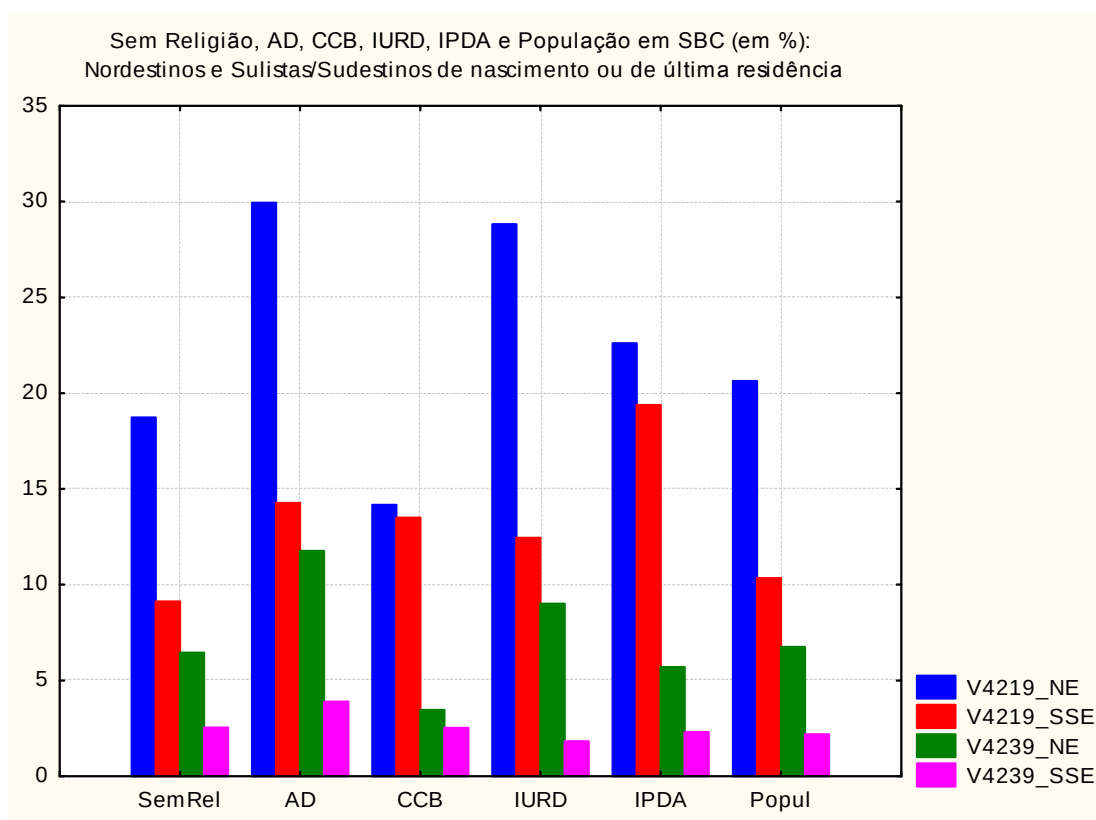


Gráfico 2.9: A questão da migração: Região de nascimento ou última residência em outro Estado – Nordestinos e Sulistas/Sudestinos

Já à primeira vista, a Congregação Cristã destoa do conjunto, com porcentagens quase iguais de Nordestinos e Sulistas/Sudestinos. Enquanto, na escala do Estado de São Paulo, os migrantes Sulistas/Sudestinos superaram o número dos migrantes Nordestinos, este quadro se reverte no município de São Bernardo do Campo a favor dos Nordestinos. A Deus é Amor tem apenas 3% mais Nordestinos que Sulistas/Sudestinos, enquanto a população geral tem quase o dobro; todos os outros grupos têm mais do que o dobro de Nordestinos, com destaque para a Igreja Universal (132% a mais). O gráfico comprova a regra que em São Bernardo do Campo, o número dos que nasceram fora da UF é três vezes maior do que o número daqueles cuja última residência estava fora do Estado, para o caso dos nordestinos (barras azul e verde); para os sulistas/sudestinos (barras vermelha e rosa), este fator sobe para 4,7. Entre os grupos religiosos, a Congregação Cristã e Deus é Amor mostram o maior desvio desta proporção: no caso da Congregação Cristã, o número dos que nasceram no Nordeste, é quatro vezes maior e dos que nasceram no Sul/Sudeste, cinco vezes maior do que o número daqueles cuja última residência estava fora do Estado. Entre os membros da Deus é Amor, o número dos que nasceram no Nordeste, é também quatro vezes maior e dos que nasceram no Sul/Sudeste, 8,4 vezes maior do que o número daqueles cuja última residência estava fora do

Estado. Na Universal, esta proporção chega, no caso dos Sulistas/Sudestinos, quase ao fator sete. Estas três igrejas têm, portanto, uma capacidade muito reduzida de atrair migrantes Sulistas/Sudestinos mais recentes, e a Congregação Cristã e Deus é Amor atraem também menos nordestinos. Para o caso dos sem-religião e da Assembleia de Deus, a proporção é menor do que a da população de São Bernardo: eles atraem migrantes recém-chegados.

Lembrando que a Deus é Amor mostrava os piores valores em vários indicadores sociais, como vimos antes, fica comprovado que não pode se estabelecer uma equação entre miséria ou vulnerabilidade social e origem nordestina. Pode-se afirmar no máximo que essa equação não é apenas com a origem nordestina, mas a inclui. Em todos os casos, o número de migrantes nordestinos é mais importante, e importante também é o número de migrantes de outras regiões.

2.2.5 Breve Conclusão

A análise dos indicadores sociais da Congregação Cristã em São Bernardo do Campo, em comparação com outros grupos pentecostais, os sem-religião e a população local, mostrou que a Congregação Cristã possui menores índices de vulnerabilidade social do que os outros grupos: ela é a Igreja pentecostal mais branca, de maior rendimento pelo trabalho, de mais anos de estudo e de menor número de migrantes. Seus índices são, em vários itens, melhores também do que da média dos sem-religião e da população do município. Esses indicadores, porém, não devem levar a engano sobre uma composição socioeconômica homogênea dos seguidores da Congregação Cristã e de outras. Por exemplo há membros da CCB entre os que têm baixo salário, e, como veremos, a desigualdade entre os gêneros é especificamente acentuada na Congregação Cristã.

2.3 A localização das casas de oração da Congregação Cristã em São Bernardo do Campo (bairros urbanos), conforme a classificação das áreas de vulnerabilidade social do SEADE

Das trinta e nove casas de oração no município de São Bernardo do Campo, enumeradas no relatório da Congregação Cristã do ano 2008/2009, trinta e uma são localizadas nos setores urbanos. Elas se distribuem da seguinte maneira:



Mapa 2.1: A localização das Casas de Oração no município de SBC

Em seguida, foram inseridas as casas de oração da Congregação Cristã no mapa das áreas de vulnerabilidade social conforme o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) elaborado pelo SEADE (2004a). Este índice busca identificar a pobreza não apenas em relação à renda, mas também em relação à composição familiar, condições de saúde, acesso a educação, etc. O indicador varia de 1 a 6, sendo este o pior nível. Os critérios de classificação são os seguintes (SEADE, 2004b:3s):

Grupo 1 – Nenhuma vulnerabilidade	Engloba os setores censitários em melhor situação socioeconômica (muito alta), com os responsáveis pelo domicílio possuindo os mais elevados níveis de renda e escolaridade. Apesar de o estágio das famílias no ciclo de vida não ser um definidor do grupo, seus responsáveis tendem a ser mais velhos, com menor presença de crianças pequenas e de moradores nos domicílios, quando comparados com o conjunto do Estado de São Paulo.
Grupo 2 – Vulnerabilidade Muito Baixa	abrange os setores censitários que se classificam em segundo lugar, no Estado, em termos da dimensão socioeconômica (média ou alta). Nessas áreas concentram-se, em média, as famílias mais velhas.
Grupo 3 – Vulnerabilidade Baixa	formado pelos setores censitários que se classificam nos níveis altos ou médios da dimensão socioeconômica e seu perfil demográfico caracteriza-se pela predominância de famílias jovens e adultas.
Grupo 4 – Vulnerabilidade Média	composto pelos setores que apresentam níveis médios na dimensão socioeconômica, estando em quarto lugar na escala em termos de renda e escolaridade do responsável pelo domicílio. Nesses setores concentram-se famílias jovens, isto é, com forte presença de chefes jovens (com menos de 30 anos) e de crianças pequenas.
Grupo 5 – Vulnerabilidade Alta	engloba os setores censitários que possuem as piores condições na dimensão socioeconômica (baixa), estando entre os dois grupos em que os chefes de domicílios apresentam, em média, os níveis mais baixos de renda e escolaridade. Concentra famílias mais velhas, com menor presença de crianças pequenas.
Grupo 6 – Vulnerabilidade Muito Alta	o segundo dos dois piores grupos em termos da dimensão socioeconômica (baixa), com grande concentração de famílias jovens. A combinação entre chefes jovens, com baixos níveis de renda e de escolaridade e presença significativa de crianças pequenas permite inferir ser este o grupo de maior vulnerabilidade à pobreza.

Tabela 2.2: Os níveis do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social

Sobrepondo o mapa acima no mapa de vulnerabilidade social de São Bernardo do Campo, pode-se afirmar o seguinte: quatorze casas da Congregação Cristã estão inseridas numa vizinhança de baixa vulnerabilidade social (das quais doze em áreas de nenhuma ou muita baixa vulnerabilidade social), seis em áreas de média vulnerabilidade social, duas em áreas de alta ou muito alta vulnerabilidade social, e oito casas de oração em áreas mistas.

2.3.1 Breve Comentário

As tendências dos dados levantados para o município de São Bernardo do Campo são bastante parecidas com dados que levantei em pesquisa já publicada (FOERSTER 2007) para Diadema, menor município do ABCD, com 357.064 habitantes, conforme o Censo 2000, e com o pior posicionamento dos quatro municípios no ranking dos municípios brasileiros a partir da melhor situação social (1698º, cf. POCHMANN; AMORIM 2004:116), com uma exceção: Surpreendeu a diferença significativa da distribuição de cor na população de Diadema e São Bernardo do Campo. Em Diadema se declararam 57,4% da população como brancos, 12% a menos do que em São Bernardo do Campo (69,5%); os pardos, ao contrário, somam, em Diadema, 35,7% contra 24,5% em São Bernardo, onde também a porcentagem de pretos é menor (3,5% contra 5% em Diadema). Estas diferenças são bem menores entre os membros da Congregação Cristã, especialmente no que diz respeito aos pretos.

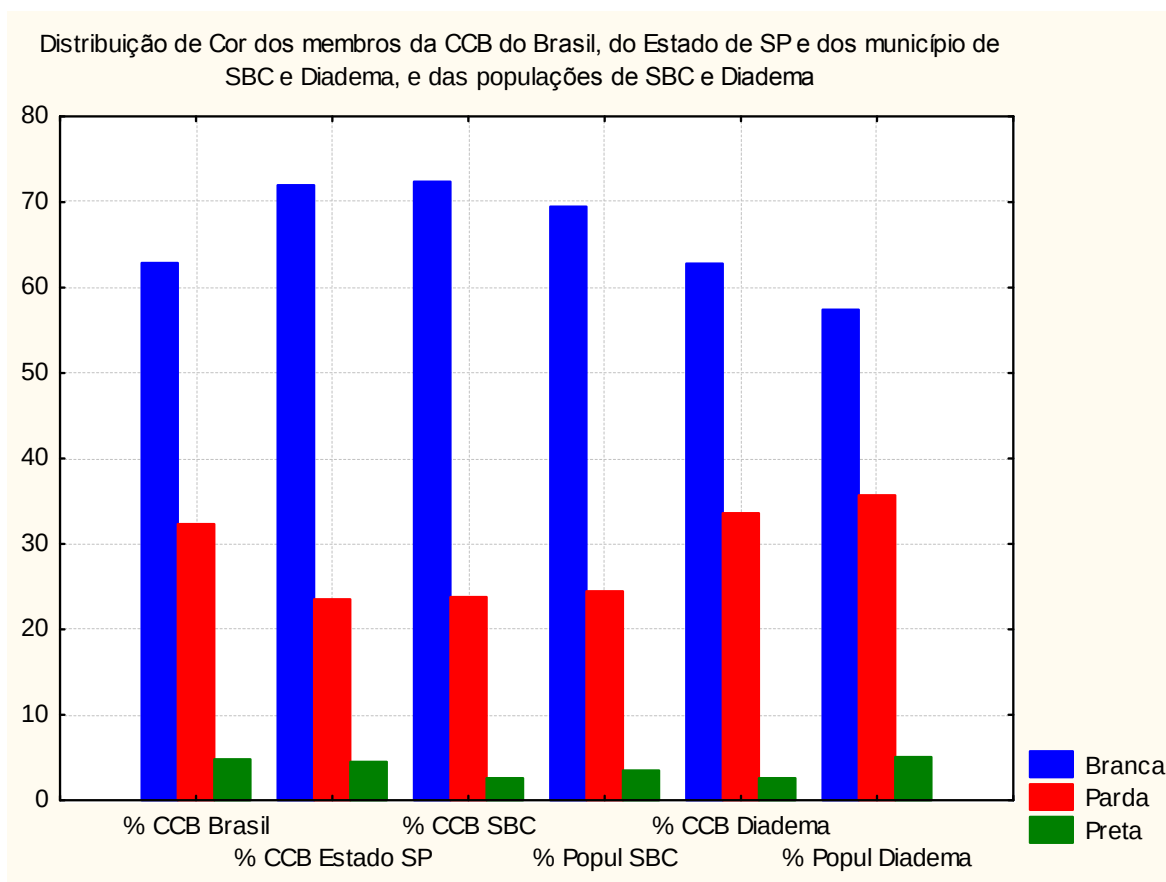


Gráfico 2.10: Distribuição de cor dos membros da CCB em várias escalas, desconsiderando as categorias “amarela”, “indígena” e “ignorado”

2.4 Padrões de migração entre os pentecostalismos mais antigos no Brasil

Esta parte do estudo compara padrões de migração entre as duas Igrejas Pentecostais mais antigas do Brasil, Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, com o objetivo de elaborar elementos de um quadro comparativo entre estas duas igrejas, frequentemente niveladas na literatura como “pentecostalismo clássico”, “pentecostalismo da primeira onda”, etc. Considero que o estudo das diferenças destas duas igrejas pentecostais mais antigas ajuda a definir e ressaltar o perfil próprio da Congregação Cristã.

Apresento e analiso um estudo da Congregação Cristã do fim dos anos 70 que revela que seus membros migravam majoritariamente dentro do próprio Estado, percorrendo distâncias curtas, enquanto os assembleianos se locomoviam mais entre os Estados, perfazendo longos caminhos. Descrevo as semelhanças e as diferenças das duas Igrejas no fim dos anos 70, e elaboro seus padrões de migração nesta época. Em seguida, revisito os padrões de migração destes dois grupos vinte anos após o estudo anterior, a partir de dados do Censo 2000, analisando o fluxo migratório em municípios de diversos tamanhos com destaque para

o Estado de São Paulo, a partir dos seguintes itens: quem sempre morava no município; quem dos migrantes nasceu no município e no Estado de SP; a origem dos migrantes que não nasceram em SP; a última residência dos migrantes; e a moradia dos migrantes em 1995.

Comparo os dados dos fins dos anos 70 e 90, e discuto os dados apresentados antes, no contexto da reflexão atual sobre a migração e sua relação com a religião, explorando a presença da Assembleia de Deus e Congregação Cristã nos municípios, estratificados por tamanho, a questão dos migrantes e seus laços sociais, e a questão da eficácia da tradição na vida social dos membros da Congregação Cristã diante da realidade social, no sentido de como estes enfrentam as incertezas e infortúnios da vida moderna.

2.4.1 A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no fim dos anos 70: semelhanças e diferenças

Entre 1976 e 1977, R. E. Nelson fez, no Estado de São Paulo, um estudo de campo do pentecostalismo brasileiro, pesquisando membros dos dois então dominantes grupos pentecostais do Brasil, Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus. Nos parágrafos seguintes as principais conclusões dessa pesquisa.

Enquanto a maior parte da informação apresentada foi adquirida usando os métodos etnográficos tradicionais, dados de um levantamento são incluídos para reforçar alguns pontos. O levantamento foi aplicado a membros de ambos os grupos assim como também a um grupo de controle de Católicos Romanos no Estado de São Paulo em junho de 1977. Membros dos diferentes grupos foram pesquisados a respeito de suas atitudes frente à participação nos eventos principais da vida nacional Brasileira e frente a valores religiosos. Dados a respeito da participação no lugar de trabalho, do nível de educação e dados demográficos também foram colhidos. Trinta e três membros da Congregação Cristã no Brasil foram entrevistados, e quarenta e quatro membros da Assembleia de Deus e grupos pentecostais relacionados preencheram uma versão por escrito do roteiro da entrevista. Trinta e três Católicos Romanos foram entrevistados para providenciar dados de base. (NELSON s.d:3s).

Informa o autor ainda que a Congregação Cristã foi estudada mais detalhadamente, enquanto os membros da Assembleia de Deus e grupos relacionados – conjunto que o autor chama de “pentecostais integrados” ou “institucionais”- eram todos estudantes do Seminário de Avivamento Bíblico do qual participavam virtualmente todos os grupos pentecostais maiores no Brasil, com exceção da Congregação Cristã. Por causa disso, os dados foram corrigidos por “pesagem” e submetidos à análise de variância, sendo os resultados

comparativos analisados, todos significativos a um nível de 0,05 ou menos. O estudo chegou aos resultados apresentados a seguir.

Ambos os grupos tiveram em comum a aceitação e prática da doutrina pentecostal tradicional; abundância de manifestações de profecia, curas e glossolalia; adesão à austeridade na vestimenta e no código moral; prática de batismo por imersão, renascimento pelo Espírito, literalismo bíblico e fé na volta imediata de Jesus. Ambos recrutaram seus membros das classes baixas e médias baixas⁴⁵ e tiveram a partir dos anos 30 um crescimento considerado pelo autor como “astronômico” (NELSON s.d: 5) – expressão que considero exagerada.

De outro lado, o estudo revelou profundas diferenças entre os dois grupos, a Congregação Cristã se mostrando resistente a uma integração maior na sociedade global, e a Assembleia de Deus caminhando em direção de uma aceitação e participação maior nos valores e na vida nacional.

Os membros da Congregação Cristã atribuíram muitos eventos na sua vida a forças externas. A expressão “Deus vai preparar um milagre na sua casa” era (e continua sendo) recorrente nos cultos da Congregação Cristã, a planos fracassados era (e continua sendo) atribuído, nos testemunhos, que “Deus não preparou”, e a própria conversão era (e continua sendo) entendida como passivo “obedecer ao chamado” e não como ativa adesão. Os pentecostais integrados, ao contrário, insistiram na pregação da moral puritana.- Assim também a vida política era (e continua sendo) vista como imutável pela Congregação Cristã. Por isso, interferência nela não faz sentido e era (e continua sendo) interdita, com exceção dos deveres do cidadão, que devem ser obedecidos, como o ato de votar, ou a Congregação Cristã publicar o relatório anual, no qual ainda nos anos 60 estava estampado: “para dar a César o que é de César”.-

Membros da Congregação Cristã demonstraram uma tolerância por ambiguidade - no sentido da habilidade de conviver com incertezas - significativamente inferior que pentecostais integrados. A recorrente promessa do pregador nos cultos da Congregação Cristã: “Volte para sua casa, que Deus já escutou a sua causa e enviou alívio”, era (e continua sendo) uma solução simbólica de problemas diários dos membros, reforçada pelos testemunhos anteriores que contam como a palavra de Deus, ouvida em outros cultos, se realizou – mesmo se na vida real o prometido alívio não vem. O autor avalia a necessidade que toda ação precisa ser confirmada pelo Espírito como consequência desta baixa tolerância

⁴⁵ Ressalto que esta formulação esconde as nítidas diferenças entre os indicadores sociais dos membros da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã, que elaborei nos parágrafos anteriores a partir de dados do Censo 2000.

por ambiguidade que livra, de passagem, o indivíduo da responsabilidade. (NELSON s.d:9s) Outros indicadores confirmam esta baixa tolerância por ambiguidade, resultado de classificação binária: à questão se a sua igreja fosse a única verdadeira, 69% dos membros da Congregação Cristã responderam positivamente, contra apenas 2% dos pentecostais integrados e 35% católicos. 75% de membros da Congregação Cristã consideraram o uso de maquiagem por mulheres um perigo para sua salvação, contra 30% dos pentecostais institucionais, e a pergunta se uma moça não casada não deve viver fora da casa dos pais, deu a mesma porcentagem, indicando uma orientação conservadora da Congregação Cristã. Igualmente foi levantado que os pentecostais institucionais frequentam o culto duas vezes por semana, contra três vezes dos membros da Congregação Cristã. (NELSON s.d:10s)

O autor encontrou indícios de que a Congregação Cristã exigia dos seus membros integração total no grupo, reduzindo os laços relacionais com o ambiente, enquanto a Assembleia de Deus permitiu e até encorajou seus membros de ocupar múltiplos papéis em outras organizações. Assim, a Congregação Cristã condenou praticamente qualquer lazer não religioso: esporte, jogos, TV (somente 53% dos membros da Congregação Cristã teve TV, contra 76% dos pentecostais institucionais e 97% da população geral), rádio (apenas 46% dos membros da Congregação Cristã possuíam rádios, contra 89% dos pentecostais institucionais e 93% da população geral) e jornais ou revistas (somente 11% dos membros da Congregação Cristã fizeram assinatura, contra 38% dos pentecostais integrados). Igualmente, o estudo não foi valorizado na Congregação Cristã, onde se insiste que o ignorante humilde, por sua confiança apenas na sabedoria divina, confunde o inteligente que confia na sua própria sabedoria, e os membros da Congregação Cristã tiveram os índices mais baixos na porcentagem de trabalho fora de casa, enquanto os pentecostais integrados lideravam até sobre a população geral (62% da Assembleia de Deus contra 38% da população; Congregação Cristã: 34%).

A partir destes dados, Nelson conclui que os membros da Assembleia de Deus e a Congregação Cristã possuem diferentes tipos de personalidade, ou atitudes perante a realidade social: enquanto os membros da Congregação Cristã consideram que o controle dos eventos é externo, resultando numa atitude conservadora, submissa, passiva, intolerante com ambiguidades e evitando comportamentos de risco, “sem precisar dos múltiplos e frequentemente contraditórios papéis, característicos de uma sociedade industrial” (NELSON s.d:14), a Assembleia de Deus enfatiza o foro interno e a eficácia do esforço individual e leva seus membros assim a uma alta tolerância por ambiguidade, orienta para a mobilidade e relaciona o esforço individual com a posição na sociedade, preparando seus membros para a

inclusão parcial na sociedade moderna. O autor insiste que as duas Igrejas apenas *reforçam* estas distintas personalidades, mas que estas são variáveis *antecedentes*. Da mesma maneira, haveria, de um lado, uma afinidade eletiva entre o coronelismo no Nordeste (de onde provêm a maioria dos migrantes membros desta Igreja) e o autoritarismo ou a relação patrão – empregado predominante na Assembleia de Deus, e, de outro lado, uma afinidade entre o modelo da família extensa predominante no Brasil tradicional e o tradicionalismo e a prevalência do carisma tradicional na Congregação Cristã (NELSON 1989).

Resta a pergunta “por que as duas organizações atraem clientelas tão diferentes, apesar da doutrina e das origens na mesma classe social quase idênticas. Acredito que a resposta se encontra no mecanismo como os dois grupos lidam com seu ambiente, particularmente suas práticas de recrutamento.” (NELSON s.d:16) A Congregação Cristã não faz proselitismo público, mas recruta seus membros pelas redes capilares de parentes da família extensa e amigos, atraindo assim pessoas do mesmo perfil já existente, enquanto os pentecostais integrados, usando também os meios de comunicação de massa e proselitismo público em praças e ruas, fazem aderir um grupo muito mais heterogêneo. O autor pressupõe que os fortes laços familiares que a Congregação Cristã mantém e incentiva, impedem a integração no novo ambiente e preservam padrões culturais tradicionais⁴⁶, enquanto a orientação para a mobilidade começa justamente cortando os laços com a família extensa.

2.4.2 A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no fim dos anos 70: padrões de migração

R. E. Nelson chama atenção para os diferentes padrões de migração dos membros da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus:

Muitos membros da amostra da Congregação Cristã (48%) migraram até sua residência atual, mas a maioria não se moveu mais do que 100 milhas⁴⁷, normalmente de um distrito rural a uma cidade do interior ou a São Paulo, mudança esta que não constitui um rompimento com os laços de parentesco. ... Do outro lado, 41% da amostra institucional migraram mais do que mil milhas, vindo de outro Estado. Apesar deste tipo de migração ser facilitado, às vezes, pela família, ele representa uma ruptura muito mais forte com o passado, aumentando assim as chances de perda de laços de sangue por isolamento geográfica ou por evitação voluntária. (s.d:19)

⁴⁶ Recentemente, Valéria Esteves Nascimento Barros (2003a e 2003b), analisando a conversão de uma tribo indígena guarani na terra indígena Laranjinha/PR à Congregação Cristã, argumenta que os indígenas conseguiriam integrar o sistema de crença da Congregação Cristã na sua cosmovisão tradicional tribal anterior que se manteria como estrutura principal – algo questionado por Dickie (2003), que lembra do caráter intransigente da Congregação Cristã com respeito a outras crenças.

⁴⁷ Uma milha corresponde aproximadamente a 1,6 m.

Conforme o autor, longa distância da migração atenua os laços de parentesco, além de estes inibirem atitudes modernizantes e mudanças mais radicais de visão do mundo. Consequentemente, migrantes com laços de parentesco mais fracos se afiliam mais facilmente a um grupo pentecostal que recruta fora dos laços de sangue tradicionais, enquanto

a Congregação Cristã, com sua ênfase pesada na família extensa e características tradicionalistas pode de fato servir como meio para lidar com mudanças na sociedade que tornam a vida difícil para uma pessoa de orientação mais tradicional. (NELSON s.d:19s)

A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã assumiriam, portanto, apesar da sua doutrina “quase idêntica” (NELSON s.d:20) - eu prefiro falar de doutrina semelhante - e de atingir os mesmos estratos sociais, funções opostas: aquela integrada na sociedade modernizante, esta facilita a resistência a atitudes modernizantes.

O autor elaborou ainda, a partir de sua amostra, os padrões de migração para as primeiras duas gerações da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã (NELSON 1979:52s) e os apresentou em gráficos que aqui reapresento:

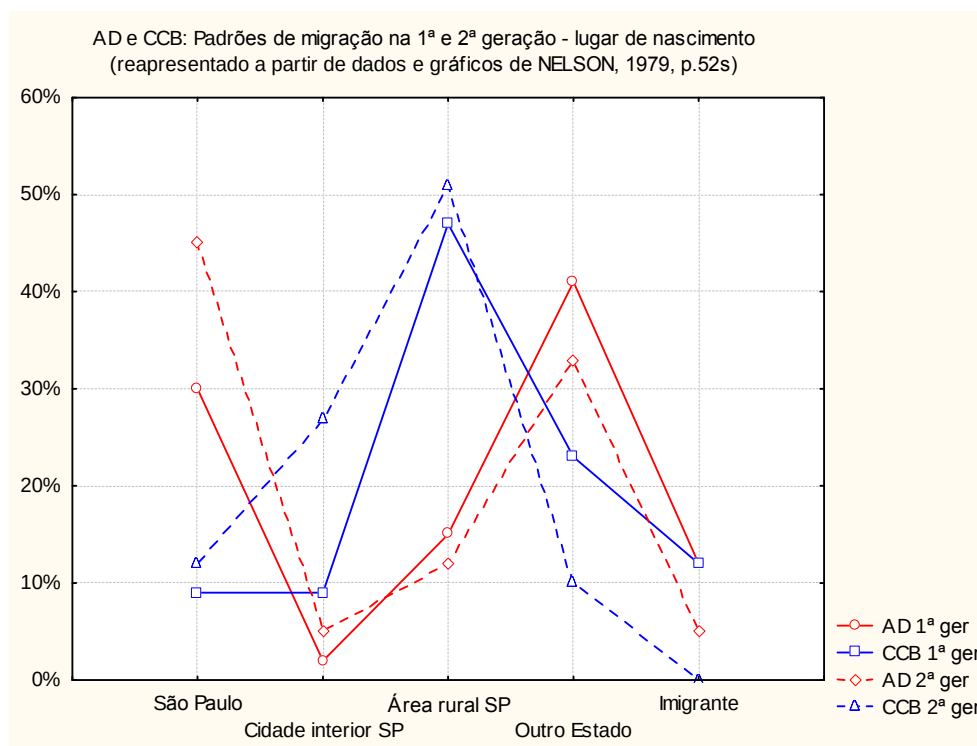


Gráfico 2.11: Padrões de migração na 1ª e 2ª geração – AD e CCB

Vê-se que mais do que 70% dos membros da Assembleia de Deus nasceram na cidade de São Paulo ou de outro Estado. 30% dos assembleianos nasceram em São Paulo e 40% em outro Estado na 1ª geração, relação que se inverte na 2ª geração, com 45% de nascidos em

São Paulo e 32% em outro Estado. Diferentemente, a grande maioria dos membros da Congregação Cristã nasceu na área rural (pouco menos que 50% na 1ª geração e pouco mais que 50% na 2ª). Enquanto a porcentagem dos membros da Congregação Cristã que nasceram em cidades do interior mais que dobra de 1ª para 2ª geração, o número dos que nasceram em outro Estado diminui quase pelo mesmo fator. Além disso, na 2ª geração não há mais imigrante na Congregação Cristã.

Passo agora a comparar estes padrões de migração dos dois grupos pentecostais com os dados levantados vinte anos depois da pesquisa de Nelson, no Censo 2000.

2.4.3 A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no fim dos anos 90: padrões de migração

Das 4.038.217 pessoas do Estado de São Paulo cujos dados foram levantados nos microdados do último Censo (2000), 159.820 (3,95%) eram da Assembleia de Deus e 146.155 (3,6%) da Congregação Cristã. No Estado de São Paulo, a Assembleia de Deus possui, portanto 52,23% e a Congregação Cristã 47,77% do total dos dois grupos. Já verificamos a distribuição dos dois grupos no gráfico 2.4. (“Membros da Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Estado de São Paulo”). Este gráfico mostrou que a Congregação Cristã soma mais membros no total dos municípios de até cem mil habitantes do que a Assembleia de Deus, em todas as faixas (até cinco mil; entre cinco e dez mil; entre dez e vinte mil; entre vinte e 50 mil; entre 50 e cem mil habitantes); a partir do total dos municípios de cem mil habitantes para cima, o número dos membros da Assembleia de Deus é maior do que o da Congregação Cristã, em todas as faixas (100 a 200 mil; 200 a 500 mil; 1 a 5 milhões; 5 milhões acima).

Observemos, em seguida os padrões de migração.

2.4.4 Os não migrantes: Quem sempre morou no município

Analisou-se, em primeiro lugar, quantos membros dessas igrejas sempre moraram no município em que nasceram: enquanto 47,41% dos membros da Assembleia de Deus sempre moravam no município (contra 52,59%), isso foi o caso para 49,30% da Congregação Cristã (contra 50,70%). Neste aspecto, os membros da Assembleia de Deus possuem, portanto, uma mobilidade levemente maior do que os membros da Congregação Cristã.⁴⁸

⁴⁸ Da população geral, a porcentagem dos que sempre moravam no município é maior ainda: 52,56% (contra 47,44%).

Foi analisado, em segundo lugar, há quanto tempo os membros da Assembleia de Deus e Congregação Cristã moram no município. O gráfico abaixo mostra que o número dos membros da Assembleia de Deus com pouco tempo de moradia, supera largamente o dos membros da Congregação Cristã; a partir de 10 anos de moradia, os valores se aproximam, e a partir dos 28 anos de moradia no município, os índices da Congregação Cristã são maiores.⁴⁹ Isso parece significar que a Assembleia de Deus atrai mais os recém-chegados e confirma a discussão dos dados do gráfico 2.9 acima (ponto 2.2.4 do trabalho). Detrás disso podem estar fatores endógenos ao grupo, como o fato que na CCB não há campanhas públicas de conversão nem uso de meios de comunicação.

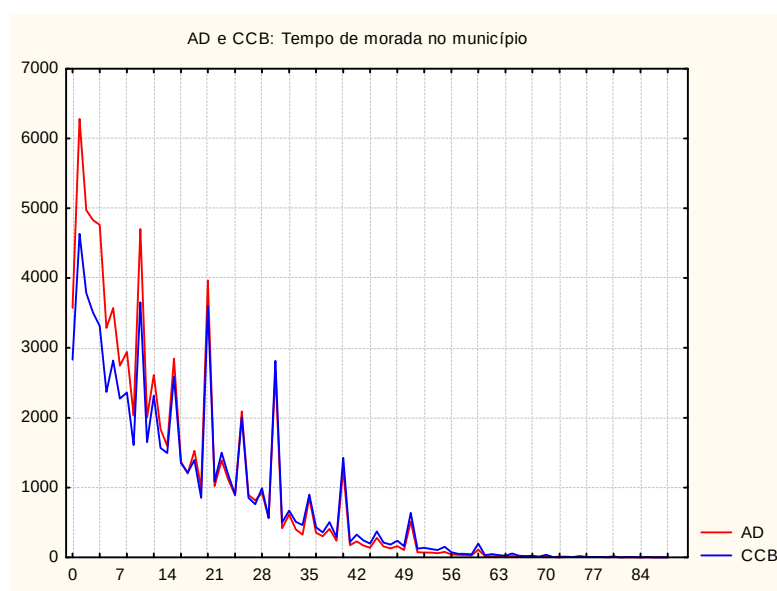


Gráfico 2.12: Tempo de moradia no município – AD e CCB

2.4.5 Quem dos migrantes nasceu no município e no Estado de SP

O fator migração tem enorme importância para ambas as igrejas: A respeito do lugar de nascimento dos migrantes, 3,73% da Assembleia de Deus afirmam que nasceram no município, (contra 96,27% que nasceram em outro); a porcentagem dos migrantes da Congregação Cristã é levemente maior: 4,88% nasceram no município e 95,12% fora dele.⁵⁰ As diferenças crescem consideravelmente com respeito ao número de migrantes que nasceram no Estado de São Paulo: somente um terço dos migrantes da Assembleia de Deus nasceu no

⁴⁹ Os índices da população geral, até os 38 anos, se encontram, em geral, entre os índices da AD e da Congregação Cristã, mais próximos da Congregação Cristã; após os 38 anos, os valores percentuais são mais altos ainda do que os da Congregação Cristã.

⁵⁰ Da população geral, a taxa dos migrantes que nasceram no município é maior ainda: 5,14% nasceram no município e 94,86% fora dele.

Estado de São Paulo (36,81% contra 63,19%), mas mais do que a metade dos migrantes da Congregação Cristã nasceu no Estado (52,85% contra 47,15% para a Congregação Cristã) – uma taxa bem mais alta até do que a da população geral do Estado.⁵¹

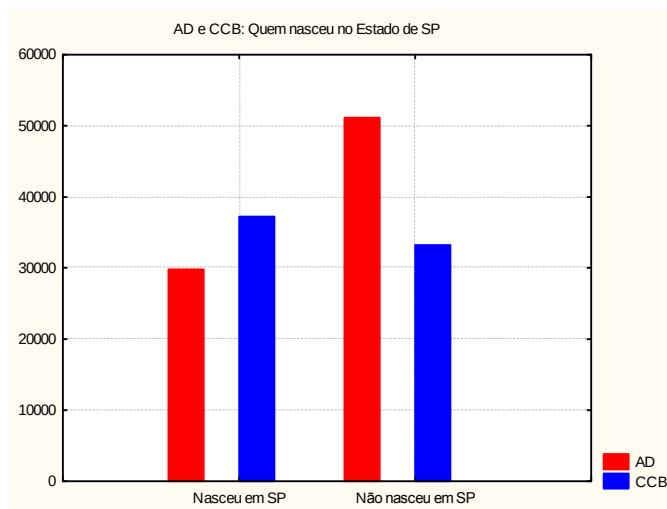


Gráfico 2.13: Quem nasceu no Estado de SP – AD e CCB

2.4.6 A origem dos que não nasceram em SP

Dos que não nasceram no Estado de São Paulo (51.129 dos 159.820 ou 32% da Assembleia de Deus e 33.236 dos 146.155 membros ou 22,7% da Congregação Cristã), vê-se que 60,27% dos membros da Assembleia de Deus nasceram no Nordeste, e apenas 22,49% no Sudeste (sem SP) e 13,04% no Sul. As porcentagens da Congregação Cristã são quase invertidas: 42,30% dos membros nasceu no Nordeste, enquanto mais da metade nasceu no sul ou sudeste: 25,57% no sudeste (sem SP) e 27,16% no sul.⁵² Comparando estes dados com os de Nelson, pode-se afirmar que a Congregação Cristã ganhou um rosto mais nordestino nas últimas duas décadas.

⁵¹ Os índices da população geral encontram-se entre aqueles da AD e os da Congregação Cristã: 46,79% dos migrantes nasceram no Estado de São Paulo e 53,21% não.

⁵² Os índices da população geral de SP encontram-se entre aqueles da AD e da Congregação Cristã: 53,70% nasceram no Nordeste, 24,06% no Sudeste e 15,01% no Sul.

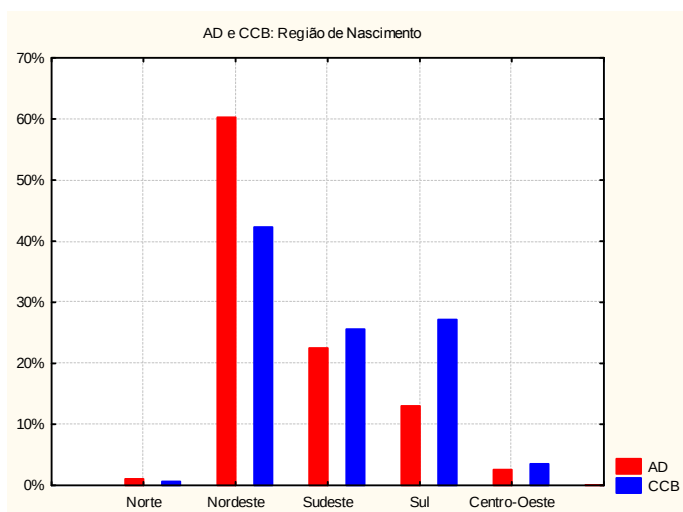


Gráfico 2.14: Região de nascimento – AD e CCB

2.4.7 A última residência

Olhando a última residência dos migrantes e dos que moram na Unidade da Federação menos que 10 anos (20.172 membros ou 12,6% da Assembleia de Deus e 10.639 membros ou 7,3% da Congregação Cristã), o quadro é o seguinte:

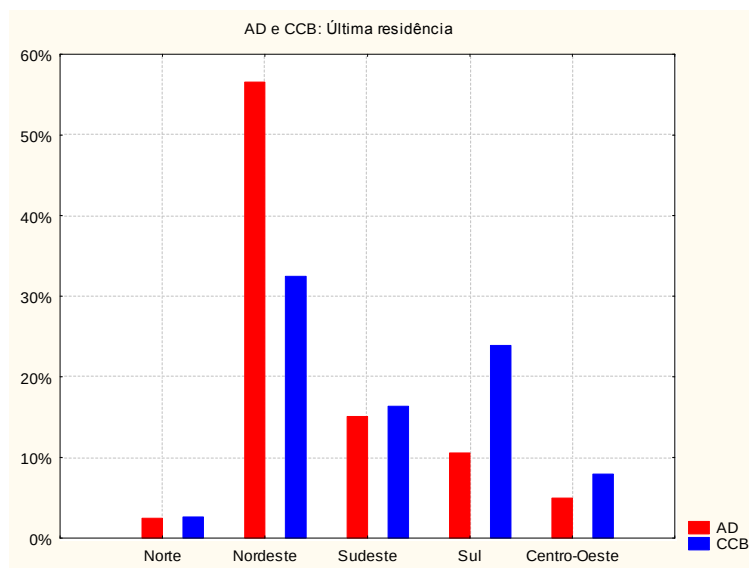


Gráfico 2.15: Última residência – AD e CCB

Percebe-se imediatamente a semelhança dos gráficos a respeito do lugar de nascimento e da última residência dos migrantes de ambas as igrejas. Enquanto a soma dos migrantes do Sudeste, Sul e Centro-Oeste é pouco maior que a metade dos nordestinos para a Assembleia

de Deus, ela supera os migrantes nordestinos em aproximadamente 50% na Congregação Cristã.⁵³

2.4.8 Moradia dos migrantes já nascidos em 1995

Finalmente, o Censo levanta onde moravam os migrantes hoje residentes em SP que já haviam nascido em 31/07/1995. Enquanto um quarto (24,69%) dos membros da Assembleia de Deus morava no Nordeste e dois terços (66,36%) no Sudeste e mais 4,22% no Sul, quatro de cada cinco membros da Congregação Cristã (80,66%) moravam no Sudeste e 6,71% no Sul; apenas 8,16% moravam no Nordeste⁵⁴:

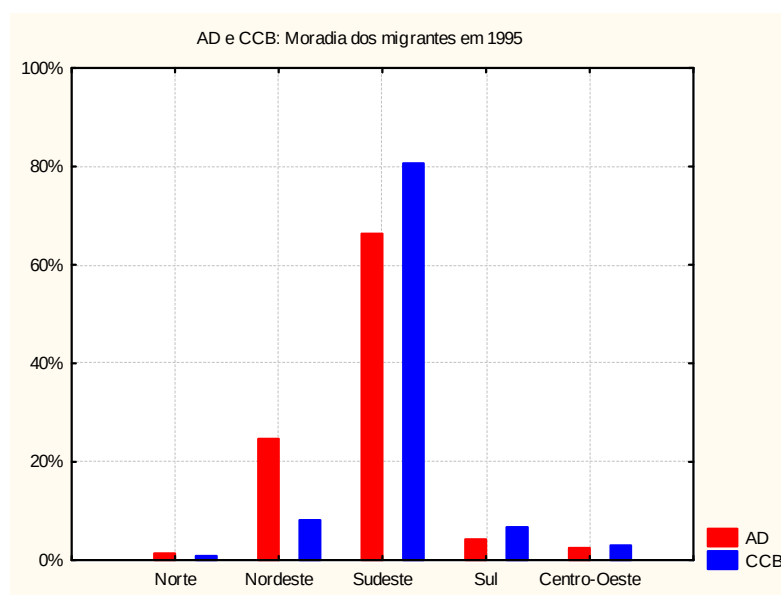


Gráfico 2.16: Moradia dos migrantes em 1995 – AD e CCB

Estes dados indicam que na última década caiu a importância da migração nordestina em ambas as igrejas. Poucos dos nordestinos presentes nas fileiras de ambas as igrejas no ano 2000 moravam na região de origem ainda em 1995: muitos nordestinos possivelmente já moravam, nesta data, no sudeste.

2.4.9 Comparação dos dados dos fins dos anos 70 e 90

Apesar de Nelson ter trabalhado com um número bastante reduzido de casos, os seus dados a respeito da migração se sustentam mesmo vinte anos depois: os cinco índices aqui

⁵³ Também neste item, os índices da população geral de SP encontram-se entre aqueles da AD e CCB: 49,98% tiveram sua última residência no Nordeste, 16,48% no Sudeste e 13,23% no Sul.

⁵⁴ Também aqui, os índices da população geral de SP encontram-se entre aqueles da AD e CCB: 18,61% moravam no fim de julho de 1995 no Nordeste, 71,87% no Sudeste e 4,72% no Sul.

pesquisados (moradia no município; local de nascimento no Estado de SP; origem dos que não nasceram em SP; última residência; moradia dos migrantes em 1995) indicam uma maior mobilidade dos membros da Assembleia de Deus, ou seja, os membros da Congregação Cristã migram menos. Eles moram no município há mais tempo; bem mais migrantes da Congregação Cristã do que da Assembleia de Deus nasceram no Estado de SP; a origem da maioria dos membros da Congregação Cristã que não nasceram em SP é significativamente mais próxima do Estado do que a origem dos respectivos membros da Assembleia de Deus; e em 1995 bem mais membros da Congregação Cristã do que da Assembleia de Deus moravam em SP ou perto do Estado. A observação astuta de Nelson, que “o tipo de migração deve ser especificado” (s.d., p. 19), é um elemento diferenciador válido entre a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã até hoje. Chama ainda a atenção que, referente ao Estado de São Paulo, a maioria dos membros da Assembleia de Deus continua recrutado fortemente entre nordestinos, enquanto os membros da Congregação Cristã continuam majoritariamente recrutados no Sudeste e no Sul.

Passo agora a discutir os dados apresentados acima no contexto da reflexão atual sobre a migração e sua relação com a religião.

2.4.10 Discussão da presença da Assembleia de Deus e Congregação Cristã nos municípios, estratificados por tamanho

Vimos que, com respeito à presença nos municípios estratificados por tamanho, a Congregação Cristã supera, no total dos municípios de até cem mil habitantes, em todas as faixas, a Assembleia de Deus, enquanto, em todas as faixas dos municípios acima de cem mil habitantes, a Assembleia de Deus tem mais membros. A maioria dos membros migrantes da Assembleia de Deus é nordestina, enquanto os membros migrantes da Congregação Cristã vêm majoritariamente do Sul ou do Sudeste. Levando em conta estes dados, decidiu-se investigar, pelo índice da Unidade Federal do nascimento, como o total dos migrantes da população geral em cada faixa dos municípios, estratificados por tamanho, se diferencia conforme a origem daqueles. (Devemos lembrar que a região Sudeste compreende, aqui, somente os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, uma vez que os nascidos no Estado de São Paulo não são contabilizados como migrantes).

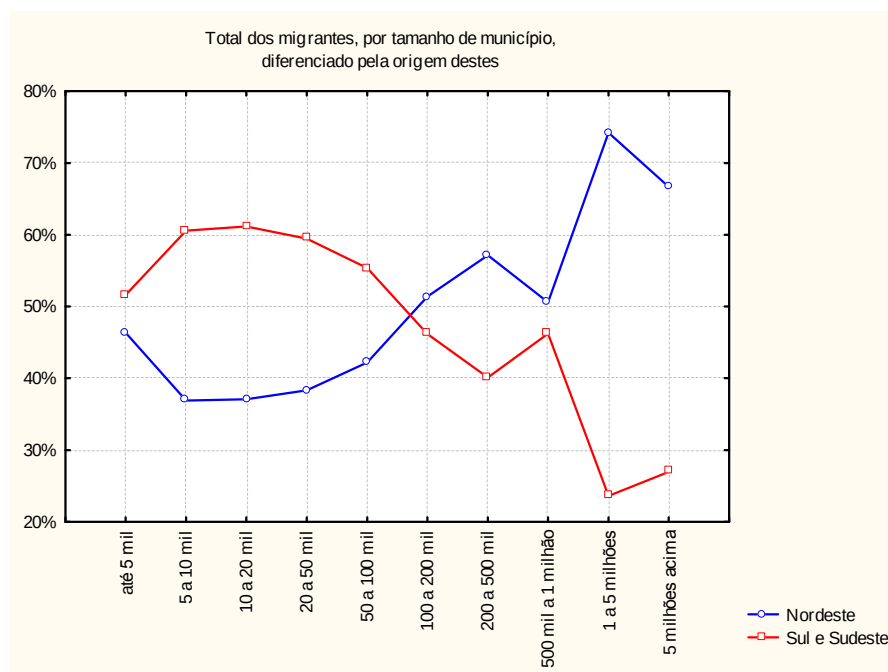


Gráfico 2.17: Origem dos migrantes diferenciado por sua origem, por tamanho de município

Comparando como os migrantes de origem diferente se distribuem nos municípios estratificados por tamanho, se dá o seguinte quadro:

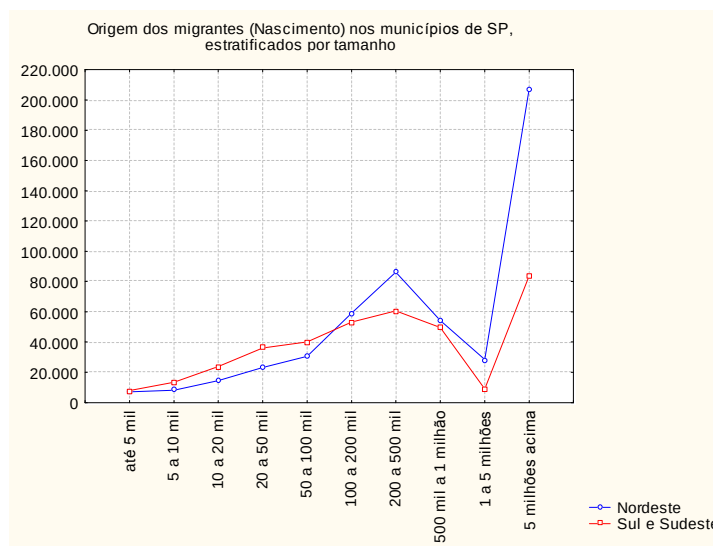


Gráfico 2.18: Origem dos migrantes (nascimento), por tamanho de município

Vê-se, portanto, que o gráfico da origem dos migrantes da população geral, medida por seu nascimento, se assemelha bastante ao gráfico da presença da Assembleia de Deus (correspondendo à curva do Nordeste) e Congregação Cristã (correspondendo à curva do conjunto Sul e Sudeste) nos municípios (cf. o gráfico 2.4., “Membros da Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Estado de São Paulo”). A maior diferença com este gráfico - onde a

Congregação Cristã aparece na cidade de São Paulo, quando levado em consideração o total dos seus membros, com valores mais altos do que os migrantes do Sul e Sudeste no gráfico acima -, pode ser explicado pelo fato de que o gráfico a respeito da presença nos municípios de SP, por tamanho inclui os membros da Assembleia de Deus e Congregação Cristã nascidos no Estado de São Paulo, enquanto a população nascida em SP é excluída no gráfico 2.18 (“Origem dos migrantes (Nascimento) nos municípios de SP, estratificados por tamanho”). Lembro que o gráfico 2.13 (“Quem nasceu no Estado de SP”) mostrou que significativamente mais membros da Congregação Cristã nasceram em SP do que membros da Assembleia de Deus!

Como os migrantes do Nordeste e do conjunto Sul e Sudeste da Assembleia de Deus e Congregação Cristã se distribuem nos municípios de diferentes tamanhos? Já vimos que os municípios com população em torno de 100 mil habitantes são um divisor de água: nos municípios de até cem mil habitantes, a Congregação Cristã prevalece sobre a Assembleia de Deus, depois se inverte a relação. Também, nos municípios com até cem mil habitantes, os migrantes do conjunto Sul e Sudeste prevalecem sobre os migrantes nordestinos na população geral, depois inverte.

De fato, o gráfico a seguir mostra que até na Assembleia de Deus, igreja onde predominam entre os migrantes largamente os nordestinos, nos municípios com população de até 100 mil habitantes, os migrantes do conjunto Sul e Sudeste prevalecem sobre os migrantes do Nordeste. E vemos também que, no caso da Congregação Cristã, os migrantes do conjunto Sul e Sudeste só não prevalecem nos municípios com mais que 1 milhão de habitantes.

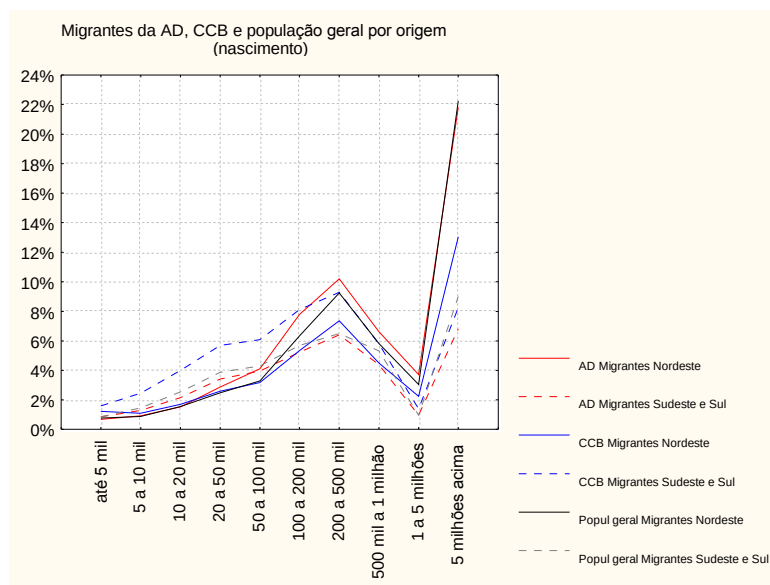


Gráfico 2.19: Migrantes da AD, CCB e população geral por origem nasc., por tamanho de município

Mesmo assim, considero este paralelismo entre a presença diferenciada das duas igrejas e de migrantes do Nordeste ou Sudeste e Sul da população geral, respectivamente, nos municípios estratificados por tamanho, de certa maneira surpreendente. Se bem que nos anos de 1970 a 1995 houve uma diminuição do impacto da migração no Estado de São Paulo, como mostra a seguinte tabela, elaborada por da Cunha (1997) e reapresentada por Assunção e Ferreira (2006:1), o que importa é que em todo caso o volume de migrantes para SP continua enorme, mais de 1 milhão. Suficiente potencial para as duas igrejas pentecostais em questão.

Tabela 2.3: Volume e taxa média anual de imigração interestadual segundo região de última residência - Estado de São Paulo – 1970/95

Região de residência anterior	Período da imigração					
	1970/1980		1981/91		1991/95	
	Volume	Taxa (%)	Volume	Taxa (%)	Volume	Taxa (%)
Nordeste	1.255.890	0,59	1.235.795	0,43	558.301	0,34
Paraná	720.274	0,34	365.003	0,12	164.641	0,10
Minas Gerais	598.684	0,28	405.843	0,14	165.593	0,10
Norte	21.818	0,01	39.099	0,01	21.281	0,01
R.Janeiro/Esp. Santo	131.922	0,06	116.240	0,04	47.295	0,03
Centro-Oeste	143.925	0,07	102.235	0,03	47.533	0,05
Sul (menos Paraná)	49.735	0,02	41.708	0,01	21.058	0,01
Outros	131.833	0,06	41.428	0,01	13.875	0,00
Total	3.054.081	1,42	2.347.351	0,82	1.039.577	0,64

Fonte: Fundação IBGE. Censo demográfico (1980; 1991); PNAD (1995)

Apesar da redução do fluxo migratório, a Assembleia de Deus continua crescendo vigorosamente; a Congregação Cristã continua crescendo, mas em escala bem menor. É este crescimento pelo menos em boa parte desacoplado dos fluxos migratórios? Se estas duas igrejas pentecostais já eram predominantemente igrejas de migrantes - o que, como vimos, diria mais respeito à Assembleia de Deus do que à Congregação Cristã, pelos dados levantados -, hoje o são menos?- Olhando mais detalhadamente a tabela, vê-se que o fluxo migratório das regiões onde a Congregação Cristã recruta majoritariamente seus membros (Sul e Sudeste; mas também no Centro-Oeste mais que a Assembleia de Deus) teve redução mais forte que o fluxo migratório do Nordeste, de onde a Assembleia de Deus recruta com mais força seus membros. Pode-se dizer: a expansão da Congregação Cristã é mais modesta, porque a migração dos Estados de onde veio tradicionalmente a maioria dos seus membros migrantes arrefeceu muito. A Assembleia de Deus continua crescendo vigorosamente, porque

o fluxo migratório do Nordeste diminuiu, mas em escala bem menor. O crescimento destas duas igrejas *não* seria, portanto, desacoplado dos fluxos migratórios. E de fato, Rosana Baeninger (1997:60) afirma que “houve uma ligeira diminuição, mas o padrão migratório não mudou, continuando ainda a tendência de movimentos do nordeste em direção ao estado, especialmente para aquela RM.” Quer dizer: o fluxo migratório para a RM de São Paulo, especialmente para a sua fronteira, mostra um quadro diferente daquele para o Estado de São Paulo, como já Haroldo Torres mostrou (2005).

Em estudo recente, Negrão (2006) já não consegue enxergar diferenças quantitativas entre os migrantes e os não migrantes com relação à mudança religiosa, porque a maioria dos não migrantes (60%) é também formada de mutantes religiosos. Mesmo assim, Assunção e Ferreira (2006:3s) consideram que a relação entre religião e migração continua sendo significativa, porque

a migração pode ainda ligar-se ao fenômeno da mudança, do trânsito entre as religiões, bem como ao fenômeno das duplicidades/multiplicidades religiosas. Isso pode ocorrer da seguinte forma: os não migrantes apresentariam este tipo de comportamento porque já vivem num espaço de diversidade religiosa, e os migrantes passariam a ter tal comportamento quando chegam para viver em tal espaço. ... Para saber se isto se realiza de fato, a pesquisa terá que verificar, então, de onde vieram os migrantes, de que contextos religiosos eles saíram (se de contextos de monopólio ou de um mínimo de pluralidade), e quais eram aí os seus comportamentos religiosos.

Deve-se pesquisar, portanto, o trajeto migratório: se os migrantes vieram de sua terra natal diretamente para São Paulo ou se passaram antes por outros lugares, e se mudaram de religião antes mesmo de migrarem ou após a chegada a São Paulo. A pesquisa de Assunção e Ferreira (2006:17) teve como resultado que, para os migrantes,

a exclusividade na origem religiosa continua a ser do catolicismo, diferentemente dos não migrantes, para os quais a socialização religiosa acontece normalmente em mais de uma religião. ... Outro fato diferenciador é, na situação religiosa atual, a participação marcante de pentecostais entre migrantes e de adeptos de religiões orientais entre não migrantes.

Enquanto os não migrantes apresentam um quadro bastante difuso e disperso das trajetórias religiosas, parece haver, no caso dos migrantes, um certo padrão de trajeto, que vai do catolicismo ao protestantismo com destaque para o pentecostalismo. Os autores concluem (2006:21):

Não há, realmente, a suposta relação direta entre migração e mudança religiosa, tal como supunham os autores funcionalistas, pois se houvesse tal relação, os

migrantes mudariam mais de religião, mas é exatamente o contrário o que acontece: são os não migrantes que mais mudam e o fazem de forma mais diversificada. Mas isto não significa que não haja relação alguma entre a condição de migrante ou não, diante da diversidade religiosa urbana. Neste estudo vimos ocorrer a seguinte situação: o deslocamento dos migrantes acontece de um local onde não há diversidade religiosa (pluralidade), ou onde ela é muito baixa, para um local onde é grande a “pluralidade religiosa”.

Acreditamos que os estudos de Assunção e Ferreira e também de Negrão merecem atenção. Eles, porém, não nos parecem levar em conta um importante fator: o lugar social do bairro do qual se está falando. A diversidade religiosa, especialmente no que diz respeito a religiões não cristãs, como as orientais, é significativamente menor em regiões de maior vulnerabilidade social, e nitidamente menor ainda quando esta região se situa afastada das regiões mais abastadas. Pode-se generalizar que os(as) migrantes mudam de religião para se tornarem pentecostais, e só isso, enquanto os(as) não migrantes mudam mais de religião e tendem a religiões orientais, ou esta tendência verifica-se somente nas regiões mais nobres? Vimos que 47,41% dos membros da Assembleia de Deus e 49,30% dos membros da Congregação Cristã no Estado de São Paulo sempre moravam no município e não podem ser considerados migrantes, portanto. Mesmo assim, pode se pressupor que eles normalmente, no bairro onde moram, não encontram a diversidade religiosa discutida por Assunção e Ferreira e também por Negrão. Por isso, os resultados destes autores não podem ser generalizados, e vê-se a necessidade de pesquisar o complexo temático “religião e periferia”, porque a periferia continua negligenciada por muitas pesquisas.

2.4.10.1 Migrantes e seus laços sociais

Nelson pressupõe, como nós vimos, que a atenuação dos laços sociais é proporcional à distância percorrida na migração. Assim, os membros da Congregação Cristã que, na média, migraram pouco, manteriam laços de família e parentesco forte, enquanto os laços familiares dos membros da Assembleia de Deus, majoritariamente migrantes do Nordeste, frequentemente se romperiam, sendo substituídos pela comunidade de fé.

Pesquisas recentes, porém, revelam outros dados. Tanto Almeida e D’Andrea (2004) como Lavallo e Castello (2004) comprovam no caso da favela Paraisópolis (Morumbi) que também os nordestinos que migram para cá já têm parentes, familiares ou amigos no local do destino, onde serão acolhidos. De fato, muitas vezes são grupos e associações religiosos que melhor integram o migrante no novo ambiente e o inserem na estrutura de oportunidades por circuitos de troca de informações, recomendações de trabalho etc., baseados na reciprocidade

entre os fiéis: Também na Congregação Cristã, conheço casos em que um membro da Congregação Cristã, sabendo que se procura mão de obra para certos serviços, propõe logo um irmão da fé da própria Igreja. Sabe-se, de outro lado, que tanto a Assembleia de Deus, e talvez ainda mais a Congregação Cristã, são parcialmente restritivos na formação de laços sociais e tentam restringir laços sociais fortes (inclusive casamentos etc.) ao próprio grupo religioso, reduzindo a possibilidade de o fiel interagir com o entorno social mais amplo. A redundância de poucas informações e a restrição a outras informações além-grupo, constituem o que poderia ser chamado a fraqueza dos laços fortes. Ressalto aqui que nos anos 70, Nelson, como vimos acima, viu esta restrição como característica da Congregação Cristã, em oposição à Assembleia de Deus que favoreceria laços mais fortes com o entorno mais amplo; em 2004, tanto Almeida e D'Andrea como Lavalle e Castello afirmam, ao contrário, a restrição destes laços justamente para a Assembleia de Deus; no ano referido, os autores já citam a presença de uma casa de oração da Congregação Cristã na favela Paraisópolis, mas não fazem nenhum comentário específico a ela.

2.4.10.2 A eficácia da tradição na vida social dos membros da Congregação Cristã

Nos fins dos anos 70, Nelson afirmou, como vimos acima, que na Congregação Cristã muitos eventos são atribuídos a forças externas; que há nela uma baixa tolerância por ambiguidade; que os membros da Congregação Cristã têm índices nitidamente menores de inclusão na sociedade moderna, medidos por itens como presença de TV, rádio e revista nas casas e pela pouca valorização do estudo acadêmico.⁵⁵

Considero ainda hoje a atribuição de eventos a forças externas onipresentes nos cultos da Congregação Cristã, tanto nas pregações como nos testemunhos. Com respeito à baixa tolerância por ambiguidade, percebe-se que a letra dos hinos da Congregação, que não mudou nos últimos 45 anos, trabalha fortemente com oposições binárias; a pregação, ao meu ver, assim como os testemunhos, deixam, ao contrário, bastante espaço para ambiguidade (veja a análise no capítulo 4 sobre o culto da Congregação Cristã). A tentativa de afastar os membros dos meios de comunicação social como a TV não conseguiu se manter ao longo dos últimos

⁵⁵ Quero registrar aqui apenas que esta discussão que Nelson faz dos índices de modernidade é bem diferente da discussão da relação modernidade e protestantismo em torno dos itens progresso, democracia e secularização que se faz normalmente no meio acadêmico. Enquanto autores protestantes da década de 60 equacionam o protestantismo na hora da sua chegada no Brasil com modernidade, capitalismo, democracia, secularização contra o catolicismo visto como tradição, propriedade senhorial, patriarcalismo, sacralização da sociedade, a partir dos anos 90, esta visão do protestantismo como causador de progresso é justamente contestado para o caso contemporâneo, e lhe é atribuído conservadorismo e fundamentalismo, por outros autores protestantes da década de 90. Veja a respeito a discussão em Mariano (1998).

trinta anos; apesar da tradição escrita não ceder nada neste ponto, a tradição oral mudou significativamente: sabe-se de membros da Congregação Cristã que os anciãos hoje possuem nas suas próprias casas TV e que eles aconselham que “pode assistir, mas sem pôr o coração”. Bianco (2005, p. 78) afirma o contrário para o caso de Santo Antônio da Platina, vilarejo onde o fundador da Congregação Cristã, Luigi Francescon, batizou os primeiros fiéis:

As casas dos “crentes” são extremamente simples, os móveis antigos, algumas fotos, nenhum enfeite adicional ou quadros nas paredes. A bíblia grande, com zíper decora a estante sem televisão e sem rádio.

Se esta observação de campo for correta, acredito se tratar de uma exceção – tradição talvez mantida neste vilarejo para salvar “o mito de origem”, título que o próprio autor dá às páginas que descrevem sua observação de campo a respeito da Congregação Cristã em Santo Antônio da Platina.

Com respeito a pouca valorização do estudo acadêmico, percebe-se o aumento de jovens da Congregação Cristã universitários (cf. LEITE 2008), inclusive em cursos de teologia.

Pode-se resumir que, referente ao uso da TV e rádio e ao estudo, estamos evidentemente diante do fim de algumas tradições da Congregação Cristã.

2.4.11 Conclusão

Este estudo comparativo mostrou que, apesar de R. E. Nelson no seu estudo do fim dos anos 70 ter trabalhado com um número bastante reduzido de casos, os seus dados a respeito da migração se sustentam mesmo vinte anos depois, especialmente no que diz respeito aos padrões da Congregação Cristã. Com respeito aos padrões da Assembleia de Deus, estudos recentes questionam hipóteses levantadas por Nelson. Foi visto que, mesmo se não há mais uma relação quantitativa tão forte entre migração e religião como há trinta anos atrás, parece permanecer um vínculo qualitativo entre elas: a migração parece resultar em mudanças e trânsitos religiosos diferentes dos que são encontrados entre não migrantes. A verificação destes padrões diferentes de mudança religiosa, assim também como de mudanças nos padrões migratórios, devem ser verificados e aprofundados por uma pesquisa qualitativa mais ampla entre membros dos dois grupos pentecostais. O plano do presente estudo, assim como as limitações de tempo, no entanto, me obrigaram a me debruçar somente sobre os membros da Congregação Cristã.

O achado de Nelson dos anos 70, confirmado vinte anos depois, que membros da Congregação Cristã migram menos no sentido da distância percorrida, corresponde ao quadro comparativo geral dos grupos pentecostais pesquisados elaborados neste capítulo: os dados estatísticos indicam menor vulnerabilidade social para os membros da Congregação Cristã. Mais ainda, e explicando o nexos deste capítulo com a questão central da tese, em outros termos, o lugar deste capítulo no todo da tese: Considero que duas observações de Nelson podem indicar fatores que explicam porque a Congregação Cristã mantém uma tradição e memória fortes, enquanto as tradições da Assembleia de Deus se diluíram em boa parte, abrindo caminho para uma pluralização e diversificação de suas práticas que às vezes pouco se distinguem daquelas p. ex. da Igreja Universal. A primeira observação diz respeito aos padrões de migração: o autor constatou que os membros da Assembleia de Deus percorrem distâncias maiores na migração, favorecendo uma atenuação dos laços sociais familiares, enquanto os membros da CCB percorrem caminhos mais curtos, possibilitando a manutenção destes laços sociais tradicionais. A segunda observação considera as personalidades diferentes dos membros destas duas igrejas – por mais difícil que seja definir sociologicamente o termo personalidade.

No próximo capítulo, a visão panorâmica dá lugar ao olhar de perto. Nas imediações da casa de oração na qual realizei a observação de culto e conversei com os membros informalmente no estacionamento e em frente da igreja, antes e depois dos cultos, encontrei um bairro de alta vulnerabilidade social. A realidade social deste bairro e sua posição social no município serão analisadas, com a finalidade de possibilitar nos capítulos seguintes relacionar a realidade social e aspectos da religião.

3 Capítulo III:

A Congregação Cristã em São Bernardo do Campo e na Vila Moraes:

Vulnerabilidade social e características religiosas

Este capítulo analisa dados do Censo 2000 e traz informação etnográfica, visando explicar o fato específico da Congregação Cristã em São Bernardo do Campo e na Vila Moraes, para o qual é importante a perspectiva panorâmica dos dados do município e o olhar de perto (etnográfico). Num primeiro momento serão estudados dados geográficos, demográficos e econômicos a respeito do município de São Bernardo do Campo, no qual se encontram a casa de oração da Congregação Cristã e o bairro próximo, em situação de alta vulnerabilidade social, por mim estudados. Demorei para descobrir que o terreno sobre o qual está construída a casa de oração estudada, pertence ao município de São Bernardo. A literatura é ambígua a respeito da atribuição municipal da região onde se encontra esta casa de oração. Em seguida, será apresentado um mapa da vulnerabilidade social desta região e dos seus arredores. Na sequência, serão informados dados a respeito da situação social da população local e dos membros da Congregação moradores da região, conforme o Censo 2000. A desigualdade, ou distância social, levantada entre homens e mulheres, com respeito aos rendimentos, me levou a aprofundar o estudo da desigualdade entre gêneros com respeito a outros indicadores sociais. Estes dados serão completados por anotações no caderno de campo a partir de uma série de conversas informais que tive no barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes com os moradores e de observação *in situ* pelas ruas do bairro. Logo discutirei a situação específica do bairro estudado que resulta numa forma particular de vulnerabilidade: ele faz parte de uma área de proteção aos mananciais. No próximo passo, ouvimos o que participantes dos cultos da Congregação Cristã pesquisada, moradores de um bairro de alta vulnerabilidade social nas proximidades, falam em entrevistas concedidas ao pesquisador a respeito da sua condição social e da situação do bairro em que moram. Completando o quadro, serão brevemente analisados dados levantados a partir de observações de culto na casa de oração. Na parte final, discuto os dados obtidos por estas diversas fontes, e proponho uma conclusão.

3.1 Dados do município de São Bernardo do Campo⁵⁶

Geograficamente, o município de São Bernardo do Campo é localizado no Sudeste da Região Metropolitana de São Paulo. Esta, com 8.051 km², corresponde a cerca de 3% do território paulista. Em 45 anos, sua área urbanizada mais do que duplicou, passando de 874 km² em 1962 a 2.209 km², em 2007. A região é o maior polo de riqueza nacional, tendo em sua área sedes brasileiras dos mais importantes complexos industriais, comerciais e financeiros, que controlam as atividades econômicas do país.⁵⁷ Seu PIB corresponde a aproximadamente 15% do total brasileiro. Durante décadas a locomotiva da industrialização do país, a região do ABC, com São Bernardo na sua ponta, está passando por um processo de desconcentração industrial. Além das causas macroestruturais, a razão é que dos 408,45 km² de área que São Bernardo possui - correspondendo a 49,4% da superfície do Grande ABC, 5% da Grande São Paulo e 0,2% do Estado de São Paulo -, 53,7% da área total do município encontram-se na área de proteção aos mananciais. 75,82 km² ou 18,6%, de sua área é ocupada pela Represa Billings. Hoje, 28,9% do município, ou 118,21 km², pertencem à Zona Urbana e 52,5%, ou 214,42 km², à Zona Rural.⁵⁸ O bairro dos Alvarenga, ao qual o bairro por mim estudado pertence, é com 14,66 km² o maior da área urbana. A baixa densidade da população (menos do que 6 mil habitantes por km²) o faz parecer quase um bairro rural, bem diferente por exemplo do Montanhão, outro bairro urbano de grande extensão (11,94 km²), mas com alta densidade populacional (entre 9 e 12 mil habitantes por km²) e maior crescimento geométrico da população (2 a 3%; Alvarenga: 1 a 2%).

Com respeito à demografia, São Bernardo do Campo, que atrás de São Caetano do Sul e ao lado de Santo André é uma das três cidades mais afluentes do Grande ABC, vai relativamente bem em vários índices, apresentando, porém, pioras e quedas no *ranking* na última década, e sendo superado por São Caetano do Sul sempre e recentemente por Santo André na maioria das vezes: No Índice de Desenvolvimento Humano Municipal⁵⁹, o município oscilou entre as posições 37 (1980), 8 (1990) e 25 (2000). No Índice Paulista de

⁵⁶ Estes dados foram extraídos do *Compêndio Estatístico 2008*, editado pela Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo em 2009 e disponível no seu portal na internet.

⁵⁷ Com 19.616.060 habitantes, a Grande São Paulo (como também é conhecida) figura entre os cinco maiores aglomerados urbanos do mundo.

⁵⁸ Marcondes mostra (1999:134) que, entre 1965 e 1990, em todos os períodos estudados, sempre foi o município de São Bernardo do Campo que mais se urbanizou em todo Grande ABC.

⁵⁹ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) computa o PIB per capita, corrige-o pelo poder de compra da moeda de cada país, e leva em conta dois outros componentes: a longevidade, utilizando números de expectativa de vida ao nascer, e a educação, avaliado pelo índice de analfabetismo e pela taxa de matrícula em todos os níveis de ensino. As três dimensões têm a mesma importância no índice, que varia de zero a um.

Responsabilidade Social⁶⁰, ocupa nos itens riqueza, longevidade e escolaridade as posições 4, 5 e 7 na escala da Região Metropolitana e 14, 208 e 244 na escala do Estado de São Paulo, respectivamente. No Índice do Desenvolvimento Infantil, o município ocupa lugares inferiores (entre 1999 e 2004, da posição 117 para 276 em nível estadual e da posição 146 a 272 em nível nacional). O percentual de pobres teve uma forte alta entre os anos 1991 e 2000 (de 7,85% para 12,25), enquanto em São Caetano do Sul e na Grande São Paulo esta porcentagem caiu. No Índice Paulista de Vulnerabilidade Social⁶¹ (em seguida: IPVS), São Bernardo apresenta taxas mais altas tanto na faixa de nenhuma vulnerabilidade como também nas faixas de alta e mais alta vulnerabilidade do que o Grande ABC. Socioeconomicamente, o bairro estudado fica na parte do bairro dos Alvarenga que está na pior faixa (“muito baixa”). A taxa geométrica de crescimento anual do município está caindo, mas se mantém mais alta do que o Estado de São Paulo, a Grande São Paulo e o Grande ABC. Mais do que 50% da população nasceram ou no Nordeste ou no Sudeste; enquanto a taxa dos moradores que nasceram no Sudeste diminuiu de 1991 a 2000 (de 37,59% para 31,78%), a taxa dos que nasceram no Nordeste subiu no mesmo período (de 16,45% para 20,60%). No crescimento da população, a participação dos migrantes, cuja porcentagem caiu durante duas décadas em relação ao crescimento vegetativo, voltou a crescer com vigor entre 1991 e 2000. Enquanto a população branca está diminuindo na mesma década (de 74,01% para 69,56%), a preta e parda cresceu (de 2,29% para 3,44% e de 20,92% para 24,37%, respectivamente).- Com respeito ao índice de envelhecimento, a proporção de pessoas de 60 anos e mais por cem indivíduos de 0 a 14 anos, que sempre estava abaixo da taxa da RMSP, começou a ser superior pela primeira vez nos últimos anos (a RMSP apresentava nos anos 1980, 1991, 2000 e 2008 as porcentagens de 17,13%, 23,11%, 30,63% e 38,13%; SBC no mesmo período: 11,69%, 17,59%, 26,57% e 39,21%). Com respeito à religião, o município é ligeiramente mais católico (69,35%) do que o Grande ABC (68,58%) e menos evangélico (16,46% contra

⁶⁰ O Índice Paulista de Responsabilidade Social leva em conta as três dimensões do IDH e agrupa os municípios em cinco grupos, que resumem a situação dos municípios segundo os três eixos considerados.

⁶¹ O Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) baseia-se em dois pressupostos. Considera-se que as múltiplas dimensões da pobreza precisam ser consideradas em um estudo sobre vulnerabilidade social. Nesse sentido, foi criada uma tipologia de situações de exposição à vulnerabilidade que expressasse tais dimensões, agregando aos indicadores de renda outros referentes à escolaridade e ao ciclo de vida familiar.- Como segundo pressuposto, considera-se a segregação espacial como um fenômeno presente nos centros urbanos paulistas e que contribui decisivamente para a permanência dos padrões de desigualdade social que os caracteriza. Por isso, foi criado um método de identificação de áreas segundo os graus de vulnerabilidade de sua população residente, gerando um instrumento de definição de áreas prioritárias para o direcionamento de políticas públicas, em especial as de combate à pobreza. Entende-se que os resultados precisam ser fortemente detalhados do ponto de vista espacial, de forma a permitir o desenho de ações locais focalizadas, especialmente por parte do poder público municipal.

17,86%) e pentecostal (13,18% contra 14,62%), além de ter uma taxa levemente menor dos sem-religião (7,43%) do que o Grande ABC (7,75%).⁶²

Quanto à economia, considero o processo de desconcentração industrial o mais importante, como já dito acima. A indústria entrou, nas últimas décadas, em plena retração. Os estabelecimentos industriais estão diminuindo no município (de 1997 para 2007 houve um decréscimo de 1.867 para 1.789, redução de 4,2%, enquanto o comércio aumenta na mesma década 28,8% e a prestação de serviços 51,8%). De todas as atividades econômicas no município, as industriais estão sofrendo forte retração de 5,5% em 1987 para 3,4% em 1997 e 2,2% em 2007; igualmente em queda no total das atividades econômicas encontram-se as comerciais, que no mesmo período caíram de 30,9% para 24,1% para 21,6. Cresce fortemente a participação dos serviços neste total, de 63,6% para 72,5% para 76,2%. Enquanto em alguns bairros o número de estabelecimentos industriais ainda cresce (em bairros de alta densidade populacional ou bairros de alto crescimento populacional geométrico; nos bairros Planalto e Cooperativa mais vigorosamente, acima dos 20%), ela está caindo nos bairros de baixa densidade populacional e características rurais, como o dos Alvarenga (mais que 10%) e brutalmente na Zona Rural (decréscimo de 21 a 5; queda acima dos 60%). Estes dados fortalecem a hipótese, citada acima, que, além de causas macroestruturais, está em jogo a desocupação das áreas de proteção aos mananciais. Em outras palavras: a população destes bairros está sofrendo, além da espoliação urbana, aquilo que Marcondes (1999) chama de “espoliação ambiental”, como discutirei abaixo.

A desconcentração industrial de São Bernardo do Campo se revela também no número de empregos no ramo industrial. Enquanto o número de empregados na indústria caiu, entre 1991 e 2000, em SBC, no grande ABC, na Grande São Paulo e no Estado de São Paulo, ele retomou o crescimento entre 2000 e 2006 nas últimas três regiões (no Estado de São Paulo ficando até acima do patamar de 1991) e continuou em queda somente em São Bernardo do Campo. Esta redução de postos de trabalho foi acompanhada de uma brutal redução salarial (a média salarial caiu em SBC de R\$ 1.778,00 em 1991 para R\$ 1.537,00 no ano 2000, continuando a cair para R\$ 1.283,00 no ano 2007) – queda que se deu, mas de maneira bem menos acentuada, também nos setores de comércio e serviço. Ao mesmo tempo, a participação de mulheres nas ocupações subiu de 41,6% em 1997 para 44,1% em 2007.- No indicador dos chefes de domicílios segundo rendimentos, o bairro dos Alvarenga se localiza no polo inferior dos bairros do município, ao lado de Ferrazópolis e na frente do Montanhão e

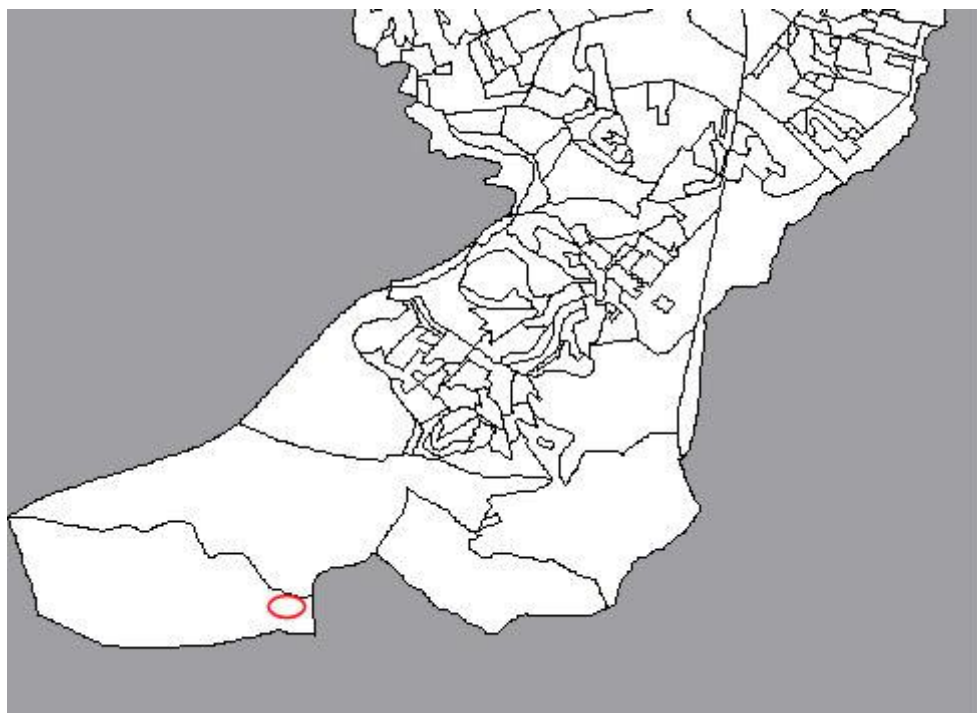
⁶² Porcentagens elaborados por mim a partir dos microdados do IBGE.- Deve ser lembrado que o Grande ABC é menos católico e mais evangélico, pentecostal e sem-religião do que o Brasil.

do bairro Batistini. A curva do indicador dos chefes de domicílios por anos de estudo é praticamente idêntica.

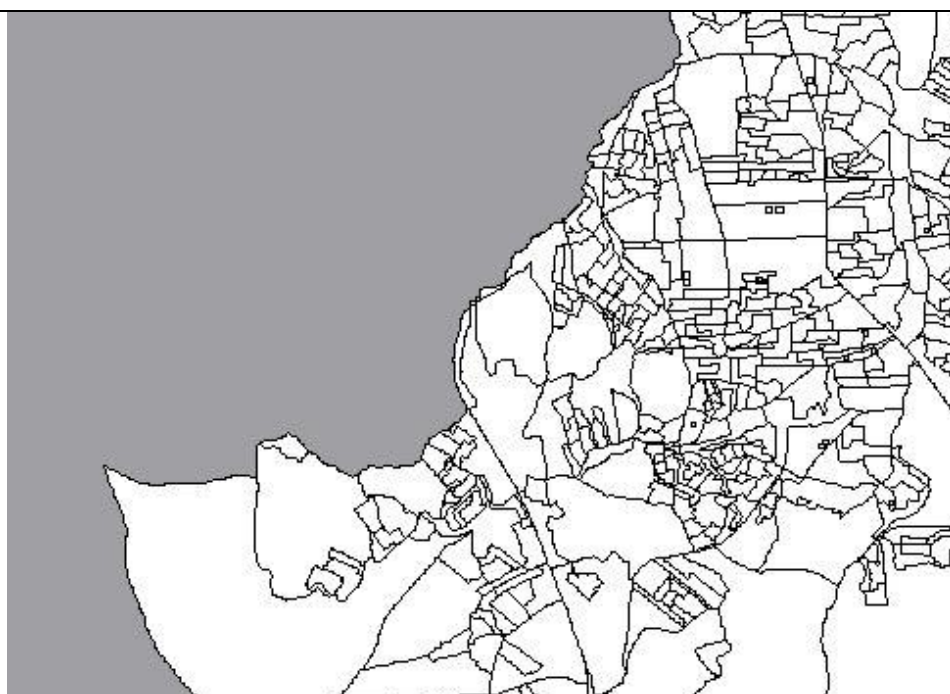
Resumindo, pode-se dizer que o município de São Bernardo do Campo está perdendo a sua função de polo industrial na região e no Estado. Parece haver uma política de desconcentração industrial, especialmente das áreas de proteção aos mananciais e muito acentuada em torno dos braços da Represa Billings, com exceção dos bairros do Montanhão e Batistini. A desconcentração industrial não é acompanhada, porém, por um decréscimo populacional: o Montanhão, situado ao lado de um dos braços da Represa Billings e já de alta densidade populacional, tem a taxa mais alta de crescimento geométrico e continua “explodindo”. Os outros bairros em torno da represa têm um crescimento acentuado (acima dos 20%, entre 2000 e 2008), mas continuam com baixa densidade de população (a maioria dos bairros com até 3 mil habitantes por km², e o bairro dos Alvarenga com até 6 mil habitantes). A desconcentração industrial, sim, é acompanhada de uma acentuada piora em vários indicadores econômicos e sociais, e há indícios (especialmente no Índice Paulista de Vulnerabilidade Social) de uma forte desigualdade social no município.

3.2 Ambiguidades na literatura a respeito da atribuição municipal da região

Ao procurar dados a respeito da situação social da região na qual se encontra a casa de oração da Congregação Cristã por mim estudada, deparei-me com ambiguidades na literatura a respeito da atribuição municipal da região, que serão apresentadas em seguida. Enquanto os mapas do IBGE e o estudo “Assentamentos precários no Brasil urbano” (MARQUES 2008) do CEM/CEBRAP, atribuem este setor censitário ao município de Diadema, o mapa da vulnerabilidade social do SEADE e também o mapa do município de São Bernardo do Campo, o atribuem corretamente a este município (SBC). Vejamos, em seguida, os mapas (o círculo vermelho indica a localização da casa de oração estudada):



Mapa 3.1: Mapa dos setores censitários Diadema (IBGE)



Mapa 3.2: Mapa dos setores censitários SBC (IBGE)

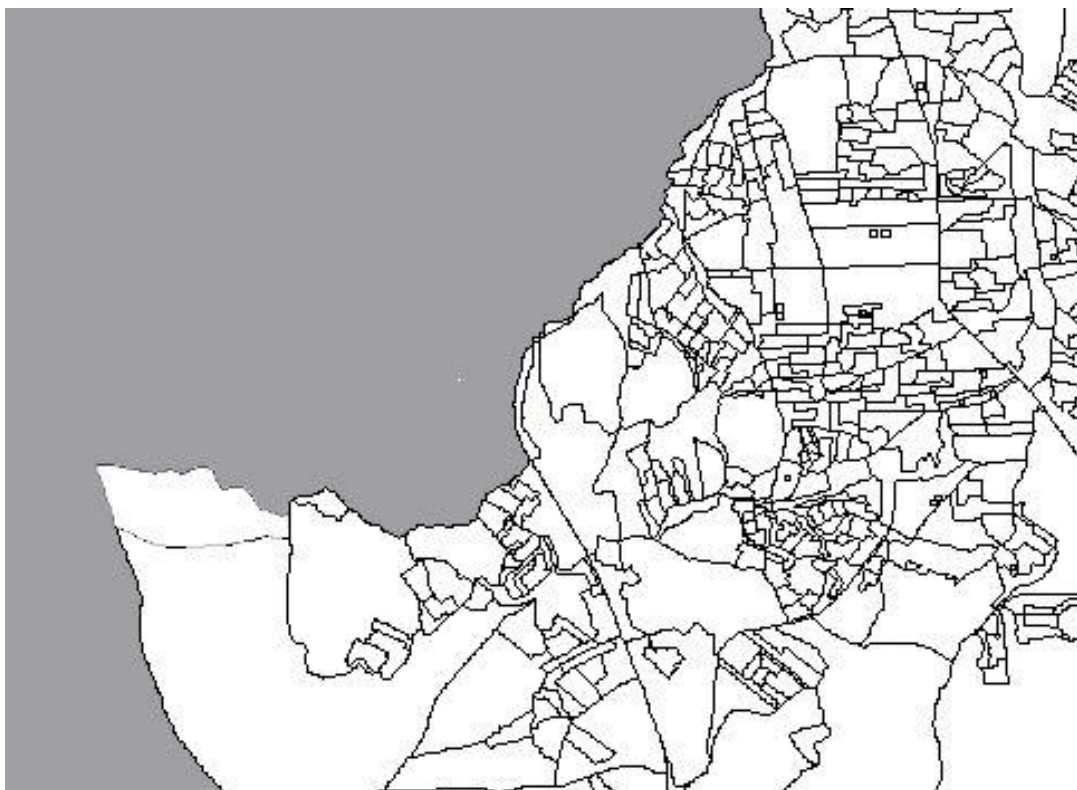
3.2.1 Comentário a respeito da ambiguidade dos mapas

O próprio Marques comenta esta inconsistência dos dados do IBGE, causada por um número surpreendente de polígonos topologicamente inconsistentes encontrados nos arquivos disponibilizados pelo IBGE:

O acerto dessas inconsistências exigiu o retraçamento manual dos setores próximos ao local da ocorrência, num percentual médio em torno de 10% do total de cada arquivo. ... Cabe lembrar que, em grande parte, essas impropriedades se devem ao fato de que o acervo digital ora disponibilizado pelo IBGE constitui a primeira versão digital dos setores censitários urbanos, num trabalho de abrangência nacional. (2008:24s)

No mesmo livro, porém, a equipe coordenada por Marques assume o mapa censitário do IBGE errado de Diadema. É urgente fazer as correções, visando evitar conclusões falsas no estudo do lugar específico e aplicações de verbas públicas a áreas erradas.

Apresento, em seguida, o mapa corrigido do município de São Bernardo do Campo.



Mapa 3.3: Mapa dos setores censitários SBC (IBGE) corrigido

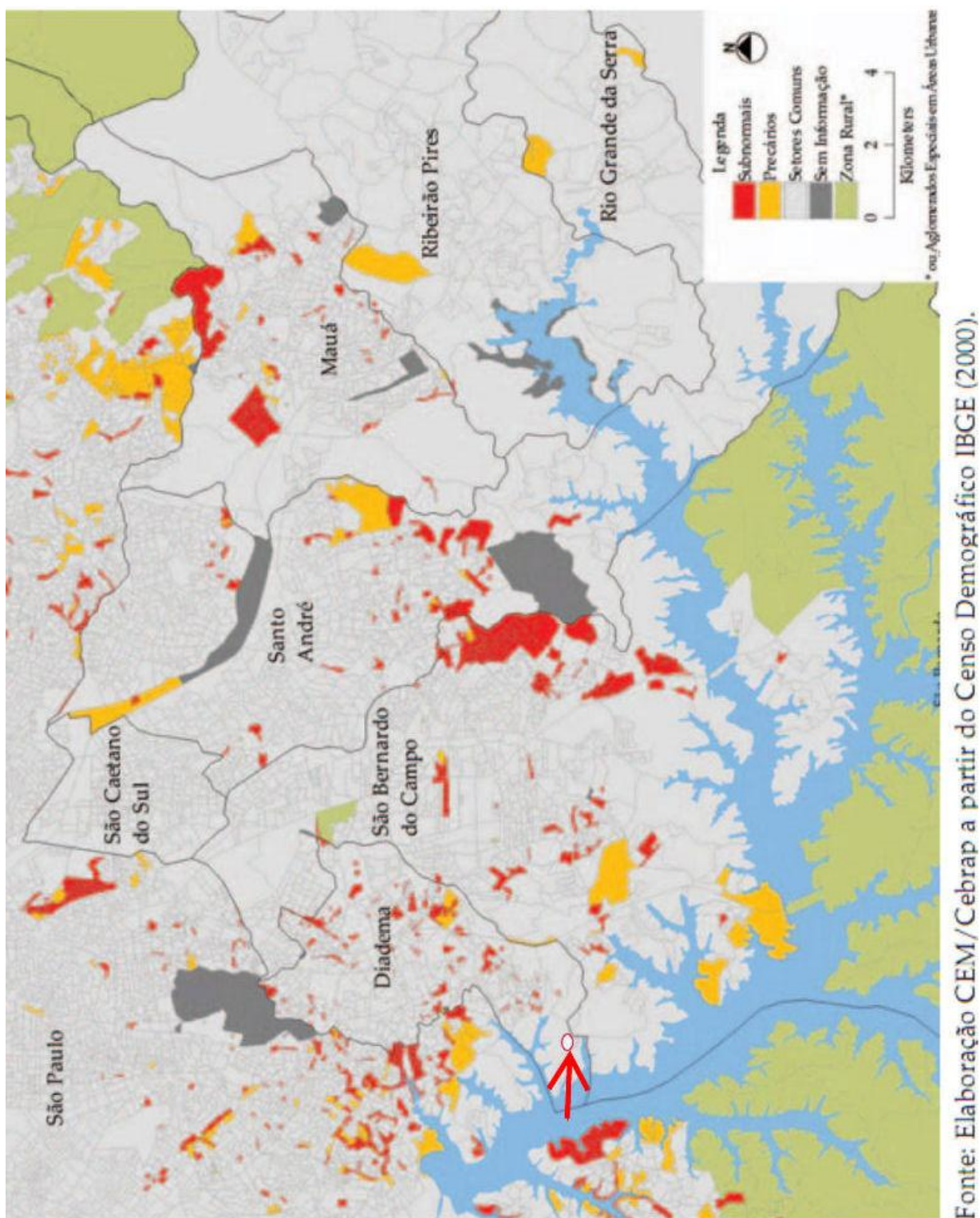
O mapa do website do município de São Bernardo do Campo confirma a atribuição deste setor censitário ao seu município:



Mapa 3.4: Mapa município SBC – detalhe. A linha preta marca o limite do município.

3.3 O mapa de vulnerabilidade social nos arredores da Casa de Oração

Também a respeito da vulnerabilidade social desta região e dos seus arredores, os mapas desenvolvidos pelo CEM/CEBRAP de um lado e pelo SEADE de outro lado divergem. Vejamos as atribuições diferentes com respeito à vulnerabilidade social dos setores, apoiadas em indicadores diferentes. Começemos pelo mapa do CEM/CEBRAP.



Mapa 3.5: Mapa do CEM/CEBRAP

Conforme o mapa do CEM/CEBRAP (2008:220), os setores em torno da casa de oração estudada, marcada pela seta vermelha e erroneamente atribuída ao município de Diadema, são

“setores comuns”, nem subnormais e nem precários. Qualificar áreas como a Vila Moraes, localizada nas imediações da Congregação Cristã, como setores comuns é um erro mais grave, porque distorce sua realidade social e econômica, como se verá em seguida. Os critérios para esta avaliação são extraídos dos dados do IBGE a respeito de setores agregados. Foram levados em conta os seguintes indicadores (porcentagens):

- Outra condição de posse da moradia;
- Outra condição de posse do terreno;
- Moradias do tipo cômodos no total de domicílios;
- Domicílios sem rede de abastecimento de água;
- Domicílios sem banheiros ou sanitários;
- Domicílios sem lixo coletado na porta;
- Domicílios sem rede de esgoto ou fossa séptica;
- Responsáveis com menos de 30 anos;
- Número médio de pessoas no setor.

Já o mapa de vulnerabilidade do SEADE (2004b), apresentado em seguida, foi construído a partir do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS).⁶³

⁶³ Cf. para a classificação da vulnerabilidade social do SEADE o item 2.3 deste trabalho.



Mapa 3.6: Mapa do IPVS Diadema e SBC (SEADE): local da casa de oração indicada com seta vermelha e local da Vila Moraes com seta verde

Observa-se que o mapa em questão classifica – corretamente - uma ampla região em torno da casa de oração pesquisada como de mais alta vulnerabilidade (cor vermelha), e praticamente toda região vizinha como região de vulnerabilidade média, alta ou muito alta (níveis 4 a 6).

A Vila Moraes, bairro objeto desta pesquisa, se situa na área apontada no mapa pela seta verde e é caracterizada pelo SEADE como região de vulnerabilidade muito alta. Devido à inconsistência dos mapas do CEM/CEBRAP e do SEADE com respeito ao nível de vulnerabilidade desta área, analiso dados do Censo 2000 a seu respeito (3.4 e 3.5), comparando-os com os dados levantados no capítulo 2. Sabe-se, porém, que a realidade levantada por dados estatísticos difere muitas vezes da realidade que se percebe com os próprios olhos, caminhando pelas ruas do bairro e conversando com os moradores (3.6). Em outros termos: a pesquisa etnográfica e no próprio terreno dos fatos permitiu-me contornar a ambiguidade dos dados oficiais.

3.4 A situação social da população local e dos membros da Congregação moradores da região, conforme dados do Censo 2000

Apresento nesta parte no início um resumo da situação social dos membros da Congregação Cristã nos municípios de Diadema e São Bernardo, em cujos limites a casa de oração estudada se encontra, comparando-a com outros grupos pentecostais, os sem-religião e a população geral. Em seguida, são apresentados dados a respeito da vulnerabilidade social da população local e dos membros da Congregação moradores dos arredores da casa de oração, conforme dados do Censo 2000.

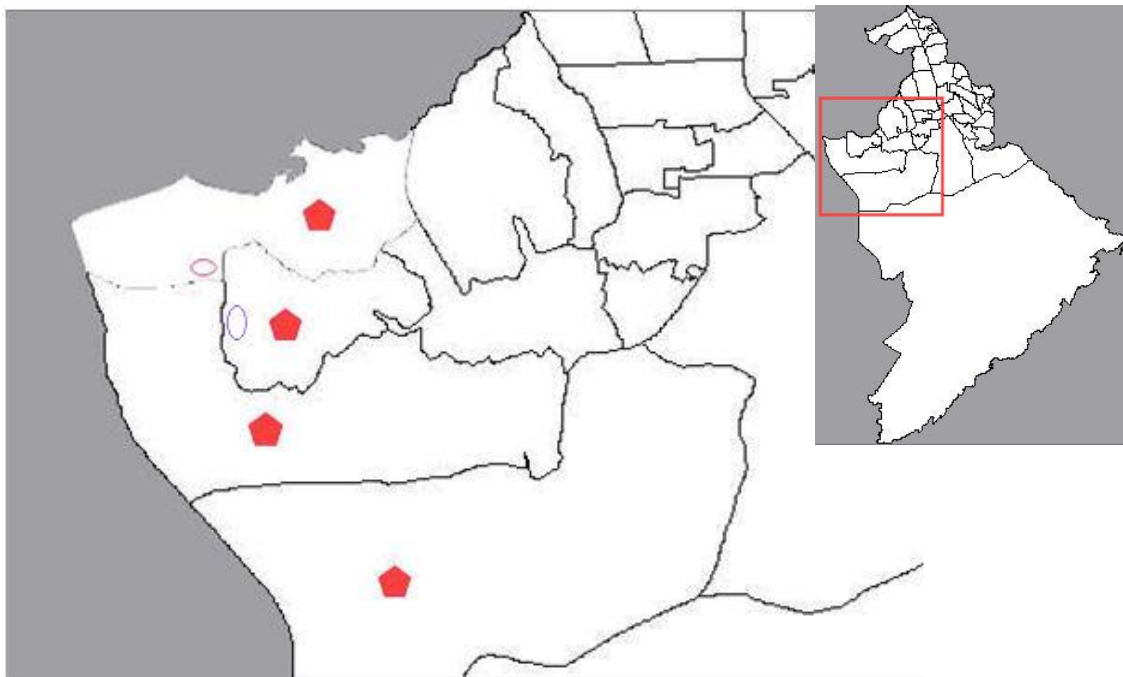
3.4.1 A situação social dos membros da Congregação Cristã no Brasil nos municípios de Diadema e São Bernardo do Campo

Em outra pesquisa (FOERSTER 2007), analisei detalhadamente os indicadores sociais da Congregação Cristã no município de Diadema, e no capítulo dois do presente estudo os mesmos índices para o município de São Bernardo do Campo. Avanço aqui este estudo.

A análise dos indicadores sociais da Congregação Cristã em Diadema, em comparação com outros grupos pentecostais, os sem-religião e a população local, mostra que a Congregação Cristã possui menores índices de vulnerabilidade social do que os outros grupos: ela é a Igreja pentecostal menos negra, de maior rendimento pelo trabalho, de mais anos de estudo e de menor número de migrantes. Seus índices são melhores também do que os da média da população e dos sem-religião.

A análise dos indicadores sociais da Congregação Cristã em São Bernardo do Campo, em comparação com outros grupos pentecostais, os sem-religião e a população local, mostra um quadro bem semelhante àquele de Diadema: a Congregação Cristã possui menores índices de vulnerabilidade social do que os outros grupos: ela é a Igreja pentecostal menos negra, de maior rendimento pelo trabalho, de mais anos de estudo e de menor número de migrantes. Seus índices são, em vários itens, melhores também do que os da média dos sem-religião e da população do município.

3.4.2 Indicadores da vulnerabilidade social das Áreas de Ponderação vizinhas da Casa de Oração no município de São Bernardo do Campo



Mapas 3.7 e 3.8: Áreas de Ponderação estudadas (seta vermelha). Local da Casa de oração estudada marcado com círculo vermelho e da Vila Moraes com círculo azul

É importante lembrar que nas quatro Áreas de Ponderação estudadas, o Censo 2000 aplicou o questionário ampliado a 8.583 habitantes. Por isso, passo nesta parte a indicar em várias ocasiões o número total de pessoas pesquisadas para o item em questão. Quando o número de pessoas pesquisadas se tornou extremamente pequeno, reapliquei o estudo para grupos maiores, para alcançar um mínimo de representatividade.

3.4.2.1 A cor dos membros da Congregação Cristã

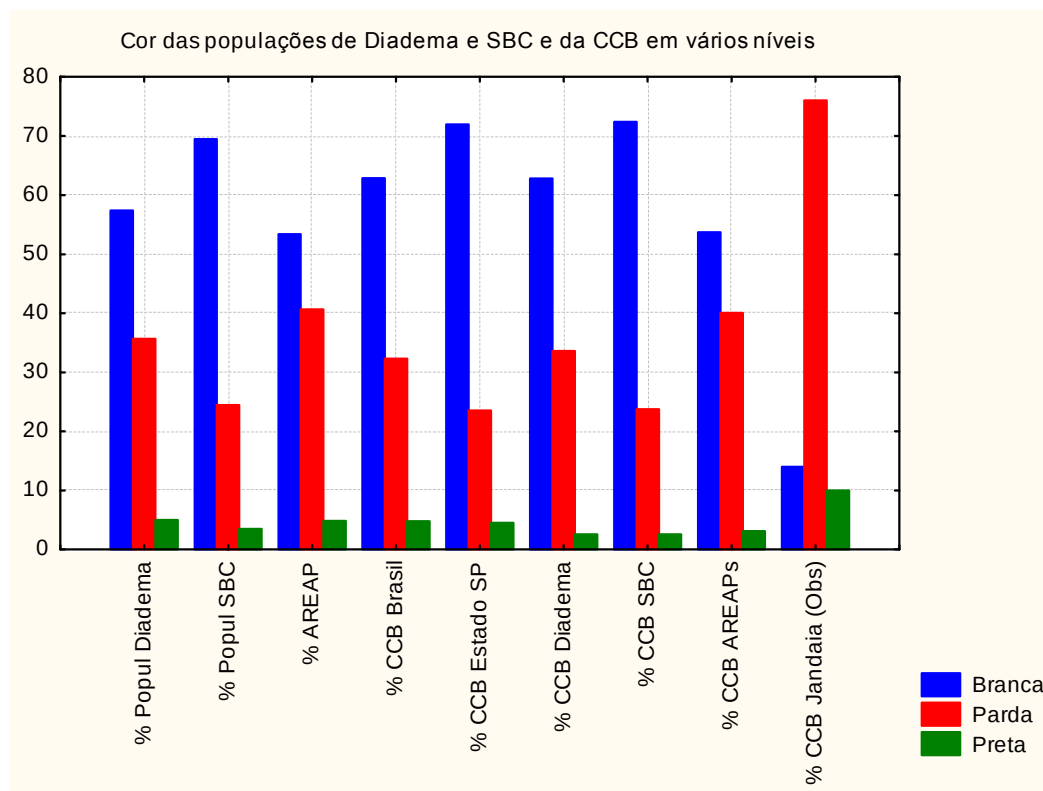


Gráfico 3.1: Cor, desconsiderando as categorias “amarela”, “indígena” e “ignorado”

Entre os oito grupos comparados (Congregação Cristã no Brasil, no Estado de São Paulo, em São Bernardo do Campo, em Diadema e nas Áreas de Ponderação; e a população geral em São Bernardo do Campo, em Diadema e nas Áreas de Ponderação), a Congregação Cristã em São Bernardo do Campo é o grupo mais branco, ligeiramente mais branco que a Congregação Cristã no Estado de São Paulo e que a população de São Bernardo.

Esta porcentagem dos brancos já cai bastante nas estatísticas do IBGE para as Áreas de Ponderação estudadas.⁶⁴ As minhas observações de culto indicam que a porcentagem na casa de oração é muito mais baixo ainda daquilo que as estatísticas do IBGE indicam. Minhas observações foram confirmadas por um auxiliar de grupo de jovens morador da região numa entrevista:

N: Olhe, do pessoal daqui, aqueles que vêm mesmo, que são aqueles que moram aqui, são 106, você diz?

Laércio: 106.

⁶⁴ Os números absolutos dos membros da Congregação Cristã nas Áreas de Ponderação pesquisadas são: 138 brancos, 8 pretos, e 103 pardos.

N: No total. Mas com as crianças também, e os testemunhados. Quantos deles você acha que são brancos, quantos são pardos, e quantos são negros? O que você acha?

Laércio: Olha. Aqui na nossa comum, eu falaria que a maioria são pardos. A maioria são pardos. Pardos.

N: Eu também acho isso.

Laércio: Brancos são poucos. E negros também são poucos.

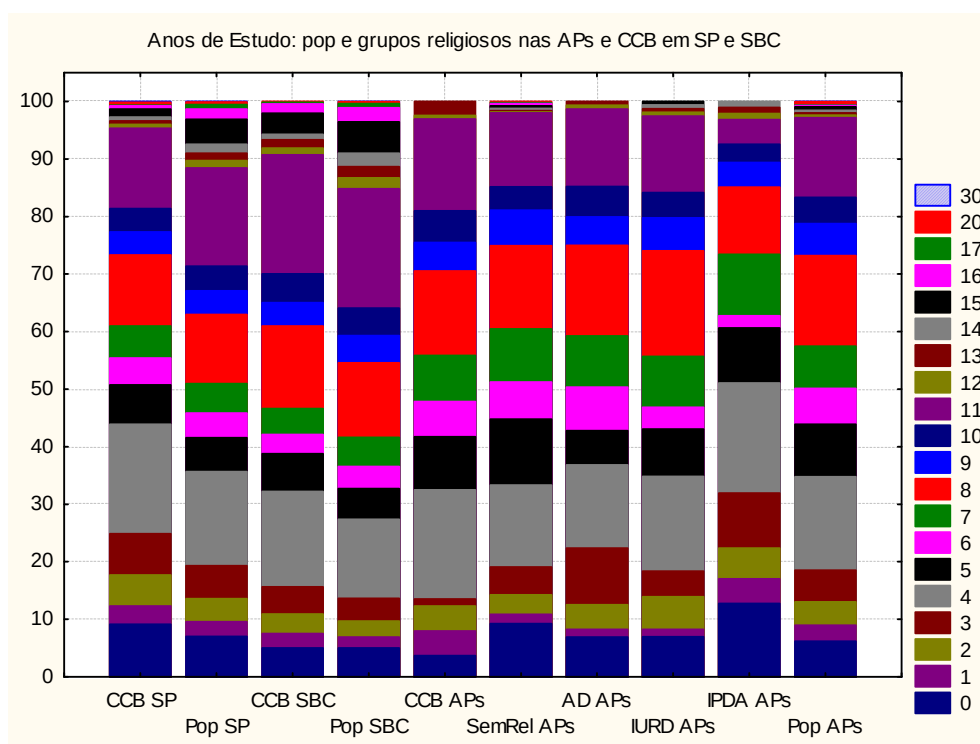
N: Uns dez ou quinze no máximo, não é?

Laércio: É. Brancos tem nesta faixa de 10, 15, agora negros são uns 10, 11.

N: E o resto, os 80 são pardos, ou até mais.

Laércio: Isso. O que tem mais, são tudo pardos. Isso.

3.4.2.2 Anos de estudo



Quanto à escolaridade, o gráfico mostra que os membros da Congregação Cristã nas Áreas de Ponderação, nas faixas de 0 a 4 salários mínimos, têm os melhores valores de todos os grupos da região – valores que até superam os da Congregação Cristã no Estado de São Paulo, mas inferiores aos membros habitantes de São Bernardo e da população geral deste município. Os valores acompanham os da população geral nestas áreas. Em relação com os

outros grupos pentecostais analisados, pode-se dizer que a Congregação Cristã, nas Áreas de Ponderação, se destaca por um nível mais alto de escolaridade. Os membros da Deus é Amor é o grupo que estudou menos anos (mais do que 50% estudaram 4 anos ou menos); a Assembleia de Deus tem valores ligeiramente piores aos da população geral, enquanto os membros da Igreja Universal estudaram mais.⁶⁵

3.4.2.3 Total de rendimentos em salários mínimos

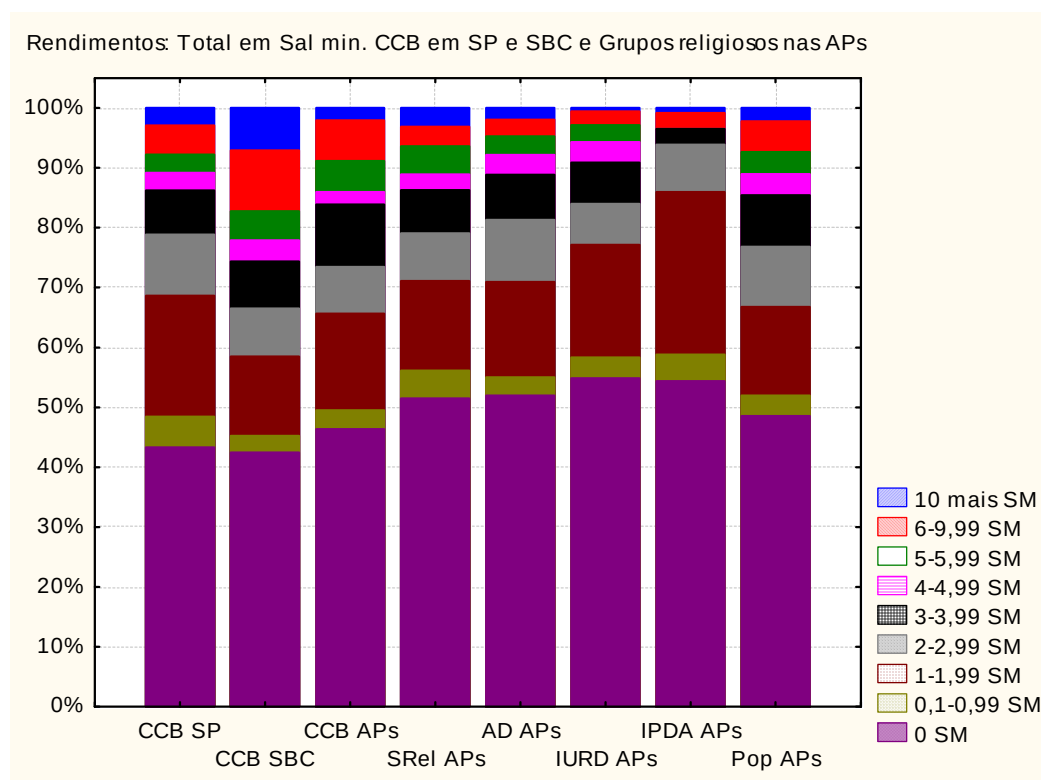


Gráfico 3.3: Total de rendimentos em salários mínimos

Com referência ao Total de rendimentos em salários mínimos, as proporções entre os grupos estudados não correspondem exatamente às proporções levantadas nos anos de estudo.

Em todos os grupos, mais do que 40% têm 0 salários mínimos do total de renda. A Congregação Cristã tem perto de 70% em São Paulo, quase 60% em São Bernardo do Campo e mais que 65% nas Áreas de Ponderação com apenas dois salários mínimos, e mesmo assim sempre tem os melhores valores de todos os grupos. No local, os membros da Assembleia de Deus, apesar de ter menos estudo, estão ganhando mais do que os membros da Universal. De

⁶⁵ Em números absolutos, foram pesquisados pelo Censo nas Áreas de Ponderação: 815 sem-religião, 472 membros da Assembleia, 257 da Congregação, 212 da Igreja Universal e 146 da Deus é Amor.

novo, a Deus é Amor possui os piores dados: mais do que 50% tem 0 salários mínimos, e 95% até 3 salários mínimos como Total de rendimentos. Também na outra ponta, nas faixas de maior rendimento (6 a 10 salários mínimos), a Congregação Cristã está na frente. A pesquisa de campo deve indicar se os membros das faixas mais altas oferecem oportunidades para os membros das faixas inferiores na CCB.

3.4.2.4 Pouca desigualdade na renda: cor (membros da CCB nas APs)

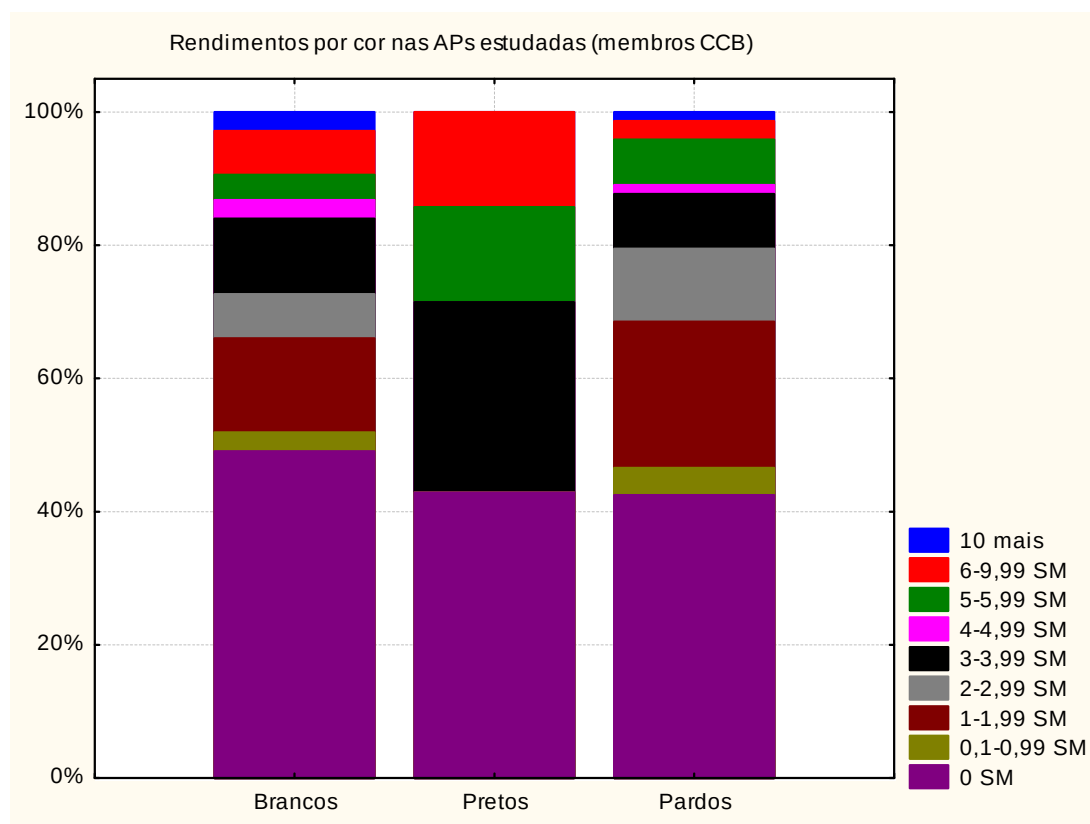


Gráfico 3.4: (Não-)Desigualdade na renda: cor

Surpreendentemente, há pouca desigualdade no Total de rendimentos por cor entre os membros da Congregação nas APs estudadas. Com exceção da faixa salarial mais alta (10 salários mínimos para cima) na qual estão ausentes, os membros pretos têm os melhores valores, e nas duas faixas inferiores se agregam porcentualmente mais brancos do que pretos ou pardos – são os brancos que têm a maior presença nas faixas até 1 salário mínimo.- Uma vez que o número do total era pequeno (138 brancos, 8 pretos, e 103 pardos, como já informado acima), repeti o estudo para todos os moradores das APs (3415 brancos, 321 pretos e 2827 pardos).

3.4.2.5 Pouca desigualdade na renda: cor (população nas APs)

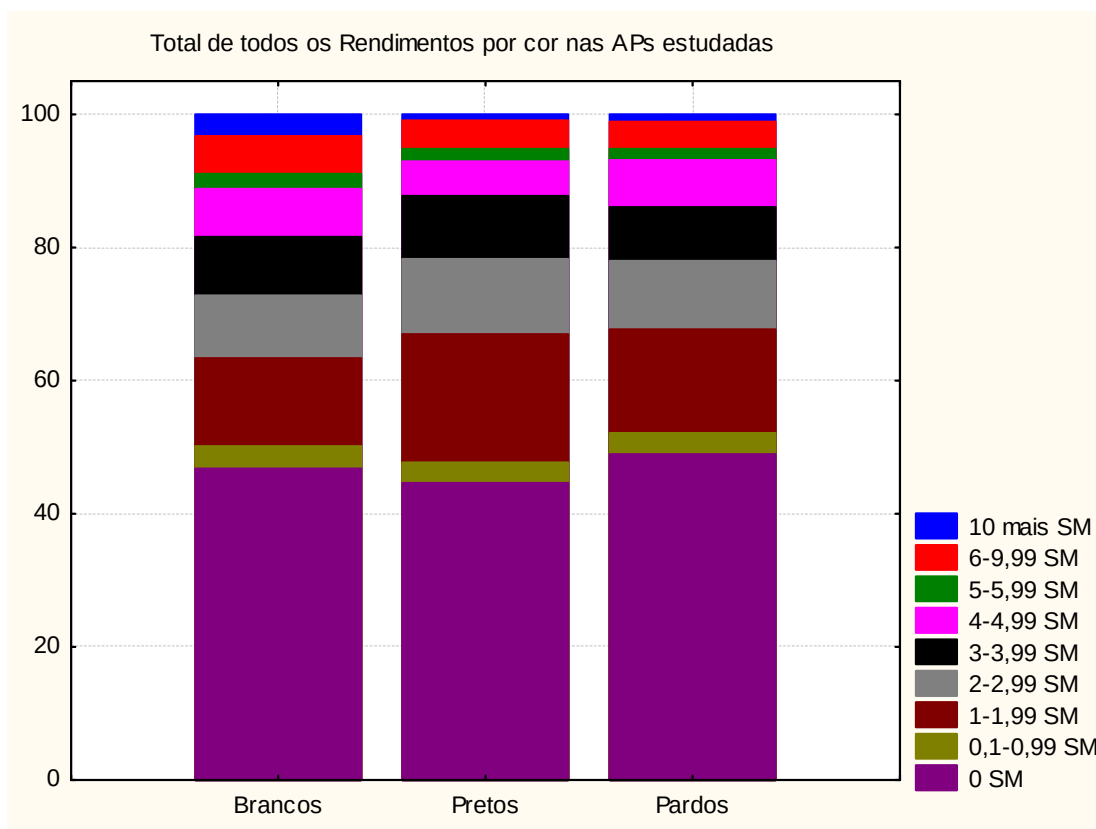


Gráfico 3.5: Total de todos os rendimentos por cor nas APs estudadas

Também entre a população geral das APs, há pouca desigualdade no Total de rendimentos por cor. Nesta população, porém, os brancos têm os valores mais altos em todas as faixas com exceção da última, de menos de um salário mínimo: há, levemente menos pretos nesta faixa do que brancos.- Veremos em seguida, que a desigualdade entre os gêneros é muito maior do que a desigualdade por cor. Reapliquei o estudo para escalas maiores, e se confirmou que esta afirmação vale para a população geral em todos os níveis, tanto do Estado como do município como nas APs; na Congregação Cristã, porém, esta desigualdade, ou distância social, entre homens e mulheres se acentua ainda mais. Mais do que em qualquer outro grupo pentecostal pesquisado, como veremos.

3.4.2.6 Muita desigualdade na renda: gênero

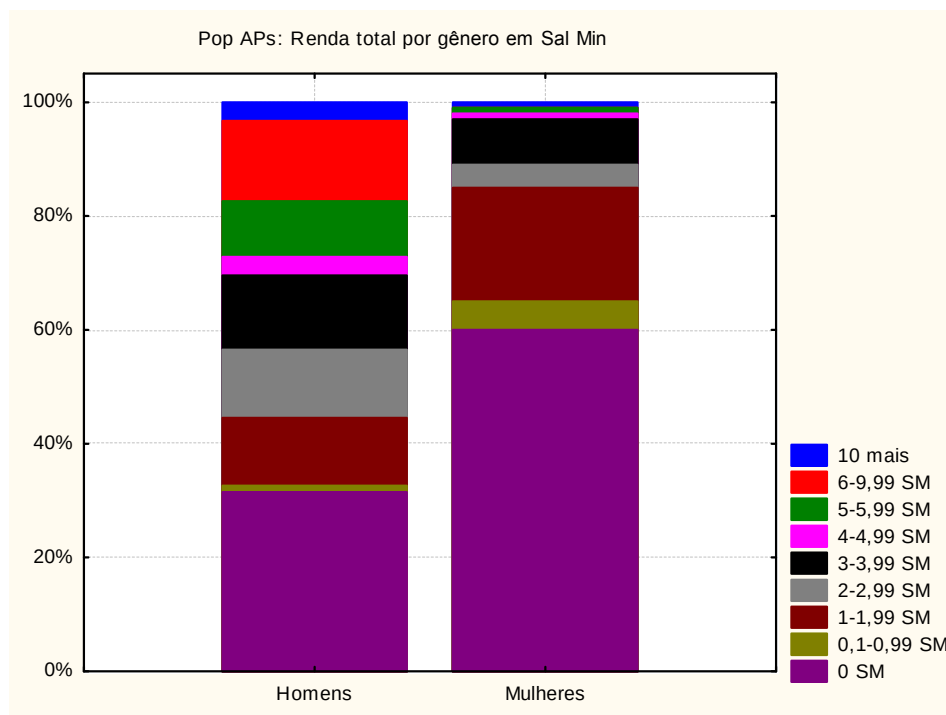


Gráfico 3.6: Total de todos os rendimentos por gênero nas APs estudadas – membros CCB

Com respeito ao total de todos os rendimentos, há uma visível desigualdade entre os gêneros na Congregação moradores das APs.⁶⁶ Fiquei surpreso tanto com a pouca desigualdade destes rendimentos entre brancos e negros⁶⁷ como com a acentuada desigualdade entre os gêneros. Não esperei que nas APs o fator gênero iria ter um impacto tão mais forte do que o fator cor. Este resultado, um tanto inesperado por mim, me levou a aprofundar a questão da desigualdade ou distância social entre os gêneros, uma vez que se sabe que no culto da Congregação Cristã a distância entre homens e mulheres é particularmente acentuada – tanto pela organização no interior da casa de oração, onde homens e mulheres sentam em lados opostos, como pela organização do poder (a mulher não pode ocupar nenhum cargo na estrutura hierárquica da Congregação) como na vestimenta (a mulher batizada deve se cobrir com o véu, sinal de submissão, na casa de oração e no momento de orar). Considero que a questão da desigualdade entre homens e mulheres na

⁶⁶ As porcentagens correspondem, em números absolutos, a 92 homens e 100 mulheres.- É importante ressaltar que praticamente não há distância social entre os gêneros nos bairros nobres de São Bernardo do Campo, nos quais as mulheres da Congregação Cristã até estudam mais do que os homens nas faixas até 15 anos de estudo. Igualmente, com respeito ao Total de rendimentos elas têm valores piores nas faixas mais altas, mas valores melhores nas faixas baixas. Veja p.138s.

⁶⁷ Entendo a categoria de “negros” aqui somando “pretos” e “pardos”, como fez Rivera (2005b).

Congregação torna a mulher especificamente vulnerável quando ela é a responsável pelo domicílio. Por isso, decidi analisar indicadores sociais escolhidos e associados a uma maior vulnerabilidade (estado civil; anos de estudo; total de todos os rendimentos e total de todos os rendimentos pelo trabalho) de mulheres responsáveis pelo domicílio. Antes, porém, apresento o último indicador social pesquisado para todos os membros da Congregação Cristã nas Áreas de Ponderação estudadas: a questão da migração.

3.4.2.7 A questão da migração

Medi a questão da migração a partir de duas variáveis: pelo número de pessoas que não nasceram no Estado de São Paulo, e pelas pessoas cuja última moradia estava fora da Unidade da Federação. Pode haver pessoas, portanto, que fazem parte dos dois grupos – pessoas que tanto nasceram como tiveram sua última residência fora do Estado: os dois grupos não são exclusivos.-

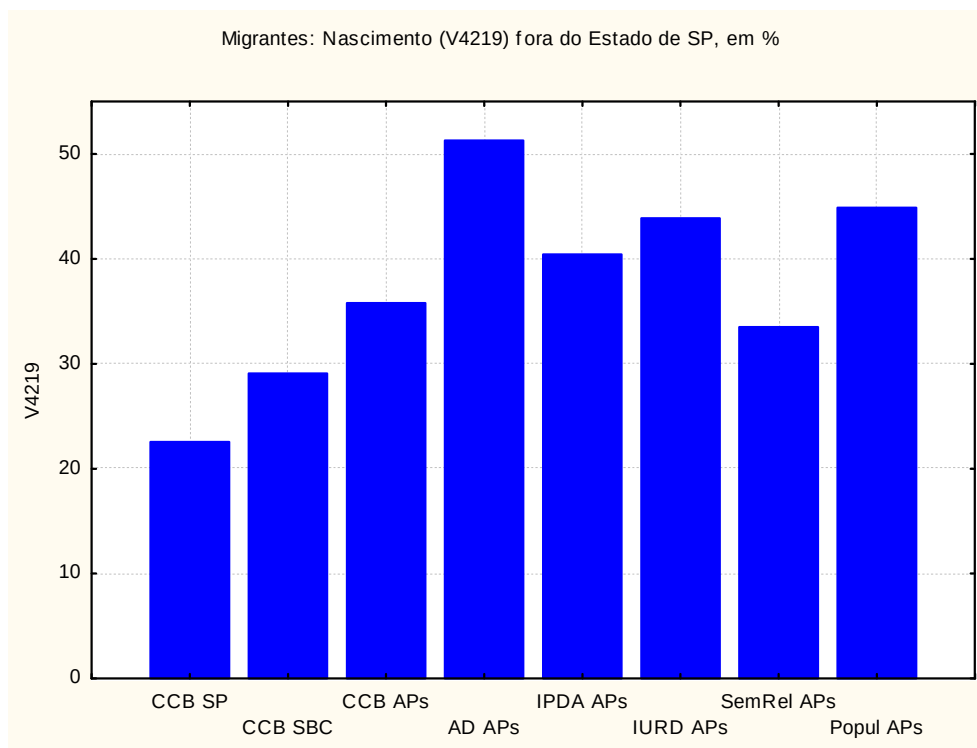


Gráfico 3.7: Migrantes que nasceram fora do Estado: CCB em SP, em SBC e grupos pesquisados nas APs

Mais membros da Congregação habitantes das APs estudadas nasceram fora do Estado do que na escala do Estado e do município, e também do que os sem-religião, mas menos membros da Congregação nasceram fora do Estado do que outros grupos pentecostais estudados, e menos que a população moradora das APs.

A análise do fluxo migratório a partir do índice da última residência fora do Estado dá o seguinte quadro:

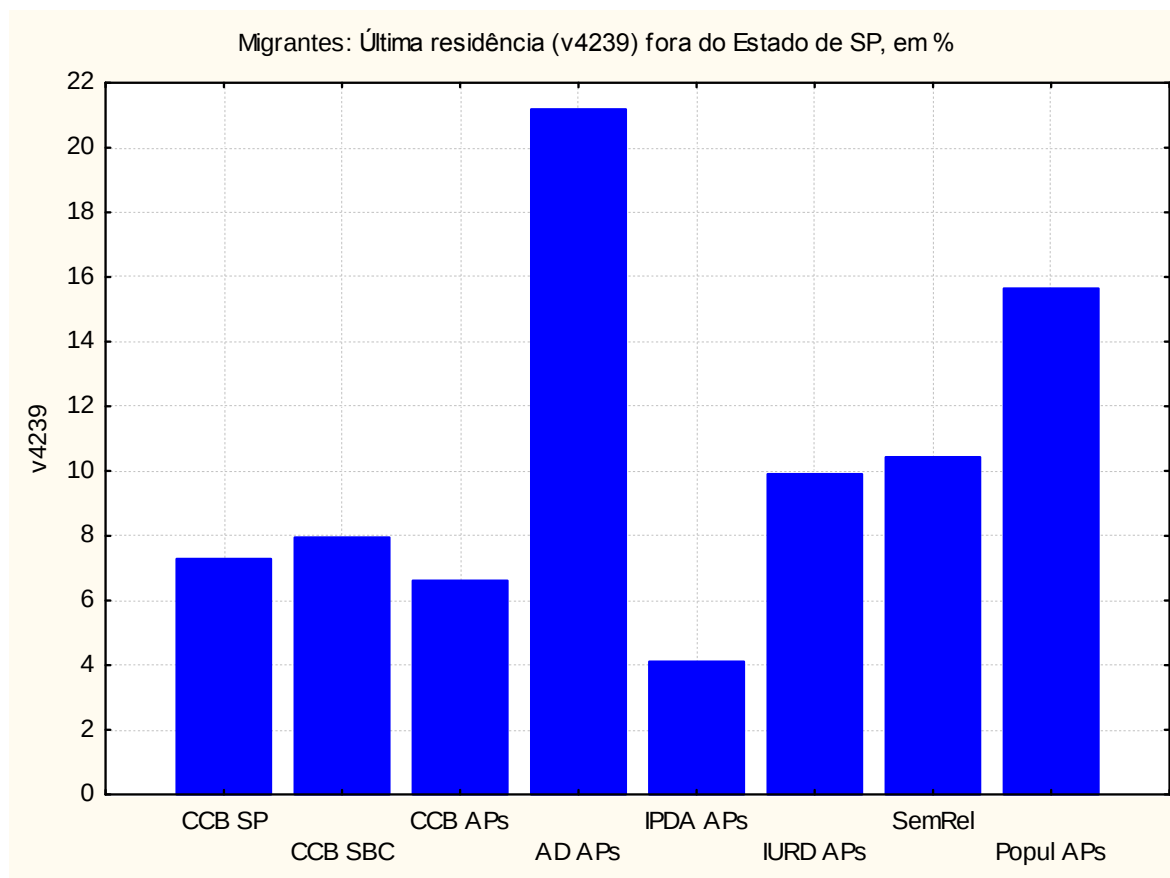


Gráfico 3.8: Migrantes que tiveram sua última residência fora do Estado: CCB em SP, em SBC e grupos pesquisados nas APs

Os dados mostram que, nas Áreas de Ponderação estudadas, o número dos que nasceram fora da UF é três vezes maior do que o número daqueles cuja última residência estava fora do Estado; quer dizer, o número dos *antigos* migrantes supera o número dos *migrantes recentes* em três vezes – fenômeno que já se observou a respeito do município de São Bernardo do Campo. Também a proporção entre os antigos e os novos migrantes assemelha-se nestas Áreas à do município para todos os grupos, com uma exceção impressionante: o fluxo dos migrantes da Deus é Amor reduziu-se pelo fator dez (SBC: 4,3).

3.4.2.7.1 A origem dos migrantes

Por causa da particularidade da Congregação Cristã a respeito da origem dos migrantes, observado em nível nacional no capítulo 2, é interessante averiguar de onde vêm os migrantes das Áreas de Ponderação. Os próximos dois quadros respondem esta pergunta, mostrando qual porcentagem, do total dos migrantes de cada grupo religioso, são Nordestinos e

Sulistas/Sudestinos (os Nordestinos, Sudestinos e Sulistas são os três maiores grupos de migrantes, formando em torno de 90% de todos os migrantes).⁶⁸

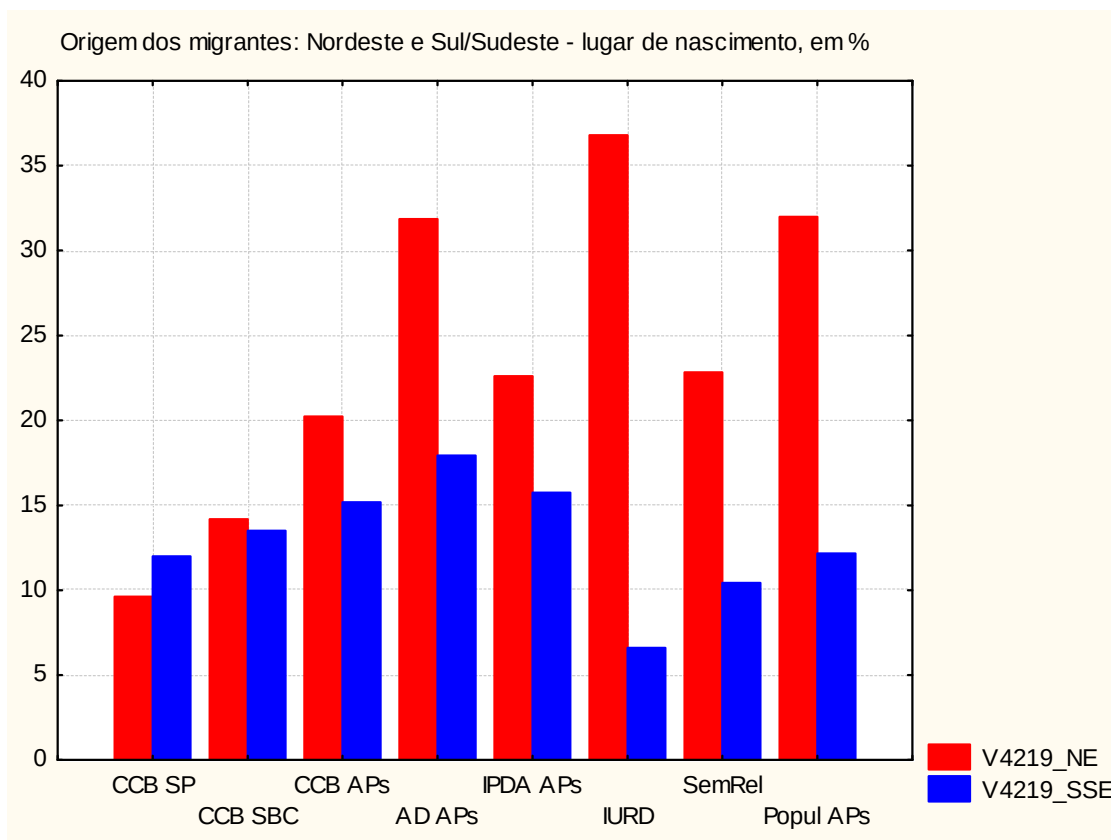


Gráfico 3.9: Migrantes por lugar de origem (nascimento): CCB em SP, em SBC e grupos pesquisados nas APs

De todos os grupos habitantes das Áreas de Ponderação estudadas, mais membros nasceram no Nordeste do que no Sul/Sudeste, incluindo aqui os membros da Congregação Cristã, cuja maioria, para a escala do Estado veio do Sul/Sudeste, acompanhando o fluxo de migração da Congregação historicamente predominante, como vimos no capítulo 2. Já vimos que em nível do município de São Bernardo do Campo, os nordestinos prevalecem. A proporção dos migrantes que nasceram no Nordeste e moram nas APs é menor no caso da Congregação Cristã e a Deus é Amor, e maior para a Igreja Universal.

⁶⁸ Lembro que, para este item, os grupos se tornam muito pequenos – tão pequenos que se pode questionar se estatísticas ainda têm sentido. Os menores números absolutos são: CCB nascidos fora do Estado: 92; última moradia fora do Estado: 16; IPDA nascidos fora do Estado: 59; última moradia fora do Estado: 4; IURD nascidos fora do Estado: 93; última moradia fora do Estado: 21.

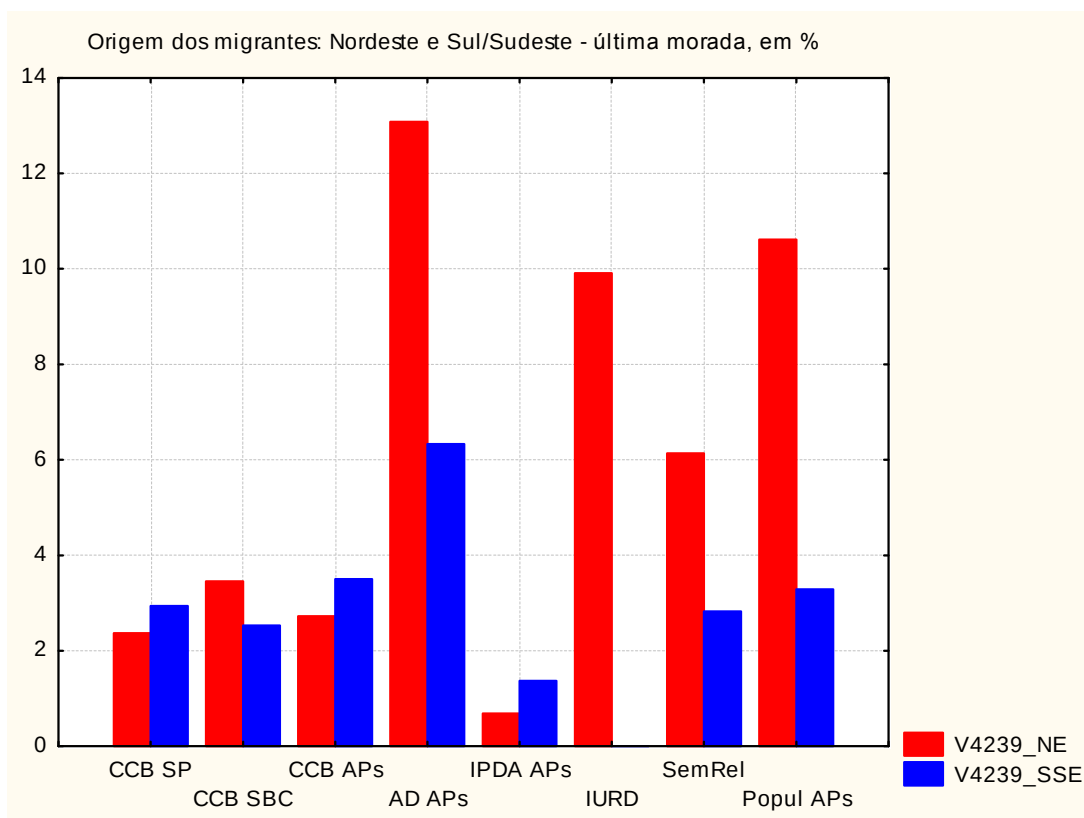


Gráfico 3.10: Migrantes por lugar de origem (última residência): CCB em SP, em SBC e grupos pesquisados nas APs

Para a Congregação Cristã e Deus é Amor, o número dos migrantes que tiveram sua última residência fora do Estado é muito pequeno (da Congregação 16, da Deus é Amor 4; para ambos, majoritariamente do Sul/Sudeste). Todos da Igreja Universal (21) são do Nordeste, e também os outros grupos têm números maiores nos quais prevalecem fortemente os nordestinos.

Devo adiantar já aqui que as conclusões sobre migração interestadual e da origem dos migrantes (nordestina ou sulista-sudestina), têm de ser completadas com a análise de uma outra dinâmica detectada na pesquisa etnográfica: nas entrevistas e conversas informais na Vila Moraes percebeu-se que muitas famílias deste bairro vieram de outros bairros de São Paulo, São Bernardo do Campo etc. Evidentemente sem condições de se manter em bairros como São Mateus (zona leste de São Paulo) ou Favela Pantanal (Sudeste de São Paulo, no limite com Diadema), foram expulsos destes bairros no momento em que estes foram urbanizados, elevando-se o custo de vida neles. Fenômeno este que Kowarick denomina de “espoliação urbana” (1979 e 2002). Se os bairros de origem já eram precários, eles eram bem mais centrais e possuíam infra-estrutura melhor do que a longínqua Vila Moraes, sem asfalto, sem luz e sem água encanada, enfim, sem nenhuma infraestrutura, sem equipamentos de

educação, saúde, cultura e lazer, como será descrito no ponto 3.6 e discutido no ponto 3.7 deste trabalho.

Como anunciado anteriormente, passo agora a aprofundar a questão de indicadores sociais associados à vulnerabilidade social das mulheres responsáveis pelo domicílio habitantes das Áreas de Ponderação estudadas.

3.5 Mulheres responsáveis pelo domicílio da CCB: indicadores sociais

Analiso aqui indicadores sociais de mulheres responsáveis pelo domicílio da CCB, comparando-os com os indicadores dos homens responsáveis pelo domicílio. Uma vez que as mulheres responsáveis pelo domicílio são poucas nas Áreas de Ponderação analisadas (bairro Alvarenga e arredores), comparo os dados destas com aqueles do conjunto dos municípios de Diadema e São Bernardo do Campo, com as quais a área faz limite. Comparo os indicadores com os dados das mulheres e dos homens responsáveis pelo domicílio da população geral, dos sem-religião, da Assembleia de Deus, da Igreja Universal e da Deus é Amor.

3.5.1 O estado civil das mulheres responsáveis pelo domicílio

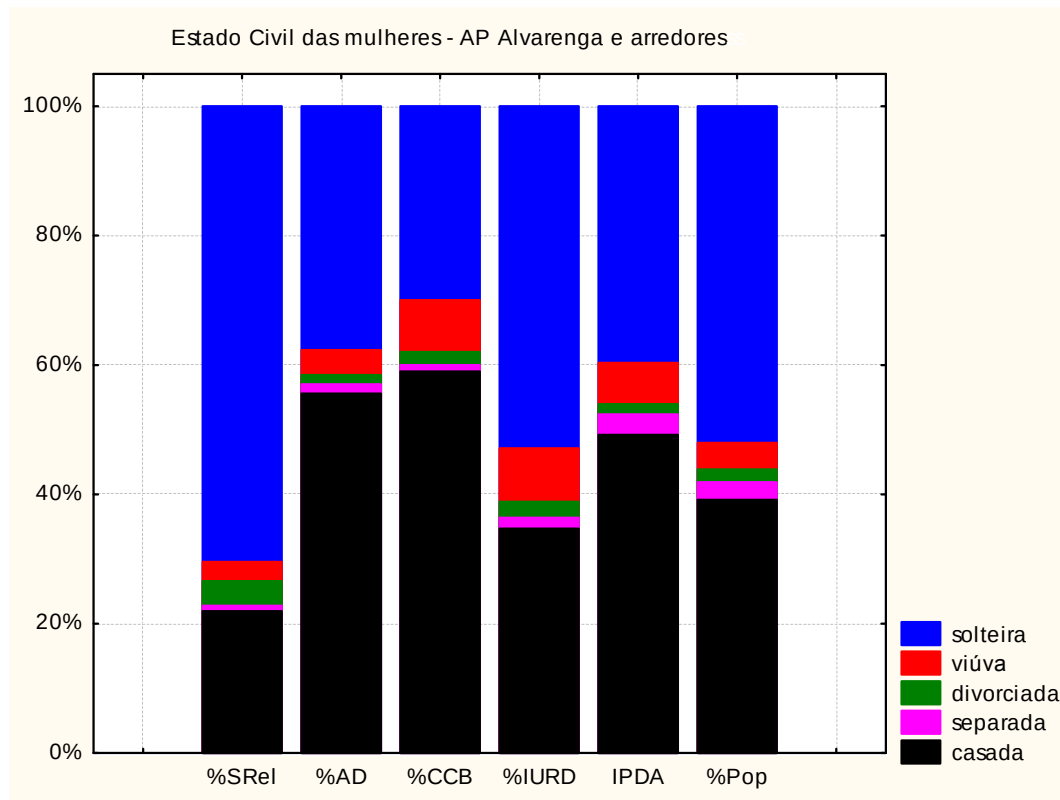


Gráfico 3.11: Estado civil das mulheres – AP Alvarenga e arredores

Como mostra o quadro comparativo acima, nas Áreas de Ponderação do bairro Alvarenga e arredores analisadas, as mulheres da Congregação⁶⁹ são as que mais se casam (59 entre 100) e que menos ficam solteiras (30 entre 100); 8 entre 100 são viúvas, e somente 3 entre 100 são separadas ou divorciadas.⁷⁰ A situação das mulheres responsáveis pelo domicílio é bem diferente:

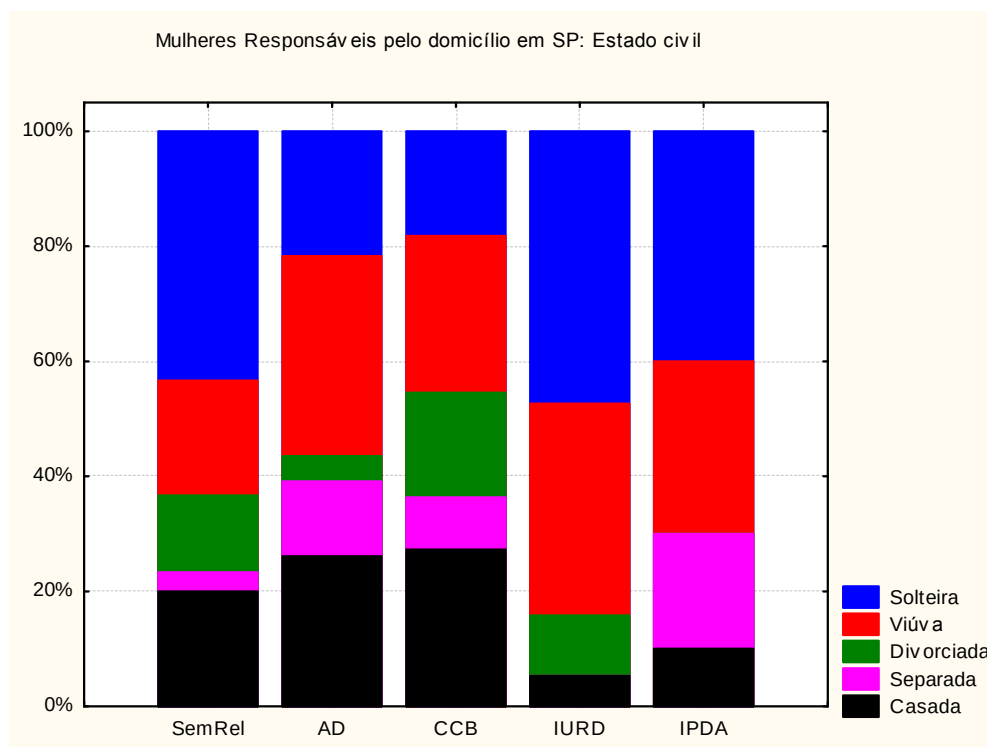


Gráfico 3.12: Estado civil das mulheres responsáveis pelo domicílio – AP Alvarenga e arredores

16% de todas as famílias da Congregação do bairro Alvarenga e arredores têm como responsável pelo domicílio uma mulher; dos sem-religião são 14%, da Assembleia de Deus 21%, da Igreja Universal 40%, da Deus é Amor 28%, e da população geral 18%.⁷¹ Na Congregação, das mulheres responsáveis de família⁷² 27% são casadas, 27% separadas ou divorciadas, 27% são viúvas e 18% solteiras. Chama atenção que a Congregação soma a taxa mais alta de todos os grupos de mulheres responsáveis pelo domicílio separadas ou divorciadas; 84% da Universal e 70% da Deus é Amor são solteiras ou viúvas. Entre as

⁶⁹ Seu número absoluto é de 132, contra 125 homens.

⁷⁰ Estas tendências se confirmam para o conjunto dos municípios de Diadema e São Bernardo do Campo com poucas variações: 54% das mulheres da Congregação são casadas e 34% solteiras, 7% viúvas, e 5% separadas ou divorciadas.

⁷¹ Estas porcentagens são, para todos os grupos, inferiores aos números referentes ao conjunto dos municípios de Diadema e São Bernardo do Campo. Nesta escala, o quadro é o seguinte: Congregação 20%, sem-religião 15%, Assembleia de Deus 25%, Igreja Universal 44%, Deus é Amor 31% e população geral 22%.

⁷² Elas somam 11, contra 57 homens responsáveis pelo domicílio.

mulheres responsáveis pelo domicílio, a Congregação tem a taxa mais alta de casadas (27%), valor alcançado somente pelas mulheres da Assembleia de Deus (26%) e bem acima dos outros grupos comparados (sem-religião: 20%; Igreja Universal: 5%; Deus é Amor: 10%; população geral: 15,6%).⁷³ - O fato que 27% das mulheres da Congregação habitantes das Áreas de Ponderação e 24% das moradoras de Diadema e São Bernardo (31 mulheres) se declaram responsáveis pelo domicílio apesar de serem casadas, pode ser interpretado como um indício que as mulheres da Congregação talvez não sejam tão submissas aos homens como as práticas no contexto do culto levam a supor.⁷⁴

3.5.2 Anos de estudo e rendimentos das mulheres responsáveis pelo domicílio

Como já vimos anteriormente, a Congregação tem os melhores índices de estudo dos grupos pesquisados. A distinção entre responsáveis pela casa por gênero mostra, porém, que somente os *homens* têm os melhores índices. Vejamos:

SBC e Diadema	SRel		AD		CCB		IURD		IPDA		Pop	
Anos de estudo	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
menos de 1 ano	8%	7%	8%	23%	4%	16%	7%	14%	13%	18%	6%	12%
menos de 5 anos	37%	37%	41%	62%	33%	58%	39%	59%	55%	70%	35%	48%
menos de 9 anos	68%	66%	77%	85%	65%	80%	77%	83%	90%	93%	64%	71%

APs estudadas	SRel		AD		CCB		IURD		IPDA		Pop	
Anos de estudo	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
menos de 1 ano	12%	13%	8%	17%	0%	18%	10%	11%	12%	11%	7%	15%
menos de 5 anos	42%	50%	44%	57%	28%	73%	41%	74%	50%	67%	42%	54%
menos de 9 anos	80%	83%	80%	83%	74%	91%	86%	89%	92%	89%	81%	83%

Tabela 3.1: índice de estudo por gênero e por grupo religioso estudado. Porcentagens cumulativas.

As mulheres responsáveis pelo domicílio da Congregação têm índices piores do que as da população geral e das sem-religião sempre, e de outros grupos pentecostais às vezes. Em quase todas as faixas, tanto para o conjunto dos dois municípios como para as Áreas de Ponderação estudadas, *a desigualdade entre homens e mulheres sempre é maior na*

⁷³ Uma explicação poderia ser que a Congregação tem a maior porcentagem de mulheres acima de 20 anos: 78%, contra 65% das sem-religião, 69% da Assembleia de Deus, 75% da Igreja Universal, 68% da Deus é Amor e 69% da população geral. Estes números mostram, porém, que a questão de ser casada é bastante dissociada da idade.- Vale a pena anotar ainda que a porcentagem se mantém relativamente estável na escala dos municípios de Diadema e São Bernardo do Campo para a Assembleia de Deus (de 26% para 25%) e Congregação (de 27% para 24%), mas aumenta bastante no caso da Igreja Universal (de 5% para 15,5%) e a Deus é Amor (de 10% para 18%), enquanto, no caso das sem-religião, a porcentagem cai consideravelmente (de 20% para 13%).

⁷⁴ Para a escala do Estado de São Paulo, esta porcentagem já cai para 19% (1734 mulheres).

Congregação Cristã.⁷⁵ A mesma dinâmica se observa comparando o total dos rendimentos e os rendimentos de todos os trabalhos: Os homens da Congregação têm os melhores índices (às vezes, superados pela população geral), mas as mulheres da Congregação podem ter índices piores do que mulheres dos outros grupos. Também aqui, em quase todas as faixas, tanto para os municípios como para as Áreas de Ponderação estudadas, *a desigualdade entre homens e mulheres sempre é maior na Congregação Cristã*.

Estamos diante de um fenômeno ligado à afiliação religiosa? Acredito que seja necessário guardar cautela. Possivelmente, a causa seja simplesmente demográfica: O índice dos anos de estudo acompanha, como se deveria esperar, inversamente a idade: quanto mais idosa a pessoa, tanto menos ela estudou, porque o acesso à oportunidade do estudo melhorou. E de fato, as mulheres responsáveis pelo domicílio da Congregação Cristã, que têm os piores índices, são, na média, as mais idosas, enquanto as mulheres sem-religião são as mais jovens e possuem os melhores índices de estudo – melhores até do que os homens sem-religião. Da mesma maneira, as mulheres responsáveis pelo domicílio da Congregação Cristã, que mostram a maior desigualdade de todas em relação aos homens do mesmo grupo, são na média 13,5 anos mais idosas do que os homens responsáveis pelo domicílio (mulheres: 50,5 anos; homens: 37 anos), enquanto esta diferença cai entre os e as sem-religião, que apresentam a menor desigualdade entre os gêneros com referência aos anos de estudo, para o menor valor (1,4 anos; mulheres: 39,3 anos e homens 37,9 anos).⁷⁶

Como é de se esperar, os rendimentos acompanham em boa parte os anos de estudo.⁷⁷ Por isso, se repete nestes indicadores a desigualdade entre homens e mulheres da Congregação Cristã já observada anteriormente (as faixas de maior diferença são marcadas em negrito).

⁷⁵ A Deus é Amor tem os piores índices nos municípios, mas a desigualdade de gênero é pequena. Chama atenção que entre os sem-religião, em nível de municípios, *as mulheres responsáveis pelo domicílio estudaram mais do que os homens*. Em geral, os moradores das Áreas de Ponderação pesquisadas estudaram menos do que os grupos comparáveis em nível dos municípios.

⁷⁶ Somente nas Áreas de Ponderação estudadas a diferença entre homens e mulheres responsáveis pelo domicílio é tão grande assim. Para a escala do conjunto dos municípios Diadema/São Bernardo do Campo, ela cai para menos que sete anos (mulheres: 49,2 anos; homens: 42,4), e no Estado de São Paulo ela é de um pouco mais que 7 anos (mulheres: 51,9 anos; homens: 43,8 anos).

⁷⁷ Medi os índices “Total rendimentos” e “Rendimentos de todos os trabalhos”. Evidentemente, o primeiro deveria ser maior, porque inclui o segundo e rendimentos de outras fontes além do trabalho. De fato, porém, ao olhar os números na tabela, verifiquei o inverso: a maioria das pessoas informa um valor dos “Rendimentos de todos os trabalhos” mais alto do que o “Total rendimentos”. Pedindo ao IBGE uma explicação deste fenômeno via email, recebi como resposta que o próprio IBGE também já percebeu o problema e o atribuiu a uma compreensão errada, pelas pessoas entrevistadas, do termo “Total Rendimentos”. Por isso, foi incluída na 3ª edição dos Microdados do Censo 2000, num arquivo adicionado “Famílias”, a variável Rendimento Mensal Familiar (V4615B), com o objetivo corrigir esse problema.

SBC Diadema		SRel		AD		CCB		IURD		IPDA		Pop	
Total Rendimentos		Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0 sal mín		12%	23%	13%	20%	<u>8%</u>	<u>15%</u>	12%	14%	19%	24%	9%	15%
até 1 sal mín		14%	28%	16%	28%	<u>10%</u>	<u>25%</u>	15%	21%	24%	35%	11%	20%
até 2 sal mín		27%	51%	31%	61%	<u>19%</u>	<u>48%</u>	28%	56%	48%	74%	21%	47%
até 3 sal mín		39%	64%	46%	79%	<u>31%</u>	<u>66%</u>	43%	71%	67%	86%	33%	61%
até 4 sal mín		54%	73%	63%	86%	<u>45%</u>	<u>76%</u>	57%	84%	83%	88%	47%	72%
até 5 sal mín		60%	79%	71%	90%	<u>51%</u>	<u>82%</u>	65%	91%	86%	94%	54%	78%

SBC Diadema		SRel		AD		CCB		IURD		IPDA		Pop	
Rend. todos trab		Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0 sal mín		0%	2%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	<u>5%</u>	<u>20%</u>	0%	0%
até 1 sal mín		2%	7%	2%	9%	2%	12%	4%	8%	<u>34%</u>	<u>71%</u>	2%	7%
até 2 sal mín		16%	35%	17%	42%	<u>9%</u>	<u>42%</u>	18%	48%	58%	83%	12%	34%
até 3 sal mín		30%	53%	37%	68%	<u>23%</u>	<u>58%</u>	38%	71%	79%	86%	27%	55%
até 4 sal mín		48%	70%	60%	79%	<u>40%</u>	<u>77%</u>	55%	87%	84%	89%	44%	69%
até 5 sal mín		56%	72%	68%	86%	<u>46%</u>	<u>82%</u>	61%	92%	100%	100%	50%	73%

APs estudadas		SRel		AD		CCB		IURD		IPDA		Pop	
Total Rendimentos		Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0 sal mín		22%	23%	13%	26%	9%	18%	17%	21%	<u>19%</u>	<u>30%</u>	<u>12%</u>	<u>25%</u>
até 1 sal mín		26%	30%	17%	30%	<u>23%</u>	<u>64%</u>	21%	26%	27%	30%	14%	32%
até 2 sal mín		42%	50%	34%	57%	<u>35%</u>	<u>82%</u>	41%	68%	69%	60%	28%	60%
até 3 sal mín		51%	67%	48%	65%	<u>54%</u>	<u>100%</u>	52%	74%	81%	90%	42%	75%
até 4 sal mín		64%	83%	68%	74%	<u>60%</u>	<u>100%</u>	72%	89%	88%	90%	61%	84%
até 5 sal mín		70%	87%	76%	87%	100%	100%	83%	95%	100%	100%	<u>69%</u>	<u>88%</u>

APs estudadas		SRel		AD		CCB		IURD		IPDA		Pop	
Rend. todos trab		Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0 sal mín		1%	0%	<u>5%</u>	<u>30%</u>	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	1%
até 1 sal mín		6%	0%	21%	30%	0%	0%	<u>5%</u>	<u>29%</u>	14%	0%	2%	10%
até 2 sal mín		21%	25%	38%	50%	<u>13%</u>	<u>50%</u>	29%	57%	50%	40%	16%	46%
até 3 sal mín		35%	44%	62%	70%	26%	67%	<u>43%</u>	<u>86%</u>	64%	80%	34%	70%
até 4 sal mín		52%	75%	70%	70%	<u>57%</u>	<u>100%</u>	71%	100%	79%	80%	57%	84%
até 5 sal mín		61%	75%	100%	100%	<u>66%</u>	<u>100%</u>	90%	100%	89%	90%	74%	93%

Tabela 3.2: Índices Total Rendimentos e Rendimentos de todos os trabalhos por gênero e por grupo religioso estudado. Porcentagens cumulativas.

Resta saber se e como o dado estatístico encontrado, que entre os grupos pesquisados, a desigualdade entre homens e mulheres sempre é maior na Congregação Cristã, se articula nas observações de campo, conversas informais e entrevistas com mulheres da Congregação Cristã. De fato, as conversas e entrevistas *não* confirmaram este dado, como iremos ver no capítulo 5. Possivelmente, porém, as mulheres que mais sofrem com a desigualdade (p. ex. a

tia de Laércio que mora em condições muito precárias), não se dispuseram a dar entrevista por causa deste motivo.

Quero ressaltar ainda que os dados a respeito da distância social acentuada entre homens e mulheres da Congregação Cristã, não se confirmam para o caso de bairros ricos. Uma vez que estes não constituem o foco do presente estudo, basta aqui uma pequena incursão.

Em bairros nobres de São Bernardo do Campo⁷⁸, não se pode falar do mesmo nível de desigualdade entre homens e mulheres responsáveis pelo domicílio. Vejamos os dados para os itens “Ano de Estudos” e “Total de rendimentos”:

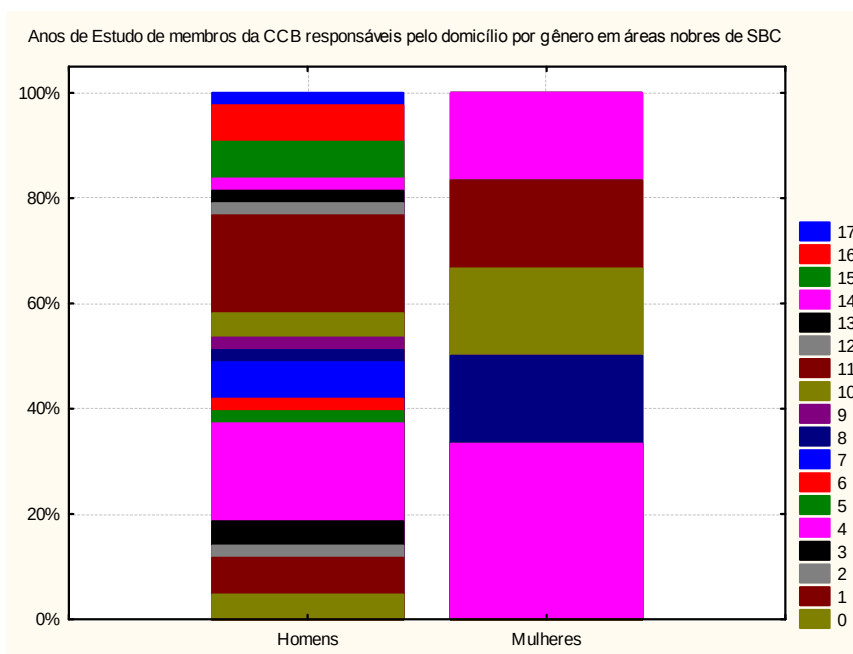


Gráfico 3.13: Anos de Estudo de membros da CCB responsáveis pelo domicílio por gênero em áreas nobres de SBC.

O gráfico mostra que nos bairros nobres escolhidos de São Bernardo do Campo, há, entre os membros da Congregação Cristã responsáveis pelo domicílio, somente homens tanto nas faixas inferiores, de 0 até 3 anos de estudo, como nas faixas mais altas, de 15 a 17 anos, apontando, em geral, um quadro bastante equilibrado a respeito dos anos de estudo. A média dos anos de estudo das mulheres (8,5) supera a dos homens (8,1).

⁷⁸ Elaborei os valores para as Áreas de Ponderação 3548708999019, 3548708999024, 3548708999025, 3548708999026, 3548708999027, e 3548708999030. Estas áreas, que em geral beiram a Via Anchieta em direção a Santo André, constituem, na classificação socioeconômica por setor censitário, o “filé mignon” de São Bernardo do Campo. Cf. Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo (2009:29). Nestas áreas, os microdados do IBGE totalizam 43 homens e 6 mulheres responsáveis pelo domicílio.

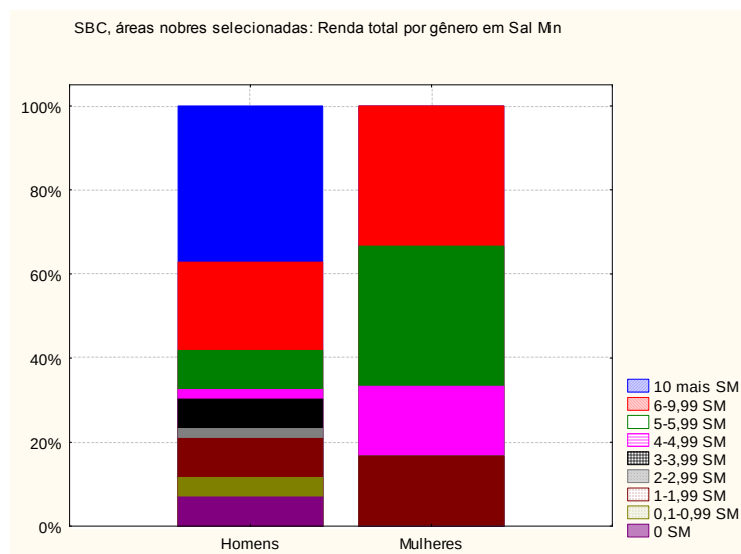


Gráfico 3.14: Total de rendimentos de membros da CCB responsáveis pelo domicílio por gênero em áreas nobres de SBC.

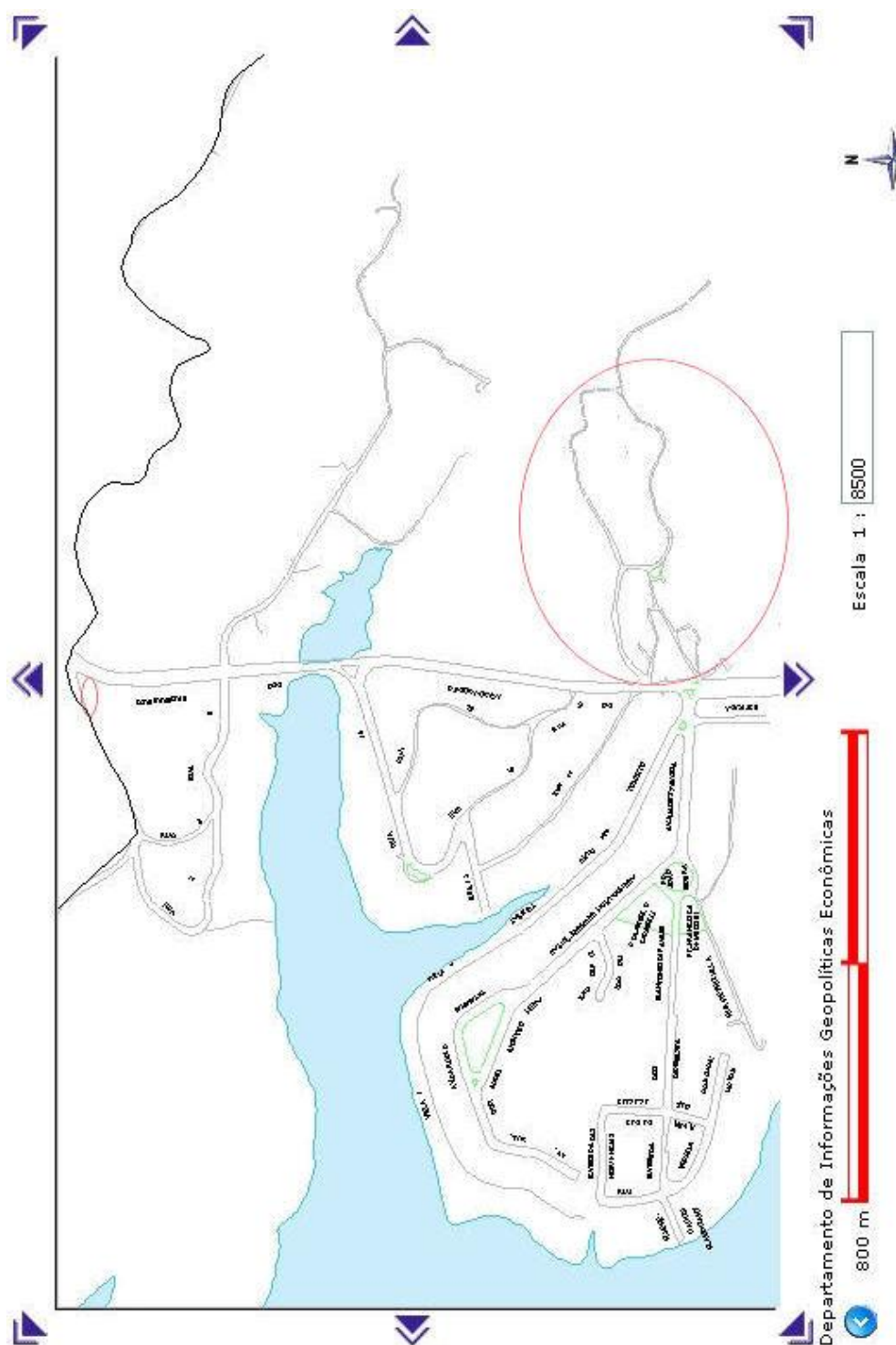
Quanto ao total de rendimentos, as diferenças entre responsáveis pelo domicílio homens e mulheres são grandes. A tendência que somente os homens ocupam as faixas extremas se repete: somente homens informam ter um Total de rendimentos de 0 a 1 salários mínimos (11,6%), ou de 10 salários mínimos ou mais (37%). Nenhuma mulher se encontra nestas faixas extremas. A média do total de rendimentos dos membros da CCB responsáveis pelo domicílio homens, de 12,6 salários mínimos, é 2,5 vezes a média das mulheres na mesma situação (5 SM). Esta diferença é causada principalmente pelos salários de homens que ganham acima de 10 salários mínimos (o valor máximo chega a 78 SM).

3.6 A realidade social do local: observação do dia a dia do bairro e conversas informais no barracão da Sociedade de amigos da Vila Moraes

Conforme conversas informais que tive no barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes, moram aproximadamente trezentas famílias na Vila Moraes, somando mil e quinhentas a duas mil pessoas.⁷⁹ Há um certo fluxo de pessoas. Para muitas famílias, a Vila Moraes é um lugar de passagem: elas chegam, ficam um pouco e saem, vendendo seu barraco para outra família; esta frequentemente tenta trazer outros parentes ainda. Ultimamente,

⁷⁹ Estes dados podem ser inflados, uma vez que os moradores costumam indicar números mais altos para os fiscais da prefeitura ou do Estado, possibilitando assim a chegada de mais moradores parentes ou amigos. Possivelmente, para mim como estranho utilizaram a mesma estratégia.

porém, o cerco da fiscalização da prefeitura e do Estado está se fechando, e no mês de julho de 2009 máquinas da prefeitura derrubaram quatro barracos de recém-chegados.



Mapa 3.9: Detalhe do mapa do município de SBC, com casa de oração do Jandaia e Vila Moraes

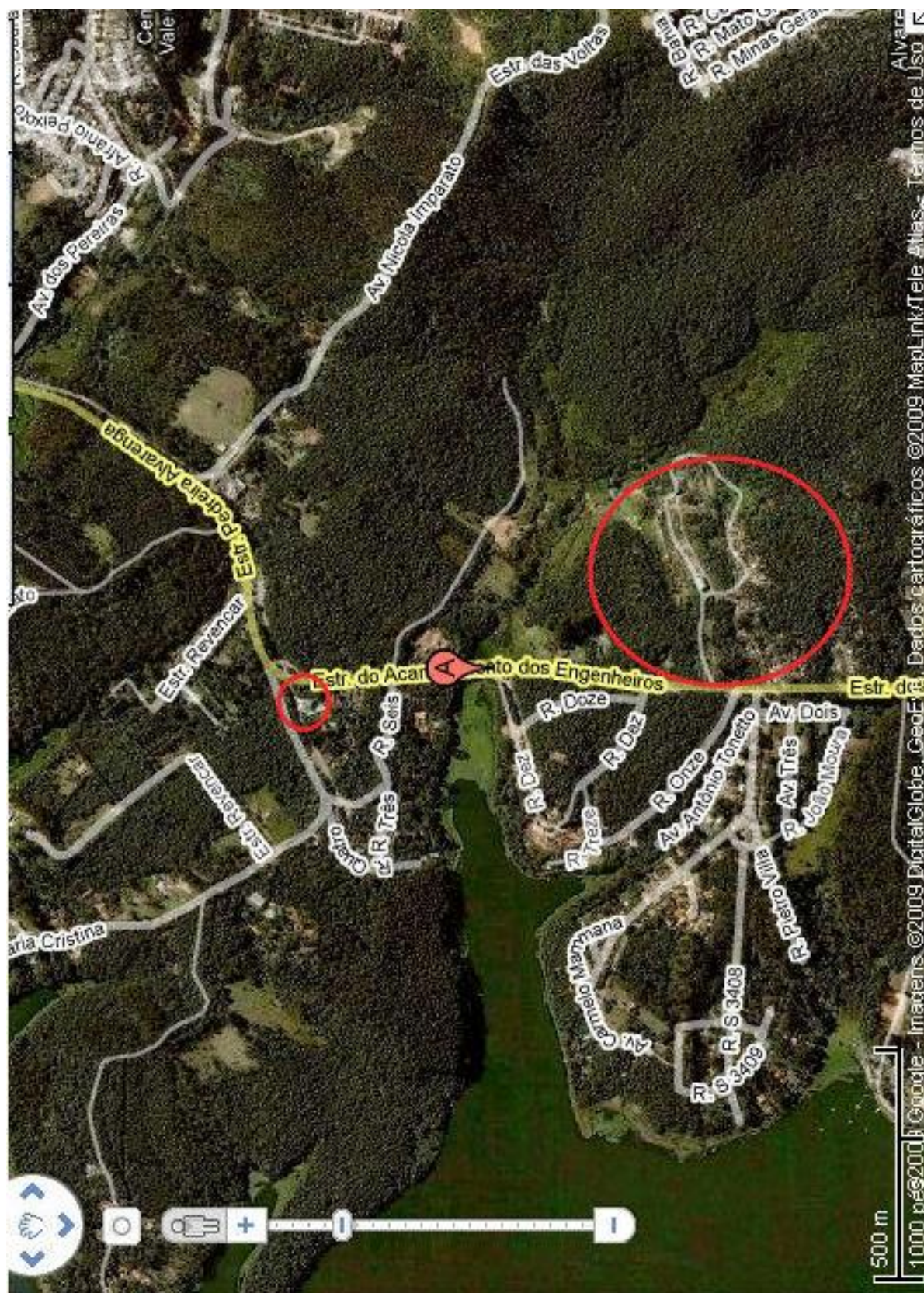


Foto 3.1: A igreja da Congregação Cristã (círculo vermelho menor) e a Vila Moraes (círculo vermelho maior).
A foto de satélite do Google Maps é antiga (antes de 2005).

Um dos maiores fatores da vulnerabilidade social dos moradores da Vila Moraes é a questão da posse da terra. Todo o terreno está situado em área de proteção aos mananciais; por isso, toda a população da Vila Moraes está constantemente ameaçada de ser removida para outro local: Ninguém sabe se e até quando pode ficar.

A terra pertencia a um proprietário, o já falecido José Nelson Hering, que ficou devendo impostos. Por isso, a prefeitura desapropriou toda a terra; recentemente, porém, ela voltou ao proprietário. Alguns anos atrás, a dívida dos impostos somava 351 mil reais. Em julho de 2009, o presidente da Sociedade de Amigos da Vila Moraes foi verificar a situação do terreno na prefeitura, e a dívida de impostos já estava acima dos 800 mil reais, referindo-se a toda a área que soma 491 mil m². O terreno não pertence a um único proprietário, mas na imobiliária, está cadastrado o nome do já falecido Sr. Hering. Anos atrás, houve uma negociação com o Ministério Público do Estado, propondo um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). Neste termo estão inscritos 335 famílias, área de lazer, asfalto ecológico, lote de 25 m x 125 m cada, luz, água, esgoto e ônibus. A negociação, porém, não chegou ao fim; apesar disso, ela prova que existe a possibilidade de urbanização. Na opinião do presidente da Sociedade, a urbanização parece não interessar ao Estado e ao município, que preferem aparentemente a remoção da população. Esta poderia apelar ao direito à moradia por “usucapião”. No entanto, o fato de que muitas famílias chegam, ficam um tempo, vendem e vão embora, complica a situação, porque o nome das pessoas que atualmente habitam os barracos não corresponde aos nomes cadastrados.



Fotos 3.2 e 3.3: Rua na Vila Moraes e barraco de madeira e madeirite. Não existe asfalto, o esgoto está ao céu aberto (foto à esquerda), a maioria das casas é de madeira ou madeirite.⁸⁰

⁸⁰ Estas e as fotos seguintes, com exceção das fotos 3.4 a 3.6, que recebi como cortesia da Sociedade dos Amigos da Vila Moraes, são da minha autoria.

A indefinição a respeito do uso do terreno pode ser a justificativa pela completa ausência de infraestrutura na Vila Moraes. Não existe água encanada nem esgoto: os moradores captam água potável em tambores quando chove. Igualmente, o bairro não é ligado à rede de luz elétrica: os fios de luz que existem são “gatos” clandestinos. Muitos barracos são feitos de madeira ou madeirite; o próprio presidente da Sociedade de Amigos da Vila Moraes desencoraja a construção em alvenaria enquanto não houver clareza a respeito da legalidade da moradia. Não existe asfalto; as ruas são de terra, com vestígios de cascalho em um ou outro lugar.⁸¹



Foto 3.4: Na falta de água encanada, os moradores captam água da chuva como água potável



Fotos 3.5 e 3.6: Não há eletricidade instalada na rede elétrica; moradores fizeram “gatos”

⁸¹ Importante lembrar que todos estes benefícios (água encanada; luz; asfalto) existem no condomínio do Jandaia que fica diretamente em frente da Vila Moraes, do outro lado da Estrada do Acampamento dos Engenheiros – e em outro condomínio socialmente mais elevado (Acampamento dos Engenheiros) por sinal, mais próximo da Represa Billings do que a própria Vila Moraes. Um claro indicador que a questão em jogo não é tanto a proteção ambiental, mas o poder econômico dos moradores. Quando o presidente da Sociedade dos Moradores da Vila Moraes perguntou a um vereador de São Bernardo por que o condomínio recebeu água encanada e a Vila Moraes não, a resposta foi: “Poderia ter feito, mas ninguém pediu.” (informação verbal)

Não existem equipamentos municipais de educação e saúde na Vila Moraes. As crianças estudam em escolas do município de São Bernardo do Campo numa distância que varia aproximadamente de 3,5 a 4 km; os menores são transportados por ônibus escolares, os maiores costumam utilizar o ônibus que circula de graça, chamado de “poerinha” por causa da poeira que o cobre, devido às estradas de terra. Durante os meses da pesquisa de campo, o “poerinha” continuou circulando, apesar dos constantes rumores que a prefeitura estaria retirando-o. O próximo posto de saúde fica a uma distância de 4,5 km. Se alguém na Vila Moraes fica doente a ponto de precisar de transporte, tem que ligar para o SAMU.



Foto 3.7: Mãe com filhos no quintal da sua casa. Na maioria das casas, moram cinco ou mais pessoas

Poucos moradores da Vila Moraes têm emprego regular; a maioria faz “bicos” que aparecem apenas ocasionalmente. O próprio presidente da Sociedade de Amigos trabalha como montador de móveis na rede de um magazine, mas é chamado somente para montar uns seis móveis por semana, na média. Ele mesmo precisa arcar com os custos do transporte. Levando em conta que os municípios do ABCD não implantaram o bilhete único, sobra pouco dinheiro. Alguns homens trabalham ocasionalmente como pedreiros ou serventes. Possivelmente, as mulheres têm mais oportunidades de trabalho (como domésticas) do que os homens. Uma ou outra delas trabalha no condomínio de classe média situado no outro lado da Estrada do Acampamento dos Engenheiros e chamado de “condomínio do Jandaia”⁸²; elas são as únicas da população da Vila Moraes às quais o condomínio oferece oportunidades, bem

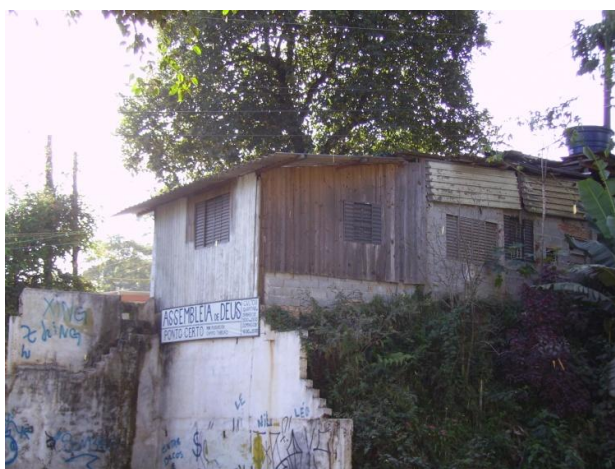
⁸² Noemi, a esposa do presidente da Sociedade, trabalhou durante um tempo numa casa do condomínio como diarista, sendo chamada uma vez por mês – uma oportunidade de emprego extremamente esporádico, portanto.

diferente, portanto, do caso da favela Paraisópolis, onde o entorno afluyente gera uma “estrutura de oportunidades” (cf. ALMEIDA e D'ANDREA 2004 e ALMEIDA, D'ANDREA e DE LUCCA 2008).



Foto 3.8: O condomínio do Parque Jandaia em frente da Vila Moraes: com ruas asfaltadas, eletricidade, água encanada e amplas áreas de lazer.

Uma vez que a ocupação do terreno da Vila Moraes não é legalizada, não existem espaços públicos criados pelo poder público. Há, sim, um pequeno campo de futebol e uma lagoa onde vários jovens já morreram afogados. Existem três igrejas na Vila Moraes: duas da Assembleia de Deus, e uma Igreja Católica.



Fotos 3.9 e 3.10: A Assembleia de Deus “Ponto Certo” ao lado da Estrada: frente (à esq) e fundo (à dir)

Uma igreja da Assembleia fica em frente do condomínio do Pq. Jandaia (igreja “Ponto certo”), na beira da Estrada do Acampamento dos Engenheiros, e a outra numa pequena praça, frente à igreja católica. O barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes é outro espaço de sociabilidade; fora destes locais, restam somente pequenos bares, adegas e uma minilojinha

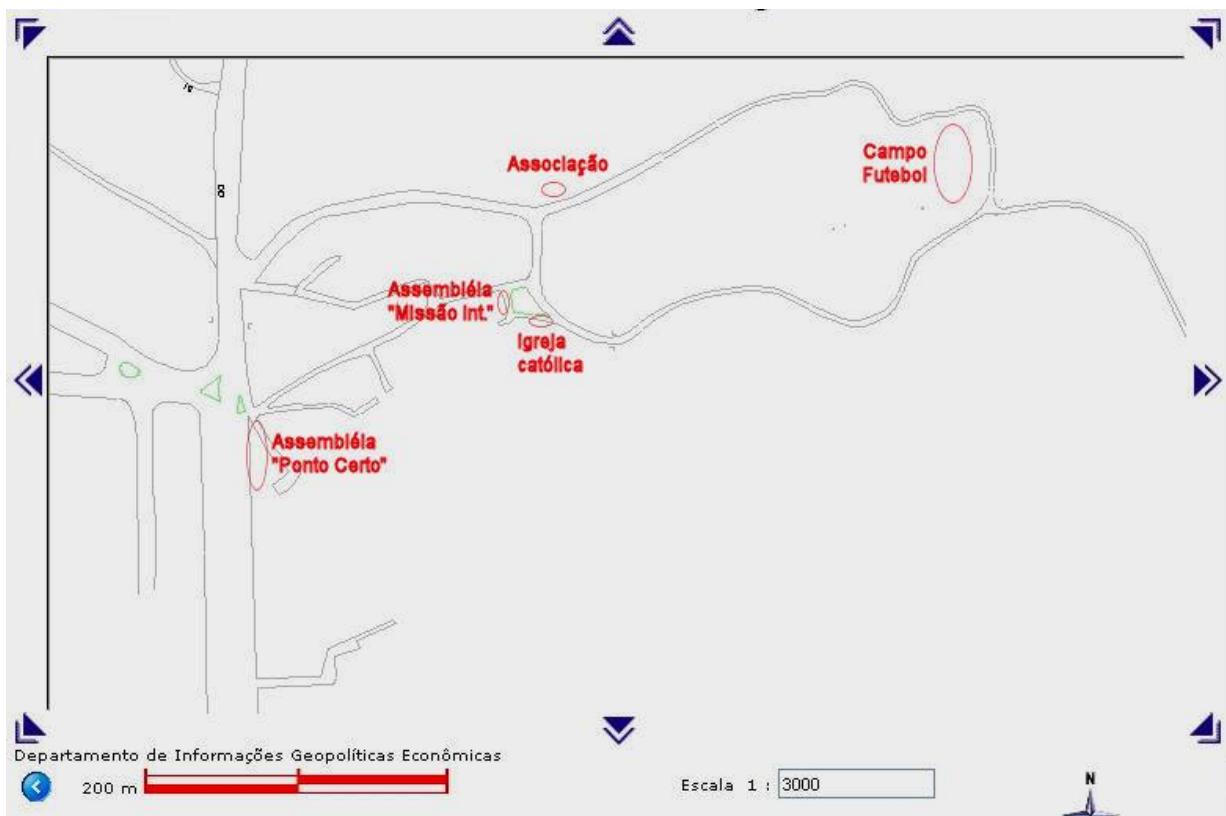
também à beira da Estrada. Outros pontos de se encontrar e sociabilizar são a porta do quintal (geralmente de madeira ou madeirite) ou porta de casa; muitas conversas em pequenos grupos acontecem ali. Vi poucos carros estacionados em frente das casas, e onde houve um, ele era rodeado por jovens. Normalmente, os barracos se parecem um com o outro, mas há também casas de alvenaria com hortas espaçosas; as habitações mais afastadas da Estrada, a beira do mato, têm geralmente um espaço maior para plantação.



Foto 3.11: Assembleia de Deus “Missão Internacional”.

Fotos 3.12 e 3.13: Igreja Católica. Somente a pedra na sua frente com o nome “S. Juan Diego” indica que é uma igreja católica

São poucos os benefícios que chegam à Vila Moraes. A Sociedade de Amigos da Vila Moraes conseguiu inscrever mais que oitenta famílias no projeto “Viva Leite” do Estado, inclusive alguns idosos. O leite é distribuído no barracão da Sociedade, uma vez por semana (até recentemente, duas vezes). Uma Senhora jovem que vem visitar a Vila Moraes regularmente, traz mais do que trinta cestas básicas cada mês, doadas por benfeitores que querem ficar anônimos e distribuídas na igreja católica; aqui também funciona a Pastoral da Criança. A prefeitura coloca um ônibus de graça a serviço da comunidade, o “poerinha”.



Mapa 3.10: Mapa da Vila Moraes, com seus espaços de sociabilidade

Um vereador de São Bernardo do Campo mostra um certo interesse pela população da Vila Moraes. De vez em quando ele aparece (mais em tempos de eleição) e manda assessores seus conversar com a população. Ele prometeu em março de 2009 transporte suficiente para todos os interessados, numa plenária na câmara dos vereadores a respeito da “Lei dos mananciais”, organizada por seu filho, outro vereador do município, com a presença de representantes da prefeitura e do Estado. Foi um dos raros momentos em que a população da Vila Moraes se mobilizou. Os ônibus, porém, não chegaram na hora prometida. A população já tinha se dissolvido quando apareceram dois carros de passeio. Um motorista explicou que o vereador pensou que não iria participar quase ninguém, como em outra ocasião quando ele mandou um ônibus à Vila Moraes para a população participar de uma plenária do seu partido, com a possibilidade de se afiliar. Neste caso, a população da Vila Moraes mostrou que sabe bem distinguir entre interesses alheios dos quais são feitos objeto (plenária de partido; ser transportado para afiliar-se) e interesses próprios vitais (Lei dos mananciais que será fundamental para a questão de poder ocupar o espaço atualmente habitado).



Fotos 3.14 e 3.15: População da Vila Moraes se mobiliza para participar da plenária sobre a Lei dos mananciais, em março deste ano (à esq.); parcela da população volta para casa decepcionado com a falta do transporte prometido (à dir.)

3.7 A situação periférica específica da Vila Moraes

A ambiguidade a respeito da posse da terra, o fato de que o bairro está situado em área de proteção aos mananciais, a ilegalidade da sua ocupação, a constante ameaça de os moradores serem removidos do local da moradia, a completa falta de infraestrutura, incluindo água, esgoto e luz, a ausência de equipamentos municipais de saúde, educação, cultura e lazer, a precariedade de transporte e de oportunidades de emprego e a baixa qualidade de construção (barracos de madeira e madeirite em vez de casas de alvenaria) constituem, no seu conjunto, o que pode ser chamado de situação periférica específica da Vila Moraes. Escrevem Almeida, D’Andreia e De Lucca em artigo recente (2008:111):

O que chamamos de “situações periféricas” não se refere a um estado de exclusão, mas a contextos sociais em que há acesso precário a melhorias materiais e a recursos simbólicos. O termo “periférico” deve-se ao fato de o “foco” empírico estar na posição hierarquicamente inferior do espaço social, distante das centralidades da produção e reprodução de bens materiais e simbólicos com maior valor social.

Diferente destes autores, considero analiticamente promissor conjugar o conceito de “situação periférica” com os conceitos da exclusão e da produção do espaço. O espaço da Vila Moraes, com todas estas precariedades, é produzido como situação periférica. No outro lado da estrada, poucos metros em frente da Vila Moraes, o Condomínio do Jandaia mostra que uma outra urbanização é possível, que a prefeitura possui recursos para instalar a infraestrutura necessária e os equipamentos adequados – desde que os moradores tenham um

mínimo nível de afluência e recursos. A maior parte do entorno da Vila Moraes e das áreas em torno da única principal via de acesso no bairro dos Alvarenga (Estrada do Alvarenga e Estrada do Acampamento dos Engenheiros), é formada por grandes chácaras privadas, das quais várias oferecem espaço de lazer comercializado, como pesque-pague etc. Não por acaso: por trás está uma política de urbanização. Marcondes (1999:125) fala de um “modelo de proteção ambiental nos mananciais” que consiste em “tornar disponíveis grandes lotes para chácaras de recreio”, em vigor desde 1970. No meio destas chácaras, ocorre nas áreas dos mananciais a produção clandestina do espaço:

O binômio pobreza urbana e risco ambiental acentuou-se a partir de então, a exemplo do binômio pobreza urbana e exclusão dos serviços e equipamentos coletivos, compondo um quadro que poderíamos chamar de *espoliação ambiental*, correspondente aos processos de *espoliação urbana* conceituados por Kowarick (1979). Trata-se da exploração ambiental e da inexistência das condições mínimas ambientais, socialmente necessárias à subsistência dos trabalhadores, embora tenhamos presente que a idéia de *espoliação urbana* também deriva desses aspectos. (Marcondes 1999:120)

Em boa parte, é a população dos próprios municípios que entra num processo de periferização e ocupa as áreas dos mananciais do município, reiterando o padrão periférico de expansão urbana e a produção clandestina do espaço. Os processos de desconcentração urbana da metrópole foram mediados principalmente por processos de exclusão social e localizaram-se com predominância nas regiões dos mananciais, carentes de equipamentos e infraestrutura urbana e com características de expansão periférica. Marcondes (1999:173) lembra que por trás deste processo há uma vontade política:

Os responsáveis por essa prática no poder público municipal se justificavam alegando que, com os baixos custos da terra das áreas de mananciais, seria possível equacionar a questão social. Tais custos, porém, não incluíam os investimentos em urbanização – pois não raro eram glebas distantes da área urbanizada e sem infra-estrutura urbana –, tampouco o fator indutor desses empreendimentos e, principalmente, o cumprimento da legislação competente. ... Essas áreas sofriam então os efeitos polarizadores da metrópole e as formas de ocupação do espaço, resultantes do modelo econômico vigente, com o afluxo de contingentes populacionais por meio dos conhecidos processos de urbanização – periferização – segregação social. ... Essas regiões passaram a refletir o processo de dualização social, configurando-se em ilhas de exclusão social. A desqualificação dessas áreas para usos urbanos, a proibição de instalação de sistemas públicos de água e de esgotos sanitários nas áreas inseridas nas classes C (artigo 22 da Lei 1.172/ 76) – que representam a quase totalidade da superfície protegida –, bem como a ausência de investimentos no setor viário, caracterizam emblematicamente tais regiões, seguindo-se a isso a impossibilidade de obtenção das rendas diferenciais urbanas, geradas pelos investimentos públicos.

Repito que a “a proibição de instalação de sistemas públicos de água e de esgotos sanitários”, citada pela autora, foi aplicada apenas para o caso dos moradores da Vila Moraes, como vimos acima e está à vista caminhando pelo bairro, mas não para os habitantes (mais afluentes) do Condomínio do Jandaia que moram do outro lado da Estrada, inclusive mais próximo e imediatamente à margens da represa Billings. Parece que só a Estrada separa o “*cidadão de primeira classe*, ... capaz de defender seus direitos e mesmo seus privilégios, recorrendo a amigos influentes, pagando advogados” e o “*cidadão de terceira classe*, a majoritária parcela que aufere remuneração irrisória” e mora em “habitações assim chamadas de subnormais, que reúnem cerca de 70% das cidades brasileiras.” (KOWARICK 2000:113)

Todo este processo não configura uma desindustrialização da metrópole, mas sim o início de uma reestruturação urbano-industrial, cuja tendência é a da especialização funcional no setor terciário da metrópole, observada na descrição dos índices econômicos de São Bernardo do Campo acima. As reconfigurações espaciais das cidades da Região Metropolitana de São Paulo em vigor geram um forte impacto na geração de alterações na estrutura produtiva, como na de empregos. Verifica-se o aumento das categorias superiores e de empregos mais qualificados nas indústrias tecnológicas e no setor terciário superior, em detrimento das categorias menos qualificadas. As e os moradores da Vila Moraes não possuem as qualificações para estes novos empregos, e os índices dos anos de estudo e da renda elaboradas acima mostram que os moradores das APs não participam destes empregos novos altamente qualificados. A modernidade tecnológica, informática e organizacional combina-se com o trabalho precário; é este último que, como vimos, é o único acessível para os moradores da Vila Moraes e mantém suas condições urbanas de vida extremamente espoliativas. A reestruturação dos empregos desencadeia um processo de dualização urbana, “marcada pelos fenômenos brutais de exclusão social e de marginalização com reflexos diretos nos padrões de ocupação do solo e da apropriação dos recursos ambientais nas áreas de mananciais.” (MARCONDES 1999:185) A Vila Moraes é uma tradução deste processo de dualização social, configurando-se em ilha de exclusão social.

3.8 A realidade social da Vila Moraes na ótica de moradores participantes da Congregação Cristã

Não é suficiente descrever somente a materialidade da vulnerabilidade social e espoliação urbana e ambiental que os moradores da Vila Moraes sofrem, e procurar por suas referências macroestruturais. Atores sociais produzem tramas que são referenciados, mas não

atrelados a estas condições materiais objetivas. Não importa somente a magnitude da espoliação, mas o significado que grupos dão a esses processos. A questão da “subjetividade social” pergunta como atores sociais *experienciam*, *vivenciam* e *interpretam* estes processos e situações concretas, como produzem discursos e qual produção simbólica realizam a seu respeito. Como moradores da Vila Moraes participantes da Congregação Cristã experienciam, vivenciam e interpretam sua condição social e a realidade social do local em que moram?

Em primeiro lugar, nas minhas observações e conversas não se fez sentir que os moradores da Vila Moraes, e nem os que frequentam a Sociedade de Amigos da Vila Moraes, formem “atores coletivos” com durabilidade e regularidade, excetuando-se momentos esporádicos, ou eventos, de mobilização coletiva como no dia da plenária sobre a Lei dos Mananciais na Câmara Municipal de São Bernardo; os laços de vizinhança ou de pertença ao bairro parecem demasiadamente fragmentados para justificar o uso desta expressão. Considero que a “comunidade imaginada”⁸³ mais importante na convivência social diária, além dos laços familiares, não seja constituída por laços civis ou de vizinhança (“ser morador da Vila Moraes”), mas por laços religiosos, e que as divisões internas destes sejam as categorias “crente”, “católico” e “outra ou nenhuma crença”.

O laço criado pelo fato de ser “evangélico” parece ser mais forte do que o laço criado pelo fato de pertencer à “Congregação Cristã” ou à “Assembleia de Deus”. Quando iniciei minha pesquisa, as três mulheres Núbia, Maria e Noemi dominaram o espaço do barracão da Sociedade de Amigos, conversando em voz alta entre elas (às vezes com intervenções de Ubirajara, o presidente da Sociedade de Amigos e participante da Congregação) a respeito de cultos, pastores, cooperadores, poder da fé etc.⁸⁴ Enquanto Maria pertencia à Assembleia e Núbia e Noemi à Congregação, raramente se fez sentir uma disputa entre elas;⁸⁵ as conversas

⁸³ Entendo “comunidade imaginada” na acepção que Anderson lhe dá: “*comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração que possam existir dentro dela”, ela “sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal” (2008:34), e *imaginada* porque os seus membros “jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.” (2008:32) Os membros destas comunidades imaginadas têm muitas coisas – e especialmente uma memória – em comum, e também todos têm esquecido muitas coisas. Para seus membros, a “comunidade imaginada” tem um enorme valor de legitimidade e dispõe de uma legitimidade emocional profunda. Anderson conceitua a “comunidade imaginada” assim para definir a nação. Ele quer tratar o conceito da nação “do mesmo modo que se trata ‘parentesco’ e a ‘religião’, em vez de colocá-lo ao lado do ‘liberalismo’ ou do ‘fascismo’”, (2008:34), e propõe alinhar o conceito do nacionalismo aos grandes sistemas culturais que o precederam, que são a *comunidade religiosa* e o *reino dinástico*.

⁸⁴ Possivelmente, a minha presença como pesquisador que estava investigando a questão da religião, estava interferindo, influenciando e talvez até forjando estas conversas. O pesquisador, ao entrar no campo, faz parte deste e o modifica por sua presença.

⁸⁵ Lembro-me que certa vez Noemi e Núbia, já após Maria ter saído, comentaram que a Assembleia de Deus “Ponto certo” não era uma igreja muito séria por ser festeira demais, porque lá toda semana se celebrava o aniversário de alguém.

pareciam mais um esforço em conjunto de convencer as mulheres que vieram pegar o leite, da importância de ser crente e pertencer a uma igreja. Ao mesmo tempo, as três guardaram certa distância e cautela quando a coordenadora da Igreja Católica do bairro aparecia, descrita como dura e pouco acolhedora: alguém que não tratava bem as pessoas. Meses depois, Noemi já tinha migrado da Congregação para a Assembleia. Ela às vezes criticava com duras palavras a Congregação Cristã, como veremos a seguir, enquanto Núbia, agora das três a única que estava na Congregação Cristã, se mantinha em silêncio. Mesmo assim, o laço que as unia (ser crente) diante das mulheres que não frequentavam nenhuma igreja, era mais forte que as divisões internas.

Laércio nasceu em 1991, ano em que seus pais vieram do bairro de São Mateus na Zona Leste de São Paulo à Vila Moraes. *“Quando eu vim morar para cá, em 91, o lugar onde tem casas hoje era tudo mato, tudo mato. Então foi entrando um, fez uma casa. Foi entrando outro, até virar uma vila.”* Laércio tem uma clara percepção da precariedade do bairro onde mora:

Olha, onde nós mora aqui, é, é precário, né, a situação, não é bairro chique, entendeu, tem o condomínio Jandaia, tem o Engenheiros, que é um condomínio, que são dois condomínios muito bonitos, né. ... E mais para ... são bairros tudo, tudo igual a este aqui. Não tem água encanada, não tem asfalto, você entendeu. Agora, aqui mais para o centro já tem aquelas bonitezas, né, tem o Parque dos Passos que é muito lindo, né.

Ele mesmo, porém, está em situação parcialmente melhor. Laércio mora com seus pais e irmãos no sítio de uma área particular, um pouco afastado da vila. Seu pai trabalhou durante doze anos para o dono do sítio, criando porcos e cabritos, até o sítio ser desativado, pela lei dos mananciais. O dono permitiu que eles continuassem morando no sítio, que possui luz elétrica, tem bons poços, e a casa é de blocos. *“Agora, os, os outros pessoais já não têm, têm casa de madeira, às vezes a energia acaba, porque são muitas pessoas.”* Mesmo morando em situação privilegiada, sua família tem boas relações com os moradores da vila, *“porque nós estamos sempre juntos com eles ali, conversando, entendeu. Então nos consideramos como se fosse tudo uma família só.”* Laércio acompanha com interesse a luta de Ubirajara, presidente da Sociedade de Amigos da Vila Moraes e participante não batizado da Congregação, por melhorias no bairro, mas ele não vê seu futuro aqui:

Tem muita gente fazendo coisas erradas, entendeu. Então, eu não acho bom morando ali, né. Bom assim, mas pela necessidade de morar a gente tem que morar, entendeu. Mas nós temos planos de, mais para frente, comprar uma casinha fora, entendeu, ... e assim vai indo, se Deus abençoar.

Ao falar das pessoas que fazem “coisas erradas”, quer dizer, são usuários ou traficantes de drogas, Laércio menciona o poder local dos traficantes que recentemente tentaram matar um jovem que roubava dentro da própria vila. Além de Laércio, somente o presidente da Sociedade mencionava este poder local, considerando-o, porém, insignificante.- Dentro da vila, Laércio conversa com todos, mas cultivava laços mais fortes com membros da Congregação Cristã:

Ah, eu prefiro, eu procuro mais estar junto com os da Congregação, né. Porque falamos todos a mesma língua. Agora, assim, eu sou da Congregação. Eu vou juntar com quem não é, aí tem que ser uma coisa diferente, porque alguns vão falar besteiras, muitas coisas, não é lícito para nós estar no meio, né.

Noemi é mãe de três filhos e é a esposa do Presidente da Sociedade de Amigos da Vila Moraes e tesoureira desta. Nasceu em São Paulo, morou uns anos na favela Pantanal (perto de Diadema) e chegou à Vila Moraes em 2005. Gosta muito de morar no local: *“Você gosta de morar aqui?”- “Adoro! Gosto muito daqui! Eu queria lutar por aqui mas, não depende de eu ir sozinha e tudo depende da comunidade de Deus, que eu creio que Deus tem pra nós lugar!”* Mora num barraco de madeira com quatro cômodos (*“Pode chamar de cômodo aquilo?”*). Considera-se uma pessoa que, antes de conhecer as igrejas evangélicas, era muito egoísta. Já fez muito pelo bairro da Vila Moraes, até perceber que os outros não colaboravam (*“são muito acomodado o pessoal daqui”; “aqui é só um pensando no, só pensa em si próprio”*), e quando começou a passar muita dificuldade na sua própria casa (*“já chegou a época do que eu não ter o que comer”*) e a receber uma Cesta Básica doada, decidiu: *“Eu vou deixar um pouco isso de lado e vou trabalhar. E fui trabalhar! Agora eu recebo o meu salarinho, eu vou lá e faço minha comprinha! Não digo que não falta! Falta coisa dentro de casa sim!”*⁸⁶ Noemi não tece nenhuma reflexão a respeito da desigualdade social entre a Vila Moraes e o condomínio do Pq. Jandaia do outro lado da Estrada, onde ela já trabalhou temporariamente numa casa. Sobre a própria posição social no bairro, ela comenta: *“Acho que teve uma época que a gente tava lá embaixo! Muito lá embaixo! Entendeu?... eu me considero, acho que no meio.”* Ser presidente e tesoureira da Sociedade de Amigos pode, portanto, garantir um certo prestígio, mas parece não resultar em vantagem material ou contribuir para se tornar o poder local. Noemi se diz desanimada por causa do desprezo que

⁸⁶ Quando recebeu a primeira Cesta Básica, diz Noemi, *“eu comecei a acordar”*. Nas categorias de Paugam (2003:89), Noemi passou por uma “precariedade econômica” temporária e beneficiou-se “de uma intervenção social pontual em razão de dificuldades.” *Fragilizada*, ele acordou imediatamente para o perigo de se tornar uma *assistida*, “objeto de um acompanhamento regular” com a possibilidade de entrar na *carreira do assistido*, tornando-se sempre mais dependente. Imediatamente, Noemi procurou trabalhar para resguardar a sua independência.

sofre por alguns moradores do bairro, irmãos e irmãs da Congregação Cristã, cujos cultos ela frequenta e na qual ela pretende se batizar. Duas vezes, seu filho quis ajudar num mutirão da Congregação Cristã e foi mal recebido: *“Ele foi mal tratado no sábado. Ai ele conversou e eu falei: Não liga filho! Ai ele voltou no outro sábado, foi pior aí então ele não voltou mais e não quis mais ir pra igreja.”* Meses depois da entrevista, quando reencontrei Noemi, ela já não estava mais participando da Congregação Cristã. Ela conta que foi recebida com *“olhares feios”* pelas irmãs quando entrou na igreja da Congregação no Jandaia, numa noite de chuva que deixaram seus calçados cheios de lama. Aparentemente, ela concluiu que nem ela nem seu filho eram bem-vindos na Congregação por causa das suas precárias condições de vida, e ela cita a Congregação Cristã como único lugar no qual ela se sentiu socialmente inferiorizada.- Chama atenção como, de um lado, Noemi, Núbia e Maria estabelecem no barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes, por suas conversas sobre religião, laços entre si e até um certo domínio evangélico diante das mulheres que vêm pegar leite, enquanto Noemi, em conversas particulares (entrevista e posterior conversa informal) desabafa como irmãos e irmãs com prestígio na Congregação fazem uso deste capital social para desprezar gente do próprio grupo religioso em posição mais periférica por não ser batizada e morar visivelmente (calçados cheios de lama) em situação mais precária.

Resumindo, pode-se dizer que os moradores da Vila Moraes não têm laços suficientemente fortes para constituir um *ator social coletivo* além de mobilizações raras e ocasionais. Talvez a presença pouco duradoura e apenas transitória de muitas famílias contribua para este quadro de uma ampla fragmentação social.- Os grupos religiosos estabelecidos, como Congregação Cristã, Assembleia de Deus, Igreja Católica também não têm força suficiente para se impor aos seus membros, moradores da Vila Moraes, como “comunidade imaginada” principal. Eles talvez consigam isso para os membros mais integrados, como no caso de Laércio, que possui um prestígio elevado tanto na Congregação Cristã como entre os moradores do bairro, em relação aos quais ele e sua família ocupam um lugar social privilegiado. Membros menos centrais e situados mais na periferia da comunidade religiosa podem, ao contrário, como no caso de Noemi, perceber como o próprio grupo religioso reproduz no seu interior a desigualdade social e de prestígio, com a qual são confrontados também na sociedade mais ampla. Neste caso, podem se estabelecer afinidades eletivas para fora do próprio grupo religioso, constituindo p. ex. a categoria “crentes” a mais importante “comunidade imaginada”. Há indícios de que esta “comunidade imaginada” é ativada especialmente quando membros com afinidade efetivamente se reúnem e fazem coisas juntos, enquanto no discurso produzido em conversas particulares (como entrevista)

prevalecem interpretações de experiências e vivências de fraturas dentro do próprio grupo religioso, que podem causar até abandono deste grupo e adesão a um outro disponível – provavelmente um do qual uma pessoa com a qual se convivia e sentia afinidade já faz parte.

3.9 Observações a respeito da população local no culto na casa de oração

Nesta parte, apresento observações a respeito da população local que participa do culto na casa de oração. Faço-o de maneira muito breve e resumida, uma vez que o próximo capítulo é dedicado a uma etnografia do culto na casa de oração pesquisada. Aqui nos interessa somente como a realidade local no sentido estrito (os bairros vizinhos da casa de oração) aparece no culto.⁸⁷

A respeito da cor dos membros da Congregação da casa de oração pesquisada, percebeu-se que estes são muito mais negros do que os dados do IBGE indicam. Como veremos no capítulo seguinte, pode-se dizer que os três cultos da semana nesta casa de oração reúnem três comunidades diferentes. No domingo, dia em que a comunidade do culto mais coincide com a comunidade local, a porcentagem das pessoas pardas e pretas é visivelmente mais alta do que nos outros dias de culto.

Com respeito às vestes utilizadas, percebe-se que os jovens dos arredores (quer dizer, os jovens não entram em carros após o culto) vêm, nos cultos durante a semana, vestidos de calça jeans e jaqueta colorida. Os mesmos jovens aparecem aos domingos, no culto de jovens e menores, vestidos de terno escuro, camisa social e gravata, tocando instrumento. A maioria das mulheres vem, no domingo, vestida de saia de jeans e muitas vezes também de jaqueta colorida; algumas mulheres vestem manga curta.- Percebe-se que alguns homens mais idosos vêm sempre com o mesmo terno.

Deve ser dito ainda que os pregadores visitantes são, na maioria das vezes, pardos ou pretos, vindo de Minas Gerais ou Bahia. Eles costumam contar histórias com milagres mais extraordinários, e fazer profecias e promessas maiores do que o ancião e os cooperadores locais. Parece haver, na Congregação Cristã, um certo circuito no qual circulam pregadores de cor negra, porque não vi pregador desta cor nas minhas visitas à casa de oração da Congregação no bairro nobre da Vila Mussolini em São Bernardo, cujos membros são predominantemente brancos.

⁸⁷ Na casa de oração pesquisada, a maioria dos membros – mesmo os visitantes – provém da periferia de Diadema e São Bernardo do Campo. A comparação da realidade local neste sentido mais amplo, da casa de oração como “de periferia” com outra casa de oração “do centro”, como a Vila Mussolini, será feita no próximo capítulo.

Veremos no capítulo seguinte que os pregadores destacam no seu discurso mais elementos espirituais do que materiais, enquanto os últimos prevalecem nos testemunhos. O pregador costuma destacar que “aqui é tudo espiritual”, e que “o importante é a salvação da alma” (frase recorrente nos cultos, e repetida em muitas entrevistas pelos membros da Congregação).

Estas afirmações se misturam, porém, com promessas materiais que a precariedade material terá um fim. Algumas têm um teor mais geral: Seja que “hoje à noite, o castelo do diabo vai cair” ou “Deus vai tirar o inimigo do seu caminho” (referente a conflitos), seja que “Deus vai abrir uma porta para você” (normalmente referente ao emprego). Raramente se fazem alusões à realidade social específica dos bairros na vizinhança na casa de oração. Porém, promessas materiais que a precariedade habitacional dos arredores da casa de oração terá um fim, foram assunto no domingo, dia 14/09/08 (três semanas antes do primeiro turno das eleições municipais e estaduais, portanto), tanto no culto de jovens e menores como no culto da irmandade à noite: À tarde, o cooperador que dirigia o culto, exclamou num certo momento: “O asfalto vai chegar! A água vai chegar! A luz vai chegar!”, fazendo evidentemente referência à precariedade habitacional da região; nela, várias ruas do local – inclusive aquela na qual se encontra a casa de oração – são de terra; no bairro da Vila Moraes, estudada em seguida, que fica a 1,7 km de distância da casa de oração, moram sete famílias em barracos de madeira ou madeirite. Este cooperador não mora nas proximidades da casa de oração, mas é irmão do cooperador dos jovens e menores do local.- No culto da noite do mesmo domingo, o cooperador da casa de oração fez a comparação que Deus planeja a nossa vida assim como um arquiteto planeja uma cidade, e disse literalmente: “Deus sabe, Deus vê, mas o seu mapa está traçado. Deus sabe tudo aquilo que tem que ser feito. (*Glórias*) E o dono desta cidade e quem está com o mapa na mão chama-se Jesus Cristo.” (*Aleluias. Glórias*) Depois continuou: “Se nós ficarmos firmes na sua palavra...”, voltando a exortações espirituais.

3.10 Discussão dos dados e conclusão

O capítulo estudou, num primeiro momento, dados geográficos, demográficos e econômicos a respeito do município de São Bernardo do Campo. O município, como todo ABC, durante décadas a locomotiva da industrialização do país, está passando por um processo de desconcentração industrial, especialmente das áreas de proteção aos mananciais e muito acentuada em torno dos braços da Represa Billings. Não há, porém, um decréscimo

populacional correspondente; ao contrário, verificou-se uma acentuada piora em vários indicadores econômicos e sociais, e confirmou-se uma forte desigualdade social no município.

Ambiguidades na literatura a respeito da atribuição municipal da região foram resolvidas no sentido que se mostrou que a região faz parte do município de São Bernardo do Campo. Divergências a respeito do nível de vulnerabilidade social da região me levaram a elaborar estatísticas com respeito a vários indicadores que constituem este índice, como cor, rendimento, anos de estudo e migração. Além da confirmação de alto nível de vulnerabilidade, esta pesquisa revelou também que entre os grupos pesquisados, a desigualdade entre homens e mulheres sempre é maior na Congregação Cristã.

Mais do que nos índices estatísticos levantados, a vulnerabilidade social dos moradores da Vila Moraes consiste na questão da posse da terra. Todo o terreno está situado em área de proteção aos mananciais; por isso, toda a população da Vila Moraes está constantemente ameaçada de ser removida para outro local. A situação periférica específica da Vila Moraes consiste na insegurança com respeito da posse da terra, no fato de que o bairro está situado em área de proteção aos mananciais, na ilegalidade da sua ocupação, na completa falta de infraestrutura, e na precariedade de transporte e de oportunidades de emprego e na baixa qualidade de construção (barracos de madeira e madeirite em vez de casas de alvenaria).

Esta produção clandestina do espaço nas áreas dos mananciais, sem as condições mínimas ambientais, socialmente necessárias à subsistência dos trabalhadores, se configura dentro de um modelo de proteção ambiental aos mananciais que consiste em tornar disponíveis grandes lotes para chácaras de recreio, que garante baixa densidade de população. O terreno no qual foi construída a casa da Congregação Cristã estudada, foi doado por um destes donos de sítio e é situado ao lado de uma chácara nobre com piscina. No caso da Vila Moraes, é a população dos próprios municípios que entra num processo de periferização e ocupa as áreas dos mananciais do município. A proibição de instalação de sistemas públicos de água e de esgotos sanitários, é aplicada apenas para o caso de moradores espoliados como os da Vila Moraes, mas não para os habitantes mais afluentes de condomínios nobres. Pode-se falar de um processo de dualização urbana, marcada pelos fenômenos brutais de exclusão social e de marginalização. A Vila Moraes seria uma tradução deste processo de dualização social, configurando-se em ilha de exclusão social.

Os moradores da Vila Moraes não têm laços suficientemente fortes para constituir um ator social coletivo além de mobilizações raras e ocasionais. Uma das causas possíveis deste quadro de uma ampla fragmentação social pode ser a presença pouco duradoura e apenas transitória de muitas famílias. Os grupos religiosos estabelecidos não têm força suficiente para

se impor aos seus membros como “comunidade imaginada”. Eles talvez consigam isso para os membros mais integrados, mas membros menos centrais e situados mais na periferia da comunidade religiosa podem perceber como o próprio grupo religioso reproduz no seu interior a desigualdade social. Afinidades para fora do próprio grupo religioso, como a categoria de “crentes”, parecem possuir mais força como “comunidade imaginada”. Ela é ativada quando membros com afinidade efetivamente se reúnem e fazem coisas juntos. No discurso produzido em conversas particulares, ao contrário, prevalecem interpretações de experiências e vivências de fraturas dentro do próprio grupo religioso.

4 Capítulo IV:

O culto da Congregação Cristã: etnografia e análise

Este capítulo se propõe elaborar uma etnografia do culto da Congregação Cristã. Começo apresentando o que considero um culto típico da Congregação na casa de oração do Jandaia, descrevendo o espaço do culto e seus usos (4.1) e em seguida o tempo do culto (4.2). Procedo com a análise do culto (4.3), examinando primeiro os atores nos espaços físicos e hierárquicos diferenciados que ocupam (4.3.1), e em seguida o processo ritual. (4.3.2). Será analisado como o culto da Congregação tenta formar a identidade religiosa projetada, pelas duas correntes da memória na Congregação Cristã, e como ele alimenta ou sustenta os quatro lados da identidade religiosa, apresentados no capítulo primeiro (4.3.3).

Começo apresentando o que considero um culto típico da Congregação Cristã na casa de oração do Jandaia. Trata-se de uma descrição construída a partir de elementos que aconteceram em diversos cultos⁸⁸, mas não na sequência de um único culto. Uso o conceito de “culto típico”, portanto, no sentido do “tipo ideal” de Weber:

A Sociologia constrói ... conceitos de *tipos* e procura regras *gerais* dos acontecimentos. ... A Sociologia ... deve delinear tipos “puros” (“*ideais*”) dessas configurações, os quais mostram em si a unidade consequente de uma adequação de *sentido* mais plena possível, mas que, precisamente, por isso, talvez sejam tão pouco frequentes na realidade quanto uma reação física calculada sob o pressuposto de um espaço absolutamente vazio. (1991:12)

O conceito de “culto típico” talvez seja complicado. Na casa de oração do Jandaia há três cultos por semana, além do culto de jovens e menores que acontece aos domingos, às 14hs30. Estes três cultos reúnem comunidades diferenciadas: o culto do domingo à noite (18hs30) é o que menos pessoas reúne: entre 80 e 110 irmãos e irmãs (média de 90), com uma leve supremacia de irmãs. Neste dia, vêm praticamente só as irmãs e os irmãos que têm a casa de oração do Jandaia como sua “comum congregação” – aquela onde se toma também a Ceia anual. A razão é que quase todas as casas de oração têm culto no domingo à noite, e a Congregação aconselha seus fiéis a darem preferência, sempre quando possível, à sua “comum congregação”.- Já nas segundas-feiras (19hs30), pouquíssimas casas de oração da Congregação Cristã têm culto: por isso, o Jandaia enche de visitantes, e a igreja fica quase cheia; contei entre 210 e 260 irmãos e irmãs (média de 235), sendo que neste dia o número de

⁸⁸ Observei, no total, mais do que trinta cultos; entre eles, vários cultos de jovens e menores e uma Santa Ceia.

irmãos e irmãs chegou várias vezes a empatar.- Nas quintas-feiras (19hs30), um número razoável de casas de oração faz culto, apesar de as casas de oração vizinhas se combinarem para colocar os dias de culto durante a semana em dias diferentes, para favorecer visitas dos fiéis a casas de oração próximas nos dias que não têm culto na própria “comum congregação”; por isso, vêm menos visitantes, sendo a média em torno de 120 fiéis. Em geral, a proporção de irmãs e irmãos é de 55-60% a 40-45%.

4.1 O espaço do culto e seus usos

A casa de oração do Jandaia encontra-se no distrito do Alvarenga, não longe do cemitério “Vale da Paz” de Diadema, seguindo a Avenida Alvarenga. Quando esta Avenida faz uma curva acentuada à esquerda, uma rua de terra segue reto: ela é o limite de município Diadema – São Bernardo do Campo, de maneira que as casas à sua direita pertencem ao município de Diadema, e as casas à sua esquerda ao município de São Bernardo do Campo. A casa de oração do Jandaia fica praticamente na esquina do lado esquerdo, com um matagal na sua frente e uma chácara com piscina ao lado. O terreno da casa de oração foi, conforme um membro da igreja, doado por um dono de chácara, é grande e possui espaço para estacionamento dos dois lados, além do material ser doado por membros donos de depósitos da igreja e esta ser construída por membros em regime de autoconstrução. Se a tese da “dualização urbana” nestas áreas dos mananciais for correta, então a Congregação teria construído a sua Casa de Oração do lado afluente da cidade dual, enquanto as duas Assembleias e a Igreja Católica da Vila Moraes teriam inserido suas comunidades do lado urbano pauperizado. A construção generosa desta Casa de Oração, mais majestosa até do que a igreja Diadema Central, com janelas esverdeadas maiores do que o antigo padrão das igrejas da Congregação, pode confirmar esta impressão (veja as fotos 4.1 a 4.3). Evidentemente, ela não foi construída pensando nas populações que habitam as ilhas de exclusão social entre as chácaras afluentes, mas para os moradores destas e das regiões adjacentes, uma vez que as Casas de Oração vizinhas, do Jardim Laura e do Jardim Transilvânia, não estavam mais suportando o número dos seus fiéis: No Jardim Laura não cabem mais do que cem pessoas sentadas, e a igreja do Jardim Transilvânia está sendo reformada e ampliada.



Foto 4.1: Frente da casa de oração “Parque Jandaia” da Congregação Cristã



Fotos 4.2 e 4.3:

Do lado esquerdo da casa de oração, uma ampla área arborizada, formando um parque; do lado direito, estacionamento para até 40 carros.



A própria Casa de Oração do Jandaia tem forma aproximadamente quadrada e deve medir em torno de 600 m², com uma extensão de sete a oito metros atrás da parede da fronteira, e ter uma altura acima de oito metros, tendo quatro filas de quinze bancos cada de frente para o púlpito mais seis bancos de ambos os lados deste, num ângulo de 90°. A tribuna no púlpito é de madeira, e nele está escrito: “Em nome do Senhor Jesus”. A mesma frase se encontra na parede da frente, em letra preta e bem grande. Esta parede possui uma sinuosidade de uns cinco metros atrás do púlpito, enfeitada por duas colunas que lembram a arquitetura de antigos templos, lugares da presença de Deus. Duas cadeiras do tipo colonial, de madeira e estofadas, estão posicionadas na parede da frente, ao lado do púlpito, uma de

cada lado, mas em nenhum culto vi alguém sentado numa delas desde o início do culto (em todas as casas de oração que visitei); somente uma vez, quando um ancião visitou a irmandade do Jandaia e outro visitante (um cooperador de jovens e menores da Bahia) levantou para ler e pregar a palavra, o ancião sentou numa delas na hora da palavra. Há um microfone na tribuna que fica no centro do púlpito, um ao lado dela para os momentos em que o dirigente do culto ora ajoelhado, de frente para a comunidade, e um de cada lado para o momento dos testemunhos. Um corrimão de madeira acompanha os degraus laterais que levam ao púlpito, ajudando a delimitar o espaço deste.

As janelas desta casa de oração são esverdeadas e mais largas do que em outras casas da Congregação, mas mantêm o arco ogival, característica de estilo gótico. Elas permitem entrada de mais luz e uma comunicação – e com isso também possibilidade de desvio de atenção - maior entre o “fora” (o mundo) e o “dentro” (a igreja), praticamente impedida nas construções mais antigas. Além das portas de fundo, cada lado possui uma entrada lateral, enfeitadas com gesso e cortinas presas ao lado; perto da porta lateral direito (lado dos homens) e da porta dos fundos esquerda (lado das mulheres), encontra-se um pequeno cofre portátil para receber as ofertas. Nas paredes laterais, se alteram cinco ventiladores com quatro de caixas de som a cada lado, sendo todos da cor da parede (brancos). No hall do fundo, há ainda, do lado direito (entrada dos homens) um pequeno armário branco onde se vende Bíblias, um livrinho pequeno com textos da história da Congregação, e o relatório.

Nesta casa de oração, os homens sentam nas duas filas de banco do lado direito e as mulheres nas duas do lado esquerdo.⁸⁹ A segunda fila da direita é reservada para os músicos, com cinco suportes por banco para os hinários. O órgão eletrônico, tocado por uma mulher, fica na segunda fila do lado esquerdo, próximo dos músicos, na altura do terceiro ao quinto banco, num espaço quadrado elevado, forrado com madeira e delimitado, nos quatro lados, por um corrimão.

Dominam as cores branca, da luz, das paredes, das cortinas das entradas, do piso e até dos auto-falantes e dos ventiladores, e marrom, dos bancos, do púlpito, dos corrimãos, do órgão e das cadeiras estofadas. A cor preta está em destaque na frase “Em nome do Senhor Jesus”, estampada em letras grandes na parede fronteira da igreja.

⁸⁹ Encontrei a mesma distribuição nas casas de oração do Jd. Miriam e de Cidade São Mateus; na Vila Mussolini (São Bernardo do Campo) e no Jardim Inamar (Diadema), as mulheres sentam do lado direito. Diz-se que os homens costumam sentar do lado onde mora o zelador, na casa vizinha à igreja.

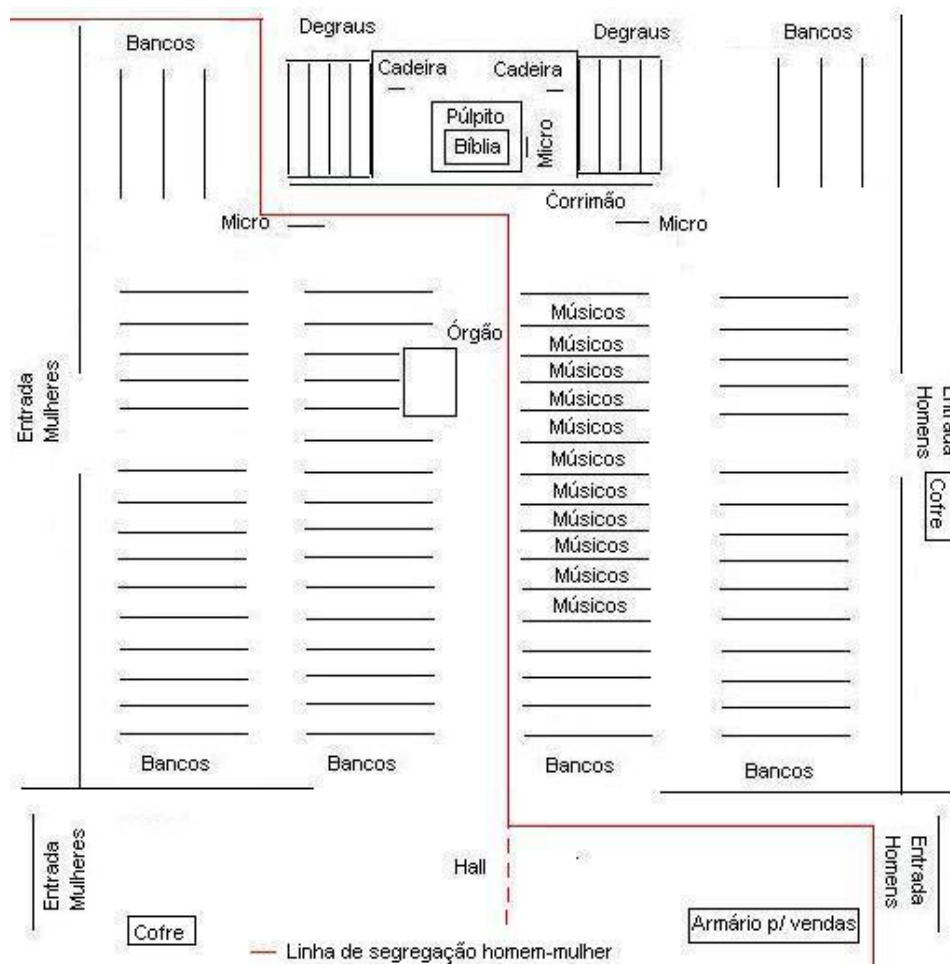


Gráfico 4.1: A casa de oração do Parque Jandaia

Deve ser observada ainda a linha de segregação entre homens e mulheres: as mulheres não têm nenhum acesso ao espaço a partir do qual é dirigido o culto (púlpito). No fundo da igreja, elas podem circular até próximo à entrada dos homens, para alcançar o armário para vendas. De fato, observei que este é um ponto de encontro e conversa descontraída entre homens e mulheres. No início do culto, o dirigente e somente ele sobe ao púlpito e dele não sai antes do fim; só quando outro homem faz a pregação, o dirigente desce e se assenta no primeiro banco lateral, subindo de novo após a pregação, para finalizar o culto. Os primeiros dois bancos laterais do lado dos homens têm evidentemente função de “bancos da honra”: neles, sentam o cooperador e cooperador de jovens e menores, além de visitantes destacados, especialmente quando é um ancião visitante. O outro banco lateral não tem função diferenciada, nem os bancos laterais no lado das mulheres.

Com exceção da sinuosidade atrás do púlpito, enfeitada por duas colunas que lembram a arquitetura de antigos templos, lugares da presença de Deus, e das entradas laterais, enfeitadas

com gesso e cortinas presas ao lado, não há nenhum enfeite visível. Se Pellizzaro (2005:187) insiste, com razão, na presença de duas matrizes no sistema religioso da Congregação Cristã: “o pentecostalismo, com a comprovação imediata da santificação via experiência emocional do Espírito Santo; e o calvinismo, com ênfase na doutrina da predestinação e o exclusivismo de Deus na justificação do crente”⁹⁰, deve-se afirmar que a arquitetura da Casa de Oração do Pq. Jandaia é, em sua quase ausência de enfeites, puramente calvinista, “fincada numa serenidade racional e orientada”, seguindo o ideal calvinista da “clareza de idéias.” (ABUMANSUR 2004:70)

Do ponto de vista arquitetônico muito parecida com as outras casas de oração, pode-se afirmar que a Casa de Oração do Pq. Jandaia está mais próxima das igrejas protestantes do que dos templos pentecostais. “Entre os protestantes, o espaço sagrado, embora não dependente de uma *hierofania*, reserva uma relação com a vida da comunidade. A sacralidade do lugar se vincula à comunidade e é sua memória”, escreve Abumanssur (2004:18), lembrando que este laço com a memória da comunidade falta nos templos pentecostais. Sabe-se que nos templos da Congregação Cristã não há exorcismos nem curas de males encenados: o templo é o lugar do encontro com Deus, lugar em que Deus fala e onde o diabo não entra. Ao contrário, após entrar e alcançar o banco da igreja, homens e mulheres se ajoelham - estas não antes de se cobrir com o véu -, gestos corporais que ajudam a se colocar na presença de Deus. Confirma-se, no templo da Congregação Cristã, o que Abumanssur escreve (2004:104s):

Há uma atitude subjacente em relação ao templo o qual é percebido pelo conjunto de fiéis como um espaço diferenciado e usado com exclusividade para o culto. É uma posição para a qual não há defesa teológica aceita pelos próprios membros da igreja. É um comportamento subliminar, um hábito adquirido. Ao mesmo tempo em que elabora um discurso laicizante, o protestantismo mantém uma postura de reverência quando está no lugar de culto.

⁹⁰ Weber considera que a “doutrina da *predestinação* como o mais característico dos dogmas do calvinismo” (2004:92; a versão original em alemão foi publicada em 1904 e 1905, e a versão final em 1920), “o ‘*decretum horribile*’ não é vivido [*erlebt*] como em Lutero, ele é cogitado [*erdacht*]. ... Para Calvino, não é Deus que existe para os seres humanos, mas os seres humanos que existem para Deus. ... Ora, em sua desumanidade patética, essa doutrina não podia ter outro efeito ... senão este, antes de mais nada: um sentimento de inaudita *solidão interior do indivíduo*. ... Esse isolamento íntimo do ser humano explica a posição absolutamente negativa do puritanismo perante todos os elementos de ordem sensorial e *sentimental* na cultura e na religiosidade subjetiva – pelo fato de serem inúteis à salvação e fomentarem as ilusões do sentimento e a superstição divinizadora da criatura – e com isso fica explicada a recusa em princípio de toda a cultura dos sentidos em geral.” (2004:94ss) De certa maneira o ápice do Calvinismo, este sentimento de inaudita *solidão interior do indivíduo* não é mantido na Congregação Cristã, mas entra em seu lugar, em justaposição paradoxal com os elementos calvinistas, o elemento pentecostal da comprovação imediata da santificação via experiência emocional do Espírito Santo.

O espaço do culto na Casa de Oração do Pq. Jandaia, recentemente construída, mostra, portanto, alterações em relação às casas de oração mais antigas, especialmente no que diz respeito às janelas, mas preserva no seu interior a racionalidade objetiva e clara, quase sem enfeites e decorações, tipicamente calvinista.

4.2 O tempo do culto

Para apresentar o que considero um culto típico da Congregação Cristã na casa de oração do Pq. Jandaia, escolho como dia do culto uma quinta-feira. Neste dia, em torno de 30% da comunidade é formada por visitantes, o que não a descaracteriza como comunidade local. Neste culto, o cooperador às vezes faz alusões ou críticas a momentos do culto da segunda-feira anterior, quando muitos visitantes vieram, e clareia assim melhor o ritmo e as “regras do jogo” da comunidade local.

Chego à casa de oração do Pq. Jandaia às 19hs10min, vinte minutos antes do culto começar. Estaciono o carro no estacionamento da igreja que fica à sua direita; ele dá lugar a uns 35 a 40 carros, mas está ainda quase vazio.

Quando saio do carro, vejo um agrupamento de homens conversando ao lado de um bebedouro ao lado dos banheiros masculinos e a porta de entrada lateral da igreja. Alguns destes homens têm o costume de estar lá nesta hora, conversando e rindo; fazemos um sinal de saudação e sorrimos. Sigo em direção da porta principal dos fundos; há irmãos e irmãs saindo do carro, ajustando sua roupa e esperando pelos outros integrantes do veículo, para se dirigir juntos à igreja. Fazemos um sinal de saudação, e continuo o caminho; faço um sinal também para o homem que costuma sinalizar o estacionamento para os que chegam. Entrando na igreja, encontro, ao lado do armarinho de vendas, um homem moreno sorrindo e conversando com uma jovem moça de vestido creme que ri de maneira descontraída. Ele é um dos cinco porteiros da irmandade, um pedreiro que coordenou a construção desta igreja, que hoje serve como auxiliar de porteiro. No meio, está de pé o porteiro desta noite, com papel e lápis na mão, para anotar os pedidos de oração que os irmãos e as irmãs trazem. Na porta de entrada das mulheres, um grupinho delas está conversando e mexendo na sua bolsa. Entro na igreja que ainda está bastante vazia. As mulheres estão sentadas em grupos, com mais presença nos primeiros e nos últimos bancos. A organista já toca o órgão em volume baixo. Do lado dos homens, os bancos em frente da entrada lateral já estão bastante cheios, assim como os primeiros bancos dos músicos; os outros bancos estão quase vazios. Em alguns deles, um ou outro homem está sentado ou ajoelhado sozinho. O murmúrio está muito baixo;

ninguém está orando em voz alta. Sento-me num banco na altura do meio da igreja, ao lado da parede, para fazer as minhas anotações de maneira despercebida. Como todos, ao escolher meu lugar, primeiro me ajoelho; apoiando a cabeça na mão esquerda, já observo o movimento na comunidade. Homens que entram pela porta lateral olham os homens sentados nos bancos, fazem sinal com a mão e sorriem, mas poucas vezes se dirigem até eles; mulheres fazem raramente sinais assim, mas frequentemente sentam ao lado de outras irmãs e conversam um pouco enquanto tiram o véu da bolsa, antes de se ajoelhar. Os homens que chegam primeiro se ajoelham e oram, muitos de olhos fechados; depois se assentam, e alguns começam a ler a Bíblia; outros ficam sentados, imóveis. É muito raro, nestes momentos antes do começo do culto, mulheres lerem a Bíblia. Faço uma primeira contagem; ainda não há mais do que 25 irmãos e o mesmo número de irmãs na igreja. O cooperador irmão Leo já está sentado no seu lugar, num dos bancos ao lado do púlpito, vestido de terno cinza escuro, camisa e gravata, imóvel e olhando para frente. De vez em quando se escuta um soluço ou choro de uma das irmãs, acompanhado de palavras como “Deus todo poderoso” ou, repetidas vezes, “Deus seja louvado”, ou simplesmente “Deus, Deus, Deus”, com um trêmulo na voz que parece indicar certo êxtase.

Às 19hs25min, o encarregado da orquestra, vestido de terno marrom, camisa amarela e gravata, se dirige à irmã organista, inclina a cabeça e tem uma breve conversa com ela: ele pergunta qual hino de silêncio será tocado. Ele volta para os bancos dos músicos e dá o aviso; afinam-se os instrumentos, e às 19hs27min começa o hino de silêncio. Em seguida, há uma pausa de uns 4 minutos; agora, o murmúrio já sobe, especialmente do lado dos homens. Às 19hs34min, irmão Leo sobe ao púlpito e inicia o culto com as palavras: “Deus seja louvado”, ao qual a comunidade responde: “Amém” e se levanta, ficando de pé. Leo diz: “Iniciemos este santo culto de adoração e louvores a Deus em nome do Senhor Jesus”, e de novo a comunidade responde: “Amém”. Então Leo diz: “Podemos chamar um hino.” Uma mulher, que já parece ter esperado este momento, indica imediatamente o hino 3 – hino apropriado como hino de abertura, porque ele começa:

“Eu alegrei-me quando me disseram:

Oh! Vamos para a casa do Senhor.”

Ele canta, portanto, a expressão corporal e o movimento que a comunidade acaba de fazer, vindo das suas casas à casa de oração. Além disso, ele já cria o clima e a auto-estima que marcarão todo culto e serão reforçados por ele:

Somos a nação abençoada,

Nação de Deus eterno e fiel,

Geração eleita e amada;

Por nós é o Santo de Israel.

Que a Congregação Cristã (e somente ela) é a nação abençoada, a geração eleita, o povo dos “santos”, é ressaltado em todo culto até a exaustão. Além disso, as palavras “eterno” e “sempre” aparecem três vezes cada na letra. Eternos são Deus e a sua lei, transmitida na sua forma pura e verdadeira, desde os primórdios, somente na Congregação. E já se canta também uma constelação de dois elementos que, às vezes em tensão, perpassarão todo o culto:

Paz haja entre nós continuamente,

Prosperidade e celestial amor.

Vi a relação entre a bênção material (prosperidade) e a bênção espiritual (celestial amor) sendo tematizada em vários cultos, o polo da maioria dos leigos dando mais ênfase na primeira (pelo tema dos testemunhos, e pelos ruídos que acompanham a pregação, sempre maior quando se fala das bênçãos materiais), e o polo dos ministros ressaltando com veemência a primazia da segunda sobre a primeira (na pregação e às vezes também em comentários à parte, p. ex. na hora dos avisos), revelando uma certa tensão entre os atores do campo religioso no culto da Congregação, como veremos mais adiante.⁹¹

Depois do canto, todos se assentam, e Leo convida para chamar mais um hino. Outra mulher escolhe o hino 111, que canta, em oposições binárias (trevas x Deus; Cristo x mal; paz x aflição), como Deus protege o crente num mundo que é mau. Um homem chama mais um hino (número 4), que canta a grandiosidade de Deus (a palavra “grandioso” aparece nas três estrofes e duas vezes no refrão) e opera também com oposições binárias (grandioso és Tu x hostes da maldade; escravidão x gratidão). Além de destacar a gratidão, que deve ser o teor da oração em seguida e dos testemunhos, a última frase da última estrofe já faz a ponte para o próximo momento do culto, a oração, sempre feita de joelhos:

Perante Ti, ó Santo e Verdadeiro,

Todo joelho há de se dobrar.

De novo, portanto, o hino canta e dá sentido à expressão corporal e ao movimento que a comunidade irá fazer em seguida.

⁹¹ Entendo aqui os termos “atores” e “campo religioso” na acepção de Bourdieu (2003:27-78 e 79-98, especialmente 81-84). Destaco, porém, que as polarizações entre leigos e ministros na Congregação Cristã são mais fracas do que aquelas entre leigos e sacerdotes, e, pelo menos para a comunidade do Jandaia, não se pode afirmar, me parece, que ambos os polos pertencem a classes sociais diferentes, ponto destacado por Bourdieu numa crítica a Weber (*ibidem*: 82).

Durante a última estrofe do hino, o porteiro atravessa o espaço da igreja e entrega a irmão Leo o papel com os pedidos de oração que os irmãos e irmãs que se dirigiram a ele, informaram. Leo inclina a cabeça, pega o papel, conversa brevemente, coloca sua mão no ombro do porteiro e sorri para ele; este volta, com um sorriso, para o fundo da igreja. Enquanto isso, Leo lê os pedidos: causas, viagens, doenças, família e testemunhados. Em seguida, ele faz um longo comentário sobre a importância da oração e da presença de Jesus Cristo no meio da comunidade que ora. Diz que o Senhor está sentado à direita do Pai, mas está também aqui conosco, “pela palavra, pela visão e pela liberação”. Ele ressalta que os irmãos e irmãs às vezes não se valorizam como deveriam, por estar nesta graça e fazer parte desta obra escolhida pelo Senhor (neste momento aumentam significativamente os murmúrios e “Glória a Deus”). Como em todos os cultos, Leo adverte que não se pode ter medo de orar, nem se deve pensar nas palavras que se vai falar, mas deve-se ter coragem de orar o que Deus inspira, porque melhor é errar servindo a Deus do que errar por não servi-lo. Lembra que se deve orar pelo bom andamento do culto, por todo ministério e pela administração, e que Deus envie a sua palavra.

Assim, ele pede à irmandade “procurar a face do Senhor em santa oração”. Todos se ajoelham. Um irmão que é um dos porteiros da irmandade, pardo e com aproximadamente 55 a 60 anos, vestido de terno marrom escuro, camisa social e gravata, faz a oração após um murmúrio de uns três minutos; ele ora bastante (6 minutos), segurando a cabeça em uma mão e gesticulando com a outra, e pede que Deus visite o coração de cada um nesta noite e envie a sua palavra. A irmandade ora mais uns instantes, e Leo encerra o momento com as palavras: “Deus seja louvado”, às quais a irmandade responde: “Amém.” Todos se assentam, e Leo convida a chamar mais um hino, ao qual seguirão os testemunhos. Um homem pede o hino 57. Sua letra diz:

Mais grato a Ti, ó bondoso Senhor,

Faz-me, por teu infinito poder;

O que fizeste em mim, por amor,

Homem nenhum poderia fazer.

...

Quero o Teu Nome, ó Deus, engrandecer.

...

Também este canto já introduz o momento seguinte, porque é o espírito de gratidão que deve marcar os testemunhos, que são ocasião para engrandecer o nome de Deus neste culto de

louvores e adoração. Leo convida: “Estamos na liberdade da testemunhança”. Antes, porém, ele adverte que os testemunhos não devem falar da vida antes da conversão, quando os irmãos e irmãs ainda não eram crentes, “porque todos que não são crentes, são pecadores”, porque falar sobre este tempo não edifica a comunidade, mas a deixa triste. Devemos, diz Leo, testemunhar os milagres e maravilhas que o Senhor faz na nossa vida, que podem ser coisas que parecem ser pequenas, mas foram feitas pelo Senhor. Assim a comunidade se alegra, a testemunha se alegra, e agradamos a Deus. Leo ressalta que alguns irmãos e irmãs têm um passado bastante difícil e às vezes pesado, e não convém falar sobre estes tempos.

Vários jovens e dois homens se levantam, mas não para dar testemunho; eles saem pela porta lateral, em direção aos banheiros. Também do lado das irmãs vejo movimento na porta lateral. Uma jovem, de vestido azul brilhante, se levanta, sai do grupo com que estava sentada, e vai para os fundos, onde senta no meio de um outro grupo. Poucos bancos na minha frente, um menino de oito anos deita no banco e usa a coxa do pai como travesseiro; o pai, com carinho, o cobre com seu braço e inclina a sua cabeça. Outros jovens, que antes do culto circularam, estavam com o hinário na mão, mas não acompanharam os cantos, parecem estar presentes a contragosto, com as mãos no bolso da calça, e o olhar fixado para frente.- Eu mesmo volto a contar as pessoas presentes; agora são aproximadamente 60 homens (dos quais 12 músicos) e 70 mulheres.

Após uns instantes de silêncio, o primeiro a testemunhar é um homem moreno, sentado no primeiro banco, vestido de terno marrom velho, camisa social e gravata. Ele diz que está na oração desta noite para cumprir um voto que já deveria ter cumprido na semana passada e não o fez. Durante quase vinte minutos, ele dá seu testemunho às vezes um pouco confuso. Lembra tempos em que passava necessidade e fome mesmo, chegando ao ponto de mandar dois filhos seus pedir pão e leite fiados no mercado, porque não tinha dinheiro nenhum nem alimento em casa. O dono do mercado negou. Poucas horas depois, chegaram duas irmãs na sua casa, trazendo leite e bolachas tanto salgadas como doces. Elas tiveram uma visão que – como de fato aconteceu, segundo ele conta, – lhe tinham sido negados o pão e o leite pelo mercado, e por isso trouxeram estes alimentos ao irmão, que, junto com elas, deu glória a Deus pela fartura que superou o que tinha pedido no mercado: Deus providencia mais do que pedimos. Numa outra ocasião, pelo que entendo, ele, com um carro muito velho a ponto de cair aos pedaços, estava andando numa estrada abandonada quando viu outro carro quebrado. Parou para ajudar o outro, puxando o carro dele. Que surpresa quando percebeu que o outro era um irmão da Congregação! Porém, ao longo do caminho, os dois carros se tocaram e seu

carro ficou em estado pior ainda; o irmão, porém, nada fez por ele. Apesar desta prova, a testemunha veio nesta noite ao culto para louvar ao Senhor.

Logo em seguida, uma mulher parda de aproximadamente 40 anos vai ao microfone. Deus revelou a ela, num culto numa outra casa de oração, na semana passada, que aconteceria um milagre na sua vida. Dois dias depois, a sobrinha do marido ligou, chorando e dando notícia de várias doenças na sua família, inclusive do seu pequeno filho que estava com meningite. Daquela família, ninguém está congregando. Logo ela se lembrou da promessa do milagre e chamou o marido para orar, pedindo perdão a Deus se ela e o marido não foram servos dignos para interceder e receber o milagre. Oraram, e na 2ª f seguinte a mesma sobrinha ligou, comunicando que ninguém mais estava doente, e que todos os problemas se resolveram. Deus, portanto, achara estes seus servos dignos do milagre.

Em seguida, uma mulher, parda e já idosa, de saia escura e jaqueta cor de rosa, conta longamente uma história do tempo quando trabalhava como cobradora na linha Vila Paulina de Diadema. Naqueles tempos, esta linha foi regularmente assaltada por três jovens, que também entraram no dia referido. Ela entrou em comunhão com o Senhor e entoou o hino 112 (*Eu sei que jamais em perigo estarei, à sombra do meu Redentor. ... A fúria das águas jamais temerei, Jesus me dará sua mão; Passando no fogo não me queimarei, Com Sua fiel proteção* – hino que a orquestra tocou antes do início do culto, como hino de silêncio). Os jovens ficaram visivelmente incomodados e pediram sair sem pagar, dizendo que “a coisa estava muito feia” – o que ela confirmou. Assim, o Senhor a libertou, além de conceder recentemente uma série de viagens para o Nordeste (Bahia, Ceará), ocasião de congregar em vários lugares ali.

A última testemunha é um homem, branco de aproximadamente 35 anos, que fala de sua relutância antes de batizar, uma vez que na sua família não havia nenhum crente. Frequentando a Congregação durante meses e criticado por sua esposa que não gostava de crente, entrou muitas vezes em casas de oração da Congregação para orar por sua mãe, doente de câncer, e que acabou falecendo. Atraído pela Congregação e ao mesmo tempo se afastando, foi, meses depois, constatado câncer também nele. Ele foi operado e fez radioterapia, clamando a Deus e prometendo obedecer, mas continuou sem se batizar. Poucos meses depois, o câncer reapareceu no intestino. Enquanto isso, sua esposa estava grávida, prestes a dar à luz uma menina que tanto sonharam ter, já com dois filhos homens. A menina nasceu com síndrome de Down e viveu poucos meses apenas; veio a falecer com uma forte gripe que virou pneumonia.- Ele mesmo, desesperado, traumatizado pela morte da filha, sem

esperança de curar, clamou outra vez a Deus para salvar a sua alma se o corpo já estava finando. Mudando-se de Mauá para Ribeirão Pires, acabou comprando uma casa de uma serva de Deus. Pediu a ela lhe mostrar uma casa de oração para ali orar. Ela disse que, no meio do mato, tinha uma Congregação pequena, mas onde Deus estava falando com poder à irmandade. Ele entrou nesta igreja, sentou num dos últimos bancos e chorou. O cooperador o avistou e disse que ele tinha se afastado da obra de Deus, mas que Deus o estava chamando de volta, e que ele faria uma grande obra se obedecesse a ele. Ele obedeceu e batizou-se, com esperança de poucos meses de vida. Foi operado, fez quimioterapia, e o corpo já não estava mais aguentando. Para piorar, o médico no hospital de câncer, olhando os exames, lhe avisou que não teria mais jeito. Chorando e desesperado de novo, sem saber como interpretar a promessa de Deus diante do quadro da doença, foi de novo orar numa outra casa de oração e recebeu outra vez a promessa que iria viver. E de fato, hoje vive, está feliz, e tem saúde, sem tomar nenhum remédio.- Os momentos de cura e libertação, e também as profecias dos presidentes de culto nas respectivas casas de oração onde a testemunha entrava ao longo da trajetória de sua doença, são acompanhados pela irmandade com murmúrios e frases de louvor em alta voz. O dirigente do culto, ao contrário, fica visivelmente irritado quando o homem demora no testemunho (19 minutos) e fala que lia a Bíblia católica da mãe que estava na sua casa, sempre aberta no salmo 51 (nas últimas palavras este salmo promete que Deus dará abundância de dias e mostrará a salvação), e até se aproxima do púlpito, mexendo no papel dos avisos.

Em seguida, ele dá os avisos, lendo a lista dos próximos batismos e informando as coletas: obra da piedade, viagens, construção e manutenção. Levantando os olhos, ele aponta com a mão na direção do cooperador de jovens e menores, do encarregado de orquestra e do porteiro para saber se há mais avisos; quando eles sacodem a cabeça negativamente, ele pede chamar mais um hino. Uma mulher chama o hino 45, cuja letra já introduz o próximo momento do culto: Deus enviará a sua palavra.

Tu és o Oleiro, ó meu Senhor,

Eu sou argila na Tua mão;

...

Vem modelar-me, ó Formador,

Pela Palavra do Teu poder;

...

Pela Palavra vem remover

Tudo o que impede o Teu louvor.

É um dos momentos mais densos do culto. Leo se coloca diante da parede dianteira, frente à comunidade, e ora cabisbaixo. Levanta a cabeça, fica num ângulo de 90° para a congregação, olha em direção ao lado dos homens, apóia uma mão numa cadeira e olha para o cooperador de jovens e menores, convidando com gestos da mão direita para ler a palavra e ser o pregador. Este, com um gesto de mão e movimento da cabeça declina do pedido. O mesmo acontece quando Leo se dirige ao encarregado da orquestra. Mais uma vez Leo baixa a cabeça, ora, apóia a mão na cadeira e, em seguida, se dirige ao púlpito para anunciar a leitura: o salmo 3. Todos que trouxeram a Bíblia (vários adolescentes e jovens não a trouxeram, e também alguns homens, especialmente idosos), a abrem neste momento, para acompanhar a leitura. Leo lê o salmo, e quando termina o último versículo do salmo, diz: “Até aqui”, ao que a comunidade responde: “Amém.” A maioria dos irmãos e irmãs fecha logo em seguida a Bíblia. Na sua pregação de 26 minutos que se segue, Leo fala que Deus planeja a cidade como um arquiteto (semelhante à pregação no culto de jovens e menores à tarde), e que prevê assim melhorias também para os bairros carentes próximos da casa de oração: “Jesus Cristo é o dono desta cidade”, “esta cidade será construída.” É porque crê num Deus presente e que age, e não num Deus pendurado na parede ou no peito, que só o crente se salva, porque ele crê e obedece à palavra, e só quem faz isso, será salvo.- Em seguida, lembra conflitos em família, tanto entre o casal como entre pais e filhos (como no Salmo 3: o pai Davi perseguido pelo próprio filho Absalão que quer tomar seu reino). Se dirigindo mais às irmãs (“viu, irmã”), Leo ressalta que não se pode seguir as vozes que aconselham se separar do marido, porque Deus não quer a divisão, mas a união. Deus não quer que nós desmanchemos o que ele construiu, mesmo se é preciso ter muita paciência. Sobre problemas na casa e na família, não se conversa com ninguém, somente com Deus. “Fique quieta! Fique quieta! Você não é serva de Deus?” A irmã e o irmão não fazem nada apressados, mas tudo na paz de Deus. Igualmente não podem os filhos desprezar os pais que já estão velhos, porque estes “são servos de Deus”. Quem faz uma destas duas coisas, “está fora da doutrina”, “fora da palavra de Deus”, e não tem salvação. Estas tentações e também as perseguições que o crente sofre, vêm do diabo, e Deus vai mandar o diabo “hoje à noite embora da sua casa”, porque nossa luta não é contra isso e aquilo, mas contra o diabo que provoca estas coisas. O Espírito de Deus está conosco, e diante deste Espírito, o diabo tem de ceder, e “Deus nos guarda.” Leo insiste: “Não sai do abrigo. Não sai desta casa”.

Em seguida, Leo convida mais uma vez a irmandade a procurar a face do Senhor em oração: desta vez, para agradecer pelo culto. Todos se ajoelham. Logo, um homem negro alto

e forte, sentado num dos primeiros bancos, ora em voz alta e agradece que Deus enviou a palavra, e porque Deus que vai preparar tudo de que nós necessitamos, e abrir as portas para nós. De vez em quando ele sacode a cabeça rapidamente para direita e para esquerda, como em êxtase. Em momentos da oração, outros homens ao seu lado fazem intercalações em voz mais alta do que ele, e a emoção parece estar intensa na irmandade. Há mais um pequeno murmúrio, e Leo encerra a oração dizendo: “Deus seja louvado”, ao que todos respondem “Amém”.

A comunidade se levanta, e Leo pede chamar o hino de encerramento. Uma mulher pede o hino 40, que assegura que, mesmo a irmandade saindo agora do culto e voltando ao mundo, “Cristo Jesus, o divino Pastor, sempre de ti cuidará”:

Em toda a prova, irmão, o Senhor

Sempre de ti cuidará;

...

Em toda a parte, irmão, o Senhor,

Sempre de ti cuidará.

Leo, com os braços levantados, encostados no corpo, e as mãos erguidas, a palma da mão em direção à comunidade, dá a bênção, pedindo a paz de Deus sobre todos. Ao sair do banco na minha frente, um homem se vira, sorri, e me dá o ósculo. As irmãs ficam mais um momento sentadas, tiram o véu e o colocam na bolsa. Neste momento, percebo que a maioria delas (70 a 80%) tem cor parda; o número das irmãs brancas e pretas é mais ou menos igual - a mesma distribuição como entre os homens. Devagar elas e os irmãos saem da igreja, enquanto a orquestra toca mais uma estrofe. Na porta lateral, já se veem dois, três homens com vassoura na mão; são homens que, após o culto da noite, varrem a igreja.

Saindo do culto, vejo vários homens no hall do fundo para despedir os irmãos e dar o ósculo. Formam-se pequenos grupos que conversam de maneira descontraída.- Indo em direção ao meu carro, vejo que a maioria das placas dos carros estacionados é de Diadema; poucos são de São Paulo ou São Bernardo do Campo. Entrando no meu carro e aguardando um pouco, percebo que quase todos os carros saem cheios. Não se vai sozinho ao culto da Congregação; quem vem de carro, traz familiares ou dá carona a conhecidos. No fim da rua de terra, há um bom grupo de irmãos e irmãs aguardando o ônibus; a maioria deles vem de uma favela próxima⁹², conforme Leo, e o ônibus os leva de graça.

⁹² Posteriormente identificada como Vila Moraes, apresentada no capítulo anterior.

4.3 Análise do culto

Procedo com a análise do culto, examinando primeiro os atores nos espaços físicos e hierárquicos diferenciados que ocupam. Ao analisar o processo ritual, será demonstrado que o simbolismo e as falas no processo ritual ocorrem em mais do que um único nível. Num terceiro passo, será analisado como o culto da Congregação projeta alimentar ou sustentar os quatro lados da identidade religiosa, apresentados no capítulo primeiro.

4.3.1 Os atores no culto

Hierarquicamente, a Congregação Cristã é estruturada da seguinte maneira (cf. FOERSTER 2006: 122-127): Ela possui um ministério espiritual ordenado, composto de anciãos, cooperadores do ofício ministerial (incluindo o cooperador de jovens e menores) e diáconos. O ministério local indica a administração local, que se constitui pelas funções de presidente, tesoureiro e secretário e eventualmente vices e auxiliares, e o Conselho Fiscal. Além disso, chama irmãos para as funções de porteiro com auxiliares masculinos e femininos e o encarregado da orquestra. A única função à qual os irmãos e irmãs não são indicados, mas eles mesmos escolhem e são aprovados, são os músicos e a organista.- No caso da Casa de Oração do Pq. Jandaia, consta, no catálogo, um cooperador como responsável. De fato, porém, figura um ancião da Casa de Oração do Transilvânia como “responsável remoto”. Ele visita a irmandade uma vez por mês. Quando vem, sempre dirige o culto e prega, apesar de procurar e convidar irmãos selecionados antes do momento da palavra, cumprindo o ritual.

Há também um diácono que coordena as irmãs da piedade; como o ancião, ele vem de fora. No culto, não aparece. Finalmente, observou-se que os anciãos visitantes são, na maioria das vezes, pardos ou negros: parece haver um “circuito” no qual eles circulam, porque nunca vi nenhum deles nas minhas visitas à Casa de Oração da Vila Mussolini.- Aqui, porém, não nos interessa a estrutura hierárquica da Congregação, mas os atores nos espaços físicos e hierárquicos diferenciados que ocupam. Eu não os apresento em ordem hierárquica, mas na ordem em que o visitante de um culto da Congregação os encontra.

As quatro portas que dão acesso à igreja da Congregação Cristã no Parque Jandaia estão num ângulo de 90° ao próprio espaço da igreja. Perto das portas, estão posicionados dois a três irmãos, sempre vestidos impecavelmente de terno, gravata e sapato social, que recebem os irmãos e irmãs que chegam, além de velar pelos códigos de conduta da irmandade, e impedindo a entrada de irmãos alcoolizados.- Quem entra com passos rápidos, pode passar

por eles sem comunicar-se, especialmente quando eles já estão conversando com alguém; mas normalmente, se troca pelo menos um olhar e um sorriso, e se diz: “A paz de Deus, irmão” (ou “irmã”, se a pessoa que está chegando for mulher). A correta resposta a esta saudação é: “Amém”. Esta pequena saudação comunica que aqui todos são “irmãos”, e que vieram para fazer culto a “Deus”; ao entrar, o visitante já é integrado na comunidade. Esta saudação pode ser acompanhada por um aperto de mão, abraço e ósculo, se o visitante for homem. Tanto os homens como as mulheres são recebidos por estes irmãos. Não vi nenhuma irmã fazendo esta recepção, mas mulheres entrevistadas me afirmaram que para cada culto são escaladas irmãs como auxiliares de porteiro. Elas não ficam de pé, mas estão sentadas no último banco, de onde orientam irmãs visitantes quando necessário. Um irmão é escalado para a função de porteiro. É ele a quem os irmãos e irmãs se dirigem para anotar os pedidos, e ele os levará durante a última estrofe do terceiro hino ao púlpito, entregando-os ao dirigente do culto. No fim do culto, o porteiro e seus auxiliares masculinos levam os cofres portáteis à sala onde eles, junto com um irmão da administração, contam o dinheiro; eles desfrutam, portanto, de um cargo de confiança.

Deixando o *hall* para trás e entrando no próprio espaço do culto, o olhar do visitante encontra irmãos e irmãs espalhados no espaço, nos lugares que escolheram, e outros no lugar que lhes é reservado: a organista, cujo lugar é fixo, levemente levantado e delimitado por corrimão, já toca melodias do hinário, e os músicos estão sentados nos lugares reservados a eles. Como o porteiro, também os músicos estão impecavelmente vestidos de terno, gravata e sapato social. Percebe-se que os músicos sentados nos primeiros bancos são mais jovens e tocam instrumentos menores; quanto mais para trás, os instrumentos são maiores (e também o seu preço aumenta), sendo tocados por irmãos mais idosos: existe uma estratificação interna - simultaneamente de poder econômico, idade e prestígio - entre os músicos.⁹³ Entre eles, o encarregado da orquestra está em destaque: é ele que se comunica com a organista e dá o toque inicial que os outros músicos, olhando para ele, acompanham.

Aos irmãos da irmandade que não têm função específica no culto é permitido participar deste, nas noites da semana, vestido a menos rigor, porque se entende que alguns podem chegar à casa de oração vindo diretamente do trabalho; espera-se que no domingo todos venham participar vestidos de terno, gravata e sapato social – o que de fato, porém, não acontece. Observei homens de tênis e jaqueta ou blusa no lugar do paletó, mesmo aos

⁹³ Numa noite de culto, um jovem irmão agradeceu a Deus, num testemunho tímido, que conseguiu comprar com seu salário o seu primeiro instrumento, um violino que ele estava tocando nesta noite; a mãe de um adolescente me contou numa conversa informal que seu filho recebera seu violino por “providência divina”, posteriormente identificada como presente de um dos porteiros da comunidade.

domingos. Eles nunca foram irmãos idosos, porém: pode haver o fim de uma tradição (rigorosa) de uma geração para outra. No culto da Santa Ceia, que se celebra em cada Casa de Oração da Congregação apenas uma vez por ano, a Ceia só pode ser tomada pelos irmãos que estão vestidos corretamente, com exceção daqueles que irão sair para trabalhar porque o emprego o exige. Este costume, porém, não é observado com rigor: na casa de Diadema Central, observei que um homem sentado no meu banco que veio sem o paletó, evidentemente por causa do calor excessivo, e recebeu a Ceia sem nenhuma advertência. Conforme uma irmã da Congregação, filha do encarregado da orquestra, ele não deveria ter recebido a Ceia. Outra tradição que está perdendo o seu rigor é o costume que o irmão que vai ao microfone dar seu testemunho deve estar vestido de terno, gravata e sapato social. Este costume não foi observado num culto da noite no Pq. Jandaia nem no culto da Santa Ceia na Casa de Oração Diadema Central.⁹⁴ - Já as irmãs devem participar do culto vestidas de saia social ou vestido e camisas de manga comprida, e cobertas do véu. Somente às mulheres não batizadas é permitido vir de calça, mas nem neste caso isso é bem visto. No Parque Jandaia, observei várias mulheres vestidas de saia jeans e não saia social. Em dias de calor, vi várias mulheres entrar na igreja com camisa de manga curta. Durante o culto, isso não chama muita atenção porque o véu cobre os braços. Uma irmã me informou que mulheres não batizadas podem vestir o véu somente com a autorização do ancião ou cooperador, mas em quase todos os cultos vi todas as mulheres cobertas do véu, até meninas de 4 ou 5 anos.⁹⁵ - Pode-se dizer que a liberdade de ignorar as regras de vestimenta da Congregação é inversamente proporcional ao prestígio que a pessoa possui nela. A hipótese que o afrouxamento de algumas tradições e costumes com respeito a vestimenta pela irmandade, enquanto a liderança mantém o rigor, levará a uma maior desigualdade entre ambas e a um fortalecimento da dominação da liderança, deve ser considerada.

O porteiro e seus auxiliares, a organista e os músicos com o encarregado da orquestra estão em destaque, mas seu lugar está no espaço da irmandade. Somente o irmão que preside o culto (e o irmão a quem Deus revelar a palavra, se for outro) sobe ao púlpito, apoiando a mão no corrimão que, além de servir como apoio para a mão, separa este espaço da palavra da irmandade. No momento em que ele sobe os degraus e entra no espaço do púlpito, a irmandade, mesmo quando está orando em voz alta, começa a se silenciar, se calar – já antes

⁹⁴ No caso do Pq. Jandaia, um ancião visitante era o dirigente do culto, e o fato foi comentado e duramente criticado pelo irmão cooperador que coordena a Casa de Oração no culto seguinte. Já o caso da Ceia em Diadema Central ficou por isso mesmo.

⁹⁵ Na observação participante do culto, consegui identificar quase todos os homens após poucas noites, mesmo pelas costas; o mesmo já não me era possível no caso de muitas mulheres que se mantiveram sentadas, por causa do véu.

do dirigente conclamar: “Deus seja louvado.” Ele convida a irmandade a chamar os hinos. As irmãs e os irmãos não se dirigem diretamente aos músicos: eles chamam o número em direção ao dirigente do culto, e este, ao repetir o número do hino, autoriza que ele seja cantado.⁹⁶ É sua palavra que introduz todos os momentos que se realizam na sequência do culto. Ele, ao longo de todo culto, está fisicamente e espiritualmente acima e na frente da irmandade e volta a ser um dos irmãos apenas em três momentos do culto: nas duas orações, quando ele, como toda irmandade, se ajoelha (mas ele continua fisicamente na frente de todos), e no momento da acolhida da palavra, quando ele, como toda irmandade, baixa a cabeça na espera que Deus revele a sua palavra. Acrescenta-se um quarto momento se a palavra for revelada não a ele, mas a outro irmão.

A dominação do irmão que preside o culto se expressa e se efetua, portanto, de diversas maneiras: Em primeiro lugar, pelo espaço que ocupa, espaço elevado e segregado da irmandade pelo corrimão e revestido do poder divino, que subsiste na Palavra que está na tribuna na qual o presidente apóia seu braço.⁹⁷ Em segundo lugar, pela posição que lhe é atribuída: ele está, a partir do momento que sobe ao púlpito, frente à irmandade – o único, com exceção das testemunhas que assumem esta posição temporariamente, enquanto dão seu testemunho. Em terceiro lugar, por ser o único que faz uso do microfone, excetuando-se de novo o uso temporário que as testemunhas fazem dele. Em quarto lugar, porque ele toma a iniciativa e determina quando cada momento no processo do culto inicia e termina, em várias ocasiões utilizando para isso a palavra-lema da Congregação: “Deus seja louvado”, enquanto à irmandade resta dizer apenas: “Amém”.

A dominação do dirigente do culto se amplia imensamente quando ele mesmo prega também a palavra, como costuma acontecer. É este o momento que lhe confere mais prestígio. Seu discurso sempre é a manifestação de um dom e a legitimação de uma dominação, a qual remete às relações de dominação dentro da Congregação Cristã.

É esta legitimação que, para Weber, diferencia a dominação do poder. O autor entende dominação como a probabilidade de encontrar obediência para uma ordem de determinado conteúdo. A dominação possui legitimidade que a ratifica. Poder, ao contrário, é para Weber “a probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistência, seja qual for o fundamento desta probabilidade.” (1991:33) No caso da Congregação Cristã, a

⁹⁶ A autoridade do irmão que preside o culto é reforçada ainda mais no culto da Santa Ceia: Nele, não é a irmandade que escolhe os hinos, mas estes são indicados pelo próprio ancião celebrante.

⁹⁷ Com referência ao microfone do dirigente do culto, os microfones para os testemunhos se encontram, portanto, num lugar subalterno.

dominação é legitimada pela tradição.⁹⁸ De fato, os membros da Congregação obedecem à tradição e à ordem, da qual o ancião é apenas o guardião e representante. O discurso do ancião ou cooperador, pronunciado a partir do lugar privilegiado descrito acima, ao mesmo tempo constrói, guarda e representa a tradição e é legitimado por ela.

Conforme Corrêa (1989:117ss), no discurso religioso, o locutor é do plano espiritual (divino) e o ouvinte é do plano temporal (humano).⁹⁹ Uma vez que é o próprio ancião ou cooperador que interpreta o dogma da manifestação do Espírito Santo nele, não há mais separação entre o ancião ou cooperador e a divindade. Um sinal disso é o uso do *Eu Divino*, que frequentemente se faz na pregação. Sendo a irmandade composta de convertidos e não convertidos, o ancião ou cooperador deve argumentar nestes dois níveis. Ele procura incluir o auditório institucionalmente e em termos linguísticos, revestindo seu discurso com certa *não reversibilidade* para “conduzir os fiéis à conclusão institucionalizada - necessidades e soluções vistas segundo o prisma do sistema de representações da CCB” (*ibidem*:125).-

A testemunha fala *com Deus*, o ancião *como Deus*, diluindo o ouvinte que passa a circular entre as personagens bíblicas.- Outro traço fundamental no discurso da CCB é o silêncio. Ele se produz calando o interlocutor e pela própria fala, ocultando o que não é permitido dizer. Não é o dito, mas o próprio ato de dizer que silencia o outro; e a divindade que se manifesta silencia as carências humanas.¹⁰⁰ O ancião ou cooperador (voz divina), ao dizer o que deve ser dito, obriga também o interlocutor a dizer o que se quer ouvir. Se este não corresponder às expectativas, o ancião tem o direito de adverti-lo ou até de desligar o microfone. Nunca presenciei que o microfone fosse desligado, mas o cooperador Leo não economiza nas críticas e advertências, normalmente dadas no culto seguinte, provavelmente para corrigir a falha sem envergonhar o irmão ou a irmã que errou¹⁰¹ (cf. o item 4.2 “O tempo do culto” e a nota de rodapé 5 deste capítulo).

⁹⁸ Cf. os três tipos puros de dominação legítima em Weber (1991:141-161, esp. 148-158).

⁹⁹ Concordo com o autor que o locutor é do plano divino, mas discordo que o ouvinte seja apenas do plano temporal (humano), como tentarei demonstrar na análise do processo ritual (4.3.2).

¹⁰⁰ Este aspecto será melhor analisado na parte seguinte do capítulo (4.3.2. “O processo ritual”).

¹⁰¹ Rivera me deu a seguinte informação: “Eu já vi o Ancião interromper uma mulher que estendeu seu testemunho e não estava vestida segundo a tradição. Também uma das minhas entrevistadas do Areião confirmou essa possibilidade ou autoridade do dirigente; curiosamente ela disse ‘quando há mulheres que se estendem.’ Perguntei se poderia acontecer com homens. Respondeu que ‘também, mas que nunca vi’.”- Na sequência das minhas próprias observações, num culto de noite no bairro de São Mateus, na Zona Leste de São Paulo, uma irmã já de idade demorou quarenta minutos para dar o seu testemunho que incluía muitas repetições. O ancião, visivelmente irritado, advertiu depois que os testemunhos devem ser dados de forma resumida e comentou que “alguns” às vezes falam demais, deixando um tempo muito resumido para o que todos vêm procurar e mais precisam na Congregação: receber a Palavra. Em seguida, ele não chamou o hino antes da Palavra - a única vez que vi isto acontecer num culto.- Em outra ocasião, após um culto na casa de oração do Jandaia (28/08/08), o cooperador Leo fez uma crítica do culto anterior, lamentando que a oração daquele culto

A estrutura hierárquica da CCB tem claros traços de uma *dominação masculina* sobre o sexo feminino. Como já vimos, mulheres são excluídas de qualquer acesso à hierarquia ou à pregação da palavra no culto.¹⁰² Em vários cultos que presenciei numa casa de oração em Santo Amaro, seu lugar nas representações bíblicas que circulam era de antideus, enquanto nas histórias do cotidiano ela parecia como parceira com um grande poder de oração diante de Deus. Já na casa de oração do Pq. Jandaia, irmãs que querem se separar do marido sob o pretexto de que elas obedeceram a Deus enquanto seus maridos continuam “do mundo”, foram duramente criticadas e exortadas a “ficar quietas” (cf. o item 4.2 “O tempo do culto”). Excluídas do púlpito, são as mulheres que mais se manifestam nos momentos de êxtase religioso. Este talvez marque, de certa maneira, uma zona intermediária entre o falar *com* Deus e o falar *como* Deus.

Pode-se dizer, portanto, que as mulheres ocupam um lugar subalterno na Congregação Cristã que se manifesta também no culto. Várias observações de culto sustentam esta hipótese: Homens testemunham mais que mulheres (em 27 cultos analisados, 48 contra 41), e homens falam muito mais nos testemunhos do que mulheres (354 contra 82 minutos – 4,3 vezes mais). Eles também levantam mais a sua voz na hora de orar em voz alta (39 contra 12) e oram mais tempo. Mulheres somente prevalecem na hora de chamar hinos (78 contra 65). Além disso, percebeu-se que mulheres têm mais coragem de testemunhar quando há menos gente na igreja (domingo e 5ª f). Há casos em que pequenas meninas têm mais coragem de ajustar o microfone do que mulheres adultas e já “adestradas” conforme os códigos da Congregação.

Quanto aos temas dos testemunhos, surpreende que as mulheres falam mais do trabalho remunerado (8 por 5) e do desemprego (4 por 0) do que os homens. Na fala dos pregadores que sempre são homens, porque a transmissão é reservada exclusivamente a homens – e de

tinha sido “totalmente fora da doutrina”. A começar pela roupa do homem que fez a oração: camisa de manga curta e sem terno. Este homem pediu que o demônio saísse da igreja e dirigiu sua oração a Jesus Cristo, enquanto, conforme Leo, o certo é pedir ao Pai em nome do Senhor Jesus. Além disso, o homem afirmou que “Deus derramou o seu sangue”, e, comentou Leo, não foi Deus, mas o filho de Deus, Jesus Cristo, que derramou o seu sangue. Leo se queixou que a irmandade aclamou a oração com ‘Aleluias’ e ‘Amém’, o que é como assinar por baixo. “Eu não disse Amém após aquela oração”, comentou Leo com voz firme, “porque a oração estava totalmente fora da doutrina.” Por isso, a irmandade tem que prestar atenção no que se ora e não ficar distraída e aprovar qualquer coisa por ‘Aleluias’ e ‘Amém’. Era tarefa do dirigente do culto intervir e fazer uma outra oração dentro da doutrina, “mas não era eu que estava dirigindo o culto”.

¹⁰² Parece até que o espaço da mulher se reduziu. Na *Assemblea Cristiana*, da qual a *Congregazione Cristiana* saiu no dia 16 de abril de 1926 após um conflito interno, Rosa, mulher de Louis Francescon, figurava ainda doze dias antes (4 de abril de 1926) como diaconisa - a única ao lado de seis diáconos homens. Anos antes, no dia 7 de outubro de 1907, ela viajou sozinha (!) para Los Angeles para testemunhar o movimento pentecostal italiano em Chicago à família de Nicola Moles. (Cf. YUASA, 2001) No início da Congregação Cristã, mulheres podiam ministrar a reunião dos menores; mais tarde, a liderança das reuniões para jovens e menores foi reservada aos homens.

fato, a poucos homens seletos -, a mulher que trabalha fora de casa não foi mencionada nenhuma vez. Nestas, ela é completamente ignorada e mantida em silêncio total.- O tema da saúde é elaborado nos testemunhos de maneira bastante diferente, conforme o gênero: enquanto os homens falam mais de próprias doenças, ou como Deus curou alguém após uma oração que *eles fizeram*, as mulheres costumam referir-se a doenças de parentes ou irmãs da Congregação, muitas vezes *recebendo* libertação milagrosa.- Quando o assunto é família, tanto homens como mulheres falam muitas vezes de alguma precariedade (p. ex. alimentar, ou de moradia). Aqui parecem tanto o homem como a mulher como provedores que às vezes não conseguem providenciar o necessário: neste momento, Deus vem em ajuda.

Concluindo esta parte da análise das relações de gênero como aparecem no culto, pode-se dizer que mulheres prevalecem sobre homens na oportunidade de falar apenas na escolha dos hinos. Na ocasião dos testemunhos, elas têm oportunidades semelhantes aos homens, mas falam significativamente menos (medido em minutos). Elas agradecem pela presença de Deus mais na vida de pessoas próximas do que nas suas próprias, enquanto os homens relatam mais a presença salvífica ou milagrosa de Deus nas suas próprias vidas.- Além destes relatos sobre a ação de Deus na sua vida, elas não têm oportunidade de elaborar ativamente aspectos doutrinários da fé, como o pregador (sempre masculino) tem na ocasião da pregação.

Tentei demonstrar, nesta parte, como a Casa de Oração possui espaços físicos hierarquicamente diferenciados, ocupados por atores de desigual prestígio que se relacionam e comunicam a partir destes espaços físicos e hierárquicos diferenciados. Suas falas trazem, portanto, a marca da posição social e de prestígio que ocupam no conjunto. O discurso central (pregação) indica o lugar dos discursos periféricos (testemunhos), e pode enquadrá-los e corrigi-los; estes podem até escapar das regras estabelecidas por aquele, sem nunca contestá-lo abertamente, porém.

4.3.2 O processo ritual

Nesta parte, retomo a apresentação de um culto típico da Congregação para analisar diversos níveis do processo ritual da CCB em que se inserem e adquirem sentido o simbolismo e as falas. Não procuro funções latentes no culto, mas o entendo, a partir de uma sociologia compreensiva, como autorretrato da Congregação. O que a Congregação Cristã, no seu culto, fala sobre si e afirma sobre si? É a partir desta perspectiva que analiso o culto da Congregação Cristã como processo ritual. Neste sentido, o culto pode ser compreendido como

propaganda religiosa: autorretrato e autorrepresentação no sentido de promover ou dar suporte à conversão ou adesão daquele que está presente nele e dele participa. Quero salientar que não uso o termo “propaganda” aqui no sentido mercadológico, mas na acepção que Riesebrodt lhe dá na sua teoria geral das religiões, aplicando seu uso a *todas* as religiões, dando amplo espaço para sua aplicação nas religiões orientais¹⁰³:

... propaganda religiosa no sentido de esforços de motivar pessoas a uma conversão no sentido amplo da palavra. ... No caso destes textos se trata de uma auto-representação. ... As perguntas centrais são, portanto: O que é representado como motivo da nova orientação religiosa? Quais resultados as religiões reclamam para si nestes discursos de conversão? E quais promessas elas fazem para o caso da conversão?- Apelos à conversão ou testemunhos de uma vida transformada podem-se dirigir a membros da própria comunidade religiosa, para orientá-la no sentido de um seguimento mais rigoroso dos compromissos religiosos. Eles podem ter a intenção de convencer não-pertencentes à membresia. (2007:211)

Entendo aqui propaganda, portanto, como estratégia de reprodução, e o culto como mecanismo de perpetuação, que visa em primeiro lugar afirmar os que já são membros na sua pertença e, isso sim, também convencer visitantes que ainda não pertencem “à graça”. Neste sentido, o culto e as testemunhas que membros dão fora do espaço do culto, na vida cotidiana, seriam os únicos meios de propaganda, uma vez que a Congregação não divulga nenhum material impresso entre não membros, não usa meios de comunicação social e não faz pregação em praça pública.

Quando o visitante entra na igreja, o próprio espaço, por sua grandeza em termos de tamanho e altura (acima de 8 metros), já provoca uma ruptura com o cotidiano. O culto não pode acontecer em qualquer lugar: “O próprio lugar da cena deve ser sagrado”, escreve Mauss (2001:162)¹⁰⁴, e também Cazeneuve ressalta que o rito religioso “desenrola-se num lugar escolhido, num lugar santo” (1985:262). Normalmente, a experiência sagrada sacraliza o lugar do acontecimento. No caso dos cultos protestantes no Brasil, que nas primeiras décadas foram clandestinos (cf. a discussão do termo “Casa de Oração”), inverteu-se este processo, como mostra Rivera (2002:75): “É o lugar comum e secular que desencanta o culto. A sala de

¹⁰³ Portanto, não se tem em mente qualquer outro sentido do termo, aplicado de forma comum a práticas pentecostais, vinculado a análises mercadológicas. Justamente neste ponto a CCB *se diferencia* de outras igrejas pentecostais, pelo fato que ela usa exclusivamente o culto e as redes pessoais e sociais capilares dos seus membros para divulgação.

¹⁰⁴ O artigo original *Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício* em língua francesa, em coautoria com Henri Hubert, foi editado em 1899.

uma casa, lugar cotidiano, era o espaço onde se realizavam os cultos protestantes.” Evidentemente, houve outra inversão posterior, assim que o autor admite: “A construção de templos no protestantismo latino-americano é bem posterior.” (2002:74)¹⁰⁵

A igreja é impecavelmente limpa, as palavras “Em nome do Senhor Jesus” dominam a parede da frente; as colunas, o púlpito com a Bíblia em cima, os bancos com os genuflexórios já indicam que este espaço foi criado como espaço religioso, espaço da comunicação com Deus. A organista já toca, em baixo volume, melodias do hinário, para suprimir a comunicação entre as pessoas: Ortner (1978:5) comenta a respeito do ritual:

Ritual, por definição, é uma situação removida do processo normal da vida social, por objetos simbólicos, construções, e arranjos. Estes objetos e arranjos incorporam sentido cultural e especialmente religioso, transferidos para os atores ao longo da sua participação.

Impactadas por este ambiente visual e sonoro, as pessoas que entram na igreja, com exceção de pequenas crianças que ficam à vontade, respeitam estas regras: não conversam em voz alta, procuram um lugar e, após no máximo uma pequena conversa, primeiro se ajoelham; as mulheres, antes disso, abrem sua bolsa, tiram dela o véu e o colocam na cabeça. As primeiras expressões corporais na igreja são, portanto, de submissão: tanto as mulheres como os homens se submetem a um ser invisível cuja presença se presume: Deus. Ficam nesta posição por um ou vários minutos, às vezes com a cabeça apoiada na mão (observa-se este gesto mais do lado masculino), e sempre com a cabeça inclinada para baixo. Todos os gestos corporais são comedidos e indicam serenidade, respeito, obediência e submissão, assim como as roupas, como já foi visto.

A música expressa a mesma serenidade como as roupas e as expressões corporais. Com exceção do órgão, não há nenhum instrumento eletrônico. Os instrumentos são de uma orquestra clássica e reforçam a reivindicação da antiguidade e tradição, marcas da Congregação Cristã. O cooperador da irmandade costuma falar, na sua pregação, dos quarenta dias entre a ressurreição do Senhor Jesus e sua ascensão ao céu como tempo de ensinamentos aos discípulos: as palavras do próprio Senhor Jesus são representadas como a fonte da doutrina e dos ensinamentos da Congregação Cristã; esta (que vai celebrar o centenário em

¹⁰⁵ Nos últimos anos, porém, algumas Casas de Oração assumem tamanho tão grande que a própria Assembleia Geral parece alertar contra a suntuosidade. Consta como um dos tópicos de ensinamentos da 72ª Assembleia, do ano 2007: “CONSTRUÇÕES Suntuosas e Extravagantes - Compete aos irmãos anciãos da localidade ou que atendem a região orientar aos demais irmãos, tanto da parte administrativa como do departamento de construções, para que evitem construir casas de oração com linhas cheias de ornatos, com suntuosidade ou em formato extravagante, fora dos padrões da Congregação Cristã no Brasil.” A fonte deste documento, porém, não é segura: o site WWW.ccbhinos.com.br não é um site oficial da Congregação Cristã.

2010) é representada, portanto, como uma tradição de longa duração, e a própria orquestra, de estilo clássico, o hinário que há mais de quarenta anos não muda uma letra sequer, os bancos de madeira com o genuflexório e a arquitetura das casas de oração que apresentam pouquíssimas variações e sempre a mesma cor cinza são provas disso: não mudam, porque a verdade não muda, e tão imutável como a verdade é representada a doutrina da Congregação Cristã. Assim, esta tradição religiosa, sendo filha da modernidade¹⁰⁶, constrói sua identidade destacando elementos de conservação e de permanência que parecem estar na contramão da modernidade que se caracteriza exatamente pela rapidez das mudanças.

Outro aspecto que deve ser mencionado a respeito da orquestra é que ela parece ser um meio eficiente para ativar os músicos homens no sentido de uma participação mais ativa¹⁰⁷, e cativar ou “prender” os homens, quase sempre minoria nos cultos cristãos, à Congregação. Nos cultos da casa de oração do Pq. Jandaia a que assisti, os músicos formaram entre 13% e 41% de todos os homens; esta relação sobe no culto de jovens e menores e alcançou seu pico no encontro da mocidade a que assisti, no qual mais do que 50% dos moços eram músicos. Estes dados talvez indiquem que a Congregação Cristã esteja investindo recentemente mais nesta maneira de ligar os jovens moços à instituição. Deve ser lembrado que os músicos demonstram uma afinidade maior com as regras da instituição. Em geral, entre os músicos parece haver um sentimento maior de pertença à Congregação.

O dirigente do culto sobe ao púlpito e inicia o culto com as palavras: “Deus seja louvado.” Ele vai usar esta frase mais duas vezes ao longo do culto. Ela, junto com o hino que sempre lhe segue, parece ter a função de indicar limites: aqui o começo do culto; nas duas vezes que a irmandade ora ajoelhada, o fim do momento de oração. As três vezes, a irmandade responde: “Amém!” A comunidade se levanta, num dos poucos movimentos

¹⁰⁶ Considero a Congregação Cristã filha da modernidade no sentido que todos os membros entrevistados destacam a sua escolha desta ou opção por ela. Mesmo narrada como obediência diante de Deus (portanto, opção ou escolha relativa), tornar-se membro significa, na maioria dos casos, sair de uma tradição religiosa: assim, também o histórico da Congregação narra “o início da obra de Deus” como saída dos primeiros membros de outras tradições (católica, em Santo Antônio da Platina; presbiteriana e católica no Brás). A Congregação Cristã tem esta característica em comum com todos os protestantismos e pentecostalismos que podem ser considerados produtos da modernidade no sentido que são práticas sociais de escolha, fenômenos urbanos e resultam do declínio do lugar estruturador da religião, declínio este que caminha sempre junto à diversidade de opções religiosas.

¹⁰⁷ Deve-se ter cuidado, porém, ao definir a participação no culto. Grimes (1990:43s) comenta a respeito de uma enquête sobre liturgia: “Alguns dos entrevistadores implicitamente definem participação como ativa e aberta, mas alguns participantes, não correspondendo às expectativas dos entrevistadores, se descrevem como estar somente sentados e ouvindo, ou deixando as palavras e a música fluir sobre eles. Eles não ‘fazem’ ou ‘agem’. Eles resistem à expectativa ocidentalizada que identifica participação com atividade aberta.” Sabe-se que a mulher tem pouco espaço no culto da Congregação para “fazer” e “agir”. Minhas entrevistas com mulheres da Congregação indicam que sua participação no culto é intensa no sentido que este reordena sua experiência e vida, sem que elas “façam” ou “ajam” no culto. A questão é melhor discutida no próximo capítulo.

coletivos durante o culto, por ocasião do primeiro e último hino, e se ajoelha durante os dois momentos de oração; durante todo restante dos noventa minutos de culto, ela fica sentada. À austeridade do espaço cúbico corresponde, portanto, a escassez de movimentos ou expressões corporais coletivos, reforçando a serenidade do culto. Faltam, no culto da Congregação, elementos presentes na maioria de rituais religiosos (MAUSS 2001), como, p. ex., a procissão: nenhuma dança, nenhuma procissão, nenhuma expressão corporal que acompanhe a música dos hinos. Talvez a ausência de procissões possa ser atribuída à própria teologia calvinista, numa ampliação do receio de Calvino a peregrinações. Escreve Turner (2008:176):

Foi Calvino, e não Erasmo, quem provavelmente mais fez no sentido de fomentar a desaprovação moderna das peregrinações. ... A versão calvinista da ética protestante parece ter saído vitoriosa na Europa setentrional e na América do Norte. Para Calvino e os puritanos, as peregrinações, não passavam de viagens, desperdício de tempo e energia que poderiam ser melhor aplicados para demonstrar – no lugar para onde Deus houvesse convocado alguém – que este alguém fora “salvo” pessoalmente por um estilo de vida sóbrio, diligente e “puro”.

O culto da Congregação Cristã pode ser visto como sendo bastante estático, com respeito às expressões corporais: levantar – sentar – ajoelhar – sentar – ajoelhar – levantar.¹⁰⁸ A própria escassez dos movimentos corporais e sua rigidez revelam, porém, que na Congregação há um forte disciplinamento e adestramento do corpo e dos seus movimentos, ao qual a irmandade coletivamente obedece: não se vê, nas Casas de Oração da Congregação, movimentos corporais espontâneos individuais; não há liberdade para seu exercício. O adestramento do corpo, os gestos e movimentos medidos e serenos, não são “arranjos e mecanismos puramente individuais”, mas resultado de uma “idiossincrasia social”. (MAUSS 2003:404). Usar o corpo e mover-se conforme as convenções não escritas do coletivo é uma questão de prestígio, e quem não sabe, é logo identificado como estranho e pode até ser estigmatizado. A memória da Congregação é uma memória inscrita no corpo.

É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. (MAUSS 2003:405)

O uso ordenado do corpo é “*habitus*”, “adquirido”, e mesmo “técnica” (MAUSS 2003:404.407):

¹⁰⁸ Os músicos formam uma exceção, como um subcoletivo no coletivo da irmandade: ao tocar os instrumentos, eles movimentam seu corpo durante os hinos.

Chamo *técnica* um ato *tradicional eficaz* ... Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. (MAUSS 2003:407)

Pode-se dizer talvez que a Congregação Cristã, cuja origem se encontra na transição do protestantismo para o pentecostalismo, guardou ainda muito do formalismo protestante. Rivera cita como marcas do pentecostalismo:

As formas litúrgicas, quando há, são instáveis e até imprevisíveis. O pentecostalismo introduziu des-ordem e, em certo sentido, até caos. ... O caminho que tenho ensaiado para pensar o culto pentecostal, fazendo eco da própria teologia pentecostal, é considerar o fator Espírito Santo como elemento caótico que tenciona com a ordem clássico do protestantismo e se impõe. ... O culto pentecostal se aproxima da festa no que tem de espontâneo e de redução de regras de controle e rigidez do corpo ... porque permite a desordem. (2005a:30)

Acredito que esta análise não se aplica ao *pentecostalismo protestante* da Congregação. É verdade que a Congregação afirma que o ancião não prepara a pregação, e que esta é revelada instantaneamente pelo Espírito Santo. Porém, considero as maiores oportunidades para a desordem os dois momentos de oração, nos quais pode ocorrer o fenômeno da glossolalia, muitos oram ao mesmo tempo, e as vozes que se levantam parecem até estar numa certa concorrência, mas que ocupam pouquíssimo tempo no conjunto do culto (cada momento de oração de três a cinco minutos). Justamente esta oração “desordenada”, porém, se faz na Congregação *ajoelhado* e, portanto, no gesto da mais forte repressão do corpo no culto. A tradição da Congregação permite momentos de êxtase no culto, mas não a cura nem o exorcismo – muito menos a sua encenação. Neste ponto, o pentecostalismo da Congregação se diferencia até daquele das suas irmãs mais próximas, Assembleia de Deus e Igreja Pentecostal Deus é Amor, e talvez seja mais correto qualificar o sistema religioso da Congregação como pentecostalismo protestante. Escreve Rivera:

O êxtase coletivo, regra geral, coloca o grupo todo em movimento descontrolado. ... Em alguns pentecostalismos estas práticas religiosas manifestam incoerência com a forte repressão do corpo e a total proibição de sua exposição. É o caso, por exemplo, da Igreja Pentecostal Deus é Amor e das Assembleias de Deus, onde as manifestações corporais no culto se apresentam como contraparte de uma mentalidade repressora do corpo. (2005a:31)

Voltamos ao processo ritual. Os próximos doze minutos são reservados aos hinos; eles dominam o início do culto. Pode-se dizer que o culto normal se divide em três partes quase iguais: os hinos (pouco menos que meia hora), executados pela irmandade em conjunto com a

orquestra; as orações e os testemunhos (normalmente aproximadamente meia hora), tempo ocupado por membros da irmandade ou visitantes; e a palavra (leitura e pregação; um pouco mais que meia hora), pregada pelo dirigente do culto ou aquele (sempre homem) a quem a palavra foi revelada nesta noite. O tempo dos hinos e das orações é estável, o tempo dos testemunhos e da pregação pode variar; normalmente a pregação se ajusta ao tempo gasto pelos testemunhos, no sentido de o culto não passar muito de noventa minutos.

Os hinos, além de louvar e suplicar a Deus e dar sentido às expressões corporais da comunidade e as acompanham, fazem propaganda religiosa no sentido de apresentar a maneira como a Congregação Cristã se autorretrata: as frases “Somos a nação abençoada ... Geração eleita e amada” não eleva somente a autoestima do e da fiel, mas propaga a própria Congregação Cristã como abençoada, eleita e amada. Veremos, em seguida, como os testemunhos fazem propaganda religiosa¹⁰⁹; alerto aqui que muitos hinos da Congregação Cristã assumem esta mesma função.-

Os pedidos de oração que o dirigente do culto recebe do porteiro e lê em seguida, mostram a demanda da irmandade e ao mesmo tempo informam o homem que posteriormente fará a pregação. O longo comentário que o dirigente do culto faz em seguida, dá sentido ao momento da oração, que constitui o próximo momento do culto, e à pertença à Congregação que é a “obra escolhida pelo Senhor”, “esta graça”, retomando a propaganda religiosa dos hinos, o autorretrato da Congregação. A passagem deste comentário do dirigente do culto à oração da irmandade, feita de joelhos, é um dos momentos do processo ritual que Ortner (1978:5) descreve assim:

Evidentemente, o sentido ao qual os atores chegam no ritual já “está lá”, o corpo historicamente envolvido e socialmente enraizado de concepções e ordens que nós chamamos de “cultura”. O processo ritual é, então, uma maneira de formar atores de um jeito que eles acabam apropriando sentidos culturais como orientações pessoalmente assumidas.

A oração segue as dicas dadas pelo dirigente do culto e dá destaque ao pedido que Deus envie a sua palavra; neste momento sobe o murmúrio que acompanha a oração: a irmandade manifesta a sua emoção.- Em todos os comentários que ouvi e nas entrevistas é consenso unânime que o momento mais importante do culto é o momento da palavra, entendida como a leitura da Bíblia e a pregação: de fato, não ouvi ninguém distinguir entre estes dois momentos; juntos, eles formam o momento “da palavra”.

¹⁰⁹ Exemplos paradigmáticos de propaganda religiosa costumam ser relatórios de conversão (cf. RIESEBRODT 2007:211-236, esp. 211 e 217).

O canto seguinte já introduz o momento dos testemunhos. Estes devem expressar a gratidão do fiel e engrandecer o nome de Deus, e podem ser vistos como propaganda religiosa. O dirigente do culto adverte expressamente que neste momento não se deve falar de problemas (muito menos pedir solução material à irmandade), mas agradecer a Deus pelos milagres e maravilhas que o Senhor faz na nossa vida. Os testemunhos ligam, portanto, o culto e louvor a Deus aos acontecimentos da vida cotidiana e convidam a uma releitura destes na perspectiva da gratidão. Nos testemunhos, vários processos importantes ocorrem simultaneamente. Vejamos alguns deles:

Um dos problemas do monoteísmo é que Deus é representado como todo-poderoso, mas se torna, ao mesmo tempo, distante dos problemas do dia a dia dos fiéis. Para ter credibilidade, Deus precisa tornar-se eficiente nas coisas pequenas do cotidiano. A solução católica para este problema são os santos que têm suas diferentes áreas de competência; a solução da Congregação Cristã são os testemunhos, nos quais Deus aparece presente e agindo eficazmente na vida dos fiéis da Congregação. Ressalto que os milagres e maravilhas que Deus opera na vida dos fiéis aparecem, na Congregação Cristã, *somente nas narrativas* dos testemunhos e da pregação e na letra dos cantos, enquanto em outras igrejas pentecostais, como a *Deus é Amor* e *Igreja Universal do Reino de Deus* eles são *dramatizados*, acontecendo aqui e agora na hora do culto por curas e expulsões de demônio (cf. RIVERA:2001, CAMPOS:1999 e ALMEIDA:1996).

Este Deus que aparece presente e agindo eficazmente na vida dos fiéis da Congregação, é ao mesmo tempo uma prova que esta é “o povo eleito” de Deus, “a obra” do Senhor, dando, portanto, legitimidade a ela: é a função de propaganda dos testemunhos. Em consequência, o ou a fiel deve obedecer e ser submisso(a) ao mesmo tempo a Deus e à Congregação, cujas leis e costumes são representados como não de origem humana, mas como expressão da vontade divina.

Ao mesmo tempo, o encontro ou a sequência primeiro dos testemunhos e em seguida da pregação podem ser vistos como encontro daquilo que Redfield (1956:41s), ao escrever sobre a organização social da tradição, chama de “pequena tradição” e “grande tradição”. Enquanto a primeira pertence à periferia da cultura e às pessoas comuns e é contada na família, na rua, na esquina, onde é elaborada e continua por si mesmo, a última, elaborada, controlada e preservada no centro (templo) e pela elite, reivindica o selo da legitimidade. Redfield destaca que ambas as tradições se interpenetram e argumenta que toda grande tradição nasce de pequenas tradições. De novo, ressalto que a distância entre o dirigente do culto e as testemunhas não é tão grande como entre clero e leigos (afinal, ninguém estuda para ser

ancião ou cooperador na Congregação Cristã), mas presenciei várias vezes como o dirigente do culto enquadrar e corrigir testemunhos.

Finalmente, durante o processo ritual, já na hora em que se lê os pedidos, às vezes nos momentos de oração, e, de maneira elaborada, nos testemunhos e na pregação, problemas de saúde e problemas sociais etc. são nomeados, (re)articulados dentro dos parâmetros e da visão do mundo da Congregação Cristã¹¹⁰ (p. ex. Deus x diabo; Congregação x “o mundo”) e conduzidos a uma solução. Isso quer dizer que no processo ritual, é articulado o “modelo de” e o “modelo para” da Congregação Cristã. A distinção que Geertz (1989:107s; veja também ORTNER 1978:8) faz entre “modelo de / modelo para”, se refere a duas dimensões de cultura. O aspecto “modelo de” se refere à maneira como sistemas culturais apreendem e tentam tornar inteligíveis os problemas imediatos de estrutura social, estrutura econômica, parentesco, ecologia etc. numa certa sociedade, até os dilemas mais existenciais de sofrimento, do mal e da perplexidade. Os mesmos modelos simbólicos que representam as complexas realidades do grupo também os fazem aparecer numa certa luz, as interpretam, de maneira que – e este é o aspecto “modelo para” – formam atitudes e ação em direção a uma “evidente” congruência com as definições da situação. Neste sentido, os modelos apreendem a situação, dão nome às suas estruturas e ingredientes mais importantes, e as nomeiam de uma maneira que implica uma atitude diante deles.

Qualquer complexo cultural é ao mesmo tempo “modelo de” e “modelo para” – são dois aspectos de um único processo. Como um grupo representa sua situação para si mesmo e diante do mundo exterior, ele usa termos e imagens que selecionam e enfatizam alguns aspectos desta situação e que distorcem ou ignoram outros, e que, no processo, permeiam toda a estrutura com certas orientações morais e afetivas. Como os atores participam destas construções, ou as empregam, suas atitudes e ações se orientam nas direções incorporadas na forma e no conteúdo da própria construção; a construção ou o modelo torna difícil enxergar a situação e responder a ela de uma maneira diferente. Neste processo, cultura tem sempre suas preferências e é sempre seletiva e parcial: é interpretação. O processo de rearticular a experiência – processo que acontece no ritual – é, por definição, uma reorganização da relação entre o sujeito e a realidade. Simbolismo ritual sempre opera com os dois elementos, reorganizando (representações de) realidade e ao mesmo tempo reorganizando (representações de) o *self*. Uma determinada visão da realidade emerge de uma certa

¹¹⁰ Deitos cristaliza três representações e práticas centrais inter-relacionadas do imaginário da Congregação Cristã: “serem escolhidos de Deus”, “separação do mundo” e “o combate ao demônio” (1996:70).

experiência do *self*; um certo senso do *self* emerge de uma determinada experiência de realidade.

Acompanhemos estes processos simultâneos nos testemunhos do culto.

Vimos na descrição do culto como o dirigente, na introdução aos testemunhos, já limita o assunto destes, pedindo não falar da vida antes da conversão, a “grande tradição”, estabelecendo assim os limites daquilo que a “pequena tradição” no centro (na igreja) tem direito de falar. Percebe-se também que no momento em que o dirigente do culto deixa o microfone e se posiciona, cabisbaixo, diante da parede da frente - momento, portanto, em que nenhum olhar da frente controla a comunidade - há movimentos fora do roteiro ou ruídos na estrutura do culto: pessoas se levantam para ir ao banheiro, jovens trocam de lugar, etc: grupos de pessoas aproveitam para se reposicionar no espaço da igreja.

A roupa da primeira testemunha já o identifica como um fiel pobre. Ele logo se identifica como visitante. Na narração do seu testemunho, ele se representa como pai de família que passou por momentos de extrema carência, não conseguindo nem providenciar a alimentação básica para seus filhos que pediram leite e pão. Na sua narração aparece ele como pai e provedor de alimentos: não é à mãe que os filhos pedem pão e leite (chama atenção que a mãe não aparece na narrativa), mas a ele como pai. Ele os manda ao mercado pedir fiado; o “mundo” (capitalista), representado pelo dono do mercado, nega, mas Deus providencia, informando duas irmãs por uma visão e enviando-as com leite e bolachas à sua casa. Como os hinos da Congregação, esta narrativa trabalha por oposições binárias: mundo x Congregação; homem x mulher(es) (irmãs); avareza x generosidade.

O problema crônico do monoteísmo (o Deus todo-poderoso, mas distante) está resolvido na narrativa pela visita de Deus que as irmãs recebem, tendo visões, e sendo inspiradas a ajudar o irmão da Congregação. Neste sentido, o testemunho na Congregação Cristã no Brasil (aqui: o relato das irmãs que recebem a visita de Deus) tem função mediadora semelhante ao santo na igreja católica. Na Congregação no Brasil, é Deus que convoca a irmã ou o irmão, pela visita e inspiração. Enquanto, para a Congregação, os apóstolos, quando vivos, fizeram maravilhas em nome do Senhor Jesus, mas hoje “estão mortos e não fazem mais nada”, como foi ressaltado em vários cultos, Deus visita e inspira o irmão e a irmã que “está em comunhão” e faz, por meio deles, milagres e maravilhas ainda hoje – na vida de quem faz parte do “povo eleito” e da “obra do Senhor”. Assim, também a gratidão do irmão beneficiado não se dirige, na narrativa, às irmãs, mas ao próprio Deus que se utilizou delas: é o nome de Deus que é engrandecido. Deus é representado nesta narrativa como presente e agindo eficazmente na vida dos fiéis em comunhão – tanto daqueles e daquelas dos quais ele se

utiliza para fazer as suas maravilhas, como daqueles e daquelas em situação de carência que invocam o Senhor, e este “faz uma obra” na vida deles, providenciando muito mais do que era preciso. Assim como as irmãs foram visitadas por Deus por meio da visão que tiveram, o irmão e sua casa são visitados por Deus pela visita das irmãs, e todos juntos dão graças e louvores a Deus.

Durante a narrativa, uma situação de carência (falta de alimentos básicos) é nomeada e (re)articulada dentro dos parâmetros e da visão do mundo da Congregação: o homem, incapaz de prover o necessário para a família e envergonhado diante dos filhos que pedem pão, é representado como servo de Deus digno de um milagre na sua vida que Deus realiza pela visita das irmãs. Esta visita, nos parâmetros da Congregação, resolve o problema material, mas é muito mais uma confirmação espiritual que este homem pobre é um servo de Deus digno e fiel. Assim, a narrativa reorganiza, nos parâmetros da Congregação Cristã, (representações de) realidade e ao mesmo tempo reorganiza (representações de) o *self*. Neste sentido, tanto as irmãs como o irmão que aparecem na narrativa são tanto “modelos de” como “modelos para” os irmãos e irmãs presentes na casa de oração: representam suas carências e problemas sociais, mas são também “modelo para”, formando atitudes e maneiras de agir corretas conforme os parâmetros da Congregação.

Além disso, pode-se dizer que esta representação do ocorrido nos parâmetros da Congregação Cristã tem o efeito social de blindar este homem pobre (e, a título do “modelo para”, todos os presentes em situação de carência) contra o destino de fazer “o aprendizado da desqualificação social” e “a carreira moral dos assistidos” (da *assistência renegada* à *assistência postergada* à *assistência instalada* à *assistência reivindicada*) com uma consequente deterioração da identidade social (cf. PAUGAM 2003:81-162). A identidade social, em vez de ser deteriorada, é fortalecida e elevada: a assistência alimentícia recebida não é causa de humilhação, mas prova de dignidade, efeito da pertença à rede social e religiosa da Congregação Cristã.

Deve ser dito ainda que nesta narrativa, os gêneros aparecem de “polos invertidos”: é o homem que está na sua casa (espaço privado), sem dinheiro e incapaz de prover alimentos, e são mulheres que têm dinheiro suficiente para prover mais do que o necessário e saem da sua casa para rua (espaço público) para visitar o irmão. Esta inversão, porém, tem dois limites: as mulheres continuam a ser representadas com as atribuições típicas do gênero feminino de prover alimentos (gesto materno); e o ator principal não são elas, mas é o próprio Deus: elas são apenas o meio do qual ele se serve (“servas de Deus”). Além disso, os laços sociais que se criaram entre o irmão e as irmãs são bem mais fracos do que os laços com Deus, que foram

fortalecidos por este episódio: A organização humana para resolver o problema é, na narrativa, claramente subordinada à ação salvífica de Deus; aliás, é solucionada apenas a carência atual, e não suas causas estruturais: amanhã o irmão pode estar diante do mesmo problema. Observações semelhantes a respeito de membros da Congregação Cristã foram feitas por Machado (1995) em assentamentos do movimento de trabalhadores rurais sem-terra. O assunto será melhor discutido no próximo capítulo.

A segunda parte do seu testemunho revela tensões e conflitos entre os irmãos da Congregação Cristã. No mesmo culto (talvez por efeito dominó), outra testemunha contou uma história semelhante da tentativa de ser enganado por um irmão desonesto.

A mulher que testemunha em seguida, segura de si e com voz forte, recebeu uma revelação: Deus revela o milagre que irá acontecer, numa casa de oração. A irmã se autorrepresenta como modelo ideal¹¹¹ da fiel que, nas noites que não tem culto na própria comunidade, vai ao culto numa outra casa de oração. Como no testemunho anterior, o problema é do corpo: desta vez, porém, não é a falta de comida, mas doença na família do esposo. Além de ser um problema do corpo, existe também um problema espiritual: naquela família, ninguém está congregando. A irmã lembra a promessa do milagre e chama o marido para orar – este é, portanto, também da Congregação. Assim, a irmã autorrepresenta na sua narrativa a si e ao esposo como modelo ideal de casal, e faz propaganda deste: ambos são da Congregação, ambos oram juntos em casa, e ambos são humildes e obedientes: pedem perdão se não forem dignos do milagre. Deus atende a oração, e o milagre acontece. Apesar do fato de ela junto com o marido orar por parentes, ela não expressa que laços sociais ou humanos foram fortalecidos, mas apenas os laços com Deus, que mostrou seu poder. Se, por causa do milagre, alguém da família do marido vai começar a fazer parte “desta graça”, fica em aberto.- Chama atenção que a mulher assume na narrativa o papel ativo, o homem aparece como passivo; o espaço da cena é a vida doméstica (a casa), onde, como mostram as entrevistas realizadas, a mulher domina; a atribuição da mulher é cuidar (orar pela família doente do marido).

Estes limites do papel tradicional da mulher (casa; cuidar) são ultrapassados no próximo testemunho, uma mulher que trabalha como cobradora no ônibus. Em nenhum dos cultos a que assisti, ouvi o dirigente do culto citar a mulher que trabalha: no discurso dos ministros, ela é totalmente silenciada. A profissão a expõe a situações de alto risco (assaltos) e tem assim

¹¹¹ Analisando a narrativa a partir do esquema de Geertz “modelo de e para”, ela se representa como modelo *da* mulher casada com um servo de Deus ou irmão da Congregação, mulher que frequenta assiduamente os cultos, e modelo *para* as jovens ainda não casadas, formando nelas a atitude correta, conforme a Congregação, de procurar seu esposo dentro da igreja.

um perfil normalmente associado ao masculino. Num assalto, ela, como mulher, tinha que dar conta sozinha da situação e fez isso entrando em comunhão com o Senhor, entoando em alta voz um hino que afirma a proteção do Senhor em situação de perigo. Outra parte do testemunho (agradecimento por viagens recentes para o Nordeste) reforça a autorrepresentação desta mulher como mulher autônoma que sabe enfrentar o mundo. Em nenhum momento do seu testemunho, esta mulher se representa como mãe, fazendo afazeres no espaço doméstico da casa, ou como acompanhada de um homem, ou submissa a ele. Ela, como mulher autônoma e forte, *não* é modelo (nem “de” nem “para”) da mulher ideal da Congregação, que costuma ser representada como humilde e obediente, ocupando seu papel de mãe em casa. Ela é modelo somente no sentido de entrar em comunhão com o Senhor, orar na hora do perigo e agora dar graças a Deus.- Ressalto ainda que, no seu testemunho, nenhum laço social ou humano é fortalecido, apenas seu laço espiritual com Deus.-

O tema do último testemunho são o corpo e a alma doentes: enquanto ele não acreditava de verdade em Deus e não se decidia batizar na Congregação, ele adoecia de novo, e seus parentes acabaram falecendo. Neste testemunho, crença em Deus e pertença institucionalizada (batismo) na Congregação aparecem indissolúvelmente associadas, assim como o corpo e a alma. Na narrativa, os médicos não resolvem nada; Deus sozinho faz o milagre. A Congregação aparece representada na irmã que indica a casa de oração na qual Deus vai fazer a promessa, e no cooperador que profetiza a cura. As desgraças que caíram sobre a família da testemunha (mesmo a morte da mãe e da filha) são representadas como consequências da relutância da testemunha de batizar-se. A mãe e a filha que acabaram falecendo, não eram batizadas: a mãe era católica, a filha morreu sendo infante. Toda dramatização da narrativa converge na luta entre Deus e a testemunha; as relações sociais e humanas são meros acessórios desta narrativa.- A narrativa tem uma falha: os limites entre a pertença à irmandade e a pertença à família são demasiadamente tênues: a testemunha conta com orgulho como lia a Bíblia católica da mãe que estava aberta na sua casa, antes de ser da Congregação, indicando continuidade entre a Bíblia católica da mãe e a fé católica desta e sua própria vida na Congregação, após o Batismo. Fronteiras claras entre o passado católico pecador e o presente como salvo “na graça” são parte essencial do discurso da Congregação: elas, nesta narrativa, não foram respeitadas.

Os avisos, na casa de oração do Jandaia, são a única ocasião em que o dirigente do culto, além de ler a lista dos próximos batismos etc., fala das coletas – sem nenhum apelo ou insistência maior. Também neste ponto, portanto, a Congregação Cristã se diferencia bastante

de outras igrejas pentecostais, como a *Deus é Amor* e *Igreja Universal do Reino de Deus* (cf. RIVERA:2001, CAMPOS:1999 e ALMEIDA:1996).

O hino que segue (Deus como oleiro que forma e modela o e a fiel como argila) apresenta Deus como único “ator”; todos os fiéis, tanto homens como mulheres, são passivos receptores. Isso se expressa no gesto de esperar pela palavra: o próprio dirigente do culto, apesar de ficar no espaço do altar, frente à comunidade, baixa a cabeça, fecha os olhos e, como toda a irmandade, espera pela inspiração divina. Neste momento também ele é, portanto, um receptor passivo. Todos os entrevistados descrevem este momento e os seguintes (“A palavra”) como o mais emocionante e importante do culto.

Entendo que, no momento da palavra, o(a) ouvinte não é simplesmente “do plano temporal (humano)”. A irmã, quando veste o véu, é revestida do Espírito Santo e deixa, portanto, temporariamente de pertencer simplesmente ao plano temporal. A sua apreensão e leitura da palavra do pregador (sempre masculino, sim) não é passiva: a apreensão é ativa e subjetiva e acontece sempre a partir do quadro de memória e das vivências e problemas atuais do(a) ouvinte que procura “a promessa” ou “a confirmação” que o pregador desconhece; Deus pode “visitar” ou “se revelar” a qualquer um dos fiéis a qualquer momento durante o culto. Este dispositivo, ao meu ver, deixa espaço para ambiguidades e, ao mesmo tempo que reafirma a dominação masculina, permite escapar dela em plano individual - e somente individual.

Não há uma tradição de hermenêutica específica na Congregação Cristã, portanto. É justamente a ausência de qualquer tradição hermenêutica que fornece a autoridade ao momento da palavra: é Deus mesmo que está falando à comunidade, pelo “vaso vazio” do pregador (sempre homem).

Em outras palavras: não somente o pregador é iluminado. A apropriação desta palavra se dá também por iluminação: a palavra pode ser entendida como “promessa” para algo ou como “confirmação” de algo que a(o) fiel veio resolver no culto. A “promessa”, entendida como tal pelo pregador, é anunciada: “tem alguém aqui nesta noite que ...”. Outras palavras do pregador, porém, que este não declara como promessa, podem ser apreendidas pela(o) fiel como promessa ou confirmação, e a(o) fiel não vai confirmar sua compreensão com o pregador: a(o) fiel “achou sua resposta” e volta para casa com a certeza que “Deus prometeu”

ou “Deus confirmou”. O iluminismo¹¹² marca, portanto, tanto a produção como a recepção “da palavra”.

Os limites deste iluminismo são marcados pela “doutrina”, cuja transmissão é reservada exclusivamente a homens – e de fato, a poucos homens seletos. Há uma certa liberdade na apreensão da palavra, mas ela não é totalmente arbitrária: A(o) fiel precisa ficar dentro de certos limites na sua interpretação da palavra; caso contrário, ela(e) está “fora da doutrina”. Isso se torna muito claro na segunda parte da pregação do cooperador Leo como veremos mais adiante.

Na primeira parte da pregação, o dirigente do culto faz expressamente referências ao bairro em torno da igreja e sua carência de infraestrutura – é a única vez que isto acontece em todos os cultos da noite a que assisti nesta casa de oração. Quando promete melhorias para os bairros carentes próximos à casa de oração e afirma que “Jesus Cristo é o dono desta cidade”, o murmúrio da irmandade fica mais alto.- Já no encontro de jovens e menores na tarde deste domingo, o dirigente visitante (irmão do cooperador de jovens e menores da casa de oração do Jandaia) fazia referências à carência do bairro.

Como no encontro de jovens e menores, também no culto da noite, as melhorias do bairro que Deus vai trazer têm apenas a função de ilustrar que Deus age a favor do crente – assim pelo menos parece. Acredito, porém, que a afirmação que Deus vai trazer melhorias para o bairro insere, no discurso do dirigente, a solução para o problema, já visto, do monoteísmo que Deus é representado como todo-poderoso, mas acaba sendo distante dos problemas do cotidiano.¹¹³ Deus aqui é representado como eficiente nas coisas pequenas do cotidiano. Sem estas referências à eficácia de Deus no cotidiano, o discurso e o culto da Congregação perderiam a relevância para os fiéis; sem as referências à doutrina, o culto perderia a ligação com o quadro ou a moldura da tradição da Congregação.

Por isso, o discurso do dirigente do culto se volta agora à exposição da doutrina da Congregação. O pregador expõe a doutrina da Congregação com respeito à família, dirigindo-se às irmãs - fisicamente, posicionando seu corpo para o lado das mulheres, e pelo vocativo: “viu, irmã!” Evidentemente, há mulheres na Congregação que se separaram ou pensam em se separar dos seus maridos não convertidos, alegando como motivo obediência a Deus. O

¹¹² Uso a palavra “iluminismo” aqui no sentido que Léonard Ihe dá no livro *O iluminismo num protestantismo de constituição recente* (1988; o original em francês foi editado no ano 1952). Ele entende por iluminismo certo misticismo ou iluminação interior, “uma abertura para a captação direta das revelações divinas,” (1988:6) que faz as revelações individuais prevalecerem sobre a revelação escrita. Entre as igrejas pentecostais, considera o autor, “mais originais se mantiveram as Congregações Cristãs”, por causa do seu iluminismo ou “preponderância da inspiração direta”. (1988:78).

¹¹³ Já vimos antes que os testemunhos cumprem a mesma função.

pregador declara categoricamente que divorciar-se é desobediência a Deus, porque “Deus não quer a divisão, mas a união”, e foi Deus mesmo que construiu o casamento.¹¹⁴ O único remédio é muita paciência e a oração, porque sobre problemas familiares deve se falar somente com Deus. Pela expressão corporal e pela fala do pregador é insinuado, portanto, que são as mulheres que querem se separar dos maridos (e não vice-versa), e são as mulheres que costumam conversar com outros sobre sua família. Na construção de gênero, portanto, estas duas culpas são atribuídas às mulheres.

Outro problema tratado (agora o pregador volta a se posicionar diante dos dois lados, das mulheres e dos homens) são filhos que desprezam seus pais por chegarem na velhice, desrespeitando os “servos de Deus”. Tanto eles como as mulheres nas condições citadas anteriormente estão “fora da doutrina”, “fora da palavra”, e para eles “não tem salvação”: as fronteiras do “dentro” e do “fora” são desenhadas com força, triplamente.- Mais ainda, o pregador afirma que a luta não é contra o marido ou os filhos, mas sempre quando o crente é perseguido, é o próprio diabo que provoca a perseguição. Este recurso ao diabo, que pode ser definido como uma apreensão específica da realidade pela Congregação Cristã (e do pentecostalismo em geral), é um poderoso meio para rearticular a experiência do ou da fiel – processo que acontece no ritual e que é, como argumentei acima, uma reorganização da relação entre o sujeito e a realidade. Pelo dispositivo do diabo, o perseguidor é representado como vítima das armadilhas do diabo, mais fraco do que este. O ou a fiel, ao contrário, deixa de ser vítima e se torna, pela força do Espírito Santo, mais forte do que diabo e o perseguidor. Libertada das tramas do diabo, a irmã da Congregação agora pode agir e reagir de forma soberana, com paciência e orando pelo perseguidor (superioridade moral e simbólica).

A irmã tem a certeza que ela recebe a força do Espírito Santo no momento em que ela veste o véu. A ação simbólica de vestir o véu não expressa na Congregação Cristã, ao meu entender, de forma alguma submissão ao homem, como alguns autores afirmam (Cucchiari 1990; Gouveia 1986), mas, ao contrário, apenas respeito e submissão ou obediência (palavra-chave na Congregação Cristã) diante de Deus – expressão corporal realizada numa irmandade que é *toda* (também os homens) submissa a Deus; e é justamente a submissão ou obediência a Deus que dá poder à irmã da Congregação diante do marido e lhe dá força de lidar com seus maus tratos de uma maneira nova. Vemos aqui como o simbolismo ritual opera com os dois elementos da realidade e do *self*, reorganizando (representações de) “realidade” e ao mesmo

¹¹⁴ A Congregação Cristã (2002:15) só permite divórcio em caso de infidelidade. Lê-se no resumo da convenção: “Infidelidade matrimonial - Se alguns dos cônjuges tornar-se infiel ao matrimônio, deixa-se a decisão do caso a critério da parte ofendida, pois a lei de nosso país permite divórcio a vínculo, que somente nesse caso Deus permite (S. Mateus 19:9). O pecador será excluído da comunhão com os fiéis.”

tempo reorganizando (representações de) o *self*.¹¹⁵ Uma determinada visão (ou releitura ritual) da realidade emerge de uma certa experiência (reformulada pelo ritual) do *self*; um certo senso do *self* emerge de uma determinada experiência de realidade.

O *self* da irmã da Congregação é, portanto, reformulado pelo ritual: se antes o marido era o perseguidor e ela a vítima, agora o marido é a vítima do diabo, enfraquecido pelo pecado, enquanto ela, por pertencer ao povo eleito, ser filha de Deus e ter o Espírito Santo, ganha uma nova dignidade, dignidade que o marido lhe negou: o ritual representa a irmã como sendo mais forte do que seu marido não convertido. O limite deste poder dado pelo Espírito Santo (simbolizado no revestimento com o véu) é, porém, a virtude da irmã da Congregação: ela não é rebelde, mas tem paciência e ora pelo marido e, como vimos, em hipótese alguma (ou somente na hipótese da infidelidade matrimonial, e mesmo assim só se for confirmado pelos “servos de Deus” homens, os ministros) pode separar-se dele. O processo ritual da Congregação abre a possibilidade da reformulação do *self* da irmã, dando-lhe poder, enquanto a tradição do modelo de virtude da irmã estabelece os limites desta reformulação, indicando fronteiras que não podem ser ultrapassadas, sob pena de a irmã ficar “fora da doutrina”, “fora da palavra”, e para ela “não ter salvação”.

Há, porém, ambiguidades no discurso do pregador. A insistência na necessidade da “paciência” não combina com o Deus que age “aqui e agora”; este é invocado de novo pela promessa que “Deus vai mandar o diabo hoje à noite embora da sua casa”. O diabo está presente na perseguição por parte do marido, ou no próprio desejo de se separar dele? A oscilação entre a necessidade da longa paciência e a promessa que Deus vai fazer um milagre “hoje à noite” abre um amplo campo de ambiguidades e maneiras de agir no cotidiano por parte dos fiéis. O dirigente do culto, no final de sua pregação, indica o limite destas ambiguidades: “Não sai do abrigo. Não sai desta casa.” Estas palavras advertem o fiel a fixar-

¹¹⁵ As mulheres entrevistadas deram pouquíssimas informações a respeito do véu para elas. Talvez não seja costume falar a respeito a um estranho como eu. Mas parece seguro afirmar que o véu caracteriza a relação com Deus, e não com o marido ou os homens em geral. Na minha visita à reunião da mocidade no Jardim dos Eucaliptos, o ancião Natal Manoel Bordelli, ancião da casa de oração do Jd. Transilvânia, está dirigindo o culto. Ele, ao conversar com os e as jovens sobre o texto bíblico de Gen 24,65, afirmou que Rebeca tomando o véu e cobrindo-se, é imagem da igreja como noiva que espera pela vinda do seu noivo amado, Jesus. Neste sentido, o uso do véu seria um sinal de eleição.- Gouveia (1986) liga a obrigação de vestir o véu ao *status* inferior da mulher na Congregação.- Também para McGuire, “a segregação e o uso do véu comunicavam claramente seu *status* inferior” (2002:133).- Conforme Abu-Lughod (1999), entre os muçulmanos beduínos o véu é central para a modestidade e a honra, simboliza deferência à hierarquia (por isso é vestido diante de homens hierarquicamente superiores, mas não diante de empregados) e o *status* de casada. A autora percebeu que o uso do véu cresceu recentemente, não no sentido de uma retraditionalização, mas porque as aldeias beduínas se tornaram mais globais, com uma maior presença de estrangeiros, diante dos quais o uso do véu é obrigatório. Na pesquisa de Zuhur (1992), jovens muçulmanas no Egito que enfatizam a utilidade de normas morais para agir como controles sociais favorecem o uso do véu no sentido da afirmação da própria identidade contra a decadência dos padrões ocidentais de sexualidade, ligada aos fenômenos de crime e uso de drogas.

se na Congregação Cristã. O pregador sabe que muitos que o ouviram têm uma trajetória religiosa, conheceram a Congregação dentro de sua mobilidade religiosa. Saindo da casa de oração, na vida cotidiana vão passar em frente de muitos outros templos que os convidam, encontrar e conversar com pessoas de outros credos religiosos. O espaço da vida cotidiana não é um espaço impregnado e marcado pela memória religiosa coletiva da Congregação; por isso, há a necessidade do fiel fixar sua memória religiosa na corrente desta e assentá-la na própria mente.

Segue o momento da oração de agradecimento: todos se ajoelham para procurar a face do Senhor. A expressão corporal, realizada por toda a irmandade, inclusive o pregador, expressa submissão diante de Deus. Expressa submissão passiva também diante da palavra revelada por Deus na fala do pregador? Lembramos que os membros da Congregação Cristã não distinguem entre a leitura bíblica e a pregação sobre esta. O interesse da instituição deve ser este mesmo, sendo a expressão corporal da submissão por ajoelhar-se um poderoso recurso da manutenção da tradição e da adesão a esta.¹¹⁶ O indivíduo, porém, pode ajoelhar-se expressando sua submissão àquilo que entendeu como vontade divina, a partir de sua própria procura. Lembramos que a apreensão da palavra não é passiva, mas ativa.- A *fala* da oração, neste momento, é claramente direcionada: só se permite agradecimento ou falar em línguas, mas em hipótese alguma crítica à pregação. Assim, o momento da oração tem a função de demonstrar a adesão da comunidade à palavra revelada, além de afirmar que Deus realmente esteve presente neste culto. No fim da oração, há a confirmação de todos: o dirigente do culto diz: “Deus seja louvado”, e toda comunidade responde “Amém.”

Em seguida, todos se levantam para cantar o hino de encerramento. A irmandade sabe que as palavras do pregador: “Não sai do abrigo. Não sai desta casa” não podem ser levados ao pé da letra; é hora de voltar para casa, e as ruas da região são perigosas à noite. Por isso, o canto final promete a proteção contra os perigos e as tentações (“Cristo Jesus, o divino Pastor, sempre de ti cuidará”).

Segue a bênção final, único momento em que o dirigente do culto assume uma expressão corporal ritual diferenciada da comunidade, erguendo as mãos, mas deixando-as encostadas no corpo, pedindo a bênção e paz de Deus sobre todos.

As irmãs e os irmãos saem dos bancos. Muitos estão sorrindo, dão-se as mãos e o ósculo (homens para homens e mulheres para mulheres). Enquanto todas as outras expressões

¹¹⁶ Na Congregação Cristã, a expressão corporal de ajoelhar-se, assim como vestir o terno e a gravata (homens) ou o véu (mulheres), pode ser visto como ato ritual. Ato rituais têm maior eficácia na reprodução da tradição do que o próprio discurso.

corporais (levantar, ajoelhar, sentar) expressaram a relação do(a) fiel com Deus, este momento, imediatamente antes de cada um voltar para sua casa, é o único em que os irmãos e as irmãs expressam corporalmente sua relação um com o outro. As mulheres demoram um pouco mais para sair dos bancos, tirando o véu, colocando-o na bolsa e conversando. Os homens já saem, muitos para abrir as portas do carro para a família entrar nele. Enquanto a orquestra toca mais uma estrofe instrumental, alguns homens entram na igreja com a vassoura na mão. Este serviço de limpeza no fim dos cultos sempre é feito por homens; sendo a limpeza da casa culturalmente uma atribuição feminina, o fato de ela ser feita pelos homens deve aumentar a autoestima das irmãs e contribuir para a construção de um novo *self*, que inclui uma nova dignidade que lhes é negada no dia a dia.

Concluindo a análise do processo ritual, foi demonstrado que o simbolismo e as falas no processo ritual ocorrem em mais do que um único nível, tendo algumas (dos hinos e do irmão em posição central) a função de transmitir e manter a tradição religiosa da Congregação e a ordem cultural e social, enquanto outras (especialmente de irmãs em posições mais periféricas) acabam questionando a ordem cultural e social, de certa maneira invertendo-a ou revertendo-a, sem possuir, porém, no sistema ritual conceitos ou códigos que permitam uma elaboração mais aprofundada.

4.3.3 O culto e a articulação da identidade religiosa

Procedo, nesta parte, com a análise do culto da Congregação Cristã a partir da perspectiva da transmissão religiosa por duas correntes de memória. Em seguida, analiso como o culto articula e tenta manter coesos os quatro lados da identidade religiosa.

4.3.3.1 As duas correntes da memória na Congregação Cristã

Vimos, no capítulo primeiro, que o rito é o dispositivo de reprodução institucional da religião por excelência, lugar no qual se processa a elaboração de sua cadeia de memória e acontece a transmissão institucional religiosa. A instituição deve balancear, no rito, o espaço livre e o enquadramento simultâneo, a personalização e a universalização. Vimos também que a memória da igreja é assegurada por duas correntes: uma corrente dogmática e uma corrente que Halbwachs chama de “mística” e que eu chamaria de “místico-pragmática”, a primeira ocupando o polo racional e a segunda o polo afetivo. O ministério ordenado assegura a memória pelo dogma do qual é o garante, afirmando que se pode entender o ensinamento do

passado ainda hoje, e apoiando-se na tradição como corrente de memória construída ao longo do tempo. Vimos que sua memória religiosa é uma reconstrução do passado em função do presente do grupo, mesmo que ele não a perceba como uma reconstrução e, pelo contrário, aposte na sua total e invariável continuidade. Os fiéis, místicos e pragmáticos, ocupam o polo afetivo da memória e utilizam os quadros oficiais da igreja para reviver diretamente seu objeto, reconstruindo o passado em função das suas carências e exigências afetivas.

Na Congregação Cristã, a diferença entre o polo racional e o polo afetivo se efetiva nos momentos de pregação e dos testemunhos. Enquanto a pregação é feita a partir de um lugar privilegiado e mais alto (púlpito e tribuna, separados por corrimão), cujo acesso é restrito ao dirigente do culto e ao pregador (muitas vezes idênticos), as testemunhas falam a partir de um lugar subalterno.

Halbwachs se debruçou durante trinta anos sobre a memória social. Ao longo deste percurso, ele desenvolveu, conforme Namer (1987 e 2000), dois sistemas de memória social. Halbwachs expõe o primeiro sistema da memória nos *Quadros sociais da memória* (1925): Contra a teoria da memória como memória individual, desenvolvida por Bergson, Halbwachs conceitua a memória como coletiva, como memória de um grupo. O paradigma desta memória é a história da jovem escrava esquimó, encontrada num bosque de perto de Châlons em 1731, que se lembra da sua sociedade de origem apenas quando imagens e objetos dela lhe são mostrados.

No primeiro capítulo de *Les Cadres sociaux de La mémoire*, o grupo é o suporte das referências compartilhadas no quadro da memória (1994:140ss). Esse grupo é real, concreto e possui capacidade de lembrar. (RIVERA 2001:32)

Nos capítulos seguintes, Halbwachs irá analisar os quadros sociais de três grupos: a memória familiar, religiosa e de classe. Nunca, porém, pertencemos a apenas um único grupo; já nos *Quadros sociais da memória* Halbwachs admite: "Porém, pertencemos simultaneamente a vários grupos." (1994:138)

Esta idéia é desenvolvida por Halbwachs no seu segundo sistema de memória, em fragmentos escritos ao longo de vinte anos e reunidos no livro póstumo *A memória coletiva*. O paradigma deste segundo sistema de memória é a história do solitário de Londres, que, passando pelas ruas e pontes da cidade, é perpassado por correntes de memória, mesmo na ausência dos outros. Cada indivíduo é o ponto de cruzamento de correntes de memória:

O que acontece é que na realidade nós não ficamos jamais sós. E para isso não é necessário que os outros estejam conosco, distinguindo-se materialmente de

nós, porque carregamos sempre conosco e em nós uma quantidade inconfundível de pessoas. (1997:52)

Halbwachs elabora o segundo sistema de memória pensando-o como superação do primeiro sistema. Defendo aqui a hipótese que no culto da Congregação Cristã há um confronto entre a memória coletiva como fixada num grupo (primeiro sistema) no momento da pregação e a memória individual como cruzamento de correntes de memória (segundo sistema) no momento dos testemunhos, me apoiando numa frase do próprio Halbwachs: “A memória do grupo religioso, para se constituir, tem de impedir que outras memórias se formem ou se desenvolvam em torno dela.” (1994:193) Halbwachs diz por isso que a memória religiosa é uma “memória de combate”.

Considero os testemunhos no rito da Congregação um lugar de correntes de memória cruzadas, conforme o segundo sistema de memória, das quais a memória religiosa específica da Congregação é apenas uma. Os testemunhos trazem justamente o desafio das carências de sentido da atualidade para dentro das correntes eclesiais de memória. Nos testemunhos se cruzam as memórias dos vários grupos aos quais os indivíduos pertencem, o que, como vimos, foi reconhecido por Halbwachs já nos *Quadros sociais da memória*: "Porém, pertencemos simultaneamente a vários grupos." (1994:138) Nos testemunhos, aparecem cenas da memória religiosa misturada livremente com a memória familiar, de trabalho, da convivência com vizinhos etc. Assim, a mulher solteira trabalhadora, autônoma e independente, que lembra um assalto como cena da sua memória de trabalho como cobradora no ônibus, ocasião na qual ela orou e lembrou um hino da Congregação, é uma fiel corajosa, mas não corresponde ao ideal tradicional da mulher na Congregação. O homem que fala no seu testemunho da Bíblia católica da mãe na sua casa, conta uma cena da memória familiar, cuja tradição é inadequada dentro do rito da memória religiosa da Congregação que é uma memória de combate que desqualifica as outras religiões. A transmissão destas memórias não religiosas, que se cruzam no indivíduo com a memória religiosa da Congregação, constitui um dos espaços livres no rito da Congregação Cristã. Há espaço livre para estes testemunhos, mas eles acontecem antes da pregação, e nela sofrem um enquadramento institucional e são corrigidos.

Por isso, acredito que pode-se dizer que na Congregação Cristã o culto é um quadro social da memória indispensável no sentido que não chega a ser substituído por correntes de memória, dadas as características do grupo de ser um pentecostalismo protestante de “memória forte”. Reafirmo aqui a hipótese que caracteriza a Congregação Cristã como *pentecostalismo protestante*, uma vez que também historicamente ele se encontra como

articulação entre os dois (no sentido das articulações do corpo, como o joelho e o cotovelo). Enquanto o protestantismo tem “memória forte”, o pentecostalismo, em geral, é de “memória fraca”, como Rivera mostra em vários lugares (2000, 2001, 2002a, 2002b, 2005a, 2005b). A “memória forte” da Congregação Cristã seria, portanto, herança (ou elemento presente) protestante nela e faria dela um pentecostalismo atípico ou *sui generis*.

A pregação não é lugar de correntes de memórias cruzadas, mas da transmissão da memória coletiva fixada no grupo religioso da Congregação Cristã, correspondendo ao primeiro sistema de memória de Halbwachs. Esta memória absolutiza e monopoliza o passado, a custo de perder o elo com as significações de um presente sempre mais móvel e assim “saindo” da sociedade. Exemplos disso são o silenciamento da mulher que trabalha e não aparece na pregação, e a imagem da família tradicional - mulher submissa ao marido; filhos submissos ao pai – como hoje ela dificilmente se encontra na periferia, em áreas da alta vulnerabilidade social onde a regra são mães solteiras e casais que vivem amigados, frequentemente com filhos de várias relações anteriores.

Já vimos que, enquanto as falas dos irmãos hierarquicamente mais centrais têm a função de transmitir e manter a tradição religiosa da Congregação e a ordem cultural e social, as falas de irmãos e irmãs em posições mais periféricas acabam questionando a ordem cultural e social, de certa maneira invertendo-a ou revertendo-a. Observamos também que estas falas periféricas não encontram no sistema ritual da Congregação Cristã conceitos ou códigos que permitam uma elaboração mais aprofundada, e acabam sendo enquadradas e corrigidas pela pregação, sempre posterior aos testemunhos. Se Halbwachs escrevia que teria uma necessidade de negociação entre a memória dogmática e memória mística, percebe-se que, na Congregação Cristã, há pouca negociação no culto: nele, o polo dogmático se impõe.

Deve ser anotado que não somente no culto, mas igualmente em conversas informais em outros espaços, o pregador como representante da tradição e do dogma não é confrontado ou contestado pelos fiéis. O revestimento divino da fala do pregador como fala de Deus é aceito até por mulheres localizadas na periferia da Congregação que questionam outros aspectos desta. Ancião e cooperador possuem um enorme prestígio entre os fiéis, construído mesmo em conversas fora da Casa de Oração. O revestimento de sua voz no culto, na hora da palavra, como voz divina funciona mesmo na Congregação Cristã. Ele, porém, encontra um limite, por não ser a única via que Deus utiliza para falar no culto: Deus se comunica também diretamente ao (à) fiel em oração.

4.3.3.2 O culto e os quatro lados da identidade religiosa na Congregação Cristã

Será brevemente analisado como o culto da Congregação projeta alimentar ou sustentar os quatro lados da identidade religiosa, apresentados no capítulo primeiro. A maneira como os sujeitos constroem a memória da sua trajetória religiosa e sua identidade religiosa será um dos temas do próximo e último capítulo.

Como já vimos, o culto da Congregação Cristã consiste de quatro elementos principais: seis hinos (20 a 25 minutos), duas orações (5 a 10 minutos), os testemunhos (normalmente, 20 a 40 minutos) e o momento da palavra (20 a 40 minutos). Dois destes elementos sustentam simultaneamente os quatro polos - emocional, ético comunitário e cultural - da identidade religiosa.¹¹⁷ Os hinos (p. ex. “somos a nação abençoada”), executados por “especialistas” (os músicos) junto à comunidade, reforçam ao mesmo tempo o “nós” (polo emocional) e o singular e particular (“povo eleito”, “nação abençoada”). As promessas de “vestir o galardão” são para aqueles que perseveram até o fim (polo ético). Ao mesmo tempo, o fiel é inserido na tradição do hinário, que não sofreu nenhuma alteração há mais de quarenta anos e, junto com os instrumentos da orquestra, pode ser considerado um bem cultural próprio do grupo de razoavelmente longa duração. O outro elemento é a palavra, dirigida por um ministro ordenado. O conjunto das pregações que ouvi em mais de quarenta cultos sustenta igualmente os quatro polos. Evidentemente, pode haver variações de um pregador para outro, ou de uma noite para outra, mas acredito que o conjunto das pregações que presenciei sustenta os quatro polos de uma maneira equilibrada.¹¹⁸ Estes dois momentos já constituem normalmente dois terços do culto e não são produzidos pelo conjunto dos fiéis (com exceção do ato de cantar os hinos). Creio que é justamente nos elementos produzidos pelos fiéis (as duas orações e os testemunhos que, juntos, somam aproximadamente um terço do tempo do culto) que há um peso maior nos polos emocional e comunitário, e mesmo assim deve se levar em conta que tanto a produção da oração como dos testemunhos leva em conta o “roteiro” previsto pela cadeia de memória da Congregação (polo cultural), às vezes explicitamente lembrados pelo dirigente do culto: a primeira oração deve pedir a presença do Espírito Santo e o bom andamento do culto, e a segunda oração agradecer pelo bom andamento deste. Já os

¹¹⁷ O polo ético, ao meu ver, tem na Congregação Cristã uma conotação particular. Seguindo a tradição de Calvino, a Congregação Cristã coloca em destaque a consciência individual, como iremos ver também na discussão das trajetórias individuais. Não vejo, porém, que ela pretende seus valores como universais: eles são validados no culto para seus fiéis, e não para aqueles que não fazem parte do “nós” – estes são considerados “cães”.

¹¹⁸ Nas reuniões de jovens e menores, e na reunião da mocidade, há claramente um peso maior no polo cultural: estas reuniões têm evidentemente a função de introduzir e fixar os jovens e a mocidade na memória e nos saberes da Congregação Cristã. Esta fixação já parece pressuposto no culto da noite que se dirige aos adultos.

testemunhos devem ter a estrutura de toda propaganda religiosa: experiência de uma desgraça, calamidade ou carência, ou a percepção de estar num estado de desgraça; a experiência da poderosa presença de Deus; e a promessa de salvação, ou resolução do problema. Esta afirmação é a promessa de toda religião. Isto quer dizer que o sentido dos testemunhos é institucionalmente pré-configurado. A memória individual, relatada nos testemunhos, é invocada dentro dos quadros sociais da memória da Congregação. Os testemunhos são narrativas codificadas e convencionalizadas. Todos os quatro elementos, portanto, alimentam, sustentam e como que soldam o polo emocional (a consciência afetiva e efetiva do nós) e o polo comunitário (a singularidade da Congregação: a salvação existe *somente* aqui).

4.4 Conclusão

O espaço do culto na Casa de Oração do Pq. Jandaia, recentemente construída, mostra alterações em relação às casas de oração mais antigas, especialmente no que diz respeito às janelas, mas preserva no seu interior a racionalidade objetiva e clara, quase sem enfeites e decorações, tipicamente calvinista.

O exame dos atores nos espaços físicos e hierárquicos diferenciados que ocupam demonstrou que a Casa de Oração possui espaços físicos hierarquicamente diferenciados, ocupados por atores de desigual prestígio que se relacionam e comunicam a partir destes espaços físicos e hierárquicos diferenciados. Suas falas trazem, portanto, a marca da posição social e de prestígio que ocupam no conjunto. Os discursos periféricos (testemunhos) são subordinados ao discurso central (pregação) que lhes indica seu lugar e pode enquadrá-los e corrigi-los; aqueles podem até escapar das regras estabelecidas por este, mas não contestá-lo abertamente.

A análise do processo ritual demonstrou que o simbolismo e as falas no tempo ritual ocorrem em vários níveis simultaneamente. Enquanto os hinos e a fala do irmão em posição central (dirigente e pregador) transmitem e mantêm a tradição religiosa da Congregação e a ordem cultural e social, outras (especialmente de irmãs em posições mais periféricas) acabam questionando esta ordem. Elas não encontram, porém, no sistema ritual conceitos ou códigos que permitam uma elaboração mais aprofundada.

Quanto à questão como o culto articula os quatro lados da identidade religiosa na Congregação Cristã (polos emocional, cultural, comunitário e ético), viu-se que os quatro elementos principais do culto da Congregação (hinos, orações, testemunhos e o momento da

palavra), alimentam, sustentam e como que soldam o polo emocional (a consciência afetiva e efetiva do nós) ao polo cultural (memória do grupo) e o polo comunitário (a singularidade da Congregação: a salvação existe *somente* aqui) ao polo universal (consciência individual). Enquanto os hinos e a pregação sustentam os quatro polos de uma maneira equilibrada, os elementos produzidos pelos fiéis (as duas orações e os testemunhos) colocam um peso maior nos polos emocional e comunitário.

Resumindo, a Congregação Cristã assegura no culto a regulação das tensões entre os quatro polos da identidade religiosa colocando-as sob o controle da dominação de suas lideranças, legitimada pela tradição. Mas qual é o ponto de vista dos sujeitos? O que eles falam sobre sua experiência do culto? Como eles constroem sua trajetória religiosa? Até onde o culto consegue influenciar a visão de mundo e o *habitus* dos seus membros? Como eles convivem entre si e com seus vizinhos, e de quais redes sociais participam? Estas perguntas o quinto e último capítulo se propõe responder.

5 Capítulo V:

Os sujeitos membros da Congregação Cristã, homens e mulheres, em situações diferenciadas de vulnerabilidade

Este capítulo se propõe analisar o material etnográfico recolhido entre homens e mulheres membros (dois são ex-membros) da Congregação Cristã em situações diferenciadas de vulnerabilidade social, agrupando-os em três conjuntos: moradores de áreas de vulnerabilidade social baixa ou muito baixa, moradores de áreas de vulnerabilidade social média, e moradores de áreas de vulnerabilidade social muito alta. Qual é sua trajetória de migração? O que eles falam sobre o culto? Como eles começam a fazer parte da tradição religiosa da Congregação Cristã, e como participam de sua transmissão? Até onde esta tradição consegue produzir sua subjetividade, definida como configuração complexa de percepção, afeto, pensamento, desejo e medo, e como eles constroem sua trajetória religiosa? Como eles convivem entre si e com seus vizinhos, e de quais redes sociais participam? Uma vez que desconheço outro material etnográfico a respeito, considero minhas entrevistas *explorativas* e desenvolvo, a partir de sua análise, na discussão dos dados conclusões que devem ser confirmadas por outras pesquisas. No exame da fala dos e das entrevistados, categorias de análise apresentadas no primeiro capítulo, tanto dos quadros sociais da memória e das correntes de memória, assim como da identificação religiosa (os quatro lados da identidade religiosa) e das redes sociais (forma de associativismo; centralidade da pessoa; estrutura de oportunidades) serão retomadas. Duas categorias de análise que considero necessárias para a elaboração deste capítulo, *subjetividade* como culturalmente construída e *disciplina*, serão ainda brevemente conceituadas.

Weber (2004) discute como o protestantismo formou a consciência e subjetividade de sujeitos da modernidade emergente. Partindo da doutrina calvinista da predestinação e do pressuposto da retirada e consequente inacessibilidade de Deus, Weber argumenta que o protestantismo calvinista introduziu gradualmente nos seus sujeitos crentes uma estrutura particular de sentimentos. Cito mais uma vez:

Ora, em sua desumanidade patética, essa doutrina não podia ter outro efeito ... senão este, antes de mais nada: um sentimento de inaudita *solidão interior do indivíduo*. ... Esse isolamento íntimo do ser humano explica a posição absolutamente negativa do puritanismo perante todos os elementos de ordem sensorial e *sentimental* na cultura e na religiosidade subjetiva – pelo fato de serem inúteis à salvação e fomentarem as ilusões do sentimento e a superstição

divinizadora da criatura – e com isso fica explicada a recusa em princípio de toda a cultura dos sentidos em geral. (2004:94ss)

Weber ilustra como o protestantismo intensifica a ansiedade e o medo religioso passo por passo. O calvinismo vai abolir a confissão dos pecados, meio para uma descarga periódica do sentimento emocional da culpa, e coloca o indivíduo na situação insustentável de ter uma sina predestinada sem nenhum meio de descobrir qual seria esta sina. Comenta Ortner (2006:115; destaque meu):

Toda estratégia de Weber para construir o elo entre o Protestantismo e o “Espírito do capitalismo” consiste em demonstrar como doutrinas e práticas protestantes específicas tanto induziam estas ansiedades e medos como prescreviam suas soluções. As soluções - atividade mundana intensa e conduta (nos negócios mundanos) que servia para aumentar a glória de Deus, assim como autocontrole sistemático e outros - do seu lado, não só produziam um certo tipo de sujeito religioso mas, argumenta Weber de maneira célebre, igualmente um sujeito capitalista emergente. Não vou continuar seguindo o argumento weberiano a respeito desta conexão. *Meu ponto aqui é simplesmente que este sujeito culturalmente e religiosamente produzido é definido não somente por uma posição particular numa matriz social, econômica e religiosa, mas por uma complexa subjetividade, um complexo conjunto de sentimentos e medos, que são centrais ao argumento como um todo.*

A questão da formação de subjetividades, assim entendida, difere, conforme a autora (2006:114), de

formas de análise cultural contemporâneas, frequentemente inspiradas por pensamentos foucauldianos ou outras linhas de pensamento pós-estruturalistas que enfatizam como discursos constroem sujeitos e posições subjetivas. ... Mas os sujeitos em questão nestes tipos de análise são normalmente definidos em termos de localizações políticas (normalmente subordinadas) e identidades políticas (normalmente subordinadas) - subalternos (no sentido colonial), mulher, o outro racializado etc.

Eu me proponho pesquisar, portanto, até que ponto a Congregação Cristã, que em parte tem fortes traços do protestantismo calvinista, é capaz de produzir culturalmente e religiosamente sujeitos definidos não somente por uma posição particular numa matriz social, econômica e religiosa, mas por uma complexa subjetividade, um complexo conjunto de sentimentos específico conforme a sua tradição religiosa.

Considero que o conceito de subjetividade, e especialmente de subjetividade produzida, desenvolvida por Ortner, vai ao encontro do conceito de memória como Halbwachs (1997) a entende: também esta é socialmente produzida, é antes *memória coletiva*, e cada memória individual é *um ponto de vista da memória coletiva*. À incapacidade da instituição de

(re)produzir nos fiéis a corrente de memória, corresponde a incapacidade da instituição de produzir a subjetividade dos indivíduos; à pulverização das correntes de memória por um número infinito de memórias que se cruzam no indivíduo, corresponde um sujeito relativamente autônomo diante das produções religiosas e culturais.

A outra categoria de análise que deve ser brevemente conceituada é a *disciplina*.

Gorski (2003) defende que a emergência do Estado moderno não pode ser explicada apenas pelos dois processos da revolução militar do século XVI e da revolução burguesa dos séculos XVII e XVIII, mas que deve ser levado em conta um terceiro fator: a revolução disciplinar desencadeada pelo protestantismo. Ele considera o protestantismo calvinista mais eficaz no disciplinamento social do que o catolicismo e o luteranismo pela intensidade daquele. Para o autor, tão importante como a doutrina da predestinação foi no calvinismo outro sinal de salvação, a justificação, entendida como processo pelo qual o fiel se torna capaz de viver em perfeita obediência à vontade de Deus:

Crescimento espiritual, acreditava Calvino, foi manifestado alcançando uma obediência “voluntária” e “interior”, uma harmonia entre moralidade e desejo. Portanto, pode-se dizer que o Calvinismo não continha somente uma ética de trabalho, mas também uma ética de autodisciplina. ... Deve ser ressaltado que disciplina foi central não somente à espiritualidade calvinista, mas também à compreensão calvinista da Igreja. De fato, quando Calvino usava a palavra *disciplina*, ele a usava em relação à Igreja, não ao fiel individual. Para ele, uma Igreja disciplinada (*église dressée*) era uma congregação que forçava obediência à lei divina entre os seus membros. (GORSKI 2003:20)

Já foi visto na etnografia do culto da Congregação Cristã que ele é um dois mais ordenados e disciplinados no campo pentecostal, no qual o Espírito Santo costuma agir dentro do culto como elemento caótico. Retenho aqui a ideia de Gorski que a disciplina na Congregação Cristã não se refere em primeiro lugar ao indivíduo, mas a uma *Igreja disciplinada*, uma congregação que alcança uma obediência “voluntária” e “interior”, uma harmonia entre moralidade e desejo.

Ressalto ainda que como método de análise das entrevistas não foi utilizado nenhuma técnica específica, como análise de discurso ou análise de conteúdo. Como procedimento escolhi a técnica clássica antropológica e etnográfica de elaborar a partir do planejamento da entrevista e do material colhido, unidades temáticas, atribuí-las às partes das entrevistas e reagrupar estas conforme a perspectiva em foco do pesquisador para fins comparativos.

Fiz onze entrevistas, das quais dez foram entrevistas individuais e uma foi coletiva (uma família de quatro pessoas; o filho mais novo falou muito pouco). Das quatorze pessoas entrevistadas, sete são homens e sete são mulheres. Sete pessoas foram entrevistadas na sua casa, uma na casa de um amigo, uma no escritório, na presença de sua família, três no barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes, e dois nos arredores da casa de oração pesquisada. Cinco entrevistas foram realizadas em São Bernardo do Campo, cinco em Diadema, e duas em Santo André. Doze entrevistados participam ou participaram da casa de oração pesquisada, dois não a conhecem e participam (ou participaram) em outra casa de oração. Três tinham no momento da entrevista 21 anos ou menos, três acima de 60 anos, e oito tiveram uma idade entre 30 e 60 anos (três entre 30 e 39, três entre 40 e 49 e dois entre 50 e 60 anos). Dez são casados, uma é mãe solteira, e os três jovens (21 anos ou menos) são solteiros. Cinco dos sete homens entrevistados são músicos, um é porteiro e dois são amigos pessoais de um “ancião”, no sentido do cargo na CCB.

As sete pessoas que me convidaram para realizar a entrevista na sua casa ou no seu apartamento vivem em áreas de vulnerabilidade baixa ou muito baixa. Um casal idoso mora no centro de Diadema (vulnerabilidade muito baixa), uma família entrevistada num bairro de vulnerabilidade baixa de Diadema, e um homem, entrevistado em Santo André no seu apartamento, mora também em área de vulnerabilidade baixa. A mulher que concedeu a entrevista no apartamento de um amigo e o homem que entrevistei no seu escritório, na presença de sua família, vivem em áreas de vulnerabilidade média. As cinco pessoas que entrevistei nos arredores da casa de oração pesquisada ou no barracão da Vila Moraes, vivem em área identificada pelo SEADE como de “vulnerabilidade muito alta”. Destes cinco, dois moradores da Vila Moraes moram em barracos de madeira e outro em casa de alvenaria, assim como dois moradores de bairros vizinhos da Vila Moraes. Estas casas de alvenaria, apesar de serem localizadas em área de vulnerabilidade muito alta, se assemelham às residências da baixa classe média. A respeito do item “Cômodos na casa” devo informar ainda que não se perguntou a nenhum entrevistado que tipo de cômodo estava contando; portanto, entrevistados podem ter incluído banheiro e cozinha ou não.

5.1 Moradores de áreas de vulnerabilidade baixa e muito baixa

As personagens

Parentesco	Casal		Família			-
Nome	Ricardo	Jaqueline	Beto	Nádia	Deda e Toni	Dorivaldo
Idade	77 anos	67 anos	49 anos	44 anos	21 e 9 anos	64 anos
Estado civil	Casados		Casados		Solteiros	Casado
Moram na casa	6		4			2
Cômodos na casa	6		3 dormitórios, sala, cozinha, banheiro, lavanderia, área			4
Material const	Alvenaria		Alvenaria			Alvenaria
Vulnerab bairro	Muito baixa		Baixa			Baixa
Quantos filhos e seu gênero	8 (5 homens e 3 mulheres)		2 (1 homem e uma mulher)		-	4 filhas
Posição na família	Chefe de família; pai	Esposa do chefe de família; mãe;	Chefe de família; pai	Esposa do chefe de família; mãe	Filhos	Chefe de família; pai
Escolaridade	4ª série	3ª série	1º grau comp	2º grau comp	Gradua. inic e 4ª série	7º série
Profissão	Ferrovário, guarda, pedreiro	Doméstica (em casa)	Depart comercial de vendas	Professora	Assistente de RH	Metalúrgico aposentado
Renda fam em sal min (aprox.)	1 sal min + 4 sal min aluguel (informou renda pessoal)		Acima de 5 sal min			10 sal min
Renda p/capita	2,5 sal min		1,5 sal min			5 sal min
Migrante?	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim
Se for, de onde?	MG – Muzambinho; Campinas; Rio Grande do Sul; Diadema	Bahia (Paratunga)	Paraná	-	-	Ceará; Migra com 8 anos; para Grande São Paulo com 25
Se for, quando migrou?	Há 20 anos	Na adolescência (Idade 15)	-	-	-	1951 e 1969
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	Não	Não	Mãe mineira	Mãe baiana	Neta de imigrantes (lado pai)	Não
Religião do(a)s familiares)	Pai católico não praticante	Católicos não praticantes	Católica	Congregação Cristã	Congregação Cristã	Católicos não praticantes

Quadro 5.1: Moradores de áreas de vulnerabilidade baixa e muito baixa. As personagens

As sete pessoas entrevistadas, das quais uma não conhece a Casa de Oração do Jandaia (Dorivaldo) e um falou extremamente pouco (Toni, de 9 anos), representam três gerações de membros da Congregação Cristã e podem assim indicar mudanças que nela ocorrem entre as gerações.

Ricardo, de 77 anos de idade, é membro da Congregação Cristã há 52 anos. De família de católicos não praticantes, com pouco estudo (4ª série – 1º grau), migra em 1951, com 20 anos de idade, de Muzambinho (Minas Gerais) para Campinas, “trabalhar na estrada de ferro”. Cinco anos depois, conhece a CCB “por intermédio de um amigo que trabalhava

comigo e me convidou pra ir na igreja”. O primeiro contato com o culto da Congregação Cristã é decisivo:

Então quando eu eu cheguei na Congregação viu porteiro lá em pé eu cheguei e falei assim: Boa noite! Aí ele falou assim, boa noite não meu irmão aqui nós não usamos falar, a paz de Deus! Aí ele falou assim: Então fala agora para mim! A paz de Deus! Eu digo: A paz de Deus! Aí ele falou assim amém e me abraçou e me beijou. Aí eu falei assim, nossa Deus o negócio aqui é diferente, aqui é muito bom eu vou ficar por aqui mesmo! Aí eu não voltei mais na igreja católica mais.

Ricardo se batiza logo, e pouco depois está “em missão no Rio Grande do Sul na cidade com nome de Santa Maria.” Em 1961, vai para Diadema acompanhar os últimos dias de vida de seu pai. Pouco depois, a madrasta se muda, e ele fica sozinho. Ele quer voltar para Campinas, mas Deus não confirma: “orei a Deus em casa e fui para Congregação na mesma semana pedi para mudar Deus não me deu ordem, pedi pra uma esposa então para eu casar.” Este pedido é confirmado por Deus, “só que você vai ter que esperar mais um pouquinho porque ele ainda não chamou ela na graça, então ele vai chamar e depois você, depois vai te dar na tua mão.” Ricardo agora já tem 28 anos e começa a ficar impaciente. De fato, o casamento irá se realizar somente quatro anos depois, tempo suficiente para Ricardo conseguir a casa própria:

então deu tempo de comprar terreno, comprar material e construir a casa, uma casa de quatro cômodos com banheiro deu tempo de fazer tudo dentro de cinco meses. Aí eu entrei dentro dessa casa casado e até esses trinta e dois anos de idade quando eu casei é eu pagava aluguel, nunca tive oportunidade nenhuma, e dos trinta e dois anos para cá que já faz quarenta e cinco anos, então aí eu nunca mais paguei nenhum dinheiro de aluguel pra ninguém e a tenho a casa até, e sempre aumentando né.

Com sua esposa Jaqueline, que também ora a Deus para confirmar o casamento (“Ela falou assim: Eu queria falar com você que Deus me confirmou pra mim casar com você”), Ricardo tem dez filhos; dois morrem, e dos oito que estão vivos, seis são da Congregação Cristã. A transmissão religiosa em família, além dos hábitos de um fiel da CCB (p. ex., não tem televisão em casa), consiste em contar na mesa “os testemunhos que eu ouvia na Congregação, os feitos da obra de Deus” e levar os filhos para a reunião de jovens e menores:

Meus meninos eu levei eles tudo pequenininho na igreja junto comigo, eu ia levar eles na reunião de jovens todo domingo, levava meus instrumentos para tocar e trazia eles então eles aprenderam, então quando chegou nos doze, treze anos

assim eles tudo foi para o mundo a molecada, foi jogar bola. Pode ir! No tempo certo Deus te traz!

Ricardo não força o batismo dos filhos; ele os introduz na doutrina, conta as maravilhas que acontecem na obra do Senhor e os leva ao culto; o resto é predestinação (*“No tempo certo Deus te traz!”*) Vários filhos se batizam sem os pais saberem, relatando o fato somente depois como surpresa. Além disso, Ricardo gosta de contar testemunhos para conhecidos que não pertencem à CCB (*“A gente dá uma beliscadinha de vez em quando e vê que ele não gosta e cai fora.”*). A oração é assunto mais privado; orar juntos não é costume do casal, muito menos da família, e só acontece ocasionalmente, quando amigos membros da Congregação Cristã estão visitando a casa.

Ricardo considera que no culto *“a hora mais especial mesmo, a hora mais especial é a hora que tá pregando a palavra, porque, porque tá pregando a palavra e a gente tá sentindo a presença de Deus”*. Esta emoção religiosa não se manifesta exterior ou publicamente, mas é algo interior: *“Como você sente que Deus tá visitando?”* Ricardo: *Olha sente aquele aperto no coração assim, como coisa que dá uma pontadinha dessa assim, o coração do Senhor apertando assim e batendo, batendo, batendo, batendo.”* Conforme Ricardo, Deus lhe revelou a palavra somente uma vez, quando era solteiro ainda, numa reunião para jovens e menores, mas o dirigente do culto não lhe ofereceu a palavra: *“e eu estava ali suando, mais suando, sentado no banco porque Deus estava me visitando, me visitando e ele não me ofereceu.”* Ele não tem dúvidas que o ministério é iluminado pelo Espírito Santo.

Na Congregação Cristã, Ricardo é o encarregado da orquestra da Casa de Oração do Pq. Jandaia, há oito anos. Antes, ele participava com sua esposa da Casa de Oração Diadema Central.

Eu tenho também uma responsabilidade na nossa região de Diadema, eu atendo visita, eu atendo assim, nós somos em quatro para fazer uma reunião de visita na casa do doente, então eu também estou incluído nesses quatro. ... eu tenho ferramenta de barbeiro que eu tirei o diploma de barbeiro, e eu faço assim também essa parte de cortar cabelo, barba dos irmãos nos hospital e vou nas suas casas com quando eles ficam velhinhos. ... Ficam velho, faço o cabelo e a barba deles e quando eles não podem congrega eu levo o hinário canto uns hinos junto com ele nas suas casa

Ele é amigo do ancião desta Casa de Oração e já fez, junto com este, missão na Bahia e em Minas Gerais; o conhece desde os anos 60, quando era ainda cooperador. Este irmão foi junto com ele visitar a família da futura esposa, para pedi-la em casamento. O próprio coordenador da Casa de Oração do Pq. Jandaia, num culto em que estive presente,

testemunhou que Ricardo lhe deu muita força nos seus primeiros anos na cidade de São Paulo, quando perdeu o emprego numa fábrica, e Ricardo o aconselhou se tornar um vendedor ambulante de roupas, o que deu certo. Na Congregação Cristã, Ricardo ocupa, portanto, um lugar bastante central, com funções importantes em duas Casas de Oração. Por sua longa pertença, ele tem uma memória de longa duração, e lembra até os tempos quando a *Reunião para Jovens e Menores*, naqueles anos ainda chamada de *Reunião dos Menores*, era coordenada por uma irmã¹¹⁹:

Até naquele tempo que era em 1956 que Deus me chamou era mulher que presidia. ... Ai depois foi aperfeiçoando, aperfeiçoando a irmã achou que ela não estava certa no lugar dela, porque tá escrito na palavra de Deus que é as mulheres que as mulheres devem ficar em silêncio na igreja e não abrir a boca para falar alguma coisa quer dizer que não podia presidir nada. ... E ela tava presidindo e ela se sentiu acusada! Falou com os anciãos e eles apresentaram um para por de cooperador dos jovens no lugar dela e ela saiu. ... Era esposa do irmão Pedro Ita cooperador naquele tempo.

As mudanças que Ricardo percebe na Congregação Cristã “aperfeiçoam” esta, portanto. Em geral, porém, nada deve mudar (“*acho que tá tudo muito bom, sabe louvado seja Deus.*”) Para Ricardo, não é, porém, a pertença à Congregação Cristã que salva; todos podem ser salvos pela fé em Jesus Cristo.

Ricardo não pertence a nenhuma associação além da Congregação Cristã. Morando há quarenta anos no centro de Diadema, é conhecido e se dá bem com os vizinhos, mas a relação com eles não vai além de cumprimentos e conversas breves. Há mais de 50 anos na Congregação Cristã, considera que Deus o libertou naquela ocasião dos vícios (“*eu era beerrão, bebia demais. Bebia tudo o quanto era bebida cachaça, conhaque, cerveja, depois Deus me libertou de tudo. ... Deus me libertou. Tirou a vontade, cigarro, não precisou ninguém falar*”). Hoje, como aposentado, “*os meus assuntos não são muito das coisas dessa terra mais, de negócio*”, mas ele se apresenta como alguém que se sente bem “*falando da palavra de Deus ou contanto um testemunho*”.

Resumindo, pode-se dizer que Ricardo é muito bem integrado na Congregação Cristã. Esta integração pode ser explicada pelo bom equilíbrio dos quatro lados da identidade

¹¹⁹ Silva (1995:60s) cita duas edições do *Resumo da Convenção Realizada em fevereiro de 1936* que não possuem data. Ela situa a data provável da primeira edição entre 1948 e 1954 e da segunda entre 1954 e 1962. Enquanto a primeira edição escreve sobre a “Reunião dos menores”: “Sendo estas reuniões exclusivamente para menores, achamos que os ensinamentos deveriam ser ministrados por irmãs, consagradas a este benéfico fim.” A segunda edição comenta a respeito da agora chamada “Reunião para jovens e menores”: “Já em muitas congregações o Senhor preparou essas reuniões, e esperamos que Ele prepare em outras, irmãs para atenderem a esses santos serviços, e irmãs para auxiliarem.” O ano desta mudança apontado por Ricardo (1956) cabe, portanto, dentro do quadro das datas possíveis indicado por Silva..

religiosa: a emoção que Ricardo sente no culto, suscitada tanto pelo ajuntamento comunitário (lembro que sua permanência na CCB foi desencadeada pela calorosa recepção do irmão porteiro) como pela “visitação do Senhor” e presença sensível deste no culto e no coração, é ligada à cadeia de memória da Congregação Cristã, evocada pela pregação da palavra que constitui simultaneamente o elemento fundador desta como a razão da emoção individual. Como músico e encarregado de orquestra, Ricardo ao mesmo tempo recebe e (re)produz a tradição religiosa musical específica da Congregação Cristã. É verdade que a música é um código universal (mais do que qualquer língua; cf. HALBWACHS 1997, analisado por RIVERA 2000) e racional (WEBER 1921[2001]); mas no caso da Congregação Cristã, ela representa fortemente a identidade comunitária específica desta, numa tradição musical particular e singular de longa duração que poucas comunidades religiosas no Brasil possuem. É simultaneamente cultura universal e saber do grupo, saber fazer aprendido nele. O trânsito que Ricardo há muitos anos pratica entre anciãos e cooperadores, reforça o lado comunitário, enquanto ele sabe que a responsabilidade por seus atos é estritamente individual.

Conduzido à Congregação Cristã por constrangimento social (convite de um colega de trabalho, não curiosidade individual própria), Ricardo se associa a ela voluntariamente, mas logo fixa suas práticas religiosas individuais na tradição desta, assumindo-as como práticas normalizadas pela instituição, fixas, comunitárias, apesar de nunca deixarem de ser também individuais - elemento indispensável na tradição calvinista -, estáveis e regulares. Assim, ele se assemelha ao modelo de sociabilidade religiosa do praticante, mais do que à do peregrino (cf. a discussão no ponto 1.2 deste trabalho).

Na memória, lembrança reconstruída a partir do momento presente, que Ricardo desenvolve na entrevista, as várias correntes de memória convergem: as correntes de memória do trabalho (o colega que chamou para conhecer a CCB), da religião e a da família. Especialmente as últimas duas quase se sobrepõem: a família tem a memória religiosa em comum. Se Halbwachs, nos *Quadros sociais da memória*, distingue para fins de categoria e análise com força a memória da família da memória religiosa, caracterizando a primeira como memória harmoniosa e a segunda como memória de combate, na biografia e na memória de Ricardo estas duas memórias se fundem. Atualmente suas atividades do dia a dia giram em torno da Congregação Cristã, facilitando a mobilização da memória religiosa desta. Parece que a diferenciação dos vários domínios da vida, característica da modernidade e que pode causar a fragmentação da memória, não alcançou Ricardo.

Deve ser lembrado ainda que a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, elaborado a partir do lugar social que o indivíduo ocupa no grupo. Ricardo tem uma

posição central na rede de relações interna da Congregação Cristã. Suas atuais condições sociais, culturais e de prestígio no grupo, este incrementado pela idade e a longa pertença na Congregação Cristã – lembro que esta assume características de uma gerontocracia -, favorecem a mobilização da memória. Em outras palavras: ele participa do capital social do grupo e incrementa-o, e em hipótese alguma é excluído dele.

Jaqueline, de 67 anos, é a esposa de Ricardo. De família católica e com pouco estudo (*“Terceiro ano. Muito pouco. Do primário”*), migra com 15 anos de idade da Bahia para Diadema, morar com uma tia. *“Eu vim da roça e cheguei aqui e fui trabalhar em casas de família e não conheci muito o mundo aí fora ... Eu trabalhava e vinha pra cá pra, eu trabalhava pra São Paulo e vinha pra Diadema nos finais de semana e congregava só aos domingos”*, convidada pela tia com a qual morava e que já participava da Congregação Cristã. Ela conhece a Congregação mais tarde do que o futuro marido, portanto, não por intermédio dele. Casa com ele após ser batizada e confirmar na oração que o casamento é a vontade de Deus. Desde então, sua vida social se reduz à casa, à família e à religião: ela *“se preocupa com a casa, com os filhos, com a irmandade também ... Pra falar a verdade eu não tenho lazer, o meu lazer é a Igreja né? É em casa....”* Jaqueline faz a transmissão religiosa, ensinando a doutrina e mandando os filhos para a igreja, mas considera que é Deus quem converte: *“Agora, a se converter é a pessoa e Deus não é?”* De fato, é o pai que levava os filhos para a igreja: *“O meu esposo sempre ia porque, porque é músico né? Mas depois que eles cresceram eles iam sozinhos mesmo.”* Ela mesma vai três vezes por semana ao culto, mas só à comunidade próxima: *“Em algumas assim longinho, aí eu não vou. Tipo no Jandaia! Quase não vou lá! Porque já fica um pouco fora de mão e a gente tem os filhos, tem a casa pra cuidar né?”* Jaqueline gosta do culto (*“Ah! Do culto eu gosto inteiramente! Gosto do culto. Perfeitamente eu gosto.”*) e se emociona mais *“na hora da palavra, na hora da oração, mesmo dos testemunhos. Tem testemunho que mexe com o coração da gente e a gente sente alegria! ... Quando a gente não vai a gente sente um vazio dentro da gente.”* Para ela, o ministério é iluminado pelo Espírito Santo: *“Deus dá a guia deles pra eles, dá o Espírito Santo aos seus servos que tão ali na frente, e eles desenvolvem o culto.”* Perguntada a respeito do véu, ela remete à Primeira Carta aos Coríntios e comenta: *“É pra falar com Deus não é? ... A mulher tem que se cobrir com véu pra chegar na presença de Deus. ... É o respeito né? A gente se sente confortável na presença de Deus.”*

Jaqueline, que já participa da Congregação Cristã há quarenta e seis anos (*“Só que a gente que já é crente já há muitos anos né? Continua assim né? Naquele mesmo ritmo.”*

Naqueles alicerces de antigamente né?”), considera que antigamente a comunidade era “mais simples, mais santo” e “mais obediente”. Ela não aprova algumas mudanças recentes:

Tem pessoas que vão parece que só pra passear sabe? ... muitas, muitos vêm de fora e vêm entrando com alguns costumes né? E a gente não concorda! É isso aí! Mas a gente deixa na mão de Deus que Deus é que faz a obra né? ... O mundo tá muito terrível né? Porque a obra não é nossa! É de Deus não é?

Uma vez que Jaqueline, ao chegar a Diadema, logo começa a congregar, ela não possui na cidade uma rede de amigos anterior à entrada na CCB, mas esta rede se constrói a partir dela: *“Eu fiquei aí a gente já começou a congregar né? Já começou novos amigos né!”* Os vizinhos *“são todos amigos”*; não pertencem à CCB, *“mas a gente se dá com todos.”* Além da Congregação Cristã, Jaqueline não participa de nenhuma outra associação. Ela não cita mudanças bruscas de hábito e costumes por causa da pertença à CCB (mesmo antes de ingressar na Congregação Cristã, ela não assistia TV, porque sua família da Bahia não tinha TV em casa), mas considera que ser crente é ser diferente: *“Ser crente: Se não eu seria diferente sim! Eu falo da vida de não crente e crente né? ... A gente sente que é muito diferente né?”* Não é a Congregação Cristã que salva, mas a pessoa é salva *“conforme as obras e o coração, não é?”*

Enquanto seu marido ocupa uma posição bastante central na rede social da Congregação Cristã, esta lhe é negada, como, aliás, é negada a todas as mulheres da CCB. Jaqueline é auxiliar do porteiro: *“Por misericórdia de Deus eu ajudo nas porta, eu auxílio com as outras irmãs.”* Observei, porém, que entre os membros bem integrados na Congregação Cristã do Pq. Jandaia, e mesmo entre os jovens, ela é bem conhecida, respeitada e considerada uma irmã exemplar; se fala da irmã Jaqueline com muito respeito – ela possui muito prestígio.

Em resumo, pode-se dizer que a migração religiosa de Jaqueline acompanha e é resultado da migração territorial, da sua família de origem na Bahia (católicos não praticantes) para a tia em Diadema que era fiel da Congregação Cristã. Como seu marido Ricardo, também ela ingressa na CCB por exposição a um(a) fiel desta e constrangimento social (convite). Como no caso do seu marido (Deus não confirma a vontade de Ricardo de voltar para Campinas), Deus não confirma seu projeto inicial de voltar para sua família na Bahia. Hesitando três anos para se batizar e logo em seguida casando-se, vê sua vida reduzida à casa, à família e à igreja, e até esta só perto de casa. Em torno destes três ambientes se formam as três únicas correntes de memória das quais ela participa e que, como no caso de Ricardo, parecem se sobrepor bastante, sem entrar em conflito. Enquanto Ricardo não para em casa, porque costuma visitar irmãos da Congregação, Jaqueline quase não sai de casa: Confirma-se,

no caso deste casal, a observação de DaMatta (1982) que a rua é o espaço do homem e a casa o espaço da mulher. Se Ricardo aprova uma mudança na Congregação Cristã que está na contramão da modernidade (a redução do espaço das mulheres na CCB), Jaqueline desaprova novos costumes e tem saudade dos tempos antigos, quando a irmandade era mais simples, santa e obediente. Apesar de seu campo de atuação na Congregação Cristã ser mais reduzido, Jaqueline desfruta de consideração elevada e alto prestígio mesmo em outras Casas de Oração. Considero que os quatro lados da identidade religiosa estão em bom equilíbrio: a emoção (*“mexe com o coração da gente e a gente sente alegria”*) é ligada à cadeia de memória da Congregação Cristã cujo elemento fundador (palavra e antigos costumes) ela defende contra os novos costumes que estão entrando. Duas frases que ela fala na entrevista, em momentos distantes um do outro, mostram como a consciência individual se liga às marcas comunitárias do grupo: Jaqueline diz gostar muito do hino que canta *“Ó Senhor glorioso! Deus da perfeição! / Teu povo marcha rumo a Sião, / e marchando entoia hinos de louvor / ao seu grande nome sábio criador”* e diz sobre a trajetória pessoal: *“Porque não é fácil caminhar nesses caminhos não é? Mas ele dá força né? Dá as qualidades pra gente ir marchando não é?”* Jaqueline, ao longo dos 46 anos de vida de batizada, aprendeu a conformar sua trajetória pessoal à *“marcha”* que a Congregação Cristã propõe.

Analisando a trajetória do casal no seu conjunto, acredito que se pode afirmar que as diferenças de trajetórias entre Ricardo e Jaqueline se encaixam perfeitamente entre as diferenças previstas de gênero no código da Congregação Cristã. Ambos, ao meu ver, mostram na sua trajetória pessoal uma conformação quase completa ao irmão ideal e à irmã ideal da CCB. Parece que as doutrinas e práticas da Congregação Cristã induziram aos dois uma maneira específica de agir, sentir e refletir, produzindo sujeitos definidos não simplesmente por uma posição particular numa matriz econômica, social e religiosa, mas subjetividades complexas que se inserem numa tradição de subjetividades, própria da Congregação Cristã.

Quero avançar a hipótese de que a Congregação Cristã consegue criar em seus fiéis subjetividades complexas que se inserem numa tradição de subjetividades, própria da Congregação Cristã, ou *identidades fortes em conformidade com a tradição da Congregação*, com a análise de aspectos da trajetória de um outro entrevistado, Dorivaldo. Ele não conhece a Casa de Oração do Pq. Jandaia, mas fez, durante dezesseis anos parte da Congregação Cristã e saiu desta por algo que poderia ser chamado de um acidente moral no percurso (*“eu cometi um ato imperdoável do ponto de vista da doutrina”*), sentindo-se por isso indigno de continuar pertencendo à obra (*“a minha consciência como cristão não deixou mais eu voltar*

para a igreja, porque eu achei que eu não sou digno de ficar no meio do povo que eu estava”). Nos anos em que eu o conheci e ele participava da Congregação Cristã, ele morava no Pq. São Rafael, zona leste de São Paulo, em casa própria; hoje habita um apartamento próprio num prédio localizado numa área de vulnerabilidade baixa em Santo André. Apesar de há dez anos não participar mais da CCB, sua subjetividade, definida como configuração complexa de sentimentos e formas de pensar e refletir, uma vez induzida, continua em conformidade com a tradição da Congregação Cristã.

A família de Dorivaldo migra do Ceará para a região de Marília quando ele tem 8 anos. De origem católica, com estudo até a 7ª série, ele chega, aos 25 anos de idade, à Grande São Paulo e começa a trabalhar na indústria automobilística. Informado a respeito da Congregação Cristã e, após um tempo, convidado para assistir a um culto dela por um colega de trabalho (*“Tinha um amigo no trabalho na mesma função que eu nesta empresa, e a gente trabalhava ombro a ombro o dia inteiro”*), por constrangimento social, portanto, se batiza dentro de dois meses *“nas águas do batismo lá no Brás”*, começa logo a estudar música e, em dois anos, se torna membro oficializado da orquestra, tocando saxofone.¹²⁰ Dorivaldo considera ser músico *“o único ministério dentro da Congregação que é escolhido pela gente mesmo.”* Participa do culto três vezes por semana e ajuda na sua comum *“dar aula para os iniciantes da música. ... A orquestra, naquela época, estava com noventa músicos.”* Além disso, ajuda uma vez por mês na limpeza da Casa de Oração que um grupo de irmãos homens da Congregação faz todo domingo, às 9 hs: *“Então, nos domingos, o grupo de homens fazia aquele mutirão e fazia uma geral mesmo. Lavava tudo, recolhia os bancos, tudo, lavava tudo, encharcava tudo, era muito bonito.”*

No culto da Congregação Cristã, Dorivaldo sente mais emoção na hora da palavra e dos hinos. Para ele, o momento da palavra legitima a autoridade divina do ministério:

Na hora da, na hora da palavra, na hora da, vem a leitura da palavra, depois da leitura, aí vem a explanação e a palavra, né, e ali toca muita gente. Eh, tem dia que, tem dia que você se depara com palavras que, parece que acha que

¹²⁰ De fato, este convite não foi o primeiro contato de Dorivaldo com a Congregação Cristã. Ele guardou uma memória isolada, mas viva da sua juventude, quando tinha 18 anos, do ano 1961, quando já mora no Estado de São Paulo: *“durante um culto à noite, numa fazenda, um irmão veio de longe e visitar a família, a família era muito grande ali, na cidade, passando na cidade, comunicou o ministério que ia visitar uma família ali na fazenda, e o ministério achou por bem que reunia ali um irmão do ministério ali mais alguns irmãos e que ia à noite lá fazer um culto. Aí ele fez um culto, e eu assisti este culto. Eu era ainda bem jovem, mas eu lembro muito bem que tocou o hino noventa e dois naquele dia, naquela noite. Eu fiquei com a melodia daquele, daquele hino, e parece que às vezes eu trabalhava na roça, e eu consegui assobiar boa parte da melodia daquele hino, que ficou gravado, apenas uma vez que eu ouvi, mas ficou assim bem gravado. Aí, o dia que assisti o primeiro culto a convite do irmão, do colega de trabalho que fez o convite, tocou o hino noventa e dois. ... No dia do meu batismo também foi tocado o hino noventa e dois.”*

Deus está falando cara a cara com você assim, sabe, e você sente no seu coração que Deus está usando aquele homem que está acima do culto para dirigir aquela palavra para a igreja. Então esta tocava bastante, e na hora que, que, muitos hinos eh, tocam fundo na gente, sabe. Alguns hinos que tocam muito fundo também. Quando a gente cantava aquele hino, a gente assim sentiu muito a presença de Deus, se emocionava com um determinado hino. ... Às vezes a melodia se torna muito agradável, porque pelo está escrito naquele hino. Você sente aquelas palavras.

Dorivaldo afirma que *“antes de participar da congregação, eu era ... muito viciado em jogo, tinha o hábito de parar nos bares, de beber e chegar de fogo em casa. E então, a partir do, do momento em que passei a congregar firme e passei, tudo isso desapareceu. ... eu perdi aqueles costumes, aqueles lixos.”*

Dos anos de lutas e greves dos metalúrgicos em São Bernardo do Campo ele lembra:

A Congregação só aconselhava, só aconselhava a não fazer tumulto. Tumulto jamais era aconselhável. Ela pedia para que a gente ficasse mais ou menos neutro. Eu participava, eu participava assim meio enrustido ainda, mas não por causa da Congregação, mas por causa o cargo de confiança que eu tinha dentro da empresa. Eu gostava de participar da greve, mas tinha que me conter um pouco e tal, porque eu tinha cargo de confiança dentro da empresa e se a empresa descobre que eu estou ligado ao sindicato ou ligado a greve podia ter uma perda de confiança ali. Então, tinha que me resguardar um pouco. Mas gostava do movimento.

Com respeito às suas redes sociais, Dorivaldo afirma que gosta do Pq. São Rafael no qual morou durante 39 anos. Ele acaba se mudando no ano 2005 para Santo André porque no total foram roubados quatorze carros de sua família, doze deles no próprio bairro. Dorivaldo não participava de nenhuma associação; sua vida oscilava entre o serviço, a família e a Congregação. Com os vizinhos, Dorivaldo sempre se deu bem (*“Não era amigo de um frequentar a casa do outro, era mais de encontrar ali e ficava batendo papo”*). O seu ingresso na CCB não abala as antigas amizades, mas lhe fornece uma nova comunidade. Na família, ele é o único membro da Congregação Cristã; somente uma tia e a família do irmão da esposa se convertem. Sua esposa e filhas são membros ativos e até lideranças na Igreja Católica local, e frequentemente ele recebe visita de padres na sua casa. *“Nós estamos em caminhos diferentes, alguns ensinamentos são diferentes, mas o objetivo lá na frente é o mesmo, então eu não sei por que um divergir do outro, ser inimigo, ser diferente um do outro.”* No caso de Dorivaldo, a memória religiosa e memória da família se sobrepõem apenas parcialmente (ele, como crente, torna-se um pai mais responsável).

Dorivaldo elogia os laços fortes de solidariedade no interior da Congregação Cristã. Um exemplo disso é a maneira como a Congregação Cristã constrói suas casas de oração sem ter

praticamente gastos próprios, porque os irmãos doam tanto o material como o trabalho em mutirão:

Vou dar um exemplo da união, pode acontecer daqui há setecentos, mil quilômetros acontecer uma construção de uma igreja e pode se de acordo com a necessidade de lá, pode se deslocar grupos de irmãos daqui de São Paulo e formar um mutirão e ir lá todo final de semana participar da construção, irmãos que tem depósito de material de construção, é comum eles lotarem um caminhão de cal e cimento e essas coisas e descarregarem lá sem cobrar um centavo, os irmãos fazem um mutirão vão lá constroem e não cobram um centavo. Eu sou testemunha vivo de uma Congregação daqui a seiscentos e poucos quilômetros, fica já perto de Tupã. Foram muitos irmão daqui de São Rafael que construirão lá, todos os finais de semana eles estavam lá. Então, essa parte é muito bonita, a união deles, o amor pela obra, pelo crescimento da obra e uma vontade dos irmãos de ver a obra crescer.

Dorivaldo acumula um prestígio considerável do ministério local. O momento de sua saída o demonstra:

Eu era bastante considerado por eles, e eu os considerava muito também. Tanto é que, quando eu me afastei da Congregação, todos eles foram à minha casa. O ancião foi, o cooperador foi, o encarregado de orquestra do Parque São Rafael, o encarregado de orquestra do Sônia Maria, todos foram falar comigo e pedindo para voltar, então, que meu lugar estava lá.

Mesmo após sua saída, esta mútua consideração continua. Dorivaldo comenta sobre o ancião local: “Quando ele me encontra ele me dá um abraço gostoso, me chama de irmão Dorivaldo e me dá um abraço gostoso e assim vários irmãos que eu considero bastante e que me consideram.”

Dorivaldo hoje não participa mais do *quadro social da memória* da Congregação Cristã, mas sim da *corrente de memória* desta; Halbwachs mostra que, para isso, não precisa atualmente fazer parte do quadro social. Mesmo há mais de dez anos fora do quadro social da memória, a subjetividade (entendida como complexo conjunto de percepção, afeto, pensamento, desejo e medo) de Dorivaldo continua expressamente inserida na tradição da CCB. A respeito do esforço do ministério de inibir a proliferação de grupos de oração nas casas e exibicionismo de profecias, Dorivaldo comenta (destaque meu):

Então se aconselhava muito não formar estes grupos assim de oração. ... A gente sente muito efeito positivo na oração, sabe. Mas não significa que para orar tem que estar num grupo, tem que estar unido. ... O maior anseio das pessoas às vezes é a busca do dom das línguas. Porém, as pessoas às vezes se esquecem, e eu já ouvi isso inclusivamente nos ensinamentos, e eu concordo plenamente com isso, a pessoa se esquece que não é só o dom de língua diferente que é um dom bonito.

Até hoje, Dorivaldo considera que não deve haver mudanças na Congregação Cristã: *“Olha, se você seguir a doutrina certinho, seguir a certinho, certinho mesmo, eu acho que não teria nada que mudar, estaria bom.”* Em outros aspectos, a tradição da Congregação Cristã enfraqueceu na vida de Dorivaldo. Ele hoje toca poucas vezes os hinos da Congregação Cristã. Motivo disso não é, porém, somente sua saída desta, mas também o fato que hoje não mora mais em casa própria, mas em prédio: *“Agora, aqui no apartamento já não, a gente já não pode fazer muito barulho, não é. Outro dia eu peguei e toquei dois hinos baixinho. Não desaprendi a tocar ainda.”* Ele perdeu o costume de orar e não voltou mais a buscar a palavra; além disso, voltou a fumar durante vários anos e jogar baralho e bingo. Outros hábitos e costumes aprendidos, porém, permanecem: *“Mantenho, esses hábitos que eu mantenho. O que eu adquiri lá, permanece comigo. E permanece com aquele modo de pensar, os costumes... Isso tudo permanece comigo.”* Dorivaldo gostaria de voltar a participar da Congregação Cristã, mas considera que não pode tomar esta iniciativa sozinho e espera por uma confirmação de Deus:

Então acho que hoje eu não me sinto digno porque acho que eu desmereci esse mérito, então eu tenho algum temor pela morte, sinto que ainda não estou acertado com Deus. Mas pra se acertar com Deus, na minha situação, acho que eu precisava ... de uma confirmação, de um servo de Deus bem idôneo que talvez fizesse parte até de uma profecia, mas uma profecia verdadeira mesmo, de um servo de Deus muito responsável me trazendo algum recado. ... Eu espero que antes de eu fechar os olhos Deus tenha a misericórdia de mim e me faça esse acerto, porque eu sinto muita falta da doutrina, da palavra.

Considero que a trajetória de Dorivaldo mostra a capacidade da Congregação Cristã de formar, de modo duradouro, a maneira de pensar, refletir e sentir (a *subjetividade*) dos seus membros. Durante os dezesseis anos de sua permanência na CCB, esta modelou a emoção e maneira de sentir de Dorivaldo. A emoção que ele sentia ao ouvir a palavra de Deus ou tocar os hinos da CCB era ligada à memória específica desta, e Dorivaldo sente até hoje falta desta ligação (*“eu sinto muita falta da doutrina, da palavra”*). Dez anos após ter saído dos quadros sociais da Congregação Cristã, ela continua como *corrente de memória* direcionando a sua vida: sua ética pessoal e consciência individual são expressas nos paradigmas dela (*“eu cometi um ato imperdoável do ponto de vista da doutrina”*) a ponto de ter *“algum temor pela morte”* sem voltar a fazer parte dos quadros sociais dela, e os laços sociais mais fortes com figuras centrais, como o ancião, não foram totalmente rompidos. Como no caso de Ricardo e Jaqueline, considero que a trajetória pessoal de Dorivaldo (paradoxalmente, até a sua decisão

de sair da Congregação Cristã) demonstra uma conformação quase completa ao irmão ideal da CCB.

Em seguida, analiso esta questão para as duas gerações seguintes (um casal de 49 e 44 anos e seus filhos de 21 e 9 anos; todos se converteram há menos de quinze anos) entre moradores de áreas de baixa vulnerabilidade.

Na família de Nádia, Beto, Deda e Toni, a mãe Nádia, hoje com 44 anos, é a que começou a congregar, há 14 anos. Filha de pais que migraram dentro do Estado, de Mirandópolis para Diadema, sendo a mãe da Bahia e crente, da Congregação Cristã (há poucos anos, também o pai começou a congregar), casa-se em 1985 na Igreja Católica, religião do seu marido, participa da Igreja Católica (*“já fui católica de passar a sacolinha na hora da missa recolhendo dinheiro”*), frequenta budismo e vai a cartomante. Num momento difícil de sua vida, a mãe a convida para assistir um culto da Congregação Cristã:

E aí a gente começa a buscar aqui, buscar ali, mas a gente esquece que a mãe estava lá na Congregação e que lá Deus falava, mas de tanto a mãe insistir e insistir¹²¹, daí a gente já foi com ela na igreja e quando eu entrei na igreja foi assim claramente, parecia que estava apontando pra mim e falou toda a minha necessidade. ... Minha mãe me convidou pra ir à igreja e eu fui e aí Deus falou claramente comigo e desse dia passei a congregar e Deus foi tomando todos os caminhos!

Nádia se batiza em Cabreúva e como fiel da Congregação Cristã, tem de abandonar antigos hábitos e costumes, porque ela se descreve como mulher bastante vaidosa:

Eu estava maquiada como eu disse, cabelo todo repicado, bem, bem vaidosa que eu sempre fui muito vaidosa. ... Que eu tinha mania de combinar tons de sombra com tons de roupa. Batom com tom de sombra e combinava tudo! ... Quando jovem ainda mesmo depois de casada e eu fumei num determinado período da vida! E não era nada de vício assim, eu gostava! ... Foi mais essas coisas. A maquiagem, o cabelo, essas coisas assim. Daí eu comecei a sonhar muito, mas no meu sonho eu fumava e eu não me conformava então um dia eu entrei na igreja e falei: Senhor tem misericórdia! Eu sou sua serva! Tu me

¹²¹ A expressão “de tanto a mãe insistir e insistir” contrasta com outra parte da entrevista na qual Nádia afirma que “ela também nunca forçou porque ela sempre dizia que cada um tinha que escolher o seu momento e Deus tinha que convidar a cada um no seu momento”; semelhante Beto: “a mãe dela nunca interferiu”. Rivera comenta, em nota pessoal: “Encontro frequentemente esse ‘contraste’ na gente das CCB que entrevistei. Considero que se trata de insistir sutilmente, mostrar convencimento de que um dia vai acontecer. Na base desse agir há um *habitus* determinado pela predestinação: não adianta insistir se não é de Deus, mas eles não se contentam com o fato de não ser de Deus, e não tem como sabê-lo, resultado: insiste-se muito sutilmente, insiste-se mesmo dizendo que não se insiste. Bem weberiana a coisa: religião com efeitos práticos na vida real, objetiva.” Ele elabora a idéia de “insistir sutilmente” como prática comum da CCB em dois textos, num capítulo de livro que sairá em 2010, *Metropolitan Cultures and Religious Identities in the Urban Periphery of São Paulo* (no prelo), e num artigo com o título: *Pluralismo religioso e secularização: pentecostais na periferia de São Bernardo do Campo, Brasil* (no prelo) que sairá na revista eletrônica REVER também em 2010.

chamou! E em sonho eu fumo! Como pode ser isso ... E aí ia chegando uma palavra e falava justamente isso: Você entrou na igreja hoje e você entrou chorando e você falou Senhor o adversário está entrando no meu sono! E tá tirando minha mente Senhor e é fato o que não te agrada! E o Senhor manda te dizer : Hoje é o último dia que o adversário vai entrar! E foi mesmo. O último dia que ele entrou na minha mente e aquilo sabe acabou da minha cabeça.

Nádia considera, portanto, que Deus não muda apenas o comportamento, mas “entra na mente” e extirpa o vício até o recinto mais inconsciente, o sonho: é a religião, formando e produzindo a subjetividade da pessoa. Especialmente na hora do culto:

Às vezes tem testemunho que você chora, você não aguenta porque é uma coisa muito bonita né? E que aquilo é uma visita! E na hora da palavra também! Você sente a virtude né? Do que tá falando lá e aí você sente! ... Porque aqui a pergunta você sente lá dentro e vem como uma flecha no coração não é?

Para ela, o véu simboliza a consagração que possibilita a ligação e a comunhão com Deus e não tem conotação com relação aos homens:

O véu significa estar coberto diante de Deus! ... Então eu não conseguiria me prostrar diante de Deus sem estar coberta! ... É aí significa assim é a comunhão vai ligar-se perfeitamente ao céu! Então agora eu vou me consagrar vou por meu véu pra eu poder falar com Deus!

A mulher deve se cobrir com o véu tanto na irmandade, no culto, como sozinha na oração em casa. Também nesta família, a oração em casa é estritamente individual; momentos de oração em conjunto acontecem somente quando alguém da irmandade está visitando a família. A transmissão religiosa consiste em congregar juntos (quase todas as noites, porque a família participa de duas Casas de Oração, do Pq. Jandaia e do Transilvânia), na memória da família, encaixada na memória religiosa, como iremos ver mais adiante, e no exemplo da maneira de vestir-se e da aparência (sem batom, cabelo repicado, brincos etc.).

Nádia não exerce nenhum cargo na Congregação Cristã (em nenhuma das duas Casas de Oração onde congrega), mas a família é muito amiga do “ancião remoto” da Casa de Oração do Transilvânia e visita regularmente a casa de Sílvio, coordenador da reunião de jovens e menores. Ela trabalha como professora. Convive bem com os vizinhos – vários destes são parentes seus -, sempre guardando certa distância: “A gente sai, boa noite e tal, tudo bem? Bate um papinho assim e já entra.” Aprecia o bairro por sua tranquilidade e ressalta que na rua todos moram em casa própria. Além da Congregação Cristã, não participa de nenhuma associação, mas afirma ter vida social bastante ativa:

Nós passeamos muito né, a gente viaja, a gente passeia, a gente vai em shopping, a gente vai em restaurante, a gente vai pescar, a gente tem vida social ativa! ... A gente não bebe! Mas a gente entra, a gente janta, a gente conversa, da risada, brinca, não fala só de Deus! A gente brinca! Você entendeu?

A família reserva o sábado como dia de família. O lazer preferido é pescar, visitar chácara ou passear em *shopping*. Outra forma de lazer é a TV em casa, na qual se assiste noticiário e outros programas informativos e também as novelas da Record e da Globo:

A Congregação hoje já não é mais, mas antigamente pregava muito contra a televisão! Muito contra né? E nós ainda não conseguimos tirar! Entendeu?

Considero que Nádia se conforma bem menos à tradição da Congregação Cristã do que as três pessoas entrevistadas da primeira geração. Eu diria que Nádia recicla¹²² com bastante liberdade hábitos e costumes da sua vida pré-Congregação na construção de sua própria versão de fiel da Congregação. A análise do culto (cap. 4) mostra o desencaixe entre o fato do número crescente de mulheres da Congregação que trabalham fora de casa e a pregação que as ignora e silencia o fato completamente. Nádia não usa mais cabelo repicado nem batom, mas seu lazer preferido é passear em *shoppings*, e sem dor nem remorso declara que “*não conseguimos tirar*” a televisão. Na entrevista, é mais ativa do que o marido e de certa maneira domina a conversa, relegando o marido diversas vezes a confirmar o que ela falou antes. Mais do que “peregrina para Sião”¹²³ (hino preferido de Jaqueline, que ao meu ver corresponde ao autorretrato que faz de si na entrevista e ideal propagado pela Congregação Cristã), ela parece mulher ativa que constrói e produz o ambiente em que vive. A autoestima parece prevalecer sobre a obediência.

De forma alguma, sua vida se reduz à casa, família e Congregação Cristã. Estes três ambientes não formam a totalidade dos seus quadros sociais. O exercício da profissão como professora, o lazer vivido em lugares públicos e a televisão fazem de Nádia o encontro de muitas correntes de memória, das quais a Congregação Cristã constitui apenas uma. A Congregação Cristã não conseguiu recortar a sua subjetividade, sua maneira de pensar, sentir e refletir, ao tamanho da irmã modelo obediente, paciente e silenciosa. Considero que a

¹²² A imagem da reciclagem é de Sahlins. O autor afirma numa entrevista que grupos nativos “reciclam elementos de sua existência tradicional na construção de sua própria versão indígena de modernidade.” (2001) Nádia, ao meu ver, recicla elementos de sua existência moderna e mundana na construção de sua própria versão subjetiva da tradição religiosa da Congregação Cristã.

¹²³ Lembro que a “peregrina para Sião” não tem nada em comum com o tipo ideal do peregrino, de pertença institucional lábil e identificação fraca com a instituição religiosa, desenvolvido por Hervieu-Léger (1999). A “peregrina para Sião” é imagem de uma *praticante* religiosa fervorosa que desvaloriza o mundo em vista do futuro no céu.

consciência individual de Nádia é mais uma construção de sua própria versão de fiel da Congregação do que a reprodução da tradição desta, e a emoção imediata parece estar mais ancorada no conjunto da memória religiosa em família do que na tradição da Congregação Cristã como grupo religioso. Mesmo assim, acredito que esta memória religiosa em família nos moldes da Congregação Cristã, particular desta família e retomada adiante na análise da fala de Deda, dá uma estabilidade considerável à tradição religiosa.

Beto, de 49 anos e com menos estudo do que sua esposa (ele tem o 1º grau completo), é filho de mãe mineira com pai paulista, nascido no Paraná durante uma migração temporária dos pais. De família católica, casa com Nádia na Igreja Católica e começa a congregar em 1998, posterior à esposa e à filha, *“realmente através da minha sogra, porque da minha família, a minha mãe, meu pai, ninguém é da Congregação”*, apesar de já ter tido conhecido a Congregação Cristã aos 14 anos por uma tia (*“eu fui, até recitei no curso de jovens poucas vezes e depois nunca mais voltei”*). Dois anos depois, se batiza na Central de São Bernardo do Campo (*“Tanto é que lá que eu tive o sinal pra mim pode me batizar! ... Eu pedi um sinal e o Senhor falou assim claramente comigo”*), após percorrer uma trajetória religiosa considerável:

Já fui em candomblé, eu já fui né, já fui na Católica, já fui na Assembleia, já fui nesses crentes de canal, visitei um monte de coisa, ia lá não que eu era mas eu ia lá pra assistir e conheço muitas coisas.

A nova vida de crente exige bruscas mudanças de hábitos e costumes:

Eu era bem idólatra principalmente né? E eu era idólatra. Não alcoólatra, mas gostava de uma bebida, bebia muito. Era assim, sempre muita cervejinha, jogo sempre gostava de joguinho de palito, joguinhos, bar, amigos! É eu era uma pessoa assim que numa época dessas jamais você me via assim eu era muito de regata, bermuda. Então tudo isso o Senhor foi tirando de mim é difícil pra quem tem esse costume mesmo né? ... Sempre barbudo, cabeludo! Você vê as minhas fotos né? Era sempre com cabelão no meio das fotos, barbudo. Entendeu? Então, isso daí Deus tirou também né, então foi tudo coisas que eu gostava! Então foi pra mim foi uma mudança muito grande, mas eu estou muito bem e me sinto bem melhor assim. ... Eu gostava de cerveja e ela odiava.

A nova vida implica também mudanças nos quadros sociais e amizades. As antigas amizades às vezes começam a ruir porque estes amigos não querem acompanhar o novo jeito de ser de Beto - novo jeito que ele considera como *“diferencial”*, expressão usada repetidas vezes na entrevista:

Pô Betinho! Eu tava lá no campo você não tava! Betinho eu tava lá no bar lá tomando uma cerveja e jogando “snooker” você não tava! Mas isso não fui mesmo! Porque eu não me afastei! Mas a amizade com ele continua, se ele vim na minha casa ele vai ser muito bem recebido, ele vai sentar na mesa, ele vai almoçar comigo, vai jantar comigo! Mas não é isso que eles querem, eles querem encontrar dentro do bar, eles quer beber eles quer jogar! Então nós vai fazer o que não é? ... E lá no bar fica até fechar o bar e depois que vai embora pra casa dele! Então, primeiro ta sendo os amigos e o bar do que a família né? E o meu diferencial não, eu trabalho na firma se eu saiu cinco horas da firma cinco e dez, cinco e quinze eu to em casa! Eu to com a minha família! Ai eu vou vamos sair? Vamos!

No culto, Beto sente a *visitação* do Senhor pela emoção religiosa que o faz chorar:

Tem culto que você entra, que você vai e entra na Igreja, às vezes é uma coisa tão gostosa que na hora que começa a tocar o hino você começa a chorar! Você começa a sentir Deus! No começo! Mas do começo ao final! Então é assim, não tem aquele momento, o momento é o momento que o Senhor visita. O Senhor visita no hino cantado, o Senhor visita no testemunho contado, o Senhor visita numa palavra! Isso! No culto! Não! Nós vamos lá e realmente! Pra nós tudo é gostoso, o hino, por exemplo, é a coisa mais gostosa você cantar o hino eu me sinto bem é gostoso né? A palavra é gostoso! Mas tem dia que tem testemunho que aquele testemunho edifica muita mais do que uma palavra! Né? Às vezes tem uns irmãos que contam uns testemunhos que aquele testemunho bate naquilo que você esta precisando que você às vezes esta fraquejando e tal e ele conta! O Senhor exaltou, pô se o Senhor exaltou ele Senhor! Então me exalta também! Então o testemunho também é uma coisa muito gostosa assim! Então toda essa parte da Congregação é gostoso.

Beto não procura a emoção religiosa no culto para cobrir uma necessidade pessoal, mas para se tornar um fiel melhor: *“aquilo que você esta precisando que você às vezes esta fraquejando.”*

Além de frequentar o culto, Beto colabora com a Congregação Cristã na construção - não tanto como mão de obra, mas como fornecedor de material de construção:

Eu fui muito usado na construção do, do Eucalipto, graças a Deus o Senhor me deu condições do começo ao final pra servindo à parte. Eu chegar lá, assentei um tijolo ou fiz uma massa não! Mas do outro lado eu trabalhei bastante! Então existe muito isso! Porque às vezes, pô, a pessoa não ta ajudando a encher aquela laje? Não! Só que aquela pessoa não ta ajudando mas a pessoas deu quinhentos bloco.

Como transmissão religiosa, ele leva a família ao culto, onde o vi muitas vezes sentado ao lado do filho que encosta a cabeça na perna do pai para cochilar, enquanto ele o abraça; lembra da responsabilidade da oração individual (*“Todos nós até o mais novo, o Toni, nós não deitamos pra cama pra dormir sem ajoelhar e orar a Deus! Todas as noites!”*), faz memória das obras que Deus fez na família (*“Primos e tios eu acho que aproximadamente*

umas trintas almas o Senhor chamou com esse movimento que ele fez na nossa família.”), muda sua maneira de vestir-se (“eu era muito de regata, bermuda) e sua aparência (ele estava “sempre barbudo, cabeludo”).

Ele, a esposa e a filha trabalham fora de casa, o que reduz o tempo de convivência da família durante a semana, e o domingo é dedicado à Congregação Cristã; resta somente o sábado para cultivar a vida em família. Por isso, o sábado é vivido como dia de lazer, como já vimos na entrevista com Nádia.

Outro lazer é assistir televisão e deixar o filho jogar *videogames* nela. Beto sabe que isso não faz parte dos costumes da Congregação Cristã, mas isso não lhe dá remorso. Com consciência sossegada, ele lembra que até ancião e cooperador amigos não reclamam quando vêm visitar a família:

É! Ele chega aqui, ele olha aqui com a televisão. Mas não ligada é lógico que a televisão é pra nós! ... A gente não esconde, também não esconde, pra quê? Porque tem pessoas que às vezes chega na casa do outro no sei que pensa o esse aqui não tem televisão, mas vai lá no quarto a televisão ta lá escondido.

Nádia e Beto não têm cargos na Congregação Cristã, mas são estimados e cultivam boas amizades com figuras centrais das duas Casas de Oração das quais participam:

O Luizinho é muito amigo, o irmão Sílvio muito amigo, o irmão Leo somos muito amigo. ... Temos boa amizade com o irmão Natal com o irmão Zé Antônio que é Cooperador aqui do Transilvânia, A gente tem uma amizade boa com o Ministério.¹²⁴

Beto percebe uma certa discriminação que irmãos e irmãs mais carentes sofrem na irmandade¹²⁵, apesar de não ser afetado por ela:

Cada um tem uma condição de ir na igreja. Né? Se ele viu o irmão com uma condição assim Senhor! Né? ... Então vamos ajudar dessa forma! Agora! Pó! O fulano ta com sapato sujo, o fulano com uma roupa assim, não é verdade? O que Deus acrescenta? Mas tem pessoas que entram na igreja pra olhar os outros e não na comunhão de receber aquilo que Deus vai fazer pra nós.

Com respeito à sociabilidade no bairro e com os vizinhos, Beto confirma a convivência amigável, mantendo ao mesmo tempo distância, típica da classe média:

Nós temos nosso hábito! Você não vê eu sentado na rua conversando com vizinho na rua conversando com um vizinho, você não vê ele na rua brincando com nem uma criança, não tem esse costume, ela nasceu e criou aqui nunca vi

¹²⁴ Luizinho e Natal são anciãos, Sílvio, Leo e Zé Antônio são cooperadores,

¹²⁵ Irei analisá-la mais adiante,

ela na rua brincando com ninguém, nem minha esposa temos esse costume! Não que nós somos chatos nós temos os costume de não ficar sentado na rua conversando! Mas recebemos os vizinhos! Né? Se vai saindo do carro: Oi! Tudo bem? Tudo bem! Estamos prontos a servir no que precisar e no que nós precisar também a gente ta lá e a gente serve, temos uma amizade gostosa, não somos de ficar um dentro da casa do outro e nem de ficar batendo papo na rua, mas temos aquela ligação que no que precisar um do outro aqui estão todos prontos a servir, tanto nós a eles como eles a nós. ... Então é sempre aquela mais ou menos igual aqui é tudo mesmo padrão, então tem aquelas pessoas de idade, todos que moram tem sua casinha, tem seu carrinho pra andar, tem a sua vidinha e então é bem tranquilo.

Resumindo, Beto é um homem que se sente confortável, tanto na família como na Congregação Cristã. Ele sabe que algumas tradições, hábitos e costumes da família não se encaixam perfeitamente nas tradições e costumes da Congregação Cristã, mas sua consciência parece estar tranquila, e ele parece ver estes desencaixes como um caminho a percorrer com o tempo e não como pecado que pode levar à perdição: Deus já revelou à Congregação Cristã, mas ainda não pessoalmente a ele. Beto harmoniza rupturas entre a memória familiar e a memória religiosa institucional; nos dez anos desde que a família completa adere à Congregação Cristã, as duas memórias são em boa parte intercambiáveis. Além da religião, o lazer ocupa um lugar importante na sua vida. Da solidão inhumana e terrível na qual o calvinismo, conforme Weber (2004), jogou o indivíduo, não sobrou nada na subjetividade de Beto que irradia o prazer da sociabilidade, convivência e harmonia. Sem abnegação e ascetismo, Beto e sua família tentam viver uma vida prazerosa seguindo os mandamentos de Deus.

Deda, hoje com 21 anos, com colegial completo, começa a estudar fisioterapia na Universidade Metodista e tranca após um ano. Ela trabalha como assistente de Recursos Humanos no Jabaquara na empresa de Sílvio, cooperador de jovens e menores da Casa de Oração do Pq. Jandaia. Começa a congregar quando tem 5 anos e se batiza quando tem 12 anos. Ela não considera as prescrições da Congregação Cristã difíceis, porque sua subjetividade, entendida como maneira de pensar, sentir e refletir, tem plena afinidade com o modelo ideal da mulher na CCB¹²⁶:

Eu fui batizada na igreja católica porque meus pais eram católicos só que desde pequenininha eu nunca gostei de cortar cabelo eu nunca gostei de por brinco eu nunca gostei de usar short nunca gostei de usar mini blusa nunca! Isso era uma coisa minha! Às vezes ela ainda me segurava porque ela gostava

¹²⁶ Halbwachs lembra que a memória é um trabalho de reconstrução a partir de necessidades da atualidade, e da posição atual no(s) grupo(s) referidos.

né? Na época ela gostava de pintar queria por brincos! Porque eu tenho as orelhas furadas, mas nunca gostei! E Deus era tão bom que dava dois dias eu tinha alergia e tinha que tirar! Então ela ficou assim e também parou de colocar! O meu cabelo ela cortou uma única vez quando eu era pequena né? E eu chorei muito! Então pra mim quando, mesmo a conversão não foi uma coisa difícil que é uma coisa que adolescente geralmente tem que porque é difícil! ... Eu nunca, nunca gostei de nada! Então pra mim nossa! Não foi difícil! Mesmo na fase da mudança que tem da criança, da infância pra adolescência pra mim não mudou porque era uma coisa da minha pessoa assim que eu nunca gostei! ... Eu nunca fui pra baile eu nunca fui pra, pra festas de amigos, em danceterias, nunca, mas era uma coisa minha até uma amiga minha me chamou que ia ser aniversário dela de dezoito anos e ela falou vamos? Ia ser em São Bernardo numa danceteria né? Eu falei ah! Eu vou com você eu vou só te dar um abraço e volto né? Eu falei com minha mãe ai minha mãe falou: Não! Tudo bem! Eu te levo lá porque vai ser à noite eu te levo depois você me liga e eu te busco! I! Mais chegou na hora eu acabei nem indo.

Deda reclama, portanto, uma *afinidade eletiva* maior do que a sua mãe com as tradições e costumes da Congregação Cristã. A jovem ressalta que esta tradição não pode mudar por causa da sua antiguidade:

A doutrina da Congregação não! ... Então eu acho que a doutrina que esta dentro da Congregação já vem da antiguidade né? É uma doutrina tradicional! Se a gente for buscar até mesmo na época da Igreja Católica de antigamente anos atrás as mulheres também se vestiam com o véu! As mulheres casadas com véu preto e as que eram moças com véu branco né? Então já vem de antes! O, foi mudando, a Congregação ela só manteve aquela, aquela doutrina de antigamente. ... O povo é que mudou!

Deda alega, portanto, inserir sua subjetividade com facilidade na tradição de longa duração da CCB. Ao mesmo tempo, porém, esta tradição tem uma coloração fortemente familiar, porque desde o seu começo de congregar e o seu batismo em Itaquaquecetuba, a família faz parte desta memória religiosa: “*Estávamos a família toda! E nesse mesmo dia o meu tio, eu praticamente saí do tanque de batismo o meu tio também se batizou!*” Além dos muitos familiares que Deus conduziu à obra, ele se revelou e deu o dom de profetizar à bisavó, avó da mãe, que anunciou a morte de um tio dois anos antes de ela ocorrer, quando o tio estava em perfeitas condições de saúde ainda, avisando que Deus iria recolhê-la quatro meses depois. As revelações se cumpriram rigorosamente:

Deda: O meu tio faleceu dia sete de setembro! E o Senhor recolheu a minha bisa no dia cinco de janeiro!

Nádia: Então quando nós sentamos e fomos fazer contagem de dia dias calendário deu os quatro meses!

Deda: Ela partiu no dia cinco! E a gente conta os dias corridos né? Então é assim, deu a nossa lógica dia sete de janeiro né? Os quatro meses! Só que a

gente sentou e foi contar dia por dia, no dia cinco de janeiro dava os quatro meses certinho e aí o Senhor recolheu ela!

Nádia: Sabe! Isso é uma, foi uma obra muito bonita! A gente chorava pela ausência dela mas chorava sabia, porque realmente a palavra de Deus ocorreu.

A contagem dos dias para verificar se a profecia divina se confirma mesmo e os ajustes até o encaixe perfeito são elaborados em família: memória familiar e memória religiosa se interpenetram, são construídas conjuntamente em reuniões e convivência da família.

Sem ser casada nem namorar, Deda escolhe seu irmão doze anos mais novo para viver a atribuição de cuidar, proteger e prover. Mais do que se permitir prazer como mulher, ela vive para dar prazer e servir o irmão homem:

Eu vou falar que a preocupação diária é com ele! ... Aonde eu vou, aonde eu vou eu tenho que ir com ele, então se eu viajar pelo menos, às vezes eu não trago nada pra mim, mas pra ele eu trago, a hora que começar as aulas a gente traz as coisas pra ele. ... A gente sai né mãe? Às vezes a gente fala assim ai vamos comprar alguma roupa? Ai a gente sai, ai nossa mãe, às vezes a gente não compra nada pra gente e traz pra ele, ele se dá bem. (risos)

Na escola, ela se sociabiliza com colegas de todas as crenças. Aparentemente, eles reconhecem que a Congregação Cristã tem força maior que a própria religião e atribuem a Deda poder de oração porque mandam pedidos de oração até pelo celular:

Então eu falo por mim, eu tenho, tenho colegas que são do Espiritismo, eu tenho colegas da Católica, tenho colegas da Assembleia, da Batista, da Adventista né? E às vezes muito pelo contrário, às vezes eles estão passando por alguma coisa outro dia até me acordaram mandando mensagem no celular pedindo pra que eu orasse porque estava passando por uma parte difícil né? Na família! Uma amiga minha até católica! Então tudo que eles têm assim de problemas ou alguma coisa, eles pedem pra que a gente ore! Até às vezes a maioria das minhas amigas de escola conhecem minha mãe! E pedem também: fala pra sua mãe orar pra mim e tal.

Deda gosta de tranquilidade. Seu lazer preferido é a pesca, e sobre o bairro ela comenta: “O bairro pra mim é meu lugar de sossego! Aonde eu trabalho às vezes eu falo assim! Gente, eu num aguento, é muito barulho, porque meu bairro é assim, é o dia inteiro!”

Resumindo, a subjetividade de Deda tem afinidade eletiva com as tradições e costumes da Congregação Cristã, e por isso tem facilidade de se inserir na tradição institucional da mulher ideal. Como a geração mais idosa, ela reafirma a tradição religiosa com mais rigor do que os próprios pais, que reciclam elementos de sua existência moderna e mundana na construção de sua própria versão subjetiva da tradição religiosa da Congregação Cristã, e se

adapta mais a esta tradição, permitindo, porém, elementos modernos (tem celular; trabalha fora de casa; passeia com a mãe e a família em lugares públicos; não casou; dialoga sim problemas com pessoas de outras tradições religiosas).

Toni, o caçula, com nove anos, *“na escola faz tudo, ele faz judô, ele faz futsal. Ele faz natação”*, afirmam os pais. Ele mesmo confirma: *“Eu gosto de praticar esporte.”* Ele, além de acompanhar a família no culto onde, durante o sermão, gosta de encostar a cabeça na perna do pai e cochilar, e participar da Reunião de Jovens e Menores, está estudando música na Congregação Cristã e aprendendo a tocar violino, sentindo *“paixão pelo o que eu faço.”* Toni, portanto, parece ter uma vida social mais extrovertida e menos reclusa do que a sua irmã e, ainda na idade de criança, parece ser o único da família que pratica formas de lazer sem que o restante da família esteja presente. No meio destas formas mundanas de lazer, o fato de aprender a tocar violino certamente é um dispositivo importante para mantê-lo ligado às formas de sociabilidade internas da Congregação Cristã.

Deve ser dito ainda que a família, apesar de ninguém ter um cargo na Congregação Cristã, é amiga do “ancião remoto” da Casa de Oração do Pq. Jandaia que já a visitou em casa, e do Cooperador de Jovens e Menores cuja casa frequenta e em cuja empresa Deda trabalha. Toda a família mantém, portanto, laços fortes na Congregação Cristã, e com pessoas que nela ocupam lugares de centralidade. Via Congregação Cristã, os dois filhos iniciaram uma carreira: a filha uma carreira profissional na empresa do Cooperador, e o filho uma carreira de músico na própria CCB. Para esta família, portanto, a Congregação Cristã oferece benefícios religiosos e extra-religiosos (ou “mundanos”): Os benefícios da rede religiosa são evidentes.

5.2 Moradores de áreas de vulnerabilidade média

As personagens

Nome	Odair	Eduarda
Idade	35 anos	40 anos
Estado civil	casado	Casada
Moram na casa	Normalmente 4, atualmente 8	4
Cômodos na casa	4	Quatro
Quantos filhos e seu gênero	2 meninos	2 filhos e uma filha
Material const	Alvenaria	Alvenaria
Vulnerab bairro	Média	Média
Posição na família	Chefe (pai)	Esposa do chefe de família; mãe; trabalha fora de casa
Escolaridade	Segundo grau completo	5ª série
Profissão	no departamento de compras	Auxiliar de serviços gerais
Renda familiar em sal min (aprox.)	3 a 4 sal min	6 sal min
Renda per capita (sal mín)	0,8 a 1 sal min	1,5 sal min
Migrante?	Não	Sim
Se for, de onde?	-	Paraná
Se for, quando migrou?	-	Já na infância
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	Sim. Filho de migrantes (pai e mãe) de Garanhuns (PE).	
Religião do(a)s familiares)	Congregação Cristã	Mãe evangélica (AD e Adventistas 7º dia)

Quadro 5.2: Moradores de áreas de média vulnerabilidade. As personagens

Odair, filho de migrantes de Garanhuns (PE), fiéis da Congregação Cristã, com 35 anos de idade, 2º grau completo, nasce em São Bernardo do Campo, é casado, tem 2 filhos homens, trabalha numa empresa no departamento de compras e mora de aluguel em casa de alvenaria num bairro de vulnerabilidade média na periferia de Diadema. A renda familiar soma entre 3 a 4 salários mínimos.

“*Eu nasci na Congregação. Sou filho de pais crentes*”, afirma Odair. Antes de casar com o pai, “*minha mãe era umbandista.*” Ele lembra que a família orava em casa e “*quando nós fomos crianças nós brincávamos de culto né*”, mas confirma o quadro já visto que “*nós aprendemos muito mais na igreja.*” Ele lembra que a família morava no bairro Cooperativa, naquele tempo “*um bairro bem simples, bem humilde e tinha muita coisa que acontecia na época.*” Como crente, ele sofria perseguições pelos colegas de classe:

Eu sofri muito. Já pensou, eu sofri muito, mas eu disse que eu não era igual, então várias vezes eu fui cercado dentro do banheiro da escola, fui cercado nos caminhos da escola, às vezes saía da sala de aula e os caras já, os meninos queria levar para detrás da escola. E eu relutei, relutei e graças a Deus, Deus me deu força que eu não me envolvi com nada disso.

Com vinte anos, Odair começa a trabalhar numa empresa e sete anos depois pede demissão, com vontade de emigrar para os Estados Unidos. Viajando para Pernambuco para se despedir dos parentes que lá moram, Odair conhece sua esposa, casa com ela em menos de dois meses, e desiste da emigração: *“A palavra de Deus havia confirmado. A palavra de Deus havia confirmado e eu não tinha como dizer que não.”* Sua esposa Helena também congrega desde a infância. Seu pai e sua mãe se batizaram no mesmo dia, sendo que a mãe era durante muitos anos ministra da Eucaristia e coordenadora do grupo da Renovação Carismática da Igreja Católica do local.¹²⁷ Frequentemente Odair é chamado para viagens missionárias: *“Do Brasil me faltam cinco estados pra conhecer. Todos os outros restantes já conheci, já graças a Deus através da igreja. Então nunca passei decepção em lugar nenhum.”* Como solteiro, ele fazia estas viagens com a mãe, mas a esposa prefere ficar em casa: *“Eu não vou junto no carro. É chato, eu prefiro ficar em casa. ... As irmãs têm, mas eu não tenho o dom de falar ainda.”* Odair e Helena não têm amizade com nenhum ancião ou cooperador, apesar de Odair ser músico da orquestra e Helena organista. Ambos começam a congregar no Pq. Jandaia, porque nas Casas de Oração próximas (Jd. Inamar e Jd. Transilvânia) não há vaga para Helena tocar o instrumento.¹²⁸

Odair diz frequentar o culto sempre quando pode; ele já ia todos os dias da semana e até 4 vezes ao domingo. Ultimamente, porém, viagens de trabalho deixaram-no sem visitar o culto semanas inteiras. Ele afirma que o momento mais emocionante no culto é *“para mim sem dúvida são, o momento é da palavra. Não tem, não sei, para mim não tem outro.”* Em seguida, ele considera que *“sentir Deus”* é algo diferente de simples “emoção”:

É a comunhão (incompreensível) né? Eu acredito assim né, eu não chamo de emoção né, achando(incompreensível) assim, porque, algumas pessoas até intitulam assim, ah, estou na igreja assim, me senti emocionado. Eu acho que emoção é uma coisa muito carnal né? É bem propriamente do ser humano. Agora, eu preciso de usar o termo assim, eu preciso ir na igreja, eu sempre vou à igreja, eu já, eu sinto Deus na igreja. ... É, eu acho que sentir Deus é diferente de emoção por que emoção você acaba sentindo para assistir a novela, para assistir um, alguma cena que te emociona, realmente você chega a chorar, você sente aquele negócio. Eu acho que a igreja, na minha opinião ela

¹²⁷ Lembro que Garanhuns é a terra natal de Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil, e um dos berços das comunidades eclesiais de base católicas. Convidado por Odair e Helena a conhecê-la na sua casa, a mãe me contou sua história, e como ela perdeu passo por passo a fé católica (a fé nos santos católicos; a fé em Maria; a fé no Santíssimo Sacramento; a fé na Missa católica). Ela me mostrou uma carta do padre e até do Bispo local, lamentando a sua saída. Durante a sua fala de aproximadamente uma hora, o marido se manteve em completo silêncio, apenas sacudindo a cabeça de vez em quando afirmativamente. Sobre ele, Helena comenta: *“O meu pai por qualquer coisa ele é calado. Por qualquer coisa, independente de religião ou pessoa, ele não abre a boca.”*

¹²⁸ Os músicos homens, uma vez oficializados, podem tocar o instrumento em qualquer Casa de Oração da Congregação Cristã, porque seu número não é limitado, enquanto cada Casa de Oração tem um número preestabelecido de organistas que se revezam em turnos.

é diferente, lá você sente Deus, então a emoção ela fica fora da igreja e lá dentro eu estou sentindo com Deus. ... Eu não sei se todos fazem como eu faço mais eu, quando eu entro me, eu procuro me entregar de corpo e alma para aquilo que eu estou fazendo, eu me envolvo, eu me envolvo com o som, com o som da orquestra mesmo. ... Eu não sou mais uma peça, parece que eu faço parte, parece que está todo mundo dentro de mim. ... Eu toco exatamente para que, tentando tocar a Deus, eu tenho que passar para o meu instrumento, o meu sentimento e a minha devoção para com Deus, eu tenho que passar para ele para ver se ele sente o meu estado de espírito que eu estou naquele momento.

Além disso, ele, assim como sua esposa, foi selado pela promessa e fala em línguas. Com alguns irmãos da Congregação, Odair mantém laços fortes de amizade. Eles, porém, não são da mesma irmandade:

Com certeza. Laços muito fortes mesmo, eu tenho amigos na Congregação que eu considero como se fossem meus irmãos e tanto é que eu não saio da casa deles e nem eles da minha. ... Já tivemos altos e baixos e sempre estamos juntos, sempre estamos juntos quando eles precisam nas provações deles, eu procuro sempre estar na casa deles, se eu ficar junto nas dificuldades quando eu tenho as dificuldades eu pego o telefone e grito, e falo me ajudem aqui na oração, corram aqui e venham me socorrer. Aí nós nos reunimos, oramos. ... um é de Ribeirão Pires, outro é de Suzano. Outro é de Jundiaí também, são amigos fortes mesmo, que eu tenho.

Odair, que conserta computadores, e que dá a entrevista no seu escritório onde os filhos usam internet ou jogam *videogames* durante a entrevista, afirma que em casa não tem TV nem computador, e enfatiza as horas nas quais a família consegue conviver. Nestas, ele gosta de contar histórias que ouviu nos testemunhos aos filhos:

Eu prefiro ver as crianças brincando com os brinquedos e eu ali no meio. Porque pelo menos eu consigo ver o crescimento. Eu acho que computador realmente, e a televisão distancia a família. Distancia muito porque você tem quantas horas de trabalho por dia? Você tem pouco tempo para conviver com a família, o restante é dormir. Basicamente um terço da vida você dorme. E a sua família fica onde? E a sua família? E os seus princípios? E a sua religião? Aquilo que você tem de bom para passar para os seus filhos? Fica onde? Fica na televisão, no jornal, no cinema, vai ficar na novela, no seriado, vai ficar no orkut, no msn? Vai ficar aonde? Eu tenho pouco tempo para conviver com a minha família e eu prefiro não ter nada disso dentro de casa.

Ele procura viver as horas de lazer com a família unida, frequentando parques públicos:

Sempre procuro levar os meninos nos parques em São Bernardo tem uns parques bons pras crianças brincarem, eu levo às vezes bicicleta pra eles andarem de bicicleta, vamos no parque e vamos passear todo mundo junto.

Dar continuidade à fé na família é importante para Odair, porque ele, único dos quatorze entrevistados que afirma isso expressamente, acredita que Jesus voltará em breve.

É manter a minha casa em ordem. A minha família, todo mundo, os nossos familiares e dar a eles os princípios cristãos. Entregar a eles os princípios é a continuidade da vida a continuidade da, da nossa missão, da nossa razão de ser. Porque acredito que não, não mais tardar muito tempo a frente, acredito na volta de Cristo.

Odair considera que não somente os irmãos da Congregação Cristã se salvam porque *“independente do nome e da placa, Cristo é um só. ... E se você olhar em mim você vai ver uma pessoa de Cristo. É exatamente isso que ele quer de nós. Quando as pessoas olham e falam assim: isso é um homem de Deus, isso é uma mulher de Deus.”*

Odair afirma a respeito de sua sociabilidade que já participou de várias ONGs (*“Eu já participei de alguns grupos, até ONG’s mesmo, é da própria natureza, é ecologia, eu sempre ameiei muito a natureza”*) e parou por motivo da falta de tempo. Gosta do seu bairro e que convive bem com os vizinhos:

Se eu estou na rua a gente para, conversa, brinca, se precisar de alguma coisa busca na casa do vizinho, o vizinho busca na nossa casa. Se precisar a gente ajuda um ao outro. Sem problema nenhum.

Resumindo, Odair, que reside num bairro de média vulnerabilidade social, é o único dos entrevistados que mora de aluguel. Atualmente estão habitando oito pessoas na casa de quatro cômodos que costuma abrigar o casal com seus dois filhos (*“agora pouco chegou uma cunhada mais os três filhos dela”*). *“Nascido dentro da Congregação Cristã”*, como ele diz - assim como sua esposa -, esta tradição religiosa consegue, de maneira duradoura, formar sua subjetividade. Como músico de orquestra, Odair se apropria ao mesmo tempo de cultura universal e é inserido na corrente da cultura específica do grupo religioso e do seu *saber fazer* específico. Falando em línguas e tocando instrumento, ele expressa seu sentimento e sua devoção para Deus. Sua identidade religiosa parece num equilíbrio considerável; surpreende apenas que ele, apesar de sua esposa ser organista e ele músico de orquestra que já fez uma série de viagens missionárias, não é mais conhecido nem tem amigos no ministério espiritual: ele parece possuir pouca centralidade na Congregação Cristã, o que talvez esteja enfraquecendo o polo comunitário; os bons amigos dentro da Congregação Cristã moram distante. Preocupado com a transmissão e tradição religiosa na sua família, Odair tem que negociar com os filhos o uso dos meios de comunicação modernos (especialmente *videogame* e internet). Pela profissão sempre na rua e em contato com pessoas dos mais diversos tipos, Odair reduz, na sua vida privada, as correntes de memória das quais participa, mais à Igreja e à família, com fortes sobreposições destas memórias.

Eduarda é filha de migrantes do Paraná, sendo a mãe evangélica da Assembleia de Deus e da Igreja Adventista do 7º dia. Nascida em Maringá e criada desde a sua infância em Santo André, onde morou até os 12 anos de idade, voltando para um período de 6 anos ao Paraná e desde então, fixando sua moradia até hoje, conclui a 5ª série. Hoje com 40 anos, trabalha como auxiliar de serviços gerais, é casada e mãe de 3 filhos, dos quais dois ainda moram com ela numa casa de alvenaria com 4 cômodos, e dispõe de uma renda familiar em torno de seis salários mínimos. Ela não conhece a Casa de Oração do Pq. Jandaia e congrega em Santo André, na Casa de Oração Borda do Campo.

Eduarda tem uma vaga lembrança que conheceu a Congregação Cristã aos sete anos de idade, mas começa a congregar há 16 anos, por intermédio de sua irmã, *“e de tanto ela insistir, eu fui e fiquei até hoje”*. Um ano e meio depois, ela se batiza e frequenta o culto três vezes por semana, enquanto ela hoje congrega raras vezes, alegando sobrecarga de trabalho fora de casa e em casa. Nos anos iniciais, o cooperador da Casa de Oração é casado com sua prima, mas ela tem pouco contato; depois ele muda para o literal. Em geral, os laços que ela cria na irmandade são relativamente fracos (*“Não assim de frequentar a casa um do outro, não. Cumprimenta, não assim, toda hora juntos, não tem, não é assim”*). O culto é para ela uma forte experiência emocional, pela visitação de Deus que está sentindo:

Ah, é uma coisa tão boa (ri), é uma coisa muito boa. Sente a comunhão, não sei, não tem nem como explicar,   uma coisa, só você sentindo mesmo, mas é muito bom, quando fala, sente um fogo no rosto, um calorão, chora muito, eu principalmente, eu choro muito. É muito bom. Já ao entrar, oh, tem dia que no hino de silêncio já começo a chorar, no hino de silêncio, e vou parar quando termina o culto, na hora de ir embora (ri), quando paro, hein. (ri) ... É um choro de tristeza por certas coisas que eu não vi ainda passar, n , então d  uma tristeza, mas muitas vezes   por causa do que está acontecendo comigo, então eu choro por aquilo, e pela visita o dele, que é muita, sinto muito a presença de Deus. ... Na hora da palavra. Na hora da palavra não tem quem não sente assim; a hora da palavra é muito bom.

Ela considera o testemunho obrigatório após Deus fazer uma obra na sua vida:

 s vezes nos temos uma causa assim para resolver, ai a gente coloca na mão de Deus, Deus pega a causa eu vou pagar o serviço de Deus (...) Que nem a gente tava com uma tribula o com meu padrasto tava doente, enfermo, ... eu tenho que contar a obra de Deus, n , se Deus abençoa, o justo ... Deus fez uma grande obra na minha vida, então tou devedor ainda, por que não paguei ainda.¹²⁹

¹²⁹ A ideia de “pagar” parece um resíduo do Catolicismo onde é recorrete.

Ao orar, Eduarda veste o véu, como sinal de respeito:

pelo que fala lá na doutrina fala que o véu é o poderio sobre a cabeça da mulher né, e eu coloco não por que acho que vou 'tar com mais poder, não é isso, eu tenho respeito né pelo o véu, coloco, né.

Eduarda faz a transmissão religiosa cantando com seu filho, que é músico na Congregação, os hinos da Igreja e acompanhando-o aos ensaios, e levando a filha de 7 anos à Reunião da Mocidade. O filho, portanto, iniciou uma carreira como músico na Congregação Cristã. Posteriormente, sua mãe obedece e se batiza. O marido também começa a congregar: “Esse ano ele obedeceu, e vai fazer agora dia 3 de setembro faz um ano.” Eduarda tem sua parte nisso: “Eu falava da palavra, Deus falou isso e isso na palavra, aí acho que ele guardou acho que ele deve ter guardado, acho que alguma coisa deve ter ficado.” Ela afirma concordar com o ensino que o homem é a cabeça da mulher, e com a dominação masculina na Congregação Cristã:

Me sinto bem, eu acho que é o certo, né. Mas tem muita mulher que não se enquadra nisso, ela é que é a cabeça, mas eu não, mas eu vejo assim que é o certo mesmo. ... Não eu não achava isso, achava que o homem era muito machão né, e gostava de mandar, mas hoje em dia eu sei que o homem é a cabeça da mulher né. ... Eu acho até bonito o homem ter esse poder todo, esse domínio, eu acho até bom, as outras igrejas tem missionária eu não acho legal, presbiteriana, missionária.

Na vida cotidiana, porém, as coisas não são bem assim. Sorrindo, Eduarda admite:

Norberto: Como vocês fazem com o dinheiro, vocês trabalham e aí?
Eduarda: Eu vou falar a verdade, eu gasto o meu dinheiro e o dele, é.

Ela lembra como sua própria vida mudou quando começou a congregar:

Aprendi a ter paciência que eu não tinha né, eu acho eu não era feliz, eu acho que hoje sou feliz, acho não, eu tenho certeza, eu não era feliz naquele tempo, só sofria, só tinha sofrimento. Muita coisa mudou na minha vida. ... Eu não conhecia nada, eu era cega espiritualmente.

Desde então, ela se distancia dos parentes, critica sua maneira de viver e considera-os “cegos espiritualmente ... eu me vejo no passado né, que eu era daquele jeito.” Ela mesmo nunca gostou de assistir TV e sempre teve poucos amigos.

Referente à falta de infraestrutura, o bairro onde Eduarda mora apresenta semelhanças com a Vila Moraes:

Não tem água encanada, não tem esgoto, não tem asfalto, não tem mercado, não tem nada perto, tudo que a gente tem que comprar, tem que comprar pra cá.

Eduarda não participa de nenhuma associação de bairro ou clube de recreio e não fala dos vizinhos. Seu lazer preferido é ficar na casa da mãe que mora perto, e *“com a filha eu vou no Carrefour, vou no Centro passear, às vezes levo ela no parquinho, parquinho eu não gosto.”*

Resumindo, Eduarda vem de um lar evangélico e começa a congregar há 16 anos. Ao longo dos anos, sua mãe, filhos e marido começam todos a congregar também. O culto é para Eduarda um momento altamente emocional que ela passa chorando. Ela diz concordar com a dominação masculina tanto em casa como na Igreja e parece assim se inserir na tradição da Congregação Cristã, mas de fato é ela que tem as rédeas financeiras na mão em sua casa. Sua própria frequência nos cultos diminui no decorrer dos anos, mas ela incentiva a participação de seus filhos e os acompanha. Eduarda não mantém laços fortes na Congregação Cristã; o polo comunitário parece enfraquecido. Ela trabalha fora de casa e gosta de passear em lugares públicos. Distanciando-se de familiares não crentes, o lugar preferido de passar as horas é a casa da mãe. A corrente de memória da Congregação Cristã parece não ter força para moldar a subjetividade de Eduarda e fazer dela uma irmã obediente, temente de Deus; Eduarda, como Nádia, constrói e produz a sua vida e o ambiente em que vive ativamente com relativa autonomia.

Nos dois personagens moradores de bairro de média vulnerabilidade, entra um novo elemento que não se fez presente até agora: questões de trabalho impedem os fiéis de congregar regularmente e diminuem consideravelmente o tempo disponível de convivência religiosa e familiar, pilares, como vimos, de uma identidade religiosa forte, ou subjetividade moldada pela tradição religiosa.

5.3 Moradores de áreas de vulnerabilidade muito alta

As personagens

Nome	Lúcio	Laércio	Neide	Noemi	Francisca
Idade	54 anos	17	56 anos	37 anos	35 anos
Estado civil	Casado	Solteiro	Casada	Casada	Solteira
Moram na casa	5	4	2	5	5
Cômodos na casa	5	4 (com banh. 5)	3	3 (com banh. 4)	2
Material const	Alvenaria	Alvenaria	Alvenaria	Madeira	Madeira
Vulnerab bairro	Muito alta	Muito alta	Muito alta	Muito alta	Muito alta
Quantos filhos e seu gênero	2 filhos e 1 filha	-	2 (homens)	3 (homens)	2 filhos e uma filha com ela; dois com o pai
Posição na família	Chefe; pai	Filho mais velho (1 irmã)	Esposa do chefe de família; mãe;	Esposa do chefe de família; mãe; trabalha fora	Chefe de família; mãe; trabalha fora
Escolaridade	Sem	Fazendo 2º ano do colegiado	2º grau	5ª série	8ª série
Profissão	Pedreiro	Faz bico como servente de pedreiro	Costureira	Várias; hoje: doméstica fora	Doméstica (fora)
Renda familiar em sal min (aprox.)	3 – 4 sal min	2,3 – 2,5 sal min	3,5 sal min	3,5 sal min	1 sal min
Renda p/capita	06,-0,8 sal min	0,6 sal min	1,7 sal min	0,7 sal min	0,2 sal min
Migrante?	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Se for, de onde?	Rio Grande do Norte (Parelhas)	-	Mato Grosso (Campo Grande)	-	Paraná
Se for, quando migrou?	Há 36 anos	-	Com 4 anos para Estado SP e com 25 anos para São Paulo	-	Já na infância (4 anos)
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	-	-	-	-	-
Religião do(a)s familiares)	Pais católicos	CCB, desde os avós	Mãe católica, Pais do pai CCB	Sem religião	Mãe católica, pai CCB, hoje Mundial

Quadro 5.3: Moradores de áreas de vulnerabilidade muito alta. As personagens

Lúcio, de 54 anos e de família católica, migra com 18 anos do Rio Grande do Norte: “*depois eu vim, aí depois veio meu pai, depois veio irmã. Até que veio tudo.*” Afirma não ter escolaridade e trabalha como pedreiro; a renda familiar soma aproximadamente 3 a 4 salários mínimos. Ele, com mais 4 pessoas (a esposa e 2 filhos já adultos que congregam, e atualmente a sogra), mora há 27 anos nas proximidades da Casa de Oração do Pq. Jandaia, numa casa de alvenaria de 5 cômodos construída em autoconstrução. Ele é membro da Congregação Cristã há 15 anos.

Na família, a esposa, de origem católica, é a primeira que começa a congregar. Lúcio a leva para Igreja e traz de volta, não participa mas “*mandava contribuir para coleta, já deixava preparado, já mandava coleta*”, conhece os irmãos e, como pedreiro, faz amizade

com os irmãos que estão construindo a Igreja: “*A Congregação eu conheci na ... construção.*” Ele se batiza logo: “*Quando ele me chamou, já me chamou de uma vez, entendeu? Já fui no batismo e batizei de uma vez.*” Logo ele se torna o responsável pela construção da Casa de Oração do Pq. Jandaia:

Eu tenho uma obrigação para com Deus. Para cuidar da obra de Deus que foi me posto na minha mão, né, que é cuidar da manutenção da igreja. Então eu tô sempre procurando limpar, cuidar, plantar, pinturas, sempre que tem pinturas eu passo para a igreja o que nós precisa fazer e nós vai arrumar.

Quando a irmandade ajuda um irmão ou uma irmã em situação de precariedade num conserto urgente de sua casa - estes casos são levantados pela obra da piedade -, Lúcio costuma estar na frente da obra. Ele visita doentes. Além disso, Lúcio ocupa o cargo de porteiro e chega todos os dias de culto uma hora antes deste começar, mesmo nos dias em que não é escalado. Os porteiros têm boa convivência entre eles, mas mantêm laços fracos com o ministério:

Não, cada um na sua. Cada uma na sua, e nas suas atividade. ... Aqui é muito, com respeito e só amizade e saudação e pronto. ... É separado, o ministério separado. Então é um ministério separado é pra lá, a gente não fica sabendo de nada.

Lúcio guarda a mesma distância com respeito à atuação da sua esposa da obra da piedade: “*nem toque no assunto no trabalho dela lá na obra da piedade. E o ensinamento também é pra ela não falar pra mim e pra eu não falar nada pra ela.*” A razão é a crença que “*a salvação da alma é individual*”:

A conversão, um crente convertido é diferente. É muito diferente. Quando a minha esposa obedeceu a Deus, eu não interferei em nada, também não senti nada, nem ruim, nem bom. E quando a gente tava né? Ela era minha esposa eu era esposo dela e pronto. Porque a salvação da alma é individual, cada um salva a sua né? ... Eu mesmo, pra mim vim na congregação, ninguém me chamou. Ninguém me chamou pra eu ir na igreja. A minha esposa é crente há vinte poucos anos e ela nunca chegou pra mim pra falar da obra de Deus, é assim, é assim. Isso só foi do meu coração. Eu senti, de coração, de vir na igreja, de congregar, entendeu?

Com exceção da quarta-feira, Lúcio congrega todas as noites, na Casa de Oração do Pq. Jandaia e da redondeza. Ele considera a pregação

na revelação, ... enviada pelo Espírito Santo. Ali não tem teoria, ninguém estuda pra pregar. Não é igual nas outras igrejas que, faz teoria, estudo. A Congregação ainda é um movimento tudo espiritual.

Nada nela deve ser mudado, e Lúcio não tem nenhuma crítica com respeito a ela: “Não, não tenho nada. Eu só tenho a agradecer a Deus por ter me colocado nesta fileira Santa!” O culto é espiritual porque não é racional, mas dá “aquele sentimento de alma”:

Se você ficar na comunhão, você vai sentir alegria no cantar dos três hinos, você vai sentir visitaço no cantar dos três hinos. Entendeu? Na oração, se você estiver em comunhão Deus te visita, e na hora da palavra se você pediu na comunhão Deus fala com as suas necessidade Entendeu? Isso é que nós pra gente sentir no culto. Sentir prazer em ouvir as coisas de Deus. Porque de nós não adianta se eu venho aqui, mas não sinto alegria, venho só por vim. Não sinto não busco de Deus aquele sentimento de alma então não adianta! ... Os momentos que eu mais sinto é quando eu vejo a igreja manifestando a presença de Deus. Quando irmão pregando e aí eu sinto aquele vento realmente manifestando na igreja. ... Aí eu sinto muita comunhão com a igreja. Naquela hora, que vejo todo mundo manifestando na igreja, aquilo é bonito, aquilo me, me, mexe muito na minha alma. Eu acho muito espiritual aquilo.

Se não participar da Ceia, “eu tou morto.” Sendo fiel, ao contrário, ele tem a certeza da salvação:

Porque eu não conhecia, não tinha certeza da salvação, e hoje eu já tenho a certeza da salvação da minha alma, entendeu? Então isso mudou. Isso é o que mudou na minha vida, a certeza da salvação da alma. Se eu for fiel eu entrarei no céu um dia.

Lúcio, que nunca foi “de farra” nem tinha o vício da bebida, para de fumar (“fumava duas carteiras por dia”) a partir do dia do Batismo. Não rompe com os amigos, mas alguns destes se afastam, porque ele agora é crente. Com os vizinhos, ele se dá bem, apesar de nenhum deles ser crente: “Eu converso com eles, com todos eles, dou risada, brinco.” Ele gosta de morar no bairro, “essa vivência com a natureza... Eu fico doente quando vejo uma árvore dessa aí morrendo.” A respeito de ocorrências de violência e tráfico de drogas afirma: “Nunca vi isso, não. Também nunca procurei! Nunca procurei ver! A gente tem que se fingir de cego, surdo e mudo né? Pra viver nesse mundo!”, posição que Kowarick (2009:272) chama de “sociabilidade de distanciamento” e, citando Santos (1994:100ss), de “cultura cívica da dissimulação”. Não participa de nenhuma associação e não alega como motivo falta de tempo, mas afirma:

Não, nois nem podemos participar dessas coisa. ... Nós temos que ficar livre dessas coisa. Eu, no meu modo de pensar né? Nós não podemos entrar neste tipo de grupo, essas coisas, não. Fazer grupo, é comunitário, nós não. Nós não fazemos parte disso não.

Sua vida oscila entre o trabalho e a Igreja: *“Meu prazer é daqui para igreja. Pro trabalho, do trabalho pra aqui e pronto!”* Sua presença na família é muito reduzida, às horas noturnas após o culto, e por isso ele considera que é a mulher que manda na sua casa:

É a minha esposa! Porque eu não fico em casa. Quem manda, o povo diz, quem manda em casa é o homem. Quem manda em casa, lá, é minha esposa. Eu saio de manhã e chego de noite, então quem tem que mandar é ela.

Nas partes da casa que Lúcio e sua esposa ocupam, não há televisão (*“Não, graças a Deus, não. E mesmo que eu quisesse ter minha esposa não deixaria. Minha esposa não deixaria. E eu jamais vou contrariar minha esposa.”*). Os filhos que moram com ele e congregam, ao contrário, têm TV no quarto.

Lúcio faz parte da geração que migra para a Grande São Paulo à procura de trabalho. Vivendo os primeiros 40 anos de sua vida praticamente sem religião, ele valoriza agora o “espiritual” e a “salvação da alma” - Lúcio usa as palavras “espiritual” e “alma” 13 e 10 vezes na entrevista, respectivamente. Sua vida gira principalmente em torno do trabalho e da Igreja e, de forma mais reduzida, da família. Ao falar da Congregação Cristã e do seu culto, a corrente da memória da instituição parece até se sobrepor à emoção e subjetividade do próprio Lúcio, como se o seu “eu” tivesse se esvaziado em direção ao servo fiel e obediente da Congregação Cristã. Como nenhum outro entrevistado, Lúcio destaca o individualismo da salvação e a responsabilidade do indivíduo. Sua fala é a fala de um sujeito totalmente disciplinado, paradigma de uma Igreja toda disciplinada, como discute Gorski (2003). Em nenhum momento aparece o sujeito Lúcio com um desejo ou anseio próprio, subjetivo, ou em tensão com a instituição.¹³⁰ Ele é um exemplo evidente da força que a Congregação tem de formar a subjetividade do fiel, sua maneira de pensar, sentir e refletir. A sua identidade religiosa parece tender mais para os lados tradicional e universal do que para os lados emocional e comunitário. Ele se aproxima do tipo ideal do “praticante” com ausência quase total dos traços do “peregrino”.

Devo acrescentar ainda dados da pesquisa de campo a respeito de Lúcio que não aparecem na entrevista. Ele é amigo e às vezes chama para trabalhar com ele como servente Laércio, de quem já falei no capítulo 3 e cuja entrevista é analisada em seguida. Sei também que ele doou ao filho de Sueli, fiel da Congregação Cristã que vinha pegar leite para sua

¹³⁰ Neste ponto, Lúcio se diferencia de todos os outros entrevistados já analisados: Assim Ricardo pede, por exemplo, após o pedido de voltar para Campinas ser negado por Deus, imediatamente uma esposa para ele, numa certa barganha com Deus. Jaqueline congrega com sua tia logo ao chegar em Diadema, mas se reserva um tempo de 3 anos para obedecer. O ato imperdoável do qual Dorivaldo fala pode ser interpretado como indisciplina, e Beto e Nádia reciclam elementos da sua vida pré-Congregação numa construção própria, como vimos.

família no barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes, o instrumento que este toca na orquestra na Casa de Oração do Pq. Jandaia. A expressão utilizada por Sueli, na presença do filho, não era que “Lúcio deu”, mas que “Deus preparou por meio do seu servo”. Outro dia, dei carona à Sueli, deixando-a próximo da casa de Lúcio; a esposa deste iria doar a Sueli um vestido para a Santa Ceia (“Deus preparou por meio de sua serva”).¹³¹ De outro lado, duas vezes Lúcio convidou o filho de Noemi, que veio aos sábados para ajudar em mutirões de trabalho, a se retirar da Casa de Oração do Pq. Jandaia. Considero que a questão em jogo não era tanto a posição social no bairro (ambos os meninos moram na Vila Moraes, sendo o filho de Noemi em situação de vulnerabilidade maior do que o filho de Sueli, por este morar em casa de alvenaria e aquele em barracão de madeira e madeirite), mas justamente a questão da sua (in)disciplina. Enquanto conheci, na pesquisa de campo, o filho de Sueli como um menino tranquilo, equilibrado, obediente e com o discurso da Congregação Cristã nos seus lábios, o filho de Noemi encenou, durante a gravação de entrevista com ela, nos fundos do barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes uma luta marcial com seu irmão, gritando tanto e fazendo tanto barulho que parte da entrevista ficou indecifrável. Em todo caso, Lúcio oferece, portanto, oportunidades para jovens do local em certa carência (instrumento musical para iniciar uma carreira de música - e assim também de prestígio - na Congregação Cristã, adquirindo hábitos culturais universais, e emprego esporádico, mesmo sendo de baixa remuneração e qualificação), sem que elas formem uma *estrutura de oportunidades*. Sendo para estes dois jovens, portanto, *ponte* onde para eles há um *buraco estrutural* (“*structural hole*”, BURT 1992), Lúcio barra a oportunidade do filho de Noemi (menino em situação de vulnerabilidade maior) de se integrar mais e ganhar prestígio na Congregação Cristã por participar do trabalho em mutirão.

Laércio, de 17 anos, solteiro, mora com os pais e a irmã mais nova numa casa de alvenaria de quatro cômodos na Vila Moraes. Ele está fazendo o 2º ano de escola média, pretende estudar Direito e é chamado ocasionalmente por Lúcio para fazer “bicos” como servente de pedreiro. A renda familiar chega à faixa de 2,3 a 2,5 salários mínimos. Os familiares, desde os avós, são da Congregação Cristã, mas seus pais, que nasceram no bairro São Mateus, na zona leste de São Paulo, se afastam quando migram para a Vila Moraes. Somente quando uma sala de oração abre no Condomínio do Jandaia, em 1999, eles voltam; é neste tempo e pelos pais que Laércio conhece a Congregação Cristã. Ele começa a aprender

¹³¹Esta formulação encobre e ameniza, sem resolvê-la, a questão do prestígio e da hierarquia social na troca de dons e presentes, elaborada, como vimos, por Mauss.

violino na irmandade do Pq. Jandaia e em 2003, aos 12 anos de idade, se batiza: *“Eu comecei a congregar assim nos cultos, né. Aí, veio aquela alegria assim, aí logo eu me batizei.”* Em 2005, ele é “batizado na promessa” e começa a falar em línguas. Hoje, ele toca violino na Reunião de Jovens e Menores e no culto da noite, mas ainda não é oficializado. Desde 2005, ele é auxiliar de jovens. Tanto na Congregação Cristã como no bairro da Vila Moraes, Laércio possui uma estima elevada.

Na entrevista, Laércio não atribui inspiração especial aos ministros espirituais, mas considera que eles *“conhecem mais”* a tradição, *“por ter mais tempo de caminho”*. Para ele, a oração, o testemunho e a palavra constituem os momentos mais emocionantes do culto. Como músico, ele aprende os gestos corporais não no ensaio de música, mas à parte *“dentro da escolinha. Até que nós temos a salinha da escolhinha, separada da igreja, que é todo sábado à noite.”* Além deste espaço, ensinam-se os gestos na Reunião de Jovens e Menores, e os próprios irmãos e irmãs de pertença antiga ensinam aos novos durante o culto. Laércio já testemunhou na irmandade, e já orou em voz alta tanto na Reunião de Jovens e Menores como no culto da noite:

Eu estou lá no culto. Eu não estou sentindo nada. De repente na oração, você sente um calor, calor né, e você abre a boca e está orando, né, eu mesmo, eu só lembro que a necessidade que você pede: que Deus abençoe a testemunhança, a palavra, irmão da palavra e os pedidos de oração, o resto, isso não vem na mente quando você fala, você não lembra. Entendeu?

Junto com o Cooperador de Jovens e Menores, que ele considera *“bem amigo”*, e outros jovens ele visita outras Casas de Oração, assim como irmãos enfermos. Não joga mais bola e não vai mais em festas comuns e assim perdeu amigos, apesar de ele se considerar por natureza *“um rapaz muito preso. Eu não gosto de sair.”* Se ele namorar um dia, será uma moça da Congregação, porque caso contrário *“já não vou poder mais poder atender as crianças, não vou poder tocar mais, não vou poder chamar hino, não vou poder fazer oração.”* Laércio considera que a tradição da CCB deve ser mantida rigidamente. Sobre a tendência de mudar letra e melodia dos hinos, ele considera:

Eu estou junto com ele, você entendeu. Como ele tem mais voz por ser ancião, né, eu acharia melhor que não mudasse, porque eles estão criando uma mudança aí, para mudar umas palavras do hino, do tipo hino, eles vão mudar uma palavra, a melodia, você entendeu. E como nem ele falou: os irmãos mais antigos, os três irmãos que Deus revelou a obra, iniciar a obra, eles deixaram uma carta escrita que nem o irmão viu aqui, né, de não mudar os hinos, que eles devem ser cantados do jeito que Deus revelou, né. E eles já estão querendo mudar, né.

Laércio concorda também com as orientações rígidas da Congregação Cristã a respeito do namoro:

Eles ensinam que o namoro tem que ser um namoro, um namoro santo, né, porque o namoro na Congregação não é como no mundo, que a pessoa fica agarrado, fica em qualquer praça, fica em qualquer outro já, entendeu. Então aqui os irmãos ensinam assim o namoro: namoro tipo santo, você entendeu? O irmão não indo muito na casa da moça, nem a moça muito indo na casa do moço, você entendeu. Este negócio de, de um dormir na casa do outro, assim, então eles ensinam isso. O namoro não pode ser muito demorado para casar, entendeu. Porque a maioria dos moços aqui, entendeu, se batiza novo, não conhece o mundo, não conhece, né, estas partes. Então eles explicam isso para não, tipo, tem o adultério. Se adulterar, assim, já não, já não, quem for músico, já não toca mais, quem for auxiliar, já não auxilia mais, entendeu? Então fica separado, assim, você entendeu? Os irmãos explicam muito sobre isso, namoro, casamento, você entendeu? Como se deve portar.

Para Laércio, mulher só deve trabalhar fora de casa em caso de necessidade. Sua opinião oscila ao longo da entrevista e revela um certo patriarcalismo da Congregação Cristã presente no seu pensamento:

Se eu caso com uma moça, entendeu, e eu ter um serviço, tipo, Deus preparar um serviço bom para mim, e eu ter a condição de sustentar eu e ela, e a casa inteira, sem ela precisar trabalhar, entendeu, então ela ficar em casa, se quiser. Mas ela é livre ... Porque às vezes só o irmão trabalha, a irmã não tem a noção de quanto gasta, aí vai, compra demais e vêm aquelas contas, entendeu. Ficam apertados. Então eu acho que nem, se fosse, se tem hora se desse trabalhar assim, seria melhor porque seria um dinheiro a mais, sabe, um dinheiro a mais que dava para juntar aí, entendeu, levando a vida. ... Olha, pelo jeito que as coisas andam, né, eu acharia melhor ... Então, que nem, a irmã sai para trabalhar, sabe, no serviço sempre tem uma pessoa que mexe, né, e eles explicam isso, né. Que nem, para os irmãos ficar atentos na hora que a esposa sai, hora que chega, e a mesma coisa do esposo, né, porque tem, já aconteceram vários casos até, de no ministério a esposa sair para trabalhar, e largar o irmão e ir embora com um amigo, um funcionário da empresa que é amigo dela, entendeu. Então, eu acharia melhor assim, se tem condição do marido trabalhar só e sustentar a família inteira, assim, e sempre sobrar um pouquinho para segurança, então era melhor que a esposa ficasse dentro de casa.

Ele acredita que fiéis de outras Igrejas, como Assembleia de Deus, podem se salvar, “pela inocência deles Deus pode vir”, mas considera que a doutrina verdadeira está na CCB.

Laércio, que pretende estudar Direito, parece ter bem refletido a questão se o estudo pode afastar irmãos da Congregação Cristã:

Você entra numa faculdade, você é jovem e entra numa faculdade. Lá aparecerão muitos pratos, moços que não são da Congregação, você entendeu, e tem muita gente que está na Congregação e começa a estudar muito. Começa

a estudar muito, começa a estudar muito, e acabam com este estudo tendo um bom serviço, até uma boa empresa. Entendeu? E muitos, eh, a maioria, continuam, e vamos colocar assim, um pouquinho das pessoas pega e saem da Congregação, você entendeu?

Laércio não gosta do bairro onde mora e tem o projeto de mudar-se no futuro¹³²:

Eu não gosto por motivo ... ali não tem asfalto, entendeu. Tem muitas casas de madeira, entendeu. Tem muita gente fazendo coisas erradas, entendeu. Então, eu não acho bom morando ali, né. Bom assim, mas pela necessidade de morar a gente tem que morar, entendeu. Mas nós temos planos de, mais para frente, comprar uma casinha fora, entendeu ... E assim vai indo, se Deus abençoar. ... Ali todas as casas têm eletricidade. Só que, nem tem uma rede ali, uma rede, uma rua ali, que é uma energia para várias casas. Então minha, minha tia mora lá na última casa da rua. A força dela é bem fraquinha. Muitos estão usando, não dá para enxergar quase nada. Aquele paviozinho tipo como se fosse uma vela. ... Agora está meio parado, mas antigamente estava tendo muita violência no bairro.

Para seu desgosto, somam-se na Vila Moraes a absoluta precariedade de moradia, analisada no capítulo 3, com a frequente violência. Dentro da Vila Moraes, há uma estratificação social interna, e nela a família de Laércio ocupa o lado melhor:

Ali tem uma área que é particular. Nós moramos dentro desta área particular. Então nossa casa é de blocos, você entendeu. É um sítio. Só que está desativado, né. É um sítio; nós mora lá, nem, então o dono falou: ó, vocês moram ali, até quando vocês quiserem. Entendeu. ... Meu pai trabalhou, então, meu pai trabalhou para ele 12 anos. ... Criação de porcos. Gados, né, cabritos. Meu pai cuidava para ele. ... Então nós moramos aqui. Nossa casa é de blocos, entendeu. Tem uns poços muito bons, tem energia boa. ... Tem luz, entendeu. Tem onde plantar, entendeu. Tem onde, tem, tem bastante benefícios, você entendeu. Agora, os, os outros pessoas já não têm, têm casa de madeira, às vezes a energia acaba, porque são muitas pessoas. A energia acaba, queima o fio, por causa de muita tensão, né. Então às vezes ficam sem luz, entendeu, passam muitas vezes necessidade.

Laércio explica as desigualdades sociais a partir da situação social da Vila Moraes com a predestinação divina. Ele argumenta que o mais importante é a riqueza espiritual, e Deus pode negar a riqueza material a alguém porque esta poria sua riqueza espiritual em risco:

Buscar o espiritual, porque o material, se Deus quiser, Deus dá, se Deus não quiser, Deus não dá. Então, ele ver assim a parte da pessoa. Tipo, tem pessoa que está lá, que nem ele te fala: na pobreza, está ali sem luz, sem energia. Mas se Deus dá uma casa boa, com energia, nem vai querer vir mais na igreja. Deixa de lado. Então Deus vê estas pessoas também. Às vezes vai falar: ah, a pessoa está na pobreza porque Deus não quer abençoar. Não é que Deus não

¹³² De fato, Laércio mostra incoerências a respeito desta questão ao longo da entrevista; em outra parte, ele afirma que gostaria de continuar morando no bairro e mudaria somente se uma futura noiva o exigir.

quer abençoar. Talvez Deus quer abençoar, mas não abençoa, porque se abençoar, vai deixar de vir na igreja, entendeu.

Resumindo, parece que a Congregação Cristã formou e conseguiu com força constituir a subjetividade de Laércio, apesar de ele ser jovem, conhecer a CCB apenas há nove anos e ser batizado há cinco. Seus pensamentos, sentimentos e reflexões seguem quase por completo os moldes da instituição. Mesmo em assuntos muito pessoais, como namoro, ele segue os conselhos da Congregação Cristã à risca. Uma razão pode ser uma exposição mais forte a Lúcio, com quem trabalha ocasionalmente; as duas falas apresentam nítidas semelhanças. Tanto a identidade religiosa de Lúcio como a de Laércio demonstram um certo esvaziamento do polo subjetivo com uma consequente tendência para o polo da tradição. Na fala de Laércio o polo individual é menos enfatizado e parece equilibrado com o polo comunitário. Deve ser levado em conta a possibilidade - sem afirmá-la - de Laércio, que em pouco tempo já conseguiu uma carreira impressionante e um prestígio considerável na Congregação Cristã, “esconde” na entrevista aspectos de sua subjetividade que divergem da tradição da CCB, justamente para não por em risco esta carreira e este prestígio. Outra possibilidade é a de estarmos diante de uma geração de jovens que afirma, mais do que a geração anterior, os princípios tradicionais da Congregação Cristã. Neste caso, a entrevista com Deda, já analisada, poderia ser uma confirmação desta tendência.

Neide, de 56 anos, casada com marido aposentado que trabalha numa mecânica, nasce em Mato Grosso na cidade de Campo Grande como filha de mãe católica e pai religiosamente indiferente. Quando ela tem 4 anos, a família migra para o Estado de São Paulo, e com 25 anos Neide migra para a Grande São Paulo. Com o 2º grau concluído, Neide trabalha como costureira, tem duas filhas e mora hoje só com o marido numa casa de alvenaria de 3 cômodos. A renda familiar é de 3,5 salários mínimos. Ela mora no Jardim Ideal, bairro próximo à Vila Moraes no qual habitam em torno de 30 famílias:

bairro muito simples e muito humilde, de gente simples principalmente não é? Mas um bairro bom. Bom de se morar! Mas o que falta é infra-estrutura, falta uma série de coisas, mas é um lugar onde não tem tanta violência. ... Tem água encanada, tem luz, tem telefone, tem tudo.

Seus avós são italianos, conhecem Louis Francescon em Mato Grosso e congregam; diferentemente das tias, o pai não segue a religião. Dos seus cinco irmãos, “dois já são falecidos, tem um da Congregação, tem um Batista, tem um Testemunha de Jeová.” Avós e pais vivem com mobilidade constante (“os meus avós se mudaram diversas vezes de lugar”),

e também ela migra diversas vezes no Estado de São Paulo. Educada na Igreja Católica, não se identifica, frequenta Seicho-no-iê, é “*convertida ao evangelho há doze anos atrás com uma outra denominação*” e faz, junto com seu marido, como missionários da Assembleia de Deus, missão no Paraná. Já naquele tempo, conhece a Congregação Cristã em Peruíbe, no Vale do Ribeira, é convidada pelo filho a congregar e se batiza em 2006, no mesmo dia como seu marido, na Central de São Bernardo. Ela não assume nenhum cargo da Congregação Cristã, e nela sua formação como missionária na Assembleia de Deus não tem valor: “*Eles não me receberam com essa missão. Então eu não vou começar tudo de novo. ... Não me recebeu e falou que não tinha validade nenhuma, mesmo a gente apresentando documentação e tal.*” Ela não se decepçiona e de fato não se importa muito com isso, porque ela obedece ao chamado de Deus e não aos homens: “*Não, porque quando o Senhor manda eu vou! Se o Senhor disser pra mim: Olha! Você vai em tal lugar falar tal coisa! Eu vou. ... Eu sou obediente ao Senhor. Eu não obedeco - é assim: O Senhor é o meu pastor! É ele que me dá ordem, é ele que diz você vai, você não vai.*” Ela alega ter esta independência diante da instituição religiosa e afirma que nenhum grupo religioso gerou profundas mudanças na sua vida porque, independente do grupo religioso ao qual pertence, Deus fala diretamente com ela, desde os 7 anos de idade:

Neide: Deus fala comigo. Deus fala comigo!

Norberto: Na oração?

Neide: Uma voz humana! Deus fala comigo em voz humana.

Norberto: Em que momento?

Neide: Em momento de oração, em momento de aflição.

Norberto: Tanto em casa como na rua como na igreja?

Neide: Em qualquer lugar. No ônibus. Não é? Eu já saí pra fazer uma determinada coisa e do ônibus o Senhor: Você volte!

Norberto: E você procura esses momentos que o Senhor fala? Ou ele fala...

Neide: Não! Fala quando ele quer! Ele fala quando ele quer.

Norberto: Aí você fica muito emocionada? Como é?

Neide: Normalmente eu fico muito, muito emocionada. Normalmente.

Norberto: Às vezes chora naqueles momentos?

Neide: Sempre choro!

Norberto: Mesmo no ônibus?

Neide: Mesmo no ônibus! Mesmo no ônibus!

Norberto: Deus falava contigo antes também quando...

Neide: Falava! Falava!

Norberto:... estava na Assembléia, quando estava na Católica?

Neide: Falava! Falava!

Norberto: Isso é algo que vem...

Neide: Vem desde criança! A primeira vez que eu me lembro eu tinha sete anos.

Ao mesmo tempo, ela considera os ministros espirituais da Congregação Cristã “*homens de Deus*”. Não porque eles guardem fielmente a tradição da CCB, da qual Neide não fala em nenhum momento da entrevista, mas porque através deles Deus fala com ela e dá a resposta que ela precisa:

Eu creio que estes três homens que estão diante desta Congregação são homens de Deus. São Homens de Deus. São usados. O irmão Silvio principalmente, o irmão Silvio, eu tou passando por um processo muito difícil no momento e o Senhor tem revelado ao irmão Silvio quando ele chega, quando ele está no púlpito o Senhor fala comigo através da voz dele. Tem falado muito comigo, muito comigo. E ontem o Senhor falou comigo através do irmão Leo. O Senhor falou comigo! Dentro daquilo que eu precisava uma resposta.

Tradições específicas da Congregação Cristã parecem ter pouca importância para Neide. A tradição de vestir o véu ela considera “*um dogma da igreja! Só!*” que não tem nenhuma importância pessoal para ela. Neide considera que a Congregação Cristã deve passar por mudanças:

Eu acho que a Congregação não muda não. Eu acho que não, eles são muito, eles têm uma cabecinha muito pequenininha. Eu acho. ... Mas eu não penso como eles. Eu não penso como eles. ... Eu acho que precisaria uma abertura maior. Não é? Uma abertura maior, um entendimento maior. ... Com relação às outras denominações, não é? Em relação ao mundo. Não é? É, não somos os únicos salvos!

Neide, portanto, toma distância interior da Congregação Cristã. Ela tem uma vida social bastante ativa: Amigas do seu bairro com as quais se reúne frequentemente são de outras denominações, e a nora que ela ama muito é da Igreja Mundial do Poder de Deus, cujo canal de TV ela assiste muito. Além disso, ela frequenta teatro (“*Em São Bernardo tem três teatros que eu vou, tem um no Rudge, que é bom, que eu sei que tem coisas boas lá, tem na, na prefeitura tem teatro e, e no bairro Assunção tem outro*”) e vai ao cinema, mas prefere alugar DVDs. Ela afirma que é preciso lutar por melhorias, mas que no seu bairro não existe nenhuma associação de moradores.

Resumindo, a identidade religiosa de Neide se aproxima muito do tipo ideal da *peregrina* desenvolvida por Hervieu-Léger (1999). De uma família que desde a geração dos avós está fisicamente em constante mobilidade, família religiosamente muito fragmentada, e exposta constantemente a amigas, parentes queridas e canais de TV de outras denominações crentes, com sua competência religiosa (missionária documentada da Assembleia de Deus)

ignorada e não validada para uma carreira social e religiosa nem prestígio social na CCB, Neide, que afirma que Deus fala diretamente com ela desde a sua infância, mostra poucos sinais de uma subjetividade inserida na tradição da CCB ou moldada por ela. Há uma afinidade evidente entre a autorrepresentação da Congregação Cristã como *a Igreja onde Deus fala* e sua autorrepresentação subjetiva que “*Deus fala comigo*” desde a sua infância, e Deus atualmente fala com ela pelo ministério espiritual da irmandade, mas estruturalmente ela não precisa desta mediação da Congregação Cristã. Também o elemento *comunitário* não tem relevância na fala de Neide; ela lembra mais como referências comunitárias religiosas, momentos vividos com parentes e amigos crentes de diferentes denominações. Ela obedece a Deus e não às regras da instituição, e distancia seu pensamento subjetivo da tradição institucional com as palavras: “*Eles pensam assim!*” Frequentando, sim, o culto três vezes por semana, mas exposta a diversas correntes de memória e tradições crentes, além de teatro e cinema, e de forma alguma restringindo os quadros sociais dos quais participa aos da Congregação Cristã, a corrente de memória específica da Congregação Cristã, sendo uma entre tantas outras e sem valor sentimental especial, parece bastante enfraquecida e sem força de formar a subjetividade (forma de pensar, sentir e refletir) de Neide.

Noemi, filha de migrantes do Mato Grosso (Campo Grande), nasce em São Paulo, tem 37 anos, é casada com Ubirajara, presidente da Sociedade de Amigos da Vila Moraes, e tem com ele 3 filhos meninos. Estuda até a 5ª série, já teve várias profissões (“*Já fui engraxate, já fui lavadora de carro, já fui garçonne em estrada mesmo, hotel três estrelas, telefonista. É! Já tive muita profissão! Babá! Mas em carteira mesmo...é só de garçonne*”) e trabalha atualmente 3 dias por semana como doméstica, sem ser registrada. Após morar uns anos na favela Pantanal (perto de Diadema) numa região de muita violência, tem desavenças com vizinhos, consegue vender o barraco a um bom preço e chega à Vila Moraes em 2005. Mora num barraco de madeira de 4 cômodos, incluindo o banheiro, construído em autoconstrução, e a renda familiar média é de 3,5 salários mínimos.

Suas redes sociais no bairro e na irmandade do Pq. Jandaia, assim como suas críticas aos moradores do bairro que se mobilizam pouco, e a irmãos da irmandade pelos quais se sente desprezada, já foram estudadas no fim do terceiro capítulo.

Noemi tem passagem na Igreja Católica, macumba, Casa da Bênção, Deus é Amor, Assembleia de Deus, Igreja Universal, e há um ano e pouco está na Congregação. No início de sua trajetória em Igrejas evangélicas, ela foi batizada por forte constrangimento da sogra, num retiro da Casa da Bênção:

Porque foi assim, eles chamam Peniel, é um lugar que a gente vai, é que nem convento, homem fica de um lado e mulher do outro. É que nem convento né? Então fica praticamente três dias sem conversar pra gente não ter palavras. Você só, você, sete hora da manhã você já tem que tá lá na Igreja orando, depois almoça. Mas sem conversar! Agora se você precisar de algo necessário aí sim você pode conversar com o obreiro. Aí a gente ficou lá esses três dias, e eu, me aconteceu algumas coisas que eu não entendo até hoje e talvez seja o inimigo, pra não, não acontecer esse batismo. Fiquei doente e outras coisas que aconteceram comigo. Eu tava com muita dor de cabeça, eu tava com febre, a piscina era congelada. Que era mato e quando chegasse de tarde você sente muito frio. Dá umas quatro cinco horas você já tá com frio! E lá também! Era muito gelada e a mãe do Ubirajara falou: Se você não entrar Noemi, eu vou ficar muito chateada com você e os irmãos e as obreira que é a pastora, que sábado você tem que ir, você tava aqui você não pode voltar sem ir. E ficaram falando, falando, falando... aí eu fui como uma obrigada, fugia, ... por que eu saí de lá quase morta. Quase morri mesmo porque eu não podia entrar naquela água. Muito gelada! Então foi uma bem obrigada!

Ela afirma ter sido curada na Assembleia de Deus e na Deus é Amor:

Norberto: Aquela coisa que você falou, que aconteceu na Igreja Universal, aquele sangue que desceu que formava quase um fígado...

Noemi: Não! Isso já não foi nem na Universal. Eu fui curada, esse foi na Deus é Amor! ... É trabalho! Puseram! Trabalho! Alguém da macumbaria!

O filho é curado na Igreja Universal:

Norberto: na Universal teve algum tipo de cura também? Foi do seu menino?

Noemi: Houve! Foi! Foi que tiraram isso aí que ele acordava de madrugada uma, uma e meia da manhã! ... Perdendo sangue. E aí ela afastou o mal que tava nele né? ...

Norberto: Mas nas outras Igrejas então milagres acontecem também. Na Deus é Amor, na Universal?

Noemi: Acontecem! Acontecem! E lá se persegue Deus, que nem aqui também!

Noemi encontra o dom da profecia somente na Congregação Cristã:

mas igual a Congregação até agora eu não achei. Quer dizer, a palavra que fala e aquilo que você tá pensando, você tá orando. Que só Deus sabe que você está orando ali, que só Deus sabe o que você tá orando ali. Você está confirmando ali!

Num dos poucos cultos que aconteceram no próprio barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes e que depois cessaram, porque o número dos visitantes estava diminuindo, Sílvio, o cooperador de jovens e menores, profetizou que a terra iria estremecer, e poucos dias depois houve mesmo um terremoto em São Paulo:

O que eles falam acontece. Teve um culto aqui no barracão que ele falou: A terra vai se estremecer. Já tava preparando né, que isso ia acontecer, mas não

deveria tremer. Foi acho que na mesma semana teve um terremoto aqui. Eu acreditei que fosse a terra estremecer mesmo! Só que teve uns irmãos que achou que é a terra estremecer espiritual, né? ... Mas foi material mesmo!

Noemi afirma que sua trajetória crente mudou o seu caráter, mas não restringe sua sociabilidade nem a gama de livros que lê:

Muito! Mudou muito, eu aprendi a ter mais amor no coração. Eu era uma pessoa egoísta, mais amor no coração, aprendi a ser, a correr mais atrás do que eu, do que eu preciso e não ficar esperando. ... Eu creio que Deus me curou, eu era egoísta. Só que eu era aquela invejosa, muito egoísta e invejosa. Que eu trabalhei e desde os doze anos eu já comecei a trabalhar. Se alguém tivesse um sapato que eu gostasse, aí eu ia lá e comprava melhor! ... Eu me matava ali! Trabalhando! Eu era invejosa, egoísta e creio que Jesus ele me curou! Ele me curou! Que isso era uma doença! ...

Norberto: A sua rede de amigos mudou?

Noemi: Não. Não. Eu sou o que eu sou e eu trato macumbeiro, mendingo, qualquer um de qualquer forma! Não mudou nada! Eu sou o que eu sou. ... Gosto de ler muitos livros. ...tenho de católico, tenho de evangélico, tenho de espírita! Eu gosto de ler muito ... Nossa! Se souber que eu leio livro de espírita! Se souber que eu tenho uma coleção de Bíblia católica, 1984, tá lá! Quando dá um tempinho eu vou lá e fuço, dou uma lida em um, uma lida na outra. Porque é católico não pode! Espírita então. Se souber que eu tou trabalhando em casa de espírita, já criticam e tipo assim tem que sair né? Mas Deus sabe da minha necessidade.

Noemi tece severas críticas não somente à Congregação Cristã como grupo social, mas também aos outros grupos religiosos presentes no local:

Porque tem a católica lá no final, o povo só vai pra ganhar cesta! Quando vem aqui a maioria é os irmão que vem! Da Assembleia vai porque tem muita festa ali. Ali eu falo porque é a Igreja da festa. ...

Norberto: Tem muita festa lá?

Noemi: Ôxe! Acho que uma vez por semana tem que ter aniversário ali. ... Então eu acho que vai mais por interesse, um pouquinho de farra porque ...né? Não é todo mundo pegam firme não! Do que adianta sair da Igreja e já começa a brigar porque tem um aqui que então. Dá glória até, do começo ao fim! Quando chega aqui xinga o marido de tudo que é nome, e manda ele embora! ... Acho que vai por um pouquinho de farra e por interesse.

Em resumo, Noemi, sem tradição religiosa fixada na memória da família de origem, mostra resistência aberta contra códigos de comportamento obrigatórios da Congregação Cristã, como as proibições de cortar cabelo, fumar e ler livros de outros grupos religiosos, e recusa-se expressamente a *obedecer*. Ela não dá valor à tradição específica da CCB, mas utiliza o momento do culto e profecias, que na Congregação Cristã pertencem ao quadro oficial da Igreja, em função das suas próprias exigências afetivas, esvaziando o polo

institucional da Igreja. Ela é atraída pelo lado místico da Congregação Cristã, especialmente o milagre da profecia que se realiza, e contra os constrangimentos institucionais e a sociabilidade restritiva, que ela rejeita expressamente e dos quais ela se sente vítima (*“alguns irmãos da Congregação que às vezes não dão oportunidade nem de cumprimentar né?”*), ela autoafirma a validade da sua subjetividade: *“Eu sou o que eu sou.”* Sempre vivendo na margem da irmandade, a memória da vida comunitária nela traz lembranças negativas, do desprezo que ela mesma sofreu por causa de sapatos sujos (cf. no fim do cap. 3 e também a discussão que Beto faz desta questão, neste capítulo), e da dupla rejeição do filho como colaborador num mutirão. Ela sabe que mesmo seu esforço de transmitir a fé aos filhos não é validado e até proibido pela CCB: *“eu compro cedezinho pra eles do evangélico. Na Congregação tá errado né? Não posso! Mas eu compro!”* De fato, Noemi faz transmissão religiosa não do sistema religioso específico da Congregação Cristã, mas *transmissão religiosa evangélica em geral*, misturando elementos de correntes internas do campo evangélico livremente. Acredito que se pode falar de uma *identificação subjetiva* fraca de Noemi com a tradição religiosa institucional da CCB. Enquanto Noemi, no tempo da entrevista, acreditava que Deus providenciaria o seu batismo na Congregação Cristã, meses depois, quando a reencontrei, estava participando na Assembleia de Deus - da *“Igreja da festa”* onde *“uma vez por semana tem que ter aniversário ali”*. Sua peregrinação religiosa evangélica continua, portanto. As *diversas correntes de memória evangélica* continuam impactando a sua subjetividade, mas o seu *quadro social evangélico de memória*, o grupo evangélico social do qual participa, mudou. Por enquanto, a sua trajetória evangélica a levou de volta à Assembleia de Deus. Ubirajara, seu marido, por enquanto continua participando da Congregação Cristã, ocupando nela lugar marginal.

Francisca, de 35 anos, solteira com 5 filhos dos quais 3 moram com ela, é filha de migrantes que se mudaram do Paraná para São Paulo quando ela tinha 4 anos. Criada pela mãe católica e padrasto da Congregação Cristã - hoje ambos são da Igreja Mundial, após passagem pela Igreja Universal -, residentes do condomínio Pq. Jandaia, termina a oitava série, mora na Vila Moraes há onze anos, faz ocasionalmente “bico” como doméstica ou atendente de bar e dispõe de até um salário mínimo como renda familiar. Amiga de Noemi e Ubirajara, era a presidente anterior da Sociedade de Amigos da Vila Moraes.

Apesar de o padrasto ser da Congregação Cristã, Francisca considera que sua trajetória nela inicia há 3 anos e meio, quando ela começa a frequentar os cultos ainda no condomínio do Jandaia e ocasionalmente na própria Vila Moraes, no barracão da Sociedade de Amigos:

Quando era dentro do condomínio. Aí eu ia bastante dentro do condomínio, aí pegou e mudou ali pro Maria Cristina. Aí no Maria Cristina também tava indo, uns dois meses indo direto. Aí eu recebi um convite pra mim eu ir assistir um batismo. Aí nesse convite que eu fui assistir o batismo aí, é, eu senti né? Que Deus me chamou e aí pra eu me batizar e me batizei. Aí nesse intermédio eu me batizei tudo aí, sem as sem (incompreensível) né? Então! Aí conforme eu disse apareceu emprego pra mim pra mim trabalhar no bar eu fui trabalhando e tava resistente e eu tinha três meses de batismo, aí alguns irmãos, fazia assim, torcia o nariz quando me via trabalhando no bar, alguns não, alguns dava a paz do Senhor e todo mundo me cumprimentava numa boa. Quando me via de short na rua torcia a cara pra mim. Agora, outros não, outros até hoje, aonde me ver de calça, de short, de saia, de vestido, do que for é a paz do Senhor. Mas alguns não. Alguns torcem até hoje o nariz.

Norberto: E aí você no fundo saiu fora quando?

Francisca: Ta com, ah, logo assim que eu me batizei eu não fiquei muito por aqui não.

Como Noemi, ela não segue os costumes de vestir-se da Congregação Cristã e por isso, sente o desprezo dos irmãos e irmãs que moram na própria Vila Moraes.¹³³ Francisca admira muito os ministros espirituais: *“Alguns têm os dons diferentes! Mas têm! São diferentes. O irmão Leo, o irmão Leo ele, ele prega muito assim a doutrina né? O irmão Silvio quando ele ta lá no púlpito olha, Deus usa ele tremendamente!”* e estende esta admiração ao sistema religioso da Congregação Cristã: *“Na Congregação não tem o que mudar, tem que mudar alguns irmãos!”* Ela considera que os ministros espirituais não têm informações a respeito da arrogância destes irmãos e os isenta de qualquer culpa:

Não! O irmão Silvio e o irmão Leo, ah eu acho que eles até inclusive ele, eles nem sabem né? ... Porque eu acho assim, quando eles sabem de alguma coisa, eles mesmos falam lá no púlpito, o que ta certo e o que ta errado! ... Eles mesmos falam lá em cima, que não é pra tratar assim.

Francisca afirma que Deus se revela a ela em sonho, viu várias profecias já se realizarem na sua vida, e no culto, ela se emociona quando sente que Deus está falando com ela:

quando realmente Deus fala com a minha alma! Fala com a minha alma! ... Eu sinto! ... Eu sinto assim, o meu coração ele enche de alegria, em saber que aquela pessoa ta passando pelo mesmo que eu passei! ... O que eu mais gosto na Congregação? Ah! O que eu gosto mais na Congregação é quando eu vou quando Deus fala pra mim não mente comigo!

¹³³ Para Francisca, as irmãs não sofrem desprezo maior do que os irmãos: *“Não! Os irmãos também! Principalmente assim, quando vamos supor, algum irmão que tava lá há tantos anos que pega, separa da mulher, quem paga são os filhos. Eu acho que é assim, os filhos não têm culpa.”*

Ela não *obedece* simplesmente aos costumes da Congregação Cristã, mas inventa suas próprias regras, uma apropriação subjetiva, em relação a eles:

Não me sentia à vontade de usar véu logo em seguida, que eu não me sinto à vontade e eu acho que pra isso tem que vim de dentro de você! Não é chegar lá e colocar o véu na cabeça e orar, orar, orar, quando tira o véu você se transforma. Então eu acho que tem que vim de dentro de você, você colocar o véu. Porque pra mim o véu significa, o sagrado, pra mim é sagrado, uma pessoa chegar e colocar o véu na cabeça. Então quando eu vou na Congregação, portanto, eu sou batizada certinho, não me sinto à vontade em colocar o véu! Porque eu sei que eu tou assim enrolada, e pra mim por um véu eu tenho que tar limpa comigo mesmo. A minha alma tem que saciar pra mim poder por o véu. Então é por isso que eu não uso o véu!

Diferente de Noemi, que parece se rebelar contra os costumes da Congregação Cristã, Francisca não veste o véu por não se sentir digna¹³⁴, quer dizer, por respeito internalizado ao costume de vestir o véu. Outros hábitos ela não muda, porque mesmo antes de congregar, ela já não bebia nem fumava, assistia pouca TV (a Rede Record é o canal preferido) e filmes e continua assistindo hoje. Ela considera que a pertença à CCB mudou profundamente o que denomino de subjetividade, definida como maneira de pensar, sentir e refletir, e melhorou também a qualidade dos seus laços sociais:

Mudou tudo na minha vida porque antes praticamente eu era uma largada não é? No modo de se dizer em geral. Agora, hoje em dia eu penso muito em fazer as coisas, porque antes eu não pensava. ... Os meus hábitos mudou assim, em termos, eu falava muito palavrão, não respeitava assim meus filhos. Então pra mim mudou! ... Antes a minha casa vivia cheia de gente largada. Hoje em dia eu, os meus filhos e o meu irmão.

Ela tece severas críticas a respeito das duas Igrejas das quais seu padrasto participou nos últimos anos, após abandonar a Congregação Cristã:

Na Universal eu já fui umas três vezes com o meu pai, que o meu pai ia muito na Universal. A Universal pra mim é como se fosse um centro de macumba, porque não tem diferença. É! Pra mim não tem diferença da Universal! Porque eu também já fui no centro de macumba. Já frequentei anos! Então quando eu fui na Universal a Universal pra mim é igual. ... A Mundial muda, só muda o nome. Pra mim a Mundial e a Universal mudou só nome. Porque é igual!

No bairro, Francisca não se relaciona com muitas pessoas (“esse é o meu jeito. Eu sempre fui assim e nunca tive muitos amigos aqui onde eu moro não”) e gosta do bairro porque esta é a sociabilidade predominante nele: “Ah! O bairro aqui é tranquilo. Sossegado, graças a Deus é cada morador na sua.” Ela somente reclama da falta de regularização e da

¹³⁴ semelhante a Dorivaldo, analisado acima.

ausência de qualquer equipamento: “*Você não tem um comércio perto, você não tem uma escola perto, você não tem uma farmácia, não tem um posto de saúde, você não tem nada perto.*”

Resumindo, formas de sociabilidade de irmãos e irmãs vizinhos e moradores da Vila Moraes, sentidas subjetivamente como desprezo, estão afastando Francisca da Congregação Cristã, cujo sistema religioso e ministério ela admira sem restrições. Sem amizades e laços fortes no interior da irmandade, assim como Noemi, a tradição da Congregação Cristã parece ter um impacto maior na sua subjetividade (ela não se sente digna de vestir o véu) do que na de Noemi. Apropriando-se da tradição da Congregação Cristã seletivamente e inventando sua trajetória subjetiva, ela tende ao tipo ideal da *peregrina*. Como Noemi, ela se apropria dos elementos místicos e emocionais, cultivados no sistema religioso da CCB, e se isenta do seu enquadramento institucional. Exposta por laços afetivos fortes ao padrasto e à mãe que pertencem a outras correntes de memória evangélicas, Francisca mantém uma identidade que considero fraca com a memória religiosa da Congregação Cristã. Um certo individualismo de salvação presente na Congregação Cristã - cada um é responsável pela salvação de sua alma - corresponde ao tipo de sociabilidade preferida por Francisca (“*Graças a Deus é cada morador na sua.*”)

5.4 Discussão dos dados e Conclusão

Retomo para a discussão dos dados e a conclusão, as perguntas que guiaram a análise das entrevistas e constituíram em parte o roteiro destas: Qual é a trajetória de migração dos fiéis da Congregação Cristã? O que eles falam sobre o culto? Como eles começam a fazer parte da tradição religiosa da Congregação Cristã, e como participam de sua transmissão? Até onde esta tradição consegue produzir sua subjetividade, definida como configuração complexa de sentimentos e formas de pensar e refletir, e como eles constroem sua trajetória religiosa? Como eles convivem entre si e com seus vizinhos, e de quais redes sociais participam?

As entrevistas confirmam a tendência levantada no capítulo 2 a respeito da origem dos migrantes membros da Congregação Cristã: a maioria dos migrantes vem do Sul ou Sudeste, especialmente do Paraná e do Estado de São Paulo. Não encontrei entre os entrevistados migrantes recentes do Nordeste; desta região migraram entrevistados mais idosos (idade acima de 50 anos) ou os pais deles.

As entrevistas mostram que os motivos da migração continuam sendo sociais e econômicos, mas o lugar de origem dos migrantes mudou: enquanto os mais idosos vieram para São Paulo a procura de trabalho, percebe-se entre os mais novos a tendência de eles terem habitado antes em São Bernardo do Campo ou São Paulo, evidentemente incapazes de se manter nestes lugares porque, com a instalação das redes de água e luz, asfalto, legalização dos terrenos etc., os custos da moradia subiram - fenômeno que Kowarick chama de “espoliação urbana” -, ou saindo por causa de tensões ou briga com vizinhos, incluindo aqui suposto feitiço destes, ou em consequência da violência.

Verificou-se também que vários migrantes já encontraram uma rede de parentes no local (não se falou nas entrevistas de conterrâneos ou amigos), ou eles foram os primeiros e depois outros parentes ou a família toda seguiram. Portanto, a tese que o migrante chega em São Paulo e se defronta com a anonimidade ou o caos, não se sustenta. Frequentemente, os migrantes encontram uma rede de parentes ou amigos, ou começam a criá-la.

A respeito do culto, *todas* as entrevistas confirmam o autorretrato que a Congregação Cristã faz de si mesmo, a propaganda que circula entre os fiéis, de ser *a Igreja onde Deus fala*. Ninguém coloca isso em dúvida. Por isso, o resultado da pesquisa é:

O autorretrato que a Congregação Cristã faz de si mesmo, de ser a Igreja onde Deus fala, se impõe como experiência subjetiva aos fiéis e mostra a força que a Congregação Cristã tem de moldar, neste ponto, a subjetividade dos seus fiéis.

Todos os entrevistados afirmam que *Deus fala com eles pessoalmente*, que *Deus visita*, e sinais disso são um “*calor no coração*” ou “*uma alegria no coração*”, suor, batida forte de coração etc. Por isso, coloco como segundo resultado ligado ao primeiro:

É este o ponto específico da identidade dos fiéis da Congregação Cristã entrevistados, a mudança que perceberam na hora que começaram a congregar: agora, Deus começou a falar com eles. E ele continua falando com eles até hoje.

A hora da *palavra* no culto é a hora que *Deus fala* para o fiel. *Deus fala pelo servo de Deus* que faz a pregação. Também este é um ponto de consenso entre todos os fiéis. Por isso, outro resultado da pesquisa é:

A legitimidade divina do ministério espiritual não faz somente parte do autorretrato da CCB, mas é parte integral e não contestada da subjetividade dos seus fiéis.

Talvez por causa desta legitimidade, o ministério espiritual é também eximido de qualquer responsabilidade por desavenças que há na Congregação Cristã e pelo desprezo que mulheres em situação de maior vulnerabilidade sofrem. Os acusados de desprezar são irmãos e irmãs vizinhos e o porteiro, mas não o ministério espiritual. O ministério espiritual também não é responsabilizado pelas regras com as quais não se concorda (vestimenta, proibição de cortar cabelo etc.); os entrevistados lembram do ministério espiritual somente enquanto em ação no culto, e nisso eles o aprovam.

A respeito da questão como os membros da Congregação Cristã começam a fazer parte da tradição religiosa desta, as entrevistas indicam o seguinte:

Para os entrevistados que não nasceram numa família de membros da Congregação Cristã, vale a regra que pode servir de hipótese de trabalho em futuras pesquisas:

O conjunto de dois fatores é suficiente para começar a congregar: a saída da casa dos pais em conjunto com exposição a um membro da Congregação Cristã que convida a frequentar o culto.

Smilde (2007) encontrou o mesmo fenômeno para o caso de pentecostais no centro decaído de Caracas, Venezuela, e ele provavelmente pode ser estendido a outros grupos pentecostais. Os sujeitos entrevistados não são, portanto, indivíduos solitários que, por curiosidade ou outros motivos solitários, iniciam sua trajetória; no início desta tem em praticamente todos os casos um *constrangimento social*, convites reforçados ou insistência de

outra pessoa já conhecida, parente ou amigo. Começar a congregar não é um ato de um indivíduo solitário, mas acontece dentro do contexto da *sociabilidade* e constitui uma forma de vida social e de *associativismo*; no início de congregar se encontram laços afetivos.

Chama atenção que somente os dois homens mais idosos entrevistados mencionam que foram convidados a assistir a um culto por um *colega de trabalho*. Entre as mulheres e os outros homens entrevistados, este motivo não aparece. Eles foram convidados por parentes ou amigos no seu lugar de moradia. Isso talvez possa ser um indício que a religião perdeu importância no espaço de sociabilidade que o emprego/trabalho constitui.

A respeito da participação na transmissão religiosa, poucos entrevistados mencionam oração comunitária em família. Na Congregação Cristã, nas casas das famílias, a oração é feita *individualmente*. Mesmo um ancião, que há pouco tempo tinha perdido sua esposa, me disse que todo dia ambos oraram, mas separados. Uma maneira de fazer a transmissão religiosa é contar milagres que Deus fez na obra, relatados nos testemunhos do culto. O resultado da pesquisa é:

A maneira mais frequente do ou da fiel participar da transmissão religiosa é levar a família ao culto e incentivar a participação nele.

Outra forma de fazer participar da transmissão religiosa é a aparência do e da fiel (mulheres sem brincos, sem cortar cabelo; homens sem barba e com cabelo curto) e sua maneira de vestir-se (mulheres vestem saia, homens terno e gravata). Estas tradições *inscritas no corpo*, os gestos corporais aprendidos e prestigiados no grupo, têm um enorme peso na transmissão religiosa e podem superar em importância a palavra.

As entrevistas mostram que a tradição ou corrente de memória da Congregação Cristã consegue produzir a subjetividade dos fiéis, definida como configuração complexa de sentimentos e formas de pensar e refletir, de maneira muito diferenciada, levando os fiéis a construir sua trajetória religiosa de maneiras bem diferentes. Faz-se aqui necessária uma tentativa de explicar estas diferenças.

Considero que Ricardo, Jaqueline, Dorivaldo, Odair, Lúcio, Laércio e Deda conformaram de forma mais completa a sua subjetividade à tradição da Congregação Cristã. Ricardo, Jaqueline e Dorivaldo são a geração mais idosa dos entrevistados, além de morarem em bairros de vulnerabilidade baixa ou muito baixa. É evidente que a tradição religiosa, neles, teve mais tempo para se assentar na subjetividade e formar esta. No caso de Ricardo, Jaqueline e Lúcio, as entrevistas mostraram que neles se cruzam poucas *correntes de memória*: a vida é mais reduzida à sociabilidade na Congregação Cristã e na família; como

idosos, não foram tão expostos à diferenciação da vida moderna como fiéis mais novos. A vida de Dorivaldo girava também em torno da Congregação Cristã, trabalho (trabalhando ombro a ombro com um colega membro da CCB) e família (esta não sendo da CCB). Minha hipótese, derivada deste resultado da pesquisa, é:

Quando os diversos quadros sociais ou correntes de memória se sobrepõem ou interpenetram na vida de um fiel, a instituição religiosa tem mais força para produzir ou constituir a subjetividade deste fiel e criar uma identidade religiosa forte nele.

Isto explicaria também porque Deda faz parte deste grupo, apesar de ela ser bastante jovem. Vimos como a memória familiar e a memória religiosa na sua família se interpenetram e quase se fundem para formar *uma única corrente de memória*. O caso de Odair é semelhante: ele nasce numa família de fiéis da CCB, é músico e casa com uma esposa cuja família são membros fervorosos da Congregação Cristã. A Congregação Cristã faz parte do quadro social e das correntes de memória de Odair desde a sua infância, e a transição da família de origem para a família que ele mesmo constitui não implica rupturas. Isto não é bem o caso para Lúcio, apesar de sua esposa, por fazer parte da obra da piedade, ser uma das poucas mulheres que têm um cargo mais importante na Congregação Cristã; parece que a vida de Lúcio e de sua esposa *gira quase exclusivamente em torno da Congregação Cristã*, a família tendo menos importância. No caso de Lúcio, a tradição da Congregação Cristã se assenta com força na sua subjetividade não por herança religiosa, mas porque ele tem um lugar bem fixado no quadro social da Congregação Cristã, como mestre-obra da construção da Igreja, responsável por sua manutenção e porteiro, além de a esposa ser uma das poucas mulheres com um lugar bem fixado no quadro social da CCB também. No caso de Laércio, acredito que o motivo da forte identificação com a tradição seja o mesmo (e este motivo pode ser estendido também a Ricardo, Lúcio e Dorivaldo, mas dele são excluídas praticamente todas as mulheres da CCB): especialmente Lúcio e Ricardo possuem *centralidade, fizeram carreira*, acumulam *cargos* dentro da Congregação Cristã, assumem *publicamente responsabilidade*. Agora, centralidade, carreira, cargos e responsabilidade pública fixam o indivíduo na estrutura social do grupo ou da instituição. Halbwachs (1994) alerta que a produção subjetiva da memória depende do lugar social que o sujeito ocupa no grupo, e Hervieu-Léger (1999 e 2000) lembra que a instituição religiosa tem interesse de fixar a memória individual na corrente de memória coletiva no grupo. Articulando estas duas teses entre si com o resultado da pesquisa elaborado acima, formulo a seguinte conclusão:

Fixar o sujeito na estrutura da instituição religiosa é uma boa estratégia para o sujeito fixar sua memória subjetiva na corrente de memória coletiva da instituição. A Congregação

Cristã fixa um número elevado de homens, de todas as idades e todas as classes sociais, na sua estrutura, tornando-os músicos da orquestra, produzindo sujeitos que fixam sua memória subjetiva na corrente de memória coletiva da instituição.

Laércio está ainda no início de sua carreira, mas ele, pelos poucos anos que ele congrega, já fez uma carreira considerável. Essa estratégia da Congregação Cristã de *ligar um número de homens e jovens masculinos considerável à sua tradição religiosa por serem músicos* é muito inteligente. Mais ainda porque, conforme os quatro lados da identificação religiosa desenvolvida por Hervieu-Léger (1999), a *música de orquestra*, código universal e racional (cf. Weber (1921[2001]) e Halbwachs (1997)), puxa a identidade religiosa para o lado universal (cultural), cronicamente deficitário nos grupos pentecostais e um dos fatores da sua identidade religiosa mais fraca. Deve ser lembrado que vários jovens moradores da Vila Moraes (portanto morando em área de vulnerabilidade muito alta) são músicos na irmandade do Pq. Jandaia: para ser músico, não há barreiras sociais na Congregação Cristã. Ao contrário, Lúcio, ao doar o violino a Henrique, filho de Sueli, possibilita o início da carreira como músico na Congregação Cristã. O caso de Laércio mostra ainda que a inserção como músico na orquestra pode ser o início da inserção numa *estrutura de oportunidades*, porque hoje ele é também auxiliar do Cooperador de Jovens e Menores e é chamado por Lúcio para fazer com ele trabalhos de “bico”: a *estrutura de oportunidades* diz respeito, portanto, tanto a vantagens (carreira de prestígio) dentro da instituição religiosa como vantagens não religiosas econômicas. Lembro ainda as palavras de Dorivaldo que ser músico é o único ministério que o próprio indivíduo escolhe. Acredito, porém, que o desejo e a ansiedade de ser músico pode ser produzido *coletivamente* na Congregação Cristã, assim como o Calvinismo produziu os sentimentos de ansiedade e medo no sujeito fiel: é justamente esta produção coletiva dos sentimentos subjetivos que chamo de *produção da subjetividade*. O indivíduo homem se associa livremente à orquestra, mas seu desejo subjetivo de ser músico é produzido e constituído coletivamente - e favorecido pela comunidade. Lúcio não é o único pelo qual “*Deus providencia*” o instrumento que o músico irá tocar na orquestra. E há mais um motivo porque ser músico de orquestra reforça o quadro institucional da Congregação Cristã: Dorivaldo conta que um jovem músico o procurou frequentemente na sua casa, para receber aulas de reforço. Nestes encontros em casa, os músicos validam sua identidade religiosa mutuamente. Não contra a validação institucional desta, como Hervieu-Léger parece pressupor para o caso da França: no caso dos músicos da Congregação Cristã, *a validação mútua da identidade religiosa reforça a validação institucional*.

Mesmo assim, das sete pessoas que conformaram de forma mais completa a sua subjetividade à tradição da Congregação Cristã, quatro são de áreas de vulnerabilidade baixa ou muito baixa. O que está acontecendo com os membros destas áreas e com os e as fiéis moradores de áreas de alta vulnerabilidade social que não conformaram sua subjetividade desta forma completa?

O casal Nádia e Beto mora numa área de baixa vulnerabilidade. Eles são um casal inserido de uma maneira muito mais forte na modernidade do que a geração anterior. Eles têm TV em casa, a mulher trabalha fora de casa, eles reservam o sábado como dia de família para passear junto com os filhos em lugares públicos, incluindo *shoppings*, e, o mais importante, eles fazem tudo isso *sem nenhum remorso*, porque Deus ainda não revelou a eles que deveria ser diferente. Há, portanto, um nítido deslocamento no *continuum* entre o polo coletivo e o polo individual, em direção ao polo individual. A pertença religiosa tem traços mais fortes de *associação livre*, o constrangimento social sentido pela *tradição institucional* tem menos força. A Congregação Cristã consegue produzir a subjetividade neles em menor medida, e não mais em sua quase totalidade. Nádia e Beto reciclam com bastante liberdade hábitos e costumes da sua vida pré-Congregação Cristã na construção de sua própria versão de fiel desta. Ministros espirituais os visitam na sua casa, são amigos relativamente íntimos e não comentam nada, enquanto a pregação no púlpito não muda (silencia-se a mulher que trabalha fora de casa. Lembro que seis das sete mulheres entrevistadas trabalham ou só não trabalham porque estão atualmente desempregadas!): Estamos diante de um “pacto da dissimulação” ou diante da paciência religiosa: “*No tempo certo Deus te traz!*”?

A partir deste quadro, e já antecipando o caso de Neide, podem ser colocados dois resultados da pesquisa:

1) Há, entre membros da classe média¹³⁵ da Congregação Cristã, um nítido deslocamento no *continuum* entre o polo coletivo e o polo individual, em direção ao polo individual. A pertença religiosa tem traços mais fortes de *associação livre*, o constrangimento social sentido pela *tradição institucional* tem menos força. A Congregação Cristã consegue produzir a subjetividade neles em menor medida, e não mais em sua quase totalidade. Quando estes membros são amigos relativamente íntimos do ministério espiritual e este não comenta nada, a identificação afetiva com a Congregação Cristã é pouco enfraquecida.

¹³⁵ Pressuponho que a família de Nádia e Beto pertencem à classe média não somente por morar em área de baixa vulnerabilidade, mas pelo filho Toni aparentemente frequentar uma escola particular, com natação e várias outras opções de esporte, não comum em escolas públicas.

2) Há a mesma tendência entre membros das classes baixas. Neste caso, quando estes membros não são amigos relativamente íntimos do ministério espiritual e este censura, a identificação afetiva com a Congregação Cristã é fortemente enfraquecida.

Com isso, entramos numa questão mais interessante para a pesquisa presente: a questão por que moradores da Vila Moraes e arredores, moradores de áreas de vulnerabilidade muito alta, não conformam sua subjetividade à tradição religiosa da Congregação Cristã. São elas Francisca, Neide e Noemi, três mulheres em situação de vulnerabilidade econômica e social, portanto. Coloco como resultado da pesquisa:

Com raras exceções, a Congregação Cristã não consegue fixar mulheres na sua estrutura, especialmente as que estão em situação de vulnerabilidade econômica e social, e assim não consegue produzi-las como sujeitos que fixam sua memória subjetiva na corrente de memória coletiva da instituição.

Uma rara exceção é a esposa de Lúcio que é irmã da obra da piedade. Mas há somente duas ou três irmãs da obra da piedade por Casa de Oração, e é o diácono homem que coordena a obra da piedade. Na função de auxiliar de porteiro também trabalham apenas poucas irmãs; organistas há poucas; moças jovens podem ser auxiliar do Cooperador de Jovens e Menores. A mulher, com exceção da organista, é, portanto, relegada a ser *auxiliar (do homem)* na Congregação Cristã.

Minha conclusão, formulada a partir dos resultados da pesquisa, é:

Quem não é fixado na estrutura social, assume com maior facilidade traços do tipo ideal do peregrino ou da peregrina, cf. Hervieu-Léger (1999).

Neide é a peregrina paradigmática. Missionária da Assembleia de Deus e junto com seu marido viajando em missão, congrega, mas está se sociabilizando mais com mulheres que recentemente aderiram à Igreja Mundial do Poder de Deus. Sua documentação como missionária foi expressamente declarada sem valor pelo ministério da Congregação Cristã. Neide, portanto, *fez carreira, teve cargo, prestígio e responsabilidade e assim um lugar fixo na estrutura social* da Assembleia de Deus; tudo isso lhe é negado na CCB. Resultado: A memória coletiva do quadro social da Congregação Cristã *entra em confronto* com a memória subjetiva de Neide, apoiada não mais pelo quadro social da Assembleia de Deus, pela *corrente de memória* desta que continua presente. Resultado: Neide diz *obedecer* - mas somente a Deus e não aos homens (leia-se: homens da CCB).

Já Francisca e Noemi se sentem expressamente desprezadas por irmãos e irmãs vizinhos que compartilham a mesma vulnerabilidade social e econômica. Francisca foi desprezada porque, por necessidade financeira, começou a trabalhar num bar, usando *shorts*; Noemi não é

cumprimentada pelos mesmos irmãos e irmãs porque fuma, corta cabelo e se veste de calça. Além disso, na Casa de Oração do Pq. Jandaia, seu filho foi convidado duas vezes a se retirar quando quis ajudar num mutirão, e ela mesmo recebeu “*olhares feios*” quando entrou na Igreja de sapato sujo após uma forte chuva (sua rua não tem asfalto). Pode-se dizer que para o caso destas três mulheres em situação de vulnerabilidade: não só não lhes foi fixado um lugar na Congregação Cristã, mas *lhes foi negado expressamente um lugar* nela. Com Kowarick (2009), considero infeliz a expressão “exclusão”, porque o “excluído” de fato não é excluído, mas continua fazendo parte do tecido social, e prefiro usar o termo “escanteado”: estas três mulheres em situação de vulnerabilidade foram “escanteadas” por membros da Congregação Cristã, tanto por vizinhos na mesma situação social como por irmãos que participam da estrutura hierárquica sem, porém, fazer parte do ministério espiritual (porteiro). As entrevistas que fiz não tem valor estatístico, mas poderíamos estar diante de uma explicação pelo quadro apresentado nos capítulos 2 e 3, conforme o qual a Congregação Cristã apresenta os melhores índices sociais de todos os grupos pentecostais. O resultado da pesquisa pode indicar uma possível razão deste fenômeno. Formulo este resultado assim:

Há dinâmicas na Congregação Cristã que fazem com que indivíduos mais vulneráveis, especialmente mulheres, se sintam “escanteados”, com a possibilidade de eles acabarem saindo da Congregação Cristã.¹³⁶

A Congregação Cristã teria, portanto, uma dificuldade inerente de se reproduzir entre as classes que vivem em maior vulnerabilidade social e econômica. É como se a Congregação Cristã acrescentasse aos indivíduos destas classes mais uma vulnerabilidade, a *vulnerabilidade religiosa, o escanteamento religioso*.

Antes de avançar para a questão das redes sociais internas da Congregação Cristã, quero colocar uma conclusão ainda, não derivada das entrevistas, mas de observações de campo e conversas informais:

Mulheres participam da Congregação Cristã como mães, preocupadas de oferecer aos filhos uma rede de sociabilidade privilegiada, disciplinamento eficaz e, no caso dos jovens músicos, inserindo-os numa estrutura de oportunidades, com estudo, cultura e habilidades que nenhuma outra instituição no ambiente oferece.

¹³⁶ Lembro que Beto percebe esta dinâmica e manifesta preocupação na entrevista.- De outro lado, devo mencionar que encontrei no barracão da Sociedade de Amigos de Bairro Beatriz, mulher umbandista, vivendo em condições de extrema carência, que afirma ter sido muito bem recebida numa Congregação “*muito chique*” no Centro de São Bernardo, apesar de entrar nela vestida com claras marcas de pobreza. Ela diz ter gostado muito da Congregação Cristã e que gostaria de ser uma das irmãs dela, e que gosta também muito do Candomblé, mas que lhe falta dinheiro para tanto (“*Candomblé é caro!*”). Ela afirma não gostar da Umbanda, mas considera-a *única religião possível* na sua condição social.

Isso parece ser *uma* motivação, não a única, de Eduarda e de Sueli, mãe de Geovane a quem Lúcio doou o violino para ser formar como músico da orquestra. Eu diria até que isso foi também *uma* motivação, não a única, de Noemi, que ela viu decepcionada quando seu filho foi convidado a ser retirar do mutirão.

Avancemos para o estudo das redes sociais internas da Congregação Cristã.

Uma questão a ser debatida é se a Congregação Cristã consegue ser uma rede social que atravessa barreiras sociais e desigualdade social derivada de classe, etnia, gênero, centro-periferia etc., oferecendo a indivíduos ou grupos em desvantagem social uma *estrutura de oportunidades* para melhorar sua condição social. As informações colhidas nas entrevistas indicam que isto é o caso somente parcialmente.

Em primeiro lugar, acabamos de discutir que há dinâmicas na Congregação Cristã que fazem que mulheres em condição de vulnerabilidade socioeconômica se sintam desprezadas e escanteadas. No seu caso, as redes sociais têm conotação negativa, e o capital social do grupo religioso não as favorece - elas não participam dele -, mas serve como mecanismo para escanteá-las.

Em segundo lugar, as entrevistas e observações de campo revelam que as redes sociais na Congregação Cristã do Pq. Jandaia oferecem *pontes* para oportunidades de emprego e aquisição de cultura que, sem estas redes sociais, a população do Pq. Jandaia não teria. Cito de novo a formação de músicos, que parece atravessar todas as barreiras sociais, e o emprego, mesmo ocasional, que Lúcio oferece a Laércio. Lembro, porém, que Lúcio e Laércio moram geograficamente um perto do outro e vivem ambos em situação de precariedade semelhante.- De outro lado, há Sílvio, cooperador dos Jovens e Menores, morador do condomínio do Pq. Jandaia (morando, portanto, do outro lado da cidade dual), que oferece emprego fixo, qualificado e de carteira assinada a Deda, filha de Nádia e Beto, moradores de um bairro de baixa vulnerabilidade em Diadema. Ele *não* oferece este emprego a um morador do outro lado da cidade dual, morador do local, mas em situação de vulnerabilidade: nesta questão, ele se apóia numa rede *translocal*. (É bem possível, porém, que não encontraria ninguém devidamente qualificado para o emprego no local.) Formulo o resultado da pesquisa assim:

Há várias redes sociais na Congregação Cristã do Pq. Jandaia: uma rede que oferece uma estrutura de oportunidades de qualidade superior entre membros em situação social melhor que não moram no local, e uma outra rede que oferece uma estrutura de oportunidades inferior aos membros do local que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Analisando as entrevistas nesta perspectiva de diferentes qualidades das redes sociais, percebe-se que Ricardo, Jaqueline, Dorivaldo e a família de Nádia e Beto, todos moradores de áreas de vulnerabilidade baixa ou muito baixa, mencionam que têm anciãos entre seus amigos pessoais. Nenhum dos moradores das áreas de vulnerabilidade média ou muito alta menciona uma amizade com um ancião. Por isso considero justo formular como resultado da pesquisa local:

Anciãos são amigos pessoais de famílias em situação de vulnerabilidade baixa ou muito baixa, mas não dos membros em situação de vulnerabilidade elevada.

A questão das diferentes qualidades das redes sociais coloca uma terceira questão, e com ela já entramos no próximo e último complexo temático, avançando para o estudo das redes sociais externas dos membros da Congregação Cristã, da sua participação em outras associações locais e da sua relação com seus vizinhos. A pesquisa parece indicar, e por isso formulo como hipótese e não como resultado:

O local importa, sim. Mas sua importância tem limites. A importância da vizinhança tem limites. Para muitos indivíduos, e isso provavelmente valha mais para as classes abastadas do que para indivíduos em situação de vulnerabilidade social, relações translocais e relações no local do trabalho e seu redor podem ser mais importantes do que as relações locais no lugar de sua residência.

Para os moradores da Vila Moraes, melhorias no bairro e questões locais podem ter importância enorme, porque o bairro onde moram é o seu espaço de vida. Eles muitas vezes mal saem do bairro, mais ainda porque as oportunidades de trabalho também são irregulares. Lembro-me do dia em que fui com moradores da Vila Moraes à Câmara dos Vereadores de São Bernardo do Campo para participar da plenária sobre a “Lei de mananciais”. Fomos levados em carros de assessores de um vereador. Quando me despedi dos moradores da Vila Moraes, após a plenária, informando que iria pegar um ônibus para voltar para minha casa no Jd. Míriam, não se tinha certeza se os assessores do vereador iriam levar os moradores da Vila Moraes de volta para suas casas. Uma jovem me disse: “Você pode, você tem dinheiro.” Para uma população que mal dispõe do dinheiro de uma passagem, o espaço onde vive é vital, o local importa. Para Nádia e Beto, por exemplo, que no fim de semana gostam de passear em *shoppings*, chácaras ou pesqueiros, a relevância do lugar de moradia já pode ter menos importância.

Outro resultado da pesquisa é:

Os membros da Congregação Cristã pesquisada podem ter uma sociabilidade reduzida com indivíduos que estão fora desta rede. Uma razão simples é que a maioria congrega três ou até mais vezes por semana, o que reduz o tempo disponível para outras oportunidades de convivência.

Um dos lugares mais comuns de sociabilidade, o bar, é proibido aos membros da CCB, e este mandamento parece ser obedecido. A geração mais antiga não se permite o lazer e relações fortes fora dos espaços da Congregação Cristã e da família. Na geração seguinte, moradores de áreas de baixa ou média vulnerabilidade são os únicos entrevistados que falam abertamente em lazer, que consiste em visitar *shoppings*, chácaras ou pesqueiros, o Carrefour ou parques públicos, conforme a condição financeira. Nas áreas de alta vulnerabilidade, somente uma mulher cita lugares de lazer, como cinema ou teatro. Para os outros, a vida oscila entre o trabalho e a Igreja e talvez ainda a família, ou eles não fazem lazer por falta de condições financeiras. A relação com os vizinhos costuma ser cordial, mas distante - talvez a forma de sociabilidade predominante na sociedade contemporânea. A respeito de associações de bairro, Lúcio comenta que *“nois nem pudemos participar dessas coisa. ... Nós temos que ficar livre dessas coisa.”* Nenhum outro entrevistado afirma isso expressamente, mas de fato ninguém participa de outras associações além da Congregação Cristã, com exceção de Noemi, que já se afastou desta, e do seu marido, que é simpatizante da CCB, testemunhado mas não batizado.

Conclusão

Este estudo investigou a tradição e transmissão religiosa da Congregação Cristã no Brasil numa área de alta vulnerabilidade social, a partir da instituição e dos sujeitos. Por isso, o primeiro capítulo elaborou conceitos a respeito da religião como instituição e da sua reprodução, e da religião como associação voluntária, como escolha de sujeitos.

O segundo capítulo desenvolveu um olhar estatístico sobre o campo pentecostal brasileiro e a Congregação Cristã na atualidade em várias escalas: Brasil, Estado de São Paulo, ABCD e São Bernardo do Campo, para situar a pesquisa de campo local num quadro mais amplo. Analisou as dimensões sociais por indicadores sociais relevantes para a questão da vulnerabilidade social e indicadores de migração, item no qual a Congregação Cristã apresenta um perfil particular, como demonstrou uma leitura comparativa do perfil entre os perfis de migração dos pentecostaisismos mais antigos no Brasil, Congregação Cristã e Assembleia de Deus, indicando que membros da Congregação Cristã migram menos no sentido da distância percorrida. Menor distância percorrida pode indicar menores rupturas com laços sociais e também menores rupturas com uma visão de mundo tradicional, hipótese com que o autor citado (R. E. Nelson) trabalha. A persistência de laços sociais tradicionais (familiares) e de uma visão de mundo tradicional tem afinidade com a dominação religiosa predominantemente tradicional na Congregação Cristã, possibilitando ao indivíduo fiel da CCB ser exposto ao cruzamento de menos correntes de memória conflitantes ou desencaixadas. No quadro comparativo dos grupos pentecostais pesquisados elaborado neste capítulo, os dados estatísticos indicaram menor vulnerabilidade social para os membros da Congregação Cristã.

O terceiro capítulo analisou as dimensões sociais da Congregação Cristã no local, quer dizer, no município de São Bernardo do Campo e no bairro da Vila Moraes, por um estudo da situação social dos membros da Congregação Cristã e da vulnerabilidade social das Áreas de Ponderação vizinhas da Casa de Oração, utilizando para isso indicadores sociais, a observação do dia a dia do bairro, e conversas informais com moradores do local e membros da Congregação Cristã do local. Descobriram-se ambiguidades na literatura tanto a respeito da atribuição municipal da região onde se encontra esta casa de oração como, mais grave, a

respeito da vulnerabilidade social do bairro da Vila Moraes por mim estudado. A partir de vários indicadores sociais, foi levantada uma acentuada desigualdade na região entre homens e mulheres, entre os grupos pesquisados, e percebeu-se que esta desigualdade entre homens e mulheres sempre era ainda maior na Congregação Cristã. Mais do que nos índices estatísticos levantados, a situação periférica específica da Vila Moraes consiste na insegurança com respeito da posse da terra, no fato de que o bairro está situado em área de proteção aos mananciais, na ilegalidade da sua ocupação, na completa falta de infraestrutura, e na precariedade de transporte e de oportunidades de emprego e na baixa qualidade de construção (barracos de madeira e madeirite em vez de casas de alvenaria). A pesquisa de campo levantou que vários entrevistados da Vila Moraes são antigos moradores dos próprios municípios da região que entram num processo de periferização e ocupam as áreas dos mananciais do município. A proibição de instalação de sistemas públicos de água e de esgotos sanitários, é aplicada apenas para o caso de moradores espoliados como os da Vila Moraes, mas não para os habitantes mais afluentes de condomínios nobres. Pode-se falar de um processo de dualização urbana, marcada pelos fenômenos brutais de exclusão social e de marginalização. Os moradores da Vila Moraes não têm laços suficientemente fortes para constituir um ator social coletivo além de mobilizações raras e ocasionais. Grupos religiosos estabelecidos têm menos força do que a categoria de “crentes” para se impor a moradores da Vila Moraes entrevistados como “comunidade imaginada”. Membros menos centrais e situados mais na periferia da rede social da comunidade religiosa, especialmente mulheres em condição de vulnerabilidade, percebem como o próprio grupo religioso reproduz no seu interior a desigualdade social e iniciam um processo de “desafiliação”.¹³⁷

O quarto capítulo elaborou uma etnografia e análise do culto da Congregação Cristã, mecanismo por excelência da reprodução da religião institucional. Foram analisados os atores no culto, o processo ritual, e a função do culto para a articulação da identidade religiosa.

Com respeito aos atores do culto, conclui-se que a Casa de Oração possui espaços físicos hierarquicamente diferenciados, ocupados por atores de desigual prestígio que se relacionam e comunicam a partir destes espaços físicos e hierárquicos diferenciados. Suas falas trazem, portanto, a marca da posição social e do prestígio que ocupam no conjunto. Os discursos periféricos (testemunhos) são subordinados ao discurso central (pregação).

¹³⁷ A noção de “desafiliação”, com origem na discussão sociológica francesa da *questão social* (Robert Castel), já é utilizada por vários autores brasileiros e significa a retirada forçada, diferente de “desfiliação” como retirada voluntária.

A análise do processo ritual demonstrou que o simbolismo e as falas no tempo ritual ocorrem em vários níveis simultaneamente. Enquanto os hinos e a fala do irmão em posição central (dirigente e pregador) transmitem e mantêm a tradição religiosa da Congregação e a ordem cultural e social, outras (especialmente de irmãs em posições sociais mais periféricas) acabam questionando esta ordem. Elas não encontram, porém, no sistema ritual conceitos ou códigos que permitam uma elaboração mais aprofundada.

Quanto à questão como o culto articula os quatro lados da identidade religiosa na Congregação Cristã (polos emocional, cultural, comunitário e ético), viu-se que os quatro elementos principais do culto da Congregação (hinos, orações, testemunhos e o momento da palavra), alimentam, sustentam e como que soldam o polo emocional (a consciência afetiva e efetiva do nós) ao polo cultural (memória do grupo) e o polo comunitário (a singularidade da Congregação: a salvação existe *somente* aqui) ao polo universal (consciência individual). Enquanto os hinos e a pregação sustentam os quatro polos de uma maneira equilibrada, os elementos produzidos pelos fiéis (as duas orações e os testemunhos) colocam um peso maior nos polos emocional e comunitário.

Resumindo, a Congregação Cristã assegura no culto a regulação das tensões entre os quatro polos da identidade religiosa, colocando-a, com sucesso, sob o controle da dominação de suas lideranças, legitimada pela tradição.

O quinto capítulo teve como questões de fundo de quais redes sociais, internas na Congregação Cristã no Brasil e externas, os membros da Congregação Cristã participam, e até onde as doutrinas e práticas da Congregação, transmitidas primordialmente no culto, conseguem formar e constituir a subjetividade, entendida como complexo conjunto de percepção, afeto, pensamento, desejo e medo.

A pesquisa levantou com respeito às redes sociais locais internas da Congregação Cristã a existência de duas redes sociais de qualidades diferenciadas. Uma rede oferece uma estrutura de oportunidades de qualidade superior aos membros em situação social melhor que não moram no local, e uma outra rede oferece uma estrutura de oportunidades inferior aos membros do local que vivem em situação de vulnerabilidade social. Contribui para a qualidade diferenciada das redes sociais o fato de que anciãos são amigos pessoais de famílias em situação de vulnerabilidade baixa ou muito baixa, mas não dos membros em situação de vulnerabilidade elevada. Isso significa que as dinâmicas societárias religiosas da Congregação Cristã agem como via de inclusão social numa área de alta vulnerabilidade social de uma maneira limitada, e há membros, especialmente mulheres em situação de vulnerabilidade

social, que se sentem escanteadas e iniciam um processo de “desafiliação”. Tanto as observações de campo como as conversas informais e entrevistas confirmam, portanto, a informação do quadro estatístico que na CCB, a desigualdade social entre homens e mulheres é fortemente acentuada.

Com respeito às redes sociais externas à Congregação Cristã, verificou-se que os seus membros podem ter uma sociabilidade reduzida com indivíduos que estão fora desta rede, pela simples razão que a maioria congrega três vezes por semana ou até mais, o que reduz o tempo disponível para outras oportunidades de convivência. Isso significa que as dinâmicas societárias religiosas da CCB podem inibir vias de inclusão social externas numa área de alta vulnerabilidade social.

Quanto à questão se e até onde a tradição ou corrente de memória da Congregação Cristã consegue produzir a subjetividade dos fiéis, definida como configuração complexa de sentimentos e formas de pensar e refletir, o resultado da pesquisa mostra uma capacidade da CCB muito diferenciada, levando os fiéis a construir sua trajetória religiosa de maneiras bem diferentes.

Todos os entrevistados fiéis da Congregação Cristã inserem seu autorretrato no autorretrato da instituição em três pontos: a CCB é a Igreja onde Deus fala; Deus fala pessoalmente com a pessoa entrevistada; o ministério espiritual tem legitimidade divina. Destaco dois fatores que favorecem uma conformação maior da subjetividade à tradição da Congregação Cristã: 1) Os diversos quadros sociais ou correntes de memória se sobrepõem ou interpenetram na vida de um fiel. 2) Fixar o sujeito na estrutura social da instituição religiosa é uma boa estratégia para o sujeito fixar sua memória subjetiva na corrente de memória coletiva da instituição.

Passo agora a relacionar estes resultados levantados nos capítulos com as hipóteses iniciais da pesquisa.

Quanto à primeira hipótese: *Mutações na tradição da Congregação Cristã são bem camufladas, mas existem*, pode-se dizer: A pesquisa confirmou a validade desta hipótese. A tradição da própria instituição está mudando. Em nenhum culto a que assisti se falou de restrição à TV e aos meios de comunicação. Vários entrevistados, todos acima de 50 anos, afirmaram que não têm TV em sua casa, mantendo esta antiga tradição, mas ela não é mais propagada no culto. Em nenhum culto foram criticadas outras denominações evangélicas. A veracidade da própria tradição religiosa foi afirmada abertamente em detrimento de outra tradição somente para o caso do catolicismo e da umbanda; isso, porém, repetidas vezes.

A segunda hipótese colocada era: *Os membros da CCB têm uma identidade religiosa forte diante de uma identidade religiosa muitas vezes precária de outros grupos pentecostais brasileiros. A Congregação Cristã consegue, ao contrário de outros grupos religiosos, especialmente pentecostais, moldar a subjetividade dos seus fiéis, criando neles habitus, tradição sedimentada e internalizada, mas admite-se que esta tendência possa ser bastante enfraquecida em regiões de alta vulnerabilidade social, onde as redes de contatos e amizades constituem um capital social considerável, e onde a insistência numa identidade diferenciada pode levar ao isolamento, tornando mais difícil a sobrevivência e o sucesso na vida profissional e social.*

A hipótese afirma, portanto, que a tradição da instituição consegue se impor com força na subjetividade dos seus fiéis, mas alerta para a possibilidade de limites desta força em áreas de vulnerabilidade social.

Com respeito a esta reprodução da tradição na subjetividade dos fiéis, os resultados da pesquisa indicam dois limites desta: ela se realiza com força somente 1) quando as várias correntes de memória que se cruzam no ou na fiel, se sobrepõem ou interpenetram, e 2) quando o sujeito é fixado nos quadros sociais da instituição religiosa.

Os resultados da pesquisa corrigem a hipótese em dois pontos: em primeiro lugar, a tradição enfraquece não só em áreas de vulnerabilidade social, mas também em áreas de vulnerabilidade baixa, onde membros afluentes da segunda geração participam mais da multiplicidade de correntes de memória do que a primeira geração. Esta fraqueza é amenizada, porém, pelo prestígio que estes membros desfrutam na Congregação Cristã, especialmente por laços afetivos com anciãos e cooperadores.

Em segundo lugar, o enfraquecimento da tradição em áreas de alta vulnerabilidade social não ocorre, ou é amenizada, quando o fiel é fixado nos quadros sociais da instituição religiosa. Meio eficiente para fixar os jovens homens é fazer deles músicos da orquestra. Para mulheres não há meio eficaz correspondente. Uma motivação para elas pode ser a presença vicária como mãe, visando o futuro dos seus filhos. A pesquisa indicou que a tradição enfraquece, sim, e até há possibilidade de “desafiliação”, quando mulheres em situação de vulnerabilidade são ou se sentem “escanteadas”. Apesar de elas não negarem que a Congregação Cristã é a Igreja onde Deus fala, que Deus fala com elas, e que o ministério espiritual é eximido da responsabilidade, o quadro social desfavorável na instituição as faz sair do *quadro social da memória* da Congregação Cristã, enquanto a tradição da CCB continua presente nelas como *corrente de memória*.

Com isso, já é colocado também o resultado a respeito da terceira hipótese do estudo, que era: *A densidade da rede de relações pessoais (de parentesco e amizade) dentro da Congregação Cristã é decisiva para a pertença e intensidade de participação do sujeito religioso neste grupo religioso, e a tradição e transmissão religiosa nela passam em boa parte pelos meandros das relações pessoais, e não só pelo culto. Quer-se dizer com isso que a escolha de fazer parte da CCB não é somente racional, mas tem uma forte conotação afetiva.*

Isso quer dizer que a tradição só se reproduz na subjetividade dos sujeitos quando, além de uma identidade equilibrada entre os quatro polos da identidade religiosa (que a Congregação Cristã consegue com sucesso, como vimos), o sujeito fiel participa de uma densa rede de relações pessoais na instituição religiosa. Considero que esta hipótese foi confirmada pela pesquisa. Os dados indicam que os entrevistados que conformam sua subjetividade de maneira quase completa à tradição da Congregação Cristã, são todos amigos pessoais do ministério espiritual. Mais dois indícios demonstram a importância da densidade das redes sociais: a observação que o conjunto de dois fatores é suficiente para começar a congregar - a saída da casa dos pais em conjunto com exposição a um membro da Congregação Cristã que convida a frequentar o culto -, suporta a hipótese. O fato de que o ou a fiel participa da transmissão religiosa, levando a família ao culto e incentivando a participação nele é outra prova.

Esta tese estudou uma tradição religiosa específica num lugar periférico específico da região metropolitana de São Paulo, esforçando-se justamente por elaborar as particularidades tanto do sistema religioso e de sua configuração social como também da área pesquisada, articulando a inserção da tradição religiosa nesta. As limitações e lacunas deste estudo talvez superem os seus resultados e luzes que consegue jogar. Espero, porém, que ele tenha conseguido convencer o leitor da importância e da fascinação do estudo da religião na periferia, área bastante negligenciada ainda no meio acadêmico, além de incentivar pesquisas sobre a Congregação Cristã no Brasil, igualmente negligenciada.

Termino destacando questões surgidas no decorrer da pesquisa e que não foram suficientemente atendidas, aguardando atenção de outras oportunidades ou pesquisadores.

Um destes aspectos é o fato de que a Congregação Cristã no Brasil se opõe às dinâmicas de modernização e ao uso dos meios de comunicação social que está em voga entre quase todos os outros grupos pentecostais no Brasil. Enquanto igrejas pentecostais como a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça, Igreja Renascer e Igreja Mundial

do Poder de Deus nasceram utilizando estes meios como estratégia de propagação, os pentecostaismos mais antigos às vezes demoraram para aderir ao seu uso extenso e intenso. Se Davi Miranda e sua Igreja Deus é Amor, logo fizeram uso do rádio, apenas recentemente decidiram abrir também um sítio na internet. A Congregação Cristã é uma Igreja que não faz uso dos Meios de Comunicação Social, e há a tradição de costume¹³⁸ que os fiéis também não façam uso deles: esta tradição, porém, parece estar chegando ao fim e foi analisada no caso de todos os entrevistados. O fim desta tradição deveria dificultar as estratégias de manutenção das fronteiras da Congregação Cristã, que tentou evitar a exposição do fiel a pensamentos e ideologias diferentes. No caso da TV ou do rádio, o fiel não precisa ir mais a lugar nenhum para ser exposto, uma vez que estes meios já estão *dentro de casa*. Também na subordinação da mulher ao homem, nas representações, a CCB se opõe fortemente à modernidade. Lembro que mulheres são excluídas de qualquer acesso à hierarquia. O assunto foi levantado nas entrevistas, mas não discutido exaustivamente.

Esta questão nos leva a um problema mais fundo que a CCB tem com a modernidade. A ruptura definitiva entre a sociedade tradicional e a sociedade moderna está na *liberdade do sujeito*: “Seu diferencial está na liberdade de decidir e agir sem a submissão às formas tradicionais de autoridade, baseadas numa compreensão sagrada do mundo.” (RIVERA 2001:188) A Congregação Cristã tem claros traços e elementos que costumam estar presentes numa sociedade tradicional, mas seu contexto não é de uma sociedade tradicional: é de uma sociedade moderna. Se o membro de uma sociedade tradicional era condenado a viver nela, e não tinha outra opção, a Congregação Cristã sabe que seus membros participam de sua tradição *porque optaram por isso e decidiram assim na liberdade de sujeitos*. Da sociedade tradicional não há saída; a CCB tenta impedir qualquer possibilidade de saída por uma forte coerção que a assembleia (o grupo) exerce sobre o indivíduo; mas tanto a instituição como os sujeitos sabem que há a possibilidade de saída: que pertencer à CCB é uma opção - apesar de a teologia da predestinação tentar esconder este fato. Considero isso o dilema do pentecostalismo particular da CCB: ela é pentecostal e ao mesmo tempo tradicional. Isso faz seu pentecostalismo ser *sui generis*.

¹³⁸ Falo de “tradição de costume”, porque muitos autores se referem à proibição dos Meios de Comunicação Social que a Congregação Cristã impõe aos seus membros. Fui procurar a fonte escrita, e me surpreendi que não encontrei esta proibição em nenhum lugar fixada por escrito, se bem que não tive acesso aos *Estatutos aprovados em 4 de março de 1931 e reformados em 23 de abril de 1943, 29 de novembro de 1944 e 4 de dezembro de 1946*, uma pequena brochura que Léonard afirma ter tido em mãos (1988:78). Considero bem possível, porém, que esta proibição nunca foi fixada por escrito, mas sempre constituiu uma *tradição de costume* oral, como a chamo, lembrando que os costumes orais têm eficácia maior do que os escritos: eles começam a ser fixados por escrito justamente na hora em que perdem sua eficácia.

Outro aspecto do sistema religioso da Congregação Cristã que não foi aprofundado neste estudo, mas deve ser mencionado, é que ele une ao mesmo tempo elementos extremamente racionais (calvinismo) e emocionais-iluministas (presença sensível do Espírito Santo; cf. PELLIZZARO 2005). Este fato (assim como também a situação ambígua da mulher) parece-me fazer do pentecostalismo da CCB uma *religião paradoxal*. – De outros autores que tratam do pentecostalismo como religião paradoxal, apresento aqui brevemente Willaime (1999), e Bernice Martin (1998). Esta autora mostra como as relações de gênero no pentecostalismo constroem-se de maneira paradoxal (1998:133s), e como o patriarcalismo no pentecostalismo não é irrestrito, mas *voluntariamente compartilhado*. O pentecostalismo opera um sistema transformador no qual o antigo (pré-moderno) chega a incorporar o novo (pós-moderno). As mulheres melhoram sua posição diante dos homens no dia a dia ao suportar um patriarcado cristão oficial. Os homens fazem enormes concessões aos interesses e necessidades das mulheres, enquanto desfrutam ainda da segurança de um código de gênero oficial que encena superioridade masculina. Não encontrei indícios da afirmação da autora que no pentecostalismo os dons do Espírito Santo sejam mais valorizados do que a palavra, e que seja aí que as mulheres tenham seu domínio quando falam em línguas, curam e profetizam. Em nenhuma das entrevistas realizadas, se atribuem curas a pessoas humanas, somente se citam profecias de ministros que se realizaram, e o falar em línguas não está em destaque. A autora afirma ainda que o patriarcado paulino *de jure* ajuda os homens, em crise por causa da crise do esquema de honra e vergonha, a superar esta crise, e o reconhecimento em casa e na Igreja recompensa pela pacificação ou domesticação da personalidade masculina *de fato*. Considero a teoria de uma possível feminilização dos homens pentecostais¹³⁹ um exagero, e não encontro na minha pesquisa de campo dados a seu favor. A tese de Bernice Martin como tal não foi aprofundada neste estudo, mas deu pistas para indagar como, nas entrevistas, os homens constroem no seu autorretrato sua trajetória antes e depois de serem membros da Congregação Cristã.

Willaime considera “a experiência emocional da presença divina e de sua eficácia através da glossolalia, da cura e da profecia”, “a referência privilegiada à Bíblia” e “o caráter professante do grupo” (qualquer um não é simples membro, mas evangelizador) como “os três elementos fundamentais desta expressão do cristianismo que constitui o pentecostalismo” (1999:9). Somente estes três elementos em seu conjunto constituem o pentecostalismo.

¹³⁹cf. Bernice Martin (1998).

Para este autor, “o pentecostalismo é efetivamente um vetor da modernidade”, “quebra a autoridade da tradição e contribui para deslegitimá-la”, e seu Deus “parece mais forte e eficaz que os deuses tradicionais”. (1999:22) Estas afirmações, ao meu ver, podem ser aplicados somente com muito cuidado ao sistema religioso da Congregação Cristã que vive justamente o paradoxo (e dilema) de ser ao mesmo tempo um pentecostalismo e legitimar sua autoridade exatamente pela *tradição*. Elas somente têm validade se por “tradição” se entende a “tradição católica” e por “deuses tradicionais” a imagem do Cristo crucificado e os santos da Igreja Católica, cuja ineficácia, sim, é expressamente propagada. É verdade que o fiel da Congregação Cristã escolhe pessoalmente sua religião e torna-se ator religioso. A resposta à questão, porém, se o fiel da Congregação Cristã assume seus atos por causa “da moralização pela responsabilidade individual”, por causa de “responsabilidade pública”, ou porque a Congregação Cristã exerce sobre ele uma forte *coerção, apoiada na tradição*, tende para a terceira opção, pelos dados obtidos: a questão remete, de novo, ao problema até onde o culto, as doutrinas e as práticas institucionais, conseguem moldar a subjetividade dos seus fiéis. A palavra-chave na Congregação Cristã é “obedecer”.

O paradoxal do pentecostalismo seria, portanto, que ele, ao favorecer a conversão face a certas características da modernidade, mantém a capacidade de acompanhar justamente as vítimas desta modernidade.

O pentecostalismo protestante da Congregação Cristã, ao contrário do que Willaime diz, não legitima as rupturas com os costumes tradicionais - somente as rupturas com os costumes tradicionais *católicos*, mas a Congregação Cristã criou ao longo dos cem anos de sua existência os seus próprios costumes tradicionais que devem ser obedecidos, e a Congregação Cristã os canoniza; ele é, sim, “uma cultura religiosa do presente” e do imediato, mas, ao mesmo tempo, lembra-se constantemente também a necessidade da perseverança para alcançar a coroa da vida eterna.- No fim, quero lembrar uma reflexão do antropólogo Edward Evans-Pritchard a respeito de paradoxos e contradições na religião dos Nuer:

Os Nuer não se sentem confusos, porque as contradições que nos intrigam não surgem em nível de experiência, mas somente na tentativa de analisar e sistematizar o pensamento religioso dos Nuer. Os próprios Nuer não sentem esta necessidade. De fato eu mesmo, quando convivia com os Nuer e pensava nas suas palavras e categorias, nunca tive nenhuma dificuldade que seria comparável àquela que sinto agora ao traduzi-lo e interpretá-lo. Pressuponho que transitava de idéia para idéia, me movia entre o geral e o específico em idas e vindas, quase como os Nuer o fazem, sem sentir que faltava aos meus pensamentos coordenação, ou que seriam necessários esforços especiais de compreensão. Somente quando se tenta relacionar os conceitos dos Nuer por análise abstrata, aparecem dificuldades. (1956:106)

Considero, portanto, que os membros da CCB (tanto os fiéis como os líderes que também não são “especialistas religiosos”!) conseguem conviver tranquilamente com os paradoxos e contradições de sua religião, justamente porque falta a mediação teológica, e não “se tenta relacionar os conceitos ... por análise abstrata”: “as contradições ... não surgem em nível de experiência, mas somente na tentativa de analisar e sistematizar o pensamento religioso”. Disso, como os Nuer, os membros da Congregação Cristã, não sentem nenhuma necessidade.

Referências bibliográficas

Documentos e Escritos da CCB

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Hinos de louvores e súplicas a Deus. Livro nº 4*. 11. ed. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil, 1984.

_____. *Relatório*. Edição 1987. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil.

_____. *Relatório*. Edição 1999/2000. Nº 63. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil.

_____. *Relatório*. Edição 2003/2004. Nº 67. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil.

_____. *Relatório*. Edição 2005/2006. Nº 69. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil.

_____. *Relatório*. Edição 2008/2009. Nº 72. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil.

_____. *Resumo da convenção realizada em fevereiro de 1936. Reuniões e ensinamentos realizadas em março de 1948. Pontos de doutrina e da fé que uma vez foi dada aos santos. Histórico da obra de Deus, revelada pelo Espírito Santo, no século passado. Mensagens*. 1ª edição unificada. São Paulo: Congregação Cristã no Brasil, 2002.

Publicações, papers, monografias, dissertações e teses a respeito da CCB

BARROS, Valéria Esteves Nascimento. *Da casa de rezas à Congregação Cristã no Brasil: o pentecostalismo guarani na terra indígena Laranjinha/PR*. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003a. Disponível em: www.tede.ufsc.br/teses/PASO0131.pdf. Acessado em 26/10/2007.

BIANCO, Gloecir. *Um véu sobre a imigração italiana no Brasil*. São Paulo, 2005. 157f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

CORRÊA, Manoel Luiz G. *As vozes prementes: o discurso religioso da Congregação Cristã no Brasil*. 2. ed. Campinas: editora unicamp, 1989.

DEITOS, Nilceu Jacob. *Representações Pentecostais do Oeste Paranaense (A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel - 1970-1995)*. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

FOERSTER, Norbert Hans Christoph. Poder e política na Congregação Cristã no Brasil: um pentecostalismo na contramão. *Ciencias sociales y religión*. Porto Alegre, v. 8, n. 8, p. 121-138, 2006.

GOUVEIA, E. J. *O silêncio deve ser ouvido: Mulheres pentecostais em São Paulo*. São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, São Paulo, PUC, 1986.

- LEITE, Sérgio Araújo. *Entre o rito e o cotidiano. As mulheres da Igreja Congregação Cristã no Brasil da cidade de Carapicuíba*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo, PUC, 2008.
- NELSON, Reed Elliot. *Cultural environment and organization design in a Brazilian Pentecostal sect: the Congregação Cristã no Brasil*. 1979 120f. (Tese de Masters of Arts). Departamento de Estudos Latino-americanos, Brigham Young University, EUA, 1979.
- PELLIZZARO, Nilmar. Predestinados e santificados: considerações sobre a Igreja Congregação Cristã no Brasil. In: PASSOS, João Décio. *Movimentos do Espírito. Matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 187-211.
- SILVA, Célia M. Godeguez da. *Tentativa de compreensão da instituição religiosa Congregação Cristã no Brasil*. São Bernardo do Campo, 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1995.
- YUASA, Key. *Louis Francescon. A theological biography. 1866-1964* (Edição revisada). Genebra, 2001. Tese (Doutorado em Teologia), Faculté Autonome de Théologie Protestante de l'Université de Genève. Genebra, Université de Genève, 2001.

Bibliografia geral

- ABU-LUGHOD, Lila. *Veiled Sentiments. Honor and poetry in a Bedouin Society*. 2. ed. Londres: University of California Press, 1999.
- ABUMANSUR, Edin Sued. *As Moradas de Deus. Arquitetura de Igrejas Protestantes e Pentecostais*. São Paulo: Fonte Editorial, 2004
- ALMEIDA, Ronaldo. *A universalização do Reino de Deus*. Campinas, 1996. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). IFCH/Unicamp, Campinas, 1996.
- _____. Religião na metrópole paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol. 19 nº 56, p.15-27.
- ALMEIDA, Ronaldo; D'ANDREA, Tiarajú. Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 68, p.94-106, março 2004.
- ALMEIDA, Ronaldo; D'ANDREA, Tiarajú; DE LUCCA, Daniel. Situações periféricas. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 82, p.109-130, novembro 2008.
- ALMEIDA, Ronaldo; MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, vol. 15, nº 3, p. 92-101, jul-set 2001.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSUNÇÃO, Luiza Maria de; FERREIRA, Ricardo Vicente. *A importância da migração na interpretação do trânsito religioso*. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú - MG - Brasil, de 18 a 22 de

- setembro de 2006. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_497.pdf. Acessado em 26/10/2007. 21p.
- AVRITZER, Leonardo (org.). *A participação em São Paulo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- AVRITZER, Leonardo; RECAMÁN, Marisol; VENTURI, Gustavo. O associativismo na cidade de São Paulo. In: AVRITZER, Leonardo (org.). *A participação em São Paulo*. São Paulo: UNESP, 2004, p.11-57.
- BAENINGER, Rosana. Cenário migratório recente: O que a PRAD revela. In: PATARRA, Neide et al. (org.). *Migrações, condições de vida e dinâmica urbana. São Paulo 1980-1993*. Campinas: Unicamp, 1997, p.53-74.
- BARROS, Valéria Esteves Nascimento. A conversão ao pentecostalismo entre os guarani na terra indígena Laranjinha/PR. In: DICKIE, Maria Amélia S. (org.). Etnografando pentecostalismos: Três casos para reflexão. *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, n. 63, p. 7-14, 2003b. Disponível em: www.cfh.ufsc.br/~antropos/63.%20maria%20amelia.pdf. Acessado em 26/10/2007.
- BAUBÉROT, Jean. *Historia de la laicidad francesa*. Tradução de Daniel Gutiérrez Martínez. Zinacantepec, México, 2005.
- BERGER, Peter. The desecularization of the world: a global overview. In: _____ (ed.). *The desecularization of the world: Resurgent Religion and World Politics*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, p.1-18.
- _____. *The sacred canopy: Elements of a sociological theory of religion*. Garden City: Doubleday, 1967.
- BERGER, Peter; FOKAS, Effie; DAVIE, Grace. *Religious America, Secular Europe? A Theme and Variations*. Aldershot: Ashgate 2008.
- BONDUKI, Nabil. Crise de habitação. In: KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade. São Paulo: Passado e presente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p.114-144.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. Die Praxis der reflexiven Anthropologie. In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. *Reflexive Anthropologie*. Tradução do francês por Hella Beister. Frankfurt: Suhrkamp, 2006, p.251-294.
- _____. Le capital social – notes provisoires. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, n° 31, p.2-3, janeiro 1980.
- _____. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (org.). *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. Nova Iorque: Greenwood, 1985, p. 241-58.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. Die Ziele der reflexiven Soziologie. In: _____. *Reflexive Anthropologie*. Tradução do francês por Hella Beister. Frankfurt: Suhrkamp, 2006, p.95-249.

- BRANDÃO, André Augusto. *Miséria da periferia. Desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro e Niterói: Pallas e Penesb, 2004.
- BRUCE, Steve. *God is dead: Secularization in the West*. Oxford: Blackwell, 2002.
- _____. *Religion in the Modern World. From the Cathedrals to cults*. New York: Oxford University Press, 1996.
- BURGESS, Stanley M. e MCGEE, Gary B. (eds.). *Dictionary of pentecostal and charismatic movements*. 1. Ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1993.
- BURT, Ronald S. *Structural holes: The social structure of competition*. Orlando: Academic Press, 1992.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. 2. ed. São Paulo: editora 34/edusp, 2003.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximações e Conflito. In: GUTIERREZ, Benjamin F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. (eds.). *Na força do espírito. Os pentecostais na América Latina: um desafio as igrejas históricas*. Tradução de Julio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo: Pendão Real, 1996, p. 77-120.
- _____. *Teatro, templo e Mercado: organização e marketing de um em-preendimento neopentecostal*. São Bernardo do Campo/Petrópolis: UMESP/Vozes, 1999.
- CAZENEUVE, Jean. *Sociologia do rito*. Traduzido por M. L. Borralho. Porto: Res, 1985.
- COLEMAN, J. S. et. al. *Equality of educational opportunity*. U.S. Department of Health, Education and welfare, Office of education, OE-38001, Washington D.C.: US-Government Printing Office, 1966.
- COLEMAN, J. S. *Foundations of Social Theory*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1990.
- _____. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*. Chicago, vol. 94, p. 95-121, 1988.
- CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1960.
- CUCCHIARI, Salvatore. Between shame and sanctification: Patriarchy and its transformation in Sicilian Pentecostalism. *American Ethnologist*, vol. 17, 1990, p. 687-707.
- CUNHA, José Marcos P. da. População e mobilidade especial: características e transformações dos fluxos migratórios nas regiões paulistas. In: PATARRA, Neide et al. (org). *Migrações, condições de vida e dinâmica urbana. São Paulo 1980-1993*. Campinas: Unicamp, 1997, p.75-96.
- DAMATA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

- DAVIE, Grace. *Europe: The exceptional case. Parameters of faith in the modern world*. London: Darton, Longman and Todd, 2002.
- DELLA CAVA, Ralph. Igreja e estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916/1964. *Estudos Cebrap*, São Paulo, nº 12, abril-junho 1975, p.5-52.
- DICKIE, Maria Amélia S. (org). Etnografando pentecostais: Três casos para reflexão. *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, n. 63, 2003. Disponível em: www.cfh.ufsc.br/~antropos/63.%20maria%20amelia.pdf. Acessado em 26/10/2007.
- DIEKMAN, Andreas. *Empirische Sozialforschung. Grundlagen, Methoden, Anwendungen*. Reinbek: Rowohlt, 1998.
- DOIMO, Ana Maria. Pluralidade religiosa à brasileira, associativismo e movimentos sociais em São Paulo. In: AVRITZER, Leonardo (org.). *A participação em São Paulo*. São Paulo: UNESP, 2004, p.123-196.
- ELIAS, Norbert. *What Is Sociology?* Tradução do alemão por Stephen Mennell e Grace Morrissey. New York: Columbia University Press, 1983.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- EMIRBAYER, Mustafa. Manifesto for a Relational Sociology. *American Journal of Sociology*. Chicago, vol. 103, nº 2, p.281-317, 1997.
- EMIRBAYER, Mustafa; GOODWIN, Jeff. Network Analysis, Culture, and the Problem of Agency. *American Journal of Sociology*. Chicago, vol. 99, nº 6, p. 1411-1454, 1994.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. *Nuer Religion*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1956.
- FOERSTER, Norbert. Classificações sociais de áreas urbanas: um exame a partir de dados sobre religião. In: *X Congresso de Iniciação e Produção Científica, IX Seminário de Extensão da Metodista e IV Seminário PIBIC/UMESP de Pesquisa*, 2007, São Bernardo do Campo. São Bernardo do Campo: Metodista, 2007. 1 CD-ROM.
- GAUCHET, Marcel. *Le désenchantment du monde. Une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard, 1985.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GIUMBELLI, Emerson Alessandro. *O fim da religião: controvérsias acerca das “seitas” e da “liberdade religiosa” no Brasil e na França*. Rio de Janeiro, 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- GORSKI, Philip S. *The disciplinary revolution. Calvinism and the rise of the state in early modern Europe*. Chicago e Londres: Chicago University Press, 2003.

- GRANOVETTER, Mark. The strenght of weak ties. *American Journal of Sociology*. Chicago, vol. 78, n. 6, p.1360-1380, 1973.
- GRIMES Ronald L. *Ritual Criticism: Case Studies in Its Practice, Essays on Its Theory*. Columbia: University of South Carolina Press, 1990.
- HAHN, Carl. Breve histórico dos cultos evangélicos no Brasil. *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, 1985, ano I, nº 2, p.11-29.
- _____. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: Aste, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.
- _____. *Stätten der Verkündigung im Heiligen Land. Eine Studie zum kollektiven Gedächtnis*. Editado e traduzido por Stephan Egger. Konstanz: UVK, 2003.
- _____. *La mémoire collective. Édition critique établie par Gérard Namer*. Paris: Albin Michel, 1997.
- HALVORSON, Britt. *Six are honored at Commencement '01*. Disponível em: <http://www.ns.umich.edu/MT/01/Sum01/mt5s01.html>. Acessado em 01/05/2009.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. A transmissão religiosa na modernidade. Traduzido por Dario Paulo Barrera Rivera. *Estudos da Religião*. São Bernardo do Campo, ano XIV, nº 18, 2000, p.39-54.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement*. Paris: Flammarion, 1999.
- HOGAN, Daniel Joseph e MARANDOLA Jr, Eduardo. Para uma conceituação interdisciplinar da vulnerabilidade. In: Cunha, José Marcos Pinto da. *Novas Metrópoles Paulistas - População, vulnerabilidade e segregação*. Campinas: NEPO-Unicamp, 2006, p. 21-50. Disponível em: http://www.nepo.unicamp.br/textos_publish/livros/livro_vulnerabilidade/arquivos_links/arquivos/arquivos/vulnerab_cap_I_pgs_21-50.pdf. Acesso dia 03/04/2008.
- HOLLENWEGER, W. J. *Pentecostalism. Origins and developments worldwide*. Peabody: Hendrickson, 1997.
- _____. The black roots of pentecostalism. In: _____ e ANDERSON, Allan. *Pentecostals after a Century. Global perspectives on a Movement in Transition*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, p. 33-44.
- IBGE. *Censo Demográfico 2000. Microdados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. 2 DVD.
- IBGE. *Censo Demográfico 2000. Resultados do Universo. Base de Informações por Setor Censitário. Região RJ/SP*. Rio de Janeiro: IBGE, s/a. 1 DVD.
- IBGE. *Censo Demográfico 2000. Resultados do Universo. Base de Informações por Setor Censitário. São Bernardo do Campo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.1 CD.

- INGLEHART, Ronald. *Modernization and Postmodernization: Cultural, economic e political change in 43 societies*. New Jersey: Princeton University Press, 1997.
- INGLEHART, Ronald; BAKER Wayne E. Modernization, Cultural Change, and the Persistence of Traditional Values. *American Sociological Review*, Columbus, Ohio, vol 65, nº 1, p.19–51, 2000.
- INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. *Sacred and Secular. Religion and politics worldwide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. *Modernization, Cultural Change and Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- JACOB, Cesar Romero et. al.. *Religião e sociedade em capitais brasileiras*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola; Brasília: CNBB, 2006. 250p.
- KAZTMAN, Ruben e FILGUEIRA, Fernando. As normas como bem público e privado: reflexões nas fronteiras do enfoque “ativos, vulnerabilidade e estrutura de oportunidades” (Aveo). In: Cunha, José Marcos Pinto da. *Novas Metrôpoles Paulistas - População, vulnerabilidade e segregação*. Campinas: NEPO-Unicamp, 2006, p. 67-94. Disponível em: http://www.nepo.unicamp.br/textos_publish/livros/livro_vulnerabilidade/arquivos_links/arquivos/arquivos/vulnerab_cap_3_pgs_67_94.pdf. Acessado dia 03/04/2008.
- KOWARICK, Lúcio e BONDUKI, Nabil. Espaço urbano e espaço político. In: KOWARICK, Lúcio(org.). *As lutas sociais e a cidade. São Paulo: Passado e presente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p.147-177.
- KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Escritos urbanos*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil: Estados Unidos, França e Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18 nº 51, p.61-85, fevereiro 2003.
- _____. *Viver Em Risco - Sobre a Vulnerabilidade Socioeconomica e Civil*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. Viver em risco: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 63, p.9-30, julho 2002.
- LAVALLE, Adrián Gurza. Sem pena nem glória. O debate sobre a sociedade civil nos anos 1990. *Novos Estudos do CEBRAP*. São Paulo, n. 66, p.91-109, julho 2003.
- LAVALLE, Adrián Gurza; CASTELLO, Graziela. As Benesses Desse Mundo: Associativismo religioso e inclusão socioeconômica. *Novos Estudos do CEBRAP*. São Paulo, n. 68, p.73-93, fevereiro 2004.
- LÉONARD, Émile G. J. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. Tradução de Prócoro Velasques Filho e Lóide Barbosa Velasques. São Bernardo do Campo: Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988.

_____. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: Aste, 1963.

LIN, Nan; ENSEL, Walter M; VAUGHN, J. C. Social Resources, Strength of Ties and Occupational Status Attainment. *American Sociological Review*, vol. 46, nº 4, p. 393-405, 1981.

MACHADO, Wilson de Lucas Fortes. *Entre o sonho e a fé : o pentecostal e os conflitos de sua prática religiosa, nos assentamentos Sumaré I e II, do movimento de trabalhadores rurais sem terra*. São Bernardo do Campo, 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UESP, São Bernardo do Campo, 1995.

MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lilian de Lucca. *Na metrópole. Textos de antropologia urbana*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

MARCONDES, Maria José de Azevedo. *Cidade e natureza: proteção dos mananciais e exclusão social*. São Paulo: Studio Nobel, Edusp e Fapesp, 1999.

MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARIANO, Ricardo. *O futuro não será protestante*. Trabalho apresentado na mesa redonda MR06 "Dilemas do protestantismo latino-americano". VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998. Disponível em: <http://www.iquadangular.sdnnet.com.br/estudos/O%20futuro%20n%20E3o%20ser%20E1%20protestante.doc>. Acessado em 26/10/2007.

MARQUES, Eduardo (coord.) et al.. *Assentamentos precários no Brasil urbano*. São Paulo: CEM/CEBRAP, 2008. Disponível em: http://www.centrodametropole.org.br/mc/assets/pdfs/assentamentos_web.pdf. Acessado dia 16/09/2008.

MARQUES, Eduardo; BITAR, Sandra. Espaço e grupos sociais na metrópole paulista. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 64, p.123-131, novembro 2002.

MARQUES, Eduardo; GONÇALVES, Renata; SARAIVA, Camila. Assimetria e descompassos. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 73, p.89-108, novembro 2005.

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo. Introdução. In: _____ (org). *São Paulo. Segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: SENAC, 2005, p.7-15.

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo (org). *São Paulo. Segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: SENAC, 2005.

MARRAMAO, Giacomo. *Céu e terra. Genealogia da secularização*. Tradução de Guilherme Alberto Gomes de Andrade. São Paulo: Unesp, 1997.

_____. *Poder e secularização. As categorias do tempo*. Tradução de Guilherme Alberto Gomes de Andrade. São Paulo: UNESP, 1995.

MARTIN, Bernice. Form pre- to postmodernity in Latin America: the case of Pentecostalism. In: HEELAS, Paul; MARTIN, David (orgs.). *Religion, modernity and postmodernity*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 102-146.

- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- _____. *Ensaio de Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- McGUIRE, Meredith B. *Religion: The social context*. 5. ed. Long Grove: Waveland Press, 2002.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A crise do culto protestante no Brasil. *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, 1985, ano I, nº 2, p.31-60.
- MICELI, Sergio. 1988. *A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MOERSCHER, Tobias. *Macht Glaube Politik?* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.
- NAMER, Gérard. *Halbwachs et la mémoire sociale*. Paris: L'Harmattan, 2000.
- _____. *Mémoire et société*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987.
- NEGRÃO, Lísias N. *Religião: pluralismo, percurso e multiplicidades*. Manuscrito elaborado a partir do texto: *Urdindo novas tramas: trajetórias do sagrado*. Relatório científico anual de projeto temático. São Paulo: FFLCH/USP, 2001. 2006.
- NELSON, Reed Elliot. Organization-Environment Isomorphism, Rejection, and Substitution in Brazilian Protestantism. *Organization Studies*, vol. 10, nº 2, 1989, p. 207-224.
- _____. *Social Structure, Personality and Organizational Preference among Brazilian Pentecostals*. Paper. s.l., s.d., 24p.
- NOGUEIRA, Alice; CATANI, Afrânio. O capital social – notas provisórias. In: *Bourdieu – Escritos educacionais*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.65-69.
- ORTNER, Sherry B. *Anthropology and social theory. Culture, power and the acting subject*. Durham e Londres: Duke University Press, 2006.
- _____. *Sherpas through their ritual*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- PAUGAM, Serge. *Desqualificação social. Ensaio sobre a nova pobreza*. Tradução de Camila Giorgetti e Tereza Lourenço. São Paulo: Cortez/EDUC, 2003.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. A velha recém-casada. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, nº 26, março 1990, p. 211-219.
- _____. Reencantamento e dessecularização. A propósito do auto-engano em sociologia da religião. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, nº 75, p.99-117, novembro 1997.
- _____. Religião como solvente – uma aula. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, nº 49, p.111-127, julho 2006.
- POCHMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo. *Atlas da exclusão social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003.

POLLACK, Detlef. Religion und Moderne: Religionssoziologische Erklärungsversuche. In: MOERSCHHEL, Tobias. *Macht Glaube Politik?* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006, p.17-48.

_____. *Säkularisierung – ein moderner Mythos? Studien zum religiösen Wandel in Deutschland*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. *Sociologia, problemas e práticas*. Porto, nº 33, p. 133-158, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. *Compêndio Estatístico 2005*. São Bernardo do Campo: 2006.

_____. *Compêndio Estatístico 2008*. São Bernardo do Campo: 2009. 1 CD. Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/secretarias/sp/geoportal/compendio.asp>. Acessado dia 09/05/2009.

PUTNAM, Robert D. *Bowling alone. The collapse and revival of American community*. New York e Londres: Simon and Schuster, 2000.

READ, William R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Campinas: Livraria Cristã Unida, 1967.

REDFIELD, Robert. *Peasant Society and Culture*. Chicago e Londres: University of Oxford Press, 1956.

RIESEBRODT, Martin. *Cultus und Heilsversprechen. Eine Theorie der Religionen*. München: Beck, 2007.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Desencantamento e reencantamento: sociologia da pregação protestante na América Latina. *Estudos da Religião*, São Bernardo do Campo, ano 16, nº 23, p. 56-82, dezembro de 2002. (=2002a)

_____. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: Notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. *Numen*, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 11-38, 2005. (=2005a)

_____. Hibridación y aflojamiento de fronteras entre evangélicos latinoamericanos. *Boletín Antropológico*, Mérida, ano 20, n. 55, p. 629- 648, 2002. (=2002b)

_____. Matrizes protestantes do pentecostalismo. In: PASSOS, João Décio. *Movimentos do Espírito. Matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 79-112. (=2005b)

_____. Tradição, memória e modernidade - a precariedade da memória religiosa contemporânea. *Estudos da Religião*, São Bernardo do Campo, ano 14, nº 18, p. 121-144, junho de 2000.

_____. *Tradição, transmissão e emoção religiosa. Sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

- SANJEK, Russel. *American Popular Music and Its Business: The First Four Hundred Years, from 1790-1909*. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Razões da desordem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SAYAD, Abdelmelek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SCHATTEN, Vera; PEDROSO, Marcel. Distribuição de serviços públicos de saúde no município de São Paulo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 64, p.141-152, novembro 2002.
- SCOTT, John. Verbete "Social Networks". In: KUPER, Adam e Jessica. *The Social Science Encyclopedia*. 2. ed. Londres e Nova York: Routledge, 1999, p. 794s.
- SEADE. *Índice Paulista de Vulnerabilidade Social. Município de Diadema*. 2000. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/mapas/municipio/diadema.pdf>. Acessado em: 05/07/2007. (=2004a).
- _____. *Índice Paulista de Vulnerabilidade Social. Município de São Bernardo do Campo*. 2000. São Paulo, 2004. Disponível em: www.seade.gov.br/produtos/ipvs/mapas/municipio/sao_bernardo_do_campo.pdf. Acessado em: 05/07/2007. (=2004b).
- _____. *O Índice Paulista de Vulnerabilidade Social. Espaços e Dimensões da Pobreza nos Municípios do Estado de São Paulo*. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/apresentação/oipvs.pdf>. Acessado em: 05/07/2007. (=2004c).
- SIEPIERSKI, Paulo D. A emergência da pluralidade religiosa. *Reflexão e Fé: revista teológica do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil*. Recife, ano 1, nº 1. Disponível em: <http://bmgil.tripod.com/spd26.html>. Acessado em 26/10/2007.
- SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- SMILDE, David. *Reason to believe: cultural agency in Latin American evangelism*. Berkeley: University of California Press, 2007.
- TORRES, Haroldo. A fronteira paulistana. In: MARQUES, Eduardo e TORRES, Haroldo (org). *São Paulo. Segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: SENAC, 2005, p.101-119.
- TORRES, Haroldo; FERREIRA, Maria Paula; GOMES, Sandra. Educação e segregação social: explorando o efeito das relações de vizinhança. In: MARQUES, Eduardo e TORRES, Haroldo (org). *São Paulo. Segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: SENAC, 2005, p.123-141.
- TORRES, Haroldo; GOMES, Sandra. Desigualdade educacional e segregação social na região metropolitana de São Paulo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 64, p. 132-140, novembro 2002.

- TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas. Ação simbólica na sociedade humana*. Tradução do inglês de Fabiano Morais. Niterói: EdUFF, 2008.
- VINGREN, Ivar. *O diário do pioneiro - Gunnar Vingren*. 5.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2000. 247p.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Traduzido por José Marcos Mariani de Macedo e editado por Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus. In: *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*. Vol 1, Tübingen: Mohr Siebeck, 1920, p. 207-236. [Max Weber: Gesammelte Werke. Berlin: Directmedia, 2001. 1 CD]
- _____. *Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik*. München: Drei-Masken-Verlag 1921. [Max Weber: Gesammelte Werke. Berlin: Directmedia, 2001. 1 CD]
- _____. *Economia e Sociedade. Fundamentos da sociologia compreensiva*. Traduzido, a partir da 5ª edição revista, por Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Volume 1. Brasília: UnB, 1991.
- _____. Wissenschaft als Beruf. In: *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1922, p.582-614. [Max Weber Gesammelte Werke. Berlin: Directmedia, 2001. 1 CD].
- WILLAIME, Jean Paul. *La précarité protestante. Sociologie du protestantisme contemporain*. Genève: Labor et Fides, 1992.
- _____. Le pentecôtisme: contours et paradoxes d'un protestantisme émotionnel. *Archives de Sciences Sociales des Religions*, Paris, 1999, vol. 105, p.5-28.
- WILSON, Bryan. *Contemporary transformations of religion*. Oxford: Clarendon Press/Oxford University Press, 1976.
- ZUHUR, Sherifa. *Revealing reveiling. Islamist Gender Ideology in Contemporary Egypt*. Albany: State University of New York Press, 1992.
- ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

Anexos

Roteiro da observação do culto da Congregação Cristã

Culto no Jandaia na, dia / /09, 19 hs 30

Hino do silêncio		
Pausa		
Abertura		
3 hinos:		
Oração: (se destacando)		
Hino:		
Testemunho 1:		
Testemunho 2:		
Testemunho 3:		
Testemunho 4:		
Testemunho 5:		
Testemunho 6:		
Avisos		
Hino:		
Acolhida palavra; procura do pregador		
A palavra		
Pregação		
Oração (se destacando)		
Hino Encerramento:		
Encerramento		

Roteiro da observação da Reunião de Jovens e Menores da Congregação Cristã

Culto no Jandaia na, dia / /08, 19 hs 30

Hino do silêncio		
Pausa		
Abertura		
3 hinos:		
Oração: (se destacando)		
Hino:		
Oração meninas: Pai nosso		
Oração meninos:		
Recitação meninas:		
Recitação meninos:		
Testemunho 1:		
Testemunho 2:		
Testemunho 3:		
Testemunho 4:		
Testemunho 5:		
Testemunho 6:		
Avisos		
Hino:		
Acolhida palavra; procura do pregador		
A palavra		
Pregação		
Oração (se destacando)		
Hino Encerramento:		
Encerramento		

Roteiro da Entrevista

1. A respeito do(a) entrevistado(a) na Congregação:
 - a. Quanto tempo está na Congregação?
 - b. Como conheceu?
 - c. Se converteu em São Paulo?
 - d. Você é batizado(a)?
 - e. Frequência da participação.
 - f. Função.
 - g. Como se relaciona(va) com o ancião, cooperador, diácono?
 - h. O que pensa sobre eles?
 - i. Como se relaciona(va) com outros irmãos(ãs) da Congregação? Teve amigos(as)?
 - j. Descrição do culto.
 - k. Quais os momentos mais emocionantes nele?
 - l. Participa(ou) da Ceia?
 - m. Como é o culto da Ceia?
 - n. Visita(ou) outras casas de oração?
 - o. Quais, e quantas vezes?
 - p. Participa(va) de outros momentos na Congregação, além de Batismo, Ceia e Culto na casa de oração?
 - q. *Perguntas facultativas*
 - i. *Se é mulher*
 1. O que significa para você o véu?
 2. O que pessoas da Congregação falaram para você sobre o significado do véu?
 3. O que você sente ao vestir o véu?

4. O que vestir o véu no culto da Congregação faz com você?
5. O que vestir o véu na oração na sua casa faz com você?
6. Há momentos de encontro com outras irmãs da Congregação?
Se a resposta for positiva:) Como são estes momentos? Elas são importantes para você?

ii. Se é músico

1. Qual sensação de ser músico da Congregação?
- r. O que a participação na Congregação mudou na vida do(a) entrevistado(a)
 - i. visão de mundo;
 - ii. hábitos e costumes;
 - iii. rede de amigos;
 - iv. laços sociais etc.
 - s. O que mais gosta(ou) na Congregação?
 - t. Alguma coisa na Congregação deve mudar?
 - u. Críticas?
 - v. Visão de outras denominações – religiões e das pessoas que participam destas.
 - w. Visão do bairro onde mora(va), e dos seus moradores
 - i. O que pensa sobre o bairro?
 - ii. Gosta de morar aí?
 - iii. Posição social do bairro
 - iv. Morar neste bairro prejudica(va) a sua vida?
 - v. Posição social própria no bairro
 - vi. Queixas sobre o bairro
 - vii. Queixas sobre moradores do bairro
 - viii. Moradores problemáticos
 - ix. Com quem da vizinhança/do bairro tem contato, e que tipo de contato.
 - x. Como lida(ou) com a exclusividade proposta pela Congregação?
 - x. Como se faz a tradição e transmissão religiosa?

- i. na própria família?
 - ii. nas casas de pessoas que conhece?
- 2. A respeito dos laços sociais do entrevistado:
 - a. Pessoas mais importantes (lista)?
 - b. Quais delas estão na Congregação (lista)?
- 3. A respeito da participação do(a) entrevistado(a) na sociedade civil:
 - a. Quais os grupos – associações em que participa?
- 4. O cotidiano.
 - a. Preocupações diárias.
 - b. Lazer.
 - c. Os programas/filmes que assiste na TV mudaram a partir da participação na Congregação?
 - d. O que assiste? (Canal e programa)
- 5. Se egresso(a):
 - a. Por que se afastou?
 - b. Pode voltar um dia?
 - c. Sente saudades do tempo em que participava da Congregação?
 - d. O que pensa hoje sobre a Congregação?
 - e. Hoje se considera uma pessoa religiosa, que tem fé em Deus etc.?
 - f. Frequenta uma outra religião?
 - g. Oração, pensamento sobre Deus hoje etc. continuam influenciados pelo tempo vivido na Congregação?
 - h. Tem parentes/amigos(as) na Congregação que ficaram, são amigos(as) até hoje?
 - i. Mantém hábitos e costumes que gerou enquanto estava na Congregação?
 - j. As relações na família mudaram no tempo durante a participação na Congregação e depois (antes)?
 - k. As relações com pessoas do bairro mudaram no tempo durante a participação na Congregação e depois (antes)?

- l. Os programas/filmes que assiste na TV mudaram no tempo durante a participação na Congregação, e depois (antes)?
 - m. As formas de viver o lazer mudaram após a saída da Congregação?
 - n. O que mais na visão do mundo mudou?
 - o. Existe a possibilidade de voltar para a Congregação?
6. Indicação de outra pessoa para ser entrevistada.
7. Dados a respeito do(a) entrevistado(a)

Idade	
Estado civil	
Quantas pessoas moram na casa	
Quantos cômodos têm na casa	
Quantos filhos e seu gênero	
Posição na família	
Escolaridade	
Profissão	
Renda familiar em sal min (aprox.)	
Migrante?	
Se for, de onde?	
Se for, quando migrou?	
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	
Religião do(a)s familiares)	

Os códigos para a observação do culto**Gênero**

1 ou h = homem

2 ou m = mulher

Cor

1 = branca

2 = preta

4 = parda

Idade

1 < 15

2 16<30

3 31<60

4 60>

Tema

1 = Família

2 = Trabalho

3 = Viagem

4 = Testemunho

5 = Doença

6 = Acidente

7 = Violência

8 = Alimento

9 = Desemprego

10 = Moradia

11 = Perseguição

12 = Libertação sem especificação

13 = Palavra

14 = Congregação

15 = Finanças

16 = Outro infortúnio (tribulações)

17 = Ajudar

18 = Causa na justiça

19 = Diabo

20 = Honestidade

21 = Humildade

22 = Promessa do Espírito Santo

23 = Salvação da alma

Estatísticas das observações de culto

Temas dos testemunhos, por gênero

Testemunhos Temas	Todos	Homens	Mulheres	Homens%	Mulheres%
Família	32	11	21	34,38%	65,63%
Trabalho	13	5	8	38,46%	61,54%
Viagem	19	9	10	47,37%	52,63%
Testemunho	8	6	2	75,00%	25,00%
Doença	35	17	18	48,57%	51,43%
Acidente	2	2	0	100,00%	0,00%
Violência	4	3	1	75,00%	25,00%
Alimento	7	3	4	42,86%	57,14%
Desemprego	4	0	4	0,00%	100,00%
Moradia	3	1	2	33,33%	66,67%
Perseguição	5	3	2	60,00%	40,00%
Libertação sem especific.	10	5	5	50,00%	50,00%
Palavra	5	3	2	60,00%	40,00%
Congregação	38	30	8	78,95%	21,05%
Finanças	9	6	3	66,67%	33,33%
Outro infortúnio	6	3	3	50,00%	50,00%
Ajudar	2	1	1	50,00%	50,00%
Causa na justiça	4	3	1	75,00%	25,00%
Diabo	4	3	1	75,00%	25,00%
Promessa do ES	4	3	1	75,00%	25,00%
Pecado e Conversão	2	2	0	100,00%	0,00%

Temas das pregações

Pregação Temas	
Congregação	21
Palavra	15
Libertação sem especificação	10
Família	7
Perseguição	12
Diabo	9
Testemunho	3
Causa na justiça	2
Viagem	1
Doença	1
Ajudar	1
Promessa do ES	1
Pecado e Conversão	2
Salvação alma	3
Trabalho	0
Acidente	0
Violência	0
Alimento	0
Desemprego	0
Moradia	0
Finanças	0
Outro infortúnio	0

Tempo dos testemunhos, por gênero

	Núm	Minutos		Média	Fator	%
Homens Testemunhas	48	354		7,38	4,32	81,2
Mulheres Testemunhas	41	82		2,00	0,23	18,8

Tempo das orações, por gênero

	Núm	Minutos		Média
Homens oram	39	183		4,69
Mulheres oram	12	39		3,25

Frequência de chamar hinos, por gênero

		Fator	%
Homens chamam hinos	65	0,83	45,5
Mulheres chamam hinos	78	1,20	54,5

Cor das testemunhas

Cor testemunhas	Branca	25	Negra	19	Parda	30

* a cor foi observada somente a partir do 6º culto.

Idade das testemunhas

Idade testemunhas	até 15	0	15-29	21	30-59	47	60+	21

Média de participantes do culto: total e por gênero

	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Fator
Média domingos	40	48	88	45%	55%	1,0
Média 2ª f	110	122	232	47%	53%	2,6
Média 5ª f	54	63	117	46%	54%	1,3

Porcentagem dos músicos no total dos homens

% músicos dos homens	10	16	12	14	14	12	12
	35	120	70	90	34	60	45
	29%	13%	17%	16%	41%	20%	27%
	14	18	8	12	10	18	19
	80	130	45	40	62	110	105
	18%	14%	18%	30%	16%	16%	18%
	10	16	14		Média	229	
	50	100	45			1221	
	20%	16%	31%			19%	

As observações de culto

As observações de culto não foram reelaboradas para a inclusão neste anexo, nem foram revisados erros de português etc. Ele dá assim um quadro do trabalho etnográfico da observação de culto, revelando também as limitações e lacunas deste. Foram apenas renomeados os personagens, para guardar sua anonimidade.

As observações de culto se encontram no CD, no arquivo “Observação de culto.pdf”

As entrevistas

Na transcrição das entrevistas, tentou-se guardar a maior fidelidade possível. Foram apenas renomeados os personagens, para guardar sua anonimidade.

As entrevistas se encontram no CD, no arquivo “Entrevistas.pdf”

Observação de culto (em CD)

Antes de visitar sistematicamente o culto na casa de Oração do Pq. Jandaia, visitei uma vez a Congregação Cristã no Jardim Miriam, e três vezes em Santo Amaro. Além disso, fiz visitas na Casa de Oração da Vila Mussolini, mas deixei pouca coisa escrita.

Visita a CCB no Jardim Miriam, dia 19/08/04, das 19 hs 30 min às 20 hs 50 min.

Vindo da cidade, com calça jeans e camisa de manga longa azul, fico inicialmente em frente da entrada do templo. Da porta, se tem uma visão bastante boa do templo. Inicialmente em dúvidas se vou poder entrar com minha roupa (ou vão exigir terno e gravata?), vejo com alívio que vários homens são vestidos de roupa cotidiana, sem terno e gravata.- Do lado das mulheres (esquerda), se vê quase somente os véus brancos e longos.

O templo, neste nível, tem três filas de bancos de madeira, mais dois corredores laterais, fora das paredes, que, se fosse uma casa, serviriam como garagem para carros; neles também há pessoas que com o tempo vão aumentando.

Percebo que na fila dos bancos do meio, do primeiro até o último banco, estão sentados os músicos: na frente os que tocam violino e outros instrumentos de corda, depois trombeta, atrás outros instrumentos ainda maiores.

Quando um jovem sai com criança da Igreja e ele e eu nos saudamos com um sorriso, os irmãos de recepção, do lado de dentro da Igreja, percebem minha presença. Me convidam para entrar. Quero ficar, de pé, logo à esquerda da entrada, que seria um ponto muito bom para observação. Sou convidado a sentar; no início rejeito. Recebe um livro de cantos (impresso na CCB da Rua Visconde de Parnaíba, e depois sou gentilmente conduzido a um lugar. A recepção é mesmo calorosa, e percebo como diminui meu nervosismo.

O meu lugar é ao lado do homem (negro) que controla o volume do som, que está verticalmente encaixado num fino armário de madeira. Ele de vez em quando murmura, com voz angelical: "Louvado seja nosso Senhor Jesus", enquanto o homem à minha esquerda murmura, de vez em quando, "Graças a Deus".

Desde minha chegada a comunidade estava cantando. Depois o homem no púlpito de madeira, no qual está escrito: "Palavra do Senhor Jesus", convida a orar. Todos se ajoelham e oram, muitos murmurando. De repente se levanta uma voz mais alta, na frente, que parece

pertencer a um homem mais velho; ele fala sem microfone, mas mesmo assim se sobrepõe sobre os outros. Não entendo sua fala, mas percebo que os murmúrios ficam mais baixos e quase se silenciam. De vez em quando escuta-se um tom afirmativo, como "Ooh!" Depois, todos levantam. Há um pequeno discurso em que o homem do púlpito faz uma certa pregação de moral, falando de uma mulher que quis dar o dízimo; destacando que ninguém ganha dinheiro, mas "todos nós trabalha"; afirmando que quem vem de outro grupo deve esquecer tudo que aprendeu lá e "começar aqui tudo de novo", "subir a parede desde baixo". Diz que a citada mulher quis saber por que só se celebra a ceia uma vez por ano; resposta: o povo de Deus no deserto também celebrava pouco; Jesus também celebrou só uma vez; celebra-se uma vez por ano até Jesus voltar; batismo que haverá; levantar e se acusar (uma vez a comunidade perdoou, mas Deus não perdoou); cada um é responsável de examinar se será digno de comungar, porque o Corpo do Senhor e o Sangue do Senhor não são recebidos, mas cada um toma: cada um é responsável por sua consciência; para o dia do batismo e ceia deve vestir roupa bonita, terno e gravata; vir para o templo decente, também as mulheres, sem o decote das "mulheres de novela"; umas se vestem assim que precisariam trazer uma toalha de banho em vez do véu; que não precisa estudar teologia, mas que Deus indica e inspira; ninguém sabe quem vai pregar hoje

Canto; ajoelhar e orar; testemunhas: ele convida para ser breve; que alguns falam muito; que é para agradecer e louvar, não para se queixar; não é para se expor, mas para louvar a Deus e sua obra; falam 3 mulheres, contando fatos de vida, e brevemente um homem jovem de terno e gravata, só pedindo louvores a Deus;

Canto; pequenos avisos (falecidos: ancião mais velho de Americana faleceu; Toninho faleceu e foi enterrado em Diadema; Batismo e Ceia); ajoelhar e orar; leitura da Bíblia (um tempo, de Bíblia levantada, para que seja revelado quem deve falar); ele mesmo lê e comenta; no comentário fala da roupa branca e a compara com a roupa do batismo; momentos de volume de voz bem elevado, em que há um murmúrio do povo; do número que ninguém consegue contar, enquanto alguns dizem que sejam somente 24 mil; os que faleceram nada pode perturbar, somente acordarão quando a trombeta tocar (ele chora emocionado); eles que morreram são mais do que nós que estamos vivos; eles primeiro; um certo Josué; a palavra é doce, contra as amarguras da vida; "eu" como se fosse Deus em primeira pessoa, não ele como orador; "daqui um pouco já vou parar": de fato, ele deve ter falado uns +- 30 minutos; este doce ficará para sempre; aqueles que vêm cansados e abatidos e ganham força; Deus te dará um doce nestes dias contra a amargura da vida (marido, mulher, filhos, contas a pagar etc); Deus dará um pirolito; quem não dizer, dar para ele que sua vida é amarga; CCB: não

tem retorno, só vai para frente; tentação, mas o importante é sempre congregar de novo. Apc 9,7-16

Ajoelhar, bênção, canta, ósculo.

Visitei a CCB de Santo Amaro, situada na Rua Padre José de Anchieta 278, tendo como ancião Antônio Gonçalves Dantas, como cooperador Jeremias Maldonado, e como diáconos Antônio Oliveira, José Antônio Menezes da Silva e Domingos José dos Santos, na noite de sábado, 2 de abril de 2005.

Chegando pelas 19 hs 50 min (atrasado 20 minutos, portanto), encontrei a casa de oração no momento das testemunhas. Os bancos divididos em quatro filas, sendo as duas filas da direita reservadas para mulheres, e as duas do lado esquerdo para homens (a da meia-esquerda para os músicos), houve vários lugares livres ainda na fila da esquerda, especialmente na metade dos fundos, os últimos, porém, ocupados por homens vestidos de terno e gravata. Observei que os bancos atrás dos músicos estavam ocupados por mulheres, uma vez que nas duas filas à direita todos os bancos já estavam ocupados.

Estimo a porcentagem dos homens negros presentes em aproximadamente 10 a 15%; os outros eram morenos ou brancos. Os idosos (de cabelo branco) não passaram os 25%. A grande maioria deles estava vestido de terno, enquanto vários daqueles entre 30 e 50 anos vestiram traje social, porém sem jaqueta. Alguns jovens estavam vestidos de camiseta ou camisa polo e tênis. No banco da minha frente, o jovem de camisa polo e tênis estava sem hinário e Bíblia, olhando nos livros do pai sem, porém, cantar.

Quase todas as mulheres estavam vestindo véu; muitas delas estavam de camisa ou camiseta de manga curta. As crianças moviam-se livremente, inclusive pequenas meninas "visitando" homens na fila masculina adjacente e conversando baixo com eles. Um dos homens sentados ali segurava um nené no braço e tinha que sair da Igreja no momento que o nené começou a chorar muito.

O homem que estava dando seu testemunho quando eu cheguei, um negro de cabelo e terno brancos, falava durante mais que sete minutos. Consegui entender apenas poucas palavras do seu testemunho; ele estava falando de "passagem", "quanto era", e que "não tinha dinheiro"; depois falava de doença e cirurgia num hospital. Vários homens nos bancos conversavam durante seu testemunho, e o dirigente do culto também batia de vez em quando com os dedos no púlpito e mexia o corpo, olhando para a testemunha e indicando uma certa falta de paciência.

Passou-se mais um minuto em silêncio, o dirigente de vez em quando rezando em voz baixa, ouvindo para a comunidade, esperando evidentemente mais testemunhos. Finalmente vem um homem moreno claro, aparentando uns 35 anos, bem vestido, de terno novo e óculos, e agradece ao Senhor porque fez cursos e foi promovido na sua firma, louvando a Deus que tudo está dando certo na sua vida.

Após este testemunho, houve uns momentos de silêncio, o dirigente repetindo várias vezes, em voz baixa, "Louvado seja o Senhor", esperando aparentemente por outro testemunho. Passaram-se um a dois minutos antes de uma Senhora relativamente jovem se levantar e contar em voz clara, alta e determinada a sua história. Ela se converteu há 13 anos, mas mesmo depois, durante vários anos, ainda teve medo de se batizar, e "obedeceu" quando, numa celebração de batismo, o ancião repetia Deus estava dizendo a ele que tinha "mais alguém" para ser batizado. Durante vários meses, ela escondia sua conversão diante de seu marido, passando por situações constrangedoras, como recusar porções de churrasco de um churrasqueiro da esquina no centro da cidade. Após "confessar" ao seu marido sua conversão, este a maltratava durante um tempo, mas após muita oração, também de sua Congregação, ele, apesar de não congregar com ela, agora a trata bem e é seu amigo: "É Deus no céu e meu marido na terra." Falava como estava "na graça" agora, e que tinha certeza que "Deus ainda vai tocar no meu marido" e "vai fazer ainda uma obra na minha casa", enfatizando e prolongando a pronúncia da palavra "casa".

Após este testemunho, houve uma pequena pausa. Então o próprio dirigente do culto anunciou seu testemunho. Iniciou agradecendo ao Senhor por ter sido perdoado por este. Contou como ele estava sem uma de suas vistas desde a infância. Quando, um dia, ajudou sua esposa nos afazeres da casa, entrou um caco de vidro no olho que estava bom. Ele foi levado imediatamente para o pronto-socorro, onde os funcionários ficaram assustados com a situação. Um oftalmologista deu a previsão que o olho iria vazar, e ele perderia também esta vista. Arrasado ele voltou para casa, lamentando que nunca mais iria poder ler a Bíblia, além de perder seu emprego e a possibilidade de sustentar a sua família. Oraram muito à noite, antes de dormir. No dia seguinte, em oração, sentiu como se fosse o dedo de Deus tocando no seu olho (o dirigente fazendo o gesto de tocar com sua mão no olho). Sentiu-o quase fisicamente. Chegando no pronto-socorro, o médico disse que não precisava mais fazer operação, porque o olho já tinha cicatrizado e não iria mais vazar. Porém, uma vez que a ferida estava bem no centro da menina dos olhos, ele agora via tudo duplamente; portanto, não conseguia ler a Bíblia, dirigir, e trabalhar direito. Tomou muitos remédios que não adiantaram nada. Fez um voto de agradecer a Deus publicamente se este o curasse para poder

enxergar de novo os ponteiros do relógio na Congregação. Tanto ele como a família como a Congregação oraram muito, e uma manhã ele acordou enxergando tudo normalmente: "Foi a graça de Deus que o fez, meus irmãos!" Ele cumpriu seu voto e agradeceu a Deus num testemunho na sua Congregação, olhando o relógio e dizendo a hora, "assim como eu estou vendo os ponteiros do relógio agora, meus irmãos: é oito horas e vinte, meus irmãos!"- Depois ele contou mais uma graça de Deus que, disse ele, sua Congregação no Jardim Paulista, onde ele é cooperador, gostava de ouvir: ele estava fazendo compras num sábado à tarde num supermercado (que ele revela mais tarde sendo uma filial do "Extra), nos tempos em que os preços estavam congelados e todo mundo, no dia que recebia, corria para o supermercado para fazer as compras, porque no dia seguinte já poderiam vir a faltar os produtos. Ele estava enfrentando uma fila enorme diante do caixa e sabia que tinha assumido o compromisso de dirigir um culto à tarde: "e eu tinha que voltar para casa, tomar banho, trocar-me e ir até ao Jardim Paulista, que fica longe da minha casa, meus irmãos". Ele sabia que não ia dar tempo e já estava cogitando de deixar sua esposa e os artigos e ir embora sozinho, quando escutou a voz de Deus lhe falando: "Vinte e seis. Vai à caixa vinte e seis." E ele foi, porque as caixas estavam numeradas, e de fato só tinha duas pessoas, com poucos artigos nos seus carrinhos, na sua frente. E mais: quando a moça no caixa iria lhe apresentar a conta, ouviu-se uma voz falando pelos auto-falantes: "Caixa vinte e seis, hoje a sua compra é de graça!" E assim deu tempo de ele voltar para casa, chegar no culto em tempo, e ele ainda ganhou toda a sua compra de graça. "Foi a graça de Deus que fez isso, meus irmãos!"

Passa-se aos avisos. Em seguida, ele chama um hino, e canta-se o hino 114 ("O Senhor é minha luz"). Se faz um momento de silêncio, em preparação da leitura da palavra de Deus. Em seguida, ele se dirige ao lado esquerdo, onde está o "irmão Jeremias", citado várias vezes por ele, e parece convidar pessoas para fazer a leitura e a pregação. Segue uma sequência de gestos convidativos e sorrisos; algo se conversa em voz baixa; ele joga o corpo para trás e parece fazer sinais de negação; pede de novo, e a sequência se repete; toda cena se repete mais uma vez. Parecia que ele estava insistindo que outro fizesse esta parte, mas os homens sentados nos primeiros bancos negaram e pediram a ele fazer a leitura e a pregação; aparentemente com pouca vontade, ele sobe ao púlpito e anuncia a leitura: será o 1º capítulo da carta de São Paulo aos Gálatas. Alguns irmãos parecem ter dificuldade de encontrar a leitura, e ele avisa que esta carta fica atrás da 2ª carta aos Coríntios.

Ele lê a leitura com uma certa dificuldade, e quando inicia a pregação, parece estar pouco à vontade. Logo em seguida, porém, se empolga, quando diz que Paulo era apóstolo não da parte de homens, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai. Comenta que a boca fala

daquilo que o coração está cheio, e como muitas vezes o congregado, em situações cotidianas até materiais e mundanas, começa a falar de Deus sem nem percebê-lo, porque a obra é realmente do Pai, é de Deus, e não é humana. Em seguida, ele lê de novo a passagem na qual Paulo reclama que a irmandade dos Gálatas tão depressa passou "daquele que vos chamou à graça de Cristo para um evangelho diferente", e com empolgação começa a criticar aqueles irmãos na Congregação que fabricam a sua própria religião, aceitando esta e aquela doutrina e deixando outra de lado. Alerta que este comportamento levará à perdição. Diz que na família e no trabalho é o homem que tem as rédeas na mão e constrói como ele quer, e por isso facilmente se engana e acredita ter as rédeas na mão também com respeito à Palavra de Deus e à religião; gesticulando forte e levantando a voz, adverte que com a religião é diferente, que aqui não é o homem que tem as rédeas na mão, mas "é Deus, meus irmãos, é Deus!" A religião que o homem constrói esvanece logo; não é possível escolher as verdades de Deus conforme o próprio gosto, mas ela é revelada por Deus e deve ser aceita assim como Deus a deu e a Congregação a conservou na sua tradição. Adverte que é importante perseverar e não desistir, olhar para Jesus que tinha o poder de chamar um exército de anjos para salvá-lo, mas não o fez e nos salvou por seu sangue, perseverando até o fim. Assim também nós devemos perseverar e não desistir diante do sofrimento que no fundo não é sofrimento, mas são provas que Deus coloca no nosso caminho. Neste momento ele cita o exemplo de Jó que perdeu tudo e mesmo assim ficou fiel e louvou seu Deus, enquanto sua esposa, como anti-Deus, insistia com ele para abandonar seu Deus que já o tinha abandonado e esquecido; dando finalmente Deus a vitória a Jó que tinha se mostrado perseverante. Assim, "Deus dará a vitória também a ti, meu irmão", e "Deus fará uma obra ainda na tua casa, meu irmão", esticando e dando ênfase nas palavras "obra" e "casa", da mesma maneira como a testemunha feminina também já fizera. Ele aconselha ainda com insistência a prática do perdão em casa e na oração.- O dirigente repete este ciclo de pensamentos mais duas vezes, com pequenas variações, alertando especialmente os irmãos que não abandonam totalmente sua religião anterior, mas tentam trazer elementos dela para dentro da doutrina da Congregação e as misturam com esta. De vez em quando ele coloca as frases "Deus dará a vitória também a ti, meu irmão", e "Deus fará uma obra ainda na tua casa, meu irmão" na primeira pessoa: "Eu darei a vitória também a ti, meu irmão", e "Eu farei uma obra ainda na tua casa, meu irmão", como Deus se tivesse incorporado nele e ele agora passasse a falar na primeira pessoa do "Eu divino", o que não o impede retornar, uma ou duas frases depois, à fala em 3ª pessoa. Nas expressões que são como lemas já conhecidos da CCB ("Deus dará a vitória também a ti, meu irmão", e "Deus fará uma obra ainda na tua casa, meu irmão"), a expressão corporal sempre é a mesma: o

corpo esticado e inclinado para trás, com os dois braços estendidos para frente e as mãos gesticulando quase freneticamente. Duas vezes o discurso já parecia ter terminado, faltando apenas a fórmula "O nome do Senhor Jesus seja louvado", quando ele retornou mais uma vez a um pensamento já pronunciado, repetindo-o. Ele finaliza com fortes apelos aos irmãos de fazer a palavra de Deus brilhar. Em seguida, pede para "cantar um hino" (ele *não* usa a expressão "chamar um hino"), e é escolhido o número 69 ("Brilha mais e mais"). Depois, ele faz mais uma apelo aos irmãos para não terem vergonha de anunciar a palavra, assim como fez Davi quando dançou nu nas ruas, esquecendo a sua posição social de rei e agindo como filho de Deus, seguindo a voz do seu coração e anunciando as maravilhas que o Senhor operou na sua vida - apesar de ser criticado e escoreado por sua esposa que se envergonhou do seu comportamento. Após a bênção final, os congregados se desejam a paz, alguns trocando o ósculo, e a comunidade se dispersa, enquanto os músicos tocam mais uma música instrumental. Enquanto saio pela porta dos fundos, vejo mulheres sentadas atrás dos músicos sorrindo e conversando, dobrando seu véu e colocando-o na sua bolsa, já antes de sair da Igreja.

Breve análise

- Nas minhas visitas ao culto, foi a vez que encontrei mais lugares vazios.
- Ficou nítido como o traje muda conforme a idade ou geração dos homens (mais idosos: terno; 30 a 50 anos: terno ou camisa e calça social; jovens: vários com camisa polo e tênis, e sem hinário e Bíblia).
- Não me lembro de ter visto, em outros cultos, um número tão elevado de mulheres com manga curta.
- Enquanto nos cultos no Jd. Miriam, na hora dos testemunhos, muitas vezes uma já está de pé esperando finalizar a outra, houve neste culto em Santo Amaro bastante tempo vazio entre um testemunho e outro.
- Pela primeira vez chamou minha atenção o dirigente do culto citar o nome de um obreiro do local.
- Pela primeira vez chamou minha atenção o dirigente do culto fazer uso do "Eu divino", falando nele para a comunidade. É apenas retórica ou um êxtase religioso? No último caso, seria bem controlado, uma vez que logo em seguida retorna à 3ª pessoa. Não tenho certeza, mas me parece que nos momentos do uso do "Eu divino" o êxtase da ala feminina na Igreja era especialmente forte.
- Chamou minha atenção com respeito às relações de gênero, como o dirigente indicou, com respeito à vivência na sua casa, uma certa igualdade (quando o olho foi machucado por um caco de vidro, ele "estava ajudando a minha esposa nos afazeres da casa"), enquanto nas histórias bíblicas citadas a mulher assume o lugar de Anti-Deus, tanto na história de Jó como na cena de Davi. Isso pode ser indicador de uma certa divergência ou até oposição entre a vivência cotidiana e a "ideologia" da CCB como se apresenta na sua interpretação dos textos bíblicos.- Percebi ainda que o dirigente nenhuma vez se dirigiu aos "irmãos e irmãs", ou às "irmãs", mas sempre apenas aos "irmãos" ou "meu irmãos".

- Ainda com respeito às relações de gênero, chama minha atenção que em nenhum caso as testemunhas masculinas citam a esposa ou a família como fonte de problemas; estes giram mais em torno da saúde.- Nos testemunhos das mulheres, porém, parece se configurar o esposo como fonte principal de problemas.- No uso da Bíblia, ao contrário, parece se configurar que as figuras bíblicas masculinas aparecem como inspirados por Deus, enquanto para as mulheres sobre o lugar de Anti-Deus.- O culto pode servir como uma *arena de conflito dos gêneros*? Destaco que a pesquisa está ainda bem no seu início, e que a possibilidade destas configurações são apenas *primeiras suspeitas*.
- Deve-se analisar quais *configurações de gênero culturais* se transmitem, tanto nos testemunhos como na pregação (os dois talvez contrastantes) na CCB.
- Quando o dirigente falou pela primeira vez que "Deus vai fazer ainda uma obra na tua casa", ele falou com o mesmo tom de voz e expressão como a testemunha feminina tinha falado antes que Deus vai " fazer ainda uma obra na minha casa", obviamente se referindo a este testemunho, retomando-o.
- Pelo discurso do dirigente, fiquei pela primeira vez sabendo que também a CCB enfrenta a dificuldade de seus membros operarem um *bricolage* religioso. Este foi evidentemente o grande tema desta noite, e foi destacado que somente a doutrina divina na sua integralidade, assim como se encontra na tradição da CCB, salva.
- Fica claro como os alguns elementos do culto da CCB estão engrenados um no outro (testemunho - pregação que retoma literalmente e no tom o testemunho - escolha do hino que retoma o tema da pregação) e se reforçam mutuamente; outras vezes são contraditórios, como já foi mostrado.
- O traje mais "relaxado" de alguns jovens com menos que 25 anos talvez seja um sinal que estes ainda não foram batizados. O medo dos jovens de se batizarem, sabendo que depois deverão assumir a doutrina e os costumes da CCB na sua integralidade, ficou evidente na fala da testemunha feminina e também em algumas entrevistas. Como a instituição e os jovens negociam este medo e esta hesitação dos jovens diante da radicalidade da exigência de conversão que a instituição apresenta, e que foi reforçada pela pregação desta noite?
- Os testemunhos reforçaram o valor e a eficiência da prática da CCB de orar por seus membros: os milagres e maravilhas que o Senhor operou aconteceram após a oração em comunidade da Congregação. A história do caco de vidro que entrou no olho do dirigente do culto enquanto este estava ajudando sua mulher nos afazeres da casa pode ser entendido como dica dirigida a todos os esposos presentes na casa de oração para uma convivência familiar. As histórias bíblicas, ao contrário, reforçam a autoridade masculina sobre a mulher: é este discurso um exemplo da paradoxalidade do pentecostalismo, afirmado por André Droogers, Jean-Paul Willaime e Bernice Martin? Está mudando a tradição dos papéis de gênero na prática cotidiana, enquanto os apelos à Bíblia indicam uma não-mudança da tradição?
- Comparando a fala do dirigente com as informações do relatório 2003/2004 da CCB, seria o "Jeremias" invocado várias vezes pelo dirigente o cooperador Jeremias Maldonado, e o próprio dirigente Walter Sasso (único cooperador da Congregação do Jardim Paulista).
- São o número maior de lugares vazios do lado dos homens, as longas pausas na hora dos testemunhos, os apelos repetidos ao perdão, e a advertência de aceitar a doutrina e os costumes da CCB ("a revelação divina como foi transmitida para nós") na sua integralidade, desistindo da prática de fabricar a própria religião, sinais de uma crise na CCB de Santo Amaro?

Na 4ªf, 6 de abril de 2005, cheguei à casa de oração da CCB de Santo Amaro às 19 hs 25 min. Ela está ainda bastante vazia, especialmente do lado dos homens, os presentes mal passando de um terço dos lugares. As filas das mulheres são mais cheias, mas também aí há lugares vazios. Percebo que, apesar disso, várias mulheres já ocupam os lugares atrás dos músicos; estes já parecem reservados a elas, portanto.

Enquanto a orquestra toca uma música instrumental, sento-me, como na outra vez, num banco ainda vazio no último terço da fila da esquerda. Os bancos na minha frente ou atrás de mim são ocupados por um ou dois homens. Alguns estão distraídos, descansando seu braço no encoste do banco e olhando para o lado ou conversando; outros ajoelhados, lendo na Bíblia ou no hinário. Vejo como um homem abre o pequeno livrinho com o resumo da convenção de 1936, reuniões e ensinamentos de 1948, pontos de doutrina e da fé que uma vez foi dada aos santos, histórico da obra de Deus, revelada pelo Espírito Santo no século passado, e mensagens, que a CCB reeditou em 1998. As pessoas estão chegando, entrando pelas portas do fundo ou laterais, de vez em quando dando-se as mãos e o ósculo antes de se sentar.

Reconheço algumas pessoas que estiveram também no sábado passado à noite na celebração. A três bancos na minha frente está sentado, encolhido, um homem de aparência pobre e - percebo isto pela primeira vez - de roupa um tanto suja e desarrumada, enquanto os homens normalmente podem até ter um ter aparência pobre e estar de terno surrado, mas sempre limpo, cuidado e correto.- Mais alguns bancos na frente um homem já bem idoso, com aparelho no ouvido, segura uma caneta na sua mão.

A música pára, e pontualmente às 19 hs 30 se levanta dos primeiros bancos e vai ao púlpito um homem a quem se dirigiu, na celebração de sábado passado, o dirigente como o cooperador Jeremias Maldonado. Ele brevemente saúda a comunidade e pede cantar hinos. Como primeiro hino é escolhido o nº 221 ("Igual ao mestre"), enquanto todos estão de pé. Em seguida, sentam-se todos e canta-se o nº 442 ("Comigo está Jesus"). Quando o dirigente pede chamar mais um hino, levanta-se um homem de uns 30 anos, de calça e camisa preta e movimentos rígidos como um soldado, que tinha chegado atrasado ao culto, e grita o número 253 ("Só Jesus é amigo verdadeiro"). Durante estes hinos, estão chegando mais pessoas, e a Igreja vai se enchendo; também no meu banco entram mais dois homens. Em seguida, o dirigente convida para a oração; todos se ajoelham e oram, alguns em voz baixa e murmurando, outros em silêncio. Estranho como consigo escutar bem a oração do dirigente, que reza em voz baixa, e, olhando escondidamente entre os dedos, percebo um segundo microfone no púlpito, montado à meia altura, do lado dos homens, onde o dirigente reza, ajoelhado. Várias vezes ele ora "Louvado seja o Senhor", "Sangue de Jesus", "Santo, santo,

santo". Após uns dois minutos levantam-se algumas vozes e impõe-se a voz de uma mulher que grita em êxtase, mas frases bem articuladas, durante uns quatro ou cinco minutos. No fim, toda comunidade responde enfaticamente "Amém!". O dirigente encerra este momento lendo os papéis que recebeu dos porteiros, lembrando a coleta pelas construções, destacando a oração pelos idosos da comunidade, dos quais vários estão doentes, e orando, olhando para um papel, "pelas autoridades civis e militares". Neste momento, ele alerta a comunidade que é preciso orar pelas autoridades civis e militares, mas que isso também é suficiente e não precisa de mais nada; não se pode colocar "o partido" ou "o assessor" pelo qual se ora, procedimento que a CCB não permite. Uma vez que o momento é de advertência da comunidade, ele alerta que é para viver em paz, sempre quando é possível: em casa, na rua e no trabalho, porque ultimamente há irmãos brigando muito, falando que os idólatras não se salvam¹⁴⁰ e que só crente se salva; não é para discutir quem se salva e não se salva; é Deus quem salva, e nós, da irmandade, somos salvos, e devemos viver esta certeza em paz, sem brigar com os outros. Logo em seguida, o dirigente convida: "Temos a liberdade de dar o nosso testemunho". Hoje, os testemunhos seguem-se em ritmo mais rápido do que no sábado passado. Começa uma mulher ainda bastante jovem que fala sem imposição da voz, num estilo coloquial, e que não consegue esconder sua felicidade radiante de fazer "parte desta graça" há um mês. Ela não tematiza nenhum problema de família ou saúde etc., mas durante uns três minutos fala dos seus sentimentos e de sua alegria num estilo surpreendentemente informal, como dificilmente se escuta na CCB, interrompendo e recomeçando de vez em quando as suas frases. O seu sorriso largo, a cabeça erguida para cima, e os movimentos dançantes do corpo inteiro confirmam sua palavra. As reações da comunidade que responde "Amém!" mostram como ela conseguiu contagiar esta com sua emoção.

Do lado dos homens se levanta, dos primeiros bancos, um homem baixo e já velho de terno marrom claro, que conta como era um "homem pecador e errante", sendo até secretário enquanto participava de uma outra denominação. Lembra como após um culto da CCB um irmão tinha visto, em cima de sua cabeça, uma estrela brilhante, e como ele conseguiu curar pela oração todos os membros de uma família que lhe convidara para uma oração na sua casa; nesta ocasião, quando revelou, no fim, que era da Congregação Cristã, o chefe da família deu um pulo para cima, e dentro de pouco tempo toda a família começou a fazer parte da CCB.

¹⁴⁰ Parece-me que o dirigente estava fazendo referência a conflitos e discussões que talvez se esquentaram por ocasião da morte do Papa e do destaque que este e a Igreja Católica receberam nestes dias na mídia; o culto se situou entre a morte do Papa no sábado passado e seu sepultamento na 6ª seguinte, quando quase todas as notícias giravam em torno deste fato.

Faz memória também de provas pelos quais passou, quando, estava desempregado. Somente orava em casa e não saía dela, confiando que o Senhor faria uma obra na sua vida e desse uma solução. E de fato veio um amigo na sua casa e indicou uma firma que oferecia serviço e onde conseguiu trabalhar até a aposentadoria.

Logo em seguida testemunha um jovem de terno novo e escuro, um dos músicos, agradecendo que o Senhor lhe perdoou os pecados e o chamou para esta graça. Em frases longas e muito bem articuladas, corretas como a escrita e nada coloquial, absolutamente dentro do código da CCB, falando sem pausa, ele louva o Senhor e pede perseverar neste caminho que o Senhor abriu para ele. Ele finaliza seu testemunho explicando que congrega em Santa Rita em Itapecerica da Serra, onde a casa de oração está sendo construída. Sorrindo, comenta sua felicidade de ajudar na construção, pedindo a oração da Congregação de Santo Amaro e prometendo que vai levar as saudações desta comunidade para a sua.

A próxima testemunha é um homem gordo, de uns cinquenta e cinco a sessenta anos, sentado atrás de mim, de terno e gravata, mas com os botões superiores da camisa abertos por causa do calor. Seu testemunho é uma sequência de umas oito a dez pequenas histórias que ele sempre encerra com um "Louvado seja o Senhor" ou "Aleluia", intercalando a última exclamação também de vez em quando no meio das histórias. Ele já passou por muitas provas, das quais ele destaca um longo desemprego, de maneira que começou até faltar o arroz e o feijão na sua casa. As tentativas diárias de procurar emprego foram em vão; um dia foi chamado por um amigo a visitar certo homem que lhe doou muita comida; quando esta chegou ao fim, ele orou muito para não faltar, e vieram parentes que não sabiam do seu desemprego, que trouxeram umas cestas básicas. Quando tudo começava a faltar de novo, ele, metalúrgico durante toda a sua vida, foi chamado para se apresentar como candidato a porteiro de um condomínio e foi escolhido entre quatro outros homens, apesar de nada entender deste serviço. Trabalhou aí durante três anos até que uma firma onde tinha trabalhado vinte e cinco anos atrás o chamou de novo, e ali ele ficou até conseguir a aposentadoria. Ele também congrega em outro lugar (Embu) e veio como visitante.

Logo em seguida, olhando o relógio, o dirigente sobe ao púlpito e dá os avisos. Domingo que vem terá batismo nesta Congregação, às 10 hs. Vários outros avisos ele omite e pede a comunidade cantar (é escolhido o hino 167, "Vamos produzir frutos de louvor") e depois orar para o recebimento da palavra. Ele sai do púlpito e, esfregando as mãos, conversa com alguns homens dos primeiros bancos e os convida; finalmente, ele mesmo dirige-se ao púlpito e escolhe o Evangelho de João 6,16-21 (Jesus anda sobre o mar). Com muita calma e postura de professor, sem nenhuma teatralidade, começa a falar da cena anterior

(multiplicação dos pães), "que vocês já ouviram muitas vezes e já conhecem muito bem, meus irmãos; por isso é que hoje escolhi a cena seguinte". Surpreende a fala na 1ª pessoa ("escolhi"): então foi ele, o cooperador Jeremias, que escolheu, e não foi Deus que indicou. Porque ele vai falar ainda na 1ª pessoa do *eu divino*, mas sempre com outra entoação de voz. Comenta que o povo estava passando fome, e que Deus lhe deu do que precisava; assim como "hoje você não tem comida na sua casa, meu irmão, mas Deus vai abrir uma porta e dar comida para você". Lembra do compromisso da irmandade de orar um pelo outro, para que Deus venha operar os milagres.- Somente após uns dez ou quinze minutos o dirigente começa a falar sobre o Evangelho escolhido mesmo. Descreve a situação dos discípulos no mar, sem a pessoa de Jesus, como tempo de "prova"; lembra a narração da mesma cena em outro Evangelho na qual o já velho Pedro, impulsionado pela fé, também anda sobre a água para encontrar Jesus, mas logo afunda, por falta de fé. Assim, diz o dirigente, acontece com muitos membros já velhos da CCB, que não perseveram, que vacilam na fé, que não vêm mais congregar. Qualquer provação os faz pensar que Jesus não está mais com eles; mas "eu lhes digo: 'sou eu, não temais!'" Agora, em alguns momentos, o dirigente sai do seu estilo professoral e se empolga, fala em voz bem alta na 1ª pessoa do *eu divino*. A tranquilidade da sua expressão corporal, porém, indica que aqui não há nenhum êxtase: é pura retórica que acorda e empolga a comunidade, que responde com gritos de "Amém!".

No fim do discurso, chama-se mais um hino (nº 234, "A Ti rendemos graças", hino marcado como de encerramento). Depois o dirigente lembra ainda que no culto do próximo sábado à noite se falará sobre a Assembléia da CCB deste ano, passando os pontos importantes e prioridades desta para a Congregação, o que duas vezes já foi prometido e não se fez, por causa da vinda de um ancião e da visita de um cooperador.

Pelas 21 hs, o culto é encerrado com a bênção da saudação final; os irmãos se dão e ósculo e, enquanto a orquestra toca uma música instrumental, todos saem da Igreja.

Breve análise

- Chamou nossa atenção que várias testemunhas se identificaram como visitas, vindo até de outros municípios (Itapecerica e Embu); talvez uma razão seja que não há muitas casas de oração que celebram o culto na 4ªf.
- O cooperador Jeremias tem um estilo bastante tranquilo e professoral. Nele não se manifesta nada que lembre um "sagrado selvagem"; o racional parece claramente se impor sobre o emocional. Ele não é o líder carismático que envolve (dotado de carisma pessoal, conforme Weber), mas parece exercer o carisma de função.

- Percebi como minha inexperiência me revelou como iniciante no fim da celebração, na hora do ósculo, quando deixei um irmão desajeitado ao não saber que o ósculo se dá no lado direito do rosto e não no lado esquerdo, como tentei.
- Além do homem cuja roupa não estava bem arrumada, chamou atenção minha um homem sentado três bancos na minha frente que durante os testemunhos tirava os sapatos e balançava suas pernas livremente. Fato que, me parece, dentro da CCB se considera falta de etiqueta e um relaxo não bem visto dentro da irmandade.
- O cooperador, ao tematizar irmãos velhos da irmandade que não perseveraram e não congregam mais, parece indicar problemas de transmissão e reprodução religiosas não somente em relação à nova geração (jovens), mas também aos mais idosos.
- Em termos de códigos específicos da CCB, chamaram nesta noite a atenção as expressões, várias vezes repetidas, tanto nos testemunhos como no discurso do cooperador, "o Senhor vai abrir a porta" e "eu, pecador e errante" (especialmente a palavra "errante" não tinha chamada nossa atenção antes).

No sábado, 9 de abril de 2005, cheguei à casa de oração da CCB de Santo Amaro às 19 hs 20 min. Ela já está mais cheia do que na 4ª passada. As filas das mulheres já estão quase todas ocupadas; algumas já estão sentadas nos bancos atrás dos músicos.

A orquestra ainda não toca nada; sento-me, como nas outras vezes, num banco no último terço da fila da esquerda. Os bancos na minha frente ou atrás de mim são ocupados por alguns homens. O homem sentado na minha frente está sem jaqueta, com celular no cinto e uma Bíblia que chama atenção por ser branca ao lado. Vários homens estão com pequenos filhos nos braços ou no colo; também no meu banco entra um com uma pequena menina no braço. Após pouco tempo, quando ela começa a choroaminguar um pouco, ele levanta naturalmente a saia no traseiro, olha, e continua balançando-a.- Apesar do tempo instável, sou o único que trouxe guarda-chuva.- Enquanto estou sentado, rolando os olhos para enxergar as pessoas em minha volta, percebo como dois homens chegam e aparentemente querem entrar no primeiro banco atrás dos músicos. Imediatamente, a mulher sentada aí levanta e se retira para um banco mais atrás. Concluo, portanto, que estes bancos atrás dos músicos estão divididos por hierarquia: na ausência de homens, mulheres podem sentar ali; chegando homens para sentar, as mulheres devem ceder lugar.-

A orquestra começa a tocar uma música instrumental. Um homem moreno, já bastante idoso e quase sem cabelo, sobe ao púlpito e pede cantar um hino. Ele é Antônio Gonçalves Dantas, o ancião desta Congregação. Cantam-se os números 298 (Ó Jesus, por nós morreste), 382 (Nossa esperança é Jesus) e 208 (Salvação! Salvação!). O ancião convida, com uma fórmula bastante elaborada, para a oração. Os homens em minha volta falam pouco e em voz bem baixa, mas na Congregação, após um minuto, o volume do murmúrio sobe; um homem e

uma mulher começam a falar em voz mais alta; acaba se impondo a mulher, que, em voz bem clara e sem nenhum lamento, começa a agradecer e pedir. Ela sempre fala na 1ª pessoa plural e dirige-se a Deus na 2ª pessoa singular. No fim de cada frase, levantam-se as vozes das irmãs e irmãos, confirmando sua oração; finalmente, todos clamam: "Amém!" O ancião, ajoelhado e apoiando-se com a mão direita numa poltrona e com a mão esquerda no púlpito, espera mais uns momentos em que os fiéis oram intensamente; levanta e diz: "Vamos cantar mais um hino." Canta-se o número 286 ("Muitos por fé aceitaram Jesus"). Com voz firme, o ancião convida para os testemunhos, destacando a liberdade de cada um(a) de louvar o Senhor, agradecê-lo e contar as obras e milagres que fez na nossa vida.

Um homem jovem, aparentando uns 30 anos, vestido de terno novo, vem da fila da esquerda e agradece a Deus pelo perdão dos pecados e pela coroa da vida eterna que vai receber quem ficar firme na graça de Deus. Agradece a Deus pelo livramento quando foi assaltado, portando uma pasta com documentos importantes da empresa. O assalto ocorreu no Brooklyn, e já uma hora depois os documentos foram encontrados num supermercado no Alto do Pinheiros.

Uma mulher jovem agradece também por Deus a ter salva num assalto. Ela prometeu dar este testemunho caso alguém outro usasse a palavra "assalto", como ocorreu. Numa 2ªf de manhã, ela saiu às 6 hs da manhã para pegar um ônibus perto da ponte João Dias que atravessa o Rio Pinheiros. Nesta ocasião ela, que quase nunca leva documentos ou cartão, estava com vários destes para resolver alguns problemas. No ônibus estava um homem muito simpático que conversava com todos os passageiros. Logo depois de ela descer, porém, ele a segurou no braço, apontou um revólver e anunciou o assalto. "Sem nem um pouco de medo, meus irmãos", ela o encarou, disse que era filha de Deus e uma irmã com fé que não tinha medo dele, deu um passo para trás e lhe entregou sua bolsa. Ficou em silêncio, não o xingou ou falou palavra feia; estava com "sangue frio". Somente horas depois, quando reviveu a cena na sua memória, ela começou a passar mal. Ela lembra ainda que foi avisada por Deus sobre este assalto em sonho, no qual ela se viu atravessando a ponte João Dias, e a ponte começou a tremer, ela passando por medo da morte.- Este assalto foi a terceira provação que ela passou em poucos dias, porque ela tentou com seu cartão sacar um pagamento no Banco do Brasil, mas o caixa eletrônico acusou senha vencida, apesar de ela ter recebido o cartão e colocado a senha nem meio ano atrás. Em outro banco, também conseguiu sacar somente 10 Reais, que era o valor a viagem. Ela agradece a Deus por isso ter acontecido, porque assim ele falou para ela: "Sou eu que dirijo a sua vida, e não você e sua vontade"; ela agradece, portanto, que Deus lhe mostrou que este dinheiro e os documentos que o ladrão tomou não eram importantes,

apesar de ela pensar que fossem. Agradece a Deus por ter sido assaltado e, no assalto, ficado com sangue frio e ter ficado em silêncio, pensando que iria morrer ali mesmo, sem este pensamento causar medo, porque ela sabia que estava com Deus.

Em seguida um homem já idoso levanta da fila dos músicos e fala com voz muito tranquila e solene, agradecendo a Deus pelo perdão dos pecados e pela coroa da vida eterna se ficar firme na graça de Deus, na qual ele está há 62 anos, sendo que 50 atrás foi batizado. Ele mora em Mogi das Cruzes, e há pouco tempo voltou de uma viagem pelo Nordeste brasileiro, passando pela Bahia, Paraíba e Tocantins, e agradece a Deus que tudo ocorreu bem. Agradece a Deus as muitas graças que recebeu e conta como, há muitos anos atrás, quando também estava em viagem para o Nordeste, ele e sua esposa se hospedaram na casa de amigos; levantaram uma hora e meia antes da saída do ônibus cuja passagem já tinham comprado; tomaram café com a família e conversaram de maneira tão animada que, quando ouviram um ônibus sair (a rodoviária estava diretamente em frente da casa onde estava hospedado), perceberam que era seu ônibus que estava indo embora. Conseguiram, porém, trocar a passagem por uma do próximo horário. Após uns 30 km, tudo parou, e quando olharam, era o ônibus que deveriam ter tomado e perderam; uma carreta entrara nele e matara 13 passageiros, ferindo ainda muitos outros. Foi, portanto, providência de Deus ter perdido este ônibus! Ele agradece pelo livramento deste desastre.- Ele recebeu outra graça quando, anos atrás e como jovem ainda, estava viajando num jeep, também no Nordeste, com um amigo, irmão de muita fé da Congregação. Queriam atravessar um rio que não consideravam fundo, e só pararam quando a água já estava chegando no peito. O amigo pediu a mais um viajante no carro, ao qual tinham dado carona, procurar por socorro na redondeza. Cada um ficava de um outro lado do rio, esperando que alguém viesse para ajudar. Neste momento, ele sentiu um forte chamado no seu coração que deveria ter fé, entrar no carro e tentar tirá-lo da água. Ele gritou para o amigo; este parecia perceber o que estava acontecendo e só disse: "Tenha fé, irmão!" (A irmandade pigarra e murmura orações.) E assim, ele voltou ao carro na água, virou a chave no contato (em baixo da água), e o carro pegou - coisa que ninguém do mundo acredita e nenhuma ciência explica; engatando alternadamente as marchas ré e primeira, ele conseguiu sair do rio e seguir viagem.- Outro milagre aconteceu durante esta última viagem, quando o celular de sua esposa recebeu, de manhã na hospedagem, uma ligação; eram vizinhos dizendo que estavam dentro de sua casa, junto com policiais, porque marginalizados entraram nela, e todas as luzes nela estavam acesas. A esposa, uma Senhora serena, tranquila e de muita fé, manteve a calma. E eis que quando chegaram em casa, nenhuma agulha estava faltando, e nenhuma gaveta tinha sido aberta: tudo estava no seu lugar, como tinham deixados a casa.-

"Muitas maravilhas e até milagres o Senhor obra na nossa vida", ele continua, lembrando também curas milagrosas que recebeu quando estava com doenças graves. Diz ainda que todos os seus filhos e até os netos estão "nesta graça", o que causa frases de admiração e louvor da irmandade. Finaliza dizendo que veio nesta noite visitar esta casa de oração e trazer as saudações de sua Congregação de Mogi das Cruzes e região.

Um homem negro, jovem, que se levantara junto com a testemunha anterior e sentou para aguardar a sua vez, agradece à irmandade por tê-lo acolhido. Ele veio do Paraná para trabalhar nesta cidade, mas encontrou muitas dificuldades e provações; as coisas não deram certo para ele, e "se para um homem casado já é difícil, para um solteiro há muito mais tentações nesta cidade"; na 4ª vez que vem ele voltará ao Paraná; ontem ligou seu irmão de Curitiba, também congregado e até músico (a irmandade murmura palavras de admiração e aprovação), que vai acolhê-lo.

Como última, levanta uma jovem e dá seu testemunho breve. A empresa onde trabalha foi também assaltada nesta semana por homens armados, mas Deus fez uma obra e salvou a todos; ninguém se machucou ou foi ferido. Ela agradece a Deus por estar nesta graça e já ser batizada.

O ancião dá os avisos: uma lista interminável de celebrações de batismo, encontros de jovens e menores, e algumas ceias. Pede oração para o ancião da Vila Prudente que está gravemente doente, e outro que está "nada bem". Chama mais um hino para o recebimento da palavra (242 - "Glória ao Justo, fiel Cordeiro") e pede a homens sentados na fila dos músicos fazer a leitura da Bíblia. Quando alguém nega, murmura algo dizendo "não tem cabimento"; fala expressamente o nome do Jeremias, que ocupa o cargo de cooperador, e de outros; abre os gestos para chamar, demonstrando uma certa impaciência, e acaba subindo ao púlpito, dizendo ainda pelo lado no microfone que teria sido bom um outro fazer a leitura. Para um momento, abre a Bíblia, e indica como leitura a carta de Tiago, capítulo 5, os versículos 7 a 20. Na pregação mais curta da qual já participei (começou às 20 hs 40 e terminou às 20 hs 55), ele destaca a necessidade de aguardar com paciência que o Senhor abra uma porta. Acompanhando a leitura bíblica, lembra o sofrimento e a paciência de Jó, que nunca deixou de confiar no Senhor, aguardando que este fizesse uma obra na sua vida. Lembra os italianos, os primeiros a estar nesta graça, que com fé e paciência aguardaram e oraram para que esta obra crescesse e se espalhasse, e que estão vivos, vivos no céu. Pede para os congregados se perdoarem na sua família e sempre procurar a harmonia e a paz. Fala da força de fé que o profeta Elias mostra, com poder de fechar o céu para que não chovesse e abri-lo, fazendo chover. E inculca os últimos dois versículos nos congregados, falando dos que tem se

desviado da verdade e precisam de um irmão que os chame de volta para este caminho, esta obra, e chamando a irmandade para converter os pecadores do erro do seu caminho para salvar sua alma.

Após o hino 383 ("Não tardará! Não tardará!"), o culto termina com o agradecimento final e a saudação final, na qual o ancião levanta os braços, mantendo-os perto do corpo, porém, dando uma espécie de bênção. Enquanto a orquestra toca uma música instrumental, as irmãs e os irmãos trocam o ósculo Santo; alguns conversam ainda um pouco, enquanto outros saem da Igreja. Na porta da saída dos fundos, há um certo engarrafamento, porque dois irmãos fazem questão de dar a mão e o ósculo a cada um que passa. Um é o mesmo que na minha primeira visita a esta Congregação já me convidou a voltar sempre.

Breve análise

- O ancião estava evidentemente preocupado com a reta doutrina dos fiéis; introduziu solenemente e explicou cada momento do culto. Não contou nenhuma experiência própria e não falou nada da própria vida, mas lembrou com força a tradição da instituição.
- Pela primeira vez, presenciei que se fez uma memória explícita dos italianos que estão na origem da CCB.
- Fiquei um pouco decepcionado, porque no culto da 4ª f entendi que, neste sábado à noite, sealaria sobre a Assembléia da CCB deste ano, passando os pontos importantes e prioridades desta para a Congregação, o que, de fato, não aconteceu.
- Reencontrei, por acaso, um jovem de uns 17 anos cujo jeito e comportamento no culto (o único com cabelos longos; camiseta e calça tipo jeans marrom; apoiando os dois cotovelos no encosto do banco) estavam fortemente fora das padrões da CCB, mas que estava com o hinário, atravessando uma rua, com mochila nas costas, conversando animado com um amigo. Isso me fez pensar como ele, com seu jeito espontâneo bem jovem, lida com a rigidez da instituição, e esta com a espontaneidade daquele. Certamente, pelo menos entre os homens, os idosos e pessoas acima de 40 anos predominam, mas não são poucos também os jovens e crianças; me parece não haver ruptura de gerações na presença numérica (não está "faltando" uma geração no meio).

Culto no Jandaia na 2ª f, dia 28/07/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs26	3 min
Pausa	19hs29	1 min
Abertura	19hs31	2 min
3 hinos	19hs33	10 min
Oração (se destacando)	19hs43	6 min (4)
Hino	19hs49	3 min
Testemunhos	19hs52	32 min
Avisos	20hs24	14 min
Hino	20hs27	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs31	2 min
A palavra	20hs33	5 min

Pregação	20hs38	21 min
Oração (se destacando)	20hs59	4 min (3)
Hino Encerramento	21hs03	2 min
Encerramento	21hs05	1 min

Hinos: (final culto anterior: 234)

1: 272; 2: 322; 3: 235; 4: 112; 5: 380; 6: Coro 3.

Palavra: Sl 42

Os primeiros dois hinos foram pedidos por mulheres; o último sugerido pelo próprio cooperador Leo.

Não vejo mais que 12 músicos com instrumentos, todos sentados nos primeiros três bancos da frente. A fila do meio-direita é reservada aos músicos (5 por banco), mas na ausência destes, muitos homens sentam ali. O encarregado da orquestra com jaqueta marrom-escuro velha, e camisa amarela gritante. Ele, com vários outros homens, tem bigode; nenhum homem com barba (aliás, não vi ninguém com barba em nenhum dos cultos que participei).

Na abertura, Leo faz uma advertência mais longa sobre a necessidade de orar; quem não o faz, vai para a condenação eterna. Destaca a ausência de imagens e, no seu lugar, a frase “Em nome do Senhor Jesus”.

O momento da oração após os três hinos é mais calmo. Um homem bem na frente faz a oração destacada com voz relativamente baixa e calmamente.

A primeira testemunha é um homem que faz um agradecimento geral, sem nota pessoal.

A segunda testemunha é uma mulher de idade que se diz curada milagrosamente de um tumor na cabeça, após se recusar de operar após “aqueles exames horríveis”.

A terceira testemunha é uma mulher relativamente jovem que foi rejeitada pela mãe, assim, como sua irmã, e criada pela vó, membro da CCB, da qual ela também participou. Com 9 anos começou a sofrer de paralisia infantil (cintura para baixo). Mesmo assim, a vó sempre a carregava para o culto. Um dia, após intercessão da vó e por obra do Senhor, ela foi curada. A vó, com 75 anos, vive até hoje e congrega no Jd. dos Eucaliptos e em Eldorado.

A quarta testemunha é uma mulher libertada do diabete, como Deus lhe tinha prometido antes. Leo interfere e completa o testemunho.

Em seguida, uma mulher já idosa conta longamente uma história do tempo quando trabalhava como cobradora na linha Paulina (linha 23?), que foi regularmente assaltada por três jovens, que também entraram no dia referido. Os jovens pediram sair sem pagar após ela entoar o hino 112 (hino antes dos testemunhos), dizendo que “a coisa estava muito feia”, confirmado

por ela. Assim, o Senhor a libertou, além de conceder uma série de viagens recentemente, para o Nordeste (Bahia, Ceará), ocasião de congregar em vários lugares lá.

Um homem, motorista de ônibus em São Paulo (São Mateus), confirma como é importante “o crente trabalhar em comunhão”, e como, orando e dirigindo ao mesmo tempo, foi libertado de um acidente de dois caminhões 100 m na frente.

Nos avisos, Leo destaca a comunidade Rio Acima, que tem uma pequena casa de encontro, e convida a visitá-la, descrevendo o acesso a ela de dois lados.

A pregação destaca que “sua alma está conturbada, mas você está aqui”. Repetidas vezes a expressão “nesta graça”, e também “Deus vai te tirar desta” (no culto anterior: “você tem que sair desta”, com referência à infidelidade conjugal).

Comentário

Carros: vários Fiat Uno antigos, mas também Santana. Homens de jaquetas coloridas; homem de cabelo branco com blusa de lã e sandálias sem meia. Um e outro homem só de camisa, sem jaqueta.

Mulher jovem com criança com véu, mas decote bastante aberto.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 31/07/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs25	3 min
Pausa	19hs28	2 min
Abertura	19hs30	1 min
3 hinos: 95. 391. 134	19hs31	10 min
Oração (se destacando)	19hs41	13 min (6)
Hino: 5	19hs54	2 min
Testemunhos	19hs56	40 min
Avisos	20hs36	1 min
Hino: 9	20hs37	2 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs39	3 min
A palavra	20hs42	4 min
Pregação	20hs46	20 min
Oração (se destacando)	21hs06	4 min
Hino Encerramento: Coro 3	21hs10	4 min
Encerramento	21hs14	1 min

Após o hino de silêncio, percebe-se uma movimentação maior nos bancos que ficam do lado direito do púlpito, num ângulo de 90° para a comunidade. Quem, após a pausa, sobe ao púlpito, não é o irmão Leo. Dirige o culto o cooperador Francisco Ramos, da Congregação Estrada do Piquiri, Itapecerica da Serra que, junto com outros irmãos, está visitando o Jandaia. Negro, de bigode e cabelo branco, é um homem carismático e animado. Ele se apresenta brevemente e, após a abertura do culto, logo em seguida chama os hinos. Na oração

que se segue, “buscando a face do Senhor”, ele não dá a possibilidade de alguém da comunidade fazer a oração a partir do murmúrio geral: ele mesmo assume esta parte, numa oração bastante cumprida (6 min), que é acompanhada pela comunidade (especialmente do lado das mulheres) com um murmúrio bastante elevado e frequentes interrupções “Glória a Deus”. Após chamar e cantar mais um hino, o irmão Francisco convida para a testemunhança. Aproxima-se do microfone uma irmã que agradece a Deus pelas provas que este lhe está mandando, porque no momento está passando necessidade em sua casa, faltando até alimentos, e o marido e a filha procurando emprego. Apesar disso, ela sabe que tem que perseverar, porque “Deus vai abrir uma porta”; mas no momento está sendo difícil, e ela pede a oração da comunidade.

Em seguida, um homem, sentado num dos bancos da frente, diz que veio a esta casa de oração nesta noite para cumprir um voto que já deveria ter cumprido na semana passada e não o fez. Durante quase vinte minutos, ele dá seu testemunho às vezes um pouco confuso. Lembra tempos em que passava necessidade e fome mesmo, chegando ao ponto de mandar dois filhos seus pedir pão e leite fiados no mercado, porque não tinha dinheiro nenhum nem alimento em casa. O dono do mercado negou. Poucas horas depois, chegaram duas irmãs na sua casa, trazendo leite e bolachas tanto salgadas como doces. Elas tinham uma visão que – como de fato aconteceu – lhe tinha sido negado o pão e o leite pelo mercado, e por isso trouxeram estes alimentos ao irmão, que, junto com elas, deu glória a Deus pela fartura que superou o que tinha pedido no mercado: Deus providencia mais do que pedimos. Numa outra ocasião, pelo que entendi, ele, com um carro muito velho a ponto de cair aos pedaços estava andando numa estrada abandonada quando viu outro carro quebrado. Parou para ajudar o outro, puxando o carro dele. Que surpresa quando percebeu que o outro era um irmão da Congregação! Porém, ao longo do caminho, parece que os dois carros se tocaram e seu carro ficou em estado pior ainda; o irmão, porém, nada fez por ele. Apesar desta prova, ele veio para louvar ao Senhor. Em seguida levanta outro homem, contando história semelhante: tendo um carro velho, do tipo Jeep, bastante desconfortável, Deus lhe providenciou um novo carro de passeio, com uma certa dificuldade, porque tinha que pegar em prestações. Após poucos dias, ele teve uma espécie de ataque epilético no carro, perdeu o controle e bateu num carro no outro lado da pista. Quando ele abriu a gaveta na frente para tirar caneta e papel, estava nela o relatório da Congregação. Quando o outro motorista o viu, perguntou: “Então você é um irmão?” e mandou embora a multidão que já tinha se agregado em volta dos carros, dizendo que não precisava mais de polícia. Foi combinado que o irmão que causou o acidente ia pagar o conserto, numa oficina de um amigo. Lá, o mecânico lhe avisou, porém, que o outro irmão

tinha mandado consertar coisas no carro que não tinham sido prejudicadas pelo acidente. Ele mandou o mecânico, portanto, colocar peças novas nas partes estragadas pelo acidente e não consertar o restante, mas se mostrou visivelmente descontente com a desonestidade do irmão da Congregação que, na hora do acidente, tinha sido tão generoso.

Já inquieto, o próprio Francisco dá seu testemunho também. Nos momentos mais emocionantes falando em línguas - sempre as mesmas frases, porém (uma soava como “Shalalám” ou algo assim, repetida várias vezes) -, ele conta como fundou a Congregação do Piquiri em Itapecerica da Serra, e como conseguiu construir uma casa grande e bonita.

Lembra um outro momento, nos primeiros anos de seu ministério, quando profetizou num culto que uma senhora, que estava em cadeira de roda, iria levantar e louvar a Deus. Esta senhora simplesmente respondeu que hoje não iria se levantar e andar, criando um certo embaraço no culto. De fato, ela recebeu um castigo de Deus, ficando mais doente ainda, e somente muitos anos depois conseguiu deixar a cadeira de rodas. Na sua família, porém, ele conseguiu trazer todos para “esta graça”: Todos os seus filhos estão na Congregação: vários são músicos (“todos oficializados”), e uma filha toca órgão. Ele pensa, porém, se mudar nos próximos meses para o Paraná, onde mora um filho seu e o convidou de animar a casa de oração do local.

Praticamente não há avisos nesta noite, e, uma vez que a hora já está avançada, se passa, após o hino, logo a acolhida da palavra, que é da carta de Paulo aos Efésios, 4,1-13. Com veemência, Francisco ressalta a importância de estar em comunhão e de estar unidos. Durante a pregação, percebe-se um certo cansaço. No fim, chama outro cooperador visitante para lidar o segundo momento de oração: a comunidade foi, portanto, desapropriada dos dois momentos de oração espontânea, buscando a face do Senhor. Sem empolgação e com bem menos carisma que Francisco, o irmão chamado resume o que se fez nesta noite, e toda Congregação responde com um alto “Amém”.- Francisco, que ao contrário do jeito calmo de Leo gritou a maior parte do tempo, conseguiu empolgar a assembléia: Não me lembro de ter visto uma comunidade da Congregação tão empolgada como nesta noite. Deu a impressão que a comunidade viu nele uma presença muito forte do Espírito de Deus (também porque fala em línguas?), apesar de seu jeito bastante anti-democrático, reduzindo e cortando o espaço dos e das que não são ministros se manifestarem. O culto termina tarde (21 hs 15), mas as irmãs e os irmãos voltam para casa visivelmente contentes.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 07/08/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs27	4 min
Pausa	19hs31	2 min
Abertura	19hs33	1 min
3 hinos: 111 mulher: 142 homem: 226 homem	19hs35	9 min
Oração (se destacando - mulher)	19hs44	7 min (3)
Hino: 139 mulher	19hs51	4 min
Testemunhos: 5 min pausa: 3 min mulher:	19hs55	8 min
Testemunhos: 2 min pausa: 1 min mulher:	20hs03	3 min
Testemunhos: 2 min mulher:	20hs06	2 min
Testemunhos: 1 min pausa: 2 min Coop Leo:	20hs08	3 min
Avisos	20hs11	2 min
Hino: 185 mulher: comentário Coop Leo	20hs13	4 min (3)
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs20	2 min
Comentário Coop Leo: A palavra: Salmo 3	20hs22	4 min
Pregação	20hs26	22 min
Oração (se destacando): Coop Leo	20hs48	4 min (3)
Hino Encerramento: 170 mulher	20hs52	3 min
Encerramento	20hs55	1 min

Poucas pessoas presentes quando chego, às 19 hs 27 min, provavelmente por causa da forte chuva à tarde e à noite: apenas 15 homens (contei apenas 8 músicos) e 25 mulheres; meia hora depois, 25 homens e 35 mulheres; no fim do culto; aproximadamente 35 homens e 45 mulheres, entre as quais um número elevado de morenas.

A casa de oração do Jandaia encontra-se no distrito do Alvarenga, próximo ao cemitério “Vale da Paz” de Diadema, seguindo a Avenida Alvarenga. Quando esta Avenida faz uma curva acentuada à esquerda, uns 1.200 m após o limite de município Diadema – São Bernardo do Campo, uma rua de terra segue reto. A casa de oração do Jandaia fica praticamente na esquina do lado esquerdo, com um matagal na sua frente e casas de parecem chácaras ao lado. O terreno da casa de oração é grande e possui espaço para estacionamento dos dois lados. A própria casa de congregação do Jandaia tem forma aproximadamente quadrada e deve medir aproximadamente 600 m², com uma extensão de sete a oito metros atrás da parede da frente, e ter uma altura acima de dez metros, tendo quatro filas de quinze bancos cada de frente para o púlpito mais três bancos de ambos os lados deste, num ângulo de 90°. O púlpito é de madeira, e nele está escrito: “Em nome do Senhor Jesus”. A mesma frase se encontra na parede da frente, em letra preta e bem grande. Duas cadeiras estofadas de madeira estão posicionadas na parede da frente, ao lado do púlpito, uma de cada lado, mas em nenhum culto vi alguém sentado numa delas (em todas as casas de oração que visitei). Há um microfone no púlpito, um ao lado dele para os momentos em que o dirigente do culto ora ajoelhado, de frente para a comunidade, e um de cada lado para o momento dos testemunhos. Uma corrimão de madeira acompanha os degraus laterais que levam ao púlpito, ajudando a delimitar o espaço deste.- As janelas desta casa de oração são esverdeadas e mais largas do que em outras

casas da Congregação. Além das portas de fundo, cada lado possui uma entrada lateral, sendo todas elas enfeitadas com gesso e cortinas presas ao lado; perto de cada porta, encontra-se um cofre para receber as ofertas. Nas paredes laterais, se alteram cinco ventiladores com o mesmo número de caixas de som cada lado.- Nesta casa de oração, os homens sentam nas duas filas de banco do lado direito e as mulheres nas duas do lado esquerdo. A segunda fila da direita é reservada para os músicos, com cinco suportes por fila para os hinários. O órgão eletrônico, tocado por uma mulher, fica na segunda fila do lado esquerdo, próximo dos músicos, na altura do quinto banco, num espaço quadrado elevado, forrado com madeira e delimitado, nos quatro lados, por um corrimão.

Quando chego, encontro do lado da entrada lateral dos fundos dos homens um grupo de seis pessoas, homens e mulheres, conversando. Ao lado, mais para o meio, dois homens que parecem ser os porteiros. Como nos cultos anteriores, a mesma jovem, branca, com o rosto descoberto do véu, e que aparenta menos que vinte anos, está tocando o órgão, enquanto alguns músicos estão afinando seus instrumentos. Os músicos estão sentados nas primeiras filas, assim como a maioria dos homens, vestidos de terno. O cooperador Leo está sentado num dos bancos laterais ao espaço do púlpito.- Poucas mulheres estão sentadas na frente; a maioria fica na altura do meio, e algumas sentadas atrás. Com exceção de uma, vestida de calça jeans, todas têm o véu na cabeça, mesmo as crianças meninas.

Entra o cooperador que dirige o encontro dos jovens e menores pela porta lateral, saúda os homens com um gesto da mão esquerda e um movimento da cabeça e se dirige ao cooperador Leo. Eles trocam o ósculo, sentam lado ao lado e têm uma rápida conversa.

Após uns dois minutos, os músicos começam a tocar o hino de silêncio. Leo se ajoelha. Um e outro homem folha o hinário, outro a Bíblia, outros ficam sentados sem movimento. Em seguida, há dois minutos de silêncio. Então Leo olha em direção à comunidade, hesita um momento, então se levanta, sobe ao púlpito e convida a comunidade a iniciar este santo culto em nome do Senhor Jesus. Lembra que quem sentir a vontade de orar, deve fazê-lo sem medo de falar errado, porque é melhor errar servindo a Deus do que errar não servindo a ele. Em seguida, ele convida para chamar um hino. O primeiro hino é chamado por uma mulher e cantado ajoelhado, e os dois seguintes são chamados por homens. Entre um hino e outro, especialmente quando o próximo hino é chamado, escutam se murmúrios: “Glória a Jesus”, “Louvado seja Deus”, etc.- Durante o último hino, o porteiro dos fundos atravessa a casa de oração no corredor entre as duas filas dos bancos dos homens e entrega a Leo papéis com os pedidos de oração. Leo os lê e, terminando o último hino, apresenta os pedidos à comunidade e convida a procurar a face do Senhor em oração. Todos se ajoelham e inclinam a cabeça;

muitos murmuram pequenas frases de adoração. Demora para uma Senhora começar a orar em alta voz. Ela ora pelos enfermos, pelo ministério, por famílias passando necessidade, e pede a oração da comunidade porque ela mesmo está passando por um momento difícil, afirmando que ela, nas suas orações, vai lembrar também das necessidades da comunidade. Quando fala da comunidade como obra do Senhor e que em seguida será enviada a palavra, o murmúrio de apóio e as frases de louvor a Deus aumentam consideravelmente.- Em seguida, canta-se mais um hino, chamado por uma mulher. O hino fala do perdão, e Leo ressalta como o perdão é importante e difícil: enquanto é muito gostoso de estar reunidos em oração como nesta noite, orando e dando seu testemunho, é difícil perdoar no dia a dia, vivendo no mesmo ambiente como aqueles que causam adversariedades. Depois, Leo convida as irmãs e os irmãos que estão na liberdade para a testemunhança, encorajando a falar apesar do medo de errar.- Há um longo silêncio, de aproximadamente cinco minutos. Só então uma mulher de 45 anos aproximadamente levanta. Após agradecer a Deus, conta que sua filha e seu marido estavam comprando um carro novo à prestação, e que a revendedora exigia como segurança o nome de uma pessoa com endereço fixado no mesmo local há mais que dez anos, pedindo à mãe afirmar isto mentindo. Ela respondeu que como membro desta santa obra não podia fazer isso, mas que iria orar por ela, e que ela conseguiria o carro, se Deus o tivesse preparado para ela. A filha ficou decepcionada, alegando que nunca pediu nada a ela (a mãe), e pedindo pela primeira vez, recebeu resposta negativa; após uma curta duração, bateu o telefone e desligou. A mãe ficou entristecida, mas não cedeu, fez a sua oração, e a filha acabou conseguindo o carro, confirmando como era importante ser uma pessoa reta e obediente à doutrina desta santa obra. Afirmou ainda que Deus a tinha libertada de uma necessidade pessoal e agradecia a ele.- Após outra pausa, outra mulher de 45 anos aproximadamente levanta e agradece a Deus porque estava passando por um momento difícil e encontrou nestes dias duas cestas básicas em frente da sua casa, sem saber quem deu, mas que Deus na sua misericórdia e caridade sempre providencia o necessário. As cestas básicas que recebeu a fizeram lembrar do Salmo 23 que ela escutou na oração ontem à noite¹⁴¹. Logo em seguida, uma mulher aparentando já 60 anos, bem morena, agradece a Deus porque seu neto é paralítico e não consegue andar, mas Deus providenciou uma cadeira de roda para ele, com a qual sua filha pode levar o menino para onde for preciso.- As três mulheres dão seu testemunho de cabeça levantada, olhando para as irmãs, e com o véu cobrindo apenas os cabelos, diferente de outras noites nas quais as mulheres falaram cabisbaixo, o véu cobrindo também a testa e escondendo

¹⁴¹ A congregação do Jandaia não tinha oração na noite passada.

o rosto. Após outro minuto de silêncio em que ninguém manifesta a vontade de testemunhar, o próprio Leo dá o seu testemunho, lembrando um momento em que a atual casa de oração nem existia, e eles foram obrigados retirar a placa da sala onde então se reuniam. O próprio Leo já estava desanimando, mas “um irmão que está presente nesta noite” o encorajou de continuar a obra que resultou na casa de oração que existe hoje, dando um exemplo da importância da perseverança. - Em seguida, Leo dá os avisos, com uma certa dificuldade de encontrar no papel as informações relevantes, e depois levantando a mão na direção do cooperador dos jovens e menores e do porteiro, para perguntar se tinham outros avisos importantes. Em seguida, convida a chamar outro hino para receber a palavra. Uma mulher pede o hino, a comunidade canta, e em seguida Leo se coloca diante da parede dianteira, frente à comunidade, e ora cabisbaixo. Levanta a cabeça, fica num ângulo de 90° para a congregação, olha em direção ao lado dos homens, apóia uma mão numa cadeira e olha para o cooperador de jovens e menores, convidando com gestos da mão direita para ler a palavra e ser o pregador. Este, com um gesto de mão e movimento da cabeça declina o pedido. O mesmo acontece quando Leo se dirige ao encarregado da orquestra. Mais uma vez Leo baixa a cabeça, ora, apóia a mão na cadeira e, em seguida, se dirige ao púlpito. Antes de anunciar a leitura, ele volta ao assunto do perdão e conta que sua mãe tinha uma ferida na perna, que era difícil de sarar. Finalmente sarou mas, quando a mãe estava juntando lenha para o fogão, abriu de novo; “e foi esta ferida que levou ela à sepultura”. Assim não podemos deixar que se criem feridas no nosso coração por falta de perdão, por mais difícil que seja isso perdoar de verdade. Em seguida, lê o Salmo 3 e prega sobre ele, ressaltando como Davi não matou o inimigo que o perseguia, e como ele passou pela dor de ser perseguido pelo próprio filho. Mesmo assim, ele não fez justiça com as próprias mãos, mas foi Deus que providenciou e lhe deu a vitória. “Assim também nesta noite tem um irmão, uma irmã aqui que está sofrendo perseguição.” Leo aconselha cuidar da boca, nem falar nem agir por conta própria, mas deixar nas mãos de Deus: ele vai cuidar. Conta que foi, no Espírito Santo, a um encontro de oração numa sala bem afastada, 18 km de rua de terra, caminhando, e lá uma irmã lhe informou que estava sendo perseguida por um homem que tentou prejudicá-la, pedindo ajuda e oração. Eles oraram, e o Senhor castigou aquele inimigo com uma doença e libertou a mulher da perseguição; “hoje este homem é um irmão.” Assim, diz Leo, Deus coloca doença no caminho dos inimigos, abre uma cova para ele no cemitério, mas é ele, Deus, que cuida e providencia. É para o irmão e a irmã orar e esperar que ele faça. Lembra ainda o Salmo 23, citado por uma das testemunhas, afirmando que é Deus que prepara a mesa farta para nós.

Em seguida, ele convida para o momento da oração, e se ajoelha. Ele mesmo faz a oração, agradecendo a Deus por esta noite de oração, na qual Deus enviou a palavra, pelos irmãos que tocaram os hinos, pelo irmão que abriu a porta, pelas irmãs que testemunharam. Chama-se o hino de encerramento (uma mulher o chama), e Leo dá a bênção. As mulheres tiram o véu, mas ficam sentadas ainda nos bancos e conversam; a jovem toca o órgão; homens se dão o ósculo e se cumprimentam; alguns saem logo. Quando vou para meu carro, vejo um homem saindo da porta lateral na frente da casa de oração, carregando um balde com vários rodos e panos, o que me lembra da conversa que tive à tarde na casa de Dorivaldo, na qual ele me afirmou que, onde ele congregou (Pq. São Rafael – São Paulo), aos domingos e após os cultos são os homens que limpam a casa de oração.- Saindo, vejo na frente da Igreja grupos de irmãos e irmãs conversando e sorrindo, em conversas aparentemente amigas. Tem pessoas ainda na Igreja, mas dos que saíram, mais estavam de carro do que de pé. Estes também, ao caminhar ou ao esperar no ponto, formam grupos.

Culto no Jandaia na 2ª f, dia 11/08/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs27	3 min
Pausa	19hs30	5 min
Abertura	19hs35	30 seg
3 hinos: 170 mulher: 169 homem: 43 homem:	19hs35	9 min
Comentário Coop Leo: Oração (se destacando - mulher)	19hs44	5+4 min
Hino: 266 homem	19hs53	2.5 min
Testemunhos: 45 seg mulher jovem:	19hs56	1 min
Testemunhos: 3.5 min pausa: 7 min homem:	19hs57	10.5 min
Testemunhos: 45 seg mulher jovem:	20hs08	1 min
Testemunhos: 2 min pausa: 4 min Coop Leo:	20hs09	6 min
Avisos	20hs15	2 min
Hino: 45 homem:	20hs17	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador: 90 seg	20hs20	2 min
Comentário Coop Leo: A palavra: Atos 16.9-40	20hs22	8 min
Pregação	20hs30	19 min
Oração (se destacando): homem no 1º banco. na fila dos	20hs49	4.5 min (4)
Hino Encerramento: 232 homem	20hs54	3 min
Encerramento	20hs57	1 min

Hoje, ao chegar na casa de oração, vejo um grupo de aproximadamente dez pessoas, homens e mulheres misturados, em frente da grade, conversando e rindo de maneira descontraída.

Encontro fila para entrar no estacionamento que, com mais que trinta carros, já está quase lotado (o do lado esquerdo já está de portas fechadas). Um irmão me orienta como estacionar para fechar o menor número possível de carros já estacionados.

Quando entro na igreja, encontro do lado da entrada lateral dos fundos dos homens um grupo de seis pessoas, homens e mulheres, conversando, junto com o porteiro. A igreja já está bastante cheia, tanto do lado dos homens como das mulheres. Conto mais do que cem homens e um número talvez ligeiramente maior de mulheres. Apenas os bancos atrás dos quinze músicos são mais vazios. Ao meu lado, no banco, um jovem barbudo, de camiseta verde, jeans e tênis, com hinário e Bíblia que não tem a capa preta da Congregação.

Toca-se o hino de silêncio. Segue uma longa pausa de cinco minutos, durante os quais especialmente alguns homens já oram em voz bastante elevada, antes que irmão Leo levanta e abre “este santo culto em nome do Senhor Jesus.” Uma mulher chama o primeiro hino que todos cantam, ajoelhados. Os outros dois hinos são chamados por homens. Em seguida, Leo anuncia um resumo dos pedidos de oração que o porteiro lhe entregou, e acrescenta como pedido de oração próprio a urgência de orar pelo setor oito, onde há irmãos no ministério que o querem entregar. Em seguida, Leo faz um longo comentário sobre a importância da oração e da presença de Jesus Cristo no meio da comunidade que ora. Diz que o Senhor está sentado à direita do Pai, mas está também aqui conosco, “pela palavra, pela visão e pela liberação”. Ele ressalta que os irmãos e irmãs às vezes não se valorizam por estar nesta graça e fazer parte desta obra escolhida pelo Senhor (neste momento aumentam significativamente os murmúrios

e “Glória a Deus”).¹⁴² Como em todos os cultos, Leo adverte, que não se pode ter medo de orar, nem se deve pensar nas palavras que vai falar, mas deve-se ter coragem de orar o que Deus inspira, porque melhor é errar servindo a Deus do que errar por não servi-lo. Quando convida a procurar a face do Senhor, há um murmúrio bem mais alto do que o comum; um homem se destaca logo, quase gritando, mas será uma mulher, com voz bem mais baixa, mas que preenche um momento de silêncio maior, que consegue se destacar e fazer a oração. Sem dar maior destaque a situações de necessidade, ela ressalta a importância de estar em comunhão, estar orando neste momento, procurando a palavra e louvando a Deus. Com entusiasmo, a congregação aclama “Amém”, e chama-se mais um hino. Em seguida, os que estão na liberdade são convidados para a testemunhança.

Após uma curta pausa, aproxima-se uma jovem do microfone e, com o véu cobrindo apenas os cabelos e deixando o rosto livre, agradece a Deus por estar nesta graça, assim como seu marido. Traz as saudações da irmandade onde congregou na noite anterior.- Após uma longa pausa de mais de três minutos, preenchidos por um murmúrio bastante alto, um homem aparentando entre 30 e 40 anos se levanta e dá um longo testemunho. Diz que conheceu a Congregação por um homem que sempre passava com um rosto alegre na porta da sua casa, a caminho do culto, saudando-o cordialmente, enquanto ele mesmo consertava aparelhos de som, tocando músicas do mundo. Num período de tristeza e depressão, lembrou deste homem e de sua alegria, mas ele só começou a participar mesmo após ter feito votos num momento de doença do seu filho. Contou ainda como lhe roubaram carros na frente da sua casa, como recebeu um tiro que não pegou nele, porque Deus o salvou, como recebeu a promessa que toda a sua casa iria se converter (murmúrio alto), mas faltam alguns parentes ainda.

Logo em seguida, uma mulher jovem, que diz estar nesta graça há pouco tempo, conta como sua irmã perdeu o emprego e ficou desesperada. Ela a convidou a procurar a palavra, e em pouco tempo Deus interveio e lhe providenciou um novo emprego.

Após outra pausa maior, na qual ninguém se manifesta, o próprio Leo, como no culto passado, dá o seu testemunho, agradecendo que Deus o chamou para esta graça, da qual faz parte desde o ano 1952, e para o ministério. Lembra que, nos anos 50, seu pai tinha uma fazenda 150 km ao norte do município de Teófilo Otoni. Naqueles anos, não existia nenhuma Congregação naquela região, e Deus mostrou para Leo que ele deveria dar seu testemunho lá. Na próxima viagem, ele convidou pessoas para falar da Congregação. Um vizinho foi, e sua mulher negou; por curiosidade, porém, ela foi também e escutou toda a conversa do lado de fora.

¹⁴² De fato, o tema da auto-valorização por fazer parte da Congregação é recorrente e é ressaltado pelo irmão Leo em todos os cultos que assistimos.

Várias pessoas se interessaram e prometeram continuar orando, mas não foram batizados, porque nenhum ancião estava perto. Mais do que um ano depois, um ancião passou por aquela região e batizou mais que 10 pessoas; foi o começo da Congregação naquela região. Aquela esposa do vizinho se converteu também e se tornou uma irmã importante. Hoje, ela mora no Maranhão, tem mais do que noventa anos, e continua como irmã ativa na Congregação. Um genro dela mora perto da casa de Leo e lhe transmitiu saudações nestes dias. (Murmúrio elevado)

Em seguida, irmão Leo dá os avisos e, após chamar e cantar o hino, convida a procurar a palavra. O cooperador dos jovens e menores hoje não está no culto, porque participa da reunião mensal dos anciãos e cooperadores em São Bernardo (num mês vai ele, no outro o próprio Leo). Por isso, Leo, após um silêncio no qual ele apóia, como sempre, a mão na cadeira do lado dos homens, se dirige com seu olhar e um gesto de mão a apenas um irmão para ler a palavra e pregar sobre ela, mas este nega. A leitura é de Atos dos Apóstolos 16,9-40; Leo afirma duas vezes que ele não sabe o que está escrito aí. Em alguns momentos, ele tem dificuldade de ler a leitura. Na sua pregação, ele destaca a perseguição que o ministro e irmão sofre, mas como Paulo e Silas, apesar disso, cantaram louvores no cárcere: o que importa, não é o que nos acontece, nem as adversariedades, mas que nós cumprimos a nossa missão; deve-se ter paciência, porque “Deus fará a sua obra” (murmúrio). Destaca como o carcereiro “dobrou o seu joelho” e se converteu, “ele e toda a sua casa”, ressaltando assim os laços familiares. Relembra irmãos no ministério que estão cansados e querem entregar o cargo, e como isso não é possível, porque é “chamado do Senhor”. Devemos cumprir a nossa missão, porque “o fardo do Senhor é leve”.

A comunidade procura mais uma vez, ajoelhado, a face do Senhor, de novo num murmúrio bastante alto, especialmente do lado dos homens da frente. O mesmo homem que já sobrepôs sua voz na oração após os três hinos, no início da celebração, agora faz o mesmo, orando com muita emoção, às vezes gritando e quase se alterando, gesticulando freneticamente com os braços e batendo-os na sua perna. As ondas de volume dos murmúrios acompanham as ondas de volume da voz do homem. Após quatro minutos de oração emocionada assim, todos se levantam, e chama-se o último hino. Em seguida, Leo dá a bênção e encerra a oração. Hoje, porém, os irmãos se abraçam e dão o ósculo (sempre tocando-se com as bochechas esquerdas) com mais demora; parece que todos têm menos pressa de ir embora. As mulheres ficam um momento sentadas nos bancos, tiram o véu e revelam rostos contentes e sorrindo. Formando grupos que conversam na beira dos bancos, no fundo da igreja e no pátio, devagar a assembléia se dissolve.

Voltando ao carro e saindo, percebo que quase todas as placas dos carros – pelo menos as que consigo ler - são de Diadema, poucas de São Paulo, e não vi nenhuma de São Bernardo do Campo.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 14/08/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs28	3 min
Pausa	19hs31	4 min
Abertura	19hs35	1 min
3 hinos: 9 h. 22 h. 55 h	19hs36	9 min
Oração: Intro (se destacando)	19hs45	2+7min(5)
Hino: 50 h	19hs54	2 min
Testemunhos: homem	19hs56	1 min
Testemunhos: mulher	19hs57	1 min
Testemunhos: mulher	19hs58	3 min
Testemunhos: homem	20hs01	15 min
Avisos	20hs16	12 min
Hino: 57 m	20hs28	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs32	4 min
A palavra	20hs36	3 min
Pregação	20hs39	15 min
Oração (se destacando)	20hs54	5 min (4)
Hino Encerramento: 170 m	20hs59	3 min
Encerramento	21hs02	1 min

Entro às 19 hs 28 no estacionamento e escuto que o hino de silêncio já está começando a ser executado. Conto aproximadamente 35 irmãos e 45 irmãs no início; uma hora depois, o número de ambos praticamente está dobrado.- Após uma pausa de quatro minutos, o cooperador Leo, que está sentado no primeiro dos três bancos colocados num ângulo de 90° à comunidade, se levanta, sobe ao púlpito e convida para iniciar o santo culto em nome do Senhor Jesus. Convida a chamar o hino, e os três primeiros hinos serão chamados por homens. Em seguida, lê os pedidos de oração que lhe foram entregues, durante o último hino, pelo porteiro, e como já em outros cultos, lembra que quem sentir a vontade de orar, deve fazê-lo sem medo de falar errado, porque é melhor errar servindo a Deus do que errar não servindo a ele. Todos se ajoelham e inclinam a cabeça; após dois minutos de murmúrio, uma mulher impõe sua voz e ora durante cinco minutos. Entendo somente partes de sua oração, que ora pela família, por doentes e que Deus envie a sua palavra neste santo culto.

Após mais um hino, chamado por um homem, Leo convida para a testemunhança.- Após uma pequena pausa, sobe um homem ao microfone e testemunha que ele tinha uma causa difícil na justiça. Ele conta que chegou atrasado para o julgamento; a testemunha a seu favor não apareceu, e mesmo assim, ganhou a causa, fato que ele atribui à providência de Deus.- Em seguida, uma mulher testemunha que Deus lhe concedeu a libertação de uma dificuldade que

ela estava sofrendo e que deixou-a muito triste, sem querer citá-la; ela orou e procurou a palavra, e Deus providenciou, e hoje de manhã tudo já estava resolvido.- A terceira testemunha é uma mulher a que foi revelado, num culto numa outra comunidade, na 4ª f passada, que aconteceria um milagre na sua vida. Na 6ª f a sobrinha do marido ligou, chorando e dando notícia de várias doenças na sua família, inclusive o pequeno filho com meningite. Daquela família, ninguém está congregando. Logo ela lembrou da promessa do milagre e chamou o marido para orar, pedindo perdão a Deus se ela e o marido não fossem servos dignos para interceder e receber o milagre. Oraram, e na 2ª f a mesma sobrinha ligou, comunicando que ninguém mais estava doente, e que todos os problemas se resolveram. Deus, portanto, tinha achado dignos estes seus servos do milagre. A mulher fala segura de si e com voz forte. - A última testemunha é Sílvio, o cooperador de jovens e menores, que conta duas histórias que, como diz, já testemunhou nesta comunidade, mas que ele hoje está contando de novo para a maior glória de Deus. Os dois episódios envolvem o dia da Santa Ceia do Senhor. Para este dia, diz Sílvio, os irmãos procuram comprar um terno novo, para agradar a Deus, e quando ele foi na congregação do Jardim Ivone, de terno novo, o porteiro olhou para ele e, com o rosto triste, disse que neste ano não iria conseguir comprar um terno novo para a Ceia. Sílvio lhe respondeu que Deus providenciaria. De fato, pensou dar seu terno novo, mas o irmão estava bem mais forte do que ele mesmo, e o terno não iria servir. Quanta surpresa quando dias depois ele tirou o terno do armário, para ir a outro culto, pensando: que pena que este terno não serve ao irmão, e ele percebeu que o terno já não estava mais proporcional ao seu próprio corpo. Ali ele percebeu que este terno já não lhe pertencia mais, e pediu a um irmão entregá-lo ao irmão.- Outra vez, faltou um sapato a um irmão muito grande e forte. Ele vestia, porém, o tamanho 46-47, que nem se compra, mas é feito somente sob encomenda. Em seguida, ele esqueceu do assunto e num dia em que a mulher estava limpando a casa e ele iria fazer um serviço, ele se lembrou e falou para a mulher que ia procurar o sapato, mas sem muita esperança de encontrá-lo. Andou procurando em todas as lojas de Sapato do bairro de Eldorado e não encontrou nada, recebendo até risos na sua cara. Passou por uma pequena lojinha na qual viu um homem fumando cachimbo, mas pensou: olhe, seu as grandes lojas já não tinham nada, muito menos esta pequena. Já tinha passado quando recebeu a revelação que nesta loja estava o sapato do irmão. Voltou, perguntou ao homem do cachimbo se tinha um sapato tamanho 46-47, e este chamou um funcionário e pediu trazer o sapato que até tinha um apelido próprio. A caixa veio meio empoeirada, mas nela estava o sapato do irmão: do tamanho certo, numa linda cor de vinho. Perguntando como isso era possível, o homem do cachimbo informou que todo ano passava ali um americano pedindo

que lhe preparasse um sapato do seu tamanho para levar para sua terra. Por isso, há dois anos atrás, já tinha encomendado o sapato antes do americano pedir; este não voltou mais ao Brasil. O sapato tinha até o preço marcado com US-\$ 80,00. Vendo o preço, Sílvio avisou que seria difícil, mas o homem falou rindo que ele já estava encostado mesmo durante dois anos e que para 30 Reais poderia levá-lo. De novo, mandou um irmão entregar o sapato. Já tinha esquecido o episódio quando, quatro meses depois, o irmão para quem era o sapato sentou numa reunião ao seu lado, riu e bateu nas suas costas, levantando o pé a ponto de quase enfiá-lo na sua cara: ele estava com aquele sapato no pé.- Assim Deus providencia, e nos usa para providenciar, o que os irmãos precisam, sem deixar faltar nada.

Em seguida, Leo dá os avisos que se referem todos a batismos em várias congregações ao longo da semana. Após uma mulher chamar mais o hino da acolhida da palavra, Leo, como de costume, se coloca diante da parede dianteira, frente à comunidade, e ora cabisbaixo. Levanta a cabeça, fica num ângulo de 90° para a congregação, olha em direção ao lado dos homens, apóia uma mão numa cadeira e olha para o cooperador de jovens e menores, convidando com gestos da mão direita para ler a palavra e ser o pregador. Este, com um gesto de mão e movimento da cabeça declina o pedido. O mesmo acontece quando Leo se dirige a um dos músicos. Mais uma vez Leo baixa a cabeça, ora, apóia a mão na cadeira e, em seguida, se dirige ao púlpito.

A leitura é de Josué 10, 6-15. Na pregação, Leo destaca que Deus nos dá a vitória, mas que nós temos que fazer a nossa parte: Josué tinha a promessa da vitória, mas mesmo assim caminhou a noite inteira. Deus dará a vitória desde que nós fazemos a nossa parte. Ele lembra de nós e nos defende contra os nossos inimigos. Mas nós devemos estar atentos e nos ajudar mutuamente, assim como Josué fez o caminho para socorrer a Gibeão. Leo conta como cuidou da sua mãe quando esta estava doente, que exigia sacrifícios: viagens para o hospital que estava longe na pior hora do trânsito. Mesmo quando está difícil, devemos sempre fazer o bem ao irmão. Durante muito tempo sua mãe ficou assim, mas ele fez tudo. Anos depois, Deus a levou, mas ele, Leo, estava tranquilo porque tinha feito tudo que era preciso. Fazer a nossa parte significa também procurar o médico na doença, o advogado para defender a justiça (confere a primeira testemunha) e confiar que as autoridades farão a justiça, porque para isso foram instituídos por Deus: para defender o justo contra o injusto. Nós somos o povo escolhido do Senhor, que ele cobre com suas graças, e nós precisamos valorizar esta graça que recebemos e valorizar a nós mesmos (tema recorrente da pregação de Leo). Valorizar-nos significa em primeiro lugar resistir às tentações do diabo. Leo lembra a idolatria (contra católicos) e uma mulher a que foi pedido um trabalho e que ficou completamente

endemoninhado (parece contra umbanda ou candomblé). É para ter cuidado com o demônio que é forte. Devemos nos valorizar e a graça que recebemos, sem procurar outras coisas onde se esconde o demônio. Deus faz tudo para nós e não deixa faltar nada. Deus providencia tudo que o irmão e a irmã precisa, tudo mesmo. Conta que uma menina falou durante o almoço para o pai que gostaria de comer uma banana, que não tinha em casa, e antes do almoço terminar, um irmão fez uma visita na casa trazendo banana. Quando falta dinheiro para pagar as contas ou comprar comida, Deus providencia tudo, é só ter paciência. E devemos aguentar o sofrimento como soldados fiéis de Cristo.

Finalizando a pregação, Leo convida a todos a se ajoelharem em oração. Após um minuto de murmúrio, um homem levanta a voz, agradece a Deus pelo santo culto que houve hoje à noite na congregação, e que Deus enviou a sua palavra. Não consegui entender as outras partes da oração. Após mais um breve murmúrio, Leo, ajoelhado ao lado do púlpito, encerra o momento com um forte “Amém”.

Após cantar o hino do encerramento, Leo levanta os braços a partir do cotovelo e, com as mãos próximo dos ombros, palma da mão aberta à congregação, pede a bênção e a paz de Deus sobre a comunidade. Os irmãos e as irmãs se dão o ósculo e devagar começam a sair dos bancos, dirigindo-se à saída da casa de oração.

Comentário:

O culto mostra uma sequência lógica ou um fio condutor temático. Do início em que Leo destaca que o culto é como pronto socorro, que Deus na casa de oração vem em socorro do seu povo escolhido, à testemunha que era veículo do milagre de Deus, por sua oração, a Sílvia que também era veículo do Deus que cuida (ele não recebeu um milagre de Deus, mas providenciou para dois irmãos o que lhes estava faltando) a Leo que publica (de forma inédita) o balancete, falando das entradas e contribuições da congregação (o que esta providenciou, portanto) até Leo na pregação quando conta como ajudou a sua mãe, como Josué socorreu a Gideão, mostrando que Deus providencia tudo que seus escolhidos precisam.- Leo legitima a autoridade (polícia, juízes etc.) como se não houvesse nenhuma corrupção: a ordem é divina e funciona sem falha. Esta afirmação mais aquela outra, que Deus providencia tudo, sem falha, podem chocar-se com as experiências reais cotidianos dos irmãos e irmãs presentes quando isso de fato não acontece. De fato, vi mulheres já com uma certa idade, escutando isso, inclinadas para trás e de braços cruzados, o que não é uma posição comum na Congregação.

Culto no Jandaia na 2ª f, dia 18/08/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs24	3 min
Pausa	19hs27	5 min
Abertura	19hs32	9 min
3 hinos: 187 m. 320 m. 108 m	19hs41	2 min
Oração: (se destacando): (48-50 m. 50-54 h)	19hs43	11min (6)
Hino: 322 m	19hs54	4 min
Testemunhos: (Intro)	19hs58	2 min
Testemunhos: homem	20hs00	11 min
Testemunhos: mulher	20hs11	1 min
Testemunhos: homem	20hs12	6 min
Avisos	20hs18	1 min
Hino: 287 m	20hs19	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs23	2 min
A palavra: Salmo 10	20hs25	5 min
Pregação	20hs30	21 min
Oração (se destacando)	20hs51	7 min
Hino Encerramento: 118 h	20hs58	3 min
Encerramento	21hs01	1 min

Chego na Congregação às 20 hs 23 min. O estacionamento já está bastante lotado. Ao entrar na igreja, já começa o hino de silêncio, seguido por uma pausa de 5 min. Nesta hora, há muito mais irmãs (ca. 100) do que irmãos (43) na igreja. Uma hora depois, serão mais que 80 irmãos e mais que 130 irmãs.

Às 19 hs 32 irmão Leo levanta e convida a começar o santo culto em nome do Senhor Jesus. Nesta noite, três irmãs chamam os primeiros três hinos. Durante o último hino, o porteiro se dirige a Leo e lhe entrega os pedidos de oração: por causas, viagens, doenças, família e testemunhados. Leo pede procurar a presença do Senhor em oração, e todos se ajoelham. O murmúrio está bastante alto, tanto do lado dos homens, especialmente dos na frente, e das mulheres. Esta oração comunitária em alto volume se prolonga durante cinco minutos, quando uma irmã impõe sua voz e ora durante dois minutos, com voz tranquila, pedindo perdão pelos pecados, agradecendo por fazer parte desta graça, e pedindo que Deus envie a sua palavra. Em seguida, também um homem levanta a sua voz e ora por mais 4 minutos. O murmúrio segue ainda em alto volume até Leo encerrar o momento de oração, falando “Amém” pelo microfone. Canta-se mais um hino, e Leo convida: “Estamos na liberdade da testemunhança”. Antes, porém, ele adverte que os testemunhos não devem falar da vida antes da conversão, quando os irmãos e irmãs ainda não eram crentes, “porque todos que não são crentes, são pecadores”, e falar sobre este tempo não edifica a comunidade, mas a deixa triste. Devemos testemunhar os milagres e maravilhas que o Senhor faz na nossa vida, que podem ser coisas que parecem ser pequenas, mas foram feitas pelo Senhor, porque assim a comunidade se

alegra, a testemunha se alegra, e agradamos a Deus. Ele ressalta que alguns irmãos e irmãs têm um passado bastante difícil e às vezes pesado, e não convém falar sobre estes tempos. Sem pausa, como acontecia nos últimos cultos que frequentei, levanta-se um homem sentado na primeira fila dos bancos dos músicos. Vestido de terno claro, ele, apesar das advertências do irmão Leo, lembra seu passado pela Febém e conta como num lugar onde durante vários anos somente uma irmã e um irmão da Congregação viviam, foi construída, após este irmão doar o terreno (no qual ele quis construir a sua casa, mas Deus lhe revelou que o terreno pertencia a Ele), em seis meses uma casa de oração. Em seguida, relata várias curas que Deus operou numa favela do Rio de Janeiro (um irmão cuja cura para a mesma noite foi profetizada foi curada cinco minutos antes da meia-noite; uma jovem que tinha brigado com seu pai e sua mãe e estava saindo da sua casa, foi curada do espírito mau) e na Bahia (seu pai que estava cego durante mais que dois anos foi curado, de noite para o dia, de sua cegueira). Ele acaba gritando muito e gesticulando com os braços, esquerdo e direito alternadamente, sempre com o dedo em raste.- Após do testemunho de onze minutos deste homem, levanta uma mulher jovem e branca e agradece a Deus porque há oito dias seu pai sofreu um infarto “bem leve”, ficou sete dias na UTI, tempo durante ela orou muito e prometeu a Deus que, se ele voltasse para casa, iria se levantar para contar esta graça no culto. De fato, desde ontem, o pai está de volta na sua casa.- A terceira testemunha é um homem que conta três episódios do grupo de jovens e menores do Jandaia. Em todos eles, o grupo converteu outros jovens (duas moças numa casa, sendo uma membro da congregação, mas muito acanhada, e a outra sua amiga que a estava visitando; o moço caminhando triste pelos caminhos, e lhe ofereceram carona; nos três casos, os jovens e menores cantaram hinos da Congregação) que, ao se converteram, receberam a promessa do Espírito Santo (uma moça começou a cantar em línguas) e dias depois foram batizados.

Em seguida, Leo dá os avisos a respeito de batismos e do próximo ensaio de músicos. Chama-se e canta-se o hino da acolhida da palavra. Como sempre, Leo se coloca no ângulo de 90° à comunidade, apóia sua mão esquerda na cadeira, olhando para o cooperador do grupo de jovens e menores e convidando o com gestos da mão esquerda a ler a palavra, mas este, como em todos os cultos que assisti, declina o convite, assim também como dois homens que Leo convida, agora virando-se para a congregação e olhando o lado dos homens. Finalmente, após dois minutos, Leo mesmo abre a Bíblia e anuncia que Deus enviou a palavra do Salmo 10. Na pregação, Leo destaca que “nesta noite, alguém está aqui que quer levar” um irmão ou uma irmã para o caminho errado, para fora da Congregação; mas “o pastor está aqui” (“não eu, mas Jesus Cristo”) que não vai permitir que isto aconteça; ele avisa este “inimigo” e

“pecador” que “o cemitério está logo ali” (o cemitério “Vale da Paz” de Eldorado – Diadema fica próximo), destaca que não é ninguém da Congregação, e adverte todos os irmãos e todas as irmãs presentes para fechar as portas para o inimigo, e valorizar-se como membro desta obra que Jesus criou (tema recorrente na sua pregação). Lembra como zombaram de Jesus na cruz, mas como este nem condenou os seus inimigos (“contra Jesus, ninguém pode”), mas orou por eles; lembra que sepultaram Jesus e colocaram guarda, com medo que os discípulos pudessem roubar o corpo de Jesus; mas Jesus ressuscitou, apareceu durante 40 dias (“primeiro às irmãs, depois aos apóstolos”) para não deixar nenhuma dúvida, e só depois foi elevada ao céu, de onde ele voltará (“sobre isso, não há nenhuma dúvida”). Comenta os últimos versículos do salmo, que destacam que Deus escuta o grito do pobre e oprimido, e assim também ele escuta os gritos dos irmãos e irmãs e faz a sua obra no tempo certo. “Você que está aqui com uma ferida”, Deus está vendo, e “ele vai curar sua ferida”. Leo volta a se referir ao que falou do inimigo e ressalta que não é para deixar o marido ou a esposa que não são da Congregação. Adverte primeiro as irmãs e depois os irmãos a “fazer a sua obrigação” como mulher e como mãe, como homem e como pai. Deixar a casa para seis meses ou apenas um mês é “pecado” e “contra a sã doutrina”, Leo alerta primeiro em direção às irmãs e depois dirigindo-se aos irmãos. Com paciência e suportando devemos orar pelos familiares que não pertencem à Congregação e esperar que Deus faça a sua obra na nossa casa.- Tenho que admitir que me senti mal na hora da pregação a respeito do “inimigo que está presente” e não pertence à Congregação, porque quem estaria aqui nesta condição além de mim?

Em seguida, Leo convida para a oração. Todos se ajoelham, e após alguns instantes o homem sentado no banco da frente da fila dos músicos, que também já tinha dado o primeiro testemunho, faz em voz alta e com fortes gestos dos braços a oração, agradecendo pelo culto, ressaltando que o inimigo não tem força para levar a quem está com Jesus, e que este vai curar as nossas feridas. Após o hino do encerramento, Leo, com os braços levantados encostados no corpo e as mãos erguidas, a palma da mão em direção à comunidade, dá a bênção pedindo a paz de Deus sobre todos. Ao sair do banco, o homem sentado no banco da frente sorri, me dá o ósculo, e devagar os irmãos e irmãs, que por mais um momento estão sentadas, tiram o véu e o colocam na bolsa, saem da igreja.

Hoje, sou um dos últimos para sair do estacionamento. Observo como carros ocupados só pelo motorista param uns 200 m na frente na Estrada do Alvarenga, na direção para Diadema, num lugar onde há uma pequena área de escape, e oferecem a irmãos e irmãs que estão a pé, carona. Quase todos os carros na minha frente vão em direção a Diadema e entram, uns 800 m

na frente, à direita, na rua que segue em direção ao cemitério “Vale da Paz” e aos bairros adjacentes.

Culto no Jandaia no domingo, dia 24/08/08, 18 hs 30

Hino do silêncio	19hs24	3 min
Pausa	19hs27	4 min
Abertura	19hs31	1 min
3 hinos: 84 m. 217 h. 226 m	19hs32	11 min
Oração: (se destacando) h	19hs43	5 (4) min
Hino: 119 m	19hs48	5 min
Testemunhos: 5 min pausa: 1. 4. 2. 1 min	19hs53	6 min
Testemunhos: 2. 4. 3*. 1 min	19hs59	1 min
Testemunhos: 1. 4. 3. 2 min (mão no bolso)	20hs01	2 min
Testemunhos: 2. 4. 2. 2 min (bebê)	20hs03	2 min
Testemunhos: 2. 2. 4. 2 min	20hs06	2 min
Testemunhos: 1. 1. 3. 11 min	20hs08	11 min
Avisos	20hs20	3 min
Hino: 45 m	20hs23	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs27	2 min
A palavra: salmo 2	20hs28	2 min
Pregação	20hs30	18 min
Oração (se destacando) (porteiro alto que fala línguas faz)	20hs48	6 (5) min
Hino Encerramento: 22 m	20hs54	3 min
Encerramento	20hs57	1 min

* O primeiro número indica o gênero (1 – homem, 2 – mulher), o segundo a cor (1 – branco, 2 – preto, 4 – pardo), e o terceiro a faixa de idade (1 – 1 a 14; 2 – 15 a 30; 3 – 31 a 60; 4 – acima de 60 anos). Por enquanto, listamos o assunto principal dos testemunhos conforme as seguintes categorias (em outro lugar, não neste diário): 1 = Família, 2 = Trabalho; 3 = Viagem; 4 = Testemunho; 5 = Doença; 6 = Acidente; 7 = Violência; 8 = Alimento; 9 = Desemprego; 10 = Moradia; 11 = Perseguição; 12 = Libertação sem especificação; 13 = Palavra; 14 = Congregação; 15 = Finanças; 16 = Outro infortúnio; 17 = Ajudar.

Chego no Jandaia pouco antes das 18 hs, meia hora antes do início do culto. No estacionamento, tem uns adolescentes correndo, que se dirigem ao carro de um jovem. Entro na igreja; há 14 irmãos e 8 irmãs nela. Em alguns lugares atualmente desocupados dos músicos, já se encontra o hinário. Devagar, chegam mais irmãos e irmãs; neste dia, porém, (domingo!), serão poucos: Na hora das testemunhas, conto 34 homens (dos quais 14 músicos) e 40 mulheres.- Percebo que alguns homens vêm mesmo no domingo sem terno e gravata; um (relativamente jovem, com pequena barba como eu, e presente na maioria dos cultos) está vestido de camisa vermelha, jeans e tênis.

Após o hino de silêncio e um intervalo de 4 minutos, irmão Leo – hoje de terno preto, enquanto nos dias da semana ele sempre estava de terno cor de cinza - começa o culto como sempre: “Deus seja louvado!” e: “Iniciemos este santo culto em nome do Senhor Jesus.”

Chama-se os primeiros três hinos. Durante o último, o porteiro atravessa a igreja e entrega a

Leo os pedidos de oração: por enfermidades, tribulações, causas, viagens, acidentados, famílias e testemunhados. Convidando para buscar a presença de Deus em oração, Leo lembra mais uma vez que não deve segurar, mas obedecer a Deus e louvá-lo pela oração, feita por um homem em voz não natural, que pede pela íntima comunhão, e que Deus envie a sua palavra. A comunidade responde “Amém”, há mais uns instantes de murmúrio, e Leo encerra o momento dizendo: “Deus seja louvado!”, a comunidade respondendo mais uma vez: “Amém”. Mais uma vez, é uma mulher que chama o hino. Em seguida, Leo avisa que “estamos na liberdade da testemunhança”. Se passam cinco minutos de murmúrio baixo, sem tumulto. Somente depois, uma mulher parda de uns 40 anos levanta, e testemunha como Deus curou uma doença nos olhos do seu marido (1, 5).- Como segunda testemunha, aproxima-se do microfone um homem pardo, com 30 a 40 anos de idade, que fala o tempo todo com as duas mãos no bolso do terno, testemunhando como Deus o libertou de dificuldades no emprego, abrindo as portas numa outra empresa (2).- Em seguida, um jovem músico, que aparenta ter em torno de 20 anos e tem pele branca, com uma aliança na mão direita, que poderia indicar que ele não é casado, mas noivo (e como tal não deveria testemunhar), levanta e agradece a Deus que este lhe deu um pequeno aumento de salário para poder comprar o instrumento de música tão desejado para poder tocar na orquestra (15, 14).- Após outra longa pausa, uma jovem parda que aparenta ter menos de 25 anos dá seu testemunho porque o seu bebê nasceu com problema na língua e ela fez voto que iria levantar e louvar a Deus se o bebê não precisasse operar, o que de fato aconteceu (1, 5). Após mais uma pausa, outra mulher, negra e com mais que 60 anos, fala de vários infortúnios, mas que Deus sempre providenciou o que ela precisava, e que nestes dias ela vai fazer uma viagem. (2, 10, 16, 12, 3).- Como última testemunha fala um homem branco de aproximadamente 40 anos, no início inseguro e apoiando uma mão no corrimão de madeira atrás do microfone. Durante todo o seu testemunho ele continua soluçando e chorando. Enquanto todos os outros testemunhos eram bastante curtos, ele fala 10 minutos, se dizendo de família pobre com muitos irmãos que sempre tinha que sustentar, mesmo com trabalhos muito difíceis (“de tudo eu fiz nesta vida para levar o pão para minha família”, ele diz duas vezes em seguida). Ele perdeu sua primeira esposa num acidente no qual também um filho seu ficou gravemente ferido; hoje este está com ele presente neste culto. Ele testemunha como Deus o salvou duas vezes milagrosamente da morte violenta por arma de fogo, uma vez inclusive quando estava trabalhando de madrugada num ponto em frente de uma Congregação: um carro passou com a porta traseira aberta, e de dentro do carro um homem atirou nele, numa distância menor que 4 metros, sem

ele sofrer dano nenhum, enquanto ele fechou os olhos orando que Jesus o cobrisse com seu sangue (7).-

Após os testemunhos, é chamado mais um hino por uma mulher para acolher a palavra.

Durante dois minutos espera-se quem Deus vai inspirar para ler a palavra; como sempre, Leo convida dois, três homens com gestos da mão, mas acaba subindo ele mesmo ao púlpito para ler o salmo 2. Na pregação, Leo ressalta que só quem acredita em Jesus se salva, e que o único caminho é este (o da Congregação): sair do caminho, é como um trem que sai da trilha: é desastre. Todo joelho vai se dobrar diante do nome de Jesus; alguns para ir para a vida eterna, porque obedeceram, e outros para o inferno, porque negaram Jesus. Não adianta para orar para Maria, Pedro e Benedito, porque eles eram santos, mas já morreram e não fazem mais milagre: só Jesus faz milagre, e por isso é importante permanecer na graça. Relembra mais uma vez a morte e ressurreição de Jesus, e como ele apareceu primeiro para as irmãs e depois para os apóstolos, para tirar toda dúvida, antes de subir ao céu. Como em outros cultos, Leo lembra que, “nesta noite, o castelo vai cair”, porque o diabo é o pai da mentira, mas Jesus é mais forte do que ele. O importante é cumprir com a missão na terra e não ser preguiçoso, mas fazer o seu trabalho, que Deus vai ajudar.-

Em seguida, Leo convida a procurar a face do Senhor em oração; é a voz do porteiro que se sobressai após um minuto de murmúrio. Ajoelhado, ele apóia a cabeça na mão esquerda e gesticula com o braço direito enquanto agradece que Deus enviou a palavra, Deus que vai preparar tudo de que nós precisamos, e abrir as portas para nós. Há mais um pequeno murmúrio, e Leo encerra a oração dizendo: “Deus seja louvado”, ao que todos respondem “Amém”. Canta-se o hino de encerramento, Leo faz a oração da bênção, e devagar, todos saem da igreja.

Após o culto, me dirijo a Leo e Sílvia para informar que sou estudante das Ciências da Religião, e que estou estudando a tradição e transmissão religiosa da Congregação nesta irmandade do Jandaia. Há um momento de silêncio, no qual informo que na 5ª f passada estava reunido com quatro anciãos na irmandade de São Mateus, na Zona Leste de São Paulo. Quando Sílvia escuta que o ancião Isaías estava junto, pergunta o que ele falou a respeito, porque ele “é um dos anciãos mais antigos do Brás”. Quando digo que fui bem acolhido, que conversamos durante uma hora após o culto, e que no final oramos juntos, ele diz que eu tenho a liberdade de vir aos cultos e conversar. Ele acredita que entrevistas não vão dar certo, e sugere o caminho de se tornar amigo dos irmãos e das irmãs e colocar em conversas comuns as perguntas que quero fazer. Ele me dá o livrinho com o resumo da convenção, reuniões e ensinamentos, pontos de doutrina e do histórico da obra de Deus, do ano de 2002, e também

outro opúsculo a respeito do “Histórico Musical e instruções regulamentares para as orquestras” de 2006. Confirma ainda que a casa de oração do Jandaia fica realmente em São Bernardo do Campo; a rua é praticamente a divisa. Já no estacionamento, quando pergunto se posso dar carona a alguns irmãos, o irmão Leo vai me informar não é preciso, porque a maioria da irmandade vem de uma favela que fica, junto com um condomínio, numa rua de terra atrás da congregação – rua esta que leva até a Rodovia Imigrantes -, e que um ônibus os levará até lá de graça.-

Volto para casa aliviado por ter a permissão de fazer pesquisa de campo no local. A estratégia de primeiro conversar com os anciãos da Zona Leste, aos quais um irmão egresso da Congregação que entrevistei me deu acesso, para poder alegar seu apoio na conversa com Leo e Sílvia, se mostrou certa e eficaz.

Culto no Jandaia na 2ªf, dia 25/08/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs25	3 min
Pausa	19hs28	4 min
Abertura	19hs32	1 min
3 hinos: 64 m. 209 h. 66 m	19hs33	12 min
Oração: 3 Intro (2 se destacando: homem) T 13. 14	19hs46	6 min (2)
Hino: 270 h	19hs52	4 min
Testemunhos: 2. 2. 4 T	19hs56	2 min
Testemunhos: 1. 1. 3	19hs58	17 min
Testemunhos: 1. 2. 3	20hs15	1 min
Testemunhos: 1. 4. 3 (Coop de jovens e menores da Bahia)	20hs16	8 min
Testemunhos: 1. 2. 4 (ancião L. C.)	20hs24	4 min
Avisos	20hs28	2 min
Hino: 200	20hs30	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs33	3 min
A palavra: Salmo 6	20hs36	2 min
Pregação	20hs38	21 min
Oração (se destacando) (ancião L. C.) T	20hs59	7 min
Hino Encerramento: 111	21hs06	3 min
Encerramento	21hs09	1 min

Chego na congregação do Jandaia às 19 hs 20 min. Há um pequeno engarrafamento na entrada do estacionamento que, porém, não está cheio ainda. Ontem o cooperador Leo me assegurou que hoje um ancião negro, L. C., presidiria o culto. Conforme o Relatório do ano 2005/2006, Luiz Antonio Carneiro é ancião da irmandade do Jardim Transilvânia, na Avenida Dona Ruyce Ferraz Alvim em Diadema.

Quando entro na igreja, vejo-a bem cheia, com 4/5 dos bancos cheios, tanto do lado das mulheres como dos homens. Pela primeira vez, vou assentar-me no penúltimo banco da fila dos músicos que muitas vezes ficava desocupado. Nesta noite, porém, logo serei rodeado por

adolescentes, alguns deles de terno e o cabelo ainda molhado do banho. Alguns deles se espreitam no banco, brincam com as setas de cobre que enfeitam os apoios para os hinários dos músicos, brincam e conversam.- Após o hino de silêncio, há uma pausa maior de uns 4 minutos; somente então um negro alto, se levanta e inicia “este culto santo em nome do Senhor Jesus”. Ele não é o ancião L. C. do Jd. Transilvânia, anunciado pelo cooperador Leo, mas outro ancião visitante. Canta-se os primeiros três hinos – o ancião usa a expressão: “vamos chamar um canto”, e não “um hino” -, e em seguida o ancião faz uma longa introdução ao momento de procurar a face do Senhor orando. Todos se ajoelham, e após um minuto de oração bastante tumultuado, um homem, sentado no primeiro banco na fila dos músicos, com camisa cor salmão e sem jaqueta do terno, levanta sua voz, pedindo que Deus venha visitar nesta noite à casa da oração com milagre, sua palavra e revelação. Grita que Deus vai fazer o demônio sair desta casa.

A primeira testemunha é uma mulher negra que fala, durante dois minutos, de aflições na família e no trabalho, anunciando no fim do seu testemunho que nesta semana vai fazer uma viagem.- A segunda testemunha é um homem que congrega na Cidade Ademar e está visitando a Congregação do Jandaia. Durante mais que 15 dos 17 minutos que testemunha, fala de uma pneumonia que, junto com problemas no coração, o levou até a morte, mas Deus o ressuscitou no dia seguinte. Ele fala de um ancião da Freguesia do Ó que o visitou quando estava muito mal e que veio para ver um milagre por perto, porque já sabia de vários, também na sua família, mas nunca tinha acompanhado um milagre por perto, e que precisava desta experiência porque já estava fraco na sua fé, como ele mesmo disse. Este ancião ficou completamente desorientado nas horas em que o homem que estava dando seu testemunho permaneceu morto. O milagre acabou convertendo várias pessoas. Hoje, vários dos seus filhos fazem parte desta graça e um é músico, como ele mesmo.- Como terceira testemunha se levanta um homem negro relativamente jovem, cuja idade pela distância avalio em pouco mais que trinta anos, e que se apresenta como visitante da Bahia, onde é cooperador de jovens e menores (1 minuto).- A quarta testemunha, um homem pardo com pouco mais de 30 anos, também está visitando esta Congregação. Sua comum é em Guianazes, onde Deus fez sua obra e operou um milagre no dia 25 de dezembro do ano passado, pelo próprio servo que estava falando e que curou o filho de 5 anos, de uma senhora que estava visitando, por revelação de Deus (8 minutos).- Como último, após lamentar que não seria possível outros que vieram visitar a irmandade, darem o seu testemunho, porque “a irmandade precisa da palavra”, o próprio ancião visitante dá seu testemunho, contando que agora mora em Sorocaba, por causa da doença que deixou sua filha há meses no hospital, com muitas

semanas na UTI. Antes, ele atendeu muito tempo na área de Santo Amaro e Diadema. O ancião ressalta que sempre quando possível visita, nas suas vindas a São Paulo, esta irmandade do Jandaia, que conhece desde os seus primórdios. Agradece a Deus por esta obra, e fala com alegria de uma outra casa de oração que está em fins de construção.-

Passa-se para os avisos. Nesta noite, o cooperador de jovens e menores se levanta (pela primeira vez nesta ocasião, em todos os cultos que frequentei) e pede à irmandade orar por um jovem do grupo que foi atropelado por um carro e se encontra gravemente ferido no hospital. Já saiu do coma e está melhor, mas ainda corre perigo de vida.

Canta-se o hino da acolhida da palavra, durante o qual o ancião visitante já limpa com o lenço os seus óculos. Em seguida, no momento da procura do pregador, ele gesticula com a mão em direção aos cooperadores Leo e Sílvio, que declinam. Levanta-se um homem negro e relativamente jovem (o mesmo que já testemunhou como quarta testemunha), vestido de terno escuro, movendo-se em direção ao púlpito. Percebe-se como o cooperador Leo levanta rápido, tentando impedi-lo de subir ao púlpito; seus gestos com a mão parecem indicar que o homem volte a seu lugar, mas os gestos deste indicam que insiste em subir. Há uma pequena conversa entre os dois, de 30 a 40 segundos. Nestes momentos, o ancião visitante, que já está com a Bíblia na mão, pára de abri-la, olhando para os dois que discutem. Finalmente, Leo se assenta de novo, e o jovem negro sobe ao púlpito mesmo; ele e o ancião conversam, e parece haver um momento de indecisão e uma certa tensão; em seguida, o ancião, visivelmente surpreso, coloca a Bíblia de volta ao púlpito, informa a congregação que o homem negro é um cooperador de jovens e menores da Bahia que veio visitar a irmandade do Jandaia, e se assenta na cadeira lateral do lado dos homens. Sem encostar-se, mas sentado na ponta da cadeira, continua com o olhar acompanhando o jovem que abre a Bíblia e anuncia imediatamente a palavra que Deus enviou nesta noite: o salmo 6. Ressalta que, diante de Deus, somos o que somos; ele coloca na palma da nossa mão tudo que nós precisamos; que nós temos, como Davi, dignidade de reis e sacerdotes, somos o povo escolhido, e nada de mal nos pode atingir porque, na fé, somos protegidos pela palavra.- Durante a pregação, ainda no seu início, ele passa um papel ao ancião, pouco maior que um cartão de visita, que este lê e logo devolve.

Em seguida, o ancião visitante dá brevemente a sua interpretação da palavra: “Assim como deu para Davi, Deus vai nos dar a vitória”, e este é também o tema central da oração que faz, enquanto todos estão ajoelhados – todos com exceção de alguns jovens (p. ex. aqueles sentados ao meu lado) e crianças.

Comentários:

- Percebi como vários jovens (meninos) estão presentes no culto, alguns de terno velho (às vezes maior do que o corpo do jovem) e de banho tomado (cabelo ainda molhado), sem demonstrar, porém, nenhum interesse no culto: se espreitando no banco, toda hora se movendo, folhando o hinário que um adulto emprestou (gesto que já percebi repetidas vezes) em vez de cantar, e conversando até durante as testemunhas e a pregação. Talvez um e outro deles foi “recrutado” no encontro de jovens e menores no dia anterior, por causa da suposta vinda do ancião L. C. – a presença de um ancião na irmandade é rara, e pela igreja cheia, sua vinda tinha sido avisada.
- Pela primeira vez ficou nítida uma situação de *conflito* entre os atores sociais no culto, conflito surgido em torno do coordenador de jovens e menores da Bahia que fez questão de anunciar a palavra e fazer a pregação, tomando o lugar do ancião que antes tinha falado da dificuldade de vir visitar a irmandade do Jandaia agora, uma vez que se mudou para Sorocaba, e evidentemente os cooperadores da comunidade estavam esperando por sua palavra e consideravam que ele deveria prevalecer sobre o cooperador mais jovem. Pelos gestos com que irmão Leo tentou impedir sua subida ao púlpito, como também o cartão entregue ao ancião durante a pregação, deram a impressão de um problema de legitimidade do homem negro e relativamente jovem da Bahia. Acredito que a situação de embaraço que se criou tenha sido percebida pela comunidade toda.
- Um breve comentário do cooperador de jovens da Bahia que, após a pregação, pediu perdão por ter alterado a voz e em seguida disse: “Eu sou novo no ministério, mas eu sei que um dia vou chegar com os mais velhos”, parece revelar certa ansiedade pelo ministério do ancião, de subir na hierarquia, e certo conflito de poder.
- Já antes, o lamento do ancião, que alguns visitantes não podiam dar o seu testemunho por falta de tempo, pode ser entendido também como crítica aos testemunhos que se estenderam muito e talvez até demais (especialmente aquele de 21 minutos), mesmo se a crítica não foi tão aberta como aquela do ancião Isaías em São Mateus, após uma mulher negra e idosa ter dado lá um testemunho – de fato bastante repetitivo – de mais de 40 minutos.
- Acredito que também a imagem do ancião da Freguesia do Ó, no segundo testemunho (homem cuja fé estava enfraquecendo e que quis ver um milagre por perto, e que saiu chorando: “o que vou fazer agora? Eu estou fraco na fé, eu vim ver um milagre, e o homem morreu!”) não reforça a autoridade do ancião, mas ao contrário, a enfraquece, e indica talvez também uma posição de crítica e conflito da testemunha diante da hierarquia.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 28/08/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs24	3 min
Pausa	19hs27	4 min
Abertura	19hs31	1 min
3 hinos: 252 m. 18 m. 248 h	19hs32	11 min
Oração: Intro (se destacando) 5 7 (5) h	19hs43	12 min
Hino: 57 h	19hs55	3 min
Testemunhos: Pausa 6 m: 2. 1. 3: vestido rosa-marrom: T 1.11	19hs58	10 min
Testemunhos: Pausa 2 m: 2. 4. 3: saia jeans e blusa lã olive: T	19hs08	4 min (2)
Avisos	19hs12	8 min
Hino: 251 m	19hs20	5 min
Acolhida palavra: procura do pregador	19hs25	1 min
A palavra: Salmo 119 (Cofe e Reche)	19hs26	5 min
Pregação	19hs31	17 min
Oração (se destacando)	19hs48	4 min (3)
Hino Encerramento: 129	19hs52	4 min
Encerramento	19hs56	1 min

Na Igreja dominam as cores branca (paredes, piso, teto, luz, ventiladores e caixas de som, cortinas) e marrom (bancos, cadeiras, o corrimão que separa o púlpito e o órgão da irmandade, e o púlpito). No púlpito, está escrito, em letra dourada, “Em nome do Senhor Jesus”; as mesmas palavras, em letra bem grande, se encontram na parede da frente, em cor preta. A cor dourada encontra-se ainda como borda de enfeite nas cortinas.- A cor dominante no lado das irmãs é o branco do véu, e no lado dos homens, cores escuras dos ternos, alterando com poucas cores claras (verde claro, cinza claro). Pouquíssimas cores mais gritantes de camisas ou blusas de irmãos que vieram sem a jaqueta do terno, formam apenas pontos isolados. As mulheres vestem blusas brancas ou de outra cor, porém raramente gritante; a maioria é vestida de blusas e saias, muitas delas em cores claras; os vestidos já são mais raros.

No início do culto, conto aproximadamente 60 mulheres e 40 homens; uma hora mais tarde, são mais que 80 mulheres e 60 homens, dos quais 12 são músicos.

Após o hino de silêncio, há uma pausa de 4 minutos; então irmão Leo se levanta e inicia o culto. Cantam-se três hinos, diferentes e mais solenes dos em outros cultos, e inicia-se o momento de oração. Durante cinco minutos, o irmão Leo fala deste momento no último culto, dirigido por um ancião visitante, lamentando que a oração daquele culto tinha sido “totalmente fora da doutrina”. A começar pela roupa do homem que fez a oração: camisa de manga curta e sem terno. Ele pediu que o demônio “saísse da igreja” e dirigiu sua oração a Jesus Cristo, enquanto o certo é pedir ao Pai em nome do Senhor Jesus. Além disso, afirmou que “Deus derramou o seu sangue”, e não foi Deus, mas o filho de Deus, Jesus Cristo, que

derramou o seu sangue. Leo se queixa que a irmandade aclamou a oração com “Aleluias” e “Amém”, o que é como assinar por baixo. “Eu não disse Amém após aquela oração”, diz Leo com voz firme, “porque a oração estava totalmente fora da doutrina.” Por isso, a irmandade tem que prestar atenção no que se ora e não ficar distraído e aprovar qualquer coisa por “Aleluias” e “Amém”. Era tarefa do dirigente do culto intervir, “mas não era eu que estava dirigindo o culto”. O certo era o dirigente do culto intervir fazer uma outra oração dentro da doutrina.- Somente então Leo convida a irmandade a dobrar o joelho e procurar a face do Senhor em oração. O murmúrio é alto, e logo um homem sentado no primeiro banco impõe sua vez. Percebo que quando ele fala as palavras: “Pai nosso que estais no céu”, todos começam a se calar, como já ocorreu também em outros cultos; estas palavras parecem funcionar como sinal que a oração que se impõe sobre as outras está começando.

A primeira testemunha é uma mulher branca, de aproximadamente 50 anos, vestida de um vestido de cores branca, rosa e marrom-claro, que alega que a própria mãe instigou os irmãos contra ela. Após um irmão levantar a mão contra ela e batê-la, a mãe propôs denunciar o caso na delegacia; a mulher que está testemunhando não conseguiu testemunhar contra os próprios irmãos e ficou calada, mas a mãe acabou testemunhando a seu favor e contra o filho, sem querer, de maneira que o delegado julgou que o filho deveria ser preso e não a filha; a testemunha alega que ficou sabendo o que o delegado falou para sua mãe pela boca da primeira esposa do irmão Spina. Assim, apesar desta perseguição dentro da própria família, Deus a protegeu e impediu que ela saísse do caminho e da Congregação.

A segunda testemunha é uma mulher parda, de aproximadamente 40 anos, vestida de uma blusa de lã cor de oliva e uma saia jeans. Durante todo o culto, ela já gritava e gemia constantemente frases como “Louvado seja o poder de Deus”, “Glória a Deus”, “Glória a Deus, Deus, Deus” e “Aleluia”. Ela se aproxima do microfone repetindo estas frases em voz alta e, gritando, agradece a Deus que ela a preservou deste mundo do pecado por sua palavra e por sua força. Voltando ao seu lugar, ela, em visível êxtase, continua gritando frases de louvor e, cabisbaixa e voltada para a janela, ondas de tremura continuam perpassando o corpo inteiro ainda um bom tempo.

Na hora dos avisos, além dos batismos que vão acontecer, e das coletas (Leo sempre destaca também a coleta pela manutenção da própria casa de oração), Leo informa que o cooperador de jovens e menores convida para trabalhar na manutenção da igreja, do seu estacionamento e jardim neste sábado. Ele pede ao próprio cooperador de jovens e menores explicar melhor. De fato, este ressalta que o terreno da Congregação é muito grande, e que os homens da

manutenção não conseguem dar conta. Diz que precisa-se no mínimo de trinta homens, e que haverá um café reforçado e também almoço para aqueles que vão trabalhar.

Na pregação, Leo fala que o irmão e a irmã que têm o Espírito Santo o têm tanto dentro como fora da Igreja, e que também na casa, na rua e no serviço a vida deve ser marcada pela honestidade e pelo respeito. Toca nas relações de gênero na família e advoga que homem e mulher devem agir de comum acordo, porque se não for assim logo haverá contenda, e ela vai sair e dizer: “Está vendo! Não falei que estava errado o que ele ia fazer?” Se o homem age como rei, ela é a rainha, e na sua ausência vai começar a mandar, e vai ter contenda. Melhor decidir em conjunto, porque se erra menos.

Culto no Jandaia no domingo, dia 31/08/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs26	3 min
Pausa	19hs29	2 min
Abertura	19hs31	1 min
3 hinos: 360 m. 10 h. 227 m	19hs32	12 min
Oração: Intro (se destacando) 44. 46. 49-51 mulher T 1. 5. 9.	19hs44	7 min (2)
Hino: 208 m	19hs51	4 min
Testemunhos: 1. 2. 3. terno escuro. camisa vermelha. gravata T	19hs55	2 min
Testemunhos: 1. 4. 3 terno claro. camisa vermelha. gravata T	19hs57	2 min
Testemunhos: 1. 4. 2 terno escuro. camisa lilás. gravata T 2. 16.	19hs59	9 min (6)
Avisos (sem)	20hs08	0 min
Hino: 89 h	20hs08	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs12	3 min
A palavra	20hs15	2 min
Pregação: Salmo 119. Cafe (v. 81)	20hs17	24 min
Oração (se destacando) mulher	20hs41	5 min (4)
Hino Encerramento: 376 m	20hs46	3 min
Encerramento	20hs49	1 min

É a segunda vez que participo de um culto num domingo na irmandade do Jandaia. Como no domingo passado, é o culto que tem menos irmãos e irmãs presentes dos três da semana (2ª f costuma ser bastante cheio; 5ª f razoavelmente cheio; aos domingos, pouca gente): conto 40 homens (dos quais 12 músicos) e umas 65 mulheres.- Tentando avaliar mais ou menos a idade dos homens presentes, 4 estão na faixa 1 (até 15 anos), 7 na faixa 2 (15 até 30 anos), 24 na faixa 3 (30 a 60 anos), e 6 na faixa 4 (acima de 60 anos). Em termos de cor, colocaria a grande maioria como pardos (4), com alguns brancos (1) e um número talvez levemente superior de negros (2).

Leo inicia o culto com as palavras “Deus seja louvado” e o convite de começar este santo culto “em nome do Senhor Jesus.” Em seguida, canta-se três hinos.- Leo introduz o momento de oração, e após três minutos de murmúrio uma mulher levanta a voz, lembra os pedidos de

oração (enfermos, tribulações, família, desemprego) e pede que Deus envie a sua palavra e faça a sua obra, se lembrando dos seus filhos. Após mais um hino, Leo introduz o momento de testemunhar advertindo que não é para ter medo, mas cumprir os votos e promessas de testemunhar, especialmente se prometeu transmitindo as saudações de outras irmandades, e do outro lado lembrando que é um momento não de lamentação, mas de louvor a Deus pela obra que faz na nossa vida.- A primeira testemunha é um homem pardo de aproximadamente 40 anos, vestido de terno escuro, camisa vermelha e gravata, relatando a visita a uma outra irmandade e transmitindo suas saudações e dizendo que paga seus votos na presença de Deus (2 min).- A segunda testemunha, um homem pardo de aproximadamente 35 anos, vestido de terno claro, camisa vermelha e gravata, diz que congrega pouco porque tem que trabalhar muito. Durante vários anos tinha um processo na justiça e acabou ganhando: “Deus trouxe tudo de volta para nós.” No fim, ele pede que Deus “lembre de nossos filhos.”- A terceira testemunha é um homem pardo que aparenta ter menos que 30 anos e é vestido de terno escuro, camisa lilás e gravata. Com jeito acanhado e com solução no fim de cada frase, diz que passou por tribulações na empresa quando uma irmã da Congregação sonhou com ele (neste momento, Leo fica alerta e olha na sua direção, aproximando-se do microfone) e o ligou para dizer que sabia, por sonho, que ele estava passando por tribulações e que estava ficando fraco, alertando-o de ficar perseverante e não sair do caminho. Ela viu um anjo em volta dele, ele sentiu a presença de Deus, e este conseguiu quebrar a corrente do mal em sua volta. (Leo se afasta de novo do microfone) Numa outra tribulação, Deus lhe revelou para orar sete vezes, e na sétima oração aconteceu a libertação da tribulação.

Após o hino da acolhida da palavra que, como os outros hinos cantados nesta noite, destaca a nossa união com a realidade celeste pelo Espírito Santo que mora em nós, Leo se dirige em direção aos bancos na altura do púlpito do lado dos homens, apoiando sua mão na cadeira e com gestos convidando o cooperador de jovens e menores a pregar a palavra. Após 3 minutos, ele sobe ao púlpito e anuncia a leitura: o Salmo 119, a partir do versículo 81. Ele diz que acredita que ter lido estes versículos no último culto, o que não é o caso (os versículos lidos no outro culto tinham o título “Cofê”, os versículos lidos hoje tem o título “Cafe.”- Leo destaca que, quando o fiel clama a Deus, este pode até demorar, mas vai mandar sua resposta do céu. Nós, como servos de Deus, devemos agir com prudência. O que Deus quer, ninguém segura, seja para o bem ou para o mal (ele cita que Moisés que não entrou na Terra Prometida). O servo de Deus espera em seu Senhor, e este vai mandar a chuva que faz a semente brotar, mesmo após longo tempo de seca. Nós, como obra de Deus, devemos dar os frutos na medida da vontade de Deus – seja trinta, sessenta ou cem por um – esta decisão é

obra de Deus. Mas nós como escolhidos do Senhor devemos nos apoiar e ter paciência com aqueles que ainda estão fora da palavra, mesmo se não dão valor a esta graça. Os bebedores, os idólatras e os feiticeiros não entram no céu; por isso, devemos nos guardar deles. Se alguém está abrindo uma cova para você nesta noite, Deus não vai deixar você cair nesta cova. Várias vezes Leo repete: “Deus vai te ajudar”, e adverte para “não sair fora da doutrina.”

No momento de oração que se segue à pregação (todos ajoelhados), após um minuto de murmúrio, uma mulher, com forte trêmulo na voz e gritando fortemente, agradece a Deus pelo envio da palavra e pede que Deus venha abençoar seus filhos. Um alto murmúrio após sua oração mostra que a irmandade a aprovou. Outra mulher chama o hino final, durante o qual a mulher que fez a oração continua gritando extaticamente. Em seguida, Leo pede a bênção de Deus. Os irmãos se dão o ósculo, e as mulheres sentam para tirar o véu e, sorridentes e conversando, colocar o hinário e a Bíblia na bolsa.

Culto no Jandaia na 2ª f, dia 01/09/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs25	3 min
Pausa	19hs28	4 min
Abertura	19hs32	1 min
3 hinos: 119 h. 304 m. 311 h	19hs33	15 min
Oração: Intro (se destacando) homem (dirigente)	19hs48	11 min
Hino: 176 m	19hs59	3 min
Testemunhos: 2. 2. 4 mulher negra. blusa. já outras vezes: 3. 16	20hs02	2 min
Testemunhos: 2. 1. 2 mulher branca. camisa social: 1.5	20hs04	3 min
Testemunhos: 2. 4. 2 mulher parda. blusão cor laranja: 10. 12	20hs07	2 min
Testemunhos: 1. 1. 3 homem branco. terno escuro. gravata: 5	20hs09	7 min
Testemunhos: 1. 4. 2 jovem branco. terno claro. gravata: 2	20hs16	4 min
Avisos (sem)	20hs20	0 min
Hino: 263 m	20hs20	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs24	2 min
A palavra	20hs26	4 min
Pregação	20hs30	30 min
Oração (se destacando) homem (músico)	21hs00	3 min (2)
Hino Encerramento: 301 m	21hs03	3 min
Encerramento	21hs06	1 min

Chego às 19 hs 25 min na casa de oração. Vou sentar no último banco do lado direito, ao lado de alguns adolescentes. No total, eles são doze, quase todos pardos, que ficam nos últimos bancos, com roupa normal e sem os vestimentos sociais típicos da Congregação (nos bancos mais da frente, vejo outros oito a dez adolescentes, na maioria também pardos, mas vestidos de terno e acompanhando os gestos corporais da irmandade). Eles têm o hinário, mas durante o culto todo, não prestam nenhuma atenção no que está acontecendo nele, e não acompanham

os gestos corporais da comunidade (ajoelhar, ficar de pé, etc.); eles ficam conversando, brincando e se empurrando o tempo todo. Próximo do fim do culto, um jovem joga o hinário de outro no chão, dois bancos para frente, assim que este tem que passar por baixo dos bancos para pegá-lo de novo. Alguns transitam entre as duas filas de banco, até na hora da palavra. Algumas mulheres sentadas nos últimos bancos de vez em quando olham estes jovens, com expressão de desagrado no seu rosto. Única exceção são dois adolescentes sentados ao lado de um homem pardo, de uns 35 a 40 anos, vestido de terno cor de rosa-lilás, com quem conversam muito, assim que ele também não acompanha o culto. Já percebi que estes adolescentes aparecem em maior número (como toda comunidade) no culto da 2ª f, talvez motivados pelo coordenador do grupo de jovens e menores no dia anterior.

Após uma pausa de 4 minutos, levanta um homem negro, cuja idade estimo entre 45 e 60 anos, que estava sentado ao lado de Leo e Sílvio, e sobe ao púlpito.¹⁴³ Ele convida a irmandade a iniciar este santo culto em nome do Senhor Jesus. Cantam-se os três primeiros hinos. Os primeiros dois falam da luta contra a tentação, e o terceiro do fogo e dos dons do Espírito Santo que o Senhor irá derramar sobre seus fiéis, como em Jerusalém. Em seguida, o dirigente do culto apresenta os pedidos da irmandade, que o porteiro anotou na entrada e entregou no fim do terceiro hino, e ora pelo ministério, pela administração e pelas autoridades. Todos se ajoelham, e após pouco tempo, o próprio dirigente sobrepõe sua voz e ora. Ele pede o envio da Santa Palavra, lembra a santa doutrina, a vida espiritual, a santa calma, o consolo das almas, “enquanto não vier” o Senhor, a nossa fraqueza, enquanto “estamos no caminho”, opõe o “carnal” ao “espiritual.” Na medida que ele eleva a voz, também os murmúrios ficam mais altos, chegando a um pique quando ora que o diábo “irá cair do céu.” Ele lembra todos os grupos lembrados nos pedidos da irmandade (doentes; família; atribulados; testemunhados), aqueles “que recorrem às nossas orações”, e pede que Deus venha ao encontro e “enchá esta casa, Senhor”.

Canta-se mais um hino que lembra o calvário da dor, e o dirigente convida para “os santos testemunhos”. Hoje, se levantam logo várias pessoas, e os testemunhos acontecem sem pausa.- Uma mulher negra de idade, que já vi testemunhar várias vezes nesta irmandade, é a primeira a testemunhar (2 min), transmitindo as saudações da irmandade que visitou (num culto anterior, ela tinha anunciado esta viagem) e pedindo a oração da irmandade porque está sofrendo tribulações.- A segunda testemunha é outra mulher, jovem e branca, vestida de blusa

¹⁴³ Todos os três convidados a presidir o culto, no mês que frequento a irmandade do Jandaia, vieram na 2ª f à noite, dia de maior comparecimento ao culto, e eram negros. Todos eles, além de presidir o culto e assumir o momento da palavra, ocuparam também um dos dois momentos de oração, nos quais toda a irmandade se ajoelha.

social, que paga seu voto de testemunhar, porque seu pai estava doente na UTI com problemas no coração e não precisa mais se submeter à cirurgia (3 min). Seu pai ainda não é servo de Deus, mas uma serva que foi na sua casa falar da palavra de Deus, o emocionou bastante, e ele “chorou muito.” - A terceira testemunha é uma senhora morena, de aproximadamente 30 anos, cuja fala é difícil de entender; em todo caso, ela afirma que Deus mesmo se revelou a ela e fez uma obra: ele não mandou nenhum anjo, mas ele mesmo a visitou.- A quarta testemunha é um homem branco, de terno escuro e listrado, camisa social e gravata, com aproximadamente 40 anos, que perdeu o pai com 15 anos e desde então, estava procurando o sentido de sua vida; entrou até num seminário e estudou filosofia e teologia, mas logo saiu e caiu no mundo de novo; começou a gostar muito da Congregação, mas não se converteu. Somente quando estava no hospital, com graves problemas cardíacos, teve um sonho, e quando acordou e abriu os olhos, viu que o monitor que mostra as batidas cardíacas não mostrava nada; ele já estava morto, portanto, e neste momento, Deus o ressuscitou e encheu o seu coração. (Considero que um morto não abre os olhos e não consegue ver que o monitor não mostra batida cardíaca nenhuma) Pouco depois, sua esposa também se converteu, e hoje “minha casa serve ao Senhor.” Ele mora em São Mateus, mas congrega em Diadema, e hoje veio de visita, pela primeira vez.- A última testemunha é um jovem pardo claro, de terno claro com camisa social branca e gravata, que não aparenta ter mais que 22 anos. Ele desejou muito trabalhar numa certa empresa, mas não era possível porque estava aguardando a convocação para o serviço militar. Deus prometeu que “esta porta é sua”, mas “gente grande lá de cima” estava impedindo esta bênção, retendo os papéis que o libertaram do serviço militar. Finalmente, a palavra de Deus se cumpriu. Ele, porém, bateu um carro naquela empresa, e quase foi mandado embora; mas de novo, Deus lhe assegurou que “esta porta era minha”. Ele pagou o prejuízo e acabou ficando na empresa.

Hoje, não há avisos, porque o Brás não mandou ainda a nova lista dos batismos. Canta-se o hino da acolhida da palavra, e após breve procura do pregador, feito com os mesmos gestos de Leo (apoiando a mão na cadeira, olhando para os bancos ao lado do púlpito, no lado dos homens, e gesticulando com a outra mão), o próprio dirigente assume a pregação da palavra. Ele lê a parábola do Bom Samaritano. Na sua explicação, a irmandade é Jerusalém, e ele grita repetidas vezes: “Não saia de Jerusalém!”, porque lá fora, saindo de Jerusalém = da Congregação e seguindo o caminho do pecado = caminho para Jericó, espera o assaltante = o diabo, que, porém, não tem poder de matar, mas “deixa meio morto”. Jesus, porém, vem e salva, colocando azeite e vinho nas feridas (= feridas da alma, do coração): Ele nos salvou, pagando por nós, pagando nossos pecados, dos quais nos libertou no nosso batismo, e o que

faltar, ele vai pagar quando voltar, e ele vai voltar logo. Melhor, porém, nem sair de Jerusalém: Na Congregação, somos protegidos e temos a bênção, ela é o único caminho, ela é Jerusalém.

Após 30 minutos de pregação, o dirigente do culto convida a irmandade a dobrar o joelho em oração para agradecer a este santo culto. Um músico ora em altos gritos, agradecendo pelo culto e que Deus enviou a sua palavra. Um homem cinco, seis bancos na minha frente, sacode quase o tempo todo a cabeça lateralmente, como já fazia também nos momentos em que o pregador levantou a sua voz; ele mesmo, neste aparente êxtase, grita também.

O canto final, “O teu precioso sangue”, retoma de certa maneira a pregação (“ele pagou nossos pecados”). O dirigente abençoa a comunidade, e devagar as pessoas saem da casa de oração, enquanto a orquestra toca ainda um hino de silêncio.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 04/09/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs25	3 min
Pausa	19hs28	3 min
Abertura	19hs31	0 min
3 hinos: 180 m. 364 h. 249 m	19hs31	12 min
Oração: Intro (5 min) (se destacando) Leo T 14. 13. 5	19hs43	12 min
Hino: 315 h	19hs55	3 min
Testemunhos: 2+2 min. 2. 2. 4 T 9. 5. 8. 1	19hs58	4 min
Testemunhos: 2.5 min. 2. 2. 4 T 5. 14	20hs02	2 min
Testemunhos: 1. 5 min 2. 4. 3 T 3. 14: 3 min silêncio	20hs04	4min (2)
Avisos	20hs08	10 min
Hino: 391 m	20hs18	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs22	2 min
A palavra 2 Rs 7 (Coop Sílvio)	20hs24	6 min
Pregação (Coop Sílvio): 14. 11. 12	20hs30	28 min
Oração (se destacando) mulher T 14. 13	20hs58	2 min
Hino Encerramento: Coro 5 h (Leo)	21hs00	1 min
Encerramento	21hs01	1 min

Durante o terceiro hino, o porteiro traz o folheto com os pedidos de oração ao púlpito. Hoje, a irmandade pede orar por enfermidades, tribulações, causas, viagens, famílias e testemunhados. Algumas famílias entregaram folhas próprias com pedidos de oração, que Leo lê pacientemente, mas depois lembra que esta prática não é necessária, porque Deus já conhece tudo, e o porteiro anotando o pedido no folheto previsto, é o suficiente. Leo lembra que agora Deus vai revelar o irmão ou a irmã que vai fazer a oração, e que esta deve ser dirigida ao pai, em nome do Senhor Jesus, pedindo pelo bom andamento do culto, pelo ministério, pela administração e pelas autoridades públicas. “Nesta comunhão santa, procuremos a face de Deus em santa oração.” Após esta introdução de 5 minutos, é o próprio

Leo que faz a oração. Ele ora pelo presidente do culto, pelo porteiro, pelos músicos e pela organista. Pede a santa presença de Deus, e que ele prepare o nosso coração e nos envie a libertação. Lembra os pedidos entregues à parte, os jovens e menores, as crianças, os casais, para que todos cheguem “mais perto de ti.” Pede pelo servo de Deus a quem Deus vai revelar a sua palavra. Ora por aqueles que fazem a limpeza da casa de oração e dos banheiros, pelos porteiros, pelos cooperadores e pelos anciãos: “Ajude-nos, Senhor.” Pede que todos colaborem nas coletas, e que Deus providencie emprego para todos. Após mais um pequeno murmúrio, Leo encerra o momento, orando “Deus seja louvado”, e a comunidade respondendo: “Amém.” Canta-se um hino, e Leo convida para a testemunhança. Como primeira testemunha, uma mulher negra já de idade, que já testemunhou várias vezes, coberta e vestida de blusa de lã cor de rosa e saia, vai ao microfone, fala da sua demissão há anos atrás e dos problemas decorrentes do desemprego que ela está sofrendo até hoje, mas Deus impediu que alimentos viessem a faltar na sua casa. Lembra uma pequena cirurgia que sua irmã terá que fazer e pede a oração da irmandade, assegurando que ela também ira orar por cada um.- A segunda testemunha é uma senhora negra de idade, que é trazida por duas outras senhoras e é vestida de blusa social e saia, nas quais se apóia, falando de uma operação na vista que a deixou sem visão até hoje, mas que sabe que em tudo Deus está com ela e que pede a oração da irmandade para ser libertada da cegueira.- Como última testemunha, levanta outra mulher negra, vestida de blusa social e saia, com aproximadamente 45 anos, que agradece por uma viagem que fez e transmite à irmandade as saudações da congregação que visitou. Nenhum destes testemunhos demorou mais que 3 minutos. Após mais 3 minutos de silêncio, Leo dá os avisos: uma longa lista de batismos, informação a respeito do único site oficial da CCB no Brasil (www.congregacaocristanobrasil.org.br), fora do qual ninguém é autorizado a dar informações ou avisos, e as coletas; nesta ocasião ele informa que ninguém do ministério ganha dinheiro, e que todo o dinheiro é aplicado na obra da congregação; se esta um dia for extinta, todo dinheiro será revertido para obras filantrópicas: “Nós somos a Igreja de Jesus Cristo. Amém.” Finalmente, ele convida os homens para uma segunda mutirão de limpeza em torno da igreja no sábado seguinte. Após assegurar que nem o cooperador de jovens e menores nem o porteiro tem outro aviso, ele pede chamar outro hino. Em seguida, a irmandade espera que Deus mandará a sua palavra. Leo, como de costume, se dirige aos bancos ao lado do púlpito, do lado dos homens, e hoje o coordenador de jovens e menores, Sílvio, se levanta para fazer a leitura e pregação da palavra, enquanto Leo desce e volta ao seu lugar. Ele lê o capítulo 7 do segundo livro dos Reis, em voz bem baixa, e faz a pregação. Constantemente, ele oscila entre comentários a respeito do trecho bíblico lido e a vida nossa

hoje: sempre quando comenta o tempo bíblico, fala bem baixo, e quando fala da nossa vida hoje, levanta a voz e chega até a gritar, gesticulando fortemente com os braços, saindo do microfone e caminhando à direita e à esquerda, dando assim dramaticidade à sua pregação. Ele recria a cena da cidade cercada pelo inimigo, que por força própria não tinha nenhuma chance de escapar, mas tinha o homem de Deus no seu meio, a quem ninguém recorreu, mas que mesmo assim prometeu por sua palavra salvação por Deus. Quem acreditou em Deus, se salvou, e quem não teve fé, morreu. Assim, também a irmandade é cercada pelo inimigo, tem muita guerra, mas Deus está no seu meio, ele nesta noite vai movimentar pela força de sua palavra. O importante não é o que vai acontecer, mas que Deus está no nosso meio, ele não pede licença a ninguém para fazer a sua obra, ele tira os nossos inimigos do caminho e nos salva, se nós cremos na sua palavra. Sempre de novo, o pregador muda sua fala de Deus da terceira para a primeira pessoa (“Eu estou com você, eu já estou mexendo, você crê na minha palavra?”), “O que você pede, eu faço na sua vida.”), intercalando trêmulos de voz, “Glória ao Senhor”, etc. Como no tempo do profeta Elias, também hoje se cumpre a palavra de Deus; ele não falha na sua promessa; mas o importante é ter fé e acreditar na sua palavra. Nos últimos 5 minutos, Sílvio fala o tempo todo em voz muito alta e visivelmente exaltado.- Em seguida, Leo convida a agradecer a Deus, o todos se ajoelham. Após pouco tempo, uma mulher sobrepõe a sua voz, agradecendo a Deus que ele enviou a sua palavra e cumpre a sua promessa; outras partes da sua curta oração (1,5 minutos) não consegui entender. Leo encerra o momento, dizendo “Deus seja louvado”, e anuncia como hino de encerramento o coro 5, uma vez que já passou das 21 horas. Em seguida, ele abençoa a irmandade. Enquanto os irmãos e as irmãs se saúdam, a orquestra toca o hino após o encerramento, e devagar a irmandade se dissolve.

Culto no Jandaia na 2ª f, dia 08/09/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs25	3 min
Pausa	19hs28	5 min
Abertura	19hs33	0 min
3 hinos: 56 m. 250 h. 357 h	19hs33	10 min
Oração: (se destacando) m 14. 13	19hs43	11 min
Hino: 37 m	19hs54	3 min
Testemunho 1: 4 min (3). 1. 2. 2: T 14. 5. 10	19hs57	4 min
Testemunho 2: 5 min (4) 1. 1. 2: T 14. 5. 22	20hs01	5 min
Testemunho 3: 3 min 1. 4. 2: T 14. 5. 19	20hs06	3 min
Testemunho 4: 10 min 1. 2. 3: T 1. 7. 14	20hs09	10 min
Avisos: coletas	20hs19	1 min
Hino: 227 m	20hs20	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs23	1 min
A palavra Josué 1	20hs24	2 min

Pregação 34 min T 14. 19. 12	20hs26	34 min
Oração (se destacando) h 14. 13. 12	21hs00	5 min (5)
Hino Encerramento: 402 h	21hs05	4 min
Encerramento	21hs09	1 min

Chego na Congregação às 19 hs 20 min. Logo percebo que o cooperador Leo hoje não está presente; ao decorrer do culto é mencionado que ele está na reunião dos anciãos e cooperadores mensal, no qual ele e o cooperador de jovens e menores vão alternadamente. A igreja está bem cheia, com aproximadamente 130 homens (dos quais 18 músicos) e o mesmo número de mulheres. Após uma pausa mais longa que o comum, sobe ao púlpito um homem pardo de aparência relativamente jovem (entre 40 e 45 anos) e inicia o culto com as palavras “Deus seja louvado”. Já antes do primeiro hino, pede “cantar com toda a força da alma”. Na hora de chamar o terceiro hino, falam tanto um homem como uma mulher; ele dá atenção ao homem.- Após o terceiro hino, ele chama bem-aventurados aqueles que sentem “que o Senhor já está no meio de nós.” Lembra que, se nós procuramos, vamos achar, e quem está preparado, vai sair diferente e transformado deste culto. Ele cita os pedidos de oração que o porteiro lhe entregou no fim do terceiro hino e lembra irmãos doentes de outras irmandades. Fazendo a transição para o momento em que a irmandade procura a face do Senhor em oração, ajoelhada, ele lembra que “pelo clamor, Deus fez muita obra no passado. Deus não mudou, irmãos; quem mudou, fomos nós. Deus não mudou. O seu poder não diminuiu. É o mesmo Deus. A sua palavra é fiel e verdadeira. E ele prometeu que, se nós clamar, veremos a sua glória.” Ele mesmo acrescenta ainda outros pedidos de oração, entre outros, pelo ministério e pelas autoridades. O murmúrio em seguida é bastante alto, e há tanto homens como mulheres que parecem começar a conduzir a oração, gritando em voz alta. Finalmente, uma mulher se impõe gritando bem alto “Eterno Deus” e continuando a gritar, em voz bem alta e quase histérica. Os homens acompanham a sua oração com um murmúrio bem alto, que não me possibilita ouvir o que ela ora. Após 2 minutos, o próprio dirigente do culto começa a orar também pelo microfone, com frases curtas; após 3 minutos e meio, ele ora alto e em línguas, se sobrepondo, por causa do microfone pelo qual fala, à voz da mulher que continua gritando o que pode. Somente quando a mulher volta a pedir a palavra (“a palavra é tudo para nós”), ele se cala, para, após o fim da oração da mulher, continuar orando por mais um minuto em línguas. Após o hino, ele, introduzindo o momento da testemunhança, apresenta três jovens que vieram com ele e trabalham com jovens e menores na ilha do Sambaiatuba. Convidando para testemunhar, ele olha para eles e pede “não perder tempo”. De fato, os três que vieram com ele, nesta noite, serão os únicos, além do próprio dirigente do culto, a dar o

seu testemunho. Os três testemunham milagres que Deus fez no grupo de jovens e menores. O primeiro, um homem jovem e negro vestido de terno marrom velho, camisa vermelha e gravata, fala de um menor de apenas 11 anos que estava com um tumor no ouvido que era diagnosticado como maligno. Todo o grupo de jovens e menores orou muito por ele e apresentou seu caso também no culto da noite diante do Senhor, e no dia da operação o médico levou um susto, porque “a mão do Senhor foi primeiro” e já não havia mais tumor maligno nenhum; ele tinha-se transformado numa simples inflamação. Lucas foi batizado posteriormente e está louvando o Senhor na Congregação. A própria testemunha agradece ao Senhor porque morava num barracão simples numa área onde o governo vai construir uma rodovia, e este lhe deu uma casa digna onde mora hoje.- Em seguida, o dirigente do culto já avisa que Miguel e Paulo, que vieram com ele, vão testemunhar. A segunda testemunha, um jovem branco e alto, vestido de terno escuro, camisa branca e gravata, fala de um milagre que aconteceu quando “o servo de Deus” (falando estas palavras, olha para o dirigente do culto; não fica claro se é a ele a quem está se referindo como “servo de Deus”) visitou e ungiu um enfermo com câncer, e acrescenta que ele sente com muita força a presença do mesmo Deus nesta noite e nesta casa de oração.- A terceira testemunha, introduzida pelo dirigente do culto como “auxiliar no Sambaiatuba”, homem jovem pardo de terno escuro, camisa e gravata, também fala de um milagre que Deus fez pelo servo de Deus na casa de uma moça do grupo de jovens e menores que estava tão depressiva que já não se estava mais aguentando. O diabo tinha que sair porque “Deus não pede licença” e visita e liberta quem quer.- Como última testemunha, o próprio dirigente dá o seu testemunho e conta o caso do seu irmão estava na vida da droga. Um ancião foi chamado do qual o irmão zombou, mas que olhou para ele dizendo que nem 50 tiros iriam matá-lo, porque Deus ia fazer ainda uma obra na sua vida. Na mesma noite, dois rapazes bateram na sua porta, o sequestraram e deram 8 tiros a queimadura, mas ele sobreviveu. Ele se converteu, e a irmandade o ajudou a refazer a sua vida. Os dois matadores com mais um vieram procurá-lo mais uma vez, mas voltaram sem fazer-lhe mal.- Em seguida, conta ainda um milagre que Deus fez num enfermo enquanto o próprio dirigente do culto estava ungindo-o, curando-o de um tumor maligno.

Em seguida, ele dá rapidamente os avisos, que consistem mais na alerta de colaboração na coleta, que “também é uma forma de louvar a Deus.” Em seguida, é chamado o hino da acolhida da palavra. Nesta ocasião, o dirigente pede à mulher cujo pedido no 3º hino não foi atendido, a repetir o seu pedido. O dirigente olha para os bancos ao lado do púlpito, do lado dos homens, e chama também integrantes da orquestra, mas todos declinam. Assim, ele

mesmo toma a Bíblia no púlpito nas mãos e anuncia a leitura: o primeiro capítulo do livro de Josué.

Ele lê a leitura com voz extremamente baixa, como também o cooperador Sílvio o fez, no último culto. A pregação de 34 minutos em seguida, ao contrário, é feita aos altos gritos praticamente o tempo todo, assim que sua voz sai pelos auto-falantes bastante distorcida. Pelos olhares que dei, não fui o único cujos ouvidos logo doeram. Aos berros, o dirigente alerta para não desanimar, mas para levantar e se animar, porque Deus vence o inimigo que está na nossa frente, e o diabo já vai embora, porque Deus não pede licença a ninguém. Constantemente, o pregador altera entre a situação de Josué na Bíblia e a situação do irmão e da irmã que congregou hoje, e o milagre que Deus realizou na vida de Josué e que Deus realiza hoje na vida do irmão e da irmã da obra de Deus. Repetindo muitas vezes as mesmas frases curtas (“O diabo já foi embora! O diabo já foi embora! O diabo já foi embora! O diabo já foi embora!”); fica ambígua a referência: o diabo, pela doutrina, não pode estar presente na casa de oração; é o diabo presente na casa? No serviço? Ou na casa de oração mesmo?), o dirigente martela os ouvidos, e quase obriga a irmandade a confirmar o poder e a eficácia de sua palavra, ao sair do púlpito e colocar o dedo em direção do rosto das pessoas, exigindo a confirmação que a depressão já foi embora, que o diabo já foi embora, que Deus já libertou. A maioria da irmandade acompanha a pregação com murmúrios e “glórias”; a mesma mulher que em outro culto também já se exaltou, repete freneticamente “glória a Jesus! glória ao poder de Deus!”- Eu lembro da advertência do cooperador Leo em outro culto sobre uma oração que “estava totalmente fora da doutrina”, e me parece que, do lado dos homens, um e outro está incomodado com o andamento da pregação e do culto. A gritaria, a constante repetição, o volume alto, a voz distorcida e a pregação aos berros geram em mim uma resistência estética.- Ao terminar a pregação, o dirigente não deixa a oração final livre, mas chama o cooperador de jovens e menores – aquele que deu o primeiro testemunho -, para fazer a oração de agradecimento, e este, subindo ao púlpito e falando pelo microfone ao lado deste, reservado para uso do dirigente quando está ajoelhado, inicia com uma longa série de “glórias” com forte trêmulo na voz, indicando um certo êxtase, e em seguida grita muito, assim que a voz fica completamente distorcida. O dirigente fala mais uns momentos em línguas e termina o momento dizendo “Deus seja louvado”, a irmandade respondendo: “Amém.” Chama-se o último hino. A partir da segunda estrofe, o dirigente do culto começa a gritar as frases que mais repetiu durante sua pregação, enquanto a irmandade canta – algo que nunca vi antes em culto nenhum. De novo, sinto o distúrbio estético entre a melodia serena e a música da orquestra de um lado e os berros em altos decibéis do dirigente do culto.

Emendando seus gritos com a bênção, o dirigente finaliza o culto, pedindo ao encarregado da orquestra tocando o hino após o encerramento. Saindo do banco, percebo que muitos estão formando pequenos grupos, conversando animadamente e sorrindo. O dirigente parece ter alcançado o seu objetivo: tirar o desânimo e dar novo ânimo à irmandade.

Comentários:

- Como em nenhum outro culto, senti que foi descarregado um “pacote fechado” sobre a comunidade, tirando-lhe quase todos os momentos de se manifestar espontaneamente (testemunhos e oração de agradecimento).
- Os testemunhos já estavam em plena harmonia com aquilo que viria ser a pregação do dirigente de culto: os milagres de Deus não perderam nada da sua força e continuam acontecendo onde a Congregação ora e clama com força e fé, Deus cumprindo assim a sua promessa.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 11/09/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs28	4 min
Pausa	19hs32	1 min
Abertura	19hs33	0 min
3 hinos: 130 m, 142 m, 300 h	19hs33	11 min
Oração: (se destacando) porteiro, 1, 4, 4, T 14, 22, 13	19hs44	7 min (4)
Hino: 119 m	19hs51	5 min
Testemunho 1: 2 min, 1, 4, 4, T 18, 3 (encarregado orquestra)	19hs56	4 min
Testemunho 2: 2 min, 2, 1, 3, T 11, 2, 12	20hs00	4 min
Testemunho 3: 10 min, 1, 1, 3, T 14, 22, 15	20hs04	10 min
Avisos: Batismos e coleta	20hs14	6 min
Hino: 108 h	20hs20	4 min
Acolhida palavra; procura do pregador	20hs24	1 min
A palavra: 2 Cor 5,1-10	20hs25	3 min
Pregação: 3ª testemunha: 1, 1, 3, T 14, 11, 19, 1, 4	20hs28	5 min
Oração (se destacando) Coop Leo 1, 1, 3, T 14, 16, 23	21hs03	5 min (5)
Hino Encerramento: Coro 5 h (Leo)	21hs08	1 min
Encerramento	21hs09	1 min

Quando chego à casa de oração, às 19hs 25 min, há menos que 20 homens e menos que 20 mulheres na igreja. O cooperador Leo já se encontra no seu lugar, o cooperador de jovens e menores, Sílvio, vem logo atrás de mim. Na minha frente, duas mulheres negras ajudam outra mulher negra com a perna engessada a entrar na igreja; o porteiro, um homem negro e baixo, as recebe com um sorriso aberto e aperto de mãos.- Neste dia, de maior calor, há vários homens na igreja sem jaqueta. Com exceção de um jovem branco e alto que está de terno e

gravata, atravessando a igreja com a bolsa preta em baixo do braço e as mãos no bolso, os jovens e menores estão vestidos de camisa e calça social (poucos com jeans), porém, sem terno ou jaqueta. Alguns têm corte de cabelo tipo Ronaldinho. Nesta noite, eles não formam “enclaves” ostentando desinteresse no culto.- A organista (branca, de véu, cabelo longo, com menos que 20 anos) está vestida de camiseta marrom (tipo T-Shirt) com manga curta e saia jeans. A manga curta chama minha atenção, e percebo que mais que a metade das mulheres está de manga curta. A jovem alta e branca que no culto passado estava de vestido amarelo-laranja brilhante, hoje vem de vestido azul, também brilhante. Como no culto passado, ela, numa certa altura do culto, troca de banco.- Os músicos todos estão de terno e gravata; somente um não está vestido com um terno de conjunto (calça e jaqueta da mesma cor), mas com jaqueta de cor diferente da calça.

Quando inicia o culto, já conto 30 homens (dos quais 6 músicos) e o mesmo número de mulheres; ao longo do culto, o número chega a aproximadamente 45 de ambos os lados. Leo sobe ao púlpito e inicia o culto com as palavras “Deus seja louvado”; todos se levantam e respondem “Amém.” Logo em seguida, são chamados os primeiros três hinos. Durante o último hino, o porteiro traz o papel com os pedidos ao púlpito. Introduzindo o momento de oração, Leo lê os pedidos (por enfermidades, por tribulações, por causas, por viagens, por famílias e por testemunhados) e lembra que temos que orar muito também pelas famílias, e deixa claro que este momento de oração agora é para pedir o Espírito Santo para o ministério, para a administração, para o bom andamento do culto, e pedir que Deus envie sua santa palavra. Todos se ajoelham. Quem se destaca logo na oração é um homem moreno de aproximadamente 60 anos que em muitos outros cultos recebeu a irmandade como porteiro. Ele, que já em outras orações mostrou que fala em línguas, faz uma oração de louvor a Deus, criador do céu e da terra, e que continua sua obra e presente na vida dos seus escolhidos. Ele pede que Deus “tome o nosso coração”, que aqueles que ainda não foram selados na promessa do Espírito Santo, a recebam nesta noite, e ora que Deus envie a sua palavra e que o Espírito Santo ilumine o pregador. Como na oração que fez em outro culto, ele tem a cabeça levemente inclinada para o lado esquerdo e gesticula com a mão esquerda. Leo encerra o momento com outro “Deus seja louvado”, a que a irmandade responde “Amém”. A comunidade se levanta e assenta, canta-se outro hino, e Leo convida a irmandade para a testemunhança, lembrando a importância cumprir os compromissos assumidos diante do Senhor: pagar os votos e transmitir as saudações de outras irmandades. Após 2 minutos de silêncio, o encarregado da orquestra, um homem pardo com mais que 60 anos e de cabelo branco, vestido de terno velho, camisa social e gravata, vai ao microfone e anuncia que está

pagando um voto que fez na semana passada, quando prometeu louvar a Deus na irmandade se achasse um documento que precisava urgentemente levar à prefeitura; logo em seguida realmente o achou num pacote de papéis que tinha revisado várias vezes sem achá-lo. Em seguida, transmite ainda as saudações de uma irmandade que visitou (2 min).- A segunda testemunha é uma mulher branca de aproximadamente 35 anos, com um vestido vermelho e branco de manga curta, que louva a Deus porque uma colega com quem trabalha numa empresa onde sofrem chacotas dos colegas por serem servas de Deus, foi ameaçada de demissão duas vezes. Mas a testemunha recebeu uma revelação de Deus que a porta não seria fechada para a colega. Mesmo assim, a colega foi demitida, duvidando como poderia acontecer isso e Deus não fazer a sua obra. As duas vezes, porém, logo em seguida a demissão foi revogada, e as duas continuam trabalhando na empresa, sofrendo perseguições, mas com o apoio do próprio chefe da empresa que deixou bem claro: “Quem manda aqui, sou eu (2 min).” - A terceira testemunha é um homem vestido de terno azul escuro, camisa social e gravata, que se diz filho de uma família crente, mas mesmo assim demorou muito para se batizar, com dificuldade de abandonar o mundo. No ano 1994, porém, ele obedeceu ao chamado, após invocar a Deus, pedir um abraço de Deus e sentir este abraço não fisicamente, mas no seu coração. Antes do batismo nas águas, já tinha sido selado na promessa do Espírito Santo. Passou por dificuldades financeiras e se endividou, envolvendo até seu pai que era fiador. Mas numa certa ocasião, ele conseguiu vender lâmpadas compactas no valor de mais que 160 mil reais em poucas semanas e saldar a dívida.- Em seguida, Leo dá os avisos dos próximos batismos, cita as finalidades das coletas, e avisa que os anciãos decidiram que nas casas de oração ninguém pode receber telefonemas a cobrar. Canta-se mais um hino, e espera-se que Deus envie a sua palavra. Leo se dirige, como de costume, à cadeira, apóia sua mão e procura um pregador primeiro nos bancos que estão de 90° ao púlpito. Depois, gesticula em direção aos músicos e ao homem que deu o terceiro testemunho. Este, de fato, levanta, fecha a sua jaqueta, e sobe ao púlpito para fazer a pregação, enquanto Leo desce e se senta no local de onde saiu no início do culto. O homem lê o capítulo 5 da segunda carta aos Coríntios e inicia a pregação. Ele fala dos inimigos e do diabo que estão no caminho do crente, e que isso é bom, porque senão iríamos fazer as coisas por nossa própria força, sem nos lembrar do Senhor. É porque o caminho é difícil que tem poucos crentes hoje na igreja, ele diz; se fosse fácil, os irmãos e irmãs não caberiam na casa de oração. Olhando para o lado das mulheres, ele chega a dizer “Sofra, sofra, sofra, mas sofra com a força de Deus”, e pede ficar firme como rocha na hora que a ventania bate na casa, ser a coluna, mesmo invisível, mas que sustenta a casa e sem a qual esta cairia, e “ficar no seu lugar”, porque aqui é o lugar da “festa

da alma”. “Estou vendo morte nesta comunidade”, ele diz, e avisa que realmente só o crente vai para o céu, e quem desanima e sai do caminho, irá para o julgamento. “Você não está crendo num Deus que foi crucificado, você está crendo num Deus ressuscitado que está vendo o seu coração.” Ele promete que nesta noite o inimigo vai embora, mas fica durante toda a pregação oscilando entre a promessa que o inimigo vai embora e a morte que ele está vendo na comunidade. Sua pregação de 35 minutos termina somente após as 21 hs. Durante a sua fala fica claro que ele é visitante desta comunidade; ele não afirma que é cooperador, mas menciona que já pregou em Guarulhos, onde encarou, durante a pregação, uma mulher jovem que estava com deboche e perturbando o culto, e neste momento mesmo, ela foi selada na promessa.- Em seguida, Leo convida para a oração de agradecimento, ajoelhados, e logo ele mesmo faz a oração, durante a qual corrige a pregação orando pelo irmão ou pela irmã que está em perigo de perder a liberdade, mas que, se cremos, o inimigo já foi embora, e que a libertação está certa. “Se Deus está por nós, ninguém pode contra nós.” Após o “Deus seja louvado”, o próprio Leo indica o hino final: o coro 5, porque a hora já está avançada. Após a bênção final, os irmãos e irmãs se saúdam, saem do banco, e a comunidade se dissolve, enquanto a orquestra toca o hino instrumental após o encerramento.

Culto de jovens e menores no Jandaia no domingo, dia 14/09/08, 14 hs 30

Hino do silêncio: 375 m (organista)	14:24	3 min
Pausa	14:27	4 min
Abertura	14:31	0 min
3 hinos: 426 h. 444 m. 438 m	14:31	11 min
Oração: (se destacando) (42-46) 1. 2. 2: T 14. 13	14:42	17min
Hino: 428 h	14:59	3 min
Oração meninas: 5: Pai nosso	15:02	3 min
Oração meninos: 6:	15:05	2 min
Recitação meninas: 5	15:07	2 min
Recitação meninos: 6	15:09	2 min
Testemunho 1: 2. 4. 2: T 1. 5. 16 (bebida)	15:11	2 min
Testemunho 2: 2. 4. 2: T 14	15:13	1 min
Avisos	15:14	13 min
Hino: 422 m	15:27	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	15:31	1 min
A palavra: Hebr 10.37	15:32	1 min
Pregação	15:33	20 min
Oração (se destacando)	15:53	6 min (4)
Hino Encerramento: 425 m	15:59	4 min
Encerramento	16:03	1 min

Chego na casa de oração do Jandaia às 14hs05 min. Há somente quatro carros no estacionamento: 2 de Diadema, 1 de São Paulo, e 1 de Belo Horizonte (MG). Quando

estaciono meu carro, sou observado por um grupo de homens que está reunido em torno do bebedouro da casa de oração.-

Entrando na casa de oração, converso com o porteiro ao lado de uma pequeno armário branco no qual são guardados Bíblias e o caderno com o resumo da convenção de 1936, reuniões e ensinamentos, pontos de doutrina da fé, o histórico e mensagens. Me apresento ao porteiro, um homem negro e baixo com aproximadamente 55 a 60 anos, como estudante em Ciências da Religião da Metodista e pergunto compro uma Bíblia. Depois pergunto se posso em outra hora fazer uma entrevista com ele; ele sorri, baixa a cabeça, mas acaba concordando. Procuro um lugar perto da parede (para poder fazer anotações sem chamar muita atenção) na igreja, me ajoelho para oração, e observo as pessoas. Ainda há pouca gente na igreja; conto 10 irmãs e o mesmo número de irmãos: 3 irmãos e 2 irmãs com menos que 15 anos, 3 irmãos e 3 irmãs entre 15 e 30 anos, 2 irmãos e 3 irmãs entre 30 e 60 anos, e 2 irmãos e 2 irmãs acima de 60 anos. Quando o culto começa, às 14hs30, são 20 irmãos e 30 irmãs; meia hora mais tarde, 30 irmãos e 40 irmãs. Dos irmãos, 4 são brancos, 3 negros, e 2 pardos; a cor das irmãs é difícil de avaliar, por causa do véu.- Dos adolescentes que costumo ver no culto da noite, encontro somente alguns.- Às 14hs24, o encarregado da orquestra dá um sinal à mocinha organista, uma jovem morena cuja idade estimo em torno de 12 a 14 anos, e pede a ela escolher o hino de silêncio; ela abre um sorriso e indica o número 375. Após o hino e uma pausa de mais 4 min, sobe ao púlpito um homem de terno marrom, camisa social cor de rosa e gravata vermelha, posteriormente indicado pelo porteiro como irmão do cooperador de jovens e menores, Sílvio. O próprio Sílvio está atendendo um encontro da mocidade (jovens já maiores, na idade de casar ou próximos dela). Ele chama os irmãos e irmãs para ficarem mais perto do púlpito e inicia o culto com as palavras “Deus seja louvado.” Ele pede chamar um hino, e há uns instantes de silêncio; de fato, enquanto nos cultos da irmandade os hinos são chamados rapidamente, os jovens e menores demoram, e o presidente do culto tem que repetir várias vezes o chamado. Todos os hinos são da parte do hinário “Hinos para as reuniões de jovens e menores” (números 401-450).

Os movimentos da irmandade são as mesmas do culto da noite: para o primeiro hino, todos se levantam, e depois sentam; para o momento da oração, todos se ajoelham. Antes, porém, na introdução, o presidente do culto lamenta que a oração está diminuindo na Congregação, que já há somente poucos que são selados com a promessa, e que muitas vezes os e as próprios(as) jovens e menores não querem fazer a oração, mas a deixam para os e as auxiliares, músicos ou a organista, e convida expressamente, olhando para eles e elas, que também são chamados a fazer a oração. Mas de fato, é um dos auxiliares (um jovem negro) que levantará a voz,

orando pelo bom andamento do culto e que Deus envie a sua palavra. Durante a oração, outro jovem branco se ajoelha em frente dos menores, aparentemente para indicar a posição do corpo certa, ou para controlar conversas paralelas. Canta-se mais um hino, e as e os menores são chamadas(os) separadamente para se aproximar do microfone e orar. Elas oram em coro o Pai-Nosso, e eles uma outra oração. O cooperador que fez a oração antes, indica as palavras que o grupo dos meninos vai falar depois em coro. Em seguida, primeiro as meninas pequenas e depois as moças maiores e em seguido os meninos recitam a Bíblia, lendo versículos que lhes foram entregues pelo auxiliar pouco antes. Em seguida, o presidente do culto convida para a testemunhança, e duas jovens dão breve testemunho, uma morena pedindo que um parente seja libertado da bebida (neste momento ela chora), como Deus já libertou outro parente de uma doença na sua casa, e outra agradecendo por ter sido chamada nesta graça. No momento dos avisos, o presidente do culto aproveita para perguntar os meninos e as meninas quem já sabe orar o Pai-Nosso de cor. Somente um menino levanta a mão, e ora sozinho de cor, recebendo elogios do presidente. Este, em seguida, alerta sobre a importância de orar e conta a história de um menino que pediu uma laranja ao pai, que não tinha dinheiro para comprá-la e falou ao menino orar para que Deus providenciasse a laranja. O menino se ajoelhou para um momento num canto do quarto e voltou, pedindo que o pai lhe desse agora a laranja. Este advertiu que era preciso ter paciência para Deus providenciar. Neste instante, um caminhão e uma caminhonete pararam diretamente em frente da casa, e os motoristas começaram a discutir. O problema era que o caminhão estava acima do peso permitido, e logo em seguida haveria uma balança. Os motoristas decidiram, portanto, redistribuir uma parte do peso para a caminhonete. Ao levantar a lona, viu-se que o caminhão estava carregado de laranjas. Durante o trabalho, muitas laranjas caíram no quintal da família, e assim Deus providenciou o que o menino tinha pedido. Duas vezes, o presidente perguntou, em seguida: “Vocês acreditam?”, e assegurou que Deus cumpre a sua promessa.

Canta-se mais um hino, e espera-se que Deus envie a sua palavra. O presidente convida os auxiliares, que declinam, e ele mesmo faz a leitura: somente um versículo da carta aos Hebreus (Hebr 10,37). Como no culto à noite, todos respondem no fim da leitura (“somente até aqui”): “Amém.” A pregação de 20 minutos em seguida não se dirige às crianças, mas a adultos: lembra que muitos procuram a casa de oração não por motivos espirituais, mas materiais: para pedir casa, carro novo, etc. O importante, porém, não são as coisas materiais, mas espirituais. Em seguida, porém, ele mesmo anuncia prosperidade: promete que Deus vai movimentar este bairro, que Deus vai transformar esta cidade, que vão chegar eletricidade e asfalto, sempre ressaltando que Deus já está “movimentando” e “trabalhando.” Afirma que

Deus vai fazer movimento “na sua vida”, e passa, do púlpito, o dedo de rosto em rosto das pessoas. Depois diz: mas Deus faz hoje uma pergunta a você. Será que você vai estar aqui, nesta casa de oração ainda, depois de eu fazer isso por você? Você vai ser fiel? Eu vou te encontrar nesta casa depois de ter transformado a sua vida? Enquanto a pregação fica mais fervorosa e a voz se levanta, ele insere pequenas falas de língua (como “shamalaia” e outras expressões que também outros que oram em línguas já usaram).

Em seguida, ele convida a irmandade para louvar a Deus em oração. Todos se ajoelham, oram em murmúrio, e ele mesmo faz a oração, recheada de glossolalia. Ele encerra o momento com as palavras “Deus seja louvado”, às quais todos respondem: “Amém” e se levantam. Canta-se mais um hino, o presidente alerta mais uma vez sobre a necessidade de orar, e abençoa a irmandade. Enquanto alguns saem logo do banco, outros conversam mais um pouco, e aos poucos, a irmandade se dissolve.

Nos fundos, converso com algumas pessoas que passam e combino com mais um casal e um auxiliar do grupo de jovens e menores uma entrevista. A irmandade tem uma certa pressa, porém, porque em duas horas e meia já vai começar o culto da noite, e todos querem voltar ainda para casa.

Culto no Jandaia no domingo, dia 14/09/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs26	2 min
Pausa	19hs28	3 min
Abertura	19hs31	0 min
3 hinos: 48 m. 290 h. 302 h	19hs31	11 min
Oração: (se destacando) Intro 2. T 14. 13	19hs42	7 min (2)
Hino: 5 m	19hs49	5 min
Testemunho 1: 3 min pausa: T 14. 1	19hs54	13 min
Testemunho 2: 2 min pausa: T 15. 14	20hs07	7 min
Avisos: Batismos	20hs14	3 min
Hino: 358 m	20hs17	2 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs20	1 min
A palavra: Salmo 3	20hs21	2 min
Pregação T 14. 1. 19. 13. 18	20hs23	26 min
Oração (se destacando)	20hs49	5 min (5)
Hino Encerramento: 40 m	20hs54	4 min
Encerramento	20hs58	1 min

Chego na casa de oração às 18 hs 25. Há ainda muitas vagas no estacionamento. Conto, no início do culto, 25 homens e 30 mulheres; meia hora depois, serão 50 mulheres e 40 homens, sendo seis brancos, quatro negros e trinta pardos, 5 com menos que 15 anos, 7 entre 15 e 30 anos, 22 entre 30 e 60, e 5 com mais que 60 anos, e doze sendo músicos. Me parece que o auxiliar de jovens e menores com quem marquei uma entrevista está tocando violino. O

murmúrio está bem baixo; Leo e Sílvio já estão sentados, lado ao lado, no primeiro banco ao lado (90°) do púlpito. Vou sentar num dos últimos bancos, perto da parede, para poder fazer minhas anotações de maneira despercebida.

Após o hino de silêncio e uma pausa, Leo se levanta e sobe ao púlpito, iniciando o culto com as palavras: “Deus seja louvado”. Todos se levantam e respondem: “Amém”. É chamado o primeiro hino; depois todos sentam, e são chamados mais dois hinos. Durante o último hino, o porteiro da porta dos fundos atravessa a igreja e entrega os pedidos de oração a Leo, que as lê (por enfermos, tribulações, causas, famílias e testemunhados). Em seguida, Leo convida a orar pelo bom andamento do culto e pelo envio da palavra e procurar a face do Senhor em oração. Todos se ajoelham. Após três minutos de murmúrio, uma mulher levanta a voz e ora pelos pedidos da irmandade, o andamento do culto e o envio da palavra. A irmandade responde: “Amém.” Após mais uns instantes de murmúrio, Leo fala pelo microfone ao lado do púlpito: “Deus seja louvado!”, ao qual todos respondem: “Amém!”, e se levantam. Chama-se mais um hino, e Leo convida para a testemunhança. Após três minutos sem ninguém se aproximar do microfone, Leo reclama do desânimo e pede contar mesmo “pequenos milagres”, porque não estamos “num velório”, mas numa “festa em louvor a Deus”, fazendo “barulho, mas louvando a Deus.” Logo em seguida, um porteiro pardo com pouco mais de trinta anos, vestido de terno escuro, camisa social e gravata, que já tinha atravessado a igreja para testemunhar, conta, durante dez minutos, a história da sua conversão. Ele lembra a resistência da sua esposa, por ele já ter sido batizado crente, mas não na CCB. Ele sonhou que num aeroporto ele entrou como último passageiro após repetidas “última chamada” e, na hora do Batismo da CCB, entendeu que este batismo era a “última chamada” para ele. Naquela ocasião, seguindo seu exemplo, outros familiares também se batizaram como em cadeia.- Quando ninguém mais se prontifica para testemunhar, o próprio Leo conta uma história que já relatou também em outro culto e que aconteceu muitos anos atrás: numa fazenda existia uma casa de oração e também uma fábrica de pinga que um irmão comprou. O negócio não foi para frente, e o irmão se endividou. Ele sonhou com um passarinho que deixou cair uma caneta na sua direção. No dia seguinte, veio um cunhado dele dizendo que iria pagar toda dívida dele, se ele deixasse de ser crente. Aquele cunhado estava com uma caneta igualmente à do sonho. O irmão negou, mas de fato o cunhado já tinha pago a dívida.- Deus se desagradou daquela fábrica porque tinha uma casa de oração na fazenda, e mandou um fogo que quase a destruiu. O irmão pediu em oração, e Deus mudou o vento. Poucos dias depois, porém, houve uma enchente que levou toda instalação da fábrica de cachaça embora.- Pouco tempo depois, porém, o irmão da CCB

se endividou de novo. Avisado em sonho por Deus que até o fim do ano seria quitada toda a sua dívida, começou a falar isso às pessoas. Sua esposa o considerou louco por causa disso, porque não tinha como pagar aquela dívida. Logo em seguida, porém, um parente do irmão da CCB faleceu, deixando uma imensa herança para ele, e com esta, ele realmente conseguiu quitar a dívida. Assim, Deus providencia para os seus o necessário.

Em seguida, Leo dá os avisos sobre os próximos batismos. Canta-se mais um hino. Leo, como de costume, se dirige à cadeira atrás do púlpito, apóia a mão nela e convida o cooperador de jovens e menores que declina, assim como os outros irmãos que Leo chama com gestos da mão direita. Leo passa a mão na cabeça e no rosto e acaba se dirigindo ele mesmo ao púlpito, para fazer a leitura: o salmo 3. Na sua pregação de 26 minutos que se segue, Leo fala que Deus planeja a cidade como um arquiteto (semelhante à pregação no culto de jovens e menores à tarde), e que prevê assim melhorias também para os bairros carentes próximos da casa de oração: “Jesus Cristo é o dono desta cidade”, “esta cidade será construída.” É porque crê num Deus presente e que age, e não num Deus pendurado na parede ou no peito, que só o crente se salva, porque ele crê e obedece à palavra, e só quem faz isso, será salvo.- Em seguida, lembra conflitos em família, tanto entre o casal como entre pais e filhos (como no Salmo 3: o pai Davi perseguido pelo próprio filho Absalão que quer tomar seu reino). Se dirigindo mais às irmãs (“viu, irmã”), Leo ressalta que não se pode seguir as vozes que aconselham se separar do marido, porque Deus não quer a divisão, mas a união. Deus não quer que nós desmanchamos o que ele construiu, mesmo se é preciso ter muita paciência. Sobre problemas na casa e na família, não se conversa com ninguém, somente com Deus. “Fique quieta! Fique quieta! Você não é serva de Deus?” A irmã e o irmão fazem nada apressado, mas tudo na paz de Deus. Igualmente não podem os filhos desprezar os pais que já estão velhos, porque eles “são servos de Deus”. Quem faz uma destas duas coisas, “está fora da doutrina”, “fora da palavra de Deus”, e não tem salvação. Estas tentações e também as perseguições que o crente sofre, vêm do diabo, e Deus vai mandar o diabo “hoje à noite embora da sua casa”, porque nossa luta não é contra isso e aquilo, mas contra o diabo que provoca estas coisas, e o Espírito de Deus está conosco, e diante deste Espírito, o diabo tem que ceder, e “Deus nos guarda.” Leo insiste: “Não sai do abrigo. Não sai desta casa”

Em seguida, Leo convida a louvar e agradecer a Deus em oração. Todos se ajoelham, e logo em seguida um homem sentado nos primeiros bancos agradece a Deus pelo culto e pelo envio da palavra, pedindo a bênção de Deus. A comunidade responde “Amém!”, há mais um murmúrio, e Leo encerra o momento de oração com as palavras “Deus seja louvado.” Chama-

se o hino de encerramento, e Leo pede que Deus abençoe a irmandade. Enquanto a orquestra toca o hino após o encerramento, os irmãos entre si e as irmãs entre si trocam o ósculo e, aos poucos, saem dos bancos.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 18/09/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs28	3 min
Pausa	19hs31	3 min
Abertura	19hs34	0 min
3 hinos: 86 m. 346 h. 269 h	19hs34	12 min
Oração: (se destacando) Intro 1 min. 1. 4. 3 (porteiro)	19hs46	10 min
Hino: 223 m	19hs56	4 min
Testemunho 1: 1. 4. 3 (visit Montes Claros MG, terno pr) T 5.	20hs00	11 min
Testemunho 2: 1. 1. 3 (terno claro) T 21 (idolatria). 14	20hs11	3 min
Testemunho 3: 2. 4. 3 (saia e blusa) T 5. 12. 14	20hs14	2 min
Avisos: Batismos e coletas: ensaio música dom que vem	20hs16	2 min
Hino: 200 m	20hs18	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador: Sílvio	20hs22	2 min
A palavra: Apc 3. 1-6	20hs24	3 min
Pregação T 21. 13. 14. 22. 19	20hs27	28 min
Oração (se destacando) 1	20hs55	5 min (4)
Hino Encerramento: 328	21hs00	4 min
Encerramento	21hs04	1 min

Chego na casa de oração às 19hs25min. Como de costume nas 5ªs feiras, ainda há vagas no estacionamento. É uma noite fria, e há poucas pessoas conversando no pátio; ao entrar na igreja, passo por uma senhora que faz os pedidos de oração ao porteiro, com mais duas esperando a sua vez. Procuro um banco na parte de trás da igreja e me ajoelho. Conto as pessoas presentes; no momento há 35 irmãos e 30 irmãs (mais tarde serão 62 irmãos, dos quais 10 músicos e 55 irmãs). Às 19hs25 a orquestra começa tocar o hino de silêncio. Após uma pausa de três minutos, Leo sobe ao púlpito e inicia o culto, como de costume. Chama-se os primeiros três hinos. Durante o último, o porteiro atravessa a igreja, levando os pedidos de oração ao púlpito; após uma breve conversa com Leo, que se abaixa para receber o papel e ouvir o irmão, ele volta aos fundos. Leo lê os pedidos, pede oração para o bom andamento do culto, todo o ministério e a administração local, e convida a se ajoelhar para procurar a face do Senhor em oração. Um irmão que é um dos porteiros da irmandade, pardo e com aproximadamente 55 a 60 anos, faz a oração após um murmúrio de uns três minutos; ele ora bastante (6 minutos), pede que Deus visita o coração de cada um nesta noite e envie a sua palavra. A irmandade ora mais uns instantes, e Leo encerra o momento com as palavras: “Deus seja louvado”, às quais a irmandade responde: “Amém.” Todos se levantam, canta-se mais um hino, e Leo convida para a testemunhança. A primeira testemunha é um homem pardo de uns 50 anos, vestido de terno preto, vindo de Montes Claros MG, que está visitando a comunidade. Ele fala da vida precária no lugar onde mora, e como as crianças pediram a ele

bolacha recheada, e ele sem condições de comprar. Mas Deus mandou a libertação por uma irmã que trouxe bolacha recheada naquele dia. Durante vários minutos, conta ainda outra história sobre uma moeda que iria colocar na coleta, hesitou, e como Deus fez uma obra, porque justamente o valor desta moeda faltou no pagamento de uma conta.- A segunda testemunha, um homem branco de 40 anos, vestido de terno claro, fala em 3 minutos do tempo em que ele servia à idolatria (como católico, porque fala de procissões), como ele se converteu, e como se sente bem hoje na Congregação.- A terceira testemunha é uma mulher parda de uns 45 anos, vestida de saia e blusa, que fala da cura de uma doença (seu testemunha era difícil de entender). Após mais uns minutos, Leo dá os avisos (batismos e ensaio de música no domingo seguinte). A comunidade canta mais um hino e espera que Deus envie a sua palavra. Como de costume, Leo dá uns passos em direção aos bancos dos homens, apóia a mão na cadeira ao lado de púlpito, e chama Sílvio, o cooperador de jovens e menores, com palavras, sorrisos e gestos com a mão; nesta noite, Sílvio se levanta, sobe ao púlpito e, após um momento de recolhimento e oração, anuncia a leitura do livro de Apocalipse 3, 1-6. Na sua pregação, ele alerta a comunidade para vigiar e não cair nos velhos costumes do pecado, mas se guiar sempre pela palavra, porque Deus fala por ela hoje ainda na sua obra e cumpre a sua palavra. Deus vai dar um basta e mandar o diabo embora. Sílvio lembra que não adianta nada procurar na Congregação e na oração somente bens materiais, porque aqui o importante é a salvação da alma: “Senhor, tem piedade de mim” (com ênfase). Sua voz às vezes mostra trêmulos típicos, seguidos de invocações como “Glória ao Senhor” e “Aleluia”.- No fim da pregação, ele convida a se ajoelhar para agradecer a Deus. Um homem logo levanta a voz e faz a oração de agradecimento (4 minutos). Todos se levantam, e canta-se o hino final. Após a bênção de Leo, todos arrumam suas coisas, se dão o ósculo e saem dos bancos, enquanto a orquestra toca o hino de silêncio.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 25/09/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs26	3 min
Pausa	19hs29	7 min
Abertura	19hs36	0 min
3 hinos: 312 m. 58 h. 227 m	19hs36	10 min
Oração: (se destacando) Intro 2. h (48-53)	19hs46	8 min
Hino: 57 h	19hs54	3 min
Testemunho 1: 2. 1. 2: T: 3. 14. 5: blusa de lã azul escuro	19hs57	4 min
Testemunho 2: 1. 4. 3: T: 5	20hs01	5 min
Testemunho 3: 2. 4. 4: T: 6	20hs06	4 min (2)
Avisos	20hs10	4 min
Hino: 388 m	20hs14	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs17	2 min

A palavra: Josué 1.1-9	20hs19	3 min
Pregação: T 14. 13. 12. 11.	20hs22	30 min
Oração (se destacando) 1	20hs52	4 min
Hino Encerramento:	20hs56	3 min
Encerramento	20hs59	1 min

Chego às 19hs23 na casa de oração do Jandaia. Com facilidade estaciono o carro no estacionamento onde há ainda muitas vagas. Ao entrar na igreja, vejo jovens transitando pela porta lateral. Irmão Leo já está no seu lugar. Hoje à noite, o murmúrio não está alto. Logo em seguida, a orquestra toca o hino de silêncio; há uma pausa de quatro minutos, e às 19hs36 Leo sobe para iniciar o culto. Chama-se três hinos, e em seguida Leo lê os pedidos de oração que o porteiro trouxe durante o terceiro hino. A comunidade se ajoelha para entrar em comunhão com seu Deus; logo em seguida, um homem levanta sua voz e faz a oração pedindo que Deus abençoe o culto e envie sua palavra. Canta-se mais um hino, e Leo convida para a testemunhança. A primeira testemunha é uma mulher branca jovem, vestida de blusa de lã azul escuro, que agradece a Deus por estar na Congregação e ter recebido a promessa que toda sua casa também faria parte desta graça. Em seguida, um homem pardo de aproximadamente 50 a 60 anos, que sempre está no culto e muitas vezes está no cargo do porteiro, conta o caso de um homem que ele via todo dia beber no bar, da manhã até à noite. Ele o convidou para participar da Congregação, mas ele negou. Meses depois, porém, ele começou a congregar, ele e toda a sua família, e foram salvos. O homem acabou morrendo de cirrose, tempos depois, mas morreu como servo de Deus.- A última a testemunhar é uma mulher parda de uns 60 anos, que sofreu um acidente – foi atropelada por um carro, dirigido por um jovem irresponsável - e quebrou o pé, mas agradece a Deus porque nada de pior aconteceu, uma vez que faltou pouco e ela poderia ter morrido.

Canta-se mais um hino, e chega o momento de Deus enviar sua palavra. Leo, como de costume, dirige-se ao lado dos homens e apóia uma mão na cadeira ao lado do púlpito, enquanto a outra chama homens selecionados por gestos. Um homem branco de uns 45 anos, vestido de terno escuro, camisa social e gravata, se levanta e sobe ao púlpito. Ele é visitante e anuncia uma leitura que o cooperador Sílvio fez poucos cultos atrás: o primeiro capítulo do livro de Josué. Ele reflete do desânimo do povo de Deus após a morte de Josué e chama a irmandade a não animar, porque “Deus vai fazer uma obra na sua vida hoje à noite”.

Constantemente, ele varia sua fala sobre Deus em terceira pessoa (“Deus vai...”) e primeira pessoa, o “eu divino”: “eu vou aparecer no teu caminho, eu vou aparecer na tua casa”. Há muita guerra, há muita gente fuxicando no ouvido para desanimar, mas Deus está com seu povo escolhido e vai dar hoje um basta ao inimigo. O orador promete a bênção de Deus para

esta noite, bênção tanto material como espiritual. Constantemente ele fala “né, irmão, né, irmã”, expressão que quase nunca se escuta na pregação. “Deus está vendo a sua bondade”, e ele vai dar o necessário na tua vida: você não precisa fazer nada, só vigia, Deus vai agir em seu favor. Assim como Deus falou diretamente com Moisés e com Josué, assim Deus fala diretamente com você hoje à noite.- Na oração em seguida, um homem levanta a sua voz, e com bastante tranquilidade, sem alterar a sua voz como acontece frequentemente, faz a sua oração de agradecimento. Canta-se o último hino, Leo abençoa a comunidade, e os irmãos e irmãs se dão o ósculo e saem dos bancos.

Culto no Jandaia na 2ª f, dia 29/09/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs27	3 min
Pausa	19hs30	6 min
Abertura	19hs36	0 min
3 hinos: 91 m. 323 h. 233 h	19hs36	11 min
Oração: (se destacando) 1: (53-59)	19hs47	9 min (6)
Hino: 40 m	19hs56	5 min
Testemunho 1: 1. 2. 3: T 5. 1. 2: terno escuro. camisa e gravata	20hs01	48 min
Testemunho 2: 1. 4. 3: T 3. 1. 5. 9. 8	20hs49	9 min
Avisos	20hs58	1 min
Hino: 290 m	20hs59	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador	21hs02	3 min
A palavra: cooperador da Bahia (=testemunha 1): Atos 12.1-8	21hs05	3 min
Pregação: cooperador da Bahia (=testemunha 1) T 14. 13. 12	21hs08	13 min
Oração (se destacando) 1: (21-25)	21hs21	4 min (4)
Hino Encerramento: C1	21hs25	1 min
Encerramento	21hs26	1 min

Chego às 19 hs 25 na casa de oração do Jandaia. O estacionamento já está muito cheio, como de costume nas 2ªs feiras, e uma vez que há uma fila de carros para entrar, estaciono o carro fora do estacionamento. Quando me aproximo da entrada da igreja, vejo vários grupos, homens e mulheres se misturando, conversando e sorrindo de maneira descontraída. Ao entrar, a orquestra já começa a tocar o hino de silêncio. Vou sentando num dos últimos bancos para fazer com tranquilidade minhas anotações. Percebo que ao lado do cooperador Leo já estão sentados dois homens. Após uma pausa mais longa que o comum (6 minutos), um homem moreno, de terno marrom escuro, camisa social e gravata, sobe ao púlpito para iniciar o culto. Ele é ancião da Congregação perto da Chapada Diamantina, no limite entre Minas Gerais e Bahia; ele viajou com um irmão cooperador da região. Como de costume, ele abre o culto com as palavras “Deus seja louvado” e em seguida, “Iniciemos este santo culto em nome do Senhor Jesus”, a irmandade respondendo as duas vezes “Amém”. Em seguida, são chamados três hinos. O momento de oração em seguida começa com um murmúrio bastante

alto, como de costume nas 2^{as} feiras; em seguida, um homem faz uma oração de pedidos de uns 6 minutos. Não consigo, porém, entender boa parte de sua oração, porque outros homens e também mulheres oram também em voz muito alta. É um momento em que a emoção está claramente em alta. Canta-se outro hino, e o presidente do culto convida à testemunhança.- Quem levanta é o irmão cooperador, um homem alto e negro, com quem ele veio do sul da Bahia para cá. Durante 45 minutos ele conta histórias a respeito de viagens que fez, viagens sempre reveladas por Deus, inclusive para uma igreja da Congregação no Rio de Janeiro, Belford Roxo, que tem cor azul, diferente do padrão onipresente da cor cinza das igrejas da Congregação. Para todas estas viagens faltava dinheiro, e ele sempre ganhou carona ou recebeu o dinheiro necessário espontaneamente, sem que nada fosse humanamente planejado.- A segunda testemunha é o próprio celebrante do culto. Também ele fala de viagens e situações de famílias (inclusive da própria): situações onde faltava uma máquina de costura para uma mulher (veja atribuição de gênero), pão numa casa, e saúde (cura de uma irmã que estava doente) – situações bem menos extraordinárias e mais próximas do dia-a-dia da irmandade presente, portanto.-

Os avisos são omitidos nesta noite. Uma vez que já são 21 hs (hora em que o culto deveria estar terminando, e nem se leu a palavra de Deus ainda), canta-se um hino, e a irmandade espera que Deus envie a sua palavra. Após uns momentos em que as visitas e os cooperadores da irmandade do Jandaia se entreolham e gesticulam entre si, o homem negro que deu o primeiro testemunho sobe ao púlpito e anuncia a leitura: Atos dos Apóstolos 12, 1-8. Na pregação, destaca que assim como Pedro estava arramado na prisão e foi libertado pelo anjo do Senhor, tudo que está amarrado nesta noite também será libertado pelo anjo do Senhor, e todos serão livres.- É ele também que fará em seguida a oração, repetindo, em formação de oração, a sua reflexão bíblica. O murmúrio é muito alto, como já estava durante seu testemunho e a pregação; evidentemente, seu jeito e suas palavras geram altas vogas de emoção na irmandade. O ancião que veio com ele, em seguida, se desculpa pela demora e ao mesmo tempo ressalta como é bom louvar a Deus e ouvir as suas maravilhas e a sua palavra, e canto um coro breve. Ainda no ósculo e no momento em que a orquestra já toca o hino de silêncio, o murmúrio é muito alto na comunidade, e os irmãos e irmãs são visivelmente emocionados.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 02/10/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs28	3 min
Pausa	19hs31	4 min
Abertura	19hs35	1 min
3 hinos: 57 m. 402 m. 255 m	19hs36	12 min
Oração: (se destacando) m: (50-52)	19hs48	6 min (2)
Hino: 22 m	19hs54	4 min
Testemunho 1: 1. 4. 2: T: 3. 14: terno escuro. camisa social.	19hs 58	1 min
Testemunho 2: 2. 1. 3: T: 5. 14: blusão rosa	19hs59	3 min
Testemunho 3: 2. 4. 3: T: 1. 4. 3. 5: blusa branca	20hs02	1 min
Testemunho 4: 1. 4. 3: T: 14. 19: terno cinza claro. cam soc.	20hs 03	7 min
Testemunho 5: 1. 4. 2: T: 3. 14: terno cinza. camisa social.	20hs 10	1 min
Testemunho 6: 2. 4. 2: T: 1. 4. vestido preto e branco	20hs 11	4 min
Avisos	20hs15	15 min
Hino: 318 m	20hs30	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs34	1 min
A palavra: Lucas 21.34-38	20hs35	2 min
Pregação Irmão Leo T 14. 13. 11	20hs37	19 min
Oração (se destacando) h	20hs56	6 min (4)
Hino Encerramento: C3 h	21hs02	2 min
Encerramento	21hs04	1 min

Chego na casa de oração do Jandaia às 19 hs 20 min. Encontro com facilidade um lugar para estacionar. Quando entro na igreja, vejo uma Senhora pedir ao porteiro anotar seu pedido de oração. A comunidade está calma; somente de vez em quando alguém fala uma breve frase de louvor a Deus. Sento num dos últimos bancos, e logo em seguida a orquestra começa a tocar o hino de silêncio. Após uma pausa de 4 minutos, irmão Leo, que parece cansado e diz “Ah, meu Deus”, inicia o culto com as palavras “Deus seja louvado” e “Iniciemos este santo culto em adoração a Deus em nome do Senhor Jesus”. Chama-se os primeiros três hinos. No fim do terceiro hino, o porteiro atravessa a igreja e entrega ao irmão Leo os pedidos de oração. Ele os lê, diz que agora iremos rezar pelo bom andamento do culto, pelo ministério e pela administração, e a comunidade se ajoelha em oração, feita por uma mulher. Em seguida, irmão Leo convida para a testemunhança. A primeira testemunha é um homem pardo ainda jovem, vestido de terno escuro, camisa social, gravata, que agradece a Deus pela viagem que fez a uma cidade do interior do Estado, transmitindo a saudação da irmandade de lá (1 minuto). Em seguida, uma mulher branca de aproximadamente 50 anos, vestida de blusão rosa, agradece a Deus porque sua irmã não precisa mais operar de coluna após uma visita de irmãs da Congregação que oraram por ela na sua casa (1 min). A terceira testemunha é uma mulher parda de aproximadamente 45 anos, de blusa branca, agradece a Deus por estar nesta graça, por uma viagem que fez, e porque o marido não precisa fazer uma cirurgia no pé como

era previsto (2 min). Em seguida, um homem pardo de 40 anos, vestido de terno cinza claro, camisa social e gravata, agradece a Deus porque ele visitou um antigo amigo do pai dele, um macumbeiro que fazia despacho num centro muito grande, deu um abraço, e meses depois ficou sabendo que este homem abandonou a macumba e agora está congregando (7 minutos). De uma outra mulher, Deus tirou também um espírito na hora do culto, quando ela começou a dar pulos e o irmão presidente do culto advertiu ela para ficar na comunhão. A quinta testemunha é um homem pardo jovem, também ele vestido de terno cinza claro, camisa social e gravata, que louva a Deus porque este lhe concedeu uma viagem para testemunhar numa outra irmandade, e por fazer parte desta graça já há cinco anos (1 minuto).- A última testemunha é uma mulher negra jovem, de vestido preto e branco, que relata a conversão de um jovem de sua família que estava totalmente afastado da religião (4 minutos).

Em seguida, irmão Leo dá os avisos a respeito dos próximos batismos. Avisa que no dia 5 não haverá culto numa congregação que fica próximo a um sindicato em Diadema.- Em seguida, um irmão de uma irmandade vizinha relata o caso de uma irmã já idosa que mora numa casa onde entra muita chuva, e que não em parentes por perto. A irmandade decidiu fazer uma nova casa para ela no terreno (bastante grande) que ela pediu; para esta obra, ele está pedindo ajuda da irmandade do Jandaia.- Em seguida, o irmão Leo faz ainda referência ao culto da segunda-feira passada, no qual vieram visitantes que passaram totalmente da hora (o culto terminou quase às 21 hs 30). Ele avisou que as irmãs e os irmãos que precisam pegar o ônibus, podem sair tranquilamente do culto, porque é melhor do que sofrer em altas horas da noite assaltos nas ruas escuras do bairro.- Em seguida, chama-se o hino. Espera-se pelo envio da palavra; após 2 minutos, nos quais Leo se apóia na cadeira ao lado do púlpito e todos aos quais ele gesticula declinam, ele mesmo sobe ao púlpito e anuncia a palavra: Evangelho de Lucas 21,34-38.

Na pregação, irmão Leo destaca que Jesus enfrentou, na sua vida na terra, o que nós enfrentamos. Lembra da tentação de ter uma vida somente mundana, preocupados com questões financeiras e assuntos do mundo, nos esquecendo do Senhor que voltará e nos pedirá contas. E para não estar desarmado naquele dia, é preciso ficar dentro da doutrina. Deus sabe que o irmão está fora da palavra, que a irmã está fora da palavra, e Deus não está se agradando. Somos dignos de uma vida diferente que Deus nos possibilitou a partir do nosso Batismo.

Em seguida, ele convida para procurar a face do Senhor em oração, agradecendo por este culto. Um homem faz a oração, e uma vez que também nesta noite a hora já está adiantada e

passou das 21 horas, canta-se o coro 3. Leo abençoa a comunidade, e após o ósculo, todos saem dos bancos.

Culto de jovens e menores no Jandaia, domingo, dia 05/10/08, 14 hs 30

Hino do silêncio:	14hs32	2 min
Pausa	14hs34	3 min
Abertura	14hs37	0 min
3 hinos: 431 m. 425. 374 m	14hs37	12 min
Oração: (se destacando) intro até 56: (58-00) m	14hs49	1 min
Hino: 433 h	14hs00	2 min
Oração meninas: Pai nosso	14hs02	2 min
Oração meninos:	14hs04	2 min
Recitação meninas: 5 grupos: de 7. 6. 12. 10. 5.	14hs06	4 min
Recitação meninos: 3 grupos: de 3. 12. 19	14hs10	3 min
Testemunho 2. 1: T 5. 1: blusa branca, saia azul (jeans)	14hs13	3 min (2)
Testemunho 2. 1: T 14: (10 segundos): blusa branca, saia	14hs16	3 min
Testemunho 2. 4. 1 (recitação individual): (só enxergo o véu)	14hs19	1 min (1)
Avisos: Batismo, site, internet	14hs20	19 min
Hino: 420 h	14hs39	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	14hs43	2 min
A palavra: Joel 2.18-	14hs45	2 min
Pregação	14hs47	28 min
Oração (se destacando): jovem h	15hs15	2 min
Hino Encerramento: 426 m	15hs17	3 min
Encerramento	15hs20	1 min

Chego na casa de oração às 14 hs 20 min. Há muitos lugares no estacionamento. Conto 45 meninos e 60 meninas, mais 10 homens e 15 mulheres presentes; os músicos (a grande maioria adolescentes e jovens) são 18.

Hoje, Sílvio, o cooperador de jovens e menores da comunidade, dirige o culto, com as mesmas palavras do culto da noite: “Deus seja louvado”, e “Iniciemos este santo culto em nome do Senhor Jesus”. A irmandade responde as duas vezes “Amém”. Chama-se os primeiros três hinos; demora alguém indicar um hino, como no culto de jovens e menores passado, mesmo quando Sílvio faz apelo para o lado dos meninos e das meninas. Todos se ajoelham para a oração; ela será feita por uma jovem (auxiliar?). Em seguida, começa a recitação. Percebi que, antes do culto e mesmo para os que entram durante os hinos, são distribuídos pequenos papéis. Neles, estão escritos indicações de versículos bíblicos. Mesmo as pequenas crianças as recebem, apesar de não saber ler a Bíblia e nem o que está escrito no papelzinho; a auxiliar passa atrás da criança que vai falar e sussurra o texto que a criança vai falar em voz alta, pelo microfone. Uma menina pequena, bem mais baixa do que a altura do microfone, puxa com força o microfone para baixo – com um gesto mais decidido do que qualquer irmã que testemunha à noite, o que indica um certo adestramento do corpo ao longo

do tempo de participação na Congregação. São cinco turmas de meninas que recitam e depois três turmas de meninos. Jovens (já de aproximadamente 18 anos) que durante os cultos ao longo da semana vêm em roupa juvenil tipo jeans e blusão com estampa até gritante, hoje estão de terno e tocam instrumento.- No caso das crianças que já sabem ler, a ou o auxiliar já não fala mais o texto: eles mesmos procuram na Bíblia e recitam.- Em seguida, há espaço para os testemunhos. A primeira testemunha é uma moça já jovem (entre 15 e 18 anos) branca que conta, chorando, como queimou o braço com óleo fervendo que ela derrubou no fogão na sua casa. Sem conseguir aguentar a dor, ela estava quase impossibilitado de trabalhar; após uma visita à casa de oração do Jd. Esperança, onde pediu oração, a ferida melhorou muito na noite seguinte.- A próxima testemunha é uma moça também já jovem (entre 15 e 18 anos) que sempre vejo nos cultos da noite, às vezes com vestidos azul ou amarelo brilhante; ela só agradece a Deus por estar nesta graça, falando timidamente, chorando e escondendo o rosto atrás do véu: o próprio ato de falar para ela já é uma vitória. Em seguida, aproximam-se duas moças: aquela que se aproxima do microfone é morena e começa a recitar um texto bíblico. Num momento em que ela para, a outra, que está com a Bíblia na mão, ajuda, sussurrando a palavra esquecida.-

Em seguida, Sílvia dá os avisos: fala dos próximos Batismos e reuniões da mocidade e do site oficial da CCB na internet. Critica os outros sites que falam em nome da Congregação, mas sem autorização, e querem introduzir novas tradições, mudando letra e música dos cantos – e há até ancião concordando com isso. Durante um bom tempo, em seguida, ele fala do uso moralmente correto da internet, recomendando que os pais acompanhem as crianças quando estas ficam “surfando” na web. Diz que sabe que tem muitos meninos procurando sites que não devem visitar; evidentemente, nestes minutos, se dirige mais aos meninos do que às meninas.

Após mais um hino, espera-se pela palavra de Deus; Sílvia olha para auxiliares de grupo de jovens, mas ninguém se prontifica. Assim, ele mesmo sobe ao púlpito e anuncia a leitura: Joel 2,18-27. Na pregação, pergunta os menores e jovens que sabem o que são gafanhoto e locusta, dos quais o texto bíblico fala, e explica que onde eles aparecem, não sobra nada. Assim também o menor e jovem que começa a faltar e abandonar a Congregação: não sobra nada na vida dele, em troca de muita ilusão e coisa que não vale nada. Diz que viu jovem que não cantou nada nem orou nada ainda, só conversou: vai ter o destino da terra onde passou o gafanhoto. Mas os que ficarem firmes verão que Deus cumpre a sua promessa: mesmo se a

vida agora está difícil, o deserto vai florir, e Deus vai mandar a chuva. São aqueles que estão nesta graça que verão o cumprimento das promessas de Deus.-

Em seguida, a comunidade procura a face de Deus em oração; logo (o culto passou em 20 minutos a hora e meia prevista) um auxiliar de jovens faz a oração, agradecendo a Deus pelo culto. Canta-se o hino de encerramento (com exceção de um, todos os hinos são dos números 401 a 450, específicos para o culto de jovens e menores), Sílvia abençoa a comunidade, e a orquestra toca o hino de silêncio da saída.

Culto no Jandaia na 2ª f, dia 06/10/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs26	3 min
Pausa	19hs29	4 min
Abertura	19hs33	0 min
3 hinos: 307 m. 280 h. 194 h	19hs33	12 min
Oração: (se destacando) m Intro até 49. (51)	19hs47	9 min (5)
Hino: 57 h	19hs56	4 min
Testemunho 1: 1. 1. 4: T 20. 5: terno cinza claro: uncão	20hs00	14 min
Testemunho 2: 1. 2. 3: T 15. 12: terno escuro: Detran	20hs14	3 min
Avisos	20hs17	3 min
Hino: 258 h	20hs20	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs24	2 min
A palavra Jo 10.1-21	20hs26	3 min
Pregação T 20.19	20hs29	21 min
Oração (se destacando) (51)	20hs50	4 min (3)
Hino Encerramento: 384 h	20hs54	4 min
Encerramento	20hs58	1 min

Chego na casa de oração do Jandaia às 19 hs 15 min. O estacionamento tem muitas vagas ainda. Um dos homens que trabalham como porteiros, está conversando com uma jovem mulher de vestido marrom na entrada dos homens; outro fica no meio.- Ainda há poucas pessoas na igreja, alguns ajoelhados, outros sentados. A organista está tocando sozinha. Vou sentar-me bem ao lado direito próximo à entrada lateral; pela janela posso enxergar o cofrinho de madeira, no qual estão escritas as várias intenções das ofertas: “Construção”, “Piedade”, “Viagem”, “Manutenção” e “Especial”. Nesta noite, nas vezes que olho pela janela, não vejo ninguém fazer ofertas.

Chegam mais pessoas. Todos primeiro se ajoelham e fazem sua oração, de cabeça inclinada e muitas vezes apoiando-a numa mão. Os bancos na altura do meio da igreja, onde estou sentado, são os mais vazios: os bancos da frente e os últimos costumam encher mais.

Raramente se escuta uma oração em voz alta, como “Glória a Deus”, ou “Louvado seja o Senhor Jesus Cristo”.- Nesta noite, uma noite fria e chuvosa, chegam menos pessoas do que o

comum para o dia de segunda-feira: conto apenas 105 homens (dos quais, porém, 19 músicos – o número mais alto que vi até agora) e 120 mulheres.

Às 19hs29, a orquestra toca o hino de silêncio. Em seguida, há uma pausa de 4 minutos; então, o cooperador Leo, que está sentado ao lado de um visitante de cabelo branco e do coordenador de jovens e menores, sobe ao púlpito e inicia o culto, primeiro dizendo: “Deus seja louvado” e em seguida “Iniciemos este santo culto em nome do Senhor Jesus”. As duas vezes, a comunidade responde: “Amém”. Canta-se três hinos. Durante o terceiro hino, o porteiro traz os pedidos de oração ao púlpito; Leo lê os pedidos, e pede que aquele a quem Deus inspirar, faça a oração, lembrando que o pedido é para as intenções já citadas, o bom andamento do culto, o ministério e a administração. Todos se ajoelham, começa um murmúrio bastante alto, e após dois minutos, uma mulher negra, sentada no primeiro banco, faz a oração. Boa parte desta não consigo entender, porque os homens ao meu lado, em voz alta, fazem também a sua oração. No fim, todos se levantam, e canta-se mais um hino, para abrir o momento da testemunhança. Um homem negro vem dos últimos bancos do fundo; mas enquanto ele atravessa a igreja, o homem de cabelo branco, que estava sentado ao lado de Leo, já ai ao microfone. O homem negro senta no primeiro banco e aguarda a sua vez.- O homem de cabelo branco e cor branca, aparentando mais que 60 anos, de terno cinza claro, camisa branca e gravata, logo se identifica como cooperador da casa de oração no bairro Pedreira, e avisa que vai contar três obras que Deus fez na sua vida. As três histórias contam curas milagrosas que Deus fez enquanto ele, o cooperador, estava ungindo doentes, sentindo-se inspirado por Deus. Em nenhum momento ele sugere que foi ele mesmo que contribuiu para as curas: ele deixa bem claro que os três milagres foram obra de Deus. No fim de cada história, diz “Glória a Deus”, com um forte trêmulo de voz no momento de pronunciar o “Glória”. Este momento é acompanhado de um alto murmúrio na comunidade.- Após este testemunho de 14 minutos, o homem negro, aparentando uns 45 a 50 anos, dá o seu testemunho: ele estava endividado, com R\$ 900,00 no Detran, com dificuldade de pagar a dívida. Num culto anterior, o ancião tinha profetizado que “Deus vai pagar a sua dívida”, e de fato, quando ele colocou o dinheiro, o atendente disse que não tinha dívida nenhuma: ela já tinha sido paga. Também este testemunho, de 3 minutos, é acompanhado por um murmúrio de admiração. Em seguida, sem esperar mais testemunhos, irmão Leo já procede com os avisos. Além dos batismos, ele avisa que no sábado desta semana irá iniciar a construção da casa daquela irmã idosa cujo caso o diácono de uma comunidade vizinha tinha mencionado num culto anterior. Os irmãos que sentirem no seu coração que devem ajudar, são convidados a prestar serviço.- Em seguida, Leo dá uns passos em direção aos bancos onde estão sentados os

homens. Apoiando-se na cadeira estofada ao lado do púlpito, faz gestos com a mão direita em direção ao cooperador visitante e cooperador de jovens e menores, mas eles declinam o pedido. Leo coloca-se frente à comunidade, baixa a cabeça em oração, e após uns 30, 40 segundos, vai ao púlpito para avisar que a leitura será de João 10,1-21. Na pregação de 21 minutos, ele lembra os 40 dias que Jesus ainda se mostrava após sua ressurreição (tema corrente nas suas pregações), e a festa de Pentecostes, na qual os discípulos foram selados na promessa do Espírito Santo. Ele mesmo intercala nesta noite com frequência (bem mais vezes do que o comum; irmão Leo costuma falar pouco em línguas) momentos de falar em línguas, articulando palavras como “schalamaia” e “urra lamaia”, que também já escutei de outros pregadores e oradores, e que parecem fazer parte do vocabulário comum da “língua dos anjos”. Ele lembra ainda que as provações e dificuldades pelas quais os membros da irmandade passam, não são simplesmente conflitos humanos, mas é o diabo que está agindo; mas “nesta noite o castelo do diabo vai cair” (também esta expressão é corrente nas pregações do irmão Leo). No fim da pregação, ele convida a comunidade a dobrar os joelhos para a oração de agradecimento. Logo, um homem negro alto e forte, sentado num dos primeiros bancos, ora em voz alta. De vez em quando ele sacode a cabeça rapidamente para direita e para esquerda, como em êxtase. Em momentos da oração, outros homens ao seu lado fazem intercalações em voz mais alta do que ele, e a emoção parece estar intensa na irmandade. Quando ele encerra sua oração, Leo espera mais uns momentos antes de dizer “Deus seja louvado”, ao qual a comunidade responde: “Amém.” Chama-se o hino de encerramento, e Leo abençoa a comunidade, com as mãos levantadas até a altura dos ombros. Os irmãos e irmãs se saúdam com o ósculo, e a irmandade começa a sair dos bancos, enquanto a orquestra toca o hino de silêncio e alguns homens começam a varrer a igreja.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 09/10/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs25	3 min
Pausa	19hs28	7 min
Abertura	19hs35	0 min
3 hinos: 3 h. 155 m. 171 h	19hs35	11 min
Oração: (se destacando) Intro até 48: 48-52 (4) h: 52-56 (4) h	19hs46	10 min
Hino: 270 m	19hs56	4 min
Testemunho 1: 2. 1. 3: T 1. 5. 19: blusa marrom	20hs00	1 min
Testemunho 2: 2. 4. 2: T 20. 1. 2: blusa azul	20hs01	4 min
Testemunho 3: 1. 1. 3: T 14 (Sílvia)	20hs05	9 min
Avisos	20hs14	4 min
Hino: 132 h	20hs18	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs22	1 min
A palavra: Atos 16.9-40	20hs23	7 min
Pregação: visitação e revelação: diabo vencido	20hs30	42 min

Oração (se destacando) (3) m	21hs12	3 min
Hino Encerramento: C1 h	21hs15	2 min
Encerramento	21hs17	1 min

Chego às 19hs20 na casa de oração do Jandaia. Há ainda vagas no estacionamento. Entrando na igreja, passo por 10 mulheres perto do lado da entrada dos homens; o próprio porteiro está sem ninguém ao lado mais próximo do lado das mulheres. De longe, já avisto Odair, quem entrevistei anteontem, e sua família. Poucos minutos depois, seu pequeno filho vai sorrir para mim; faço sinal com a mão, que ele responde. A esposa de Odair saúda cordialmente outra organista.- Após uns minutos de silêncio, interrompido por poucas frases de oração em voz alta, é tocado o hino de silêncio. Mais uns minutos, e um homem baixo e negro sobe ao púlpito; acredito ser o diácono do Jardim Transilvânia, Luís Carlos Ribeiro da Silva, que já veio outra vez. “Deus seja louvado”, e: “Iniciemos este santo culto em nome do Senhor Jesus”; as duas vezes a comunidade responde: “Amém”.- Chama-se três hinos; as pausas entre um chamado e outro são mais longas que o comum. Agora já se encontram 50 irmãos na igreja (dos quais 10 músicos) e 50 irmãs. No fim do terceiro hino, o porteiro entrega ao presidente do culto os pedidos de oração, que ele lê; em seguida, todos são convidados a se ajoelharem para procurar a face do Senhor em oração. Um homem poucos bancos na minha frente faz a oração de pedidos; além do bom andamento do culto e do envio da palavra ele lembra de doentes e da guerra do dia-a-dia. A oração continua, e Odair, quem visitei anteontem, faz uma segunda oração, implorando a presença do Senhor. Somente depois todos se levantam para cantar mais um hino, e começa a testemunhança.- Logo uma mulher branca, de uns 40 anos, que já vi testemunhar também em outros cultos, vai ao microfone, agradece a Deus por estar nesta graça e ter recebido o dom da promessa do Espírito, e por ter curado sua netinha que estava muito doente (1 minuto). Logo em seguida, outra mulher, parda e mais jovem, agradece a Deus por este ter preparado um emprego registrado para sua mãe, e porque a nova patroa da mãe, após pouco tempo de conhecê-la, já começou a congregar (4 minutos).- Em seguida, Sílvio, o cooperador de jovens e menores, se levanta para agradecer a Deus. Conta como ele ajudou a coordenar a construção de uma casa de oração na Baixada Santista. Lá, os irmãos erraram ao enterrar demasiadamente entulho que depois tinha que ser tirado. O vice-prefeito prometeu que podiam jogar tudo na frente do terreno, porque a prefeitura ia fazer outras obras lá e estaria precisando do entulho. De fato, porém, a região era de mananciais e protegido pelo meio ambiente. Sílvio pediu ao vice-prefeito várias vezes confirmar sua opinião, o que este fez. Poucas semanas depois, porém, gente da secretaria do meio-ambiente apareceu ameaçando com uma multa pesada se o entulho não fosse retirado

dentro de 4 dias. Era tanto que uma máquina comum não podia fazer o serviço. Por obra de Deus, uma empresa que tinha uma máquina especial acabou fazendo o serviço, trabalhando dia e noite, em 2 dias, cobrando barato. Os fiscais do meio ambiente passaram e aprovaram; o vice-prefeito também compareceu, chorou e pediu desculpas. Mas ninguém pode onde Deus faz a sua obra (9 minutos). Em seguida, o presidente do culto dá os avisos, convidando a irmandade para ajudar na construção que está havendo na casa de oração do Jd. Transilvânia no sábado seguinte, das 7 às 16 hs (dia em que a irmandade já ajudará a iniciar a construção da casa de uma viúva). Canta-se mais um hino, e espera-se o envio da palavra. O presidente do culto dirige-se aos cooperadores Leo e Sílvia, mas ambos declinam. Finalmente, ele mesmo volta ao púlpito, abre a Bíblia e anuncia a leitura: Atos 16,9-40 (leitura que já foi lida em outro culto). Na pregação, ele destaca que a obra de Deus vive da visitação e revelação. Elabora a distinção entre evangelista, que faz missão num lugar onde ainda não há crentes, convertendo corações para Deus, e depois logo segue em frente para outro lugar, e o pregador da palavra. Deus esconde este último durante um bom tempo, e o revela somente no momento certo. “Deus está preparando um pregador da palavra aqui!”, ele fala repetidas vezes em voz alta em direção aos homens. Uma vez que mulheres não podem ser pregadoras da palavra, ele se dirige também a elas: Deus prepara também irmãs que normalmente não fazem oração na irmandade para fazê-lo. (É o espaço que é concedido às irmãs no culto) Ele conta o caso de uma irmã que normalmente não costuma fazer oração no Jd. Transilvânia; poucas vezes ela faz oração em voz alta, mas quando pede a cura de uma pessoa doente, a cura acontece. Ele diz que a irmã nem sabe deste dom que tem, mas ele observou isso já várias vezes. (Portanto, o dom que Deus dá aos homens, como pregador de palavra, é público e formalizado, enquanto o dom da mulher é escondido e corresponde à atribuição feminina de cuidar) Faz críticas a irmãos e irmãs que vão em missão para lá ser servido bem e encher o carro de compras para a volta: missão não é para trazer, mas para levar e para dar. Lembra o apóstolo Paulo que não foi logo comprar coisas, mas em primeiro lugar procurou um lugar para oração. Critica também pregadores que fazem muito barulho e atraem atenção por várias vias, mas nenhuma profecia que fazem se cumpre. Neste sentido, lembra Elias e os outros profetas do rei, que faziam alvoroço, mas não conseguiram nada, enquanto Elias somente seguia o ritual do sacrifício, e Deus veio com fogo sobre sua vítima sacrificada. Volta ao texto bíblico, no qual o apóstolo Paulo exorcizou o espírito de adivinhação de uma mulher que o estava incomodando, e promete que, nesta noite, o demônio sairá também da sua vida. Finalizando, lembra que Paulo e seus colegas deram glória a Deus, o que também a irmandade deve fazer nesta noite.- Nos poucos momentos em que ele fala em língua, imediatamente segue um murmúrio na

irmandade- Em seguida, a irmandade se ajoelha de novo para a oração de agradecimento, que uma mulher faz. A irmandade se levanta, o presidente do culto convida a cantar o coro 1, por causa da hora avançada (já são 21 hs 15), e ele dá a bênção, levantando as mãos até a altura da cabeça. Os irmãos e as irmãs, cada grupo no seu lado, dão o ósculo às pessoas sentadas ao lado, e enquanto a orquestra toca o hino de silêncio, todos levantam dos bancos e saem da igreja.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 16/10/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs28	3 min
Pausa	19hs31	3 min
Abertura	19hs34	0 min
3 hinos: 91 m. 284 m. 256 h	19hs34	12 min
Oração: (se destacando) (48-54) h	19hs46	8 min
Hino: 298 h	19hs54	5 min
Testemunho 1: 2. 2. 4: T 1. 3. 5: blusão azul: 2 min sil. 1 test. 6	19hs59	3 min
Avisos: Batismos: construção casa mulher pobre	20hs08	11 min
Hino: 253 m	20hs13	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs16	2 min
A palavra: Mt 13. 1-23	20hs18	6 min
Pregação Leo T	20hs24	27 min
Oração (se destacando) h	20hs51	2 min
Hino Encerramento: 167 h	20hs53	5 min
Encerramento	20hs58	1 min

Chego na casa de oração do Jandaia às 19 hs 25 min. Ainda há vagas no estacionamento, e alguns grupos estão caminhando em direção à igreja. Estaciono o carro e entro na igreja; nesta noite, há menos movimento na porta, mas de novo, uma senhora conversando com um irmão que às vezes (mas não nesta noite) assume o cargo do porteiro. Uma jovem está ao seu lado, tirando o véu da bolsa.

Vou me sentar num dos bancos do meio. Leo está sentado sozinho nos bancos que ficam ao lado do púlpito, no ângulo de 90° aos bancos da comunidade; mais tarde, chega mais um homem, e mais tarde ainda, Sílvio. O porteiro que entrevistei no domingo retrasado está limpando o chão na porta lateral (está chovendo).- A orquestra inicia o hino de silêncio. Percebo que as organistas (no mínimo quatro) estão sentadas lado ao lado; percebo ainda que uma organista (jovem e de cor branca) é a única irmã na igreja que (como de costume) vem de T-shirt com manga curta, sem cobrir os braços com o véu.- O murmúrio está bastante baixo; somente de vez em quando alguém soluça “Glória” ou “Aleluia”.

Após uma pequena pausa, Leo levanta e inicia o culto. A comunidade responde “Amém”, e chamam-se três hinos. Durante o terceiro hino o porteiro, que antes do culto estava

posicionado mais para o lado das irmãs na porta principal, traz os pedidos de oração; irmão Leo conversa brevemente com ele e depois também com Sílvio que chegou. Leo lê os pedidos e pede a irmandade procurar a face do Senhor em oração; todos se ajoelham. Um homem (branco) no primeiro banco levanta a voz e começa a orar, de vez em quando alterando bastante a voz. Ele pede pelas “criancinhas” (domingo passado foi o dia da criança) e faz outros pedidos referentes ao bom andamento do culto. Vejo como ele gesticula com a mão direita com o dedo indicador levantado, como se fosse professor. A irmandade acompanha alguns trechos da oração com um murmúrio bastante alto e emocionado.- Em seguida, canta-se outro hino, e irmão Leo convida para a testemunhança. Vários jovens e dois homens se levantam, mas não para dar testemunho; eles saem pela porta lateral, em direção aos banheiros.- Somente após dois minutos uma mulher negra e idosa, que já testemunhou repetidas vezes, vai ao microfone e agradece a Deus por uma viagem que ela fez para levar remédios a sua mãe que está doente. Transmite as saudações da irmandade de lá e pede a oração da irmandade, prometendo que ela também não vai se esquecer de ninguém daqui. Após este testemunho de apenas dois minutos, durante seis minutos, ninguém mais testemunha; então Leo avisa os próximos batismos, e irmão Sílvio convida os homens para ajudar na construção da casa de uma irmã idosa no próximo sábado. Canta-se mais um hino, e espera-se que Deus envie a sua palavra. Irmão Leo apóia a mão na cadeira ao lado do púlpito, olhando para os bancos dos homens e gesticula para alguns, mas todos declinam. Finalmente, ele mesmo sobe ao púlpito e anuncia a leitura da parábola do semeador (Mateus 13,1-23). Na pregação fala que as sementes que os passarinhos comeram são aqueles que entraram na graça, mas logo o inimigo veio com as preocupações mundanas, e eles se desviaram; outros foram queimados pelo sol: receberam a palavra com muita alegria, mas não tiveram perseverança; outros, os espinhos, identificados com perseguições, fizeram morrer. Irmão Leo lembra que o mais importante é ter perseverança e não desistir, além de dar frutos na vida, porque é pelos frutos que se conhece a árvore. Destaca que o irmão e a irmã têm que valorizar-se, porque somos o povo eleito, os escolhidos de Deus, e assim como Pedro e os apóstolos sofreram perseguição, mas o anjo de Deus os libertou, os irmãos e irmãs também sofrem perseguições e calúnia, mas deve se ter esperança, porque Deus vai mandar seu anjo e libertar. Às vezes somos rodeados por lobos em pele de cordeiro, mas Deus vai revelar: “nesta noite, a capa vai cair”. Ser perseguido e sofrer tribulação é um sinal de eleição, porque os homens de vestes brancas diante do cordeiro também vieram da tribulação. “Somos o povo da tribulação.”- Em seguida, a comunidade é convidada a se reunir em oração. Um homem faz uma oração breve, agradecendo a Deus pelo culto e pela palavra enviada; canta-se um hino

escolhido por um homem que conta justamente a história das sementes (o Evangelho de hoje), e Leo abençoa a comunidade. Enquanto a orquestra toca o hino de silêncio, os irmãos e as irmãs se dão o ósculo; devagar, os membros da irmandade saem da igreja. No fundo, muitos ainda conversam ou se dão o ósculo.

Culto de jovens e menores no Jandaia no domingo, dia 19/10/08, 14 hs 30

Hino do silêncio:	14hs26	3 min
Pausa	14hs29	6 min
Abertura	14hs35	0 min
3 hinos: 450 h. 409 m. 446 m	14hs35	6 min
Oração: (se destacando) (53-55) m	14hs45	15 min
Hino: 436 m	15hs00	4 min
Oração meninas: Pai nosso	15hs04	2 min
Oração meninos:	15hs06	2 min
Recitação meninas:	15hs08	8 min
Recitação meninos:	15hs16	7 min
Testemunho	15hs23	2 min
Testemunho	15hs25	4 min
Testemunho	15hs29	2 min
Testemunho	15hs31	1 min
Testemunho	15hs32	1 min
Testemunho	15hs33	1 min
Testemunho	15hs34	3 min
Testemunho	15hs37	3 min
Testemunho	15hs40	5 min
Avisos	15hs45	6 min
Hino: 441 m	15hs51	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador	15hs54	1 min
A palavra: Salmo 37	15hs55	15 min
Pregação	16hs00	22 min
Oração (se destacando) coop JM Silvio (24-29)	16hs22	8 min (5)
Hino Encerramento: C4 h (coop)	16hs30	2 min
Encerramento	16hs32	3 min

Chego na casa de oração do Jandaia às 14hs22min. Na minha frente, entra uma perua escolar lotada. Diferente dos outros domingos, o estacionamento hoje já está bem lotado. Quando entro da igreja, vejo que tanto o lado das mulheres como dos homens é bem mais cheio. De fato, conto pelas 15hs uns 80 homens, dos quais 27 músicos (mais do que a metade jovens e menores) e 110 mulheres. Às 14hs26 a orquestra começa a tocar o hino de silêncio. Segue-se uma pausa de seis minutos. Levanta o cooperador de jovens e menores do Jardim Veleiros (região de Santo Amaro), que hoje está visitando o Jandaia, para iniciar o culto. Como de costume no culto de jovens e menores, demora para alguém chamar um hino. Em seguida, o dirigente do culto pergunta às meninas qual o próximo momento do culto (a oração), como se ora (ajoelhado e de olhos fechados), a quem se dirige (Deus) a oração, e em nome de quem (do Senhor Jesus). As meninas fazem a oração do Pai-Nosso, e os meninos uma oração da Congregação, sussurrada por dois jovens que estão frente a frente com os meninos. O dirigente convida a dar bastante glória a Deus; ele mesmo ora frases de louvor em voz alta pelo microfone. Após uns minutos, uma jovem faz a oração (2 minutos), pedindo que Deus abençoe o culto e envie a sua palavra. Quando ela termina, o dirigente hesita um momento e então pede dar mais glória a Deus, durante dois minutos; o murmúrio sobe, ele mesmo volta a orar em alta voz, de vez em quando falando breves frases em línguas. Finalmente, todos se

levantam para cantar mais um hino. Inicia-se a recitação e as testemunhas.- As primeiras a recitar são as meninas. Uma auxiliar sussurra as palavras bíblicas que as meninas mais jovens (5) vão falar pelo microfone. Seguem-se mais 4 grupos de meninas (8, 22, 10 e 7), recitando livre, ou olhando para o papel (as menores) ou lendo da Bíblia (as maiores), a respectiva auxiliar passando atrás das moças que estão recitando. Em seguida, é a vez dos meninos, que vão recitar em quatro grupos de 7, 18, 20 e 8 respectivamente. Aqui também, as menores que não sabem a frase de cor olham para o papel e os maiores para a Bíblia, enquanto o auxiliar de cada grupo passa atrás da pessoa que atualmente fala. No total, falam oito testemunhas, sendo seis moças, um menino e um jovem e o próprio dirigente do culto. A primeira é uma menina parda que agradece porque a mãe foi curada de uma doença e recita, com ajuda, o salmo 23. O segundo é um senhor moreno que recita um salmo e agradece a Deus que recebeu a promessa do Espírito Santo (fala em línguas). A terceira é uma jovem morena que recita. Em seguida, um jovem agradece a Deus porque lhe concedeu esta visita à casa de oração do Jandaia. Ele, como outros que irão testemunhar, não traz nenhuma saudação, porque no último culto da sua comum não anunciou que faria esta visita, mas promete levar as saudações do Jandaia para sua comum. Em seguida, duas meninas pequenas recitam com uma auxiliar sussurrando o texto bíblico para elas. A sétima testemunha é uma jovem parda que conta como foi assaltada quando estava estacionando o carro próximo a uma casa de oração para ir ao culto. Ela pensou que o homem que estava ajudando-a a estacionar fosse da Congregação, mas logo em seguida ele chegou à janela do carro e anunciou o assalto. Obrigou-a e sua amiga a fazer com ele um certo percurso; ela, que há pouco tempo tinha tirado a carteira de habilitação, estava nervosa e dirigindo perigosamente, como anotou o assaltante. Ela começou a orar pelo moço, primeiro em voz baixa e depois em voz alta. Ele mesmo perdeu a noção aonde queria ir e disse que se soubesse que fossem elas, não as teria assaltado; em seguida, pediu parar o carro para descer. Desceu mas logo em seguida a moça o chamou de volta para lhe anunciar a palavra; ele lhes disse que estava em perigo de vida porque estava com dívidas por causa de drogas. Elas lhe deram o dinheiro que precisava, e ele as deixou ir embora deixando os documentos etc. Nos dias seguintes, diz ela, ela estava muito angustiada, pensando que tinha feito pouco para salvar este moço, até num culto o dirigente disse que também as prostitutas entram no Reino de Deus; a partir deste momento, ela ficou aliviada.- Em seguida, outra jovem fala de muita perseguição e como, na semana passada, tinha começado na sua casa uma guerra na família por causa da religião. Finalmente, o próprio dirigente, um homem branco de uns 40 anos, agradece a Deus por estar nesta graça desde a idade de 8 anos. Com 12 anos, começou a tocar violino (o violino está com ele até hoje), o foi convidado por um irmão que tinha parentes em

Minas Gerais, perto de Montes Claros, para ensinar a tocar violino para músicos da Congregação. Ele foi relutante, e quando chegou lá, percebeu que o cooperador tinha convidado músicos da região toda. Sem nenhuma preparação ou estratégia, mas apenas “joelho no chão e fé no coração”, ele começou a ensinar durante 12 dias; eles aprenderam tanto que, poucos tempos depois, do grupo que aprendeu com ele alguns começaram a agir como professores, ensinando outros.- Após os avisos (próximos batismos), canta-se mais um hino, e espera-se que Deus envie a sua palavra. Com uma mão apoiada na cadeira ao lado do púlpito e com a outra gesticulando, como o cooperador Leo o faz também, o dirigente dirige-se a Sílvia e os auxiliares dos jovens e menores presentes, mas todos declinam, e assim ele mesmo sobe ao púlpito para anunciar a leitura: o salmo 37. Ele diz que Deus vai dar a cada um o que precisa, colocar os bens materiais na mão esquerda e os bens espirituais na mão direita, e não vai faltar nada. Foi lido o salmo 37, “e dentro de 37 dias Deus vai fazer uma obra na sua vida”, diz ele, proclamando-o explicitamente como revelação divina. Além disso, 2009 será o ano das bênçãos e da vitória, em que Deus vai fazer muita obra (revelação divina). Repetidamente, ele se refere a feitiços e amarrações que membros da Congregação que estão presentes sofreram, mas viemos para estar em comunhão com o Deus Criador que fez o céu e a terra, e ele é dono de tudo e vai desamarrar o que está amarrado, o feitiço vai se virar contra o feiticeiro, o que foi amarrado na boca do sapo ou pelo sacrifício de uma galinha preta não vai valer. Repetidas vezes, ele altera a voz e fala frases inteiras em línguas. Sem nenhuma crítica com relação a conduta dos fiéis da Congregação, ele apenas anuncia os prodígios que Deus fará na vida de cada um: “você que não tem hoje dinheiro para ir para Santos, vai ter dinheiro para viajar para a Europa, a Alemanha, a Espanha, o Portugal e a Itália”, mas não simplesmente para passear: ao contrário, para anunciar.- Em seguida à pregação, ele convida à oração e pede ao cooperador de jovens e menores do local, Sílvia, fazer a oração em voz alta. Sílvia, como de costume, ora com bastante trêmulos na sua voz, numa constante alteração de volume de voz (baixo – crescente – bem alto – baixo ...). Uma vez que a hora já avançada, o dirigente de culto pede cantar o Coro 4. Quando anuncia a bênção, não só abençoa, mas fala durante uns 2 minutos em língua: a oração em línguas mais longa que já escutei nesta casa de oração (normalmente somente frases curtas que até se assemelham). Todos saem dos bancos bastante emocionados; a comunidade visitante é convidada para um lanche, e assim meu projeto de entrevistar hoje o encarregado de orquestra, não dá certo.

Culto no Jandaia na 2ª f, dia 27/10/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs26	2 min
Pausa	19hs28	4 min
Abertura	19hs32	12 min
3 hinos: 88 h. 111 m. 4 h	19hs44	1 min
Oração: (se destacando) (47-53) 1. 4. 3: T 14. 13	19hs45	8 min (6)
Hino: 169 h	19hs53	4 min
Testemunho 1: 1. 4. 4: T 14. 13. 5. 12	19hs57	7 min
Testemunho 2: 1. 1. 3: T 14. 5. 13. 19	20hs04	19 min
Avisos: Batismos	20hs23	2 min
Hino: 390 h	20hs25	2 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs27	2 min
A palavra: Ex 31.25-35	20hs29	4 min
Pregação: Leo	20hs33	16 min
Oração (se destacando) (6) 1. 4. 3: T 14. 13. 19	20hs49	6 min (5)
Hino Encerramento: 40 m	20hs55	3 min
Encerramento	20hs58	1 min

Chego na casa de oração às 19hs17 min. Ainda há bastante vagas no estacionamento. Quando entro na igreja, vejo um porteiro conversando animado, na porta de entrada dos homens, com uma jovem que sorri muito. Sento num banco no meio da igreja, bem ao lado direito. O encarregado de orquestra já conversa com alguns músicos. A igreja ainda está com bastante silêncio. A orquestra toca às 19hs26 min o hino de silêncio (2 min); somente pelas 19hs30 o murmúrio aumenta consideravelmente, produzido por homens que já estão há tempo na igreja, sentados nos primeiros bancos. Às 19hs32, o cooperador Leo levanta e sobe ao púlpito, dizendo: “Deus seja louvado” e convidando a irmandade a começar este santo culto de louvores e adoração em nome do Senhor Jesus, a irmandade respondendo duas vezes “Amém”. Chama-se três hinos; Leo lê os pedidos que recebeu durante a última estrofe do terceiro hino e convida a irmandade a ajoelhar-se em adoração. A igreja agora já está bem cheia, com uns 100 homens, dos quais 16 músicos, e uns 110 mulheres. O murmúrio é bastante barulhento; um homem sentado no primeiro banco, na fila dos músicos, levanta a voz e faz uma oração de 5 minutos, acompanhado de gritos e frases de oração em voz bem alta da irmandade. Após mais uns instantes de oração, Leo encerra o momento com as palavras “Deus seja louvado”, e canta-se mais um hino. Em seguida, Leo convida para a testemunhança. Quem irá testemunhar hoje serão dois homens de Riberão Pires que estão visitando a irmandade do Jandai. Sem pausa maior, um homem pardo de aproximadamente 60 anos se levanta e testemunha como era relutante em se batizar, por causa de dois vícios: o fumo e a bebida, além dos jogos. Chamado pelo ancião a se batizar mesmo com estes vícios – Cristo iria o libertar depois deles -, conseguiu poucos anos depois se livrar da bebida; até 4 meses atrás, porém, ele ainda fumava. Alertado pelo ancião de sua casa de oração que isso seria comentado pelas “criaturas” que o vissem fumar, só conseguiu se livrar de fato do vício

após ameaça de infarto (7 min). A segunda testemunha é outro homem, branco de aproximadamente 35 anos, que conta uma história semelhante: de sua relutância antes de batizar, uma vez que na sua família não havia nenhum crente. Frequentando a Congregação durante meses e criticado por sua esposa que não gostava de crente, entrou muitas vezes para orar por sua mãe, doente de câncer, e que acabou falecendo. Atraído pela Congregação e ao mesmo tempo se afastando, foi, meses depois, constatado câncer também nele. Ele foi operado e fez radioterapia, clamando a Deus e prometendo obedecer, mas ainda sem se batizar. Poucos meses depois, o câncer reapareceu no intestino. Enquanto isso, sua esposa estava grávida, prestes a dar a luz a uma menina que tanto sonharam ter, já com dois filhos homens. A menina nasceu com síndrome de Down e viveu poucos meses apenas; veio a falecer com uma forte gripe que virou pneumonia.- Ele mesmo, desesperado, traumatizado pela morte da filha, sem esperança de curar, clamou outra vez a Deus para salvar a sua alma se o corpo já estava finando. Mudando-se de Mauá para Ribeirão Pires, acabou comprando uma casa de uma serva de Deus. Pediu a ela lhe mostrar uma casa de oração para ali orar. Ela disse que, no meio do mato, tinha uma Congregação pequena mas onde Deus estava falando com poder à irmandade. Ele entrou, sentou num dos últimos bancos e chorou. O cooperador o avistou e disse que ele tinha se afastado da obra de Deus, mas que Deus o estava chamando de volta, e que ele faria uma grande obra se obedecesse a ele. Obedeceu e batizou-se, com esperança de poucos meses de vida. Foi operado, fez quimioterapia, e o corpo já não estava mais aguentando. Para piorar, o médico no hospital de câncer, olhando os exames, lhe avisou que não teria mais jeito. Chorando e desesperado de novo, sem saber como interpretar a promessa de Deus diante do quadro da doença, foi de novo orar numa outra casa de oração e recebeu outra vez a promessa que iria viver. E de fato, hoje vive, está feliz, e tem saúde, sem tomar nenhum remédio.- Os momentos de cura e libertação, e também as profecias dos presidentes de culto nas respectivas casas de oração onde a testemunha entrava ao longo da trajetória de sua doença, são acompanhados pela irmandade com murmúrios e frases de louvor em alta voz. Leo, ao contrário, fica visivelmente irritado quando o homem demora no testemunho (19 minutos) e fala que lia a Bíblia católica da mãe que estava na sua casa, sempre aberta no salmo 51 (nas últimas palavras este salmo promete que Deus dará abundância de dias e mostrará a salvação) e até se aproxima do púlpito, mexendo no papel dos avisos. Após estes, canta-se mais um hino, e espera-se que Deus envie a sua palavra. Leo gesticula para vários irmãos que estão sentados na frente, mas ninguém sente se chamado; Leo baixa a cabeça e espera mais uns momentos; em seguida, ele sobe ao púlpito e anuncia a leitura: êxodo 31, 25-35 (Moisés manda matar os idólatras). Possivelmente foi lida esta leitura

em resposta aos dois testemunhos, que não traçaram linhas e fronteiras claras entre a vida antes e depois da conversão (um bebendo pouco tempo e fumando muito tempo após a conversão; o outro lendo a Bíblia católica após a conversão). Leo destaca a importância do servo de Deus deixar o pecado do qual Cristo nos libertou pela sua cruz e ressurreição no nosso Batismo, e ser fiel vivendo na graça da obra de Deus. Matar os ídólatras é coisa do Antigo Testamento que Jesus Cristo cumpriu, mas o crente deve, antigamente como hoje, viver apartado do mundo e dos ídólatras. Leo faz alusão às fitinhas que as pessoas colocam no braço e nos pés (neste momento olhando para o lado das mulheres) e diz que o diabo coloca muita tranqueira no nosso caminho, mas que nós temos que decidir se nós queremos seguir o caminho dos deuses falsos e ídolos, caminho que leva ao inferno, ou o caminho que leva ao céu. Se Deus era implacável no Antigo Testamento, hoje ele é misericordioso, mas espera de nós fidelidade e esperança: ele quer salvar a nossa alma.- Após a pregação, Leo convida para a oração de louvor e agradecimento. Com um murmúrio bastante alto e Leo, no início, orando em alta voz pelo microfone, a irmandade se mostra emocionada; após dois minutos, um homem pardo, poucos bancos na minha frente, levanta a voz, e com fortes gestos, batendo uma mão na outra, grita que o Senhor hoje, nesta noite, nos libertou do diabo que nos cercou, nos enviou a sua palavra. Canta-se mais um hino, e já antes das 21 hs os irmãos se saúdam com o ósculo e saem dos bancos, enquanto a orquestra toca o hino de silêncio.

Culto no Jandaia no domingo, dia 02/11/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs26	4 min
Pausa	19hs30	2 min
Abertura	19hs32	0 min
3 hinos: 3 m. 248 h. 134 m	19hs32	12 min
Oração: (se destacando) 47. (49-00). 1. 1. 3	19hs44	16 min
Hino: 74 m	20hs00	4 min
Testemunho 1: 2. 1. 4: T 14. 8	20hs04	4 min
Testemunho 2: 2. 4. 2: T 9. 2. 3. 15	20hs08	5 min
Testemunho 3: 1. 4. 3: T 4. 13: terno, camisa e gravata azuis	20hs13	10 min
Avisos: Batismos e reunião da mocidade no Jd. Dos Eucaliptos	20hs23	2 min
Hino: 34 h	20hs25	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs28	1 min
A palavra: Jo 14,1-12	20hs29	4 min
Pregação: T 19. 14. 13	20hs33	19 min
Oração (se destacando) (52-55); porteiro	20hs52	3 min
Hino Encerramento: 245 m	20hs55	3 min
Encerramento	20hs58	1 min

Chego na casa de oração às 19hs22 min. Não há nenhum movimento maior na porta de entrada. Vou ajoelhar na altura do meio da igreja, do lado direito. Ainda há pouca gente na

igreja, mas se vê que entre os músicos há muitos jovens: estou contando oito (serão, no total, 14 músicos nesta noite; estarão presentes aproximadamente 45 homens e 65 mulheres). Uma vez que alguns estudam, o domingo é o dia com maior presença de jovens entre os músicos.- Nos bancos que ficam ao lado do púlpito, de 90° em relação à comunidade, estão sentados o cooperador Leo, o cooperador de jovens e menores Sílvio, e um outro homem, branco e de terno azul, que acredito identificar como sendo de Guarulhos; ele já celebrou numa noite um culto.- Às 19hs26 min toca-se o hino de silêncio, há uma pausa de dois minutos, e então Leo se levanta para iniciar o culto como de costume. Todos se levantam para cantar o primeiro hino. Em seguida, todos sentam; cantam-se mais dois hinos, e o cooperador Leo dá uma advertência a alguns jovens que estão sentados no último banco e conversaram muito, “não cantaram um hino”, para realmente “entrar em comunhão com o Senhor”. Leo lê os pedidos que o porteiro trouxe no fim do terceiro hino ao púlpito e convida a comunidade à oração. Após um murmúrio de 2 minutos, o homem que, acredito, veio de Guarulhos, faz uma longa oração (11 minutos, bem além do comum de 3 a 5 minutos) na qual ele salienta que Deus continua agindo na nossa vida, nos dando do que precisamos materialmente (“estou vendo um carro novo, uma casa nova”), mas mais ainda do que necessitamos espiritualmente: Deus vai “expulsar o demônio” e “tirar o inimigo do nosso caminho”. Canta-se mais um hino, e Leo convida para a testemunhança. Logo em seguida, uma mulher branca, aparentando uns 60 anos, se levanta e dá o seu testemunho: da alegria de estar nesta graça, e como Deus fez uma obra nesta Congregação mesmo. Em dezembro do ano passado, por ocasião de um ensaio de música, ela veio para preparar um lanche para o irmão. O botijão de gás estava quase no fim, as quatro bocas do fogão com fogo muito baixo, assim que ela duvidou até se conseguiria pelo menos ferver a água do café; ela conseguiu fazer o café e preparar o lanche, e o gás do botijão acabou somente no dia anterior (sábado), quando ela estava de novo na cozinha: demorou 10 meses para esvaziar! Ela se acusou de pouca fé por duvidar a Deus, mas ele mostrou sua grandeza nesta Congregação mesmo. Observo como o cooperador Sílvio sacode repetidas vezes a cabeça afirmativamente durante o testemunho (4 min). Em seguida, uma mulher jovem e morena, aparentando menos de trinta anos, dá o seu testemunho: fala do desemprego do marido, com que está casada há 7 anos, e como também ela foi despedida de uma empresa pela qual costurava. Deus abriu uma porta, porém, e hoje ela possui várias máquinas de costura, algumas do tipo *overlock*, e quase não consegue dar conta do trabalho: sempre há muitas pessoas aguardando na sua casa a entrega do produto pronto. Apesar do marido ter sido demitido no pior momento possível, nos primeiros meses após comprar um carro novo à prestação, ela, com seu trabalho, conseguiu quitar as prestações (R\$ 1.700,00 cada mês) e

sustentar a família (4 min).- Como terceira testemunha fala um homem pardo de aproximadamente 40 anos, de terno, camisa e gravata azuis. Ele é eletricitista e conta como lhe foi revelado pela palavra que deveria fazer viagem a uma Congregação no interior para ajudar na instalação elétrica. Sem condições financeiras para viajar e por isso relutante, ele foi lá duas vezes e, em poucos dias, conseguiu fazer toda instalação, sendo posteriormente chamado para outra cidade, para ali também ajudar na instalação elétrica. Ele também já fez a instalação elétrica na casa de várias irmãs em condição de carência, apesar de sua doença (coluna) deixá-lo sem condições de trabalhar às vezes até por semanas (10 min).- Ao terminar este testemunho, irmão Leo se aproxima logo do púlpito para dar os avisos, a respeito de batismos e reunião da mocidade do domingo que vem, às 14 hs, no Jd. Dos Eucaliptos – Serraria – Diadema. Em seguida, canta-se mais um hino, e a irmandade e espera que Deus lhe envie sua palavra. Irmão Leo, como de costume, se dirige para o lado dos homens e, gesticulando com a mão, convida a vários, mas todos declinam o pedido, sacudindo a cabeça negativamente. Assim, ele mesmo sobe ao púlpito para anunciar a leitura: Evangelho de João, capítulo 14, versículos 1 a 12. Na sua pregação, ele adverte para a perseverança na batalha contra o diabo que nos quer tirar do caminho de Deus. Deus está presente e vivo na Congregação e na sua palavra, ao contrário de igrejas onde um Deus morto pendura da cruz na parede ou no peito (alusão à igreja católica). Em seguida, ele convida para a oração; todos se ajoelham, e o porteiro que já orou várias vezes em voz alta, faz a oração, apoiando a cabeça na mão esquerda e gesticulando com a mão direita. Canta-se mais um hino, e Leo abençoa a irmandade; os irmãos e as irmãs arrumam sua bolsa, se dão o ósculo e saem dos bancos. Eu aproveito para perguntar Leo, que nesta noite tocou violino, se já perguntou à tia se ela me cede uma entrevista, o que ele não fez ainda; combino com o encarregado da orquestra uma entrevista no domingo que vem, após o culto de jovens e menores (do qual não vou participar, porque pretendo ir na Serraria, assistir a reunião da mocidade): ele costuma ficar na Congregação nas duas horas entre o culto de jovens e menores e o culto da irmandade à noite; pergunto a mais um homem branco que aparenta ter uns 55 anos e costuma vir com seu filho, que em cada culto logo deita no banco e usa a coxa do pai como travesseiro; ao conversar com ele, percebo que também a sua esposa e filha (ambos morenas) estão participando, e falo da possibilidade de entrevistar ela talvez também; com Odair combino ligar nesta semana para fazer a entrevista com sua esposa e sogra.

Culto no Jandaia na 5ª f, dia 06/11/08, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs27	
Pausa	19hs30	
Abertura	19hs32	
3 hinos: 191 m. 193 h. 210 m	19hs32	
Oração: (se destacando) 47 (49-56) 1. 1. 3 Sílvia	19hs45	
Hino: 259 m	19hs57	
Testemunho 1: 1. 2. 3: T 21. 5. 14	20hs00	
Testemunho 2: 1. 2. 3: T 2. 5	20hs09	
Testemunho 3: 1. 4. 3: T 11. 14. 13	20hs11	
Avisos	20hs16	
Hino:	20hs26	
Acolhida palavra: procura do pregador	20hs30	
A palavra Jo 5. 1-15 Sílvia	20hs31	
Pregação T 12. 13. 14. 11. 19	20hs33	
Oração (se destacando) 1 (59-01)	20hs59	
Hino Encerramento: C3 (141 m rejeitado)	21hs01	
Encerramento	21hs02	

Chego na casa de oração do Jandaia às 19hs27. Quando desço do carro, escuto que o hino de silêncio está começando a ser tocado. Saúdo um grupo de homens que está conversando ao lado do bebedouro, entre o banheiro masculino e a porta de entrada lateral dos homens, e me dirijo à entrada dos fundos. Saúdo Lúcio, que entrevistei, com a paz de Deus, e ele responde “Amém”. Saúdo também o porteiro da noite e assento-me num dos últimos bancos da fila dos músicos, bem ao lado das mulheres, para observá-las ao longo deste culto. Há umas mulheres sentadas sozinhas, mas a maioria está sentada nos bancos em pequenos grupos; há mais homens sentados sozinhos. Num dos três bancos que fica no ângulo de 90° à comunidade, ao lado do púlpito, estão sentados Leo, Sílvia e o homem que identifico como aquele que veio pedir ajuda na construção de casa de uma irmã, umas semanas atrás.- Às 19hs32min, Leo sobe ao púlpito para iniciar, como de costume, o culto. Chama-se três hinos (antes do segundo, há uma pausa considerável, fora do comum), e Leo convida para a oração, lembrando que não é para reter a oração que Deus chama. Todos se ajoelham, e após um murmúrio de 2 minutos, Sílvia fará a oração em voz alta. Ele pede que Deus “faça uma festa para nós nesta noite”, lembra do inimigo que tirou muitos do caminho, e pede que Deus envie a sua palavra. Após mais um breve murmúrio, Leo encerra o momento com as palavras “Deus seja louvado”, ao que a comunidade responde: “Amém”, e todos se assentam. Leo sorri, diz como é grande a força da oração, porque antes desta ele sentiu uma nuvem escura pairando sobre a comunidade, que agora se foi embora. Canta-se mais um hino, e Leo convida para a testemunhança.

Após uma pausa de um minuto, um homem negro aparentando uns 40 anos, de terno azul escuro, camisa e gravata azul, se dirige ao microfone. Ele faz parte daqueles homens que

costumam estar conversando ao lado do bebedouro no início do culto de jovens e menores e têm um bom diálogo com jovens. Em oito minutos, ele conta a história de sua conversão: gostava de jogar bola e não gostava de crente. Num dia em que ele estava com muita dor de cabeça e esta não passava, ele foi convidado para assistir um culto de crente; ele falou que não ia mesmo, porque com esta dor de cabeça não iria aguentar o barulho que os crentes fazem. Mas neste momento ouviu uma voz avisando-o que hoje ele iria. Ele se virou e olhou, mas não viu ninguém: foi Deus mesmo que falou com ele. Ele se prontificou para levar os parentes ao culto, avisando que iria ficar no carro, mas a voz o chamou de novo. Ao entrar na casa de oração, a voz o chamou várias vezes para olhar para frente; enquanto ele fazia isso, a voz falava: “Este é o meu povo eleito.” A partir daí, ele não deixou mais a Congregação e está contente até hoje.- Como segunda testemunha fala uma mulher negra de uns 60 anos (já vi a testemunhar várias vezes), mais baixa do que a altura do microfone, constantemente mexendo com os dedos no seu véu, num tom de voz de choro, agradecendo a Deus que este lhe deu a graça de um emprego, abrindo uma porta que outros já tentaram fechar várias vezes, mas Deus não deixou. Há anos, porém, ela está na caixa, por problemas na coluna, e amanhã tem que ir de novo para um exame médico; para este momento, ela pede a oração da irmandade e lembra que ela também não vai se esquecer de ninguém na sua oração (2 min). A terceira testemunha é um homem de terno marrom, camisa cor de rosa e gravata, que agradece à graça de estar na Congregação. Ele foi perseguido por crentes de uma outra denominação no lugar onde morava (entendi que foi a Vila Joaniza, em São Paulo) que jogaram pedras no seu telhado, quebrando este, etc. Em vários cultos, ele foi desesperadamente procurar a palavra de Deus e recebeu a visão de gente saindo em cima de um caminhão, sem entender, porém, se foi ele mesmo com a sua família que estava saindo, ou os seus perseguidores. Num certo dia, ele recebeu visita de uns irmãos e estava orando com eles ajoelhado, quando outra vez uma grande pedra foi jogado em cima do telhado, quebrando este e caindo ao lado da pia no seu quarto de dormir; se estivesse lá, a pedra teria matado ele. Esta visita, conforme ele, foram irmãos recém-batizados que pouco tempo antes “tomaram a sua primeira comunhão” (expressão católica; de fato, neste momento tanto irmão Leo como Sílvio o olharam com um certo estranhamento). Após mais uns meses de sofrimento, finalmente ele viu os seus perseguidores sair do local em cima de um caminhão. A libertação às vezes demora, mas Jesus (que ele chama várias vezes “Cristo Jesus”, numa sequência não comum na Congregação Cristã) acaba dirigindo-nos como “capitão da nossa vida”.- Em seguida, Leo passa para os avisos. Além dos batismos, ele avisa o em Santo Amaro, no dia 23, às 14 hs; pretendo ir lá, porque nunca participei de um culto da Santa Ceia. Avisa ainda que a mãe de

Lúcio, que entrevistei, e sogra de Alzeni, irmã da caridade (esposa de Lúcio) veio a falecer neste dia e, “apesar de ela não ser da nossa doutrina”, quem “sentir no coração que deve ir” no velório do cemitério Vale da Paz em Eldorado (próximo à casa de oração). Ele chama Lúcio para frente (pela primeira vez vi isto num culto) e, após uma breve conversa, anuncia o horário do enterro: 11 hs. Pouco depois, Sílvio se levanta e procura Lúcio nos fundos; depois volta e pede a Leo anunciar o nome da falecida, porque sem sabê-lo, não se entra de noite no cemitério.- Canta-se mais um hino, e espera-se que Deus envie a sua palavra. Como de costume, Leo se dirige aos irmãos sentados nos bancos ao lado do púlpito; no início, ambos declinam, mas quando Leo convida por gestos com a mão direita pela segunda vez, Sílvio se levanta e sobe ao púlpito. Como no domingo passado, a leitura é do Evangelho de São João, capítulo 5,1-15. Na pregação, ele destaca que Deus estava fazendo, pelo anjo, milagres neste local, no tanque de Betesda, movimentando as águas. Imediatamente a irmandade acompanha a pregação com “Ah”s e “Oh”s e curtas frases de louvor. Mas agora chegou o próprio Jesus para curar o paralítico. Diz aos irmãos e irmãs da comunidade, com voz alta, que assim “Deus está fazendo um movimento também na sua vida”. Depois, quando o homem sai andando e carregando a sua cama, outros o param, dizendo-lhe que era contra a lei carregar a cama em sábado, ao qual o homem respondeu que ele estava fazendo apenas obedecendo o que aquele que o curou o mandou fazer. Assim, nós devemos obedecer a Deus, mesmo se as pessoas em nossa volta nos criticam. E assim como “ninguém estava nem aí, ninguém preocupado com ninguém, ninguém dando louvores a Deus” porque este curou o paralítico, “ninguém está se preocupando com você”, somente Deus. A comunidade acompanha os momentos em que o pregador se emociona.- A oração em seguida, feita por um homem em voz baixa, é curta (2 min). Quando todos se levantam para o hino final e uma mulher propõe o número de um canto, Leo se desculpa e pede cantar o coro 3, porque já passou das 21 hs. Em seguida, todos arrumem as suas bolsas e saem dos bancos, dando-se o ósculo e dirigindo-se às portas da saída. Observo que mesmo aqueles que estavam sentados ao lado do corredor central, que faz divisa com os bancos das mulheres, não saem por este, mas se dirigem ao corredor do lado direito.

Reunião da mocidade no Jd dos Eucaliptos no domingo, dia 09/11/08, 14 hs 00

Hino do silêncio	?	
Pausa	?	
Diálogo sobre texto bíblico: Gen 24	?	
3 hinos: 405 m. 446 m. 430 m	14hs24	12 min
Oração: (se destacando) (40-42)	14hs36	9 min
Hino: 425 h	14hs45	2 min
Testemunhos: (sete casais se despedindo da reunião da	14hs47	53 min
Avisos	15hs40	3 min
Hino: 418 m	15hs43	3 min
Acolhida palavra: procura do pregador	15hs46	2 min
A palavra: Ef 6.1-4	15hs48	1 min
Pregação	15hs49	13 min
Oração (se destacando): cooperador de jov e men convidado	16hs02	3 min
Hino Encerramento: 410 m (só 1 estrofe e refrão)	16hs05	2 min
Encerramento	16hs07	1 min

Como fiquei sabendo pelo culto na 5ª f no Jandaia que teria culto da mocidade hoje à tarde no Jd dos Eucaliptos, visito esta casa de oração que fica a menos de 1 km de um enorme conjunto habitacional (COHAB “Nova Conceição”). Chego na casa de oração às 14hs05 min. Quase todas as vagas do estacionamento com 75 vagas já estão ocupadas, e há um grande movimento em frente da casa de oração. Estaciono meu carro; ao descer, já escuto um homem pregando dentro da igreja. Entro na igreja; nela, as mulheres sentam do lado direito e os homens do lado esquerdo. A igreja está quase lotada; deve ter aproximadamente 200 moços (em torno de 100 músicos) e 230 a 250 moças (a grande maioria entre 15 e 25 a 30 anos). O ancião Natal Manoel Bordelli, um homem moreno alto com voz forte, ancião da casa de oração do Jd. Transilvânia, está dirigindo o culto. Ele está conversando com os jovens aparentemente sobre o texto bíblico de Gen 24, que conta como Abraão arranja um casamento (uma mulher) para seu filho Isaque (título na Bíblia da Congregação Cristã – tradução Ferreira revista e corrigida: “Abraão manda seu servo buscar uma mulher para Isaque”). Nesta história, o servo de Abraão combina com Deus o seguinte (v. 14):

Seja, pois, que a donzela a quem eu disser: abaixa agora o teu cântaro para que eu beba; e ela disser: Bebe, e também, darei a beber aos teus camelos, esta seja a quem designaste ao teu servo Isaque; e que eu conheça nisso que fizeste beneficência ao meu senhor.

Numa atitude de professor para alunos, o ancião pergunta repetidas vezes quais eram as palavras a serem confirmadas, mas ninguém (nem os cooperadores de jovens e menores presentes) se lembra; apenas após algumas dicas do ancião, se descobre que Rebeca irá falar justamente as palavras que o servo combinou com Deus (“Bebe, e também, darei a beber aos teus camelos”): foi confirmada, portanto, a palavra. Agora o servo sabe que não foi somente ele, mas Deus mesmo que “fez beneficência ao meu senhor”. Outro elemento importante é

que Rebeca, quando levantou os olhos e viu Isaque, “*tomou ela o véu e cobriu-se*” (v. 65). De novo, o ancião pergunta à comunidade qual o sentido deste gesto, e outra vez não há resposta. Assim, ele mesmo tem que revelar que Rebeca tomando o véu e cobrindo-se, é imagem da igreja como noiva que espera pela vinda do seu noivo amado, Jesus. Ele ainda se dirige às moças para lhes indicar o seu papel no casamento (v. 67):

E Isaque ... tomou a Rebeca, e foi-lhe por mulher, e amou-a. Assim, Isaque foi consolado depois da morte de sua mãe.

Este é o papel de todas as esposas, conforme o ancião: ser o consolo dos seus maridos.- No fim da reflexão, o ancião avisa que em futuros encontros irá aprofundar esta questão. Somente agora (14hs24min) canta-se os três hinos que costumam iniciar o culto. No fim do último hino, um homem traz um papel com os pedidos de oração ao púlpito. Natal lê a lista dos pedidos, nos quais consta “tribulações”, e pergunta a um homem com mais que trinta anos na primeira fila dos bancos o que um moço ou uma moça considera tribulação. O homem responde, e N. repete a resposta pelo microfone, uma vez que com exceção dos que estavam perto, ninguém entendeu nada. Tribulação para um moço ou uma moça é a preocupação quando se chega aos 30 anos e não se tem namorada ou noiva ainda. Ele brinca com o homem que este, com pouco mais que trinta anos, não precisa se preocupar ainda; olhando para as moças que ele continua chamando de “donzelas” (expressão do texto bíblico), ele afirma que este problema para as donzelas já é maior. E ainda dá o exemplo de uma moça com mais de trinta anos que sofre de uma deficiência, seja na cabeça, que ela ainda pode cobrir com o cabelo, seja no braço, que ela não irá poder esconder: quem vai querê-la? Só se tiver um moço cujo coração se inclinará a ela. E mesmo assim, os pais dele dirão, quando vêem a moça, que é melhor procurar outra... De novo o ancião pergunta à mocidade: e o que o jovem vai fazer? Mais uma vez, será o próprio ancião que dará a resposta: o moço ouvirá os pais com humildade e paciência, mas depois de confirmar o seu desejo pela palavra de Deus (neste sentido, Deus é mais pai do que os pais biológicos), ele dirá aos seus pais: “Mas sou *eu* que vai casar...” Somente então ele pede à comunidade se ajoelhar para procurar a face de Deus em oração. Um homem faz a oração (2 min), e após mais um breve momento de murmúrio, todos se assentam para cantar o próximo hino. Em seguida, o ancião convida para a testemunhança. Na reunião da mocidade, são em primeiro lugar os moços e as moças que estão se despedindo da reunião da mocidade porque estão deixando de ser solteiros, que irão testemunhar: assim, levantam sete pares de moços e moças para dar o seu testemunho. O ancião pede não contar toda sua história de vida, mas os momentos como Deus confirmou os casamentos que irão ocorrer. Ele lembra a importância deste momento: é um compromisso

público e diante de Deus, do qual os respectivos coordenadores da reunião de jovens e menores são testemunhas, além de toda moçada presente. Compromisso que, após este testemunho, não pode ser revogado ou desfeito. Casamento é compromisso não para um ano nem cinquenta anos, mas para a vida toda, até a morte. Ele adverte também para “guardar-se” até o dia do casamento, porque se houver relação sexual nos dias entre esta reunião da mocidade e o casamento, toda bênção de Deus iria cair por terra, e o casamento sofreria estrago para sempre.- Nos 53 minutos que se seguem com os testemunhos dos que estão “deixando a liberdade de solteiros”, sempre é primeiro o noivo que dá seu testemunho, será comentado e questionado pelo ancião; depois sua noiva testemunha, também com comentários e questões do ancião. Percebo que dos sete moços que irão casar, cinco são músicos. A questão que interessa mesmo o ancião é: qual foi a palavra de Deus que confirmou o casamento? Quando o noivo não sabe ou esqueceu, o ancião repete várias vezes “Esqueceu? Esqueceu da palavra?”, e dirigindo-se a toda mocidade, cada vez de novo explica que não se pode esquecer nunca esta palavra de confirmação, porque na hora da tristeza e do luto, da dificuldade e quando o inimigo faz guerra, se lembrar desta palavra será fundamental: será ela que recriará a ordem. Ele também perguntará às moças qual a palavra de confirmação; com alguns noivos aconteceu que a confirmação foi a mesma palavra no mesmo culto que os dois assistiram juntos.- Durante esta parte, num certo momento, o ancião afirma que a mulher “é a parte mais fraca” do casal. Em outro momento, ele dirige-se às moças advertindo-as repetidamente para não atrasar no dia do casamento. Assim elas evitam que o noivo fica desesperado ou que o juiz vai embora sem realizar o casamento – situação esta que ele já viu acontecer.- Comentando as palavras de cada noivo e cada noiva desta maneira, o ancião dá um pequeno sermão a cada um deles e a mocidade toda sempre.- Do outro lado, vários noivos, na sua oportunidade de falar, afirmam que marcaram o casamento apesar de “não ter condições”, mas “Deus é a nossa condição”. Todos os moços também mencionam um diálogo com os próprios pais e com os sogros, pedindo licença de casar. Uma moça é a primeira para lamentar que irá sentir saudades das reuniões da mocidade – depois dela, outros moços e moças irão dizer o mesmo.

Após os testemunhos, no lugar dos avisos, o ancião lê mais um ensinamento a respeito da celebração do casamento: não pode ter baile nem música profana. Se houver, o ministro convidado não pode fazer a oração. Natal conta uma situação em que foi convidado para fazer a oração por ocasião do casamento, na casa de uma família bem amiga. Quando ele viu os instrumentos de uma banda, perguntou qual tipo de música ela iria tocar, e recebeu como resposta: todas as músicas que os convidados iriam pedir. Uma vez que nestas ocasiões

normalmente não estão presentes somente crentes, mas também católicos e gente sem fé, também música mundana poderia ser tocada; por isso, ele logo se despediu, alegando que nestas condições ele não poderia fazer a oração, e que voltaria em outra ocasião mais apropriada para fazer a oração.

Em seguida, chama-se mais um hino, e a comunidade espera que Deus envie a sua palavra. Como de costume, o ancião convida por gestos vários irmãos a pregarem a palavra, mas ninguém se prontifica; logo ele mesmo volta ao púlpito e anuncia a leitura: da carta aos Efésios 6,1-4. Na pregação, Natal destaca a necessidade de obedecer aos pais, mesmo se estes não forem crentes, resguardando, porém, que o Pai mais importante a quem deve-se obedecer é Deus Pai. É esta obediência que assegurará a prosperidade na vida. A palavra “prosperidade” (que não consta como tal no texto bíblico), é destacada várias vezes pelo orador e sempre acompanhada com fortes ruídos de aprovação pela mocidade; lembro-me dos moços que informaram decidir casar mesmo sem “ter condições”. De fato, *esta* palavra de Deus parece ter menos importância (também a pregação é mais curta) do que o primeiro diálogo sobre o capítulo 24 de Gênesis. - A hora já é avançada (já passou das 16 hs), e o ancião convida um dos cooperadores de jovens e menores presentes para fazer a oração de agradecimento. Um cooperador alto e branco, vestido de terno claro, camisa social e gravata, ajoelha-se e faz a oração a partir do microfone ao lado do púlpito. Após mais um instante de murmúrio, Natal encerra o momento com as palavras “Deus seja louvado”, ao qual a mocidade responde “Amém”, e todos se levantam para o hino final do qual, a pedido do ancião, só se cantam a primeira estrofe e o refrão. Todos arrumam suas bolsas, se dão o ósculo e saem dos bancos; tanto na igreja como fora, as pessoas ficam e criam grupos que conversam de maneira distraída.

Já sentado no carro, na vaga de estacionamento que fica ao lado da saída lateral das mulheres, observo ainda o seu vestimento: a maioria das mulheres veste sandálias ou sapatos de salto alto; vestidos e conjuntos de saia e blusa correspondem mais ou menos em número; neste domingo de sol, quase todas usam manga curta; nenhuma blusa só de alça, e poucas mangas cumpridas. Prevalecem cores claras, que raramente são gritantes.

Continuo refletindo mais sobre este culto, enquanto vou para a casa de oração do Jandaia e depois para casa. O trecho bíblico sobre o qual o ancião dialogou no início do culto, me parece ser um texto bíblico paradigmático para todo o sistema religioso da Congregação Cristã.

Em primeiro lugar, pelo que a Congregação Cristã chama “confirmar pela palavra”. Se deseja algo, e procura-se no culto a confirmação pela palavra: que o próprio desejo ou plano esteja

de acordo com o plano de Deus. No contexto da reunião da mocidade: se deseja um esposo ou uma esposa, e procura-se no culto a confirmação pela palavra. Esta palavra é a confirmação de que o futuro esposo ou a futura esposa é aquela pessoa que “Deus preparou”. Escolher a pessoa amada não é simplesmente uma escolha do sujeito: ela precisa ser confirmada por Deus. A escolha livre do sujeito moderno é contrabalanceada pela sujeição à Palavra de Deus (somente confirmada, a escolha é válida) e submissão à tradição em público (neste culto da mocidade, no qual o ancião tem o direito de questionar). Lembramos que a Congregação espera que seu fiel sujeito *toda* decisão à confirmação da Palavra de Deus.

Em segundo lugar, Rebeca é imagem do tipo ideal de moça ou “donzela” (assim chamadas pelo ancião) da Congregação Cristã, e a expressão corporal de vestir o véu ganha sentido bíblico. Rebeca, porém, não é somente imagem da noiva à espera decente do seu noivo Isaque: ela (e assim a moça da Congregação) é, como vimos, imagem da igreja como noiva que espera pela vinda do seu noivo amado, Jesus.

Em terceiro lugar (isto não foi dito explicitamente neste culto), o servo de Abraão recebe ordens explícitas para não tomar mulher “das filhas dos cananeus, em cuja terra habito”, mas ir “à casa do meu pai”. Assim, a finalidade explícita da reunião da mocidade é “arranjar mulher” ou “arranjar homem”, para que a mocidade não os procure “lá fora, o mundo”.

Desenha-se assim claramente a linha divisória entre os que estão “na casa do pai” (de Deus Pai: na casa de oração da Congregação) e os que estão fora dela (“os cananeus” – gente de outra religião –, “em cuja terra habito”). Consideramos a insistência que o casal seja da Congregação um fator importante para a manutenção da tradição desta.

Em quarto lugar, o arranjo do casamento em Gen 24 é feito com o expresse consentimento dos pais das duas famílias. A autoridade dos mais velhos, princípio de autoridade na Congregação Cristã (anciãos), é respeitada. Casar na Congregação Cristã, portanto, não é escolha livre, mas passa por duas confirmações: a da Palavra, e a das famílias envolvidas. Em quinto lugar, o andamento do culto reforça a superioridade do homem sobre a mulher. Nos testemunhos, sempre é ele o primeiro para falar. Ele é ativo e “procura”, a mulher é passiva e “espera”. Ter idade acima de trinta anos é problema (“tribulação”) mais para a mulher do que para o homem. A pessoa com deficiência mencionada é uma mulher, e o ancião afirma categoricamente que “a mulher é a parte mais fraca” do casal.

Finalmente, esta ordem das coisas não é passada somente para a os moços e as moças que estão se despedindo das reuniões da mocidade, deixando sua “liberdade de solteiros”. Nesta tarde (e, pelo jeito, em todo culto da mocidade, que é mensal), esta ordem foi passada aos mais que quatrocentos jovens da Congregação Cristã que estavam presentes.

Culto no Jandaia no domingo, dia 09/11/08, 18 hs 30

Hino do silêncio	19hs27	3 min
Pausa	19hs30	4 min
Abertura	19hs34	0 min
3 hinos: 95 m. 112 m. 365 h	19hs34	10 min
Oração: (se destacando) (46-49) h T 14. 13. 11	19hs44	5 min
Hino: 325 m	19hs49	4 min
Testemunho 1: 2. 1. 2: T 18.12: (54-55)	19hs53	2 min
Testemunho 2: 2. 1. 2: T 15. 17 (56-58)	19hs55	3 min
Testemunho 3: 2. 4. 3: T 10.5 (03-06)	19hs58	8 min
Avisos: 07: Batismos	20hs06	3 min
Hino: 39 m	20hs09	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador: Leo	20hs13	1 min
A palavra: Jo 15	20hs14	7 min
Pregação: T 4. 1. 11	20hs21	28 min
Oração (se destacando) m (49-51)	20hs49	2 min
Hino Encerramento: 326 h	20hs51	4 min
Encerramento	20hs55	1 min

Nesta tarde, chego na casa de oração do Jandaia às 16hs35, chegando do culto da mocidade da casa de oração no Jardim dos Eucaliptos, que acontecia das 14 às 16 hs 10. Eu tinha marcado entrevistar o encarregado de orquestra, irmão Ricardo. O portão do estacionamento está fechado, o do pátio encostado; entro e encontro as portas da igreja abertas, ventiladores ligados, mas ninguém dentro. Dou uma volta e escuto vozes dos fundos, onde deve estar a cozinha, mas não desço a escada. Dou mais umas voltas, e quando chego na porta dos fundos, encontro irmão Ricardo; sentamos na fila dos músicos, no último banco, e fazemos a entrevista (+- 63 min). É uma conversa muito amigável; no fim, ele me pergunta se vou sair ou ficar para o culto da noite, e informo que vou ficar.- Logo vejo também Lúcio, cuja voz escutei nos fundos, e também um rapaz moreno e a moça jovem e branca com que vi Lúcio várias vezes conversar de maneira distraída na porta; os dois jovens evidentemente estão namorando, porque seguram as suas mãos e brincam descontraídos. Lúcio parece bom amigo dos dois. Com o tempo, vejo outros irmãos sempre presentes nesta casa de oração chegar, inclusive um menino. Em torno das 18 hs chega irmão Leo com sua esposa, apoiando-se nos braços, e também Odair que entrevistei e sua esposa; hoje, ela será organista. Converso com os dois e informo que à tarde estive na reunião da mocidade no Jardim dos Eucaliptos. Irmão Leo pergunta se foi o ancião Natal que atendeu o culto; por minha descrição, é confirmado. Leo informa que o ancião Natal é o ancião responsável por toda região de Diadema e São Bernardo, inclusive autorizado a introduzir novos anciãos, diáconos e cooperadores no cargo (depois de serem confirmados na oração no Brás). Digo a Leo que no culto da mocidade sete casais se despediram da reunião da mocidade, o que ele considera um número alto. Pergunto a

Leo se sempre houve a reunião da mocidade; ele diz que quando ele obedeceu e entrou na graça, há 55 anos atrás, houve apenas uma reunião da mocidade por ano, na casa de oração do Brás. A Congregação aumentando, o número de encontros aumentou, e eles também foram regionalizados. Ele confirma ainda que a finalidade da reunião da mocidade é mesmo arranjar casamentos: para que os jovens não procurem seus parceiros “no mundo”, mas dentro da Congregação.

Assim, entro na igreja às 18hs10 min e me ajoelho num banco. Irmão Ricardo, com sorriso e gestos, me convida a sentar mais na frente, mas respondo a seu sorriso e indico que vou ficar no meu lugar. Helena já começa a tocar órgão, e devagar, os irmãos e irmãs chegam. Nesta noite não serão mais do que 40 irmãos e 50 irmãs.- Às 18hs27 min, a orquestra toca o hino de silêncio. Segue uma pausa de 4 min, e Leo sobe e abre o culto, como de costume. Canta-se três hinos, e Leo convida a procurar, ajoelhados, a face do Senhor em oração. Um homem moreno que às vezes é porteiro e já orou várias vezes, além de testemunhar, faz a oração, pedindo que Deus envie a sua palavra para a irmandade se manter fiel na Congregação, apesar das guerras e perseguições. Canta-se mais um hino, e Leo convida para a testemunhança. Após um minuto, uma mulher branca, de saia e blusa de manga curta claras, aparentando não mais do que 30 anos se aproxima e relata que tinha uma causa importante que não foi em frente; ela foi mandado de um lugar para o outro, sem ninguém resolver, mas finalmente, quando o círculo se fechou e ela estava de novo no guichê de início, a atendente decidiu resolver a questão (2 min). Após mais uma breve pausa, outra jovem branca de vestido marrom se levanta. Uma irmã foi na sua casa para ensinar sua filha tocar órgão; esta, porém, não estava em casa. As duas ficaram conversando um bom tempo na porta; convidada para entrar, a visita declinou, porque a janela do carro estava aberta. Quando ela se despediu para ir embora e foi ao carro, percebeu que bolsa tinha sido roubada, com cartão de crédito, documentos e dinheiro dentro. Ela voltou chorando, mas não se sabia o que fazer.- Pouco tempo depois, a irmã recebeu um telefonema em casa, avisando que em frente da Congregação tinha sido achado uma bolsa. Dando descrição da mulher cuja foto estava num documento, ela reconheceu a irmã que a visitou nesta tarde, ligou para ela, e ela recebeu tudo de volta, com exceção do dinheiro que estava na bolsa (2 min).- Após mais 5 minutos de pausa, mais uma irmã parda e aparentando mais que 30 anos, vestida de maneira pouco elegante e de blusão cor cinza, levanta e testemunha que sua casa estava com muitas rachaduras e sem condições de ser habitada, mas Deus, na hora certa, providenciou uma solução. Ela diz que faltou no culto da 5ª f passada e vai voltar a faltar; ela gostaria de estar presente sempre, mas dores no corpo, (fibromialgia, artrose e problemas nas articulações) a

impedem. Ela diz que deveria ser operada, recebendo articulações artificiais, mas que ela tem medo, porque há uma máfia em São Paulo que usa material de plástico pintado que depois estoura, gerando câncer e outros problemas (3 min).- Após mais uns instantes, Leo vai ao microfone e dá os avisos. Canta-se mais um hino, e espera-se que Deus envie a sua palavra. Leo, como de costume, fica perto da cadeira do lado das filas de banco dos homens e convida por gestos Sílvia, mas este declina; após mais uns instantes, o próprio Leo se dirige ao púlpito e anuncia a leitura: Jo 15. Na pregação, Leo destaca a necessidade da perseverança e que ele, com 55 anos na Congregação e sua esposa com 57 anos nela, estão no mesmo perigo de pecar como aquele que batizou ontem. Ele lembra de problemas na família que às vezes começam de maneira quase despercebidos, com pequenas contendas e atitudes diferentes. Se neste momento já não se toma cuidado, uma separação posterior é quase inevitável, e quem mais sofre, são as crianças. Ele dá vários exemplos de sua experiência como aconselhador. Igualmente, no trabalho só se esforçar na hora que o patrão está presente, é como roubar a empresa. Levantar, sair de casa para trabalhar sem nem fazer a sua oração e entrar em comunhão com o Senhor é o caminho mais usual para sair fora da doutrina e da graça de Deus, como um galho da parreira que se solta da vinha e perde o contato com a seiva, condenada a morrer. A questão é escolher entre Deus e o diabo, entre o céu e o inferno. Deus nos preparou para a sua graça, mas nós também precisamos fazer a nossa parte.- Em seguida, Leo convida para a oração. A comunidade se ajoelha, e imediatamente em seguida uma irmã faz a oração (2 min). Canta-se mais um hino, e a comunidade se saúda com o ósculo e começa a sair dos bancos.

Culto da Santa Ceia em Diadema Central, no dia 28/12/08, às 14 hs

Hino do silêncio 361	13hs52	4 min
Pausa	13hs56	6 min
Abertura	14hs02	13 min
3 hinos: 396, 294, 194	14hs15	5 min
Oração: (se destacando) N	14hs20	5 min
Hino: 276	14hs25	3 min
Reconciliação 1: 1. 1. 3: terno e camisa escuros	14hs28	4 min
Reconciliação 2: 1. 4. 3: calça social, camisa cor laranja, sem	14hs32	3 min
Reconciliação 3: 1. 4. 3: terno e camisa escuros	14hs37	2 min
Reconciliação 4: 1. 4. 3: terno e camisa escuros	14hs39	2 min
Reconciliação 5: 2. 1. 3:	14hs41	5 min
Reconciliação 6: 2. 4. 2	14hs46	2 min
Reconciliação 7: 2. 4. 3	14hs48	2 min
Reconciliação 8: 2. 1. 3	14hs50	2 min
Reconciliação 9: 2. 1. 3	14hs52	2 min
Acolhida palavra	14hs54	0 min
A palavra: Lc 18? N	14hs54	3 min

Observação de culto

Pregação: N	14hs57	13 min
Avisos: N	15hs10	2 min
Hinos: 369. 270. 345. 403 (estrofe ou refrão intercalados)	15hs12	1 min
Santa Ceia: C e homem branco entre 40 e 50 anos	15hs13	67 min
Oração (se destacando): C	16hs20	4 min
Hino Encerramento: 191	16hs24	5 min
Encerramento	16hs29	1 min

Chego na casa de oração de Diadema Central, localizada na Rua Salgado Castro, às 13 hs 20. Bem na sua frente há um templo grande da “Igreja Universal do Poder de Deus”, com uma fachada que chama atenção. Diante deste “vizinho da frente”, a casa de oração da Congregação parece pequena e humilde, e sua fachada cor de cinza simples só atrai quem já a conhece.- Ainda há poucos carros e lugar para estacionar sobrando na rua.- A igreja da Congregação é de estilo clássico, menor e mais tradicional do que a casa de oração do Jandaia: as janelas são menores e mais estreitas, brancas e não esverdeadas, e a parede atrás do púlpito é simples, sem nenhuma alusão a colunas. Somente as palavras “Em nome do Senhor Jesus” estão estampadas na parede, em grandes letras pretas, na mesma forma como estão escritas no púlpito de madeira: “Em nome” formando meio círculo, “do Senhor” e “Jesus” separadas em duas linhas retas. Até a altura de mais ou menos um metro as paredes estão pintadas de verde-claro; acima elas estão brancas. As cortinas nas entradas laterais são da cor creme, os bancos de madeira; predominam, portanto, as cores branca e marrom. A casa de oração está ainda bastante vazia, com um número quase igual de homens e mulheres; há poucos músicos nos lugares por eles reservados. Procuro um lugar no meio da igreja, perto da parede lateral, para não atrapalhar na hora da Santa Ceia.

Às 13 hs 30, a organista começa a tocar o órgão. Um homem sentado no meu banco está de calça social e camisa branca de manga curta, sem gravata e sem casaco; enxergo vários outros homens assim, também mais idosos. Um e outro jovem veio até de calça jeans com a camisa para fora.- Do lado das mulheres, várias vieram com camisa de manga curta. A roupa de uns 15 a 20% dos irmãos e das irmãs é, portanto, adaptada à temperatura elevada (neste domingo à tarde está fazendo 30°C) e não corresponde ao rigor de vestimenta tradicional da Congregação.- Há mais pessoas de cor branca na igreja do que no Jandaia, mas me parece que a cor parda prevalece; vejo poucos negros. A maioria está sentada, orando em silêncio ou lendo a Bíblia.

Pelas 13hs45 entra o ancião da casa, Claudionor, e às 13hs50 o ancião Natal, da casa de oração do Jd. Transilvânia e maior autoridade da região Diadema - São Bernardo do Campo. Os dois não sentam ao banco lateral ao lado do púlpito, mas no primeiro banco da fila dos músicos. Eles conversam uns instantes.

Culto no Jandaia na, dia 29/01/09, 19 hs 30

Hino do silêncio	19hs27	3 min
Pausa	19hs30	4 min
Abertura ancião L. C.	19hs34	0 min
3 hinos: 121 m. 95 h. 249 m	19hs34	11 min
Oração: (se destacando) h (49-53): L. C.z: morte 45-48: testem	19hs45	13 min
Hino: 286 m	19hs58	4 min
Testemunho 1: 1.1.3: terno escuro e gravata: 1. 10 (02-06)	19hs02	4 min
Testemunho 2: 2.1.2: vestido escuro: 1. 7	19hs06	3 min
Testemunho 3: 1.1.3: terno claro e gravata: 6	19hs09	5 min
Testemunho 4: 2.1.2: vestido claro: 1.5	19hs14	8 min
Avisos: Mocidade 08/02. Diadema Central e SBC central	19hs22	0 min
Hino: 27 h	19hs22	4 min
Acolhida palavra: procura do pregador	19hs26	2 min
A palavra 1 Jo 3: Luiz	19hs28	5 min
Pregação	19hs33	38 min
Oração (se destacando)	20hs11	1 min
Hino Encerramento: 345 h (só 3ª estrofe)	20hs12	1 min
Encerramento	20hs13	1 min

Chego na casa de oração em cima da hora. Hoje o dirigente de culto é L. C., ancião da casa de oração do Jd. Transilvânia. O culto está bastante cheio; pelas 20 hs, conto entre 80 e 90 homens, dos quais 14 músicos, e aproximadamente 110 mulheres. Após a abertura, canta-se, como de costume, três hinos. No fim do terceiro hino, o porteiro atravessa a igreja e entrega ao ancião a folha com os pedidos de oração. Este os lê e lembra que vários irmãos e irmãs faleceram nos últimos dias (3 na semana passada e 2 nesta, entre eles, após longa doença, um ancião de uma irmandade próxima), pedindo oração também para as famílias enlutadas. Esta sequência de mortes é ocasião de uma reflexão a respeito da morte, neste momento. O ancião fala do funeral de uma irmã que teve no caixão um semblante tão tranquilo e cheio de paz que deu para ver que “a terra não era digna que ela pisasse mais nela”, repetindo esta frase várias vezes. Na morte, a alma se separa do corpo que foi feito por Deus “do pó desta terra” e a ela volta, enquanto a alma espera entrar na glória do Senhor. “Este corpo” que é apenas pó (durante estas palavras a mão direita do ancião puxa a pela da mão esquerda) não tem importância, mas está em destaque em muitas igrejas nas quais se valoriza apenas o material, enquanto a Congregação se preocupa com a “salvação da alma”. Após esta reflexão, o ancião convida a irmandade a dobrar o joelho, procurando a santa comunhão com o Senhor em oração. Um homem pede o bom andamento do culto e ora que Deus envie a sua palavra. Após mais um instante de oração, o ancião fala “Deus seja louvado”, ao que a irmandade responde: “Amém”, e todos se levantam para cantar mais um hino. Antes, porém, o dirigente do culto orienta o momento dos testemunhos: não é para citar o nome de hospitais, médicos ou remédios, que são todos obras humanas, mas louvar a Deus que nos cura e salva, porque nada

vale o homem, e toda graça vem de Deus. Lembrar os homens não faz crescer a fé em Deus e não edifica a comunidade, mas a entristece. Testemunhos são a ocasião de louvar e agradecer a Deus que age hoje ainda na sua obra, e assim a fé da irmandade nele cresce.

Como primeira testemunha levanta um homem que aparenta ter entre 30 e 40 anos, de terno preto e gravata, que agradece a Deus por sua família e porque, no fim do ano passado, saiu do aluguel e conseguiu uma casa própria modesta. Nela, porém, as tomadas eram todas de 220 volts, o que a família não percebeu, e vários aparelhos queimaram. Também a geladeira que era um presente de casamento foi colocada numa destas tomadas. Ao falar dela, o homem começa a chorar, mas conta em seguida como ele orou ao Senhor, e ao colocar ela de novo na tomada após a mudança de voltagem desta, ela começou a funcionar. (4 min)

Em seguida, vai ao microfone uma mulher branca e jovem, aparentando menos que 30 anos, que também agradece pela família e pelas obras que Deus realizou em sua vida. Na semana passada, porém, quando ela saiu de casa de carro, com uma pasta de documentos importantes, ela foi assaltada à mão armada. Desesperada, mais pela perda dos documentos do que por causa do carro, ela fez um voto ao Senhor que, se pelo menos recuperasse os documentos, ela iria louvar ao Senhor. Dias depois, o carro foi encontrado, e os documentos estavam nele ainda. Durante quase todo testemunho, a mulher soluça e chora. (3 min)

Como terceira testemunha fala um homem de terno claro, de mais ou menos 45 anos de idade. Há algumas semanas atrás, no momento em que ele estava saindo de casa para ir para o culto da noite, ele foi informado por telefone que seu irmão teve um acidente grave. Por falta de dinheiro, ele não conseguiu visitá-lo logo. O irmão já saiu da UTI, mas está em coma ainda, e os médicos dizem que tudo que o homem pode fazer, foi feito, e o doente agora está nas mãos de Deus. A testemunha clama a Deus pela saúde do irmão, para poder louvá-lo por suas obras. (5 min)

A última testemunha é uma mulher branca jovem que, grávida, recebeu uma vacina contra tétano. Logo depois, ela passou mal, e os aparelhos do hospital não conseguiram mais constatar a batida do coração do filho no seu ventre. Desesperada, ela clamou ao Senhor, porque sua vizinha tinha, pouco tempo antes, recebida a mesma vacina e perdida a criança no seu ventre. Vivendo dias entre o desespero e clamores a Deus, ela voltou ao hospital dias depois. Após tomar um soro, ela sentiu o coração da criança no ventre bater. Uma médica quis mandá-la para casa, porque faltou um mês ainda para completar o tempo da gravidez, mas outra alertou que o parto tinha que ser imediatamente. Não tinha lugar na UTI e, conforme esta médica, a criança poderia vir a falecer durante o transporte para outro hospital. Contra a ordem do diretor do hospital, que alegou que o hospital não tinha condições de fazer a

operação, a médica decidiu que ela mesma iria fazer o parto imediatamente. Finalmente, a criança nasceu saudável.- A mulher dá seu testemunho quase gritando o chorando o tempo todo.- (8 min)

Após mais um momento, o ancião dá por encerrada a sessão dos testemunhos, avisa a próxima reunião da mocidade, e pede chamar um hino. Em seguida, ele convida o cooperador da casa de oração e o cooperador de jovens e menores a assumir o momento da palavra, mas estes declinam. Após mais um momento de oração, no qual ele fica cabisbaixo, ele mesmo vai à tribuna e anuncia a leitura, tirada da primeira carta de João, capítulo 3.

Na sua pregação, o dirigente do culto destaca a linha divisória entre as criaturas e os filhos e filhas de Deus: somente estes conhecem a Deus, e ele lembra que os irmãos e irmãs presentes têm a dignidade de filhos e filhas de Deus e devem preservá-la. Os irmãos e irmãs presentes nesta noite não estão sentados simplesmente num banco da igreja, mas num lugar celeste ao qual Deus os chamou. Não é, porém, somente o coração que Deus olha, mas ele olha as nossas obras. Onde está presente a graça do Senhor, o inimigo vem para semear sua semente do mal. Muito pior do que a televisão são o computador e a internet. Hoje, não precisa-se sair de casa para ir aos lugares do mal, como prostíbulo etc., mas este mundo está a apenas um click do mouse de nos. Ele conhece um casal que vai se separar após 21 anos de casado, por causa do computador: “uma conversa aqui, uma sala de chat lá, Orkut”... Um casal jovem quase se separou porque o noivo entrou nestas conversas e até foi a casa da pessoa – que não era uma mulher, mas um homem. Os sogros fizeram tudo para salvar o casamento, orando junto com ele ao Senhor. Pais têm a obrigação de olhar e controlar o que seus filhos fazem no computador.

Ao empolgar-se com este tema, o ancião passa da hora do fim do culto. Por causa da hora avançada, ele mesmo faz a oração de agradecimento (bem curta) e pede cantar apenas uma estrofe do último hino. Em seguida, ele abençoa a comunidade. Os irmãos e as irmãs saem dos bancos e se dão o ósculo. No banco atrás do meu está sentado T., que é o presidente da Sociedade de Amigos de bairro. Eu me apresento como estudante que está pesquisando esta comunidade e peço uma entrevista sua, e que ele me leve aos locais de moradia precária da região. Ele concorda e me fornece o número do seu celular.- Depois, aguardo A. e sua esposa M., que hoje à noite vou entrevistar na sua casa. Eles conversam mais uns 5, 10 minutos com o ancião L. C. em frente à igreja, e somente pelas 21 hs 30 saímos em direção à sua casa.

Entrevistas (em CD)**Entrevista com Ricardo**

A entrevista com Ricardo se realizou nos arredores da Casa de Oração da Congregação no Pq. Jandaia, após o culto dos jovens e menores, domingo, dia 9 de novembro de 2008. A duração da entrevista é de aproximadamente uma hora.

Norberto: Então você é o encarregado da orquestra aqui? A quanto tempo você está na Congregação?

Ricardo: Cinquenta e dois anos.

Norberto: Cinquenta e dois anos?

Ricardo: É.

Norberto: E qual a sua idade?

Ricardo: Minha idade é setenta e sete.

Norberto: Então você entrou com vinte e cinco anos?

Ricardo: Vinte cinco anos.

Norberto: Ah, sim. Como conheceu a Congregação?

Ricardo: Conheci por intermédio de um amigo que trabalhava comigo e me convidou pra ir na igreja, né, e então eu fui lá atender o convite dele e cheguei lá gostei bastante, sabe? Gostei bastante! Então eu cheguei lá, e quando cheguei, eu era da igreja católica, então eu não tinha assim, o pessoal não tem tanta comunicação de amizade, de amor, assim não. É cada um pra si, entra e sai, não conversa com ninguém, no meu tempo que ia na missa de católico, né? Então quando eu eu cheguei na Congregação viu porteiro lá em pé eu cheguei e falei assim: Boa noite! Aí ele falou assim, boa noite não meu irmão aqui nós não usamos falar a paz de Deus! Aí ele falou assim: Então fala agora para mim! A paz de Deus! Eu digo: A paz de Deus! Aí ele falou assim amém e me abraçou e me beijou. Aí eu falei assim, nossa Deus o negócio aqui é diferente, aqui é muito bom eu vou ficar por aqui mesmo! Aí eu não voltei mais na igreja católica mais.

Norberto: Já, isso foi no início do culto? Que ele falou pra você?

Ricardo: É na entrada

Norberto: Na entrada?

Ricardo: na entrada!

Norberto: Ai você decidiu na entrada que ia ficar?

Ricardo: Já decidi que ia ficar porque o trato era diferente

Norberto: Isso! Isso foi aqui em São Paulo, Diadema?

Ricardo: Foi em Campinas.

Norberto: Lá em Campinas.

Ricardo: No Bota Fogo ali perto da Rodoviária, era a igreja lá, agora ela ficou muito pequena, foi aumentando aumentando. Era em 1956.

Norberto: Hum, hum

Ricardo: Aí mudaram ela, teve uma muito grande na rua Germano, é no Bonfim e aí e agora é lá.

Norberto: isso. Você já era casado quando conheceu a Congregação?

Ricardo: Solteiro

Norberto: Solteiro?

Ricardo: Solteiro, solteiro.

Ricardo: Vim casar agora em sessenta e três.

Norberto: Ah sim!

Ricardo: Em mil novecentos e sessenta e três.

Norberto: A esposa já era da Congregação?

Ricardo: Não. Batizou logo, logo que eu tava procurando uma esposa pra mim casar, ela batizou mais eu não sabia que era ela, aí ela depois que batizou e tal eu fui procurar, pedir pra Deus confirmar uma esposa pra mim, Deus me confirmou, ela tinha batizado a poucos dias mais eu não conhecia ela.

Norberto: Ah sim! Como Deus confirmou?

Ricardo: Como Deus confirmou? Eu pedi a Deus em casa porque eu, eu tava em missão no Rio Grande do Sul na cidade com nome de Santa Maria no Rio Grande do Sul.

Norberto – Hum, hum

Ricardo: Então eu vim pra cá, cheguei aqui em sessenta e um, então meu pai tava doente aqui, meu pai tava doente aqui em Diadema, então eu fiquei com ele, fiquei com ele de cinquenta e cinco dias, faltava cinco pra dois, cinco dias pra dois meses ele faleceu, tava com câncer no esôfago

Norberto: Hum hum

Ricardo: É. Aí minha madrasta tinha uma porção de crianças, umas cinco ou seis crianças pequenas, aí eu falei assim: Ouviu Maria minha madrasta? Agora o pai faleceu mesmo, agora vou voltar porque o chefe da estrada de ferro lá de Campinas, o chefe do tráfego falou pra mim se você, eu pedi a conta tinha dez anos de serviço, então eu fui a serviço da obra de Deus aí ele falou assim se você voltar você não tiver 30 anos ainda você pode voltar pra cá que eu vou dar sua saída como se for uma licença e eu vou te por você no mesmo cargo seu.

Norberto: Lá na construção da Ferrovia?

Ricardo: Na estrada de Ferro, é estrada de Ferro Mogiana que tinha, depois ela passou para Fepasa, por falência foi para Fepasa. Então dali a pouco uns dia, dali a poucos dias que eu cheguei aqui passou cinquenta dias que pai morreu, aí minha madrasta aí eu falei com ela que eu ia voltar para Campinas! Ai ela falou assim pra mim: Não Ricardo! Fica comigo, me ajuda eu criar essas crianças e porque eles te respeita como um pai pra eles, você sempre ajudou a zelar deles desde que eles nasceram. Eu sempre fazia despesa e mandava pra eles né? De todo lugar que eu morava, então eu mandava a despesa pra eles. Aí ela falou: Fica comigo a ajuda eu criar essas crianças! Ai eu fiquei com dó, peguei e fiquei! Fiquei com minha madrasta ajudando a criar! Mais aí não foi assim, porque passou seis meis ela casou de novo! Aí eu fiquei sozinho!

Norberto: Sim!

Ricardo: Aí eu fui pedir ordem para o Senhor, falei assim: Senhor! Senhor Jesus né? Fala comigo! Se eu posso voltar para Campinas, se eu posso voltar para Campinas, pro lugar que o meu chefe falou comigo que eu podia voltar! Aí Deus respondeu pra mim assim, falou assim sem saber! Eu pedi a Deus em casa e fui para à igreja quando estou sentado assim, o servo de Deus lá falou assim: Tem irmão que pediu alguma coisa para o Senhor! Você quer mudar daqui que não tá gostando daqui, tem lugar que você gosta mais? Você quer ir pra lá, né irmão? Então você não muda daqui não! Não arreda teu pé daqui porque teu lugar é aqui para

glória de Deus agora! Você não muda daqui não porque agora é o teu lugar! Aí fiquei! Aí tudo bem, aí quando eu tava sozinho, que minha madrasta casou que eu fiquei sozinho, aí eu falei assim, tudo bem, então agora eu vou pedir pro senhor uma esposa, aí eu vi que eu não podia mudar mesmo que Deus falou que era pra ficar em Diadema que é daqui para glória de Deus até morrer né. Então eu falei assim: Senhor eu pedi para o Senhor pra mim mudar para Campinas para o meu lugar porque eu gosto muito daquele lugar que o Senhor me chamou foi lá, para tua graça, então agora eu quero pedir uma outra coisa pro Senhor! Prepara para mim uma esposa! Eu preciso de uma esposa que eu não possa viver sozinho mais! Já ia fazer vinte e oito anos, aí eu não voltei pra Campinas fiquei por aqui, aí quando, aí quando eu tava a pedir e cheguei na Congregação, orei a Deus em casa e fui para Congregação na mesma semana pedi para mudar Deus não me deu ordem, pedi pra uma esposa então para eu casar. Aí Deus falou assim comigo: Irmão! O pregador não tá sabendo nem com quem estava falando ele só fala com a Congregação a salinha de oração tá cheia! Então ele falou assim: Tem irmão que pediu pro Senhor uma coisa! Né irmão?! Você pediu uma coisa pro Senhor que você precisa e o Senhor gostou do teu pedido! Ele gostou! Ele já tem uma, uma esposa reservada para você, só que você vai ter que esperar mais um pouquinho porque ele ainda não chamou ela na graça, então ele vai chamar e depois você, depois vai te dar na tua mão. Aí eu disse: tá bom! Mas eu fiquei meio nervoso ainda! Falei assim nossa Deus! Já estou com 28 anos já, já velho já, vou esperar Deus chamar! Quando vier Deus vai preparar uma esposa pra mim quando eu estiver com cinquenta anos? Ah! Aí é muito longe! Fiquei triste! E passou, e passou. Aí que a tristeza acabou e continuei esperando. Deus ia chamar, então passou uma porção de dia passou uma porção de dia aí, eu ainda congregava junto com a minha madrasta ainda né, ela casou com outro marido, e juntou com as crianças levou tudo e eu fiquei sozinho. Aí mais um dia ela falou assim pra mim: Ricardo, você conhece a irmã Jaqueline? Eu digo não! Não conheço não! Ah mais ela anda com nós aí nessa turma que nós anda para congregar, nós sair pra congregar aqui de Diadema, ia para Vila Nogueira ia pra Cidade Ademar ia para o Taboão tudo a pé não tinha condução nesse tempo. Aí ela falou assim: Ah então a hora que ela tiver junto com nós eu te mostro quem é. Mas passou, passou, passou e quando essa noite ela falou: Você conhece a irmã Jaqueline? Eu digo não! Aí eu falei assim: O que é que é o assunto? Conta dela para mim alguma coisa. Falou assim: Ah é que ela batizou lá no Brás ontem é que ela batizou no batismo do Brás ontem. Era no dia que ela batizou ontem por exemplo: era dia 02/01/1962 aí ela batizou e ficou, e ficou. Mais eu não estou sabendo quem é. Então passou, passou passou, passou uns dois três meses, quando é um dia ela passou perto de mim aí eu olhei nela assim falei assim: Nossa que mocinha bonitinha! Eu vou falar com essa moça! Aí minha irmã filha da minha madrasta falei assim: Lucidinha quem é essa moça? Aí ela falou assim: Essa é a irmã Jaqueline! Quer falar com ela? Aí eu falei assim: tenho vergonha, nem nunca conversei com ela né? Aí ela falou: Não! Mais ela é muito boazinha! Quer que eu chame ela? Eu digo chama! Aí ela passou por mim assim, foi para frente, depois a minha irmã, uma menina pequena, tinha uns treze anos falou assim: irmã Jaqueline o Ricardo queria falar com você. Aí ela parou um pouquinho veio me esperando e eu fui passando assim ela falou assim: Você queria falar comigo? Eu digo eu queria! Aí fui conversar com ela assim um pouquinho. Aí eu falei assim: Oh o que eu pedi para falar com você é esse assunto: você passou perto de mim e eu gostei muito de você, passei olho em você e meu coração comentou qualquer coisa a respeito de você, então eu queria falar com você, se eu posso pedir ordem ao Senhor Jesus pra mim casar com você. Aí ela falou assim: Ah não! Nem te conheço e tal, nem te conheço! Não quero casar não! Eu tô aqui por uns dias só, vou voltar pra Bahia pra casa do meu pai vou embora pra lá. Aí eu digo tudo bem! Então eu valei assim: Ó! Então você me perdoe eu é que sou muito atrevido então para falar com você, você me perdoa! Aí depois, então pode lá junto com as suas irmãs de novo. Aí ela continuou descendo junto com as irmãs e eu fiquei para trás andando com a minha madrasta com a

turma dela. Aí quando nós, aí quando ela chegou lá para perto das irmãs o que o irmão Ricardo queria falar com você? Falou assim, ah ele queria falar pra pedir ordem para o Senhor Jesus casar comigo. O que que você falou? Eu falei que não quero casar, que não vou ficar aqui! Falou não minha filha, quando você era, você não era serva de Deus, você andava por sua conta você fez bem de ter falado, mais agora você é serva de Deus, agora você teria que dar a resposta assim: Olha irmão eu não vou te dar a resposta agora eu vou pedir pela palavra o que Deus falar comigo eu te dou a resposta para você. Então passou lá quase uns 4 ou 5 meses assim, não me deu a resposta ficou para lá e eu para cá. Aí já vi ela essa primeira vez conheci ela da Congregação mais não se misturava porque ela vai embora eu também vou, e tal então tudo bem. Então quando é um dia, falou assim: Ricardo eu quero falar com você! Eu digo então tá bom. Aí eu desci lá na rua, porque eu ficava para trás, todo mundo ia embora e eu ficava para trás, e desde daquele tempo eu ajudo a fazer limpeza na Congregação até agora senhor viu eu ajudando aquele dia,

Norberto: Isso

Ricardo: Pois é eu ainda ajudo a fazer limpeza na Congregação ate agora então eu disse assim eu vou descer lá com você depois eu volto aqui. Aí eu disse assim: o que é que você quer falar comigo? Ela falou assim: Eu queria falar com você que Deus me confirmou pra mim casar com você aí eu falei assim: Deus confirmou? Você entendeu que falou com você? Ela falou assim: Entendi! Eu falei assim, então tudo bem, então quando é amanhã então posso ficar noivo com você? Ela falou sim pode! Falei assim quando? Aí ela falou assim a hora que você quiser. Aí eu falei assim: Então vou conversar com os seus parentes amanhã. Aí eu fui lá amanhã que era uma quarta-feira, quando ela me deu a resposta era terça, e quando é quarta eu fui na casa dela e já fiquei noivo o meu colega Claudionor ancião convidei para ir junto comigo porque eu sou muito acanhado para conversar né? Então eu falei assim: Ô Claudionor! Eu vou chegar lá na casa da Jaqueline amanhã, vamos lá comigo? Ele falou assim: O que sê vai fazer? Eu digo aí eu contei tudo pra ele, aí ele falou assim: Eu vou com você! Aí ele chamou a irmã Eugênia a esposa dele, nós fomos. Aí eu falei assim: Eu vou ficar noivo também! Aí ele falou assim então vai, tudo bem! Aí fiquei noivo naquele dia, aí ele falou assim: Já marca o casamento também! Eu falei assim pra quando que marco? Um ano assim mais ou menos? Aí falou não, você marcar para daqui cinco meses. Nesse tempo eu não tinha, não tinha, pagava aluguel de dois quatinhos, então eu tava pagando aluguel, aí eu falei assim: Então tá, para quanto tempo eu marco? Ele falou assim: Marca pra cinco meses. Isso vai dar esse cinco meses, o ultimo sábado de fevereiro de 63. Aí eu digo tá bom! Aí deu tempo de comprar terreno, deu tempo nesses cinco meses comprar terreno, comprar o material, ganhava Cr\$ 70,00 por mês nesse tempo na Walita, então deu tempo de comprar terreno, comprar material e construir a casa, uma casa de quatro cômodos com banheiro deu tempo de fazer tudo dentro de cinco mes. Aí eu entrei dentro dessa casa casado e até esses trinta e dois anos de idade quando eu casei é eu pagava aluguel, nunca tive oportunidade nenhuma, e dos trinta e dois anos para cá que já faz quarenta e cinco anos, então aí eu nunca mais paguei nenhum dinheiro de aluguel pra ninguém e a tenho a casa até, e sempre aumentando né. *Risos*

Norberto: risos. Naquele tempo você congregava em qual casa de oração em Diadema?

Ricardo: Era em Diadema.

Norberto:Qual casa?

Ricardo: É ali, era ali onde é...

Norberto: Na Salgueiro?

Ricardo: Sabe onde é o quarteirão da Saúde?

Norberto: Sim

Ricardo: Pois é, ali era em cima do barranco a nossa sala de oração

Norberto: Ah.

Ricardo: Depois teve outra na Salgado de Castro.

Norberto: E o Claudionor já era ancião?

Ricardo: Ele era cooperador

Norberto: Cooperador?

Ricardo: Cooperador!

Norberto: Ah! Naquele tempo era cooperador!

Ricardo: Ele era cooperador.

Norberto: Hoje ele é ancião na Salgado...

Ricardo: Salgado de Castro.

Norberto: Isso!

Ricardo: Salgado de Castro!

Norberto: Ah, que bonito hein!

Norberto: *risos*

Ricardo: *risos*

Norberto: Você batizou então?

Ricardo: Dia 15/06/1956

Norberto: Logo depois do teu chamado ou você demorou um pouco? Você foi na Congregação, assim na hora? Por causa do irmão falou isso para você, deu beijo você já sabia?

Ricardo: Não. Aí naquele tempo em Campinas não tinha ancião quando eu morava lá, não tinha ancião lá em Campinas então eu pedi pra ser batizado e demorou um mês para ter meu batismo, aí gente aqui de São Paulo lá do Brás.

Norberto: Isso!

Ricardo: Gente de São Paulo lá para fazer o batismo.

Norberto: A sua esposa congrega aqui também?

Ricardo: Não ela congrega lá em Diadema! Na Salgado de Castro.

Norberto: Ah sim, hã, hã. Você vem todos os dias aqui no culto vem?

Ricardo: Venho!

Norberto: Os três dias, o culto de jovem de menores, né?

Ricardo: Venho quase 4 dias por semana.

Norberto: Isso!

Ricardo: Porém, é, fica sendo três dias porque é segunda, quinta e domingo. E domingo eu fico em dois cultos, na reunião de Jovem e esse culto da noite.

Norberto: Quando você casou naquele tempo, já tinha reunião de mocidade?

Ricardo: Tinha

Norberto: Já tinha?

Ricardo: Tinha. Até naquele tempo que era em 1956 que Deus me chamou era mulher que presidia.

Norberto: Da mocidade? não era jovens e menores?

Ricardo: Não, era jovens e menores!

Norberto: Ah era jovens e menores

Ricardo: Era jovem de menor. Aí depois foi aperfeiçoando, aperfeiçoando a irmã achou que ela não estava certa no lugar dela, porque tá escrito na palavra de Deus que é as mulheres que as mulheres devem ficar em silêncio na igreja e não abrir a boca para falar alguma coisa quer dizer que não podia presidir nada.

Norberto: Sim!

Ricardo: E ela tava presidindo e ela se sentiu acusada! Falou com os anciãos e eles apresentaram um para por de cooperador dos jovens no lugar dela e ela saiu.

Norberto: Ah!

Ricardo: Era esposa do irmão Pedro Ita cooperador naquele tempo.

Norberto: E agora reunião da mocidade é mais gente na idade de casar, já houve também naquele tempo ou ela surgiu depois?

Ricardo: Esse tempo já tinha, mais era mais pouquinho

Norberto: Ah, sim.

Ricardo: É não era só na idade de casar, a mocidade passou, de, vai chegando na adolescência e já começa a congregar na mão da mocidade

Norberto: Deixa jovens e menores

Ricardo: Depois da adolescência

Norberto: Sim!

Ricardo: Aí vai para a mão da mocidade

Norberto: Ah tá. E você é o encarregado da orquestra, né?

Ricardo: Encarregado da orquestra!

Norberto: Quanto tempo, já?

Ricardo: Oito anos.

Norberto: Oito anos?

Ricardo: Oito anos!

Norberto: Antes você teve uma outra função? Um outro campo?

Ricardo: Desde desse tempo, desde desse tempo que Deus me chamou já passou cinco anos, que eu estudei a música, e sou músico desde desse tempo.

Norberto: Hum, hum.

Ricardo: Ajudo a fazer limpeza e toco meu instrumento.

Norberto: *risos*

Ricardo: *risos*

Norberto: Então desde aquele primeiro tempo você era amigo do Claudionor você o chamou para ir junto na casa da futura noiva e tudo, né?

Ricardo: Isso, isso! Desde 61. Eu cheguei em Diadema em 61, já ficamo sendo amigos de 61 pra cá.

Norberto: Isso!.

Ricardo: E eu fui na casa dessa noiva em 62, quando no fim de 62 e era em Setembro, quando foi em 63 eu casei.

Norberto: Você hoje ainda encontra a Claudionor, vocês se visitam de vez em quando?

Ricardo: Ah, visito muito, visito muito ainda congrego com ele também nos intervalos daqui eu tô lá

Norberto: Isso! Então você é amigo do Ancião, né?

Ricardo: Bastante, bastante!

Norberto: *risos*

Ricardo: Eu tenho muitos Ancião, eu viajei com alguns deles quando eles tavam na missão da obra de Deus, eu, eu viajava junto com eles, né?

Norberto: Isso!

Ricardo: Com esse irmão Claudionor fiz visita pra Bahia, pra Minas.

Norberto: Sim! Muito bom. O que você pensa sobre os Anciãos? Cooperadores?

Ricardo: O que que eu penso? Sobre quê mais ou menos?

Norberto: Eles são homens diferentes do que você? São gente igual a você? Eles têm um pouco mais do Espírito Santo o Espírito de Deus? Como você vê eles?

Ricardo: Não, não tem! Não tem mais assim. Bom, mais inspiração do Espírito de Deus eles têm, porque eles são homens responsáveis pela obra de Deus, eles têm que ter mais, ter mais unção de Deus né?

Norberto: hum, hum.

Ricardo: Porque eles têm que administrar a obra de Deus, e eu tenho menos porque eu não faço essa parte, né?

Norberto: Sim!

Ricardo: Mas, sobre, eles não faz, eles não faz diferença assim, de querer ser mais do que nós não, de querer ser, querer dividir de nós assim sabe? Não tem disso não!

Norberto: Sim!

Ricardo: É tudo igual!

Norberto: Ungido no sentido simbólico? Ou tem alguma unção mesmo? Para alguém ser cooperador, para alguém ser ancião, não né? Unção é só para doentes não é?

Ricardo: Unção só pra doentes.

Norberto: Só pra doentes!

Ricardo: Antigamente, antigamente, era ungido os homens de que era pra trabalhar na obra de Deus era ungido com azeite, né? Azeite da Santa Unção do Santuário.

Norberto: Sim! Antigamente?

Ricardo: Antigamente! Mas agora não usa mais essa unção, agora a unção com azeite é só quem tá doente.

Norberto: Você lembra quando parou aquele costume de ungir também os anciãos e os cooperadores?

Ricardo: Se eu lembro quando parou mais ou menos? Não, porém os ancião mesmo eu não me lembro quando que eles fossem ungido com azeite não, agora, a gente se lembra quando era os reis, como era Rei Davi.

Norberto: Isso!

Ricardo: Rei Saúl.

Norberto: Ah! Isso!

Ricardo: Rei Saúl e outros mais né?

Norberto: Sim! E com outro irmãos e irmãs da Congregação, você tem amizade? Vocês as vezes se visitam?

Ricardo: Faz visita, bastante.

Norberto: Faz? Nas casas?

Ricardo: Inclusive, inclusive eu faço bastante visita que é difícil o senhor me achar em casa.

Norberto: Ah.

Ricardo: É difícil o senhor me achar em casa, pro senhor me achar em casa o senhor tem que marcar por exemplo: Ricardo amanhã você vai sair de casa? Ou amanhã ou depois, tal dia? Não sei porquê? Ah, eu queria ir na sua casa amanhã. Eu digo, tudo bem. Que horas o senhor vai? Eu vou tal hora aí eu espero o senhor.

Norberto: Isso!

Ricardo: Mas se não marcar, é difícil de me achar em casa, porque eu tenho ferramenta de barbeiro que eu tirei o diploma de barbeiro, e eu faço assim também essa parte de cortar cabelo, barba dos irmãos nos hospital e vou nas suas casas com quando eles ficam velhinhos.

Norberto: Que bom!

Ricardo: Ficam velho, faço o cabelo e a barba deles e quando eles não podem congrega eu levo o hinário canto uns hinos junto com ele nas suas casa

Norberto: Bonito, bonito!

Ricardo: Pra da um, anima eles mais, porquê aí meu Deus como que eu faço se eu não tô congregando, to desprezado, não tá desprezado porquê tem Deus prepara a gente pra ir lá animar eles um pouco nas suas casas

Norberto: Ótimo. Muito bonito!

Ricardo: *risos*.

Norberto: *risos*. Me faz uma pequena descrição do culto. O que acontece no culto?

Ricardo: No culto?

Norberto: *risos*

Ricardo: *risos*. O que que acontece no culto? Mais por exemplo do quê, faz uma?

Norberto: Como é o desenvolvimento? Você chega bem antes, porque você é o encarregado da orquestra, não é?

Ricardo: É.

Norberto: Você chega meia hora antes já não é?

Ricardo: Isso.

Norberto: A organista já toca também? É uma meia hora do culto que ela começa?

Ricardo: Ela, ela toca meia hora antes do culto, né? E depois ela toca no intercoro do culto. A organista toca sete hinos e a irmandade canta seis, juntamente dos músicos nós também tocamos sete hinos e a irmandade canta seis.

Norberto: Sim.

Ricardo: Todos hinos que nosso músico toca a organista também toca.

Norberto: Isso.

Ricardo: Porque tem um hino que nós toca chama hino do silêncio antes de começar o culto.

Norberto: Isso.

Ricardo: A da, chama hino do silêncio, pra dar silêncio pra irmandade, que tão conversando daqui, conversando dali. E tá, nem que for cochichando por respeito, mas aí é hora, quando acaba de tocar o hino, a gente vai orar a Deus também pra poder, pra poder começar o culto.

Norberto: E no fundo, no fim do culto vocês tocam mais um hino do silêncio não é?

Ricardo: No fim de, no fim do culto toca só mais um verso, uma estrofe.

Norberto: Ah, isso. Isso mesmo.

Ricardo: Canta uma estrofe e um verso

Norberto: Sim, para você, quais são os momentos mais emocionantes do culto? Quando o seu coração realmente sente, se emociona no culto?

Ricardo: Sim. Se transforma né? A hora mais especial mesmo, a hora mais especial é a hora que tá pregando a palavra, porque, porque ta pregando a palavra e a gente ta sentindo a presença de Deus, o que ele espera, encostado na parede em pé o pregador ancião ou cooperador ele espera lá encostado na parede, pra Deus revelar a palavra pelo Espírito Santo, então, ali ele espera, pode ter cinco ancião, e se Deus revelou pra um ele levanta se não revelou pra ninguém, ele mesmo que vai pregar a palavra. Então é tudo vindo pelo Espírito de Deus.

Norberto: Sim

Ricardo: E na hora da pregação bastante aquele que está naquela necessidade que tocou no assunto da pregação, então ele sente lá no banco a presença de Deus também. Aí ele sabe que é com ele que está falando

Norberto: Isso

Ricardo: É a hora mais, mais especial é a hora da palavra

Norberto: E no fundo não é só o ancião que está falando é Deus mesmo que está falando?

Ricardo: É Deus mesmo, falando, usando um vaso vazio, porque ele não seria um vaso vazio, porque se ele decorasse né? Se ele decorasse a palavra pra pregar. Mas ele é um vaso vazio por que espera que Deus dê.

Norberto: Sim!

Ricardo: Uma vez, uma vez na reunião dos jovens aqui em Diadema, logo que eu cheguei pra cá em 61, 1961 então Deus me deu a palavra pra mim, eu era moço solteiro, o moço solteiro pode fazer pregação na reunião de jovens.

Norberto: Isso.

Ricardo: Moço solteiro. Portanto que ele não, que ele esteja em ordem com a palavra de Deus e que não esteja em pecado.

Norberto: Hum, hum.

Ricardo: Então Deus me deu a palavra, mas então, então mas o pregador cooperador de jovens, ele não ofereceu a palavra pra mim, não ofereceu. Aí falou assim pra mim, perguntou pra quatro que estava na minha frente, mas eu tava mais no meio, então ele ofereceu pros quatro, irmão tem a palavra, irmão tem a palavra, irmão tem a palavra? Eu também não tenho. Ofereceu uns vinte minutos, umas quatro, cinco vezes pra cada um, mas pra mim Deus tinha me dado já desde o começo, mas eu falei, aí eu falei com o Senhor Jesus assim falei Senhor, eu não vou levantar porque eu tenho medo que ele vai me recusar e eu vou ficar chateado diante da irmandade, ele não me chamou não me ofereceu a liberdade da palavra, então eu não... Mais hoje é você! O Senhor Jesus falou comigo! Hoje é você! Eu preciso de você hoje! Aí eu falei assim: Senhor me perdoa por essa vez! Ele não ofereceu eu vou ficar envergonhado ele não vai me aceitar para subir lá no púlpito. Aí aí ele ofereceu, ofereceu por lá e não me deixou e eu fiquei, não levantei, desobedeci a Deus. Aí quando ele viu que estava passando assim muito tempo e ninguém tinha, ele falou assim: Então vamos, então vamos, e eu estava ali suando, mais suando, sentado no banco porque Deus estava me visitando, me visitando e ele não me ofereceu, então ele falou assim então vamos agradecer a Deus porque hoje Deus não deu a palavra para ninguém de noite e agradeceu a Deus do culto sem a palavra e pra mim Deus tinha me dado.

Norberto: E você não falou mesmo?

Ricardo: Não levantei!

Norberto: Sim!

Ricardo: Então viu só como é que é a responsabilidade? Se ele apresentasse qualquer coisa era por conta dele e para mim Deus tinha me dado, e ficou sem a palavra.

Norberto: Sim, sim. O irmão Leo de vez em quando chama você também no culto ele olha para você, chama você?

Ricardo: Sim, tem alguma coisa irmão, eu falo que não, não tenho. A gente não costuma, já tem ele lá no lugar, não precisa...

Norberto: Sim

Ricardo: ...de outro não (*risos*).

Norberto: Como você sente que Deus tá visitando?

Ricardo: Olha sente aquele aperto no coração assim, como coisa que dá uma pontadinha dessa assim, o coração do Senhor apertando assim e batendo, batendo, batendo, batendo.

Norberto: Ah, aí você sabe que Deus tá te chamando?

Ricardo: Ai já sabe que Deus que tá chamando.

Norberto: Sim ! (*risos*). Muito bonito. É claro que você participa da ceia.

Ricardo: Santa Ceia!

Norberto: Todo Ano?

Ricardo: É uma vez por ano.

Norberto: Isso, desde aquele tempo todo ano.

Ricardo: Todo ano, todo ano. Teve um ano desses 52 anos que eu perdi porque quando eu tava no Rio Grande do Sul eu perdi uma, eu tava em missão da obra de Deus e lá não tinha, então eu perdi uma.

Norberto: Sim

Ricardo: Então não posso contar 52 tenho 51 só.

Norberto: (*risos*).

Ricardo: (*risos*).

Norberto: Você visita outras casas de oração?

Ricardo: Bastante.

Norberto: Bastante.

Ricardo: Das nossas né...

Norberto: Isso.

Ricardo: Das nossas em todas quase a gente vai e no dia que não tem aqui ou não tem em Diadema a gente esta.

Norberto: Todo dia você vai?

Ricardo: Todo dia é difícil parar em casa.

Norberto: E você leva seus instrumentos sempre junto?

Ricardo: Levo instrumento sempre junto

Norberto: Ah, bom.. *risos*. Quantas vezes Deus já chamou você para a missão?

Ricardo: Quantas vezes?

Norberto: Já perdeu a conta, já?

Ricardo: Missão grande mesmo assim mesmo foi só essa mesmo que eu fui para o Rio Grande do Sul.

Norberto: Ah sim.

Ricardo: Grande assim. E agora visita, visita Deus põe no coração sempre, né.

Norberto: Isto.

Ricardo: Sempre fazendo visita para os irmãos.

Norberto: Sim.

Ricardo: Tinha um irmão nosso doente aqui em Diadema, e ele não conseguiu fazer operação cirurgia, por uns pinos nesse lugar aqui do lado das juntas aqui, então ele foi para Araçatuba para casa do irmão dele, Araçatuba, é longe daqui lá. Então ele foi para lá e lá ele conseguiu pelo INPS falava INPS naquele tempo então ele conseguiu pelo INPS fazer a cirurgia lá, então nós demos falta dele aqui, demos falta dele aqui na Congregação e fomos procurar saber onde estava o irmão Aristides, onde que está? Então fomos saber ele estava em Araçatuba. Então a gente foi lá, tinha feito operação e estava lá encostado lá, nesse tempo não era aposentado não. Então nos fomos lá fazer visita para ele, então junto a essa são muitas. Eu saio daqui fui ate no Paraná para visitar irmãos, que Deus põe no coração da gente eles morava, era nosso companheiro daqui e foi para o Paraná de mudança quando ele estava aqui nós eramos pedreiro trabalhava junto na construção. Depois ele mudou para lá os irmãos de lá pôs ele de diácono na Congregação.

Norberto: Onde?

Ricardo: Andirá, Paraná.

Norberto: Ah sim.

Ricardo: Andirá. Então, é assim a gente sai para fazer muita visita.

Norberto: Isso.

Ricardo: E quando Deus põe mais alguma coisa para gente sair pra falar do evangelho, falar da graça de Deus pra uma pessoa, a gente sai também e honra bastante.

Norberto: Isso! Muito bom! (*risos*). Você participa de outros momentos da Congregação, além do batismo, da santa ceia, do culto na casa de oração?

Ricardo: Se a gente participa?

Norberto: Você de vez em quando vai junto faz um culto na casa do irmão doente? Alguma coisa assim?

Ricardo: isso faz, faz também. Eu tenho também uma responsabilidade na nossa região de Diadema eu atendo visita, eu atendo assim, nós somos em quatro para fazer uma reunião de visita na casa do doente, então eu também estou incluído nesses quatro.

Norberto: Você também ungia um doente? Ou é só o ancião?

Ricardo: Não, é só ancião se o ancião não tiver o cooperador pode.

Norberto: Ah tá.

Ricardo: Já eu não.

Norberto: Sim.

Ricardo: Isso é falta de respeito passar na frente dele, mais no caso de emergência, aí o cooperador pode fazer no lugar do ancião, mais eu não posso fazer no lugar de nenhum deles.

Norberto: Tá certo. Qual é a sua sensação de ser músico na Congregação, de tocar para o Senhor e mais ainda de ser o encarregado da orquestra?

Ricardo: A sensação essa aí é uma coisa que a gente vive em paz e satisfeito a vida inteira dia e noite, sentindo, sou um servo de Deus, sou um servo de Deus e ali a gente, e com essa esperança Deus guarda a gente de pecar também.

Norberto: Isso, muito bom! (*risos*). Você tem uns hinos que você gosta especialmente?

Ricardo: Uns hinos que a gente gosta?

Norberto: É? Um ou outro que você...

Ricardo: Gosta mais? Não! Os hinos a gente gosta de todos porque o hino do hinário, eles são a palavra de Deus cantada, é a palavra de Deus que está sendo cantado em torno de músicas e versos escolhidos assim né, por intermédio de oração foi incluído, separando versos, fazendo a poesia e colocando a música compondo-se.

Norberto: Sim. O que a participação na Congregação Cristã mudou na sua vida? Você já tinha 25 anos, né, quando você entrou? Mudou muita coisa na sua vida?

Ricardo: Ah, meu Deus do céu, mudou demais da conta,

Norberto: O que você lembra?

Ricardo: Nossa Deus eu não tinha firmeza com nada, sobre honestidade sempre tive.

Norberto: Hum, hum

Ricardo: Honestidade sempre tive. Gostava de ser desde menino ser sincero, mais mudou o prazer de viver no geral.

Norberto: Aumentou.

Ricardo: Aumentou. Qualquer coisinha eu falava assim, quando via qualquer luta qualquer dificuldade eu já gostava que Deus me levasse logo meu Deus do céu como esse mundo tá ficando muito ruim, agora já não peço assim mais. Agora eu falo assim: Senhor me dá bastante ano de vida para mim trabalhar bastante na sua obra, eu falo assim para o Senhor em oração.

Norberto: Sim! Sim! (*risos*).

Ricardo: Eu falo assim para o senhor em oração, nem que eu tiver com 100 anos 120 anos me dá bastante ano de vida eu quero saúde também para trabalhar com o Senhor.

Norberto: Sim. Hábitos seus mudaram? Costumes?

Ricardo: Hábito? Bastante! Ixe, vixe eu era beerrão, bebia demais. Bebia tudo o quanto era bebida cachaça, conhaque, cerveja, depois Deus me libertou de tudo.

Norberto: Isso.

Ricardo: Deus me libertou. Tirou a vontade, cigarro, não precisou ninguém falar para você se precisa deixar disso, se precisa deixar disso. Não, não precisou ninguém falar nada. Não precisou ninguém me corrigir por isso.

Norberto: Foi Deus que tirou.

Ricardo: Foi Deus que foi colando nojo na gente e a gente excluindo.

Norberto: A sua rede de amigos naquele tempo mudou? Você tinha antes para entrar na congregação, você tinha uma rede de amigos um tempo depois mudou? Você perde amizades? Você ganhou amizades?

Ricardo: Não, não perdi amizade com ninguém. A minha rede de amigos continua do mesmo jeito. Os amigos que eu tinha até alguns deles começavam a debochar de mim depois de crente, aí falava assim: Oi Ricardo, oi irmãozinho, começava a debochar de mim. Então lá na Walita na fábrica onde eu trabalhava começou assim, oi irmãozinho, tudo bem? Eu digo graças a Deus tudo bem, Lauro. Ele chamava Lauro. Eu vou orar a Deus para você ser um homem feliz como eu sou. Aí ele falava assim, não precisa orar não.

Norberto: (*risos*).

Ricardo: Ele levava tudo na brincadeira.

Norberto: Mais continua amigo?

Ricardo: Continua amigo, sempre muito amigo, aí pra rua na amizade com todo mundo. Tenho bastante amigo, tenho bastante amigo, tenho amigo que a gente trabalhava na estrada

de ferro junto, eu fui lá em Campinas visitar ele terça-feira passada agora. Porque ele era muito meu amigo e eu fui lá visitar ele. Lá em Campinas.

Norberto: Que bom, muito bom. Antigas amizades!

Ricardo: E antes nós dois era católico e depois ele passou a ser da Assembleia e Deus me chamou para essa.

Norberto: Isso.

Ricardo: Nós temos amizade até agora. Não não temos tema um com outro nem de reprovar nem de mentir, nada disso, é amigo de verdade.

Norberto: Isso muito bom. O que você mais gosta na Congregação?

Ricardo: O que eu mais gosto de tudo? O que me anima? O que me dá mais força é a palavra de Deus!

Norberto: Sim.

Ricardo: Ela é coisa principal da minha vida.

Norberto: Isso. Você lê cada dia na sua casa, também?

Ricardo: Leio bastante. Só que não consegue decorar nada.

Norberto: Sim, mas é como se Deus estivesse falando com você?

Ricardo: É como se Deus tá falando comigo. Às vezes eu estou em necessidade assim, eu estou orando, Senhor falar comigo por uma partida por uma palavra, então a gente fica ali cantinho para ouvir minha resposta, a gente vai vendo a espada caindo.

Norberto: Você de vez em quando na sua casa ora para sua esposa também, ou só para si? Sozinho?

Ricardo: É, quando eu sinto, nós passa muito tempo sem orar junto, mais quando eu sinto saudade eu falo assim: Jaqueline, eu estou com saudade de orar junto com você, aí ela fala assim: Então vamos orar, então vamos orar!

Norberto: Os filhos de vez em quando oram juntos também?

Ricardo: Os filhos oram juntos também, é pouca vezes, porque agora são oito filhos, são oito filhos e bastante deles são casados tem só dois em casa, mais de vez em quando nós oramos juntos, quando eles se reúnem em casa no fim de semana junto, aí eu falo assim: não vai embora não, vamos orar. Aí nós oramos a Deus para eles irem para sua casa para despedir.

Norberto: Isso. Dois estudaram na Metodista, você falou?

Ricardo: Estudaram na metodista. Duas filhas.

Norberto: Filhas?

Ricardo: Filhas.

Norberto: O que estudaram lá? Você lembra do curso?

Ricardo: Faculdade de comércio exterior, todas as duas.

Norberto: E gostaram?

Ricardo: Gostou bastante.

Norberto: Tinha bolsa? Ou você conseguiu pagar as duas? Porque não é barato lá.

Ricardo: Oh, eu ajudava um pouco né, ajudava um pouco né, mais elas já do salário dela mesmo já, aí já tirava, já tirava e pagava.

Norberto: Já tava lá

Ricardo: Aí já tirava e pagava eu ajudava um pouco e ela com um pouco do salário dela.

Norberto: Sim, que bom. Alguma coisa na Congregação deve mudar?

Ricardo: Não.

Norberto: Não?

Ricardo: Tá acho que tá tudo muito bom, sabe louvado seja Deus.

Norberto: Isso.

Ricardo: Tá tudo muito bom, agora se houver necessidade de mudança é Deus que faz a mudança pelo Espírito Santo é Deus que examina tudo e põe no coração dos administradores para mudar alguma coisa mais quanto a não estar na nossa visão tá tudo muito bom

Norberto: Isso

Ricardo: (*risos*).

Norberto: (*risos*) Qual visão você tem de outras denominações, o que você pensa sobre eles? Sobre outros crentes, sobre gente de outra religião, católicos, espíritas?

Ricardo: Sabe o que eu penso das outras religiões? Eu não vou discutir com ninguém! Não vou por defeito, não vou falar nada de ninguém, mais vou falar com sinceridade pro o senhor: as religiões todas, todas caminho para ir para o céu é um só, é só o Senhor Jesus ele é o caminho a verdade e vida. Só que a gente tem uma visão mais próxima, assim quando ele estava para morrer, quando ele estava para morrer, ele falou assim: Repartir entre si os meus vestidos e sobre a minha túnica lançavam sortes né? Você compreendeu o que eu tou falando? E sobre a minha túnica lançavam sortes. Então é, os vestidos os vestidos da palavra de Deus todo mundo pode usar ela, mais o vestido, a túnica, porque os vestido foi repartido, ranca uma manga dá para um outra manga dá para outro, outra parte costurado e dá para não rasgar o pano, só arrancava a manga. Tudo bem, e agora a túnica aquele que Deus chama, Deus já dá para ele a unção do Espírito Santo, o Espírito Santo Deus cinge ele da sua porção divina seu Espírito Santo, o Espírito Santo controlador. Então, então aquele Espírito Santo os vestido pode repartir todo mundo pode pegar, só que a túnica não pode rasgar porque não tinha costura foi lançado sorte então a palavra de Deus todo mundo pode pregar, pode usar ela pode ensinar de um jeito ensina de outro, e tal, só que o Espírito Santo é a túnica que não se pode repartir. Aquele que tem o Espírito Santo, verdadeiramente, a unção de Deus no Espírito, é a túnica então é lançado sorte. Então a pessoa que caiu em sorte de não ter essa túnica ele tem o vestido mais não tem a túnica.

Norberto: A túnica é a Congregação?

Ricardo: Não, a túnica é o Espírito de Deus.

Norberto: Espírito Santo?

Ricardo: Espírito de Deus porque os sete dons de Deus são sete dons de Deus, sete administração que Deus tem na sua obra, então Deus põe sobre nós o seu Espírito Santo da divindade, e agora a palavra todos podem ter, mais o Espírito Santo é só para aquele que é lançado sorte.

Norberto: Isso. O seu amigo da Assembleia se ele tiver realmente fé em Jesus ele vai se salvar?

Ricardo: Ó, só se ele for salvo pelas obras, mas de outra maneira por que se uma pessoa não conseguir salvar por estar dentro da dor (*incompreensível*) divina, muito bem, e se não não conseguir salvar vai ter o julgamento para ele, para ele ser salvo pelas obras. Porque é, vou mostrar para o Senhor uma palavra: O Senhor Jesus tava numa casa, o Senhor Jesus tava em uma casa fazendo uma visita então chegou, então chegou um homem, (não sei onde que está escrito né..) aí chegou um homem e disse Senhor vamos na minha casa, que eu estou com meu servo muito mal, aí não sei o que ele tinha moribundo lá, vamos na minha casa que eu estou com o meu servo muito mal, eu amo bastante aquele servo. Aí o Senhor falou assim um minutinho só, vou já com você. Aí aquele homem ficou esperando. Aí aquele homem ficou esperando, esperando, aí depois aquele homem voltou em si falou: Senhor vamos fazer uma

coisa, o Senhor tá muito ocupado, eu também sou um homem de autoridade fala para esse servo faz isso e ele faz, fala para aquele servo faz isso e ele faz, tenho meu soldado a minha responsabilidade, então fala só uma palavra e eu vou e falo para meu criado e ele vai sarar, fala só uma palavra e o Senhor fica aí na sua responsabilidade e eu vou lá e dou recado para meu criado e ele vai sarar. Ele falou assim: Então vá que o teu criado já está são!

Norberto: Sim.

Ricardo: Aí ele pegou e foi. Aí o Senhor Jesus falou pros outros: Você viu a fé desse homem? Nem em Israel eu vi tanta fé como desse homem, o senhor já sabe disso.

Norberto: Isso

Ricardo: Nunca vi tanta fé nem Israel eu vi tanta fé como a fé desse homem, portanto eu vos digo, virão do oriente do ocidente assentarse-ão à mesa com Abrão, Isaac e Jacó e os filhos do rei lançado nas trevas exteriores e ali haverá pranto e ranger de dentes. Então naquele dia, muitos que não tá entro na casa de Deus virão do oriente do ocidente e assentarse-ão à mesa com Abrão, Isaac e Jacó e muitos que estavam aqui dentro que não deu valor é lançado fora nas trevas exteriores e ali haverá pranto e ranger de dente.

Norberto: Verdade. Onde é que você mora lá em Diadema?

Ricardo: risos. Já quer descobrir meu ninho é?

Norberto: Mais ou menos!

Ricardo: Meu ninho é na Avenida São José *(fala o número da casa)*.

Norberto: Você gosta do bairro onde você mora?

Ricardo: Gosto!

Norberto: É um bairro bom? É um bairro...

Ricardo: Bom! É o centro.

Norberto: Centro. Ah tá. Rua São José *(fala o número da casa)*

Ricardo: Avenida São José

Norberto: Ah eu sei, é antiga policia também não é? Bancos?

Ricardo: A polícia, o quartel da polícia tá na Nossa Senhora das Vitórias, e a minha rua é a do fundo.

Norberto: Ah tá.

Ricardo: A do fundo anda um pouquinho pra gente ali

Norberto: Ah, tá.

Ricardo: Indo mais para o posto de saúde

Norberto: Hum, hum.

Ricardo: É no *(fala o número da casa)*.

Norberto: Isso.

Ricardo: Tem uma loja de sapato lá na minha casa, não é minha não é, é aluguel então em cima eu moro.

Norberto: Ah, tá bom

Ricardo: Uma loja assim com as portas verdes, assim

Norberto: Você tem bastante contato com os seus vizinhos também?

Ricardo: Tenho, ô...

Norberto: É?

Ricardo: Cumprimentando todo dia e tal. A gente tem amizade de contar como aconteceu isso hoje, as passadas, o movimento da...

Norberto: Mesmo se não é da Congregação?

Ricardo: É, nem que não é da Congregação

Norberto: É vizinho é amigo?

Ricardo: É vizinho é amigo.

Norberto: Isso.

Ricardo: Ali se eu sair de manhã e encontrar todo mundo cedo antes de andar 100 metros já cumprimentei mais de 10 pessoas.

Norberto: (*risos*). Então você também é uma peça antiga no bairro, não é?

Ricardo: Eu cheguei nessa mesma casa 22/11/71

Norberto: 37 anos

Ricardo: 37 anos

Norberto: Sim, então você conhece todo mundo mesmo?

Ricardo: (*risos*)

Norberto: (*riso*). E é querido.- Dentro da sua casa como se faz a transmissão religiosa de geração em geração, vocês fazem alguma coisa? Você como pai a sua esposa como mãe? Com aqueles oito filhos como foi? Cada um foi descobrir sozinho, vocês ajudaram um pouco? Vocês transmitiram a fé dentro de casa, como foi isso? O que é que aconteceu na transmissão da fé, ou só aqui na casa do senhor?

Ricardo: A transcrição da fé?

Norberto: É

Ricardo: Meus meninos quando eles eram tudo pequenininhos, porque nossos filhos já eram dez depois Deus levou dois ficou oito.

Norberto: Hum, hum

Ricardo: Meus meninos eu levei eles tudo pequenininho na igreja junto comigo, eu ia levar eles na reunião de jovens todo domingo, levava meus instrumentos para tocar e trazia eles então eles aprenderam, então quando chegou nos doze, treze anos assim eles tudo foi para o mundo a molecada, foi jogar bola.

Ricardo: Pode ir ! No tempo certo Deus te tráz!

Norberto: Isso!

Ricardo: No tempo certo Deus te trás eu falei comigo né, foi, eu vi que eles sumiu, você não vai na reunião de jovem Paulinha? Ah pai eu não estou com vontade de ir não! Tudo bem! Falava assim mesmo. Você não vai Jessé na reunião de jovens? Ah pai não tô com vontade de ir. Tudo bem! E todos, todos os cinco jogou bola e tem um que joga ate agora. Não é crente assim não. Então, então quando foi, então não deixava de contar os testemunhos que eu ouvia na Congregação os feitos da obra de Deus eu não deixava de contar pra eles não!

Norberto: Em casa na mesa?

Ricardo: Em casa na mesa, sentado, almoçando, jantando tomando café tudo assim. Hoje sabe por exemplo, assim, não estava nem ligando, estava lá contando de jogar bola, e eu falei assim: Paulinho hoje houve um testemunho na Congregação assim, assim, assim, só se vendo rapaz o irmão testemunhou e a gente crê que é verdade porque não tinha uma coisa diferente, pra gente um sentimento diferente desconfiando que era mentira. E outro dia contava outro para outro, contava os testemunhos que saiu. Mais contava só aquilo que a gente achava que era verdade a gente contava, aquilo que a gente desconfiava qualquer coisa assim, porque tem muita gente que vêm com vontade de contar mentira falando que Deus operou, né? Então essas coisas eu não contava não. Quando a gente desconfiava eu não

contava nada. Então tudo bem, então quando, então quando eu contava então passa. Quando é dali uns dias passava uns dias assim, Oh pai eu fui no batismo em tal lugar, assim, assim.. Foi? estava bonito? tal, Deus te abençoe bastante abençoe. Falei assim quanto que batizou? Tantas pessoas! Como é que é a palavra que Deus mandou? Assim, assim, assim. Falei assim, oh que beleza hein? Essa palavra é muito linda. Então batizou e eu também estava nesse meio.

Norberto: Ah!

Ricardo: É! (*risos*).

Norberto: É!

Ricardo: Viu? E eles tudo veio um por um fazendo assim comigo.

Norberto: Sim!?

Ricardo: Um tava aqui comigo hoje, veio me trazer aqui, ele mora em Itatiba, eu tava na reunião com esse irmão Silvio aqui, aqui na nos químicos na divisa com São Bernardo lá pra baixo, Jardim Laura, Alvarenga. Aí o irmão Silvio leu a palavra na reunião de visita de doente, aí ele falou assim: Tem irmão aqui pode estar pensando puxa vida, em vez de eu estar aqui nessa reunião com esse pouquinho de gente, nesse deserto aqui, eu podia estar em uma Congregação - era um sábado - eu podia estar em uma Congregação grande congregando e gozando muito mais. Aí falou assim: Não precisa ficar pensando assim irmão, pensando que é perdido tempo seu tempo de tá nessa reunião! Deus põe na boca dele falar assim! Seu tempo não é perdido de ta aqui, você tá aqui nessa reunião e são oito horas da noite sábado você tá aqui Deus tá trabalhando pra você na sua casa, aí eu não pensei que fosse comigo, mais guardei esse assunto, aí quando cheguei em casa lá em Diadema, quando cheguei em casa era assim dez horas mais ou menos da noite, quando era lá para 11 horas um filho meu telefonou pra mim de Itatiba, sabe onde é Itatiba?

Norberto: Estado de São Paulo ainda?

Ricardo: Estado de São Paulo pertinho de Jundiaí. Então ele telefonou para mim, ó pai eu fui num batismo lá em Campo Limpo perto de Serra Negra, eu fui num batismo lá em Campo Limpo e tava um irmão fulano de tal lá, atendendo o batismo e a palavra foi essa assim, assim. Aí eu falei assim quantos que batizou, Jessé? Aí ele falou assim batizou, batizou tantos, batizou tantos, não me lembro agora, batizou tantos falei tava bonito então! E eu também tava nesse meio!

Norberto: *risos*

Ricardo: *Risos*, lá Itatiba, eu aqui e Deus trabalhando lá em Itatiba Campo Limpo pra ele, chamando ele na graça.

Norberto: Sim.

Ricardo: Viu!

Norberto: Dos seus oito filhos quantos que estão na Congregação? Quantos?

Ricardo: Quantos que estão dentro da Congregação? Seis!

Norberto: Seis?

Ricardo: É, esses outros dois que tá fora congrega ainda também.

Norberto: Ah, tá!

Ricardo: Mais o dia que dá vontade.

Norberto: Isso.

Ricardo: Mora nas suas casas.

Norberto: Sim?

Ricardo: Um ainda joga bola, mora aqui no Eldorado, tem uma filha minha que mora no meu quintal.

Norberto: Isso

Ricardo: Então é desse jeito

Norberto: Muito bom. Hum... Quem hoje para você são as pessoas mais importantes?

Ricardo: Quem o quê?

Norberto: Quem são as pessoas mais importantes para você?

Ricardo: As pessoas mais importantes que a gente, olha vou ser sincero para com o senhor, sabe como é o nome do senhor mesmo?

Norberto: Norberto.

Ricardo: Viu seu Norberto, as pessoas mais importantes pra mim que eu tenho mais assunto para conversar com ele, é aquele que, porque os meus assuntos não são muito das coisas dessa terra mais, de negócio porque eu já estou aposentado, os meus mais chegados assim, o mais importantes pra mim é aquele que me dá ouvido quando eu tô contando um assunto assim, falando da palavra de Deus ou contanto um testemunho, o que ele gosta da mesma coisa que eu gosto e eu falo uma coisa ele fala outra, nosso tempo vai embora.

Norberto: Isso!

Ricardo: Então esses são os mais importantes pra mim, porque eu gosto daquela coisa de falar da palavra de Deus, contar os mistérios que já aconteceu, os acontecimentos da obra de Deus e tal então eu gosto de tá conversando, quando ele conta uma coisa pra mim e mostrando mais coisa mais importante

Norberto: Sim.

Ricardo: A profundidade da palavra de Deus porque a palavra de Deus é uma profundidade

Norberto: É verdade

Ricardo: Nunca ninguém vai descobrir os mistérios de tudo que tá ali encoberto né?

Norberto: É verdade

Ricardo: *(risos)*. Então esses são os mais importantes pra mim!

Norberto: Sim!

Ricardo: Agora sobre ter amizades é com todo geral!

Norberto: Isso. E a maioria deles, dessas pessoas, está na Congregação?

Ricardo: Desses que...?

Norberto: É, que você gosta de falar da sua fé, dos mistérios de Deus, aquelas pessoas que são mais importantes para você?

Ricardo: Na Congregação a gente já é familiar de casa, a gente tem bastante gente da Congregação, mas o povo de fora quase não dá atenção nesses assuntos, né?

Norberto: Sim!

Ricardo: Mas a gente dá uma beliscadinha de vez em quando e vê que ele não gosta e cai fora.

Norberto: Ah, muito bom. Você fala com muito gente também que não são da Congregação também?

Ricardo: Falo, falo, falo.

Norberto: Para Deus trazer para dentro, para Deus fazer a sua obra!

Ricardo: Para Deus fazer a sua obra!

Norberto: Isso!

Ricardo: Não é mesmo?

Norberto: (*risos*).

Ricardo: (*risos*).

Norberto: Você participa, fora da Congregação, de algum grupo de alguma associação, tipo amigos de bairro você participava antigamente?

Ricardo: Não, não, não, nunca tive (*incompreensível*).

Norberto: Também por causa da doutrina ou você não se interessava?

Ricardo: Não se interessava pelo assunto.

Norberto: Ah sim. No dia-a-dia quais são suas preocupações diárias?

Ricardo: A minha preocupação, ó, vou falar mais da minha preocupação diariamente é com a obra de Deus mesmo sabe?

Norberto: Hum, hum.

Ricardo: É só com a obra de Deus mesmo, sabe. O que me dá mais interessa em preocupar é com isso aí. Porque na minha casa tá tudo, Deus já me abençoa e não tenho preocupação com trabalho. Já tô aposentado né, e então não tenho preocupação eu que faço compra lá pra casa pra tudo que precisa lá pra casa, ninguém sabe o preço nem de um pãozinho nem de um quilo de açúcar

Norberto: (*risos*).

Ricardo: Eu que saio pra comprar tudo, então eu não tenho preocupação minha preocupação é com os atendimentos da obra de Deus.

Norberto: O seu lazer?

Ricardo: Não tem!

Norberto: No fundo é a Congregação, a sua fé?

Ricardo: É!

Norberto: Você assiste televisao?

Ricardo: Não

Norberto: Tem televisão na sua casa? Ou não tem?

Ricardo: Não, não, não tem.

Norberto: E você poderia indicar uma outra pessoa para eu fazer a entrevista? (*Pausa*) Será que sua esposa aceitaria eu entrevistar ela? Ou não?

Ricardo: Aceita!

Norberto: Aceita? Ela é uma pessoa tão feliz como você? O que você acha?

Ricardo: É tão o que?

Norberto: tão feliz como você?

Ricardo: É a mesma coisa

Norberto: É?

Ricardo: É.

Norberto: Então vocês dois estão

Ricardo: Mesma coisa

Norberto: Bem felizes juntos?

Ricardo: É!

Norberto: Eu gostaria se ela me desse uma entrevista. Você tem telefone em casa?

Ricardo: Tenho.

Norberto: Qual é o numero?

Ricardo: *(indica o telefone de casa)*

Norberto: Acho que vou dar uma ligadinha!

Ricardo: Tá!

Norberto: Se você, no caso ela aceitar, talvez vou até sua casa ou vamos nos encontrar lugar que ela quiser eu vou gostar muito

Ricardo: Aí o Senhor liga pra ela e vê que horas ela pode te atender o senhor.

Norberto: Isso!

Ricardo: O Senhor pode ligar pra ela!

Norberto: Tá bom.

Ricardo: Ela chama Jaqueline

Norberto: Jaqueline aí eu digo que já falei com você, aí você também fala oh aquele menino é um estudante onde nossas filhas estudaram e ele já me entrevistou, seria as mesmas perguntas para ela também

Ricardo: Aqueles que estudaram lá no

Norberto: Não aí você fala para elas que eu estou na Metodista explica que é onde suas filhas estudaram

Ricardo: Ah tá já conto pra ela

Norberto: Agora se você quiser me dá uns, isso faz parte daquele roteiro, a sua idade é?

Ricardo: É setenta e sete.

Norberto: Você é casado?

Ricardo: Casado.

Norberto: Quantas pessoas moram na sua casa?

Ricardo: Moramos na minha casa dois, três, quatro, quatro, cinco, seis, seis, oh é seis pra dormir lá, mais a minha meninada esses que são casados tá sempre lá pra dormir lá.

Norberto: Isso, e quantos cômodos tem na sua casa.

Ricardo: Quantos cômodos? Tem seis!

Norberto: Seis?

Ricardo: Seis!

Norberto: E filhos você tem oito. Quantos meninos e quantas meninas?

Ricardo: É cinco menino e três menina.

Norberto: Tinha mais dois mais faleceram ainda nenezinho mesmo?

Ricardo: Faleceram um casal

Norberto: A sua escolaridade qual que é?

Ricardo: É só quarto ano, quarto ano de escola.

Norberto: Isso! A sua profissão? Mudou um pouco né?

Ricardo: A minha profissão oh é bastante coisa, trabalhei de ferroviário folguista da estrada de ferro e ultimamente trabalhava de guarda, guarda de portaria de firma, e trabalhei também de pedreiro, pedreiro do metrô.

Norberto: Isso. E hoje é aposentado?

Ricardo: Hoje é aposentado!

Norberto: Quanto é sua renda familiar em salário mínimo mais ou menos com a aposentaria?

Ricardo: Quatrocentos e trinta e seis.

Norberto: Mais dá para viver bem?

Ricardo: Não, eu tenho mais 1500 de aluguel!

Norberto: Ah ótimo! Isso! Você nasceu onde?

Ricardo: Nasci em Muzambinho Minas Gerais!

Norberto: Ah! Em Minas Gerais.

Ricardo: Minas Gerais.

Norberto: E você foi para Campinas para trabalhar?

Ricardo: Fui pra Campinas pra trabalhar na estrada de ferro

Norberto: Com quantos anos?

Ricardo: Com quantos anos? Com 20 anos.

Norberto: E veio lá de Minas mesmo?

Ricardo: De Minas.

Norberto: Do lugar onde você nasceu.

Ricardo: É!

Norberto: E de Campinas você veio para cá?

Ricardo: De Campinas fui para o Rio Grande do Sul, do Rio Grande do Sul vim para Diadema.

Norberto: Ah, isso mesmo. Então sua migração começou lá nos anos 40, não é?

Ricardo: Começou em 1951.

Norberto: Seus pais também já eram migrantes?

Ricardo: Não, eles veio depois de mim, veio depois de mim!

Norberto: Isso!

Ricardo: Veio depois de mim, a data dele mesmo é isso mesmo, ele veio pra cá em 61, 1961, veio direto para Diadema e ali Deus levou ele.

Norberto: E os pais também obedeceram?

Ricardo: Obedeceram.

Norberto: Entraram na Congregação

Ricardo: Na Congregação.

Norberto: O pai e a mãe?

Ricardo: O pai eu não tinha mãe não. Era madrasta.

Norberto: Ah sim!

Ricardo: Era madrasta.

Norberto: Hum, hum.

Ricardo: Mais o meu pai sim obedeceu sim a Congregação.

Norberto: Depois de você?

Ricardo: Depois de mim. Deus me chamou primeiro e me usou como mensageiro para levar a palavra de Deus pra ele lá em Minas, e lá Deus chamou ele e quando ele veio pra cá já era crente

Norberto: Você tem irmãos?

Ricardo: Irmão?

Norberto: Irmão, irmãs?

Ricardo: Tenho, tenho um irmão que mora no Paraná e outro ta aqui em Sorocaba, ele é deficiente mental o que tá em Sorocaba, e é só.

Norberto: E a religião do outro que tá no Paraná?

Ricardo: Que tá no Paraná não é crente não, e esse outro é deficiente mental.

Norberto: Sim, sim, sim.

Ricardo: Então não é crente?

Norberto: Então Ricardo eu agradeço muito pela entrevista

Ricardo: Hum?

Norberto: Eu agradeço muito pela sua entrevista, foi muito bonito ouvir a sua história foi muito bom!

Ricardo: *(risos)*

Norberto: é uma história muito bonita mesmo!

Ricardo: *risos*

Norberto: Não, é verdade é lindo. Alguém que está bem feliz mesmo.

Ricardo: Hum

Norberto: Alguém que está bem feliz entrou na Congregação

Ricardo: Graças a Deus

Norberto: Aí a vida começou a ser um prazer é muito bonito a sua história

Ricardo: É ainda se a gente ainda tiver tempo ainda vou contar bastante coisa pro senhor lá em casa.

Norberto: Tá bom, isso, isso, isso. Ótimo. De repente você tá lá com se a Jaqueline concorda eu entrevistar de repente você tá lá a gente conversa mais um pouco

Ricardo: O dia que o senhor ligar, senhor fala assim, já conversei com o Ricardo seu esposo lá da Congregação e eu peguei seu telefone para falar com a senhora pode falar assim

Norberto: Isso, que hora do dia você acha melhor para eu ligar? É de manhã, é à tarde?

Ricardo: Pode ser assim de horas em diante.

Norberto: Onze horas em diante?

Ricardo: É!

Norberto: Muito bom.

Ricardo: Onze horas, doze...

Norberto: Quando termino aquele trabalho eu vou dar um exemplar para você, se eu terminar na faculdade aquele trabalho que eu tô fazendo eu vou dar um exemplar para você junto com a entrevista que nós fizemos.

Ricardo: Ah, tudo bem

Norberto: Tá bom?

Ricardo: Tudo bem

Norberto: Que Deus abençoe!

Norberto: Muito obrigado!

Ricardo: O senhor também Deus que abençoe!

Norberto: *(risos)*. Muito bom!

Dados a respeito do entrevistado

Idade	64
Estado civil	Casado
Moram na casa	6
Cômodos na casa	6
Material const	Alvenaria
Vulnerab bairro	Muito baixa
Quantos filhos e seu gênero	8 (5 homens e 3 mulheres)
Posição na família	Chefe de família; pai
Escolaridade	4ª série
Profissão	Ferroviária, guarda, pedreiro
Renda fam em sal min (aprox.)	1 sal min + 4 sal min aluguel (informou renda pessoal)
Renda p/capita	2,5 sal min
Migrante?	Sim
Se for, de onde?	MG –Muzambinho; Campinas; Rio Grande do Sul; Diadema
Se for, quando migrou?	Há 20 anos
Se não, filho ou neto de migrante?	Não
Religião do(a)s familiares)	Pai católico não pratic; virou CCB após Ric.

Entrevista com Jaqueline

A entrevista foi realizada no sábado, dia 24 de janeiro de 2009, na casa em que Jaqueline mora com Ricardo, entrevistado anteriormente, e mais quatro parentes. Sua filha Isabel, também fiel da Congregação Cristã, estava presente e, no início, também seu marido. No meio da entrevista chegou e participou durante uns momentos outra filha. A duração da entrevista é de aproximadamente 55 minutos.

Norberto: Então a irmã é a Jaqueline?

Jaqueline: Jaqueline.

Norberto: A esposa do Ricardo?

Jaqueline: Esposa do Ricardo

Norberto: E a filha é a...

Isabel: Isabel.

Norberto: Isabel.

Isabel: Isso.

Norberto: É mesmo? Primeiro entrevistar a Jaqueline e aí você já escuta a pergunta e se pode, e se você quer dar uma entrevista também eu agradeço. Jaqueline, quanto tempo você está na Congregação que você está na Congregação Cristã?

Jaqueline: Quarenta e quatro, quarenta e três anos.

Norberto: Quarenta e três anos?

Jaqueline: Só um pouquinho! Quarenta e três né?

Ricardo: Sessenta e dois! Quarenta e cinco!

Jaqueline: Quarenta e seis diz ele.

Ricardo: Quarenta e seis.

Norberto: Quem foi o primeiro a entrar? Foi o irmão Ricardo ou foi você? Ou foi juntos?

Jaqueline: Foi ele!

Norberto: (a Ricardo): Você foi o primeiro?

Jaqueline: Foi primeiro. Foi ele que conheceu a graça primeiro.

Norberto: Isso! Você conheceu a graça pelo esposo?

Jaqueline: Não, não! Foi por uma tia. Essa, eu sou da Bahia sabe? E vim de lá pra cá e fiquei na casa de uma tia. Essa tia já era eva... crente, e daí eu comecei a congregar com ela. Daí eu gostei e senti que era coisa de Deus e não vacilei e tou caminhando até agora.

Norberto: Quanto tempo entre você conhecer a Congregação e se batizar?

Jaqueline: Ah! Eu congrei... eu congreguei uns três anos pra poder me batizar.

Norberto: E foi aqui em São Paulo, Diadema ou foi em Campinas?

Jaqueline: Foi em Diadema!

Norberto: Foi aqui mesmo?

Jaqueline: Em Diadema, aqui mesmo né? Quando eu vim da Bahia vim pra aqui pra Diadema e tou aqui até agora.

Norberto: E naquele tempo você já participava na Salgueiro Castro? Diadema Central? Ou onde congregou?

Jaqueline: Era em uma salinha. Sabe aqui onde é o quartirão da Saúde?

Norberto: Hum, hum!

Jaqueline: Era uma salinha ali naquele barranco. A gente começou congregar aqui. Depois com o tempo Deus preparou a Congregação e fiéis pra Central que nós congregamos.

Norberto: Isto! Naquele tempo já existia o Jardim Transilvânia ou também não existia? Você sabe?

Jaqueline: Não! No tempo da salinha ainda não! Depois que a nossa Congregação foi pronta, aí foi feita uma lá pelo Transilvânia.

Norberto: Sim. Qual é a maior igreja aqui em Diadema?

Jaqueline: Aqui no centro?

Norberto: Tem Sé!

Isabel: (incompreensível) né?

Jaqueline: Agora no Eucalipto tem uma bem grandona! Só que ela não é central sabe?

Norberto: A central é da Salgueiro...?

Jaqueline: É essa aqui do centro de Diadema.

Norberto: Isto!

Jaqueline: Salgado de Castro.

Norberto: Salgado de Castro. Mas parece que a aquele que dirige um pouco Diadema todo está no Jardim Transilvânia! O irmão Natal não é?

Jaqueline: Isso! O irmão Natal! É! Porque foi ele que recebeu o Ministério de Ancião primeiro sabe?

Norberto: Antes do Claudionor?

Jaqueline: Antes do Claudionor.

Norberto: Ah! Sim! Ah sim! Você se converteu aqui em Diadema então?

Jaqueline: Isso!

Norberto: Hã! Quantas vezes você vai no culto por semana?

Jaqueline: Três vezes!

Norberto: Três vezes?

Jaqueline: Três vezes por semana. É domingo, quarta e sexta.

Norberto: Você frequenta outras casas de oração da Congregação também? Ou é mais na sua comum que você vai?

Jaqueline: Quando a gente tem oportunidade a gente vai!

Norberto: Hã, hã!

Jaqueline: Uns os outros dias, sabe?

Norberto: Você e o irmão Ricardo sempre iam juntos até ele começar a, seria encarregado da orquestra no Parque Jandaia?

Jaqueline: Ó! Na minha central a gente está sempre juntos, mas às vezes ele vai em algumas assim longinho, aí eu não vou. Tipo no Jandaia! Quase não vou lá! Porque já fica um pouco fora de mão e a gente tem os filhos, tem a casa pra cuidar né?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Então é difícil eu ir pra lá.

Norberto: Lá ele toca também em Diadema central?

Jaqueline: Toca! Toca!

Norberto: Mas não é o encarregado da orquestra?

Jaqueline: Em Diadema não. Só no Jandaia.

Norberto: Hum, hum. Você tem uma função dentro da Congregação Cristã? Você toca órgão ou é das irmãs da piedade ou alguma coisa assim?

Jaqueline: Não! Por misericórdia de Deus eu ajudo nas porta, eu auxilio com as outras irmãs.

Norberto: Na porta?

Jaqueline: Isso!

Norberto: Recebendo as irmãs?

Jaqueline: Isso! A gente ajuda, recebe a irmandade, procura lugar pra sentar tudo, é assim sabe? Né? Olha os banheiros por causa das crianças não ficar fazendo bagunça! Essas coisa assim sabe?

Norberto: Isso!

Jaqueline: Um....

Norberto: Ré! Ré! É! No Parque Jandaia também! A criançada de vez em quando bagunça um pouco. Rá, rá rá rá! É....Você conhece bem o Ancião, Diácono e o Cooperador?

Jaqueline: Daqui da central?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Sim. Conheço.

Norberto: O que você pensa sobre eles?

Jaqueline: Ah! Eu penso assim, que eles são assim, trabalhadores da obra de Deus e esforçados pro bem da obra sabe? Interessados pelas coisas de Deus e pela Irmandade.

Norberto: Sim.

Jaqueline: O que tiver ao alcance deles eles tão pronto pra ajudar. Eles são assim.

Norberto: Com outros irmãos e irmãs da Congregação você tem amizade? Vocês às vezes se visitam?

Jaqueline: Muito. A gente faz muita visita. Agora ultimamente eu tenho até ficado mais um pouco em casa mas já fiz muita visita. A irmandade toda se comunica sabe? Principalmente na hora da enfermidade, da necessidade. Se comunicamos sim.

Norberto: Na hora de enfermidade como vocês fazem? Vocês visitam a pessoa doente? O irmão doente? A irmã doente?

Jaqueline: Visitamos. Se precisar de fazer o serviço as irmãs ta pronta pra fazer.

Norberto: Aí no fundo faz um culto dentro da casa da pessoa doente, enferma?

Jaqueline: Isto! Quando a pessoa pede pra fazer o culto a gente faz.

Norberto: O Diácono e Cooperador sempre vai junto ou as irmãs por si vão sozinhas?

Jaqueline: Não! Eles nunca vão juntos. Tem aqueles irmãos assim que Deus preparou pra atender essas reuniões. Tipo meu esposo mais quatro. Mais quatro não é? É! Mais quatro atende essas reuniões que são dos enfermos.

Norberto: Sim. Aí também os músicos levam os seus instrumentos? Tocam e cantam? Ou é mais o canto só? Nas casas?

Jaqueline: Agora é mais o canto só por causa que eles estão enfermos né?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Em alguns outros lugares aí ainda toca né, mas aqui em Diadema parece que foi cortado.

Isabel: Depende da situação do enfermo, se ele está em condições aí toca-se os instrumentos. Aí de repente tem aquele enfermo assim que ta com grau assim mais elevado, mais intenso, aí canta baixinho pra não atrapalhar (*incompreensível*).

Norberto: Ah! Isso mesmo! Me dá uma descrição do culto. Você vai no culto: o que acontece? Como você iria descrever um culto?

Jaqueline: Como assim? O que o senhor pergunta pra que, a descrição pra o que serve? Como assim?

Norberto: É! O que acontece? Você, você vai para a igreja e o que é, o que, como que se desenvolve...

Jaqueline: Como que eu me interesso de ir na Igreja?

Norberto: ...como se desenvolve o culto?

Jaqueline: Ah! Deus dá a guia deles pra eles, dá o Espírito Santo aos seus servos que tão ali na frente, e eles desenvolvem o culto.

Norberto: Sim.

Jaqueline: E a irmandade em comunhão ajuda. Deus dá oração pra uns, é aquilo que a gente recebeu das, das mãos de Deus vai lá na frente e agradece a Deus. Não é? É assim! Recebe forças pela palavra pra se dirigir a Deus. Pra espiritual e material também. É assim o nosso culto.

Norberto: Isto! Quais são os momentos que mais aquecem o coração? Que você mais sente a presença de Deus?

Jaqueline: Na hora da palavra, na hora da oração, mesmo dos testemunhos. Tem testemunho que mexe com o coração da gente e a gente sente alegria!

Norberto: A palavra é tanto a leitura da palavra como a pregação?

Jaqueline: O que a gente... o que é que o senhor pergunta?

Norberto: A palavra é tanto a leitura bíblica como depois a reflexão do Cooperador e do Ancião? Né? Sim?

Jaqueline: Tem uns que tem mais virtude né? Porque cada um tem a sua atuação não é? Que Deus deu.

Norberto: Isso!

Jaqueline: Uns tem mais virtude e outros tem menos virtude, mas tudo é palavra de Deus né! A gente recebe!

Norberto: Sim. Você participa da Ceia? Da Santa Ceia?

Jaqueline: Sim. Uma vez por ano tem a nossa Santa Ceia.

Norberto: Quantas vezes já participou?

Jaqueline: Eu acho que todas, desde quando a gente se batizou eu acho que quarenta e seis anos já.

Norberto: Todo ano?

Jaqueline: Todo ano a gente toma uma Santa Ceia.

Norberto: Sim. Você participa ou participava de outros momentos na vida da Congregação além do batismo, dos cultos comuns e da Ceia?

Jaqueline: O senhor fala que tipo de?

Norberto: É! Porque você falou assim, visitando doentes nas suas casas?

Jaqueline: Ah! Sim! A gente visita! É! Mas não assim, é um compromisso, sabe? Quando Deus prepara a gente vai. Tipo assim, é um dever né? Que a gente tem de ajudar uns nos outros né? Mas no dia que a gente não pode não é obrigado a gente ir né? Está em outros...

Norberto: Isso. O culto comum já é um... Você não sente mais obrigação pra ir as três vezes na semana?

Jaqueline: Tanto obrigação como necessidade né? De ir né?

Norberto: Sim.

Norberto: Agora sente a necessidade mesmo?

Jaqueline: Isso!

Norberto: De ir?

Jaqueline: Quando a gente não vai a gente sente um vazio dentro da gente.

Norberto: Isso. O que significa para você um véu?

Jaqueline: Ah! O véu é como está escrito ali em primeiro de Coríntios no verso onze né? O senhor já leu aquela parte ali? É bonito né? A gente... É pra falar com Deus não é?

Norberto: Sim.

Jaqueline: E tem mais alguma coisinha ali que não entra agora e eu esqueci né? Mas é isso né? A mulher tem que se cobrir com véu pra chegar na presença de Deus.

Norberto: E o que você sente nessa hora? Você sente que realmente mais fortemente a presença de Deus?

Jaqueline: Mais forte e mais segura.

Norberto: Mais segura?

Jaqueline: isso.

Norberto: E é um sentimento bonito? De vestir o véu?

Jaqueline: É sim! É o respeito né? A gente se sente confortável na presença de Deus.

Norberto: Você veste tanto na oração do culto como aqui em casa também? Na hora que você dobra o joelho e faz a oração?

Jaqueline: Já faz com o véu.

Norberto: Quando que começou a participar da Congregação? Quarenta e seis anos atrás, as pessoas, as irmãs falaram para você do véu? E o significado? Por que o vestia?

Jaqueline: Depois que a gente batiza a gente já tem que usar o véu. Daí eles não ser batizado se quiser usar pode também não é?

Norberto: Há momentos de encontro com outras irmãs da Congregação?

Jaqueline: Não entendi.

Norberto: Há momentos de encontro com outras irmãs da Congregação? Fora quando a gente tá doente ou necessitado?

Jaqueline: É! Nas visitas, no culto. A gente se encontra assim né. Nos casamento a gente se encontra também né? Mas só que não, não usam o véu. O véu é só pra orar.

Norberto: Isto. Você não toca órgão não né?

Jaqueline: Não! Não toco.

Norberto: Você também não?

Isabel: Eu estudei mas (*incompreensível*). Só que eu não sei.

Norberto: O que você mais gosta na Congregação?

Jaqueline: Ah! Do culto eu gosto inteiramente! Gosto do culto. Perfeitamente eu gosto.

Norberto: Sim. Nesses quarenta e seis anos, você viu alguma coisa mudar no culto? Ou ele hoje está ainda no fundo como era a quarenta e seis anos atrás?

Jaqueline: Ah! Não é mais! Entra muita gente sabe? Assim, com os costumes diferente e que devagarinho Deus pode ir colocando no lugar né? Mas é! É muito diferente! O mundo mudou de (*incompreensível*) né?

Norberto: Sim.

Isabel: Então! Perde aquela simplicidade!

Jaqueline: Só que a gente que já é crente já há muitos anos né? Continua assim né? Naquele mesmo ritmo. Naqueles alicerces de antigamente né?

Norberto: Então você acha que talvez uns quarenta anos atrás a comunidade com tal era um pouco mais santa, um pouco mais vivendo conforme...

Jaqueline: Mais simples...

Norberto: Mais simples.

Jaqueline: Mais santo. Mais obediente.

Isabel: Deus habita mais na simplicidade, sabe? Quando as pessoas são mais puras a comunhão é melhor, a ligação.

Jaqueline: Na obra né?

Norberto: Sim! E como que se percebe essa simplicidade e a falta da simplicidade? O que é que muda?

Isabel: Eu acho que é aquela ânsia de (*incompreensível*) irmãos. As pessoas antes elas eram mais conservadoras e mais educadas e hoje em função do liberalismo as pessoas não, não honram os lugares, não respeitam nem os pais, (*incompreensível*) educação se aprende em casa né?

Norberto: Mesmo na Congregação entra isso um pouco?

Isabel: Hã, hã!

Jaqueline: Tem pessoas que vão parece que só pra passear sabe? Mas é por cumprimento da palavra de Deus não é? Muitos é, são chamados mas não é escolhido não é? Não tem assim?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Hum! Mas como aquela parte da semente né, que caiu em boa terra o outro, na beira do caminho né? Outros (*incompreensível*). Um dia assim todos (*incompreensível*) né? E a gente também não, tem que tratar bem todos não é?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Porque a obra não é nossa! É de Deus não é?

Norberto: Isto! Então os tempos antigos dão saudade?

Jaqueline: Dá muita saudade sim! Mas a gente vai caminhando assim na medida do possível né? Aí vai vendo essas coisas, mas não pode parar não é?

Norberto: A maneira dos irmãos e das irmãs se vestirem mudou um pouco ao longo desses quarenta e seis anos ou não?

Jaqueline: É! Mudou sim um pouco, mais pra efeito de doutrina né? Pra né? Pras pessoas não mudarem né? Mas tem alguns, alguns que mudam né? Assim, mas é assim mesmo né? O mundo tá muito terrível né?

Norberto: Sim. E às vezes parece até tipo, eu lembro que no Jandaia no Parque Jandaia uma vez veio um irmão sem o terno, sem gravata, camisa, eu acho que até cor laranja, e não era o irmão Leo que estava dirigindo o culto e o irmão falou coisas, olhe, no próximo culto Leo falou olhe, vocês até todos falaram amém! Eu não falei amém! Porque eu não concordei com aquilo que ele falou. Além disso, ele nem deveria ter falado porque ele não estava vestido de maneira certa.

Jaqueline: Foi lá na...? Ele foi na frente falar? Assim como testemunho?

Norberto: Foi! Foi testemunho! Sim! Agora mesmo assim, até na Santa Ceia, eu fui na Santa Ceia lá na Central, vinte e oito de dezembro acho que foi. Não foi? Na frente ia até um outro homem que dividiu as camisas...

Jaqueline: Ah! Na Santa Ceia você veio?

Norberto: Foi! Foi!

Jaqueline: Ah! O senhor quis ir então e foi no dia da Santa Ceia?

Norberto: Eu fui! Eu fui!

Jaqueline: Ah tá!

Norberto: Agora, aí também tinha um ou outro homem que tava sem terno, sem gravata e até tomou a Santa Ceia também.

Jaqueline: Sério?

Norberto: Sim!

Isabel: Depende da condição aceitável! Muitas vezes, vamos supor que ele tava em trabalho, aí é o único tempo que ele disponibiliza pra ir na igreja. Né?

Norberto: E você tem razão! De fato o irmão Natal falou: Olha, primeiro vem aqueles que têm que trabalhar agora, depois eu peço que venham os outros, aqueles que têm que sair logo porque têm que trabalhar venham primeiro. Foi isso mesmo! Isso é verdade! E a gente vê no Parque Jandaia de fato, no domingo as pessoas se vestem melhor, eu acho que durante a semana, segunda, terça, quarta e quinta à noite eles vêm diretamente do serviço e nem têm como às vezes ir para casa trocar de roupa né?

Jaqueline: E também (*incompreensível*) muitos batizaram né?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Faz poucos dias e não tem um terno ainda né?

Isabel: Às vezes acontece isso né? Vai assim pra Santa Ceia!

Norberto: Sim.

Jaqueline: Mas tem o Diácono ali pra ver isso né? Que eles querem, não têm eles dão um paletó assim...

Norberto: Ah Sim! Sim.

Jaqueline: Sabe? No mês de dezembro as pessoas vão assim na Santa Ceia porque é muita gente de fora!

Norberto: Isto! Porque foi a última Ceia do ano em toda região. Eu também senti isso. Muita gente veio de fora! Não é?

Jaqueline: É! É tudo isso né? Às vezes se batizaram e nem conheceram e não nem nada e às vezes tomou né? Mas eles não ouviram os ensinamentos né?

Norberto: Isso.

Jaqueline: Pra chegar na mesa tem que ser de terno né? Tudo bonitinho.

Norberto: Sim.

Jaqueline: O que é que o senhor acha? Você?

Norberto: Muito bonito e muito digno realmente. Muito educados. Eu vi fila em fila, com tranquilidade. Um não atropela o outro não é?

Jaqueline: É muito bonita a Santa Ceia!

Norberto: Muito bonito! Muito bonito.

Jaqueline: É! É assim não é?

Norberto: Se você lembra dos tempos antes de você ser da Congregação, o que a sua conversão mudou na sua vida? Se você lembra a Jaqueline que você era antes e ao conhecer a Congregação, o que mudou na sua vida?

Jaqueline: Ah! A gente alcança mais entendimento e mais sabedoria e antes não né? A gente não se interessava pelas coisas de Deus né? Ir congregar, antes do, tipo no meu tempo, não era igual hoje esse mundo de hoje que a gente tá e era tudo mais simples.

Norberto: Sim.

Jaqueline: Inclusive eu vim da roça e cheguei aqui e fui trabalhar em casas de família e não conheci muito o mundão aí fora, não é? Mas a gente pensa nas forças não é? O pouquinho de entendimento que Deus dá pra gente né? Não é?

Norberto: Quando você chegou aqui em Diadema e começou a trabalhar nas casas você sentia muita diferença com a sua vida na Bahia?

Jaqueline: Ah sim! Porque lá é diferente né? Na verdade aqui também era bem assim matão quando eu cheguei aqui né? Se não eu seria diferente sim! Eu falo da vida de não crente e crente né?

Norberto: Sim!

Jaqueline: Ta? A gente sente que é muito diferente né?

Norberto: Você antes assistia televisão, ou antes de entrar na Congregação também nem assistia televisão?

Jaqueline: Eu não tinha televisão, porque depois que eu me casei, a gente já era crente né?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Então a gente não, não tinha televisão.

Norberto: Você mudou hábitos e costumes? Depois de fazer parte da graça?

Jaqueline: Ah sim! Muitos costumes que a gente tinha né? Deus vai ensinando e a gente aprende né?

Norberto: Você lembra?

Jaqueline: Tem que evitar os costumes velhos e vai pegando os costumes novos né?

Norberto: Isso! Você lembra de costumes velhos que você deixou? E novos costumes que você adquiriu?

Jaqueline: Tipo às vezes a gente via alguma coisa da vida dos outros a gente falava né? Às vezes brigava também não é?

Norberto: Hã, hã!

Jaqueline: E agora a gente não pode fazer mais isso né? Senão! Principalmente os lá de fora né?

Norberto: Sim. A sua rede de amigos mudou depois que você começou a fazer parte da graça?

Jaqueline: Ah! Eu fiquei aí a gente já começou a congrega né? Já começou novos amigos né! Mas a gente continua tendo amizade com os velhos amigos mesmo que não seja crente né?

Norberto: Isto.

Jaqueline: Quer dizer, tem que ter amizade só que também tem que ser diferente né?

Norberto: Mas logo ao vir da Bahia você conheceu a Congregação? Não demorou muito? Ou demorou um tempo?

Jaqueline: Não. Não demorou. Eu comecei congrega, mas também não tinha muito entendimento né?

Norberto: Hã, hã!

Jaqueline: Não tínhamos aquele desejo de ser batizado e ser crente, mas aí eu congreguei três anos né? Como eu já falei né?

Norberto: Isto.

Jaqueline: Aí começou eu Deus colocar no coração da gente aquele dizer e falar: Puxa! Aqui eu achei o caminho certo da verdade mesmo né? Eu vou ficar é aqui!

Norberto: Mas desses três anos antes de batizar, você praticamente só ia no culto três vezes na semana?

Jaqueline: Não, não! Aí eu não ia! Ia só aos domingos. Eu trabalhava e vinha pra cá pra, eu trabalhava pra São Paulo e vinha pra Diadema nos finais de semana e congregava só aos domingos.

Norberto: Sim!

Jaqueline: Melhor que ficar faltando no serviço né?

Norberto: Antes de conhecer a graça você vivia uma outra religião ou não?

Jaqueline: Ó! Quando eu nasci meus pais eram católicos, mas a gente nem frequentava muito né?

Norberto: Sim!

Jaqueline: Mas enfim eu era católica não é? Daí...

Norberto: Os pais depois também se converteram? Se tornaram crentes ou não?

Jaqueline: Não. Não se converteram porque eles moravam lá e eu vim pra cá.

Norberto: Sim.

Jaqueline: Mas bem que eles foram na igreja algumas vezes né? Em três né?

Norberto: Você voltou ainda depois lá pra visitar os pais ou nunca mais voltou lá?

Jaqueline: Voltei uma vez!

Norberto: Uma vez?

Jaqueline: Eles tiveram aqui também e chegou até congregar com a gente né? Mas não adianta, quando não é convertido né? Já

Norberto: Alguma coisa na Congregação deve mudar?

Jaqueline: Alguma coisa a gente acha que sim né? Mas como a obra não é nossa, é de Deus a gente deixa que Deus rege tudo não é?

Norberto: Isto. Mas o que você pensa? O que poderia poder fazer isso mudar? Se um dia Deus manifestar essa vontade?

Jaqueline: Ah! É assim, como eu já falei pro senhor, muitas, muitos vem de fora e vem entrando com alguns costumes né? E a gente não concorda! É isso aí! Mas a gente deixa na mão de Deus que Deus é que faz a obra né?

Norberto: Sim.

Jaqueline: A obra é dele né?

Norberto: Você tem críticas à Congregação não né?

Jaqueline: Não, não.

Norberto: Qual é a visão de outras igrejas tipo a Assembléia de Deus, Deus é Amor, Igreja Universal, Igreja Católica, Umbanda, Candomblé? Qual visão você tem das outras?

Jaqueline: Ah, eu acho assim que cada um tem a sua fé né? Eles acha que eles estão servindo a Deus não é?

Norberto: Um irmão e uma irmã da Assembléia de Deus você acha que se salva ou não se salva?

Jaqueline: Ah, eu não, eu não acho que não é salvo né? É conforme as obras e o coração não é?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Se ela tá ali servindo a Deus de coração quem sou eu pra falar alguma coisa não é? Hum!

Norberto: Qual visão você tem aqui de Diadema e onde você mora? O que você pensa sobre a cidade e o local onde você mora?

Jaqueline: Muito bom aqui!

Norberto: Muito bom?

Jaqueline: Cresceu muito Diadema.

Norberto: Você gosta de morar aqui?

Jaqueline: Gosto!

Norberto: Olhando você, os vizinhos, as pessoas que você conhece, como é que você considera a sua própria posição social? Igual a eles? Um pouco melhor? Um pouco pior?

Jaqueline: Ah! Igual a eles né?

Norberto: Igual?

Jaqueline: É!

Norberto: Você tem queixas sobre o bairro aqui? Sobre Diadema?

Jaqueline: Não. Não tenho.

Norberto: Às vezes tem muito barulho? Tem violência e coisas assim ou é tranquilo?

Jaqueline: Ah! Violência sempre tem! Em todos os lugares tem né?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Mas eu, mas o barulho a gente já até se acostumou aqui né? Não tem muito barulho não.

Norberto: Você tem contato com vizinhos? Vizinhas?

Jaqueline: Tenho! São todos amigos! Não tenho o que falar de ninguém! Os comerciantes. Tudo gente boa! Hum! Ré, ré, ré.

Norberto: Um e outro é da Congregação ou são poucos? Os vizinhos aqui?

Jaqueline: Ah, nenhum né?

Norberto: Nenhum?

Jaqueline: Mas a gente se dá com todos!

Norberto: Que bom!

Jaqueline: É muito bom!

Norberto: Então você não vê nenhuma razão de não ser amigo de alguém porque não é da Congregação?

Jaqueline: Não. Não. Em hipótese nenhuma!

Norberto: Isso! Aqui em família, muitos filhos e filhas são da Congregação. Vocês educaram as filhas e os filhos dentro da doutrina da graça? Vocês falaram para eles? Vocês convidaram para a Igreja ou cada um descobriu sozinho? Como foi?

Jaqueline: Ensinamos a doutrina e inclusive tem reunião de jovens e menores né?

Norberto: Sim.

Jaqueline: A gente mandava todos os domingo. A doutrina eles sabe. Agora, a se converter é a pessoa e Deus não é? Mas ensinados eles foram, todos foram. Essa minha filha também é crente.

Norberto: Sim. Vocês oravam ou oram juntos aqui em casa?

Jaqueline: Oramos juntos! Sim!

Isabel: De vez em quando!

Jaqueline: Quando vem visita! Na nossa casa tem sempre gente!

Norberto: Sim.

Jaqueline: Irmãos né? A gente faz junto tudo de novo!

Norberto: Dobra os joelhos?

Jaqueline: Isso!

Norberto: Aí também coloca o véu?

Jaqueline: Coloca o véu.

Norberto: E faz a oração!

Jaqueline: Sim!

Norberto: Canta os hinos?

Jaqueline: Às vezes cantamos alguns hinos também! Hum, hum!

Norberto: Lêem a Bíblia também?

Jaqueline: Não, a Bíblia não.

Norberto: Isso é mais no, no culto com o Cooperador e o Ancião?

Jaqueline: É! Mas o senhor vê que os hinos já é a palavra da Bíblia cantada, não é?

Norberto: Sim! Vocês às vezes aqui em casa abrem a Bíblia e lêem um trequinho que Deus indicar? Alguns versículos da Bíblia? Ou não?

Jaqueline: Em conjunto ou?

Norberto: É! Sozinha! Na oração? Ou em conjunto?

Jaqueline: A gente lê assim ó, quando a gente sente desejo de ler um versinho a gente lê particular assim né?

Norberto: Isto.

Jaqueline: Mas não costuma assim todos juntos.

Isabel: A senhora não pega a Bíblia? Não ora com a Bíblia? A gente conversa...

Jaqueline: Ah! A gente conversa muito né?

Norberto: Conversa?

Jaqueline: Conversamos é! Das passagens da Bíblia!

Jaqueline: Às vezes até pega alguma dúvida, pega e lê não é? (*incompreensível*) os meninos assim sobre alguma coisa não é?

Norberto: Quando os filhos eram pequenos vocês contavam histórias com a Bíblia? Do jeito como vocês lembraram? Tipo de Abraão? De Sara?

Jaqueline: Contava!

Isabel: Contava!

Norberto: Quando você lê a Bíblia para você, você dobra o joelho e também coloca o véu ou você lê sentada?

Jaqueline: às vezes a gente ora né? às vezes a gente sentado aqui no sofá quando a gente deseja ler a Bíblia, pega, lê um versinho. É!

Norberto: Isto! E já sente a comunhão com Deus!

Jaqueline: Isso.

Norberto: Vocês conhecem outras famílias? Como se transmite a fé lá? Se os pais falam para os filhos? Se convidam para a reunião de jovens e menores?

Jaqueline: Outras famílias que não são evangélicas?

Norberto: Não, não! Amigos da Congregação também! Que vocês conhecem?

Jaqueline: Ah! Convidamos sim!

Isabel: A maior parte das famílias que conhecemos chama os filhos pra ir na reunião de jovens.

Norberto: Sim.

Isabel: É por isso que... é porque é assim, lá o ensinamento é aquela coisa que falam pra todo mundo que ta na Igreja, então lá mesmo na Igreja já fala assim, é, deixe seus filhos, deixe crianças, trás pra reunião. E quando criança você é que vai entender e depois que crescer eles decidem o que eles querem, mas todas as famílias basicamente têm a mesma forma de educação (*incompreensível*).

Norberto: Vocês foram juntos como pai e mãe no encontro de jovens e menores? Ou vocês mandaram no sentido, vocês agora vão e nós vamos, e nós vamos à noite, ou vocês foram juntos? Ou vocês foram juntos? Você como mãe e você como pai?

Jaqueline: Na reunião de jovens?

Norberto: Hum, hum!

Jaqueline: O meu esposo sempre ia porque, porque é músico né? Mas depois que eles cresceram eles iam sozinhos mesmo.

Norberto: E aí ia sempre em Diadema central?

Jaqueline: Isto! Sempre aqui na Diadema central.

Norberto: E lá vocês foram batizados? Diadema central batiza?

Jaqueline: Não. Não sei. Quando sente de batizar é em qualquer lugar.

Isabel: É em qualquer lugar.

Jaqueline: Se for anunciado e vai.

Isabel: Assim, domingo tem batismo no Eucalipto. Tem em São Bernardo. E aí vai falando.

Norberto: Certo! Hã, hã!

Jaqueline: A pessoa que se sente e vai e fica público. A Bel pelo menos batizou no interior não é?

Isabel: Verdade.

Jaqueline: Eu me batizei no Brás. A Isabel se baitizou onde mesmo?

Isabel: Foi no Brás!

Jaqueline: Foi no Brás também né?

Isabel: Eu senti desejo e achei que era a minha hora já. Eu entendi dessa forma aí eu falei assim, ah, domingo vai ter batismo no Brás e anunciou. Agora vou lá! Aí eu já fui já pra batizar mesmo entendeu? Agora, tem pessoas que sentem na hora e tem pessoas que já vão decididas. Depende do entendimento de cada um né? Do desejo! Se sente que é a minha hora vai e batiza!

Norberto: No dia que você foi se batizar a família foi junto ou foi só você?

Isabel: Não! Foi só eu.

Jaqueline: Inclusive ela nem falou pra gente!

Norberto: É costume ou decidiu assim? É costume assim ou a maioria fala para a família? Como é?

Isabel: O meu irmão ele já falou que ele convidou, nos convidou pra ir e falou assim, olha, lá vai ter batismo: Vamos comigo, e aí a gente já imaginou, ele já tá pretendendo batizar né? Aí gente ficou lá em comunhão aí ele batizou. Agora o outro meu irmão caçula, ele já foi escondidinho sem ninguém saber. A mesma forma ela.

Outra filha: Eu chamei uma amiga pra ir comigo pra eu não ir sozinha. Por que ... não sei assim qual que foi a razão né? Mas talvez eu queria ver assim lá se eles percebiam alguma diferença, eu não ia falar nada, é como se fosse uma surpresa entendeu.

Jaqueline: Daí quando ela chegou eu tava sentada aqui na área. Ela chegou, nossa, eu olhei pra ela assim eu achei ela tão limpinha sabe? Rá, rá, rá.

Norberto: Percebeu pelo olhar!

Jaqueline: É! E é assim as coisas de Deus não é?

Norberto: E isso cresceu? Esse desejo de se batizar cresceu dentro de você ou dentro de uma oração você de repente sentiu que estava na hora?

Outra filha: Nas minhas orações, é...eu senti que tava na hora, porque é assim, é, a gente fica vendo muitas coisas que acontecem. É, no mundo (*incompreensível*) pras pessoas, (*incompreensível*) até pras que não são evangélicas mas caminham pras coisas boas né? Outras não. E aí eu fiquei olhando assim e pensei que, que, nesse momento, na ocasião, que não tinha, não, não tava interessada em desenvolver o lado mundano. Então eu queria desenvolver mais o lado espiritual, aí eu sei que está escrito na Bíblia que aquele que crê e for batizado será salvo. Aí eu pensei, eu já creio, então só me falta ser batizada, porque eu quero ser salva. Aí essa idéia foi assim, amadurecendo na minha cabeça entendeu? Aí eu falei: Ah! Bom! Eu já conheço as coisas, as coisas de Deus e as histórias do evangelho e eu acredito que Jesus Cristo veio pra salvar e que ele morreu na cruz só pra pagar meus pecados. Então se eu já creio, o que é que eu estou esperando? Só falta, só me falta ser batizada! Aí eu fui. Foi assim que eu fui entendeu? Acho que foi uma coisa assim meio de amadurecimento mesmo. Não foi por medo. Não foi por que meus pais falavam porque eu já tinha vinte e cinco anos, eu já sabia o que eu tava fazendo né? Aí eu falei assim, eu acho que chegou a hora, eu não preciso mais ficar me distraíndo com outras coisas. Eu tinha, eu tava fazendo faculdade na ocasião, eu aí eu via o que todo mundo fazia, porque a faculdade tem, tem muita coisa lá pra você ver o que é bom e o que não é, aí você pensa, o que, que eu quero pra mim? Aí disse assim, ó, não quero cair na gandaia como disse o povo né? Aí eu decidi assim, aí eu orei e falei pro senhor assim que se fosse mesmo isso que era pra fazer, que eu ia lá e que eu sentisse força de ir lá no altar na hora pra me batizar é porque era a confirmação de Deus. Aí eu fui e na hora eu levantei e fui lá e me batizei. Foi assim!

Norberto: Para essa decisão a vida da mãe e do pai também tiveram sua influência? Tipo você vendo a mãe estar na graça e é uma pessoa feliz? Realizada! O pai! Será que isso pesou para você também? Ver o exemplo do pai e da mãe? Não é que eles que encaminharam você, mas você viu que são duas pessoas crentes que...

Outra filha: A gente vê! Isso! Não! É isso daí é assim, não pra pensar exatamente mas já registrar, a gente vê que a pessoa é feliz, que ela tem assim, valores morais sabe? Que é uma pessoa idônea e

honesto, muito é da pessoa mas também a gente ensina na Igreja a doutrina né? A fazer o bem a fazer o que é justo pra poder (incompreensível). Se ela tá bem e se ela tá num caminho bom, então eu quero um caminho bom pra mim! Isso daí faz parte também né? Eu acho que é um pouquinho de cada coisa né?

Norberto: Hum, hum!

Outra filha: É do nosso crescimento na verdade. É a cultura que a gente aprendeu desde criança. Aí você vê que é bom né? E acaba escolhendo aquilo também né? Pra si. Eu acho que o que o que é bom a gente vai multiplicando, pra nós é uma (incompreensível) que a gente tem.

Norberto: Você orou muito por ela pra ela fazer parte da graça?

Jaqueline: Por todos que a gente ora! Falta dois ainda se batizar e Deus já me fez promessa que Deus vai fazer a obra com os dois.

Norberto: É! O Ricardo me falou! Gosta, gosta muito de jogar bola né? Rá, rá, rá, rá, rá. Para você hoje, quais são as pessoas mais importantes na sua vida?

Jaqueline: As pessoas? Meu esposo e todos meus filhos. São muito importantes pra mim mesmo.

Norberto: Sim.

Jaqueline: E muitos outros né? Os vizinhos, amigos, a irmandade, eu acho que eles estão bem cientes né?

Norberto: Isso! Rá, rá, rá.

Outra filha: É a família em primeiro lugar! Não tem jeito!

Norberto: E aí vocês vão juntos? Já saem da casa juntos para ir ao culto?

Outra filha: Não, por causa da incompatibilidade de horário né? Nós trabalhamos nós vamos depois, mais tarde né?

Jaqueline: Tipo ela já é casada, tem outros casados. Agora, solteiros são dois aqui em casa, os outros já são casados.

Norberto: Você participa de algum outro grupo? Uma associação tipo amigos do bairro ou alguma coisa assim ou não?

Jaqueline: Não!

Norberto: E vocês?

Outra filha: É! A gente trabalha, tem amigos assim, mas nenhuma associação assim!

Norberto: Sim.

Outra filha: A gente deveria né? Mas inclusive a gente acaba se acomodando na correria do dia a dia de cada um né?

Norberto: Isso.

Outra filha: Ou participa. Seria interessante né? Mas só que não fazemos ainda.

Norberto: Quais são as suas preocupações diárias? Do dia a dia? Com o que mais você se preocupa no dia a dia?

Jaqueline: Ah! A gente se preocupa com a casa, com os filhos, com a irmandade também né? A gente se preocupa né?

Norberto: E o seu lazer e o seu descanso como é?

Jaqueline: Pra falar a verdade eu não tenho lazer, o meu lazer é a Igreja né? É em casa...

Norberto: Você nem assiste televisão né? Aqui em casa não tem televisão tem?

Jaqueline: Não, não, não tem.

Norberto: Isso. Agora tem umas perguntas. A sua idade?

Jaqueline: O que?

Norberto: A sua idade? Isso tá aqui no roteiro! A idade!

Entrevista com Jaqueline

Jaqueline? Ah! A idade! Eu estava tão longe. Eu tenho meia sete.

Norberto: Meia sete?

Jaqueline: Isso!

Norberto: Você é casada? Estado civil?

Jaqueline: Casada.

Norberto: Quantas pessoas moram aqui na casa?

Jaqueline: É cinco né? Seis?

Norberto: Seis! E quantos cômodos tem na casa?

Jaqueline: Seis. Cinco né? Cinco!

Norberto: É. Você tem deixa eu ver, um, dois, três, quatro, cinco filhos e três filhas? É isso?

Jaqueline: São oito filhos.

Norberto: Oito filhos. Isto! E você é a mãe. Quem é o chefe da casa? É você é Ricardo ou são os dois juntos?

Jaqueline: É o Ricardo!

Norberto: Quem comanda a família? Quem tem na família a última palavra? É o pai ou é a mãe?

Jaqueline: Ah! Eu acho que...

Isabel: É um consenso né?

Jaqueline: É! às vezes quando os filhos precisam falar alguma coisa também eles falam.

Norberto: Sim!

Jaqueline: Todos juntos né?

Norberto: É! Assim é bonito!

Jaqueline: É!

Norberto: É quando os filhos são grandes já, já funciona fazer isso. Né? Quando são pequenos aí às vezes não tem muito jeito né? Mas quando são grandes é melhor assim mesmo! A sua escolaridade?

Jaqueline: Ai! Terceiro ano. Muito pouco. Do primário.

Norberto: Sim. A profissão?

Jaqueline: Do lar.

Norberto: Do lar. Isto! Bom. A renda familiar o Ricardo já falou. Você é imigrante lá da Bahia né? De onde da Bahia?

Jaqueline: Paratunga.

Norberto: Paratunga?

Jaqueline: Isso.

Norberto: Você veio diretamente para São Paulo Diadema ou você parou no caminho em alguma cidade?

Jaqueline: Diretamente pra Diadema.

Norberto: Já tinha parentes aqui? Ou você foi a primeira?

Jaqueline: Minha tia.

Norberto: A tia?

Jaqueline: Minha prima, tia.

Norberto: Isso. Você sabia. Veio pra casa deles?

Jaqueline: Vim pra casa deles.

Norberto: Isto. Tem contato hoje ainda?

Jaqueline: Não! Eles já são falecidos.

Norberto: Ah! E as filhas? Os filhos deles com a família deles tem contato?

Jaqueline: Ah! Tenho ainda! De quando em quando dá uma ligada.

Norberto: Isso. Bonito! E você entrou no ano de 1962?

Jaqueline: 1962. Não é? Foi sessenta e dois o ano que eu cheguei aqui? Eu nem lembro mais. Foi por aí, 62, 63.

Norberto: Sim.

Isabel: É só somar (*incompreensível*).

Jaqueline: Ah! Cinquenta e sete que eu cheguei aqui!

Norberto: Cinquenta e sete?

Jaqueline: É! Foi cinquenta e sete.

Norberto: Cinquenta e dois anos já! Você tinha. ... Ah sim.

Jaqueline: Eu era solteira ainda.

Norberto: Isso. Os seus pais eram migrantes também ou não?

Jaqueline: Não. Não.

Norberto: Não? E os pais foram católicos antes disso? Daqueles católicos que nominais que não participavam disso né?

Jaqueline: Isso! Isso! Que não participavam, que não eram fiéis né?

Norberto: Sim. Ré, ré! Você quer falar mais alguma coisa que eu não perguntei e que você acha importante?

Jaqueline: Não.

Norberto: Você tem hinos dentro do hinário que você mais gosta? Que você gosta de cantar sozinha? Que você abre e você lê? Tem uns hinos que você, pra você são os que mais gosta?

Jaqueline: Gosto. Do onze! É vários né? Mas acho que vou falar só do onze!

Isabel: (*incompreensível*)

Jaqueline: Ó Senhor glorioso! Deus da perfeição! Teu povo marcha rumo a Sião, e marchando entoando hinos de louvor ao seu grande nome sábio criador. Por enquanto só isso!

Norberto: E você pelo jeito está plenamente feliz e realizada na graça?

Jaqueline: Ah sim! Não tem outra né? Pra gente!

Norberto: E sempre foi assim desde o início né?

Jaqueline: Sim.

Norberto: O irmão Ricardo também! Dá para ver né, que ele está plenamente realizado em paz dentro da, da graça.

Jaqueline: Sim. Sim. Sempre alegre

Norberto: Então eu agradeço muito! São mais essas perguntas que eu ré, ré, ré, ré. É muito bonito ver assim. Muitos e muitos anos que vocês estão na graça realmente. Conhecem há muitos a muitos anos.

Jaqueline: Todos esses anos né?

Norberto: Vocês não conheceram mas houve um tempo em que se cantava também em italiano. Eu acho que isso parou lá nos anos trinta né? No início eu acho que os hinos eram todos italianos não foi? Depois italianos e brasileiros misturados e depois só... Isto!

Jaqueline: É! Agora os brasileiros cantando e (*incompreensível*), mas tem também.

Isabel: (*incompreensível*).

Jaqueline: Ah! O Hinário! Sei!

Isabel: (*incompreensível*).

Jaqueline: É sim! Quando eu conheci a graça já era tudo em português.

Norberto: No último culto no Parque Jandaia, o irmão Leo, você conhece ele não é?

Jaqueline: Conheço!

Norberto: Ele lembrou do irmão Ricardo. Tinha pouca gente testemunhando, aí ele testemunhou como ele conheceu a Congregação. Como ele chegou em São Paulo. Lá no bairro Paraíso. Como teve dificuldade de encontrar emprego, trabalhava na Brahma depois perdeu o emprego e já estava meio desesperado e falou com o irmão Ricardo e o irmão Ricardo falou: Irmão, a gente não vive só de emprego. Então se você não tem emprego, compra roupa, faça alguma coisa, vende na rua, você não precisa ser empregado, e ele lembrou disso, isso foi em sessenta e quatro. O irmão Leo lembrou isso agora, no último culto! Quarenta e cinco anos depois.

Jaqueline: Fez amizade mesmo. E aí ele se deu bem e Deus abençoou ele.

Norberto: Se deu bem! Sim.

Jaqueline: Quando Deus dá uma guia pra falar, né.

Norberto: Verdade.

Jaqueline: E é assim as coisas de Deus né? Muitas vezes a gente tem que esperar pela coisa do (incompreensível) né?

Norberto: Isto! Quando ela demorou pra se batizar? Já tinha vinte e cinco anos você disse né? E você estava um pouco preocupada ou não?

Jaqueline: A gente se preocupa com todos não é? Quer ver tudo junto com a gente né? A gente sabe que ali é a graça de Deus é as coisas do caminho certo então a gente quer ver todos juntos, né?

Norberto: Sim. Sim.

Jaqueline: E a gente vai orando até que Deus completa a obra não é?

Norberto: Então quando ela se batizou era um dia muito feliz? Depois você se preocupava menos no fundo não é? Porque sabia que ela já estava na graça.

Jaqueline: É! Mas aí a gente tem que se preocupar e o Senhor abençoa e dá força pra caminhar não é?

Norberto: Isso!

Jaqueline: Porque não é fácil caminhar nesses caminhos não é? Mas ele dá força né? Dá as qualidades pra gente ir marchando não é?

Norberto: Sim.

Jaqueline: O senhor é da? De qual denominação mesmo?

Norberto: Eu aqui sou católico.

Jaqueline: Ah! Você é católico! Interessante.

Norberto: Sim. Sim. Sim. Por isso pra mim a Congregação era muita novidade também, mas eu estou gostando muito. Eu vou nos cultos e algo é bonito!

Jaqueline: Que bom!

Norberto: Eu gosto muito do próprio irmãos Leo, do Sílvio lá. Eles são mais tranquilos. Às vezes vêm algumas pessoas de fora que às vezes são muito, às vezes é um pouco exagerado. Gritam muito.

Jaqueline: É isso que a gente acha diferente agora né?

Norberto: Sim.

Jaqueline: Mas é assim mesmo! A obra de Deus é ele que conserta tudo não é?

Norberto: Os hinos são muito bonitos! Uma vez chegou um Cooperador que fez a pregação e depois no último canto, ele enquanto a comunidade, a irmandade cantava, ele já falava a próxima linha do hino e quase gritava pelo microfone. Eu não achei bonito porque os hinos são tão bonitos. A melodia e a música é tão bonita né? Que isso realmente atrapalhava um pouco a beleza tocando.

Entrevista com Jaqueline

Alguém gritando muito enquanto a irmandade canta eu acho que é, o próprio canto é, muito, muito lindo!

Jaqueline: Mais é!

Norberto: Como é que é a orquestra é algo muito, muito bonito mesmo não é? O irmão Leo é muito sóbrio, muito tranquilo.

Jaqueline: Mas é mesmo! Traz mais pela comunhão não é? Já é mais né?

Norberto: Sim. Sim.

Jaqueline: Mas é!

Norberto: Ela é sua filha?

Jaqueline: Não, não. É sobrinha.

Norberto: Ah, sobrinha! Ré, ré, ré, ré.

Isabel: Parece?

Norberto: Um pouco! Ré, ré, ré. Eu não sei se você, se você quer falar também um pouco?

Isabel: Não! Eu não gosto.

Norberto: Já falaram um pouco juntos não é? Isto? Eu gostei muito! E agradeço muito realmente.

Jaqueline: Daí você leva essas pergunta lá na congre...na...na...?

Norberto: É! Aí eu vou ter que transcrever, para o professor ler também e ...

Dados a respeito da entrevistada

Idade	67 anos
Estado civil	Casada
Quantas pessoas moram na casa	6
Quantos cômodos têm na casa	6
Material const	Alvenaria
Vulnerab bairro	Muito baixa
Quantos filhos e seu gênero	8 (5 homens e três mulheres)
Posição na família	Esposa do chefe de família; mãe;
Escolaridade	3ª série
Profissão	Doméstica (em casa)
Renda familiar em sal mín (aprox.)	1 mínimo
Renda per capita	2,5
Migrante?	Sim
Se for, de onde?	Bahia (Paratunga)
Se for, quando migrou?	Na adolescência (15 anos)
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	
Religião do(a)s familiares)	Pais católicos não praticantes

Entrevista com Dorivaldo

A entrevista com Dorivaldo aconteceu no dia 07/08/08, no seu apartamento em Sto André para onde se mudou recentemente. Começou às 11 hs de manhã, foi interrompida pelo almoço e retomada após deste. A duração total era de aproximadamente 2 hs e 30 min.

N: Então, você sabe que estou fazendo uma pós-graduação na Metodista sobre a tradição da Congregação Cristã no Brasil. E aí eu pergunto você: você que participou um bom tempo – o que você me conta sobre seu tempo na Congregação Cristã?

Dorivaldo: Bom, eu participei 16 anos da Congregação. Eh, para mim foram 16 anos maravilhosos da minha vida. Posso dizer que foram 16 anos muito bons. Eh, embora na minha casa só eu participava, mas a minha família foi bastante compreensiva e teve assim a – nós fizemos – eu posso dizer que alcancei uma graça de ter uma família que aceitou, sobre conviver assim, com a situação, eles indo numa igreja, eles numa outra, nunca fizemos (?), mas com relação à Congregação eu me senti muito bem durante 16 anos lá.

N: Como conheceu a Congregação?

Dorivaldo: Através de um colega de trabalho. Tinha um amigo no trabalho na mesma função que eu nesta empresa, e a gente trabalhava ombro a ombro o dia inteiro, né, e em alguns momentos ele falava alguma coisa sobre a fé, sobre a Congregação, e num determinado dia ele me convidou, me convidou não na igreja onde ele morava assim num bairro diferente, mas ele me deu o endereço, falou: Lá no seu bairro tem uma Congregação na rua tal, tal, deu o endereço, falou: se você quiser visitar a Congregação, assistir um culto, vai lá, tal, é muito bom. Eu fui, assisti. A partir do dia que eu fui, assisti o primeiro culto, fui, comecei a frequentar, participar ativamente, sim, até que em pouco tempo me batizei, né, eu comecei a congregar por volta do dia 15 de agosto, mais ou menos, do ano de 1981, e dia 25 de outubro de 2001 eu fui batizado nas águas do batismo lá no Brás.

N: Ah, no Brás.

Dorivaldo: É. No Brás, onde é a central da Congregação, né.

(pequena pausa)

N: Eu conheci você, você sabe, naquela pracinha. Você participava da Congregação bem na frente da sua casa, ou onde você participava? Congregava lá, ou em outro lugar?

Dorivaldo: Não. Eu morava ali, naquela pracinha, na Rodrigo Martins, né. Porém, aquela igreja que tinha perto não era da Congregação. A que tinha do outro lado da pracinha era da Assembléia de Deus.

N: Ah.

Dorivaldo: A Congregação que eu frequentava, a gente costuma dizer: a comum Congregação da gente, era ali na 73, na rua da feira do sábado

N: Ah.

Dorivaldo: Ali, um pouquinho para cima da casa paroquial. A casa paroquial está na 72,

N: Isso!

Dorivaldo: e a Congregação na 73, um pouquinho para frente ali. Lá era minha comum.

N: Quantas vezes você participava por semana?

Dorivaldo: Três vezes por semana no culto. Aí eu comecei a estudar música, então eu, nos sábados à tarde, eu ia para lá também para estudar música, né. Eh, quando eu fui oficializado na música e passei a tocar na orquestra, aí eu continuei ajudando no, na, dar aula para os iniciantes da música. Então eu continuava três cultos por semana, no sábado à tarde dando aula de música. Um domingo, um domingo por mês, eu fiz parte do grupo de limpeza também, então aos domingos, quando, todos

os dias do culto, quando terminava o culto, a gente fazia limpeza, fazia, varria a Congregação, né. E aos domingos, às nove horas da manhã, todos os domingos às nove horas da manhã, a gente ia fazer uma limpeza geral. De lavar, uma geral mesmo, uma limpeza muito bonita. Uma vez por mês, no domingo, terminava a limpeza, eu dava uma corridinha em casa, trocava de roupa, colocava terno e gravata, pegava o instrumento, e a gente fazia ensaio geral na Congregação, da orquestra, né. A orquestra, naquela época, estava com noventa músicos.

N: Lá, na casa de oração onde você participava?

Dorivaldo: Isso. Lá no Parque São Rafael.

N: O ensaio foi lá mesmo.

Dorivaldo: Isso. Todos os domingos, eh, todo mês tinha um domingo que fazia ensaio depois das nove horas.

N: Quem fazia limpeza, era um grupo de homens e mulheres, de homens?

Dorivaldo: Um grupo de homens fazia no domingo, né. Durante a semana, tinha um grupo de irmãs, mulheres, que davam uma, uma, assim, vamos dizer, fizeram uma encharcada na limpeza, mas mantinha sempre limpinho, né,

N: Ah.

Dorivaldo: Então, nos domingos, o grupo de homens fazia aquele mutirão e fazia uma geral mesmo. Lavava tudo, recolhia os bancos, tudo, lavava tudo, encharcava tudo, era muito bonito.

N: A idéia de ser músico era sua, ou alguém convidou você?

Dorivaldo: Foi minha. A idéia foi minha. E aliá, eles consideram – o músico é um ministério também, sabe. Porém, este ministério da música é o único ministério dentro da Congregação que é escolhido pela gente mesmo, pelo próprio, eh, pela própria pessoa. É o único ministério que é escolhido pela gente. Os outros ministérios são escolhidos pelos superiores, pelos anciãos, cooperadores, diáconos. Eles, quando eles, eh, vêem uma boa qualidade num irmão, vêem um bom comportamento e acham que ele tem um dom, tem condições de assumir um ministério assim, como cooperador de jovens ou como porteiro, ou no, eh, diácono, cooperador, então eles se reúnem entre os mais influentes assim de cada Congregação, oram a Deus, e, segundo eles, Deus toca no coração deles, se pode ou não pode. E se pode, aprovam, e se não é aconselhável, não faz a pessoa saber e fica assim.

N: Ministério é porteiro – é ministério?

Dorivaldo: É, o porteiro é um ministério. No grupo de jovens e menores, tem um outro ministério que é o auxiliar, auxiliar do cooperador de jovens e menores. E tem o cooperador para coordenar a mocidade, a juventude. Aí, estes cultos são feitos de dia, durante o dia, né, na Congregação. Então, tem o ministério do auxiliar e tem o

N: o responsável

Dorivaldo: o cooperador de jovens e menores. À noite, os ministérios são, começando de baixo, assim: o cooperador, depois vem o diácono, depois o ancião. O ancião é, não todas as igrejas na periferia têm. Normalmente as salinhas menores e algumas igrejas mesmo não tem o ancião. Então o ancião é mais de uma região. Assim, como no Rafael, ele, no São Rafael, quando eu estava participando, o irmão Castelo que é o ancião lá, ele era o cooperador da Congregação do Rafael, e ele atendia o São Francisco, o Carraozinho, nestas igrejas tudo, ele era o ancião nestas igrejas todas. Então, não tem o ancião para cada igreja. Mas todas têm um cooperador. Na ausência do ancião, o cooperador é o posto mais alto.

N: No Rafael, ele era ancião ou cooperador?

Dorivaldo: Ancião. Lá tem o ministério completo. Tem o ancião, diácono, cooperador, cooperador de jovens e menores,

N: e o auxiliar dele.

Dorivaldo: E o auxiliar dele. O primeiro encarregado e o segundo encarregado da orquestra

N: Ah, sim.

Dorivaldo: ta, é um ministério. Este ministério não é escolhido por eles. Eles são músicos; dentro dos músicos, o encarregado é escolhido pelos anciãos, pelos diáconos e cooperadores. Tem os encarregados regionais. Também, a cada três meses

N: Ah

Dorivaldo: a gente participava de um ensaio regional de música. O nosso ensaio acontecia sempre na Vila Carrão, onde a gente tocava numa orquestra de mil e trezentos a mil e quatrocentos músicos, e os encarregados...

N: Então é muito grande a casa de oração: ficava todo mundo dentro com instrumento – então é enorme.

Dorivaldo: É muito grande. Muito grande e muito boa, a Igreja. Lá no Carrão, é muito grande. E no São Rafael, a igreja também não era pequena. A orquestra tinha noventa músicos, e ela não tomava todos os, tinha três fileiras de bancos, e os músicos não tomavam todos os bancos, todos os assentos da fileira do meio. Bastante gente da irmandade sentava ainda, bastante gente.

N: Ah sim. Isso eu já vi também. Verdade.

Dorivaldo: É.

N: Alguém me falou que, antes do você tocar pela primeira vez na igreja, tem que saber os 450 hinos. Todos, sem exceção. É verdade?

Dorivaldo: É. O fato de você saber os 450 hinos não significa que você tem que ter eles decorados na mente. Se você tem o hinário - eu vou te mostrar o hinário daqui um pouco -, então, cada folha daquele hinário é uma partitura.

N: Isso.

Dorivaldo: Cada folha é uma partitura. Então se você sabe ler a partitura, você toca quantos quiser.

N: Qual instrumento você tocava?

Dorivaldo: Sax. Saxofone. Na categoria sax rético. Não tem este sax cachimbo. [...] Parece uma clarinete, porém é de metal. Na chave de b mol.

N: Você tem este sax ainda?

Dorivaldo: Tenho. Ainda tenho, porém dificilmente eu pego nele. Às vezes, lá no São Rafael, a gente tinha espaço na casa, quando Aline tinha lá um tempinho, às vezes ela me convidava: vamos tocar juntos um pouco, e ela pegava o teclado, eu pegava o sax. Ela estudou teclado com uma irmã da Congregação também, então ela tem habilidade de tocar hinos, né. Eu no sax aprendi a tocar os hinos. Não aprendi tocar as músicas assim, deixei de lado, não ...

N: Acho que é para isso. A Congregação pede você só tocar para Deus, só os hinos, não é?

Dorivaldo: Exatamente. Eu fui obediente e não aprendi a tocar músicas assim diferentes dos hinos. Então, aí às vezes lá, Aline pegava um hinário, pegava outro hinário, pegava o teclado dela, e eu pegava o sax, e a gente tocava. Era bonita a combinação dos dois tocando juntos.

N: Muito bom.

Dorivaldo: Agora, aqui no apartamento já não, a gente já não pode fazer muito barulho, não é. Outro dia eu peguei e toquei dois hinos baixinho. Não desaprendi a tocar ainda.

N: Aí dá saudade do tempo que você participava.

Dorivaldo: Dá saudade. Dá saudade.

N: Você, depois de sair, você voltou em algum momento para um culto, participou, como músico ou simplesmente sentando para participar?

Dorivaldo: Não, não. A partir do momento que eu parei, eu não voltei mais na Congregação.

N: Hm.

Dorivaldo: Não voltei mais.

N: Como você se relacionava com o ancião, cooperador, diácono? Você tinha contato pessoal com eles?

Dorivaldo: Tinha. Tinha contato. Eu era bastante considerado por eles, e eu os considerava muito também. Tanto é que, quando eu me afastei da Congregação, todos eles foram à minha casa. O ancião foi, o cooperador foi, o encarregado de orquestra do Parque São Rafael, o encarregado de orquestra do Sônia Maria, todos foram falar comigo e pedindo para voltar, então, que meu lugar estava lá. Então, meus relacionamentos com eles foram muito bons. Muito bonito, de ambas as partes.

N: Vocês também têm tipo encontros nas casas também, espontâneos entre vizinhos, que se encontram para orar numa casa, você participou uma vez disso, você sabe que existe?

Dorivaldo: Eu sei que existe, porém, eu nunca participei. Mesmo porque, mesmo porque a gente tem o ensinamento, o ancião lá costumava a ensinar muito nesta parte, que os grupos de oração, se eles se unissem para orar nas casas, tinham que ter muita sabedoria, sabe. Assim, ter muita sabedoria, para orar e não profetizar, porque, assim, como em todo meio, têm aquelas pessoas que, que é muito mais avançado, que (?) além dos outros, né. Então, o dom de profetizar até existe, porém, já dizia o nosso ancião, é mosca branca. Uma mosca branca é difícil, não é? Então é difícil ter um que realmente tem o dom de profetizar. É difícil, mas tem. Mas alguém podia confundir e achar que tinha e não tinha e profetizar coisas que não iriam acontecer depois e formar ali uma cicatriz, entendeu. A pessoa visitar uma família, profetizar alguma coisa em favor daquela família, e aquela família vai ficar esperando. Ela vai receber aquela palavra com fé e vai ficar esperando. Aí não acontece. Aquela pessoa pode, pode esfriar na fé, porque, mesmo porque a gente costuma falar que quando alguém está profetizando, Deus está falando pela boca daquela pessoa. Deus fala dentro de uma pessoa para falar o que Deus está mandando falar. Agora, se a pessoa está falando pela carne, e por si mesmo então, aí a pessoa pode falar coisas que não vão se cumprir, e se foi coisa que Deus mandou falar, vai, sim cumprir, vai se cumprir. Mas aí que o irmão insiste, né: existe o dom da profecia, mas é mosca branca. Então tem que ver quem pode profetizar e quem não. Então, neste grupo de oração começou acontecer algumas coisas deste tipo.

N: No Rafael mesmo?

Dorivaldo: É. Chegou a acontecer. Então se aconselhava muito não formar estes grupos assim de oração. Se alguém na Congregação sentisse a necessidade de alguma oração, reunir a família e orar, pedir a oração, é muito comum na Congregação, você saúda o irmão, a irmã na hora de despedir, “A paz de Deus, irmão”, ele dizer: Ora por mim, então é um costume que a gente tinha, sabe, e eles têm. Então, a gente sente muito efeito positivo na oração, sabe. Mas não significa que para orar tem que estar num grupo, tem que estar unido, porque tem escrito a palavra: “Onde tiver dois ou três reunidos em meu nome, aí eu estarei presente”, né.

N: Isso.

Dorivaldo: Então, não precisa daquele grupão muito grande, não precisa. Tem que ter sabedoria e, por exemplo, um grupo de oração vai orar numa casa. Aí esquece da hora e tal, aí passa da hora, a família não vai dormir, e no outro dia o pessoal tem que levantar cedo para ir trabalhar. Estas coisas são pensadas assim pelo ministério mais alto e aconselhado nas igrejas. Aconselham e dão a entender. São firmes no ensinamento. Então, acontecem muito estas coisas. Mas por esta razão, por estes ensinamentos eu nunca participei de grupos de oração.

N: O que é profetizar?

Dorivaldo: Profetizar é prever alguma coisa do futuro. Anunciar para uma pessoa: “Olha, futuramente você vai” – por exemplo, demos um exemplo da Congregação. Aí você faz uma profecia para mim assim: “Ó Dorivaldo, em pouco tempo você vai, Deus vai chamar você no ministério, você vai ser chamado para o ministério – é uma parte que todo mundo gostaria, que muita gente gostaria de ter o ministério, não por vaidade pessoal, mas porque o ministro tem mais contato, mais contato com Deus assim nas orações, tem o dom da palavra, da pregação, então você

profetizar é você dizer que futuramente eu vou ser um cooperador ou ancião, ou prever que em pouco tempo você vai pegar uma enfermidade, então também não é só coisa boa que se profetiza

N: Sim

Dorivaldo: pode ser: vai acontecer este tipo de coisa, né. Então isso é profetizar, é prever o futuro, e falar para a pessoa do futuro.

N: Alguém tinha recebido uma vez uma profecia a respeito de você, da sua vida, da sua família, ou não? Alguém falou isso para você: Dorivaldo, vai acontecer isso na sua vida, ou não?

Dorivaldo: Não. Eu não recebi profecia.

N: E também ninguém profetizou sobre você. Dizendo: irmão, eu recebi uma profecia que vai acontecer isso na sua vida.

Dorivaldo: Não. Nunca aconteceu, não.

N: Mhm. Você viu muitas pessoas falar em línguas? Você mesmo recebeu este dom? É um dom que as pessoas têm anseio de receber?

Dorivaldo: As pessoas têm bastante ansiedade de receber. Só que algumas vezes se dá um culto especial. Aquele culto é celebrado no sentido da busca dos dons, dons de Deus. Então, muita gente anseia. Muita gente anseia pelo – enche muito a Congregação no dia da busca dos dons. O maior anseio das pessoas às vezes é a busca do dom das línguas. Porém, as pessoas às vezes se esquecem, e eu já ouvi isso inclusivamente nos ensinamentos, e eu concordo plenamente com isso, a pessoa se esquece que não é só o dom de língua diferente que é um dom bonito. Existem dons muito mais bonitos e muito mais necessários, por exemplo, como o dom da humildade, e o dom do perdão, o dom de perdoar. São dons assim que você vai viver no dia a dia, tirando proveito e dando proveito para as outras pessoas. Todos aqueles dons são bonitos e são diferentes do dom da língua, né. Mas como você perguntou, eu não recebi este dom, não busquei com ansiedade. Participei de alguns cultos de busca dos dons, mas nunca tive assim ansiedade de receber o dom. Os dons que Deus me deu foram outros dons. Eu considero o dom da música, já foi um dom muito desejado, que eu recebi; o dom da humildade: eu acredito que fui um camarada humilde, e também é um dom muito bonito. Eu estava satisfeito com estes dons. *(sorri)*

N: Quando você começou a se tornar músico, tipo, era você que decidiu, ou você sentiu que Deus lhe deu o dom e por isso você começou a ser músico. Como foi?

Dorivaldo: E senti desejo de estudar a música, porque desde a minha meninice eu estava mexendo com instrumentos, né.

N: Sim.

Dorivaldo: Com vários tipos de instrumento assim. E gostava da música, né. E quando eu me batizei na Congregação, já me despertou o interesse, achava bonito a orquestra, e o som da orquestra me alegrava muito, sabe. Aí já conversei com o encarregado da orquestra e ele falou: não, pode vir, a escolinha está aberta. (?) o irmão. Aí dois anos depois já estava ingressando na orquestra.

N: Ah, sim. Você orava mais no culto, ou também no dia a dia você teve muitos momentos de oração pessoais seus também; como, e como é hoje ainda?

Dorivaldo: Tive. Eu tive momentos de oração em silêncio, às vezes até no próprio trabalho. Estava, se tem um tempinho, você se volta para uma oração em silêncio. Eu não deitava, não levantava sem dobrar o joelho, eu dobrava o joelho, fazia minha oração, antes da refeição, dobrava meu joelho, fazia uma oração. Então a oração era sagrada todos os dias pelo menos, pelo menos na hora de deitar, na hora de levantar, na hora do almoço, na hora da janta era feita uma oração por mim. Às vezes, dirigindo na estrada.

N: Faz hoje ainda de vez em quando, ou perdeu o costume?

Dorivaldo: Perdi o costume. Faço às vezes alguns pedidos para Deus, em poucas palavras, em poucas palavras.

N: Você hoje ainda busca a palavra ou também?

Dorivaldo: Não. Não voltei mais a buscar a palavra.

N: Mhm.

Dorivaldo: Parei e não voltei mais.

N: Como você aprendeu tudo isso? De fazer quatro vezes a sua oração, de dobrar o joelho, de saber o que é profetizar. Como você ficou – como você aprendeu? Era dentro do culto, alguém também falava para você em outras ocasiões?

Dorivaldo: Pelo, pelo ensinamento no culto, né. No culto faz muito este ensinamento, e o pregador, na, nos cultos, eles frizam muito a oração. A oração é bem frisada como, como pronto socorro do, do evangélico, sabe. Coisa do ser humano, assim, pronto socorro

N: Sim

Dorivaldo: seria um uma oração, seria um pronto socorro, seria um contato, assim, com Deus. Então o ensinamento é, assim, para orar. Orar quanto mais, melhor.

N: O seu colega de trabalho também já às vezes falava coisas, além do culto também alguém falava para você em outras oportunidades, ou era mais dentro do culto?

Dorivaldo: O colega de trabalho, ele sempre me falou sobre os ensinamentos, sobre, de um modo geral da, da doutrina, ele sempre quando possível estava me ensinando, ensinou bastante, bastante.

N: Sim. No culto, quais eram os momentos que mais tocaram você?

Dorivaldo: *(pausa)* No culto. Na hora da, na hora da palavra, na hora da, vem a leitura da palavra, depois da leitura, aí vem a explanação e a palavra, né, e ali toca muita gente. Eh, tem dia que, tem dia que você se depara com palavras que, parece que acha que Deus está falando cara a cara com você assim, sabe, e você sente no seu coração que Deus está usando aquele homem que está acima do culto para dirigir aquela palavra para a igreja. Então esta tocava bastante, e na hora que, que, muitos hinos eh, tocam fundo na gente, sabe. Alguns hinos que tocam muito fundo também. Quando a gente cantava aquele hino, a gente assim sentiu muito a presença de Deus, se emocionava com um determinado hino.

N: Pela música, pela letra, pelos dois?

Dorivaldo: Pelo que diz a letra do hino toca funda a gente. Às vezes a melodia se torna muito agradável, porque pelo está escrito naquele hino. Você sente aquelas palavras (?), ali aquela melodia também já fica agradável no seu ouvido.

N: Você lembra de hinos que tocaram você especialmente? Ou o número ou a primeira, como começa o hino?

Dorivaldo: O hino que, o hino que me tocou mais foi o hino número noventa e dois. Este tocou – eu tinha a, durante um culto à noite, numa fazenda, um irmão veio de longe e visitar a família, a família era muito grande ali, na cidade, passando na cidade, comunicou o ministério que ia visitar uma família ali na fazenda, e o ministério achou por bem que reunia ali um irmão do ministério ali mais alguns irmãos e que ia à noite lá fazer um culto. Aí ele fez um culto, e eu assisti este culto. Eu era ainda bem jovem, mas eu lembro muito bem que tocou o hino noventa e dois naquele dia, naquela noite. Eu fiquei com a melodia daquele, daquele hino, e parece que às vezes eu trabalhava na roça, e eu consegui assobiar boa parte da melodia daquele hino, que ficou gravado, apenas uma vez que eu ouvi, mas ficou assim bem gravado. Aí, o dia que assisti o primeiro culto a convite do irmão, do colega de trabalho que fez o convite, tocou o hino noventa e dois.

N: Ah...

Dorivaldo: Tocou profundamente em mim. Ali, por ali eu já senti mais desejo de congregar, mais, e no dia do meu batismo também foi tocado o hino noventa e dois.

N: Você pediu, ou?

Dorivaldo: Não.

N: Não.

Dorivaldo: Eu não pedi. Alguém pediu. E foi tocado o hino noventa e dois. É um hino muito bonito que tem algumas palavras que diz assim: “Fala, Senhor, que teu servo ouve” – é uma súplica assim do, da pessoa que diz assim que o Senhor falará com ele, sabe, e se o Senhor falar, e ele vai ouvir

N: Sim

Dorivaldo: É um hino que toca muito. Toca muito a mente da gente.

N: Então você conhecia a Congregação já bem antes do tempo do Parque São Rafael?

Dorivaldo: É. Eu nunca havia, nunca havia ido numa congregação, mas eu tinha assistido aquele culto, culto que foi feito no quintal de uma casa, mas o mesmo ensinamento, né: as mulheres de um lado, os homens do outro lado, as mulheres com véu na cabeça. Os homens do outro lado, assim, um culto com o mesmo seguimento.

N: Tinha música também tocando assim, na fazenda?

Dorivaldo: Tinha músicos lá. Foi.

N: Isso foi lá no Ceará ou onde?

Dorivaldo: Não. Foi aqui na região de Pompéia, mais

N: Ah.

Dorivaldo: Na região de Marília por ali, Maringá, (?) então foi naquela região.

N: Quantos anos você tinha, mais ou menos? Que ano foi?

Dorivaldo: Eu tinha mais ou menos dezoito anos, ano sessenta e um, mais ou menos, sessenta e um. Ah, estou lembrando agora, depois deste culto, houve este culto na fazenda, e ficou o convite lá estendido, estenderam o convite: olhe, tal dia, amanhã, depois de amanhã, não lembro bem, assim, vai ter culto lá na cidade, se alguém quiser vir, se congregar com a gente e tal, aí eu fui no culto lá na igreja. Também achei muito bonito. E depois eu perdi o contato, não voltei mais, e aí vim frequentar em oitenta e um, lá no Parque São Rafael.

N: Sim. Você participou uma vez da Ceia?

Dorivaldo: Santa Ceia. Participava todos os anos. Eu fiquei dezesseis anos ativo na Congregação; eu participei de dezesseis Ceias.

N: Onde acontecia a Santa Ceia?

Dorivaldo: No, na própria congregação do Parque São Rafael.

N: Ah.

Dorivaldo: A gente participa - o ensinamento é para você participar da sua comum. Então a nossa comum era ali no Parque São Rafael, ali na setenta e três.

N: Ah, sim.

Dorivaldo: Então, se por motivo de trabalho ou de doença um dia você, no dia da Santa Ceia você não pode estar presente, supor, você não pode comparecer, você estava trabalhando naquela noite, você não pode comparecer, então o que você fazia? No outro dia, isso, isso para você andar dentro da doutrina, dentro dos ensinamentos; tinha irmão, é lógico, que, ele não participava ali, não falava nada para ninguém, no outro dia ia ter, por exemplo, em São Mateus iria ter a Santa Ceia, ia lá e participava. Então tudo bem. O irmão não vai negar. Mas o certo, no ensinamento, era você no outro dia procurar o ancião ou um cooperador e falar: O irmão, eu, por motivo de doença ou por motivo de trabalho, eu não pude participar da Santa Ceia. O que o irmão me aconselha? Então ele fala: Não, em tal dia e em tal igreja vai ter a Santa Ceia. Eu comunico que você vai participar da Santa Ceia lá

N: Ah.

Dorivaldo: Então, faria assim. Seria um modo de respeitar o ministério e um modo de você participar numa outra que não é a sua comum.

N: A Santa Ceia tem um mês especial para acontecer, ou varia?

Dorivaldo: Lá no Parque São Rafael normalmente acontecia por volta do mês de fevereiro, março, nestes dois meses. Eu acredito, não tenho bem certeza. Esta resposta eu vou te dar sem muita certeza, mas na região onde eu conhecia, ou onde conhecia assim onde aprendi o meu conhecimento, se dava nestes dois meses, entre fevereiro e março, mais próximo da Páscoa, ali, por esta ocasião assim, sabe.

N: Dentro de um dia de culto mesmo, ou é um dia especial, é outro dia, outra hora?

Dorivaldo: Normalmente se faz um culto especial. Por exemplo, faz no, nós temos culto na terça, no sábado e domingo; era muito comum se fazer um culto da Santa Ceia ou na quarta ou na quinta feira, porque eles se comunicam com os ministérios das igrejas da região, se comunicam: então, tal e tal dia vai ser aqui, tal e tal dia vai ser lá, tal dia vai ser em outro bairro. Então, por ali eles fazem a, os dias, as escalas da semana.

N: E aí só podem vir – eu como visitante não podia vir. Aí é só - no culto comum eu posso vir, posso sentar, eu não sou proibido, mas eu acho que o dia da Ceia é muito especial, não é?

Dorivaldo: Não. Você pode sentar, você pode sentar, você pode assistir. É bonito. Só não pode participar

N: Isso.

Dorivaldo: do, da Ceia, né, do pão e do vinho. Só aqueles que foram batizados e que estão em plena liberdade.

N: Isso.

Dorivaldo: Estar em plena liberdade, você sabe o que significa?

N: Não. Você tem que me explicar.

Dorivaldo: Então eu vou te explicar. A plena liberdade é quando você vive de comum acordo com a doutrina, você aplica a doutrina, você vive dentro da doutrina, você tem liberdade plena. Você tem liberdade de pedir um hino, você tem liberdade de participar da Santa Ceia. Agora, quem não tem liberdade? A gente fala que o irmão está sentado. Por exemplo, cometeu alguma falha grave, alguma falha grave que chegou ao conhecimento do ministério e tal, então, o irmão pode sofrer uma punição de não ter liberdade dentro, dentro da igreja. Ele pode, ninguém fecha as portas para ele entrar, sabe, ele pode entrar, sentar lá e estar quietinho. Se um irmão, que não tem liberdade e pediu um hino, eles não atendem, a pessoa não pode levantar para dar um testemunho lá na frente, porque o irmão não tem liberdade. Então o irmão passa ali por um tempo de aprendizado, sabe.

N: Agora eu entendi. O cooperador Leo sempre fala: “Quem está na liberdade, pode testemunhar.” Ele sempre fala assim.

Dorivaldo: É. É

N: É isso?

Dorivaldo: É. Se ele cometeu alguma coisa desagradável que feriu a doutrina, alguma coisa que eles consideram grave mesmo, então ele fica sentado ali, um tempo assistindo, até Deus fazer saber, às vezes, é comum ele fazer um, fazer oração, pedir para Deus determinar se já está no tempo retornar à liberdade aquele irmão, dependendo da falha, da gravidade da falha, né. Então, eles oram, o ancião, cooperador, diácono oram a Deus, e muitas vezes devolve a liberdade para o irmão ter liberdade novamente. Aconselha, né, para o irmão não fazer mais aquele tipo de erro e tal, e devolve a liberdade. Acontece muito isso.

N: A Ceia é um culto como os outros mais a Ceia, ou é totalmente diferente, o culto da Ceia? Ou tem também os hinos no início, a palavra e tudo e mais a Ceia, ou é bem diferente também -

Dorivaldo: É a mesma coisa, a mesma coisa. Tem tudo o mesmo seguimento. Só que normalmente os hinos, eles são, eh, se você olhar no hinário, tem lá os hinos que tem estrelinha

N: Estrelinha

Dorivaldo: Isso. Já viu no hinário?

N: Sim.

Dorivaldo: Aqueles que têm estrelinha são hinos especiais.

N: Isso.

Dorivaldo: Então, tem uns que é especial para funeral, e outros especial para Santa Ceia, e assim por diante. Então, normalmente, no culto, os hinos são chamados pelo encarregado de orquestra. O encarregado da orquestra ou o ancião chama alguns também; quem estiver na frente chama o hino. Porque todos os hinos, e tem os momentos dos hinos também. Tem o hino de abertura; tem o hino de, antes da oração; tem o hino antes da Palavra; tem o hino de encerramento que são os propícios para aquele momento, sabe.

N: Sim.

Dorivaldo: Então, aí, como a irmandade no geral, assim, não vai entender todas aquelas coisas, porque eles não estudaram aquela parte, então fica por conta do encarregado porque eles sabem que está neste momento certo, aquele hino está fazendo o andamento.

N: E onde está servida a Ceia? Porque em si a congregação não tem mesa. Só tem na frente o púlpito; não tem mesa. Onde é servida a Ceia?

Dorivaldo: É servido praticamente, como você parte o pão na comunidade católica, e o pessoal vai dirigir-se, na Ceia você vai distribuindo um pedacinho de pão para cada um, né.

N: Onde? Perto do púlpito?

Dorivaldo: Perto do púlpito. O ancião desce do púlpito. Ele ora sobre o pão. Normalmente o ancião ora sobre o pão. Ou o ancião ou um cooperador ora sobre o vinho e desce.

N: Onde estão nesta hora o pão e o vinho? Estão no púlpito?

Dorivaldo: Estão no púlpito, coberto com toalha ali,

N: Ah. Mhm.

Dorivaldo: Toalhas brancas. E eles oram sobre o pão e o vinho. Aí eles depois descem. O, um com a bandeja de pão, e o outro com uma taça, uma taça grande assim, pela metade de vinho. Então vai saindo, é uma coisa bonita, sabe ordenada, que eles não formam fila, não formam – a congregação está cheia e você vê que eles organizam de uma maneira tão, tão bonita que sai um banco, o pessoal de um banco,

N: Isso.

Dorivaldo: e vai e passam ali, participam, o ancião dá um pedaço de pão para um, o outro põe um gole de vinho na boca do irmão. O irmão dá a volta pelo corredor, vai lá no fundo, volta. Quando ele está chegando ali, quando ele sai lá da frente, o segundo banco vai. E é assim, vai formando aquele cordão.

N: Isso.

Dorivaldo: Aí, banco por banco saindo, não faz tumulto, é muito bonito, muito bonito.

N: Irmãos e irmãs, ou não?

Dorivaldo: Irmãos e irmãs.

N: Isso.

Dorivaldo: Irmãs e irmãos. Um de uma vez, e outro de outra vez.

N: É um banco dos irmãos e depois um banco das irmãs? Ou primeiro todos os irmãos e depois todas as irmãs, ou como é?

Dorivaldo: Pode ser também; do jeito que eles organizar.

N: Ah.

Dorivaldo: Pode se dos dois jeitos. Mas normalmente eles fazem assim. Ou primeiro as irmãs, ou primeiro os irmãos.

N: Isso.

Dorivaldo: Normalmente eles fazem assim: para não ter tumulto de misturar.

N: Isso.

Dorivaldo: *(ri)*

N: Você visitou outras casas de oração?

Dorivaldo: Visitei. Visitei várias.

N: Na proximidade? Vocês combinaram, você foi sozinho, ou vocês comb... um grupo diz: Oh, vamos visitar tal e tal casa, e vocês foram, ou uma turminha de músicos – você tocava lá também, ou você tocava só na sua?

Dorivaldo: Não. Eu tocava. Em igrejas que eu ia, eu tocava também. Se o músico é oficializado, ele passa pelo exame de oficialização, sabe. E a partir do momento que for oficializado, ele pode passar em qualquer igreja no Brasil ou no mundo. Em qualquer lugar que ele for, ele pode tocar. Se ele é oficializado. Se ele não for oficializado, ele começa a tocar um pouco, antes de ser oficializado, já começa a tocar na orquestra, porém, só na comum.

N: Ah, ta.

Dorivaldo: Aí depois de oficializar, aí ele pode tocar .- Então, respondendo a sua pergunta, a gente reunia dois, três músicos: vamos congregar na congregação hoje, vamos, às vezes com colega de trabalho: vamos congregar hoje em tal lugar, vamos, e íamos congregar.

N: Isso. Oficializar é um momento especial também? É lá na comunidade ou num lugar tipo Carraozinho, onde cabiam os mil e trezentos, como você falava – onde você foi oficializado?

Dorivaldo: No, no Parque São Rafael. Aí tem o encarregado da orquestra local, que é o nosso, o nosso regente, né, e, regente e instrutor ao mesmo tempo, e que ensinou; aí no dia da oficialização vem um irmão encarregado da orquestra regional. Regional é abrangente de muitos bairros, assim. Então vinha o irmão, no dia que fui oficializado, veio o irmão regional lá da Água Rasa. Ele é o que passa pelo exame prático e teórico.

N: É um por um, ou é no conjunto?

Dorivaldo: É um por um, um por um, quer dizer, tem tantos candidatos ali que fica sentadinho lá no banco, aí ele vai chamando um por um.

N: Sim.

Dorivaldo: Aí o irmão vai pedir uma lição do Bona para você topejar (?) a lição num determinado lugar do Bona, aí pede lá aleatoriamente, assim, ele pede um número meio alto assim, porque os números, quanto mais alto, mais difícil, né, *(ri)*

N: É um livro, o Bona? O que é?

Dorivaldo: É. O Bona é um livro. É um livro onde tem as partituras, né, e as lições. Da lição um a lição cento e qualquer coisa. Vai ficando cada vez mais difícil. Ela começa facinho, vai dificultando mais. Aí o aprendizado vai melhorando, né.

N: Isso.

Dorivaldo: Eles normalmente pedem lá uma altura média lá, para testar a capacidade do aluno, né. Depois ele pede para você tocar uma lição do, tem um outro livro, outro livro que é, o Bona é só fejado oral, né, com a boca e regendo com a mão, né. Aí tem um outro livro, é o hino, não, é umas musiquinhas, umas musiquinhas assim de, de exercício, sabe, aí você tem que tocar aquele (?). Aí depois ele abre o hinário e pede para você tocar um hino, dois hinos. Aí depois, depois da cerimônia ali, tem uma oração de encerramento, e é entrega simbólica, assim, na oração, citar o nome dos irmãos que estão sendo oficializados, né. Aí depois eles dão oportunidade, à noite no culto, porque no mesmo dia vai ter à noite um culto, ali então eles chamam o irmão que foi oficializado lá em cima no púlpito. Os testemunhos se dão no microfone ao lado do púlpito

N: Isso.

Dorivaldo: do lado das irmãs e do lado dos irmãos. O, no dia da oficialização dos músicos eles dão a liberdade de testemunhar lá no púlpito. Agradecer a Deus por aquela, pela vitória, porque a gente considera uma vitória, né,

N: Isso.

Dorivaldo: Então, eles dão a oportunidade de agradecer a Deus lá no púlpito.

N: E você ganha um certificado, um documento? Porque se você vai em outra igreja, só para eles saberem que você realmente foi oficializado.

Dorivaldo: Não. Não tem nada por escrito. Porque a congregação em si é uma, é uma doutrina de mútua confiança, sabe. De mútua confiança. Então, eh, eu considero assim um, uma seriedade muito grande dos irmãos que eu, quando não era oficializado, eu não tinha coragem de, eu não precisava apresentar documento assim, mas eu não tinha coragem de ir lá numa outra igreja e levar meu instrumento e sentar no meio da orquestra, né. Não tinha esta coragem. Eu achava que não tinha direito, porque a doutrina não permitia. Então, eu tinha que andar dentro da doutrina. Eh, quando, quando o irmão muda de região, por exemplo, eu morava lá no São Rafael. Se eu estivesse em plena atividade lá na congregação, eu tinha que ir lá, falar com meu ancião, pedir uma carta de apresentação. Então ele iria escrever uma carta, assinar a carta, para o ancião de Santo André que eu estaria mudando para aqui, que eu passaria a morar aqui em Santo André, que eu era de bom testemunho, em plena liberdade e tal, ele ia fazer aquilo. Então, estas coisas a gente leva muito a sério, muito a sério.

N: Isso.

Dorivaldo: Então ninguém muda sem ter uma carta de recomendação. Por exemplo, pode ser que um irmão que esteja sem liberdade num determinado lugar, ele mude para um outro lugar e vai ter uma carta de recomendação. Só que ele entrar lá na igreja sem carta de recomendação, o irmão vai fazer que ele, eh, é recém-chegado. Se ele é batizado, se ele é batizado, então ele tem que levar a carta de todo jeito para, para assim a pessoa não levar, se quiser, ele pode até figurar, o camarada ali até dizer assim: não, você vai na sua comum e traz uma carta de recomendação, aí você participa de todos os eventos. Mas tem que ter a credibilidade, né.

N: Você mesmo não lê esta carta? Só o ancião escreve, e o outro ancião lê. Você é só o carteiro, ou você mesmo lê?

Dorivaldo: Não, eles dão em aberto a carta.

N: Ah.

Dorivaldo: Não tem assim segredo não.

(pequena pausa)

N: Então, os momentos que você participava na congregação. Então, era mais o batismo, a ceia, e o culto mesmo, né? Eram estes os momentos que você vivia na congregação?

Dorivaldo: É. Em algum tempo e fiz parte do grupo de limpeza, né

N: Isso.

Dorivaldo: Aos domingos, eu participava da limpeza, e em outro tempo também ajudei a ensinar os iniciantes da música, foram estes momentos assim.

N: Você visitou alguma vez aqueles encontros da mocidade também, aqueles encontros de jovens e menores?

Dorivaldo: Eu acho que assisti dois cultos de jovens e menores. Mas a título de curiosidade, para ver como que funcionava

N: Sim

Dorivaldo: Fui duas vezes.

N: E ele é semelhante ou culto de adultos, ou é bem diferente?

Dorivaldo: Semelhante. Só tem alguma diferença, que tem o recitativo das crianças, né. O recitativo é como a lição semanal, sabe. O cooperador passa uma determinada parte para, para decorar, para passar na semana, como um jeito de envolver as crianças nos ensinamentos e no interesse do dia a dia, né. Então eles têm aquela parte, é uma maneira boa também, eu acho que é muito boa porque

integra pais e filhos. Porque muitas vezes as crianças não sabem ler ainda. Então os pais têm que participar para ensinar, ler para as crianças decorar, integra muito a família.

N: Os pais vêm também neste encontro de jovens e menores?

Dorivaldo: Normalmente vem trazer, deixa na igreja, volta e vem buscar no fim do culto, normalmente faz assim.

N: Os jovens e menores já tocam também instrumentos?

Dorivaldo: Sim. Tem orquestra de jovens e menores.

N: Ah, sim.

Dorivaldo: Sim. E aquele, aqueles que são – todos que são solteiros, participam da orquestra de jovens e menores.

N: Ah, sim.

Dorivaldo: Todos que são solteiros. E à noite eles tocam no culto junto com a gente na orquestra, normal.

N: Ehm, o que a congregação, a sua participação na congregação mudou na sua vida? Na sua visão do mundo, no jeito de você enxergar as coisas? O que a congregação mudou? Ela mudou alguma coisa?

Dorivaldo: Mudou muito, muito, muito mesmo para melhor. O que eu considero para melhor, né

N: Sim

Dorivaldo: Porque então, antes de participar da congregação, eu era (?) muito viciado em jogo, tinha o hábito de parar nos bares, de beber e chegar de fogo em casa. E então, a partir do, do momento em que passei a congregar firme e passei, tudo isso desapareceu. O cigarro, eu considero que Deus me fez uma libertação muito grande, porque eu fumava desde os nove anos de idade, e com trinta e oito anos de idade eu simplesmente peguei o maço de cigarro e (?) simplesmente em cima da televisão e passei dezessete anos sem fumar. Foi um ano depois que eu deixei a congregação que comecei a fumar novamente.

N: Mas menos do que antes, ou não. Menos do que antes?

Dorivaldo: Mais do que antes.

N: Mais?

Dorivaldo: O dobro do que antes. Só que, graças a Deus agora, a partir de fevereiro, eu parei novamente.

N: Sim.

Dorivaldo: Então eu estou contente, porque estou parando, e com isso estou (?) do que os dez, doze anos que eu perdi. Então, considerando tudo isso, todos os vícios que eu tinha, os maus costumes que eu tinha, e através do ensinamento da congregação eu perdi aqueles costumes, aqueles lixos, e eu considero que foi muito bom para minha vida.

N: Mudou, participando da congregação, a sua rede de amigos?

Dorivaldo: Ah, aumentou. Eu ganhei mais amigos, porque eu tinha meus amigos, meus companheiros de trabalho que a gente convivia muito tempo junto, né, e a amizade de vizinhos, tal aqui, mas participando de uma outra comunidade, eu ganhei muitos amigos daquela comunidade também, e a amizade, graças a Deus, as minhas amizades com meus amigos de antes não foram abaladas, não, continuamos amigos, né, então eu só tinha a ganhar muitos amigos a mais.

N: Ah, muito bom. Então você não cortou os laços que você teve, os amigos.

Dorivaldo: Não, imagine. Não, não. Acho que vocês podem ser testemunhas vivas disso, você, os seminaristas, eu tive amizade com todos os seminaristas que tinha ali, com todos os padres que estavam ali, todos são meus amigos até hoje, e na época eu era da congregação, e nem por isso a gente deixou de fazer uma amizade bonita, não é

N: Isso.

Dorivaldo: Eu acho que, eu acho que não tem porque ser diferente. Eu acho que não tem nada a ver se, eh, se eu sirvo a uma comunidade, assim, sigo a doutrina de uma comunidade e você segue de outra. Pode não coincidir nosso ponto de vista, assim, com relação à doutrina e aos ensinamentos, pode até divergir, mas como amigos não podemos divergir um do outro, ser inimigos

N: Isso.

Dorivaldo: Que, mesmo porque a finalidade toda lá, no final, no final eu acho que a finalidade se encontra lá que é o nosso objetivo é Deus, né

N: Isso

Dorivaldo: vocês padres também, né, então nosso objetivo é chegar a Deus, e então. Nós estamos em caminhos diferentes, alguns ensinamentos são diferentes, mas o objetivo lá na frente é o mesmo, então eu não sei porque um divergir do outro, ser inimigo, ser diferente um do outro.

N: Sim.

(o telefone toca)

N: Você ouviu uma vez na congregação assim como se só as pessoas da congregação, os irmãos e as irmãs da congregação se salvassem, e para os outros não teria salvação? Você escutou isso uma vez na pregação, ou não?

Dorivaldo: Isso aí, Norberto, é complexo, porque depende. Eu cheguei a ouvir. Cheguei a ouvir. Mas não por boca de todos, porque é assim: o pregador, ele tem um dom de pregar diferente, e tem aquele que prega coisas que não devia. Não vamos ser hipócritas para dizer que todos pregam coisas bonitas, e coisas, que só prega as coisas verdadeiras. E existe pregador que às vezes, eh, fala coisas absurdas, coisas que nem os próprios, eh, irmãos do ministério concordam, às vezes. Eles discordam, depois, sei lá, um puxão de orelha lá por trás porque a pessoa falou demais.

N: Sim.

Dorivaldo: Eu já escutei coisas deste tipo que você perguntou.

Dorivaldo: E isso veio de irmãos conscientes, de pregação bonita, de uma pregação bem elevada também, com consciência de ver que nem todos que estão ali dentro estão salvos e lá por fora podem ter muitos fazendo coisas erradas e se salvarem. Já escutei pregações desse tipo, também são coisas conscientes que a pessoa vê. Agora essa pergunta que você fez, eu considero que quem fala isso aí, fala meio inconsciente. Não acredito que passa de Deus para a boca dessa pessoa que está falando, porque é aquilo que nós estávamos falando, o pregador tem que pregar pelo Espírito Santo, o que o Espírito Santo põe no coração dele e ele transmite e para a irmandade que está lá na frente. Só que infelizmente tem aquele que prega coisas que a gente vê que não é o Espírito Santo, que está pondo na boca dele. Como em todo lugar existem divergências, mas esse que é visivelmente deste jeito, ele leva um puxão de orelha daqueles mais sábios.

N: O que você considera o mais bonito na Congregação?

Dorivaldo: O mais bonito. O amor, a união, a união da Congregação é muito bonita. O amor pelo próximo entre eles é muito bonito. Vou dar um exemplo da união, pode acontecer daqui há setecentos, mil quilômetros acontecer uma construção de uma igreja e pode se de acordo com a necessidade de lá, pode se deslocar grupos de irmãos daqui de São Paulo e formar um mutirão e ir lá todo final de semana participar da construção, irmãos que tem depósito de material de construção, é comum eles lotarem um caminhão de cal e cimento e essas coisas e descarregarem lá sem cobrar um centavo, os irmãos fazem um mutirão vão lá constroem e não cobram um centavo. Eu sou testemunha vivo de uma Congregação daqui a seiscentos e poucos quilômetros, fica já perto de Tupã. Foram muitos irmão daqui de São Rafael que construirão lá, todos os finais de semana eles estavam lá. Então, essa parte é muito bonita, a união deles, o amor pela obra, pelo crescimento da obra e uma vontade dos irmãos de ver a obra crescer.

N: O que é a obra?

Dorivaldo: A gente costuma falar, a obra de Deus, e a doutrina da Congregação. A obra abrange desde a doutrina até a construção das igrejas e a doutrina seria um conjunto que forma a obra de Deus. Isso a gente considera a obra de Deus.

N: Você tem alguma crítica, você acha que alguma coisa deveria mudar na Congregação, ou não?

Dorivaldo: Olha, se você seguir a doutrina certinho, seguir a certinho, certinho mesmo, eu acho que não teria nada que mudar, estaria bom. Tem umas divergências que eu te fale, desde as divergências do grupo de oração, mais esta divergência agora da pregação, desta última pergunta que você me fez, então isso são casos esporádicos. Eu diria que eu faço essa crítica sim que essas pessoas fossem corrigidas. Uma outra coisa, a doutrina não aprova, por exemplo, uma imagem, um quadro de imagem, um crucifixo, a doutrina não aprova, mas porém, não manda ninguém sair e dizer ‘tira isso daqui, isso não presta’, não. Nós não temos nenhum direito, por exemplo, esse quadro aqui, é um desenho, digamos que ele fosse uma imagem e minha esposa gostasse dessa imagem e colocou aí. Eu, como evangélico, não tinha nenhum direito de dizer para ela: ‘Olha isso aqui não presta. Isso aqui você tem que tirar’. Quem sou eu para falar isso. Mas tem irmãos que botaram na cabeça que eles podem fazer. Essa é uma crítica que eu faço, mas é uma crítica a determinadas pessoas. Então essas pessoas deveriam ser ensinadas para não fazer esse tipo de coisa, para não desagradar ninguém.

N: No fundo a sua crítica é para o desvio?

Dorivaldo: Exatamente, na doutrina em si, não encontrei falhas que eu pudesse fazer alguma crítica. Se a doutrina é correta e bem cumprida.

N: Você falou, ‘eu como evangélico’, já duas vezes. Você é da Congregação, você se considera da Congregação, se considera também pentecostal, se considera evangélico, se considera protestante. Como você se considera?

Dorivaldo: A família evangélica, eu acho que ela abrange a todos, que na realidade, o pessoal fala “crente”, as pessoas costumam falar ou evangélico, ou crente. Então, a palavra evangélico, se a pessoa perguntasse para mim na época, ‘você é evangélico?’, sou, ‘você é crente?’, sou, ‘de que igreja?’ da Congregação. Seria por aí, eu me considerava ou crente, ou evangélico, como a pessoa achasse melhor falar, porém da “Congregação Cristã no Brasil”.

N: Isso. Como você viu os outros evangélicos, como os da Assembléia? Bom, no São Rafael, quais outros tinha? Eram mais os da Assembléia, eu acho, né?

Dorivaldo: É, lá tem a “Assembléia”, a “Batista”, a “Quadrangular” têm a “Deus é Amor”. Olha, o povo evangélico em si, eu acho um povo de um comportamento bonito, sabe. Eu acho o povo evangélico sincero, você não o vê tumultuando situações, como roubo, como essas violências que existem nas pessoas que não tem nenhuma fé. E a gente quando vê que as pessoas fazem isso sabemos que são pessoas que não têm uma fé para se apegar; as pessoas que roubam, que assaltam, sabe. No meio evangélico, dificilmente você vê um comentário de uma que teve um desvio, que roubou alguma coisa, ou maltratou alguém, isso eu admiro no povo evangélico de modo geral. Agora se você perguntar para mim sobre os comportamentos das outras igrejas, cada um tem um comportamento diferente. Tem umas que são muito voltadas para os assuntos financeiros. Eu tenho uma crítica muito grande as pessoas que são divulgadoras de milagre. O milagre existe também. Mas não é assim você ... Eu considero os evangélicos que ficam anunciando o milagre, as igrejas que ficam coligando ‘tal dia tem o culto do milagre, venha ver os milagres’, aí passa muito na televisão mostrando as pessoas abandonando as cadeiras de roda, eu não acredito nesse tipo de coisa. Eu acho que tem sabotagem aí no meio. Eu acho que a pessoa está querendo vender uma coisa que não existe, querem vender a palavra de Deus, ou a confiança e a fé que as pessoas têm. A fé é uma coisa que você não vê, você sente, você tem que acreditar quando você vê. Agora aqueles que ficam anunciando milagre ou pedindo dinheiro para manter um programa de televisão, para isso e para aquilo. Eu discordo plenamente dessas igrejas.

N: Quando você estava lá, no Parque São Rafael. O que você pensava sobre o bairro? Como membro da Congregação, você estava lá, você estava na Congregação, você vivia no Parque São Rafael? Qual a sua visão do bairro?

Dorivaldo: Do bairro? Norberto, eu nunca fui uma pessoa muito voltada para a questão de bairro, de região, nunca me voltei muito, essa é mais uma questão política e eu nunca fui um político nato, nunca tive a política no sangue. Eu sempre, mesmo como evangélico, eu nunca deixei de apoiar pessoas que eu confiava, e aprendi a gostar do Partido dos Trabalhadores, sempre apoiei eles, sempre apoiei os candidatos deles. Normalmente eram candidatos que a gente conhecia ou os que a gente conhece só de nome, mas são pessoas que a gente nunca viu, nenhuma coisa que desabonasse a moral deles, então, a gente apóia os que conhecemos pela televisão e alguns que a gente conhece pessoalmente e que nunca nos decepcionaram. Então, eu tive essa visão de que essas pessoas podiam fazer alguma coisa boa para o bairro. A única coisa que eu vi no bairro era isso. Vamos eleger as pessoas que a gente confia e que possa pedir para fazer alguma coisa boa para o bairro. Foi só isso que eu cheguei a pensar.

N: Você gostava de morar ali, entanto morava?

Dorivaldo: Gostava muito. Gostava muito. Eu morei 39 anos ali e gostei muito daquele bairro. Fui praticamente um dos fundadores. Quando eu cheguei ali, existiam poucas casas no bairro, pouquíssimas casas no bairro. Saí de lá agora e está uma verdadeira cidade. Gostei muito dali. Gostei muito do bairro.

N: Morar no Rafael, você acha que em algum momento prejudicou a sua vida? Porque era vista como periferia. Tem os jardins, tem áreas mais nobres.

Dorivaldo: A única coisa que eu achei que me prejudicou ali, Norberto, foi a partir de 2005 quando desencadeou uma série de roubos de carros, me levaram cinco carros, já haviam levado seis da Célia, um da Márcia, dois da Sônia, então.

N: Tudo dentro da família.

Dorivaldo: Foram 14 carros da família roubados.

N: Da família? 14 carros?

Dorivaldo: É. 14 carros.

N: Roubados? No Rafael?

Dorivaldo: É. Teve três fora do Rafael, um na Vergueiro e teve um em Santo André. Então foram dois fora do São Rafael. Doze foram no Rafael. Inclusive os meus cinco que levaram, um deles foi na porta estabelecimento que eu tenho no Sônia Maria e quatro foram na minha garagem. Então isso que me levou sair fora do bairro. Eu não fiquei triste com o bairro, e triste com a situação, de ter que sair do bairro, trocar até meu sistema de vida por causa da insegurança. Então essa nova moradia é mais uma forma de refugio, de ter um pouco mais de paz e um pouco menos de medo, vamos dizer assim. Mas o bairro foi muito bom para mim, eu gostei muito de morar lá.

N: Com quem da sua vizinhança você tinha contato, ou não era muito contato com vizinhos? Ou era bom? Como foi?

Dorivaldo: Eu tive bons vizinhos. A Eu tive bons vizinhos. A partir de 1975 eu passei a morar naquela pracinha que você conheceu. Até antes eu morava num lugar meio, nos fundos de uma outra casa, então não tinha muitos vizinhos, só tinha o vizinho da frente, nos dávamos muito bem, foi muito bom a vizinhança com ele. Quando eu morei ali todos os meus vizinhos ali formam meus amigos. Não era amigo de um frequentar a casa do outro, era mais de encontrar ali e ficava batendo papo.

N: E sentia bem com eles?

Dorivaldo: Me sentia bem com eles. Agora lá onde eu morei nos outros quatro anos, tinham menos vizinhos, não tive amizade, mas nunca tive inimizade com nenhum também. Com alguns se firmam amizade também.

N: Você dentro da sua família, irmãos, irmãs, tem outras pessoas que participam da Congregação, ou participavam? Ou não?

Dorivaldo: Não, até que eu comecei a participar não tinha ninguém. Depois foi uma tia minha, tem uma tia minha que participa, ela é irmã da minha mãe e é minha madrinha de batismo na igreja católica, ela passou a frequentar e continua frequentando e um irmão da Maria passou a frequentar, ele e a família dele estão participando firmes na Congregação.

N: Eles também por você, de alguma forma, porque você estava lá, estava contente e feliz, e eles viram isso e também se interessaram, ou foi por outros caminhos?

Dorivaldo: Não, normalmente eles observam o comportamento da gente, o quanto mudou para melhor e viam que a gente estava se sentindo bem e resolveram examinar, e examinar que eu digo é fazer uma visita e conferir como é que é, e gostaram e ficaram e estão lá até hoje.

N: Na sua família, a Maria e suas filhas não participavam. Em outras famílias, você acha que a transmissão da fé, os irmãos, acontece também muito na família, ou é mais na casa de oração e no culto mesmo? Ou você acha que dentro das famílias o pai fala muito para os filhos e as filhas, para a esposa, que lá também é um outro núcleo de transmitir a fé. O que você viu?

Dorivaldo: Não sei se eu entendi bem a sua pergunta, mas é assim: o irmão se sente na obrigação de falar para os outros irmãos, os pais se sentem na obrigação de falar para os filhos, no caso do casal falar para a esposa, ou a esposa falar para o marido. Agora, isso é uma obrigação que a gente sente. Se você apresenta uma vez e fala ou convida uma vez para ir ‘olha se você quiser fazer uma visita lá?’ ou tal, isso a gente fala da gente mesmo, aí tudo bem, se a pessoa não aceitar, então você não tem que insistir mais, não insiste, porque se tiver que ser, Deus trabalha no coração e faz a pessoa entender com o próprio testemunho de vida da pessoa que frequenta, ela vai passar a observar ‘olha ela está bem’ e muitas vezes o próprio testemunho da pessoa leva as outras pessoas a sentir o desejo de fazer uma visita, e às vezes em uma visita dessas a pessoa gosta e aí permanece, então é assim que se dá muito, dentro do núcleo da família..

N: Isso. No tempo em que você estava na Congregação, quem eram as pessoas mais importantes na sua vida, para você?

Dorivaldo: Você diz no geral? As pessoas lá de dentro ou de fora?

N: Isso, se você olha, naqueles dezesseis anos em que você estava na Congregação, quem eram as pessoas mais importantes para você?

Dorivaldo: Eu acho que a minha família. A minha família em primeiro lugar e em segundo lugar a irmandade. Eu amava muito a irmandade, amava não, eu amo até hoje. Eu sempre tive um carinho muito especial pela minha família, embora no passado eu talvez não tenha demonstrado, tenha me ausentado em alguns momentos, estava no bar jogando, bebendo, esses eram alguns momentos e ausência, mas nunca deixei de amar profundamente minha família.

N: Mas quando eu conheci você eu sentia isso, realmente um bom pai, um pai responsável, trabalhador. Você recebeu em algum momento, na Congregação, uma ajuda grande, que você estava passando por algum momento de necessidade, difícil e alguém te ajudou, mesmo? Acontecia isso ao longo desses dezesseis anos ou não?

Dorivaldo: Não, graças a Deus eu não precisei. Eu tinha um bom emprego, um bom salário. Graças a Deus eu não recebi, mas tinha o que receber, ser ajudado, porém é uma ajuda feita com categoria também, não é de qualquer maneira, tem que ver se a pessoa está necessitada e já ir facilitando também. Normalmente tem uma fase de observação, os irmãos observam e se realmente precisa, ajuda.

N: Enquanto você estava na Congregação e morava no Rafael, você participava de grupos e associações ou a vida era mais no serviço, em casa e na Congregação?

Dorivaldo: Exatamente, era em casa, serviço, Congregação. Eu não participava de nada.

N: E naquele tempo quais foram as suas preocupações no dia-a-dia? O que mais você se preocupava?

Dorivaldo: Eu praticamente não tinha preocupação, não. Não era um grande sonhador, não tinha grandes pretensões, então meu dia-a-dia trabalhando sem grandes pretensões. Não era de muito planejamento não. Sempre fui mais ou menos tranquilo.

N: E seu lazer?

Dorivaldo: Pesca.

N: Naquele tempo lá também?

Dorivaldo: Sim. O meu único lazer era a pesca. Somente a pesca.

N: E a família de vez em quando assistindo TV junto, alguma coisa, né?

Dorivaldo: Não era muito, principalmente no começo eu não era muito de assistir televisão. Mesmo porque, agora já está mais mudado, agora o pessoal já estão aceitando mais, mas a fase que eu peguei, o tempo em que eu peguei na Congregação, não era aconselhável a gente assistir televisão, não era aconselhável. Isso porque já vinha evoluindo. Os primeiros, as primeiras pessoas que fizeram parte da Congregação eles nem liam jornal. Nem jornal eles liam. Era um pessoal que tinha a vida voltada assim exclusivamente para o trabalho e espiritual. Trabalho era uma coisa, e espiritualmente falando, não ligavam para a comunicação, como que estavam as coisas. O relacionamento entre eles já estava bom demais, já estava suficiente. Quando eu peguei algumas pessoas assistiam televisão, mas ainda não era todo mundo, ainda eles aconselhavam não assistir. Então eu não tinha o hábito de assistir televisão junto com a família. Nos últimos anos que eu continuava a frequentar a gente já assistia alguma coisa juntos.

N: Você participava de greves, tinha greves no seu tempo, em que você era metalúrgico ou não? Você participava, ou a Congregação pedia para você não participar?

Dorivaldo: Não, a Congregação só aconselhava, só aconselhava a não fazer tumulto. Tumulto jamais era aconselhável. Ela pedia para que a gente ficasse mais ou menos neutro. Eu participava, eu participava assim meio enrustido ainda, mas não por causa da Congregação, mas por causa o cargo de confiança que eu tinha dentro da empresa. Eu gostava de participar da greve, mas tinha que me conter um pouco e tal, porque eu tinha cargo de confiança dentro da empresa e se a empresa descobre que eu estou ligado ao sindicato ou ligado a greve podia ter uma perda de confiança ali. Então, tinha que me resguardar um pouco. Mas gostava do movimento.

N: Por que você se afastou, como aconteceu que você se afastou da Congregação?

Dorivaldo: Da Congregação?

N: É.

Dorivaldo: Bom essa é uma pergunta que eu vou te responder não com palavras claras, mas eu fiz coisas que não deveria fazer. Sabe assim, coisas que, se eu dissesse para os dirigentes ou para os irmãos de um modo geral que eu fiz o que eu fiz, seria completamente fora da doutrina e eu estaria pisando em cima da doutrina, então coisas assim.

M (*da cozinha*): Pode falar! Pode falar! (*Todos riem*)

Dorivaldo: Então, eu, são coisas assim que eu não disse para ninguém da Congregação o que eu fiz. Só que a minha consciência como cristão não deixou mais eu voltar para a igreja, porque eu achei que eu não sou digno de ficar no meio do povo que eu estava. Ali eu vejo mais que é para pessoas que tem fé. Porque o que aconteceu, Norberto, eu cometi um ato imperdoável do ponto de vista da doutrina, sabe. Aí tudo bem, eu cometi isso inclusive longe daqui, os irmãos não sabiam, o ancião não sabia, o cooperador não sabia. Eu podia muito bem enganá-los, continuar firme na Congregação na minha posição lá que eu achava muito boa, eu podia continuar. Porém, eu pensei assim comigo, né, eu falei: tem duas pessoas que eu não posso enganar jamais, a mim mesmo e a Deus, esses dois eu jamais vou conseguir enganar, então, não adianta eu enganar o homem aqui e continuar na posição de destaque, em uma posição que eu gosto de estar, mas eu estou enganando ele e estou com a consciência pesada então, não volto mais. Tanto é que eu menti para eles, eles foram até

minha casa me convidando para voltar dizendo que meu lugar estava me aguardando, que eles estavam sentindo a minha falta e eu em respeito a eles, eu não quis dizer o que eu tinha feito, então eu inventei lá uma história meio que furada. Eu disse para eles que eu estava tomando umas a mais, assim, que eu tinha perdido as forças de congregar, que eu estava tomando umas a mais, aí e tal. Acho que no fundo, no fundo eles acabaram entendendo depois que deveria ser coisa mais grave que eu não voltei porque a confiança não deixou mais.

N: Mais no fundo foi em respeito à Congregação?

Dorivaldo: Foi em respeito. Foi em respeito. Eu só fiz isso por respeito para não ficar com a consciência pesada frequentando um lugar junto com pessoas que eu considero, pessoas que são bastante idôneas, pessoas de boas índoles, pessoas que jamais iriam cometer o ato que eu cometi, e eu ali, no meio deles sendo falso. Entendeu? Eu acho que a pessoa tem que ser verdadeira, principalmente, por esse motivo que eu disse para você: ninguém consegue enganar a Deus e a gente mesmo, não adiantaria estar ali no meio com aquela fachada de homem sério e tinha pisado na palavra de Deus, pisado na doutrina e ido além do meu limite, então eu parei definitivo, não voltei mais lá, muito pesar, muita tristeza de não ter voltado, mas fiquei nesta situação.

N: E pensa que não vai voltar ou você vê uma possibilidade ainda um dia voltar?

Dorivaldo: Pra voltar... Eu poderia voltar, sabe. Poderia voltar, porém seria uma condição muito difícil de acontecer. Pode acontecer, não é impossível. Aí acho que depende também do merecimento da gente, sabe, porque se a nossa finalidade, a finalidade da doutrina da Congregação é levar a alma pra salvação. É a principal preocupação e o objetivo, é levar a alma pra salvação. Então acho que hoje eu não me sinto digno porque acho que eu desmereci esse mérito, então eu tenho algum temor pela morte, sinto que ainda não estou acertado com Deus. Mas pra se acertar com Deus, na minha situação, acho que eu precisava de algo que nós já até comentamos este ponto. Eu precisaria de uma confirmação, de um servo de Deus bem idôneo que talvez fizesse parte até de uma profecia, mas uma profecia verdadeira mesmo, de um servo de Deus muito responsável me trazendo algum recado. Porque em si, sei que Deus pode se usar de uma pessoa para mandar um recado pra outra, porque eu precisava muito dessas condições. Teve até um irmão que disse para mim assim. Porque na Congregação, nós consideramos que nós somos julgados pela palavra. Se no dia-a-dia você tiver seu comportamento, você faz algumas coisas você é um ser humano, ninguém é santo e evita aqui, você pode se comportar com comportamentos bonitos, mas você não é santo totalmente, uma hora você, como ser humano, cai numa falha. Não significa que você cometa um pecado grave assim tal, mas numa falha, você pode... Numa falha que sirva de uma correção, de um puxão de orelha ou de uma coisa. E você vai à Congregação e a Palavra faz isso, a Palavra ajuda as pessoas que estão ali dentro e dá um puxão de orelha ali, não vai falar para um homem, é lógico, né. Nem o servo de Deus que está pregando lá não tem esse poder também, eu sei que Deus não revela pra ele, mas se revelasse também não poderia dizer, citar nome, mas se desse uso de um pra mandar recado pra outro ele se usa. Eu espero essas condições, sim eu espero. Se um dia a minha alma tivesse merecimento, eu espero um dia receber um recado desses, aí eu voltarei com prazer. Só me adiante um recado dado por uma pessoa bem responsável, caso contrário eu vou ficar assim.

N: Mas é muito bonito, no fundo você não está na Congregação, no fundo, pois tem uma fidelidade a ela e tendo saudade de poder voltar. Muito bonito.

Dorivaldo: É verdade, a única razão é essa aí, não tenho nenhuma queixa da Congregação, nem dos membros da Congregação. Só sinto amor por eles, sinto muita simpatia por eles. E agora, tem pessoas com todos os jeitos na Congregação, com todos os tipos de pensamento. Tem as pessoas que, inclusive eu vou citar o nome não pro questão de idolatrar a pessoa, eu não idolatro mas eu gosto muito dele como ancião como pessoa. É o irmão Castelo. Ele é uma pessoa muito sábia, muito sábia mesmo. Deus deu a ele uma sabedora muito grande àquele homem lá. E quando ele me encontra ele me dá um abraço gostoso, me chama de irmão Cesário e me dá um abraço gostoso e assim vários irmãos que eu considero bastante e que me consideram. A gente se encontra, se abraça, conversa e em contra partida, e tem outros que vê a gente e baixa a cabeça, assim. A gente era acostumado a congregar toda a semana junto, conversar bastante. Agora, porque eu saí de lá, baixa

a cabeça. Para não saudar. Isso dói um pouco na gente. Mas eu tenho que entender que o errado fui eu. Eu errei e tenho que suportar tudo o que vier. Sou o culpado. Sim. *(pequena pausa)*

N: Mas você nunca mais também frequentou outra religião?

Dorivaldo: Não, às vezes eu vou na comunidade. Eu costumo ajudar a comunidade nas festas juninas, uns dois dias eu costumo ajudar no trabalho, mas às vezes eu vou, uma vez, eu vou lá com a Maria, assim. Mas eu confesso, eu confesso que vou rever pessoas amigas, vou em companhia com a minha esposa, mas assim...

N: Não é a sua casa?

Dorivaldo: Não é.

N: A sua casa é a congregação.

Dorivaldo: É. Eu me sentiria assim, me sentiria dessa maneira. Não que eu tenha nada contra.

N: Lá você se sente como na casa da mãe, mais ou menos.

Dorivaldo: Isso eu sou visitante lá. Agora, na Congregação eu sentiria em casa.

N: Começando a participar da Congregação muita coisa sobre o que você pensa sobre Deus, a sua maneira de orar mudaram. Mesmo você saindo isso ficou, ou você também abandonou o que você aprendeu lá sobre você mesmo, sobre Deus, sobre a sua oração, sobre louvar a Deus, sobre ser um servo digno e fiel. Você abandonou isso ou isso ficou dentro de você? Você não está mais participando tipo três vezes por semana, mas pode ser que isso no fundo corre como o sangue na sua veia, que você, Dorivaldo, mantém tudo isso dentro de você. Que isso é algo que começou a vier dentro de você e você viva até hoje.

Dorivaldo: Isso é verdade, isso permanece, não com tanta intensidade, mesmo porque com o instrumento eu não louvo a Deus, como eu louvava eu dei aquela parada. As minhas orações diminuíram muito, porque eu orava com frequência e agora oro ocasionalmente, mas não porque tenha perdido a crença, ou que tenha mudado o meu pensamento. O meu pensamento, o que mudou muito, e que inclusive me serve bastante, é que eu acho que às vezes eu me ponho a me castigar e a me condenar porque eu acho que a oração é uma conversa entre você e Deus. Uma conversa é um momento de união, quando você está orando de coração, se você é uma pessoa que está com a consciência limpa, você está em perfeita liberdade, assim, você tem uma liberdade de orar e pedir para Deus e faz como se você tivesse assim, unido a Ele no momento e eu não me acho merecedor, entendeu. Então eu diminuí a frequência das orações porque, eu acho que eu não sou digno de ficar pedindo a Deus, na oração, normalmente a gente ora agradecendo ou pedindo, mais ou menos por aí. Se você louva está agradecendo alguma coisa, ou você está pedindo alguma coisa, fazendo suas orações. Pedindo a seu favor, pedindo a favor do seu irmão, do seu vizinho, enfim. E eu não me sinto assim, merecedor, eu me sinto indigno de pedir a Deus. Embora eu entendo que ele não me abandonou. Eu acho dentro de mim mesmo, eu acho que eu não fui abandonado por Deus, mas ainda tem muita coisa para mim concertar, para mim me julgar merecedor, me julgar liberto, com a consciência tranquila de ante do erro que eu cometi. Eu ainda tenho alguma coisa para ser feita, para ser consertada nisso aí. E eu espero que antes de eu fechar os olhos Deus tenha a misericórdia de mim e me faça esse acerto, porque eu sinto muita falta da doutrina, da palavra, que a palavra de Deus é como se fosse. ... O nosso corpo necessita de alimento, a nossa alma necessita de alimento, só que o alimento da nossa alma é espiritual e esse alimento vem da palavra de Deus e se você não tiver essa palavra como alimento, a sua alma vai ficar mais fraca, a cada dia que passa, ela vai ficando mais fraca porque não está se alimentando. Eu acho que é o que está acontecendo comigo. Eu não estou me alimentando da palavra de Deus, me alimento assim de alguns pensamentos, de algumas súplicas pequenas. Faço uma oraçãozinha muito pequena, um alimento meu, umas migalhinhas, dizendo assim a grosso modo. Não se alimenta com aquela abundância que deveria surgir com a palavra de Deus, três quatro vezes por semana, essa é a diferença.

N: Você conhece outras pessoas que saíram. Elas também, você acha, eles podem se sentir como você? Que deixaram de participar por não se sentir digno? Você conhece pessoas assim, ou acredita que possa ser o caso?

Dorivaldo: Eu conheço pessoas, eu conheço pessoas que no caso abandonou como eu abandonei. Vou falar especificamente de um amigo que eu conheço, eu ajudei a ensinar música pra ele, e ele se tornou músico também, e depois de muito tempo, a gente tocando juntos na orquestra, ele abandonou, inclusive primeiro que eu. A gente tem uma grande afeição um pelo outro, inclusive ele me chama de vô, chama a Maria de vô. Às vezes ele em casa pegava umas lições lá de reforço, né, e durante a semana ele dava um pulinho lá em casa, e dizia: vô dá pra dar um reforço.

N: Ele era mais novo?

Dorivaldo: É, ele era bem mais jovem, bem mais novo do que eu. Agora ele deve estar com uns 40 e poucos anos, por aí... Bem mais novo. Aí ele ia lá e começou a me chamar de vô e a Maria de vô, então ele tem bastante consideração pela gente, e ele foi um cara assim... Mas eu nunca perguntei pra ele, eu nunca perguntei o motivo por que ele parou. Mas normalmente essas paradas bruscas assim, normalmente é adultério pelo meio, é alguma coisa parecida assim, não adianta querer esconder o sol com a peneira porque normalmente é. E tem outras formas aí de irmãos que foram flagrados assim, até irmãos no ministério, são homens anciãos, anciãos que tinham um dom muito bonito da pregação e foram surpreendidos assim com o adultério, então esses aí é cortada a liberdade deles, então fica entre eles e Deus. Aí eles perdem o ministério, normalmente essas pessoas que têm o ministério são conhecidas assim, as notícias se espalham, então a irmandade fica tudo sabendo, fica uma coisa meio desagradável assim. Têm vários que já aconteceu isso. Tem um outro tipo de irmãos que caíram também. A gente costuma falar que a pessoa pecou, sabe? Também nós que peca, e às vezes permanece, congregando e tal, às vezes é descoberto e eles ficam sem liberdade, porém congregam. Conheci um senhor que permaneceu 10 anos sem liberdade. 10 anos congregava toda semana junto com a gente. Ele manifestava a promessa do Espírito Santo, ficava indiferente, muito fervoroso, não perdia um culto. Permaneceu 10 anos sem liberdade. Depois de 10 anos o ministério orou e devolveu a liberdade para ele. Quando devolveu a liberdade para ele, em pouco tempo, ele pegou um câncer e morreu. Morreu mas pelo menos a consciência dele já tava em paz com Deus, porque ele já tava com liberdade plena. Aí ele tava participando normal, já podia testemunhar, pedindo hino, já tinha a liberdade plena. Ficou 10 anos... Esse eu o conheci pessoalmente. E ele contou pra mim o que aconteceu com ele.

N: E nesses 10 anos no culto ele não falava em línguas, não, né?

Dorivaldo: Falava.

N: No culto? Isso é permitido, mesmo que não tinha a liberdade?

Dorivaldo: Isso ninguém podia proibir, né? Ninguém pode proibir porque

N: é o Espírito Santo mesmo.

Dorivaldo: É um dom, que ...

N: vem sobre as pessoas,

Dorivaldo: vem sobre as pessoas, vem como Espírito Santo então ninguém pode proibir. Embora há quem censure, você sabe que a mente do ser humano é astúcia. Há quem olhasse de travessado e está ali, manifestando a índole e vai olhar e até fazer pro outro assim, entendeu? Ver o que o cara apronta e depois sair manifestando em línguas e tal. Então isso é da cabeça do ser humano porque ser for... Eu não acredito que alguém tenha coragem de forjar uma língua diferente aí pra dizer que ele tem um dom, só pra dizer que ele tem. Eu não acredito que alguém faça isso de propósito. É muita falta de preparo. *(Pequena pausa)*

N: Também os hábitos de costumes que você criou, em boa parte você mantém hoje ainda, não é? Os bons hábitos de costume você mantém?

Dorivaldo: Mantenho, esses hábitos que eu mantenho. O que eu adquiri lá, permanece comigo. E permanece com aquele modo de pensar, os costumes... Isso tudo permanece comigo.

N: E as relações na própria família, apesar da família não acompanhar, no fundo vocês só se tornaram melhores, não é?

Dorivaldo: Ah sim, não tenho dúvidas. A relação melhorou, melhorou muito, mesmo no comportamento, na maneira diferente de eu atuar em casa, aí eu fiquei mais frequente, fiquei caseiro, né? Aí melhorou muito nosso relacionamento. Ficou muito melhor.

N: As formas de viver o seu tempo de lazer, depois de sair Congregação, mudaram ou não? Você voltou de uma forma de viver o lazer mais como você vivia antes ou aquilo que valia, que era permitido no tempo da Congregação continua sendo um limite pra você hoje ainda também? Como é isso?

Dorivaldo: Não, em algumas coisas eu mudei. Depois da saída de lá eu mudei assim no sentido de jogo, até porque eu passei a frequentar uns jogos. Jogar um pouco de baralho até altas horas da noite. Agora que nós voltamos pra cá, to tranquilo, não tem mais esse hábito, mesmo porque aqui não tem o conhecimento com ninguém, então aqui eu to praticamente como se eu tivesse dentro da Congregação. Mas ainda tem um porém, que eu não teria esse costume nem esse direito, às vezes eu vou lá no centro tal, passo em frente do bingo, eu entro lá, jogo umas partidinhas de bingo ainda, quer dizer, isso aí tá fora da doutrina, não faz parte do comportamento daquela época, então eu tenho algumas diferenças no comportamento que mudou.

N: Mas, pelo que sinto, tipo antes isso dominava você como vício.

Dorivaldo: Ah, sim.

N: Agora você faz isso um pouco mas você domina. *(Dorivaldo e N falam simultaneamente)* Você quer sair, você levanta, sai fora. Porque antes você não tinha força para isso, né?

Dorivaldo: Ah sim, tranquilo... Tranquilamente, agora não. Eu vou lá falo assim ‘eu vou lá brincar duas partidas’, e brinco as duas partidas, levanto e vou embora. Sem nenhum ressentimento. Antes eu ficava até anoitecer, levantava e vinha embora. Não tinha limites. Agora eu tenho limites.

N: Só, quando estou lá no culto, a gente vê, tem aquelas portas do fundo e tem as portas laterais também, não é? E lá por essas portas laterais, minha impressão é que só algumas pessoas circulam. É isso mesmo ou qualquer um pode entrar lá pela lateral também?

Dorivaldo: Não, não tem regra não. As duas portas são livres. Eu não sei se as pessoas pegam o hábito, mas as duas portas funcionam iguais. Cada uma dessas portas, pode observar, que tem um porteiro, lá dos fundos tem um porteiro, na lateral tem outro porteiro. Pode entrar e sair por qualquer porta não tem nenhuma regra não. A porta, na realidade, da lateral ou do fundo entra quem tem mais acesso de entrada e saída, né? Mas isso não tem nada haver.

N: É, ali no fundo só... Se você conhece mais alguém, que você vai no Rafael e encontra pessoas, se você tem como indicar mais uma, duas pessoas que eu fazer a entrevista eu agradeceria muito, de repente até o irmão Castelo, se encontrar ele e pergunta se quer fazer entrevista comigo eu ficaria muito feliz.

Dorivaldo: Não, eu posso sim.

N: Sem se preocupar com isso, olha se você encontra, você vê aí eu... .

Dorivaldo: Eu tenho o seu número de telefone aí, e eu vou procurar entrar em contato com duas pessoas lá e posso ir até dar um pulinho na casa do irmão Castelo. Irmão Castelo, se você conhecer ele você vai gostar de conhecer uma pessoa. Você vai ver que é uma pessoa que tem uma sabedoria muito grande e uma humildade sem tamanho. Ele já tá bem idoso já, agora faz uns 12 anos que eu não o vejo. Nestes doze anos eu vi ele uma vez lá na quitanda lá, trocamos um abraço muito gostoso tal, mas já faz uns 12 anos que não temos um contato assim. Eu sempre pergunto dele para uns irmãos, pra minha tia, mas tá fraco, enxergando pouquinho porque já é bem idoso, né? Deve ter passado dos 70 já, mas é uma pessoa de uma cabeça muito boa. Maria gosta muito dele. Às vezes ele passa em casa pra nós conversarmos um pouco, ele é aposentado, porque não sei se você sabe: na Congregação ninguém é assalariado para nada.

N: Isso eu sei. E acho muito bonito.

Dorivaldo: É. Cada um tem sua função, cada um vive do seu trabalho, e a Congregação é um ponto de encontro ali dos irmãos, então ninguém é assalariado. E ele é aposentado da Ford, mas ele, para complementar o salário, ele sempre vendeu alguma coisa assim, sabe? Então ele às vezes passava em casa, oferecendo os produtos e a gente comprava e conversava, e Maria adquiria o conhecimento dele, Maria gosta muito dele, Maria admira muito ele como pessoa. Vou ver se eu agendo ele pra você, daí se eu agendar, pego o número do telefone dele e passo pra você.

N: Isso, ótimo. Eu agradeceria muito.

Dorivaldo: Eu vou ver isso. Duas pessoas...

N: Isso.

Dorivaldo: ta.

N: Você sabe se ele é da Congregação desde a nascença, se nasceu de uma família da Congregação, ou ele também se converteu assim numa certa altura como você?

Dorivaldo: O irmão Castelo, eu já conversei com ele e ele se converteu depois de adulto já, não chegou a nascer de uma família... Até o que eu sei deles, não era de nascença não.

N: Sim. Muito bom. Olha eu agradeço muito mesmo.

Dorivaldo: Não sei se eu ajudei no seu trabalho em muita coisa, mas o que eu respondi, respondi com sinceridade e vou ver se eu agendo as duas pessoas pra você. A menina que trabalha aqui na portaria é da Congregação. E conversando com ela, ela me disse ela é, que já é antiga. Deu pra entender que ela às vezes congrega pouco, mas não é muito ligadona, não guarda as muitas coisas. Mas eu tava falando com ela que você ia vir aqui, aí eu disse pra ela 'se tiver alguma pergunta que eu enroscar lá, eu recorro à você' (*ambos riem*) e ela falou 'você sabe mais do que eu'.

N: Se ela concordar, eu gostaria também porque, assim, porque é muito mais difícil eu achar uma mulher para ter uma conversa, porque parece que essa coisa de homem sentar com uma mulher pra conversar não é no fundo muito bem visto. E é bom se eu pudesse conversar com uma, duas, com algumas mulheres, seria bom pra mim também.

Dorivaldo: É.

N: É. Uma vez, se ela concordar, eu ficaria muito feliz. Voltaria, sentaria lá em baixo e faria as mesmas perguntas. Eu ficaria muito feliz .

Dorivaldo: ta bom, eu falo com ela.

N: Porque também não é só uma pessoa que abraçou de corpo e alma como você, mas também alguém que está um pouco dentro, mais num canto, enquanto o Castelo é totalmente mergulhado na doutrina, é a vida dele

Dorivaldo: É. É a vida dele.

N: Então tendo várias pessoas seria bom pra mim.

Dorivaldo: O irmão Castelo seria assim, seria o Norberto na católica. A irmandade e a comunidade é a vida dele, e ele vive pra ensinar as pessoas, ungir as pessoas, procurar o melhor para comunidade. Sua vida na católica é a vida dele na Congregação.

Dorivaldo: Você já ouviu comentários como começou a história da congregação do Brasil, ou não? Você conhece a história?

N: Um pouco. Luis Francescon, não é, um italiano que foi para os Estados Unidos e - você chama ele de Francescone,

Dorivaldo: Francescon, irmão Francescon,

N: Isso. Francescone?

Dorivaldo: Francescón.

N: Francescón. Ah, ta. Foi para Chicago eu acho né, lá conheceu William Durham, um pastor pentecostal, e ele disse para ele, você tem a vocação de evangelizar a colônia italiana nas Américas, não foi isso?

Dorivaldo: Isso.

N: e por isso ele viajou para o Brasil , para Argentina. Foram lá na Estação da Luz, não foi? E teve um primeiro contato onde conhecia o homem e depois foi para Santo Antônio da Platina no Paraná

Dorivaldo: Santo Antônio da Platina no Paraná. Foi fundado a primeira igreja lá,

N: Isso.

Dorivaldo: em 1910,

N: sim. Acho que lá ele foi muito perseguido pelos católicos pelo jeito.

Dorivaldo: Isso.

N: Eu entendi isso: aquelas onças e tudo não eram só onças, acho que foram os católicos que quase o queriam matar lá, né

Dorivaldo: Isso.

N: E aí ele foi para São Paulo, e começou tudo no Brás.

Dorivaldo: Isso

N: Ah deixa eu fazer uma perguntinha só. Aquela sobrinha. Não, a tia sua e o irmão da Maria, eles também foram batizados no Brás?

Dorivaldo: Foram.

N: Você estava presente?

Dorivaldo: Não, eu não estava presente no dia.

N: Ah, eu imaginei de repente que você estava lá tocando instrumento no dia do batismo.

Dorivaldo: Então, eu não... Por que foi assim, no dia que eles foram e batizaram, eh, eu acho que eu estava trabalhando, devia ter ido num dia que eu estava trabalhando e nem me comunicaram. Quando eu percebi... inclusive, o meu cunhado não é lá do São Rafael, ele morava no Sônia Maria. Ele foi lá e se batizou, e depois que eu fiquei sabendo que ele tinha, a gente fala assim obedeceu as palavras de Deus, né. Então ele, o meu cunhado, eu não sabia e a minha tia também, não sabia, eu vi ela assim dentro da Congregação de véu. Ela é uma senhora já de idade e tem uma perninha mais curta do que a outra, uma perna um tanto assim mais curta do que a outra. Ela estava na Congregação e eu vi lá, depois eu encontrei ela e saudei ela e depois que eu fiquei sabendo que ela tinha se batizado. Esse papel aqui se chama lista de batismo, isso aqui é de 82. Não sei que irmão que me deu, acho que foi o irmão Castelo que me deu esse papel e disse assim 'Olha irmão isso aqui é um andamento da obra de Deus' e veja lá, examina para você ver que é uma organização. Eu peguei esse lado aqui, lista de batismo e diversos, então que vem a data e a hora e a localidade em que a pessoa quis batizar, e aqui diz o ancião que atendeu o batismo. Esse irmão Miguel, no batismo praticamente nem aparece, porque ele nunca era muito de fazer batismo, porque ele é o ancião mais velho do Brasil.

N: Aquele Miguel Spina?

Dorivaldo: Miguel Spina. Aqui na ordenação, esse outro lado aqui, é a ordenação para anciãos, aqui é ordenação para diácono, aqui na Grande São Paulo, e aqui no interior.

N: Você conheceu o Miguel Spina?

Dorivaldo: Conheci, então aqui ele participava bastante, da ordenação dos outros ele participava bastante.

N: Isso. ... Cláudio.

Dorivaldo: Esse Cláudio é da Água Rasa, né. Esse é falecido já. Ele era gordão, tinha um dom de pregação bonito.

N: O Miguel Spina conhecia o irmão Francescon pessoalmente?

Dorivaldo: Conhecia. Eles se conheceram pessoalmente.

N: O diácono na hierarquia é acima do cooperador? Ou é difícil dizer?

Dorivaldo: É seria um, eu considero assim, mais ou menos igual, só que assim com cargos diferentes, porque a função do cooperador é a mesma função do ancião, ele substitui o ancião na ausência dele e que tem o dever de pregar a palavra, se o ancião não estiver presente, ele preside o culto e na hora da revelação da palavra, se ele tem a revelação, ele faz a pregação. O diácono tem a liberdade de pregar também, mas não é a função dele. A função dele é cuidar da obra da piedade, que seria a análise. Por exemplo, você me fez uma pergunta se eu recebi ajuda de alguém, eu não recebi, mas alguém recebe, mas é assim: normalmente vai o diácono, vai um grupo lá, um diácono mais irmão de idoneidade, e vai uma ou duas irmãs da obra de piedade, que seria no caso uma diácona, não tem essa denominação é uma irmã da piedade, mas é como se fosse a função do diácono. Então, eles vão na casa da pessoa, analisam, fazem uma entrevistinha, assim para ver vários posicionamentos, se a pessoa não é um braço curto no serviço, se a pessoa não é um aproveitador, então eles vão pesquisar essas partes, aí depois, feita essa pesquisa, eles oram a Deus e pedem para preparar a ajuda e pegam da onde aparecer aquela ajuda e transmite para lá.

N: Na obra da piedade são mais irmãs que trabalham, ou não?

Dorivaldo: É, irmãs; cada Congregação grande às vezes tem duas, três, irmãs da obra da piedade e ao passo que diácono é um só, e às vezes nem é toda a igreja que tem um diácono. Um diácono do São Rafael pode servir a várias Congregações, assim como o ancião. Normalmente o cooperador, é estabelecido que cada igreja tem que ter um cooperador, o ancião e o diácono, se for uma igreja grande têm, todas as igrejas grandes têm, e se for menorzinha, mais afastada, assim, eles dão uma assistência para o cooperador e que vão tocando a obra.

N: Eu pensei que os anciãos seriam ordenados no Brás. É cada um no seu lugar, tipo quem vai ser ancião na Água Rasa é ordenado na Água Rasa, é isso?

Dorivaldo: Esse lugar aqui, eu acho que é o lugar que é comum, que é a comum Congregação, mas normalmente, a ordenação é feita no Brás, normalmente é. Quando fala do local é a igreja que ele

N: vai ser destinado.

Dorivaldo: Isso.

N: Ah, 'tá.

Dorivaldo: Entendeu?

N: Isso.

Dorivaldo: Essa lista é antes do culto, normalmente, o ancião lê essa parte, lê para o pessoal saber onde vai ter batismo, o dia e a hora e depois do batismo, quando acontece o batismo, vem o resultado de quantas pessoas foram batizadas. Aí anuncia quantas pessoas foram batizadas naquele dia. Eu acho uma organização bem feitinha, normalmente são pessoas que não são estudadas para aquilo. Pegam pessoas com comportamento bom, humildes, e vai encaixando nos cargos e vai dando tudo certo. Agora uma coisa, se eu vou lá, não, eu vou falar com o irmão Castelo, ou você, você tem amizade com algum cooperador, com algum cooperador assim, tem amizade com algum, ou não?

N: Por enquanto, eu estou lá onde eu devo fazer pesquisa, no Alvarenga, em São Bernardo, lá é o irmão Leo, que eu não conheço bem pessoalmente. Onde eu moro é o seguinte, a filha de uma senhora que trabalha muito na saúde está namorando um menino, o Leandro, que é da Congregação Cristã, mas não se batizou ainda. Acho que até vai talvez postergar um pouco, porque acho até que ele quer casar com essa moça católica e se fosse da Congregação mesmo acho que não podia.

Dorivaldo: É, se for batizado, aconselha-se ter um casamento entre duas pessoas batizadas na mesma comunidade.

N: Ah, só aconselha, não é obrigado? Eu escutei alguma coisa de que até poderia ser ser expulso se

Dorivaldo: Não. Pode ser tirada a liberdade. Não expulso, expulsar, ninguém pode expulsar. Quem usou a palavra expulsar foi muito além, pode tirar a liberdade, porque jamais alguém pode dizer para outro: 'Você nunca mais entra nessa igreja'.

N: Só tira a liberdade?

Dorivaldo: Só tira a liberdade, porque normalmente, eles são aconselhados, mas eu acho que conversando, depende muito da, porque eu passei por um momento difícil, foi muito difícil aquele momento para mim, como eu te disse que eu sempre fui um cara muito família, sempre gostei muito da minha família. Mas eu me dediquei assim à Congregação com muita seriedade. Então, o que se pregava na Congregação, por exemplo: eu como membro da Congregação, eu não poderia, não poderia, não poderia entrar na igreja católica, como em outra igreja qualquer, eu não poderia. Eu teria que ser fiel à Congregação e permanecer na Congregação. Aí a Márcia marcou o casamento, aí ficou aquela situação. A Márcia queria que eu a levasse no altar e eu fiquei em uma situação muito difícil, mas muito difícil mesmo. Eu cheguei para ela e disse: ‘Olha Márcia doutrina da Congregação não permite, é assim, e eu estou entre a cruz e a espada’. O padre Luiz se prontificou a ir conversar com o irmão Castelo eu falei assim ‘Olha Luiz vamos fazer assim, primeiro eu vou conversar com o irmão Castelo e depois eu trago uma resposta e vamos ver o que vai fazer, porque eu também tenho vontade de levar a minha filha no altar’. Ela vai casar uma vez, é a única vez, é a primeira filha a casar eu sei que ela tinha o prazer de entrar com o pai na igreja e eu teria o maior prazer, só que eu tenho uma doutrina que não permite, mas eu vou conversar, porque acho que nada é definitivo. Em um dia de culto, um domingo, eu procurei o irmão Castelo e falei ‘irmão Castelo, preciso falar com o irmão’ ele colocou a mão no meu ombro e disse: ‘Pois não?’ Eu falei ‘seria uma boa hora, porque está os três aqui e eu preciso falar com os três juntos’ Era cooperador, o ancião e o diácono. Ele botou a mão no meu ombro e disse: ‘Pode falar.’ Eu expliquei a situação para ele. Ele baixou a cabeça; o irmão diácono baixou a cabeça; e o irmão Toninho, que é cooperador, já era mais novo, entre eles era o mais novo de doutrina e talvez mais aquela vontade de ser fervoroso e já me deu uma cortada assim: ‘não irmão, isso não é possível, isso não é possível’. O irmão Castelo continuou parado assim, aí ele falou assim: ‘O irmão me procura terça-feira, antes do culto, que na segunda-feira a gente tem reunião dos anciãos na Congregação do Brás. Eu por mim, o irmão vai levar a sua filha no altar, da minha parte o irmão vai. Como eu não sou dono da obra de Deus, eu tenho que levar ao conhecimento do irmão Miguel Spina, que é o ancião mais velho no Brasil e ver qual é a opinião dele. Aí na terça-feira o irmão vem falar comigo antes do culto que eu já tenho uma resposta para você.’ Eu falei ‘ta bom, muito bom’. Quando foi na terça-feira, foi uma coincidência tão grande, porque na hora em que eu entrei na, naquela cobertinha que tem na frente da porta lateral, que eu entrei, ele entrou pelo outro lado e se encontramos no meio daquela partinha coberta. Ele já deu aquele sorriso gostoso, me deu um abraço gostoso e disse ‘irmão, ta liberado para ir levar a sua filha no altar. Irmão Miguel Spina entende assim como eu entendo, que se o irmão fizer as coisas com entendimento a família em primeiro lugar, então não vamos sacrificar a família a ponto de deixar a família do irmão aborrecida, por causa de uma presença tua no meio de quatro paredes. Só tenho uma recomendação a falar: o irmão não se curve diante do ídolo e não participe dos alimentos da festa, só isso’. Ótimo, ele não me pediu nada demais, então ficou todo mundo contente, fui com a Márcia, participamos da cerimônia, levei ela no altar e permaneci no altar. A noite teve uma festa, nos contratamos um buffet e fizemos a festa em um salão no Parque das Nações, num salão de festa que tinha lá, e eu fui e obedeci ao irmão. Era churrasco à vontade, cerveja à vontade, refrigerante, eu, meia noite me deu sede, eu fui em um barzinho que tinha lá na frente, comprei uma garrafinha de água mineral e tomei e não participei dos alimentos, por causa do ensinamento. Eu fazia questão de ser fiel aos ensinamentos, eu queria andar dentro da palavra de Deus. Tinha vontade de ser um crente fervoroso, obediente, sabe, então eu comprei uma garrafinha de água tomei e não participei dos alimentos. Ficou todo mundo contente, só pelo fato deles consentirem de eu levar a minha filha no altar já foi uma vitória para todo mundo, tanto para minha família, quanto para mim, principalmente para mim, que estava naquele impasse, naquela situação. O coração mandava ir e depois dizia que eu estava impedido por outro motivo. Por isso que eu digo, que o entendimento: às vezes tudo é possível, com uma conversa, com um entendimento é possível se consegue muitas coisas com um bom pensamento, uma boa discussão se consegue muitas coisas. E você encerrou as perguntas?

N: Sim. Foi muito bom.

Entrevista com Dorivaldo

Dorivaldo: Fiquei contente de você vir aqui e também me escolher para essa tarefa, espero que algumas palavras que eu falei para você, você aproveite algumas delas no seu trabalho.

N: Muitas coisas ... hoje à noite, se vou no culto no Alvarenga, a gente vai viver o culto com outros olhos, com outra compreensão que você me deu, com certeza.

Dorivaldo: Tá bom.

Dados a respeito do(a) entrevistado(a)

Idade	64
Estado civil	Casado
Moram na casa	2
Cômodos na casa	5
Material const	Alvenaria (apartamento num prédio)
Vulnerab bairro	Muito baixa
Quantos filhos e seu gênero	4 filhas
Posição na família	Chefe
Escolaridade	7º
Profissão	Metalúrgico
Renda fam em sal min (aprox.)	8
Renda p/capita	4
Migrante?	com 8 anos de idade; para Grande São Paulo com 25
Se for, de onde?	Paraíba
Se for, quando migrou?	1951 e 1969
Se não, filho ou neto de migrante?	
Religião do(a)s familiares)	Católicos não praticantes

Entrevista com Nádia, Beto, Deda e Toni

A entrevista aconteceu em família, com Beto, Nádia, Deda e Toni na sua casa, no bairro Arco-Iris do município de Diadema, na 5ª, dia 29 de janeiro de 2009, após o culto. A duração da entrevista é de aproximadamente 2hs20min.

Norberto: A respeito de vocês mesmos. Quanto tempo que vocês estão na Congregação Cristã?

Nádia: Eu, eu tenho quatorze anos.

Deda: Eu tenho nove.

Toni: Eu tenho nove.

Beto: É! Não! Não! É a quanto tempo tem na Congregação. Você também já tem a sua idade que você começo frequentar não é? De batizado...

Deda: Já tem onze anos. Já tenho nove de batizado mas comecei dos meus cinco pra seis anos.

Beto: É! Eu comecei a frequentar a Congregação em noventa e oito e batizei no ano de dois mil.

N: Então a mãe foi a primeira?

Nádia: Fui a primeira.

Beto: Foi a primeira.

Nádia: Na verdade eu já nasci num lar cristão e minha mãe já era evangélica da Congregação, só que é assim, a minha mãe nunca nos impôs a ser da Congregação. Ela sempre deixou que nós tivéssemos livre arbítrio né? E nós então crescemos e nos casamos e só depois, quase quatorze anos é que Deus nos chamou.

Norberto: Mas como criança você já ia no culto?

Nádia: Não me lembro de ter ido não, no culto não.

Norberto: A mãe foi sozinha ou foi com o pai?

Nádia: Não. A minha mãe ia sozinha, ela e a minha avó. A Minha avó e a minha mãe.

Norberto: Você lembra dos hinos da sua infância? Ela às vezes cantava o hino?

Nádia: Não. Não lembro. Não lembro. Minha mãe disse que quando nós éramos pequenas e ainda morávamos no interior ela nos levava pra igreja tudo né? Mas depois viemos pra São Paulo e já adolescentes já não, não fomos mais e ela também nunca gostou por que ela sempre dizia que cada um tinha que escolher o seu momento e Deus tinha que convidar a cada um no seu momento.

Norberto: E você conheceu a Congregação por ela? Ou não?

Beto: Realmente através da minha sogra, porque da minha família, a minha mãe, meu pai ninguém é da Congregação. Eu só tenho um sobrinho que hoje é da Congregação não é? Mas não foi através dele, eu conheci também a Congregação através da, eu quando era criança e tinha quatorze, quinze anos, eu fui conhecer a Congregação através de uma tia minha. Ta? Mas eu fui, até recitei no curso de jovens poucas vezes e depois nunca mais voltei. Depois que nós nos casamos que aí eu fui realmente conhecer a congregação.

Norberto: Foi depois do casamento? E você também?

Nádia: Depois.

Beto: Depois do casamento. Foi depois.

Norberto: Começou a congregar depois de casado?

Beto: Inclusive nós casamos na igreja católica. Você vê que a mãe dela nunca interferiu porque é, (*incompreensível*) ela era, a minha sogra fez com ele ir lá na congregação, mas não interferiu. As três filhas dela, que foi ela e as outras duas irmãs, foi tudo casada na Igreja Católica e hoje são todas da Congregação.

Norberto: E ela amava você como genro do mesmo jeito?

Nádia: Exatamente!

Norberto: E como filha?

Nádia: Também!

Norberto: A mesma coisa!

Nádia: Ajudava a gente a preparar toda a festa do casamento.

Beto: Tudo! A festa!

Nádia: Comprava o traje, o vestido de noiva, tudo. Ela fez tudo! Não teve assim nada de...

Beto: Ela não interferiu em nada!

Nádia: Nada!

Norberto: Ela mora em São Paulo ou?

Nádia: É bem aqui pertinho!

Beto: Aqui embaixo! É quase embaixo ... o meu sogro.

Norberto: Se um dia ela também e o sogro quiserem me conceder uma entrevista eu acho que ficaria muito feliz! Onde é que eles congregam?

Nádia: No Transilvania?

Norberto: No Transilvânia?

Beto: A nossa comum também é no Transilvânia! Quando nós vamos tomar a santa ceia que é uma vez por ano nós tomamos a Santa Ceia no Transilvânia!

Norberto: Ah! E nos dias que lá não tem culto vocês vão no Parque Jandaia?

Beto: É!

Nádia: Lá no Parque Jandaia.

Beto: Lá no Parque Jandaia nós fazemos porque é...

Nádia: Na verdade são duas comuns que nós temos.

Beto: É!

Nádia: Só que de Santa Ceia é uma.

Beto: É uma! Isso!

Nádia: Né? E pra congregar é duas comum.

Beto: A gente só pode tomar a santa ceia uma vez por ano né? Então é aqui no Transilvânia e a nossa é comum. Agora, lá passou a ser uma comum porque todos os cultos nós temos lá. Agora, igual se ela quer falar sobre o culto de jovens também que ela faz.

Deda: Não. É! O grupo de jovens eu passo lá no Jandaia né?

Beto: Ela e o Toni.

Deda: O Toni.

Norberto: E não no Transilvânia?

Beto: E não no Transilvânia!

Deda: Exato! Eu faço lá no Jandaia!

Beto: O curso de jovens lá é aos domingos às onze e meia. Né? Então isso é o motivo de domingo nós não congregar aqui no Transilvânia! Que nós acompanha ela no culto de jovem, aí termina quatro hora, quatro e meia e a gente aguarda até a noite e congrega a noite lá também.

Norberto: E como ocorreu que vocês foram pra lá? Porque é bem longe não é? O Transilvânia é mais perto não é?

Nádia: É longe!

Norberto: Como vocês descobriram o Parque Jandaia?

Beto: *(incompreensível)*. Só!

Deda: Na verdade foi, tudo começou dele né? Na escola ele, ele começou com amizade com a filha do, do irmão Silvio e aí a gente foi conhecendo só que nem a família dela sabia que nós éramos servos de Deus e nem a gente sabia que eles eram. E os dois conversavam e brincavam e um dia na escola né? Na escola a minha mãe conheceu a Joice, e aí elas foram conversando, conversando e aí descobriu que as duas servia a Deus na Congregação e na época a Igreja que hoje é no Parque Jandaia era lá no Condomínio Jandaia. Onde o Silvio mora.

Beto: Era uma salinha!

Deda: Era uma salinha bem pequenininha.

Norberto: Isto!

Norberto: Acho que foi em 2000 que foi ou quando foi que foi que começou lá a igreja mesmo?

Nádia: Acho que foi em 2004.

Beto: Acho que em 2004 por aí.

Norberto: 2004?

Beto: É.

Nádia: Foi mais ou menos isso.

Norberto: E antes era no condomínio?

Deda: No condomínio.

Beto: Era uma salinha pequenininha.

Norberto: E aí vocês também já frequentavam?

Beto: Lá na (inc) a gente chegou a frequentar lá poucas vezes. Porque logo já inaugurou aquela igreja ali.

Norberto: Lá também tinha culto de jovens e menores? No condomínio?

Deda: Tinha! Normal!

Beto: Tinha. Era uma igreja, a gente fala assim é uma salinha, mas já era uma igreja registrada no relatório, porque quando vai, é que já sai um relatório então já é uma igreja já registrada, oficial.

Nádia: É oficial!

Beto: É oficial e já não é uma sala de oração assim, é uma sala de oração mas oficial.

Norberto: Isto!

Deda: E aí nós fomos congregar lá no condomínio Jandaia né? E depois a gente conheceu o irmão Silvio e aí começou a amizade e aí a gente pegou amor à irmandade de lá né? Eu e meu irmão. A mocidade e aí a gente foi congregar com a mocidade de lá.

Beto: É! No início tinha pouca né? Hoje tem bastante gente! Mas era pouquinha gente!

Deda: Era bem pouquinha!

Beto: Não é? E aí tinha as pessoa humilde, tinha aquelas pessoas que recebiam a gente bem e (incompreensível) e assim nós fomos devagarinho e nós passamos a não perder mais culto lá também.

Norberto: Muito bonito! Como você conheceu a Congregação?

Nádia: Bom. Eu conheci a congregação, como eu disse, eu já conhecia né? Mas não frequentava, mas foi assim num momento muito difícil de uma prova muito grande. E aí a gente começa a buscar aqui, buscar ali, mas a gente esquece que a mãe estava lá na Congregação e que lá Deus falava, mas de tanto a mãe insistir e insistir, daí a gente já foi com ela na igreja e quando eu entrei na igreja foi assim claramente, parecia que estava apontando pra mim e falou toda a minha necessidade. Então a partir daquele momento eu, sabe, é passei a ver que realmente ali Deus falava. Porque ninguém sabia da minha vida e ninguém conhecia nada e falou tudo! Né? Voltando um pouquinho atrás! Antes disso eu tinha ido, uma amiga falou pra mim assim: Ah! Eu vou te levar num lugar onde vai

haver mudança na sua vida! Aí eu falei: Ta bom! Aí ela me levou numa cartomante! E quando eu entrei nessa cartomante eu falei entrei e meu Deus! O que é que eu vim fazer aqui? Eu nunca entrei nesses lugares! E quando eu entrei e sentei na mesa da mulher

Norberto: Isso foi o pregador o que falou?

Nádia: O pregador irmão Luizinho!

Beto: Saiu da boca do irmão! Mas na época a gente não tinha ... não tinha essa amizade!

Nádia: Eu não conhecia ele e ele nunca tinha me visto! Eu sentei no último banco, o Transilvânia é bem grande e eu creio que você já conhece, senão um dia venha ver pra você ver! E é bem grandão e cabem tantas pessoas sentadas, então eu sentei no último banco e debrucei no banco e fiquei ali só pensando! E fui na igreja toda maquiada porque eu tava no mundo e então fui toda maquiada e cheia de jóia tudo, a daí eu sentei e ele começou falando: É! Você que entrou aqui hoje e você falou pro senhor! Senhor! Eu vou sentar aqui atrás! Aí eu falava: Ah! Mas ta cheio de gente aqui atrás! E você que tem mania de combinar tudo! Aí eu falei: Ah! Todo mundo combina! Ta cheia de jóia! Parece uma árvore de natal! Eu Olhava e tinha mais gente e não era só eu! Nada era comigo. Até que ele disse assim: Hoje o senhor vai deixar noventa e nove por cento das ovelhas, pra falar com uma ovelha que entrou aqui! E aí ele falou todo o drama que eu estava passando dentro de casa! Tudo! Então ali eu tinha certeza que era comigo e eu tive

Norberto: Deus se revelou para você sempre pela palavra do pregador? Ou às vezes também na sua oração em casa? Usando o lenço e de joelho dobrado?

Nádia: Na minha oração em casa! Sim!

Norberto: Tipo você escutou a voz de Deus?

Nádia: Sim!

Norberto: Que te orientou mesmo sem ler a palavra de Deus?

Nádia: Sim! Sem ler!

Norberto: Mas você escutou e sabe, ó! É isso!

Nádia: Isso! Exatamente!

Norberto: Também?

Nádia: Também! Também!

Norberto: Naquele dia você não tava ainda coberta de véu? Ou já estava?

Nádia: Não estava! Não estava! Eu estava maquiada como eu disse, cabelo todo repicado, bem, bem vaidosa que eu sempre fui muito vaidosa. Então aí ele falava até as combinações sabe? Que eu tinha mania de combinar tons de sombra com tons de roupa. Batom com tom de sombra e combinava tudo! E aí o senhor falava tudo isso! Tudo isso! Então eu tinha certeza que ele ia comigo né? E assim o Senhor foi trabalhando na minha vida e foi uma obra muito bonita! Foi muito bonita! Não vou dizer que foi uma obra, é eu entrei na igreja e ontem o Senhor cumpriu! Não! Foram cinco anos! Eu esperei! Mas tudo o que Deus me prometeu ele foi fazendo dia a dia. Dia a dia, tudo o que Deus falou que ia fazer na minha vida foi ...

Beto: O que é bonito né, é que nessa obra, nesse movimento, não foi chamado ela, não foi chamada minha filha e nem a mim! Foi chamado as minhas duas cunhada...

Nádia: Quase, eu acho, mais ou menos cinco pessoas da família.

Beto: ...foi chamado os dois cunhado, foi chamado o meu sogro, que a minha sogra era evangélica e o meu sogro não. O meu sogro se batizou agora deve ter uns quatro anos.

Nádia: É! É!

Beto: Entendeu? Tudo que ele sempre ajudou e levava ela na igreja e buscava na igreja mas só isso! Entendeu?

Nádia: Ficava muito bravo no dia que a gente faltava!

Beto: É! Depois. Sempre apoiou muito mas nunca ia, agora foi e se batizou.

Nádia: Primos, tios, tias...

Beto: Primos e tios eu acho que aproximadamente umas trintas almas o Senhor chamou com esse movimento que ele fez na nossa família.

Nádia: É! Inclusive eu tinha um tio que...

Beto: E hoje tão tudo firme! Irmão meu que não acreditava em nada! Esse foi um movimento bonito e daí o Senhor colocou nós, eles morava em Embu das Artes e o Senhor colocou nós um ano e meio e todo final de semana pra ir na casa dele, até que ele, o Senhor chamou, sem, nós nunca convidamos ele pra ir na igreja. A gente só chegava lá. Ele morava numa chácara e quando chegava lá nós tomava o nosso banho se trocava e ia pra igreja. Entendeu? Mas nós, nós tínhamos que ir lá. Aí um dia ele mostrou curiosidade. Ele falou assim: Qualquer dia eu vou na igreja com vocês! Vocês falam que Deus fala, Deus fala eu vou pedir o sinal pra ver se ele fala. Aí eu falei: O convite está feito, não vou te chamar e não forçar, mas o dia que você quiser ir nós vamos! E ele realmente um dia foi! Você que foi um movimento bonito entre os meus irmãos! Aí nós estávamos lá! Aí à tarde ele chegou nós fomos nos trocar: Hoje eu vou na igreja com vocês! Só que eu não quero ir na igreja que vocês vai, eu quero ir na igreja que vocês nunca fo

Nádia: É!

Beto: Então Deus coloca nós pra trabalhar! Vá lá! Ficamos depois que ele obedeceu, ficamos indo até o dia que você falou! Agora né? Vamos fazer até quando que nós vamos? Se eu for lá agora pode deixar que agora eles caminha sozinho!

Nádia: É! Então! Eles...

Beto: E graças a Deus até hoje ta lá!

Nádia: E nessa prova tinha a vó tava enferma na época e a minha avó sempre foi muito temente a Deus! E tinha reuniões na casa dela, então uma vez por semana tinha reuniões na casa dela e a família toda se reunia nas reuniões pra auxiliar o irmão que atendia! E tinha um tio que ele era assim é ele era budista inclusive. E ele sempre falava pra mim: Ai! Deus me livre ser crente! Você chora demais! Porque eu chorava mesmo! Às vezes eu chorava por alegria! Às vezes eu chorava pela prova! Mas eu chorava muito! E aí um dia ele disse pra mim assim: Olha! Se Deus cumprir o que você está esperando, que era a libertação da minha prova! Se Deus cumprir o que você está esperando eu vou ser crente! Eu falei: Olha que o que você ta falando é muito sério! Ele: Não! Se Deus cumprir eu vou ser crente! Eu falei: Então ta! Então aguarda! E Ele ria! E ele falava pra mim: Não! Você chora demais! Pelo amor de Deus! Então um dia, assim que o Senhor fez a obra, eu me lembro como se fosse hoje! Era uma hora da manhã eu liguei na casa

Deda: E a minha bisavó mesmo na época da enfermidade dela, ela ficava vinte e quatro horas praticamente deitada! Sem saber de nada! Não contava nada! Às vezes se chagava lá ela sabia o que o filho tava passando! Tava passando necessidade! Aí ela mandava eu ir até lá porque ela sabia que o filho tava passando necessidade por que Deus mostrava pra ela! Ela enferma! Então sempre foi, foi assim na revelação.

Beto: A gente sempre, em tudo o que nós fazemos nós fazemos pela palavra do Senhor! Até outro dia! Vamos comprar um carro! Ou trocar de carro! Nós vamos buscar no Senhor. Se o senhor confirmar nós vamos fazer negócio! Se o Senhor não confirmar nós vamos esperar até o momento que ele confirma.

Norberto: Isso é a família entra junto não é?

Beto: Em conjunto!

Beto: Graças a Deus uma coisa! O que o Senhor fez de prova ele deu dobrado de harmonia e paz dentro de casa!

Nádia: Graças a Deus!

Beto: Graças a Deus!

Nádia: Sabe! Inclusive essa, essa minha vó, eu vou, eu vou te contar aqui uma obra que Deus fez que eu acho que até interessante! É! Ela tava enferma em uma dessas reuniões e quando terminou a reunião, ela virou pra nós e disse assim: Viu o que Deus falou?

Deda: É que na casa dela já tinha um culto e na casa dela (incompreensível)

Nádia: É verdade! Aí ela disse: Viu o que Deus falou? Aí todo mundo: Nossa! A palavra foi linda vó! Foi linda! Foi de (incompreensível) lição. Mas no coração dela ela disse que Deus falou com ela! Que Deus ia levar um filho dela e depois de quatro meses que levasse o filho dela ia recolher ela! Mas esse meu tio que o Senhor levou ele não tava nem enfermo! Não tinha ninguém enfermo na família! Aí todo mundo: Não falou isso vó! Não falou! Foram dois anos ela falando que Deus falou isso pra ela, falou isso pra ela, mas ninguém escutou! Só ela ouviu! Passaram-se dois anos esse meu tio começou a ficar enfermo, enfermo, enfermo, descobriu que a enfermidade era o câncer e aí quando todo mundo se preparava pra contar pra ela a situação, ela virou e quando ele chegou na casa dela ela olhou pra ele e disse assim: Você veio me contar que você ta com aquela doença né? Deus já me mostrou! Então ela tava ali na cama mas Deus mostrava tudo pra ela. E aí ela disse: Deus já me mostrou! E Deus também já falou há dois anos atrás

Deda: Amém!

Nádia: No coma! Né? E ali, quando o Senhor recolheu a minha vó em janeiro...Janeiro né?

Beto: Janeiro!

Deda: Acho que foi! O meu tio faleceu dia sete de setembro! E O Senhor recolheu a minha bisa no dia cinco de janeiro!

Nádia: Então quando nós sentamos e fomos fazer contagem de dia dias calendário deu os quatro meses!

Deda: Ela partiu no dia cinco! E a gente conta os dias corridos né? Então é assim, deu a nossa lógica dia sete de janeiro né? Os quatro meses! Só que a gente sentou e foi contar dia por dia, no dia cinco de janeiro dava os quatro meses certinho e aí o Senhor recolheu ela!

Nádia: Sabe! Isso é uma, foi uma obra muito bonita! A gente chorava pela ausência dela mas chorava sabia, porque realmente a palavra de Deus ocorreu.

Norberto: Deus recolheu! É!

Nádia: É! E a santidade né? E ali ela foi fiel até o último instante! Sabe? Até o último instante! Mesmo em coma você saudava ela respondia! Então você via que a fidelidade estava no coração dela e isso que hoje em dia é exemplo pra todos nós! Que é dessa forma que a gente quer levar até os últimos dias!

Norberto: Vocês se converteram aqui em São Paulo? Em Diadema?

Beto: Em Diadema!

Nádia: É!

Norberto: Trabalhava aqui?

Beto: Já! Já!

Nádia: Já morávamos aqui! Eu fui no batismo já viúva!

Beto: Eu quando eu, quando eu vim pra São Paulo eu sempre morei em Diadema.

Norberto: Você batizou?

Nádia: Em São Bernardo!

Beto: Eu batizei em São Bernardo! Na central de São Bernardo!

Norberto: A central fica aonde? É Taboão ou não?

Deda: Não!

Beto: Fica ali na, ali na Faria...é uma ruinha, eu não sei o nome daquela rua, tem a Brigadeiro Faria Lima, aí num, ela não fica bem na Faria Lima tem uma pracinha é numa ruinha que fica....que fica próxima da Faria Lima e fica assim ali.

Deda: Do lado da Pirelli.

Beto: Do lado da Pirelli ali!

Norberto: Ah sim!

Deda: E eu foi em Itaquaquecetuba.

Norberto: E como chegou até lá?

Deda: Ia ter uma excursão né? Na, do Transilvânia pra outra cidade e a irmandade e quem quisesse ir, e eu conversei como uma amiga minha a falei assim, ah, acho que eu vou nessa excursão né? Só que eu sentia que não era só uma excursão assim e que tinha alguma coisa! Até que eu quis dar uma recuada mas não consegui dar essa recuada e fui pra, pra excursão.

Norberto: Era excursão da Congregação?

Beto: Da Congregação!

Deda: Da Congregação. Eu ia do Transilvânia lá em Itaquaquecetuba né? E eu ia nesse batismo! Aí eu fui no ônibus e meus pais foram em carro com os meus tios e chegando lá o meu irmão tinha seis meses e ele chorou né, durante o culto tava muito cheia a igreja e saiu, só que quando eu cheguei na igreja eu falei assim, Senhor, eu sei que tu não me trouxe aqui por acaso, alguma coisa aqui tem pra fazer! Se for pra me chamar na, na tua graça, então eu queria que tocasse o hino água viva que eu acho que é o três quatro oito. E começou o culto, que tem partes da minha primeira oração, que tem partes e começou o culto, quando o irmão foi pras águas né? O primeiro hino que ele chamou foi o que eu tinha pedido! Aí o meu coração já assustou e a minha mãe não voltava e eu queria falar com ela e não voltava, aí eu saí e falei com a minha mãe que o Senhor tava me chamando! E aí o Senhor me chamou!

Norberto: A mãe estava junto lá ou não?

Deda: Estávamos! Estávamos a família toda! E nesse mesmo dia o meu tio, eu praticamente saí do tanque de batismo o meu tio também se batizou!

Norberto: Lá também?

Deda: Lá também! No mesmo dia! Eu saí ele entrou! Só que eu não vi ele e ele não me viu e nem a gente sabia que estava batizado alguém da família né? Eu só fiquei sabendo depois que eu me troquei que já havia batizado e o meu tio também que tinha batizado!

Norberto: Há? Há dois lugares de batismo? Um para os homens e outro para as mulheres?

Beto: Não! Não! É o mesmo tanque! Só que a, no mesmo esquema da Congregação as mulheres ficam de um lado e os homens de outro. Então as mulheres, por exemplo, nós estamos aqui...

Deda: É quem nem vestiário feminino e masculino.

Beto: ...então as mulheres entram por essa porta e os homens por aquela. Então por exemplo, quando entra um irmão pra batizar, as mulheres não estão vendo! Aí, por exemplo, ele batizou e saiu das águas, aí tem uma irmã que ela né, que é uma irmã, que não é como é que vai batizar que ela (incompreensível) e ela entra nas águas, depois que sai que vai chamar outra pessoa. Então na verdade quem ta se batizando não tem um outro se batizando. Inclusive quando você for na Igreja e não tiver o tanque a Igreja do Eucalipto, você pode chegar lá e pedir pra ele pra ir para ver o tanque que é atrás do púlpito o tanque e você vê que a entrada dos irmãos e o vestiário dos irmãos e a entrada das irmãs e o vestiário das irmãs.

Norberto: Eucalipto fica no Serraria?

Beto: Serraria! Fica lá no alto lá! O Eucalipto.

Norberto: É atrás de um, acho que eu passei, foi numa reunião da mocidade que eu fui!

Beto: Isso! Lá sempre tem mesmo mocidade!

Norberto: Tem lá um monte de prédios! Parece Cohab lá no alto! Passa por um ou dois quilômetro quase só e esse tipo de, então eu fui lá mesmo!

Nádia: Isso. É prédio. Isso.

Beto: Você foi lá na região do *(incompreensível)*?

Norberto: Você entra num lugar com o carro e sai do outro lado!

Beto: Isso! Certamente! Exatamente! E tem lá um tanque de batismo! O qual agora tamo construindo um Igreja aqui no Transilvânia né? Que quando terminar ela o tanque de batismo vai ser aqui! E aí vai ser todo batismo aqui.

Norberto: Ainda não tem batismo no Transilvânia?

Beto: Não! Aqui a região aqui de Diadema, o único tanque de batismo é no Eucalipto!

Norberto: Ah!

Beto: Em São Bernardo um único tanque de batismo.

Nádia: Que é São Bernardo centro!

Beto: Que é São Bernardo centro não é?

Norberto: Ah! Nem Diadema central tem?

Oradora não identificada: Não!

Beto: Não, não tem!

Oradora não identificada: Não tem não!

Beto: Diadema só tem no Eucalipto! E a, o qual vai passar agora a ser no Transilvânia!

Deda: Só que o, a minha mãe batizou no Cabreúva, o meu pai em São Bernardo e eu em Itaquaquecetuba.

Beto: É!

Norberto: E faz tempo que batizaram ou não?

Deda: Ele tava falando com você agora!

Norberto: Você tem quantos anos?

Toni: Nove!

Norberto: Então ele vai ser...

Beto: É! É só depois de doze anos! É! Ele está estudando a música agora! Violino!

Deda: Ele está estudando música!

Norberto: Ah! Muito bom! Quantas vezes vocês participam do culto na Congregação? Quantas vezes por semana?

Beto: Por semana? Três vezes. A não ser que quando a gente ta trabalhando não dá tempo não é? Mas três vezes por que só no Jandaia a gente participa três vezes.

Nádia: É! No mínimo três!

Beto: É! No mínimo três vezes por semana! Mas tem vezes que a gente...

Nádia: Vai a semana inteira!

Beto: ...vai a semana inteira! Dependendo do tempo! E o gostoso...

Deda: E às vezes quatro por que a gente tem o curso de jovens né?

Beto: É!

Deda: Aos domingos!

Norberto: Isso! Aí você vai junto também não é? Vocês vão juntos também não é?

Deda: É!

Beto: É! Três, quatro vezes ou menos.

Norberto: Eles vão juntos?

Beto: Vai! Vai sim!

Nádia: Aí na terça geralmente a gente vai assim, no Transilvânia e no sábado.

Norberto: Então dá cinco ou seis vezes?

Beto: Às vezes dá! É que às vezes dia de sábado, porque eu sempre tive assim uma coisa, sábado eu gosto de tirar pro lazer com a família.

Norberto: Sim.

Beto: Então assim, se algum sábado a gente sai e vá pra algum lugar e vê que não vai, então a gente não vai na igreja no sábado! Né? Porque nós também, a família né? Temos que ter o nosso lado social não é verdade?

Norberto: Isto.

Beto: Então normalmente dia de sábado a gente sai ou vai no shopping ou vai pescar ou vai em algum lugar que a gente gosta de passear e às vezes não dá tempo de ir no culto. E a gente tira esse dia de sábado pra ficar junto! Que no domingo não dá! Porque no domingo é sempre correria né? Tem o culto da tarde e tem a noite e tira o sábado porque eu trabalho, a minha esposa trabalha e a minha filha trabalha; na semana a gente só se encontra a noite. Então o dia de sábado a gente procura ficar junto.

Norberto: Muito bem então! Alguém de você tem uma função? Um Ministério dentro da Congregação?

Beto: Não!

Norberto: *(para Toni)*: Você também vai ser músico um dia não é?

Nádia: Vai! Se Deus quiser!

Norberto: Lá no Parque Jandaia, uma, a filha do irmão Paulinho, o encarregado da orquestra. Ela me disse que lá em Diadema Central tem algumas mulheres, irmãs, auxiliares, na, da, da, tipo de, do

Beto: De shopping?

Norberto: Não! Do porteiro! Que leva...

Nádia: Ah! Tem porteira sim! Tem irmã porteira!

Norberto: No Jandaia também? Eu nunca vi! No Parque Jandaia eu nunca vi!

Nádia: É pra auxiliar a porteira!

Beto: É pra auxiliar a porteira não é?

Norberto: No Parque Jandaia eu nunca vi!

Nádia: Pra auxiliar a porteira!

Norberto: Tem no Parque Jandaia também?

Nádia: Não! Tem auxiliar...

Norberto: Eu nunca vi!

Nádia: Não! Pra auxiliar a porteira não. Não!

Beto: Pra auxiliar não! Tem porteira!

Norberto: É? Eu nunca vi! Fica lá atrás?

Nádia: Não!

Beto: Elas fica na porta, fica do lado das mulheres, fica na porta!

Norberto: Naquela porta de frente ou na porta de trás?

Nádia: Nas duas!

Norberto: Ah!

Nádia: Só que ela não fica em pé que nem o irmão que fica em pé pra receber o pedido de oração.

Norberto: Isto!

Nádia: Ela fica pra dentro da porta naquele último banco!

Norberto: Ah!

Nádia: Aquela irmã da ponta é a porteira! Sempre quem tiver na ponta do último banco é a porteira! E naquela porta do meio também! Que, ta no canto, perto, encostado na porta é a porteira.

Norberto: Só tem duas trabalhando mesmo? Em cada culto?

Nádia: Isso! Duas!

Norberto: Ah sim!

Nádia: Que aí reveza né? Aí no outro culto são outras duas. São quatro. Aí quando a gente vai orar porque eles ficam em pé! Vendo também se tem alguma coisa né?

Beto: Os porteiros na verdade é pra recepcionar as pessoas, recepcionar e ta olhando qualquer movimento na igreja! Isso!

Nádia: Então na hora da oração elas fica em pé nas portas.

Norberto: E ninguém, ninguém de você é porteiro não?

Nádia: Não.

Beto: Não.

Norberto: Nem auxiliar de jovens e menores?

Nádia: Também não!

Beto: Não!

Nádia: Não!

Norberto: Como vocês se relacionam com o Ancião, com o Cooperador? Diácono não tem no Parque Jandaia né?

Nádia: Tem Diácono!

Beto: Tem, tem!

Nádia: Que é do Santa Terezinha!

Beto: Que é o Diácono do Santa Terezinha que é que...

Nádia: É o irmão Paulino!

Beto:...que dá, que é aqui do Jandaia!

Norberto: Ah!

Nádia: É complicado!

Norberto: É! Inclusive no relatório não consta!

Beto: Não! Não consta! Não consta! Não consta! Consta aí no jardim Santa Terezinha! Lá o Diácono é o irmão Paulinho! Que Santa Terezinha tem o Ancião e o irmão Paulinho e o Diácono e o irmão Paulinho!

Norberto: isto! Ah sim!

Beto: Né? Então é o diácono do Jardim Santa Terezinha é que é o Diácono nosso também! Até o Senhor tinha falado em levantar um daqui.

Norberto: Isto! E de com o Ancião? Com o Luizinho são velhos amigos pelo jeito!

Beto: São!

Nádia: Nossa! A gente gosta muito dele?

Beto: O Luizinho é muito amigo, o irmão Silvio muito amigo, o irmão Leo somos muito amigo.

Nádia: É!

Beto: Temos boa amizade com o irmão Natal com o irmão Zé Antônio que é Cooperador aqui do Transilvânia, A gente tem uma amizade boa com o Ministério.

Norberto: É? Com todos eles?

Nádia: Todos eles!

Norberto: O irmão Luizinho sabe que foi ele que, que levou você à palavra? Ele está sabendo ou não?

Nádia: Ta! Agora ele já sabe!

Beto: É!

Nádia: Agora ele já sabe por que, como nos tornamos amigos, inclusive quem me batizou nas águas também era ele né? Ela também.

Beto: E eu também!

Norberto: Ah!

Risada geral!

Nádia: Quase todos que o Senhor deu a graça da gente anunciar a graça...

Norberto: Sim!

Nádia: ...foi ele quem batizou!

Beto: Ele quem cativou!

Nádia: Assim! Nada programado!

Norberto: Isto!

Nádia: Mas chegava lá no dia o Senhor chamou ele pra fazer isso. E a filha dele também batizou junto comigo!

Norberto: E ele batizou a filha?

Beto: Ele batizou a filha!

Nádia: Então nós temos grande amizade! O irmão Toninho Diácono é uma pessoa maravilhosa que é do Transilvânia. O irmão Josué que é do Transilvânia e do Eucalipto.

Nádia: O irmão Carlinho que é Diácono do Transilvânia também! Mas o irmão Carlinho eu conheço ele da época que eu era jovem! Solteiro! Não é? Depois vim encontrar com ele aqui na Congregação!

Norberto: Eles são irmãos diferentes de vocês? Vocês sentem isso como algo a mais ou são irmãos iguais a vocês?

Nádia: Eu acho! Eu acho assim que são iguais, eu não sinto que são algo a mais! Eu acho assim, tem dons diferentes!

Beto: É!

Nádia: Ta? Eles não são mais que nós porque perante Deus somos todos iguais. Eles têm dons diferentes. Então às vezes um rapaz Deus deu mais pra ele, menos pra gente. Mas o Senhor deu outra parte pra nós que não deu a ele. Então a cada um o Senhor deu uma porção diferente! Então a porção dele é diferente da nossa! Entendeu?

Beto: A porção dele o Senhor se usa pra, pra revelar a palavra, né? Pros fiéis! Vamos dizer! No caso nosso, por exemplo, nós podemos dizer: Graças a Deus nós não temos Ministério dentro da Igreja mas nós somos muito usados por Deus!

Nádia: É! É!

Beto: Entendeu? O Senhor mostra muitas coisa pra nós que nós fazemos oculto!

Nádia: É! É como o Senhor falou, deu o Ministério que é a revelação dos céus com a gente do reino de Deus. Entendeu?

Beto: Sempre do reino de Deus! Tem muita coisa que nós fazemos né? Que não vamos revelar mas, oculto, nós sempre temos de fazer e a gente faz, faz, faz, faz, que é aquilo que nem a pessoa que tamos fazendo vai ficar sabendo que nós estamos fazendo! E se eu revelar graças a Deus ele tá junto à revelação de cada um!

Nádia: Então a gente não pode dizer assim né? Mais! Porque ele tem o dom da revelação e no púlpito e a gente que é bom do... o Senhor revela pra nós ou por necessidade! Então não, dons diferentes! Porções diferentes!

Norberto: Isto!

Beto: Mas na Igreja...

Nádia: Esse é o meu ver! E você?

Beto: ...é, é porque na Igreja, é, na verdade existe, não vou dizer que não existe, existe pessoas que às vezes quer esperar mais! Mas na realidade é um líder só! Não importa se é uma criança que serve a Deus! Se é um adulto! Não importa se tem um ano ou dois anos de Congregação ou se tem cinquenta ou sessenta. Se aquele um ano, dois anos ele está servindo a Deus com fidelidade e com amor, com seriedade, ele tem o mesmo peso de um que está lá há cinquenta anos! É lógico que existe respeito pelo tempo, respeito pessoal! Mas na doutrina tem o mesmo peso e ele não, ele não tem ninguém é mais que ninguém!

Norberto: Em casa a oração é espontânea? Vocês têm mais duas horas e dias fixos que vocês dizem, ó, é agora que vamos dobrar os joelhos juntos pra orar?

Beto: Não! Não tem! É! Em casa aqui, no caso nós não fazemos assim, dificilmente a gente faz uma oração em conjunto, por que até mesmo, porque às vezes um dorme mais cedo e o outro... Entendeu?

Norberto: Sim!

Beto: Mas todos nós até o mais novo o Toni, nós não deitamos pra cama pra dormir sem ajoelhar e orar a Deus! Todas as noites!

Norberto: Se demorar também?

Beto: Nós na hora que levantamos, ajoelhamos e oramos a Deus. Esse daí já é hábito e nós todos os dias nós temos esse costume. Eu esqueci o nome, mas fazemos o que é a nossa obrigação né? Porque nós temos pegar (*incompreensível*) e nós temos que pedir um dia maravilhoso! Então isso daí nós temos que fazer!

Norberto: E essa questão de tipo não comprar um carro sem, eh, confirmar? Isso é cada um (*incompreensível*) sobre isso? Ou é o (*incompreensível*)?

Beto: Não! Aqui em casa é que é assim.

Nádia: Não! Antes é discutido! Antes é discutido e agora? A gente ta com necessidade disso vamos orar a Deus pra que Deus mova e pra que Deus fala e a gente....

Nádia: Então! Ó! Hoje vamos buscar Então vamos todos nós buscar orando a Deus e vamos

Norberto: No culto? Ou aqui em casa? Isso é no culto?

Beto: No Culto! A gente busca lá no culto!

Norberto: Certo!

Beto: Sem falar com ninguém a gente vai e...

Nádia: Só vai assim! A família!

Norberto: Com essa proposta?

Beto: É! Vamos buscar com o Senhor a respeito disso! Não é?

Deda: Aí quando acaba o culto a gente vem conversando e fala o que achou, se o Senhor confirmou ou não?

Norberto: O que foi resolvido!

Beto: Exatamente!

Nádia: Então daí a gente sai com a palavra e vamos ver o que Deus prepara né?

Beto: Ver o que Deus prepara!

Nádia: Então geralmente quando o que Deus fala abre já abriu a porta e já ta tudo certo!

Beto: E aqui também igual você falou: Você ou né? O ego eu busco? Não! Aqui, graças a Deus nós temos um costume! Se for comprar qualquer coisa nós conversamos! Tanto eu, tanto... Jamais! Eu vou pegar um carro trocar sem falar com ela e com minha filha! Não! Eu vejo com a irmã dela e com o irmão dela, às vezes eu deixei de né? Quando eu (*incompreensível*) carro eu deixei de comprar um carro que eu queria pra comprar do gosto dela!

Norberto: Sim!

Beto: Entendeu? Então tem aquela opinião caso a gente não vai! Não! Por que eu quero tem que ser!

Nádia: O Toni também opina não é Toni?

Beto: Ele opina também e ele que chega lá e já vai ver e entra dentro! Então eu acho que tem que ser do gosto de todos! Né?

Deda: Isso aí é tudo! Até se a gente for trocar alguma coisa na casa!

Beto: na casa nós temos esse costume! Por exemplo, vai trocar um jogo de sofá vai a família junto! Nós temos esse costume! Jamais nós vamos comprar qualquer, vai comprar um guarda roupa? Vai comprar um dormitório? Nós vamos à família junto! Tem que todo mundo se agradar! Se não agradar nós não compramos! Então nós temos esse costume!

Norberto: Vocês fizeram culto na casa...

Beto: Da vó quando estava doente sim!

Norberto: Vocês também têm culto só porque alguém diz. Ó. Hoje eu quero orar na minha casa! Isso vocês participaram já de culto assim também ou não? Que às vezes, ah! Hoje eu quero orar na minha casa! Tudo bem?

Nádia: Já! Já!

Beto: Já! Aqui mesmo! Aqui!

Nádia: Não! Mas ele tá perguntando assim: Se alguém pede uma visita! A gente vai!

Norberto: Ou assim, vocês também fizeram culto dentro de casa mesmo?

Nádia: Aqui a gente sempre fizemos, porque é assim, pai, mãe, cunhados, as irmãs, sobrinhos. Tudo serve a Deus!

Beto: Porque aqui em casa...

Nádia: Então a gente tá sempre se reunindo pra gente estar buscando a Deus né? Quando tá todo mundo junto! Vamo orar? Vamo? Vamo orar! A gente ora a Deus! Visita! E é muito gostoso!

Beto: Que aqui em casa a gente tem, graças a Deus a gente recebe bastante visita!

Nádia: É!

Beto: Igual de domingo! Todo domingo a gente não passa sem visita, a minha sogra almoça com nós.

Norberto: Isto!

Beto: Às vezes o meu cunhado já chega, vem e almoça com nós.

Nádia: Tem também o que (*incompreensível*).

Beto: Então, é então, é, o irmão Silvio é um que a gente tem muita amizade, não é só dali da igreja, a gente vai na casa dele ele tava aqui em casa! Então às vezes ele vem aqui em casa! Não é toda vez não! Não é? Às vezes eles vêm e janta com nós e tal, Ah vamo embora? Faz isso, faz (*incrimpreensível*) e vambora! Mas tem dia que isso toca! Ôpa! Chama o Paulo lá!

Norberto: Isto!

Beto: Isso toca no coração, assim ou (*incompreensível*) assim! Também ninguém! Se (*incompreensível*) nem falar comigo! Irmão Silvio vamo orar? Vamos! Aí a gente dobra os joelho e vamos buscar a Deus! Às vezes não, às vezes vem, é uma visita mesmo assim e a gente não toca não, entendeu? Normal! Mas quando o Senhor toca! Que às vezes quando não é uma necessidade. Às vezes não pra nós. Às vezes eles estão aqui mas eles também tão com a necessidade de uma oração!

Norberto: Sim!

Beto: Aí o Senhor às vezes fala pra nós, toca né? Chama pra orar! Né? Então ele tem, e ó! Vamos orar? E aquele oração liberta a necessidade dele.

Norberto: Aí nessa oração é o homem que dirige? Pode ser a mulher que dirige?

Beto: O Homem abre! Sempre na Congregação é isso! O homem abre a oração! O homem dirige!

Norberto: E também em casa?

Nádia: Também!

Beto: Também em casa! O homem dirige! Se não tiver nenhum homem a mulher pode...

Nádia: Dirige!

Beto: ...abrir a oração, dirigir e encerrar, mas tendo um homem e estiver ele junto, ele! Ele vai abrir a oração!

Norberto: Mesmo não sendo batizado?

Beto: Mesmo não sendo batizado. Ele é o homem que aqui junto e tem o privilégio e ele já abriu a oração e ele já né?

Nádia: Ele já orou...

Beto: Já orou com nós! Ele abre a oração e ele ora entendeu? Então se não tem um adulto, só tem mulher, mas se ele tiver em casa ele vai, se tiver brincando e tiver de bermuda ele vai lá e vai colocar uma calça comprida, vai colocar uma... Porque nós não podemos né? Tanto é, é uma coisa que tem que deixar claro também, nós aqui da Congregação. Você pode encontrar um irmão na rua de regata, de bermuda, mas a doutrina não permite isso aí. Então sempre tem que...

Nádia: Tem que estar coberto!

Beto: Coberto! O mesmo que pede pra mulher é pedido também pro homem.

Norberto: Nessas orações em casa muitas vezes não canta hinos? Ou canta também?

Nádia: Canta! Às vezes canta!

Beto: Às vezes canta! É!

Norberto: Lê a palavra de Deus?

Nádia: Não! No caso da oração a gente não lê a palavra. Nós chega cedo e faz o ajeitamento, abre, vamos buscar a Deus em oração e vamos orar! Aí pra quem o Senhor der a oração vai orar! Pode dar a oração pra ela, pode dar pra ela! Fez a oração nós levantamos e encerramos. Se sentir de cantar o hino a gente canta e se não sentir a gente não canta.

Nádia: (*incompreensível*) às vezes!

Norberto: Mas tem testemunho novamente?

Beto: Não! Não tem!

Norberto: É só uma oração?

Beto: É só uma oração!

Norberto: Tanto de agradecimento como de pedido.

Beto: Agora! Quando é uma visita no caso que é no casa da vó dela e igual já veio na minha sogra quando teve enferma. Quando é uma visita de enfermidade aí é um culto! Só não tem o testemunho. Porque o culto em caso de enfermidade não tem testemunho!

Norberto: Isso! Isso! Ah sim!

Beto: Mas você vê cantado os três hinos, ele lê a palavra, ele prega a palavra, canta o hino. Só não tem testemunho!

Norberto: Precisa ter para essa visita ao doente o Cooperador também? Ou pode ser, você poderia fazer o culto?

Beto: Não! Quando é assim pra doente normalmente vem alguém que tem relação no ministério ou...

Nádia: Tem alguém que já (*incompreensível*) doente.

Beto: É!

Norberto: Ah ta!

Beto: É! Já tem o irmão, ou o irmão de Ministério ou este irmão que ele não tem o Ministério mas ele tem o Ministério da visita! Então ele já é autorizado e que todas as visitas e oportunidades ele vai. Então no caso eu, quem não tem Ministério não pode estar chegando na casa e fazer uma oração, pode assim, pode orar que nem a gente fala né? Ajoelhar pra fazer uma oração, mas não pode ele estar lendo a Bíblia e pregando a palavra. Quem não tem Ministério não pode estar fazendo isso. Não é? A não ser igual ser o irmão que não Ministério de Cooperador mas ele tem o Ministério de, né? De atender as necessidades na oração na assim, na enfermidade. É isso mesmo.

Nádia: Mas no encontro de visita o irmão que ta atendendo geralmente ele pergunta se alguém tem a palavra, de repente Deus revelou pra alguém.

Beto: É!

Nádia: Mesmo ele não tendo ministério! Eles têm a liberdade de falar.

Beto: Ele pode, mas ele quando o ir, o Senhor, né? Mas desde quando ele se junta e pergunta: Você tem a palavra? Por exemplo, se eu tiver: Irmão! Eu tenho a palavra! Aí eu vou ler a Bíblia e pregar a palavra.

Norberto: Isto! Mas só pode batizado. Aí não poderia ser ele né? O menino?

Beto: O que?

Nádia: Não! Aí não!

Norberto: Não! É só quem for batizado!

Beto: Quem for batizado! É! só batizado!

Norberto: E só por, quem for, só homem também? Não pode ser mulher e nem batizado?

Beto: Não, não! Palavra é só homem! Só o homem!

Norberto: Isto!

Beto: É igual na igreja né? Tem um ensinamento. Se eu tiver assim na Igreja por mais que o Senhor revela eu não posso levantar! Que pra mim subir no púlpito pra pregar uma palavra tem que tar de pé.

Nádia: Composto.

Beto: Composto! Na verdade às vezes o irmão consente, mas nem testemunhar lá na frente eu posso ir sem o paletó!

Nádia: É desrespeito né?

Beto: É desrespeito!

Norberto: Eu lembro que o Leo falou uma vez que foi um homem lá que também falou umas coisas meio erradas, falou de camisa vermelha ou coisa assim, aberta, acho que aqui também tava meio, e ele falou e no culto seguinte o Leo falou: Olhe! Se ficou acongregado este irmão veio aqui na frente e vocês todos falaram amém! Eu não falei amém! Porque ele falou coisa errada! Com relação à doutrina! Além disso, ele não estava vestido de maneira certa, mas foi outro que dirigiu o culto e se fosse eu nem teria deixado ele chegar no microfone!

Beto: Exato! Exato!

Norberto: Ele falou assim! Agora! Quando eu fui na Ceia em Diadema Central no dia vinte oito de dezembro agora. Tinha dois, três homens também que foram até para a ceia sem, tinha um homem lá também de camisa vermelha, ele ia testemunhar, porque tinha pedido, acho que separado da mulher e queria voltar e pediu pra dar o (*incompreensível*).

Beto: Ah! Foi reconciliar!

Norberto: Só que as filhas nem era da Congregação. Aí foi lá e o Natal falou com ele! Mandou voltar porque depois ele ficou, olhe! Ele ia testemunhar e ele ia pedir para umas filhas que nem estão na congregação. São criaturas! Isso não é hora de testemunhar. Aqui se pede perdão aos irmãos e irmãs e não assim.

Beto: A reconciliação com a Congregação.

Norberto: Sim! Porque ele depois foi comungar!

Beto: É?

Norberto: E ele foi entre aqueles que tinham que trabalhar, porque ele chamou primeiro aqueles que tinham que trabalhar, mesmo em pleno domingo.

Beto: Isso! Hum, hum!

Norberto: Mas depois mesmo assim, foi um homem também, que mesmo depois, quando foi a comunidade mesmo. Bom, eu não sei se foi da comunidade porque vem muita gente de fora também. Que como nem tava de terno. Aí eu pensei isso em si eu acho que, aí eu pensei, o irmão Leo não teria permitido.

Beto: Não pode!

Nádia: É por que é assim! O irmão Natal ele é o ancião, mas ele não é daquela comum! Então o que que acontece? Todos são orientados a lá nessa época tenha obras da piedade. Então os irmãos da piedade é quem tem que tar averiguando isso. Não pode deixar! Que o irmão não tenha condição de ter um terno ou vamos supor, ele foi no batismo sábado e Deus chamou e tem a Ceia no domingo. Então o irmão da obra da piedade tem que ter ido lá na casa dele e visto se ele não tem um terno dá um terno pra ele! Arrumar um terno pra ele! Pra que ele tomasse a santa ceia! Jamais pode deixar de pra ficar a mesa de manga de camisa!

Beto: Vem de terno! Isso daí, isso é uma parte que ficou falha no caso, da, do Diácono. É o trabalho do Diácono.

Nádia: É!

Norberto: Agora quem é, eu (*incompreensível*) o senhor Claudionor e mais um jovem! Acho que o jovem...

Nádia: Agora! De aproximar da mesa eles não podem proibir porque se ele já ta aí

Beto: Se ele já ta ali porque ...

Nádia: Porque já passa! O Diácono já deixou passar...

Norberto: Poderia ter passado no início!

Nádia: Isso!

Norberto: E é constrangimento! Né? Aí entra o constrangimento e ele pode perder uma alma por causa daquilo. Às vezes a alma nem sabe disso daí.

Nádia: É!

Norberto: Concordo! Eu concordo! É isso mesmo!

Nádia: Exatamente! Então quando o Senhor recolhe não pode fazer um funeral porque não tomou a Santa Ceia e por culpa dele. Entendeu?

Beto: É! Porque nada é que a Congregação não pode proibir ninguém de fazer nada, ela, nós temos a nossa doutrina! Tem pessoas que bate o pé e vai fazer! Então eles deixa fazer, mas só que ta fazendo uma coisa vazia porque o que ele ta fazendo ali pra ele ta certo mas pra Deus não (*incompreensível*).

Norberto: Não está servindo muito!

Beto: Não ta servindo! É igual pessoa que peca na Congregação! Peca e vai se postar pra tomar a santa ceia! Entendeu! Eles não proíbe. Mas só que ele não fez com, pela consciência...

Norberto: Pela consciência...

Beto: Exato! Pela consciência da pessoa que vai.

Norberto: Entre os irmãos e irmãs da Congregação vocês tem bons amigos?

Nádia: Temos!

Beto: Temos! Graças a Deus! Então não é só na hora do culto? É também...

Beto: Na hora da convivência fora. O povo da Congregação, aqueles que ta na Congregação e serve a Deus com seriedade eles têm diferencial. Têm diferencial! Porque não adianta eu chegar, é diferente de um, não estou menosprezando das pessoas, mas diferente de uma pessoa que vai no botequim, chega lá e bate a mãos nas costas e oi tudo bem, quando chega na rua não conhece! Não! Nós temos diferencial. Você conhece! E é até gostoso né? Porque às vezes nós tamos andando na rua e é o que acontece muito né? Em qualquer lugar as pessoas chegam, pessoas que eu nunca vi que chega e olha pra nós: A paz de Deus! Nem pergunta de onde é que a gente é! Então já conhece quem tem aquele diferencial! Já aconteceu com nós e chegar, olhar e falar: Ó! Aquele é um servo de Deus! Pode saudar! Né? E saudar e a pessoa ficar toda feliz, porque isso daí gente é uma satisfação grande. Então é um diferencial! Então na rua, né? O acolhimento, o acolhimento a pessoa chega né? Vem na sua casa. É aquela coisa gostosa! É lógico que não vamos es

Norberto: Se tivesse que fazer, construir a laje e ter que fazer a, chamar alguém pra ajudar...

Beto: Hum?

Norberto: Você ia chamar mais irmãos da Congregação ou também vizinhos que não são da Congregação? Aquela prática! Mutirão! Aquela coisa de uma ou duas horas de trabalho e ...

Beto: Varia muito! A Congregação ela é muito unida nessa parte! Vai da, vai, é que às vezes as pessoas nos chamam porque às vezes tem mais condições de fazer e taria tirando de outro. Mas nós tamos aqui, nós temos necessidade. Igual aconteceu esses dias no, no Jandaia. Uma irmã ela tinha um terreno mas a casinha dela tava caindo. Tava caindo e não tinha nem condições. Nossa! Tava na hora de cair em cima da mulher! Ela foi acolhida numa casa, os irmãos fizeram mutirão, compraram material e levantaram uma casinha pra mulher! Então trabalho, trabalhamos na obra de Deus o quanto precisa! Eu na realidade não tenho ainda, por exemplo, construção de Igreja, trabalhar, não! O Senhor às vezes nos serve na outra parte, igual né? Eu fui muito usado na construção do, do Eucalipto, graças a Deus o Senhor me deu condições do começo ao final pra servindo à parte. Eu chegar lá, assentei um tijolo ou fiz uma massa não! Mas do outro lado eu trabalhei bastante! Então existe muito isso! Porque às vezes, pó, a pessoa não ta ajudan

Norberto: Isto! Isto! Isto!

Beto: e de certa maneira ta ajudando!

Norberto: Isto!

Beto: Então a Congregação ela tem muitas reunião com as pessoas em necessidade!

Norberto: Sim! Sim!

Beto: Precisou trabalham de domingo e de sábado à noite.

Norberto: Mas se a pessoa tem condições, mas para aquele serviço, aí não precisa chamar só irmãos e irmãs, aí você pode chamar também vizinhos....

Beto: É claro que pode! Não! Quem quiser!

Nádia: Nós aqui a gente tem uma boa vizinhança!

Beto: É!

Nádia: Que a nossa rua ta vendo? Ela é sem saída! Então aqui todo mundo se dá bem! Aqui é um pelo outro! Parece família aqui!

Norberto: Sim!

Nádia: Aí nós somos mesmo! Aqui do lado é minha prima, do outro lado minha tia e mais os vizinhos mesmo. Né? E a gente se dá muito bem aqui sabe? Se a gente ver qualquer coisa diferente no portão do outro a gente já liga e todo mundo já tem o telefone, Então a gente já liga e fala assim, olha, tem um movimento diferente no seu portão. É tudo assim aqui.

Beto: Pra encher uma laje se a gente tem uma amizade no trabalho, a amizade que precisar nós vamos encher e vamos ajudar,

Norberto: A Congregação não diz a você que vocês têm que chamar os irmãos?

Nádia: Não!

Beto: Não! Essa parte não! Essa parte não!

Nádia: Muito pelo contrário! A gente tem que se relacionar bem com todo mundo. Tem que dar bom testemunho né? E pra dar bom testemunho não pode discriminar o povo!

Beto: Não pode ter nada! Nós somos todos igual! Porque nosso vizinho ele não é irmão! Mas amanhã pode ser! Não é? Amanhã pode ser como? Se nós tratar bem! Se nós mostrar que o Senhor dá bom testemunho pra eles. Mas se a gente for chato e nós (*incompreensível*) eu sou crente! Como que nós vamos trazer a alma pra nós? Né?

Nádia: Hum, hum!

Norberto: Me da uma pequena descrição do culto. O que acontece sobre o culto da Congregação?

Nádia: Como assim? Como assim o que acontece?

Norberto: É o, pra você, você entra na casa de oração e aí?

Nádia: Entro na casa de oração a primeira coisa que a gente faz é primeiro a oração individual, depois a gente ora e pede pra que o Senhor, pra que a gente tenha uma necessidade que a gente vai buscar e pra alguma coisa na nossa vida. Ali na primeira oração a gente já ora, pede pro Senhor pra o Senhor falar com a minha alma que eu tou nessa necessidade pra existir alguma confirmação e que fazer nessa situação e pede pra que o culto corra tudo bem, tudo em paz, tudo em ordem, e aí a gente vai lá. Começa o culto a gente já tá em comunhão, procurando não ficar conversando né? Em comunhão para poder na ora da palavra e na hora do testemunho, porque às vezes tem testemunho que você chora, você não aguenta porque é uma coisa muito bonita né? E que aquilo é uma visitação! E na hora da palavra também! Você sente a virtude né? Do que tá falando lá e aí você sente! Porque é diferente quando vem uma palavra que é pra você e quando é uma palavra que não é pra você! Porque aqui a pergunta você sente lá dentro e vem como um

Nádia: E também não só por isso né? Porque é assim, porque na Igreja há muitas coisas que acontecem! Né? Então a gente pensa que ali só tem povo temente a Deus! Não tem! Ali tem várias pessoas ali dentro, de várias denominações não é? E às vezes acontece também de entrar pessoas de seitas completamente contrárias. Então a gente também tem que tá atento nisso. Não é? Às vezes algum espírito contrário chega a manifestar dentro da Igreja, então se você tá fora da comunhão, aquilo pode sair daquele corpo e pegar sua alma! Né? Pegar você ali! Então você tem que estar sempre na comunhão pedindo sempre pela irmandade e pelas pessoas que estão entrando dentro da Igreja não é? Esses dias mesmo nós tivemos um caso ali no Jandaia, uma pessoa muito assim diferente entrou dentro da Igreja né? Mas nós ali atrás! O senhor, sabe? Assim, tocou o coração! Nós olhamos pra trás estava entrando! Então todo mundo começou! Senhor Jesus! Cobre com teu sangue! Guarda a irmandade e guarda os porteiros! Porque a gente não sabe com que

Norberto: Sim!

Nádia: E aí ficou indo no porteiro, indo em outro porteiro, ver o movimento, foi pro banheiro o irmão foi atrás, e a gente ali também! Então depois até o irmão falou! Olha! Eu clamei muito a Deus pras irmãs olhar! Quando eu vi que as irmãs já tinha visto eu fiquei em paz porque nessa hora é muito difícil pra gente. As irmãs tava todas distraída! E ah não! Eu tou sempre dentro da Igreja mas quando eu tou ligada na comunhão e no movimento que tá acontecendo! Porque nós somos unidos buscando a Deus mas tem outras pessoas que vem também é ou não é? Né? Então a gente tem que tá ali clamando a Deus pra guardar nós até o término do culto e a gente ir pra casa em paz.

Beto: Porque às vezes tem na igreja mil pessoas no culto. Pode ser que dessas mil pessoas não são todos que seja crentes de verdade! Existe até a palavra, muitos são chamados e poucos são escolhidos.

Norberto: Sim!

Beto: Não é? Então uns estão ali realmente pra salvação de alma! Nós estamos ali pro bem, pra receber, pra, pra fazer né? Mas muitos, tem muitos que entra pra aproveitar! Só que esse fica muito pouco! O Senhor logo tira ele do meio.

Nádia: É! Nós tivemos, nós tivemos um caso...

Beto: Mas tem! Tem casos em que a pessoa entra lá só pra se aproveitar!

Nádia: Há anos atrás no Jardim Transilvânia e o irmão estava no púlpito e de repente o Senhor tomou o irmão lá e ele disse assim: Irmandade! Vigia as crianças que tão indo pro banheiro porque tem homem aqui vestido de mulher pra dentro do banheiro! E até então ninguém tinha notado! E realmente as irmãs no banheiro começaram a ficar atenta e tinha dois! Quer dizer! O que estavam fazendo ali? Né?

Norberto: Sim! Sim, sim!

Nádia: Então o Senhor tomou o servo lá na frente pra evitar que acontecesse alguma coisa! Agora! Se a Igreja está de festa, tudo na bagunça isso passa despercebido! Né?

Beto: Quanto....inclusive o Senhor mostra às vezes. Se é igual, a necessidade de oração numa casa e pra você, você tem que, você mostra e aí e você já tem que olha, tem que ficar, começar bem dois, três dias antes ficar na comunhão e clamar a Deus até o momento de chegar lá! Porque olha! O que o inimigo entra pra atrapalhar isso e luta pra fazer coisa errada, pra você, é pra tentar fazer eles dar benção na família, pra tentar, nossa! Mas é uma luta né? É uma luta! Então por isso que o crente que serve a Deus de verdade ele sofre muito com a parte. É uma luta grande! Então às vezes, o inimigo quer tomar uma criança pra te tomar a paz! Ele quer tomar! Entendeu?

Norberto: Sim!

Beto: Então a gente tem que tar acertado, se a gente não vigiar, porque eu conheço caso de pessoas aí na igreja que você vê que tem um coração bom! Faz tudo que pre...olha! pessoas bondosas! Mas uma vez entra pro lado do nosso filho e tal pra tirar a paz e acaba saindo briga, briga, briga dentro de casa, faz desavenças!

Nádia: Não vigia né?

Beto: Não vigia! Porque o mal existe e não adianta, tem que, sempre existiu, existe e sempre vai existir! Isso é bíblico! Não é?

Norberto: Para você quais são os momentos mais emocionantes em que vocês assim, em que o coração mais pulsa como você diz né? Quais são os momentos que a, é você sente Deus mais próximo e que o coração realmente mais...

Nádia: Aí vai, aí depender do, de culto, tem dia que você, você vai no carro Deus já vai vir buscando! Sabe? Deus já vai te visitando é aquela coisa gostosa! Tem gente que Deus revela pra gente a palavra que vai falar! Que vai ser falada.

Norberto: No carro?

Nádia: Então é assim! Deus trás avante né? É aquela coisa! E na hora de ler a palavra é aquela mesma! E aí você entra na Igreja já sentindo vontade de chorar! Mas não é de tristeza! É de alegria!

Beto: É alegria!

Nádia: Já tem culto, você entra na Igreja, você fica na comunhão mas nas hora da palavra conforme o Senhor vai exaltando a palavra é que vai tomando o coração, vai visitando a gente! Então aí depende do testemunho!

Deda: (*incompreensível*) comungando que você já, já tomou o coração da gente e tal é...tem um momento certo.

Beto: Tem culto que você entra, que você vai e entra na Igreja, às vezes é uma coisa tão gostosa que na hora que começa a tocar o hino você começa a chorar! Você começa a sentir Deus! No começo! Mas do começo ao final!

Nádia: É! É!

Beto: Então é assim, não tem aquele momento, o momento é o momento que o Senhor visita. O Senhor visita no hino cantado, o Senhor visita no testemunho contado, o Senhor visita numa palavra!

Norberto: Sim!

Nádia: É! Às vezes numa saudação!

Beto: Numa saudação! Tem vezes que chega, tem irmão que chega e que ora e diz assim, saúda você e você já sente aquela coisa gostosa! Né? Então é, é nestes tempos que é o Senhor visita! O Senhor já me visitou dentro do carro dirigindo sozinho. Entendeu! Então às vezes ta dirigindo sozinho e às vezes eu tenho o costume né? Eu tenho...aí às vezes eu tou ouvindo né? O hino assim distante de mim! Aí a gente começa, ele começa a visitar! Por isso que a gente já começa né? A sentir aquela coisa gostosa! Então é por isso que nós temos que estar sempre na comunhão, sempre na comunhão com Deus porque a qualquer momento ele vem nos dar um abraço.

Norberto: Muito bom! Bom! Vocês participam da Ceia?

Nádia: Sim!

Norberto: O culto da Ceia, a diferença no fundo é a própria, a própria Ceia mesmo né?

Nádia: Isso! E de horário né? É mais cedo!

Beto: É o horário! É o horário! O culto da Ceia não tem testemunho...

Norberto: Isto!

Beto: ... e o culto da Ceia ninguém tem liberdade de chamar o hino. Só quem está presidindo.

Norberto: Sim, sim! Isto!

Nádia: Tem uma diferença!

Norberto: Mas aí pra você também é um culto muito especial?

Deda: Mais especial.

Beto: Ah! Muito especial!

Deda: É um culto em que a gente tem que ter mais um ano! Do que passou...

Nádia: Esse sim a gente já sai de casa chorando!

Deda: É!

Nádia: Sabe?

Deda: A gente (incompreensível).

Nádia: (incompreensível) conduziu a vitória e aí você vai lá antes mais motivos pra fazer. Uma semana antes é!

Beto: Quando vai chegando perto a gente tem que estar na comunhão! Você tem que estar consagrado! E tem, olha por tudo canto é onde ele (incompreensível) entendeu? Qualquer, às vezes uma palavra que você fala é um motivo pra ele entrar e te fazer briga, pra te tirar a paz na comunhão. Porque a comunhão á aquilo você tem que estar né? Não é chegar lá e eu vou me ajoelhar comer um pedacinho de pão e tomar o vinho. A Santa Ceia você tem que estar em paz com Deus e com tudo! Tanto é que se você sentir que alguma coisa, você magoou um irmão né? Ou às vezes, já aconteceu tantas vezes de um irmão magoar é, por exemplo, um irmão me magoa mas eu me sinto de ir lá e pedir perdão pra ele. Se eu tiver sentindo acusado eu tenho que ir lá pedir perdão pra tomar a Santa Ceia! Graças a Deus nunca aconteceu! Sempre né? Nós estamos em paz e, mas já aconteceu casos desses assim! Então não adianta eu tomar uma Santa Ceia com o coração amarrado. Você tem que estar na Santa Ceia bem em paz!

Norberto: E você toma a Santa Ceia no Jardim Transilvânia?

Beto: Jardim Transilvânia!

Norberto: E você também?

Nádia: Jardim Transilvânia!

Norberto: Sim!

Norberto: Vocês visitam outras casas de oração?

Beto: Muito!

Nádia: Muitas!

Beto: Muito! A gente tem, ah, nossa...

Deda: *(Incompreensível)*.

Beto: ...a gente congrega demais fora.

Deda: Muitas, por volta de umas quatro, mas agora trabalhando tá difícil mas antes a gente... Nossa! A gente ia...

Nádia: Acho nós conhecemos umas vinte igrejas ali.

Beto: Ali na região de Cotia e Embu das Artes e Salzeda.

Beto: Ó! O Salzeda...o Salzeda é uma Igreja que tem dentro de um de um sítio, é pra frente de Itapequerica da Serra. Você anda uns cinco ou seis quilômetros de terra e no meio do mato pra ir na igreja.

Nádia: Mas muito gostoso!

Beto: Mas muito gostoso! Tanto é que lá que eu tive o sinal pra mim pode me batizar! Não é? Eu pedi um sinal o dia que nós fomos lá eu pedi um sinal e o Senhor falou assim claramente comigo.

Norberto: E ele próximo ao batismo?

Beto: Ah, próximo ao batismo.

Nádia: Foi muito interessante, foi interessante porque foi uma luta para tu chegar lá, né?

Beto: É!

Nádia: Uma guerra terrível, terrível, mas nós no, no, caminho quando nós chegamos por essa por essa guerra toda nós nos atrasamos muito. Então quando nós chegamos lá já estava no horário de terminar quase o culto e aí nos escutam o irmão falar assim: Deus seja louvado! Ah! Senhor! Acabou o culto e agora? Tem misericórdia! Viemos buscar a palavra, aí quando nos entramos assim dentro da igreja pelo menos pra saudar a irmandade, o Senhor, o Senhor tomava a boca do irmão e falava assim: É! Você veio no caminho e você falou Senhor tem misericórdia vou chegar no final do culto e o Senhor manda dizer: Eu cortei a energia e segurei até agora pra que você ouvisse o culto por inteiro! Deus seja louvado porque o culto esta começando! Tava começando tinha acabado a energia!

Risada geral.

Nádia: Aí foi quando o culto começou, ele ficou em pé na porta, aí o Senhor falava assim tomava o irmão lá na frente o irmão Darci e falava pra ele assim: Você veio buscar um sinal você quer saber se é tempo de batizar? Seu irmão vai dizer no próximo batismo quero você lá! E ele começou a virar assim e procurando com quem era né? Aí o irmão falava é com você mesmo que o Senhor está falando! E era o que ele tinha ido buscar!

Beto: Era o que eu tinha ido buscar.

Nádia: Então foi assim muito bom. Muito bom!

Beto: Eu sempre falava! Lá os irmão, às vezes ele aponta assim aponta pros outros então se o Senhor, né? Se for um sinal pra mim batizar eu quero que o Senhor aponta para mim! Aí ele apontou! Então foi uma coisa muito bonita! Que sempre é o que falo, tudo que nós vamos fazer nos vamos pedir um sinal pro Senhor! Né? Nós vamos pedir um sinal pro Senhor!

Norberto: É, vocês participam de outros membros da Congregação além do Batismo, Ceia e cultos nas casas de oração? Vocês falaram nas casas, tipo aquelas reuniões de oração nas, nas casas também né?

Nádia: Hum, hum! Sim! A gente faz ensaios musicais também!

Beto: A gente faz ensaios musicais né?

Norberto: Sim.

Deda: A gente também visita!

Beto: Visitas né na... Porque visitas não precisa ser na casa de irmãos! Às vezes tem pessoas enfermas né que, é parentes de irmãos, que às vezes nos chamam aí nos vamos fazer uma visita a

fulano! Né? Então né, então, se o Senhor sentir você vai orar a Deus! Você não sabe! Você tem que fazer uma visita, tem que fazer uma oração! Também!

Deda: É! E entra casamentos, ensaios da irmandade né? A gente tem muita fé no presente.

Norberto: Para você, o que significa para você o véu?

Nádia: O véu significa estar coberto diante de Deus! Porque segundo os mandamentos o véu é, é seria o cabelo né, no lugar do cabelo! Então eu não conseguiria me prostrar diante de Deus sem estar coberta!

Deda: É uma consagração!

Nádia: É aí significa assim é a comunhão vai ligar-se perfeitamente ao céu! Então agora eu vou me consagrar vou por meu véu pra eu poder falar com Deus!

Norberto: O que as pessoas da Congregação falaram para vocês sobre o véu quando você estava começando assim na Congregação alguém falou alguma coisa ou não?

Nádia: Não. Pra mim não!

Norberto: As irmãs?

Deda: Não!

Norberto: Não!

Deda: Não

Norberto: E o que você sente ao vestir o véu seja no culto seja em casa quando você dobra o joelho? O que você sente?

Nádia: Então é aquilo que eu falei, é uma ligação com o céu! É uma ligação com o céu!

Norberto: É diferente o que você sente em vestir o véu no culto ou na casa ou é o mesmo sentimento?

Deda: É o mesmo sentimento pra mim!

Nádia: É!

Beto: É tudo em função do (*incompreensível*) né?

Norberto: Hum, hum!

Beto: Vai botar o véu pra buscar o Senhor, e o Senhor vai estar lá e estar aqui! Não é? Então é a mesma! Mesma comunhão!

Norberto: Isto! Há momentos em que encontram com outras irmãs da congregação, mas entre vocês irmãs sem os homens ou é? Não?

Nádia: Não! Não tem! Não é assim.

Norberto: Não!

Deda: Não!

Deda: Às vezes quando vai, a irmã da Piedade vem visitar a casa...

Nádia: Não ele esta falando encontros!

Beto: Ah não, encontros não tem!

Norberto: Encontros não tem!

Deda: Marcado, marcado? Não, não!

Nádia: Não, não! Vão só as irmãs de se encontrar assim você fala?

Norberto: É orar juntos? Isso?

Nádia: Ah não! Isso sim! As irmãs da Piedade! Ai vamos supor tem os Diáconos e as Diaconisas. Então os Diáconos sai para fazer as visitas geralmente na casa de irmãos e enfermos e as Diaconisas geralmente vão para casa das irmãs e enfermas.

Norberto: Ah as irmãs da piedade se chamam também de Diaconisas?

Deda: Isso. É!

Norberto: É?

Deda: É!

Norberto: Ah! Não consta como tal nos documentos da Congregação né? O nome Diaconisa não aparece lá. Ou aparece?

Deda: Só aparece Diácono!

Norberto: Isso!

Deda: Não, só aparece Diácono.

Nádia: Tem que ser o varão! Só o varão!

Norberto: Só diácono?

Beto: Só o Diácono! Tem que ser varão!

Norberto: Isto!

Beto: É na Congregação não pode, ah, não tem nome da, de irmã, de mulher pra nenhum Ministério no caso. Pode ver que sempre aparece o nome do homem. Você vai ver lá no relatório para vê se aparece o Ancião, o Diácono, o Cooperador.

Norberto: É! O interessante é o seguinte! Existe um homem chamado Key Yuasa ele é um pastor de uma Igreja *holiness* japonesa e ele escreveu o doutorado dele sobre Luis Francescon e defendeu lá em Genebra!

Beto: Certo.

Norberto: E ele tem lá uma lista bem do inicio onde parece se eu entendi certo a Rosina Francescon aparece entre os Diáconos e Diaconisas! Então talvez bem no início tinha e depois foi revelado que não deveria ser! parece que...

Deda: Vai indo vai, vai, é conforme a revelação! Né?

Nádia: É porque é assim há, há, há também de acordo com a necessidade! Há países fora do Brasil que as mulheres têm um Ministério dentro da Igreja que consta no relatório! As mulheres até tocam na orquestra!

Norberto: Ah!

Deda: Porque não existe músico Então Deus reserva pras irmãs! Então tem as irmãs violinistas! Tem irmãs de flautas! E elas estão na orquestra! Ta? Então aí é de acordo com a necessidade é (*incompreensível*).

Norberto: Hum!

Beto: Eu sei que no Brasil não tem isso.

Deda: No Brasil não!

Beto: No Brasil a irmã só pode ser organista!

Deda: É mais lá pra fora! Pra Alemanha!

Norberto: Sim!

Deda: Pra na África!

Nádia: É! Onde a necessidade é maior!

Norberto: Viu menino! O que vocês sente ao pegar um instrumento no fundo e tocar para Deus? O que vocês sente?

Toni: Paixão pelo o que eu faço!

Norberto: Hum?

Beto: Paixão por Deus pelo o que eu faço!

Norberto: Ah ta ótimo! Ta bom! Ehm! O que a sua conversão a sua, a participação na Congregação mudou na sua vida? Em que você mesmo mudou como pessoa?

Nádia: Ah! Tudo!

Norberto: Você lembra? Rá, rá, rá, rá, rá!

Risada geral.

Nádia: Mudou tudo!

Deda: Pra mim não mudou muito!

Nádia: Ela já...

Beto: É porque você já cresceu ...

Deda: É porque é assim! É! Eu fui batizada na igreja católica porque meus pais eram católicos só que desde pequenininha eu nunca gostei de cortar cabelo eu nunca gostei de por brinco eu nunca gostei de usar short nunca gostei de usar mini blusa nunca! Isso era uma coisa minha! Às vezes ela ainda me segurava porque ela gostava né? Na época ela gostava de pintar queria por brincos! Porque eu tenho as orelhas furadas, mas nunca gostei! E Deus era tão bom que dava dois dias eu tinha alergia e tinha que tirar! Então ela ficou assim e também parou de colocar! O meu cabelo ela cortou uma única vez quando eu era pequena né? E eu chorei muito! Então pra mim quando, mesmo a conversão não foi uma coisa difícil que é uma coisa que adolescente geralmente tem que porque é difícil!

Beto: Ela nunca foi de sair! Sair com as amiguinhas.

Deda: Eu nunca, nunca gostei de nada! Então pra mim nossa! Não foi difícil! Mesmo na fase da mudança que tem da criança, da infância pra adolescência pra mim não mudou porque era uma coisa da minha pessoa assim que eu nunca gostei!

Nádia: Então! Pra mim mudou muito assim! Porque eu, eu fui me desviando não me vejo sem um repicado no meu cabelo! Sem sabe um rebeco! Eu não me via assim!

Beto: Sem maquiagem!

Nádia: É! Então eu não me via com o cabelo reto, sem corte! Isso pra mim era... Então eu sempre falava Senhor! Tu me chamou! Mas eu vou cortar meu cabelo! Só que daí quando eu chegava assim que eu ia fazer ai eu falava assim não! Se Deus me chamou e eu fui escolhida por Deus, eu tenho que ser fiel a Deus! E ai Deus foi tirando aquilo do meu coração né? Mas eu sofri muito por uma parte! Eu tinha muito sonho, é porque quando jovem ainda mesmo depois de casada e eu fumei num determinado período da vida! E não era nada de vício assim, eu gostava! E daí quando Deus me chamou eu parei com aquilo, Deus tirou da minha mente assim! Eu deitei mas quando eu acordei nem lembrava mais de cigarro nem de calça comprida! Essas coisas não foi difícil pra mim! Foi mais essas coisas. a maquiagem, o cabelo, essas coisas assim. Daí eu comecei a sonhar muito, mas no meu sonho eu fumava e eu não me conformava então um dia eu entrei na igreja e falei: Senhor tem misericórdia! Eu sou sua serva! Tu me chamou! E em sonho eu fumo! Como pode ser isso? (*incompreensível*) ficou na minha mente! E ai ia chegando uma palavra e falava justamente isso: Você entrou na igreja hoje e você entrou chorando e você falou Senhor o adversário esta entrando no meu sono! E ta tirando minha mente Senhor e é fato o que não te agrada! E o Senhor manda te dizer : Hoje é o último dia que o adversário vai entrar! E foi mesmo. O último dia que ele entrou na minha mente e aquilo sabe acabou da minha cabeça. Deus também, não lembro como, sabe, Deus tirou toda vaidade da maquiagem da sabe, das jóias, imagina jóias, doeí tudo e o que eu não doeí virou aliança a gente fez tudo fez aliança, porque eu não via mais eu aquela pessoa! Sobrancelha eu não ficava sem fazer de jeito nenhum! E que quando Deus me chamou eu não sinto mais e não tiro a sobrancelha! Então foi uma coisa assim! Deus foi limpando né? Porque eu dizia: Senhor! Tu falaste que tu quer é, tu chamás do jeito que tá, e a obra é de dentro para fora! Mas Senhor eu quero ver a minha obra! E aquilo foi me dando força, foi me dando força, então tirou toda aquela vaidade aquela coisa toda né? Então hoje é até quando a palavra falou eu lembrei que eu falei isso na casa de uma pessoa que Deus há de fazer uma visita e eu hoje fiquei assim, muito assim muito feliz, porque eu disse isso a ela! Eu disse olha! Eu não sirvo a Deus por nada da terra! Eu sirvo a Deus por toda minha alma porque eu amo a Deus né? Se Deus me der amém! A gente precisa de tudo pra sobreviver, mas se Deus me der amém, mas eu sirvo a Deus pra salvação da minha alma! E hoje a

palavra falou! Então eu fiquei muito feliz nisso né? Então hoje eu sirvo a Deus pra salvação da minha alma eu não olho o que o outro do lado esta fazendo de errado, que o do lado esta fazendo de errado, porque erro tem em todo lugar, ninguém é perfeito! Então você encontra pessoas fazendo coisas que não esta dentro da doutrina, pessoas que falam às vezes do outro ou que condena o outro sem saber bem a necessidade dele! Você vê muito! Né? Então eu falo Senhor: Não deixa meus ouvidos se contaminarem com isso nem minha mente, nem meu coração, porque eu sirvo a Deus para salvação da minha alma! Me faz cada dia mais uma pessoa boa! Então hoje eu sirvo a Deus tentando buscar assim uma melhoria, mas melhoria para mim mesmo! Pra ser boa pra pessoa! Ajudar o próximo! Se eu sou boa pro próximo eu tou agradando a Deus e se eu to agradando a Deus eu estou feliz entendeu? Então nesse sentido pra mim, mudou muito minha vida porque, a gente sempre teve vamos dizer assim a caridade mas eu não sabia usar a caridade. Né? Nunca fui de ir ao (incompreensível) fazer mal ao próximo nunca fui porque a gente criou num lar cristão, mas eu não sabia usar tudo isso! Então hoje não! Hoje Deus nos ensina a usar né? Então hoje a gente olha e fala assim: Senhor! Se for da tua vontade, nos mostra uma necessidade! Se tem alguém chorando precisando de alguma coisa que tu nos da condições de ver! Então nos mostra! Deus nos mostra! Então isso é muito bom e nesse sentido minha vida mudou completamente. Entendeu?

Norberto: Sim!

Beto: Eu? *Risos* Mudou bastante. Eu era bem idólatra principalmente né? E eu era idólatra (*incompreensível*). Não alcoólatra, mas gostava de uma bebida, bebia muito. Era assim, sempre muita cervejinha, jogo sempre gostava de joguinho de palito, joguinhos, bar, amigos! É eu era uma pessoa assim que numa época dessas jamais você me via assim eu era muito de regata, bermuda. Então tudo isso o Senhor foi tirando de mim é difícil pra quem tem esse costume mesmo né? Então hoje eu estou bem mas pra mim foi uma mudança muito grande. É! Amigos né? Porque muitas pessoas falam assim: É! Você fica crente você afasta dos amigos! Porque aqueles amigos que você conhece assim de (*incompreensível*), de barzinho pra jogar uma bola, que eu jogava, joga um baralho, pode ver não, não vem! Né? Não é a gente que afasta é os amigos que afastam da gente! Porque ele chega aqui, por exemplo, um amigo meu daquela época vem aqui em casa ele não vai tomar uma cerveja, porque eu não tenho, ele não vai fumar um cigarro, porque eu também não tenho! Não é? Eu não vou ficar com eles jogando uma bolinha porque eu não jogo mais bola eu não vou pegar um baralho e fazer eles jogar comigo porque eu não jogo mais! Se eles vai vir aqui em casa o que é que eu vou falar? Vou falar das coisas de Deus! A nossa conversa é falar das coisas de Deus! Entendeu? Então nem todos estão preparados pra isso! Então é mudou muito isso! Tudo isso eu gostava eu gostava de um baralho, eu gostava de um futebol. Nada de jogar dinheiro, jogar não, não era um meio de sobrevivência, mas eu gostava muito de me divertir com isso mas é um jogo! Na é? Então tudo isso também foi uma mudança radical! Gostava né? Sempre barbudo, cabeludo! Você vê as minhas fotos né? Era sempre com cabelão no meio das fotos, barbudo. *Risos*. Entendeu? Então, isso daí Deus tirou também né, então foi tudo coisas que eu gostava! Então foi pra mim foi uma mudança muito grande, mas eu estou muito bem e me sinto bem melhor assim.

Norberto: Tem uma regra que o homem deve tirar a barba porque eu vejo bigode de vez e quando, mas barba mesmo eu não vejo! Mas tem uma regra que nunca vi por escrito!

Beto: Olha!

Norberto: A regra não escrita parece que tem não é?

Nádia: É tem!

Beto: Tem! É tem, tem sim, até mesmo porque nós faltamos com o ósculo, ósculo né? Já pensou você chegar é igual no caso seu ai que a gente vai sondar porque você? Entende? Por causa do cavanhaque! Às vezes a pessoa vai com aquela barbona, você vai sobrar não fica bem! Né? Igual bigode. É pode usar tranquilo! Mas igual a gente fala. A gente recomenda! Quando vai chegando a Santa Ceia, moço, vocês que tem um bigode muito cumprido, porque tem uns irmãos que tem um bigode que...

Norberto: Sim.

Risos

Beto:...procura na Santa Ceia, porque já pensou? Aquele que ta na frente você vai tomar né? O cálice? O bigode vai (*incompreensível*), então não é higiênico isso né? Porque eu usava e depois quando eu tirei tudo, eu usava bigode né, aí na Santa Ceia eu tirava. Aí eu falei quer saber de uma coisa vou tirar tudo! Aí eu acostumei, super bem assim né? Mas é mais por isso que não fica bem um né nessa parte.

Norberto: Sim.

Beto: Então não é, como se diz, nada é proibido! Mas nada disso né? Então não é viável deixar a barba ou cabelo cumprido. É igual eu, por exemplo, pô! Um moço com cabelo no meio das costas com aquela barbona coçando não vai ficar bem não verdade?

Risada geral.

Beto: Não é verdade? Ré, ré, ré, ré!

Norberto: Hábitos e costume mudaram? Vocês já falaram um pouco, as amizades mudou um pouco também né?

Beto: Ah muda, muda muito!

Norberto: A rede de amigos muda não por causa de você mas alguns amigos não vêm mais porque vocês mudaram né?

Deda: É! Uns continuam, respeitam.

Beto: Não! Eles respeitam!

Deda: A sua crença né, é que nem a gente fala! A gente tem que respeitar cada um né? E muitos respeitam o que você segue assim como nós respeitamos eles! Mas têm outros que não! Têm outros que é mais como o meu pai falou, é para jogar, é pra beber, pra sei lá. Então esses eles não permanecem mas não é porque a gente afasta eles não vem mais aqui! Eles se afastam.

Beto: Eles se afastam. Porque é... a gente lógico né? É como eu falei nós não nos afastamos e então eu vou deixar bem claro! Porque muita gente pensa que a gente fica crente a gente se afasta dos amigos, afasta por que? Pô Toninho! Eu tava lá no campo você não tava! Toninho eu tava lá no bar lá tomando uma cerveja e jogando “snooker” você não tava! Mas isso não fui mesmo! Porque eu não me afastei! Mas a amizade com ele continua, se ele vim na minha casa ele vai ser muito bem recebido, ele vai sentar na mesa, ele vai almoçar comigo, vai jantar comigo! Mas não é isso que eles querem, eles querem encontrar dentro do bar, eles quer beber eles quer jogar! Então nós vai fazer o que não é?

Nádia: É porque na verdade eles vêm o crente como uma pessoa que (*incompreensível*) tudo na vida! E não é! Quadrado! E não é!

Beto: Nós passeamos normal.

Nádia: Nós passeamos muito né, a gente viaja, a gente passeia, a gente vai em shopping, a gente vai em restaurante, a gente vai pescar, a gente tem vida social ativa!

Beto: Só que...

Nádia: Mas eles acham que não! Só que a gente não esta aonde? Na roda de bagunça! A gente não senta, a gente não vai no restaurante e fazer uma rodada de cerveja!

Norberto: Sim!

Nádia: Porquê a gente não bebe! Mas a gente entra, a gente janta, a gente conversa, da risada, brinca, não fala só de Deus! A gente brinca! Você entendeu?

Beto: É!

Nádia: Então! Mas eles acham que não! Então esses afastam.

Norberto: Isto!

Beto: Esses afastam e um diferencial deles que nós fazemos isso família! Porque o que acontece muito lá fora eles fazem isso com os amigos às vezes a família fica em casa, às vezes tem até

necessidade, mas você vai lá o carro ta cheio, o cara ta indo pra praia beber o com amigo, o cara ta indo pescar com amigo, o cara ta indo pro bar jogar, ta numa rodada de truco, fazendo despesa, gastando dinheiro com os amigos, ele não curte a família, ele curte os amigos! E nós somos diferentes, nós curtimos a nossa família!

Norberto: Isto!

Beto: Né? Tudo isso que ela ta falando! Eu vou pescar? Vamos! Mas vamos nós quatro e mais alguns que é da família, mas nós vamos estar junto!

Norberto: Isto!

Beto: Nós vamos é, pra um restaurante? Vamos! Nós aqui né, nós vamos pra...

Nádia: Shopping!

Beto: Ao shopping, nós vamos passear? Nós vamos nós aqui! Entendeu? Nós vamos, nós somos família! Não é? E lá tem muita diferença isso daí. Porque lá não! Você pode ver, que eu sempre fui comerciante eu via as pessoas sair do serviço às quatro horas da tarde em vez de ir pra casa dele vai pro bar.

Norberto: Sim.

Beto: E lá no bar fica até fechar o bar e depois que vai embora pra casa dele! Então, primeiro ta sendo os amigos e o bar do que a família né? E o meu diferencial não, eu trabalho na firma se eu saiu cinco horas da firma cinco e dez, cinco e quinze eu to em casa! Eu to com a minha família! Ai eu vou vamos sair? Vamos! Vamos na igreja? Vamos junto! Ah! Vamos no mercado? Vamos junto! (*incompreensível*) se não, não pode, comprar um negocinho no mercado nós vamos junto à noite. E às vezes nos vamos sozinho, caso de eu ir aqui ir ali. Na verdade é, mas é uma coisa. Vamos no mercado? É um passeio, não é, mas vamos junto!

Norberto: Agora eu acho, os laços sociais vocês realmente vivem em conjunto não é?

Nádia: Em conjunto!

Norberto: Em conjunto! Como família!

Beto: Em conjunto sim! Como família! Exatamente!

Norberto: O que você mais gosta na Congregação?

Deda: Nossa difícil hein? Eu acho que eu gosto de tudo!

Risada geral.

Deda: Ah eu acho que eu gosto de tudo!

Beto: O culto é gostoso!

Nádia: O que eu mais gosto...

Beto: A união é gostoso, a paz é gostoso, a seriedade não é? Daqueles irmãos é gostoso! Mas tou falando na Congregação que nós vamos.

Norberto: Inclusive do momento da Congregação da palavra no culto?

Beto: Você diz.

Deda: É o momento da palavra.

Beto: É!

Deda: Da palavra!

Beto: Isso! No culto! Não! Nós vamos lá e realmente! Pra nós tudo é gostoso, o hino, por exemplo, é a coisa mais gostosa você cantar o hino eu me sinto bem é gostoso né? A palavra é gostoso! Mas tem dia que tem testemunho que aquele testemunho edifica muita mais do que uma palavra! Né? Às vezes tem uns irmãos que contam uns testemunhos que aquele testemunho bate naquilo que você esta precisando que você às vezes esta fraquejando e tal e ele conta! O Senhor exaltou, pô se o Senhor exaltou ele Senhor! Então me exalta também! Então o testemunho também é uma coisa muito gostosa assim! Então toda essa parte da Congregação é gostoso.

Norberto: Vocês acham que alguma coisa na Congregação deve mudar?

(Longa pausa)

Deda: Questão de doutrina?

Norberto: É! Doutrina, costume, hábito?

Beto: Não no meu ver não! No meu ver acho que a doutrina da Congregação, nós que temos que mudar procurar fazer o certo!

Nádia: fazer certo! Rá. rá,rá,rá!

Beto: Não é a congregação que tem que mudar eu acho que quem tem que mudar somos nós porque tem muitas coisas da doutrina que nós ainda não conseguimos fazer cem por cento! Então eu acho que quem tem que mudar seria o povo né, nós. As irmandade!

Deda: A doutrina da Congregação não!

Beto: E tentar chegar na doutrina da Congregação, porque quem conseguir chegar porque em cem por cento ninguém vai conseguir mesmo! Ninguém! Mas se nós chegarmos assim e atingirmos pelo menos oitenta por cento, noventa por cento da doutrina nós estamos bem dentro da palavra do Senhor.

Norberto: Sim.

Deda: Então eu acho que a doutrina que esta dentro da Congregação já vem da antiguidade né? É uma doutrina tradicional! Se a gente for buscar até mesmo na época da Igreja Católica de antigamente anos atrás as mulheres também se vestiam com o véu!

Beto: Sim!

Deda: As mulheres casadas com véu preto e as que eram moças com véu branco né? Então já vem de antes! O, foi mudando, a Congregação ela só manteve aquela, aquela doutrina de antigamente.

Beto: Ela só é mais severa não é? A Congregação ela tem uma doutrina mais severa procurando a risca. Existe como a gente fala, existe aqueles que entra lá e sai meio torto, mas o correto é você ficar dentro da doutrina! Então eu acho né? Que a doutrina que está correta com aquilo ali. Eu acho que não tem que mudar! Então mais uma vez eu confirmo que quem cuidado somos nós de alguns hábitos pra chegar à essa doutrina!

Norberto: De fato pelo tempo que vocês estão lá não viram muita coisa mudar não né?

Nádia: De quando a gente entrou?

Norberto: É!

Nádia: Não! Não mudou não! Não mudou nada assim.

Beto: A doutrina?

Nádia: É como ele disse a doutrina não mudou nada.

Beto: Não mudou nada!

Deda: O povo é que mudou!

Beto: O povo é que mudou.

Nádia: É que nem olha nós aqui somos exemplos vivos que gente ainda não conseguiu atingir a, porque a Congregação hoje já não é mais, mas antigamente pregava muito contra a televisão! Muito contra né? E nós ainda não conseguimos tirar! Entendeu? Ela não nos prende a nada! Dias de culto, horários de culto, tem visitas, vamos visitar tal igreja, vamos visitar casa onde tem enfermo! A gente nem vai olhar que é ela! Oramos a Deus e vamos! Entendeu? Ela não nos prende a nada.

Beto: Ela não nos prende a nada (incompreensível).

Nádia: Porque a partir do momento que ela for um objeto, a partir do momento que ela for um objeto que nos afasta de Deus ela não serve mais pra gente! Entendeu? Então por isso que a gente tem ela aí! Mas a doutrina diz isso né? Então a doutrina não, não mudou nada! Não mudou nada! É como ele disse, tem pessoas que entram, uns são mais fracos e outros já tem mais perseverança, é as

peessoa que em si então mudou que nem como o irmão falou hoje do computador. Então não é a doutrina que mudou! A doutrina não prega contra a informática! Ela prega contra o que você está fazendo!

Beto: O uso que você faz entendeu? O irmão Luis Carneiro pregou sobre o telefone! Não há nada, o telefone é uma coisa útil? É! Mas se você não souber usar ele mata sua alma!

Norberto: É verdade. O irmão Luis Carneiro veio aqui em casa? Ou não?

Nádia: Ah já! Muitas vezes!

Beto: Ele era muito junto aqui.

Norberto: ele fala sobre a televisão ou não?

Nádia: Não, não, não.

Beto: Ele não critica nada!

Nádia: Aquele homem é de uma humildade! Simplicidade!

Beto: É! Ele chega aqui, ele olha aqui com a televisão. Mas não ligada é lógico que a televisão é pra nós!

Norberto: Isso!

Beto: É pra nós! Televisão chegou (incompreensível) pra nós aqui que vem fazer uma visita não vai ligar a televisão!

Nádia: Só que a gente não esconde.

Beto: A gente não esconde, também não esconde, pra quê? Porque tem pessoas que às vezes chega na casa do outro no sei que pensa o esse aqui não tem televisão, mas vai lá no quarto a televisão tá lá escondido.

Nádia: Ah é?

Beto: Tá escondendo dos irmãos! Mas não está escondendo de Deus! Então eu não quero esconder nada dos irmãos, nada! Nada e eu não tenho porque esconder, eu vou esconder deles mas Deus está vendo, né, então nós tem que fazer né.

Beto: Né, e então eles vem, ora, e nós temos muito amigos pessoal mesmo, não só ele outros ministérios, o irmão Silvio vem aqui a gente ora normal sem problema nenhum.

Beto: A gente ora normal sempre.

Deda: Pra tirar o carro que o tio Junior quer sair.

Norberto: Hum! então faz assim eu vou tirar o carro primeiro, tirar o carro.

Nádia: Ai! Não estragou aí não?

Norberto: Não, não! Eu só vou parar um momento...

(Saio e retiro o carro)

Norberto: Vamos lá. Quais, qual a visão de vocês de outras igrejas? Outras denominações?

Beto: Outras denominações?

Norberto: É! Os irmãos e irmãs da Assembleia de Deus se salvam?

Deda: *(incompreensível)*.

Beto: É! Eu na minha opinião, eu acho a minha visão não está nas denominações, está em quem está frequentando né? Porque eu acho que Deus está em todos os lugares e também não adianta eu chegar na Congregação e tá fazendo coisa errada. Às vezes uma pessoa que está em uma outra denominação alcança uma salvação que quem está dentro da Congregação fala eu sigo e outra não alcança. Então minha visão é essa daí então todas elas, é, todas as denominações tem que ser respeitadas, respeitando todas elas né, só que o Senhor nos usa pra Congregação Cristã! Então todas elas têm bons seguidores e maus seguidores.

Norberto: Também Igreja Católica e outras igrejas também?

Beto: Todos eles tem isso aí todos eles.

Deda: Nossos familiares, nós temos uma parte de familiares que é, nossa prima ao lado ela é extremamente católica, mas nós, quando é final de ano nós temos assim, quando dá meia noite, a família se reúne e vai orar pra pedir pro Senhor pra mais um, que nos ajude né a caminhar em mais um ano que esta entrando, e aí não faz distinção os católicos vem orar, quem é da Universal, que nós temos pessoas da Universal vem orar, quem não é de nenhuma religião vem orar, todos vêm orar! E na ora que levanta, todos se saúdam com o ósculo. Não tem assim distinção! Ah eu sou católica! Eu sou da Congregação! Não tem. Então eu falo por mim, eu tenho, tenho colegas que são do Espiritismo, eu tenho colegas da Católica, tenho colegas da Assembléia, da Batista, da Adventista né? E às vezes muito pelo contrário, às vezes eles estão passando por alguma coisa outro dia até me acordaram mandando mensagem no celular pedindo pra que eu orasse porque estava passando por uma parte difícil né? Na família! Uma amiga minha até católica! Então tudo que eles têm assim de problemas ou alguma coisa, eles pedem pra que a gente ore! Até às vezes a maioria das minhas amigas de escola conhecem minha mãe! E pedem também: fala pra sua mãe orar pra mim e tal, então a gente não tem essa...

Nádia: É! Você fez uma pergunta: Se vocês acham que outras se salvam né? É! A gente acredita sim! Nem todo lugar que fala de Deus, Deus está. Né? Mas eu acredito que em todos os lugares tem pessoas que falam com ele, todos, né, porque quando o pregador ele sabe que o que ele tá fazendo é errado, porque tem muito pregadores que fazem errado pelo dinheiro! Ele sabe que ele não tem revelação de nada, que ele não tá vendo nada, ele tá pregando o que ele leu ali e acabou e aí o que acontece, ele tá iludindo o povo numa fé que nem ele crê muitas vezes! Então esse pregador ele não tem a Deus!

Beto: E ele vai crer no que ele fala assim...

Nádia: Ele fala de Deus! É diferente! Agora ali no meio tem o fiel que ele tem a Deus porque ele com a comunhão dele, ele vai direto no céu! Então esse sim será salvo! Tá? Então todos os lugares há, o Senhor não vai vir escolher placas de Igreja. Ele vai vir escolher aquele que guardaram o mandamento, não é? Que é não pecaram, não roubaram, não falaram mal de ninguém, teve caridade! Né? Guardou-se o corpo! Então se vestiu de acordo, casou de acordo então ele vai vim buscar isso. E em todos os lugares ele vai ter alguém pra pegar pra buscar né? Mesmo na dentro Católica sim, porque ali também, se a gente for olhar tem pessoas que tem um coração tão bom...

Beto: É verdade!

Nádia: ...que faz tão bem ao próximo! Né? Que não pode ver um com dificuldade eles esta rezando na fé dele! Ele ta pedindo! Então eu acredito que mesmo ali né? Na ignorância dele, muitas vezes ele não teve nem a oportunidade de conhecer outra igreja! Ele esta ali, ali, ali e acabou! Né? Que nem eu! Eu passei várias e cheguei nessa! Muitos não têm, então esses sim o Senhor vai vim e vai recolher e vai julgar as obras dele.

Beto: Até Exu tem tantas obras! (*incompreensível*).

Nádia: Agora tem uns que Deus não vai nem julgar! Porque eles sabe que tá errado, ele ta fazendo errado mas ele ta ali e ta iludindo a quem? A Deus? Não! Ele mesmo. Então esses Deus não vai nem julgar! Então a gente acredita sim, que em todos os lugares vai ter.

Beto: Os bons seguidores e os maus seguidores.

Nádia: Tanto é que eu tenho um irmão que ele foi fazer uma visita na Bahia e ele foi numa casa e falou: Senhor! Eu vou anunciar o evangelho pra essa senhora! (*incompreensível*) e aí quando ele foi olhar pra ele buscar de Deus o que ele falava pra ela o Senhor falou no coração dele: Não anuncia! Porque do jeito que ela está eu venho! Vou levar ela pro reino de glória e vou salvar a alma dela! Mas se você anunciar ela não vai crer! E se ela não crer não vai dar tempo pra ela buscar e aí ela não vai ter salvação! Então não anuncie! E o irmão não anunciou e passou uma semana o Senhor levou ela.

Beto: Então é assim, em qualquer visita a pessoa tem que ter acertado com Deus e tem que estar preparado, não é só chegar e dizer e ah! Vamos visitar fulano? Não! Tem que estar preparado pra isso!

Nádia: Então isso é uma prova que a gente tem de respeitar é a todos.

Beto: Porque na visita ou você salva uma alma ou você mata uma família né? A alma quer dizer! Mata dizendo assim a alma. Então a visita tem tudo isso!

Nádia: Agora o que a gente não acredita é que nem todos falam Deus só vai julgar o coração! Não!

Deda: Não!

Nádia: E ainda hoje pastor falou: Deus vai julgar as obras!

Beto: As obras!

Deda: O que é que adianta eu falo que eu tenho um coração bom, mas vou ali, tiro uma coisa que é sua, pra mim, pra mim subir um degrau eu piso em você, né?

Norberto: É mas se tira uma coisa ou outra, o coração não esta bom dele! Quer dizer! A obra corresponde ao coração! Não é? Não existe ninguém com o coração bom que toda hora...*(incompreensível)*! Eu não consigo!

Beto: Exato!

Nádia: Tem pessoas que fazem e falam isso né? Está indo fazer coisa errada e ainda fala meu coração é que salva! Né? E não é!

Norberto: É!

Deda: Do que adianta né? Não tem como né, não tem como meu coração é que nem ele falou meu coração ser bom e não ser assim.

Beto: É que nem muitos falam né? Ah eu não roubo, eu não mato, eu vou na igreja! Ir na igreja não é tudo não! O que é que adianta eu ir na igreja e ir lá e ficar reparando em você, ficar reparando nele, ficar reparando no outro, ficar criticando o outro, ficar falando do pregador, ficar falando do fulano.

Deda: Comunhão não quer dizer nada!

Beto: Entendeu? É melhor eu nem! Então ele acha que só dele entrar dentro da igreja já tá acertado com Deus! Não é assim né? Então acho que às vezes uma pessoa que não vai na igreja fica dentro de casa aqui ó, dobra o joelho e busca o Senhor ele recebe mais do que quem vai na igreja pra ficar olhando os outros. Não é! Porque tem pessoa que vai na igreja quando chega em casa! Ah! Porque o fulano tava com o sapato sujo, porque o fulano tava com uma calça velha, porque o fulano tava...Gente que isso?

Norberto: Sim!

Beto: Cada um tem uma condição de ir na igreja. Né? Se ele viu o irmão com uma condição assim Senhor! Né? Ora e busca o Senhor! Senhor me dê condições pra suprir ou dê condições pra alguém suprir ou dê condições pra ele suprir! Não é? Então vamos ajudar dessa forma! Agora! Pó! O fulano ta com sapato sujo, o fulano com uma roupa assim, não é verdade? O que Deus acrescenta? Mas tem pessoas que entram na igreja pra olhar os outros e não na comunhão de receber aquilo que Deus vai fazer pra nós. Não é

Deda: E muitas vezes né, essa hipocrisia fica hipócrita né...

Beto: É!

Nádia: ...nessa hipocrisia que eles fica de julgando, um julgando o outro a necessidade ta do lado dele e ele não vê! Então ele perdeu a oportunidade de fazer a caridade porque o coração dele ta tão pequeno dentro o mundo material ele se importa e deixou passar batido.

Norberto: Vamos falar um pouco do bairro que vocês moram aqui.

Nádia: tá!

Norberto: O que vocês pensam do lugar onde vocês moram aqui?

Beto: O bairro?

Deda: O bairro pra mim é meu lugar de sossego! Aonde eu trabalho às vezes eu falo assim! Gente eu num aguento é muito barulho porque meu bairro é assim, é o dia inteiro!

Deda: Aqui é tranquilo.

Beto: É muita paz.

Deda: Até a noite é assim essa tranquilidade você não vê vizinho brigando, você não vê vizinho vindo no seu portão pra falar alguma coisa pra você, as criançada brincam aqui de vez em quando! Esses tempos era até aqui na casa brincando!

Beto: É! A gente respeita tudo né?

Deda: E criança vive do que? Alegria né? Então aqui é, a maioria aqui todos trabalham! Então a maioria de dia está trabalhando, não tá aqui! E a gente tem como, eu, eu cresci aqui fiquei vinte e um anos aqui.

Beto: Nasceu e criou.

Deda: E então todos me conhecessem desde pequenininha porque nós tínhamos aniversários constantes aqui e a vizinhança toda vinha pro aniversário, né? E todos assim né, todos chegavam praticamente com o vô né? A maioria dos, dos vizinhos aqui chegaram junto com meu avô né, então são vizinhos bem antigos e do lado dos meus tios então pra mim é muito bom.

Norberto: São mais unidos aqui se chega ladrão e um liga para o outro e...

Nádia: É! A gente é muito unido.

Beto: ...se você ver qualquer coisa errada. Por exemplo, nós temos nosso hábito! Você não vê eu sentado na rua conversando com vizinho na rua conversando com um vizinho, você não vê ele na rua brincando com nem uma criança, não tem esse costume, ela nasceu e criou aqui nunca vi ela na rua brincando com ninguém, nem minha esposa temos esse costume! Não que nós somos chatos nós temos os costume de não ficar sentado na rua conversando! Mas recebemos os vizinhos! Né? Se vai saindo do carro: Oi! Tudo bem? Tudo bem! Estamos prontos a servir no que precisar e no que nós precisar também a gente tá lá e a gente serve, temos uma amizade gostosa, não somos de ficar um dentro da casa do outro e nem de ficar batendo papo na rua, mas temos aquela ligação que no que precisar um do outro aqui estão todos prontos a servir, tanto nós a eles como eles a nós.

Nádia: Barulho, que a gente escuta barulho assim que não é comum, porque aqui não tem barulho tanto é que é sossegado.

Beto: É!

Nádia: Porque de noite a gente escuta barulho assim que a não é do comum a gente já levanta e já olha e se é alguma coisa suspeita um já vai ligando pro outro já pra todo mundo ficar...

Deda: Todas as casas assim da vizinhança tem todos, cada um tem o telefone do vizinho.

Beto: É! (incompreensível) muito grande e tanto é que estamos há vinte e poucos anos e nunca tivemos problema aqui graças a Deus!.

Deda: É muito tranquilo o bairro é muito bom!

Norberto: Então você gosta de morar aqui?

Deda: Demais!

Risada geral.

Beto: Com certeza.

Risada geral.

Norberto: Quanto tempo já moram aqui mesmo?

Beto: Aqui é o que eu falei há...nessa casa...

Deda: Há vinte um anos!

Beto: ...vinte e um anos, vinte e um anos.

Deda: (incompreensível)

Beto: Nessa casa, porque ela nasceu, nasceu dentro da casa do meu sogro né? Nós viemos morar dentro da casa de meu sogro e aí eu construí aqui em cima.

Norberto: Você mesmo?

Beto: Eu mesmo! Ah não! Aqui tinha um (*incompreensível*) e eu construí. Então nós viemos morar em baixo era na cerca da casa do meu sogro, aí quando a gente construiu já construiu aqui pra cima, que tem vinte e um anos que nós moramos agora minha esposa tem?

Nádia: Eu tinha dezessete anos quando eu vim morar aqui.

Beto: Então tem uns quarenta anos e lá vai...

Risada geral.

Nádia: Trinta e alguma coisa!

Risada geral.

Beto: Você tem uns vinte e pouco né? Quase trinta anos!

Nádia: É!

Beto: Quase trinta anos que ela mora aqui, ne?

Norberto: Qual é...

Deda: Meus avós moram aqui em baixo mas também não se interferem em nada aqui!

Nádia: Vinte e seis anos aqui?

Beto: Vinte e seis anos né?

Deda: Meus avós eles moram aqui, mas nada o que acontece aqui em caso eles falam assim: Ah! O que é que tá acontecendo? O que é que tão falando?

Beto: Não! A gente se dá super bem! Sempre moramos aqui desde que ela nasceu é um pai e uma mãe meu que tá lá em baixo. Os meus sogros não são, são pai e mãe!

Deda: Cada um respeito o seu espaço, né?

Deda: É quintal, a gente está no mesmo quintal, mas cada um tem sua casa né?

Norberto: Como vocês definem a posição social do bairro? Diante do Município de Diadema em geral?

Beto: Vamos jogar assim uma na minha posição é uma média.

Nádia: É aqui não tem quem pague aluguel, são todos proprietários.

Beto: São poucos de aluguel.

Nádia: Aqui na nossa rua

Beto: Aqui na nossa rua não tem, são todos proprietários.

Norberto: Sim.

Nádia: Vai ter na rua de baixo, tem acho que três ou quatro de aluguel do outro lado ali acho que tem mais umas duas o resto é tudo proprietário o bairro é tudo.

Beto: Vamos justificar assim um bairro médio.

Norberto: E dentro dele vocês também iguais aos outros? Mais ou menos?

Deda: Sim!

Norberto: Nem para cima nem pra baixo?

Beto: Mais ou menos igual.

Deda: Hum, hum!

Beto: Olha, aqui não tem muito assim, não tem aquela diferença daquele que tem muito e aquele que tem menos, aqui mais ou menos todos tem, todos que a gente conhece aqui tem equilíbrio, uma posição,

Deda: Bastante comerciante

Beto: Bastante comerciante e nós éramos comerciantes também né! Então é sempre aquela mais ou menos igual aqui é tudo mesmo padrão, então tem aquelas pessoas de idade, todos que moram tem sua casinha, tem seu carrinho pra andar, tem a sua vidinha e então é bem tranquilo.

Norberto: Isto! Vocês tem queixas sobre o bairro aqui não né?

Nádia: Não!

Beto: Não!

Norberto: Sobre os moradores, vizinhos.

Nádia: Também não.

Beto: Todos amigos, não temos nenhuma inimizade, como dizer assim, eu vou chegar no meu portão to preocupado com alguém já, graças a Deus.

Norberto: Com os vizinhos também, é mais tipo bom dia, boa tarde na rua mas não vai muito nas casas? Já foram pra ver alguma coisa ou não?

Beto: Nós não somos de ir na casa ninguém mesmo!

Nádia: Aqui no bairro é assim os vizinhos não são mesmo de ir

Beto: ...de ir na casa de ninguém

Nádia: ...se tem uma festa e é convidado eles vêm!

Beto: Eles vêm pra aqui!

Nádia: Se a gente, tão ali fora sentados, porque tem um vizinho que gosta de tocar um violão, então senta ele e a filha e fica tocando um violão ali, então a gente sai, boa noite e tal tudo bem? Bate um papinho assim e já entra! Mas assim é o básico costume dos vizinhos não ficam na rua batendo papo né, todo mundo se gosta.

Beto: Aqui todos se conhecem, todos se gostam, todos se ajudam, mas nada de estar um dentro da casa do outro.

Norberto: Isso!

Beto: É!

Norberto: E como se faz a tradição e transmissão religiosa? Ah, você falou que a mãe tinha fé mas enfim deixava vocês livres.

Beto: Hum, hum!

Norberto: E vocês com ela foi a mesma coisa? Ou vocês falaram: hoje tem culto, vamos lá?

Beto: Não, não!

Deda: Até às vezes eu, eu dou risada né, porque eu falo assim a minha mãe ela sempre falou assim: Filha! Nada é proibido só que nem tudo a gente precisa fazer! Né? Então ela sempre me ensinou: Olha! A doutrina é essa a gente não pode fazer isso, isso e isso! A gente pode fazer isso, isso e isso! Então ela sempre colocou, só que às vezes eu falava assim: Mãe! Eu vou em tal lugar! Ai ela nunca chegou pra mim não você não vai pra está fora, nunca, ela falava assim: ta bom filha, se você quiser eu te levo e quando tiver acabando eu te busco, ta bom! Só que chegava hora e eu falava: Ah! Não vou não! E eu não ia! Mas nunca minha mãe virou pra mim você ta proibida! Mas eu nunca fui pra baile eu nunca fui pra, pra festas de amigos, em danceterias, nunca, mas era uma coisa minha até uma amiga minha me chamou que ia ser aniversário dela de dezoito anos e ela falou vamos? Ia ser em São Bernardo numa danceteria né? Eu falei ah! Eu vou com você eu vou só te dar um abraço e volto né? Eu falei com minha mãe ai minha mãe falou: Não! Tudo bem! Eu te levo lá porque vai ser a noite eu te levo depois você me liga e eu te busco! I! Mais chegou na hora eu acabei nem indo, então ela nunca me proibiu acho que talvez se tivesse proibido eu tinha a curiosidade né de ir até lá pra ver o que é o que ela tanto proibia.

Nádia: Aqui a gente tem a seguinte filosofia, o mundo tá aí de porta aberta! Eles conhecem tudo, eles vivem no mundo né? Então o que, que a gente tem que colocar pra eles? Que lá no mundo tem muita ilusão né? Mas não tem o que é melhor é você poder contar na hora da necessidade com a luz

verdadeira que num vai te trai nunca, que é Jesus Cristo que é a família! Então a gente sempre falou pra eles: O melhor amigo que vocês tem é pai, mãe e irmãos, esses são os seus amigos verdadeiros! Esses não vão deixar você cair no buraco, não vão deixar você tropeçar em falso, não vão deixar nada, então a gente sempre coloca, olha! Nós escolhemos seguir a Deus por quê? Porque nós já fizemos isso, já fizemos aquilo e não encontramos alegria na alma que a gente encontra! Né? Então se vocês forem buscar lá fora vocês vão, só que vocês também vai chegar um momento de angústia e será que vai dar tempo de voltar? Né? Então a gente ta sempre colocando nesse sentido pra eles, porque, Jesus Cristo ele ama, ele ama o irmão mas também cobra né? Então quem já conheceu a palavra será que vai da tempo de ir lá fazer o que quiser e voltar? Né? E esse valor a gente coloca pra eles.

Beto: E como nós somos pais nós temos a obrigação de mostrar o caminho, né? Então pra nós no nosso entendimento tudo que nós sentimos e nós vimos que o certo caminho é a igreja, não é o mundo! Então nós temos que mostrar pra eles que são pequenos né (incompreensível) obrigação. Por exemplo, (incompreensível), jamais eu vou ta indo na Igreja e deixando de ir na casa de um amigo meu, não, ele vai me acompanhar porque ele é pequeno, então a obrigação é de estar com os pais! Então nós temos até, né? Igual eu falei, está estudando música, ele quis, ele começou estudar era novinho, parou, nós não obrigamos, passou quase dois anos né amor? Pai eu quero estudar de novo! Tá bom! Vai estudar! Então a gente não obriga nada, agora uma coisa que eu praticamente daí eu forço mesmo, e ele vai no culto de jovens de domingo é uma coisa dele! Quando ele crescer e ele não quiser seguir ai vai ser entre ele e Deus, mas pelo menos ele vai ter conhecimento da doutrina, da palavra, ter conhecimento do que é de seguir a Deus agora se ele escolher não servir e ficar no mundo, ai já não é ...

Norberto: Sim!

Beto: ...mais com nós, é entre ele e Deus, mas enquanto ele é novinho, nós temos obrigação, a mesma obrigação que nós temos de dar um estudo, dar uma roupa, nós temos obrigação de mostrar o caminho né? Agora quando crescer jamais eu jamais vou forçar: Você é obrigado a batizar! Não! De jeito nenhum! Ninguém é obrigado a batizar tanto é que ela batizou em 93, 94 né? Eu fui batizar em 2000 e jamais ela chegou ah! E você tem que batizar! Eu ia na igreja e quando eu senti que ia batizar eu fui, então nada é obrigado igual a mesma coisa, nós não obrigamos a nada agora nunca deixamos de ir (*incompreensível*) pelo contrário nos preocupamos quando ela se batizou! Né? Então é isso daí, a gente só mostra o caminho.

Deda: Eu acho que tudo que proíbe demais cria uma expectativa muito grande daquela proibição e se proíbe, porque proíbe? E tem muitos pais que às vezes, sempre falam assim você não pode! Ta proibindo e ponto! Não fala mais nisso. Só que não explica o porquê pode chegar lá pode ter drogas, bebidas, isso não faz, não faz bem, não tem um diálogo com o filho e ai a gente cria às vezes um adolescente revoltado porque ai é foi proibido, foi proibido, foi proibido, mas não teve o que foi proibido e quer ir buscar essa proibição e ai vai atrás aí entra na droga, entra na bebida e muitas vezes é falta de diálogo dos os pais de chegar e explicar aquela proibição né.

Beto: Infelizmente é assim! Então no mundo do jovem hoje, não vou dizer todos, né? Não vou dizer todos, mas é curtição deles, a maioria tem droga no meio, não vou dizer todos, porque muitos, não! Fica lá que são meninos decentes mas a maioria tem droga no meio é uma coisa que a gente não vê! Pode até acontecer um caso é lógico né? Não é profecia, mas você não vê no meio dos né? Da rapaziada que serve a Deus.

Nádia: Então, ele na escola ele faz tudo, ele faz judô, ele faz futsal.

Beto: Ele faz natação.

Nádia: Ele faz natação, então porque que a gente faz, concentra tudo na escola dele? Porque ali é um meio social culto então ali ele ta aprendendo o real da coisa, né ele ta aprendendo, a gente sempre fala pra ele, olha filho quem serve a Deus é bom que não vá e não leve vício pra profissão porque um jogador de futebol olha o nível que ele vai ter que viver! Então ali no meio que ele vai acabar sendo corrompido né? Seus valores vão acabar ficando um pouco de lado, então procura não

levar isso pra uma profissão, mas pra sua formação é importante, pra você ter conhecimento, pro seu físico é importante, pra sua mente é importante né? Então como ele não brinca na rua nem nada ele concentra tudo na escola, ele faz. Cada dia da semana ele pratica um esporte né, e a gente sempre diz pra ele, olha a verdade acima de qualquer coisa! Então morra pela verdade! Então graças a Deus aqui eu nunca tive problemas com eles escola, de mentira, de pegar nunca, nunca, nunca, nem de é falar que foi e não ir porque a gente leva na porta, busca na porta.

Beto: Essa aqui até ela fez um ano de faculdade e depois teve que parar até a faculdade dela eu levava e buscava!

Deda: Eu não pedi! Mas eu gosto! Rá, rá, rá, rá!

Nádia: Minha mãe tá levando agora.

Beto: É! Agora porque agora ela tá entrando um pouco mais cedo então agora minha esposa leva! Leva e aí você viu o que eu falei ela vai chegar né.

Norberto: Isso.

Beto: Ela tava na casa que ela veio com irmã Joice então fica na casa da mãe dela ali aí elas quando vêm ela já liga aí, que aí eu vou lá e pego ela lá ela nem vai nem volta de ônibus nenhum dia.

Deda: Por mim eles levava e buscava.

Norberto: (*incompreensível*).

Beto: Não, não! A mãe da Joice mora em Diadema.

Norberto: Ah tá!

Beto: Então a mãe da Joice fica com as criança da Joice, da irmã Joice, então quando ela vem a noite ela vem com a irmã Joice até a casa da mãe da irmã Joice porque a irmã Joice passa pra pegar a menina dela né, aí eu já vou lá e pego a minha filha. Então ela não vai de ônibus e nem volta de ônibus!

Norberto: Isto!

Beto: Né, então a gente tem esse costume, levanta mais cedo e leva no serviço ela tem o carro né, essa townner dela mas ela não quer ir dirigindo então a gente leva e tráz.

Risada geral.

Norberto: Ah, na casa das famílias dos irmãos e irmãs da Congregação é semelhante ou muitas vezes agem diferente do estilo de vocês?

Nádia: (*incompreensível*).

Norberto: é típico da família (*incompreensível*)?

Nádia: O tipo de diálogo que nós temos né?

Deda: Tem famílias que se encaixa no que eu te falei! Não pode, a gente conhece né mãe? Família que fala não pode e ponto né? Criança, a criança vive assim a gente não pode porque a gente vive num mundo que se você não tiver informação não vai adiante né? Você tem que tá ligado na política, tem que tá ligado nos acontecimentos do dia a dia, enchente, tudo, tudo é uma coisa que você tem que saber! E tem muitos pais que não passam isso, a gente conhece sim (*incompreensível*). Agora têm outros que pensam igual a nós.

Beto: O que acontece aqui muito é que tem pessoas que não nascem num lar cristão, nasce e não é cristão. Outro já nasce filho de crente já nasce sem TV em casa, cresce e casa e continua não comprando e tem a sua família! Então não vou comprar porque eu tenho seguimento nós não! Nós sempre tivemos em casa só que radicalmente? Não posso! Se um dia o Senhor me cobrar eu vou tirar! Até hoje o Senhor não cobrou o dia que cobrar você pode ter certeza eu vou ficar com meu Deus e sem televisão! Né? Mas até agora não nos avisou! Agora o que não pode é, por exemplo, ah, igual tem famílias que o esposo e esposa batizam e os filhos ficam em casa ah batizam tudo e ficam tudo dentro de casa, os filhos ficam tudo revoltado.

Nádia: Aí este tipo...

Beto: Aí ficam tudo revoltado, aí quando chega na casa dos vizinhos ficam tudo loco pra assistir e...

Nádia: E assiste no vizinho que é mais grave!

Beto: E assiste no vizinho que é mais grave!

Beto: Aí ficam aí do lado.

Nádia: Porque a educação do lado não é igual a sua.

Norberto: É! Porque o pai perde o controle daquilo que os filhos faz!

Beto: Perde o controle! Porque se ele fica aqui dentro de casa ele tá assistindo e eu tô vendo o que ele tá assistindo, não é? Ele tá jogando o joguinho dele, (*incompreensível*) que a gente fala pra ele que não gosta de joguinho violento, não gosto não! Aquele joguinho suave aqui a gente tá vendo o que ele tá jogando, o que ele tá assistindo, agora na casa do vizinho, o que ele está assistindo? Que filme que ele tá assistindo? Que jogo que ele tá jogando? O que ele tá conversando com os meninos ali? Entendeu? Então no caso meu não que eu condeno quem não tem a TV em casa né? Deixar bem claro isso aí mas cada um cada um. Mas na minha casa eu prefiro que ele assista na minha casa no que assista na casa dos vizinhos né? Então tem muito diferencial de família, crente no caso da congregação da nossa família pra outra! Então tem aqueles radical que as vezes cobra tanto num aparelho e esquece de outra coisa né? E já tem aqueles também que já é mais crente, aí eu sou crente na Congregação, mas se vai na casa dele é litro de uísque aberto que eles toma, é cervejada na geladeira, chega os amigo em casa eles levam uma vida normal como todo mundo! Ah! Vamos tomar cerveja e às vezes fica até meio de fogo! Então aqui em casa isso não acontece e tem muito, tem isso também né dentro da Congregação, pode ter certeza! Tem, então claro que tem, tem diferencial sim. Nem todos é como a gente...

Norberto: Quem são as pessoas mais importantes para vocês para você?

Beto: Mais importante? Bom!

Deda: Pra mim é meus pais.

Beto: Tirando...você fala pessoas? De carne e osso? Pra nós o mais importante é Deus! Claro ela falou: É os pais! Pra nós por quê? Porque eles não são casados! Nós somos casados! Pra nós as pessoas mais importantes pra nós são os nossos filhos, é a razão da gente viver. Porque tudo o que a gente faz é pra eles.

Toni: Pra mim é minha família.

Beto: Então tudo que a gente faz é pra eles, então a nossa família aqui nós quatro, são as coisas mais importante pra nós! Depois tem outros familiares que também são muito importantes. Mas nós aqui, é como se diz: é um só, então pra mim no meu ponto de vista é isso aqui, pra mim é essa aqui.

Nádia: (*incompreensível*)

Risada geral.

Nádia: Sou sua família!

Beto: Né filho?

Norberto: Vocês participam de outros grupos, associações, fora da congregação ou não?

Beto: Não, nenhuma!

Norberto: Participava antes de entrar na Congregação?

Beto: Ahã!

Norberto: Participava?

Beto: Ah, sim! Antes eu, antes eu era de entrar na congregação, eu já fui em candomblé, eu já fui né, já fui na Católica, já fui na Assembléia, já fui nesses crentes de canal, visitei um monte de coisa, ia lá não que eu era mas eu ia lá pra assistir e conheço muitas coisas.

Norberto: Tipo associações, tipo assim fora da religião? Outras associações? Qualquer coisa?

Deda: Associação do que?

Norberto: Ah, amigos de bairro ou outra coisa.

Nádia: Ah, ta.

Beto: Não isso não.

Nádia: De clube nós já ficamos sócios né?

Beto: (*incompreensível*). É mas nem participava né.

Nádia: Não sobrava horário.

Beto: Porque você vai nesses lugares às vezes tem muitas coisas, depravações, é muita.

Nádia: Nem era por isso, era mais por falta de tempo mesmo.

Beto: É falta de tempo né.

Nádia: Porque na praia a gente nunca sabe se tem gente de Deus.

Beto: Não, ele tá falando depois de crente.

Nádia: Ah, depois de crente.

Beto: É! Você ta perguntando isso né? Não é aqui não né?

Nádia: Antes e depois.

Beto: Não, antes a gente participava! Agora depois não! Agora como se diz, o nosso grupinho, a associação somos nós, *risos*.

Norberto: No dia a dia quais são as preocupações diárias de vocês, o que às vezes te preocupa no dia a dia?

Beto: Preocupação diária?

Deda: Eu vou falar que a preocupação diária é com ele!

Risada geral.

Norberto: Mas que o seu próprio futuro? Do serviço? É?

Deda: É! Acho que sim, não assim dele fazer bagunça do futuro dele, é ele.

Norberto: mais que teu próprio futuro, o serviço?

Deda: Mais. Muito mais!

Beto: Não! Disso você pode ter certeza que ela se preocupa muito mais com ele do que com ela mesma.

Deda: Pra mim é...

Beto: Pra nós que somos pais é as preocupações é tudo né, nós nos preocupamos com o dia-a-dia, por exemplo, hoje ta ótimo né? Nos preocupamos com o amanhã! É uma preocupação que muitos falam: Ah (*incompressível*) que o filho é pequeno ele dá preocupação o grande demais! Não é? Porque o pequeno ele ta aqui não que não faça coisa errada o grande, mas o pequeno da preocupação mas ta com nós, quando não esta, nós levamos ele na escola e vamos buscar, agora com ela não, eu levo ela no serviço, lá do serviço ela sai pra fazer serviço de banco, ela fazer outro serviço, vai de carro, então a preocupação é ela ta na rua então enquanto ela não ta dentro de casa a noite, igual por exemplo eu tenho costume passou nas seis horas a cada meia hora eu to perguntando Droteia onde 'cê ta? Ah pai eu to no escritório ainda! Ela até acostumou porque né, então no caso eu me preocupo muito com isso ai.

Nádia: É! Acho que nessa parte nós não somos iguais, eu não sou de ficar ligando, mas eu fico atenta né, preocupada e esperando que ela já sabe que eu não sou de ficar ligando mas eu to preocupada pensando, agora se ficar muito assim em pane e começar quando ta muito assim, ai eu ligo: Deda onde cê ta? Eu to no (*incompreensível*) ah então ta bom ai eu já fico sossegada, mas a gente tem essa, essa preocupação.

Deda: É! Eu tenho até com ela sai pra. ... Aonde eu vou, aonde eu vou eu tenho que ir com ele, então se eu viajar pelo menos, às vezes eu não trago nada pra mim, mas pra ele eu trago, a hora que começar as aulas a gente traz as coisas pra ele.

Risada Geral.

Deda: A gente sai né mãe? Às vezes a gente fala assim aí vamos comprar alguma roupa? Aí a gente sai, aí nossa mãe, às vezes a gente não compra nada pra gente e traz pra ele, ele se dá bem, *risos*.

Beto: Então eu tenho minha preocupação é ela mesmo porque é assim meu pai sempre pegava no pé da minha mãe direto às vezes ela sair, vai no mercado, as vezes eu amor onde se ta? eu sou de ligar mesmo, não que eu esteja olhando, não que eu esteja, é costume mesmo, eu gosto de estar em contato, tá em contato ligo pra outra ? Ta tudo bem? Ta! Então eu tenho esse costume sim.

Norberto: E o lazer de vocês?

Deda: Ah, meu hábito é pescar.

Norberto: Pescar?

Beto: É pescar, oh, eu amo chácara,

Toni: Chácara!

Beto: sítio, passear, amo, essa minha esposa é apaixonada por shopping! *Risos*.

Nádia: Ai eu gosto de chácara, gosto de pescar.

Beto: É nessa parte aí a gente se da bem! Nessa parte de lazer! Né? Vamos pescar? Nossa! Aí vai os quatro! Ai todo mundo gosta! Vamos pra uma chácara? Vamos!? Aí todo mundo gosta.

Nádia: Tomo mundo gosta.

Beto: nossa tomo mundo gosta vamos pra chácara? Ai tomo mundo gosta.

Nádia: Só o shopping que ele não gosta.

Beto: Só o shopping que eu não sou muito chegado, mas a gente faz companhia chega lá eu pego vou prum lado, elas vão ver vitrine, você sabe que mulher, é um bicho feio, né, mas a gente acompanha mesmo, agora quando eu to cansado que eu não quero aí eu falo: Hoje eu não! Porque se eu for eu vou acabar atrapalhando vamos embora, então atrapalha entendeu? Prefiro não ir, né, mas nós fazemos um lazer legal igual quando é dia de sábado a gente sai vamos almoçar fora, então.

Norberto: O sábado é para lazer mesmo?

Beto: Sábado é pra lazer mesmo, sábado é família prefiro tirar nem todo sábado da pra sair.

Deda: Tem sábado que a gente fica dentro de casa.

Beto: Tem sábado que a gente não sai de casa, tem dia de sábado que a gente não sai da porta de casa, fica em casa, faz uma pipoca, faz um bolo, faz um doce.

Nádia: Faz um pudim.

Beto: Faz um pudim

Nádia: Deita, dorme a tarde.

Beto: É tem ora que nós fica em casa

Norberto: Sempre junto?

Toni: Eu gosto de praticar esporte.

Beto: É praticar esporte, então a gente sempre ta junto, nosso lazer é esse aqui, ou dentro de casa ou fora de casa né mas...

Beto: ... né? Mas estamos sempre juntos!

Norberto: Se liga a televisão o que assiste? Que tipo de programa? Filme? O que assiste?

Beto: Eu gosto de assistir televisão!

Nádia: Jornalismo.

Beto: Esse daqui é desenho!

Nádia: Jornalismo, desenho e novela.

Beto: Jornalismo e uma novelinha! Rá, rá, rá, rá! E eu ainda, e eu ainda gosto de assistir um esportinho. Ta passando o jogo e eu gosto de assistir!

Norberto: Sim.

Beto: Fica torcendo! Pode qualquer um ganhar mas eu gosto do futebol! Eu gosto! E acho bonito! E futebol!

Nádia: E jornalismo! (*incompreensível*) jornal.

Nádia: Jornal eu só assisto de manhã quando eu acordo né?

Beto: E novela! Mas eu sou assim, não que aquilo me ligue, porque às vezes a gente liga a TV aqui não é que chama a atenção! Sim! A gente ta assistindo! Às vezes a gente ta assistindo tem que vir no sofá tudo e eu não sei o que passou, eu não sei entendeu? Então eu já vi que essas coisa assim, nada de negócio desses filmes que, é que chama atenção, é filme de violência, nós não gostamos de jeito nenhum.

Nádia: Filmes de fatos reais a gente gosta de assistir.

Beto: É! Filme de fatos reais a gente gosta de assistir!

Norberto: Sim! Novela de que canal?

Nádia: Record e Globo.

Beto: Ah! Eu acho que primeiro lugar é a Record né? Ré, ré. Mas é Record e Globo.

Nádia: (*incompreensível*).

Norberto: Acho que era mais isso. Agora só mais uma pergunta que tem que ser feito. É tipo idade?

Nádia: Sem problema!

Orador na identificado: Quarenta e nove.

Norberto: Vocês?

Beto: Nove.

Norbert: Nove!

Nádia: vinte e um.

Nádia: Quarenta e três. Não! Quarenta e quatro! Rá, rá, rá, rá.

Seu estado civil? Casados?

Nádia: Casados!

Norberto: Vocês solteiros?

Nádia: Solteiros.

Norberto: Isto! Você é o Beto e você é o?

Toni: Toni.

Norberto: Toni!

Deda: Deda.

Norberto: Deda!

Nádia: Nádia.

Norberto: Nádia! Aqui na casa moram na casa quatro pessoas?

Nádia: Quatro pessoas!

Norberto: E quantos cômodos têm?

Beto: São três dormitórios, sala, cozinha banheiro, lavanderia e área.

Toni: Oito!

Norberto: Filhos dois? Uma menina e um menino?

Beto: Isso!

Norberto: Você é o pai. Bom! É muito simples. A escolaridade sua?

Beto: Eu? Eu tenho o grau primário só!

Norberto: Você está estudando ainda né? Esta no terceiro agora?

Beto: Ta na quinta agora.

Norberto: Quinta já? Com nove anos? Na quinta seria a quarta né?

Nádia: É! É que mudou agora! Vai até o nono ano. É quinto ano quarta série!

Norberto: Ah ta!

Beto: É! Quinto ano quarta série!

Deda: Eu fiz um ano de faculdade e tranquei, só isso. Faculdade incompleto.

Norberto: Estudou em qual faculdade?

Nádia: Metodista.

Beto: É! Faculdade... qual o....

Nádia: Fisioterapia!

Norberto: Ah! Fisioterapia! Aí não é Rudge Ramos né?

Deda: Rudge Ramos!

Norberto: É? Tem fisioterapia lá?

Deda: Tem! Na parte do lado do edifício Capa.

Norberto: Estou no Capa mesmo!

Toni: Onde que é?

Deda: Fica no...

Norberto: O edifício Capa fica ao lado da Anchieta!

Deda: É do, é do...

Norberto: Onde tem a piscina ali!

Deda: Tem a piscina dentro da clínica! O edifício ta aqui, é bem na portaria!

Norberto: Ah!

Nádia: Não tem a área do aluno?

Norberto: Atendimento do aluno.

Nádia: Atendimento do aluno.

Norberto: Isto!

Nádia: Aquela parte do lado é o atendimento! Aquele edifício. É que eu esqueci o nome edifício que é.

Norberto: E o seu?

Beto: Primeiro grau.

Norberto: Profissão?

Beto: Eu? É departamento comercial. De vendas.

Nádia: Assistente de RH.

Norberto: É? Recursos humanos?

Nádia: Recursos humanos!

Nádia: Professora.

Norberto: A renda familiar em salários mínimos mais ou menos? Aí dá três rendas. A sua, a sua e a sua né?

Beto: É!

Norberto: Como é? Cada um fica o seu dinheiro ou vocês colocam em comum?

Nádia: Não!

Beto: Não!

Deda: Hoje eu tenho uma dívida que eu tenho que cobrir e não vou dar a outra. Mãe olha! Aquilo que eu não conseguir cobrir tem como a senhora cobrir pra mim? Mês que vem a gente repõe! Aí mês que vem eu vou pego uma conta daquelas que era do valor da minha e cubro. Ela cobre a minha e eu cubro a dela. Assim! Sem problemas.

Beto: Se vai fazer ou comprar alguma coisa pra casa, se eu tenho, eu vou e compro, se ela tem ela compra, ela vai e compra. Não tem vai comprar B, comprar E e ninguém compra.

Deda: A minha parte (*incompreensível*) eles né, que é comprar bolacha doce, sucrilhos, aquelas coisas mais besteira pra criança! A minha parte.

Beto: A minha parte, minha parte ficam mais com escolas deles, estudos né? Contas de casa! E ela fica mais com a parte de despesas, misturas, ré,ré,ré. É isso aí! A gente divide bem!

Norberto: Ótimo! É porque eu acho que talvez o Ubirajara vá me levar lá perto da, da Congregação e lá parece que tem umas, um, uma comunidade meio precária lá perto! Onde mora aquele que tava sentado atrás de mim com quem conversei um pouco quando estava saindo! Ubirajara é o nome dele.

Beto: Ah! Sei quem é! Eu sei quem é! Eu vi ele conversando lá com o Senhor.

Norberto: E lá de perto parece que tem uma área um pouco, que tem certa precariedade.

Nádia: Ali tem!

Norberto: Falta água até encanada alguma coisa assim não é?

Beto: Tem, tem! Tem ali no meio daquele, ali umas chácaras que tem ali e que tem uns lugares ali feios de ver né?

Nádia: Horrível!

Norberto: A minha impressão é que o Estado no fundo não quer que as pessoas morem lá! porque é manancial também.

Beto: É manancial não é? É manancial!

Norberto: Então eles querem que ninguém, porque senão depois tem cem duzentos, quinhentos pessoas morando lá.

Beto: É!

Norberto: E vai desmatar tudo também! E aí é o cinturão verde e acho o Estado não faz nada. No fundo quer que o pessoal saia de lá. É um pouco minha intuição.

Beto: Pelo menos pra que eles não saiam e até mesmo que não aumente não é...

Nádia: É isso mesmo!

Beto: ...a população! E se começar a fazer alguma coisa, começar a colocar um asfalto, colocar uma luz, colocar uma água encanada e um esgoto. Aquilo vai aumentar! Todo mundo vai querer aquilo.

Norberto: Até pra, essa água é propositadamente desagradável!

Beto: Exatamente! É! Eles fazem isso pra não agradar porque hoje nós temos pouco verde né? E se começar a desmatar o que tem pelo amor de Deus! Aí já, né?

Norberto: È o que eu acho também! É da minha impressão um pouco! Só que tem famílias que com isso estão sofrendo com isso pelo jeito! Realmente!

Beto: Sim! Sim! Tem pessoas ali que não tem conforto nenhum né?

Norberto: E eles ainda vêm à Congregação Cristã, alguns deles não é?

Beto: Vêm muitos aqui! Vem bastante aqui!

Norberto: O que eu estranhei, pelo tamanho do terreno e da casa de oração, pelo relatório ela não é imóvel próprio!

Beto: O quê? A Congregação?

Norberto: É!

Beto: É imóvel próprio!

Norberto: Mas não consta IP. Quando é imóvel próprio é IP.

Beto: Ela não consta? O Jandaia?

Norberto: Quando e imóvel próprio está escrito IP. O imóvel da Transilvânia está escrito IP.

Nádia: Aquela, aquela, aquela, é que é assim, não foi desmembrado ainda.

Norberto: Ah! Tem que desmembrar!

Nádia: Não foi desmembrado. Então naquele terreno foi uma doação. Então ainda não foi desmembrado. É, o terreno do lado da Congregação com a parte do proprietário! Entendeu?

Norberto: Ah sim!

Deda: E outra coisa! Tem que ser tudo feito assim porque um exemplo, o proprietário que doou, é hoje eu te doe só que amanhã, eu vou falecer....

Norberto: Não colocou por escrito e os filhos não querem saber e ...

Deda: Então tem que ter um recibo, tem que ter um recibo de compra e venda nem que seja de um real!

Beto: Não! Não! Mas está tudo escrito!

Nádia: (*incompreensível*) o pra...

Beto: Não! Mas tá tudo escrito, na, na documentação o proprietário não tem direito a nada.

Nádia: Não! Inclusive agora o proprietário já, já tá vendendo já pra desmembrar. O IPT, o IPTU é muito caro né? Pra ele ali!

Norberto: Eu pensei, um imóvel desse tamanho não ser próprio.

Nádia: Não! É! próprio!

Beto: Não! Ele é próprio! Foi doação e a pessoa que doou a pessoa tanto comprou o terreno como construiu a Congregação. Teve ajudas, lógico, assim né? Porque tá construindo as pessoas uns dá mão de obra, outros dá material, mas ele que fez a maior parte. Né? Mas quando terminou de fazer já foi lá e já passou a doação pra Congregação. Então a documentação está toda em ordem e só não foi desmembrado ainda pra acertar, mas ali é da Congregação.

Nádia: Porque quando foi ver pra desmembrar, a Prefeitura não queria aceitar um templo religioso ali! E é até perfeito né?

Nádia: Isso! Não queria aceitar! Daí o advogado entrou e tudo então agora me parece que já está sendo resolvido porque já que tá querendo desmembrar né? Pra facilitar e pra favorecer gastos, custos com o IPTU com um monte de coisa né? Então agora me parece que a causa está praticamente terminada já e vai fazer a desmembração.

Norberto: Foi idéia da Congregação ter uma Igreja lá? Ou foi idéia do doador?

Nádia: Do doador!

Beto: Do doador!

Norberto: Foi idéia dele! E a Congregação aceitou.

Nádia: Sim!

Beto: Isso!

Norberto: É né?

Beto: É! Foi idéia do doador!

Norberto: Quando já tinha aquele grupinho do condomínio?

Beto: Tinha aquele grupinho no condomínio, tinha, aquele grupo cresceu, aí a pessoa sentiu de doar aquilo ali e fazer a igreja. Aí foi conversar e pedir autorização e eles consentiram lá o local e tal né? E aí foi onde começou (*incompreensível*).

Norberto: Vocês são migrantes ou não? Os pais? Vocês já nasceram aqui mesmo né? Os dois?

Beto: É! Eu da família do meu pai só o meu pai nasceu no Brasil e os irmãos dele eram tudo italianos.

Nádia: Espanhol!

Beto: Espanhol! Perdão! É da família da minha mãe é que são italianos.

Norberto: Da sua mãe é que são italianos?

Beto: Minha mãe é! Da família da minha mãe é italiana.

Norberto: Da família da mãe já tinha gente da Congregação? Até dos tempos italianos ou não? Você não sabe?

Beto: Não! Que eu me lembre da minha família não tem ninguém da Congregação! A não ser que o meu irmão que (*incompreensível*).

Norberto: Que ela nasceu como Igreja de italianos aqui no Brasil não é? A Congregação!

Nádia: É! Foi! Foi!

Beto: Isso! Isso! Isso! Mas na minha família não tem não. Não. Eu não tenho nada assim, a minha ida pra Congregação não tem nada a ver dos meus familiares.

Norberto: Sim!

Beto: Esse são os familiares da minha esposa!

Nádia: A família dele é tudo extremamente católico!

Beto: É!

Nádia: tem um tio que é da Adventista.

Beto: Não, não! Sim! Mas nada que me levasse à crer, quem me levou a Congregação foi a família da minha esposa.

Nádia: É!

Norberto: Isso!

Beto: Então assim, não tem nada a ver com a minha família.

Norberto: E você é...?

Nádia: A minha é de portugueses com italiano também, e tem, tem, tem africano aqui no meio, então...

Norberto: (*incompreensível*) do Brasil. Você nasceu em São Paulo?

Nádia: Nasci! Em São Paulo. São Paulo.

Norberto: E os seus pais também? Já moravam aqui em São Paulo?

Nádia: Já!

Beto: E eu sou do Paraná!

Norberto: Do Paraná?

Beto: É! Eu, minha família é realmente uma mistura né? A minha mãe é italiana e os familiares dela, o meu pai é espanhol, o meu pai é paulista a minha mãe é mineira e eu sou paranaense. Ré, ré, ré, ré, ré!

Risada geral.

Norberto: Então migraram bastante né? Então migraram bastante né? Onde o pai e a mãe de conheceram? Aqui em São Paulo?

Beto: É na região de Guarantã.

Norberto: Onde fica isso?

Beto: Guarantã fica ali perto de Bauru e daquelas regiões ali.

Norberto: No Estão de São Paulo?

Beto: No Estado de São Paulo! Foi ali eles se conheceram, igual se casaram naquela região ali de Guarantã! Na região Mogiana que fala.

Norberto: Sim!

Nádia: A mãezinha minha nasceu na Bahia!

Norberto: A mãe nasceu na Bahia?

Nádia: Hum, hum! E meu pai nasceu na região de...

Toni: Fernandópolis?

Nádia: ...próximo de Araçatuba ali.

Beto: É!

Norberto: E a mãe da Bahia já veio logo pra cá ou fez uma (incompreensível);

Nádia: Três anos pra vir! Três anos!

Norberto: São três anos?

Nádia: Três anos!

Beto: Uma vez lá...

Nádia: Foram pra Mirandópolis.

Beto: Foi pra Mirandópolis, estado de São Paulo! Lá que eles se casaram.

Nádia: Aí eles lá em Mirandópolis eles se conheceram e se casaram e de Mirandópolis vieram pra cá.

Norberto: E onde ela conheceu a Congregação?

Nádia: Em Mirandópolis!

Beto: Mirandópolis! Estado de São Paulo.

Norberto: Ah ta!

Nádia: Ela é a minha bisavó!

Norberto: Sim.

Nádia: Se conheceram lá! Se batizaram lá.

Norberto: Isto! Religião dos familiares? A maioria da sua família é católica?

Beto: A maioria é católica! É!

Nádia: Evangélica a minha!

Norberto: Da sua?

Nádia: A maioria é evangélica.

Norberto: Ela era católica depois se tornou evangélica?

Beto: É!

Nádia: Exatamente!

Norberto: Isto! Então é isso! E

Risada geral.

Beto: Não sei se conseguimos ajudá-los mas! Muito bom! Muito bom! Não é? O que nós falamos aqui foi a pura verdade! Ré, ré, ré, ré, ré.

Norberto: É! O importante não é tanto a, a própria doutrina da Congregação mas como vivem! Né? Como vivem!

Beto: Vivem! Então mais uma vez eu declarando vivemos bem!

Norberto: Sim!

Beto: Porque o viver bem nem sempre é dinheiro no bolso! É paz e é harmonia! Né?

Norberto: E a família unida como vocês é meio difícil de achar, talvez até mesmo dentro da Congregação Cristã! Não é fácil achar uma família assim...

Beto: Sim! É em casa já aconteceu muitos casos de vir aqui pessoas aqui em casa e (*incompreensível*) chegar e olhar pra ela e depois quando sair chegar e falar assim olha: Eu senti uma comunhão e uma paz muito grande na casa de vocês! Então isso nos alegra muito! Então não que, não que nós perguntamos o que é que você sentiu dentro de casa, mas (*incompreensível*) do nada e falou assim: Olha: Eu senti uma paz muito grande dentro da casa de vocês. Então isso pra nós é importante!

Norberto: Sim!

Beto: A pessoa entrar na nossa casa e se sentir bem! Sentir paz!

Norberto: Isso com certeza é o caso.

Beto: Então isso daí pra nós é o que nós rezamos muito a isso. O material nós precisamos? Precisamos! Né? O que nós temos dá pra nós viver bem graças a Deus uma vida de pobre. Né? Se o Senhor de mais? Bondade dele! Mas desde quando ele dê e preservando a nossa parte, nossa união!

Norberto: Sim!

Beto: Se for pra atrapalhar eu prefiro não ter! Ré, ré, ré, ré.

Norberto: Rá, rá, rá, rá, rá. Muito bom!

Beto: É!

Norberto: É isso mesmo! Eu acho que o material tem que ter, mas não pode, não pode dominar a vida da gente. Porque a vida é

Beto: Tem muita gente que tem tanto material, tanto material e são tão infeliz!

Norberto: E assim como material, a partir de um certo nível acho que não faz mais bem para a pessoa!

Beto: Já não faz!

Norberto: Normalmente se a pessoa é muito, sei lá, um espírito muito forte...

Beto: É! Se a pessoa for pobre...

Norberto: ...ao invés de ajudar atrapalha!

Nádia: É!

Beto: É! Se a pessoa for pobre de espírito o material atrapalha tudo! Né? Porque as pessoas que tem uma visão diferencial, por exemplo, hoje eu tenho certeza que por mais que o Senhor nos dê o material vai só nos fortalecer! Pra poder estender a mão pra outros que precisam também! Né? Que o pouquinho que a gente tem a gente já procura!

Norberto: Sim.

Beto: Então, mais é, mas tem pessoas que se o Senhor der um pouquinho material. Nossa! Tchau e benção da parte espiritual!

Norberto: Sim!

Beto: Que ele acha que material já é pra curtir a vida, já... aí acontece muitos casos a minha esposa já ta velha, a minha esposa já ta feia, a minha esposa... entendeu? Então....

Nádia: A mulher ta gorda! Rá, rá, rá!

Beto: ...a mulher ta gorda! Ou a esposa também já ta de cabelo branco e fica ...ré, ré, ré, ré. Então acontece muito isso! tem pessoas que realmente não está preparada. Né? Então é o que eu falo. Primeiro né? O que o Senhor der vai ser muito bem vindo desde que (*incompreensível*) mantém a nossa união e a nossa paz! Né? Que isso é o principal! A coisa mais gostosa é você deitar no travesseiro sabendo que ta tudo em paz dentro de casa!

(Pausa)

Norberto: Muito bom!

Risada geral.

Norberto: Em que ano vocês casaram? Quando foi?

Beto: Nós casamos em oitenta e cinco.

Norberto: Oitenta e cinco?

Beto: É! Nós casamos em oitenta e cinco. Ela nasceu em oitenta e sete e este daqui nasceu em noventa e nove.

Nádia: Com uma pequena diferença!

Risada geral.

Beto: Oitenta e cinco né amor?

Nádia: É! Já vai pra vinte e quatro, ou vinte...

Beto: Vinte a três anos. Fez vinte e três né? Em novembro de, do ano passado fez vinte e três anos de casado!

Oradora não identificado: (*incompreensível*) né:

Beto: É!

Norberto: A sua vida não mudou muito a partir do momento em que ele se batizou? Ele, ou mudou muito? Como. Tipo antes ele às vezes fazia coisas que irritavam você?

Nádia: Sim!

Norberto: Mudou?

Nádia: Mudou! E foi somente a cerveja né? Eu até ia falar! Nossa! Meu Deus!

Beto: Eu gostava de cerveja e ela odiava.

Nádia: Me dava pavor de quando ele vinha sabe? Próximo a mim assim e aquele cheiro de cerveja! Eu dizia: Meu Deus até quando? Né? Mas nunca falei, nunca briguei! E aí o Senhor foi tomando os caminhos, tomando os caminhos, até que o Senhor libertou ele da cerveja.

Norberto: Sim!

Nádia: Né? Mas é, só assim, ele nunca foi de sair de casa e deixar a gente em casa! Mesmo quando não era batizado nunca foi de...nós sempre fomos unidos mesmo!

Beto: É! É! A gente era de sair muito! (*incompreensível*) nossa ia procurar nós não tava! Tava pra não sei pra onde! Mas sempre nós juntos!

Norberto: Isto!

Beto: Ela nasceu já estava, quando eu a via (*incompreensível*) com ele no colo!

Nádia: É!

Beto: Passava a noitada com nós e no nosso colo, então sempre foi presente!

Norberto: Sim!

Beto: Então a gente tentou isso aí muito mas depois que eu casei, falar ah, porque o Toninho saiu essa noite com um amigo e foi lá pro barzinho pra chegar dez, onze horas da noite sozinho? Mentira! Eu nunca fiz isso! Fazer assim, ah eu sai e deixei a minha esposa em casa e fui tomar cerveja com os amigos e chegar tarde. Não! Não!

Deda: É difícil porque da família do meu pai o pessoal já é mais desunido.

Beto: É!

Deda: A família do meu pai! Já a da minha mãe a família já é mais unida! Então a família é aquela assim, se tem um doente, né? A gente vai lá! Mesmo se a gente não tiver condições a gente vai lá! A gente visita, a gente conversa e vem embora. Se ele puder, que nem esse meu tio, o meu tio que faleceu, que o Senhor recolheu, ele era assim, você podia estar doente ele era o primeiro a chegar na sua casa e visitar! Ele era a primeira visita! E sempre o último a ir embora!

Norberto: Sim.

Deda: E se era uma festa ele era o primeiro a chegar e o último a ir embora! Então a (*incompreensível*) família sempre foi muito assim. A do meu pai já é mais desunida! Não é? Então,

ele, ele, ele, da família dele eu acho que é o que mais puxou pra ele porque era ele e o meu outro tio irmão dele também que faleceu. Mas o resto não é muito assim.

Beto: É! Tem um diferencial grande os meus irmãos mesmo. Porque eu sou uma pessoa aqui em casa a gente não tem esse negócio de diferencial! Aqui eu tou aqui, se ela não ta em casa eu chego mais cedo, se eu tiver aqui eu preparo a janta eu faço tudo! Tem uma louça pra lavar eu lavo a louça! Aqui nós somos assim né? Não tem esse negócio! Inclusive eu era muito criticado até pelos meus irmãos! Pô! Você chega em casa e você vai lavar louça? Vou! Porque não? O que é que tem eu chegar na pia e lavar a louça pra minha esposa?

Norberto: Sim.

Beto: Não é? O que é que eu tenho se ela chega em casa, igual ela dá aula e chega cinco horas, às vezes eu sou, eu trabalho no departamento de vendas e antes das cinco eu tou em casa. Então quando ela chega da escola a gente (*incompreensível*) já ta tudo né! Eu tenho o costume! É aquele negócio, eu levanto de manhã, quando ela levanta eu já fui na padaria buscar pãozinho, comprar o leite, entendeu? Outro costume que nós temos em casa. Ela já é mais tranquila, mas, por exemplo, eu e minha esposa, se a gente for tomar um cafezinho é sentado na mesa nós dois juntos.

Deda: Ah eu... essa parte já...

Beto: (*incompreensível*) de água fria aqui mas nós se for tomar, ah! Vamos comer uma bolachinha? Você pode ter certeza! Nós vamos botar a toalha na mesa e sentamos na mesa...

Deda: Ele briga com a gente né? Mas é um costume que eu não tenho! Até os meus avós vem aqui e eles fala, então ah vem pra cá!

Beto: ...então nós temos esse costume! Nós...

Deda: Qualquer casa que eu vou é, outro dia perguntaram: O que é que você tem contra a mesa? Eu falei: Ah! Eu não sei! Eu só não sento nela! Eu quero ficar perto do sofá!

Beto: Eu e minha esposa nós temos o costume, nós tamo em casa nós vamos, vamos jantar, almoçar? Nós vamos preparar e (*incompreensível*). Vamos tomar um cafezinho? A gente senta na mesa! Não tem esse negócio de ser ah, um pega e vai pro quarto o outro vai pra sala. Então já viu!

Nádia: É! E não tem essa eu vou comer agora e o outro vai comer depois! Não! O almoço é servido nesse horário!

Beto: Nesse horário!

Nádia: Ó! O almoço está pronto! Todo mundo vai comer naquele horário!

Norberto: Isto!

Nádia: O jantar está pronto! Todo mundo vai jantar aqui naquele horário!

Beto: Se eu tou na rua que...

Nádia: Só se estiver trabalhando entendeu?

Norberto: Mas a família não?

Nádia: É! É!

Beto: Se eu tou na rua, às vezes eu tou, igual ontem mesmo, às vezes eu tinha ido pro interior né? Aí eu já liguei! Pode almoçar que eu não vou chegar a tempo! (*incompreensível*) mas aí ela ta sabendo que eu ia almoçar que eu estou aqui e tou esperando.

Norberto: Isto!

Nádia: É!

Beto: (*incompreensível*). muito grande.

Norberto: Muito bom! A gente já ta...é quase meia noite né?

Risada geral!

Dados a respeito dos entrevistados

Nome	Beto	Nádia	Deda e Toni
Idade	49 anos	44 anos	21 e 9 anos
Estado civil	Casados		Solteiros
Moram na casa	4		
Cômodos na casa	3 dormitórios, sala, cozinha, banheiro, lavanderia, área		
Material const	Alvenaria		
Vulnerab bairro	Baixa		
Quantos filhos e seu gênero	2 (1 homem e uma mulher)		-
Posição na família	Chefe de família; pai	Esposa do chefe de família; mãe	Filhos
Escolaridade	1º grau comp	2º grau comp	Gradua. inic e 4ª série
Profissão	Depart comercial de vendas	Professora	Assistente de RH
Renda fam em sal min (aprox.)	Acima de 6 sal min		
Renda p/capita	Acima de 1,5 sal min		
Migrante?	Sim	Não	Não
Se for, de onde?	Paraná	-	-
Se for, quando migrou?	-	-	-
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	Mãe mineira	Mãe baiana	Neta de imigrantes (lado pai)
Religião do(a)s familiares)	Católica	Congregação Cristã	Congregação Cristã

Entrevista com Odair

A entrevista com Odair foi realizada no dia 7 de outubro de 2008 (3ª f) à noite na sua sala de trabalho. No início, sua esposa Helena estava presente e participou da conversa; após +- meia hora ela saiu, porque o filho pequeno estava com dor no ouvido e chorando.- Nesta sala há vários computadores, e quando entrei, Odair estava consertando um. Os dois filhos estavam brincando em dois outros computadores. No início, Helena ficou no outro canto da sala, mas logo se juntou a nós. A entrevista durou aproximadamente 1h55min.

Odair: Vamos fazer o seguinte? Eu acho que seria melhor...

Norberto: Ou quem sabe noutro dia, em outro lugar ?

Odair: Não porque eu acho que seria, seria assim que seria de certa forma interessante, que já que vai fazer entrevista, vai gravar, é que nós orássemos a Deus antes, né? Porque podem vir perguntas que a gente não sabe responder, né?

Norberto: Se (*incompreensível*) perguntas que não quiser responder você diga olha, eu não quero responder!

Odair: Não mas (*incompreensível*).

Norberto: A sua trajetória pessoal. Como você conheceu. Não é tanto sobre conhecimento sobre...

Odair: (*incompreensível*) nós fazemos hoje uma entrevista e outro dia nós continuamos.

Norberto: Pode ser!

Odair: Mas primeiro vocês poderiam falar com minha sogra e tal, né?

Norberto: Sim, sim.

Odair: Por que a história dela vai ser muito mais interessante pra você do que a minha, né?

Norberto: É? Vamos ver!

Odair: Porque ela já veio de outra religião, e tudo, né.

Norberto: Sim.

Odair: E ela teve muitas coisas que foram muito interessantes, não é por que... ela não foi evangelizada. Não teve nenhum irmão propriamente que, com relação, que chegou lá forçar ela e ensinar o caminho da igreja. Mesmo sendo ministra de eucaristia, é, chefe de como é que se fala, dirigente de grupo (*incompreensível*) carismática. Foi sempre um ganho. Foi ela sozinha e as revelações da (*incompreensível*), que ela chegou até a congregação. Sem nada, sem ninguém.

Norberto: Houve duas revelações no fundo?

Odair: Isso!

Norberto: Seria muito interessante conversar com ela.

Odair: Então na época ela tava muito com andor, ela carregava imagem e tal, o que é que ela sentiu na hora da conversão. O que ela, qual foi, como se descreveu pra ela. A história dela é bem mais interessante, a entrevista com ela, eu acho que é bem mais interessante que a minha porque eu já nasci dentro da igreja, acaba, que nem fui criado dentro dos moldes, dentro dos padrões.

Norberto: Então, se você não se importa, você vai ter que assinar aqui. A faculdade pede isso um pouco. Eu (*incompreensível*) declaro que eu o objetivo desta pesquisa é declarar a aprovação (*incompreensível*) religiosas. Desenvolvido pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Comunicação, da Universidade Metodista. Declaro que venho a conhecer que a pesquisa tem por objetivo estudar práticas religiosas. (*incompreensível*) de São Bernardo do Campo e, para tanto, serão feitas entrevistas com perguntas simples de fácil domínio, Sem que (*incompreensível*) quaisquer dúvidas antes e durante a pesquisa. Declaro também que estar ciente de que posso, a

qualquer momento retirar meu consentimento, sem qualquer penalização ou prejuízo. De repente você diz, ah eu não gostei daquilo, não quero participar, você me fala. Daí isso é um direito seu.

Odair: Claro que é

Norberto: (*incompreensível*) da minha responsabilidade ou risco da minha pessoa. Tendo sido assegurado a minha privacidade e o sigilo quanto aos dados confidenciais e (*incompreensível*). São salvaguardados. Isso é importante São direitos seus. Dentro dos limites outorga à Universidade Metodista, informações coletadas (*incompreensível*) segundo as normas vigentes. Dessa forma que foi aquilo que falado antes. Eu não vou falar seu nome lá, na frente. Qualquer letra. O importante neste tipo de pesquisa é que a pessoa seja reservada. Isto é importante

Odair: Hum, entendi. Acho que seria legal, pelo que tô entendendo aqui, seria bom que fossem realmente, em casa, tranquilo. Que nós orássemos a Deus antes, buscássemos a Deus para que ele desse uma luz, uma guia. Pra que, não somente ela seja proveitosa a você, mas pelo que to vendo aqui, ela tem que ser proveitosa a você e as pessoas que vão ouvir.

Norberto: Sim.

Odair: Entendeu? Eu digo assim, ó: algumas partes ou alguns trechos que podem ser eventualmente, falados, publicados, sei lá, em sala de aula, ou até mesmo uma mesa reunião com os professores que querem saber realmente, mas vamos ouvir a fala pra ver se é realmente isso ele disse. Se isso confere com tudo que foi colocado aqui. A gente pode até fazer assim: a gente faz uma prévia, responde todas as perguntas e, vamos dizer assim: e aí, as respostas que cê vai, pode obter hoje, agora, aqui, possam ser somente do ponto de vista do Odair.

Norberto: É mais ou menos por aí. É mais para captar o que cada membro da Congregação vive, um pouco. Não é para ter agregado, é, você vai ver! É mais coisa pessoal (*incompreensível*)

Norberto: Pode ser?

Odair: Fica assim, qualquer coisa depois nós complementamos

Norberto: Isso

Odair: Porque daí eu gostaria que você viesse uma outra vez para que nós fizéssemos a...um negócio mais certinho. No meu ponto de vista.

Norberto: Sim. Sim. Sim. Inclusive hoje eu não sei se vai dar para (*incompreensível*) falar assim agora já tá cansado e aí a gente interrompe uma hora.

Odair: Não, não, tudo bem. Até, eu gostaria que nós orássemos a Deus pra, até pedir a Deus que desse uma ajuda e tal porque a coisa tem que ser proveitosa, tanto pra mim quanto pra você, quanto pras pessoas que ouvem. Então, talvez no meu ponto de vista, ou o que que eu acho, entendeu? Mas se você já esta, vamos dizer, depois de uma oração, você busca uma via de Deus. Em cima disso daí você pode ter respostas muito mais úteis do que aquelas que é o meu ponto de vista.

Norberto: Sim

Odair: Não sei você concorda comigo.

Norberto: Pode ser assim.

Odair: Você pode ter respostas bem mais úteis e mais concretas né? Com a oração ela é. E você já sabe, né, política, (*incompreensível*) nada disso. Tudo e qualquer coisa que possa falar pra você, sou eu que estou falando, não é a congregação.

Norberto: Sim

Odair: Pode ser que a Congregação pense completamente diferente daquilo que é o meu ponto de vista. O que eu posso falar pra você é aquilo que eu aprendi, que eu acredite que seja o certo.

Norberto: Mas é legal. Então vamos lá.

Norberto: Então quanto tempo você está na Congregação?

Odair: Eu nasci na Congregação. Sou filho de pais crentes e (*incompreensível*)

Norberto: E os dois eram da Congregação?

Odair: Não, o meu pai era de Congregação. Minha mãe era umbandista.

Norberto: Ah, sim. Os dois conviviam bem?

Odair: Não, os dois, eu não sei bem, porque os dois só se conheceram depois que a minha mãe ficou evangélica, né.

Norberto: Ah, sim.

Odair: Aí foi quando começou né.

Norberto: O pai já era evangélico e a mãe se tornou depois?

Odair: Isso.

Norberto: Muitas vezes a história é o contrário, que a mulher é a primeira e depois elas levam o homem junto.

Odair: É porque os dois eram solteiros ainda, né. Então, quando minha mãe foi ... Aí, chamou na data (*incompreensível*) ela era solteira. Aí, lá na igreja, foi quando ela conheceu o meu pai. Na igreja ela conheceu o meu pai.

Norberto: Ah, sim. E você lembra quando você era criança? Como você aprendeu as coisas da Congregação? Era mais dentro do culto, dentro da casa de oração, ou seja, em casa, cada um? Oravam juntos? Falavam sobre fé? (*incompreensível*)?

Odair: Não, nós aprendemos muito mais na igreja. Apesar que em casa nós orávamos a Deus, cantávamos os hinos, mesmo com os meus amigos. Eu quando era criança, nós brincávamos nossos irmãos de culto (*incompreensível*). Então cada um como criança buscava o, sei lá, um queria ser (*incompreensível*) Cada um queria ser uma coisa, outro músico, quando nós fomos crianças nós brincávamos de culto né?

Norberto: Sim.

Odair: Brincávamos de culto!

Norberto: Bonito! E os seus irmão também são da Congregação?

Odair: São. Todos são. A família inteira.

Norberto: Você nasceu aqui em São Paulo?

Odair: Nasci, nasci em São Bernardo. Sou São Bernardense. Sou daqui mesmo.

Norberto: Aqui é Diadema ou São Bernardo? Aqui é Diadema ainda né?

Odair: Aqui é Diadema.

Norberto: Tem um momento que você diz que você se converteu? Algum momento em que houve um empurrão mais forte pra dentro da Congregação ou você diz: não, isso cresceu junto comigo e eu cresci também dentro da Congregação?

Odair: Eu acredito que teve um momento de empurrão mais forte. Que foi pelos sete anos, a mocidade, né, como se fala. Então a gente fica meio assim, a gente sabe que sabe de tudo né? Aí, nesta ocasião, eu tive um grande empurrão da parte de Deus mesmo.

Norberto: Você tinha quantos anos, mais ou menos?

Odair: Ah, eu tinha uns quatorze, quinze anos.

Norberto: E você batizou?

Odair: Aos doze

Norberto: Você já tocava instrumento?

Odair: Não. Não tocava.

Norberto: Você começou a tocar instrumento a partir de

Odair: Ah, ali pelos sete anos. Nem lembro quando.

Norberto: O pai tocava instrumento?

Odair: Não. Nem meu pai, nem minha mãe, nunca aprenderam música.

Norberto: E eles eram membros comuns, o pai era porteiro ou colaborador?

Odair: Não, membros comuns

Norberto: Aqui em São Bernardo?

Odair: Aqui em São Bernardo.

Norberto: Em qual casa de oração?

Odair: Ah, meus pais passaram por diversas, né. Nós chamamos de Comum Congregação, né. Desde a Central de São Bernardo, a do Parque Neide, de Piraporinha, de Diadema, a da divisa de São Bernardo, é uma rua só que divide.

Norberto: E quando que alguém muda de conduta?

Odair: No momento, foi a mudança, né? Na época, minha mãe morava de aluguel. Então, conforme vai mudando, você vai mudando pra igreja mais próxima, né.

Norberto: Isso.

Odair: Talvez, o mais próximo de você não seja o mais perto, se bem que o meu pai também não tinha veículo, não tinha carro. Então ficava, ficava mais próximo aquela que desse pra ir á pé, ou de ônibus, que gaste uma condução só.

Norberto: Agora (*incompreensível*) fica mais próximo ou (*incompreensível*) fica mais perto?

Helena: (*incompreensível*) no nosso caso de fazer como (*incompreensível*) é que como eu sou organista e lá não tinha vaga e no Inamar também não tinha vaga, então como no (*incompreensível*) tinha vaga. Então eu fui fazer a comunhão lá por causa da vaga. Foi onde eu encontrei a vaga.

Norberto: Quem tocou primeiro um instrumento?

Helena: No caso fui eu com o (*incompreensível*).

Odair: Com o (*incompreensível*) pra tocar.

Norberto: Quantos dias você se dedica por semana para o culto?

Odair: Olha, hoje já cheguei a ficar, por causa do trabalho, uma semana inteira, né. Sem congregar. Mas normalmente, é de segunda a segunda. Normal é de segunda a segunda, e tem sábados, duas vezes, domingos, três vezes. Já cheguei a congregar, no Domingo, quatro vezes num dia.

Norberto: Inclusive o culto de Jovens e menores.

Odair: Isso, incluindo a reunião de jovens e menores.

Helena: Inclusive começando de manhã e continua a tarde.

Odair: É, acho que na igreja onde eu fazia a Comum, a reunião de jovens no máximo, começava as nove e tinha uma outra igreja aqui que era a Santa Teresinha, que ela começava as nove e meia, só que como lá tinha mais jovens, um grupo bem maior. Então lá terminava sempre mais tarde. E aqui, nós terminava mais cedo. Então quando terminava aqui, já saía daqui corria pra outra, aí de São Bernardo ia pra essa daí de Diadema, depois de Diadema congregava a tarde numa outra, num pequeno bairro do Areião e à noite congregava novamente.

Norberto: Ah, você foi para o Areião também?

Odair: Isso. Conheço tudo lá.

Norberto: O meu professor acho que está pesquisando lá. Tem uma Congregação lá também, né?!

Odair: Tem, tem uma Congregação lá.

Norberto: E ela é pequenina pelo jeito, não?

Odair: Ela é pequenina.

Norberto: Você ainda vai lá ainda de vez em quando?

Odair: Olha, depois que eu casei eu acho que foram...Mas eu não passei. Ela não passou ainda, nunca foi comigo lá. Mas quando eu era pequeno eu frequentava a igreja direto. Eu gostava muito. Gostava não, gostava não, gosto muito de lá

Norberto: A casa lá é antiga?

Odair: Já, já é bem é antiga.

Norberto: E o Areião? Porque o bairro é mais ou menos novo não é?

Odair: Não, o bairro também é bem antigo. Do Areião. Do Areião é!

Norberto: O Areião!

Odair: Não, o bairro também é bem antigo. A rodovia Anchieta é muito antiga aqui também!

Norberto: Ah, tá. Você é músico, tem uma outra função?

Odair: Não. Somente a música

Norberto: Como você se relaciona com o Ancião, Diácono, com o Cooperador?

Odair: Super bem. Nunca tive problemas com nenhum deles.

Norberto: Conhece bem eles?

Odair: Conheço, conheço inclusive muito deles, até de frequentar a casa deles.

Norberto: Ah, eu pensei que (*incompreensível*) depois ela ou juntos:

Helena: Pode ser juntos!

Odair: Pode ser juntos!

Norberto: Então você também nasceu na Congregação?

Helena: Não, eu fico na (*incompreensível*), mas eu tinha um ano e dois meses, eu tava começando a andar.

Norberto: E o pai e a mãe se converteram?

Helena: Os dois se batizaram no mesmo dia, foi?

Odair: Acho que foi no mesmo dia.

Helena: Foi no mesmo dia.

Helena: E a minha mãe era assim: a minha mãe da Igreja Católica, né, e Deus começou a falar com ela sozinha, começou a mostrar um caminho diferente do que ela tava. E o meu pai começou a sentir também algumas coisas e ele começou a congregar escondido dela, com medo de falar pra ela que ele tava virando crente ou tava frequentando igreja de crente e com medo dela (*incompreensível*).

Norberto: Ele não sabia o que tava acontecendo com ela?

Helena: Não.

Odair: Um escondia do outro. Os dois.

Helena: Já que ele é feirante, então quando ele ia pra uma feira longe, ele da feira corria pra igreja. Ele chegava em casa calado e não falava que foi pra igreja. Aí quando foi um dia um dia que ela falou pra ele que ia pra Congregação e ele ficou contente por que ele já tava indo, né.

Norberto: Independente um do outro?

Odair: Independente um do outro.

Norberto: E você também cresceu dentro da..?

Helena: É. Porque eu nunca, nunca (*incompreensível*).

Norberto: E na sua casa, vocês moravam juntos? A mãe já ensinava essas coisas?

Helena: Eu sou a mais nova né? Os outros eram mais velhos, mas assim, de nove, dez, doze, quinze anos, já tavam sempre acompanhando também. Quando ela saiu da igreja católica e foi pra Congregação todos acompanharam

Norberto: Todos?

Helena: Todos.

Norberto: Até hoje?

Helena: Então, aí o mais velho ele foi embora morar no Pará. Então ele foi o único que não foi congregado.

Norberto: Sim.

Helena: E depois de muitos anos, eu não tenho noção de quantos anos, ele chegou a batizar também. Mas não foi criado na Congregação. Já foi casado.

Odair: É uma outra história né? É muito diferente, completamente diferente da mãe e do pai.

Norberto: Dentro da família, era mais a sua mãe que falava como que tipo a mãe ensinava mais para as meninas e o pai falava mais para os meninos, ou não tinha nada disso.

Helena: Não, não tinha nada disso. O meu pai por qualquer coisa ele é calado. Por qualquer coisa, independente de religião ou pessoa, ele não abre a boca.

Norberto: Você lembra quais foram as primeiras coisas que fascinaram você, que chamaram a sua atenção dentro da Congregação? Você lembra?

Helena: Na Congregação? Eu acho que não tem nenhuma coisa assim, uma coisa, assim. Mas tudo o que eu acompanhei em casa, que eu via, eu já acreditava no que eu tava vendo também né?

Norberto: Você começou a usar o véu a partir de que idade?

Helena: Desde Pequeninha.

Norberto: Pequeninha

Helena: A partir dos três anos, minha mãe me explicou comungar uma vez, nós criança.

Norberto: E o que você sente hoje quando você veste o véu? O que isso faz com você? você vestir o véu?

Helena: O que ele faz eu não sei explicar o que ele faz, mas eu sei assim, que eu não consigo, eu não sei orar sem o véu. Pra mim a oração não vai chegar nem atingir o teto. Então não é o que ele faz, é o que ele deixa de fazer se eu não usar.

Norberto: Sim

Helena: Tem até uma obra que Deus fez comigo, né, através do meu véu. Porque quando eu era criança, entre seis e sete anos, criança mesmo, andava de turminha. tinha uma ferida na minha cabeça, era pequeninha, e ela foi crescendo, foi crescendo e tomou conta do meu lado esquerdo. Todinho. Até é duro este lado, não é tão molinho como o outro e não existia remédio para aquela ferida. Não conheciam. Todo mundo falava isso ou aquilo. E quanto mais colocava alguma coisa mais ela crescia e cheirava mal. Minha mãe queria nem me levar na igreja porque as irmãs do lado sentiam o cheiro dela, o mau cheiro...E um irmão aqui de São Paulo, que nunca pisou em (*incompreensível*), não conhecia, não sabia nem o que era Garanhuns que era o nome da cidade onde eu morava. Deus mostrou pra ele, não sei se em sonho ou ele orando. Deus mostrou pra ele o nome Garanhuns e ele conversou com um companheiro dele a viagem, né, que Deus tinha mostrado para ele uma palavra e ele não sabia o que é que era e ele encontrou, que era uma cidade. Aí ele perguntou o que que significava aquele Garanhuns. Ai Deus falou que ele tinha uma missão lá, que era pra ele levar um véu. Aí ele falou: O que é que eu vou fazer lá? E ele falou: Levar um véu! (*incompreensível*). E ele falou: vai levar um véu! Ele buscou a palavra, Deus confirmou eles foram lá para Garanhuns e ficaram num hotel sem saber o que ia fazer e em qual casa iam parar. E eles ficaram três dias dentro do hotel e, num passeio pra buscar a resposta de Deus eles foram dar uma volta na cidade. Ah, voltando atrás, Deus tinha mostrado uma criança pra ele. Só que ele não sabia quem era essa criança, nem o nome nem o endereço. Ele viu uma criança com um vestido amarelo. Só isso. E quando eles tavam para o centro da cidade, o meu irmão estava lá e ele viu os semblantes deles diferentes, ou ele recebeu meu irmão e conversaram e descobriram que eram da mesma

Congregação, que ele veio de São Paulo, e o meu irmão convidou ele para ir lá na minha casa. Que bom que você conseguiu vir a São Paulo! Vamos fazer uma visita lá na minha mãe! Ela gosta de receber visita! Vamos lá! E levou! Na hora que ele chegou em casa, eu que fui atender ele, na volta, com vestido amarelo. Então no portão eles já começaram chamar, e Deus falou pra ele que era aquela criança. Ele já viu, a mesma casa que Deus tinha mostrado na revelação a mesma criança. E quando ele entrou, ele não puxou assunto, já foi direto no assunto. Falou pra minha mãe: Irmã: Eu vim de São Paulo e Deus me mandou vir aqui, e Deus me mostrou a tua filha. Deus mandou um véu pra ela, eu não sei o que está acontecendo, e Irmã me perdoa, mas era pra trazer um véu. Aí a minha mãe chamou todo mundo pra orar e aí ele falou assim: pediu para orar com aquele véu, que ele tinha trazido né? (*incompreensível*) uma oração simples, antes do almoço e a partir daquele dia aquela ferida passou! Então assim, uma obra através de um véu. Deus permitiu que ele foi daqui lá levar um vé e esse vé e através daquele vé Deus me curou!

Norberto: Você tinha quantos anos quando vieram para São Paulo?

Helena: Dezesete anos, foi quando eu casei.

Norberto: Dezesete anos?

Norberto: Vocês vieram direto? Vieram pra cá ou tinha estações no caminho?

Helena: Direto pra cá.

Norberto: Já tinha parentes aqui?

Helena: Não. Ele já tinha e ele que me trouxe de lá.

Norberto: Ah, você conheceu ela lá? De que jeito?

Helena: Ele foi lá me conhecer.

Norberto: De que jeito?

Odair: Na verdade, eu estava. Eu não tava muito contente no Brasil né.

Norberto: Sim.

Odair: Aí, eu pedi, pra que a empresa me mandasse embora, porque eu tinha seis anos pra sete anos na empresa né? (*incompreensível*) quase sete anos. E tinha mais alguns irmãos lá nos Estados Unidos que eu conheço. Aí eu tirei meu passaporte e falei pra minha mãe que eu tava indo embora do Brasil e que eu ia morar nos Estados Unidos. Só que me deu um desejo, uma vontade de conhecer, vamos por assim, despedir dos parentes, nesse Estado, Pernambuco. Só que eu nunca havia ido lá. Só que tem uma outra história né, porque quando eu cheguei lá, indo pra casa do irmão dela que eu conheci aqui em São Paulo, eu fiquei lá um tempo lá em Porto de Galinhas e depois fui Garanhuns né? E quando eu cheguei lá encontrei ela deu assim uns (*incompreensível*) que eu acho que seria assim uma coisa pra te contar numa segunda parte né, só, só é importante dizer o seguinte, que eu a conheci dia 30 de setembro e no dia 06 de dezembro do mesmo ano nós estávamos casando, exatamente cinquenta dias após o primeiro dia que eu a vi. Exatamente cinquenta e seis dias após, do primeiro dia que eu a vi. Aí, desisti dos Estados Unidos. Aí é um capítulo a parte pra falar, das confirmações de Deus, sobre o que Deus fez pra (*incompreensível*). Aí, aquele sonho dos Estados Unidos acabou e eu acabei casando com ela em cinquenta e seis dias e tamos aí casado aí há 8 anos, e muito bem casados. Aí eu digo pra você. Somente Deus que sabe dos nossos caminhos, né? Porque casar com uma pessoa em cinquenta e seis dias e a coragem dela também de largar tudo, família, parentes, amigos e aterrisar em São Paulo. *Dois pessoas falando ao mesmo tempo. (incompreensível)*

Helena: Tinha muita gente falando: você é louca, você não sabe nem que é, depois o que esse cara quer é zoar, ou, vai te colocar num caminho ruim.

Odair: Mais a palavra de Deus havia confirmado. A palavra de Deus havia confirmado e eu não tinha como dizer que não.

Norberto: É isso é seria muito bonito, se você não (*incompreensível*) nesta história eu ficaria muito feliz! Muito bom! E você, como você se relacionava com o Ancião, com o operador, com o Diácono?

Helena: É assim: eu me dou bem, mas não tenho muito contato né? A gente só se fala!

Norberto: Sim. O que vocês pensam sobre isso?

Odair: Bom. Eu tenho meu ponto de vista. Eu acho assim. Pra mim são pessoas de onde, de um lugar mais simples né, seriam guerreiros, porque você suportar as provações do seu dia-a-dia, é carregar às vezes o seu trabalho, seu dia-a-dia, porque eles não tem salário, não tem nada. Carregar a própria família que às vezes você já tem já suas, vamos dizer, nem todo mundo tem uma família completamente um dia. Todo mundo tem seus problemas familiares. Ainda carregar os problemas de uma igreja pra mim (*incompreensível*) tem que ter alguma coisa divina, pra dar força motora pra que eles possam durar a vida inteira e conseguir separar todas as coisas. Separar igreja, separar trabalho, separar serviço, é o próprio trabalho de casa né?

Norberto: Sim.

Odair: Pra mim são, tem que ter uma coisa divina, porque um homem natural, vamos supor como na nossa igreja lá, que é, você já viu, tem vezes enche de pessoas. Outras igrejas que chegam a mil e quinhentas, mil pessoas e todo o lugar onde tem mais de uma cabeça de um ser humano tem divergência então você controlar tudo isso tem que ter alguma coisa divina dentro dele, senão não, acho que não suportaria.

Norberto: Como você se relaciona com outros irmãos? Com outras irmãs da Congregação? Você tem contatos? Tem amigos?

Helena: Tem amigos íntimos, tem colegas.

Odair: Congrega é irmão.

Helena: É o tipo de Congregação assim, que nem tem gente estranha ali dentro. Na paz de Deus vem ser nosso, entendeu? (*incompreensível*), os amigos, já é de casa!

Odair: É a gente procura só se resguardar um pouco, de vez em quando vem pessoas de muito longe, que nós não conhecemos o que ficou pra trás. Então a gente procura ao menos tentar se guiar por Deus, saber se Deus se posso abrir a minha casa ou não.

Norberto: Sim.

Odair: Mas normalmente, se eu for falar pra você quem é que eu, do Brasil me faltam cinco Estados pra conhecer. Todos os outros restantes já conheci, já graças a Deus através da igreja. Então nunca passei decepção em lugar nenhum. Sempre quando precisei, fui sempre bem recebido, socorrido, fui sempre muito bem atendido. Nunca, graças a Deus, fiquei na mão não.

Norberto: Essas viagens agora fazem todos juntos?

Odair: Juntos. Agora, depois de casado, Algumas vezes.

Helena: Mas é difícil

Odair: É difícil.

Helena: Quando vai os homens né?

Odair: Só homem.

Helena: Até tem irmãos (*incompreensível*) que chama ele. Eu não vou junto no carro. É chato, eu prefiro ficar em casa

Odair: E quando eu era solteiro eu viajava muito com minha mãe. Porque que eu levava minha mãe? Não tinha, ... Às vezes você chega na casa de uma pessoa e o dono da casa não esta, ta irmã a dona da casa. Fica ruim pra você como homem entrar, né. Então pra evitar essas coisas eu tinha que levar minha mãe.

Norberto: As irmãs também não tem essas funções?

Helena: As irmãs têm, mas eu não tenho o dom de falar ainda.

Norberto: E como funciona esta missão? É Deus que fez ela? O irmão sente a revelação, depois ora junto? Chama? Como funciona isso?

Odair: Olha, eu particularmente, às vezes ou através de uma oração, às vezes sonhos. Chamam de visão. Elas, elas acontecem, você buscou a Deus, as vezes dos conselhos alguns nossos irmãos que são mais íntimos nossos. São os resquícios se realmente aquilo é de Deus mesmo ou se foi algum sonho, somente um sonho. Nós vamos buscar a Deus e congregamos, buscamos a palavra e a via dia palavra, e a palavra que vai dizer pra nós se nós devemos ir, se devemos ficar, se foi um sonho, se foi uma visão. É ela que vai dizer pra nós realmente o que que aconteceu. É através dela que nós ver se a placa é pra ir, nós vamos procurar nos colocar no caminho, ou aceita que não é tempo, nós vamos ficar. Por que às vezes, temos sonhos, visões que Deus dá mas não é pra aquele momento, é pra outro momento da vida.

Norberto: Sim. Daí consulta também o cooperador, o ancião, se é isso mesmo?

Odair: Às vezes. Dependendo do tipo da visão, da complexidade da situação e melhor nós consultarmos. Exceto quando nós saímos, nós procuramos comunicar o Cooperador né, o Diácono, sei lá, alguém do nosso comunidade, do nosso. Pra ficar avisado que nós estamos indo em tal cidade assim, assim, assim.

G. Aí (*incompreensível*) e até ajuda na oração.

Odair: Ajuda na oração e se acontecer algum problema nós também estamos resguardados, né. Algum problema ou se acontecer alguma coisa, a gente tem como ligar e falar ó, me ajuda, me socorre.

Norberto: Não é (*incompreensível*) de uma casa de oração. É de alguns de localização que vão e voltam, não é um projeto em toda casa da Congregação?

Odair: Não. Não é. Isso é bem mais acho que individual.

Norberto: Sim.

Odair: Bem mais individual. A cada um Deus dá a ele um dom né? Assim como Deus me deu um dom que eu não sei cuidar até hoje. Ré, ré, ré.

Norberto: Rá, rá rá. Agora ontem aquele homem de cabelo branco que ouvia as pessoas ele é cooperador?

Odair: Ele é cooperador!

Norberto: Porque ele falava da unção também! Quem unge?

Odair: O cooperador de jovens e o Ancião. Eu acredito que também o operador de jovens também possa fazer, mas no caso da ausência ou da faculdade de qualquer um deles entendeu?

Norberto: Sim.

N; Existem casos e casos né?

Helena: É que é assim, aqui em São Paulo é, muita gente trabalhar de operador, mas tem lugar de (*incompreensível*) que talvez o (*incompreensível*) são muito grandes.

Odair: É, quando as igrejas são muito próximas assim e o operador de uma às vezes não pode ir por que o outro vai.

G. O que está (*incompreensível*)...

Odair: Aqui nós mesmos quisermos ir a pé nós eu acho que umas cinco ou seis igrejas que dá pra nós irmos a pé.

Norberto: Isso.

Norberto: ...Sim? (trecho incompreensível).

Norberto: Me dá uma descrição do culto, por exemplo? O culto da noite. Como é? O que acontece no culto?

Helena: Ele fala no caso uma meia hora. O que é que acontece durante o culto? Do início ao fim

Odair: É, assim que nós chegamos na igreja tem a organista que está fazendo há meia hora né, que são tocados de uma forma mais lenta, aí depois dá-se, vamos dizer assim, o início com somente a orquestra tocando.

Norberto: *(incompreensível)* toca uma meia hora?

Odair: Isso. Uma meia hora que toca.

Helena: Hum, hum. se você chegar atrasado, é assim, não é atrasado, é antes de começar o culto, a gente vai chegar atrasado uma meia hora, que começa as sete e acaba as sete e vinte.

Norberto: Aí você já toca no início também?

Helena: Toca no início, também.

Helena: Macio e mais devagar.

Norberto: Isso.

Helena: Que é pra, tipo assim, mais um.

Norberto: *(incompreensível)*

Helena: Nada impede assim nessa meia hora assim, vai ficar aquele silêncio, sete, sete e dez, sete e quinze. Você passa desesperado ali aí você pede silêncio e começam a conversar.

Norberto: Sim.

Helena: *(incompreensível)* e conversar, quem chegar, pegar e ficar em comunhão, ou vai orar, ou ler a Bíblia, ou vai ficar ouvindo, prestando atenção para ficar em comunhão. Se você ficar em silêncio aí um levanta e um senta e ao o outro conversa e não acontece nada, e aí...

Norberto: Então é mais para, se você chega, chega e...

Helena: Tipo assim, ó, *(incompreensível)* alguém na igreja...

Odair: Comunhão. Buscar uma comunhão e uma preparação para o culto, uma preparação, essa é a palavra. Aí tem um hino que é assim muito silêncio né? Que é nesse caso justamente pela orquestra e pelo organista, depois nós temos os três primeiros hinos, a oração, primeira...

Helena: Que é a oração de súplica.

Odair: A oração de súplica que é onde os fiéis procura mais pedir não é? *(incompreensível)* o correto é só pedir né? Mas vai muito da via do espírito santo soldado a quem for orar, que não é na pessoa dita, ou programada é, aquele quem move no coração tanto do lado dos irmãos quanto das irmãs, aqueles em oração. Na primeira oração nós podemos ter até três orações e depois seguida pelos testemunhos né das, dos irmãos e das irmãs que queiram da parte de Deus e agradecer a Deus alguma benção, algum, alguma coisa recebida da mão de Deus. Depois posteriormente vem a palavra né que o...

Helena: tem o hino depois da testemunha.

Odair: É. Tem o hino depois da testemunha.

Helena: Que é o hino da palavra.

Odair: Que é o hino da palavra. É a palavra propriamente dita né, que eu acho que é mais importante. Depois oramos a Deus uma oração de agradecimento e levantamos e cantamos mais um hino.

Helena: *(incompreensível)* oração de agradecimento.

Odair: Aí a de agradecimento só pode ter uma né? Aí depois cantamos mais um hino onde todo mundo canta em pé e a orquestra como no início começou ela termina só que *(incompreensível)* ...aí nós vamos embora. Todos os cultos e independente de reunião de jovens e todos os serviços da Congregação ela segue o mesmo padrão, a mesma ordem. Diferenciação só existe nos cultos de batismo, serviço de batismo, no sacramento do batismo.

Helena: Santa ceia.

Odair: E na santa ceia não é, enquanto as pessoas vão se batizando vai se cantando hinos não é...

Helena: (*incompreensível*) testemunha caso eles falarem ...

Odair: É quando dá testemunho ou alguma coisa assim que quando está muito fora.

Norberto: Ah, sim, sim.

Odair: Dá um tempo maior né, dá um tempo maior.

Helena: (*incompreensível*) demora, perto da (*incompreensível*).

Norberto: Perto da (*incompreensível*)?

Odair: Isso.

Norberto: (*incompreensível*) também?

Odair: Isso.

Helena: Não tem como (*incompreensível*).

Odair: É mais ou menos

Todos falam ao mesmo tempo.

Helena: Então, ali do...

Odair: É, não tem nada de extraordinário, (*incompreensível*) no Brás.

Odair: rá, rá.

Helena: (*incompreensível*) fabricando fiéis assim.

Odair: (*incompreensível*)

Norberto: Os dias que você toca, que você toca é um dia especial para você? Um dia mais significativo do que o dia que você só...

Helena: Eu me sinto muito legal, eu me sinto bem depois de tocar.

Norberto: Hã, hã.

Helena: Mas é assim, (*incompreensível*) nos dias da gente tocar existe um rodízio. Dos homens não. Todo dia eles chegam e tocam, agora as mulheres obviamente tem um rodízio, toca, tem mês que eu toco três vezes, em outros meses são duas vezes. isso é rodízio, um dia de cada né.

Odair: Isso. (*incompreensível*) só existe um órgão né, e é um só dentro da igreja.

Norberto: Sim.

Odair: Então (*incompreensível*) existe, existe o rodízio pra comportar,

Helena: E quando é (*incompreensível*) é uma organista a cada ano, então quando uma igreja tem nove organistas, ela vai tocar este ano e só vai tocar daqui a nove anos.

Odair: Uma ou duas fazem bem nove dias, né?

Helena: É.

Norberto: Elas são batizadas já? São?

Odair: Só que nem vale a pena ressaltar é o seguinte, é que nas santas ceias não é bem, não é bem que ela quer organista para nove anos para tocar, porque na hora do rodízio as organistas vão se revezando no caso, é igual batismo. No batismo também se faz assim revezamento. Quer dizer, um...

Norberto: Elas acabam tocando todos os anos não é?

Helena: mas aí toca (*incompreensível*) só nos coros né.

Odair: (*incompreensível*) só nos ministérios com a mesma quantidade de irmãos né.

Norberto: Vocês conhecem uma comunidade que vai ter ainda a ceia neste ano? Ou todas já fizeram?

Odair: Acredito que a nossa região fosse assim a última né.

Helena: Eu sei que existe uma que ainda não fez, mas eu não sei qual que é.

Marcelo: Sempre tem a última que são da central, não sei se São Bernardo ou Diadema, todas da central são as últimas, próximas ao dia vinte e quatro, vinte e cinco de dezembro.

Helena: É, da central.

Helena: É.

Norberto: Ah ta.

Odair: Que não tem relacionamento nenhum com a data específica. É porque está chegando o final do ano mesmo, mesmo porque já se batizaram durante o ano e não tiveram oportunidade de fazer a ceia.

Helena: É só esperar terminar o ano que vai ter algum batismo este ano. Então fica bem no finalzinho do ano para quem batizou-se.

Norberto: O batismo é livre? Cada um que quer batizar vai quando quiser? É isso?

Odair: Não é livre, não é.

Helena: Não tem como um dizer que batiza não.

Odair: Não. (*incompreensível*) está falando.

Helena: (*incompreensível*) não tem como saber da (*incompreensível*).

Odair: é na hora que fica sabendo. Na hora que chama é uma coisa bem difícil de se explicar. É de difícil explicação.

Helena: não é um senso comum de ter que batizar não.

Norberto: Não?

Helena: Não. da (*incompreensível*) ficaram sabendo da (*incompreensível*)?

Odair: É, é na hora que (*incompreensível*).

Helena: É na hora que ficou (*incompreensível*).

Odair: Na hora que eu chamo é uma coisa assim bem particular, de cada pessoa e difícil de se explicar, de difícil explicação. (*incompreensível*).

Norberto: Quais são pra você os momentos mais emocionantes do culto? Que você mais, que o coração fica mais alegre?

Odair: Para mim sem dúvida são, o momento é da palavra. Não tem, não sei, para mim não tem outro.

Helena: as vezes a gente tem a necessidade que a gente tem um testemunho, que Deus já falou aquilo que você precisava. Talvez na palavra não vai ouvir aquilo que você ouviu no testemunho, às vezes, num em um.

Odair: às vezes não entra (*incompreensível*).

Helena: Deus visita você mais que na hora da palavra. Não tem necessidade não. Disso você apaga (inc – faça) o discurso.

Norberto: Me disseram que tem uma irmã que na hora do culto, disse que quando ela vai no culto ela chora quase o tempo todo. Já aconteceu já com vocês também? Ou a (*incompreensível*).

Helena: O tempo inteiro não, comigo não né, mais assim, tem momento que a gente chega bem provado na igreja que, já entra chorando e sai sorrindo.

Norberto: (in) dela que não é que ela está triste mesmo. É algo que ela também não consegue identificar, é emoção, e eu entendi o seguinte: não é frescura, é emoção, que Deus está visitando ela e que sentiu a presença de Deus. É uma, um choro de certa maneira de felicidade, eu entendi isso, o que ela falou.

Helena: tem gente que sente mais a presença de Deus, tem gente que tem mais comunhão. Sente mais comunhão de que o outro. Né?

Odair: É a comunhão (*incompreensível*) né? Eu acredito assim né, eu não chamo de emoção né, achando (*incompreensível*) assim, porque, algumas pessoas até intitulam assim, ah, estou na igreja assim, me senti emocionado. Eu acho que emoção é uma coisa muito carnal né? É bem propriamente do ser humano. Agora, eu preciso de usar o termo assim, eu preciso ir na igreja, eu sempre vou à igreja, eu já, eu sinto Deus na igreja.

Norberto: Sente?

Odair: É, eu acho que sentir Deus é diferente de emoção por que emoção você acaba sentindo para assistir a novela, para assistir um, alguma cena que te emociona, realmente você chega a chorar, você sente aquele negócio. Eu acho que a igreja, na minha opinião ela é diferente, lá você sente Deus, então a emoção ela fica fora da igreja e lá dentro eu estou sentindo com Deus.

Norberto: Você também vem aqui?

Helena: Hã, hã.

Norberto: (*incompreensível*) vocês participam da ceia?

Odair: Com certeza.

Helena: (*incompreensível*) aí eu participava mas quando (*incompreensível*) eu, eu tenho, doze, treze anos de idade (*incompreensível*). entrei na santa ceia (*incompreensível*).

Norberto: E como é o culto da santa ceia? O que é diferente?

Odair: É o, existe o, vamos dizer assim, acho que a única coisa diferente é o servido o pão e do

Helena: não porque a palavra é...

Odair: não porque não se tem a, a verdadeira testemunhança né. Aí já vem logo a santa ceia que é o pão e o vinho né, que na verdade não é mais pão nem vinho né. É o corpo de Cristo e o vinho é o sangue de Cristo porque simboliza o novo testamento né? É derramado na cruz. Essa é a verdadeira lembrança né, e a santa ceia na Congregação ela é celebrada uma única vez por ano. Mesmo porque, vamos dizer assim, você só faz aniversário uma vez por ano né, assim de um modo mais prático. Quando morre também só morre uma vez né? Então você comemora aqui, vamos supor, anualmente, não mensalmente, correto? Alguns dizem não, mas isso é por toda parte. Tá dizendo assim que, é fazer isso todos os dias é lembrar de Cristo. A morte e a crucificação de Cristo. É lembrar que (*incompreensível*) realmente, não é somente (*incompreensível*) tá representando. Separado, mas o sacramento do valor da santa ceia foi na verdade uma substituição do, uma comemoração que feita antigamente, simbolizando quando o povo saiu do Egito, quando Moisés tirou o povo do Egito, e fez a festa, então, com o passar do tempo ele, ele instituiu como se fosse a Páscoa. Então na verdade Cristo veio, ele comemorou a Páscoa e por isso que ele falou assim, a partir de hoje não comemorará mais a Páscoa e sim a santa ceia. Que até na, propriamente os Judeus quando é comemorado uma vez por ano, e que não é mensal. Lembrando que saímos do Egito, então por isso a Congregação também só celebra o sacramento da santa ceia uma vez por ano. É para lembrar exatamente que nós também saímos do Egito, não do Egito antigo, o Egito antigo foi, são pessoas que são, que tanto respeito nosso quanto de antigamente. Mas é fácil simbolizar a passagem bíblica que aconteceu na época.

Norberto: E a ceia? Ela também é servida de maneira especial?

Orador não identificado: Com certeza. A santa ceia é para nós assim é, é uma vitória por isso que ela fica anualmente, ela dá um outro sentido, ela dá um outro sentido quando você faz ela anualmente, porque ela dá o sentido que você venceu mais um ano, o Senhor dá, doa a você mais um ano, você passou pelas dificuldades, que você tem da vida econômica, financeiramente, é de saúde, e você enfrentou todas as dificuldades da vida e você conseguiu chegar com a ajuda de Deus mais um ano com vida em Cristo.

Norberto: Sim.

Helena: (*incompreensível*)

Norberto: Vocês já frequentaram também outras casas de oração também com certeza.

Helena: Hã, rã, Diversas, muitas.

Norberto: Quantas funções mesmo vocês já viram?

Odair: Eu não tenho idéia, eu perdi as contas.

Norberto: São tantas?

Odair: De tantas, eu já vi muita coisa bonita, muita coisa linda que você não para de falar que nem eu, ou no momento em que deixo de fazer isso. Fico mais que você, você pode dizer assim, olha, realmente eu não sou nada e não sou ninguém, porque se Deus não fizer, ninguém faz. Se Deus não fizer ninguém faz, e não faz mesmo e não é só uma obra propriamente dita, tive um acidente me tornei mudo e fui paralisado e hoje eu ando e falo. Então você está entrevistando uma pessoa que já foi muda.

Norberto: Sim.

Odair: E está entrevistando também uma pessoa que também já foi paralisada. E que através do serviço da unção, aquela que você me perguntou. Porque na Congregação ela não tem uma faixa, escrito semana da cura, uma faixa falando assim, semana da cura, sei lá, da benção, semana disso ou semana daquilo, o que nós temos é que o Senhor é que eles está próximo de nós para operar a qualquer momento que nós precisarmos, tanto de dia quanto a noite, ele está aqui junto conosco. Então não tem a semana da cura, porque se ele tiver a semana da cura pode ser tarde para nós. Ele está a qualquer momento na hora que nós precisamos dele.

Norberto: E isso aconteceu agora?

Odair: Não. Isso aí foi na minha infância que aconteceu, mais é uma história muito mais longa. Usava muita coisa fui muito danadinho de criança, inclusive um médico que me assistiu durante um ano no Hospital das Clínicas. Ele chamou na casa de (*incompreensível*) ele se tornou evangélico depois disso.

Norberto: Por causa da sua cura?

Odair: Por causa da minha cura. Ele e a esposa e os filhos, e dezoito enfermeiras que tomaram conta de mim. As dezoitos se transformou, as que estavam mais próximas segunda aquelas que (*incompreensível*) ... a Deus.

Helena: (*incompreensível*). Aí, dá um (*incompreensível*) pra (*incompreensível*).

Odair: Ta.

Norberto: Aí vamos terminar porque vocês vão para o culto para não atrasar né?

Helena: Não, não é que (*incompreensível*), vou lá (*incompreensível*) porque ele ta chorando.

Odair: Ta, desce lá, depois eu (*incompreensível*).

Helena: Ta.

Norberto: Na hora que você quiser parar, e decidir ó, se você quiser parar por hoje, a gente volta com tudo o que eu já pedi.

Odair: Rá, rá, rá, (*incompreensível*) a minha esposa, (*incompreensível*) eu quero conhecer você também né, vou fazer uma entrevista com ele.

Norberto: Ta bom. Você participa ou não participa de outros eventos da Congregação? Além do batismo? Ceia? Culto na casa de oração? (*incompreensível*) longo período. Faz curso na casa da pessoa não é?

Odair: Isso participo.

Norberto: Participa também?

Odair: Participo. Hoje menos porque o trabalho quase me toma todo o tempo, né? Mas já participei de, de tudo o que você imaginar que existe dentro da Congregação e dentro da, vamos dizer comunidade eu já participei, de construções de igrejas, organizações, em cidade inclusive, em que não havia nem um membro e que nunca se ouviu falar em Congregação. Nós viajamos para lá

durante sete anos numa primeira, saímos da cidade e deixamos uma igreja com cento e cinquenta pessoas, já com cooperador, com operador de jovens, numa cidade onde nunca houve um crente, e foi muito, nós chamaremos de, foi muita coisa bonita que eu gostei nesse intermédio de sete anos. Existe livramento, existe cura, existe muita coisa que Deus criou para mostrar para o povo daquela cidade que Deus realmente existe.

Norberto: livramento o que é?

Odair: Livramento está aqui dentro e muita coisa nas estradas, principalmente, teve muita coisa que você viu, aconteceu e realmente foi a mão de Deus que te livrou mesmo, não tinha como.

Norberto: Sim.

Odair: Você ficar (*incompreensível*), principalmente porque naquela época as estradas no Brasil eram em condições bem precárias né, muito mais, hoje também não está muito diferente, só aqui em São Paulo que melhora um pouco por causa dos pedágios né, e das multa né.

Norberto: Verdade. Também você não vai conseguir responder porque você já nasceu é, tipo quando você cresceu, por causa da sua fé você conseguiu alguma mudança na sua visão do mundo? Ou você percebeu que sua visão do mundo era bem diferente dos colegas da escola e de outras pessoas?

Odair: Nossa! Você falou de escola e você lembrou bem não é? A escola é, é na minha época, é a coisa muito diferente. Vamos dizer assim, eu acho que alguns chamariam de perseguições e outros diriam que não é perseguição assim de, de maldade, é aquelas coisas que são naturais pela diferença de crença e de religião não é? Às vezes os meninos, e até mesmo as meninas achavam que eu deveria fazer exatamente tudo o que eles faziam e não era bem assim, eu não podia fazer.

Norberto: E você era no caso o único crente no meio?

Odair: Olha na escola que eu me lembre, na minha sala de aula, por muitos anos eu fui o único, por muitos anos eu fui o único, eu nem me recordo e também (*incompreensível*) eu não me recordo nenhuma vez que eu tivesse algum amigo crente da Congregação, nem de uma, nas outras igrejas até tive, agora, da Congregação, não me recordo de nenhum colega na escola. Passei momentos difíceis, principalmente quando vai chegando na idade de mocinho, que eles querem que você fume, eles querem que você use droga e como o bairro que eu morava era um bairro bem simples e bem humilde eu passei uns...

Norberto: Qual era?

Odair: Era o bairro Cooperativa na época né. Hoje ainda existe o bairro Cooperativa né, mas hoje está bem mais desenvolvido né. Então, nós morávamos no, num bairro bem simples, bem humilde e tinha muita coisa que acontecia na época. E eu passei próximo de tanta coisa né, vamos dizer assim, graças a Deus que eu nunca experimentei nada, nem quero experimentar na vida, porque eu acho que quem tem Deus no coração não precisa, se submeter até a esse tipo de coisa né, mas eu já passei muitos bocados, me lembro de muitos amigos que hoje já não existem mais, morreram no meio do caminho, morreram. Aí, que é o caminho que leva às drogas né? Eu me lembro de muitos. Inclusive eu tenho a lembrança de um que tombou assim, praticamente na minha frente mesmo por causa de envolvimento com droga e eu só me lembro que a pessoa que matou ele, só gritou para mim assim, Afasta! Afasta! Afasta! Eu tava andando junto com ele e eu nem entendi direito o que estava acontecendo. Eu não sabia que ele ia gritar afasta, afasta, afasta e eu não sabia o que é que era que estava acontecendo. Nós estávamos voltando da escola e eu simplesmente parei, quando eu parei, eu acho que ele olhou e conheceu a pessoa, não sei o que aconteceu ele tentou correr, quando ele tentou correr é que foi alvejado de diversos tiros e já ali mesmo morreu. Então eu aprendi também para mim foi um livramento de Deus porque como nós vimos um grupo voltando da escola eu poderia ter sido um alvo desse sujeito. Eu poderia ter sido claramente um alvo mesmo porque eu tava ali na frente.

Norberto: Sim.

Odair: Eu poderia simplesmente ter achado que eu pudesse falar, que eu pudesse apesar que eu não conhecia, mesmo eu olhando pra ele eu também não lembro.

Norberto: Não às vezes é, só quando está passando junto, a pessoa chama às vezes de queima de arquivo né? Você poderia falar para o policial (*incompreensível*) tipo, cabeça, como era...

Odair: É mas, também eu procurei nem olhar e quando eu vi já virou o rosto, eu não, eu não lembro nem da fisionomia da pessoa, eu não vou lembrar do ...

Norberto: Sim, sim.

Odair: Eu sei que eu passei na frente do cara e eu achava assim, que eles queriam, eles achavam que eu devia ser igual a eles. Os meus amigos achavam que eu deveria ser igual.

Norberto: Sim.

Odair: Eu sofri muito. Já pensou, eu sofri muito, mas eu disse que eu não era igual, então várias vezes eu fui cercado dentro do banheiro da escola, fui cercado nos caminhos da escola, às vezes saía da sala de aula e os caras já, os meninos queria levar para detrás da escola. E eu relutei, relutei e graças a Deus, Deus me deu força que eu não me envolvi com nada disso.

Norberto: Alguns desses costumes também não mudaram porque você sempre era da Congregação não é? Você nunca tipo que era do mundo praticamente?

Odair: É. Do mundo né, porque o mundo tem diversos hábitos né. Para uns são saudáveis né, não sei o que eles chamam de saudável não sei até que ponto ele é saudável, mesmo na, na partilha de muitas coisas como o próprio corpo né? Não sei o que é que eles chamam, o que eles entendem por saudável.

Norberto: Sim. A sua rede de amigos, a maioria é da Congregação? Ou também tem gente, amigos seus que não são da Congregação?

Odair: Eu tenho muitos amigos que não são evangélicos. Aliás, tenho alguns amigos que ainda falam para mim, ô, você devia ser candidato a vereador porque você ganha de tanta gente que você conhece.

Norberto: Ah, sim.

Odair: Não, mas assim, graças a Deus que eu não, que eu tenho um networking aí bem, bem evoluído.

Norberto: E eles te respeitam?

Odair: Todos graças a Deus me respeitam. Graças a Deus me respeitam, acho que a falta de respeito se dá praticamente quando você dá liberdade não é? Se você abre essa porta da liberdade, você está dando liberdade para eles falarem ou fazerem o que eles querem com você. Amizade é amizade, com as suas exceções.

Norberto: Isso. Nos seus laços sociais, com quem você tem laços mais fortes?

Odair: Com certeza na Congregação. Com certeza. Laços muito fortes mesmo, eu tenho amigos na Congregação que eu considero como se fossem meus irmãos e tanto é que eu não saio da casa deles e nem eles da minha.

Norberto: Sim.

Odair: Já tivemos altos e baixos e sempre estamos juntos, sempre estamos juntos quando eles precisam nas provações deles, eu procuro sempre estar na casa deles, se eu ficar junto nas dificuldades quando eu tenho as dificuldades eu pego o telefone e grito, e falo me ajudem aqui na oração, corram aqui e venham me socorrer. Aí nós nos reunimos, oramos.

Norberto: Eles vão para outras várias outras casas também?

Odair: Não. Um é de Ribeirão Pires, outro é de Suzano.

Norberto: Ah sim.

Odair: Outro é de Jundiaí também, são amigos fortes mesmo, que eu tenho. E quando a gente está cansado daqui vamos lá para o interior, vou lá para Jundiaí, Sorocaba, amigos que podem estar longe né, mas são fortes(*incompreensível*) e eu tenho certeza que nas orações somos lembrados.

Norberto: O que você mais gosta na Congregação?

Odair: Olha, não consigo falar sinceramente o que eu mais gosto. Eu gosto de tudo. Eu gosto de tudo. Eu acho que me renova, acho não, eu tenho certeza que me renova a cada dia, cada culto. Eu não sei se todos fazem como eu faço mais eu, quando eu entro me, eu procuro me entregar de corpo e alma para aquilo que eu estou fazendo, eu me envolvo, eu me envolvo com o som, com o som da orquestra mesmo.

Norberto: Sim.

Odair: Eu não sou mais uma peça, parece que eu faço parte, parece que está todo mundo dentro de mim.

Norberto: Nos cultos a música é linda mesmo. O que me, uma vez me irritou um pouco uma vez eu estava naquele culto, veio uma turma lá da baixada santista eu acho.

Odair: Hã?

Norberto: E eles falaram muito, tanto que no fim o homem decidiu até cantar uma ou duas estrofes e que durante a estrofe ele falava o tempo todo. Tipo, repetindo a música também que ele tinha colocado na pregação do hino. Isso quase nunca acontece não é? O hino é hino e é lindo, então aí alguém falando durante o hino, eu achei, me irritou ou pouco, porque os hinos são lindos mesmo.

Odair: Não. Isso não é prática da Congregação.

Norberto: Não é né?

Odair: Não.

Norberto: Você não estava naquela segunda-feira? Era triste. Quando os testemunhos e, eu lembro, que eles vieram com ele e nenhum dos outros fez barulho. Era gente que veio lá com ele. É, e eu também acho que nunca mais pode fazer isso, quando é hino é tudo cantado e ninguém fala nada, é só o hino mesmo.

Norberto: Então, os hinos é a Bíblia cantada né? Na verdade são a, é a bíblia cantada, inspiração.

Odair: Sim. Eu admiro muito aqueles que alguns hinos nossos são, inclusive são revelações, que Deus, no momento de oração Deus dá para alguns irmãos e irmãs cantarem enquanto outros escreviam e depois foi uma batalha. Tanto é que a Congregação está completando cem anos de vida né?

Norberto: Sim.

Odair: E com os mesmo hinos. Aí vamos dizer com há cem anos, praticamente, cantamos as mesmas canções e não nos cansamos delas. Nós cantamos elas por que? As canções nos servem (*ruídos*) a Congregação sem dúvida se você for relacionar muita coisa ela não espera, ela é uma caixinha de segredo e talvez você nunca vai conseguir abrir.

Norberto: Os hinos então tem tipo numerações que são por volta de (*incompreensível*) Revelação de sonhos...

Odair: Pela misericórdia de Deus. Sim.

Norberto: A sua esposa também?

Odair: A minha esposa também, ela, é mais rara, é mais raro esse tipo de dom, mas ela tem esse dom. Nós seguimos algumas, revelações que Deus deu a ela e formou momentos gloriosos de Deus.

Norberto: Vocês logo partilham, mas tem uma limitação de não falar para ela...

Odair: Depende, depende do que Deus está te mostrando, depende do que você entende, do grau de dificuldade ou daquilo que Deus está te pedindo. Normalmente se divide acho que imediatamente né, a não ser que na visão, no sonho, isso se fecha como um segredo. Ou não conte agora, não conte

para ninguém, não fale nada. Espera cumprir, espera fazer, espera acontecer. Aí procuramos não contar nada para ninguém. Tem que ficar conosco uma visão, uma revelação, daqui não sai.

Norberto: Vocês oram juntos você e ela ou você procura mais buscar um momento para você orar, de manhã, sua oração pessoal?

Odair: Não. Nós sempre oramos juntos. Nós sempre oramos juntos principalmente na hora de dormir, às vezes não de manhã porque eu acordo muito cedo e ela mais tarde, mas na hora de dormir nós sempre estamos juntos e nós procuramos sempre orar juntos.

Norberto: Vocês dois ou com os filhos também?

Odair: É nós dois, os meninos às vezes nós colocamos eles pra deitar, é criança e às vezes não quer orar que já tá cansado e quer dormir, mas nós procuramos sempre ensiná-los a orar, quando levanta, quando vai almoçar, quando vai dormir.

Norberto: E eles também vão nos cursos de jovens cidadãos?

Odair: Vão. Com certeza vão.

Norberto: E naquele papelzinho? Tem ensinamento bíblicos?

Odair: Isso é. Chama-se: os recitativos.

Norberto: Os recitativos. Os recitativos é bíblico né, que eles leem juntos?

Odair: Isso.

Norberto: E aí leem juntos?

Odair: E aí leem juntos né, porque não sabem ler, agora, se souber ler, cada um recebe o seu versículo para, para ler e decorar.

Norberto: Ah, é no papel para...

Odair: Está escrito o capítulo e o verso da bíblia que você vai ler e decorar.

Norberto: Ah, não está escrito a própria palavra? É só o escrito tipo Mateus quatorze três.

Odair: É, isso, Mateus quatorze três, aí você vai lá, abre, aí depois né, isso é um estímulo para a mocidade da Congregação poder abrir as escrituras e poder ler.

Norberto: Sim.

Odair: E às vezes ela lê aquele versículo ali, e se você não entendeu você vai querer entender o assunto e aí você vai ler.

Norberto: (*incompreensível*) das crianças que falam todo mundo juntos. É necessário mesmo?

Odair: Não. Aquelas é que não sabem ler.

Norberto.: to: E aí como é? Vocês falam juntos? Antes?

Odair: Não, não, não ensina antes. Mesmo porque elas não vão conseguir decorar né?

Norberto: Sim.

Odair: Então quando chega ali o auxiliar de jovens já tem uns versinhos do ciclo da bíblia, ele pega e vai lá e põe todas as crianças que não sabem ler na frente, dá uns papezinhos para elas já irem se habituando a pegarem no saquinho e ter a responsabilidade de guardar e ele vai repetindo as palavras, vai falando as palavras e as crianças vão repetindo.

Norberto: Ah tá. Hum, hum.

Odair: Então vai falar assim, o Senhor é meu pastor e nada nos faltará. Só que ele não fala assim, O Senhor, ele fala Senhor, meu pastor, meu pastor, e vão repetindo.

Norberto: Mas aí cada um sente para o João dez, ou Salmo vinte e três, e assim...

Odair: Mas aí para todas as crianças é um verso só.

Norberto: Isso.

Odair: É um versículo só.

Norberto: E as crianças começam a ser instruídos na Bíblia com que idade mais ou menos?

Odair: Não, não tem uma idade específica né, é quando começa a ler ou dependendo da criança né, o pai ou a mãe observa a criança e fala se tem responsabilidade para ser maduro e aí levam aqui, porque também se dá uma briga que nós julgamos de tanta importância para criança pegar, rasgar, riscar a bíblia e o hinário, aí então acho que ainda não é tempo né, ela pode ir nos cursos só bíblico sem nada, sempre olhando, vigiando, para poder manter ela sempre em ordem né.

Norberto: Sim. Alguma coisa na Congregação deve mudar?

Odair: Não. Em absolutamente, eu acredito que se já houve mudanças e até (*incompreensível*) eu acho que ela deveria ser exatamente como ela nasceu. Exatamente como ela nasceu. São os modos, alguns chamam de costumes ou de tradições, é como uma nação, é um povo.

Norberto: Como você aprendeu as tradições? Foi dentro da igreja? Foi dentro de casa?

Odair: Dentro da igreja e dentro de casa. Você vai se habituando dentro da Congregação não se existe tantas tradições né, na verdade não se existe nenhuma né.

Norberto: Fale dos gestos. Tipo você entra e você logo se ajoelha, você ora, muita gente coloca a cabeça na mão não é? Os gestos que você aprendeu isso do dia? Alguém falou para você também?

Odair: Não. Eu acho que isso é mais do momento em si né, cada um tem, tem um gesto, outro só quer ficar com o olhos, outros querem falar, isso vai de cada um mesmo em si né, chegar e orar é você chegar e você falar assim, Senhor Deus eu cheguei, estou na igreja, me prepara, é como se dissesse aquela frase das escritura que diz assim: descalça seus pés quantos entrares na minha casa. Quando você chega na igreja você, não é que propriamente dito você tem, que arrancar o sapato, mas você tem que chegar e fazer a tua oração de comunhão em busca desse nome da comunhão desse culto, abre a minha mente para mim entender a palavra, recebe o meu louvor. Estou com tanta dificuldade e está próximo do momento de você conversar com Deus, onde você então para de carregar tudo aquilo que você vem trazendo do dia a dia, da semana, ou da sua dificuldade, e tentar de descalçar de tudo aquilo para que você possa ter comunhão com Deus, no culto e o culto possa ser proveitoso né.

Norberto: Então críticas você também não tem? Só dizer que já mudou demais, alguma coisa conseguiu mudar?

Odair: Não. Vamos dizer assim, as leis mudam, as coisas mudam e às vezes vamos dizer assim que as provações também eu acho que tem que tomar certos cuidados com relação à tecnologia, com relação à televisão, com relação ao racismo, tudo isso acaba envolvendo né. Então nas pregações você tem que tomar certos tipos de cuidado né, então conforme as leis vão vindo você vai se adequando também né, porque o computador é uma ferramenta de trabalho. A televisão é um, é um meio de comunicação. Então quando você, antigamente se falava, não se pode, outras coisas podem, e a Congregação, na verdade, ela não se envolve com isso. Ela te ensina o caminho, ela fala, esse aqui é o caminho. Ó isso daqui não é bom, se você fizer lá na frente você vai se prejudicar, se você ter lá na frente você vai se prejudicar, porque, olha, existe, isso aqui existe, é o que eu estou dizendo, se a pessoa, ela realmente está interessada em salvação, é realmente isso aqui não é um bom caminho, então eu não vou ter para mim, então eu não vou ter para mim. Porque eu costume dizer que a televisão, do computador ela tem uma diferença simples, muito simples de se entender, a televisão você coloca o canal de repente vem a propaganda maliciosa, no jornal tem propaganda maliciosa, tem tudo isso que, que leva a criança hoje em dia, propriamente dito, à malícia. Hoje as crianças são maliciosas quando mal sabem falar assim. Elas aprendem isso aonde? Hoje em dia se tem aulas de sexo na sala de aula. Na minha opinião isso é uma coisa natural, já nasce com o homem, já nasce com a mulher, assim, você não precisa ensinar isso, não precisa ensinar a criança. Já nasce com isso. É instinto vamos dizer não humano, é o instinto animal. Da procriação e de você poder deixar a sua, a sua parte da sua continuidade. Tem certas coisas, na minha opinião que, não há necessidade. Ela já nasce. Se não fosse assim, é, precisava ter aula de sexologia na época de Adão e Eva, e não precisou, quer dizer que era uma coisa natural, e a diferença entre um e outro aparelho

para mim é que na televisão ela mostra e no computador, o computador ele é um pouco mais avançado, ele denuncia o que está dentro de você. Porque o computador você coloca e ele vai. Você procura, e se você tá procurando na verdade ele tá mostrando pra você o que está dentro do teu coração, o que talvez já nem a igreja saiba, nem a tua casa saiba, nem a tua família e nem a tua esposa mas está trancado dentro de você. Essa é a grande diferença. São dois maus diferentes. Essa é a grande diferença.

Norberto: Você tem televisão em casa ou não?

Odair: Não, eu não tenho televisão em casa.

Norberto: A família não tem?

Odair: Não. Não tem.

Norberto: (*incompreensível*) os meninos falam um pouco de vez em quando ou não?

Odair: Não. Não porque hoje eles vêm para o escritório né e tem computador.

Norberto: Rá, rá, rá.

Odair: E se você não tomar cuidado ele acaba prejudicando, ele acaba, vai ficando pior que a televisão aqui, então nós tomamos cuidado, nós procuramos vigiá-los bem de perto, aquilo que eles vêm é aquilo que eu sempre estou vendo e nós estamos aqui no escritório e é o único lugar que tem computador, lá em casa não tem. Porque eu acho que em casa, computador e televisão distancia a família. Aí em vez de você jantar junto com a família, está um no quarto, está o outro na sala, está o outro no outro quarto, e cada um com um prato de comida comendo ali na frente e ninguém quer conversa. Então eu prefiro não ter computador e não ter televisão e na hora de jantar senta todo mundo na mesa, todo mundo janta, conversamos, se vemos, nos conhecemos, nos amamos, brigamos, nos abraçamos, acho que isso é muito mais importante do que tudo isso daí. É muito mais importante do que tudo isso.

Norberto: Isso você e a esposa combinaram juntos? Decidiram vamos fazer assim ou os dois, era claro que era isso mesmo?

Odair: Claro que era isso. Era muito claro. Sem computador sem nada, às vezes tem um notebook lá mas, raramente nós ligamos. Raramente. É só no caso às vezes de ter que levar serviço para casa alguma coisa que você tem que fazer após o horário, mas aí, nem criança e nem ninguém chega perto, só faz o trabalho, guarda e fecha. Eu prefiro ver as crianças brincando com os brinquedos e eu ali no meio. Porque pelo menos eu consigo ver o crescimento. Eu acho que computador realmente, e a televisão distancia a família. Distancia muito porque você tem quantas horas de trabalho por dia? Você tem pouco tempo para conviver com a família, o restante é dormir.

Norberto: Sim.

Odair: Basicamente um terço da vida você dorme. E a sua família fica onde? E a sua família? E os seus princípios? E a sua religião? Aquilo que você tem de bom para passar para os seus filhos? Fica onde? Fica na televisão, no jornal, no cinema, vai ficar na novela, no seriado, vai ficar no orkut, no msn? Vai ficar aonde? Eu tenho pouco tempo para conviver com a minha família e eu prefiro não ter nada disso dentro de casa.

Norberto: Sim. E como você vê as igrejas Deus é Amor? A Igreja Universal?

Odair: Hoje em dia existe acho que mais de cento e cinquenta mil novas religiões só no Brasil. Se você for ver bem, do Oiapoque ao Chuí, são religiões de N títulos, N religiões. Eu acho que é o seguinte, independente do nome e da placa, Cristo é um só. O Homem é que dividiu ele. O Homem tenta dividi-lo a cada instante, a cada instante o Homem está dividindo Cristo segundo o seu próprio ponto-de-vista e não segundo o ponto-de-vista que ele deixou escrito. Então quando você quer dividir, vamos dizer assim, dividir a Cristo, você acha todos os caminhos neste mesmo setor, porque a Bíblia ela é facilmente contornada por aquilo que nós queremos que seja. O mais bonito não é você moldar a bíblia na sua vida, é você deixar a sua vida se moldar em cima daquilo que lá está escrito, o que é mais difícil. Porque aí ela te fecha muitas portas no mundo, com (*incompreensível*),

e é o que as pessoas não querem fazer. É se moldar no que está escrito, porque é mais fácil você moldar, eu costumo dizer assim, as pessoas que tem Deus no coração, só que Deus está moldado de acordo com o pensamento daquele (*incompreensível*), é até mais fácil de carregar. Agora, é difícil falar que Deus está em mim, e eu sou o espelho de Deus, ou de Cristo. E se você olhar em mim você vai ver uma pessoa de Cristo. É exatamente isso que ele quer de nós. Quando as pessoas olham e falam assim: isso é um homem de Deus, isso é uma mulher de Deus. E isso, algumas pessoas tendem a falar assim: o senhor quer o coração, não quer a aparência externa, mas, é verdade, o coração faz parte, mas quando crucificaram Cristo, não quiseram somente a roupa dele, quiseram ele inteiro. Ele foi na cruz inteiro, ele não foi metade. Então Cristo ele não foi dividido. Nem a sua túnica foi rasgada, nem a sua túnica foi dividida. Então se nós desejamos o céu, sejamos o espelho de Cristo. Para que as pessoas olhem em nós e vejam ele. Não ele se moldar naquilo que nós achamos que ele deve ser. São coisas diferentes.

Norberto: Então se alguém assumir e tentar fielmente ser fiel a Jesus Cristo vai se salvar?

Odair: Eu não posso te afirmar isso com toda certeza porque eu acredito que Deus esteja em todos os lugares, mas, eu não vou dizer Assembléia de Deus ou o nome de uma religião ou de outra, pois cada um tem o seu ponto-de-vista, mas, muitas religiões tentam moldar Cristo, ou as próprias escrituras, dentro daquilo que é mais conveniente para que as pessoas possam se beneficiar dela. Hoje a fé, hoje infelizmente ou felizmente, então falando infelizmente, ou então eu digo para você, felizmente a fé está sendo assim. Hoje você vê Igreja que abre às sete horas da manhã e fecha às oito horas da noite como o comércio. Tudo quanto é galpão de empresa, ali era um bar, acabou o bar, sumiu! O que é lá agora? É uma igreja! É uma religião. É a festa onde é negociada, é a festa onde é deturpada entre as nações. É um poder contrário querendo dizer que a fé é uma coisa comum, ou que ela é um meio de se ganhar dinheiro e de se ganhar a vida, mas isso é das escrituras que cumpra. Porque eu sinto mais que alguém mentir ele vai acontecer. Assim como a árvore mais velha no Brasil, com mais de quatorze milhões de anos na Amazônia. Não sei se você chegou a ver esse fato?

Norberto: Não!

Odair: Ela morreu! Era considerada a árvore mais antiga. Morreu! A terra nasceu. Nasceu, um dia morre, um dia acaba. A única diferença é que nós homens aceleramos o processo. Contribuímos com Deus.

Norberto: É! Ré, ré. Qual visão você tem do bairro onde você mora? E dos seus moradores? O que você pede para si sobre o local onde você mora?

Odair: Hum. Muito boa. Para uma convivência de no máximo setenta, oitenta anos de vida como expectativa, muito bom. É só uma passagem a vida. Eu gosto de morar aqui. Eu acho que me daria bem em qualquer lugar, no mundo, no planeta, eu me sentiria bem em qualquer lugar. Eu penso assim que, é pouco tempo demais para você perder por tanta coisa. Se os homens fossem mais simples, fossem mais humildes, menos sonhadores, eles viveriam bem mais. Bem mais. Se você souber que, setenta, oitenta anos, é o que você vai viver, você tem uma eternidade inteira para viver com Cristo.

Norberto: Sim. Você e os vizinhos e as outras pessoas que moram aqui, você acha que você é igual a eles você vai melhor, um pouco pior, aqueles que são seus vizinhos e que moram aqui nesse bairro?

Odair: Se eu vou como? Economicamente melhor?

Norberto: É, ou pior? Ou se eles (*incompreensível*)?

Odair: Não, não. Nós somos iguais. Somos iguais. Convivemos basicamente no mesmo nível. Eu acho que (*incompreensível*) este vai estar melhor ou estar pior é uma, eu acho que é uma preocupação que eu nem carrego comigo, eu nunca nem, eu nunca nem parei para pensar que um dos meus vizinhos está melhor do que eu. Eu nunca nem parei pra pensar isso.

Norberto: Sim.

Odair: Acho que nem... É uma perda de tempo.

Norberto: Morar aqui prejudica a sua vida?

Odair: Não. Não. Como se morasse no nordeste também não.

Norberto: Você tem queixa sobre o bairro aqui ou não?

Odair: Eu não tenho queixa sobre o bairro. Eu estou a, estou a basicamente vinte metros do trabalho.

Norberto: Não tem do que se queixar não é?

Odair: Vou falar do transporte? Do ônibus? Eu não utilizo! Vou falar do que?

Norberto: Moradores? (*incompreensível*) moradores ou não?

Odair: Não. Felizmente até agora, todas as pessoas, eu me dou bem com toda a vizinhança. Graças a Deus.

Norberto: Sim. Com quem da vizinhança você tem contato? E que tipo de contato?

Odair: É, tenho contato assim, basicamente com todos, mesmo porque eu moro de aluguel e um dos vizinhos é o proprietário do imóvel que eu moro.

Norberto: Sim, sim.

Odair: Então é assim, eu sempre, se eu estou na rua a gente para, conversa, brinca, se precisar de alguma coisa busca na casa do vizinho, o vizinho busca na nossa casa. Se precisar a gente ajuda um ao outro. Sem problema nenhum.

Norberto: Ok. Você sentiu uma vez que a, tipo que a Congregação queria que você tivesse menos contato com quem não é da Congregação ou você nunca sentiu isso?

Odair: Não. Eu nunca senti isso não. Mesmo sendo nascido eu nunca senti isso.

Norberto: Sim.

Odair: Mesmo porque nós tomamos muito cuidado em, até nas pregações não citar nomes de religiões, e isso, eu sei que não tem nada a ver. Eu sei que cada pessoa segue exatamente aquilo que ela acha que é bom para si.

Norberto: Como você tenta fazer a transmissão religiosa?

Odair: Como?

Norberto: Tipo a religião, ela também continua a tradição religiosa e isso chegamos agora à Congregação cristã, onde um fala para o outro. Porque um transmite. Como você tenta transmitir a sua fé?

Odair: Transmissão da fé. A fé que é o firme fundamento das coisas que se esperam é a prova exatamente das coisas de que não se vê. E sem fé é impossível agradar a Deus.

Norberto: Sim.

Odair: E a fé também sem obra de fé ela também é morta. Porque a fé ela tem que ter obra e tem que gerar obra. Como que eu posso transmitir a minha fé para você? Através daquilo que Deus criou, principalmente na minha vida. Daquilo que eu já presenciei daquilo que eu já vivi. É muita história.

Norberto: E essa história você conta para seus filhos?

Odair: Conto. Conto. Inclusive essa história eu contei há pouco tempo atrás, sobre ser paralítico...

Norberto: Isso.

Odair: E mudo. Eu quero sempre brincar com o menino mais velho, com o meu filho mais velho.

Norberto: Sim.

Odair: Ele fala assim: pai, pai. Grava no celular para mim ele falou uma vez para mim, grava no celular. Mas para que filho? Vou gravar isso aí no celular? E ele falou: sabe o que é pai? É que eu quero ficar ouvindo toda hora porque eu acho tão bonito. Então, isso é gratificante.

Norberto: Isso no fundo, na vida deles, abre uma janela para Deus, (*incompreensível*) de Deus que (*incompreensível*) essa história.

Odair: Foi realmente. Foi Deus. Eu, impossível não ter outro.

Norberto: Sim.

Odair: Eu posso falar isso. É, biblicamente, até uma vez, Cristo também fazia a sua pregação, e alguns disseram assim: é mais, está falando por demônio, e o outro logo em seguida falou assim: Como que pode falar pelo demônio? Pois porventura o demônio pode abrir os olhos aos cegos?

Norberto: Sim.

Odair: Então, coisas que Deus faz na nossa vida que, não pode ser outro espírito a não ser o espírito do bem. Nenhum outro espírito faria isso.

Norberto: Sim.

Odair: Nenhuma outra força também.

Norberto: Vocês fazem tipo retificação em casa também? Com os meninos?

Odair: Alguma coisa sim, outras (*incompreensível*) não. Só se for...

Norberto: Uma oração?

Odair: É, oração. Às vezes nós encontramos eles brincando de cortina e a gente acaba se envolvendo, senta no sofá, brinca e eles continuam fazendo o (*incompreensível*) deles e ...

Norberto: (*incompreensível*) eles também fazem?

Odair: Eles também fazem, quer dizer, mas eu nunca ensinei eles fazerem isso pra, por vontade própria.

Norberto: Sim.

Odair: Eu também não fico falando, ou, vai lá, faz cortina, faz isso, faz aquilo, não. É isso, quando eles estão com vontade eles abrem e aí eu sento cantando com eles os hinos da igreja, aí eles pedem para testemunhar e pedem que eu conte sempre a mesma história, pai, pai, conta aquela história lá. Mas novamente. Aí eu falo, mas é sempre a mesma coisa! Rá, rá,

Norberto: A sua história?

Odair: Sim. Sempre a minha história. Da cura. Da libertação.

Norberto: Sim.

Odair: Daí eu brinco muito com eles, aí eles, acaba realmente abrindo uma porta né, da religião.

Norberto: Você e sua esposa às vezes tocam juntos em casa? Pegam os instrumentos e tocam?

Odair: Tocamos.

Norberto: E eles cantam juntos?

Odair: Às vezes cantam com a gente.

Norberto: Hã. Hã.

Odair: Eles tem os hinos deles, que eles sempre gostam não é.

Norberto: Os (*incompreensível*) de menores?

Odair: Existem os hinos de menores e tem os de adultos também. Eles pedem sempre os mesmos hinos.

Norberto: Quais são?

Odair: Eles pedem: quatro, quatro, quatro. Eles pedem um outro que fala eu gosto muito do... tem mais uns dois ou três hinos que eles gostam. Que são de adultos mesmo né.

Norberto: E aí vocês tocam.

Odair: E aí nós tocamos e cantamos com eles...

Norberto: Em casa? Quase faz um (*incompreensível*) em casa?

Odair: Em casa! Nós fazemos de tudo! Todo mundo junto. É aquilo que eu falei no princípio né, não tem televisão, não tem nada, às vezes vamos nos alegrar com aquilo que realmente é bom né?

Norberto: Sim.

Odair: Que nos faz falta.

Norberto: Você conhece outras casas de outros irmãos e irmãs? Como eles fazem dentro de casa? Os amigos seus? Outras famílias

Odair: Olha. Conheço muitos amigos meus, é basicamente o mesmo ritmo, basicamente o mesmo ritmo, só que eu acho que nós acabamos criando afinidade né, criando a mesma lei de raciocínio. São os irmãos que eu mais conheço né.

Norberto: Sim. Quem são as pessoas mais importantes para você?

Odair: Primeiramente eu sempre diria que é a pessoa de Deus né? Ela está acima de tudo e de todos e de qualquer pessoa. Os meus pais, eu devo muito a eles e a minha família. Essas são as pessoas mais importantes para mim. São as pessoas mais importantes, eu acho não, eu tenho certeza. Deus para mim é a pessoa de suma importância da minha vida. Estou atrelado a ele. Não tem direito, é como Paulo disse né, sou prisioneiro de Cristo.

Norberto: Sim.

Odair: Mesmo pela obra que eu fiz na minha vida, tanto de, principalmente de salvação, e depois a material. Por ter dado a oportunidade de andar novamente, falar novamente, eu me tornei prisioneiro dele, no bom sentido né? Um preso livre! Um preso livre!

Norberto: E salvação para que (*incompreensível*)? Seria a, por causa da....

Odair: A obra de salvação.

Norberto: Isso.

Odair: A obra de salvação remete muito a, principalmente ao batismo né? O batismo é, é o primeiro passo, é o primeiro grande passo que se dá a Cristo.

Norberto: Sim.

Odair: Inclusive ele passou por ele, né, pra descumprir o caminho da (*incompreensível*), ele passou por ele, e ele ensinou que todos nós devemos passar por ele, é o primeiro passo, não tem como. Toda pessoa tem que passar, tanto porque o batismo ele é, na verdade ele é um símbolo ele é um sacramento. Não é o batismo que vai te dar a salvação. Não é isso. Mas nas águas do santo batismo, você mostra e tua fé e a tua crença em Jesus Cristo, para a salvação da tua alma. E como? Porque é que nas águas? Porque as águas acabam simbolizando a morte e a ressurreição de Cristo. Então você foi sepultado pelo homem e nasceu uma nova criatura, para viver a realidade de vida, então o batismo nada mais é do que a morte e a ressurreição.

Norberto: Sim.

Odair: A morte e a ressurreição. Então na verdade no santo batismo você, você criou o grande, o grande elo. O grande passo para a vida cristã. Para a convivência cristã. O batismo sem dúvida nenhuma é o, é o maior momento da sua vida. E depende muito dos milagres que Deus vai fazer na tua vida. É a cena mais importante dele.

Norberto: Você foi batizado promessa do espírito santo?

Odair: Sim. Um dia antes do meu batismo.

Norberto: Ah!

Odair: É um momento assim que, é inexplicável, inexplicável. E a promessa de Deus era invés de a sua ressurreição né? Quando ele pediu para seus, seus discípulos. Não vos ausentei de Jerusalém até que do alto possas ser revestido do meu poder! E quando eles receberam o dom do espírito santo, tiveram ainda eles por embriagados, falando assim, ah, cada um falando numa língua né? Logo cedo! E aqui tudo embriagado! Aí Pedro falou: Não! Aqui não tem ninguém embriagado! Eles estão simplesmente com o espírito santo consolador que o Senhor havia nos prometido!

Norberto: Sim. A sua esposa também?

Odair: Também.

Norberto: Recebeu?

Odair: Recebeu o selo da promessa. É uma sorte né, porque alguns que (*incompreensível*) a minha sogra por exemplo, até hoje, mesmo com tantos anos de caminho ainda não é selada essa promessa. Também não significa que o selo da promessa lhe garanta a vida eterna.

Norberto: Isso.

Odair: Isso também não significa nada. É, você fazer como Jó fez, afastar-se do mal. E dar (*incompreensível*) de Deus. Procurar se afastar disso. Tudo aquilo que possa trazer perigo espiritual, é melhor você se afastar. E nunca jamais, jamais desafiar o poder do mal. Porque fala assim, ó, o mal existe? Existe! E ele está aparente para que todos possam ver. E ele está aí aparente! Só que nós devemos nos afastar dele. Nos afastar do mal da aparência do medo, porque, e nunca desafiar o poder dele e nem a nossa própria força! A nossa própria condição.

Norberto: Sim.

Odair: Ah, não é eu vou porque eu consigo resistir. Eu vou porque eu sei o que eu estou fazendo! Eu sei até onde eu posso ir, até onde eu posso colocar a minha mão. Então já erramos por colocar o “eu” na frente. Eu posso! Aí já começou o nosso grande erro. Porque na verdade se Deus não estiver na nossa vida com misericórdia, nós não conseguimos dar um passo.

Norberto: Sim.

Odair: Um passo e logo erramos.

Norberto: É verdade!

Norberto: Tem outros grupos além da Congregação? Associações, grupo de que você participa? Tipo amigos de bairro qualquer coisa assim?

Odair: Não. Eu já participei de alguns grupos, até ONG's mesmo, é da própria natureza, é ecologia, eu sempre amei muito a natureza, eu me identifico muito com ela.

Norberto: Sim.

Odair: É uma coisa que eu gosto, que eu gosto de fazer, caminhada, andar pela, por dentro da mata, eu gosto muito de fazer isso, então eu já participei de algumas ONG's, de algumas entidades assim. Hoje não. O trabalho e a família dificulta um pouco mais né?

Norberto: Sim.

Odair: Até a própria condição financeira né. Se as condições fossem melhores e desse mais abertura eu com certeza seria um amante da natureza.

Norberto: Sim.

Odair: Eu tenho sonhos ainda, eu ainda vou saltar de pára-quedas para sentir o ar bem forte no rosto.

Odair: Então eu sou muito amigo de adrenalina e o que eu (*incompreensível*) é a terra.

Helena: (*ao filho*) Não dorme mais não?

Filho: Não!

Helena: (*ao filho*) Vamos dormir?

Norberto: No cotidiano, dia a dia, quais são as suas preocupações do dia a dia?

Odair: É manter a minha casa em ordem. A minha família, todo mundo, os nossos familiares e dar a eles os princípios cristãos. Entregar a eles os princípios é a continuidade da vida a continuidade da, da nossa missão, da nossa razão de ser. Porque acredito que não, não mais tardar muito tempo a frente, acredito na volta de Cristo. Vai vir sobre nuvens, com muita glória e vai levar segredos. Eu não diria, eu não diria como muitos dizem, alguma nova (*incompreensível*) pra nós (*incompreensível*). Eu leio, leio reportagens, leio isto. Que algumas religiões até dizem tal dia, tal

época, vai ser fim do mundo, ou vai acabar. Eu acho que se fosse tão perceptível assim, a volta dele, ele teria como ano 2000 na virada do milênio, ele teria vindo em tantos outros momentos do próprio ser humano não, eu acredito que ele vai vim ainda muito, é como diz a própria (*incompreensível*) do momento, que todo o mundo, ninguém estará (*incompreensível*). Ninguém estará (*incompreensível*). Então eu acho que é discriminação da religião. Vamos dizer assim, discriminação da religião. Você vê a religião como se fosse um comércio, como se fosse uma venda, outros se beneficiando, tantas religiões, tantos pontos de vista, tantas coisas diferentes, contribuem para a volta do Cristo. Contribuem para a volta do Cristo. É que no momento, independente de religião, independente de fala, independente de tudo, vai vim Cristo num momento lindo, maravilhoso! Vai descer (*incompreensível*)?

Norberto: O seu lazer?

Odair: Aqui na nossa cidade, Diadema, eu não frequento quase lugares nenhum. Mas agora em São Bernardo e (*incompreensível*) estou habituado, estou aqui na divisa, claro! Quinhentos metros e eu já estou dentro da cidade. Sempre procuro levar os meninos nos parques em São Bernardo tem uns parques bons pras crianças brincarem, eu levo às vezes bicicleta pra eles andarem de bicicleta, vamos no parque e vamos passear todo mundo junto. Nós temos tempo! Nós temos tempo para isso. Eles não têm vídeo game em casa! Então nós temos tempo para andar juntos, para passearmos juntos, visitar amigos, aproveitar o que é, vamos dizer, o que a cidade tem de bom para nos oferecer né, que são os parques, às vezes dar uma volta em shopping, andar, nós somos pessoas, vivemos iguais a todas as outras com uma única diferença, a nossa religião. E não é tão diferente, não é tão diferente! É, nós somos iguais e eu acho que toda a, todas as nações nós somos iguais, você por exemplo, é nascido na Alemanha e eu vejo você como se fosse um brasileiro! É um ser humano e é igual a mim. Você é igual a mim! Se existem histórias que ficaram no passado, ficaram no passado, nós somos iguais. A gente tem coisas que aconteceram no passado de algumas nações e o que acontece nos dias de hoje que fazem parte da história deles. Não fazem parte da história das pessoas enfim. Não fazem parte das histórias. Às vezes as pessoas são comovidas e movidas por um único sentimento, uma pessoa do seu ponto de vista, e às vezes, por esse ponto de vista ela consegue carregar multidões atrás de si. Eu sempre me refiro que as pessoas são iguais aquela, aquela ponto de vista, elas foram modificadas em algum tempo. Mas todos nós somos iguais, brancos, negros, nordestinos, se é japonês, se ele é coreano, se ele é da Coreia do Norte, se ele é americano. Os americanos também são gente.

Norberto: Sim.

Odair: Se eles ficarem doentes eles também precisam de doadores de sangue, precisam de órgãos, são seres humanos, independente da força do seu país, independente do seu país ser isso ou aquilo outro. Nós temos a religião, os muçulmanos, nós temos os árabes, nós temos o Irã que dá tanta notícia, são pessoas como todos nós.

Norberto: Sim.

Odair: cada um buscando o seu espaço, cada um tentando defender o seu terreno, é o lado animal do ser humano.

Norberto: É verdade.

Odair: Mas que no fundo, no fundo, nascemos e morremos iguais, nascemos e morremos iguais! Exatamente iguais! É isso que as pessoas eu acho que deveriam entender. Independente da quantidade de fortuna que ele possa carregar, do dinheiro que ele possa ter, do poder que está na mão dele. Se amanhã a morte for uma autorização de Deus toda fortuna se vai e não compra a vida. E dessa sepultura como qualquer uma, de outra pessoa, que ele faz como qualquer um outro. Qualquer um! Outra pessoa! Se ele faz como qualquer um outro, pode ser Bush, pode ser o Presidente do Irã, pode ser o da África do Sul, pode ser o chefe de uma etnia, pode ser o povo mais rico, a mulher mais afortunada, o final que eles não acreditam, mas o final de todo ser humano é igual.

Norberto: É o sinal que não assiste, então, eu não nasci lá, (*incompreensível*) estudamos o (*incompreensível*). Mas você (*incompreensível*). Ta bom. Qual é a sua aceitação por ser músico da Congregação?

Odair: Para mim é um orgulho! Eu faço parte da maior orquestra no mundo! Hoje a Congregação representa a maior orquestra no mundo! Eu me recordo disso e hoje é considerada uma orquestra de câmara, mas é a maior do mundo! Em quantidade de músicos. Eu me orgulho muito quando eu vejo, nós temos os ensaios regionais onde se junta a região inteira e às vezes nós vemos lá, quinhentos, seiscentos músicos. Como eu já estive em ensaios regionais de mil, mil e quinhentos músicos, todos juntos, tocando, na mesma comunhão, na mesma reverência, a mesma partitura, todos juntos, é, a plástica até para quem vai assistir, ver, já pela primeira ou segunda vez já é o que você chama de emoção. Eu não, eu sinto Deus em tudo aquilo ali, eu sinto Deus e é maravilhoso. É a maior orquestra do mundo e eu sou participante dela!

Norberto: Sim. E isso você sente também em todo o canto que você tocar no trabalho?

Odair: Eu só vivia de tocar.

Norberto: E tocar, para quem você toca?

Odair: Eu não toco nem mesmo pra mim. Eu toco exatamente para que, tentando tocar a Deus, eu tenho que passar para o meu instrumento, o meu sentimento e a minha devoção para com Deus, eu tenho que passar para ele para ver se ele sente o meu estado de espírito que eu estou naquele momento. Eu estou alegre e quero que o meu instrumento tenha um som bem alegre e se eu estou mais entristecido eu consigo perceber isso até no, tocado no instrumento, porque quando você está mais em comunhão, quando está mais em paz, você percebe que o som do instrumento sai com maior facilidade, ele flui com maior facilidade.

Norberto: Sim.

Odair: Então, o instrumento para mim, ele além de fazer parte de mim ele é o meu termômetro. Eu sei como eu estou me sentindo por dentro pelo som que sai da (*incompreensível*).

Norberto: Você acha que outros músicos também se sentem assim ou isso é uma coisa só sua?

Odair: Eu acredito que muitos deles possam se sentir assim, mas eu acredito que é uma coisa bem, mas acredito que existem muitos músicos que toquem com o coração.

Norberto: Sim. Você tem outras pessoas para indicar a quem eu poderia entrevistar?

Odair: Tem. Tem pessoas sim. Nessa obra aqui. Minha mãe tem uma história bonita também.

Norberto: A mãe congrega?

Odair: Não. No Piraporinha.

Norberto: (*incompreensível*). Mas está bom. Ah! Agora tenho umas perguntas ainda se você quer, são aquelas perguntas meio chatinhas, tipo para pesquisa social mesmo, sua idade, mais ou menos que faixa etária?

Odair: Não. Eu posso falar a minha idade e (*incompreensível*).

Norberto: Ré, ré, ré, ré, ré.

Odair: Eu tenho trinta e cinco anos.

Norberto: Trinta e cinco?

Odair: Isso. Trinta e cinco.

Norberto: Estado é casado?

Odair: Casado.

Norberto: Na sua casa moram quantas pessoas?

Odair: Olha, na verdade nós estamos em quatro. Mas agora pouco chegou uma cunhada mais os três filhos dela, (*incompreensível*) não são (*incompreensível*), onde come um comem dois.

Norberto: Isso. E quantos cômodos tem a casa?

Odair: Quatro.

Norberto: Aí você tem dois filhos? São dois meninos? Como é?

Odair: São dois meninos.

Norberto: Isso. Bom, você é o chefe da sua família, (*incompreensível*), o chefe geralmente é o pai né? A sua escolaridade?

Odair: É segundo grau completo e pretendo ainda um dia fazer uma faculdade.

Norberto: Tipo qual?

Odair: Olha! É que aqui no Brasil infelizmente não se tem tanto apoio à ciência e tecnologia né, eu não sei até que ponto que eles apoiam. Mas amaria é fazer, como é que fala? Astrofísica. Eu amo tudo o que está no espaço.

Norberto: Sim.

Odair: Sou muito, é, eu tenho a minha cabeça virada mais ou menos para lá, então, eu até às vezes brinco, que às vezes quando eu ficava com internet em casa, o único lugar que eu entrava era o site da NASA, de alguns satélites, então eu ficava olhando, vendo o que acontecia; e agora, a Congregação ela é linda ela é fantástica, na verdade ela não coloca em nós, nós numa redoma, ela nos ensina o caminho da salvação, ela não te exclui do mundo, ela te prepara para o mundo. É diferente de algumas religiões que excluem você completamente do mundo e ditam aquela regra exata que você tem que seguir e você tem que ser exatamente igual e a Congregação, ela não é uma fábrica de, uma indústria de informática como faz computador aqui do lado, e todos os componentes são iguais, numa linha de produção. A Congregação ela, ela prepara as pessoas para o mundo. Aqui, ficam separadas a convivência do mundo, então, quando eu tinha internet em casa, eu ficava olhando a hora que, a hora que a estação espacial passa aqui em São Paulo. E por incrível que pareça, aqui na nossa região do ABC, existe um observatório, aqui na rua mesmo, a duzentos metros daqui nós temos um observatório. E por coincidência algumas vezes a estação espacial ela passa exatamente aqui em cima a Diadema então como instalaram umas antenas, e essas antenas acabam refletindo a luz do Sol, ela acaba passando como se fosse uma estrela, então eu descia na rua, chama a meninada inteligente e vem cá, vem cá, vem cá, vocês vão ver a estação espacial que ela vai passar agora. A meninada: não, não sei o quê, será que vai passar mesmo? E eu: não. Vai passar e os astronautas estão aqui e vocês vão ver que eles vão passar. Aí eu marcava a hora. Tem que vim dessa direção e vai passar por essa direção. Aí a meninada ficava todo mundo sentado e observando a passagem dele, então quer dizer, se eu tivesse que fazer faculdade eu fazia a Astrofísica. Eu acho fantástico e fabuloso a criação de Deus, aquilo que ele criou, aquilo que ele formou, e tem muita coisa aí fora que, nós somos muito pequenos em relação ao universo. E muitas vezes nos sentimos, o homem se sente tão grande, que domina a todos.

Norberto: Sim.

Odair: E na verdade não é, nós somos menores do que tudo isso daqui e existem coisas muito maiores do que tudo isso daqui. É o que eu faria, Astrofísica.

Norberto: Quando que você tirou a internet da sua casa?

Odair: Não. Eu tirei a internet de casa não faz muito tempo. Eu tirei quando eu decidi subir o escritório que nós tiramos o computador que eu tinha em casa e trouxe pra cá, para ajudar na rotina do escritório. Aí então como eu trouxe tudo pra cá, eu retirei a internet de lá. Mas a internet foi muito, é, até hoje eu tenho que me controlar para eu não entrar no site, para não entrar no satélite, para não ver a, as estações, o campo, tenho centenas de fotos eu tenho um cd gravado com momentos da natureza, são tornados, são furacões que passaram e que deixaram as marcas na humanidade e que o Homem não pode entender isso.

Norberto: Sim.

Odair: Então você tem aí desde o Katrina, eu tenho vídeos, eu tenho tudo o que ele se relaciona, esse aumento de gás (*incompreensível*), e, os lados da própria natureza em que o homem vão mexendo e brincando com ela.

Norberto: Sim.

Odair: Só que ficava ela, de vez em quando ela se volta contra o homem. E a natureza ela tem uma coisa, o homem pode achar que sabe tudo, que ele já conhece tudo, mas eu gostaria de saber quando é que o homem vai, vai dizer para o vento pára e ele vai parar.

Norberto: Sim.

Odair: Eu só conheci isso numa pessoa, no meu mestre. Num barco, numa tempestade ele disse: Vento, acalma. E o vento acalmou. E uma vez ele foi perguntado por um amigo que falou assim: você fala tanto de Cristo, fala tanto de bíblia, mas para minha vida não é história que foi escrita por homens, ela pode ter sido possivelmente mudada, colocada o pensamento de um homem, direcionada por um homem. E eu respondi para ele o seguinte: Olha! Se foi direcionada por homem eu não sei. Pode ser! Mas uma coisa eu quero que você me responda. Esse tal Cristo que você falou que é uma história, ele disse uma coisa que eu guardo dentro de mim, antes de mim nunca ouve igual a mim e depois de mim nunca mais haverá. Aí eu te faço uma pergunta: Depois dele quantos vieram? Você conhece algum? Ele disse não. Então, guarda com você uma coisa, existe um (*incompreensível*) muito grande nele, só que depois dele eu nunca vi nenhum outro.

Norberto: Sim.

Odair: E segundo ele não haverá mais. E é uma verdade, nunca mais vimos passagens bíblicas como a abertura do mar vermelho, ou de uma nação atravessar por outras nações, ganhando guerras, montanhas, nunca mais ouvimos falar em profetas, em profecias. (*incompreensível*) os homens que tentam alguma coisa mais, (*incompreensível*) porque chegou muito longe do que era Elias, muito longe do que era Eliseu, muito longe de Pedro que até a própria sombra curava, é muito, muito distante de Jeremias, de do próprio Davi e seu reinado. Acabou. Tudo isso acabou em Cristo. A história acabou nele. Porque é que depois dele não houve mais nada? E não houve mais ninguém. Então nele tinha um fundo de verdade, tinha alguma coisa nele, o que é que era de especial nele? Havia alguma especialidade em Cristo. Esse homem que depois dele, não ouve mais nenhum outro homem parecido com ele. Não vamos nem dizer parecido com Cristo nas obras dele. Vamos dizer parecidos com os que passaram para trás, que ficaram para trás antes dele. Nenhum homem parecido com João Batista? Ou ao menos sequer a sombra de Daniel. As boas histórias bíblicas se findaram. Se encerrou o livro. Nunca mais se escreveu nada. Nunca mais se escreveu nada, o (*incompreensível*) do homem fez a (*incompreensível*) da história, mas em Cristo fechou-se o livro da história cristã. Então, eu procuro tomar cuidado com o que está escrito nela, porque ele falou que depois de mim não vai haver nenhum outro. Mas um dia eu volto. Então se depois dele não houve mais nada e ele prometeu voltar, ele vai voltar, ele volta. Ele vai voltar falando em hebraico, ele vai voltar falando no dialeto que ele falava, ou seja, se ele vai voltar falando em alemão, em inglês, português, isso não importa, porque ele não é nem meu, nem seu, ele é nosso. Ele é nosso e todo mundo que sentar na mesa e falar assim eu quero Cristo, então ele é seu. Ele pode ser seu! É só você querer! Ele é de todos nós.

Norberto: Posso fazer uma pergunta? Qual a sua profissão?

Odair: Hoje eu trabalho como comprador de uma empresa. Sou comprador. Eu trabalho no departamento de compras.

Norberto: Ah tá. A sua renda, a renda familiar em salários mínimos mais ou menos...

Odair: Talvez uns três ou quatro salários.

Norberto: Migrante você não é?

Odair: Não.

Norberto: A esposa sim? Veio de Garanhuns né?

Odair: É, veio de Garanhuns.

Norberto: Garanhuns?

Odair: Isso.

Norberto: Você é filho de migrante? O pai?

Odair: Sim.

Norberto: Ele veio de onde?

Odair: De Pernambuco.

Norberto: Pernambuco?

Odair: Sim.

Norberto: E a mãe?

Odair: Também de lá.

Norberto: Ah! Os dois?

Odair: Também de lá. Garanhuns, foi por isso que me motivou a conhecer a terra e conhecer a cidade.

Norberto: Sim.

Odair: Eu queria antes de ir embora conhecer a cidade dos meus pais.

Norberto: E eles se converteram lá ou aqui?

Odair: Lá. Lá em Garanhuns.

Norberto: Mas eles se converteram. Os pais deles não eram da Congregação?

Odair: Não, não. Só os pais do meu pai eram, agora o da minha mãe, inclusive a minha avó já faleceu, nunca se tornaram. Minha mãe ela tem quatorze irmãos e dos quatorze nenhum saiu (*incompreensível*) na Congregação.

Norberto: São católicos?

Odair: Sim. Não praticantes. Interessante né? Aí ficou ela sozinha com quatorze irmãos e na verdade dos parentes da minha mãe eu não conheço nenhum que seja evangélico, (*incompreensível*) tipo de religião, são todos católicos não praticantes.

Norberto: E ela mora lá ainda?

Odair: Também não! Ela mora aqui em São Bernardo.

Norberto: Ah.

Odair: Mora em São Bernardo.

Norberto: Ela congrega? Piraporinha, você falou. Verdade! Muito bom, eu acho que para hoje as perguntas que eu preparei eram mais essas.

Odair: Certo! E nós vamos continuar!

Norberto: Vamos!

Odair: Vamos se Deus quiser!

Norberto: Ta bom?

Odair: Ta bom.

Norberto: Vamos ver aquilo que você acha importante ainda contar, e talvez com sua esposa. Eu não sei, mas teria gostado muito se ela ficasse junto. Ela veio né? Ela tava lá e ela veio para cá e tinha gostado muito, mas a (*incompreensível*) sempre é, é, não tem jeito.

Odair: Ontem, ontem ele estava com dor de ouvido desde ontem deve estar muito (*incompreensível*).

Norberto: É (*incompreensível*) também, de vez em quando aparece a dor no ouvido, o outro não. O mais velho não me recordo de ficar doente.

Norberto: E o *(incompreensível)* a mãe dela será. *(incompreensível)*,

Odair: Não eu vou da até uma, eu vou até ter que dar uma ligada para ela, só que eu acabei não tendo tempo.

Norberto: Não, não. Não tem tanta pressa. Vamos então depois marcar *(incompreensível)* no caso com sua esposa né?

Odair: Hã, hã. É isso aí, e depois eu vou fazer a minha entrevista com você.

Norberto: Isso mesmo!

Odair: Rá, rá, rá.

Norberto: Rá, rá, rá. Ta bom?

Odair: Ta jóia.

Norberto: Também gostei muito.

Dados a respeito do entrevistado

Idade	35 anos
Estado civil	casado
Quantas pessoas moram na casa	Normalmente 4, atualmente 8
Quanto cômodos têm na casa	4
Material const	Alvenaria
Vulnerab bairro	Média
Quanto filhos e seu gênero	2 meninos
Posição na família	Chefe (pai)
Escolaridade	Segundo grau completo
Profissão	Comprador
Renda familiar em sal min (aprox.)	3 a 4 sal min
Renda p/capita	0,75-1; atualmente 0,4-0,5
Migrante?	Não
Se for, de onde?	-
Se for, quando migrou?	-
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	Sim. Filho de migrantes (pai e mãe) de Garanhuns (PE).
Religião do(a)s familiares)	Congregação Cristã

Entrevista com Eduarda

A entrevista com Eduarda ocorreu em Santo André, no apartamento de Dorivaldo, no dia 22/08/08, pelas 15 hs 30, com Dorivaldo e Maria, sua esposa, amiga de Eduarda, sentada na mesa ao lado. Durante a entrevista, Maria foi para cozinha preparar um cafezinho e um bolo. A entrevista teve duração de aproximadamente 45 minutos.

Antes da gravação, expliquei para Eduarda que a entrevista fazia parte de um projeto de pesquisa numa pós-graduação que eu estava fazendo na Universidade Metodista.

Norberto: Então, não fique nervosa...

Eduarda: (ri)

Norberto: Quanto tempo você já está na Congregação?

Eduarda: Quanto tempo? Meu menino já tem seis anos. ... Dezesseis anos.

Norberto: Dezesseis. Você já estava casada?

Eduarda: Já estava casada.

Norberto: Vocês dois entraram juntos, o marido e você?

Eduarda: Não, só eu.

Norberto: Só você.

Eduarda: Só eu.

Norberto: E antes?

Eduarda: Como?

Norberto: Você tinha alguma religião antes?

Eduarda: Ah, eu frequentei bastante outra religião, outra igreja, né, mas não, em nenhuma delas eu fui batizada. Eu só ia de vez em quando. Na igreja católica eu fui quando era mocinha, depois eu não fui nunca mais. Não fiquei assim, primeira comunhão e estas coisas nunca fiz.

Norberto: E em quais outras igrejas você foi?

Eduarda: Posso falar o nome?

Norberto: Sim.

Eduarda: Assembléia de Deus, Sétimo Dia. Sétimo Dia foi a que mais frequentei. Sétimo Dia, e depois eu parei. Depois eu parei e fiquei bastante tempo. Quando eu voltei e retornei para igreja foi quando comecei ir na Congregação.

Norberto: E desde que você começou na Congregação, você não foi mais em outras igrejas?

Eduarda: Não, nunca mais. Desde quando conheci o caminho, conheci a doutrina, nunca mais fui em outra igreja.

Norberto: Como você conheceu a Congregação?

Eduarda: Como eu conheci? Eu já passava em frente todo dia, mas ir na igreja, não ia. Minha irmã já ia, e ela me chamava. Eu falava para ela: Minha irmã, nunca vou nesta igreja, que irmã, na Congregação, e ela falava: Não, vamos sim, precisa ver como é lá, é muito bom e tal, né. Aí um dia ela me chamou, e de tanto ela insistir, eu fui e fiquei até hoje (ri), até hoje.

Norberto: A convite da irmã?

Eduarda: Da irmã. Hm.

Norberto: Antes, quando você passava em frente da igreja, você já escutava música...

Eduarda: Ouvindo? Já estava...

Norberto: Você gostava? Chamou também ...?

Eduarda: Não. Sabe, quando eu tinha sete anos, eu fui na Congregação. Uma menina, quando eu tinha sete, ela era mais velha que eu. Na época que eu era criança, ela me chamou. Ela era até batizada, esta mocinha. Eu fui nesta igreja, mas eu não, eu lembro que eu fui, mas eu não lembrava de nada. Quando eu entrei de novo pela primeira vez na Congregação, aí veio tudo aquilo na mente, pensei: nossa, eu já vim nesta igreja, e naquele ano, assim, eu fui. Aí eu fui lembrando. Mas aí depois que eu comecei, que nem guardava, sabe, você fala assim: quando alguma coisa me tocava, aí eu passava, e naqueles dias não sentia nada. Quando eu comecei a ir na igreja, aí eu comecei conhecer, falei: Ah. Antes eu não sabia.

Norberto: Você já morava... você mora aqui em Santo André?

Eduarda: Em Santo André.

Norberto: Você já morava em Santo André quando você se converteu?

Eduarda: Já morava. Já morava.

Norberto: Você é de onde?

Eduarda: Eu nasci em Maringá, mas eu fui criada em São Paulo mesmo. Em Santo André.

Norberto: Ah, sim. Mhm. Você se batizou?

Eduarda: Batizei.

Norberto: Quanto tempo depois de entrar mesmo, a convite de sua irmã, quanto tempo levou ...

Eduarda: Para eu batizar? Oitenta e novo... Meu menino tinha um ano e novo meses, né... Acho que tinha dois, três anos. Dois, três anos ele tinha.

Norberto: Ah. Então demorou um ano e um pouco.

Eduarda: É.

Norberto: Naquele tempo, quantas vezes por semana você foi no culto?

Eduarda: Ah, quando eu tinha tempo, eu ia todas às vezes no culto, na comum, né, que era terça, sexta e domingo. Era difícil eu não ir lá, semana que eu não ia. Hoje eu falto mais do que antes. Antes eu ia direto. Agora eu estou mais assim, porque eu trabalho, em casa, fazendo tudo não dá tempo, né. Mas sempre que posso estou aí, três vezes por semana.

Norberto: Muito bom. Você tem alguma função lá?

Eduarda: Não. Não.

Norberto: Já tinha?

Eduarda: Não. Nunca tive.

Norberto: Nunca teve. Você conhecia bem o ancião, o cooperador, o diácono?

Eduarda: Não. Não. Conhecia o cooperador desta comum que eu frequento, ele é casado com minha prima. Mas não é mais o cooperador de lá porque ele mora em Praia Grande, né. Ele está servindo a Deus lá, atendendo os cultos lá na Baixada.

Norberto:

Isso.

Eduarda: Ele foi embora para lá. Eh, mas, assim foi este (?) a gente se cumprimenta, “Bom dia”, “Boa tarde”, “Oi, tudo bem? Como vai?” Visita pouco. Não aquela intimidade, sabendo da minha vida e eu da dele, não. Tanto é que quando fui à igreja pela primeira vez, quem atendeu o culto, não foi ele. Foi o irmão José Cirilo, o irmão José Cirilo (*se dirigindo a Dorivaldo*): que já morreu, né?

C: Isso

Eduarda: Ele que atendeu o culto, e a palavra veio pela boca dele, assim, não foi nem meu primo. E passou muito mesmo. Nos dois, três cultos que eu fui, e demorou, wisch, um, dois meses para eu ver ele com a Palavra. Nunca tinha visto. Naquela época aí muita gente fala: “É seu parente, né?” Não, não aconteceu isso comigo. Demorou muito de ir.

Norberto: O parente não teve importância nenhuma...

Eduarda: Nenhuma, nenhuma. Claro, depois que a gente começa a ir, aí ele vem na casa da gente, para falar da doutrina, das coisas que a gente já sabia. Falar da doutrina, visita a gente, aí a gente já está falando a mesma linguagem, né, querendo saber as coisas. Aí sim. Mas antes disso não. (?)

Norberto: O que você pensa sobre o ancião, o cooperador, o diácono?

Eduarda: O que eu penso? Como assim?

Norberto: Qual imagem você tem deles? Quando você pensa neles, o que vem na sua cabeça?

Eduarda: Ah, (*sorri*) são verdadeiros servos de Deus, eu penso isso. São tementes, têm o temor a Deus, (?). Aqui mesmo, em um, na farmácia aqui, na farmácia, ele é ancião na Vila Guarani, e eu acho que é da Vila Guarani ou eu confundo às vezes, e ele é muito bonzinho, ele tem fé em Deus mesmo.

Norberto: Então você tem muito respeito por ele.

Eduarda: Sim. Sim. (*Pausa*)

Norberto: Como você teve amigas, amigos entre as irmãs da Congregação? Algumas pessoas, lá da sua comum, ganharam importância para você, se tornaram amigas?

Eduarda: Mesma coisa. Se se tornaram depois de eu comecei ir para igreja? Não, continua a mesma coisa. A mesma coisa. As irmãs, você fala?

Norberto: É. Você criou amizades dentro da Congregação?

Eduarda: Ah, bastante, né. Bastante. Não assim de frequentar a casa um do outro, não. Cumprimenta, (?) não assim, toda hora juntos, não tem, não é assim.

Norberto: Mas às vezes você pede a alguma delas orar por você, ou ela pede a você

Eduarda: Ah, sim.

Norberto: Lembrar dela na sua oração?

Eduarda: Mhm.

Norberto: Sim?

Eduarda: Sim.

Norberto: As crianças brincam juntas, fazem coisas juntas, ou é mais difícil?

Eduarda: Como assim?

Norberto: Vocês se encontrarem, duas, três famílias de irmãs, para as crianças brincarem juntas...

Eduarda: Não, não.

Norberto: Não. (*pausa*) Me diga, o que significa o culto para você. O que acontece – você vai no culto, o que acontece com você.

Eduarda: Ah, é uma coisa tão boa (*ri*), é uma coisa muito boa. Sente a comunhão, não sei, não tem nem como explicar, é uma coisa, só você sentindo mesmo, mas é muito bom, quando fala, sente um fogo no rosto, um calorão, chora muito, eu principalmente, eu choro muito. É muito bom.

Norberto: Já ao entrar...

Eduarda: Já ao entrar, oh, tem dia que no hino de silêncio já começo a chorar, no hino de silêncio, e vou parar quando termina o culto, na hora de ir embora (*ri*), quando paro, hein. (*ri*)

Norberto: E é um choro de tristeza, de alegria.

Eduarda: Não. Não é tristeza, mas alegria, como é que vou explicar. Quando, o meu Deus, com vou falar, assim. É um choro de tristeza por certas coisas que eu não vi ainda passar, né, então dá uma tristeza, mas muitas vezes é por causa do que está acontecendo comigo, então eu choro por aquilo, e pela visita dele, que é muita, sinto muito a presença de Deus.

Norberto: E esta visitação emociona você, e aí você chora?

Eduarda: É assim.

Norberto: Tem momentos no culto que emocionam, que deixam você especialmente, que você chora porque sente, que são especialmente tocantes, dentro do culto?

Eduarda: Tem.

Norberto: Quais são?

Eduarda: Na hora da palavra. Na hora da palavra não tem quem não sente assim; a hora da palavra é muito bom.

Norberto: Isto é tanto a leitura da palavra como a pregação? O como é?

Eduarda: É. A gente sente, né? Às vezes tem hora que na, na hora que está lendo a palavra já começa a, já está vendo que Deus está falando, né.

Norberto: Sim.

Eduarda: E depois a pregação. É, depende, né. É muito bom.

Norberto: Esta visitação, você sente mais no culto, ou também na sua casa...

Eduarda: Na minha casa, às vezes dirigindo, às vezes conversando com uma pessoa, a gente sente.

Norberto: Aqui no serviço, aqui dentro no trabalho, quando tem um tempo livre, você faz alguma coisa, você às vezes também consegue entrar em comunhão? Sentir uma visitação, alguma coisa assim?

Eduarda: Sinto. Sinto. Às vezes, quando tenho tempo sozinho, numa hora dessas, sinto.

Norberto: Já aconteceu também na sua casa ou aqui, que de repente você começou a chorar ou sentir...

Eduarda: Oh! Oh! E como chorei! E como chorei!

Norberto: Na sua casa?

Eduarda: Na minha casa, no serviço.

Norberto: Por causa da visitação de Deus?

Eduarda: É. É. Sim. Não sei nem como explicar isso, mas é uma coisa muito boa. (?) para mim.

Norberto: Você participa da Ceia? Já participou da Ceia?

Eduarda: Mhm. Todo ano.

Norberto: Todo ano.

Eduarda: Todo ano. É uma vez por ano, né. Todo ano participo.

Norberto: E como é?

Eduarda: Bom. Bom. É bom.

Norberto: É um culto muito especial? Você se prepara antes para este momento? As irmãs se preparam especialmente? Ou é

Eduarda: Não. As irmãs, e os irmãos também. Todos eles são ansiosos. Mas sei lá, não sei explicar direito, mas é um culto especial para nós, este dia. Aliás, todos são, né, mas este é mais especial, por que a gente vai estar em comunhão, tomar a Ceia e tal coisa, né.

Norberto: Compra até roupa nova?

Eduarda: Não. Eu não compro. Com a roupa que eu tenho, eu vou. Se eu estiver com sorte, preparada com condição para comprar, eu vou lá e compro. Quem tem condição, compra, porque na verdade, se torna uma festa que nós vamos, né. Uma festa com nosso Senhor. É uma festa, mas eu não compro. (?) especial, mas eu não compro. Nunca comprei. Sei eu estivesse sem sapato, aí sim, eu vou lá e compro, porque eu não tenho, mas não para aquele dia, não compro para a Santa Ceia, não. Não compro.

Norberto: O culto da Santa Ceia é como os outros cultos mais a Ceia, ou?

Eduarda: Mais gosto da Ceia, né, a palavra, a Ceia, os hinos, a Santa Ceia.

Norberto: E a Santa Ceia acontece em qual momento?

Eduarda: Depois da palavra.

Norberto: A palavra? A pregação?

Eduarda: Mhm. E aí vem (?) e começa a Santa Ceia.

Norberto: E depois vai ainda a oração e o hino de encerramento, ou com é?

Eduarda: Depois que acaba a Santa Ceia, aí tem a oração e o hino do encerramento.

Norberto: Mhm. Em qual semana acontece a – é a mesma semana normalmente, o mesmo mês que acontece a –

Eduarda: Lá onde eu tomo, só neste ano foi no mês de março. Foi 26 de março. Normalmente acontece todo mês de junho; não sei o que aconteceu neste ano que foi no mês de março. Normalmente entre o dia 6 e 11 de junho.

Norberto: A sua comum é onde?

Eduarda: Aqui no clube de campo.

Norberto: Clube de campo?

Eduarda: É.

Norberto: Como é o nome no relatório?

Eduarda: Igreja Borda do Campo, né. A minha é a número um. Tem a um, a dois e a três agora, né.

Norberto: Ah, ‘tá.

Eduarda: Aliás, a dois está em reforma.

Norberto: Você já visitou outras casas de oração também? Você às vezes faz viagem?

Eduarda: Quando eu vou para o Paraná, eu vou numa cidade que tem a Congregação. De vez em quando Deus prepara mesmo.

Norberto: Aqui em Santo André você vai mais na sua.

Eduarda: Mais na minha. Eu vou lá para o João Ramalho, no Parque Santo (?) e congrego lá, se der tempo, né. Quando tiver tempo, aqui na Vila Guarani. Não é sempre; mas quando Deus prepara, eu vou.

Norberto: Quando Deus prepara, quer dizer, tipo, você já vai de qualquer jeito no João Ramalho, ou você se propõe

Eduarda: Não

Norberto: para ir na Congregação?

Eduarda: Não. Neste dia eu fui visitar minha tia, e eu não estava indo para congregar, mas Deus preparou, e eu acabei indo, eu estava perto, e eu já estava pronto, do mesmo jeito que dava para ir, eu já fui. Às vezes acontece assim.

Norberto: Quantas vezes você já foi em outras casa de oração?

Eduarda: E, Não faço idéia.

Norberto: ia para testemunhar ou...

Eduarda: Não eu não testemunho não

Norberto: Na sua comum você já testemunhou?

Eduarda: Já,

Norberto: E é um dia especial para você no dia em que você testemunha?

Eduarda: E como é (ri) e como é...se faz voto tem que pagar, né

Norberto: Ah, você já promete antes de você vai...

Eduarda: Às vezes nos temos uma causa assim para resolver, aí a gente coloca na mão de Deus, Deus pega a causa eu vou pagar o serviço de Deus ... Que nem a gente tava com uma tribulação com meu padrasto tava doente, enfermo, e eu mesmo, não é que eu fiz voto para testemunhar, mas eu tenho que contar a obra de Deus, né, se Deus abençoa, o justo...Deus fez uma grande obra na minha vida, então tou devedor ainda, por que não paguei ainda, vou testemunhar por esses dias,

Norberto: E com quais sentimentos você vai lá ao microfone

Eduarda: Sentimento de agradecimento a Deus, né, de ser grato na obra, pelo o que ele fez por mim, na obra, tem misericórdia.

Norberto: Um pouco de medo também?

Eduarda: Não, medo não dá não

Norberto: Nenhum?

Eduarda: Nenhum.

Norberto: É livre para falar, porque a palavra vem de Deus mesmo,

Eduarda: Medo não. Mas às vezes dá um pouco de vergonha né, mas medo não dá não, nem um pouco

Norberto: Você participou de outro, então você foi batizada você vai no culto, você vai na ceia - tem outros momentos na congregação que você participa?

Eduarda: Outros momentos? Ah tem assim o culto jovens, que às vezes levo a minha menina né, levo minha menina e às vezes fico, e na reunião da mocidade fui acho que uma vez só, para ver como é que era que, eu nunca tinha ido. Fui na mocidade, o que mais, não, só isso mesmo. As vezes tem culto pra enfermo né, a gente vai nos cultos,

Norberto: Lá na casa de oração,

Eduarda: Ah é, ensaio, (?), ensaio, meu filho é músico né, na congregação, às vezes tem um ensaio, as vezes tem um, fora, aí eu vou com ele pra ver né, ele tem muito, como é que fala, uma vez por mês tem ensaio na comum mesmo né, eu vou também, não sempre né mas sempre que dá eu vou.

Norberto: Como se sente à mãe em ver o filho como músico?

Eduarda: Ah, muito alegre, muito feliz mesmo, muito bom, porque a música é bem difícil para aprender. Aquela partitura lá, eu não entendo nada, e pra uma pessoa saber tocar, é de Deus mesmo, né?

Norberto: É.

Eduarda: Tá na sabedoria e sozinho ein, uma parte dele eu é que ajudava ele cantando os hinos para ele tirar as notas, porque na época ele que começou ele começou a estudar ele tinha sete anos daí parou porque teve a doutrina e, e antes ele não era batizado ainda, né. Depois que ele batizou e ficou firme, que ele aí quando ele pegava o violão para tocar, Santo Deus, aí eu ajudava ele cantando os hinos ele ia tirando as notas e eu na parceria ia ajudando ele,

Norberto: E ele batizou com quantos anos?

Eduarda: (*pensa*) Doze pra treze anos

Norberto: E a sua filha já batizou?

Eduarda: Não, ela só tem sete anos,

Norberto: Ah sim.

Eduarda: Sete anos. Ela só vai pra igreja só. (*pausa*)

Norberto: Você foi, acha que dizem, batizada no Espírito Santo, recebeu a promessa?

Eduarda: Não, eu não.

Norberto: O menino?

Eduarda: O meu filho é.

Norberto: É?

Eduarda: Mhm. Ele foi batizado com a promessa, e eu não.

Norberto: E aconteceu dentro da igreja, ou onde ele recebeu?

Eduarda: O meu filho, foi dentro da igreja, no encontro dos jovens no culto de jovens. Ele foi no encontro de jovens e recebeu a promessa lá, (?).

Norberto: Já antes de batizar com 7 anos?

Eduarda: Não, não depois, depois que ele batizou né, ele tava no culto de jovens, depois que ele batizou.

Norberto: Ele voltou, falou para você?

Eduarda: É, ... falou, que pela palavra, Deus já tinha falado que dentro de 20 dias ia fazer uma obra na vida dele,

Norberto: Falou para você ou para ele?

Eduarda: Para ele, ele chegou e me contou, disse: mãe, Deus falou que iria fazer uma obra na minha vida, dentro de 20 dias. Você pode marcar na folhinha, dentro de vinte dias vou fazer uma obra na sua vida. E ele pegou material, aí eu, quando a gente está junto a Deus, é mais espiritual, aí eu disse a ele: acho que é algo espiritual que Deus vai fazer com você. Ele disse: Ai mãe, será? Ele como estava na música né, ele achou que era a música que ia antecipar né, aí, quando ele passou 20 dias, quando ele chegou em casa ele chegou chorando, ele e a namoradina dele da igreja já, um monte de de moço, moça vieram tudo pra casa. Aí chega o Wagner chorando, e eu disse: O que aconteceu, filho, e ele falou: mãe, aí ele não aguentou nem falar, começou a chorar de novo né, daí a menina que tava junto, a namoradina dele, falou assim: Eduarda, o Wagner foi selado na promessa hoje, aí foi aquela benção, aí eu corri lá na folhinha e contei os dias, *(risos Norberto)* dentro de 20 dias se cumpriu a obra. Então é, eu não tava lá, mas eu guardei no meu coração, a palavra que ele falou e tudo que ele vinha falando no culto de jovens, pra mim eu guardava, tanta coisa pra se guardar né, *(risos)* tanta coisa e eu guardei e assim foi, foi batizado na promessa, ele.

Norberto: Esse foi um dia muito especial também pra você, né?

Eduarda: Pra mim também foi. Agora o outro foi batizado com a promessa dentro da igreja também, mais novo do que ele, esse não era batizado, eu fui num encontro de jovens com meu filho tem 15 anos, eu tenho um filho de 15 anos, chegou lá ele sentou do lado dele, ele tava tocando, no cultinho de jovens o meu filho, é o que era batizado, não era nem oficializado ainda, nem, como é que fala nem, nem era casado ainda, mas já tava no cultinho tocando, o menino sentou do lado dele, ele tinha falado assim: sai daqui, ele acha ruim isso, tocar acuado, mas ele ficou, ah...mas ele ficou em paz. Ai aquele culto foi muito especial também, foi um culto que falou mesmo com a mocidade ali, com os meninos tudo, Deus usou o irmão que estava no culto para contar assim, pro meu filho assim pequeno, como meu menino olhou para o lado, ele já tava selado com a promessa, lá mesmo, e ele fala isso direto e chora: Ai, aquele dia foi uma benção na minha vida, mais do que comigo, eu vi o Senhor batizar meu irmão na promessa, isso aí, é uma benção.

Norberto: Antes ou depois....

Eduarda: Não, ele não era batizado nas águas ainda, só dentro da promessa só.

Norberto: Isso. Antes o depois do irmão mais novo?

Eduarda: Depois do mais velho, depois do mais velho né.

Norberto: Ah! Sim

Eduarda: O mais velho, que é casado, que toca na igreja, mas antes não. Ele só vai na igreja de vez em quando pois não é batizado ainda.

Norberto: Você tem quantos filhos?

Eduarda: Três.

Norberto: E todos eles da congregação,

Eduarda: Todos eles.

Norberto: O marido também, ou não?

Eduarda: Esse ano ele obedeceu, e vai fazer agora dia 3 de setembro faz um ano.

Norberto: Você convidou ele?

Eduarda: É, de vez enquanto os meninos chamavam ele, de vez em quando ele ia, né. E de vez em quando os irmão vinham fazer uma visita em casa às vezes, por alguém que está enfermo. Na minha casa teve uns seis cultos de evangelização, o cooperador, os três cooperadores iam fazer o culto na

minha casa. Eu tenho o terreno grande e fazia os cultos de evangelização, convidava as pessoas que não era batizado, que não conhecia a doutrina, e lá se converteu quatro almas: o meu padraço, a minha, minha cunhada, meu irmão mais novo e o meu esposo, tudo ali, nos seis cultos. Eles vinham na igreja mas acho que não dava muito tempo, e parece que não sente né, mas uns seis ou sete cultos ajudou bastante. A evangelização.

Norberto: Desde que o marido também se converteu, obedeceu... a sua vida mudou mais ainda, ele mudou muito depois de obedecer?

Eduarda: Não, não mudou. Ele já, o meu marido era do que jeito que ele é agora, ele já era o mesmo, só que agora, ele já tinha parado de fumar, quando ele obedeceu ele fumava, ele não fuma mais, mas mudou sim, a gente acha que não, mas mudou sim, mudou bastante.

Norberto: Você lembra da sua vida antes de ser da congregação?

Eduarda: Mhm, e como lembro,

Norberto: Eh, então o que a sua, você obedecendo, o que mudou dentro de você?

Eduarda: Tudo, muita coisa

Norberto: O que?

Eduarda: Apreendi a ter paciência que eu não tinha né, eu acho eu não era feliz, eu acho que hoje sou feliz, acho não, eu tenho certeza, eu não era feliz naquele tempo, só sofria, só tinha sofrimento. Muita coisa mudou na minha vida.

Norberto: O que fazia, o que fazia você sofrer naquele tempo?

Eduarda: Falta de não conhecer as coisas de Deus né. Eu não conhecia nada, eu era cega espiritualmente. Quando eu não ia à igreja, eu não conhecia nada, eu ia por ir, eu ia buscar a Deus mas não entendia nada, entendeu, agora não hoje em dia eu tenho tudo que eu preciso, *(ri)* quando eu vou, eu escuto a palavra, e ali conforta a minha alma, não era material, a alma mesmo. Aquela coisas triste na alma, eu tenho tudo isso, e quando estou triste já penso *(ri)*, tirar a tristeza, mudou muita coisa em minha vida

Norberto: Você enxerga muitas coisas diferente em você, como pessoa mudou, o seu comportamento, as suas atitudes mudaram? O que mudou?

Eduarda: O que mudou? Tem tanta coisa, na minha aparência você fala?

Norberto: É pra ver a sua visão do mundo, do jeito que você fala de outras pessoas, o jeito que você avalia as outras pessoas, as coisas?

Eduarda: A gente olha muitas pessoas, assim, a gente vê que é cega espiritual né, a gente vê assim, que nem o passado, né, no domingo passado, atrasado, fui visitar um primo meu que estava doente, cheguei lá, foi uma tristeza, uma tristeza ver o jeito que eles tão, tanto materialmente, mas primeiramente espiritual, né, cega espiritual, tudo eles, ... eu me vejo no passado né, que eu era daquele jeito. Cega espiritualmente, só não sabia em que me agarrar, e eu vejo assim muita gente, pior foi ela que eu fui ver, né, fui visitar.

Norberto: Então de alguma maneira, às vezes até isso afastou você um pouco da sua família, porque agora você percebe a diferença que entre você e aqueles que não...

Eduarda: Não, afastar não, porque antes já era assim né, não afastar. O tempo é curto e não dá para ficar frequentemente na casa dos parentes e tudo. né,

Norberto: Sim

Eduarda: Mas muita coisa que ele fazem, a gente não faz né, é deixar de ir à igreja para ir numa festa... nós não faz isso, nós vamos para igreja, e eu, muitas vezes tem algum passeio, eu não vou, não porque tava dentro da igreja, não é questão disso, é questão que as coisas de Deus interessa mais né, então eu fui lá visitei ela, aquele jeito dela triste, aquela situação deles, é ruim, é ruim, não tem como explicar cego espiritualmente, não entende nada das coisas de Deus, então fica difícil né, eu olho assim e disse: eu já era assim também. *(risos dos dois)*

Norberto: Então se você deixa uma festa, deixa um passeio, não é só para obedecer tipo, obedecer uma voz de fora, mas você mesmo diz: não, para mim estar na igreja tem mais valor,

Eduarda: mais valor

Norberto: eu gosto.

Eduarda: Eu gosto.

Norberto: Eu prefiro estar na, na igreja,

Eduarda: igreja, mais do que em outro lugar, eu prefiro, eu prefiro. Eu falo para o meu marido: quando Deus fizer a obra por completo em você, ele fala o que é fazer a obra por completo? É você ir comigo, vamos comigo lá em São Paulo agora, vamos, eu estou disposta a ir com ele, eu não vou falar nunca vou falar não, porque ele tenho desejo de ir pra igreja sim, bastante dia,

Norberto: isso

Eduarda: e ele já não é assim, ele fala que duas vezes por semana tá bom, *(risos)* ele fala que duas vezes por semana tá bom, não precisa muito. *(risos)* Eu já comecei a ir de sexta e de domingo ele falou, mas ele só tá indo de domingo, né. Ele trabalha muito de semana, e eu já falo ao contrário para ele. Eu tenho o desejo de ir pra igreja sim, bastante.

Norberto: Você antes assistia mais televisão do que hoje?

Eduarda: Não, eu nunca assisti muita televisão. Só que tem muita coisa na televisão que eu nem olho, pra falar bem a verdade eu nem assisto a televisão. Vejo algumas cenas assim porque tem na casa da gente né, sim, mais jornal, algumas o jornal com notícias, mas não assisto muita televisão, não por causa da, da doutrina por causa de nada. Uma que eu já não gostava mesmo né, e depois que comecei a ir pra igreja, tem gente que perde de ir para a igreja pra assistir alguma coisa, mas eu não,

Norberto: Sim. A sua rede de amigos mudou desde que você está na congregação?

Eduarda: Não, eu nunca fui de ter muitos amigos né. Sempre fui assim do jeito que eu sou mesmo. Só uma moça que eu, eu andava quando era moça, quando a gente era moça lá no Paraná que morei bastante tempo lá, eu não era crente e ela também não, hoje também, hoje eu sirvo na congregação, e ela também lá no Paraná, só que ela não sabia e nem eu, *(risos)* ela encontrou a minha mãe e falou,

Norberto: Ah sim,

Eduarda: falou assim oh, agora eu sou crente, minha mãe falou olha que benção, ela falou assim, e a Eduarda, a Eduarda também, Eduarda é da congregação, minha mãe falou. Ela falou assim: Nossa, eu também sou. Sauda ela na paz de Deus, eu nem, nós duas não se encontramos mais. Era moça, a última vez que eu encontrei ela eu tinha uns 22, 23 anos, e nunca mais eu vi ela, fiquei sabendo pela minha mãe.

Norberto: E a mãe qual é a religião dela?

Eduarda: Congregação Cristã. Minha mãe foi a primeira que obedeceu em casa.

Norberto: Ah... E você lembra como sua mãe obedeceu?

Eduarda: Oh! *(risos)* E como lembro, na hora que ela chegou, teve uma excursão pro batismo né, numa cidade aqui em São Paulo, só que eu não sei a cidade né, acho que Canaã se chamava, só lembro disso, e chegando lá minha mãe começou a sentir que Deus ‘tava chamando ela pela palavra, Deus tava chamando aquele dia e tal, e ela foi lá se trocar pra ir aí eu impedi ela se batizar. *(risos)* Falei: não mãe, o que a senhora vai fazer, a senhora é louca, eu ‘tava indo naquele dia né, começando, e ela falou não, não eu to sentindo alguma coisa no coração, deixa eu ir; falei: aí mãe acho que não adianta não hein. Ela falou: não, Eduarda, eu vou, foi chorando, a gente sente né, quando é Deus que está chamando, aí minha prima como já era velha nos caminhos, ela chegou e falou: Eduarda o que está acontecendo aqui, eu falei pra ela: aí minha mãe vai batizar, e ela: não, deixa ela, se ela tá sentindo, deixa o dia de amanhã pertence a Deus né, se ela tá sentindo, não impede. Minha mãe obedeceu, né, primeiro lá de casa foi ela,

Norberto: Ela tinha sido convidada por alguém também?

Eduarda: Ela foi junto comigo, no mesmo dia. No mesmo dia que falei que fui para a igreja, ela foi comigo. E naquele dia, Deus falou claramente comigo e com ela pela palavra, falou mesmo, revelou a graça, a lei, a doutrina, foi falando tudo, sabe, parecia que conhecia minha vida, nossa, parecia que o homem tava pregando, parece que tinha ido na minha casa, parecia sabia tudo que eu estava passando, eu e a minha mãe, naquele dia falou tudo comigo, eu não falhei mais *(risos)*.

Norberto: Na hora que você veste o véu, o que acontece com você, o que esse momento de vestir o véu ele tem algum significado especial para você ou não?

Eduarda: Ah, eu acho que, pelo que fala lá na doutrina fala que o véu é o poderio sobre a cabeça da mulher né, e eu coloco não por que acho que vou 'tar com mais poder, não é isso, eu tenho respeito né pelo o véu, coloco, né.

Norberto: E quando você ora na sua casa, você veste o véu também?

Eduarda: Também.

Norberto: Ajoelha, como você faz na sua casa?

Eduarda: Ajoelho, coloco o véu, ajoelho, e oro ... fecho a porta do meu quarto. Às vezes eu oro com minha filha, às vezes eu oro sozinha.

Norberto: Com os filhos não, e com marido não?

Eduarda: Não, eu oro com o meu marido, mas é muito pouco, *(risos)* muito pouco, às vezes eu tô lá, na sala, ou as vezes vou dormir, ou eu vou sair para algum lugar eu oro né.

Norberto: Quais são os seus momentos de orar?

Eduarda: Os meus momentos, na hora que vou dormir, de manhã quando vou trabalhar. Às vezes sem o véu, às vezes não é bem orar, é invocar o Senhor no caminho do serviço, alguma coisa assim, às vezes estou lavando a louça meditando ali, limpando casas, fazendo alguma coisa, estou meditando a Deus.

Norberto: O que você mais gosta na congregação?...

Eduarda: O que mais gosto? Iche, tudo ein, gosto de tudo, gosto da palavra, dos hinos, da presença de Deus que eu sinto demais nossa, eu gosto de tudo,

Norberto: Tem hinos especiais que você gosta muito, muito mesmo mais que outros?

Eduarda: Ah, sempre tem um que a gente gosta mais né, mas são todos, eu gosto bastante dos hinos da congregação, um que eu gosto mais é o 360, mas o 12 pra mim também é especial.

Norberto: Ou vem uma melodia na sua cabeça, uma?

Eduarda: Hoje se veio?

Norberto: É, não, em geral, quando vem uma melodia na sua cabeça, é mais hino da congregação?

Eduarda: Só da congregação,

Norberto: Ah tá, mhm.

Eduarda: Só da congregação.

Norberto: Você acha que alguma coisa na congregação deveria mudar?

Eduarda: Não, eu acho que não.

Norberto: Nenhuma critica?

Eduarda: Nenhuma. Para mim tá bom...

Norberto: As outras irmãs, que você conhece, também se sentem assim, se sentem plenamente realizadas lá?

Eduarda: Também.

Norberto: O que você pensa hoje da Assembléia de Deus, Adventista do sétimo dia, das outras religiões, das outras igrejas?

Eduarda: O que eu penso. Eu acho não vou poder te responder isso, que cada um que tá lá serve Deus de uma forma né, eu achei que o caminho certo pra mim é onde eu estou, né, onde me sinto bem, onde eu senti Deus entrar no meu coração, falar com a minha alma, é onde eu to, lá eu ia e não sentia isso.

Norberto: Você já teve sonho, tipo revelação em sonho, alguma coisa assim?

Eduarda: Não, se eu tive eu não lembro,

Norberto: É mais pela palavra mesmo,

Eduarda: É.

Norberto: A visitação.

Eduarda: É.

Norberto: um sentimento no coração?

Eduarda: É.

Norberto: Você mora aqui perto?

Eduarda: Moro, daqui dá uns 20 minutos ou mais,

Norberto: Você gosta do seu bairro?

Eduarda: Mais ou menos. Não muito, *(risos)* mais ou menos, gosto porque é minha casa lá né, mas não gosto muito do bairro não.

Norberto: Por que?

Eduarda: Não tem água encanada, não tem esgoto, não tem asfalto, não tem mercado, não tem nada perto, tudo que a gente tem que comprar, tem que comprar pra cá ...

Norberto: Os outros moradores lá são semelhantes a você?

Eduarda: Como assim?

Norberto: O pessoal que mora lá, é semelhante a você, tem gente bem mais rica, carro mais chique?

Eduarda: Oh, e como tem! Tem. Gente em melhor situação financeira.

Norberto: Você tem amigos entre os vizinhos? Gente da rua, do ...

Eduarda: Tem. A gente conversa bom dia, boa tarde, bate um papinho ali.

Norberto: Lá é clube de campo. Existe algum tipo de clube lá também, uma turma em que os vizinhos que se reúnem para a ...,

Eduarda: Não. Se tem, eu não sei, tem que ser sócio no clube de campo. No final lá, no ponto final, se tem alguém dali eu não sei, mas deve ter alguém sim.

Norberto: Tem alguma associação de moradores? Alguma coisa assim?

Eduarda: De bairro e essas coisas? Deve ter, mas eu não participo. *(risos)* Nem sabia, acho que tem sim, tem sim, chamaram meu marido, por causa do rodoanel que tá passando né, tem sim. Mas não participo, eu não vou.

Norberto: E iria antes, e desde que está na congregação já não ia mais, ou você antes também já não ia?

Eduarda: Não, eu já não iria, não é por causa da congregação.

Norberto: Morar naquele bairro prejudica sua vida, você acha? Se não tem água encanada, não tem nada?

Eduarda: Não tem água, não tem asfalto, nem esgoto. A única coisa de bom é que lá não tem aqueles muito marginal, aquele monte de marginal, usando droga, lá não tem, pelo menos não vê, se tem, é dentro de casa. Lá não tem tudo isso.

Norberto: É um pouco sossego?

Eduarda: Tem bastante sossego. Você pode guardar coisa na rua, ninguém rouba, ali não. *(risos)*

Norberto: Do Dorivaldo foram roubados 14 carros, da família

Eduarda: Lá não, lá eu tenho meu carro fechado na garagem. Meu vizinho comprou um corsinha lá 98, eles não têm garagem e guardam lá fora, nessa parte é bem sossegadinho.

Norberto: Você tem queixas moradores do bairro?

Eduarda: Não, não tenho, ah...

Norberto: Você sente que a doutrina, ela pede para você não ter contato com vizinhos, com certas pessoas ou não?

Eduarda: Não.

Norberto: Na sua família, vocês fala sobre a fé, sobre a congregação, vocês oram juntos?

Eduarda: Bastante.

Norberto: Você acha que seus filhos estão na Congregação tem muito haver com você mesma também?

Eduarda: Não. Por causa de mim você fala?

Norberto: É. A mãe está lá, a mãe fala tá feliz, a mãe encontrou Deus, você acha que não.

Eduarda: Eles vai porque tem que ir mesmo. Come nem meu filho mais velho, ele foi porque, eu falava para ele ir, o caminho de Deus, explicava as coisas de Deus, ele ficou mesmo porque ele sentiu Deus no coração dele, fazendo a obra com ele.

Norberto: E ele entrou na congregação, ele obedecia quando?

Eduarda: Ele tem 24, uns 11 anos, lá

Norberto: Então um pouco depois de você?

Eduarda: Não, pouco não, três anos depois né. Ele tinha uns nove anos quando eu batizei. Nove anos. O mais novo que tinha nove meses. Esse de 24 fazem doze, treze anos que ele obedeceu. Não, doze a onze anos. Não, doze a onze anos, assim.

Norberto: Você aprendeu toda a fé dentro da casa de oração, dentro do culto, não é?

Eduarda: Dentro do culto, é.

Norberto: Seus filhos também, dentro da sua casa, pela oração na sua casa também?

Eduarda: Não, mais na igreja mesmo.

Norberto: Mais na igreja. Você diz que o cooperador veio três vezes na sua casa, para fazer oração lá. Você também foi na casa de outras pessoas fazer oração lá?

Eduarda: É porque se tem algum irmão enfermo, lá no sítio, vai ter um culto na casa do irmão, ou da irmã que está enferma. nos vamos Aí vão lá os irmãos, fazer culto de enfermo, né, tem culto de enfermo lá, tem 4 ou 5 casa para fazer, de dia de quinta e segunda, é o dia que não tem culto, tem culto na casa das irmãs que estão enfermas, dos irmãos, é um culto normal, e é porque o enfermo não consegue vir na igreja, né. Aí vai na casa.

Norberto: E quando você pode você vai junto?

Eduarda: Eu quando tenho tempo vou junto,

Norberto: E aí, vai o cooperador também?

Eduarda: Vai. O cooperador vai.

Norberto: Eles vão dar unção ao doente, ou não?

Eduarda: Não. Ungir, você fala? Só se Deus revelar, mostrar que é pra ungir, senão, não.

Norberto: O que você diria hoje, quem são as pessoas mais importantes na sua vida?

Eduarda: Pessoas, tirando Deus, meu esposo, meus filhos e minha mãe, meus filhos, minha mãe. Nossa, difícil, né?

Norberto: E sua mãe mora com você?

Eduarda: Não ele não mora ela mora no ... ela tem a casa dela,

Norberto: Os filhos tudo é da congregação né?

Eduarda: Quem?

Norberto: Os filhos, o marido a mãe, tão tudo na congregação né?

Eduarda: Tudo na congregação.

Norberto: Agora pegando o seu dia a dia, quais são suas preocupações do dia a dia,

Eduarda: ah, são tantas né, tantas.

Norberto: E as maiores quais são,

Eduarda: as maiores os filhos passarem no estudo, não vai no mundo, eles tem 16 anos, vai se quer né, tem a menina ela ainda vai, mas se daqui a 5, 6 anos ela não quiser ir mais?

Norberto: Nessa idade é difícil na adolescência,

Eduarda: Ela vai porque ela sente bem também, ela tem 7 anos, ela vai para a igreja ela fala como uma pessoa adulta, escuta toda palavra ouvindo, ela sente Deus no coração, ela vai ela chora mesmo, chora mesmo, e fala mãos no meu coração está disparou, ela tem 7 anos, põe a mão no meu coração para você ver, ela tem 7 anos. Tem temor no coração, ela não corta o cabelo de jeito nenhum, ela tem medo, e não é eu que falo as coisas pra ela não, ela tem temor mesmo, eu já cortei o cabelo dela 2 vezes, mas ela não gosta não, é Deus mesmo.

Norberto: As irmãs chora muito, você chora muito, as irmãs,

Eduarda: Não somos só nós tem irmão lá que chora mais do que as mulher, olha chora mesmo, e como chora.

Norberto: E os tempos livres, o que você mais gosta de fazer, lazer.

Eduarda: O que mais gosto de fazer , tudo é ir na casa da minha mãe, fico mais na minha mãe do que em casa, eu gosto muito de viajar mas não tenho dinheiro né,

Norberto: na sua mãe você vai porque?

Eduarda: É perto...é perto mas eu gosto mesmo, não é obrigação. Vou lá converso um pouquinho nela, depois venho fazer as coisas, não é obrigação, eu vou lá porque eu gosto mesmo, fico conversando ali mais meia hora com ela aí já janto ali, depois eu subo de novo.

Norberto: Então não é porque você se sente obrigada a fazer né?

Eduarda: Não é porque eu gosto mesmo. Às vezes subo pra minha casa só pra dormir, aí eu já fico lá, fico conversando com ela depois eu subo pra casa depois de uma hora.

Norberto: E com a filha o que você faz?

Eduarda: Com a filha eu vou no carrefour , vou no centro passear, às vezes levo ela no parquinho, parquinho eu não gosto,

Norberto: E ela gosta?

Eduarda: Gosta. Você às vezes fica um pouco triste porque seu filho toca musica, e você não pode tocar?

Eduarda: Não cada um tem um dom né, eu acho que o dom da música Deus não me deu. Não entra na minha cabeça as partituras, notas, mas eu não fico triste não eu fico em paz. Eu fico é muito feliz de ver ele tocar.

Norberto: Ontem o irmão me disse que o homem, é a cabeça da mulher, é isso mesmo, eu também acho, você se sente bem com isso ou não?

Eduarda: Me sinto bem, eu acho que é o certo, né. Mas tem muita mulher que não se enquadra nisso, ela é que é a cabeça, mas eu não, mas eu vejo assim que é o certo mesmo,

Norberto: Você sempre achava isso antes de estar na graça?

Eduarda: Não eu não achava isso, achava que o homem era muito machão né, e gostava de mandar, mas hoje em dia eu sei que o homem é a cabeça da mulher né, e você acha que quando você não sabia era pior que hoje.

Norberto: O irmão ontem me disse, o irmão o porteiro me disse que a mulher quando veste o véu ela fica no mesmo patamar, assim como na palavra também, aí tem a diferença, na hora que ela veste o véu não tem mais que o homem é a cabeça da mulher, quem falou?

Eduarda: O irmão. Eu não sabia não. Homem (...) disse o véu tem significado de poderio sobre a mulher, quando ela coloca ela se reveste de uma força maior.

Norberto: ah...força divina.

Eduarda: A menina já veste o véu também, já desde pequenininha, desde um ano, um ano e meio eu comprei e ela já veste o véu, na visita, oração, qualquer coisa ela põe o véu.

Norberto: Todo o poder na congregação está nos homens, e não atrapalha você, para ser ancião só pode ser os homens, igual igreja católica papa só pode ser homem, bispo só pode ser homem, padre só pode ser homem, e às vezes um anseia o poder do outro, às vezes quem é padre anseio o poder do bispo para mandar um que quer ser padre mais e essas coisa, pra mim não,

Eduarda: Eu acho até bonito o homem ter esse poder todo, esse domínio, eu acho até bom, as outras igrejas tem missionária eu não acho legal, presbiteriana, missionária.

Norberto: Na família quem é que manda de verdade?

Eduarda: Aqui na minha casa você fala? O meu esposo, muito coisa eu falo não, mais no fundo é ele que manda,

Norberto: Mas no fundo você se sente bem assim?

Eduarda: Me sinto não tenho nada contra.

Norberto: Como vocês fazem com o dinheiro, vocês trabalham e aí?

Eduarda: Eu vou falar a verdade, eu gasto o meu dinheiro e o dele, é.

Norberto: Mas você gasta com os filhos, com a família não é, é eu gasto dentro de casa, né, mas só que faça um conta e ele tem que me ajudar, isso vocês partilham,

Eduarda: Nos dois juntos isso é legal, é legal, eu falo pra ele esse mês não vai dar pra pagar tal coisa, ele dá o dinheiro ele não acha ruim, e ele gosta, vamos supor se eu precisar do dinheiro e ele tiver.

Norberto: Você dois se combinaram, vocês dois tem um bom dialogo, entram num consenso,

Eduarda: Nós combinamos bem.

Norberto: Mas sempre foi assim?

Eduarda: Não quando eu não era da igreja não era não, não era.

Norberto: Quem era o problema, ele você ou os dois,

Eduarda: Não o problema estava nos dois né. Eu não entendia muita coisa, eu não disse que eu não tinha paciência? Eu não aceitava, eu não aceitava ta passando por alguma coisa, e isso era permissão de Deus, eu não aceitava eu essas coisa só pra mim, porque as vezes tem que entender que é permissão de Deus. Muita coisa a gente aprende quando começa ir para a igreja né, a doutrina faz entender que tem que esperar, eu não sabia esperar.

Norberto: Então você acha que muita coisa na sua vida melhorou, porque você mudou, porque a igreja mudou uma crença sua, oh ... e com isso sua vida em família melhorou muito, muito, e depois que ele obedeceu também mudou mais um pouco também,

Eduarda: Mas Deus já estava trabalhando com ele antes né, mexendo no coração dele, e obedeceu porque tava na palavra que tem que obedecer e batizar né, descer as águas, mas ele tava bem convertido.

Norberto: E antes de você congregar ele era diferente também?

Eduarda: Ah, era sim .

Norberto: Então quando você começou a congregar de vez em quando ele foi junto?

Eduarda: Então quando eu comecei a congregar eu chegava e falava pra ele assim , que ele chama Tom, ... estava escrito assim, assim na palavra, ai ele falava ai meu Deus lá vem você com essa conversa, quem falou que o homem fala na boca , é mas fala mesmo Tom, falou hoje na palavra assim, daí ele não dava muito ouvido. Ai quando Deus usou um irmão para falar da alma dele, e entrou no coração dele, ele começou a sofrer.

Norberto: E Deus entrou no coração dele porque ele foi no culto, ou porque você falava a palavra do culto para ele, e ele se tocou, como foi?

Eduarda: Não eu falava da palavra, Deus falou isso e isso na palavra, aí acho que ele guardou acho que ele deve ter guardado, acho que alguma coisa deve ter ficado, ai quando Deus usou aquele irmão para falar assim cara a cara com ele, tudo aquilo que ele passou com alma dele, ele creu nele, ai ele ainda não começou ir pra igreja, ai um dia ele foi Deus falou com ele, ai ele foi indo...ah...e ele foi se modificando. Ai uma vez ele tava lá, e disse que a palavra falou Deus quer falar com você, ele falava assim pra mim, uma vez eu tava congregando ... muito bom .

Norberto: Você sabe se a história de outras irmãs é semelhante ou tem irmãs que realmente tem maridos que bebe, é mal mesmo, que é violento dentro de casa, ou a irmã vai ao culto e ele não, as coisa já começam a mudar dentro da família ou às vezes o sofrimento continua?

Eduarda: Continua. Tem bastante irmã lá que o irmão bebe, ou fuma, que não vai para igreja, mas aí na palavra fala que é para espera, tem que ter paciência que Deus vai fazendo a obra, tem um testemunho que a irmã contou que ela ia para igreja e o marido brigava com ela, ela contou aqui no prédio e esse testemunho pra mim, ela teve aqui e contou para mim, ela era do Jd. Santo André, ela disse que o marido é ruim mesmo com a mulher ele xingava ela, ela falou que começou a ir pra igreja e Deus tinha falado com ela, fica em paz Deus está fazendo a obra na sua vida , o seu esposo vai andar do teu lado de braço dado subindo essas as escadas com você, passou muitos anos e Deus falou a mesma palavra, passado um tempo ele obedeceu, e ta servindo a Deus, e ta subindo as escadas, servindo a palavra, então, Se cumpriu a palavra para serva de Deus parou de beber de fumar e sabe como ele ta subindo as escada? Com fé, ele sobe de braços dados com ela, porque ele tem fé. A mulher me contou que é muito ruim, agora quando ele vai para algum lugar ele manda as filhas, ela com o melhor terno, e vivem em paz, com sapato bonito cuidando dela, isso passou pra mais de 20 anos ela falou.

Norberto: Você acha que em 20 anos alguma coisa mudou na vida dela?

Eduarda: Acho que sim, é que só fiquei sabendo dessa parte, acho que deve ter mudado né.

Norberto: Você não sabe se ela falou com você que voltava pra casa e falava o que tinha ouvido no culto?

Eduarda: Deve ter falado e ele deve ter mandado ela calar a boca, (*risos*),

Norberto: verdade. Agora tem mais algumas perguntas que eu tenho que fazer, só a sua idade é?

Eduarda: 40 resolvido,

Norberto: Você é casada?

Eduarda: Casada.

Norberto: Você tem dois filhos e uma filha?

Eduarda: Isso.

Norberto: Então você mora com cinco em sua casa?

Eduarda: Não mora eu e meus dois filhos porque tem um casado, tem uma filha..

Norberto: Ah...certo, quantos cômodos tem sua casa?

Eduarda: Deixo eu ver, 4 cômodos, quarto, cozinha, sala e quarto dos meninos ,

Norberto: E você é mãe, esposa e trabalha.- Qual é a profissão do marido?

Eduarda: É líder 3,

Norberto: O que é isso

Eduarda: Encarregado na prefeitura.

Norberto: Encarregado na prefeitura. E a sua profissão se chama?

Eduarda: Auxiliar de serviços gerais,

Norberto: A sua escolaridade é?

Eduarda: 5ª série.

Norberto: Juntos mais ou menos quantos salários mínimos vocês ganham juntos?

Eduarda: Salário? Meu e dele, a o mínimo? O mínimo é mais ou menos R\$ 415,00. O meu é R\$ 583,00, o dele é R\$ 580,00, o dele é R\$ 2.000,00, mais ou menos.

Norberto: Você nasceu no Paraná né,

Eduarda: Nasci lá e fui criada aqui em São Paulo,

Norberto: Você veio pra cá com quantos anos?

Eduarda: Que eu vim pra cá? Não lembro? E depois eu voltei pra lá com 12, 13 anos, voltei e fiquei um tempo.

Norberto: Ah, você voltou,

Eduarda: Voltei com 12 anos pra lá. Quando tava de volta e veio de novo, vi quando tava com 18, 19 anos.

Norberto: E o marido?

Eduarda: O marido veio do interior de São Paulo,

Norberto: E vocês se conheceram aqui em São Paulo, sim aqui em São Paulo,

Eduarda: Em Santo André, isso.

Norberto: A questão familiares a mãe tudo da congregação, e ela antes de ser era um pouco católica, depois também pela assembléia de Deus e adventista de sétimo dia.

Eduarda: Católica não fui não eu não ia na missa nem nada, eu não sei o que é uma missa, só de pequena mas não guardei na cabeça

Norberto: E a mãe,

Eduarda: Minha mãe era na igreja evangélica também.

Norberto: Qual? Você lembra?

Eduarda: Assembléia mesmo.

Norberto: Ta bom, eu agradeço muito foi ótimo, que bom. Eu to vendo que você ta feliz na congregação.

Eduarda: Eu to bastante feliz, muito feliz, não tem caminho melhor do que servir a Deus, né. Verdade. Não tem.

Dados a respeito da entrevistada

Idade	40 anos
Estado civil	Casada
Quantas pessoas moram na casa	4
Quantos cômodos têm na casa	Quatro
Material const	Alvenaria
Vulnerab bairro	Média
Quantos filhos e seu gênero	2 filhos e uma filha
Posição na família	Esposa do chefe de família; mãe; trabalha fora
Escolaridade	5ª série
Profissão	Auxiliar de serviços gerais
Renda familiar em sal min (aprox.)	6
Renda p/capita	1,5
Migrante?	Sim
Se for, de onde?	Paraná
Se for, quando migrou?	Já na infância
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	
Religião do(a)s familiares)	Mãe evangélica (AD e Adventistas 7º dia)

Entrevista com Lúcio

A entrevista com Lúcio foi feito na casa de oração do Jandaia no dia 5 de outubro de 2008 à tarde (domingo), após o culto de jovens e menores. Ela teve duração de aproximadamente 37 minutos.

Lúcio: Aqui tudo vem pela vida do espírito. Aqui, aquilo que torna nós é, traz a gente pra dentro da igreja é salvação da nossa alma. Que aqui ninguém ganha salário, aqui ninguém trabalha para tocar, ninguém ganha pra tocar, ninguém ganha pra pregar, ninguém ganha pra ficar na porta, ninguém ganha pra cuidar da manutenção. Aqui é o nosso pagamento aqui é lá no céu, então é tudo espiritual, entendeu? Agora, não é diferente das outras, cada um tem o seu, o seu meio de vida até dentro da igreja. Lá, pessoa ganha pra pregar, ganha pra trabalha, ganha pra tudo pra a gente tá aqui. Na congregação não precisa disso. Eu mesmo, pra mim vim na congregação, ninguém me chamou. Ninguém me chamou pra eu ir na igreja. A minha esposa é crente há vinte poucos anos e ela nunca chegou pra mim pra falar da obra de Deus, é assim, é assim. Isso só foi do meu coração. Eu senti, de coração, de vir na igreja, de congregar, entendeu?

N: Sua esposa era crente antes de você?

Lúcio: Primeiro do que eu. Ih! Muito primeiro. Primeiro do que eu. Quando ela era crente eu fumava, eu... só não bebia. Nunca bebi. E nunca joguei. Mas fumava, escutava música de tudo quanto é jeito, coisas mundanas. Agora a minha alegria é cantar os hino, canta os hino da igreja, entendeu? Mas, nós lá na congregação, as outras, o senhor liga a televisão, liga o rádio você escuta de tudo um meio de, de, de, de doutrina nas igreja aí né? Na congregação, não. Na congregação você não vê ninguém batendo na porta de ninguém, batendo, chamando. Não. Aqui nós vai quando Deus manda.

N: Quanto tempo você conhece a congregação? Está dentro da congregação?

Lúcio: Eu conheço a congregação há, mais ou menos, uns vinte, uns vinte três anos, mais ou menos né? Que Deus me chamou na graça, tem uns quatorze, quinze anos.

N: A sua esposa, quando vocês se conheceram e casaram ela já era da congregação ou ela se converteu depois?

Lúcio: Não, nós casemo fora. Nós casemo no mundo, criatura. Nós não conhecia. Nós era católico né? Só ela que ia muito à igreja. Eu nunca fui de ir em igreja. Nunca fui de ir em igreja. Agora, hoje, graças a Deus, Deus me botou esta responsabilidade em mim, de estar sempre da igreja, buscando a salvação da minha alma e cuidando da manutenção da igreja, entendeu? Mas, no mais... As coisas na congregação as coisas são espirituais, você encontra muita (incompreensível) em tudo o que (incompreensível) viu? Tudo que por causa que tem aqueles que...Por nós já tá bom! Mas aqui o senhor vem pela salvação da alma, pra salvar alma.

N: Sim

Lúcio: Mas, de mais coisa ele só dá se ele quiser né? Porque ele é dono de tudo né? se pedi mais coisa ele não dá se ele não quiser. Porque ele é dono de tudo, né. Nosso Deus é dono do ouro, da água, do céu e da terra, tudo. Tudo o que na terra existe foi Deus que criou. Então se Ele quiser dá a nós, dá.

N: E como você conheceu a congregação?

Lúcio: Como eu conheci? A congregação eu conheci na, é depois que na construção. Na construção. Minha esposa passou a ser crente, depois eu fui na congregação levar, às vezes preparava alguma coisa e ia levar e conheci os irmãos que trabalhava junto com os irmão e aí fui conhecendo. Fui conhecendo. Mas ninguém nunca pregou o evangelho pra mim. Nunca pregou!

N: Você se converteu aqui em São Paulo?

Lúcio: Aqui em São Paulo.

N: Você é de São Paulo mesmo?

Lúcio: Não, não, sou do Rio Grande do Norte

N: Você se casou lá ou se casou aqui?

Lúcio: Casei aqui.

N: Casou em São Paulo?

Lúcio: Casei aqui!

N: Você é batizado há quanto tempo?

Lúcio: Quinze anos.

N: Quinze anos? E quanto tempo ficou entre, como testemunhado? Visitando o culto sem o batizado?

Lúcio: Não, visitando o culto, eu praticamente quando eu, quando ele me chamou já me chamou de uma vez, entendeu? Já fui no batismo e já me batizei de uma vez. Uma que deu, deu me batizar eu ia muito pouco na igreja. Ia muito pouco. Minha esposa ia, depois eu ficava esperando ela na rua. Nunca fui contra ela não graças a Deus Nunca fui contra. Antes dela ir eu já mandava contribuições, quando ela ia eu já mandava contribuir pra coleta, já deixava preparado, já mandava coleta.

N: E qual é a sua frequência de participação?

Lúcio: A minha participação? Como assim?

N: Eu sempre vejo você aqui no culto da noite, não é?

Lúcio: Direto

N: Três vezes da semana?

Lúcio: Direto!

N: Você vem no culto dos Jovens e menores?

Lúcio: Direto!

N: Então é quatro vezes né? E você vai em outras casas de oração também?

Lúcio: Vou! Direto! Nas outras! Às vezes nas outras! No Ivone, no Jacir, no Teresinha, no Eldorado. Onde tem a gente nós vai! Na mesma doutrina!

N: Na média você vai quantas vezes por semana, quase todo o dia?

Lúcio: Quase todo dia. Difícil eu só não ir, eu só não vou na quarta-feira. Na quarta-feira eu dificilmente congrego. A minha esposa congrega direto. Nos outros não fico em casa dia nenhum, todo o dia eu tou na igreja.

N: Você tem uma função na congregação?

Lúcio: Não, na congregação especificamente não. Eu tenho uma obrigação para com Deus. Para cuidar da obra de Deus que foi me posto na minha mão, né, que é cuidar da manutenção da igreja. Então eu tô sempre procurando limpar, cuidar, plantar, pinturas, sempre que tem pinturas eu passo para a igreja o que nós precisa fazer e nós vai arrumar. Em conjunto não é? Não é eu não, então! Se eu vejo alguma coisa que não tá certa, então eu passo pra ele e pro Leo que são do Ministério da Igreja, entendeu? Aí eles passam pro Diácono e o Diácono pro Ancião e daí por diante. E aí vai de uma, uma sequência de conversa. Nós faz isso!

N: Você é porteiro?

Lúcio: Porteiro.

N: Mas no fundo já é um Ministério, não é, ser porteiro?

Lúcio: Não, ser porteiro não é uma Ministério, é um cargo, né. É um cargo na igreja. Um cargo na igreja, de porteiro. Não é bem um Ministério. Sempre com a mesma responsabilidade porque nós tamos na porta e recebemo todo pessoal que vem, passam primeiro que nós. Passam primeiro pela gente então nós temos, então nós temos a responsabilidade de cuidar da gente. Principalmente, quando a gente ta em oração, porque quando tá todo mundo de cabeça baixa de olho fechado a maioria, né. Então nós que tá na porta tem que ter cuidado com quem ta fora. Porque no nosso meio tem pessoas que nós não conhecemos que (incompreensível) podem interromper.

N: Ah, para ninguém interromper

Lúcio: Pra, não, não é... É quase muito difícil contar então nós tem que ir lá e tirar fora (incompreensível) Ver se tem lá um ligeiro porque sempre tem aqueles testemunha que quando vêm pela igreja pela primeira vez e se aproveitam da situação.

N: Hã. Hã.

Lúcio: Aí nós tem sempre que fica de oio na igreja,

N: Isto!

Lúcio: Às vezes lá de fora tem que ter muito cuidado. Às vezes, tem pessoas que não é, que chegam e mandam tirar tem outros que chegam e mandam botar pra dentro. Aqueles que manifestam espírito contrário, contra Jesus, nós manda tirar, aí você vê um bêbado que não entende, e tem outras que já bota pra dentro, arruma um lugar e senta e fica lá dentro ali.

N: Isso.

Lúcio: É a nossa função.

N: Como você se relaciona com o Ancião, com o Cooperador, com o Diácono?

Lúcio: Não, cada um na sua. Cada uma na sua, e nas suas atividade. A gente não tem (*incompreensível*) aqui é muito, com respeito e só amizade e saudação e pronto. Não temo se, é separado, o ministério separado. Então é um ministério separado é pra lá, a gente não fica sabendo de nada. Olha nois, nois temo convivência entre os porteiro. A gente sempre procura sempre entender um ao outro. Quando eu não venho, nego passa pro outro, olha hoje eu não posso ficar na porta no meu lugar, isso é direto. Eu cuido mais o Jacir, quando o Jacir não pode vim, quando não pode vim, não posso sair, vou chegar atrasado. Daqui em diante entendeu? Então tem ter esta união essa convivência entre nós. Se não, não adianta.

N: E o que você pensa sobre o Ancião, o Cooperador, o Diácono?

Lúcio: Olha! Eu acho muito bonito. Eu acho que pra chegar no Ancião, no cooperador e ao diácono Ministério Espiritual tem que procurar muito a Deus pra ser muito pareio das palavras porque não é fácil pregar ali em cima não viu? Parece fácil subir ali, mas não é, não. A gente tem ser na vida (*incompreensível*), senão, não adianta. Não adianta. Você tem que pregar na revelação aí. Vou aproveitar pregando hoje: ele tava pregando hoje a igreja toda tava recebendo a palavra. Por quê? Porque tava sendo enviada pelo espírito santo.

N: Sim.

Lúcio: Ali não tem teoria, ninguém estuda pra pregar. Não é igual nas outras igrejas que, faz teoria, estudo. A congregação ainda é um movimento tudo espiritual. Não adianta querer sair pra cá e vir pra lá, porque a gente vai examinar a obra de Deus, e nós já ta sendo examinado há muito tempo. Quando nós pensou em examinar, Deus já examinou nós.

N: Hã, hã.

Lúcio: É! Assim eu vou fazer pesquisa na congregação. Mas ele já ta ali pesquisando há muito tempo. Viu?

N: Rá, rá! Verdade.

Lúcio: Muito tempo de aplicar esse exame viu? Deus sabe da minha intenção, sabe da sua, sabe da dele, sabe o do outro. Então não tem, de Deus não tem como fugir, não. Se tiver fazendo alguma coisa de, de, que no futuro trazer dano a esta obra, não adianta. Não adianta porque Deus não permite, não. Isto. O nosso Deus ele não permite isso, não. Se alguma coisa vai prejudicar a obra dele no futuro, nem lhe peça. Porque ele tira tudo. Chegar seu tempo ele vai tirou daqui de dentro. É! A congregação é Deus. O que sobra é quem cuida dela é Deus. Apesar que o senhor ali não vê nada vaso de flor, não vê foto, não vê nada! Só vê o nome dele. Só vê o nome dele.

N: Sim, sim

Lúcio: Cê chega nos outros lugares, e aí? É vaso de flores, é enfeite é coisas, é foto dele, mas aqui não. Não tem isso não. Por isso que a, é, é espiritual, cê tem que sentir no coração. Não adianta nós chegar e ver um monte de foto pendurado, se senhor não sentir no coração então não crê em Deus. O nosso Deus, ele visita no coração.

N: Onde você sente esta visita?

Lúcio: No coração. Essa visita a gente pode sentir ela em qualquer canto que tenha comunhão com Deus

N: Então não só aqui, na casa da oração?

Lúcio: Em qualquer canto, qualquer canto, se você tiver em comunhão com Deus, em comunhão com Deus, ligado a terra e pensar no Todo Poderoso sinta sua visita em qualquer canto. Qualquer canto viu? Não é porque eu acredito não. Porque isso aqui é só quatro paredes. Nós saímos daqui tá vazio. Tá escrito na palavra que quando tiver dois ou três em meu nome lá eu estarei no meio deles. Entendeu?

N: Na sua casa você e sua esposa oram juntos? Às vezes?

Lúcio: Oram. Às vezes ora. Eu dificilmente oro junto com ela por causa que os nossos horários não bate, entendeu? Mas nós ora direto. Ora de manhã, ora de tarde, ela (*incompreensível*). A minha esposa é, ora constantemente. A minha esposa, é geralmente as irmãs, elas são mais espirituais do que os homens sabia? Devido ao dia-a-dia delas, é, acho que é diferente do nosso, não sei. O nosso serviço é mais não sei, como é que posso falar. Então, elas se tornam mais espirituais do que nós. Então, elas tão sempre mais orando. Elas tão na pilha, de repente deus visita ela, vai lá e ora. Tá no templo Deus visita, vai lá e ora de novo. E assim por diante. Mas muitas, as famílias, a maioria das famílias se reúnem para orar junto de noite.

N: Tem filhos que são da congregação também?

Lúcio: Não, eu tinha dois filhos aqui. Eu tinha uma moça ali e um filho aqui. Aquele de camisa branquela era meu filho, aquele ó, de camisa branca era meu filho. Mas a escolhas de Deus é de um mistério muito grande. Depois que eu conheci a congregação eu só tive alegrias. Eu não vejo a hora do culto pra vim pra cá! Eu não quero nem saber. Eu tenho, nos tâmo, nos somos em cinco porteiro entendeu? Nós somos cinco porteiros, nós temos o rodízio de vir na igreja, rodízio de, de, de abrir a igreja. Porque nós não temos caseiro contratado. Mas eu não vejo a hora, teja onde tiver, chega a hora de ir ao culto eu venho embora.

N: E você como porteiro chega uma hora mais cedo? Quanto tempo?

Lúcio: Uma hora. Uma hora e cinco. Uma hora e cinco mais cedo. Eu abro a igreja uma hora, é cinco e vinte e cinco eu abro a igreja, seis e vinte cinco, eu abro a igreja. O culto começa a sete e meia.

N: Hã, Hã.

Lúcio: Então eu tenho que uma hora e cinco mim eu to aberto. Então tenho que chegar mais cedo, eu tenho esta responsabilidade, entendeu? Então o certo do rodízio é dois porteiro por dia e três descansos, três folgas.

N: Isso.

Lúcio: Mas eu já não espero. Por quê? Porque eu tenho a responsabilidade que Deus me deu, então eu não confio nos outros, eu não posso confiar, porque vai que ele não vem. Vai que eles confiam em mim, eu confio neles, aí não vem ninguém. Então não é que se nós não abrir, se nós não abrir alguém abre, alguém abre atrasado mas abre.

N: Sim.

Lúcio: Porque a obra de Deus não precisa do homem pra movimentar ela não

N: Sim.

Lúcio: Entendeu? Deus que movimenta ela! Então se eu não abrir ou se outro não abrir, alguém abre. Atrasado, mas abre. Entendeu?

N: Você tem amigos aqui na congregação? Gente que você visita?

Lúcio: Todos eles. Todos eles são meus amigos. Amém! Não vai se trocar não?

Orador não identificado: Deixa eu só perguntar uma coisa pro senhor. O senhor não grava a palavra não né?

N: Não! Agora eu fui no carro e peguei pra gravar aqui.

Orador não identificado: Não grava a palavra não ta?

N: Eu até pensei que não íamos entrar na casa. Pensei que nós íamos ficar lá fora.

Lúcio: Não. Não mas não tem problema!

Orador não identificado: Eu sei! Eu sei! Mas é falta de respeito! É que já ta a noite! Quando estiverem pregando a palavra não grava não ta? Então ta bom! Essa é uma ordem sagrada!

Lúcio: Aqui só tamo nós mesmo!

N: Sim! Sim, sim.

Orador não identificado(incompreensível) e já venho.

Lúcio: Você vai vir pra cá né?

Orador não identificado: Vou!

Lúcio: Ah ta!

N: Para você o que acontece no culto? Me dá uma descrição do culto.

Lúcio: Hã?

N: Me dá uma descrição do culto.

Lúcio: O culto ele é, o culto em si é dividido em três partes, dividido em três partes o culto. Se você ficar na comunhão, você vai sentir alegria no cantar dos três hinos, você vai sentir visitação no cantar dos três hinos. Entendeu? Na oração, se você estiver em comunhão Deus te visita, e na hora da palavra se você pediu na comunhão Deus fala com as suas necessidade Entendeu? Isso é que nós pra gente sentir no culto. Sentir prazer em ouvir as coisas de Deus. Porque de nós não adianta se eu venho aqui, mas não sinto alegria, venho só por vim. Não sinto não busco de Deus aquele sentimento de alma então não adianta!

N: Sim!

Lúcio: Não adianta nada! Vai vim aqui por vim! Entra e sai e do mesmo jeito! Nunca vai sentir a presença de Deus.

N: Quais são os momentos que você mais sente a presença de Deus, no culto? Mais emoções.

Lúcio: Os momentos que eu mais sinto é quando eu vejo a igreja manifestando a presença de Deus. Quando irmão pregando e aí eu sinto aquele vento realmente manifestando na igreja.

N: Hum, hum.

Lúcio: Aí eu sinto muita comunhão com a igreja. Naquela hora, que vejo todo mundo manifestando na igreja, aquilo é bonito, aquilo me, me, mexe muito na minha alma. Eu acho muito espiritual aquilo.

N: Você participa da ceia?

Lúcio: Eu? Ô com certeza! Vixe, se não participar da ceia eu tou morto. Se nois não participar da Santa Ceia nós tamo ta morto. É alguma fraqueza em nós que nos impede, de clamar a Deus de participar da Santa Ceia. É o dever do preto é participar da Santa Ceia é! É sinal de vida! Entendeu? É sinal de vida espiritual! Se ele não participar da Santa Ceia alguma coisa tá errado!

N: Sim. Você já falou, você visita outras casas de oração, você já falou algumas, né, aqui perto?

Lúcio: Não, eu visito por aqui porque eu não tenho carro. Então, muitas vezes vou de ônibus, vou de pé, as aqui perto eu acompanho tudo. E congrego muito fora, é quando (incompreensível) os irmão, aí nós (incompreensível) nós congrega fora. Nas outras mais longe.

N: já foi também numa casa de alguém fazer uma oração pra um doente, junto com um cooperador?

Lúcio: Já! Opa! Já orei muito! Já orei várias vezes!

N: Sim.

Lúcio: Nós tínhamos muitas reunião de visitas de enfermo e sempre Deus que é pra ir nós vai! Nós tamo marcando uma pra ir lá embaixo lá na casa de um irmão que ta congregando e ta doente.

N: Sim.

Lúcio: Nós vai lá visitar ele se Deus quiser! É o nosso dever! É o nosso dever, é o nosso dever. Se a palavra, se ele não pode vim buscar a palavra, a palavra tem que ir até ele. Ele não pode ficar sem alimentação. No dia de Santa Ceia, se o enfermo não puder vir na igreja, a Santa Ceia tem que ir até lá, entendeu?

N: Isso.

Lúcio: É!

N: O que a participação da congregação mudou na sua vida?

Lúcio: A minha vida realmente mudou para melhor. Porque eu não conhecia, não tinha certeza da salvação, e hoje eu já tenho a certeza da salvação da minha alma, entendeu? Então isso mudou. Isso é o que mudou na minha vida, a certeza da salvação da alma. Se eu for fiel eu entrarei no céu um dia. Porque essa é a promessa que a palavra faz pra nós né? Se formos firmes e fiel veremos a face de Deus como ela é, um dia.

N: Em relação a sua vida antes de conhecer a congregação, a sua visão do mundo mudou o jeito de enxergar as coisas, de avaliar pessoas?

Lúcio: Mudou. Muda pelo seguinte, porque quando a gente era, era do mundo, agente não conhecia a graça de Deus, então o que acontece? A gente só via as coisa material, entendeu? Tudo era revoltante, tudo, tudo pra nós era partir pra ignorância. Hoje, não, hoje nois tem que, louvar muito a Deus porque mesmo que alguém chegue pisando no nosso pé, nós tem que ter guia de Deus pra suportar, pra não ir pra ignorância. Sair fora, deixar pra lá. Entendeu? Então isso mudou! Isso muda nossa vida.

N: Sim. Os seus hábitos e costumes mudaram?

Lúcio: Muda! Com certeza. A gente tem vícios, tem coisa, tem que mudar. Tem que clamar a Deus pra ser liberto daquilo. Beber, daí, eu nunca bebi.

N: Fumar?

Lúcio: Fumar, eu fumava, fumava duas carteiras de cigarro por dia. Quando eu desci (*incompreensível*), já me libertei do cigarro. Joguei fora e nunca mais fumei, graças a Deus. Beber, nunca bebi. Andar, nunca andei, nunca fui de farra

N: A sua rede de amigos mudou desde que você está na congregação? Você deixou certas amizades que você tinha antes? Você criou novas amizades? Como é?

Lúcio: Não, eu nunca fui de ter muitos amigos, porque eu sempre fui muito caseiro. Mas a amizade não muda. Muda os costume com os amigos, entendeu? Se você participar, por exemplo, cê tá num Domingo, gosta de ir ali jogar sinuca com os amigos. Aquilo tem que sai fora. Nós num pode mais ficar em porta de bar, não pode mais ficar jogando sinuca porque isso não é passar a vida de Deus, entendeu? Mas já negócio de conversar com os a amigos, dar um bom dia, uma boa tarde, não tem na a ver, não tem nada a ver.

N: Isso. As pessoas com que você tem contato hoje, esta rede de pessoas mudou muito depois de você conhecer a congregação?

Lúcio: Não. Não mudou nada, não. Não mudou nada. Muda é o que lhe falei, as atitude do que nós fazia, entendeu? O que nos fazia a gente nós não podemos fazer mais. Então isso muda. Geralmente, os amigo nosso é que muda com nós, entendeu? Geralmente o senhor tem uma roda de amigos, faz tudo com eles, se você deixar de fazer aquilo com eles, eles sozinhos já te ignoram, já passam a ignorar. Não é você que ignora eles. Eles é que te ignoram.

N: Sim

Lúcio: Então é isso que acontece na vida de um crente, é essa daí.

N: Quando sua mulher se converteu e você ainda não, você acha que você já mudou um pouco também por perceber que ela estava na congregação, as suas atitudes mudaram um pouco?

Lúcio: Não porque a conversão, a conversão é diferente. Têm muitos que são batizados e não são convertidos entendeu? A conversão, um crente convertido é diferente. É muito diferente. Quando a minha esposa obedeceu a Deus, eu não interferi em nada, também não senti nada, nem ruim, nem bom. E quando a gente tava né? Ela era minha esposa eu era esposo dela e pronto. Porque a salvação da alma é individual, cada um salva a sua né? Nós não pode querer impedir alguém de querer ir pro céu, de querer ir pro inferno. Se ele quer ir pro inferno nois pode: “Não, rapaz, vem pra cá, aqui é o caminho bom.” Só diz pra mim. Aí, sim. É diferente. Nós pode tentar tirar ele do mau caminho e botar no bom. Mas não impede da pessoa, se a pessoa quiser ir, que vá. Não tem como. Entendeu?

N: Isto. O que você mais gosta na congregação?

Lúcio: Eu gosto de tudo. Na congregação eu gosto de tudo. Principalmente de trabalhar, fazer manutenção. Eu amo fazer a manutenção da igreja, cuidar dela.

N: E eu escutei no, na, deixa eu ver, acho que foi na quinta-feira, aquele homem que veio aqui foi um Diácono?

Lúcio: Foi um Diácono

N: Ele convidou você também de trabalhar na casa de uma senhora?

Lúcio: É porque essa, essa igreja aqui, com a ajuda de Deus e a da irmandade, que nois construiu ela, entendeu?

N: Você mesmo construiu, aqui também?

Lúcio: É eu que tava na frente desta construção. Então qualquer serviço que faz, que a, aí eu já sou, aí já to na frente.

N: Isso você gosta também de fazer?

Lúcio: Oxi! Eu amo fazer.

N: Tipo ir à casa de uma irmã, fazer a casa dela?

Lúcio: Eu sinto, eu sinto prazer em ver as pessoa feliz, entendeu?

N: Que bom!

Lúcio: Sinto prazer em ver as pessoa feliz. A felicidade do meu irmão é a minha felicidade. Se eu puder ajudar ele, a ver ele contente, eu vou ajudar. Vou ajudar, com certeza. Hoje eu fui votar ó, eu tinha, eu fui votar de manhã cedo, era seis horas já tava lá. Sai de casa. Votei. Voltei lá na casa da irmã, ali. Que nós vamos construí. Cortei a grama dela todinha, toda a grama do quintalzinho dela. Depois vim aqui, lavei a caixa d'água, fui pra casa era vinte pra uma, tomei banho, almocei correndo e vim pra cá, pra igreja. Eu sinto alegria em servir a Deus. Já que a gente, que a gente somo fracos errante, pelo menos vamos servir a Deus com alegria, naquilo que ele deu pra nós fazer.

N: Sim. Você tem alguma crítica com respeito à congregação?

Lúcio: Não, não tenho nada. Eu só tenho a agradecer a Deus por ter me colocado nesta fileira Santa! Ré, ré! Agradecer! Eu não posso mais, jamais chegar e falar dos meus irmão, que meus irmão isso que aquilo, não. Quem sou eu? Tá em Deus. O julgamento tá em Deus. Se tem alguma coisa errada no nosso meio, é Deus que vai corrigir, não é eu. Não é eu falando que vou corrigir uma falha de meu irmão, ao invés do outro. Não!

N: Como, qual o nome, ou qual, como você se definiria: crente, evangélico, protestante? Qual destas palavras seria a mais certa?

Lúcio: Crente.

N: Crente.

Lúcio: Porque crente é aquele que crê.

N: Isso.

Lúcio: Crente é o que crê. Evangélico todo mundo pode ser evangélico, agora quero ver se você crê em Deus, se você crê nas obras que Deus faz. Então você tem que ser crente. Porque pra ser crente, você tem que (*incompreensível*) você entendeu?

N: E se você, como você enxerga tipo o pessoal da Assembléia, Deus é Amor, de outras igrejas evangélicas?

Ricardo: (*incompreensível*)?

Lúcio: Se deixou tá aí fio! Se deixou tá aí!

N: O que você pensa da Assembléia de Deus? Deus é Amor? Essas igrejas que também são evangélicas? O que você pensa deles?

Lúcio: Não tenho nada contra. Não tenho nada contra. Não tenho nada contra nem uma nem a outra. Tá escrito na palavra de Deus que na vida de Jesus Cristo, aquele que for achado fazendo a sua vontade, este será salvo, então, com Deus é assim, quem não é com ele é contra ele entendeu? Um Deus quem não junta, espalha. Então se eles lá, tão servindo a Deus, é direito deles, entendeu? Cada um serve a Deus do jeito que pode melhor servir!

N: Igreja Universal do Reino de Deus?

Lúcio: Hum. Não tenho nada contra. Só que eu acho que aquilo lá é mais um reino, não é Reino de Deus, é um reino de dinheiro. É reino de dinheiro. Por que ali é um reino de dinheiro terrível. O

peço ali quer aparecer de tudo quanto é jeito. Se você passar do outro lado da rua, é placa de Edir Macedo, é placa de *(incompreensível)*, placa em tudo que é canto. Vê se tem placa de Jesus Cristo aí?

N: Católica?

Lúcio: Ré,ré! Então! Católica é mesma coisa. Católica é a mesma coisa que macumbeiro. Tanto faz se católico ou se macumbeiro. É a mesma coisa! Sabia? Mesma coisa! Mesma coisinha!

N: Onde você mora aqui? Você mora perto?

Lúcio: Eu moro ali encostado, eu moro ali encostado aqui.

N: Como é a sua visão do bairro aqui?

Lúcio: Boa! Meus vizinho são tudo excelente! Tenho nada contra nenhum! Todos meus amigos e nenhum é crente perto de mim não!

N: E você gosta de morar aqui?

Lúcio: Gosto! Amo morar neste lugar! Vinte e sete, vinte sete anos morando aqui. Vinte sente! Ó! Quer saber de alguma coisa ó um veterano veio aí na graça ao ó!

N: É, talvez um dia, se o irmão permitir, eu também gostaria de ter uma entrevista com o irmão. Eu sou estudante das ciências da religião e estudando um pouco a congregação. Se o seu irmão me conceder uma entrevista, um dia, eu ficaria muito feliz. Outro dia!

Lúcio: Ma outro dia não! Pode seguir que eu tou terminando a minha meu amigo!

N: É mas daqui a pouco vou ter que ir e também acho que a pilha já ta acabando.

Lúcio: Então ta bom!

N: Você acha que morar neste bairro aqui prejudica sua vida?

Lúcio: Imagina! De jeito nenhum. Eu acho, eu fico é *(incompreensível)* essa vivência com a natureza.

N: Sim

Lúcio: Meu Deus do céu, eu fico doente quando eu vejo uma árvore dessa aí morrendo, cortando os *(incompreensível)*.

N: Você vê, de vez em quando coisa errada? Tipo gente com tráfico de drogas? Alguma coisa assim?

Lúcio: Não. Nunca vi isso, não. Também nunca procurei! Nunca procurei ver!

N: Hum, hum!

Lúcio: A gente tem que se fingir de cego, surdo e mudo né? Pra viver nesse mundo! A gente tem que se fazer de cego, surdo e mudo.

Ricardo: Tem que fazer de mudo, fazer de surdo! Não é tudo que vê que pode falar! Não é tudo o que escuta e pode tocar pra frente!

Lúcio: Se a gente fizer assim, a gente se dá bem com todo mundo! É!

N: Isso.

Lúcio: Se a gente não critica, não viver de olho no vizinho. Não viver de olho no outro, a gente se dá bem eles. Se ele fizer alguma coisa errada, problema é dele

N: Mas com os vizinhos é mais: “- Bom dia”, “Boa tarde”. É mais isso, não?

Lúcio: Eu sempre converso com meus irmãos, eu sempre converso com meus vizinhos, na medida do possível que nois se encontra. Eu converso com eles, com todos eles, dou risada, brinco.

N: Sim.

Lúcio: Não tem nada a ver não!

N: Os seus filhos tão aqui. Você e sua esposa, vocês ajudaram um pouco a fazer a transmissão religiosa lá na sua família? Ensinarão alguma coisa? Falaram da congregação? Ensinarão alguma coisa para os seus filhos?

Lúcio: Olha! A minha esposa, a minha esposa, em si, ela sempre ensinou a doutrina Sempre ensinou a doutrina boa. Os caminho bom pros meus filhos. Eu pra falar a verdade eu não sou muito de conversar não. Hoje eu tô conversando mais com esse meu pastor porque ele ta com mais necessidade, mas eu não sô muito de conversar assim, tipo doutrina com meus meninos não. Minha esposa, sim. Minha esposa qualquer coisinha ela ta ensinado, é por aqui, é assim, é assado. Já eu não sei falar muito, não.

N: Ela falou mais com sua filha, por ela ser irmã como ela, ou falou para o menino igual à menina, ou ela, às vezes, ensina mais para a menina....

Lúcio: Eu vou falar uma coisa, porque quando ela fala, quando a minha esposa fala, ela fala no sentido espiritual. No sentido espiritual não tem essa de homem ou mulher não! É tudo a mesma coisa! É tudo a mesma coisa! No sentido espiritual não se divide mulher pra lá! É tudo a mesma coisa! Então ela também ta sempre mais a par dos conselho, o que tem ensina a fazer, não faça isso, faça aquilo.

N: Isso

Lúcio: Já eu (*incompreensível*) porque o homem é mais irritado, sabia?

N: Quem são as pessoas mais importantes pra você hoje?

Lúcio: Hum?

N: Quem são as pessoas mais importantes ?

Lúcio: A minha esposa e os meus filho. A minha esposa e os meus filho, são as pessoas mais importante pra mim hoje. Porque ta escrito na palavra que nois tem que deixar pai e mãe e (*incompreensível*) então...

N: Eles tão na congregação? Todos eles não é?

Lúcio: Olha, todos eles congregam. Congregaram. Hoje um casou, mora lá em Diadema. Outros dois tava aqui dentro, hoje graças a Deus. Mas (*incompreensível*) a obra é de Deus. É Deus que faz a obra. Não é nois. Se nois chegar pra eles e vai lá e se batiza, tudo bem! Eles até podem se batizar, mas não se permanece na graça. Então não adianta!

Orador não identificado: É! É Deus que decide! É mandado do pai mas não tem força de obedecer a ele!

N: É.

Lúcio: Se Deus chamar, Deus sustenta. Entendeu?

N: Isso.

N: Você participa de algum grupo, associação, aqui tipos amigos do bairro, além da congregação ou não?

Lúcio: Não, nois nem pudemos participar dessas coisa.

N: Ah!

Lúcio: Nós temos que ficar livre dessas coisa. Eu, no meu modo de pensar né? Nós não podemos entrar neste tipo de grupo, essas coisas, não. Fazer grupo, é comunitário, nós não. Nós não fazemos parte disso não.

N: Se você olha seu dia-a-dia, quais são suas preocupações diárias? Do dia-a-dia mesmo?

Lúcio: As minhas preocupações diárias, é o que já te falei lá atrás, é nos dia de culto aqui, é nos dia de culto aqui, na igreja, porque teja eu onde estiver eu to sempre preocupado. Hoje tem culto, hoje tem que ta lá essa hora, tem fazer isso, tem que ver se isso ta funcionando, tem que ver se aquilo não ta. Entendeu?

N: E você sabia que você levantou, tava aqui na frente. Isso te dá um gosto especial por essa casa de Deus?

Lúcio: Não

N: Não?

Lúcio: Toda a honra e toda a glória pertence a Jesus Cristo! Não a nós!. Nós não faz nada se ele não...

N: Não em termos de glória, em termos de felicidade, de saber, eu com a força que Deus me deu, eu colaborei o que podia.

Lúcio: É! Na medida do possível a gente se sente alegre em trabalhar na obra de Deus. Eu mesmo eu sinto prazer que é obra da gente em trabalhar, entendeu? Só que a gente, num devemos, nesse caminho, fazer nada pra aparecer. Você tem que fazer e se esconder. Sair pra trás, entendeu?

N: Como você vive o seu lazer?

Lúcio: Meu lazer é o trabalho. Meu lazer é o trabalho e a igreja. Não tem nada de lazer não! Eu não vou em bar, não vou em campo de futebol, não vou em praia, não vou em lugar nenhum.

N: Televisão?

Lúcio: Não! Meu prazer é daqui para igreja. Pro trabalho, do trabalho pra aqui e pronto!

N: E vocês têm televisão em casa ou não?

Lúcio: Os meus filhos têm! Meus filhos têm em casa, no quarto deles tem.

N: Você no seu quarto não?

Lúcio: Não, graças a Deus, não. E mesmo que eu quisesse ter minha esposa não deixaria. Minha esposa não deixaria. E eu jamais vou contrariar minha esposa. “-Ah! Eu quero isso por que...”. Não, se ela não quer tudo bem. Se ela não quer nois não queremos e pronto. Entendeu?

N: Quem, quem comanda um pouco a casa? É a esposa ou é você?

Lúcio: É a minha esposa! Porque eu não fico em casa. Quem manda, o povo diz, quem manda em casa é o homem. Quem manda em casa, lá, é minha esposa. Eu saio de manhã e chego de noite, então quem tem que mandar é ela. Se acontecer alguma coisa e eu chegar atender errado, você não viu?

N: Como vocês fazem com o dinheiro? Vocês, é você dá uma parte pra ela, ela administra tudo?

Lúcio: A minha esposa não trabalha. Minha esposa ela faz só serviço doméstico. Eu, o meu dinheiro, quando eu trabalho, fica lá no bolso, lá. Num bolso qualquer. Mas quando ela precisa vai lá e pega.

N: Ah, tá!

Lúcio: Tá lá. Vai lá e pega. “- Ah, tem que pagar..”. Tem dinheiro, ta lá. Se não tem dinheiro, espera por amanhã. Mas, dificilmente, nois faz assim, porque ela já sabe o que tem que pagar, então..

N: Agora, vou ter que fazer umas perguntas ainda. Aquilo que você não quer responder, você não responde mas para aquela pesquisa, o que os professores querem lá é importante. A sua idade, mais ou menos é...

Lúcio: Cinquenta e quatro anos

N: Você é casado?

Lúcio: Casado e bem casado!

N: Isso. Quantas pessoas moram na sua casa?

Lúcio: Quatro. Cinco, porque a minha sogra ta morando lá, graças a Deus. Eu to cuidando dela.

N: Ela também é da congregação?

Lúcio: Não, minha sogra, não. Minha sogra ta, ta...

N: Quantos cômodos tem a casa?

Lúcio: Quatro ligados e um separado, que é onde ta minha sogra.

N: Você tem quantos filhos?

Lúcio: Cinco. Eu e minha....cinco, não. Quê, cinco, quê cinco. Eu minha mulher tivemos três filhos, eu minha esposa.

N: Cinco?

Lúcio: Nós tivemos. Eu e minha esposa tivemos três filhos, nós tivemos. Então lá em casa no total de cinco. Eu falei cinco porque já juntei tudo.

N: Ah, e é tudo moço? Uma é menina não é?

Lúcio: Não, uma moça com vinte e oito anos, um moço com vinte e três e um com vinte.

N: Você é o pai lá, a sua escolaridade qual é?

Lúcio: Nunca estudei!

N: Alguma coisa você fez!

Lúcio: Nunca estudei. Nunca fui na escola.

N: *(incompreensível)* Ah, primeira?

Lúcio: Nunca fui na escola!

N: Não?

Lúcio: Não. Os meus filho não. Meus filho e a minha esposa tudo estudaram. Mas eu nunca estudei. Nunca tive a oportunidade de estudar.

N: Você lê? Você escreve?

Lúcio: Leio e escrevo, mas nunca fui na escola.

N: sozinho?

Lúcio: Quer dizer, sozinho, não né. O que eu esforcei foi pra *(incompreensível)* me ensina a ler a obra dele...

N: Tá bom.

Lúcio: Pra ler a bíblia e cantar os hinos, então ... e assinar.

N: sua profissão é...

Lúcio: Pedreiro

N: Isso

N: Em salários mínimos, mais ou menos, como é a renda familiar, lá na sua casa?

Lúcio: Lá na minha casa, uns três, quatro, três, quatro salários mínimos.

N: Ta!

N: Você é migrante. Você falou do Rio Grande do Norte, né?

Lúcio: Rio Grande do Norte! Parelhas!

N: Quanto anos faz que você veio para cá?

Lúcio: Quantos anos?

N: Mais ou menos?

Lúcio: Mais ou menos uns trinta e seis anos.

N: Veio a família toda? Veio só você?

Lúcio: Mais é que a minha família era grande, né? Aí, veio um, depois foi trazendo outro, foi trazendo outro, e depois eu vim, aí depois veio meu pai, depois veio irmã. Até que veio tudo.

N: Isso.

N: Você era católico, os pais também?

Lúcio: Todos os meus pais são tudo são católico. Nunca obedeceram a Deus. Nunca quiseram saber de, congregou. A minha mãe congregou e meu pai já é falecido.

N: Ah, tá.

Lúcio: Mas não, não quis fazer um conserto para a salvação da alma, ainda não. Tá nas mãos de Deus, se tiver que salvar até o dia da salvação...um dia ele busca.

N: Aqui são pouco mais de cem pessoas que tem essa igreja como a comum não é?

Lúcio: É! Cento e seis, não é? Cento e seis!

N: E eles moram aqui pertinho não é?

Lúcio: É uns que moram aqui perto e outros moram em Eldorado, este daqui mora em Diadema que o (*incompreensível*) mora em Diadema, que é o encarregado da orquestra e mora em Diadema. Mora em Diadema.

N: A sua comum é aqui? Ah! Tipo, eu fui lá, depois, eu entrevistei o Ian também. E depois eu vi ele lá. Lá onde ele mora, tem aquelas casas tipo tudo de madeira mesmo, um pouco, né?

Lúcio: É tudo de madeira!

N: Quantos pessoas, quantos da congregação moram em casas assim você acha?

Lúcio: Mora uma família, uma família, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. Acho que é sete famílias que moram lá, da congregação.

N: Lá mesmo?

Lúcio: É.

N: E tem outras ruas também, onde a situação é semelhante ou não?

Lúcio: Não.

N: É só lá mesmo.

Lúcio: Depois, só dentro do condomínio que tem mais o Mauro, o Cooperador de jovens, mais um ...tem mais uns... três famílias.

N: No condomínio mesmo? Agora no condomínio é mais...

Lúcio: Três família de crente que mora lá. Lá é condomínio fechado. É casa, é residência. Não é barraco não.

N: Certo. E os outros moram lá, em Eldorado? Perto do Cemitério lá?

Lúcio: É tudo moram, moram tudo espalhado no Eldorado ali. No Eldorado, as organistas, o Paulo, tudo moram no Eldorado.

N: Ah, ta.

Lúcio: Então ta! É isso aí!

N: Tá bom.

N: A sua esposa é das irmãs da caridade, não é?

Lúcio: É. Da obra da piedade.

N: Isso. Aí o quando a gente, quando eu vim aqui uma hora que você não tava, depois liguei na sua casa. Era ela né? Eu perguntei se também poderia fazer entrevista comigo. Acho até que ela ficou um pouco assustada. É realmente, não estava esperando isso mas nem... de jeito nenhum. A minha esposa é muito privada. Ela se recusa pra ir em qualquer coisa. Ela não faz não!

N: Tudo bem. Mas ela gosta de ser irmã da piedade também? Não é?

Lúcio: Não! Ela tem amor naquilo que Deus colocou no, na responsabilidade dela, ela tem amor no que faz! E se toca nesse assunto ela nem... nem toque no assunto no trabalho dela lá na obra da piedade. E o ensinamento também é pra ela não falar pra mim e pra eu não falar nada pra ela.

N: Ah ta!

Lúcio: Entendeu? A responsabilidade é dela e é ela que tem que se assumir, tem que fazer, não tem nada a ver não.

N: Ta bom!

Lúcio: Entendeu?

Ela não faz nada?

N: Ah, ta!

Lúcio: Entendeu? A responsabilidade é dela. Ela que tem que se assumir.

N: Ta bom. Era mais isso.

Lúcio: Então, é isso aí

N: Muito obrigado.

Dados a respeito do entrevistado

Idade	54 anos
Estado civil	Casado
Quantas pessoas moram na casa	5
Quantos cômodos têm na casa	5
Material const	Alvenaria
Vulnerab bairro	Muito alta
Quantos filhos e seu gênero	2 filhos e 2 filha
Posição na família	Chefe; pai
Escolaridade	Sem
Profissão	pedreiro
Renda familiar em sal min (aprox.)	Três a quatro
Renda p/capita	0,6-0,8
Migrante?	Sim
Se for, de onde?	De Parelhas (Rio Grande do Norte)
Se for, quando migrou?	Há 36 anos
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	
Religião do(a)s familiares)	Pais católicos

Entrevista com Laércio

A entrevista com Laércio aconteceu no dia 17/09/08 (4ª f), às 10 hs. Numa manhã ensolarada, sentamos no murinho em frente da Congregação Cristã do Pq. Jandaia. Ela teve duração de aproximadamente 1h38min.

N: Então, Laércio, quanto tempo você conhece a Congregação Cristã?

Laércio: Olha, quanto tempo... tem nove anos, nove anos.

N: Você está com quantos anos?

Laércio: Dezessete.

N: Dezessete anos.

Laércio: Isto.

N: E como você conheceu?

Laércio: Eu conheci através dos meus pais, assim. Meus pais já eram desta religião. Só que, por um motivo de mudança, eles moravam lá em São Mateus, eles vieram para cá e não havia obra aqui. Então, eles afastaram um pouco. Ficavam doze anos afastados, e com a construção da sala lá em baixo, eles voltaram a congregar, e foi onde eu comecei a conhecer.

N: Não foi aqui. Foi num outro espaço, né?

Laércio: Isto. Foi.

N: Onde ficou o outro espaço?

Laércio: Fica lá em São Mateus, no Palanque.

N: Ah. São Mateus, lá na Zona Leste?

Laércio: Isto.

N: Ah, então, de repente, os seus pais até vão conhecer o ancião Isaías.

Laércio: É. Acho que eles vão conhecer, sim.

N: Acho que ele está lá faz um bom tempo já. Pergunte eles, quando você chega em casa, se eles conhecem o irmão Isaías.-

Laércio: Ehe.

N: E a congregação aqui, começou aqui mesmo? Não, né?

Laércio: Não, começou na salinha lá em baixo.

N: Lá em baixo, onde?

Laércio: Dentro do condomínio.

N: Ah, 'tá. Depois talvez podemos passar lá, você me mostra?

Laércio: Ehe. Só que é difícil de entrar, porque, eh,

N: Ah, sim.

Laércio: é regido muita coisa.

N: Sim.

Laércio: Entendeu?

N: Você mesmo se converteu quando? Desde criança, desde pequeno, ou houve um momento que você diz: Ó, a partir deste momento eu me converti mesmo?

Laércio: Isso. Foi em 2003.

N: 2003?

Laércio: 2003.

N: E como foi?

Laércio: Olha, eu comecei a congregar assim nos cultos, né. Aí, veio aquela alegria assim, aí logo eu me batizei. Entendeu? Não foi, não houve muito tempo assim. Já fui logo e me batizei.

N: Ah, sim. Lá naquela sala em baixo?

Laércio: É.

N: Você já morava naquele condomínio mesmo?

Laércio: *(pequena pausa)* Já.

N: O irmão Leo mora lá também?

Laércio: Não. Leo mora em Diadema.

N: Ah, mora em Diadema. Mas ele, desde o início, está acompanhando, ou não?

Laércio: Mhm.

N: Quem começou; você lembra quem começou aquela sala lá em baixo?

Laércio: Foi ele.

N: Foi ele mesmo?

Laércio: Foi.

N: Ele tem conhecidos aqui, ou como ele começou lá no condomínio?

Laércio: Se ele tem conhecido aqui assim?

N: É. O irmão Leo mora lá em Diadema. Como ele vai começar uma congregação no condomínio aqui no Jandaia?

Laércio: É porque foi assim: Ele era cooperador na igreja do Transilvânia.

N: Mhm.

Laércio: Aí, abriu esta salinha, e não tinha um cooperador. E ele, por um motivo, estava afastado. Aí os irmãos pegaram e convidaram para ser cooperador desta salinha.

N: E lembra quem começou a salinha?

Laércio: Foi ele. Logo que abriram, já chamaram ele.

N: E quem abriu?

Laércio: Abriu, fala assim, quem iniciou?

N: É.

Laércio: Foi ele também.

N: Ah, 'tá.

Laércio: Foi ele.

N: E logo seus pais começaram, voltaram a congregar também?

Laércio: Isso. Ehe.

N: Enquanto ficaram afastados os doze anos, eles foram para outra religião, outra igreja, tipo Assembléia, Deus é amor, coisa assim?

Laércio: Não.

N: Continuavam orando lá em casa, você lembra?

Laércio: Não. Não continuavam orando, não.

N: 'tá. Hoje eles vêm aqui também?

Laércio: Vêm.

N: Hoje vocês oram em casa, ou também não?

Laércio: Oramos.

N: Então voltou - ?

Laércio: Voltou tudo ao normal.

N: E naqueles doze anos, ficou um pouco sem oração mesmo?

Laércio: Isso.

N: É?

Laércio: É.

N: E você acha, que seus pais, nestes doze anos, continuaram no fundo com a doutrina da Congregação no seu coração, que a Congregação ainda estava orientando a vida deles, ou você acha que não?

Laércio: Não. *(pequena pausa)* Não.

N: Deu simplesmente uma pequena pausa?

Laércio: Ehe.

N: Ah, 'tá. Então você logo batizou, foi em dois mil e -

Laércio: Três.

N: Três também? Com doze anos, então.

Laércio: Foi. Doze anos.

N: Eu estou enganado, ou você tocou instrumento também no culto domingo à noite?

Laércio: Toquei.

N: Foi, né? Foi você mesmo. Você toca violino?

Laércio: Isto.

N: E você começou a aprender violino quando?

Laércio: Desde 2000.

N: Antes de batizar?

Laércio: Isto, antes de batizar.

N: E você aprendeu, para já tocar na Congregação?

Laércio: É, para tocar na Congregação.

N: Ah. E você tocava já no grupo de jovens e menores antes de batizar?

Laércio: Mhm. É

N: E quem ensinou você?

Laércio: O encarregado de orquestra.

N: Ah, você teve aula aqui mesmo.

Laércio: É, na igreja.

N: Ah, certo. Esta igreja aqui começou quando, você lembra?

Laércio: Começou foi, em 2004.

N: Aqui?

Laércio: É. Em 2004.

N: E a sala, lá no condomínio?

Laércio: A sala não lembro quando começou. Acho que foi mil novecentos e noventa e, noventa e nove. Isto, foi novecentos e noventa e nove.

N: Porque, se não me engano, eu tenho um relatório de 1999/2000, e aí não consta nada ainda.

Laércio: Não consta?

N: Em 2002/2003, me parece, em outro relatório que eu tenho, aí consta no endereço, sei lá: rua Toledo, ou como é?

Laércio: Isto, isto, isto. Rua Toledo não sei o que lá.

N: Isto.

Laércio: É.

N: E no último que tenho, 2005/2006, aí já consta aqui, no endereço.

Laércio: Ehe.

N: É isso mesmo, né?

Laércio: É. É isso mesmo.

N: Mas talvez aquele relatório já foi feito antes. Consta 1999/2000, mas talvez já foi feito no início de 1999,

Laércio: Isso.

N: Né? Alguma coisa assim.

Laércio: É.

N: Você tem o último relatório de 2008, ou não tem?

Laércio: Tenho. O último de 2008/2009?

N: É.

Laércio: Não.

N: Eles têm aqui? Você sabe? Aqui eles vendem Bíblias, -

Laércio: Você fala 2008/2009, né?

N: É, ou 2007/2008.

Laércio: 2007/2008 eu tenho.

N: Você tem?

Laércio: Tenho.

N: Você vem na quinta?

Laércio: Quinta-feira não. Eu estudo. Só venho no domingo agora.

N: Ah, no encontro de jovens e menores?

Laércio: Isto.

N: Você poderia me emprestar pra uns dias? Só para dar uma olhada?

Laércio: Ehe. Empresto.

N: Aqui eles têm? Ou você pegou onde?

Laércio: Eles têm aqui.

N: Ah, de repente vão vender para mim também.

Laércio: Ehe.

N: Ah, 'tá bom. Então você toca instrumento – mas se você toca instrumento desde 2000, então você demorou um pouco para batizar? Você batizou em 2003, né?

Laércio: Ehe. Demorei um pouco.

N: Ah, sim. É que eu conheço jovens que até demoram um pouco de propósito. Eles dizem que eles gostam muito da Congregação, vão nos cultos,

Laércio: É.

N: Mas dizem que depois de ser batizado, aí o bicho pega

Laércio: É. *(ambos riem)*

N: É um pouco mais enquadrado em tudo, não é?

Laércio: É.

N: Mas isso você quis assumir mesmo?

Laércio: Ehe.

N: Qual é a sua função na Congregação?

Laércio: Função? Ah, ajudar as crianças, né. Eu sou auxiliar de jovens.

N: Você é auxiliar de jovens?

Laércio: Isso.

N: Desde quando?

Laércio: Desde dois mil e *(pensa um pouco)* cinco.

N: Aí o Sílvio já era o cooperador de –

Laércio: Jovens. É. Passou acho que um ano ou dois anos e foi levantado como cooperador de jovens.

N: E já estava participando?

Laércio: Sim.

N: Ele mora aqui perto, ou também mora mais longe?

Laércio: Ele mora aqui dentro do condomínio. *(Passa um caminhão)*

N: O irmão dele também?

Laércio: Não. O irmão dele mora na Mata Virgem, lá em Eldorado.

N: Ah, sim. Certo. E o encarregado da orquestra?

Laércio: Mora em Diadema, no centro.

N: Ah, sim. Ele toca lá também e vem aqui? Ele toca em casas de oração, você sabe?

Laércio: É. Ehe. Somos músicos, né. Se nos somos oficializados, podem tocar em qualquer igreja da Congregação onde vamos congregar, nós podemos tocar.

N: Isso. Quando é que você foi oficializado?

Laércio: Ainda não fui oficializado. Ainda não.

N: Ah. Você como jovem batizado, você pode tocar no culto de jovens e menores, você pode tocar no culto da noite, nesta casa de oração, mas não em outras casas?

Laércio: É. Não em outras.

N: E você pode testemunhar no encontro de jovens e menores; você pode testemunhar à noite também?

Laércio: Ehe.

N: Como batizado sim, né?

Laércio: Como batizado.

N: Mesmo – você já casou, não, né?

Laércio: Não.

N: Ah, mesmo sem ser casado, você pode

Laércio: Ehe. Pode

N: Testemunhar.

Laércio: Ehe.

N: Quem, em teoria, pode pregar? O que é preciso para pregar? Eu vejo às vezes que Leo chama com a mão, né, com os gestos. Ele chama o Sílvio, ele chama o Ricardo da orquestra também, não é

Laércio: Ehe.

N: Quem é, quem tem permissão de pregar?

Laércio: Olhe, aqui na Congregação, a parte que é mais -, é espiritual, entendeu?

N: Mhm.

Laércio: É Deus quem revela a palavra. Então qualquer irmão que está no banco e está batizado, se um dia Deus revelar a palavra, pode pregar.

N: Ah, mas tem que ser batizado. Lógico.

Laércio: Isso. Tem que ser batizado.

N: Isso. E na liberdade, né?

Laércio: Ehe.

N: Mhm. Aqui não tem ancião, né?

Laércio: Tem ancião.

N: Aqui, no Jandaia?

Laércio: Tem. Só que, uma vez que vai em várias igrejas, então o nome dele não sai no relatório. Mas uma vez por mês ele está com nós aqui.

N: Quem é?

Laércio: É o Luizinho. Ele –

N: É o Luiz Carneiro?

Laércio: Isso. Ele.

N: Mas ele agora vai mudar para Sorocaba, ou não? Me parece que num culto ele falou alguma coisa assim, numa segunda-feira, acho que a filha dele está doente?

Laércio: Não sei.

N: Eu entendi que ele vem de Sorocaba, ou não?

Laércio: Não. Ele mora aqui. Agora não sei, porque faz bastante culto que ele não está com nós aqui.

N: Ele veio mês passado, me parece.

Laércio: Isso. Ele veio mês passado.

N: Agora, foi numa segunda, e você estuda, né?

Laércio: Ehe. Eu estava estudando quando ele veio.

N: Certo. Ah, o Luiz Carneiro, a primeira Congregação dele, tipo, é onde?

Laércio: Transilvânia.

N: Transilvânia?

Laércio: Isso. Ele está lá direto, no Transilvânia.

N: Ah, sim. Aqui, o Leo é cooperador,

Laércio: É.

N: O Sílvio é cooperador de jovens e menores.

Laércio: Isso.

N: Tem mais um cooperador, ou não?

Laércio: Tem um diácono.

N: Quem é?

Laércio: O irmão Paulo.

N: Que Paulo é?

Laércio: Ele é difícil de vir aqui também. Só vem mais quando o ancião vem também.

N: Ah, a Congregação tipo de casa dele não é aqui também?

Laércio: Não. O dele é lá, como diácono em Santa Terezinha, em Diadema.

N: Em Diadema. Ah, certo. Mas ele acompanha as irmãs da caridade?

Laércio: Acompanha.

N: Ah, 'tá bom. O que você me fala do ancião, dos cooperadores, do diácono?

Laércio: Como assim?

N: Como você vê eles?

Laércio: Ver assim, a pessoa, assim?

N: É.

Laércio: Vejo assim gente normal, né. Normal.

N: Você acha que eles têm alguma inspiração especial? Você acha que eles têm, sabem, conhecem melhor a tradição do que você, do que os outros?

Laércio: É. Conhecem mais, né. Por ter mais tempo de caminho, né.

N: Isso. Hm, você conhece bem os outros irmãos e irmãs da Congregação aqui?

Laércio: Alguns sim.

N: Que moram perto da sua casa? E outros nem tanto?

Laércio: É.

N: Aí vocês se encontram mais nos cultos?

Laércio: Isso.

N: O que você acha, nos cultos aqui, ah, quanta gente mora mais aqui perto? Porque vem bastante gente de fora também visitando, não é?

Laércio: É. Olha, a Santa Ceia aqui toma 106. Mas aqui mesmo que moram aqui perto tem uns 79

N: Que moram aqui perto?

Laércio: É. Que moram aqui perto.

N: E 106?

Laércio: O restante mora por Eldorado, ou gente de Diadema, e o resto é de fora, né. Além dos 106 são os que vêm de fora.

N: Ah, 'tá. Me dá uma pequena descrição do culto. O que acontece no culto?

Laércio: Ó, desde o início, você fala?

N: Mhm

Laércio: O que acontece no culto: Primeiro, os irmãos, nós oramos, né, fazemos a nossa oração. Quem é músico, tem o hino do silêncio, né, que começa às sete e vinte-cinco, após este o irmão espera os 7 e meia, os 7 e 31, né, sobe, atende o culto, é chamado os três hinos, aí depois vem a

oração, né, vem, os porteiros marcam os pedidos de oração. Aí vem a oração, depois da oração, dentro da oração ora algum irmão da igreja. Depois da oração tem mais um hino. A testemunhança. Depois vema lista de batismos que anuncia os batismos, e a palavra, né. Após a palavra tem a última oração, e mais um hino, e mais um hino de silêncio, e a irmandade vai embora.

N: Sim. Tem um irmão na porta dos fundos, tem um irmão na porta lateral, e do lado das mulheres também?

Laércio: Tem.

N: É um irmão ou uma irmã?

Laércio: É uma irmã.

N: É uma irmã que está lá?

Laércio: Isto. Uma irmã.

N: E depois um porteiro, ele passa nas duas outras portas para pegar os papéis com os pedidos de oração, ou como é?

Laércio: Não. O porteiro fica aqui no lado principal, no meio, e os irmãos que vêm pedir oração vem até ele e pede oração.

N: Ah, nas portas laterais não se anota –

Laércio: Não, só aqui na frente.

N: Só na frente.

Laércio: Isso. Só na frente.

N: Isso. Em que momento o pessoal faz as ofertas?

Laércio: Momento? Olha, antigamente assim, uns dois anos atrás, o que sentindo dava nas mãos dos porteiros depois, após o culto. Agora não. Agora os irmãos facilitaram e colocaram as caixas. Você viu já as caixas?

N: Isso.

Laércio: Cada boca que tem ali é para um destino, né, as irmãs da caridade, como intenção, aqui você pode por no início do culto, entendeu, no fim do culto

N: Qualquer hora?

Laércio: Qualquer hora. Se sentir, você pode colocar.

N: E os irmãos colocam num envelope? Porque tem envelopes ao lado também, né?

Laércio: Isso. Se você quiser levar o envelope para casa e orar e Deus indicar o que você deve colocar, você pode levar. Mas se você quiser, você pode colocar sem envelope.

N: Direto no –

Laércio: É. Porque ali já tem os lugares separados indicando para que é.

N: Isso. Os mesmos que constam no envelope dentro, né?

Laércio: Isso.

N: Isso mesmo. Está certo. No culto: Para você, quais são os momentos mais emocionantes, mais bonitos, que você mais sente a presença de Deus?

Laércio: Ah, na oração, testemunho e a palavra.

N: Para você como músico, também tocar instrumento, tocar para Deus, é algo emocionante, ou como é?

Laércio: É. Muito bonito.

N: Vocês têm de vez em quando ensaio, não é?

Laércio: Tem.

N: É uma vez por mês?

Laércio: Uma vez por mês, no quarto domingo.

N: Aqui. E de vez em quando na região ou alguma coisa assim, no setor?

Laércio: Isso. Regional.

N: E aí, como é? Vocês fazem uma oração no início?

Laércio: É. Tem. Nós chegamos, cantamos o hino, né, sem tocar. Aí tem a oração, normal, para apresentar o ensaio, aí, a partir desta oração, começa a chamar os hinos, tocar, cantar, né, aí vão os exercícios que o irmão faz, às vezes o irmão quer que só os irmãos cantam, daqui um pouco quer que os músicos tocam, entendeu, é um exercício.

N: As irmãs vêm também para o ensaio?

Laércio: Vêm também. As organistas, vêm as irmãs da comum que não tocam, né.

N: Ah, sim. E este ensaio é que horas?

Laércio: Após a reunião de jovens. Terminou a reunião de jovens

N:

Laércio: Passa meia hora, começa o ensaio.

N: Ah. No quarto domingo.

Laércio: No quarto domingo.

N: E aí vai quase até o começo do culto, né?

Laércio: É. Vai até cinco e meia, seis horas.

N: Isso. Ah, 'tá. Ehm, e ali, além dos hinos, você aprende mais alguma coisa? Tipo comportamentos, como comportar com o corpo, quando vai inclinar a cabeça –

Laércio: Ehe. Ensinam.

N: Isso é dentro do ensaio de música, ou como é?

Laércio: Não. Isso é à parte, né, dentro da escolinha. Até que nós temos a salinha da escolhinha, separada da igreja, que é todo sábado à noite. Nós vem aqui para estudar.

N: Ah, sim. Isso é para quem?

Laércio: Para quem está começando a estudar, né, e quer tocar na igreja.

N: Certo.

Laércio: Aqui vem aprender.

N: É todo sábado?

Laércio: Todo sábado.

N: À noite?

Laércio: Isso. Começa às 7 horas.

N: Sete horas. Até?

Laércio: Aí não tem hora para terminar, né. Eles querem passar mais, né, para as pessoas, então vai até umas oito, ou vai até nove, dez horas.

N: E quem dá o encontro? É o encarregado da orquestra?

Laércio: É o encarregado da orquestra, junto com alguns músicos. Violino que está aqui estudando, flauta, clarinete, que vem, que já estão oficializados, que estão ensinando.

N: E aí, eu vi que os músicos sempre vêm com a roupa certinha, né.

Laércio: Vêm.

N: Sempre terno, camisa social, e gravata mesmo, né.

Laércio: É.

N: Os outros nem sempre. Há alguns que vêm só com camisa; aí é um pouco mais livre, né? E o músico?

Laércio: O músico tem que vir o porte dele, né.

N: Isso.

Laércio: Se ele vem sem gravata, não toca, né, entendeu?

N: Ah, sim.

Laércio: Sem paletó também não toca.

N: Isso. O paletó tem que ter a mesma cor e tudo?

Laércio: Não. Não precisa.

N: Mas a maioria tem um terno mesmo, né?

Laércio: Ehe.

N: Você comprou numa loja comum, você comprou numa loja da Congregação o seu terno?

Alguém deu?

Laércio: Olhe, lá em casa tem uns cinco ternos. Tem um que Deus preparou que foram os irmãos me deram, né, e tem um irmão que vende terno, às vezes compra na loja, entendeu?

N: Mhm. Ah, 'tá. Você tem quantos irmãos?

Laércio: Eu tenho, que vem para igreja, só tenho um. Mas tem uma, tem duas. E que não vêm na Igreja, tem dois.

N: Dois meninos?

Laércio: Não. Uma moça e um rapaz. São dois, né? E mais dois, são cinco irmãos. Tenho cinco irmãos.

N: A irmã é aquela que estava com seu celular no domingo, não é?

Laércio: Isso.

N: Isso. Você sabe como ela se sente na Congregação?

Laércio: Não.

N: Porque vocês dizem tipo 'homem é a cabeça da família', não é?

Laércio: É.

N: Tem tipo irmãos que se incomodam um pouco com isso? Porque hoje tem muita gente que diz tipo homem e mulher têm direitos iguais,

Laércio: Ehe.

N: O homem não manda na mulher. Você conhece irmãos que têm um pouco de dificuldade de aceitar que o homem é a cabeça da mulher, ou não?

Laércio: Não. Não.

N: Mas é mais no plano espiritual também, né. Eu conheço muitos irmãos, tipo: Tudo bem. O homem é a cabeça da mulher. Mas eles ajudam em casa, fazem o café da manhã, e tudo isso, né?

Laércio: Ehe.

N: E aqui a limpeza também. São os homens que fazem a limpeza depois do culto, não é?

Laércio: É os homens. Só que tem os dias das irmãs, que são. O culto é segunda, quinta e domingo. Elas vêm de manhã, limpam a igreja na segunda de manhã, na quinta de manhã. No sábado elas trabalham dentro da igreja, e os irmãos trabalham fazendo uma limpeza do lado de fora.

N: Isso. E no domingo, alguém limpa, ou não?

Laércio: Não. No domingo não. Domingo é livre, porque já limpou no sábado para o domingo.

N: Isso. Ah, 'tá certo. Ehm, você mesmo já testemunhou?

Laércio: Já.

N: O dia que você dá o seu testemunho, para você é um dia especial? Um dia que você volta para casa mais contente?

Laércio: É. Volta mais contente, né.

N: E você também já fez no culto de jovens e menores a oração?

Laércio: Já. Já.

N: No culto da noite também?

Laércio: Já.

N: Tanto no início, de pedido, como no fim, de agradecimento?

Laércio: Ehe.

N: E aí, é realmente Deus que inspira?

Laércio: É.

N: Você sabe o que você fala naquele momento, ou é algo que Deus coloca no coração, e você nem sabe antes o que você vai falar? Com é?

Laércio: Nem, tipo, é você, que nem eu estou lá no culto. Eu não estou sentindo nada. De repente na oração, você sente um calor, calor né, e você abre a boca e está orando, né, eu mesmo, eu só lembro que a necessidade que você pede: que Deus abençoe a testemunhança, a palavra, irmão da palavra e os pedidos de oração, o resto, isso não vem na mente quando você fala, você não lembra. Entendeu?

N: Sim. Você participa da ceia?

Laércio: Participo.

N: Quantas vezes já participou?

Laércio: Eu batizei em 2003. 2003 foi a primeira, quatro, cinco... Eu participei de seis ceias.

N: Aqui no Jandaia mesmo?

Laércio: Duas no Jandaia e uma foi em outra igreja, e, tipo, se você batiza no meio do ano e não, já passou a ceia na sua comum, você vai tomar em outra igreja.

N: Ah, sim.

Laércio: Entendeu?

N: Todo ano é uma ceia, não é?

Laércio: É. Todo ano é uma.

N: Aqui costuma ser em qual semana? Em qual mês?

Laércio: Olhe, aqui, no começo, era no dia primeiro de maio. Aí mudou para o dia 4 de junho. Aí os irmãos vão mudando, porque às vezes cai num dia da semana, e os irmãos gostam mais de fazer a ceia num domingo, porque no domingo os irmãos estão livres, né, do trabalho e estas coisas.

N: Aí no domingo à noite mesmo?

Laércio: É. Domingo à noite.

N: No lugar do culto.

Laércio: No lugar do culto. É, é, o culto da santa ceia.

N: E a santa ceia é um culto comum? Com a santa ceia, é isso? Ou tem mais algumas mudança?

Laércio: Não, não tem mudança, não.

N: E a ceia é depois da, depois da pregação?

Laércio: É depois da pregação.

N: Aí tem a oração ainda antes, ou não?

Laércio: Tem. Tem a oração, a palavra, aí depois tem a oração que o irmão faz, apresentando o cálice e o pão. Ai depois desta oração é cantado um hino, e os irmãos já vão tomar a santa ceia.

N: Um depois do outro.

Laércio: É. Coloca dois bancos na frente, um frente ao outro, assim, um ao lado do outro, e os irmãos vão fazendo fila, né, fila no corredor, e vão passando. Aí vai um tanto, vão uns dois bancos, levanta, senta, e vai os outros.

N: Os irmãos e as irmãs?

Laércio: Primeiro começam as irmãs. Depois de todas as irmãs, começam os irmãos.

N: Ah, certo. 'tá bom. Você já visita ou visitou outras casas de oração?

Laércio: Várias já.

N: Quais?

Laércio: Ah, congrego direto no Ivone aqui, Alvarenga, Laura, né, já fomos Salzedo, né. Marcamos uma excursão no domingo retrasado. Tem várias igrejas. Tem Transilvânia, Eldorado, Eucalipto, Diadema central, São Bernardo central, várias igrejas.

N: Aí vai você, ou você combina com uma turma? Ou até com todo o grupo de jovens e menores, como é?

Laércio: Aqui no Laura sempre se vai irmãos. Irmãos casados, né. Agora assim, para fora, a gente comunica a mocidade, às vezes o Sílvio pega o carro dele, ele nos chama e vamos no carro dele

N: São vocês que chamam ele para ir lá, ou é ele que chama vocês?

Laércio: Olhe, tem culto assim que nos chama ele, e tem culto que ele chama.

N: Aí normalmente, quando vocês pedem, ele vai?

Laércio: Vai. Ehe.

N: Ele é bem amigo de vocês?

Laércio: Isso. Bem amigo.

N: Muito bom. Quantas vezes você acha que já visitou outras casas de oração?

Laércio: Assim, igrejas direto assim?

N: É.

Laércio: Ah, tem a igreja aqui do Alvarenga, do Ivone, que sempre nós, quando nós estamos de férias na escola, nós congregamos a semana inteira, segunda no Ivone, quarta no Laura, quinta no Jandaia, sexta no Ivone, sábado no Alvarenga.

N: Quem é nós?

Laércio: Nós assim, eu, meu sobrinho, minha tia, o irmão Antônio que cuida do som, irmão (?) que cuida da piedade, então nós vamos sempre congregar.

N: Ah sim. Ehm, você participa de outros momentos na Congregação, além do seu batismo, da ceia, do culto à noite, dos encontros de jovens e menores?

Laércio: Outros?

N: Tipo orações em casa?

Laércio: Tem, né. Tem reuniões que os irmãos pede. Quando os irmãos vão atender, nós estamos sempre junto com eles.

N: Isso é em qualquer casa, é mais na casa de doentes? Como é?

Laércio: É mais em casa de doentes. Irmãos enfermos

N: E aí vocês vão, isto é, é durante o dia, é à noite?

Laércio: É à noite.

N: À noite. Nos dias que não tem culto aqui?

Laércio: Isso. Nos dias que não tem culto aqui: terça e quarta, sexta e sábado.

N: Aí vocês vão também mais nas férias, não é? Porque estão estudando, né?

Laércio: Isso.

N: Isso. O que você acha, o que a sua participação aqui na Congregação, o que mudou dentro de você?

Laércio: Mudou várias coisas, né. Mudou pensamentos, né. Pensamentos. Mudou bastante coisas.

N: O que nos pensamentos mudou?

Laércio: Ah, pensamento assim, tipo de praticar um erro, né, que vem na cabeça praticar um erro, exame e estas coisas, entendeu. Então que nem, às vezes você está desanimado. Você está desanimado, você vem na igreja, ouve a palavra que anima, você volta para casa alegre.

N: Sim.

Laércio: Aí já muda todo aquele pensamento que você estava pensando. Entendeu?

N: Tem costumes, hábitos que você mudou porque está na congregação? De repente, antes você fumava, você parou de fumar, ou outras coisas.

Laércio: Tem.

N: Costumes e hábitos que mudaram, que você mudou, ou que você iniciou?

Laércio: Mhm.

N: O que?

Laércio: Tipo jogo de bola, né. Jogo de bola, este negócio de ir para festas, estas festas assim, né. Mudou tudo.

N: Parou de jogar bola?

Laércio: Parei.

N: E com isso também, mudou um pouco o quadro dos seus amigos, ou não?

Laércio: Mhm.

N: Mudou?

Laércio: Mudou bastante.

N: Alguns que eram seus amigos, hoje não são mais tanto?

Laércio: Ehe.

N: Eles perceberam a mudança dentro de você, eles se afastaram, ou você se afastou um pouco deles?

Laércio: Olhe, tem alguns que eu precisei me afastar. E tem outros que não, que se afastaram por eles mesmo.

N: Sim. E tem outros que não estão na Congregação, mas que vocês continuam bem amigos mesmo, ou?

Laércio: Ehe. Continuamos amigos.

N: Mhm. Lembra de outras coisas, além do jogo de bola que você citou, e as festas?

Laércio: É. Só foi isso mesmo. Eu era, eu sou um rapaz muito preso. Eu não gosto de sair.

N: Já antes também não gostava?

Laércio: Não.

N: Sim Ehm, com quem mais, além dos seus amigos, você tem muito contato, convive bastante. A família sua, né, dentro de casa, você falou da sua tia – ela mora perto de sua casa também?

Laércio: Mora.

N: Dentro daquele condomínio?

Laércio: É.

N: E com quem mais, tipo na escola, com quem mais você tem bastante contato?

Laércio: É. Com colegas assim de grupo assim, né, tipo grupos de trabalho. Tem meu sobrinho também que estuda junto comigo. Tem irmãos da igreja também que estudam comigo na escola, da mocidade. Então, nós estamos sempre junto.

N: Onde você estuda?

Laércio: Aqui em cima em Eldorado, no Simão.

N: No Simão?

Laércio: É Simão Bolivar.

N: Você está em que série?

Laércio: Segundo ano.

N: Segundo? Do colegial?

Laércio: É.

N: E depois, como você imagina o seu futuro?

Laércio: Ah, eu pretendo fazer uma faculdade, né, me formar, para ter um futuro melhor.

N: Que faculdade você pensa fazer?

Laércio: Até o momento, eu penso fazer direito.

N: Ah, sim.

Laércio: Direito.

N: E qual é o sonho de uma vida daqui 10, 20 anos. Como você sonha a sua vida?

Laércio: Ah, uma vida sossegada, né, uma vida, ah, uma vida assim tranquila, sem muita preocupação, sem muita dívida, né, porque hoje a maioria das famílias tem muita dívida, né. Uma família, ter filhos, né, casamento.

N: Onde você imagina que vai morar?

Laércio: Olhe, eu pretendo morar por aqui mesmo, né. Mas só que, às vezes, né, até lá a gente mudou, né. Às vezes a moça não quer morar aqui, entendeu.

N: Sim.

Laércio: A moça vem de fora. Aí no tempo, né.

N: Você já está namorando?

Laércio: Não.

N: Se namorar, vai ser uma moça da Congregação, ou não?

Laércio: Da Congregação, sim. É.

N: Se não fosse, iria complicar um pouco para você, ou não, uma vez que você já é batizado, né?

Laércio: É. Já sou batizado. Se eu tipo quem não for da Congregação, eu já não poderia.

N: Sim.

Laércio: Porque aí já não vou poder mais poder atender as crianças, não vou poder tocar mais, não vou poder chamar hino, não vou poder fazer oração.

N: Isso. Perde a liberdade, vocês dizem, não é?

Laércio: É. Perde a liberdade.

N: Hm. Você acha que alguma coisa na Congregação deve mudar, ou não?

Laércio: Ah, eu acho que não, né.

N: Tipo, acho que foi domingo passado, foi no domingo passado? Não sei agora. Ah, foi na segunda-feira também. Veio, acho que foi um ancião,

Laércio: Ancião. Foi um ancião.

N: O Tenório.

Laércio: É. O irmão Tenório.

N: De onde ele é?

Laércio: Ele era aqui do Transilvânia, de Diadema. Aí ele precisou mudar. Hoje ele é ancião em Minas Gerais.

N: Ah, sim. Então, ele falou: Ó, tem gente que muda os hinos, tem até ancião que muda a letra, muda os hinos, mas é pecado, não pode. O que você acha?

Laércio: Ah, eu acharia também. Eu estou junto com ele, você entendeu. Como ele tem mais voz por ser ancião, né, eu acharia melhor que não mudasse, porque eles estão criando uma mudança aí, para mudar umas palavras do hino, do tipo hino, eles vão mudar uma palavra, a melodia, você entendeu. E como nem ele falou: os irmãos mais antigos, os três irmãos que Deus revelou a obra, iniciar a obra, eles deixaram uma carta escrita que nem o irmão viu aqui, né, de não mudar os hinos, que eles devem ser cantados do jeito que Deus revelou, né. E eles já estão querendo mudar, né.

N: Você usa um pouco internet ou não?

Laércio: Não. Ah sim, uso assim, tipo para um trabalho de escola, você entendeu?

N: Porque lá eu também descobri um site lá, tipo ccbhinos, e são jovens, até tem lá, tipo no canto esquerdo acima, tem uma igreja da Congregação, uma foto, né, e fala que é da Congregação, né, mas eles têm hinos totalmente deles, até os instrumentos não são mais de orquestra, é tipo banda mesmo.

Laércio: Deixe explicar esta parte. Esta parte são músicos que não são convertidos. Que nem este ccb não é site da Congregação. É um site que eles inventaram.

N: Isto.

Laércio: E tem muita gente pecador. Que transgride a palavra de Deus, vai para o mundo e quer difamar a Congregação. Então eles entram, fizeram este site, e aí se pode ver, às vezes tem foto de moça na praia, tem várias coisas, tem pregação de irmãos que eles colocam lá. Tipo, tem um irmão muito conhecido aqui, ele fala: para ouvir a pregação de fulano de tal, tecele aqui. Você vai escutar a

pregação. Eles vêm no culto, gravam e colocam na internet. E por este motivo, a Congregação já sofreu danos. Então o que é que eles resolveram fazer? A Congregação tem um site, você acessa lá. Então, este ano foi feito um site da Congregação, que é congregacaonobrasil.org.com.

N: Isso. Só para avisar que não tem site, porque só tem esta informação, que os outros sites não são originais.

Laércio: É. Não são originais.

N: Isso. Mas isso eu não vou fazer. Se eu estou gravando aqui, eu vou transcrever, só para os professores, para eu poder falar para os professores o que você me disse. Mas aí, isso não vai ser público, o que nós conversamos aqui.

Laércio: Mhm.

N: É. Então você acha que eles não foram batizados. Ou eles foram batizados.

Laércio: É. Foram batizados. Uns não, são batizados, mas não são convertidos. Entendeu. Batizou, mas ia na igreja, só que no mesmo momento que está na igreja, está num forró, está numa festa, entendeu? Festas e baile. Não se converteu. E outros se batizaram, e por motivo de adultério, foi largando as coisas de Deus, da Congregação, e foi indo para o mundo, e por lá mesmo ficou.

N: Sim.

Laércio: E por ter tido alguma coisa assim, às vezes tem moço que não quer vir na igreja. Entendeu? Aí começa a fazer pirraça, começa a arrumar o cabelo diferente, entendeu, por o irmão vir e chamar a atenção dele. Por o irmão vir e chamar a atenção dele, aí ele vai, sai da igreja, e coloca a culpa no irmão. 'Eu não vou mais na igreja porque o fulano de tal me chamou a atenção.' Aí por isso, por estes atos aí, eles começam a sair com este site, começa a falar mal dos irmãos, entendeu?

N: É. No fundo, o site lá, ele não difama. Ele diz: Ó, somos fãs incondicionais da Congregação, só que eles fazem muita coisa diferente, mas eles não falam mal. Tem um que o irmão fala mal mesmo, acho que ele já saiu mesmo, agora até é da Assembléia, qualquer coisa, este mete o pau, se diz, né, na Congregação. Agora, este site não, ele diz: ó, nós somos apaixonados pela Congregação, só que eles fazem muita coisa que os anciãos não aprovam, né.

Laércio: Ehe. É.

N: Agora, consta até que eles não querem tipo que se grava em CD os cantos e tudo, mas eu fui uma vez lá no Brás, e até em frente do Brás tem aquela

Laércio: Tem. Tem.

N: Tipo camelô, né, barraquinha. Estão vendendo lá, né.

Laércio: É. É. *(pequena pausa)*

N: Você tem críticas à Congregação?

Laércio: Críticas? Não.

N: Como você vê outras igrejas, denominações, tipo Assembléia de Deus, Deus é amor, Igreja Quadrangular. O que você pensa sobre eles?

Laércio: Ah, eu, tipo assim, eu procuro comparar, não, tipo, eu procuro não falar mal, você entendeu, nem falar bem. Eu acho que são as mesmas congregações, eh, a mesma crença, você entendeu, a mesma, nem, é um Deus só para todas estas igrejas, entendeu, só que tem várias coisas diferentes que nem díximo, por exemplo, tem igrejas que pedem muito díximo, e outra que já não pede, e outra que você vai no dia que você quer, entendeu. Que é assim nem que Deus fala sempre: que o que não salva, o que não vai salvar o povo, não é a igreja, não é a placa da igreja, e sim a doutrina, né.

N: Sim.

Laércio: A doutrina.

N: E a doutrina certa está aqui, na Congregação.

Laércio: É.

N: E só.

Laércio: Mhm.

N: Você acha que membros da Assembléia se salvam, que vão para o céu, membros da Deus é Amor, católicos?

Laércio: É, sendo que nem, se eles crerem em Deus, eu creio que sim. Porque, que nem os irmãos falam: muitos hoje estão, que nem, pessoas chamam para ir para igreja, vai para igreja, e mesmo se o homem lá na frente tem a, que nem aqui, não este negócio de teologia, de estudar para pregar para o povo, ele torna a igreja inocente, eles não sabem ler, para eles tem uma revelação e tem tudo, mas para – são inocentes, né, e pela inocência deles Deus pode vir, então vai, entendeu?

N: Sim. Sim. *(pequena pausa)* Ehm. Me fala um pouco da visão do bairro que você tem, onde você mora, aqui no Jandaia. O que você pensa sobre o Jandaia?

Laércio: O que eu penso sobre o bairro?

N: É. Você gosta? Você não gosta?

Laércio: Olhe, eu não gosto por motivo. Que nem, você está falando do Jandaia. Só que nós não estamos morando dentro do Jandaia, do condomínio, entendeu. Nós moramos fora do condomínio.

N: Ah, sim.

Laércio: É que nós falamos do Jandaia para ter uma referência. Nós mora –

N: Ah, em si Jandaia é só o condomínio.

Laércio: É. Só o condomínio.

N: E aqui a região se chama?

Laércio: É Alvarenga.

N: O bairro é Alvarenga.

Laércio: É Alvarenga. Ah, é, tipo, ali não tem asfalto, entendeu. Tem muitas casas de madeira, entendeu. Tem muita gente fazendo coisas erradas, entendeu. Então, eu não acho bom morando ali, né. Bom assim, mas pela necessidade de morar a gente tem que morar, entendeu. Mas nós temos planos de, mais para frente, comprar uma casinha fora, entendeu,

N: Sim.

Laércio: E assim vai indo, se Deus abençoar.

N: Aqui tem casas que não têm eletricidade? Porque o irmão do Sílvio, lá no culto dos jovens e menores, falou: ‘A eletricidade vai chegar. O asfalto vai chegar.’ Você lembra?

Laércio: Lembro.

N: Que ele falou assim? Tem casas que não têm eletricidade?

Laércio: Olha, ali todas as casas têm eletricidade. Só que, nem tem uma rede ali, uma rede, uma rua ali, que é uma energia para várias casas. Então minha, minha tia mora lá na última casa da rua. A força dela é bem fraquinha. Muitos estão usando, não dá para enxergar quase nada. Aquele paviozinho tipo como se fosse uma vela.

N: Ah. Isso.

Laércio: Entendeu?

N: Mas é oficial, ou é uma coisa tipo assim, de gambarra, assim que alguém fez lá uma coisa clandestina.

Laércio: É, é clandestino.

N: Ah, é clandestino.

Laércio: Porque muitos irmãos dali já pediram relógio para eles, só que eles não trazem. Por ser um, um lugar meio distante. Entendeu?

N: Sim.

Laércio: Porque tipo, esta rua aqui vai até lá no Eldorado de casas. Então eles, vai ter uma fiação, eles vão gastar muito para levar postes e estas coisas até lá em baixo para colocar um relógio para a pessoa, entendeu.

N: Sim. Então, no fundo a Eletropaulo sabe que é tipo energia roubada

Laércio: Sabe.

N: E deixam porque daria muito trabalho

Laércio: Ehe.

N: E não querem gastar e não querem fazer o trabalho.

Laércio: Isso. E foi pedido água, foi pedido luz, mas eles não levam.

N: A água é encanada?

Laércio: A maioria são poços. Só que tem água encanada, só também que eles não levam. Tem até um vizinho que mora na beirada da rua, na beirada mesmo, que pediu água e eles levaram. Só que mais para frente eles não levam.

N: Nós podemos depois dar uma passadinha lá, você me mostra onde é?

Laércio: Mostro.

N: Então é um pouco precária a habitação.

Laércio: Isso. É. É.

N: E ainda gente mexendo com coisa errada.

Laércio: É.

N: Tem muita violência aqui também ou não? Até mortos e tudo?

Laércio: Bastante.

N: É? É mais à noite?

Laércio: À noite, durante o dia também. À noite e durante o dia. Agora está meio parado, mas antigamente estava tendo muita violência no bairro.

N: Sim.- Onde a sua tia mora, lá onde a energia não chega, o pessoal é dono do terreno onde mora, ou é tudo meio clandestino?

Laércio: Não. Aí é um terreno que, tipo, no começo, que nem, no começo, quando eu vim morar para cá, em 91, o lugar onde tem casas hoje era tudo mato, tudo mato. Então foi entrando um, fez uma casa. Foi entrando outro, até virar uma vila. Então, tem o presidente ali de dentro, que até inclusivo vem congregar com nós aqui, que ele corre atrás destas coisas, né, água e luz –

N: É o presidente da associação de amigos do bairro, como é?

Laércio: Isso. Dos amigos do bairro. Então ele corre atrás de uma coisa, atrás de outra, tentando melhorar o bairro, para tentar liberação, você entendeu. Até uns tempos atrás, eles estavam saindo com uma conversa que teria estes prédios do CHU. Estavam fazendo, o pessoal vem mais do que a população que mora aqui, e iam tudo para estes prédios. Mas até agora não saiu nada. Então eles,

eles correm atrás assim, para deixar as pessoas morando, você entendeu. Porque tem muita gente ali, se sai a lei e o pessoal diz: Não, não pode mais morar aqui, não tem lugar para onde ir.

N: De quem é o terreno? É da prefeitura, ou é de alguém? Você sabe?

Laércio: Olha, até uns tempos atrás, o terreno era de alguém, assim, de uma pessoa. Só que por motivo de impostos se acumulando, então

N: Desapropriou.

Laércio: Desapropriou e ficou para prefeitura.

N: O que é bom para quem mora lá. Porque a prefeitura é mais difícil de despejar mesmo.

Laércio: Isso. Ehe.

N: O dono poderia um dia chamar a polícia.

Laércio: É.

N: Ah, sim. Ah, e o presidente da sociedade de moradores é da Congregação?

Laércio: Ele 'tá congregando, só que ele ainda não é batizado.

N: Quem é? Como é o nome dele?

Laércio: Eh, Ubirajara.

N: Ubirajara? E ele tem quantos anos?

Laércio: Aí já não sei, mas ele deve ter uns 38 para 40 anos

N: E ele vem, ah, no domingo à tarde ele não vem.

Laércio: Não. Ele vem dia de segunda, às vezes não vem na segunda, vem quinta, entendeu. Ele não tem muito compromisso de estar na igreja, assim direto.

N: Mas você conhece ele?

Laércio: Conheço.

N: Você tem seu telefone, ou não?

Laércio: *(passando caminhão)*

N: Se você *(passando caminhão)* se ele der uma entrevista também, eu gostaria muito.

Laércio: Entrevista?

N: É como nós agora. Sentar e conversar um pouco. Porque a Congregação, ela tem um pouco a fama que o pessoal não se envolve muito com outras pessoas.

Laércio: É.

N: Que é um pessoal um pouco retraído.

Laércio: Ehe.

N: Então, alguém que gosta da Congregação e é presidente da sociedade de amigos de bairro, é muito, é uma coisa muito interessante.

Laércio: É.

N: Então, eu ficaria muito feliz. Você pode fazer isso para mim, se você vê ele, você diz: ó, tem um estudante lá?

Laércio: Não, às vezes, domingo, ó, domingo à noite você está aí, não está?

N: Não sei. Talvez no domingo que vem eu não posso vir. No outro acho que venho de novo.

Laércio: Então, eu converso com ele e quem sabe, num domingo que você está aqui e ele também está,

N: Você me apresenta

Laércio: Ehe. Nossa, eu fico muito feliz.

N: O que você acha, tipo, dentro do município – aqui já é São Bernardo, ou é Diadema? É complicado, né?

Laércio: São Bernardo.

N: Tem certeza?

Laércio: É porque a divisão é aqui, ó. Passa aquele mato lá já é Diadema.

N: Do outro lado da rua aqui é Diadema?

Laércio: É Diadema.

N: Verdade?

Laércio: E aqui é São Bernardo.

N: São Bernardo? Ah. E dentro da cidade, do município de São Bernardo, o que você acha, a posição social do bairro: é um bairro bastante precário, é um bairro normal para o município de São Bernardo, é um bairro chique, o que você acha?

Laércio: Olha, onde nós mora aqui, é, é precário, né, a situação, não é bairro chique, entendeu, tem o condomínio Jandaia, tem o Engenheiros, que é um condomínio, que são dois condomínios muito bonitos, né.

N: São particulares, ou é do Estado, como é?

Laércio: São particulares.

N: Particulares.

Laércio: E mais para frente tem o, os quintos, né, são bairros tudo, tudo igual a este aqui. Não tem água encanada, não tem asfalto, você entendeu. Agora, aqui mais para o centro já tem aquelas bonitezas, né, tem o Parque dos passos que é muito lindo, né. Então.

N: Você acha que morar neste bairro prejudica um pouco a sua vida? Tipo: você vai pedir emprego numa firma. A firma pede: onde é que você mora? O homem olha no mapa: Ih, aquele canto lá, não, então... Tem firmas que só querem empregados que moram num bairro com renome etc. Você acha que morar aqui, de alguma forma, prejudica a sua vida?

Laércio: Não. Não prejudica não.

N: Não.- Você mesmo, a sua família, dentro do bairro, você acha que vocês são como a maioria do pessoal, vocês são uma família que tem um pouco mais, que passa um pouco mais por necessidades, uma família que está um pouco melhor do que a maioria dos outros?

Laércio: É. Aqui nós comparamos aqui melhor assim, porque nós moramos assim, num, nem, ali tem uma área que é particular. Nós moramos dentro desta área particular. Então nossa casa é de blocos, você entendeu. É um sítio.

N: Um sítio.

Laércio: Só que está desativado, né. É um sítio; nós mora lá, nem, então o dono falou: ó, vocês moram ali, até quando vocês quiserem. Entendeu.

N: É um cara bom, né?

Laércio: É. Meu pai trabalhou, então, meu pai trabalhou para ele 12 anos.

N: No sítio mesmo?

Laércio: É, no sítio. 12 anos.

N: O que seu pai fazia por ele?

Laércio: Olha, criação de porcos. Gados, né, cabritos. Meu pai cuidava para ele.

N: Ah, era como na roça praticamente.

Laércio: É. Como na roça. E por motivo de ser uma área balanceada, não pode criar animal. Então foi desativado. Só que aí nós moramos lá.

N: Balanceada quer dizer mananciais?

Laércio: É. Mananciais.

N: Ah, sim.

Laércio: Mananciais. Então nós moramos aqui. Nossa casa é de blocos, entendeu. Tem uns poços muito bons, tem energia boa.

N: Ele construiu para vocês?

Laércio: É. Ele construiu. Tem luz, entendeu. Tem onde plantar, entendeu. Tem onde, tem, tem bastante benefícios, você entendeu. Agora, os, os outros pessoais já não têm, têm casa de madeira, às vezes a energia acaba, porque são muitas pessoas. A energia acaba, queima o fio, por causa de muita tensão, né. Então às vezes ficam sem luz, entendeu, passam muitas vezes necessidade.

N: Então vocês são a única família que tem um bom contato com o dono da terra. É isso?

Laércio: É. É.

N: As outras famílias ficam às vezes um pouco de inveja, de ciúme, tipo assim, ou não? Porque percebem que vocês estão um pouco melhor.

Laércio: É. Só que assim, tipo não tem ciúmes porque nós estamos sempre juntos com eles ali, conversando, entendeu. Então nos consideramos como se fosse tudo uma família só, entendeu.

N: Que bom. Muito bom. E o pai hoje, o que ele trabalha?

Laércio: Ele trabalha na chácara que é vizinha da igreja.

N: Ah, aqui?

Laércio: É. Só que hoje não está aqui. Está em outro serviço hoje.

N: Aqui é uma mistura entre chácara, chique até mais ou menos, e moradia precária, não é?

Laércio: Isso. Tem.

N: É um pouco lado ao lado, praticamente.

Laércio: Ehe.

N: Sem muito muro, sem nada, né.

Laércio: É.

N: É isso, né?

Laércio: É.

N: As duas coisas: chácara de gente mais rica, porque o pessoal não mora aqui, ou mora? Eles vêm mais no fim-de-semana e estas coisas, não é?

Laércio: É. Tem gente que, tipo, tem chácara. Tipo irmã Bete. Ela tem estância em Eldorado, tem o depósito de construção, você entendeu?

N: Mhm.

Laércio: Então ela já é mais, financeiramente ela já é mais...

N: Isso. Sim.- Você tem queixas sobre o bairro, além daquilo que você já falou? Da energia que às vezes falta, fio que queima?

Laércio: Não. Não.

N: Sabesp que não quer levar a água.

Laércio: (sorri) É.

N: Sobre os moradores do bairro?

Laércio: Também não.

N: Aqueles que são meio malandrinhos, que fazem coisa errada, são mais jovens, ou são adultos também? São famílias inteiras, o que você acha?

Laércio: Hoje pela, pelo jeito como o mundo está hoje, tem adultos, tem crianças no meio, né, adolescente, tudo ali no meio.

N: É droga mais, não é?

Laércio: Isso. É.

N: E o que o pessoal usa aqui? Tem uma idéia? É maconha, é também cocaína, é crack? Tem uma idéia ou não?

Laércio: Olha, aqui, pelo que ouço falar, é mais droga, farinha e estas coisas.

N: Farinha? É cocaína mesmo, né?

Laércio: É. Ou álcool.

N: Nossa, assim. Lá onde eu moro é também. Só que lá também o pessoal faz bastante assalto para conseguir o dinheiro. Até às vezes, porque normalmente a regra é: você não assalta o próprio vizinho. Você vai para um outro bairro. Mas às vezes parece que nem isso se respeita mais, que o pessoal assalta lá pertinho. Aqui também é assim?

Laércio: Aqui também. Aqui tipo tem aquela pessoa que é o chefe, entendeu, então tem o chefe. Então, agora mesmo, semana passada, aconteceu um caso que, por causa que a pessoa que vicia fica doido, né.

N: Isso.

Laércio: Então ele começou a roubar a própria, ali, a pessoa já não tem muita coisa. A pessoa começou a roubar ali dentro mesmo. Então, eles queriam matar ele né, ele sumiu, eles estavam procurando por ele

N: Ah, o próprio chefe vai atrás deles? Porque está sulaérciado a área, não é? Chamando a polícia para a área.

Laércio: Ehe.

N: O chefe não quer isso.

Laércio: Não.

N: É. Onde eu moro é um pouco semelhante. Às vezes o próprio chefe, no fundo, ele garante mais a segurança do que a polícia, infelizmente, né.

Laércio: É. É.

N: Então, com os seus vizinhos você tem bastante contato, né.

Laércio: Tenho. Tenho bastante contato.

N: A maioria deles também vem na Congregação aqui?

Laércio: A maioria. A maioria.

N: São batizados mesmo, ou vêm, tipo, como o, aquele

Laércio: Ubirajara.

N: É.

Laércio: É. A maioria vem como ele, porque no Jandaia, que nem te falei, setenta e nove, oitenta que são batizados e que moram ali. Agora, o resto vem visitar, né.

N: Eles gostam?

Laércio: Gostam.

N: E mesmo sem ser batizado, você acha que eles mudam um pouco de vida? Eles tomam atitudes diferentes?

Laércio: Mudam. Mudam bastante.

N: Ehm. Você gosta mais de estar ao lado, estar reunido com o pessoal da Congregação, do que com aqueles que não fazem parte, ou para o dia-a-dia não é tão importante assim?

Laércio: Ah, eu prefiro, eu procuro mais estar junto com os da Congregação, né. Porque falamos todos a mesma língua. Agora, assim, eu sou da Congregação. Eu vou juntar com quem não é, aí tem que ser uma coisa diferente, porque alguns vão falar besteiras, muitas coisas, não é lícito para nós estar no meio, ne.

N: Sim. Ehm. Onde acontece mesmo a tradição da Congregação, a transmissão religiosa? É mais aqui dentro da casa de oração? Onde você aprendeu as coisas: de fazer as orações, de falar, de fazer a oração assim em voz alta? Você fala em línguas também? Você foi batizado na promessa, ou não?

Laércio: Sim.

N: Como?

Laércio: Olha, a data eu não lembro não. Mas eu vou chutar assim: Eu fui batizado em 2003, foi em 2005, 2005.

N: Foi num culto de jovens e menores? Onde?

Laércio: Não. Foi numa reunião familiar. Numa reunião que, por motivo que a pessoa não pode congrega, muitas vezes é enfermo, os irmãos vão até ele.

N: Ah. E você estava junto?

Laércio: Estava.

N: E lá também acontece muito, você aprende muita coisa da Congregação?

Laércio: Sim. Aprendi.

N: Os comportamentos e ...

Laércio: Ehe.

N: Quando você baixa a cabeça, quando você ajoelha, - quem ensinou isso para você?

Laércio: Olha...

N: Ou você aprende isso olhando os outros? Como é?

Laércio: Como eu não sou muito assim, eu sou meio tímido, eu não gosto de ficar perguntando, né, algumas dúvidas assim, mas eu aprendi mais assim, com, vendo os irmãos, entendeu, vendo os irmãos. Às vezes tem a reunião da mocidade, e na reunião da mocidade só vai jovens, que, enfim, ensinam bastante, domingo passado teve, né ensinam bastante, reunião de jovens e menores, perguntam, nós perguntamos, o irmão responde. E tem o culto no quarto domingo que é de perguntas, entendeu. Você pode perguntar, e ele responde. E o nosso irmão Sílvia e os que estão na frente, você tem alguma dúvida, você pode ir na frente e perguntar que ele vai te explicar como que é, entendeu. É mais assim. Tirando dúvidas.

N: Ah, sim. Dentro da sua família, dentro da casa também, o pai e a mãe ensinaram você coisas, ou não?

Laércio: Ensinam.

N: Ensinam?

Laércio: Ehe.

N: A mãe, ela é explica certas coisas para sua irmã? Como sua irmã aprende as coisas? Como por o véu, quando por o véu?

Laércio: É, a minha mãe explica, mas nem aqui na Congregação, os irmãos sempre explicam, entendeu, e acontece assim, tipo: véu. Que nem o véu. O véu as irmãs só podem por, a irmã só pode por o véu depois de batizada. Entendeu. Então, quando você se batiza, aí vem as irmãs, que nem as irmãs da piedade, que ficam com a irmã que está junto com aquela pessoa.

N: Apadrinhando quase.

Laércio: Isso. Isto é: cuidando.

N: Ah, sim.

Laércio: Então um vai explicando para o outro, entendeu. Vai explicando: o véu, usa no caso disso e disso, e vai explicando: ó, a gente ora aqui, que nem: dentro dos hinários dentro da igreja, vamos por que os irmãos porteiros oferecem hinários para os irmãos, vai explicando como ora. Tem gente que pede para o pessoal da Congregação, que nem eu: tem vezes que eu trago gente na igreja: ó, senta do meu lado.

N: Isso.

Laércio: Aí vou explicando: ó, agora é hora da oração, é deste jeito que a gente ora, entendeu, de olhos fechados, o irmão explicando. Aí a pessoa vai acatando, e quando se batiza, já está sabendo. Entendeu?

N: E as irmãs tem isso também?

Laércio: Tem. As irmãs também.

N: E tem algumas irmãs que ficam um pouco mais para aquela que está chegando. É isso?

Laércio: É. É isso.

N: Ah, sim. A sua irmã já foi batizada?

Laércio: Ainda não.

N: Mas aqui, até pequena criança veste véu, não é? Não é só gente batizada que veste véu. Tem criança de 4, 5 anos que você vê com véu.

Laércio: Ehe. Na reunião de jovens sim. Mas tipo –

N: Ah, então no culto da noite não?

Laércio: Tipo: a pessoa está vindo na igreja e vem a primeira vez. Entendeu. E congrega assim, a primeira, a segunda, a terceira vez. Agora esta pessoa fala: ó, eu quero estar com os cânticos na igreja. Entendeu. Aí sim os irmãos oferecem o véu, colocam o véu. Mas se a pessoa veio, é, os irmãos muito procuram entrar assim, saber um pouquinho, tipo, se a pessoa vem aqui na igreja só, ou se vai em outras crenças, se vai em festas do mundo, se a pessoa não saber, os irmãos não deixam colocar o véu, entendeu.

N: Quais irmãos?

Laércio: Ah, os irmãos do ministério, que estão sempre na frente, né.

N: Ah, eles oferecem. Eles dizem: você pode vestir o véu.

Laércio: Não. Eles não oferecem. Tipo: Somos livres, entendeu. Somos livres. Se alguém chegar na igreja e falar: ó, não quero orar, só quero ficar sentado aqui, não quero cantar, o irmão vai deixar à vontade, entendeu. Não quer usar o véu, então o irmão também vai deixar à vontade. Se chegar, vamos supor: chega um irmão, ou uma irmã: eu quero usar o véu, o irmão vai procurar saber: olhe,

quanto tempo você está congregando? Você frequenta muito assim estas coisas de festa mundana, outra religião, você vai em outra religião, entendeu? Aí, os irmãos entram num comum acordo. Se eles vêem que, que está na condição de usar o véu, eles deixam usar, se não, não.

N: Sim.

Laércio: Entendeu. Eles explicam com amor: ó, não pode por causa disso ou daquilo, entendeu.

N: No grupo de jovens e menores, as irmãs têm uma auxiliar também?

Laércio: Tem.

N: Uma moça?

Laércio: Isso. Uma moça.

N: É uma jovem? É

Laércio: É uma jovem.

N: Ah, certo. Está certo. Você vai para reunião de mocidade também? É outra coisa, né? Tem a reunião dos jovens e menores, né, e a mocidade. Quem participa das reuniões da mocidade?

Laércio: Ó, participa das reuniões da mocidade, eh, solteiros. Solteiros. Os irmãos aconselham de doze anos para cima. Entendeu. Porque, nem o culto de jovens e menores aqui, o irmão não pode entrar com muita profundidade para explicar muitas coisas, né, porque tem bastante crianças.

N: Sim.

Laércio: Então, na reunião de jovens vai de 12 anos para cima, porque a pessoa adulta já entende um pouco, entendeu. E lá atende um ancião. Um ancião, tipo: vem o ancião de São Mateus, vem ancião do Paraná, vem ancião de Minas, onde for. E ali eles explicam: casamento, namoro, ali eles explicam tudo.

N: Você participa?

Laércio: Participo.

N: É todo domingo, ou é uma vez por mês? A reunião da mocidade?

Laércio: Uma vez por mês. É uma vez por mês. Sempre no segundo domingo.

N: E onde?

Laércio: Olhe, aqui na nossa região em Eucalipto, Diadema central, Piraporinha, São Bernardo central. É, São Bernardo central. Por motivo de a região ser pouco, então não tem em todas, tipo: neste mês que passou agora, domingo passado, teve no Miriam também, teve no Miriam, São Bernardo central, e Eucalipto. Agora, quando for mês que vem, já não tem no Eucalipto. São Bernardo central e Diadema central. Então cada mês vão trocando as igrejas.

N: Ah, os jovens fazem o rodízio juntos. Eles não vão só, tipo, quem mora no Miriam, vai só no Miriam. Vocês vão também para

Laércio: Eles vão mais assim nem tipo, vem um irmão assim que tem um dom excelente, que Deus deu um dom a mais para ele, que nem: ah, fulano de tal vai estar em São Bernardo central. A mocidade quer conhecer o irmão, vão em São Bernardo. Entendeu?

N: Ah, isso é avisado antes: quem vai ser o irmão que vai lá.

Laércio: É, agora, muitos sabem, muitos não sabem. Então, uns congregam, que nem, uns irmãos já têm mais dificuldade de andar, ônibus e estas coisas, e não têm carro. Aí eles vão, congregam no Eucalipto que é mais perto. Agora, tem um que já tem carro, tem um que vai Suzano, vai Cabreúva, estas cidades assim, então vai mais longe porque tem um veículo para se locomover, né.

N: Isso. E o que fala lá sobre namoro, por exemplo?

Laércio: Ah, eles ensinam que o namoro tem que ser um namoro, um namoro santo, né, porque o namoro na Congregação não é como no mundo, que a pessoa fica agarrado, fica em qualquer praça, fica em qualquer outro já, entendeu. Então aqui os irmãos ensinam assim o namoro: namoro tipo santo, você entendeu? O irmão não indo muito na casa da moça, nem a moça muito indo na casa do moço, você entendeu. Este negócio de, de um dormir na casa do outro, assim, então eles ensinam isso. O namoro não pode ser muito demorado para casar, entendeu. Porque a maioria dos moços aqui, entendeu, se batiza novo, não conhece o mundo, não conhece, né, estas partes. Então eles explicam isso para não, tipo, tem o adultério. Se adulterar, assim, já não, já não, quem for músico, já não toca mais, quem for auxiliar, já não auxilia mais, entendeu? Então fica separado, assim, você entendeu? Os irmãos explicam muito sobre isso, namoro, casamento, você entendeu? Como se deve portar.

N: Adultério é também com alguém que não é casado. Só que, tipo a moça não é esposa de alguém. Só que vocês não casaram ainda. Se vocês dormem juntos, já é adultério.

Laércio: É adultério. Sim. Entendeu?

N: E na mocidade, só vai gente que já é batizado, ou não?

Laércio: Não. Vai gente que não é batizado e vai gente que já é batizado.

N: Ah, sim. O que eles aconselham: a partir de quantos anos você pode casar? Eles falam um pouco sobre isso: ó, antes desta idade não é bom se casar, a partir daí, se você está namorando, pode casar – o que eles dizem?

Laércio: Olha, aqui os irmãos, o nosso cooperador que é o cooperador de jovens, ele sempre nos ensina assim: que é melhor você começar a namorar depois dos 18 anos. Depois você completar que nem maior, é com 18 anos. Porque com 18 anos você pode, 18 anos, casar com 20, 21 anos, entendeu. Não tem idade, mas eles aconselham depois dos 18 anos, entendeu, depois dos 18 anos.

N: Sim.

Laércio: Depois dos 18 anos, em qualquer idade você pode namorar.

N: E se acontece um dia, se um menino de 14, 15 anos engravida uma moça de 14, 15 anos. Eles aconselham casar logo?

Laércio: Casar logo.

N: É? Quando isso acontecer, eles dizem: ó, melhor para ficar certo diante de Deus.

Laércio: É. Ehe.

N: E se você casa, aí você pode voltar a tocar música e tudo, ou não?

Laércio: Não. Você se batiza por uma segurança, assim, não tem aquele negócio de, aí o moço vai lá e larga dela. E ela vai ficar sozinha, ou acontece o contrário. Então eles incentivam casar rápido, como já teve casos aqui, né

N: Sim.

Laércio: que o moço engravidou a moça. Só que fica sem a liberdade. Perde a liberdade.

N: Mesmo depois de casar?

Laércio: Mesmo depois de casado, porque se você praticar antes do casamento, é pecado, entendeu. Aí, quem pode perdoar, é só Deus.

N: E aí, um dia pode voltar a ter a liberdade, ou não?

Laércio: Pode ter a liberdade, entendeu. Que nem, se acontece isso comigo, eu não paro de vir para igreja, continuo congregando, continuo congregando firme, mas não tenho a liberdade. Um dia

Entrevista com Laércio

Deus vai tocar no coração dos irmãos, os irmãos vão se reunir, vão orar. Se Deus confirmar, eles vão devolver a liberdade.

N: Certo. Ehm, *(pequena pausa)* deixe ver. Você às vezes chama outras pessoas, na escola, em outro lugar, para vir à Congregação?

Laércio: Chamo.

N: E alguns vêm. Mas você antes olha a pessoa, faz uma oração, se você acha que Deus está chamando esta pessoa? Como você faz?

Laércio: É isso. A gente procura sempre orar a Deus, entendeu.

N: Sim.

Laércio: E outros assim. Às vezes você está conversando com uma pessoa, de repente Deus toca no seu coração. Você está conversando um assunto, tipo de uma matéria da escola. Aí você já começa a entrar na doutrina da igreja. Começa a conversar. Aí a pessoa diz: 'Ah, eu quero te visitar, eu quero ver como é.' A gente traz, e se a pessoa gostar, a pessoa continua. Entendeu? Que nem: a gente traz. Fala: você é livre. Se você quiser, você continua. Nós estamos aqui para te ajudar. Agora, se você não quiser, não tem problema nenhum. Entendeu?

N: Sim. Ehm. Olhe. O que você diria: quem são as pessoas mais importantes na sua vida?

Laércio: Primeiramente Deus, né. Primeiramente Deus, e a minha família.

N: A família: quem?

Laércio: Olhe, a família, como se diz, a família de sangue, e a família aqui, da Congregação, que somos uma família em Cristo, né.

N: Sim. Pai, mãe, os irmãos, aquela tia lá também?

Laércio: Sim.

N: Isso. E a maioria deles estão na Congregação?

Laércio: A maioria.

N: Ehm. Algumas destas pessoas ajudaram você em algum momento?

Laércio: Ajudaram.

N: De que maneira?

Laércio: Você fala os irmãos?

N: Tanto aqui como -. Aqueles que hoje são importantes para você, na sua vida.

Laércio: Ah, ajudaram muitos, né, nas dificuldades, dificuldades, uma coisa de necessidade assim, né. Sempre ajudaram em bastante coisa, né, assim, às vezes a gente precisando, dar um conselho, entendeu, ajudaram muitos.

N: No seu dia-a-dia, quais são suas preocupações maiores? As preocupações do dia-a-dia, quais são?

Laércio: A preocupação do dia-a-dia, você fala, do momento?

N: É. Num dia comum. Quais são suas maiores preocupações?

Laércio: A minha maior preocupação é meu estudo, né. Eu vou para escola, trabalho, você entendeu?

N: Você estuda à noite?

Laércio: Estudo à noite.

N: Você trabalha?

Laércio: Eu trabalho assim: Faço bico com um irmão da Congregação, entendeu? Eu não me preocupo mais assim: com o serviço, aulas na escola, tem conta para pagar, né. Me preocupo tipo assim.

N: Que bico é que você faz?

Laércio: É ajudante de pedreiro, entendeu. Porque eu não tenho ainda idade para trabalhar mesmo num emprego, então.

N: Isso.

Laércio: Vou fazer o meu biquinho com o irmão que é

N: E ele é bom com você.

Laércio: Isto. Muito bom.

N: E no serviço, vocês conversam também sobre Deus e a Congregação?

Laércio: Conversamos. A maioria, maior parte, é só sobre isso, né.

N: Sim.- E como você vive o seu lazer hoje? Antigamente jogava bola, e estas coisas.

Laércio: Isto.

N: E foi para festas. E hoje. Como você vive seu lazer?

Laércio: Meu lazer mais é estar dentro da igreja. Nós estamos, ali nós faz, tipo, tem a festinha de irmãos, de um irmão que faz uma festinha, estamos junto. É congregar, né, porque olhe, eu, assim, festa e estas coisas, eu sou difícil de ir. Estou mais na igreja, em reuniões familiares, fazendo visitas, entendeu?

N: Eh, depois que você mudou, porque antes você gostava de ir para festa.

Laércio: Isto.

N: E as festinhas dentro da Congregação, como são?

Laércio: Olhe, a festinha na Congregação é uma festa tipo normal assim. Só que não tem bebida alcoólica, só refrigerante, você entendeu. Às vezes o aniversariante não quer cantar parabéns, quer uma oração, está fazendo uma oração. Se quiser cantar parabéns, canta parabéns, tudo normal, tudo ali, entendeu, dentro da doutrina.

N: Como você se tornou auxiliar de jovens e menores? Como aconteceu? Quem chamou?

Laércio: Não, ó, auxiliar de jovens: é tipo, os irmãos oram. Entendeu, o irmão cooperador de jovens, junto com o cooperador, eles oram. O auxiliar de jovens não pode ser casado, é solteiro. Então eles oram a Deus. Aí Deus, nem, no meu, no meu, como se diz, como eu fui levantado. Foi assim: Houve uma necessidade de um auxiliar de jovens aqui, depois que na Congregação houve muitos jovens. Aí num culto eu não sabia que o cooperador estava com a necessidade de jovens, entendeu, de auxiliar de jovens. Então, num dia eu estava num culto de jovens. Eu não tinha o dom da oração. Você entendeu? E Deus me deu o dom da oração naquela reunião de jovens. Entendeu? Aí passou. Aí o dia que fui apresentado, o irmão falou lá na frente: Olhe, nosso irmão foi levantado para auxiliar. Que eu orei a Deus, e Deus falou para mim que, que o moço que iria ser levantado para auxiliar, ele nunca orou na igreja, e naquele dia ele vai orar. Então se eu não fosse orar, se seria outro jovem, seria outro jovem que seria levantado para auxiliar, porque Deus falou para o irmão que o auxiliar seria aquele que iria orar e nunca tinha orado na igreja. Entendeu. O foi desta maneira.

N: E você poderia dizer ‘Não, mas eu não quero’? Ou já era decidido mesmo *(ri)*?

Laércio: Não. Aquilo já era tipo desejo. Você entendeu?

N: Ah, sim.

Laércio: Por desejo, você entendeu, desejo de você, de ser auxiliar. Porque quando você não está assim, num cargo, numa coisa, você almeja estar lá, estar lá, só que você não vê a dificuldade que vai passar lá dentro. Então eu tinha este desejo, entendeu, de ser auxiliar, entendeu? Então nem recusei nem nada. E pela necessidade, porque no começo disso aqui, era quatro, cinco moços só. Entendeu. Então não tinha como falar que não queria, né.

N: Sim.

Laércio: Porque tudo que Deus prepara é bom, né.

N: Isso. Quantos auxiliares tem?

Laércio: Olha, do lado dos irmãos tem três. Do lado dos moços tem três. E do lado das moças, como aqui tem muita moça, então aí é cinco. Só que tem uma que trabalha todo sábado, é, todo domingo, no horário da reunião. Então só tem quatro.

N: E também são moças com mais que 12 anos, mas não casadas?

Laércio: Isso. Mais de doze anos que não são casadas.

N: Sim.- A sua vida material melhorou depois de você se converter, ser da Congregação?

Laércio: Melhorou.

N: Como você, por que melhorou, você acha?

Laércio: Olha, porque quando você está fora de uma religião, tipo Congregação, você, que nem, meu pai, ele tinha o vício da bebida. Só que não assim, de ficar bêbado e estas coisas. Então já é um dinheiro que você gasta com, mal, com cerveja e com estas coisas. Um dinheiro que você gasta, entendeu. Às vezes você vai numa festa, você está nem aí e gasta aquele dinheirão, nestas festas, entendeu. Agora, depois de você entrar na igreja, você já não vai poder fazer isso. Beber, já não vai poder jogar mais bola, entendeu. Então é um dinheiro que você economiza. É um dinheiro que você economiza. Então, se Deus te guia assim, sempre você vai estar tendo, vai tendo luz no que gastar. Entendeu. E isso aos irmãos sempre dá na palavra, de falar aos irmãos, entendeu.

N: Sim.

Laércio: Então por estes motivos.

N: O pai se converteu, você falou, durante doze anos não ... Ele se batizou, ele se converteu quando? Você sabe a história dele?

Laércio: Não. Não. Porque, tipo, eu vim para cá, eu nasci em 91. Foi no ano que viemos para cá. Entendeu. Então, para você saber assim, quando vieram para cá, como não tinha a Congregação, eles passaram a fazer tudo que faziam antigamente.

N: Os dois?

Laércio: Isto. Quando não eram da Congregação. Então eu, eu não sabia que eram da Congregação. Eu nasci aqui, em 91. E eles já – então, através destes doze anos, doze anos não, onze anos, nem vou dizer onze anos, mais ou menos oito anos, oito anos, eu não sabia o que era a Congregação, eu não sabia o que, o que, eu nem sabia que existia Congregação assim, porque o jeito que era, como que era, entendeu. Então foi a partir dos nove anos foi que eles voltaram para igreja, né, depois de doze anos. Aí eu comecei a ir, comecei a conhecer, você entendeu. Os irmãos me deram bastante força, foram me ensinando, entendeu, aí depois, a partir de, eu comecei a ir para igreja a partir de 9 anos. Você entendeu?

N: Sim.

Laércio: Nove anos. E com 12 já batizei.

N: E o pai e a mãe nunca contaram a história deles.

Laércio: Não.

N: Quando vocês voltaram, né, tipo ficaram doze anos fora, aí voltaram: quem voltou primeiro? Quem foi o primeiro a tomar contato com a Congregação?

Laércio: Minha mãe.

N: A mãe?

Laércio: Isto.

N: Veio aqui. Não, naquela outra, no condomínio, né?

Laércio: É. Na verdade, nem foi a minha mãe. Foi um, um cunhado, um cunhado que começou a ir. Mudou daqui para Eldorado e começou a ir numa igreja.

N: Sozinho ou com a mulher dele também?

Laércio: Os dois. A minha irmã e ele. Começaram a ir na Congregação. E por eles, aí foi voltando assim, foi voltando,

N: Certo.

Laércio: Até hoje, este cunhado meu desviou. Ele não vai mais. Mas minha irmã, ela continua vindo. Foi através deles.

N: Aí foi a mãe, depois o pai, e depois você também.

Laércio: É. Isso.

N: Ah, sim. Os pais hoje são tão fervorosos como você? Um pouco menos, o que você acha?

Laércio: Um pouco menos. Um pouco menos. Eles não gostam tipo para ir na familiar. Só no culto aqui. Não congrega fora, e eu não, já vou para fora, já faço visita com os outros irmãos.

N: Mas eles gostam que você faz isso, ou às vezes reclamam: você está indo demais? Não.

Laércio: Não, eles não, eles não atrapalham. Eles sempre incentivam. Só que eles dois não vão.

N: Aquela irmã que estava aqui com você, ela é tão fervorosa como você, ou não?

Laércio: Ela é. Você fala minha irmã?

N: É. Aquela que estava aqui com seu celular.

Laércio: Não. Não. Ela não. Não.

N: Ela só vai de vez em quando?

Laércio: É.

N: A outra irmã sim. Aquela que está com o cunhado que chamou vocês?

Laércio: Ela sim.

N: Você, tipo depois de você estar na Congregação, você gosta mais de estudar, de se empenhar, para ter um futuro bom, ou não mudou nada? Você antes também já tinha o sonho de ser advogado?

Laércio: Não. Depois que passei para Congregação, me esforço mais especialmente para estudar.

(Caminhão passando)

N: Você acha que pessoas que estudaram muito, às vezes se afastam com mais facilidade da Congregação? Você viu isso, tem exemplos disso, ou não? Porque na Congregação, no fundo, aquilo que você diz: para ser ancião, não é necessário nenhum estudo. O ancião é uma pessoa bem humilde, bem simples, né. E às vezes a pessoa que estudou muito, você acha que ela com mais facilidade vai se afastar da Congregação? Ou você não tem nenhum exemplo disso?

Laércio: Eu *(pequena pausa)* eu creio que sim, porque na faculdade tem muitos que não são convertidos.

N: Sim.

Laércio: Que não são convertidos. Então, tipo o estudo hoje, tipo nem, você entra numa faculdade, você entra numa faculdade, você é jovem e entra numa faculdade. Lá aparecerão muitos pratos, moços que não são da Congregação, você entendeu, e tem muita gente que está na Congregação e começa a estudar muito. Começa a estudar muito, começa a estudar muito, e acabam com este estudo tendo um bom serviço, até uma boa empresa. Entendeu? E muitos, eh, a maioria, continuam, e vamos colocar assim, um pouquinho das pessoas pega e saem da Congregação, você entendeu? Por algum tipo de pecado, por algum tipo não quer saber mais. Você entendeu? Porque o irmão sempre fala aqui: tem uns na igreja interessado, tipo vê a Congregação assim: um lugar, todo mundo de terno, acha que a igreja é de, são de classe média, são de, tem muitos ricos, então vêm na Congregação atrás ver se consegue uma vida melhor assim. Parte financeira assim, entendeu. Por isso ouve na irmandade pregar assim que, que a obra não é sobre as coisas material, é espiritual, é espiritual, entendeu, que nem: 'Daí-me seu coração, e isso me basta.' Entendeu. 'Daí-me seu coração, e isso me basta.' E: 'Buscai meu reino e a minha justiça.' E vai haver mais coisa acrescentada, entendeu. Buscar o espiritual, porque o material, se Deus quiser, Deus dá, se Deus não quiser, Deus não dá. Então, ele ver assim a parte da pessoa. Tipo, tem pessoa que está lá, que nem ele te fala: na pobreza, está ali sem luz, sem energia. Mas se Deus dá uma casa boa, com energia, nem vai querer vir mais na igreja. Deixa de lado. Então Deus vê estas pessoas também. Às vezes vai falar: ah, a pessoa está na pobreza porque Deus não quer abençoar. Não é que Deus não quer abençoar. Talvez Deus quer abençoar, mas não abençoa, porque se abençoar, vai deixar de vir na igreja, entendeu. Vai deixar ele. Então ele abençoa conforme a pessoa. A pessoa que pode falar: se Deus me abençoa... que nem a palavra aqui domingo: se Deus te abençoar, você não vai me deixar? Entendeu?

N: Eu lembro.

Laércio: Então. É assim. Deus às vezes não dá porque a pessoa larga. E outros Deus já abençoa porque sabe se o abençoar vai estar na igreja do mesmo jeito.

N: O irmão do Sílvio, ele vem muito aqui? Bastante? Só de vez em quando?

Laércio: Só de vez em quando.

N: Como é o nome dele?

Laércio: Simão.

N: Simão. Ah, sim. É, mas é isso mesmo. Mas isso você tem certeza que não vai acontecer com você?

Laércio: Não. Não.

N: Aqui, como você explica que domingo à noite acho que é o culto que vêm menos pessoas.

Laércio: É. Vêm menos pessoas.

N: Segunda-feira enche quase. Acho que segunda-feira tem duzentas e cinquenta, duzentas e sessenta, não é?

Laércio: Ehe.

N: Na quinta-feira tem uns cem. Tem mais do que no domingo, mas bem menos do que na segunda-feira. Como você explica isso?

Laércio: Olha, porque é assim: Domingo tem culto na região, em todas as igrejas da região.

Domingo é o culto porque muitos, o que eu já falei: trabalham durante a semana, sábado não tem tempo de ir para igreja. Então só vai no domingo. Então, aqui mesmo, não tinha culto domingo à noite. Era sábado à tarde.

N: Isso. No meu relatório está escrito ainda sábado à tarde.

Laércio: Então. Era sábado à tarde. E por esse motivo o irmão achou melhor mudar. Então, domingo tem culto em várias igrejas. Como só tem 106 que tomam a Ceia aqui, sem as crianças que não são batizadas ainda, que dá na faixa de 150, 170, então os irmãos congregam na comum. Na comum deles, no domingo. Por isso não vem muita gente aqui. Quem vem aqui, é só quem é daqui.

N: Na – você falou: deixe ver. 79 são batizados.

Laércio: Não, eh. Tem 106.

N: Ah.

Laércio: Que são batizados e vão para Ceia.

N: Isso. Que vêm para Ceia.

Laércio: E já são batizados. E tem uns 50, 60 que não são batizados.

N: Tipo testemunhados?

Laércio: Isso. Testemunhados e crianças tipo, vamos colocar de 5 a 11 anos.

N: Ah, sim. Sim.

Laércio: Então é isso. Por isso acontece que na segunda-feira não tem muito culto na região.

N: Verdade.

Laércio: Não tem muito culto na região. Só tem aqui. Então os irmãos vêm visitar aqui. Na quinta-feira tem aqui, em Eldorado.

N: Ah, e o pessoal já congrega lá mesmo.

Laércio: Isso. Vai congrega lá mesmo. E tem muitos que gostam de vir aqui também na quinta. Agora, no domingo tem, vamos falar assim, nem que os irmãos que vêm visitar aqui segunda, eles vão no domingo na igreja deles. Então, há o ensinamento de não deixar o culto na nossa comum para ir na comum de outras pessoas.

N: Certo.

Laércio: Então, dia de domingo é só culto comum nosso, só da casa.

N: Então você acha que muitos que vêm aqui na segunda-feira, são pessoas que vão quase toda noite, tipo, no dia certo vão na sua própria, na comum,

Laércio: É

N: E em outros vão visitando

Laércio: Visitando as outras fora.

N: Ah, certo.- Na segunda-feira, o Sílvia e o Leo às vezes vão num encontro de anciãos, não é?

Laércio: Isto.

N: É lá no Brás ou é aqui, na região de São Bernardo. Sabe?

Laércio: Tem um dia que é em São Bernardo, e tem outro dia lá no Brás.

N: Ah, ‘tá certo. ‘ta bom.- Olhe, do pessoal daqui, aqueles que vêm mesmo, que são aqueles que moram aqui, são 106, você diz?

Laércio: 106.

N: No total. Mas com as crianças também, e os testemunhados. Quantos deles você acha que são brancos, quantos são pardos, e quantos são negros? O que você acha?

Laércio: Olha. Aqui na nossa comum, e falaria que a maioria são pardos. A maioria são pardos. Pardos.

N: Eu também acho isso.

Laércio: Brancos são poucos. E negros também são poucos.

N: Uns dez ou quinze no máximo, não é?

Laércio: É. Brancos tem nesta faixa de 10, 15, agora negros são uns 10, 11.

N: E o resto, os 80 são pardos, ou até mais.

Laércio: Isso. O que tem mais, são tudo pardos. Isso.

N: Eu também acho isso. Perfeito. Deixe ver. Tem umas perguntas ainda que eu vou ter que fazer. Se você não quer responder uma pergunta, você não responde.

(Recolho os dados a respeito do item 1, “Dados a respeito do entrevistado”)

N: Você não sabe, antes de converter, qual foi a religião do seu pai, da sua mãe?

Laércio: Olhe, sempre foram da religião da Congregação, porque desde meus avôs, eles já eram da Congregação.

N: Ah!

Laércio: Inclusive a obra no Palanque, ela começou na casa do meu avô.

N: Palanque? É São Mateus?

Laércio: São Mateus.

N: Onde eu fui em São Mateus, não se chama Palanque. Deixe ver. É lá na rua – é uma paralela da Mateo Bei. É lá mesmo?

Laércio: Mateo Bei? É, fica mais no final de São Mateus.

N: É. Tem um redondão lá? Perto de um redondão?

Laércio: Tem um redondão. Tem a que vai para (?) e tem um monte que vem para cá, não é?

N: Ehe.

Laércio: Isso. Você passa em frente de uma delegacia?

N: Acho que sim.

Laércio: Então, é bem no finalzão. Você vai embora, pega uma rua meia esburacada, aí você coisa na direita e começa

N: Certo. E se chama de Palanque?

Laércio: Isso. Palanque.

N: ‘tá bom.- A sua tia, que mora lá no fim daquela rua, ela converteu, ela também já é de família da Congregação, você lembra?

Laércio: Já. Ela, já. O pai dela já é da Congregação. Inclusive, ela foi criada junto com a minha vó. Porque, por um motivo de separação dos pais dela, ela foi morar na rua. Entendeu?

N: A tia?

Laércio: É.

N: Nossa!

Laércio: De pequenininho. Então meu tio, andando na rua, gostou dela, e trouxe ela para casa dos meus avós. Então ali, minha vó criou ela também.

N: Ela tinha quantos anos quando o tio pegou ela?

Laércio: Olha, na faixa de uns doze, treze anos.

N: O tio está vivo ainda?

Laércio: Está,

N: Vivem juntos lá?

Laércio: Vivem juntos.

N: Mas você não fala dele, fala só da tia.

Laércio: É que ele não, ele não vai a muito culto, né. Ele é meio, é meio duro. Ele não é, não vem na igreja, nunca vem, né. E ele não gosta.

N: Mas os dois se dão bem.

Laércio: Os dois se dão bem. Entendeu. Tem dia que ele está meio atacado, que ele: ‘Ah, hoje você vai de novo na igreja? Você vive na igreja. Mora lá na igreja.’ (*Eu rindo*) Né, e ele já não gosta da, não gosta muito. Porque, a família da minha mãe, eu vou dizer assim: eles eram uma família de gente muito briguenta, você entendeu, muito ruim. Então meus tios foram deixar para servir a Deus só no finalzinho da vida. Entendeu. Então me tio se batizou na Congregação, demorou um pouquinho, Deus recolheu, né. E o outro tio se batizou na Assembléia, né, que foi no ano retrasado, demorou poucos dias, e Deus recolheu também. Então ele, entrou este medo nele. Porque tem agora, só tem minha mãe e ele, que são irmãos, né. Então, minha mãe é batizada, e ele não. Então, ele tem este medo, de vir para igreja, de batizar, e morrer logo, entendeu. Então ele nem faz força de vir.

N: Sim.- Para você, qual é o espaço da mulher? Se você um dia for casado, você acharia certo sua esposa trabalhar fora, ou você acha que o lugar dela é família e casa?

Laércio: Olha, tem alguns que falam que mulher é, é para estar dentro de casa, entendeu. Mas, eu acho assim (*caminhão passando*) . Se eu caso com uma moça, entendeu, e eu ter um serviço, tipo, Deus preparar um serviço bom para mim, e eu ter a condição te sustentar eu e ela, e a casa inteira, sem ela precisar trabalhar, entendeu, então ela ficar em casa, se quiser. Mas ela é livre; se ela quis... e se a situação for menos, entendeu, se ela quiser trabalhar para ajudar, sim; se não, não, entendeu?

N: Se não for necessário,

Laércio: É. Se não for necessário.

N: e se ela quiser trabalhar, você deixaria, ou você pediria: ó, por favor, fique em casa.

Laércio: Ó, aí vai dela, você entendeu. Porque hoje, hoje em dia, você nem. Hoje em dia os casais, nem, mocidade. Casam. A moça que ter seu próprio, seu próprio dinheiro, sua independência, e o moço também, entendeu. Que nem: ‘Ah, eu quero comprar isso, eu estou trabalhando’, entendeu, para não ficar aquela coisa de, de. Porque hoje eu vejo muitos moços que já estão casados numa discussão, numas discussões assim, uns bate-bocas por motivos assim, muita dívida. Porque às vezes só o irmão trabalha, a irmã não tem a noção de quanto gasta, aí vai, compra demais e vêm aquelas contas, entendeu. Ficam apertados. Então eu acho que nem, se fosse, se tem hora se desse trabalhar assim, seria melhor porque seria um dinheiro a mais, sabe, um dinheiro a mais que dava para juntar aí, entendeu, levando a vida.

N: Você acha que muitas vezes é mais ela que gasta mais?

Laércio: Olha, tem parte que sim, tem parte que não. Porque tem, que nem, eu já, eu procuro administrar bem quanto eu gasto. Agora, já tem um sobrinho que ele não quer saber quanto ele gasta, ele vai gastando

N: Ele é da Congregação?

Laércio: Ele é. Ele vai gastando, e ele não liga, entendeu. Agora, eu já me preocupo bastante com isso, quanto dinheiro vai gastar, quanto vai dar, entendeu. Então, tem família que é a mulher, tem família que é o homem.

N: Sim.- O que eu percebo: nos testemunhos, as mulheres muitas vezes falam do seu trabalho.

Laércio: Falam.

N: Lembra daquela mulher que estava no ônibus na linha Vila Paulina e foi assaltada? O pregador nunca fala na sua pregação de mulheres que trabalham.

Laércio: Não.

N: A mulher que trabalha não parece na pregação, na hora da palavra. É só na hora dos testemunhos, né?

Laércio: Ehe.

N: Talvez, o que você acha, os anciãos e cooperadores acham certo a mulher trabalhar? Ou você acha que, no fundo, a Congregação acharia melhor a mulher ficar em casa?

Laércio: Olha, pelo jeito que as coisas andam, né, eu acharia melhor as, tipo assim. Porque tem casal que tem muito ciúme, né. Ciúmes. Então, que nem, a irmã sai para trabalhar, sabe, no serviço sempre tem uma pessoa que mexe, né, e eles explicam isso, né. Que nem, para os irmãos ficar atentos na hora que a esposa sai, hora que chega, e a mesma coisa do esposo, né, porque tem, já aconteceram vários casos até, de no ministério a esposa sair para trabalhar, e largar o irmão e ir embora com um amigo, um funcionário da empresa que é amigo dela, entendeu. Então, eu acharia melhor assim, se tem condição do marido trabalhar só e sustentar a família inteira, assim, e sempre sobrar um pouquinho para segurança, então era melhor que a esposa ficasse dentro de casa.

N: 'tá certo. 'tá bom. Acho que o mais importante foi isso. Eu agradeço muito. Foi muito bom. *(Ambos riem)* Desculpe que eu roubei tanto tempo seu. Para mim foi ótimo.- Aquela tia sua, eu gostaria muito de entrevistar ela também, certo? Se ela aceitar? Será que ela vai aceitar? Ela tem telefone?

Laércio: Não tem.

N: Você vê ela de vez em quando?

Laércio: Eu vejo.

N: Então. Ela vem no culto aqui?

Laércio: Vem.

N: Vem mais?

Laércio: Ela congrega quase direto. Mas tem semanas que não dá para ela vir. Aí na segunda às vezes na quinta, mas no domingo ela, todos os domingos ela está na igreja. Todos os domingos.

N: Domingo à tarde eu venho aqui. Domingo à noite eu acho que não vou poder. Mas, se não no outro domingo. Aí eu estou aqui de novo. Aí se você me pode mostrar ela.- Você pergunta:

Laércio: Hm.

N: ó, tem um homem lá, um cara que quer, está estudando a Congregação, ele me entrevistou. Seriam praticamente as mesmas perguntas.

Laércio: Ehe.

N: Talvez até um pouco mais sobre sua condição de moradia lá, a dificuldade com aquela luz que, que não funciona. Se ela quiser até sobre aquele tempo difícil que ela estava na rua também. Se ela diz não, então é não. Se ela, eu gostaria muito. Seria muito bom para mim.

Laércio: Ehe.

N: Você teria uma ou duas outras pessoas que você acha que seria legal eu entrevistar?

Laércio: Olha. *(pausa)* Tem o, aquele que eu trabalho com ele. Já tem entrevistado ele?

N: Não, não, você é o primeiro aqui.

Laércio: Aquele moreninho de óculos. Que me apresentou.

N: Ah, o, o porteiro?

Laércio: Isso.

N: O Lúcio?

Laércio: Isso.

N: Ah, nós combinamos no domingo que vem, uma hora estamos aqui. Acho até que vai ser pouco tempo, porque a nossa entrevista demorou bastante, e duas horas já começa o culto.

Laércio: Já.

N: Aí já vai te que parar. Até um pouco antes. Eu vou entrevistar ele no domingo que vem. Talvez até duas vezes. Ele conhece muita gente daqui, não é?

Laércio: Conhece.

N: Todo mundo quase.

Laércio: Então, eu sou, eu não conheço muita gente, mas ele assim, conhece mais assim, ele, ele vai te indicar bastante pessoas.

N: Isso. E se você vê a sua tia, porque eu, seria bom eu também entrevistar algumas irmãs também. Até irmãs da caridade também porque.

Laércio: Então. A esposa deste que você vai entrevistar no domingo é da, da caridade.

N: Ah, que bom! De repente eu vou conseguir entrevistar ela também outro dia. Muito obrigado!

Laércio: Nada!

N: Você agora pode me mostrar

(fim da entrevista)

Dados a respeito do(a) entrevistado(a)

Idade	17
Estado civil	Solteiro
Quantas pessoas moram na casa	4
Quantos cômodos têm na casa	4 (com banheiro 5)
Material const	Alvenaria
Vulnerab bairro	Muito alta
Quantos filhos e seu gênero	É filho; uma irmã, pai e mãe
Posição na família	Filho mais velho em casa
Escolaridade	Fazendo 2º ano do colegiado
Profissão	Faz bico como servente de pedreiro
Renda familiar em sal min (aprox.)	+ - R\$ 900 a 1.000 (2,3 – 2,5 sal min)
Renda p/capita	0,6
Migrante?	Não
Se for, de onde?	
Se for, quando migrou?	
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	Pai e mãe nasceram no bairro de São Mateus – São Paulo
Religião do(a)s familiares)	CCB, desde os avôs

Entrevista com Neide

A entrevista com Neide foi realizada no dia 3 de março de 2009, no barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes. Ela teve duração de aproximadamente 40 minutos.

Norberto: Quanto tempo você está na Congregação?

Neide: Quatro anos.

Norberto: Você começou aqui no Parque Jandaia mesmo?

Neide: Aqui no Parque Jandaia!

Norberto: Já na igreja grande ou quando a....

Neide: Na igreja grande.

Norberto: Não quando era no condomínio?

Neide: Não. Não. Não era condomínio não. Eu já comecei lá. Na grande.

Norberto: Você conhecia a Congregação antes ou não?

Neide: Eu venho de família pra Congregação.

Norberto: Ah!

Neide: Não é? (*incompreensível*) eu costumo dizer que eu era testemunhada desde o nascimento porque os meus avós já tinham sido alcançados pela graça em 1923.

Norberto: Bem no início!

Neide: Bem no início! E quando (*incompreensível*) ainda era vindo e quando ele ainda fazia a obra.

Norberto: Eles conheciam o Luís Francescon?

Neide: É! Chegaram a conhecer.

Norberto: Lá no Brás?

Neide: Lá em Mato Grosso quando eles foi fazer missão lá.

Norberto: Ah!

Neide: Aí foi e a minha família foi assentada lá.

Norberto: Em que cidade? (*incompreensível*) mesmo?

Neide: Não! Foi... eu não posso dizer em maiores detalhes. Por quê? Porque os meus avós se mudaram diversas vezes de lugar e eu não sei, mas ali, eu nasci em Campo Grande. Então eu imagino que tenha sido por ali em Ponta Porá.

Norberto: Então os seus avós (*incompreensível*). Eles eram italianos?

Neide: Eram.

Norberto: Porque naquele tempo todo o hinário da Congregação era em italiano ainda.

Neide: Era em italiano não é? Mas como eu não alcancei meus avós não é? Quando eu nasci meus avós faleceram, assim, o meu avô faleceu eu tinha quatro meses e minha avó faleceu eu tinha sete meses.

Norberto: Hum, hum.

Neide: Não é?

Norberto: E os pais?

Neide: O meu pai não seguiu. Minhas tias seguiram.

Norberto: É esses avós eram pais dos pais ou pais da mãe?

Neide: Pais do meu pai.

Norberto: Ah! Pais do pai. Mas o pai não se interessou?

Neide: Não. Talvez porque perdeu os pais muito jovem né?

Norberto: Sim.

Neide: Aí...

Norberto: E a mãe? Era da Congregação também?

Neide: Não! A minha mãe era católica fervorosa. A minha mãe era católica fervorosa. Aí...

Norberto: E você na infância? Era católica também?

Neide: Também! Nós fomos criados na Igreja católica! O meu pai se casou com uma católica e então ele nunca foi praticante.

Norberto: Você foi batizada na católica?

Neide: Fui batizada na Igreja Católica.

Norberto: Fez primeira comunhão?

Neide: Fiz!

Norberto: Foi crismada?

Neide: Não!

Norberto: E você gostava naquele tempo ou não?

Neide: Ah! Eu cheguei a (*incompreensível*) não é? Depois eu comecei a buscar onde eu achava que podia encontrar, aí eu fui pra Sei-cho-no-ie, não é? Até, é, até que eu fui convertida ao evangelho há doze anos atrás com uma outra denominação.

Norberto: Qual?

Neide: Eu fui pra Assembléia de Deus. Não é?

Norberto: Lá você se converteu?

Neide: Lá eu fui convertida.

Norberto: E se batizou?

Neide: Fui batizada lá não é? Depois, quatro anos depois eu estava em missão e depois eu fui pra Assembléia de Deus. Aí eu conheci a graça lá no Vale do Ribeira.

Norberto: Em que cidade?

Neide: É! Chama Pedro de Toledo.

Norberto: Ah sim!

Neide: Conhece Pedro de Toledo? É uma cidadezinha pequenininha lá no meio do Bananal.

Norberto: Sim! Perto de Itariri.

Neide: Itariri! Não é?

Norberto: Isto!

Neide: Por ali! É, é perto de Peruíbe, então, ali no meio do Bananal. Eu conheci a graça ali. Depois eu vim pra cá e eu cultuei missão pela Assembléia de Deus. Mas já testemunhava, continuei fazendo missão, aí fui pro Paraná, quando voltei do Paraná eu fiz uma viagem longa, porque eu tinha uma alma pra resgatar. Aí nós fomos até Umuarama no Paraná. Aí quando nós voltamos, nós voltamos pra Itanhaém que era a nossa base e de Itanhaém o Senhor nos trouxe de volta pra São Bernardo. Aí nos trouxe pro Alvarenga, e aí nós fomos congregar no Laura. Eu não me adaptei lá.

Norberto: Nós quem? Você e...

Neide: Eu e o meu esposo.

Norberto: Ele também é da Congregação?

Neide: É! Aí nós ...

Norberto: Ele também era missionário? Junto com você?

Neide: Também! Ele era também.

Norberto: Vocês vieram como um casal?

Neide: Como um casal. Aí nós saímos de lá, viemos pra São Bernardo e aqui nós fomos batizados na Congregação e congregamos no Jandaia.

Norberto: Vocês se batizaram juntos? Foi primeiro ele? Foi primeiro você?

Neide: Fomos juntos!

Norberto: No mesmo dia?

Neide: Sem combinar! Dia dezoito de maio de 2006.

Norberto: Onde?

Neide: Na, na Igreja Sede de São Bernardo.

Norberto: De São Bernardo. Sem saber um do outro?

Neide: Sem saber um do outro!

Norberto: Ré, ré, ré, ré.

Neide: Não é? Deus chamou no mesmo dia e na mesma hora.

Norberto: Quando você era católica, o que você mais você, tinha veneração para santos ou não gostava?

Neide: Não! Não! Não! O meu problema com os pares, com quem com os quais eu andava, a nossa diferença era exatamente (*incompreensível*). A Bíblia diz que só há um mediador entre o os céus e a terra porque tem, (*incompreensível*) perante um imagem.

Neide: Então eu nunca aceitei porque eu conheci (*incompreensível*)...

Norberto: Isto!

Neide: ...e aí não dava pé. Não é?

Norberto: Então você se converteu aqui em São Bernardo para a Congregação? E para a Assembléia também já...

Neide: Em São Bernardo.

Norberto: Não foi lá em Peruíbe?

Neide: Não! Em Peruíbe eu conheci a Congregação.

Norberto: Ah! Verdade! Isto! Quantas vezes você vai no culto?

Neide: Três vezes por semana!

Norberto: Aqui no Jandaia?

Neide: No jandaia.

Norberto: Você vai em outras casas de oração também ou não?

Neide: Às vezes não é? Porque é mais complicado. Pra lá já é mais complicado porque se paga ônibus.

Norberto: É!

Neide: Não é? Aí quando tem carona a gente vai.

Norberto: Mas você mora no Ideal não é?

Neide: Moro no Parque Ideal.

Norberto: Lá tem outra Congregação? Lá na (*incompreensível*).

Neide: Vai! Vai! Aí eu me mudo pra lá com certeza.

Norberto: Então está sendo construída a igreja?

Neide: Já está sendo construída.

Norberto: Vai ficar grande como essa daqui ou não?

Neide: Eu acredito que não! Lá o espaço é bem menor.

Norberto: Ah sim!

Neide: Mas vai se grande da mesma maneira.

Norberto: E já tem oração lá?

Neide: Não! Lá é porque lá já tem a igreja lá. Lá no Laura.

Norberto: Isto.

Neide: Então todo mundo, o pessoal do, é porque a igreja do Laura ela é pequenininha, eu nem gosto de ir lá porque se a gente chegar atrasado fica de pé. É um ovinho. Ela é pequenininha.

Norberto: Quanta gente cabe lá dentro?

Neide: Ah! Eu não creio que cabe mais do que cem pessoas.

Norberto: Hum, hum.

Neide: Ela é bem pequenininha.

Norberto: Como, como é a sua relação com o Cooperador? Com o Diácono? O Ancião?

Neide: Não tenho, eu não tenho...

Norberto: Intimidade com eles não?

Neide: Não! Não!

Norberto: O Luis, o Sílvio, o Leo, o....

Neide: Não! Não temos assim nenhum tipo de intimidade.

Norberto: Também o marido não tem?

Neide: Não! Também não! Ele trabalha e estuda e não tem nem tempo.

Norberto: Você tem alguma função e de vez em quando é porteira ou alguma coisa assim?

Neide: Não! Não! Não!

Norberto: Você não toca órgão?

Neide: Não! Não sei por que, mas eu nunca tive assim nenhuma intenção de me envolver mais.

Norberto: Nem de ser missionária como era na Assembléia?

Neide: Não porque eles não me receberam com essa missão. Então eu não vou começar tudo de novo.

Norberto: Como é?

Neide: Não me receberam como tal não é?

Norberto: Sim! A Congregação.

Neide: É! Não me recebeu e falou que não tinha validade nenhuma, mesmo a gente apresentando documentação e tal. Não tinha.

Norberto: Isso não decepcionou você um pouquinho?

Neide: Não! Não porque quando o Senhor manda eu vou! Se o Senhor disser pra mim: Olha! Você vai em tal lugar falar tal coisa! Eu vou (*incompreensível*).

Norberto: Você é obediente mesmo?

Neide: Eu sou! Eu sou obediente ao Senhor. Eu não obedeco - é assim: O Senhor é o meu pastor! É ele que me dá ordem, é ele que diz você vai, você não vai, você (*incompreensível*).

Norberto: E como você viu a fala pra você? Você tem um tipo de sonhos? De que jeito ele revela?

Neide: Deus fala comigo. Deus fala comigo!

Norberto: Na oração?

Neide: Uma voz humana! Deus fala comigo em voz humana.

Norberto: Em que momento?

Neide: Em momento de oração, em momento de aflição.

Norberto: Tanto em casa como na rua como na igreja?

Entrevista com Neide

Neide: Em qualquer lugar. No ônibus. Não é? Eu já saí pra fazer uma determinada coisa e do ônibus o Senhor: Você volte!

Norberto: E você procura esses momentos que o Senhor fala? Ou ele fala...

Neide: Não! Fala quando ele quer! Ele fala quando ele quer.

Norberto: Aí você fica muito emocionada? Como é?

Neide: Normalmente eu fico muito, muito emocionada. Normalmente.

Norberto: Às vezes chora naqueles momentos?

Neide: Sempre choro!

Norberto: Mesmo no ônibus?

Neide: Mesmo no ônibus! Mesmo no ônibus!

Norberto: Deus falava contigo antes também quando...

Neide: Falava! Falava!

Norberto:... estava na Assembléia, quando estava na Católica?

Neide: Falava! Falava!

Norberto: Isso é algo que vem...

Neide: Vem desde criança! A primeira vez que eu me lembro eu tinha sete anos.

Norberto: Então no fundo realmente é Deus que conduz você, tanto faz qual denominação é, é Deus que é o pastor.

Neide: É! O Senhor é meu pastor!

Norberto: Sim.

Neide: Eu não (*incompreensível*)..... eu ouço a voz (*incompreensível*).

Norberto: O Cooperador e o Ancião, é, eles tem algum dom especial você acha?

Neide: Não. É, eu creio que estes três homens que estão diante desta Congregação são homens de Deus. São Homens de Deus. São usados. O irmão Silvio principalmente, o irmão Silvio, eu tou passando por um processo muito difícil no momento e o Senhor tem revelado ao irmão Silvio quando ele chega, quando ele está no púlpito o Senhor fala comigo através da voz dele. Tem falado muito comigo, muito comigo. E ontem o Senhor falou comigo através do irmão Leo. O Senhor falou comigo! Dentro daquilo que eu precisava uma resposta.

Norberto: Sim! O culto, quais são os momentos mais bonitos no culto para você? Os momentos que você realmente sente comunhão com Deus? É o culto todo? Tem uns momentos que você diz: Ó! Aqui eu sinto Deus.

Neide: É, nos louvores e na palavra.

Norberto: Os louvores é os hinos?

Neide: Isso!

Norberto: E a palavra?

Neide: E a palavra! Embora o Senhor também às vezes, mas é muito mais raro falar no testemunho, fala também, mas é mais difícil.

Norberto: Você uma outra vez já fez aquela oração em voz alta? Naquele momento da oração que...

Neide: Já!

Norberto: Já? Era um dia especial para você?

Neide: É! Eu saí de casa e o Senhor disse: Hoje você faz a oração. Você faz a oração de abertura.

Norberto: Você participa da ceia?

Neide: Sim.

Norberto: Desde, depois de conhecer a Congregação, quanto tempo levou para você

Depois começou a frequentar no Jandaia não é?

Neide: Não! Eu, eu vim do interior, eu vim para o Laura. Eu congreguei no Laura antes do batismo.

Norberto: A partir de que ano?

Neide: De 96, não! É de 2006.

Norberto: Aí você veio do interior.

Neide: Vim do interior e fui pro Laura e não gostei, fiquei uns três meses lá. Aí em abril, dia vinte e um de abril de 2006 eu vim pro Jandaia.

Norberto: E você se batizou...

Neide: Dia dezoito de maio.

Norberto: Um mês depois.

Neide: Um mês depois.

Norberto: Nem isso. É!

Neide: É! Não deu um mês, foi dia vinte e um, dia dezoito! No próximo batismo.

Norberto: E era asseverado para você e para o marido? O marido também tem essa experiência que Deus fala com ele em voz humana?

Neide: Deus usa ele, Deus usa de outras maneiras.

Norberto: Sim! Você participava ou participa de outros momentos da vida da Congregação além de batismos, Ceia, Culto? Você vai de vez em quando tem orações dentro de casa?

Neide: Eu dificilmente participo de outras coisas que não sejam dentro da Igreja.

Norberto: Porque você acha que muita gente...

Neide: Às vezes eu venho aqui, mas é muito raro também.

Norberto: Aqui?

Neide: Aqui. Porque aqui também. Aqui é uma salinha.

Norberto: Tem ainda? De vez em quando oração?

Neide: Tem! É! De vez em quando ainda tem ainda. Então, mas quando tinha oração aqui eu vinha às vezes.

Norberto: Hum, hum. O que significa para você o véu?

Neide: Um dogma da igreja.

Norberto: Hã?

Neide: Um dogma da igreja! Só!

Norberto: Pra você não tem tão significado assim, especial?

Neide: Não!

Norberto: Não acontece nenhuma coisa especial na hora que você veste-se com o véu?

Neide: Não.

Norberto: Não? As pessoas da Congregação falaram com você sobre o véu? As mulheres?

Neide: Não! Também nunca perguntei.

Norberto: Hum, hum! Você de vez em quando encontra outras irmãs da Congregação? Para, para ver sua fé para orar juntos?

Neide: Não!

Norberto: Não?

Neide: Não!

Norberto: O que você acha, o que a, a participação na Congregação mudou na sua maneira de ver o mundo e de enxergar as coisas?

Neide: Eu acho que a Congregação não muda não. Eu acho que não, eles são muito, eles têm uma cabecinha muito pequeninha. Eu acho.

Norberto: Você diz eles mas você é uma delas!

Neide: É! Mas eu não penso como eles. Eu não penso como eles.

Norberto: Rá, rá, rá, rá. Você acha que eles tem uma cabeça pequena?

Neide: É! Eu acho que precisaria uma abertura maior. Não é? Uma abertura maior, um entendimento maior.

Norberto: Para novidades?

Neide: Para novidades.

Norberto: Em que sentido?

Neide: É! Com relação às outras denominações, não é? Em relação ao mundo. Não é? É, não somos os únicos salvos!

Norberto: Sim!

Neide: Eu creio que o Senhor tem outros...

Norberto: Caminhos...

Neide: ...outro, outras ovelhas em outros rebanhos. Eu creio que tem pessoas salvas em outras denominações. Eu creio dessa maneira.

Norberto: A graça não é só na Congregação?

Neide: A graça não é só na Congregação. O Senhor nos liberta e nos redime pela graça. O Senhor não deu a graça só, porque se não somasse essa aliança de (*incompreensível*) o sacrifício de Cristo seria em vão.

Norberto: Sim.

Neide: Não foi? São salvos pela graça! O Senhor não deu a graça! Olha! A graça pertence a você. A graça pertence à humanidade.

Norberto: Então a Congregação não mudou tanto a sua maneira de pensar.

Neide: Eu creio que não. Eu não mudei assim!

Norberto: Ela mudou hábitos e costumes seus?

Neide: Não.

Norberto: Mudou a sua rede de amigos?

Neide: Também não!

Norberto: Os seus laços sociais?

Neide: Também não.

Norberto: Não?

Neide: Não!

Norberto: Quando você se tornou crente, foi pra Assembléia, isso mudou sua cabeça? A sua visão de enxergar o mundo ou também não foi uma ruptura forte.

Neide: Não! Não foi uma mudança muito radical não porque eu já vinha sendo preparada pelo Senhor desde sempre.

Norberto: Sim!

Neide: Então não mudou minhas vestimentas, não mudou meu cabelo, eu sempre tive cabelão, e desde católica eu sempre tive cabelo cumprido, eu sempre usei saia cumprida, eu sempre fui diferente e eu sempre quis fazer a diferença.

Norberto: Não mudou a rede de amigos também?

Neide: Também não!

Norberto: Foi um processo mesmo.

Neide: Foi um processo. Pode mudar o meu interior não é? Nesse interior fazer com que meus amigos viessem para Cristo. Não eu que fosse para o meu (*incompreensível*) mas...

Norberto: Você acredita que você conseguiu irradiar um pouco a sua fé? Que amigos seus conheceram Jesus Cristo por causa?

Neide: Com certeza! Conheceram através da minha vida!

Norberto: Sim. Bonito! O que você pensa sobre o bairro onde mora e seus moradores?

Neide: Olha! Eu moro num bairro muito simples e muito humilde, de gente simples principalmente não é? Mas um bairro bom. Bom de se morar! Mas o que falta é infra-estrutura, falta uma série de coisas, mas é um lugar onde não tem tanta violência.

Norberto: Tem água encanada lá?

Neide: Tem! Tem! Tem água encanada, tem luz, tem telefone, tem tudo.

Norberto: É aquele bairro onde passa aquela água, tem um lugar aqui onde parece que tem um córrego meio (*incompreensível*) ou alguma coisa assim não é?

Neide: Não é no meu bairro.

Norberto: Não é?

Neide: Não!

Norberto: Você gosta de morar lá?

Neide: Gosto!

Norberto: A posição do bairro, posição social do bairro você disse que é meio humilde né?

Neide: É! Sempre humilde!

Norberto: É todo mundo igual lá mais ou menos ou tem gente que se destaca?

Neide: Não, não tem ninguém melhor do que ninguém nem pior do que ninguém.

Norberto: Você acha que morar naquele bairro prejudica você?

Neide: Não.

Norberto: Você gosta de morar lá?

Neide: Gosto.

Norberto: Nem quer mudar?

Neide: Não. Já tive até chance, mas não quis mudar.

Norberto: Ok! Tem queixa sobre o bairro?

Neide: É! Falta, falta, falta saneamento básico, falta estrutura de um modo geral, falta um posto de saúde, não é? Mas não é, não é tão mal assim também.

Norberto: E você acha que Deus vai dar isso ou vocês tem que se juntar e lutar?

Neide: Não! A gente tem que se juntar e buscar, porque o Senhor diz: Ajuda que eu te ajudarei!

Norberto: E para isso essa sociedade de amigos de bairro é importante?

Neide: É importante!

Norberto: Sim?

Neide: Hum, hum!

Norberto: Você acha que outras pessoas da Congregação pensam diferente? Que eles pensam mais que na hora que for Deus vai dar? Ou eles também pensam como você que tem que se organizar e mobilizar?

Neide: Não sei! Não posso responder por eles.

Norberto: Certo! Você tem queixas de alguns moradores do seu bairro?

Neide: Não!

Norberto: Com quem da vizinhança você tem contato?

Neide: Olha! Eu tenho contato com a maioria das pessoas dos, das pessoas que moram ali no meu pedaço.

Norberto: Para, para estas que conhecer assim há muito a religião é importante? Há diferenças da religião? Tipo você tem mais amigas crentes do que católicos? Mais da Congregação?

Neide: Não! Não. Mais de outras denominações!

Norberto: Quais?

Neide: Ah! Eu, eu vivo (*incompreensível*) do povo da Assembléia, do Brasil para Cristo e do Deus é Amor!

Norberto: Ah! Lá tem também Brasil para Cristo e Deus é Amor? Bastante?

Neide: Sim. Bastante.

Norberto: O que você acha, qual, onde você mora. É lá no, como chama?

Neide: Parque Ideal.

Norberto: Parque Ideal. Qual igreja tem mais membros?

Neide: Avivamento Bíblico.

Norberto: Avivamento Bíblico.

Neide: Lá é o avivamento.

Norberto: E eles têm uma igreja lá também?

Neide: Eles têm uma igreja lá boa.

Norberto: Quanta gente cabe lá dentro?

Neide: Eu nunca entrei lá dentro, mas eu imagino umas trezentas pessoas.

Norberto: Ah! Quase como aqui a Congregação?

Neide: É! Assim mesmo. Porque eles têm a parte de baixo e a parte de cima.

Norberto: E depois? (*incompreensível*)?

Neide: Ah! Depois eu não sei. Porque no meu bairro mesmo, ali onde eu moro não tem o Brasil pra Cristo. O Brasil para Cristo é um pouquinho pra cima.

Norberto: Hum, hum!

Neide: Mas é aonde tem mais gente do Brasil para Cristo. Depois tem a Assembléia de Deus do Jabaquara, depois Madureira, depois de São Bernardo. Não é?

Norberto: E Congregação nem tanto?

Neide: Lá...Não! Lá tem inclusive os moradores, tem, tem menos gente. É menos família. Que é uns cem assim, tem umas trinta famílias só.

Norberto: Aqui algumas pessoas falaram que a Congregação tem poucos membros porque as vezes andaram um pouco de nariz empinado. Você acha que é isso mesmo?

Neide: Eu acho! Muito (*incompreensível*).

Norberto: É! Se fossem meio assim tipo orgulhosos, (*incompreensível*) teria mais membros participando?

Neide: Com certeza!

Norberto: Com certeza.

Neide: Com certeza.

Norberto: Então, aquela coisa que aí a Congregação diz então informação pra você não diz nada?

Neide: Não!

Norberto: Porque é outra coisa e ponto final.

Neide: Deus é outra coisa.

Norberto: Rá, rá, rá. Como você faz? Você tem filhos?

Neide: Tenho filha e filho, tem um de trinta e cinco e um de vinte e nove.

Norberto: E você fez algum esforço de transmitir a religião da sua fé pra eles ou não?

Neide: O meu filho mais velho que me levou pra igreja.

Norberto: Ele te levou pra Congregação?

Neide: Isso. Mas a Congregação (*incompreensível*).

Norberto: Ele anda assim bem antes de você?

(*Várias pessoas falam ao mesmo tempo*).

Norberto: (*incompreensível*). Ah sim. Quem são as pessoas mais importantes pra você?

Neide: Em que sentido?

Norberto: As pessoas que, que mais significam pra você na sua vida.

Neide: Na minha vida? Olha! É, eu vou dizer das pessoas que eu amo!

Norberto: Isto!

Neide: Não é? É o meu esposo, os meus filhos, as minhas noras, a minha nora, eu tenho uma nora que eu amo de paixão e ela chama Débora, e os meus bebês, eu tenho três netos que (*incompreensível*) e eu tenho (*incompreensível*) que eu amo de paixão. (*incompreensível*).

Norberto: E a Débora, e a Débora vai em qual igreja?

Neide: A Débora ta sendo alcançada agora e porque enquanto ela ta indo na Igreja Mundial.

Norberto: Do poder...

Neide: Do poder de Deus!

Norberto: Isto!

Neide: Né? Que é uma igreja que ta crescendo muito e ela ta sendo alcançada lá, mas já (*incompreensível*) não é? Já ta...

Norberto: Em (*incompreensível*)?

Neide: Não! É um povo interessante. Eu vou te contar uma coisa que aconteceu agora faz um mês mais ou menos. Eu fui na casa do meu filho e de repente começaram a chegar as amigas crentes da minha nora e nós começamos a orar, e nós começamos a orar ali na mesa da cozinha. Elas são novas, convertidas tem dois meses, três meses, seis meses de conversão. E nós começamos a orar e quando (*incompreensível*) e o Senhor selou com a promessa a minha netinha de um ano. Eu saí tremendo. Eu saí tremendo e saí de lá assim. E ela nem sabe ainda! Eu saí tremendo de lá!

Norberto: Você foi selada?

Neide: A minha neta!

Norberto: E você mesma também antes ou não?

Neide: Antes! Lá na Assembléia.

Norberto: E o marido também?

Neide: Também!

Norberto: É! Muito bonito!

Neide: Muito lindo!

Norberto: E aquela oração começou espontaneamente? Ninguém sabia?

Neide: Não! Começou espontâneo! Nós começamos a conversar ali.

Norberto: Isto!

Neide: Sobre, ah isso aqui é dessa igreja isso dessa aqui. Mais uma apresentação. E ele disse, o Senhor dizia pra mim assim: Ora! Ora! Eu, eu disse: O Senhor ta falando pra nós orar! Ninguém ajoelhou, ninguém levantou, nós continuamos sentadas ao redor da mesa conversando. E eu comecei a observar em seguida, tinha uma das moças que nunca tinha orado em voz alta, né? Aí ela

começava a orar, ela também começou a orar, colocar os problemas dela e começou a chorar na presença do Senhor. E o Senhor derramou sua glória! (*incompreensível*).

Norberto: Eram todos da Congregação ou não?

Neide: Não! É, eu da Congregação, uma irmã afastada da Assembléia e três meninas do Poder de, do, da, da Mundial. Foi tremendo que Deus fez! Por isso que eu falo! Deus aí não tem denominação.

Norberto: Sim!

Neide: Ele ta aqui e ta la, ele ta (*incompreensível*) a graça tava aqui.

Norberto: Sim! E essas pessoas que você mais ama, muitas são da Congregação ou não?

Neide: Não!

Norberto: E quais os grupos, você participa de algum grupo ou de uma associação? Você vem aqui na sociedade amigos de bairro?

Neide: Não. Não venho.

Norberto: Fica para as reuniões de vez em quando?

Neide: Fico. Às vezes eu fico. Às vezes principalmente aí assim, o povo ta aqui e (*incompreensível*).

Norberto: Você disse que no fundo deveria de mobilizar, organizar para mudar. Mas depois não participa de muita coisa.

Neide: Não! No fim meu bairro não tem!

Norberto: Ah! Sim!

Neide: E aqui é, é para os moradores locais.

Norberto: Isto! Com que você se preocupa do dia a dia? Você levanta, quais são as coisas que você ó, isso eu vou ter que resolver e aquilo também?

Neide: Olha, as coisa pra mim correm naturalmente, eu vou resolvendo as prioridades que tiver, mas eu não sou uma mulher de grandes preocupações. Não tenho grandes preocupações na vida.

Norberto: Porque sabe que Deus está guiando?

Neide: Deus está guiando! É ele que toma a frente de tudo desde de manhã, não é? É ele que, que, olha, hoje você vai em tal lugar, hoje você vai ficar em casa, você vai orar, você vai (*incompreensível*).

Norberto: Como você vive o seu tempo livre? O seu lazer?

Neide: Eu gosto de passeios, eu gosto de teatro, não é? Gosto de cinema.

Norberto: Teatro você vai onde?

Neide: Em São Bernardo tem três teatros que eu vou, tem um no Rudge, que é bom, que eu sei que tem coisas boas lá, tem na, na prefeitura tem teatro e, e no bairro Assunção tem outro.

Norberto: Cinema vai também?

Neide: De vez em quando! Mas normalmente eu vou lá buscar os filmes e assisto DVD.

Sueli: Como vai o Senhor ta tudo bem? (*incompreensível*).

Norberto: Tudo bem! Eu vou de novo na quinta feira. Espero eu!

Sueli: Vai sim!

Norberto (*para Sueli que está passando*): Um dia eu quero conversar com você também!

Sueli: Pode conversar!

Norberto: Ta bom?

Sueli: Ta! (*incompreensível*) pra fazer (*incompreensível*).

Norberto: Rá, rá, rá. Você é a irmã...

Sueli: Eu sou Sueli.

Norberto: Sueli.

Sueli: Hum, hum! E o meu filho é músico lá na Congregação! Tem treze anos de idade!

Norberto: Como é o nome dele?

Sueli: É Henrique.

Norberto: Henrique. Muito bom.

Sueli: Não. Agora eu não posso! Tenho que visitar uma irmãzinha doente lá né? E fazer, *(incompreensível)* o amor de Cristo também né?

Norberto: Isto!

Sueli: Qualquer hora nós se encontra! Aí nós conversa.

Norberto: Isto! Isto! Você volta na sexta-feira?

Sueli: Volto com certeza!

Norberto: Talvez na sexta feira! É rapidinho! Uns vinte minutos meia hora!

Sueli: Então, mas aí também se você quiser passar na minha casa também pode!

Norberto: Onde é?

Sueli: É na Joana D'Arc.

Neide: Fica lá pra frente! Lá em cima! Aonde é a casa dela.

Norberto: Ótimo!

Sueli: Então *(incompreensível)* só, eu posso atender lá na casa da irmãzinha. Entendeu? Porque nós temos doutrina e nós não recebe homem sozinho em casa! A não ser nossa pai, nosso irmão e os filhos.

Norberto: Isto!

Sueli: Ta? Deus te abençoe!

Neide: Vá com Deus!

Sueli: E volta lá ta?

Norberto: Ré, ré. Você assiste televisão?

Neide: Assisto!

Norberto: Quais programas você gosta mais?

Neide: Eu gosto de reportagens especiais, não é? De Globo Repórter, SBT Repórter, essas coisas.

Norberto: Quais canais você mais assiste?

Neide: Eu assisto mais o vinte e um.

Norberto: Vinte e um é...?

Neide: É um, é da Igreja Mundial. É a que eu mais assisto.

Norberto: O seu marido ele vai na igreja aqui no Jandaia também?

Neide: Também!

Norberto: Será que ele também conversaria assim comigo sobre...

Neide: Ele não tem quase tempo.

Norberto: Ah sim!

Neide: ...porque ele trabalha, ele estuda.

Norberto: O que ele estuda?

Neide: Ele está terminando o ginásio.

Norberto: Ótimo! Muito bom. Agora têm umas perguntas ainda. O que você não quiser responder você não responde, mas é aquelas coisas tipo mais técnicas. A sua idade?

Neide: Cinquenta e seis anos.

Norberto: Você é casada?

Neide: Sim.

Norberto: Quantas pessoas moram na sua casa?

Neide: Duas.

Norberto: Ah! É só você e ele?

Neide: Sim.

Norberto: Os filhos já saíram?

Neide: São casados!

Norberto: E quantos cômodos tem na sua casa?

Neide: Três.

Norberto: Filhos você tem dois?

Neide: Dois.

Norberto: Os dois homens né?

Neide: Dois homens.

Norberto: Trinta e cinco e?

Neide: E vinte e nove.

Norberto: Vinte e nove. Posição na família? Quem é chefe na sua família?

Neide: Risada geral. É o pai.

Norberto: Quem trabalha mais? O homem também trabalha fora ou não?

Neide: É! Às vezes ele trabalha. Eu sou costureira!

Norberto: Ah! Muito bom!

Neide: É! Agora ta todo mundo parado. Só volta a trabalhar agora no final do mês.

Norberto: E ele do que trabalha?

Neide: Ele é aposentado e ele trabalha numa oficina mecânica.

Norberto: Ótimo! Sempre trabalhou?

Neide: Sempre!

Norberto: A sua escolaridade?

Neide: Eu tenho o segundo grau.

Norberto: E ele está terminando o ginásio não é?

Neide: E ele está terminando o ginásio.

Norberto: Ginásio é segundo grau também?

Neide: É primeiro grau.

Norberto: Primeiro grau?

Neide: Primeiro.

Norberto: A sua profissão você é costureira e doméstica né?

Neide: Isso!

Norberto: Isto! Quanto é mais ou menos a renda familiar em salários mínimos? Um, dois, três, quatro, cinco?

Neide: Deve, é uns três, três e meio por aí.

Norberto: Você é migrante né? Você...

Neide: Sim! Eu vim de Mato Grosso pra cá!

Norberto: Você nasceu no Mato Grosso?

Neide: Em Campo Grande!

Norberto: Campo Grande. E com qual, qual idade você veio?

Neide: Eu vim para o estado de São Paulo eu vim com quatro anos e para São Paulo especificamente com vinte e cinco.

Norberto: Entes você morava em...?

Neide: Em *(incompreensível)*.

Norberto: Ah sim! Interior!

Neide: Interior de São Paulo.

Norberto: E veio com vinte e um para...

Neide: Eu vim com vinte e um para São Paulo.

Norberto: Aí você ficou depois um tempo em Peruíbe e depois voltou?

Neide: É! Depois, esse tempo de Peruíbe a gente não diz que saiu de São Bernardo. Por quê? Porque a gente estava em missão! Não é?

Norberto: Isto! Verdade!

Neide: Mas a gente tava andando. A gente tinha uma casa em Itanhaém mas não parava lá.

Norberto: E os pais também já migraram?

Neide: Sim! Os meus pais já são falecidos não é? Também, vieram de lá e mudou-se pra cá.

Norberto: Isto! E o pai não tinha muita religião, a mãe era católica?

Neide: A minha mãe era católica.

Norberto: E os avós do pai era, eram da Congregação?

Neide: Eram da Congregação.

Norberto: E os pais da mãe?

Neide: Católicos.

Norberto: Você tem irmãos?

Neide: Tenho!

Norberto: E a religião deles?

Neide: Tem dois já são falecidos, tem um da Congregação, tem um Batista, tem um Testemunha de Jeová.

Norberto: É mais difícil conviver com ele ou não?

Neide: Não!

Norberto: Tranquilo! Eu não tenho esse problema!

Norberto: Ótimo!

Neide: Eu não tenho! Eu convivo muito bem com todo mundo! Eu vivo o Salmo 33! *(incompreensível)* fazer com que os irmãos *(incompreensível)* mel.

Norberto: Isto! É como o mel que desce da barba de Araão não é?

Neide: Ah! Eu amo!

Norberto: Ré, ré, ré.

Neide: Não é? É um azeite que desce pela barba de Araão e pela *(incompreensível)* das suas vestes.

Norberto: Isto! isto! Ré, ré, ré. Era mais isso! Eu agradeço muito!

Neide: Amém! Deus te abençoe!

Norberto: No jardim Ideal eu não sei se vamos passar lá hoje. Talvez o Ubirajara vá me levar lá também só para conhecer.

Neide: Hum! Então!

Neide: Que Deus abençoe a irmã! Eu acho que a irmã está no caminho certo!

Neide: Eu sei! Eu creio!

Norberto: Rá, rá, rá, rá.

Neide: Meu irmão também, que Deus te abençoe muito! E eu vou correr.

Segunda Neide: (*incompreensível*).

Norberto: O que você gosta na Congregação Cristã?

Neide: Ah! Eu gosto da (*incompreensível*)a pregação deles é muito boa! O pastor lá, eu acho que ele prega muito bem a palavra de Deus. Todo mundo comportadinho na igreja né? Lá não tem aquela bagunça, aquela loucura que as outras igrejas tem (*incompreensível*). no passado né? Que magoa as pessoas, e aqui tem várias pessoas que é ...

Dados a respeito da entrevistada

Nome	Neide
Idade	56 anos
Estado civil	Casada
Moram na casa	2
Cômodos na casa	3
Material const	Alvenaria
Vulnerab bairro	Muito alta
Quantos filhos e seu gênero	2 (homens)
Posição na família	Esposa do chefe de família; mãe;
Escolaridade	2º grau
Profissão	Costureira
Renda familiar em sal min (aprox.)	3,5 sal min
Renda p/capita	1,7 sal min
Migrante?	Sim
Se for, de onde?	Mato Grosso (Campo Grande)
Se for, quando migrou?	Com 4 anos para Estado SP e com 25 anos para São Paulo
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	-
Religião do(a)s familiares)	Mãe católica, Pais do pai CCB

Entrevista com Noemi

A entrevista com Noemi foi realizada no dia 3 de março de 2009, no barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes. Ela teve duração de aproximadamente 34 minutos.

Norberto: Muito bom! Há quanto tempo você está na Congregação?

Noemi: Já tem um ano e pouco.

Norberto: E quanto tempo a conheceu?

Noemi: Ah! Agora eu não lembro as data, assim, quando eu vim pra cá o Douglas que é da Congregação, ele me convidava e eu não ia né? Porque tinha Assembléia aqui. Eu não lembro, acho que oito e poucos meses que eu conheci, foi aqui que eu conheci.

Norberto: Já, aqui na, pelas reuniões que foram feitas aqui mesmo ou pela Igreja do Jandaia?

Noemi: Na Igreja do Jandaia.

Norberto: Então você se converteu à Congregação aqui em São...?

Noemi: Não! Eu não sou batizada! Eu sou testemunhada!

Norberto: Ah sim! Testemunhada. Você vai no culto quantas vezes mais ou menos?

Noemi: Eu tava sem trabalhar, é que no começo eu não faltava em nenhuma das vezes da semana que tinha né? Eu não faltava em nenhuma, era três vezes por semana que tinha né? Eu não faltava em nenhuma! Agora eu vou quando dá porque eu comecei trabalhar.

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Mas também tava já desanimando.

Norberto: Por causa dos irmãos que...

Noemi: Dos irmãos.

Norberto:...desprezam um pouco.

Noemi: Por causa dos irmãos, pelo o que aconteceu com o meu filho e por causa dos irmãos daqui.

Norberto: Irmãos são irmãos e irmãs? Ou mais irmãos mesmo?

Noemi: Irmãos e irmãs.

Norberto: Sim.

Noemi: Irmãos e irmãs.

Norberto: E o filho foi lá pra ajudar no mutirão?

Noemi: É! Foi onde ele foi mal tratado no sábado aí ele conversou e eu falei: Não liga filho! Aí ele voltou no outro sábado, foi pior aí então ele não voltou mais e não quis mais ir pra Igreja.

Norberto: Sim! Mas pra você a Congregação e Deus é uma coisa e os irmãos e irmãs são outra coisa não é?

Noemi: Com certeza, mais é que ...sei lá!

Norberto: Desanima mesmo assim.

Norberto: Você conhece bem o Ancião que às vezes vai lá, o Luis Carneiro? O irmão Leo e o Silvio?

Noemi: O irmão Leo e o Silvio.

Norberto: Já conversou com eles pessoalmente?

Noemi: Não!

Norberto: O que você pensa sobre eles? São homens especiais mesmo?

Noemi: São! São (*incompreensível*) mesmo e o que eles falam acontece. Teve um culto aqui no barracão que ele falou: A terra vai se estremecer. Já tava preparando né, que isso ia acontecer, mas não deveria tremer. Foi acho que na mesma semana teve um terremoto aqui. Eu acreditei que fosse a terra estremecer mesmo! Só que teve uns irmãos que achou que é a terra estremecer espiritual, né?

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Mas foi material mesmo!

Norberto: Quem falou isso? O Leo ou o Silvio?

Noemi: O Silvio.

Norberto: Silvio.

Noemi: O irmão Silvio e teve mesmo.

Norberto: Aqui mesmo? Nesta sala?

Noemi: Não! Nas casas, nos barracos! Em alguns barracos.

Norberto: Não, não! Mas ele falou aqui mesmo?

Noemi: Falou aqui!

Norberto: Num culto aqui?

Noemi: Foi aqui!

Norberto: Nesse culto tem músico e tudo?

Noemi: Teve em alguns. No começo enchia aqui o barracão mas depois foi diminuindo porque muitos irmãos de fora...

Norberto: Hum, hum!

Noemi: ...de longe que vinha né? Aí foi diminuindo mas, Deus nos dá, ele mesmo...

Norberto: Sim. Você tem amigos com outros irmãos ou irmãs da Congregação ou é pouco?

Noemi: São poucos, é a Núbia que tem, são poucas pessoas que eu converso na Congregação, que é a Dona Núbia que trabalha aqui né? De noite. A, aquela que cumprimentou o senhor, a...

Norberto: É! Que eu esqueci o nome. Isso. Que disse até que era pra ir lá pra sala né? Acabamos não passando porque nós pensamos que nós íamos passar com o (*incompreensível*).

Noemi: Mas são poucas pessoas que eu converso na Congregação. O Douglas! Que também é, ele faz um trabalho lá com as criança né? Grupo de jovens! São poucos que eu converso. Que os outros nem oportunidade dão!

Norberto: Hum, hum! E no culto? Qual é o momento mais bonito e mais emocionante para você?

Noemi: A palavra!

Norberto: A palavra?

Noemi: É a palavra.

Norberto: Aí você sente a presença de Deus mesmo?

Noemi: Sim!

Norberto: Essas coisas que você vê, esses pressentimentos que já não eram pra saber antes, você acha que de certa maneira é Deus mesmo que revela essas coisas? Ou você acha que não sabe o que é?

Noemi: Eu, hum, eu, eu acho que não sei o que é mas eu creio que o inimigo não é porque o inimigo não quer ver o bem de ninguém.

Norberto: É o salva-vidas né? É! Você além do Jandaia foi em outra casa de oração da Congregação já também? Ou não?

Noemi: Não. Só no Jandaia.

Norberto: Só no Jandaia. Você além daqui você já participou de um culto numa casa?

Noemi: Já! Dentro do Jandaia. Que é do condomínio, de uma senhora cega.

Aí acabei, eu tou na espera! Porque o meu casamento também foi assim. Onze anos com o Ubirajara! Parecia uma coisa amarrada! Precisou vir um irmão de longe pra se com, conhecer (*incompreensível*), conheceu ele aí ele começou a vim nos culto, foi onde eles arrumou pra gente ir e se casar. Não era pelo dinheiro porque foi vinte reais, mas parecia uma, algo amarrado! Parece que Deus tinha que mandar alguém pra desatar esse nó, aí casei. O batismo ta sendo a mesma coisa.

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Eu tou aguardando alguém vim me buscar, porque parece uma coisa amarrada também. Eu já sou batizada, mas na Casa da Benção, então agora não é um batismo que eu tenho que fazer, é um conserto que eu tenho que fazer porque eu me casei, então agora, porque quando eu me batizar outra vez eu não entro (*incompreensível*). E foi uma coisa assim meio obrigado. O batismo.

Norberto: Você tinha quantos anos quando foi batizada na Casa da Benção? Era jovem ainda? Criança ou adolescente ou não?

Noemi: Não. Eu já tinha os dois pequenos. Os três já! Eu tinha três menino, não é, eu queria me lembrar agora, eu acho que já são uns nove anos.

Norberto: E quem a obrigou?

Noemi: Porque foi assim, eles chamam Peniel, é um lugar que a gente vai, é que nem convento, homem fica de um lado e mulher do outro. É que nem convento né? Então fica praticamente três dias sem conversar pra gente não ter palavras. Você só, você, sete hora da manhã você já tem que ta lá na Igreja orando, depois almoça. Mas sem conversar! Agora se você precisar de algo necessário aí sim você pode conversar com o obreiro. Aí a gente ficou lá esses três dias, e eu, me aconteceu algumas coisas que eu não entendo até hoje e talvez seja o inimigo, pra não, não acontecer esse batismo. Fiquei doente e outras coisas que aconteceram comigo. Eu tava com muita dor de cabeça, eu tava com febre, a piscina era congelada. Que era mato e quando chegasse de tarde você sente muito frio. Da umas quatro cinco horas você já ta com frio! E lá também! Era muito gelada e a mãe do Ubirajara falou: Se você não entrar Noemi, eu vou ficar muito chateada com você e os irmãos e as obreira que é a pastora, que sábado você tem que ir, você tava aqui você não pode voltar sem ir. E ficaram falando, falando, falando...

Norberto: Ah sim!

Noemia:...aí eu foi como uma obrigada (*incompreensível*) fugia,

Norberto: Foi certa coação não é?

Noemi:...por que eu saí de lá quase morta. Quase morri mesmo porque eu não podia entrar naquela água. Muito gelada! Então foi uma bem obrigada!

Norberto: Sim! Sim! A sua participação na Congregação mudou a sua vida? A sua visão do mundo? O jeito como você enxerga as coisas? O que mudou?

Noemi: Muito! Mudou muito, eu aprendi a ter mais amor no coração. Eu era uma pessoa egoísta, mais amor no coração, aprendi a ser, a correr mais atrás do que eu, do que eu preciso e não ficar esperando. Antigamente eu esperava cair do céu! E eu via os outros (*incompreensível*) e não tinha capacidade de correr atrás, e mais amor no coração porque agora o que eu puder fazer pra ajudar as pessoas eu ajudo. Abriu mais a minha mente assim pra poder conversar com, chega às vezes uma pessoa precisando de mim pra conversar e eu acho que Deus ele usa a minha boca porque às vezes mas como é que eu falei aquilo pra pessoa? Se nem eu, que nem eu...

Norberto: Hum, hum!

Noemi: ...se nem eu às vezes ponho em prática pra mim. Mudou muito a minha vida, mudou minha mente, meu coração. É hora que eu preciso parar de falar muito no que eu penso porque nem tudo o que a gente fala né? (*incompreensível*) não dá! Eu xingava demais! Falava palavrão! Mudou também. Mudou muito!

Norberto: E os hábitos e costumes mudaram também? Certos hábitos ou não?

Noemi: Não. Eu ainda fumo! Falaram que não pode cortar cabelo eu cortei. Você vê eu fumo. Gosto de ler muitos livros. Que nem, eu tava lendo esses dias, é tipo uma pesquisa...

Norberto: Hum, hum!

Noemi: ...tenho de católico, tenho de evangélico, tenho de espírita! Eu gosto de ler muito e eu acredito na (*incompreensível*) um pouco.

Norberto: Sim! E tem gente que fala que não é bom ler?

Noemi: É bom ler sim!

Norberto: Então tem gente da Congregação que diz que...

Noemi: Nossa! Se souber que eu leio livro de espírita! Se souber que eu tenho uma coleção de Bíblia católica, 1984, tá lá! Quando dá um tempinho eu vou lá e fuço, dou uma lida em um, uma lida na outra. Porque é católico não pode! Espírita então. Se souber que eu tou trabalhando em casa de espírita, já criticam e tipo assim tem que sair né? Mas Deus sabe da minha necessidade. Eu pedi foi pra Deus, que foi nesse ano novo, foi na oração que teve na televisão na ou, na outra oração ein? Em plena Congregação! Eu pedi pra Deus abrir uma porta de emprego pra mim e no outro dia eu acordei e aí eu falei: Tá! Pra minha mãe! Eu vou lavar essa roupa porque eu vou começar a trabalhar. Foi eu fechar a banca a Dona Núbia chegou me chamando pra mim ir ver o serviço naquele mesmo dia eu tive que ir falar com essa mulher. E eu crente que abriu essa porta, e eu creio que foi Deus! Porque eu orei nesse dia e no outro dia Deus me abriu a porta! Então Deus sabe da minha necessidade né?

Norberto: A sua rede de amigos mudou? Você perdeu alguns amigos por participar da Congregação e ganhou outros? Mudou alguma coisa ou não?

Noemi: Não. Não. Eu sou o que eu sou e eu trato macumbeiro, mendingo, qualquer um de qualquer forma! Não mudou nada! Eu sou o que eu sou. A gente sabe que não pode participar aí, já que tem um outro aí atirando, ou tá com revólver na mão ou tá bebendo, a gente vai lá e (*incompreensível*) que a gente sabe que é errado né?

Norberto: Sim!

Noemi: Mas eu converso. Eu converso e continuo da mesma forma até melhor.

Norberto: Isso!

Noemi: Porque eu socorria gente que bebia, tem gente que despreza, empurra, chuta. Neguinho então tá fedendo sai fora! Sai correndo porque que nem, teve um testemunho na Igreja, que me contaram né? Que disse que entrou um mendingo muito fedido e ficou o porteiro e a porteira, e as irmãs às vezes ficam andando ali. Aí disse que ele vê o pai de Deus, esse mindingo! Vê o pai de Deus, daí o porteiro, daí o porteiro respondeu: Amém! E a porteira já torceu o nariz! Tava fedido né? Aí disse que ele entrou na Igreja...

Norberto: Aqui no Jandaia?Ou...

Noemi: a, eu não...não me falaram onde que foi esse testemunho, que entrou e viu o pai de Deus e muitos não responderam, aí disse que ele falou assim: Se Deus viesse agora são poucos que iriam. Não é? Então a gente fica às vezes Deus ele vem, de qualquer forma pra testar alguém pra gente não ter que desprezar ninguém por isso? Nada! Quem nós somos né? Somos um tipo assim com o corpo tudo fedido ali. Os bicho, o próprio bicho do corpo da gente come a gente

Norberto: Sim!

Noemi: Melhorou! Não mudou! Eu aprendi a ter mais amor!

Norberto: Você e o Ubirajara quanto tempo estão aqui na coordenação da sociedade amigos do bairro?

Noemi: Nós chegamos em dois mil e, dois mil e cinco! Dois mil e seis, dois mil e sete, dois mil e oito...

Norberto: Ah! Então vocês estão mais tempo na sociedade do que na Congregação!

Noemi: Hã?

Norberto: Vocês já tavam na sociedade quando (*incompreensível*).

Noemi: Não! Tava já na Congregação!

Norberto: Ein?

Noemi: Tava na Congregação!

Norberto: Já?

Noemi: Tava! Tava porque o Ubirajara foi três vezes buscar a palavra se devia aceitar ou não.

Norberto: Ah certo! E buscou e achou a palavra que era para aceitar.

Noemi: As três vezes Deus falou que não gosta de soldado, soldado covarde e que se deu era pra, pra ele pegar né?

Norberto: Sim.

Noemi: E eu também! Aí a gente assumiu, só que eu assumi primeiro e depois que ele veio e assumiu, que a Francisca aquela branca que estava conversando com o Senhor, ela era presidente.

Norberto: Da Assembléia? Não! Ah!

Noemi: A branca! Só que tudo dava errado! Todos os documentos que tirava, aí eu comecei a andar com ela né? Porque pegaram, pararam, aí eu comecei a andar com ela, mas tudo dava errado! Não dava nada certo! Quando passou pra minha mãe tudo começou, foi certo!

Norberto: Sim!

Noemi: Tudo que eu ia atrás dava certo, eu creio que Deus que queria que eu assumisse mesmo e...

Norberto: Ela lutou pela sociedade mesmo? A Francisca? Ou não?

Noemi: Era clube de mãe e ela não conseguia! Tudo! Ia no cartório dava errado! Tinha que voltar pra outro lugar dava errado! Nada deu certo pra ela assumir.

Norberto: E agora começou a dar certo?

Noemi: É! Quando eu peguei já ia pro cartório já, já, tudo dava certo!

Norberto: Isso!

Noemi: Porque eu tou (*incompreensível*) pelo Senhor. Eu creio que foi.

Norberto: O que você pensa sobre o bairro aqui?

Noemi: Eu penso, são muito acomodado o pessoal daqui! Muito acomodado mesmo. Eu acho que tem que lutar um pouquinho mais, porque ou buscar mais por Deus. Porque aqui buscam por Deus sim. É claro! Só que não é aquele buscar assim sério!

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Não ta com sinceridade! Não sei porque é que nem o, o Silvio outro dia pregou que tem irmão que fica esquentando banco. Pegando talvez o lugar que um que quer ser membro! Vai pra Igreja! Que nem, eu vou quando eu sinto vontade de ir e eu sinto que Deus esta me chamando pra mim ir mesmo, porque tem irmão ali que...

Norberto: Hum. hum!

Noemi:...eu acho que tinha que buscar um pouco mais por Deus aqui nesse lugar, porque é só Deus pra salvar mesmo. Não tem outro no mundo! Só Deus! O povo aqui é muito acomodado!

Norberto: Aqui na Sociedade tipo quem é de qual religião influencia um pouco? Tem tipo uma denominação que participa mais, que luta mais? Ou não tem nada a ver com religião? O jeito com as (*incompreensível*) vão lutando aqui na Congregação?

Noemi: Como assim? O senhor assim tipo uma religião não bate com a outra?

Norberto: É! Uma religião o pessoal ta um pouco mais ativo do que outra gente do que gente de outra religião ou não tem isso?

Noemi: Eu acho que não!

Norberto: Não?

Noemi: Porque tem a católica lá no final , o povo só vai pra ganhar cesta! Quando vem aqui a maioria é os irmão que vem! Da Assembléia vai porque tem muita festa ali. Ali eu falo porque é a Igreja da festa.

Norberto: Qual? Essa aqui do barracão?

Noemi: Não. Lá em cima! Na avenida! Um, uma pequenininha que tem.

Norberto: É! Em frente do, do condomínio.

Noemi: Jandaia. É!

Norberto: Tem muita festa lá?

Noemi: Ôxe! Acho que uma vez por semana tem que ter aniversário ali.

Norberto: Ah!

Noemi: Então eu acho que vai mais por interesse, um pouquinho de farra por quê...

Norberto: Ah sim!

Noemi:...né? Não é todo mundo pegam firme não! Do que adianta sair da Igreja e já começa a brigar porque tem um aqui que então. Dá glória até, do começo ao fim! Quando chega aqui xinga o marido de tudo que é nome, e manda ele embora!

Norberto: Vixe!

Noemi: Acho que vai por um pouquinho de farra e por interesse.

Norberto: É! Você gosta de morar aqui?

Noemi: Adoro! Gosto muito daqui! Eu queria lutar por aqui mas, não depende de eu ir sozinha e tudo depende da comunidade de Deus, que eu creio que Deus tem pra mim nesse lugar!

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Mas Deus ele não quer soldado covarde não! E aqui é o que mais tem!

Norberto: Morar aqui porque eu já vi que a sua vida é de uma certa maneira...

Noemi: Não! Pra mim não prejudica não.

Norberto: Vocês aqui Ubirajara e você. A sua posição social no bairro é igual às outras famílias? É um pouco melhor? É um pouco pior? É a mesma coisa?

Noemi: Em que sentido?

Norberto: Aqui tem gente tipo assim, que tem, que ta melhor de vida? Que ta pior? Ou ta mais todo mundo no mesmo barco, mais ou menos igual?

Noemi: Tem de tudo um pouco.

Norberto: E você e Ubirajara onde se encontram? No topo? No meio? Embaixo?

Noemi: Acho que teve uma época que a gente tava lá embaixo! Muito lá embaixo! Entendeu? A gente tem gente melhor do que nós aqui muito e não é porque a gente ta com isso aqui na mão... eu me considero, acho que no meio, no meio, no meio.

Norberto: Hum,hum! O pessoal que vai bem mesmo luta pelos outros ou só vê a própria vantagem?

Noemi: Não! Aqui é só um pensando no, só pensa em si próprio...

Norberto: A Francisca falou: Aqui cada um por si mesmo!

Noemi: É! Que nem, eu e o Ubirajara a gente corria atrás de doações (*incompreensível*) que essa menina que é amiga minha lá de (*incompreensível*) a gente (*incompreensível*) muito pelo pessoal daqui. Quando a gente começou a ver que ninguém queria nada com nada eu falei: Eu vou trabalhar! Eu passava muita dificuldade na minha casa. Com essas privações (*incompreensível*) vários empregos pra correr, já chegou a época do que eu não ter o que comer! Aí veio essa moça, a, essa mocinha aí, começou a me ajudar, a me dar uma cesta básica. Mas eu comecei a acordar! Eu falei: Não! Eu vou deixar um pouco isso de lado e vou trabalhar. E fui trabalhar! Agora eu recebo o meu salarinho eu vou lá e faço minha comprinha! Não digo que não falta! Falta coisa dentro de casa sim! Até que eu comecei esses dias trabalhar.

Norberto: Hum, hum.

Noemi: Já é a segunda jabiraca que, jabiraca eu falo carrinho velho que ele pega aqui, mas a gente começou a pensar um pouquinho na gente!

Norberto: Você está registrada?

Noemi: Não. Eu trabalho três dias por semana e não sou registrada.

Norberto: sim.

Noemi: Mas eu tou querendo procurar um a noite e trabalhar a noite porque tem firma não (*incompreensível*) registro né?

Norberto: Isso! Isto! Da mais segurança pro futuro né?

Noemi: Dá mais segurança! E eu tenho problema de coluna! Né? Às vezes eu travo! E se eu tiver trabalhando registrada e dar uma travada, aí eu tou garantida né? Agora nesse daí mesmo não! Mas eu até resolvi cuidar um pouquinho da minha vida porque eu via que as pessoas daqui cada um só pensa em si próprio! São egoístas! Entendeu?

Norberto: Mesmo (*incompreensível*) da mesma religião, a religião não conseguiu mudar isso? Às vezes a religião consegue mudar isso. Você disse que desde que você está na Congregação você é uma pessoa mais solidária! Você antes era egoísta e você agora começou a olhar também a ver os outros e ajudar.

Noemi: Eu comecei a olhar um pouquinho por mim!

Norberto: Isso!

Noemi: Não é só pelos outros não porque, mas você tem que ver a pessoa também, na hora que a gente precisa ta ali do lado a lado, mas não.

Norberto: É verdade!

Noemi: Cada um só vê o seu próprio, a sua situação ta ruim sai correndo!

Noemi: Não quer saber!

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Né? Aí eu comecei a olhar um pouquinho o meu lado e fui trabalhar e decidir minha vida porque eu tenho três filhos!

Norberto: Isto!

Noemi: Né?

Norberto: As suas queixas é mais sobre a sua falta de participação do pessoal né? Ou tem outras queixas sobre o bairro?

Noemi: Não, só isso mesmo! Todo mundo tinha que se unir porque ta todo mundo no mesmo barco!

Norberto: Com quem do bairro você tem mais contato?

Noemi: Mais contato? Eu acho que é tudo igual porque, eu acho que é tudo igual!

Norberto: A dona Núbia talvez um pouco por causa da... ela sempre ajuda aqui não é?

Noemi: É ela ajuda com o leite mas é, converso com todo mundo! Do mesmo jeito que eu me dou com ela me dou com, só mesmo com alguns irmãos da Congregação que às vezes não dão oportunidade nem de cumprimentar né? São poucos mas, é tudo é igual! Quando chega perguntando ou falando alguma coisa é tudo igual né?

Norberto: Os seus meninos aqui. Como você tenta transmitir a fé e a religião para eles? Você tenta ou não?

Noemi: Tento!

Norberto: E de que jeito?

Noemi: Conversando! Que nem, às vezes eles briga e aí eu falo, que nem, eu compro cedezinho pra eles do evangélico. Na Congregação ta errado né? Não posso! Mas eu compro! Eu explico a noite às vezes quando eu não tou muito cansada eu explico, eles fala: Ai mãe! Briguei! Aí eu falo: Mas

Deus não gosta disso! Deus não se agrada. Aí às vezes eu converso com eles, mas o meu filho de dezesseis anos mesmo ele acha que tudo acontece e que ele não tem oportunidade porque é Deus que não ajuda!

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Põe a culpa em Deus! É!

Norberto: Deus que não ajuda!

Noemi: Se alguma coisa, ah, eu faço bem pra uma pessoa e a pessoa vem retribuir com o mal. Ele? É uma trouxa! Me chama de trouxa! E assim vai!

Norberto: Perdeu um pouco a fé mesmo?

Noemi: Perdeu eu acho que totalmente! Que nem, ele ganhou esse curso no SEAT (?) e ele falou porque não vai porque lá os moços se veste bem. Sabe? Tem um sapato bom e ele não. Ali só tem rico. Colar de ouro.

Outra mulher: (*incompreensível*).

Norberto: Sim! Sim! Eu posso levar depois.

Noemi: Ah! Ele já veio! Aí....eu até esqueci o que eu tava falando.

Norberto: Você tava falando, momentinho, do menino...

Noemi: Ah! Do meu filho!

Norberto: ...que disse que, que ia na naquele padre? mas não vai porque os outros tem, tem...

Noemi: Não quer! É! Ele estava no curso do SEAT (?). Aí nós falamos de Deus porque Deus é um Deus só. Mas Deus já não ajudou a abrir uma porta pra ele? Tudo ele acha que é Deus.

Norberto: Sim!

Noemi: Então eu acho que é difícil entrar na cabeça dele que não é Deus! Que a nossa parte a gente tem que fazer! Conservar o que Deus te deu né? Ou então tem que lutar né? Não é esperar Deus! Porque nada não cai do céu não! Só cai raio e chuva! Chuva e raio que raio ta matando!

Norberto: Os pequenos você tenta levar junto na Congregação? Eles vão com você no culto?

Noemi: Eles vão. às vezes eles vão forçado, mas tem vezes que vai numa boa.

Norberto: Hum, hum! Quem são as pessoas mais importantes na sua vida?

Noemi: São meus filhos, meu marido, e primeiramente Deus né? Porque sem Deus não estaria aqui e não teria mudado, porque eu falo que Deus ele me curou porque eu era uma pessoa terrível!

Norberto: Rá, rá, rá!

Noemi: Você já ouviu falar do livro de São Cipriano?

Norberto: É espírita também não é?

Noemi: Acho que não é nem espírita, já é pior que os espírita!

Norberto: É macumba mesmo?

Noemi: Eu gostava muito dessas coisas. Eu me apeguei muito a essas coisas. Eu creio que Deus me curou, eu era egoísta. Só que eu era aquela invejosa, muito egoísta e invejosa. Que eu trabalhei e desde os doze anos eu já comecei a trabalhar. Se alguém tivesse um sapato que eu gostasse, aí eu ia lá e comprava melhor!

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Eu me matava ali! Trabalhando! Eu era invejosa, egoísta e creio que Jesus ele me curou! Ele me curou! Que isso era uma doença!

Norberto: Aquela coisa que você falou, que aconteceu na Igreja Universal, aquele sangue que desceu que formava quase um fígado...

Noemi: Não! Isso já não foi nem na Universal. Eu fui curada, esse foi na Deus é Amor!

Norberto: E você acha que esse mal saiu um pouco por isso aí ou uma coisa nada a ver com outra?

Noemi: Não! É trabalho! Puseram!

Norberto: Ah!

Noemi: Trabalho!

Norberto: Ta certo!

Noemi: Alguém da macumbaria!

Norberto: E onde que Deus curou você dessas coisas de São Cipriano? daquelas coisas mais espirituais que você estava seguindo?

Noemi: Começando a ir na Igreja! Que é por Deus!

Norberto: A Congregação?

Noemi: Não!

Norberto: Antes já?

Noemi: Não! Na Assembléia de Deus! Depois eu comecei a ir na Igreja pra participar de culto.

Norberto: Qual é a sua trajetória? Me diga! Você estava um pouco em São Cipriano! Depois você foi para a Casa da Bênção, mas aí foi obrigada a se batizar. Depois você passou em várias Igrejas, Deus é Amor, Universal!

Noemi: Deus é Amor, na, na Casa da Bênção, Deus é Amor, Assembléia, Universal e agora a Congregação.

Norberto: na Universal teve algum tipo de cura também? Foi do seu menino?

Noemi: Houve! Foi! Foi que tiraram isso aí que ele acordava de madrugada uma, uma e meia da manhã!

Norberto: Perdendo sangue?

Noemi: Perdendo sangue. E aí ela afastou o mal que tava nele né?

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Que eu acredito que bênção vem de família porque...

Norberto: Mas nas outras Igrejas então milagres acontecem também. Na Deus é Amor, na Universal?

Noemi: Acontecem! Acontecem! E lá se persegue Deus, que nem aqui também! Já várias vezes já aconteceu das pessoas saírem bem, que nem quando teve a última Assembléia aqui, teve aqui mesmo, depois veio a outra também. Uma vózinha de setenta e poucos anos que vinha com a Missionária, ela veio aqui eu tava com uma dor de cabeça insuportável. Mas insuportável mesmo! Aí essa vózinha falou assim: Você não ta bem né? Eu falei: Não! Aí ela falou assim: Eu vou orar ta bom? Eu falei: Ta! Só que ela orou, mas passou pra ela que depois ela passou até mal.

Norberto: Hum!

Noemi: Uma vózinha de setenta e poucos anos. Eu não devia nem ter passado pra ela né? Mas ela orou!

Norberto: Sim!

Noemi: Eu acho que vai muito da fé. (*incompreensível*). Como é que pode? (*incompreensível*) mas igual a Congregação até agora eu não achei. Quer dizer, a palavra que fala e aquilo que você ta pensando, você ta orando. Que só Deus sabe que você está orando ali, que só Deus sabe o que você ta orando ali. Você está confirmando ali! E o quer falar com (*incompreensível*).

Norberto: Sim! Além da Congregação e da Sociedade amigos de bairro aqui, você participa de outros grupos ou de associações?

Noemi: De associações? Não! De associação não!

Norberto: Mas também é muita coisa as duas coisas junto né?

Noemi: Não! Eu já (*incompreensível*) da Light que era, tem bastante coisa já que foi feita. Junto com fundo social...

Norberto: Hum, hum!

Noemi: ...e tinha que ficar indo em reunião da Light que é a, é junto com a primeira dama. Bastante coisa!

Norberto: Ah! Por isso tem as fotos aqui da primeira dama?

Noemi: Tem uma, duas, três juntos aqui.

Noemi: É!

Norberto: Ah sim!

Noemi: E ainda tinha mais que eu acho que ta espalhada por aí. Mas eu participava dos grupos sim, a gente ia muito pra palestra quando as meninas vinha pegar a gente de ônibus aí a gente ia. O negócio do câncer.

Norberto: Hum, hum!

Noemi: A minha vida era corrida! Por isso que eu falei deixar de correr um pouco! às vezes reunião com assistente social.

Norberto: Hum, hum!

Noemi: Era muito corrida! Aí eu falei: Eu vou cuidar um poço da minha! Porque eu tava esquecendo a minha!

Norberto: Sim!

Noemi: Tava mesmo me esquecendo da minha vida.

Norberto: No dia a dia quais são as suas preocupações? Aquelas coisas do dia a dia mesmo?

Noemi: Às vezes quando eu saio pra trabalhar e os meus filhos quando vão pra escola!

Norberto: O seu lazer. Qual é?

Norberto: Ein? Não tem lazer né?

Noemi: É!

Norberto: Você assiste televisão?

Noemi: Assisto!

Norberto: Que canal você mais gosta?

Noemi: Sete.

Norberto: E quais...é porque é um canal evangélico mesmo ou ...?

Noemi: Não, não, não! É novela, jornal, eu gosto muito de jornal pra ver o que é que ta acontecendo.

Norberto: Hã, hã!

Noemi: Eu tou isolada daqui né, no meio do mato, mas tem que ver o que ta acontecendo.

Ubirajara: Que horas são?

Norberto: Meio dia e cinco. Agora só uma coisa. Perguntas mais formais. Tem que ser também. Você pode dizer: Ó! Não quero responder! A sua idade?

Noemi: A minha idade? Eu vou fazer trinta e oito anos!

Norberto: Você é casada mesmo né?

Noemi: Casada. Agora eu casei!

Norberto: Na sua casa moram quantas pessoas?

Noemi: Eu, o Ubirajara e o meus três filhos. A minha mãe que vem ficar de vez em quando aí.

Norberto: E quantos cômodos tem?

Noemi: Deixa eu ver! Ah! Pode chamar de cômodo aquilo?

Ubirajara: Quatro! Quatro com o banheiro.

Norberto: É de madeira ou é de alvenaria?

Ubirajara: Madeira. Quem dera.

Norberto: A sua posição na família? Quem é chefe? Você ou o Ubirajara?

Risada geral.

Ubirajara: Ta doido!

Noemi: Ah! Os dois!

Norberto: Os dois né?

Noemi: Agora os dois tão batalhando agora pra...

Norberto: A sua escolaridade?

Noemi: Quinta série.

Norberto: E a profissão?

Noemi: Ih! Já tive tantas? A que eu sou agora?

Norbert: doméstica?

Noemi: Ah! Agora doméstica! Já tive muitas!

Norberto: Hum, hum! O que?

Noemi: Já engraxeí, como é? Chama engraxate?

Ubirajara: No lava rápido.

Noemi: Já fui engraxate, já fui lavadora de carro, já fui garçõnete em estrada mesmo, hotel três estrela, telefonista. É! Já tive muita profissão! Babá! Mas em carteira mesmo...é só de garçõnete.

Norberto: Você é migrante ou você nasceu aqui perto?

Noemi: Eu nasci aqui em São Paulo!

Norberto: Ah! E nunca andou muito pra fora? Só dentro de São Paulo? Foi lá no Pantanal agora voltou?

Noemi: Não! Eu fui pro Rio de Janeiro!

Norberto: Ah! Quanto tempo morou lá?

Noemi: Eu não morei, foi... assim, pra morar? Só passeio! Aí eu já passei muito mesmo.

Norberto: os pais? São daqui também? Ou migraram? A mãe? O pai?

Noemi: Ó! A minha mãe é daqui, o meu pai eu não sei.

Norberto: E a religião da mãe é...

Noemi: Nada!

Norberto: Nunca foi?

Noemi: Não tem nada?

Norberto: Nunca?

Noemi: Se chamava lá (*incompreensível*).

Norberto: Você tem irmãos?

Noemi: Eu tenho um irmão!

Norberto: E a religião dele?

Noemi: Meu irmão? Acho que ele não ta com nenhuma religião não.

Ubirajara: Ele não tava indo na Universal? Que falaram que ele tava indo na Universal e tal.

Noemi: Não sei.

Norberto: Ta bom!

Noemi: Eu falei pra ele ir na Congregação! Insisti, insisti, insisti, insisti e ele falou que ainda vai qualquer hora.

Norberto: Então era mais isso! Está bom? Muito Obrigado!

Entrevista com Noemi

Noemi: (*incompreensível*) direitinho porque...

Norberto: Ótimo! Foi ótimo!

Dados da entrevistada

Nome	Noemi
Idade	37 anos
Estado civil	Casada
Moram na casa	5
Cômodos na casa	3 (com banh. 4)
Material const	Madeira
Vulnerab bairro	Muito alta
Quantos filhos e seu gênero	3 (homens)
Posição na família	Esposa do chefe de família; mãe; trabalha fora
Escolaridade	5ª série
Profissão	Várias; hoje: doméstica fora
Renda familiar em sal min (aprox.)	3,5 sal min
Renda p/capita	0,7 sal min
Migrante?	Não
Se for, de onde?	-
Se for, quando migrou?	-
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	-
Religião do(a)s familiares)	Sem religião

Entrevista com Francisca

A entrevista com Francisca foi realizada no dia 3 de março de 2009, no barracão da Sociedade de Amigos da Vila Moraes. Ela tem duração de aproximadamente 30 minutos.

Norberto: Então você é a...?

Francisca: Francisca.

Norberto: Francisca. Você estava na Congregação?

Francisca: Estava!

Norberto: Quanto tempo estava lá?

Francisca: Na Congregação são três anos que eu ia, mas eu não era batizada.

Norberto: Você começou a ir quando?

Francisca: Quando era dentro do condomínio. Aí eu ia bastante dentro do condomínio, aí pegou e mudou ali pro Maria Cristina. Aí no Maria Cristina também tava indo, uns dois meses indo direto. Aí eu recebi um convite pra mim eu ir assistir um batismo. Aí nesse convite que eu fui assistir o batismo aí, é, eu senti né? Que Deus me chamou e aí pra eu me batizar e me batizei. Aí nesse intermédio eu me batizei tudo aí, sem as sem (*incompreensível*) né? Então! Aí conforme eu disse apareceu emprego pra mim pra mim trabalhar no bar eu fui trabalhando e tava resistente e eu tinha três meses de batismo, aí alguns irmãos, fazia assim, torcia o nariz quando me via trabalhando no bar, alguns não, alguns dava a paz do Senhor e todo mundo me cumprimentava numa boa. Quando me via de short na rua torcia a cara pra mim. Agora, outros não, outros até hoje, aonde me ver de calça, de short, de saia, de vestido, do que for é a paz do Senhor. Mas alguns não. Alguns torcem até hoje o nariz.

Norberto: E aí você no fundo saiu fora quando?

Francisca: Ta com, ah, logo assim que eu me batizei eu não fiquei muito por aqui não.

Norberto: Você se batizou onde?

Francisca: Eu me batizei ali no, como é o nome do aonde você fez o batismo? Você não foi assistir um batismo? Ali perto do...

Noemi: Não foi ele que se batizou!

Francisca: Ainda não foi?

Francisca: Ainda não!

Francisca: Meu Deus do céu! Como é o nome dali?

Norberto: Foi no Brás? Não né?

Francisca: Não! Foi aqui em...

Norberto: São Bernardo?

Francisca: Foi aqui em cidade de Diadema!

Norberto: Transilvânia?

Francisca: Ah! Eu não sei, eu sei que...

Norberto: Ou Serraria?

Francisca: É isso mesmo! Por ali!

Norberto: Ah ta!

Francisca: Ali indo pro Sapopemba! Por ali! Pegando o caminho pro Sapopemba.

Norberto: Isso!

Francisca: É! Assistia ali e me batizei ali.

Norberto: Só você ou mais alguém da família?

Francisca: Não! Só eu da minha família! Teve mais uma vizinha também que, que batizou junto comigo que também se afastou devido muita gente estar criticando. Hoje em dia ela tá no mundo e eu vou de vez em quando pra Igreja.

Norberto: Aqui no Jandaia?

Francisca: Hmhm. Ela batizou no mesmo dia que eu. Ela mora ali no perto da minha casa.

Norberto: Mas você vai? Quando vai no Jandaia aqui? Ou não?

Francisca: É! Quando eu vou eu vou aqui.

Norberto: Como conheceu a Congregação?

Francisca: É! Apesar que o meu padrasto ele falava muito né? Então os filhos dele, é são todos da Congregação. Aí tem uma senhora que eu ia muito na Assembléia. Aí tem uma senhora que ela era da Assembléia e começou a ir pra Congregação. Aí ela pegou e falou assim: Francisca! Deus me revelou! Você aqui dentro da Congregação de véu! Aí eu falei: Ih tia! Revelou nada! Aí ela falou: Você vai ver só! Eu vou te ver aqui dentro da Congregação com véu e você vai se batizar! Aí eu falei: Então tá bom tia! Eu creio! Aí foi indo aí quando foi dentro do condomínio e fui começando indo, indo e indo. Não me sentia à vontade de usar véu logo em seguida, que eu não me sinto à vontade e eu acho que pra isso tem que vim de dentro de você!

Norberto: Sim!

Francisca: Não é chegar lá e colocar o véu na cabeça e orar, orar, orar, quando tira o véu você se transforma. Então eu acho que tem que vim de dentro de você, você colocar o véu. Porque pra mim o véu significa, o sagrado, pra mim é sagrado, uma pessoa chegar e colocar o véu na cabeça. Então quando eu vou na Congregação, portanto, eu sou batizada certinho, não me sinto à vontade em colocar o véu! Porque eu sei que eu tô assim enrolada, e pra mim por um véu eu tenho que tá limpa comigo mesmo. A minha alma tem que saciar pra mim poder por o véu. Então é por isso que eu não uso o véu! Aí eu peguei e comecei a ir tudo, aí de vez em quando aí tinha culto aqui no barracão, eu vinha aqui no barracão aí parece que parou de ter. Aí então de quinze, vinte dias, um mês, aí eu pego e eu vou na Congregação lá embaixo.

Norberto: Você é batizada?

Francisca: Sou batizada!

Norberto: Você vai mais ou menos uma vez por mês não é?

Francisca: Por aí!

Norberto: Não tem função. Como...você tinha ou tem um contato maior com o Cooperador Leo? Com o Silvio?

Francisca: Não!

Norberto: Já teve conversas pessoais com o Luís Carneiro, o Acião que trabalha lá?

Francisca: Não, não, não! Conversas pessoais com nenhum!

Norberto: Você acha que eles são de certa maneira são pessoas especiais? Tem algum dom especial ou não?

Francisca: Tem! Alguns têm os dons diferentes! Mas têm! São diferentes. O irmão Leo, o irmão Leo ele, ele prega muito assim a doutrina né? O irmão Silvio quando ele tá lá no púlpito olha, Deus usa ele tremendamente! Tremendamente que fala (*incompreensível*) dali da Igreja todinha! O irmão Leo a mesma coisa!

Norberto: Sim! O que você pensa sobre o Acião e o Diácono?

Entrevista com Francisca

Francisca: Não! Esse isso aqui é a carta do preso Anderson, isso aqui é a carta de (*incompreensível*).

Desconhecida: O que é que você quer? Que é pra mim fazer?

Francisca: É o mesmo que você fez esse aqui ó! Pra Débora!

Desconhecida: Ta! É pra colocar o nome do, da, da pessoa?

Francisca: Não! Você coloca o meu! Aí, residente à...

Desconhecida: Residente a...

Francisca: Francisca Rodrigues Pimentel. Igual o que você fez da Débora!

Desconhecida: Hum!

Norberto: Como... você tem amigos entre as irmãs ou os irmãos da Congregação?

Francisca: Não vamos dizer amigos, mas tem alguns irmãos que ainda fala comigo né? Mas tem alguns irmãos!

Noemi: Fica esperta senão ela vai engolir essa caneta!

Francisca: Não Noemi! O meu é Vila Moraes né? Não é Assunção não! Eu falei o que pra você Noemi? O meu endereço daqui! Vila Moraes! O da Débora é Assunção que ela colocou Assunção. O meu é Vila Moraes.

Norberto: Rá, rá, rá, rá, rá.

Francisca: Hum! Desculpa!

Norberto: No culto quais são os momentos mais emocionantes para você?

Francisca: Pra mim?

Norberto: Os mais bonitos?

Francisca: Os mais bonitos quando realmente Deus fala com a minha alma!

Norberto: E isso pode ser em qualquer momento? Normalmente é no hino ou na palavra?

Francisca: No hino, na palavra, alguns testemunhos que dão.

Norberto: Aí Deus fala com a sua alma?

Francisca: Fala com a minha alma!

Norberto: De que maneira? Você sente isso na sua alma ou...

Francisca: Eu sinto!

Norberto: ...ou você escuta uma voz falando mesmo?

Francisca: Não! Eu sinto assim, o meu coração ele enche de alegria, em saber que aquela pessoa ta passando pelo mesmo que eu passei!

Norberto: Você sente isso alguma vez na sua casa ou em outro lugar?

Francisca: Sinto!

Norberto: Deus falando com você assim?

Francisca: Sinto, sinto!

Norberto: Hum, hum!

Francisca: Em sonho me revela!

Norberto: Em sonho? Aí é uma noite feliz para você?

Francisca: Pra mim é maravilhosa!

Norberto: Você participa da ceia? Participava da ceia?

Francisca: Não! Não! Não cheguei a participar. E eu também não me acho assim digna pra participar da ceia.

Norberto: Hum, hum! Você visita também outras casas de oração?

Francisca Não!

Norberto: É bem mais caro né?

Francisca: É!

Norberto: Quando você vai é aqui no Jandaia mesmo né? Você já participou do culto em alguma casa? Além de ser aqui?

Francisca: Já.

Norberto: Onde?

Francisca: Já! Lá no Jandaia pra baixo do Castelo. Duma senhora.

Norberto: Ah sim! E foi bom?

Francisca: Foi!

Norberto: Os irmãos foram juntos ou foi mais irmãs?

Francisca: Foi! Foi irmãos, foi irmãs! Tocaram, cantaram o hino tudo!

Norberto: Ah! As pessoas da Congregação, as mulheres, as irmãs falaram pra você sobre o véu? Ou você sozinha descobriu?

Francisca: Não! Foi quando eu tava indo aqui no Jandaia, aí o irmão Silvio chegou lá no púlpito, ele pegou e falou assim: As irmãs já tem que vim com o véu na cabeça, não colocar dentro da Igreja, ela já tem que entrar com o véu! Então pra mim foi, eu não usava o véu então pra mim já foi uma lição!

Norberto: Só que eu acho que muita gente coloca o véu lá dentro da Igreja!

Francisca: Coloca o véu dentro da Igreja!

Norberto: Não é? Senta, ajoelha, e aí coloca o véu não é?

Francisca: Hum, hum!

Norberto: Acho que eu vi isso muitas vezes! Ou tou enganado?

Francisca: Aí eu não sei!

Norberto: Não? Eu acho que foi isso né? Noemi? Não é assim?

Francisca: É! Elas chegam primeiro, sentam no banco, colocam o véu e depois vão se ajoelhar.

Norberto: Isso! Isso mesmo. Eu também acho que é assim.

Francisca: Hum, hum!

Norberto: E na sua casa quando você faz oração? Você veste o véu ou também não usa?

Francisca: Não. Não uso o véu.

Norberto: Você já tinha o véu antes de batizar?

Francisca: Já! E ganhei lá no batismo também.

Norberto: E usava?

Francisca: Usava! Antes eu usava.

Norberto: O que você acha, a sua participação na Congregação mudou alguma coisa a sua visão de mundo? O que você enxerga as coisas ou não?

Francisca: Mudou!

Norberto: O que mudou?

Francisca: Mudou tudo na minha vida porque antes praticamente eu era uma largada não é? No modo de se dizer em geral. Agora, hoje em dia eu penso muito em fazer as coisas, porque antes eu não pensava.

Norberto: E isso desde que você começou a participar lá no condomínio?

Francisca: Desde que eu comecei a participar no condomínio.

Norberto: Os seus hábitos, costumes, mudaram mesmo?

Francisca: Mudaram!

Norberto: O que mudou nos seus hábitos e costumes?

Francisca: Os meus hábitos mudou assim, em termos, eu falava muito palavrão, não respeitava assim meus filhos. Então pra mim mudou!

Norberto: O seu consumo de televisão diminuiu ou não?

Francisca: Não! Apesar que eu não sou muito pra televisão. Não sou muito pra ligar a televisão.

Norberto: A sua rede de amigos mudou após a sua participação?

Francisca: Mudou!

Norberto: Para melhor?

Francisca: Para melhor! Com certeza! Antes a minha casa vivia cheia de gente largada. Hoje em dia eu, os meus filhos e o meu irmão.

Norberto: E outros laços também mudaram? Não bem amigos mesmo, mas com as pessoas do bairro mudou alguma coisa ou não?

Francisca: Apesar que muita gente fala assim que eu sou muito nariz em pé né? Mas esse é o meu jeito. Eu sempre fui assim e nunca tive muitos amigos aqui onde eu moro não.

Norberto: Aquelas pessoas largadas, você ainda tem contato com elas? Tenta conversar? De viver melhor?

Francisca: Não! Isso! Contato! Eu tenho! Eu converso tudo, e quando a gente conversa a gente fala em Deus e perguntavam? Você ta indo? Tô! Graças a Deus! E alguns também falaram que tão indo pra Igreja também! Então pra mim é uma satisfação.

Norberto: Ótimo! Alguma coisa na, o que você mais gosta na Congregação?

Francisca: O que eu mais gosto na Congregação? Ah! O que eu gosto mais na Congregação é quando eu vou quando Deus fala pra mim não mente comigo!

Norberto: Alguma coisa na Congregação deve mudar?

Francisca: Aí é uma pergunta meio difícil de responder mesmo porque na Congregação não tem o que mudar, tem que mudar alguns irmãos!

Norberto: Eles são poucos arrogantes?

Francisca: São poucos!

Norberto: E como você vê tipo a Assembléia de Deus? Deus é Amor? A Igreja Universal? Católica?

Francisca: Na Universal eu já fui umas três vezes com o meu pai, que o meu pai ia muito na Universal. A Universal pra mim é como se fosse um centro de macumba, porque não tem diferença. É! Pra mim não tem diferença da Universal! Porque eu também já fui no centro de macumba. Já frequentei anos! Então quando eu fui na Universal a Universal pra mim é igual.

Norberto: Você acha que o centro de macumba fazia mal a você? Fazia bem?

Francisca: Não sei! Porque eu não tinha noção o que eu tava fazendo! Hoje em dia eu tenho. Eu nem sei se fazia mal ou se fazia bem. Às vezes eu perdia noite de sono.

Norberto: Ré, ré, ré. Você mora, não é aqui você diz né? È, aqui, aqui você...

Francisca: È! Eu moro aqui na Vila Moraes!

Norberto: Vila Moraes?

Francisca: Hum, hum!

Norberto: E o que você pensa sobre o bairro aqui?

Francisca: Ah! O bairro aqui é tranquilo. Sossegado, graças a Deus é cada morador na sua.

Norberto: Você gostaria de morar em outro lugar ou tá contente aqui?

Francisca: Eu estou contente aqui. Eu só queria que regularizassem aqui né?

Norberto: Há quanto tempo você mora aqui?

Francisca: Aqui eu moro há onze anos.

Norberto: Já tinha, aumentou os moradores nesses onze anos?

Francisca: Aumentou! Demais da conta! Aumentou e muito!

Norberto: Você gosta de morar aqui?

Francisca: Eu gosto de morar aqui.

Norberto: A sua posição no bairro é igual aos outros? É melhor? É pior?

Francisca: A minha é igual a de todo mundo!

Norberto: Você acha que morar nesse bairro prejudica a sua vida de alguma maneira?

Francisca: Não! Prejudica assim em certo ponto né? Porque você não tem um comércio perto, você não tem uma escola perto, você não tem uma farmácia, não tem um posto de saúde, você não tem nada perto. Prejudica assim, nesse sentido os moradores.

Norberto: Isto! Você trabalha fora?

Francisca: Não! Só faço bico quando aparece!

Norberto: Tá bom! Tem queixa sobre o bairro.

Francisca: Não! Só precisava melhorar mais né? Ter água e luz aí pra todo mundo! É a única queixa que se tem! Isso aí todo mundo fala por uma boca só!

Norberto: É! Sobre moradores você tem queixa?

Francisca: Não!

Norberto: Com quem na sua vizinhança você tem mais contato? Com quem do bairro?

Francisca: Com quem eu tenho mais contato? Eu tenho mais contato aqui é com a Noemi e com o Ubirajara, uma, as minhas comadres que mora perto de mim e uma menina lá do outro lado que é a Débora. É com quem mais eu tenho contato daqui.

Norberto: A Congregação às vezes tem essas coisas tipo de criar uma panelinha né? De ser um grupo exclusivo né?

Francisca: É!

Norberto: Como você lida com isso?

Francisca: Ah! Eu tento me excluir!

Norberto: Hã?

Francisca: Eu tento me excluir. Eu não gosto de panelinha, eu não gosto de disse me disse, não gosto de leva e trás.

Norberto: Esse certo desprezo você sente mais de alguns irmãos e irmãs por aí ou tipo o próprio meio? Ou aqui? Você também sente né?

Francisca: Não! O irmão Silvio e o irmão Leo, ah eu acho que eles até inclusive ele, eles nem sabem né?

Norberto: Hum, hum!

Francisca: O que é assim passado. Pelas irmãs.

Norberto: Isso!

Francisca: Porque eu acho assim, quando eles sabem de alguma coisa, eles mesmos falam lá no púlbito, o que ta certo e o que ta errado!

Norberto: Isto!

Francisca: Eles mesmos falam lá em cima, que não é pra tratar assim, que é pra fazer assim, assim, assim. Todo mundo é igual, independente.

Norberto: Você acha que as irmãs são mais desprezadas, humilhadas, criticadas do que os irmãos?

Francisca: Não! Os irmãos também! Principalmente assim, quando vamos supor, algum irmão que tava lá há tantos anos que pega, separa da mulher, quem paga são os filhos. Eu acho que é assim, os filhos não tem culpa.

Norberto: Sim.

Francisca: Alguns irmãos desprezam ainda mais alguém que separa.

Norberto: Sim. Quem são as pessoas mais importantes da sua vida?

Francisca: Primeiramente Jesus Cristo, depois o meu pai e minha mãe e meus filhos.

Norberto: O pai e a mãe moram perto?

Francisca: Mora!

Norberto: Aqui mesmo?

Francisca: Mora dentro do Condomínio Jandaia.

Norberto: Ah! Legal! Os pais não são da Congregação né? O pai está na...

Francisca: Não. O meu pai está na Mundial agora e a minha mãe também.

Norberto: O pai era da Universal?

Francisca: Meu pai era da Universal.

Norberto: Você acha que a Mundial é a mesma coisa da Universal ou é diferente?

Francisca: A Mundial muda, só muda o nome. Pra mim a Mundial e a Universal mudou só nome. Porque é igual!

Norberto: E no fim as duas é macumba também? Ré, ré, ré. Além da Congregação que você vai de vez em quando agora só, você participa de grupos? De associações tipo associações de bairro. Você participa mesmo?

Francisca: Não!

Norberto: Participa de uma outra associação? De um outro grupo?

Francisca: Também não.

Norberto: É cada um na sua mesmo?

Francisca: É cada um na sua.

Norberto: É bom assim ou não?

Francisca: Ah! Bom não é né? Mas fazer o quê? Melhor ser cada um na sua!

Norberto: Quais são suas preocupações do dia a dia?

Francisca: Do dia a dia? A minha preocupação ultimamente agora é que ta tendo é arrumar um emprego. É arrumar emprego porque eu tenho filho né? Então você vai vendo as crianças, depois vai se acabando, então essa é a preocupação.

Norberto: Como é o seu lazer? Tempo livre de lazer?

Francisca: Ah! Meu tempo livre chega o quê o fim de semana, eu pego os meus filhos, os meus filhos vai pra casa da minha mãe e eu ligo o DVD na minha casa e vou assistir um filme ou vou escutar uma música ou vou escutar um hino.

Norberto: Que tipo de filme é?

Francisca: O diariamente é filme de ação, comédia, geralmente isso.

Norberto: Quando você assiste TV que tipo de programa você gosta mais de assistir? Assiste pouco mesmo?

Francisca: Não, não tenho preferência.

Norberto: E que canal você assiste?

Francisca: Eu geralmente assisto ultimamente eu tou só assistindo o sete, que é a Record. Esses culto mais é pra mim, a minha preferência agora só ta sendo a Record.

Norberto: Ah ta! Pode ser um canal mais de crente mesmo ou não?

Francisca: Não! Eu acho que a programação está sendo melhor! E devido as novelas que tão passando, eles tão pregando um pouco mais de Deus não é?

Norberto: Hã, hã!

Francisca: Mesmo na novela! Eles falam mais de Deus, falam em orar! E preocupam um pouco mais mesmo sendo novela, mas eles tão sempre preocupados. Mostrando um lado bem e o lado ruim.

Norberto: Mas o canal pertence a Universal né?

Francisca: O canal pertence à Universal! Que é do Macedo né? É do Bispo Macedo.

Norberto: Porque que você se afastou um pouco? Por causa dessas fofquinhas?

Francisca: Não! Não teve! Apesar que fofquinha não teve, teve sim um certo desprezo de alguns irmãos.

Norberto: Por causa disso?

Francisca: É! Porque tem alguns irmãos que te conhecem a tantos anos e aí de repente vê você de calça, vê você de short, vê você de camiseta, agora, quando vê você de saia, blusa, comportada como irmã é a paz do Senhor, é isso, é aquilo, te tratam bem. Eu acho que pra mim não é assim, mesmo que você tiver de calça ou short não deixa de ser um irmão! Concorde comigo?

Norberto: É! É por controle que eles tentam exercer sobre você não é?

Francisca: Então! Mas só que no caso, no caso, chegava e falou assim: Ó irmãzinha, você se batizou agora, não é assim que você tem que se portar! É assim, assim, assim! É assim que você tem que se portar e não é desse jeito e desse jeito, pra você não errar a nossa doutrina, no nosso culto e isso então é uma questão de conversar e ainda mais pra quem que se batizou. Tem que ter um certo diálogo.

Norberto: Seria legal!

Francisca: Com certeza!

Norberto: Estão indo já? Você pode voltar um dia?

Francisca: Volto com certeza!

Norberto: Sente saudades do tempo que passeava direto?

Francisca: Sinto! Da assim, das palavras que falaram primeiramente com a minha alma. Sinto falta!

Norberto: (*incompreensível*) às vezes ora? Com o coração ausente!

Francisca: Tem uma vizinha que ela vai pra igreja, a Maria. Aí geralmente eu...

Norberto: Esta que estava aqui?

Francisca: Não! Não é a Dona Maria não. É uma outra. A mãe do Dinho. Aí geralmente eu pergunto a ela: Dona Maria! Qual foi a palavra de hoje? E ela foi assim, assim, assim. Eu vou e (*incompreensível*) sinto que fez bem pra mim.

Norberto: No fundo você gostaria de falar só ciente que você poderia ser desprezada. Por isso não quer ir. É isso?

Francisca: Não! Não! Independente! E eu vou mesmo assim. Mesmo sabendo que, alguns irmãos que tem o nariz em pé ou algo assim, independente eu vou mesmo assim!

Norberto: Sim! O que pensa hoje sobre a Congregação?

Francisca: Ah Eu acho que algumas, eu só acho que algumas irmãs deveria mudar um pouco de atitude né? E pra quem ta começando agora ou pra quem se batizou tem que ter algum diálogo assim, ter que ter alguma conversa!

Norberto: Sim! Frequenta outra igreja?

Francisca: Não.

Norberto: Mas a oração, o pensamento sobre Deus, tudo isso continua...

Francisca: Continua.

Norberto: ...presente dentro de você?

Francisca: Graças a Deus! Não só dentro de mim assim, até a última vez que eu fui na cadeia que eu fui visitar um rapaz, até ele falou pra mim que ele era batizado da Assembléia. Eu conversei bastante com ele, aí ele me mandou uma carta falando nossa, que as palavras que eu tinha falado pra ele tinham confortado muito o coração dele, (*incompreensível*) né, que foi bom ter falado de Deus pra ele. Então eu acho assim, que Deus me enviou lá dentro por algum motivo!

Norberto: Isto!

Francisca: Por algum motivo ele me enviou lá dentro!

Norberto: Tem parentes? Amigos da Congregação que ficaram? Que são amigos até hoje?

Francisca: Tenho! Parente não tenho não.

Norberto: Amigos? E amigos?

Francisca: Não vamos dizer amigos. É conhecidos.

Norberto: Ta bom! Mas você tem (*incompreensível*) pra essas coisas? Você tem os hábitos que você cultivou enquanto estava na Congregação? Ou largou alguma coisa tipo fumava antes, ou (*incompreensível*) e voltou a fumar?

Francisca: Não!

Norberto: Ou bebia?

Francisca: Não bebo.

Norberto: Parou de beber? Não!

Francisca: Não! Nunca fumei e nunca bebi.

Norberto: É mais a roupa mesmo que...

Francisca: É!

Norberto: Então você mesmo diz as relações com sua família e com os filhos mudou bastante a partir do tempo que você participou da Congregação? Para melhor?

Francisca: Mudou.

Norberto: Para melhor?

Francisca: Para melhor!

Norberto: E os filhos sentiram isso também? Eles de vez em quando vão com você na Congregação ou não?

Francisca: De vez em quando vão com o meu pai.

Norberto: Lá na...

Francisca: Na, na Mundial.

Norberto: Com você na Congregação não?

Francisca: Na Congregação o meu filho mais velho ele ia muito até em tanto que ele tava até tava tendo aula de música. Mas devido ao que aconteceu, aí eu parei de ir e ele parou de ir.

Norberto: As relações com as pessoas do bairro mudaram enquanto você estava dentro da Congregação ou não?

Francisca: Ah! Pra mim continuou o mesmo né? Só tive um pouco mais de conversa com algumas pessoas que eu passei a conversar mais.

Norberto: A TV também mudou ou não mudou nada? Você saindo da Congregação um pouco e se afastando? É a mesma coisa?

Francisca: Não! A televisão pra mim eu não sou muito fã de televisão durante o dia.

Norberto: Uma vez, ficou no tempo da Congregação você também assistia DVD ou menos?

Francisca: Não! No tempo eu não tinha DVD.

Norberto: Ah!

Francisca: Eu não tinha.

Norberto: Então eu vou pedir uns dados ainda. Mais técnicos. O que você não quer você não responde!

Francisca: Tudo bem!

Norberto: Ré, ré, ré. A sua idade?

Francisca: Trinta e cinco.

Norberto: Seu estado civil?

Francisca: Solteira.

Norberto: É divorciada ou não?

Francisca: Não.

Norberto: Solteira, solteira mesmo!

Norberto: Quantas pessoas moram na sua casa?

Francisca: Mora eu, três filhos e o meu irmão.

Norberto: Quantos cômodos têm?

Francisca: Dois.

Norberto: E os filhos você tem três? E O gênero? É tudo menino? É menina também?

Francisca: Tenho uma menina e dois meninos que mora comigo, mas tem dois que mora com o pai.

Norberto: Espera aí! Você tem três filhos não é?

Francisca: Tenho três que mora comigo e dois mora com o pai.

Norberto: Ah ta! E quem mora com o pai são os mais velhos ou os mais novos?

Francisca: É o de oito e um de dezesseis. São (*incompreensível*).

Norberto: E com você?

Francisca: Mora três. Comigo mora um de doze, a menina de quatro e um de dez meses.

Norberto: A sua posição na família você é chefe? Ou não?

Francisca: Sou! Pai e mãe.

Norberto: Isso! A sua escolaridade?

Francisca: Oitava concluída.

Norberto: E sua profissão?

Francisca: Agora no momento não tenho mais o que vim eu abraço.

Norberto: Isso! Doméstica de serviço né?

Francisca: É!

Norberto: Tem uma renda? A renda familiar de todos que moram na sua casa juntos. Quanto é mais ou menos? Em salários mínimos?

Francisca: Vixe!

Norberto: É meio? Um? Dois?

Francisca: Eu acho que se chegar, chega a um, e ainda assim ó! Brigando! Rá, rá, rá, rá. Na luta!

Norberto: Você nasceu aqui perto ou você...

Francisca: Não! Sou paranaense, mas fui criada aqui em São Paulo.

Norberto: Você veio para cá com quantos anos?

Francisca: Quatro anos.

Norberto: E logo aqui? Ou em outra região?

Francisca: Aqui!

Norberto: Aqui mesmo?

Francisca: Aqui mesmo!

Norberto: (*incompreensível*) parentes moram aqui?

Francisca: É! Praticamente né?

Norberto: Isto! Quando veio para cá era você e os pais?

Francisca: Veio pra cá a minha mãe e meu irmão. Aí minha mãe morou um tempo na Vila Joaniza, aí conheceu o meu padrasto que é meu pai. Que me criou né? Então é meu pai! Aí conheceu o meu pai, aí o meu pai veio pra cá. Então é essa gente...

Norberto: É aquele irmão que mora na sua casa?

Francisca: É! Veio o meu irmão. Era eu e o meu irmão. E agora eu tenho uma irmã que mora com o meu pai e com a minha mãe.

Norberto: E qual foi a religião do pai e da mãe? E do seu irmão?

Francisca: A minha mãe sempre foi católica nata, sempre foi. O meu pai desde garotinho os pais dele levava ele pra Congregação, e o meu irmão também, como eu comecei a ir pra Congregação quando ele foi preso, ele conheceu a palavra lá na cadeia. Aí como eu tava indo na Congregação pra época, aí quando ele teve a primeira saidinha, antes disso ele foi transferido e eu não tive notícia dele. Aí eu tive um, pra mim não foi um sonho, mas tinha uma visão com ele. Aí quando ele saiu eu contei pra ele e ele falou assim: Gorda! Eu creio sim! Que você viu assim! Porque realmente eu estava nesse buraco e a partir desse dia Deus quis que eu (*incompreensível*) um anjo e é por isso que eu vou pra igreja.

Norberto: Ficar na Congregação?

Francisca: Não! Ele também tá afastado.

Norberto: Ah!

Francisca: Da Congregação!

Norberto: O pai era da Congregação e depois foi para a Universal? Depois foi para a... (*incompreensível*).

Francisca: Não. A Mundial!

Norberto: Ele era da Congregação mesmo ou era mesmo fraquinho a participação dele?

Entrevista com Francisca

Francisca: Eu não sei. Ele fala que ele ia direto pra Congregação.

Norberto: Quando ele mudou? Em que ano? Você lembra mais ou menos? Quanto tempo faz?

Francisca: Não. Não sei. Deve ter muitos anos. Porque na época ele morava na Vila Joaniza, então o filho dele são todos da Congregação e a ex-mulher dele também é da Congregação.

Norberto: Só ele que mudou?

Francisca: Só ele que mudou!

Norberto: E ele falou por quê?

Francisca: Não!

Norberto: Mas ele gosta da Congregação ainda você acha ou não?

Francisca: Eu acho sim que ele gosta!

Norberto: O seu irmão é da Congregação, os filhos...

Francisca: O meu irmão? O meu irmão ta indo na Mundial. Ah! E o menino que é o meu pai que leva.

Norberto: E os seus filhos?

Francisca: Os meus filhos a primeira igreja que eles foram, foram na Assembléia, mas eram muito pequenos, mas quando eles cresceram tudo iam pra Congregação.

Norberto: Legal! E hoje eles vão junto com você ou não?

Francisca: Quando eles dá vontade de ir lá eu levo todo mundo.

Norberto: Ta bom! Era mais isto! Obrigado ein?

Francisca: De nada!

Norberto: Legal!

Dados da entrevistada

Nome	Francisca
Idade	35 anos
Estado civil	Solteira
Moram na casa	5
Cômodos na casa	2
Material const	Madeira
Vulnerab bairro	Muito alta
Quantos filhos e seu gênero	2 filhos e uma filha com ela; dois com o pai
Posição na família	Chefe de família; mãe; trabalha fora
Escolaridade	8ª série
Profissão	Doméstica (fora)
Renda familiar em sal min (aprox.)	1 sal min
Renda p/capita	0,2 sal min
Migrante?	Sim
Se for, de onde?	Paraná
Se for, quando migrou?	Já na infância (4 anos)
Se não, filho(a) ou neto(a) de migrante?	-
Religião do(a)s familiares)	Mãe católica, pai CCB, hoje Mundial